BRAM STOKER



DRÁCULA
OS SETE DEDOS DA MORTE
A TOCA DO VERME BRANCO
CONTOS ESTRANHOS



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA



BRAM STOKER

DRÁCULA
OS SETE DEDOS DA MORTE
A TOCA DO VERME BRANCO
CONTOS ESTRANHOS

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Título original: Dracula, The jewel of seven stars e The lair of the White Worm; Dracula’s guest and other weird stories

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃONAPUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S883d

3. ed.

Stoker, Bram, 1847-1912
Drácula: volume 1 / Bram Stoker; tradução Adriana Lisboa. - 3. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

Tradução de: Dracula
ISBN 9788520942246

1. Romance irlandês. 2. Stoker, Bram. I. Lisboa, Adriana. II. Título.
18-47562

CDD: 828.99153
CDU: 821.111(415)-3

Sumário

DRÁCULA

Dedicatória

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Nota

OS SETE DEDOS DA MORTE

1. Um chamado noturno

2. As estranhas instruções

3. A vigília

4. A segunda tentativa

5. Novas e estranhas instruções

6. Fatores de suspeita

7. A grande perda do viajante do Oriente

8. As lamparinas são encontradas

9. O saber secreto

10. O vale do mago

11. O túmulo de uma rainha

12. A arca encantada

13. O despertar do transe

14. O sinal de nascimento

15. O plano da rainha Tera

16. Poderes antigos e modernos

17. A caverna

18. Dúvidas e ansiedades

19. A lição de Ka

20. A grande experiência

A TOCA DO VERME BRANCO

1. Entra Adam Salton

2. Os Caswall de Castra Regis

3. Diana’s Grove

4. Lady Arabella March

5. O verme branco

6. A pomba e o falcão

7. Oolanga

8. Forças resistentes

9. O cheiro da morte

10. A pipa

11. A Arca de Mesmer

12. Quando a arca é aberta

13. Alucinações de Oolanga

14. A luta recomeça

15. Quando é retomada a pista

16. Uma visita de condolências

17. O mistério de Diana’s Grove

18. Quando Oolanga desaparece

19. Um inimigo na escuridão

20. Uma conversa muito séria

21. A luz verde

22. Visto de perto

23. Dentro da casa do inimigo

24. Uma espantosa sugestão

25. A última batalha

26. Cara a cara

27. Sobre o telhado da torre

28. Irrompe a tempestade

CONTOS ESTRANHOS

PREFÁCIO

O hóspede de Drácula

A casa do juiz

A índia

O segredo do ouro crescente

A profecia da cigana

A vinda de Abel Behenna

O enterro dos ratos

Sonho com mãos vermelhas

Crooken Sands



BRAM STOKER

DRÁCULA

3ª edição

Tradução Adriana Lisboa

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Para Hommy-Beg,
por sua estimada amizade.

Capítulo 1

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER *(TAQUIGRAFADO)*

3 de maio. Bistrita — Parti de Munique às 8h35 da noite, no dia 1º de maio, e cheguei a Viena no dia seguinte, de manhã cedo; deveria ter chegado às 6h46, mas o trem atrasou uma hora. Budapeste parece um lugar maravilhoso, pela vista rápida que tive do trem e pelo pouco que pude andar pelas ruas. Tive um certo receio de me afastar muito da estação, pois chegamos atrasados e, na medida do possível, partiríamos na hora certa. A impressão que tive foi a de estar deixando o Ocidente e entrando no Oriente; das esplêndidas pontes sobre o Danúbio, que aqui é bastante largo e profundo, a que fica mais a oeste levou-nos até o domínio dos turcos, com seus costumes e tradições.

Partimos quase na hora certa, e chegamos a Klausenburgo após o cair da noite. Passei a noite naquela cidade, no Hotel Royale. Ali jantei, ou melhor, ceei galinha preparada com pimenta vermelha, e o prato estava ótimo, embora desse muita sede. (*Nota:* conseguir a receita para Mina.) Perguntei ao garçom, e ele disse que se chamava *paprika hendl*; a receita, por tratar-se de um prato típico do país, eu poderia conseguir em qualquer lugar nas proximidades dos Cárpatos. Minhas noções superficiais de alemão se tornaram muito úteis aqui; na verdade, não sei como me arranjaria sem elas.

Como tinha algum tempo livre quando estava em Londres, visitara o Museu Britânico, e consultara, na biblioteca, os livros e os mapas referentes à Transilvânia. Ocorrera-me que algum conhecimento prévio sobre a região provavelmente me seria útil para lidar com um nobre do local. Descobri que o distrito por ele mencionado fica no extremo leste do país, na fronteira de três estados — Transilvânia, Moldávia e Bucovina —, no meio dos montes Cárpatos. Trata-se de um dos lugares mais inóspitos e menos conhecidos da Europa. Não consegui descobrir através dos mapas e livros a localização exata do Castelo Drácula, pois ainda não há mapas dessa região comparáveis aos nossos; descobri que Bistrita, a cidade de distribuição de correspondência da região, mencionada pelo conde Drácula, é um lugar bastante conhecido. Registrarei aqui algumas de minhas anotações, pois

podem me refrescar a memória quando conversar com Mina sobre minhas viagens.

A população da Transilvânia se compõe de quatro nacionalidades distintas: os saxões ao sul, junto com os valáquios, descendentes dos dácios; os magiares a oeste; e os *szeklers* a leste e norte. Dirijo-me para o meio destes últimos, que alegam descender de Átila e dos hunos. Talvez isso seja verdade, pois quando os magiares conquistaram a região, no século XI, encontraram os hunos ali estabelecidos. Li que todas as superstições existentes no mundo reúnem-se nos Cárpatos, como se ali estivesse o centro do redemoinho da imaginação; se for verdade, minha estada talvez venha a ser bastante interessante. (*Nota:* preciso perguntar ao conde tudo o que sabe a esse respeito.)

Não dormi bem, embora minha cama fosse suficientemente confortável, pois tive vários sonhos estranhos. Um cão uivou a noite toda sob minha janela, e isso talvez tenha tido alguma relação com os sonhos; ou talvez tenha sido a páprica, pois tive que beber toda a água de minha garrafa e continuei com sede. Adormeci quando já raiava o dia e fui despertado por batidas incessantes em minha porta; acredito, portanto, que estivesse num sono profundo. Comi mais páprica no café da manhã, junto com uma espécie de mingau de farinha de milho que eles chamam de *mamaliga* e berinjela recheada com carne picada e temperada, prato delicioso chamado *impletata*. (*Nota:* arranjar essa receita também.) Tive que tomar meu café da manhã às pressas, pois o trem saía um pouco antes das oito — ou, melhor dizendo, deveria ter saído, pois, depois de correr até a estação às sete e meia, fui obrigado a ficar sentado durante uma hora em meu vagão até que o trem começasse a se mover. Parece-me que quanto mais avançamos em direção ao Oriente, menos pontuais são os trens. Como serão eles na China?

Durante todo o dia parecíamos vagar por uma região de muitas e variadas belezas. Às vezes víamos cidadezinhas ou castelos no topo de morros íngremes, iguais aos que vemos nos missais antigos; às vezes margeávamos rios e pequenos regatos que pareciam, a tomar por suas margens cheias de pedregulhos, ser normalmente invadidos por grandes enchentes. É preciso um volume considerável de água e uma correnteza forte para varrer desse modo as margens de um rio. Em cada estação havia grupos de pessoas, às vezes multidões, trajando as mais variadas vestimentas. Alguns eram iguais aos camponeses de nosso país ou àqueles que eu vira ao atravessar a França e a Alemanha, com jaquetas curtas,

chapéus redondos e calças feitas em casa, mas outros eram bastante pitorescos. As mulheres pareciam bonitas, desde que não as olhássemos de perto, mas tinham a cintura muito grossa. As mangas de suas roupas eram brancas, bufantes, e a maioria delas usava cintos grandes com uma porção de fitas presas, tremulando como saiotes de balé, mas sem dúvida usavam anáguas. Os tipos mais estranhos que vimos foram os eslovacos, mais bárbaros do que o resto, com seus enormes chapéus de vaqueiro, suas calças largas cor de marfim, suas camisas brancas de linho e seus cintos de couro enormes e pesadões, com quase trinta centímetros de largura e recobertos de tachas de metal dourado. Usavam botas longas, com as calças enfiadas para dentro; tinham cabelos negros e longos e bigodes fartos. São bastante pitorescos, mas não parecem prepotentes. Se fossem aparecer num palco de teatro, seriam tomados imediatamente por um bando oriental de bandidos. São, porém, conforme fui informado, bastante inofensivos e têm bem pouca autoconfiança.

Já era noite quando chegamos a Bistrita, lugar antigo e muito interessante. Situando-se praticamente na fronteira — pois o passo de Borgo começa ali e termina na Bucovina —, teve uma existência bastante tumultuada, da qual é fácil observar que guarda marcas. Há cinquenta anos houve uma série de grandes incêndios, que causaram um dano terrível, em cinco ocasiões diferentes. No começo do século XVII, sofreu um cerco de três semanas e perdeu 13 mil habitantes, pois as casualidades da guerra se faziam seguir pela fome e pelas doenças.

O conde Drácula instruíra-me a ir até o Hotel Golden Krone, que descobri ser em estilo antigo até nos mínimos detalhes — o que me deixou muito satisfeito, pois naturalmente desejava conhecer o máximo possível dos costumes da região. Ficou claro que me aguardavam, pois quando me aproximei da porta deparei-me com uma senhora de aspecto alegre, trajando a roupa habitual das camponesas — vestido branco com um avental longo e duplo, na frente e atrás, de um tecido colorido, quase fugindo ao decoro de tão apertado. Quando me aproximei, ela se inclinou e disse:

— O *Herr* inglês?

— Sim — disse eu —, Jonathan Harker.

Ela sorriu e fez um sinal a um homem mais velho, de camisa branca, que a acompanhara até a porta. Ele se foi, mas logo em seguida voltou com uma carta:

Meu amigo,
Bem-vindo aos Cárpatos. Aguardo-o ansiosamente. Durma bem esta noite. Amanhã às três horas parte a diligência para Bucovina; há um lugar reservado para o senhor. No passo de Borgo, minha carruagem o estará aguardando e o trará até mim. Espero que sua viagem de Londres até aqui tenha sido agradável, e que o senhor aprecie a estada em minha bela terra.

Seu amigo,
Drácula

4 de maio — Descobri que o dono do hotel recebera uma carta do conde instruindo-o a garantir para mim o melhor lugar na diligência. Quando fiz perguntas acerca dos detalhes, porém, pareceu-me um tanto reticente, e fingiu não compreender meu alemão, o que não poderia ser verdade, pois até então ele me entendera perfeitamente. Pelo menos respondera às minhas perguntas como se entendesse. Ele e a esposa, a velha senhora que me recebera, trocavam olhares algo assustados. Resmungou que o dinheiro havia sido enviado pelo correio, e que era tudo o que sabia. Quando perguntei-lhe se conhecia o conde Drácula e se poderia me dizer algo sobre o castelo, ele e a mulher fizeram o sinal da cruz, afirmando que nada sabiam, simplesmente recusaram-se a dizer qualquer outra coisa a respeito. Já estava quase na hora da partida, de modo que não tive tempo de perguntar a mais ninguém; tudo era muito misterioso e nada reconfortante.

Logo antes de eu partir, a senhora veio até o meu quarto e disse, histérica:

— O senhor tem mesmo que ir? Ah, jovem *Herr*, o senhor tem mesmo que ir?

Ela estava num estado tão exaltado que parecia ter perdido o domínio do pouco alemão que sabia, e o misturava com alguma outra língua que eu desconhecia por completo. Só consegui acompanhar o que dizia fazendo-lhe várias perguntas. Quando lhe disse que devia partir imediatamente e que tinha negócios importantes a tratar, ela voltou a perguntar:

— O senhor sabe que dia é hoje?

Respondi que era 4 de maio. Ela balançou a cabeça e repetiu:

— Ah, sim! Isso eu sei! Isso eu sei, mas o senhor sabe que dia é hoje? — Quando eu lhe disse que não estava compreendendo, ela prosseguiu: —

É véspera do dia de São Jorge. O senhor não sabe que hoje, quando o relógio bater à meia-noite, todas as coisas malignas do mundo terão poder absoluto? O senhor sabe para onde está indo e o que vai encontrar lá?

Ela estava tão evidentemente angustiada que tentei reconfortá-la, mas sem sucesso. Finalmente, a mulher pôs-se de joelhos e implorou-me que não fosse, ou que pelo menos esperasse um dia ou dois antes de partir. Tudo aquilo era bem ridículo, e eu me senti desconfortável. Havia negócios a tratar, porém, e eu não podia permitir que algo interferisse. Portanto, tentei fazer com que ela se levantasse e disse, com o máximo de seriedade de que fui capaz, que lhe agradecia, mas que meu compromisso era imperativo e eu tinha que ir. Ela se pôs de pé, então, e enxugou os olhos; tirando um crucifixo do pescoço, entregou-o a mim. Eu não sabia o que fazer, pois, sendo membro da Igreja anglicana, fora educado para ver em tais coisas uma certa idolatria, e no entanto parecia indelicado recusar o presente de uma velha senhora que tinha tão boas intenções e que se encontrava num estado daqueles. Suponho que ela tenha visto a dúvida em meu rosto, pois colocou o rosário em torno do meu pescoço e disse:

— Por sua mãe.

E saiu do quarto. Estou escrevendo esta parte do diário enquanto espero pela carruagem — que está, é claro, atrasada —, e ainda tenho o crucifixo em meu pescoço. Se é devido ao medo da velha senhora, ou às várias superstições deste lugar, ou ao próprio crucifixo, não sei, mas minha mente não está tranquila como de hábito. Se este caderno chegar a Mina antes de mim, que lhe leve o meu adeus. Eis a carruagem!

5 de maio. O Castelo — A névoa da manhã já se dissipou, e o sol está alto sobre o horizonte longínquo, que parece todo serrilhado; se são árvores ou colinas, não sei dizer, pois está tão distante que coisas grandes e pequenas se misturam. Não tenho sono, e, como não serei chamado até acordar, naturalmente escrevo até vir o sono. Há muitas coisas estranhas a relatar, e, para que meu leitor não ache que comi demais antes de partir de Bistrita, deixe-me dizer o que exatamente comi. Meu jantar consistiu naquilo que eles chamam de filé “ladrão” — pedaços de bacon, cebola e carne

temperados com pimenta vermelha, arrumados em espetos e assados no fogo, no estilo simples dos espetos de carne londrinos. O vinho era o Golden Mediasch; produz uma curiosa ardência na língua que não é, contudo, desagradável. Só tomei duas taças desse vinho, e nada mais.

Quando me sentei na carruagem, o cocheiro ainda não tomara seu assento; vi-o conversando com a dona do hotel. Ficou evidente que falavam de mim, pois volta e meia olhavam em minha direção; algumas das pessoas que se sentavam no banco exterior — designado por um nome que significa "o portador de notícias" — aproximaram-se e ficaram escutando, e depois olharam para mim, a maioria com uma expressão de pena. Eu ouvia algumas palavras repetidas com demasiada frequência, palavras esquisitas, pois havia muitas nacionalidades reunidas ali. Sem fazer alarde, tirei meu dicionário poliglota da valise e verifiquei seu significado. Devo dizer que não me alegrou muito, pois entre elas estavam *Ordog* — Satã, *pokol* — inferno, *stregoika* — bruxa, *vrolok* e *vlkoslak* — palavras com o mesmo significado, uma sendo o termo eslovaco e a outra o sérvio para uma espécie de lobisomem ou vampiro. (*Nota:* preciso perguntar ao conde sobre essas superstições.)

Quando partimos, as pessoas reunidas em torno da porta do hotel, agora em número considerável, persignaram-se todas e apontaram dois dedos em minha direção. Com alguma dificuldade, consegui fazer com que um outro passageiro me dissesse o que significava o gesto; a princípio ele não queria responder, mas, ao saber que eu era inglês, explicou que era uma simpatia para se proteger do mau-olhado. Isso não me agradou muito, pois eu partia para um lugar desconhecido, onde encontraria um homem desconhecido; mas todos pareciam tão gentis e tão pesarosos e tão solidários que acabei me sensibilizando. Jamais esquecerei a última visão que tive do pátio do hotel e sua multidão de figuras pitorescas, todas se persignando, reunidas sob o amplo arco cujo fundo compunha-se das ricas folhagens dos oleandros e das laranjeiras que cresciam, em tinas verdes, no centro do pátio. Então, nosso cocheiro, cujas amplas calças de linho cobriam todo o banco dianteiro da carruagem — chamavam-se *gotza* —, açoitou com seu grande chicote os quatro cavalos pequenos e emparelhados, dando início à nossa viagem.

Logo a beleza da paisagem por onde passávamos dissipou aqueles medos sobrenaturais de minha memória — embora, se eu compreendesse a língua, ou melhor, as línguas que os outros passageiros falavam, não teria

conseguido me livrar deles tão facilmente. Diante de nós havia encostas verdejantes com florestas, bosques e, aqui e ali, colinas íngremes encimadas por grupos de árvores ou por casas de fazenda, a parede sem janelas voltada para a estrada. Havia em toda parte uma atordoante profusão de flores nas árvores frutíferas — macieiras, ameixeiras, pereiras, cerejeiras; enquanto nossa carruagem passava, pude ver a grama verde sob as árvores coberta pelas pétalas caídas. Num vaivém entre essas colinas verdejantes da "Mittelland", como aqui é chamada, corria a estrada, desaparecendo numa curva em que ficava coberta de vegetação, ou interrompendo-se nas bordas irregulares de uma floresta de pinheiros, que aqui e ali desciam pelas encostas das colinas como se fossem labaredas. A estrada era acidentada, mas ainda assim parecíamos seguir com uma rapidez vertiginosa. Naquele momento, eu não compreendia o porquê dessa pressa, mas o cocheiro estava evidentemente disposto a não perder tempo e chegar logo a Borgo Prund. Haviam me dito que aquela estrada era excelente no verão, mas que ainda não fora restaurada após as nevascas do inverno. Nesse aspecto, é bem diferente do estado habitual das estradas nos Cárpatos, que pela tradição não costumam ser muito bem conservadas. Em tempos idos, os potentados da Valáquia não as consertavam, para que os turcos não pensassem que estavam se preparando para receber tropas estrangeiras e assim apressar a guerra, na verdade sempre iminente.

Para além das colinas verdejantes da Mittelland, erguiam-se vastas encostas dominadas pelas florestas, e acima delas as escarpas grandiosas dos Cárpatos. Elevavam-se à nossa esquerda e à nossa direita, e o sol da tarde avivava as cores maravilhosas daquela bela paleta, azul-escuro e púrpura nas sombras dos picos, verde e marrom onde se misturavam pedra e vegetação, e uma perspectiva infinita de rochas serrilhadas e penhascos pontiagudos que acabavam eles próprios sumindo na distância, onde os picos nevados se projetavam, majestosos. Aqui e ali, surgiam fendas enormes nas montanhas, através das quais, à medida que o sol começava a descer, víamos vez por outra o brilho alvo de uma queda-d'água. Um de meus companheiros tocou meu braço quando fazíamos a curva ao pé de uma colina e nos deparávamos com a visão do pico majestoso e nevado de uma montanha, que parecia, enquanto serpenteávamos pela estrada, estar logo à nossa frente:

— Olhe! *Isten szek!* O Trono de Deus! — E ele se persignou, reverente.

Enquanto seguíamos por nosso caminho interminável, o sol baixava cada vez mais atrás de nós, e as sombras da noite começavam a nos rodear.

Essa impressão aumentava com o fato de o pico nevado da montanha ainda estar iluminado pelo sol e parecer brilhar com um delicado tom róseo. Aqui e ali passávamos por tchecos e eslovacos usando seus trajes pitorescos, mas notei que o bócio infelizmente era frequente ali. Junto à estrada havia muitas cruzes, e, quando passávamos por elas, meus companheiros todos faziam o sinal da cruz. Vez por outra havia um camponês ou camponesa ajoelhado diante de um altar, e nem mesmo se virava quando nos aproximávamos; parecia, tomado como estava pela devoção, não ter olhos nem ouvidos para o mundo exterior. Para mim, havia muitas novidades: por exemplo, montes de feno nas árvores, e aqui e ali grupos de bétulas em profusão, cujos troncos brancos brilhavam como prata entre o verde delicado das folhas. De vez em quando passávamos por um *leiter-wagon* — a carroça normalmente usada pelos camponeses —, com sua estrutura comprida e articulada como a de uma cobra, calculada para adequar-se às irregularidades da estrada. Nessas carroças sempre havia um grupo bem grande de camponeses voltando para casa, os tchecos com suas vestes brancas feitas de pele de carneiro e os eslovacos com as suas roupas tingidas, estes últimos carregando como se fossem lanças suas aduelas compridas, com um machado na ponta. Com o cair da tarde, começou a fazer bastante frio, e o ocaso parecia mergulhar numa uniformidade negra e difusa os vultos sombrios das árvores — carvalhos, faias e pinheiros —, embora, nos vales que se alongavam bem abaixo dos picos das colinas, os abetos escuros se pudessem divisar aqui e ali contra o fundo coberto pela neve que ainda não havia derretido, à medida que subíamos em direção ao passo. Às vezes, quando a estrada atravessava os pinheirais que na escuridão pareciam se fechar sobre nós, grandes volumes de uma neblina cinzenta cobriam num ponto ou noutro as árvores, produzindo um efeito peculiarmente estranho e solene; assim, perpetuavam-se os pensamentos e as soturnas fantasias engendradas mais cedo, quando o poente fazia com que as nuvens fantasmagóricas que ali nos Cárpatos parecem deslizar incessantemente por entre os vales parecessem estar em alto-relevo. Às vezes as encostas das colinas eram tão íngremes que, apesar da pressa de nosso cocheiro, os cavalos só conseguiam seguir bem devagar. Eu quis descer e subir a pé a ladeira, como fazemos em nossa terra, mas o cocheiro nem quis me ouvir falar sobre isso:

— Não, não — disse ele. — O senhor não deve andar aqui, os cães são muito ferozes.

E depois acrescentou, com a intenção evidente de fazer uma piada de humor negro — pois olhou ao redor em busca do sorriso de aprovação dos outros:

— E é possível que o senhor ainda tenha que lidar com muita coisa desse tipo antes de ir se deitar.

A única parada que fez foi para acender as lanternas, e não durou mais do que um instante.

Quando escureceu, parecia haver uma certa agitação entre os passageiros, que não paravam de falar com o cocheiro, um após outro, como se insistissem para que ele se apressasse. O homem açoitava os cavalos sem piedade com seu chicote comprido e, com gritos veementes, estimulava-os a fazer mais esforço. Então pude ver, em meio à escuridão, uma espécie de clarão cinzento à nossa frente, como se houvesse uma fenda nas colinas. A agitação dos passageiros aumentou; a carruagem balançava muito sobre suas grandes molas de couro, oscilando feito um barco sacudido pela tempestade. Tive que me segurar. A estrada tornou-se mais plana, e parecíamos voar sobre ela. Depois, as montanhas davam a impressão de que se aproximavam dos dois lados e se fechavam sobre nós: estávamos entrando no passo de Borgo. Um a um, os vários passageiros me ofereceram presentes, e com tamanho fervor que não havia como recusá-los; eram, sem dúvida, variados e estranhos, mas todos me eram dados com simplicidade e em boa-fé, acompanhados por uma palavra gentil e uma bênção, mais aquela bizarra mistura de movimentos assustados que eu vira no exterior do hotel de Bistrita — o sinal da cruz e o gesto contra o mau-olhado. Então, conforme avançávamos, o cocheiro inclinou-se para a frente, e de ambos os lados os passageiros, esticando o pescoço sobre as beiradas da carruagem, perscrutavam com avidez a escuridão. Era óbvio que alguma coisa muito notável estava acontecendo, ou prestes a acontecer, mas, embora eu fizesse perguntas a todos os passageiros, nenhum deles me dava a menor explicação. Aquele estado de agitação durou algum tempo, e afinal vimos o fim do desfiladeiro, à direita. Nuvens escuras rolavam no céu, e o ar estava tomado por aquela opressiva e pesada ameaça de tempestade. Parecia que as montanhas haviam dividido o céu em duas metades, e agora havíamos penetrado na atmosfera tempestuosa. Eu próprio estava olhando ao redor à procura do transporte que haveria de me conduzir ao conde. A

cada momento eu esperava ver o brilho de lanternas na escuridão, mas nada via. A única luz vinha das chamas tremeluzentes de nossas próprias lanternas, sob cujos raios a respiração ofegante dos cavalos extenuados formava nuvens pálidas. Podíamos ver agora a estrada arenosa e alva à nossa frente, mas não havia sinal de outro veículo. Os passageiros recuaram com um suspiro de satisfação que parecia fazer troça de meu desapontamento. Eu já me perguntava o que fazer quando o cocheiro, consultando o relógio, disse aos outros algo que eu mal pude ouvir, pois o tom era grave e a voz quase um sussurro. Creio que disse "Uma hora adiantados". Depois, voltando-se para mim, falou, num alemão pior do que o meu:

— Não há carruagem aqui. Ninguém espera o *Herr*, afinal. Ele agora vai para Bucovina e volta amanhã ou depois; melhor depois.

Enquanto falava, os cavalos começaram a relinchar, a resfolegar e a corcovear feito loucos, e teve que os controlar. Então, em meio à gritaria dos camponeses e à persignação geral, um caleche com quatro cavalos ultrapassou nossa diligência e parou ao lado do cocheiro. À luz de nossas lanternas, pude ver que os animais eram pretos como carvão e esplêndidos. Conduzia-os um homem alto, com uma barba castanha e comprida e um grande chapéu preto que parecia ocultar-nos seu rosto. Só o que eu conseguia ver era o cintilar de um par de olhos muito brilhantes, que pareciam vermelhos à luz da lanterna, quando ele se virou para nós. Disse ao cocheiro:

— Está adiantado esta noite, meu amigo.

O homem gaguejou ao responder:

— O *Herr* inglês estava com pressa.

O estranho replicou:

— Era por isso, suponho eu, que o senhor queria que ele fosse para Bucovina. Não tem como me enganar, amigo. Sei de muitas coisas, e meus cavalos são velozes.

Ao dizê-lo, sorriu, e a luz do lampião iluminou uma boca de aparência severa, com lábios muito vermelhos e dentes afiados, brancos como marfim. Um de meus companheiros sussurrou para o outro um verso de *Lenore*, de Bürger:

— "*Denn die Todten reiten schnell*." ["Pois os mortos viajam depressa."]

O estranho cocheiro evidentemente ouviu aquelas palavras, pois olhou para cima com um sorriso cintilante. O passageiro desviou o rosto, estendendo ao mesmo tempo os dois dedos e persignando-se.

— Dê-me a bagagem do *Herr* — disse o cocheiro, e com excessivo vigor minhas valises foram entregues e postas no caleche.

Em seguida, desci pela lateral da diligência, pois o caleche estava parado bem ao lado. O cocheiro me ajudou, segurando-me com punho de aço. Sua força devia ser prodigiosa. Sem dizer uma palavra, sacudiu as rédeas, os cavalos se viraram e mergulhamos na escuridão do desfiladeiro. Ao olhar para trás, vi o ar que saía das narinas dos cavalos à luz dos lampiões, e, recortados contra a claridade, meus antigos companheiros fazendo o sinal da cruz. Então, o cocheiro estalou o chicote e gritou com os cavalos, que prosseguiram em seu caminho rumo a Bucovina. Enquanto desapareciam na escuridão, senti um estranho calafrio e fui tomado por uma sensação de solidão; mas um manto foi colocado sobre meus ombros e um cobertor sobre meus joelhos. O cocheiro disse, num alemão excelente:

— A noite está fria, *mein Herr*, e meu mestre, o conde, ordenou-me que tomasse todos os cuidados com o senhor. Há uma garrafa de *slivovitz*, a aguardente de ameixa da região, sob o assento, se o senhor desejar.

Não bebi, mas era reconfortante saber que a garrafa estava ali. Sentia-me um pouco estranho e mais do que um pouco assustado. Creio que, se tivesse havido alguma alternativa, eu a teria escolhido, em vez de seguir naquela desconhecida viagem noturna. A carruagem seguia rapidamente, e sempre em frente; depois, fizemos uma volta completa e tomamos outra estrada reta. Parecia-me que estávamos simplesmente trilhando a mesma estrada repetidas vezes; portanto, reparei numa pequena saliência no terreno e descobri que era isso que ocorria. Gostaria de perguntar ao cocheiro qual o significado de tudo aquilo, mas na verdade temia fazê-lo, pois, em minha situação, nenhum protesto faria efeito caso ele estivesse deliberadamente nos atrasando. Logo, contudo, fiquei curioso em saber quanto tempo se passara. Acendi um fósforo e à luz da chama consultei meu relógio: faltavam alguns minutos para a meia-noite. Descobri-lo foi de certa forma um choque, pois suponho que a superstição comum com relação à meia-noite aumentara após minhas experiências recentes. Aguardei, com uma desagradável sensação de expectativa.

Então, um cão começou a uivar em algum lugar numa casa de fazenda mais adiante na estrada — um lamento angustiado e longo, como se o

animal sentisse medo. Outro cão imitou o uivo, e depois outro, e mais outro, até que, conduzido pelo vento que agora soprava de leve pelo passo, fez-se ouvir um uivo selvagem que parecia vir de todas as partes daquela região, até onde a imaginação podia concebê-la na escuridão da noite. Ao primeiro uivo, os cavalos começaram a corcovear e empinar, mas o cocheiro falou-lhes com uma voz tranquilizadora e eles se acalmaram, mas tremiam e suavam como se tivessem acabado de correr em disparada, movidos por algum medo súbito. Então, a distância, vindo das montanhas que se erguiam dos dois lados, um uivo mais alto e mais agudo fez-se ouvir — o uivo dos lobos, que afetou os cavalos e a mim da mesma forma, pois eu estava prestes a pular do caleche e sair correndo, enquanto eles empinavam feito loucos, obrigando o cocheiro a usar de toda a sua enorme força para impedir que disparassem. Em poucos minutos, porém, meus próprios ouvidos acostumaram-se com o som, e os cavalos se acalmaram, de modo que o cocheiro pôde descer e parar diante deles. Acariciou-os e os acalmou, sussurrando qualquer coisa em seus ouvidos, como eu escutara dizer que faziam os domadores de cavalos. O efeito foi extraordinário, pois com aquelas carícias os animais tornaram-se bastante dóceis novamente, embora ainda tremessem. O cocheiro voltou ao assento e, brandindo o chicote, partiu com grande velocidade. Dessa vez, após ter ido até a extremidade do passo, tomou subitamente uma estrada menor que fazia uma curva fechada à direita.

Logo estávamos rodeados por árvores; em alguns lugares, formavam um arco sobre a estrada, que atravessávamos como se fosse um túnel. E novamente rochedos enormes e sombrios erguiam-se dos dois lados. Embora estivéssemos abrigados, podíamos ouvir o vento, que começava a soprar com mais força e assoviava entre os rochedos. Os galhos das árvores se entrechocavam enquanto seguíamos pela estrada. A temperatura baixara e continuou baixando; flocos de neve finos como poeira começaram a cair, e logo nós e tudo o que nos cercava estávamos cobertos por um alvo lençol. O vento forte ainda nos trazia o uivo dos cães, embora o som ficasse mais fraco à medida que avançávamos. O ladrar dos lobos parecia cada vez mais próximo, como se eles nos estivessem cercando por todos os lados. Fiquei apavorado, e os cavalos compartilhavam esse medo. O cocheiro, porém, não estava nada perturbado; continuava virando a cabeça para a esquerda e para a direita, mas eu nada conseguia divisar na escuridão.

Subitamente, mais à frente à nossa esquerda, vi uma bruxuleante chama azulada. O cocheiro avistou-a no mesmo instante; deteve imediatamente os cavalos e, saltando no chão, desapareceu por entre as trevas. Eu não sabia o que fazer, sobretudo porque o uivo dos lobos se aproximava; enquanto refletia, porém, o cocheiro de súbito retornou, instalou-se em seu assento sem dizer uma palavra, e seguimos viagem. Creio que devo ter adormecido e continuado a sonhar sobre o incidente, pois ele parecia se repetir sem cessar, e agora, pensando retrospectivamente no assunto, parece-me um terrível pesadelo. Certa vez a chama apareceu tão perto da estrada que, mesmo na escuridão que nos cercava, pude acompanhar os movimentos do cocheiro. Ele foi rapidamente ao local onde a chama azul brilhava — devia ser muito fraca, pois não parecia iluminar em absoluto o espaço ao seu redor — e, juntando algumas pedras, arranjou-as de certa maneira. Uma vez tive uma estranha ilusão de ótica: quando ele estava entre mim e a chama, seu corpo não me obstruiu a visão, pois eu ainda podia divisar da mesma forma o brilho fantasmagórico. Isso me alarmou, mas o efeito foi momentâneo, e supus que meus olhos me iludissem, tentando enxergar na escuridão. Então, durante algum tempo, as chamas azuis desapareceram, e seguimos rapidamente em meio às trevas; ainda nos cercava o uivo dos lobos, e era como se estivessem nos acompanhando num círculo que avançava.

Afinal houve uma ocasião em que o cocheiro afastou-se mais do caleche do que até então se afastara, e, durante sua ausência, os cavalos começaram a tremer mais do que nunca, relinchando e bufando de medo. Eu não sabia o motivo, pois o uivo dos lobos cessara por completo, mas, nesse instante, a lua, saindo detrás das nuvens escuras, apareceu por trás do topo serrilhado de um rochedo saliente e coberto de pinheiros. À sua luz pude ver um círculo de lobos ao nosso redor, com dentes brancos e línguas vermelhas pendentes, com pernas compridas e fortes, e com pelo desgrenhado. Imóveis, naquele silêncio sinistro, eram cem vezes mais terríveis do que quando uivavam. Senti-me como que paralisado de medo. Somente quando um homem se depara com tais horrores, pode compreender sua magnitude.

Os lobos começaram todos a uivar, como se a luz da lua tivesse algum efeito peculiar sobre eles. Os cavalos saltavam e empinavam, e olhavam desamparadamente ao redor, movendo os olhos de uma forma que dava pena ver. O anel vivo do terror, contudo, cercava-os por todos os lados, e

eles eram obrigados a ficar ali. Chamei pelo cocheiro, pois me parecia que nossa única chance era tentar sair do círculo e ajudá-lo a voltar. Gritei e golpeei a lateral do caleche, esperando, com o barulho, assustar os lobos que estavam daquele lado e assim dar-lhe uma chance de se aproximar. Como ele chegou até lá não sei, mas ouvi sua voz falando alto, num tom imperativo de comando, e, olhando na direção do som, vi-o de pé na estrada. Ao agitar seus braços longos, como se estivesse se livrando de algum obstáculo invisível, os lobos foram aos poucos se afastando. Nesse exato instante, uma nuvem densa cobriu a lua, e a escuridão voltou a reinar.

Quando fui capaz de enxergar novamente, o cocheiro estava subindo no caleche, e os lobos haviam desaparecido. Foi tudo tão estranho e sinistro que um terror mortal apossou-se de mim; eu tinha medo de falar e de me mover. O tempo parecia não passar enquanto prosseguíamos pela estrada, agora na mais completa escuridão, pois as nuvens escondiam a lua. Havia trechos de rápido declive, mas, na maior parte, continuávamos subindo. Subitamente, me dei conta de que o cocheiro estava puxando os cavalos no pátio de um amplo castelo em ruínas, de cujas janelas altas e negras não saía um único raio de luz, e cujas ameias quebradas formavam uma linha irregular contra o céu iluminado pela lua.

Capítulo 2

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER *(CONTINUAÇÃO)*

5 de maio — Devo ter adormecido, pois se estivesse acordado teria percebido que nos aproximávamos de um lugar tão notável. De noite, o pátio parecia consideravelmente grande, e como vários caminhos escuros saíam dali, sob grandes arcos redondos, talvez desse a impressão de ser maior do que de fato é. Ainda não pude vê-lo à luz do dia.

Quando o caleche parou, o cocheiro pulou para o chão e estendeu-me a mão para me ajudar a descer. Mais uma vez, não pude deixar de notar sua força prodigiosa. Sua mão de fato parecia um torno de aço que teria esmagado a minha se ele quisesse. Apanhou, então, meus pertences, colocando-os no chão ao meu lado, diante de uma porta enorme, velha e crivada com grandes tachas de ferro, que ocupava um vão com extremidades salientes de pedra maciça. Mesmo à luz fraca eu podia ver que a pedra era ricamente entalhada, mas que o entalhe já estava bem gasto pelo tempo e pelo clima. Eu estava ali, de pé, quando o cocheiro subiu de volta ao seu assento e brandiu o chicote; os cavalos puseram-se em movimento e desapareceram numa das aberturas sombrias, junto com o caleche e tudo o mais.

Fiquei onde estava, em silêncio, pois não sabia o que fazer. Não havia sinal de campainha ou de aldrava, e era improvável que minha voz conseguisse atravessar aquelas paredes sombrias e aquelas janelas escuras. Esperei por um tempo que me pareceu infinito, e sentia o medo e as dúvidas aumentarem. A que tipo de lugar eu fora, e com que tipo de gente me metera? Que espécie de aventura sinistra era aquela em que eu embarcara? Seria um acontecimento corriqueiro na vida de um assistente de procurador enviado para explicar a compra de uma propriedade em Londres a um estrangeiro? Assistente de procurador! Mina não iria gostar disso. Procurador, isso sim — pois logo antes de deixar Londres soube que havia sido bem-sucedido em meus exames; agora *eu* sou procurador de fato! Comecei a esfregar os olhos e a me beliscar para ver se estava acordado. Tudo me parecia um terrível pesadelo, e eu esperava despertar subitamente, em casa, a aurora insinuando-se através das janelas, como algumas vezes

acontecia nas manhãs que se sucediam a dias de trabalho excessivo. Minha pele, porém, respondeu ao teste dos beliscões, e meus olhos não estavam enganados. Eu estava mesmo acordado, e no meio dos Cárpatos. Tudo o que agora me restava fazer era ser paciente e esperar a manhã chegar.

No momento em que cheguei a essa conclusão, ouvi passos pesados aproximando-se por trás da porta enorme, e vi, através das frestas, uma luz brilhar cada vez mais perto. Ouvi o ruído de correntes chacoalhando e o clangor de ferrolhos maciços se abrindo. Uma chave girou na fechadura, rangindo bastante devido ao longo desuso, e a pesada porta se abriu.

Lá dentro estava um homem alto e idoso, sem barba e com um bigode branco e comprido, vestido de preto da cabeça aos pés. Não havia nele um único detalhe colorido. Tinha nas mãos um antigo lampião de prata, em que a chama queimava sem manga ou globo de qualquer tipo e lançava sombras longas e trêmulas enquanto bruxuleava sob a corrente de ar que vinha através da porta aberta. O velho fez com a mão direita um gesto cortês, indicando-me que entrasse, e disse, num inglês excelente, ainda que com entoação estranha:

— Bem-vindo à minha casa! Entre, por sua livre e espontânea vontade!

Não fez menção de se aproximar para me encontrar, mas ficou ali como uma estátua, como se o gesto de boas-vindas o tivesse transformado em pedra. No instante em que atravessei a soleira, ele se moveu para a frente num impulso; estendendo a mão, agarrou a minha com uma força que me fez estremecer, efeito que não foi em nada aliviado pelo fato de parecer fria como gelo — mais como a mão de um morto do que de um vivo. Disse, novamente:

— Bem-vindo à minha casa. Entre por sua vontade. Vá embora em segurança e deixe um pouco da felicidade que traz.

A força do aperto de mão era bastante similar àquela que eu notara no cocheiro, cujo rosto eu não vira, e por um instante perguntei-me se não seria a mesma pessoa com quem eu agora falava; para me certificar, indaguei:

— Conde Drácula?

Ele se curvou, numa mesura cortês, e replicou:

— Sou Drácula. Dou-lhe as boas-vindas à minha casa, Mr. Harker. Entre. A noite está fria, e o senhor com certeza precisa comer e descansar.

Enquanto falava, colocou o lampião num nicho na parede, e, adiantando-se, apanhou minha bagagem. Carregou-a para dentro antes que

eu pudesse impedir. Protestei, mas ele insistiu:

— Não, senhor. O senhor é meu hóspede. Já é tarde, e meus criados não estão disponíveis. Deixe que eu mesmo cuide do senhor.

Insistiu em carregar meus pertences corredor adentro, e depois ao longo de uma grande e sinuosa escadaria, e por outro corredor amplo em cujo piso de pedra nossos passos ressoavam ruidosamente. Ao fim, ele abriu uma porta pesada e eu regozijei-me ao ver uma sala bem iluminada, onde havia uma mesa posta para a ceia e em cuja lareira enorme crepitava o fogo recém-alimentado com mais lenha.

O conde se deteve, pôs no chão minha bagagem, fechou a porta e, atravessando a sala, abriu uma outra, que revelava uma saleta octogonal iluminada por um único lampião e aparentemente desprovida de qualquer tipo de janelas. Atravessando-a, abriu mais uma porta, e fez sinal para que eu entrasse. Era uma visão agradável, pois tratava-se de um amplo quarto bem iluminado e aquecido por uma lareira — à qual também havia sido acrescentada mais lenha, mas posteriormente, pois as achas que estavam por cima ainda nem haviam começado a queimar; as chamas crepitavam, num ruído abafado, no interior da larga chaminé. O próprio conde deixou minha bagagem no quarto e retirou-se, dizendo, antes de fechar a porta:

— Depois de sua viagem, o senhor deve querer se lavar e fazer sua toalete. Creio que aqui vai encontrar todo o necessário. Quando tiver terminado, venha para a outra sala, onde sua ceia estará pronta.

A luz, o calor e a recepção cortês do conde pareciam ter dissipado todos os meus temores e dúvidas. Tendo recobrado meu estado normal, descobri que estava faminto. Fiz uma rápida toalete e fui para a outra sala.

Encontrei a ceia sobre a mesa. Meu anfitrião, que estava de pé ao lado da enorme lareira e apoiava-se na moldura de pedra entalhada, fez um gesto gracioso com a mão na direção da mesa, dizendo:

— Peço-lhe que se sente e ceie à vontade. Há de me perdoar por não o acompanhar, mas ocorre que já jantei, e não tenho o hábito de cear.

Entreguei-lhe a carta selada que Mr. Hawkins me incumbira de levar. Ele a abriu e leu, com uma expressão grave; depois, com um sorriso amável, entregou-a a mim para que a lesse. Uma passagem, pelo menos, fez com que eu vibrasse de satisfação:

Lamento que um ataque de gota, doença de que sofro constantemente, proíba-me de empreender qualquer tipo de viagem por um bom tempo. Fico feliz em dizer, porém, que lhe envio um substituto à altura, em quem deposito a maior confiança. Trata-se de um jovem cheio de energia e talento, à sua maneira, e de índole bastante leal. É discreto e silencioso, e chegou à maturidade trabalhando para mim. Estará à sua disposição para ajudá-lo no que for necessário, enquanto for seu hóspede, e receberá suas instruções relativas a todos os assuntos.

O próprio conde adiantou-se para destampar uma travessa, e eu na mesma hora pus-me a devorar uma excelente galinha grelhada. Foi essa a minha ceia, junto com um pouco de queijo, uma salada e uma garrafa do velho Tokay, da qual bebi duas taças. Enquanto eu comia, o conde me fez muitas perguntas a respeito da minha viagem, e aos poucos lhe contei tudo o que me ocorrera.

A essa altura, eu terminara a ceia e, para atender ao desejo de meu anfitrião, sentara-me numa cadeira junto ao fogo e começara a fumar um charuto que ele me oferecera — desculpando-se, ao mesmo tempo, por não fumar. Tive então a oportunidade de observá-lo, e notei que sua fisionomia apresentava traços bastante expressivos.

Seu rosto tinha um acentuado perfil aquilino, com um nariz magro e pronunciado e narinas curvadas de uma forma peculiar; sua testa era larga e arredondada e o cabelo escasseava nas têmporas, mas era farto no resto da cabeça. Suas sobrancelhas eram muito densas e quase se encontravam acima do nariz, com pelos cerrados que pareciam se enrolar, de tão profusos. A boca, até onde eu conseguia vê-la sob o bigode farto, era rígida e de aparência cruel, com dentes brancos e peculiarmente afiados. Os dentes superiores projetavam-se sobre os inferiores e apareciam entre os lábios, que eram notavelmente corados e revelavam uma surpreendente vitalidade num homem daquela idade. Quanto ao resto, suas orelhas eram pálidas, com extremidades bastante pontudas. O queixo era largo e forte e as maçãs do rosto, firmes, ainda que magras. O efeito geral era da mais extraordinária palidez.

Eu já tinha reparado nas costas de suas mãos, apoiadas em seus joelhos, à luz da lareira, e elas me haviam causado a impressão de ser muito brancas e delicadas; vendo-as agora de perto, porém, não pude deixar de

notar que eram na verdade grosseiras — largas, com dedos curtos. Por mais estranho que pareça, havia cabelo nas palmas. As unhas eram compridas e delgadas, com extremidades pontiagudas. Quando o conde se curvou em minha direção e suas mãos me tocaram, não pude evitar um calafrio. Talvez fosse por causa de seu mau hálito, mas dominou-me uma náusea terrível; não consegui disfarçá-la, por mais que tentasse. O conde evidentemente notou-a e recuou. Com um sorriso algo sinistro, que revelava mais seus dentes protuberantes do que até então, voltou a sentar-se do outro lado da lareira. Ficamos em silêncio por algum tempo; enquanto eu olhava na direção da janela, vi os primeiros e pálidos raios da aurora que se aproximava. Todas as coisas pareciam tomadas por uma estranha quietude, mas logo escutei o uivo de muitos lobos, como se viesse do vale lá embaixo. Os olhos do conde brilharam, e ele disse:

— Ouça! Os filhos da noite. Que música eles fazem!

Vendo, suponho, alguma expressão em meu rosto que lhe era estranha, acrescentou:

— Ah, meu senhor, os habitantes da cidade não são capazes de compreender os sentimentos de um caçador — e ergueu-se. — Mas o senhor deve estar cansado. Seu quarto está pronto, e amanhã poderá dormir até a hora que desejar. Terei que me ausentar até a tarde. Durma bem, então, e tenha bons sonhos!

Com uma mesura cortês, ele próprio abriu-me a porta para a saleta octogonal, e entrei em meu quarto...

Estou à deriva num mar de estranhezas. Tenho dúvidas, tenho medos, tenho pensamentos esquisitos que não ouso confessar à minha própria alma. Que Deus me proteja, ao menos em nome daqueles que me são queridos!

7 de maio — É novamente de manhã cedo, mas descansei e me diverti durante as últimas 24 horas. Dormi até tarde ontem e acordei na hora que bem entendi. Depois de ter me vestido, fui até a sala onde havia ceado e encontrei um desjejum frio sobre a mesa e café quente, pois a cafeteira estava perto da lareira. Havia um cartão sobre a mesa, e nele estava escrito:

“Terei de me ausentar por algum tempo. Não espere por mim. — D.”

Sentei-me à mesa e comi uma farta refeição. Em seguida, procurei por uma campainha, a fim de informar aos criados que havia terminado, mas não encontrei. Há com certeza algumas curiosas deficiências nesta casa, considerando-se as extraordinárias evidências de riqueza que me cercam. Os talheres e o serviço de chá são de ouro e trabalhados de forma tão bela que devem ter um valor enorme. As cortinas, o estofado das cadeiras e dos sofás e o cortinado de minha cama são confeccionados nos tecidos mais esplêndidos, e deviam ter um valor fabuloso em sua época, pois têm séculos de existência, embora estejam em excelente estado. Acho que vi algo semelhante na corte de Hampton, mas lá estão velhos, puídos e roídos pelas traças. Ainda assim, porém, em nenhum dos cômodos há espelhos. Nem mesmo em meu toucador, de modo que tive de apanhar em minha valise o espelhinho para poder me barbear ou pentear os cabelos. Ainda não vi criados em parte alguma, tampouco ouvi nos arredores do castelo qualquer som, à exceção do uivo dos lobos. Um pouco depois de ter concluído minha refeição — não sei se a chamo de desjejum ou de jantar, pois foi feita entre as cinco e as seis horas da tarde —, procurei algo para ler; não queria sair perambulando pelo castelo antes de ter pedido a permissão do conde. Não havia na sala livros, jornais ou mesmo papel e tinta para escrever; então, abri outra porta e deparei-me com uma espécie de biblioteca. Tentei abrir a porta na outra extremidade, mas estava trancada.

Ali encontrei, para minha grande satisfação, um vasto número de livros ingleses, prateleiras inteiras cheias desses volumes, e revistas e jornais encadernados. Uma mesa no centro estava repleta de revistas e jornais da Inglaterra, embora nenhum muito recente. Os livros eram sobre os mais variados temas — história, geografia, política, economia política, botânica, geografia, direito — todos concernentes à Inglaterra, bem como à vida, aos hábitos e aos costumes daquele país. Havia até mesmo livros de referência, tais como a lista de endereços de Londres, guias de ruas, o *Almanaque Whitaker*, a lista dos oficiais do Exército e da Marinha e — de

certa forma meu coração alegrou-se ao vê-lo — a lista da sociedade jurídica.

Enquanto eu olhava os livros, a porta se abriu e o conde entrou. Saudou-me cordialmente, dizendo que esperava que eu tivesse repousado bem. E prosseguiu:

— Fico satisfeito que tenha encontrado a biblioteca, pois estou certo de que muita coisa aqui há de interessá-lo. Estes companheiros — disse, colocando a mão sobre alguns livros — têm sido bons amigos para mim, e durante alguns anos, desde que me ocorreu a ideia de ir para Londres, têm me proporcionado muitas horas de prazer. Foi através deles que vim a conhecer sua grande Inglaterra, e conhecê-la é amá-la. Estou ansioso por andar pelas ruas populosas da magnífica Londres, estar no meio do turbilhão e da correria da humanidade, compartilhar sua vida, suas mudanças, sua morte, e tudo o que a faz ser o que é. Mas ai de mim!, até o momento só conheço seu idioma através dos livros. Conto com o senhor, meu amigo, para aprender a falar direito.

— Mas, conde — disse eu —, o senhor compreende e fala o inglês com perfeição!

Ele fez uma mesura, com ar grave.

— Agradeço-lhe, meu amigo, por sua opinião lisonjeira demais, mas receio que eu tenha avançado bem pouco nessa estrada. É verdade que sei a gramática e as palavras, mas ainda não sei como pronunciá-las.

— Na verdade o senhor tem uma pronúncia excelente — disse eu.

— Nem tanto assim — retrucou ele. — Bem, sei que se eu andasse por Londres e falasse com a gente dali, todos saberiam que sou estrangeiro. Isso não é o suficiente para mim. Aqui, sou um nobre; sou um boiardo; a gente do povo me conhece, e sou eu quem manda. Mas um estrangeiro numa terra estranha não é ninguém; os homens não o conhecem, e não o conhecer significa não se importar com ele. Ficarei contente se for igual aos outros, se ninguém parar ao me ver, ou interromper sua fala se ouvir minhas palavras, “Rá, rá, um estrangeiro!”. Tenho sido senhor durante tanto tempo que quero continuar a sê-lo; ou pelo menos garantir que ninguém venha a querer mandar em mim. O senhor não veio até aqui somente como agente de meu amigo Peter Hawkins, de Exeter, para me falar sobre minha nova propriedade em Londres. Irá, acredito eu, permanecer aqui comigo por um tempo, para que através de nossas conversas eu possa aprender seu sotaque inglês. E quero que o senhor me avise quando cometer algum erro, mesmo

o mais insignificante, ao falar. Sinto muito por ter tido que ficar fora durante tanto tempo, hoje, mas sei que o senhor há de perdoar alguém que tem tantos assuntos importantes para tratar.

É claro que me mostrei inteiramente disponível e perguntei-lhe se poderia ir à biblioteca sempre que quisesse.

— Certamente que sim — disse ele. — Pode ir aonde desejar no castelo, exceto onde as portas estiverem trancadas, mas é claro que nesses cômodos o senhor não há de querer entrar. Há razões para que as coisas sejam assim, e, se o senhor pudesse ver através de meus olhos e saber o que sei, talvez compreendesse melhor — acrescentou.

Eu disse que não tinha dúvidas de que sim, e ele prosseguiu:

— Estamos na Transilvânia, e a Transilvânia não é a Inglaterra. Nossos costumes não são como os seus, e o senhor há de achar muitas coisas estranhas. Pelo que me contou de suas experiências, já tem uma ideia do que pode encontrar.

Isso levou a uma longa conversa. Como era evidente que ele queria falar, mesmo que só pelo prazer da conversa, fiz-lhe muitas perguntas sobre casos que já me haviam ocorrido ou de que eu tomara conhecimento. Às vezes ele se desviava do assunto, ou mudava o rumo da conversa fingindo não compreender o que eu dizia, mas em geral respondia a tudo o que perguntava com bastante franqueza. Então, à medida que o tempo passava e eu me tornava um pouco mais audacioso, fiz-lhe perguntas sobre alguns dos estranhos acontecimentos da noite anterior — como, por exemplo, o motivo por que o cocheiro fora até os locais onde vira as chamas azuis. Ele então me explicou que em geral acreditava-se que numa certa noite do ano — a noite passada, na verdade, quando um poder ilimitado fora concedido a todos os espíritos maléficos — uma chama azul era vista sobre os lugares onde houvesse tesouros enterrados.

— É quase certo — prosseguiu ele — que os tesouros estejam escondidos na região pela qual o senhor passou ontem à noite, pois foi disputada por valáquios, saxões e turcos durante muitos séculos. Dificilmente há um palmo de terra em toda esta região que não tenha sido lavado pelo sangue dos homens, patriotas e invasores. Nos dias de outrora havia épocas movimentadas, quando os austríacos e os húngaros vinham em hordas e os patriotas saíam para combatê-los. Homens e mulheres iam à luta, e velhos e crianças também. Aguardavam a chegada do inimigo nos rochedos acima dos desfiladeiros, e assim podiam destruí-los com

avalanches artificiais. Quando o invasor triunfava, encontrava pouca coisa, pois, o que quer que houvesse antes, havia sido enterrado.

— Mas como pode ter ficado tanto tempo oculto — perguntei —, quando há indicações seguras sobre sua localização e quando basta os homens se darem ao trabalho de ir procurar?

O conde sorriu, e seus lábios deixaram à mostra as gengivas com caninos longos e pontudos projetando-se de forma estranha. Respondeu:

— Porque os camponeses são no fundo covardes e tolos! Essas chamas só aparecem durante uma noite, e nessa noite homem algum se aventura fora de casa, se puder evitá-lo. E mesmo que fosse, meu caro senhor, não saberia o que fazer. Ora, nem mesmo o camponês que o senhor me diz ter marcado o local da chama saberia onde procurar, à luz do dia, as pedras que ele próprio dispôs. Nem mesmo o senhor, ouso afirmá-lo, seria capaz de encontrar esses locais.

— Isso com certeza — disse eu. — Eu saberia tanto quanto um morto onde começar a procurar.

E passamos a outros assuntos. Afinal, ele me pediu:

— Vamos, fale-me de Londres e da casa que encontrou para mim.

Desculpando-me por meu descuido, fui até meu quarto buscar os papéis que trazia na mala. Enquanto os organizava ouvi um ruído de prataria e porcelana, vindo da sala ao lado. Ao atravessá-la, notei que a mesa havia sido limpa e o lampião, aceso, pois a essa altura já estava bastante escuro. Lampiões também foram acesos no escritório ou biblioteca, e encontrei o conde estendido no sofá, lendo nada mais, nada menos do que um *Guia Bradshaw da Inglaterra*. Quando entrei, ele retirou os livros e os papéis de cima da mesa; começamos a analisar juntos plantas, escrituras e todo tipo de cifras. Ele se interessava por tudo e me fez inúmeras perguntas sobre o local e seus arredores. Ficou claro que estudara antes tudo o que podia no que dizia respeito à vizinhança, pois evidentemente, ao final das contas, sabia muito mais do que eu. Quando lhe chamei a atenção para esse fato, ele retrucou:

— Certo; mas, meu amigo, é claro que eu teria que saber! Quando for para Londres, estarei sozinho, e meu amigo Harker Jonathan... não, perdoe-me, é o velho hábito de colocar o sobrenome primeiro; meu amigo Jonathan Harker não estará ao meu lado para me corrigir e ajudar. Estará em Exeter, a quilômetros dali, provavelmente lidando com seus assuntos jurídicos junto com meu outro amigo, Peter Hawkins. Pois então!

Discutimos detalhadamente a compra da propriedade em Purfleet. Quando o coloquei a par dos fatos e ele assinou os papéis necessários, e depois que escrevi uma carta para a remessa dos documentos, pronta para ser enviada a Mr. Hawkins, ele começou a me perguntar como eu encontrara local tão adequado. Li para ele as anotações que havia feito à época e que agora transcrevo aqui:

Em Purfleet, numa rua transversal, encontrei uma propriedade que me parece perfeitamente adequada e na qual havia um aviso já bem estragado anunciando que estava à venda. É cercada por um muro alto, de estrutura antiga, construído com grandes pedras, e não vê uma reforma há muitos anos. Os portões fechados são de carvalho, antigo e pesado, e de ferro todo comido pela ferrugem.

A propriedade chama-se Carfax, sem dúvida uma corruptela do antigo Quatre Face, pois a casa tem quatro fachadas, de acordo com os pontos cardeais da bússola. Tem ao todo cerca de oito hectares, e em toda a extensão é circundada pelo sólido muro de pedra mencionado acima. Há muitas árvores na propriedade, o que a torna sombria em certos pontos, e há um açude ou pequeno lago bem fundo e escuro, que evidentemente é alimentado por algumas nascentes, pois a água é limpa e corre num riacho de tamanho considerável. A casa é bem grande, construída em estilos de várias épocas; remonta, eu diria, à Idade Média, pois uma parte é de pedra muito espessa, com apenas algumas janelas no alto, todas com grossas grades de ferro. Parece ser parte de uma torre, e fica junto a uma velha capela ou igreja. Não me foi possível entrar ali, pois eu não tinha a chave que dava acesso àquela parte da casa, mas tirei fotografias de vários ângulos com minha Kodak. A casa foi anexada a essa torre, mas de forma bastante irregular, e só o que posso fazer são estimativas sobre a quantidade de metros quadrados que ocupa; devem ser muitíssimos. Há poucas casas nas proximidades — uma delas é bem grande e só recentemente foi ampliada e transformada num asilo particular para loucos. Não é visível, contudo, da propriedade em questão.

Quando terminei, ele disse:

— Fico feliz que seja antiga e grande. Eu próprio venho de uma família antiga, e morar numa casa nova seria horrível. Uma casa não tem como se tornar habitável num único dia; e, afinal de contas, poucos dias se

somam para fazer um século. Também me agrada que haja uma capela como as de outrora. Nós, nobres da Transilvânia, não gostamos de imaginar que nossos cadáveres ficarão entre os da plebe. Não busco a alegria e o júbilo, tampouco a voluptuosidade do sol brilhando e refletindo-se nas águas, que agradam aos que são jovens e alegres. Já não sou jovem, e meu coração, que através de tristes anos vem pranteando os mortos, não está habituado ao júbilo. Além disso, as paredes de meu castelo estão rachadas; as sombras são muitas, e o vento sopra frio entre as frestas das ameias e dos caixilhos das janelas. Gosto das sombras e prefiro poder ficar a sós com meus pensamentos sempre que quiser.

De certo modo, suas palavras e a expressão de seu rosto pareciam estar em desacordo, ou então eram as feições que faziam com que seu sorriso parecesse maligno e sombrio.

Logo em seguida ele me deixou, desculpando-se e pedindo que eu juntasse todos os meus papéis. Ausentou-se durante algum tempo, e comecei a folhear alguns dos livros ao meu redor. Um deles era um atlas, que descobri abrir-se facilmente nas páginas que tratavam da Inglaterra, como se aquele mapa tivesse sido muito usado. Ao abri-lo, descobri que em certas partes havia pequenos círculos marcados, e, examinando-os, notei que um ficava nos arredores de Londres, a leste, precisamente onde sua nova propriedade estava situada. Os outros dois eram Exeter e Whitby, na costa de Yorkshire.

Quase uma hora se passara quando o conde voltou.

— Ahá — disse ele —, ainda metido com os livros? Ótimo! Mas o senhor não deve trabalhar o tempo todo. Venha comigo; fui informado de que sua ceia está pronta.

Tomou-me o braço e fomos para a sala contígua, onde vi que uma ceia excelente havia sido posta. O conde tornou a se desculpar, pois havia jantado fora de casa. Sentou-se como na noite precedente, porém, e conversou enquanto eu comia. Depois da ceia, fumei, como na véspera, e o conde permaneceu em minha companhia, conversando e fazendo perguntas sobre todos os assuntos imagináveis, durante horas a fio. Senti que estava de fato ficando bem tarde, mas nada disse, pois me sentia na obrigação de atender aos menores desejos de meu anfitrião. Eu não tinha sono; ter dormido até tarde na véspera fortalecera-me, mas não pude deixar de perceber aquele frio que se apossa das pessoas quando a aurora se aproxima e que é, à sua maneira, como a mudança da maré. Dizem que os

moribundos normalmente morrem ao raiar do dia ou na mudança da maré. Qualquer um que, estando cansado mas não podendo abandonar seu posto, tenha vivido essa mudança na atmosfera, há de acreditar. De repente, ouvimos o canto estridente de um galo, que chegava até nós de maneira sobrenatural através do límpido ar da manhã. O conde Drácula, pondo-se de pé num salto, disse:

— Ora, já é de manhã novamente! Como sou descuidado, fazendo com que o senhor fique acordado até tão tarde. Trate de fazer com que as conversas sobre meu novo e querido país, a Inglaterra, fiquem menos interessantes, para que eu não me esqueça de como o tempo voa.

Com uma mesura cortês, rapidamente deixou-me.

Fui para o meu quarto e abri as cortinas, mas havia pouca coisa para ver. Minha janela dava para o pátio, e tudo o que eu podia ver era o cinza cálido no céu que clareava. Então tornei a fechá-las e fui escrever meus relatos sobre este dia.

8 de maio — Comecei a recear que estivesse me detendo demais nos detalhes, ao escrever neste caderno. Agora, no entanto, fico satisfeito por ter desde o princípio registrado cada pormenor dos acontecimentos, pois há algo de tão estranho neste castelo e em todas as coisas que existem nele que não posso evitar uma sensação de desconforto. Gostaria de estar a salvo fora daqui ou que jamais tivesse vindo. Talvez essa estranha existência noturna esteja me afetando; mas quem me dera que isso fosse tudo! Se houvesse alguém com quem conversar, eu poderia suportar, mas não há ninguém. Meu único interlocutor é o conde, e ele...! Temo ser eu a única alma viva neste lugar. Serei prosaico até onde podem ser os fatos; isso vai me ajudar a suportar esta situação, e a imaginação não deve correr solta em minha mente. Se o permitir, estarei perdido. Direi logo em que pé estão as coisas — ou parecem estar.

Dormi apenas umas poucas horas quando fui para a cama, e, sentindo que não conseguiria dormir mais, levantei-me. Pendurara meu espelho junto à janela e começava a me barbear. Subitamente, senti que punham a mão em meu ombro, e ouvi a voz do conde a me dizer um bom-dia. Fiquei

surpreso, pois me intrigava o fato de não tê-lo visto, já que o reflexo do espelho abarcava todo o quarto às minhas costas. Com o susto, cortara-me de leve, mas não reparei na hora. Tendo respondido à saudação do conde, voltei-me de novo para o espelho a fim de me certificar de que estava enganado. Desta vez não podia haver dúvidas, pois ele estava perto de mim, e eu podia vê-lo sobre meus ombros. Sua imagem, porém, não estava refletida no espelho! Todo o quarto atrás de mim aparecia ali, mas não havia sinal de homem algum ali, exceto eu. Isso era assustador, e, somado a tantas outras coisas estranhas, começava a fazer crescer aquele vago desconforto que eu sempre sentira na presença do conde; mas nesse instante vi que o corte sangrara um pouco, e que o sangue escorria-me pelo queixo. Pus de lado a navalha e me virei com o intuito de procurar algum emplastro. Quando o conde viu meu rosto, seus olhos brilharam com uma espécie de fúria demoníaca, e ele estendeu a mão para agarrar meu pescoço. Afastei-me, e sua mão tocou o rosário onde estava pendurado o crucifixo. Isso causou nele uma mudança imediata, pois a fúria dissipou-se tão rapidamente que eu mal poderia acreditar que ele a tivesse demonstrado antes.

— Tome cuidado — disse ele. — Tome cuidado para não se cortar. Aqui nesta região isso é mais perigoso do que você imagina.

Em seguida, apoderando-se do espelho de barbear, prosseguiu:

— E eis aqui o maldito objeto que lhe causou esse mal. É um ridículo instrumento da vaidade humana. Fora com ele!

Abrindo a pesada janela com um golpe de sua mão terrível, atirou para fora o espelho, que se partiu em mil pedaços nas pedras do pátio, lá embaixo. Com isso, ele se retirou sem dizer uma palavra. Isso me aborreceu bastante, pois agora não sei como irei me barbear, a não ser que recorra à caixa do meu relógio ou ao fundo da bacia de barbear, que felizmente é de metal.

Quando cheguei à sala de jantar, o desjejum estava posto, mas não encontrei o conde em parte alguma. Comi sozinho, então. É estranho que até o momento eu não tenha visto o conde comer ou beber coisa alguma. Deve ser um homem bem peculiar! Depois do desjejum, explorei um pouco o castelo. Fui até as escadas e encontrei uma sala que dava para o sul. A vista era magnífica, e de onde eu estava era possível apreciá-la na íntegra. O castelo fica à beira de um terrível precipício. Uma pedra que caísse da janela despencaria por centenas de metros antes de tocar no que quer que

fosse. Até onde alcançam os olhos há um mar de copas verdes de árvores, e ocasionalmente um intervalo aberto por uma fenda profunda. Aqui e ali, veem-se fios prateados de rios serpenteando em ravinas profundas através da floresta.

Não estou, contudo, num estado de espírito propício à descrição de belezas, pois após apreciar a vista continuei explorando o castelo: portas, portas, portas em toda parte, todas trancadas e com ferrolhos. Não há qualquer possível saída do castelo, exceto pelas janelas.

Trata-se de uma verdadeira prisão, e eu sou um prisioneiro!

Capítulo 3

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER *(CONTINUAÇÃO)*

Quando me dei conta de que era um prisioneiro, uma espécie de loucura se apossou de mim. Subia e descia as escadas, tentando abrir todas as portas e espiando por todas as janelas que encontrava, mas, pouco depois, a convicção de minha impotência suplantou todos os outros sentimentos.

Ao olhar para trás, agora que já se passaram algumas horas, acho que devo ter ficado temporariamente louco, pois agia como um rato preso numa ratoeira. Quando me convenci de que era impotente, porém, sentei-me calmamente — tão calmamente quanto jamais fizera qualquer coisa na vida — e comecei a ponderar o que seria melhor fazer. Ainda estou refletindo e não cheguei a qualquer conclusão definitiva. Tenho uma única certeza: não adianta revelar meus pensamentos ao conde. Ele bem sabe que sou um prisioneiro. Ele próprio me prendeu aqui, e sem dúvida tem seus motivos, de modo que só faria me enganar se eu lhe confessasse tudo. Até onde posso enxergar, meu único plano será o de guardar meu conhecimento e meus temores comigo, e manter os olhos abertos. Sei muito bem que ou estou sendo ludibriado por meus medos, como um bebê, ou então estou mesmo em apuros. Se a segunda hipótese for a verdadeira, precisarei usar a cabeça para sair desta armadilha.

Mal chegara a essa conclusão quando ouvi a grande porta no andar de baixo fechar-se e soube que o conde tinha voltado. Não veio imediatamente até a biblioteca, então fui com cuidado até meu quarto e encontrei-o fazendo a cama. Isso era estranho, mas confirmava minhas suspeitas: não havia criados na casa. Quando o vi mais tarde, através da fresta nas dobradiças da porta, pondo a mesa na sala de jantar, não tive mais dúvidas. Se ele próprio realiza essas tarefas domésticas, significa que não há mais ninguém para assumi-las. Essa constatação me encheu de terror, pois, se não há mais ninguém no castelo, significa que devia ser o próprio conde o cocheiro que me trouxe até aqui. É um pensamento terrível, pois, se isso é verdade, como devo encarar o fato de ele ser capaz de controlar os lobos simplesmente erguendo a mão em silêncio, como fez? Por que toda aquela gente em Bistrita e na diligência havia temido tanto por mim? O que

significou ter ganhado o crucifixo, o alho, a rosa-selvagem, a sorveira? Bendita seja aquela boníssima mulher que pendurou o crucifixo no meu pescoço! Tocá-lo me traz força e me reconforta. É curioso que um objeto que me acostumei a encarar desfavoravelmente e como um sinal de idolatria venha a significar ajuda num momento de dificuldade e de solidão. Será porque há algo na própria essência do objeto, ou será porque é um meio, um auxílio tangível para despertar memórias de solidariedade e conforto? Em algum momento, se possível, devo investigar este assunto e tentar chegar a alguma conclusão. Por ora, devo descobrir o que for possível sobre o conde Drácula, pois assim talvez possa entender tudo isto melhor. Hoje à noite ele talvez fale sobre si mesmo, se eu conduzir a conversa nesse sentido. Devo tomar muito cuidado, porém, para não levantar suspeitas.

Meia-noite — Tive uma longa conversa com o conde. Fiz-lhe algumas perguntas sobre a história da Transilvânia, e ele se entusiasmou muito com o assunto. Ao falar de fatos e pessoas, e sobretudo de batalhas, dava a impressão de ter estado ele próprio presente. Isso ele explicou em seguida, dizendo que, para um boiardo, o orgulho de sua casa e de seu nome é o seu próprio orgulho pessoal, que a glória de seus antepassados é sua própria glória e que o destino deles é o seu próprio destino. Todas as vezes que falava de sua casa, dizia “nós”, e usava o plural, como se fosse um rei. Eu gostaria de poder registrar tudo exatamente como ele disse, pois para mim foi fascinante. Naquele relato parecia inscrever-se toda a história do país. Ele foi ficando mais animado enquanto falava, e andava pelo aposento mexendo no bigode branco e agarrando objetos que suas mãos tocavam como se fossem esmagá-los com sua força descomunal. Entre tudo o que disse, há algo que vou transcrever com o máximo possível de fidelidade, pois narra, à sua própria maneira, a história de sua raça:

— Nós, *szeklers*, temos o direito de nos sentirmos orgulhosos, pois em nossas veias corre o sangue de muitas raças valentes que travaram lutas acirradas pelo poder. Aqui, neste redemoinho de raças europeias, a tribo úgrica trouxe da Islândia o espírito guerreiro que lhe foi dado por Thor e Odin, e que os escandinavos demonstraram com tão cruel propósito no

litoral da Europa, e também da Ásia e da África, a ponto de os povos daquelas regiões acharem que estavam sendo atacados por verdadeiros lobisomens. Aqui, também, quando chegaram encontraram os hunos, cuja fúria guerreira varrera a terra como um incêndio, a ponto de a gente que morria acreditar que nas veias de seus inimigos corria o sangue daquelas antigas feiticeiras que, expulsas da Cítia, acasalavam-se com os demônios nos desertos. Tolos, tolos! Que demônio ou feiticeira algum dia foi tão grande quanto Átila, cujo sangue corre nestas veias? — Ele ergueu os braços. — Não é de se admirar que fôssemos uma raça de conquistadores; que tivéssemos orgulho; que quando os magiares, os lombardos, os avares, os búlgaros e os turcos chegavam aos milhares a nossas fronteiras nós os obrigássemos a dar meia-volta. Não é de se estranhar que, quando Arpades e suas legiões varreram a pátria dos húngaros, ele nos tenha encontrado ao chegar à fronteira, e que as Honfoglalas tenham tido lugar então. E quando a horda dos húngaros seguiu rumo a leste, os *szeklers* foram considerados pertencentes à mesma raça pelos vitoriosos magiares, e a nós foi confiada durante séculos a guarda da fronteira do império turco; sim, e mais do que isso, a interminável tarefa da guarda da fronteira, pois, como dizem os turcos, “as águas dormem, mas os inimigos estão em permanente vigília”. Entre as quatro nações, ninguém recebeu com mais satisfação do que nós a “espada sangrenta”, ou correu mais rápido para junto do estandarte do rei ao som de seu grito de guerra. Quando foi redimida aquela grande vergonha de minha nação, a vergonha de Cassova, quando as bandeiras dos valáquios e dos magiares tombaram sob o Crescente? Quem, senão um homem de minha raça, cruzou o Danúbio em Voivode e derrotou os turcos em sua própria terra? Era de fato um Drácula! Foi uma enorme desgraça que, após sua queda, seu próprio irmão, criatura torpe, tenha vendido seu povo aos turcos e o condenado à vergonha da escravidão! Não foi com certeza esse Drácula o que inspirou um outro de sua raça que, mais tarde, levou repetidas vezes suas forças a cruzar o rio; aquele que, uma vez derrotado, retornava, e retornava, e retornava, embora tivesse que regressar sozinho do campo sangrento onde suas tropas estavam sendo dilaceradas, pois sabia que somente ele poderia, ao fim, triunfar! Dizem que ele só pensava em si. Bah! Para que servem os camponeses sem um líder? Onde termina a guerra sem um cérebro e um coração para conduzi-la? Novamente, quando, após a batalha de Mohács, nos libertamos do jugo dos húngaros, nós, os Drácula, estávamos entre os líderes, pois nosso espírito não podia tolerar que não

fôssemos livres. Ah, jovem senhor, os *szeklers*, e os Drácula como o sangue de seu coração, seu cérebro e sua espada, podem se gabar de uma história de glórias que os Habsburgo e os Romanov jamais conhecerão. Os dias de guerra terminaram. O sangue é algo de muito precioso nestes dias de vergonhosa paz, e as glórias das grandes raças são como uma lenda.

A essa altura, já amanhecia, e fomos dormir. (*Nota:* este diário se parece terrivelmente com o começo de *As mil e uma noites*, pois tudo tem que se interromper quando o galo canta — ou com o fantasma do pai de Hamlet.)

12 de maio — Quero começar pelos fatos — fatos simples, atestados pelos livros e pelos cálculos, e acerca dos quais não pode haver dúvidas. Não devo confundi-los com experiências que terão que depender de minha própria observação ou de minha memória. Quando, na noite passada, o conde veio de seu quarto, começou a me fazer perguntas sobre questões jurídicas e sobre a realização de certo tipo de negócios. Eu passara o dia metido nos livros de contabilidade, e, simplesmente para manter minha mente ocupada, discorri sobre alguns dos temas que tinham feito parte de meu exame em Lincoln’s Inn. As perguntas do conde seguiam um certo método, de modo que tentarei registrá-las na ordem; o conhecimento talvez venha a me ser útil, de certa forma ou em certo momento.

Primeiro, ele perguntou se é possível, na Inglaterra, ter dois ou mais procuradores. Disse-lhe que poderia ter uma dúzia, se desejasse, mas que não seria prudente ter mais de um procurador envolvido numa dada transação, pois apenas um poderia agir de cada vez, e mudar de um para outro com certeza seria prejudicial a seus interesses. Ele pareceu compreender perfeitamente e prosseguiu, perguntando se haveria dificuldades práticas em ter uma pessoa para cuidar, por exemplo, das questões bancárias e outra para cuidar das remessas de mercadorias, no caso de alguma ajuda local ser necessária num lugar distante da residência do procurador bancário. Pedi-lhe que me explicasse melhor, para que eu não corresse o risco de lhe dar uma explicação errada. Ele disse, então:

— Darei exemplos. Nosso amigo Peter Hawkins, que vive à sombra da bela catedral de Exeter, distante de Londres, compra para mim, por intermédio do senhor, uma propriedade em Londres. Certo. Agora, deixe-me dizê-lo com franqueza, caso contrário o senhor há de achar estranho que eu tenha ido buscar os serviços de alguém que está tão distante de Londres em vez de procurar alguém que residisse na cidade: o que me motivou foi fazer com que nenhum interesse local prevalecesse, mas tão somente o meu desejo. Como alguém que reside em Londres poderia, talvez, ter algum objetivo pessoal ou algum amigo que gostaria de ajudar, fui procurar meu agente em outra região, a fim de garantir que seus trabalhos atendam exclusivamente a meus interesses. Suponhamos, agora, que eu, que tenho muitos negócios, quisesse despachar mercadorias para, digamos, Newcastle, ou Durham, ou Harwich, ou Dover. Não seria mais conveniente contratar um procurador residente numa dessas cidades portuárias?

Respondi que certamente seria, mas que nós, advogados, adotamos um sistema de reciprocidade, de modo que um serviço local pode ser realizado a partir de instruções de qualquer procurador. O cliente pode, então, colocar-se nas mãos de um único profissional e ter seus interesses atendidos sem maiores problemas.

— Mas eu teria a liberdade de comandar eu mesmo os negócios, não? — indagou ele.

— É claro que sim — repliquei. — Essa é uma conduta frequente da parte de homens de negócios que não querem que todos os detalhes de suas transações venham a ser conhecidos por quem quer que seja.

— Ótimo.

O conde prosseguiu, perguntando sobre as formas de fazer consignações e as formalidades a cumprir, e sobre todo tipo de dificuldades que poderiam surgir, mas que poderiam ser evitadas se de antemão certas medidas fossem tomadas. Expliquei-lhe tais assuntos valendo-me de toda a minha competência, e ele me deu a impressão de que seria um ótimo advogado, pois não deixou de prever um único detalhe. Para um homem que jamais havia estado na Inglaterra, e que evidentemente não lidava muito no ramo dos negócios, seu conhecimento e sagacidade eram impressionantes. Quando se viu satisfeito com relação aos pontos que mencionara, e depois que verifiquei tudo da melhor forma possível nos livros disponíveis, ele subitamente pôs-se de pé e disse:

— O senhor escreveu alguma outra carta, além daquela primeira, a Mr. Peter Hawkins ou a qualquer outro amigo seu?

Foi com certo rancor em meu coração que lhe respondi que não escrevera, pois até então não vira qualquer oportunidade de enviar cartas a quem quer que fosse.

— Escreva agora, então, meu jovem amigo — disse ele, pousando sua mão pesada sobre meu ombro. — Escreva a seu amigo, ou a outro qualquer, dizendo, se estiver de acordo, que ficará comigo por mais um mês.

— Deseja que eu fique tanto tempo assim? — perguntei, pois meu coração enregelou diante da perspectiva.

— Desejo muito, e não aceitarei recusas. Quando seu mestre, patrão, seja lá o que ele for, comprometeu-se a enviar alguém em seu lugar, ficou acertado que somente minhas necessidades seriam levadas em conta. Não poupei despesas. Não é verdade?

O que mais podia eu fazer além de aquiescer, com uma mesura? Eram os interesses de Mr. Hawkins, não os meus, e eu tinha que pensar nele, não em mim. Além do mais, enquanto o conde Drácula falava, havia em seus olhos e em sua atitude algo que me recordava que eu era um prisioneiro, e que não me restavam escolhas. O conde viu sua vitória em minha mesura, e, na expressão perturbada do meu rosto, a certeza de que era ele quem ditava as regras, pois começou no mesmo instante a demonstrar seu poder, ainda que daquela sua forma serena e irresistível:

— Peço-lhe, meu jovem amigo, que não discorra em suas cartas sobre outros assuntos além dos negócios. Sem dúvida seus amigos ficarão satisfeitos em saber que o senhor encontra-se bem e que está ansioso em voltar para junto deles. Não é isso?

Ao falar, estendeu-me três folhas de papel finíssimo e três envelopes também muito finos. Quando olhei para eles e depois para o conde, percebendo seu sorriso silencioso com os dentes caninos e pontiagudos projetando-se sobre o lábio vermelho, compreendi tão bem quanto se ele o tivesse dito que eu deveria tomar cuidado com o que escrevesse, pois ele facilmente poderia ler minhas cartas. Decidi, então, escrever apenas cartas curtas e formais por ora, mas escrever secretamente a Mr. Hawkins contando os mínimos detalhes, e também a Mina, pois para ela eu poderia taquigrafar, o que impediria que o conde compreendesse a carta, caso viesse a lê-la. Após ter escrito minhas duas cartas sentei-me em silêncio, lendo um livro enquanto o conde escrevia várias cartas, consultando, ao escrever,

alguns livros que estavam sobre a mesa. Depois pegou minhas duas cartas e colocou-as entre as suas, deixando papel, tinta e todos os outros apetrechos na mesa. Inclinei-me sobre eles no instante em que a porta se fechou atrás do conde, e examinei as cartas, que estavam com a face voltada para baixo. Não me senti constrangido em agir assim, pois, dadas as circunstâncias, sentia que devia me proteger de todas as formas possíveis.

Uma das cartas estava endereçada a Samuel F. Billington, Crescent, 7, Whitby, e outra a *Herr* Leutner, Viena; a terceira era para Coutts & Co., Londres; e a quarta para Herren Klopstock & Billreuth, banqueiros, Budapeste. A segunda e a quarta não estavam lacradas. Eu estava prestes a abri-las quando vi a maçaneta da porta se mover. Endireitei-me no meu assento, tendo tempo apenas de colocá-las de volta da forma como estavam e retomar meu livro antes que o conde, com uma outra carta nas mãos, entrasse na biblioteca. Pegou as cartas sobre a mesa, selou-as cuidadosamente e, virando-se para mim, disse:

— Tenho certeza de que irá me desculpar, mas tenho muito trabalho a fazer esta noite. Encontrará tudo o que for de seu agrado, assim espero.

Chegando à porta, voltou-se e disse, após uma pequena pausa:

— Quero aconselhá-lo, meu jovem amigo... ou, melhor dizendo, quero adverti-lo com grande seriedade: caso saia destes aposentos, não deve em nenhuma hipótese dormir em qualquer outra parte do castelo. É muito velho, e tem muitas memórias, e sonhos ruins estão reservados àqueles que forem descuidados ao dormir. Cuidado! Caso o sono chegue, ou esteja prestes a chegar, procure rapidamente seu próprio quarto, ou algum destes aposentos, onde estará a salvo. Mas se não tomar cuidado, então...

Ele terminou sua fala de forma terrível, pois fez um gesto como se estivesse lavando as mãos. Eu entendi muito bem; minha única dúvida era se algum sonho poderia vir a ser pior do que aquela horrível teia de sombras e mistério que parecia estar se fechando ao meu redor.

Mais tarde — Reitero as últimas palavras que escrevi, mas desta vez já não há qualquer dúvida. Não ousarei dormir em qualquer lugar em cujas proximidades o conde não esteja. Coloquei o crucifixo na cabeceira da

minha cama — assim, creio estar livrando meu sono dos maus sonhos. Ali ele há de permanecer.

Quando o conde me deixou, vim para o meu quarto. Algum tempo depois, e não tendo ouvido um único ruído, saí e subi a escadaria até a sala onde podia olhar para o sul. Mesmo que me fosse inacessível, havia uma certa sensação de liberdade naquela vastidão, se comparada à escuridão e à estreiteza do pátio. Olhando para fora, senti que estava de fato numa prisão e queria respirar um pouco de ar puro, mesmo que fosse o ar noturno. Estou começando a sentir os efeitos dessa existência noturna. Está acabando com os meus nervos. Assusto-me com minha própria sombra e perco-me em toda sorte de terríveis devaneios. Deus sabe que todo este medo justifica-se, neste lugar amaldiçoado! Olhei para a bela vastidão lá fora, banhada pela luz amarelada e suave da lua até se tornar quase tão clara como o dia. Sob aquela luz difusa, as colinas distantes pareciam se misturar, e as sombras nos vales e nas gargantas eram de um negro aveludado. A mera visão da beleza parecia me animar; havia paz e conforto no próprio ar que eu respirava. Ao me debruçar sobre a janela, chamou-me a atenção algo que se movia no andar de baixo, ligeiramente à esquerda, onde eu imaginava serem os aposentos do conde. A janela da qual eu olhava era alta e funda, com mainel de pedra, e, embora gasta pelo tempo, ainda estava inteira — mas era claro que muitos dias se haviam passado desde que a esquadria fora instalada ali. Afastei-me, escondendo-me atrás da pedra trabalhada, e olhei cuidadosamente para fora.

O que vi foi a cabeça do conde saindo da janela. Não vi o rosto, mas reconheci-o pelo pescoço e pelo movimento das costas e dos braços. De qualquer modo, eu não confundiria as mãos que tive tantas oportunidades de estudar. Fiquei a princípio interessado, e a visão me distraiu, pois é incrível como um detalhe ínfimo pode interessar a um homem quando ele se encontra prisioneiro. Meus sentimentos, contudo, transformaram-se em repulsa e terror quando vi o corpo inteiro do conde emergir aos poucos da janela e começar a se arrastar pela parede do castelo, à beira do terrível abismo, com *a cabeça para baixo* e a capa esvoaçando ao redor como se fosse um par de gigantescas asas. A princípio não pude acreditar no que meus olhos viam. Pensei que era alguma ilusão causada pela luz da lua, algum efeito estranho das sombras, mas continuei olhando, e não podia haver engano. Vi os dedos das mãos e dos pés agarrarem os cantos das pedras, de onde o passar dos anos removera a argamassa, e assim, valendo-

se de todas as saliências e irregularidades, descer pela parede com uma rapidez considerável, exatamente como faz um lagarto.

Que espécie de homem é esse, ou que espécie de criatura semelhante a um homem é essa? Sinto o pavor deste lugar horrível dominar-me; tenho medo — um medo terrível — e não há possibilidade de fuga. Estou rodeado de terrores que não ouso imaginar...

15 de maio — Voltei a ver o conde sair como um lagarto. Ele desceu uns trinta metros na parede, obliquamente, e em direção à esquerda. Sumiu dentro de algum buraco ou janela. Depois que sua cabeça desapareceu, inclinei-me para a frente a fim de tentar ver melhor, mas sem sucesso — a distância era grande demais para permitir que eu tivesse um ângulo de visão adequado. Sabia que ele agora deixara o castelo e pensei em aproveitar a oportunidade para explorá-lo mais do que até então ousara fazer. Voltei para meus aposentos e, apanhando um lampião, tentei abrir todas as portas. Estavam trancadas, como eu imaginava, e as fechaduras eram comparativamente novas; mas desci pela escadaria de pedra até o vestíbulo por onde eu entrara no castelo. Descobri que conseguia abrir com facilidade os trincos da porta, que no entanto estava trancada, e a chave havia sumido! Devia estar nos aposentos do conde; eu precisava verificar se sua porta estava destrancada, para que pudesse pegar a chave e fugir. Continuei fazendo um exame cuidadoso dos vários andares e corredores, e tentando abrir as portas com que me deparava. Uma saleta ou duas perto do vestíbulo estavam abertas, mas nada havia para ver ali, à exceção de mobília velha, empoeirada pelo passar do tempo e comida pelos cupins. Afinal, porém, encontrei uma porta no alto da escadaria que, embora parecesse estar trancada, cedeu um pouco quando a empurrei. Fiz mais força e descobri que na verdade não estava trancada, mas que a resistência advinha do fato de que as dobradiças tinham cedido um pouco e que a porta pesada apoiava-se no chão. Era uma oportunidade que eu talvez não voltasse a ter, de modo que me empenhei em abri-la, e, fazendo muita força, consegui empurrá-la o suficiente para poder entrar. Eu estava agora numa ala do castelo mais à direita do que os aposentos que eu conhecia, e um andar abaixo. Das

janelas, podia ver que os quartos ficam ao longo da face sul do castelo, e as janelas do último deles abrem-se para o oeste e para o sul. Em ambas as direções há um enorme precipício. O castelo foi construído nas bordas de um grande rochedo, sendo, portanto, inexpugnável por três lados, e janelas enormes foram abertas aqui, onde fundas, arcos e colubrinas não alcançariam; consequentemente, garantiram-se o conforto e a luminosidade, que seriam impossíveis num local que tivesse que ficar sob guarda. A oeste estende-se um amplo vale, e depois, erguendo-se na distância, enormes fortalezas de montanhas serrilhadas, os picos se projetando uns sobre os outros, os rochedos íngremes guarnecidos com sorveiras e abrolhos, cujas raízes se agarram em fendas, gretas e rachaduras da pedra. Era esta, evidentemente, a parte do castelo ocupada pelas damas, em tempos idos, pois a mobília parece mais confortável do que qualquer outra que eu tenha visto aqui. As janelas não têm cortinas, e o luar amarelado, inundando o quarto através dos pequenos losangos das vidraças, permite que se vejam até as cores, pois atenua o excesso de poeira que recobre tudo e disfarça um pouco os danos causados pelo tempo e pelas traças. Meu lampião parece fazer pouco efeito à luz brilhante da lua, mas estou satisfeito por tê-lo trazido comigo, pois este lugar me traz uma terrível sensação de solidão que enregela meu coração e faz tremerem meus nervos. Ainda assim, é melhor do que me limitar àqueles cômodos que passei a odiar devido à presença do conde. Depois de tentar acalmar um pouco meus nervos, senti uma quietude suave apossar-se de mim. Aqui estou, sentado diante de uma mesinha de carvalho à qual possivelmente, em tempos idos, sentou-se uma dama para escrever, com muitos pensamentos e muitos rubores, sua carta de amor mal redigida. Registro em meu diário, usando da taquigrafia, tudo o que me ocorreu desde a última vez que o fechei. É a última palavra do século XIX. Ainda assim, a menos que meus sentidos me enganem, os séculos passados tiveram, e têm ainda, poderes próprios que a mera “modernidade” não tem como sufocar.

Mais tarde: manhã de 16 de maio — Que Deus conserve minha sanidade, pois a isto me vejo reduzido. A segurança e a garantia da segurança são

coisas do passado. Enquanto eu estiver aqui, só me resta uma única esperança, que é a de não enlouquecer — se é que já não enlouqueci. Se minha mente estiver sã, então é com certeza enlouquecedor pensar que, entre todas as coisas hediondas que se ocultam neste lugar odioso, o conde é a que me assusta menos; que somente a ele posso recorrer em busca de segurança, mesmo que isso só valha enquanto eu ainda lhe for útil. Meu bom Deus! Meu piedoso Deus! Ajude-me a manter a calma, pois caso contrário sem dúvida hei de enlouquecer. Começo a compreender melhor certas coisas que haviam me intrigado. Até hoje, eu não chegara a entender o que queria dizer Shakespeare quando pôs as seguintes palavras na boca de Hamlet:

"Meu bloco! Rápido, meu bloco! Convém que eu tome nota disto" etc.

Agora, quando tenho a sensação de que estou perdendo a cabeça, e de que o choque talvez tenha sido grande demais para que eu consiga manter a lucidez, volto-me para o meu diário em busca de paz. O hábito de narrar tudo acuradamente há de ajudar a me acalmar.

O misterioso aviso do conde assustou-me na hora; assusta-me bem mais agora quando penso a respeito, pois no futuro terá um terrível domínio sobre mim. Não voltarei a duvidar do que ele venha a dizer!

Depois de escrever em meu diário e de ter, felizmente, recolocado o caderno e a pena em meu bolso, senti-me sonolento. O aviso do conde veio-me à mente, mas encontrei certa satisfação em desobedecê-lo. O sono me dominava, e com a obstinação que sempre o acompanha. O luar suave me acalmava, e a vastidão lá fora me dava uma sensação de liberdade que me revigorava. Decidi que naquela noite não retornaria para os aposentos sombrios, mas dormiria ali, onde, em tempos idos, damas se sentavam e cantavam e viviam vidas agradáveis enquanto seus corações delicados choravam pelos homens que estavam longe dali, lutando em guerras impiedosas. Arrastei um grande divã de seu lugar junto à parede, a fim de poder, ao me deitar, olhar para aquela adorável vista do leste e do sul. Sem pensar na poeira e sem me incomodar com ela, ajeitei-me para dormir. Creio que devo ter adormecido; espero que sim, mas tudo o que se seguiu foi real demais — tão real que agora, sentado aqui à clara e plena luz da manhã, não sou capaz de acreditar nem por um instante que tenha sido apenas um sonho.

Eu não estava só. O quarto estava idêntico, não sofrera nenhuma modificação desde que eu entrara ali. À luz brilhante da lua, eu podia ver

meus próprios passos marcados no chão, nos locais onde eu profanara o longo acúmulo de poeira. Ao luar, diante de mim, estavam três mulheres jovens — damas, a tomar por suas roupas e maneiras. Na hora, pensei que devia estar sonhando quando as vi, pois, embora o luar entrasse por trás delas, não projetavam sombras no chão. Aproximaram-se de mim e ficaram me olhando por algum tempo, depois sussurraram palavras entre si. Duas eram morenas, e tinham narizes aquilinos, como o conde, e grandes olhos escuros e penetrantes, que pareciam ser quase vermelhos em contraste com o amarelo pálido do luar. A outra era loura, de um louro muito claro, com grandes ondas de cabelo dourado e olhos que eram como safiras pálidas. De certa forma, tive a impressão de reconhecer seu rosto, que relacionava a algum medo vago, mas naquele momento não consegui me lembrar de nada além disso. Todas as três tinham dentes brancos e brilhantes que cintilavam como pérolas contra o fundo cor de rubi de seus lábios voluptuosos. Havia algo nelas que me causava desconforto, desejo e ao mesmo tempo um terrível temor. Senti em meu íntimo um desejo ardente e depravado de que elas me beijassem com aqueles lábios vermelhos. Não convém registrar isso; temo que algum dia chegue aos olhos de Mina e lhe cause sofrimento. Mas é a verdade. Elas sussurravam entre si, e depois as três riram — uma risada cristalina, que era como música, mas tão forte que jamais poderia ter saído de lábios humanos. O som era a um só tempo suave e intolerável, como se fossem copos de cristal cheios d’água que alguém fizesse soar com mãos habilidosas. A loura meneou a cabeça com coqueteria, e as outras duas a incitaram a seguir adiante. Uma disse:

— Vá em frente! Você é a primeira, e nós vamos em seguida. Tem o direito de começar.

A outra acrescentou:

— Ele é jovem e forte, há beijos para todas nós.

Fiquei deitado, imóvel, olhando através das pálpebras semicerradas na agonia de uma deliciosa ansiedade. A loura aproximou-se e se curvou sobre mim, até que fui capaz de sentir sua respiração. O hálito era doce, num certo sentido; doce como mel, e causava em meus nervos a mesma sensação que suas risadas. Havia algo de amargo sob o aroma doce, porém, e um tanto repugnante, como o cheiro do sangue.

Eu tinha medo de abrir os olhos, mas conseguia ver perfeitamente por entre as pálpebras entreabertas. De joelhos, a jovem se inclinou sobre mim de forma lasciva. Havia uma voluptuosidade deliberada que era ao mesmo

tempo excitante e repulsiva, e ao curvar o pescoço ela chegou a lamber os beiços, como um animal. À luz da lua, eu podia ver os lábios úmidos e vermelhos brilhando, assim como a língua escarlate, que se projetava por entre os dentes brancos e afiados. Ela baixava cada vez mais a cabeça, e os lábios afastavam-se de minha boca e queixo, parecendo prestes a se colar sobre minha garganta. Então ela se deteve. Eu podia ouvir o ruído de sua língua enquanto ela lambia os dentes e os lábios, e sentir o hálito quente em meu pescoço. Senti uma comichão ali, como ocorre quando a mão que promete carícias chega cada vez mais perto — cada vez mais perto. Eu podia sentir o tato macio dos lábios na pele ultrassensível do meu pescoço, e a dureza de dois dentes afiados que não faziam mais do que tocá-lo. Fechei os olhos num êxtase lânguido e esperei — esperei, com o coração aos pulos.

Naquele instante, porém, outra sensação assolou-me, rápida como um raio. Eu tive consciência da presença do conde, que estava furioso. Quando meus olhos involuntariamente se abriram, vi sua mão agarrar o pescoço esguio da loura e puxá-la para trás com a força de um gigante. Ela rilhava os dentes de raiva, os olhos azuis transtornados pela ira e a face pálida inflamada pela exaltação. O conde, porém! Nunca imaginei tamanha fúria, nem mesmo nos demônios do inferno. Seus olhos definitivamente chamejavam. O fulgor vermelho que havia neles era horripilante, como se ardessem ali as próprias chamas do inferno. Sua face era de uma palidez mortal, e seus traços estavam rígidos como se fossem linhas desenhadas ali; as sobrancelhas espessas que se juntavam acima do nariz pareciam uma barra suspensa de metal incandescente. Com um gesto violento, arremessou a mulher para longe, e fez um movimento na direção das outras, como se as estivesse afastando. Era o mesmo gesto imperioso que eu vira o cocheiro fazer para os lobos. Disse, numa voz baixa, quase um murmúrio, que no entanto parecia atravessar o ar e ecoar no quarto:

— Como ousam tocá-lo? Como ousam pôr os olhos nele, quando eu as proibi? Para trás, todas vocês! Este homem pertence a mim! Cuidado para não se meterem com ele, ou terão que se ver comigo!

A loura riu com uma coqueteria vulgar e virou-se para lhe responder:

— Você nunca amou, você nunca ama!

As duas outras juntaram-se a ela, então, numa gargalhada sombria, dura, desumana que ecoou pelo quarto e quase me fez desmaiar; parecia sair

da garganta de demônios. O conde virou-se, então, e disse, após olhar com atenção para o meu rosto:

— Não, também eu sou capaz de amar; vocês sabem disso, pois conhecem meu passado. Não é verdade? Bem, prometo-lhes que quando não precisar mais dele vocês poderão beijá-lo à vontade. Agora vão embora! Vão embora! Preciso acordá-lo, pois há trabalho a fazer.

— Não ganhamos nada hoje à noite? — disse uma delas com uma risada baixa, apontando para um saco que ele jogara no chão que se movia como se houvesse alguma coisa viva lá dentro.

Em resposta, o conde fez que sim com a cabeça. Uma das mulheres se adiantou e abriu o saco. Se meus ouvidos não me traíram, houve um arquejo e um gemido baixinho, como se estivesse ali uma criança meio sufocada. As mulheres cercaram-na. Eu estava estupefato, aterrorizado. Quando olhei, porém, haviam desaparecido, e com elas aquele saco horrível. Não havia portas perto delas, e não poderiam ter passado por mim sem que eu as tivesse visto. A impressão era de que simplesmente tinham sumido nos raios do luar e saído do quarto pela janela, pois eu podia ver na escuridão lá fora vultos como sombras, um momento antes de desaparecerem por completo.

O horror dominou-me, então, e perdi os sentidos.

Capítulo 4

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER *(CONTINUAÇÃO)*

Acordei em minha própria cama. Se for verdade que não sonhei, o conde deve ter me trazido até aqui. Tentei chegar a uma conclusão sobre o assunto que me parecesse definitiva, mas não era possível. Havia com certeza algumas pequenas provas, tais como o fato de minhas roupas estarem dobradas de maneira diferente. Meu relógio estava parado, e tenho o hábito de dar-lhe corda rigorosamente todas as noites antes de me deitar. E vários outros detalhes. Nada disso constitui, porém, prova definitiva, pois podem ser sinais de que minha mente não estava em seu estado normal, e, por diversos motivos, com certeza tenho estado bastante transtornado. Tenho que ficar alerta ao aparecimento de provas. Um detalhe me deixa satisfeito: se de fato o conde me carregou até aqui e me despiu, devia estar com pressa, pois meus bolsos estão intactos. Tenho certeza de que este diário seria para ele um mistério intolerável. Ele o teria levado consigo, ou o teria destruído. Quando olho ao redor deste quarto, parece-me uma espécie de abrigo, mesmo tendo sido palco de tantos temores, pois nada pode ser mais terrível do que aquelas três mulheres medonhas, que estavam — que *estão* — esperando para sugar meu sangue.

18 de maio — Desci para ver novamente aquele quarto à luz do dia, pois *tenho* que descobrir a verdade. Quando cheguei à porta, no alto da escadaria, encontrei-a fechada. Havia sido empurrada com tanta força contra o umbral que parte da madeira estava lascada. Eu podia ver que a lingueta da fechadura não estava cerrada, mas a porta havia sido trancada por dentro. Temo que não tenha sido um sonho, e preciso agir a partir dessa premissa.

19 de maio — Estou com certeza em maus lençóis. Na noite passada, o conde me pediu, com enorme delicadeza, que escrevesse três cartas: uma dizendo que meu trabalho já estava quase concluído e que eu regressaria para casa dentro de alguns dias, outra dizendo que eu partiria no dia seguinte à data da carta, e a terceira dizendo que eu deixara o castelo e chegara a Bistrita. Normalmente, eu teria protestado, mas senti que, no pé em que estão as coisas, seria loucura discutir abertamente com o conde quando ainda estou em seu poder. Recusar-me equivaleria a despertar-lhe as suspeitas e a ira. Ele sabe que sei coisas demais, e que não devo viver, de modo a não o colocar em perigo; minha única chance é prolongar minhas oportunidades. Talvez ocorra algum fato que me dê a ocasião oportuna para fugir. Vi em seus olhos algo da ira que ele demonstrou ao atirar aquela mulher para longe. Explicou-me que o correio passava raramente, e sem regularidade; escrever minhas cartas agora garantiria a tranquilidade de meus amigos. Garantiu-me que daria ordens para que as duas últimas cartas ficassem retidas em Bistrita até o momento adequado, para o caso de minha permanência prolongar-se, e falou com tanta veemência que se eu me opusesse só faria despertar novas suspeitas. Fingi, então, deixar-me convencer por sua argumentação, e perguntei quais as datas que deveria pôr nas cartas. Ele fez alguns cálculos e disse, em seguida:

— A primeira deve ser datada de 12 de junho, a segunda de 19 de junho e a terceira de 29 de junho.

Agora sei quanto tempo de vida ainda me resta. Que Deus me ajude!

28 de maio — Há uma chance de fuga, ou pelo menos de enviar notícias para casa. Um bando de ciganos chegou ao castelo e está acampado no pátio. Fiz anotações sobre eles em meu caderno. São típicos desta parte do mundo, embora aliem-se aos ciganos comuns que há em toda parte. Há milhares deles na Hungria e na Transilvânia, e praticamente não obedecem a qualquer lei. Vinculam-se, como norma, a algum nobre ou boiardo, e chamam-se pelo nome dele. São destemidos e não têm religião, ainda que sejam supersticiosos, e só falam seus próprios dialetos da língua romena.

Vou escrever algumas cartas para casa e tentar fazer com que eles as enviem. Já falei com alguns de minha janela, para começar a travar conhecimento. Tiram seus chapéus e fazem mesuras e vários outros sinais que, no entanto, não compreendo melhor do que compreenderia a língua que falam...

Escrevi as cartas. Para Mina, escrevi usando taquigrafia, e a Mr. Hawkins só peço que se comunique com ela. Expliquei a Mina minha situação, mas sem narrar os horrores que são apenas suposições. Ela ficaria chocada e apavorada se eu lhe abrisse meu coração. Se as cartas não forem enviadas, então o conde ainda não há de saber meu segredo e a extensão do meu conhecimento...

Entreguei as cartas; joguei-as através das barras da minha janela com uma moeda de ouro, e fiz todos os sinais possíveis para indicar que queria que fossem postadas. O homem que as apanhou apertou-as contra o peito e fez uma mesura, depois as colocou dentro do barrete. Não havia mais nada que eu pudesse fazer. Voltei para o escritório e comecei a ler. Como o conde não aparecesse, escrevi aqui...

O conde veio. Sentou-se ao meu lado e disse com uma voz muito suave, enquanto abria duas cartas:

— Os ciganos me entregaram isto. Vou abri-las, é claro, embora desconheça sua origem. Veja — ele deve ter lido. — Uma foi escrita pelo senhor, e é para o meu amigo Peter Hawkins; a outra... — ele viu então os símbolos estranhos ao abrir o envelope; a expressão de seu rosto tornou-se sombria e seus olhos chamejaram, cheios de malícia. — A outra é algo de desprezível, um insulto à amizade e à hospitalidade! Não está assinada. Muito bem! Então não nos interessa.

Segurou calmamente a carta e o envelope sobre a chama do lampião até que ambos se consumissem. Então, prosseguiu:

— A carta para Hawkins... é claro que vou enviá-la, já que é sua. Suas cartas são sagradas para mim. Peço-lhe perdão, meu amigo, por ter inadvertidamente rompido o lacre. Não quer lacrá-la de novo?

Estendeu-me a carta, e, com uma mesura cortês, entregou-me um envelope novo. Só o que eu podia fazer era reendereçá-la e entregá-la ao conde, em silêncio. Quando ele saiu da biblioteca, pude ouvir a chave girar discretamente na fechadura. Um minuto depois fui até a porta e tentei abri-la; estava trancada.

Quando, uma ou duas horas depois, o conde voltou silenciosamente à biblioteca, sua chegada despertou-me, pois eu tinha adormecido no sofá. Ele estava bastante cortês e muito alegre também. Vendo que eu estivera dormindo, disse:

— Pois então, meu amigo, está cansado? Vá para a cama. Com certeza lá vai descansar melhor. Talvez eu não possa desfrutar o prazer de nossa conversa esta noite, pois tenho muito trabalho a fazer; mas rogo-lhe que vá dormir.

Fui para o meu quarto e deitei-me. Estranhamente, não sonhei. O desespero tem formas próprias de trazer a calma...

31 de maio — Hoje pela manhã pensei, ao acordar, em munir-me de papel e envelopes que havia em minha mala, guardando-os no bolso, a fim de poder escrever se a oportunidade se oferecesse — mas tive outra surpresa, outro choque!

Até os menores pedaços de papel haviam desaparecido, e com eles todas as minhas anotações, meus memorandos sobre estradas de ferro e viagens, minha carta de crédito — na verdade tudo o que me seria útil quando tivesse ido embora do castelo. Sentei-me e refleti um pouco. Um pensamento ocorreu-me; vasculhei minha valise e o armário onde guardara as roupas.

O terno com que eu havia viajado desaparecera, e também meu sobretudo e minha manta de viagem. Não consegui encontrá-las em parte alguma. Parecia tratar-se de algum plano vil...

17 de junho — Hoje de manhã, enquanto eu me sentava na beirada da cama e quebrava a cabeça, ouvi lá fora o estalar de chicotes e o ruído de cascos de cavalos sobre o caminho de pedras que levava ao pátio. Com uma grande alegria, corri até a janela e vi chegarem duas grandes carroças, os *leiter-*

wagons, cada um puxado por oito cavalos robustos, e à frente de cada parelha um eslovaco, com seu amplo chapéu, seu cinto guarnecido de tachas, sua pele de carneiro suja e suas botas altas. Levavam também nas mãos seus compridos cajados. Corri até a porta, com a intenção de descer e reunir-me a eles atravessando o vestíbulo de entrada, pois achei que a porta principal devia estar aberta para eles. Outro choque: minha porta estava trancada por fora.

Corri para a janela e chamei os homens. Olharam para mim com um ar estúpido e apontaram, mas nesse instante apareceu o líder dos ciganos. Vendo que apontavam para minha janela, disse alguma coisa que fez os outros rirem. Dali em diante, nenhum esforço meu, nenhum grito digno de pena ou súplica angustiada fez com que eles sequer olhassem em minha direção. Viraram-me as costas resolutamente. As carroças continham grandes caixas quadradas, com alças espessas de corda. Evidentemente estavam vazias, dada a facilidade com que os eslovacos as carregavam e dado o ruído que faziam ao serem rudemente transportadas. Quando todas já haviam sido descarregadas e arrumadas numa pilha enorme num canto do pátio, os eslovacos receberam algum dinheiro do cigano e, cuspindo sobre as moedas para dar sorte, foram preguiçosamente cada um para o seu cavalo. Pouco depois, ouvi o estalo de seus chicotes morrer na distância.

24 de junho, antes do amanhecer — Na noite passada, o conde deixou-me cedo, e se trancou em seus aposentos. Logo em seguida, arrisquei a subir a escada sinuosa e olhei pela janela que dava para o sul. Eu pretendia ficar vigiando para ver o que faria o conde, pois alguma coisa está acontecendo. Os ciganos estão alojados em algum lugar do castelo e trabalham em algo. Sei disso, pois volta e meia ouço um som distante e abafado de picaretas e pás, e o que quer que seja deve ser o resultado de algum fato desumano e vil.

Já havia quase meia hora que eu estava à janela quando vi algo saindo da janela do conde. Recuei e observei atentamente. Vi ele sair, de corpo inteiro. Foi mais um choque perceber que ele vestia as roupas que eu usara enquanto viajava por esta região e carregava sobre os ombros aquele saco

terrível que eu vira as mulheres levarem consigo. Não podia haver dúvidas sobre o que ele pretendia fazer, e ainda por cima usava minhas roupas! Trata-se, então, de mais um lance de pura maldade: os outros vão acreditar estar vendo a mim, e ele tanto poderá fornecer provas de que fui visto nas aldeias ou cidades despachando minhas próprias cartas como fará com que atribuam a mim as perversidades que ele cometer.

Fico furioso ao imaginar que ele pode levar tudo isso adiante enquanto estou trancado aqui, como um prisioneiro, mas sem a proteção da lei, que é o direito e o consolo até mesmo de um prisioneiro.

Pensei em ficar atento ao regresso do conde, e por um bom tempo sentei-me à janela, obstinado. Então comecei a notar que havia pequenas e curiosas manchas flutuando ao luar. Eram como mínimos grãos de poeira, que rodopiavam e se juntavam de forma nebulosa. Fiquei observando, e uma espécie de tranquilidade apossou-se de mim, acalmando-me. Apoiei as costas no vão da janela, procurando uma posição mais confortável, a fim de poder apreciar melhor aquele balé aéreo.

Algo me assustou: o uivo baixo e angustiado de cães, em algum lugar lá embaixo no vale, que estava fora do alcance de meus olhos. Parecia ecoar mais alto em meus ouvidos, e os grãos flutuantes de poeira pareciam desenhar novas formas enquanto dançavam ao luar. Senti-me fazendo um esforço para ouvir o alerta de meus instintos; na verdade, minha própria alma se esforçava, e meus sentidos, entorpecidos, tentavam responder ao chamado. Eu estava ficando hipnotizado! Os grãos de poeira dançavam cada vez mais rápido; os raios de luar pareciam tremular ao passar por mim e perder-se na escuridão. Reuniam-se mais e mais, até darem a impressão de que se organizavam em formas vagas e fantasmagóricas. Assustei-me, então, despertando inteiramente e recobrando a posse de meus sentidos. Saí dali correndo. As formas fantasmagóricas que gradualmente se materializavam nos raios de luar revelavam os corpos daquelas três mulheres assustadoras às quais eu estava destinado. Fugi, e me senti um tanto mais a salvo em meus aposentos, onde o luar não penetrava e a luz do lampião brilhava intensamente.

Algumas horas haviam se passado quando ouvi ruídos no quarto do conde, algo como um choro agudo subitamente interrompido; em seguida fez-se silêncio, um silêncio profundo e terrível, que me fazia enregelar. Com o coração aos pulos, tentei abrir a porta, mas estava trancado em minha prisão, e nada podia fazer. Sentei-me e chorei.

Nisso, ouvi um barulho no pátio, lá fora — o grito angustiado de uma mulher. Corri até a janela e, abrindo-a, espiei por entre as barras. Lá estava, de fato, uma mulher com cabelos desgrenhados, as mãos postas sobre o peito como se estivesse esgotada após muito correr. Apoiava-se num canto do pórtico de entrada. Quando viu meu rosto na janela, jogou-se para a frente e gritou, numa voz ameaçadora:

— Monstro! Devolva meu filho!

Caiu de joelhos, e, levantando as mãos, gritou as mesmas palavras com um tom de voz que me cortou o coração. Começou a arrancar os cabelos e a golpear o peito, abandonando-se às violências de uma emoção intensa demais. Finalmente, atirou-se para a frente, e, embora eu não conseguisse vê-la, podia ouvir os golpes de suas mãos nuas na porta.

Em algum lugar lá em cima, provavelmente na torre, ouvi a voz do conde gritando em seu timbre áspero e metálico. Seu grito pareceu ser respondido muito longe e de todos os lados pelo uivo dos lobos. Alguns minutos depois, vários deles surgiram, como um dique que se rompe, pela entrada ampla do pátio.

A mulher não gritou, e o uivo dos lobos não se demorou. Pouco depois eles iam embora um a um, lambendo os beiços.

Eu não senti pena da mulher, pois sabia o que acontecera com seu filho, e que para ela seria melhor morrer.

O que vou fazer? O que posso fazer? Como fugir desta medonha prisão de medo, noite e escuridão?

25 de junho, pela manhã — Até que tenhamos sofrido com a presença da noite, é impossível avaliar quão adorável e bem-vinda pode ser a manhã. Quando o sol chegou tão alto no céu esta manhã a ponto de iluminar o grande pórtico que vejo de minha janela, era como se a pomba da Arca de Noé tivesse vindo pousar na vasta superfície que sua luz tocava. Meus temores desapareceram como se fossem uma vestimenta vaporosa que se dissolvesse no calor. Devo encontrar alguma forma de agir enquanto ainda tenho a coragem que o dia me confere. Noite passada, uma de minhas cartas

pós-datadas foi enviada, a primeira daquela série fatal que vai apagar os menores sinais de minha existência sobre a terra.

Mas não devo pensar nisso. A ação!

É sempre à noite que sou molestado ou ameaçado, ou, de certo modo, que corro perigo e me sinto amedrontado. Ainda não vi o conde à luz do dia. Será possível que ele durma enquanto os outros estão acordados, e que fique desperto quando os outros dormem? Se eu pudesse entrar em seu quarto! Mas não há a menor possibilidade. A porta está sempre trancada, não há meios de fazê-lo.

Sim, há uma forma. Por que não poderia uma outra pessoa ir aonde ele foi? Eu próprio o vi arrastando-se para fora de sua janela. Por que não o imitar, e entrar em seu quarto também pela janela? A esperança de ser bem-sucedido é mínima, mas minha situação é desesperadora. Vou arriscar. Na pior das hipóteses, encontrarei a morte, e a morte de um homem não é como a de um bezerro; o temido Além talvez ainda esteja aberto a mim. Que Deus me ajude nesta tarefa! Adeus, Mina, se eu falhar; adeus, meu fiel amigo e segundo pai; adeus a todos e sobretudo a Mina!

Mesmo dia, mais tarde — Fiz uma tentativa, e, com a ajuda de Deus, consegui voltar a salvo para este quarto. Preciso registrar cada detalhe em ordem. Quando ainda tinha coragem suficiente, fui diretamente até a janela na face sul, e logo saí, pisando sobre a saliência estreita de pedra que há no castelo, deste lado. As pedras são grandes e cortadas de forma grosseira, e a argamassa desapareceu de seus intervalos, com o passar do tempo. Tirei minhas botas e arrisquei-me a pisar ali, naquele caminho temerário. Olhei uma vez para baixo, para me certificar de que a súbita visão do terrível abismo não fosse me fazer cair, mas depois mantive meus olhos afastados dali. Sabia muito bem a direção da janela do conde e qual a distância até lá. Arrastei-me até ela da melhor forma que pude, dadas as condições. Não fiquei tonto — acho que estava exaltado demais — e pareceu ter se passado um tempo ridiculamente curto até que eu me encontrasse de pé no peitoril da janela em guilhotina, tentando erguê-la. Estava muito agitado, contudo, quando me inclinei e pus pela primeira vez os pés no quarto. Olhei ao meu

redor, procurando pelo conde, mas, surpreso e satisfeito, fiz uma descoberta: o quarto estava vazio! A mobília era escassa e compunha-se de móveis estranhos, que pareciam nunca ter sido usados e assemelhavam-se, em estilo, àqueles dos quartos da ala sul. Estavam cobertos de poeira. Procurei pela chave, que no entanto não estava na fechadura; não consegui encontrá-la em parte alguma. Só o que havia ali era uma grande pilha de moedas de ouro num canto — todo tipo de moedas de ouro, dinheiro romano e britânico, austríaco, húngaro, grego e turco, cobertas com uma camada de poeira, como se estivessem há muito tempo ali no chão. Nenhuma das que examinei pareceu-me ter menos de trezentos anos de idade. Também havia correntes e ornamentos, alguns adornados com joias, mas todos velhos e manchados.

A um canto do quarto havia uma porta pesada. Tentei abri-la, pois, já que não conseguia encontrar a chave da porta externa, que era meu principal objetivo, tinha que fazer outras investigações, ou então todo aquele esforço teria sido em vão. A porta não estava trancada e dava para um corredor de pedra que terminava numa escada descendente em caracol. Segui naquela direção, tomando muito cuidado, pois a escada estava escura; a única iluminação vinha das fendas na alvenaria. Ao final havia outra passagem, escura, mais parecendo um túnel, de cuja extremidade emanava um odor insalubre, o odor de terra antiga revolvida há pouco. Conforme avancei pelo corredor, o cheiro foi se tornando mais forte e intenso. Afinal empurrei uma porta pesada que estava entreaberta, e me encontrei numa capela antiga e arruinada que havia evidentemente sido usada como cemitério. O teto estava quebrado, e em dois lugares havia degraus que levavam a criptas, mas o chão havia sido recentemente cavado. A terra fora colocada em grandes caixas de madeira — as caixas que os eslovacos haviam trazido. Não havia ninguém ali, e procurei por outras saídas, mas tampouco as encontrei. Em seguida, examinei cada centímetro do chão, a fim de não deixar nada passar despercebido. Cheguei a descer até as criptas, onde a luz fraca vacilava, embora fazê-lo me causasse um enorme terror. Entrei em duas delas, mas nada vi além de pedaços de caixões antigos e montes de poeira. Na terceira, porém, fiz uma descoberta.

Ali, dentro de uma daquelas grandes caixas (das quais havia cinquenta, ao todo), deitado sobre um monte de terra, estava o conde! Não saberia dizer se morto ou adormecido, pois seus olhos estavam abertos e imóveis, mas sem o aspecto vítreo dos olhos dos mortos, e a face tinha o calor da

vida apesar de toda sua palidez. Os lábios estavam vermelhos como sempre. Não havia, porém, qualquer sinal de movimento — pulso, respiração ou o bater do coração. Curvei-me sobre ele, tentando encontrar sinais de vida, mas em vão. Ele não devia estar ali há muito tempo, pois o cheiro da terra teria se dissipado em algumas horas. Ao lado da caixa estava a tampa, cheia de buracos aqui e ali. Achei que ele devia guardar as chaves consigo, mas quando fui procurá-las vi os olhos mortos, e neles havia, embora estivessem mortos e inconscientes da minha presença, um olhar de ódio tal que fugi dali, e, saindo dos aposentos do conde pela janela, arrastei-me novamente pela parede do castelo. De volta ao meu quarto, joguei-me sobre a cama, ofegante, e tentei refletir...

29 de junho — Minha última carta está datada de hoje, e o conde tomou medidas para que parecesse genuína, pois mais uma vez o vi saindo do castelo pela mesma janela, vestido com minhas roupas. Enquanto ele descia pela parede como um lagarto, desejei ter um revólver ou alguma arma letal para poder destruí-lo, mas acho que nenhuma arma comum disparada por um homem chegaria a feri-lo. Não ousava esperar pelo seu retorno, pois temia encontrar aquelas estranhas irmãs. Voltei para a biblioteca, onde fiquei lendo até adormecer.

Despertei com a voz do conde, que olhava para mim de um modo por demais assustador e dizia:

— Amanhã, meu amigo, iremos nos despedir. O senhor regressa à sua bela Inglaterra e eu parto num empreendimento que pode ter resultados tais que nunca voltemos a nos encontrar. Sua carta para casa foi enviada; amanhã não estarei mais aqui, mas tudo estará pronto para a sua viagem. Pela manhã virão os ciganos, que têm um trabalho a fazer aqui, e também virão os eslovacos. Depois que tiverem partido, minha carruagem o buscará para levá-lo até o passo de Borgo, onde encontrará a diligência vindo de Bucovina rumo a Bistrita. Espero voltar a revê-lo no Castelo Drácula!

Suspeitei da sinceridade de suas palavras e resolvi testá-la. Sinceridade! Parece uma profanação usar essa palavra para me referir a um monstro como aquele, de modo que lhe perguntei, sem rodeios:

— Por que não posso partir esta noite?

— Porque, meu caro senhor, meu cocheiro e meus cavalos estão ausentes, a trabalho.

— Mas eu iria a pé de bom grado. Quero ir embora imediatamente. — Ele sorriu um sorriso tão delicado, sereno e diabólico que eu soube que havia algum ardil sob aquela afabilidade. Perguntou-me:

— E a sua bagagem?

— Não me importo. Posso mandar buscá-la mais tarde.

O conde se pôs de pé e disse, com uma cortesia e uma gentileza que me fizeram esfregar os olhos, pois pareciam de fato reais:

— Seu idioma tem uma expressão de que gosto muito, pois é esse o espírito de nossos boiares: “Que sejam bem-vindos os que chegam; que possam seguir sem demora os que partem.” Venha comigo, meu caro e jovem amigo. O senhor não há de ficar nesta casa um minuto contra sua vontade, apesar de sua partida me entristecer, assim como seu súbito desejo de ir embora. Venha!

Com uma gravidade solene ele se adiantou, o lampião na mão; descemos a escada e atravessamos o vestíbulo. Subitamente, ele se deteve:

— Ouça!

Chegava a nós o uivo de muitos lobos, que pareciam estar bem perto. Foi quase como se o uivo tivesse surgido quando ele ergueu a mão, exatamente como a música tocada por uma grande orquestra parece brotar sob a batuta do maestro. Após um instante de pausa, ele prosseguiu, daquela sua maneira imponente, até a porta. Ele abriu os trincos pesados, desengatou as pesadas correntes e começou a abri-la.

Para minha enorme surpresa, vi que estava destrancada. Olhei ao redor, desconfiado, mas vi que não havia chaves de qualquer espécie.

Quando a porta começou a se abrir, o uivo dos lobos lá fora tornou-se mais intenso e enfurecido; suas mandíbulas vermelhas, os dentes rilhando e suas unhas rombudas apareceram na fresta da porta, contra a qual saltavam. Vi então que me opor ao conde naquele instante seria inútil. Com aliados como aqueles sob seu comando, eu nada podia fazer. A porta continuou a abrir-se devagar, porém, e somente o corpo do conde ficava na abertura. Subitamente ocorreu-me que aquela talvez fosse a hora e a forma do meu fim: seria dado aos lobos, e por meu próprio incentivo. Havia uma perversidade diabólica naquela ideia que era bem característica do conde, e, numa última tentativa, gritei:

— Feche a porta; vou esperar até amanhã! — E cobri meu rosto com as mãos a fim de esconder minhas lágrimas de amargo desapontamento.

Com um gesto de seu braço forte, o conde fechou a porta, e o ruído dos pesados ferrolhos se fechando ecoou pelo vestíbulo.

Regressamos em silêncio à biblioteca, e depois de um ou dois minutos fui para os meus aposentos. A última vez que vi o conde foi quando ele beijou a própria mão diante de mim, em sinal de afeto, mas com um brilho vermelho de triunfo nos olhos e com um sorriso do qual Judas, no inferno, ficaria orgulhoso.

Quando estava no meu quarto e prestes a me deitar, pensei ter ouvido um murmúrio junto à porta. Aproximei-me, em silêncio, e pus-me a escutar. Se meus ouvidos não me enganaram, era a voz do conde:

— Vão embora, vão embora para o seu lugar! Sua hora ainda não chegou. Esperem! Tenham paciência! Esta noite é minha. Amanhã, a noite é de vocês!

Houve uma risada baixa e zombeteira; furioso, abri a porta de um golpe e vi as três mulheres perversas lambendo os lábios. Quando apareci, as três se uniram numa gargalhada horrível e fugiram.

Voltei para o quarto e caí de joelhos. O fim está tão próximo, então? Amanhã! Amanhã! Deus, ajude-me, e ajude aqueles que me querem bem!

30 de junho — Estas talvez venham a ser as últimas palavras que escrevo neste diário. Dormi até perto da alvorada e, ao acordar, caí de joelhos, pois decidi que, se a Morte chegasse, devia me encontrar pronto.

Afinal senti uma súbita mudança no ar e soube que a manhã havia chegado. Ouvi o bem-vindo canto do galo, e senti que estava a salvo. Com alegria no coração, abri minha porta e corri até o vestíbulo. Vi que a porta estava destrancada, e agora a possibilidade de fuga estava diante de mim. Com mãos trêmulas de ansiedade, desatei as correntes e afastei os sólidos ferrolhos.

A porta, contudo, não se mexia. O desespero se apoderou de mim. Puxei a porta e golpeei-a até que, mesmo maciça, chacoalhou na própria

moldura. Eu podia ver que o trinco tinha sido fechado, e isso acontecera depois que eu deixara o conde.

Então, fui tomado por um desejo de obter a qualquer custo a chave, e decidi que iria escalar novamente a parede externa do castelo até os aposentos do conde. Ele talvez me matasse, mas a morte me parecia agora a melhor escolha entre os males que me aguardavam. Imediatamente corri até a janela da face oriental e arrastei-me pelo muro, como fizera antes, até o quarto do conde. Estava vazio, mas isso já era esperado. Não havia chave alguma à vista, mas a pilha de ouro ainda estava lá. Entrei pela porta lateral e desci a escada em caracol, seguindo pelo corredor escuro até a antiga capela. Agora sabia muito bem onde encontrar o monstro que procurava.

O grande caixote estava no mesmo lugar, perto da parede, mas dessa vez a tampa havia sido colocada. Não estava presa, mas os pregos já estavam no lugar certo para serem martelados. Eu sabia que tinha que procurar a chave no corpo do conde, de modo que levantei a tampa, deixando-a apoiada na parede. Vi, então, algo que me aterrorizou a alma. Lá estava o conde, mas era como se sua juventude tivesse sido em parte recobrada, pois o cabelo e o bigode brancos haviam se tornado de um cinza-chumbo-escuro. As maçãs do rosto estavam mais cheias e a pele pálida parecia cor de rubi por baixo; a boca estava mais vermelha do que nunca, pois havia nos lábios gotas de sangue fresco, que escorriam pelos cantos da boca sobre o queixo e o pescoço. Até mesmo os olhos fundos e inflamados pareciam encaixar-se numa pele intumescida, pois as pálpebras e a pele logo abaixo dos olhos estavam inchadas. Era como se aquela hedionda criatura estivesse empanturrada de sangue. Estava deitado ali, como uma repulsiva sanguessuga, saciado e exausto. Estremeci ao me inclinar para tocá-lo, e o contato repugnava todos os meus sentidos, mas eu tinha que procurar a chave ou estaria perdido. Na noite seguinte talvez fosse ver meu próprio corpo como um banquete semelhante àquelas três mulheres medonhas. Procurei em todo o corpo, e não encontrei nem sinal da chave. Então, detive-me e fitei o conde. Havia naquele rosto inchado um sorriso de troça que parecia me enlouquecer. Aquele era o ser que eu estava ajudando a ir até Londres, onde talvez por séculos a fio ele fosse saciar sua sede de sangue entre seus muitos habitantes, criando um novo e crescente círculo de demônios para lutar contra os indefesos. O mero pensamento deixou-me enlouquecido. Apossou-se de mim um desejo terrível de livrar o mundo de um monstro como aquele. Não havia armas letais à mão, mas apanhei uma

pá que os trabalhadores haviam usado para encher os caixotes e, erguendo-a bem alto, com a extremidade voltada para baixo, golpeei a odiosa face. Quando fiz isso, porém, a cabeça se virou, e os olhos fitaram-me em cheio, com todo o seu terrível brilho de basilisco. A visão pareceu paralisar-me. A pá vacilou em minha mão e desviou-se do rosto do conde, produzindo não mais do que um corte profundo na testa. A pá caiu-me das mãos sobre o caixote, e, quando fui apanhá-la, a borda esbarrou na tampa, que caiu de volta, escondendo de minha vista aquele ser horrendo. A última visão que tive foi aquela face inchada, suja de sangue e na qual se imobilizava um esgar de malícia que nada ficaria a dever aos dos demônios do último círculo do inferno.

Pensei muito sobre o que fazer em seguida, mas meu cérebro parecia estar pegando fogo, e eu aguardava com um sentimento de desespero crescente. Enquanto isso, ouvi, a distância, uma canção cigana entoada por vozes alegres, que se aproximavam, e também o rolar de rodas pesadas e o estalar de chicotes; os ciganos e os eslovacos que o conde mencionara estavam chegando. Lançando um último olhar ao meu redor e para o caixote onde estava aquele corpo abjeto, corri dali e fui até o quarto do conde, decidido a fugir assim que a porta fosse aberta. Fiquei ouvindo atentamente, e percebi que, no andar de baixo, uma chave girava na fechadura enorme e a pesada porta cedia. Devia haver outros meios de entrar ali, ou alguém tinha a chave de uma daquelas portas. Chegou a mim, então, o ruído de muitos pés caminhando pesadamente e sumindo em algum corredor de onde vinha um eco metálico. Virei-me para descer correndo novamente até a cripta, onde talvez encontrasse a nova entrada, mas naquele momento senti uma violenta rajada de vento, e a porta que dava para a escada em caracol fechou com um estrondo que fez voar a poeira que se acumulara em seus lintéis. Quando corri para abri-la, vi que não era mais possível. Novamente eu me tornara um prisioneiro. E o cerco aperta ao meu redor.

Enquanto escrevo, chegam-me do corredor lá embaixo o som de passos fortes e o estrondo de objetos pesados sendo colocados no chão — sem dúvida os caixotes, cheios de terra. Agora há o som de marteladas; é a tampa da caixa que está sendo pregada. Agora posso ouvir os passos pesados novamente, e estão atravessando o vestíbulo, seguidos de vários passos mais leves.

A porta é trancada, e as correntes chacoalham; ouço o rangido da chave na fechadura, e depois ela é retirada dali. Uma outra porta então se abre e fecha; ouço o ruído da tranca e dos ferrolhos.

Eis agora, no pátio, rodas pesadas que rolam ao longo da estrada pedregosa, e chicotes que estalam, e o coro dos ciganos que se perde na distância.

Estou sozinho no castelo com aquelas mulheres terríveis. Argh! Mina é uma mulher, e nada há em comum. São demônios saídos do próprio inferno!

Não vou ficar sozinho com elas. Tentarei escalar o castelo e chegar mais longe do que até o momento tentei. Levarei comigo uma parte deste ouro, pois posso precisar dele mais tarde. Talvez eu encontre uma saída deste lugar terrível.

Então, para casa! Para o trem mais próximo e mais rápido! Para longe deste lugar maldito, desta terra maldita, onde o demônio e sua prole ainda caminham com pés humanos!

Ao menos a piedade divina é maior do que a destes monstros, e o precipício é íngreme e alto. No fundo desse abismo é possível para um homem encontrar o repouso — como homem. Adeus a todos! Adeus, Mina!

Capítulo 5

CARTA DE MISS MINA MURRAY A MISS LUCY WESTENRA

9 de maio.

Minha querida Lucy,

Perdoe-me pela longa demora em lhe escrever, mas tenho tido trabalho demais a fazer. A vida de uma professora assistente é às vezes extenuante. Não vejo a hora de estar com você, e perto do mar, onde poderemos conversar livremente e construir nossos castelos no ar. Tenho trabalhado muito ultimamente, porque não quero ficar atrás dos estudos de Jonathan, e tenho praticado a taquigrafia com assiduidade. Quando eu e Jonathan nos casarmos, poderei ser-lhe útil; se conseguir taquigrafar suficientemente bem, serei capaz de registrar o que ele quiser dizer e depois datilografar tudo — também tenho treinado bastante a datilografia. Eu e ele às vezes trocamos cartas taquigrafadas, e ele tem mantido um diário taquigrafado de suas viagens fora do país. Quando eu estiver com você, farei o mesmo. Não me refiro a um daqueles diários de duas-páginas-por-semana-e-o-domingo-espremido-num-canto, mas um no qual eu possa escrever sempre que desejar. Não creio que haja muito interesse para outras pessoas, mas não é para elas que vou escrevê-lo. Talvez possa mostrá-lo a Jonathan algum dia, se houver nele algo que valha a pena dividir, mas na verdade será como um caderno de exercícios. Tentarei imitar as jornalistas, que fazem entrevistas, anotam descrições e tentam se lembrar de conversas. Dizem-me que, com um pouco de prática, é possível nos lembrarmos de tudo o que aconteceu ou tudo o que ouvimos durante o dia. Veremos. Vou lhe contar os meus modestos planos quando nos encontrarmos. Só recebi umas poucas linhas apressadas de Jonathan, da Transilvânia. Ele está bem e voltará dentro de cerca de uma semana. Estou ansiosa para que ele me conte as novidades. Deve ser tão bom conhecer outros países! Pergunto-me se nós dois, Jonathan e eu, algum dia chegaremos a visitá-los juntos. O relógio bate dez horas. Adeus.

Afetuosamente,
MINA

P.S. — Conte-me todas as novidades quando me escrever. Faz muito tempo que você não me manda notícias. Ouvi boatos, sobretudo a respeito de um homem alto, bonito, de cabelos encaracolados...

CARTA DE LUCY WESTENRA A MINA MURRAY

17, Chatham Street,
quarta-feira.

Minha querida Mina,

Devo dizer que é *muito* injusto de sua parte acusar-me de ser má correspondente. Escrevi-lhe *duas vezes* desde a última vez que nos vimos, e a sua última carta foi só a *segunda*. Além disso, não tenho novidades para lhe contar. Realmente não há nada que possa interessá-la. A cidade está muito agradável no momento; fazemos muitas visitas a galerias de arte e caminhamos e cavalgamos no parque. Sobre o homem alto, de cabelos encaracolados, creio que era meu acompanhante no último concerto. Alguém certamente andou inventando histórias. Trata-se de Mr. Holmwood.

Vem nos visitar com frequência, e ele e mamãe se dão muito bem; têm muitas coisas em comum sobre as quais conversar. Conhecemos há algum tempo um homem que seria perfeito *para você*, se já não estivesse noiva de Jonathan. É um ótimo partido, bonito, rico e bem-nascido. É médico, e muito inteligente. Imagine! Tem só 29 anos, e sob seus cuidados está um imenso hospício. Mr. Holmwood apresentou-o a mim, e ele veio nos fazer uma visita; agora vem com frequência. Acho que é um dos homens mais decididos que já conheci, e ao mesmo tempo o mais calmo. Parece absolutamente imperturbável. Posso imaginar o poder incrível que ele deve ter sobre seus pacientes. Tem o hábito curioso de olhar para as pessoas no rosto, diretamente, como se tentasse ler seus pensamentos. Faz isso frequentemente comigo, mas eu me gabo dizendo que sou um osso duro de roer. Sei disso graças ao meu espelho. Você já tentou ler seu próprio rosto? Eu já, e digo-lhe que não é pura perda de tempo; dá mais trabalho do que imaginamos quando ainda não tentamos. Esse cavalheiro me diz que lhe proporciono um curioso estudo psicológico, e eu humildemente concordo. Como você bem sabe, não me interesso tanto por moda a ponto de poder descrever as novas tendências. A moda é chata. Estou falando gíria outra vez, mas não faz mal, Arthur diz isso todo dia. Pronto, deixei escapar. Mina, nós dividimos nossos segredos desde crianças; dormimos e comemos e rimos e choramos juntas. Agora, embora eu já tenha falado, quero falar um pouco mais. Ah, Mina, será que você ainda não adivinhou? Eu o amo. Enrubesço ao escrevê-lo, pois embora eu *ache* que ele me ama, ele ainda não me confessou com todas as letras. Mas, ah, Mina, eu o amo, eu o amo, eu o amo! Olhe só, me faz bem dizê-lo. Gostaria de estar perto de você, minha querida, sentada junto à lareira, com roupas informais, como costumávamos fazer. Tentaria, então, dizer-lhe o que sinto. Não sei como estou escrevendo tudo isso, nem mesmo para você. Tenho medo de parar, pois rasgaria esta carta, e não gostaria de parar, pois *quero* contar-lhe tudo. Mande-me notícias *imediatamente*, e diga-me tudo o que pensa a respeito. Mina, tenho que terminar. Boa noite. Lembre-se de mim em suas orações, e reze pela minha felicidade.

LUCY

P.S. — Não preciso lhe dizer que isto é segredo. Boa noite outra vez.

L.

CARTA DE LUCY WESTENRA A MINA MURRAY

24 de maio.

Minha querida Mina,

Mil vezes obrigada pela sua carta adorável. Foi tão bom receber notícias suas e contar com a sua compreensão.

Minha querida, os velhos provérbios são muito sábios: não há uma sem duas nem duas sem três. Aqui estou eu, que vou fazer vinte anos em setembro e nunca fora pedida de verdade em casamento até então; pois eis que hoje fui pedida três vezes! Imagine só! TRÊS pedidos num só dia! Não é terrível? Sinto muito de verdade por dois dos pobres sujeitos. Ah, Mina, estou tão feliz que nem sei o que fazer. E três pedidos de casamento! Mas pelo amor de Deus, não conte isso a nenhuma das garotas, do contrário elas vão ficar tendo mil e um pensamentos extravagantes e se imaginando injustiçadas e menosprezadas se no primeiro dia delas em casa não

receberem pelo menos seis. Certas garotas são tão vaidosas! Você e eu, querida Mina, que estamos noivas e vamos tomar juízo muito em breve, tornando-nos sensatas senhoras casadas, podemos desprezar a vaidade. Bem, preciso contar-lhe sobre todos os três pedidos, mas você terá que manter segredo, minha cara — não poderá contar a ninguém, exceto, é claro, a Jonathan. Pode contar a ele porque eu, em seu lugar, certamente contaria a Arthur. Uma mulher deve dizer tudo a seu marido — você não acha, querida? — e tenho que ser justa. Os homens gostam que as mulheres, e com certeza suas esposas, sejam honestas e corretas como eles, embora elas nem sempre o sejam tanto quanto deveriam. Bem, minha querida, o Número Um veio pouco antes do almoço. Eu lhe falei dele, dr. John Seward, o diretor do hospício, com o queixo forte e a fronte bonita. Ele dava a impressão de estar bastante calmo, mas estava mesmo era nervoso. Sem dúvida andara treinando o que fazer e dizer naquele momento, e lembrava-se de tudo, mas quase conseguiu sentar-se sobre o chapéu de seda — algo que os homens em geral não fazem quando estão tranquilos — e, quando quis parecer à vontade, ficou brincando com um bisturi de um jeito que quase me fez gritar. Falou-me de maneira bastante direta, Mina. Disse-me quanto eu lhe era cara, embora ele me conhecesse tão pouco, e como seria sua vida se eu estivesse junto para ajudá-lo e alegrá-lo. Estava prestes a dizer quão infeliz ficaria se eu não gostasse dele, mas quando me viu chorar disse que era um desajeitado e que não iria aumentar o meu presente sofrimento. Então, interrompeu-se e perguntou-me se com o tempo eu poderia vir a amá-lo. Quando fiz que não com a cabeça, suas mãos tremeram, e, com alguma hesitação, ele me perguntou se eu já gostava de outro. Fez a pergunta de forma bastante gentil, dizendo que não queria arrancar-me confidências, mas apenas sabê-lo, pois se o coração de uma mulher estiver livre ainda há esperanças para um homem. Então, Mina, senti que era de certa forma meu dever dizer-lhe que havia alguém. Foi tudo o que lhe disse, e ele se pôs de pé, parecendo muito forte e muito grave ao pegar minhas mãos entre as suas e dizer que esperava que eu fosse feliz, e que, se algum dia precisasse de um amigo, poderia contar com ele. Ah, minha querida Mina, não posso evitar as lágrimas, e você vai ter que me perdoar por esta carta estar toda borrada. Ser pedida em casamento é muito bom e tudo o mais, mas não é nada agradável ver um pobre sujeito que você sabe amá-la sinceramente indo embora com o coração partido e saber que, independente do que ele possa dizer naquele momento, você está de fato

saindo de sua vida. Minha querida, devo parar por aqui, por ora. Sinto-me tão infeliz, ainda que ao mesmo tempo esteja exultante!

À noite.

Arthur acabou de ir embora, e estou num estado de espírito melhor do que quando interrompi a carta, de modo que posso prosseguir relatando-lhe como foi este dia. Bem, minha cara, o Número Dois chegou após o almoço. É um homem tão gentil, um americano do Texas, e é tão jovem que parece quase impossível que tenha estado em tantos lugares e vivido tantas aventuras. Compadeço-me da pobre Desdêmona, em cujos ouvidos um fluxo perigoso foi despejado, ainda que por um negro. Suponho que nós, mulheres, sejamos tão covardes a ponto de achar que um homem há de nos livrar de nossos medos, e nos casamos com ele. Agora já sei o que faria se fosse homem e quisesse conquistar uma garota. Não, não sei, pois Mr. Morris contava-nos muitas histórias, e Arthur nunca contou uma única, e no entanto... ah, mas estou me adiantando. Mr. Quincey P. Morris encontrou-me sozinha. Parece-me que os homens sempre encontram as moças sozinhas. Não, na verdade não é assim, pois Arthur tentou duas vezes *criar* uma situação dessas, com minha ajuda, ainda por cima; agora não me envergonho em dizê-lo. Preciso contar-lhe a princípio que Mr. Morris não fala gíria sempre — quer dizer, nunca fala diante de estranhos, ou antes deles, pois é muito educado e tem modos refinadíssimos —, mas descobriu que eu me divertia ouvindo-o falar gíria americana, e, sempre que eu estava presente, desde que não houvesse alguém que pudesse ficar chocado, dizia coisas muito engraçadas. Temo, minha querida, que ele inventasse tudo, pois era tão adequado ao que estava dizendo. Mas esta é uma das características da gíria. Não sei se eu própria virei algum dia a falar gíria, pois não sei se Arthur gosta, já que até o momento não ouvi uma única sair-

lhe dos lábios. Bem, Mr. Morris sentou-se ao meu lado e parecia tão feliz e satisfeito quanto possível, mas eu podia ver que também estava nervoso. Tomou minha mão e disse, de maneira tão delicada:

— Miss Lucy, sei que não sou digno nem de ajudá-la a calçar os sapatos, mas acho que se a senhorita esperar até encontrar algum que seja, vai ser uma longa espera. Será que não quer ficar do meu lado e seguir comigo pela estrada, dividindo tudo, como se fôssemos dois cavalos atrelados numa mesma carroça?

Bem, ele me parecia tão bem-humorado e tão alegre que não tive nem a metade da dificuldade em recusá-lo comparada à que tive com o pobre dr. Seward. Disse-lhe, da forma mais gentil que pude, que não entendia nada de carroças e que ainda não tinha sido domada. Ele disse, então, que falara de forma um tanto leviana, e que esperava, caso tivesse cometido um erro desses num momento tão sério e importante de sua vida, que eu o perdoasse. Na verdade, ele parecia mesmo sério ao dizê-lo, e eu não pude evitar sentir-me um pouco séria também — sei, Mina, que você há de me achar uma coquete —, embora sentisse uma espécie de exultação com o fato de tratar-se do Número Dois, no mesmo dia. Então, minha querida, antes que eu pudesse dizer uma única palavra, ele começou a despejar uma verdadeira torrente de palavras apaixonadas, colocando seu coração e sua alma aos meus pés. Parecia tão sincero que nunca mais hei de achar que um homem deve estar sempre brincando, e nunca falando sério, só porque ele às vezes é divertido. Suponho que ele tenha visto em meu rosto algo que o refreou, pois interrompeu-se subitamente e disse, com uma espécie de fervor masculino pelo qual eu poderia tê-lo amado, se meu coração estivesse livre:

— Lucy, a senhorita é uma moça honesta, sei disso. Não estaria aqui lhe falando como estou agora se não achasse que é honesta e verdadeira nos mais secretos recantos de sua alma. Diga-me, como um bom amigo diria ao outro: você gosta de alguém? Se for esse o caso, nunca mais vou aborrecê-la, mas serei, se a senhorita quiser, um bom amigo.

Minha querida Mina, por que os homens são tão nobres quando nós, mulheres, somos tão pouco dignas deles? Eis-me quase fazendo troça desse cavalheiro honesto e de bom coração. Irrompo em lágrimas — temo, minha cara, que você há de achar que estou me derramando nesta carta, literal e figurativamente — e sinto-me de fato bastante mal. Por que não permitem que uma moça se case com três homens, ou com quantos quiser, e evite

todo esse tumulto? Mas isso é heresia, não devo pensar nessa hipótese. Fico feliz em poder dizer que, mesmo chorando, consegui olhar nos olhos de Mr. Morris e confessar-lhe, sem rodeios:

— Sim, de fato amo alguém, embora ele ainda não me tenha dito se também me ama.

Fiz a coisa certa ao falar-lhe com franqueza, pois seu rosto se iluminou. Ele estendeu as mãos e segurou as minhas (acho que fui eu quem *colocou* as mãos entre as dele), dizendo, animado:

— Essa é a minha garota corajosa. É melhor chegar atrasado e perder a chance de conquistá-la do que chegar a tempo para conquistar qualquer outra moça no mundo. Não chore, minha querida. Se for por mim, sou um osso duro de roer, e aceito esse golpe sem vacilar. Se esse outro sujeito não tiver consciência da própria felicidade, bem, é melhor ele abrir os olhos, ou terá que se ver comigo. Mocinha, sua honestidade e coragem fizeram de mim um amigo, e isso é mais raro do que um amante; de qualquer modo é uma posição menos egoísta. Minha cara, tenho pela frente uma estrada bem solitária entre este reino e o dos Céus. Será que não mereço um beijo? Será algo para iluminar a escuridão, de vez em quando. Não é proibido, a senhorita sabe, se quiser, pois aquele outro sujeito, que deve ser uma ótima pessoa, caso contrário não conquistaria o seu amor, ainda não se pronunciou.

Essas palavras me cativaram, Mina, pois sua atitude era tão corajosa e tão delicada, e nobre, também, com relação ao rival — não era? —, e ele estava tão triste. Então, inclinei-me e beijei-o. Ele se pôs de pé, segurando minhas mãos entre as suas, enquanto olhava para mim — temo que eu estivesse um bocado ruborizada — e dizia:

— Mocinha, seguro suas mãos, e a senhorita me beijou, e se isso não nos tornar amigos, nada mais poderá fazê-lo. Obrigado por sua delicada honestidade para comigo, e adeus!

Ele apertou minhas mãos e, apanhando o chapéu, saiu da sala sem olhar para trás, sem uma lágrima ou um estremecimento ou uma pausa; e eis-me aqui chorando como um bebê. Ah, por que um homem como aquele precisa sentir-se infeliz quando há por aí um monte de garotas que iriam idolatrar o próprio chão em que ele pisa? Eu seria uma delas, se estivesse livre, mas não quero estar livre. Minha querida, isso me incomoda bastante, e sinto que não posso lhe escrever imediatamente falando de assuntos

felizes, após ter lhe contado este episódio. Não quero lhe falar sobre o Número Três até que esteja de todo feliz.

Afetuosamente,
LUCY

P.S. — Ah, sobre o Número Três... não preciso lhe falar dele, preciso? Além do mais, foi tudo tão confuso; não pareceu ter se passado mais de um minuto do momento em que ele entrou na sala até o momento em que seus braços me envolviam e ele me beijava. Estou muito, muito feliz, e não sei o que fiz para merecê-lo. Preciso mostrar a Deus, no futuro, minha gratidão por toda essa bondade — por ter me enviado um amante, um marido e um amigo como esse,

Adeus.

DIÁRIO DO DR. SEWARD *(GRAVADO EM FONÓGRAFO)*

25 de maio — Pouco apetite, hoje. Não consigo comer, não consigo dormir, então vou me ocupar do diário. Desde a recusa que recebi ontem, estou me sentindo como que vazio; nada no mundo parece importante o suficiente, nada parece valer a pena... Como sabia que o único remédio para esse tipo de coisa é o trabalho, desci para ver os pacientes. Escolhi um que tem sido um interessante objeto de estudo. Ele é tão singular que estou decidido a compreendê-lo o melhor que puder. Creio que hoje cheguei mais perto de desvendar esse mistério do que em qualquer outro momento até então.

Interroguei-o mais detalhadamente do que das outras vezes, com a intenção de conhecer os motivos de suas alucinações. Em minha forma de agir havia, agora me dou conta, uma certa crueldade. Eu parecia querer levá-lo à beira de uma crise — algo que evito fazer com os pacientes como evitaria o próprio inferno.

(*Nota:* sob que circunstâncias eu *não* evitaria o inferno?) *Omnia Romæ venalia sunt*. O inferno tem seu preço! *Verbum sapiente sap est*. Se houver algo por trás desse instinto, será valioso traçá-lo mais tarde *acuradamente*, de modo que é melhor, portanto, começar a fazê-lo...

R.M. Renfield, 59 anos — Temperamento otimista; grande força física; obsessão mórbida; períodos de depressão, resultando em alguma ideia fixa que não consigo descobrir. Presumo que o temperamento exaltado em si e a influência perturbadora resultem num todo mentalmente coerente; um homem possivelmente perigoso, provavelmente perigoso, se for abnegado. Em homens egoístas, a precaução é uma arma tão segura para seus inimigos quanto para eles próprios. Minhas impressões no momento são de que quando o *eu* é o ponto fixo, a força centrípeta é contrabalançada com a centrífuga; quando os deveres, uma causa etc. são o ponto fixo, a força centrífuga assume a preponderância, e só um acidente ou uma série de acidentes a pode regular.

CARTA DE QUINCEY P. MORRIS AO HONORÁVEL ARTHUR HOLMWOOD

25 de maio.

Meu caro Art,

Contamos lorotas junto à fogueira do acampamento nas pradarias, e um tratou das feridas do outro depois de tentar pousar nas Marquesas. Também brindamos nas margens do Titicaca. Temos mais lorotas a contar, e outras feridas a tratar, e mais um brinde a fazer. Será que não podemos fazê-lo junto à fogueira do meu acampamento, amanhã à noite? Não hesito em convidá-lo, pois sei que uma certa dama tem compromisso (um jantar) e que você está livre. Seremos somente nós e mais o nosso velho amigo do Korea, Jack Seward. Ele também virá, e nós dois pretendemos misturar as nossas lágrimas sobre as taças de vinho e beber à saúde do homem mais feliz sobre a face da Terra, que conquistou o mais valioso e o mais nobre coração criado por Deus. Prometemos a você calorosas boas-vindas, e afetuosas saudações, e um brinde sincero. Juraremos deixá-lo em casa se você beber demais. Venha!

Meu afeto, sempre,
QUINCEY P. MORRIS

TELEGRAMA DE ARTHUR HOLMWOOD A QUINCEY P. MORRIS

26 de maio — Conte sempre comigo. Levo recados que farão suas orelhas arderem.

Capítulo 6

DIÁRIO DE MINA MURRAY

24 de julho. *Whitby* — Lucy encontrou-me na estação, mais gentil e bonita do que nunca, e fomos até a casa em Crescent em que alugam quartos. Este lugar é encantador. O pequeno rio, o Esk, corre através de um vale fundo, que se alarga ao aproximar-se do porto. Um grande viaduto atravessa o vale, com pilares altos, através dos quais a vista de certa forma parece mais longe do que realmente é. O vale é de um verde muito bonito, e tão fundo que, quando estamos no planalto, às vezes nem chegamos a vê-lo, se não nos aproximarmos o bastante para olhar para baixo. As casas da cidade antiga — do outro lado do vale — têm todas elas tetos vermelhos e parecem empilhadas umas sobre as outras de qualquer maneira, como nas imagens que vemos de Nuremberg. Logo acima da cidade, há as ruínas da abadia de Whitby, que foi saqueada pelos dinamarqueses e que é o cenário de parte de "Marmion", onde a garota foi emparedada. São belíssimas ruínas, de dimensões imensas e cheias de detalhes bonitos e românticos; diz a lenda que uma dama de branco pode ser vista numa das janelas. Entre as ruínas e a cidade há uma outra igreja, a paroquial, em torno da qual há um grande cemitério, todo ocupado pelas lápides. Na minha opinião, é o lugar mais bonito de Whitby, pois fica logo acima da cidade e proporciona uma vista integral do porto e da baía onde o cabo chamado Kettleness se estende até o mar. A descida até o porto é tão íngreme que parte da encosta desmoronou, e alguns dos túmulos foram destruídos. Num certo local, parte da alvenaria dos túmulos estende-se sobre o caminho arenoso lá embaixo. No adro há alamedas, com bancos aqui e ali. As pessoas sentam-se lá o dia inteiro para apreciar a bonita vista e a brisa. Eu virei sentar-me aqui com bastante frequência, para trabalhar. De fato, escrevo agora com o caderno sobre os joelhos, e ouço a conversa de três velhos sentados ao meu lado. Parece que eles não fazem outra coisa o dia inteiro além de sentar-se aqui e conversar.

Lá embaixo está o porto. Numa extremidade, ergue-se um comprido muro de granito que se estende até o mar; no fim, faz uma curva na direção do mar aberto, e ali há um farol. Um maciço quebra-mar ergue-se do lado de fora. Na extremidade do porto mais próxima da terra firme, o quebra-

mar faz um ângulo que é como um cotovelo com a ponta voltada para dentro, e também há um farol no fim. Entre os dois quebra-mares há uma abertura estreita que conduz ao porto e que se torna subitamente ampla.

É bonito na maré alta, mas, durante a vazante, a água quase se esvai por completo, restando apenas o curso do rio Esk entre bancos de areia, com pedras aqui e ali. Do lado de fora do porto, nesta extremidade, há um grande recife com quase um quilômetro de extensão, cuja borda pontiaguda estende-se por trás do farol que fica ao sul. Na ponta do recife há uma boia com um sino, que repica quando o tempo está ruim e propaga seu queixume através do vento. Diz a lenda local que quando um navio está perdido ouvem-se sinos repicando em alto-mar. Preciso perguntar isso ao velho, ele vem nesta direção...

É um velho engraçado. Deve ter uma idade bastante avançada, pois seu rosto está todo retorcido e cheio de nós como se fosse a casca de uma árvore. Ele me diz que tem quase cem anos e que era marinheiro da frota pesqueira da Groenlândia quando da batalha de Waterloo. Temo que seja um homem muito cético, pois quando lhe perguntei sobre os sinos no mar e sobre a dama de branco na abadia ele disse, bruscamente:

— Eu não perderia meu tempo com isso, senhorita. Essas histórias são coisas do passado, mas na minha época muita gente acreditava. São ótimas para gente de fora, viajantes, mas não para uma moça como a senhorita. Essa gente que vem a pé de Londres e York, e que fica o tempo todo comendo arenque defumado e bebendo chá e procurando âmbar negro barato para comprar também acredita. Eu me pergunto quem será que perde tempo contando essas mentiras a eles. Bem pode ser o jornal, que só publica conversa fiada.

Achei que aquele homem teria muitas coisas interessantes a contar, então lhe perguntei se poderia me falar a respeito da pesca de baleia, em tempos idos. Ele estava prestes a começar quando o relógio bateu as seis horas; então, com esforço, ele se pôs de pé e me disse:

— Tenho que ir para casa agora, senhorita. Minha neta não gosta de ficar esperando quando o chá está pronto, porque eu demoro muito para descer essa escadaria toda. E, senhorita, o meu estômago não conhece horários.

Ele se afastou, coxeando, e pude ver que descia os degraus o mais rápido possível. A escadaria é um dos pontos turísticos deste lugar. Vai da cidade até a igreja, e são centenas de degraus — não sei exatamente quantos

— que sobem, sinuosos, numa curva delicada. A escadaria não é nada íngreme, e até mesmo um cavalo poderia facilmente subir e descer por ali. Acho que originalmente tinha algo a ver com a abadia. Também vou para casa. Lucy saiu com a mãe para fazer visitas, e, como eram compromissos sem maiores interesses, não fui com elas. A essa altura, já devem ter voltado.

1º de agosto — Voltei a este mesmo lugar há uma hora, com Lucy, e tivemos uma conversa interessantíssima com meu amigo, o velho, mais os dois outros que sempre vêm se reunir a ele. O primeiro tem evidentemente uma grande ascendência sobre os outros dois, e creio que em sua época devia ter uma personalidade quase ditatorial. Não admite coisa alguma e olha para quem quer que seja com o nariz empinado. Se não consegue vencê-los pela argumentação, intimida-os e depois presume que seu silêncio signifique concordância com seu ponto de vista. Lucy estava linda em seu vestido branco de algodão; ganhou um belo bronzeado desde que veio para cá. Notei que os velhos não perderam tempo em vir se sentar perto dela quando chegamos. Lucy é muito delicada com os idosos; acho que os três se apaixonaram por ela no ato. Até meu amigo sucumbiu e não a contradisse, mas em compensação contradisse a mim em dobro.

Voltei ao assunto das lendas, e ele imediatamente deu início a uma espécie de sermão. Preciso tentar lembrá-lo e anotá-lo aqui:

— Tudo isso é um monte de bobagens, é o que é, e nada mais do que isso. Todos esses bichos-papões e fantasmas e o resto só servem para fazer criancinhas e mulheres medrosas gritarem de medo. Não há nenhuma verdade nisso. Essas crenças foram inventadas por gente mal-intencionada para meter medo nos outros e obrigá-los a fazer coisas que não querem. Fico furioso quando penso nisso. São esses sujeitos que não ficam contentes em escrever mentiras nos jornais e pregar mentiras no púlpito, e querem também gravar as mentiras nas lápides. Olhe ao seu redor, para onde quiser: todas essas pedras, que mantêm suas cabeças erguidas da melhor forma possível, por causa de seu orgulho, estão tontas, estão desabando devido ao peso das mentiras que estão inscritas nelas. Em todas elas podemos ler

“Aqui jaz o corpo” ou “Consagrado à memória de”, e na verdade na metade delas não há corpo nenhum. Além disso, a memória deles não tem o menor valor, muito menos pode meter medo. São mentiras, nada além de mentiras! Meu Deus, vai valer a pena estar presente no momento em que, no juízo final, eles se erguerem com suas mortalhas, todos juntos, carregando suas lápides para provar como eram bonzinhos. A maioria vai estar de pernas bambas, cambaleantes, e com as mãos tão escorregadias e moles por causa do tempo que ficaram no mar que nem vão conseguir segurar as lápides.

Eu podia ver, pelo ar enfatuado do velho e pela forma como ele olhava ao redor em busca da aprovação dos amigos, que ele estava “se mostrando”, e então disse umas poucas palavras para incentivá-lo a prosseguir:

— Ah, Mr. Swales, o senhor não pode estar falando sério. Com certeza estas lápides não estão de todo erradas!

— Conversa fiada! Pode ser que uma ou outra esteja certa, exceto aquelas que falam bem demais dos defuntos, pois há gente que acha que o lugar onde se depositam os donativos é como o oceano, desde que seja para eles mesmos. Tudo um monte de mentiras. Agora olhe aqui, a senhorita é estrangeira, e está vendo este *kirkgarth* aqui...

Fiz que sim, pois imaginei que era a melhor escolha, embora às vezes não entendesse muito bem seu dialeto. Sabia que tinha algo a ver com a igreja. Ele prosseguiu:

— A senhorita acha que todas essas pedras falam de gente que foi enterrada aqui mesmo, num túmulo bonitinho e confortável?

Tornei a fazer que sim.

— É aí que começam as mentiras. Escute bem, dezenas desses túmulos são túmulos tanto quanto caixas de tabaco Dun numa noite de sexta-feira seriam. E, ah, meu Deus, como poderia ser diferente? Veja aquele ali, o que está mais longe depois do catafalco. Vá até ali e leia.

Obedeci:

— Edward Spencelagh, exímio marinheiro, assassinado pelos piratas na costa de Andres, em abril de 1854, aos trinta anos de idade.

Quando voltei, Mr. Swales prosseguiu:

— Quem foi que trouxe ele de volta, para enterrá-lo aqui, eu me pergunto. Assassinado na costa de Andres! E você ainda acha que o corpo está aí! Olhe, eu poderia dizer o nome de uma dúzia de marinheiros que foram sepultados nos mares da Groenlândia, lá em cima — e apontou na direção do norte — ou então no lugar para onde as correntes os arrastaram.

Talvez haja pedras por aqui. As moças podem, com seus olhos ainda jovens, ler daqui as letrinhas miúdas da mentira. Esse Braithwaite Lowrey... conheci o pai dele, que desapareceu com o *Lively* na costa da Groenlândia na década de 20. Ou Andrew Woodhouse, que afundou nos mesmos mares em 1777; ou John Paxton, que afundou um ano antes no cabo Farewell; ou o velho John Rawlings, cujo avô velejou comigo: ele se afogou no golfo da Finlândia, nos anos 50. Acham que todos esses homens vêm correndo para Whitby quando ouvem soar as trombetas? Tenho minhas dúvidas quanto a isso. Vou lhes dizer, quando chegarem aqui estarão se empurrando uns aos outros e dando encontrões como nas lutas sobre o gelo que havia antigamente, quando ficávamos lutando da manhã à noite, e tentando fazer curativos nas feridas à luz da aurora boreal.

Essa era evidentemente alguma piada local, pois o velho começou a rir, e seus amigos se juntaram a ele com entusiasmo.

— Mas com certeza — disse eu — o senhor não está lá muito correto, pois parte do pressuposto de que toda essa pobre gente, ou seus espíritos, terão que levar suas lápides consigo no dia do juízo final. Acha que isso será mesmo necessário?

— Bem, e para que mais servem as lápides? Responda-me a essa, senhorita!

— Suponho que para agradar aos familiares.

— Suponho que para agradar aos familiares! — ele repetiu, num tom de escárnio. — Como é possível agradar aos familiares quando eles sabem que há mentiras escritas ali, e que todo mundo por aqui sabe que são mentiras?

Ele apontou para uma pedra aos nossos pés que havia sido posta no chão como laje, e sobre a qual ficava o banco, perto da encosta do penhasco.

— Leia as mentiras naquele túmulo ali — disse ele.

As letras estavam de cabeça para baixo para mim; de onde Lucy estava era mais fácil lê-las. Ela se inclinou e leu:

— “Consagrado à memória de George Canon, que morreu, na esperança de uma gloriosa ressurreição, no dia 29 de julho de 1873, de uma queda dos rochedos de Kettleness. Este túmulo foi erguido por sua mãe pesarosa para seu filho adorado. Ele era o filho único de sua mãe, e ela, uma viúva.” Ora, Mr. Swale, não vejo nada de engraçado nisso! — Ela fez seu comentário com ar grave e um tanto quanto severo.

— A senhorita não vê nada de engraçado! Rá! Rá! Mas isso é porque não sabe que essa mãe pesarosa era uma megera que odiava o filho, por ele ser deformado. Era um sujeito esperto e a detestava tanto que acabou se suicidando para impedi-la de receber o dinheiro do seguro que a mãe tinha feito em seu nome. Estourou a própria cabeça, mandando para longe quase o tampo inteiro do crânio com um mosquete velho que usavam para espantar os corvos. Bem, pode ter servido para os corvos, mas acabou trazendo um monte de moscas e larvas! Foi assim que ele bateu as botas. E, até onde podemos pensar na esperança de uma ressurreição gloriosa, ouvi-o dizer várias vezes que esperava ir para o inferno, pois sua mãe era tão piedosa que com certeza iria para o céu, e ele não queria passar a eternidade no mesmo lugar que ela. Então, me diga se esta pedra — e ele cutucou-a com a ponta de sua bengala — não é um bando de mentiras. E Gabriel não vai rir quando Geordie aparecer subindo as escadas com a lápide nas costas, pedindo que seja aceita como prova!

Eu não sabia o que dizer, mas Lucy mudou o rumo da conversa, ao dizer:

— Ah, por que o senhor nos contou tudo isso? Este é o meu banco favorito e não posso trocá-lo por outro; e agora descubro que vou ter que continuar sentada sobre o túmulo de um suicida!

— Isso não vai lhe fazer mal, mocinha bonita, e talvez Geordie fique feliz por ter uma moça tão bonita sentada em seu colo. Não vai fazer mal à senhorita. Veja, eu tenho me sentado aqui durante quase vinte anos, e a mim não fez mal nenhum. Não se preocupe com as pessoas que estão sob seus pés, nem com aqueles que *não* estão! Vai ser de assustar quando vir todas as lápides sendo levadas embora e este lugar ficar deserto como um campo. Está na hora, tenho que ir. Meus respeitos, senhoritas! — e se afastou, coxeando.

Lucy e eu ficamos sentadas ali por mais algum tempo. A paisagem diante de nós era tão bonita que nos demos as mãos, e ela me contou outra vez tudo sobre Arthur e seu casamento próximo. Isso me deixou um pouquinho triste, pois faz um mês completo que não recebo notícias de Jonathan.

Mesmo dia — Voltei a este lugar sozinha, pois estou muito infeliz. Não havia cartas para mim. Espero que Jonathan não esteja enfrentando nenhum tipo de dificuldade. O relógio acaba de bater nove horas. Vejo luzes espalhadas por toda a cidade, às vezes enfileiradas, nos locais onde estão as

estradas, e às vezes isoladas. As luzes margeiam o Esk e desaparecem na curva do vale. À minha esquerda, a vista é bloqueada por uma linha escura — é o telhado da casa antiga perto da abadia. Os carneiros e cordeiros estão balindo nos campos atrás de mim, a distância, e ouço o ruído dos cascos de um burro sobre a estrada pavimentada, lá embaixo. No quebra-mar, a banda está tocando uma valsa estridente num bom andamento, e mais adiante, no cais, o Exército de Salvação está reunido numa das ruas secundárias. Uma banda não ouve a outra, mas daqui posso ouvir e ver ambas. Pergunto-me onde estará Jonathan e se estará pensando em mim! Gostaria que ele estivesse aqui.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

5 de junho — O caso Renfield se torna mais interessante à medida que começo a compreender melhor o paciente. Ele possui certas características bastante desenvolvidas — egoísmo, discrição e determinação. Gostaria de descobrir qual o objetivo desta última. Ele parece ter algum projeto pessoal estabelecido, mas o que é eu não sei. A qualidade que compensa as outras é o amor pelos animais, embora esse amor de fato se manifeste em inclinações tão curiosas que às vezes acho que ele é apenas excepcionalmente cruel. Seus animais de estimação são estranhos. No momento, seu passatempo é apanhar moscas. Chegou a juntar uma quantidade tal que eu próprio tive que repreendê-lo. Para minha surpresa,

ele não teve um acesso de fúria, como eu esperava, mas considerou o assunto com seriedade e simplicidade. Refletiu por um momento, e em seguida disse:

— O senhor me dá três dias? Vou me livrar delas.

É claro que eu disse que sim. Preciso observá-lo.

18 de junho — Ele agora voltou suas atenções para as aranhas e juntou vários espécimes bem grandes numa caixa. Alimenta-as com suas moscas, cujo número está diminuindo sensivelmente, embora tenha usado metade da sua própria comida para atrair mais moscas para o quarto.

1º de julho — Suas aranhas, agora, estão se tornando um incômodo tão grande quanto as moscas, e hoje eu lhe disse que teria que se livrar delas. Isso pareceu entristecê-lo bastante, e eu lhe disse que pelo menos reduzisse seu número. Ele aquiesceu alegremente, então, e dei-lhe o mesmo prazo que dera antes, no caso das moscas. Ele me causou uma intensa repugnância enquanto estava em seu quarto, pois quando uma horrível mosca-varejeira entrou ali, inchada após ter provavelmente comido carniça, ele a apanhou, segurou-a exultante durante alguns instantes entre o polegar e o indicador e, antes que eu entendesse o que estava acontecendo, colocou-a na boca e comeu. Ralhei com ele por causa disso, mas ele tranquilamente argumentou que o inseto era muito bom e muito nutritivo; que era vida, vida forte, e dava vida a ele. Com isso, tive uma ideia, ou o rudimento de uma ideia. Preciso observar como ele vai se livrar das aranhas. É óbvio que ele tem algum grande problema na cabeça, pois mantém um pequeno caderno de notas em que está sempre rabiscando qualquer coisa. Há páginas inteiras cheias de números, em geral somas cujos resultados são novamente somados a outros números, como se ele estivesse fazendo alguma conta específica.

8 de julho — Há um certo método em sua loucura, e minha ideia rudimentar está se avolumando. Será uma ideia completa em breve, e então, ah, inconsciente!, você terá que ceder espaço à sua irmã, a consciência. Afastei-me de meu amigo durante alguns dias, a fim de notar alguma possível mudança. Tudo continua igual, exceto pelo fato de que ele se despediu de seus antigos animais de estimação e agora tem outro. Capturou um pardal e já quase conseguiu amansá-lo. Seu método para fazê-lo é simples, pois a quantidade de aranhas já diminuiu. As restantes, porém, são bem alimentadas; ele ainda atrai as moscas com sua própria comida.

19 de julho — Estamos progredindo. Meu amigo tem agora uma verdadeira colônia de pardais, e suas moscas e aranhas já foram quase eliminadas. Quando entrei, ele correu até mim e disse que gostaria de me pedir um grande favor — um favor muito, muito grande. Enquanto falava, ele me fazia festa como se fosse um cachorro. Perguntei-lhe o que era, e ele respondeu, com uma espécie de êxtase na voz e na postura:

— Um gatinho, um gatinho bonito, macio e brincalhão, um gatinho com que eu possa brincar, que possa ensinar e alimentar. E alimentar! E alimentar!

O pedido não me apanhou de surpresa, pois notei que seus bichos de estimação aumentavam em tamanho e vivacidade, mas eu não me incomodava que sua família de pardais mansos viesse a ser liquidada como as moscas e as aranhas; disse-lhe, portanto, que veria o que podia fazer, e perguntei-lhe se ele não preferiria ter um gato adulto em vez de um filhote.

— Ah, sim, eu gostaria de ter um gato! Só pedi um filhote pois achei que o senhor iria me negar um gato adulto. Ninguém pode me negar um gatinho, não é mesmo?

Meneei a cabeça, e disse-lhe que, no momento, achava que não seria possível, mas que eu veria o que podia fazer. Um profundo desapontamento estampou-se em seu rosto, e notei-o como sinal de perigo, pois ele me lançou um olhar súbito, oblíquo e furioso, que parecia revelar um desejo de me matar. Esse homem é um maníaco homicida latente. Vou testá-lo com esse seu atual desejo e ver o que resulta daí. Poderei vir a saber mais, então.

22 horas — Visitei-o novamente e o encontrei sentado a um canto, ruminando pensamentos. Quando entrei, ele caiu de joelhos aos meus pés e implorou-me que o deixasse ter um gato; que sua salvação dependia disso. Mantive-me firme, porém, e disse-lhe que não seria possível, com o que ele se afastou sem dizer uma palavra e sentou-se, roendo as unhas, no canto onde eu o encontrara. Virei vê-lo de manhã cedo.

20 de julho — Visitei Renfield bem cedo, antes do turno do assistente. Encontrei-o cantarolando qualquer coisa. Estava espalhando no peitoril da janela o açúcar que guardara e obviamente recomeçava sua caça às moscas; fazia-o alegremente e de bom grado. Procurei pelos passarinhos e, como não os via, perguntei-lhe onde estavam. Sem se voltar, ele respondeu que todos tinham fugido. Havia algumas penas pelo quarto e uma gota de sangue no travesseiro. Eu nada disse, mas saí e pedi ao guarda que me comunicasse se algo de estranho se passasse com Renfield durante o dia.

11 horas — O assistente acaba de vir me dizer que Renfield passou muito mal e vomitou um monte de penas.

— Creio, doutor — disse-me —, que ele comeu os passarinhos, que simplesmente os apanhou e comeu, crus!

23 horas — Esta noite dei uma dose maciça de ópio a Renfield, suficiente para fazê-lo dormir, e peguei seu caderno de anotações para ler. O pensamento que estivera se formando em minha mente agora está completo,

e minha teoria, comprovada. Meu maníaco homicida é de um tipo peculiar. Terei que inventar uma nova classificação para ele; vou chamá-lo de maníaco zoófago, pois o que ele deseja é absorver o maior número de vidas possível, e resolveu fazê-lo de forma cumulativa. Deu várias moscas a uma aranha e várias aranhas a um pássaro, e em seguida queria um gato para comer os pássaros. Quais teriam sido seus passos seguintes? Pergunto-me se não valeria a pena permitir que seguisse adiante, para completar a experiência. Poderia ser feito, se houvesse motivos suficientes. Os homens escarneciam da vivissecção, e no entanto veja os resultados, hoje! Por que não ajudar a ciência a avançar em seu aspecto mais difícil e mais vital — o conhecimento do cérebro? Se eu possuísse o segredo de uma mente como essa — se eu tivesse a chave para as fantasias de um único louco —, poderia desenvolver meu ramo da ciência a um nível comparado ao qual a fisiologia de Burdon-Sanderson e o conhecimento que Ferrier adquiriu do cérebro seriam como nada. Se pelo menos houvesse motivos o suficiente! Não posso pensar muito sobre isso, ou vou me sentir tentado. Uma boa causa pode me fazer mudar de ideia?, pois por acaso não é possível que eu também tenha um cérebro congenitamente excepcional?

Como ele raciocinou bem! Os loucos sempre agem assim, para alcançar seus objetivos. Pergunto-me quantas vidas humanas seriam necessárias, ou se apenas uma bastaria. Ele concluiu os cálculos de forma correta, e hoje começou a fazer outro registro. Quantos de nós começam um novo registro a cada dia de nossas vidas?

Parece que foi ontem o momento em que toda a minha vida terminou com aquela nova esperança e que eu de fato dei início a um novo registro. Assim será até que Deus faça a soma e feche minha conta no livro-razão, vendo se tive lucro ou prejuízo. Ah, Lucy, Lucy, não posso ter raiva de você, assim como não posso ter raiva de meu amigo, cuja felicidade é a mesma que a sua. Tenho que aguardar, sem esperanças, e trabalhar. Trabalhar! Trabalhar!

Se eu ao menos tivesse um propósito tão forte como o de meu pobre amigo louco — um propósito bom e abnegado, pelo qual pudesse trabalhar —, isso de fato me traria a felicidade.

DIÁRIO DE MINA MURRAY

26 de julho — Estou ansiosa, e escrever aqui me acalma. É como sussurrar para o meu íntimo e ouvir ao mesmo tempo o sussurro. E há também algo com relação aos símbolos taquigráficos que os torna diferentes da escrita. Estou infeliz por causa de Lucy e por causa de Jonathan. Não recebo notícias de Jonathan há algum tempo, e estava muito preocupada; mas ontem o caro Mr. Hawkins, sempre tão gentil, enviou-me uma carta dele. Eu escrevera a Mr. Hawkins perguntando-lhe se tivera notícias de meu noivo, e em sua resposta ele me disse que acabara de receber a carta que me enviava. Não é mais do que uma linha escrita no Castelo Drácula, e diz que ele estará em seguida voltando para casa. Esse não é o feitio de Jonathan; não compreendo, e isso me deixa apreensiva. E além disso, Lucy, embora esteja bastante bem, voltou ao seu antigo sonambulismo. Sua mãe me falou a respeito, e decidimos que eu devo trancar a porta de nosso quarto toda noite. Mrs. Westenra acredita que os sonâmbulos sempre andem pelos telhados das casas e pelas beiradas dos precipícios, despertando subitamente e caindo com um grito desesperado que ecoa por toda parte. Coitadinha! É natural que esteja ansiosa com relação a Lucy, e me contou que seu marido, o pai de Lucy, tinha o mesmo hábito: acordava no meio da noite e se vestia para sair, se ninguém o detivesse. Lucy vai se casar no outono e já está fazendo projetos para suas roupas e a decoração de sua casa. Compreendo-a, pois faço o mesmo; a diferença é que Jonathan e eu começaremos nossa vida de modo muito simples e teremos que dar duro para conseguir o dinheiro necessário ao pagamento de nossas contas. Mr. Holmwood — ele é o honorável Arthur Holmwood, filho único de lorde Godalming — virá para Whitby em breve, assim que puder deixar a cidade, pois seu pai não passa muito bem, e acho que minha querida Lucy está contando cada minuto que antecede sua chegada. Quer levá-lo até nosso banco junto ao penhasco, no adro, e mostrar-lhe as belezas de Whitby. Acredito que seja essa espera que a está perturbando; ela ficará bem quando ele chegar.

27 de julho — Nenhuma notícia de Jonathan. Estou ficando bastante apreensiva com relação a ele, embora não saiba por quê. Gostaria que escrevesse, mesmo que uma única linha. Lucy tem sonambulado mais do que nunca, e todas as noites acordo com ela andando pelo quarto. Felizmente, faz tanto calor que ela não corre o risco de se resfriar. A ansiedade, porém, mais o fato de ser acordada toda hora, está começando a me afetar, e eu própria estou ficando nervosa e insone. Graças a Deus, a saúde de Lucy continua boa. Mr. Holmwood foi subitamente chamado a Ring para ver seu pai, que está gravemente enfermo. Lucy está aborrecida com o adiamento de seu encontro, mas isso não lhe afeta a aparência. Ela está um pouquinho mais gorda, e seu rosto continua com aquele adorável tom rosado. Ela perdeu o ar anêmico que tinha antes. Rezo para que continue assim.

3 de agosto — Mais uma semana se passou, e continuo sem notícias de Jonathan — e também Mr. Hawkins, que me escreveu. Ah, espero que ele não esteja doente. Com certeza teria escrito. Olho para sua última carta, que de certo modo não me satisfaz. Não parecem ser suas palavras, mas ainda assim a caligrafia é sua. Quanto a isso não há dúvidas. O sonambulismo de Lucy diminuiu um pouco durante a última semana, mas parece estar profundamente atenta, e de uma forma estranha, que não compreendo. Até mesmo quando dorme parece estar me vigiando. Tenta abrir a porta, e, ao encontrá-la trancada, procura a chave pelo quarto.

6 de agosto — Mais três dias, e nenhuma notícia. Esse suspense está se tornando assustador. Se eu ao menos soubesse para onde escrever ou para onde ir, haveria de me sentir melhor, mas ninguém recebeu notícias de Jonathan desde a última carta. Tenho que rezar a Deus pedindo que me dê paciência. Lucy está mais nervosa do que nunca, mas, de resto, passa bem.

A última noite foi bastante ameaçadora, e os pescadores dizem que uma tempestade se aproxima. Tenho que tentar observá-la e aprender os sinais meteorológicos. O dia hoje está cinzento, e, enquanto escrevo, o sol está escondido por trás de nuvens espessas, altas, acima de Kettleness. Tudo está cinzento — exceto a grama, que é como esmeralda em meio ao resto: rochedos terrosos cinzentos, nuvens cinzentas, tingidas na extremidade pelo brilho do sol, que se estendem sobre o mar cinzento, e as faixas de areia, que são como dedos cinzentos se esticando. O mar se lança sobre os bancos de areia e sobre as praias com um rugido, abafado pela maresia que se aproxima da terra firme. O horizonte se apagou em meio a uma neblina cinzenta. Tudo é tão vasto; as nuvens estão empilhadas como se fossem rochedos gigantescos, e do oceano vem um rugido forte que parece um presságio do juízo final. Há vultos escuros na praia, aqui e ali, às vezes meio ocultos pela neblina, e parecem “homens como árvores caminhando”. Os barcos pesqueiros apressam-se em voltar, subindo e descendo nas ondas do mar enquanto deslizam rapidamente para dentro do porto, o embornal inclinado. Aí vem o velho Mr. Swales. Caminha direto em minha direção, e posso ver, por sua forma de tirar o chapéu, que quer conversar...

Fiquei bastante tocada com a mudança na atitude do pobre velho. Quando se sentou ao meu lado, disse, de forma bastante gentil:

— Queria lhe dizer uma coisa, senhorita.

Pude perceber que ele não se sentia à vontade, de modo que segurei sua mão idosa e enrugada entre as minhas e lhe pedi que falasse abertamente.

Ele então disse, deixando sua mão entre as minhas:

— Minha querida, acho que devo tê-la chocado com todas as coisas perversas que andei dizendo sobre os mortos, e outras do gênero, nas últimas semanas. Não estava falando sério, e quero que a senhorita se lembre disso quando eu me for. Nós, velhos senis, que já temos um pé na sepultura, na verdade não gostamos de pensar na morte e não queremos temê-la. É por isso que eu estava fazendo brincadeiras sobre o assunto: para aliviar um pouquinho meu coração. Mas, e que Deus a abençoe, senhorita, não tenho medo nenhum de morrer. É só que não quero morrer, se puder evitar. Minha hora deve estar chegando, pois estou velho, e viver cem anos é querer demais. Mas estou tão perto disso que a Ceifadeira deve estar afiando sua foice. A senhorita está vendo que não consigo parar de uma vez de falar sobre isso; continuamos comentando aquilo que estamos

acostumados a comentar. Algum dia, muito em breve, o Anjo da Morte vai tocar a trombeta para mim. Mas não fique triste, minha querida! — acrescentou, pois viu que eu chorava. — Se ele chegasse esta noite, eu não iria me recusar a responder ao seu chamado. A vida não é outra coisa que esperar por algo diferente daquilo que estamos fazendo, e a morte é a única coisa com que de fato podemos contar. Mas estou contente, pois está chegando a minha hora, minha querida, e não vai demorar. Pode ser que a morte esteja se aproximando mesmo agora, enquanto conversamos. Pode ser que esteja naquele vento, lá no mar, que vai trazer perdas e causar destruição, e muito sofrimento, e entristecer os corações. Olhe! Olhe! — exclamou, subitamente. — Há alguma coisa nesse vento e no próprio céu que tem som, aspecto, gosto e cheiro de morte. Está no ar, sinto que está chegando. Meu Deus, faça com que eu responda alegremente quando for chamado!

Ele ergueu os braços com devoção e tirou o chapéu. Seus lábios se moviam como se ele estivesse rezando. Após alguns minutos de silêncio, ele se levantou, apertou-me a mão e me deu a bênção, dizendo-me um boa-noite, e saiu coxeando. Tudo isso me afetou muito e me deixou bastante inquieta.

Fiquei feliz quando o oficial da guarda costeira se aproximou, com seu telescópio sob o braço. Parou para falar comigo, como faz sempre, mas ficava o tempo todo olhando para um barco desconhecido.

— Não consigo descobrir que barco é esse — disse ele. — Tudo indica que é russo, mas está se movimentando de forma esquisita. Parece não conseguir decidir o que fazer; parece ver que a tempestade se aproxima, mas não se decide se vai para o norte, no mar aberto, ou se vem para o porto. Veja, outra vez! Está sendo governado de modo muito estranho, parece até que não obedece à mão que está no leme. A cada rajada de vento, muda seu curso. Amanhã, a esta hora, já teremos tido mais notícias desse barco.

Capítulo 7

RECORTES DO *DAILYGRAPH* *(COLADOS NO DIÁRIO DE MINA MURRAY)*

De um correspondente

Whitby, 8 de agosto.

Uma das maiores e mais súbitas tempestades de que se tem registro acaba de ocorrer aqui, com consequências que são a um só tempo estranhas e singulares. O tempo tem estado um tanto abafado, mas não com uma intensidade que não seja esperada no mês de agosto. A tarde de sábado estava bastante agradável, e grupos a passeio saíram ontem para visitar o bosque de Mulgrave, a baía de Robin Hood, Rig Mill, Runswick, Staithes e vários outros lugares interessantes nos arredores de Whitby. Os vapores *Emma* e *Scarborough* faziam excursões pelo litoral, e havia um número incomum de viajantes chegando a Whitby ou partindo. O dia estava particularmente bom até o começo da tarde, quando alguns dos fofoqueiros que frequentam o adro de East Cliff, e que daquele local privilegiado observam toda a extensão visível do mar, chamaram a atenção para o súbito aparecimento de cirros altos no céu, a noroeste. Até então, o vento estivera soprando do sudoeste com pouca intensidade; na linguagem barométrica, poderíamos classificá-lo como “número dois: brisa suave”. O oficial da guarda costeira que fazia seu turno comunicou-o imediatamente, e um dos velhos pescadores, que por mais de meio século tem observado os sinais meteorológicos do alto de East Cliff, previu de maneira enfática a chegada de uma súbita tempestade. O pôr do sol estava tão bonito, tão grandioso em suas nuvens em cores esplêndidas, que havia um grupo considerável reunido no caminho no antigo adro, no rochedo, para apreciar a beleza. Antes que o sol afundasse sob o negro vulto de Kettleness, que se ergue intrépido e oblíquo no céu a ocidente, seu caminho descendente estava marcado por miríades de nuvens de todas as cores — vermelhas, púrpura,

cor-de-rosa, verdes, violeta e todos os tons do ouro; aqui e ali, havia massas não muito extensas, mas aparentemente de um negro absoluto, de formas variadas, e tão bem delineadas como se fossem silhuetas gigantescas. Essa visão não se perdeu na mente dos pintores, e sem dúvida alguns dos esboços do “Prelúdio à grande tempestade” ornarão as paredes da Royal Academy e do Royal Institute no mês de maio próximo. Vários foram os capitães que decidiram naquele local e naquele instante que seus pequenos barcos de pesca ou suas “mulas” — termo que usam para designar uma classe específica de embarcação — ficariam no porto até que a tempestade passasse. O vento cessou por completo depois do ocaso, e à meia-noite havia uma calmaria absoluta, um calor opressivo e aquela intensidade reinante que, quando se aproxima uma tempestade, afeta as pessoas de natureza mais sensível. No mar, havia poucas luzes visíveis, pois mesmo os vapores costeiros, que normalmente navegam tão perto da orla, estavam em mar aberto, longe da costa, e havia poucos barcos pesqueiros à vista. O único barco a vela notável era uma escuna, com todas as velas içadas, que parecia seguir rumo a oeste. A imprudência ou ignorância de seus oficiais foi tema prolífico de comentários enquanto a escuna esteve à vista, e esforços foram feitos para sinalizar-lhe que baixasse as velas, em face do perigo. Antes que a noite caísse, ela foi vista com as velas oscilando a esmo enquanto deslizava tranquilamente pela superfície ondulante do mar, “como um navio indolente sobre um oceano de pintura”.

Pouco antes das dez horas, a quietude do ar tornou-se bastante opressiva, e o silêncio era tão intenso que o balido de uma ovelha no campo ou o latido de um cão na cidade ouvia-se com distinção, e a banda no quebra-mar, com sua animada melodia francesa, estava como que em desacordo com a grandiosa harmonia do silêncio da natureza. Um pouco após a meia-noite, um estranho som fez-se ouvir; vindo do mar, e alto no céu dissipava-se um estrondo oco, estranho e abafado.

Então, sem aviso prévio, a tempestade irrompeu. Com uma rapidez que no momento pareceu incrível, e que mesmo agora, passada a tempestade, é inconcebível, toda a natureza deu a impressão de estar entrando em convulsão. As ondas se erguiam com uma fúria crescente, cada uma ultrapassando em altura a anterior, até que, em poucos minutos, o mar vítreo se transformara num monstro que rugia e que tudo devorava. Ondas com cristas brancas golpeavam sem piedade a areia e escalavam os rochedos; outras arrebentavam sobre os quebra-mares, e sua espuma varria as

lanternas dos faróis que se erguiam na extremidade dos dois quebra-mares do porto de Whitby. O vento rugia como trovão, e soprava com tal força que até mesmo os homens mais fortes mantinham-se de pé com dificuldade, ou seguravam-se fortemente nos pilares de ferro. Foi necessário evacuar dos quebra-mares o amplo grupo de observadores — caso contrário, as fatalidades daquela noite teriam se multiplicado. Para aumentar as dificuldades e os perigos daquele momento, rolos de neblina vinham do mar — nuvens brancas deslizando fantasmagoricamente, tão frias e úmidas que não era preciso ter muita imaginação para achar que os espíritos daqueles que haviam perecido no mar tocavam seus irmãos ainda vivos com as mãos viscosas da morte, e muitos estremeciam enquanto as espirais de neblina varriam a cidade. Às vezes, sua densidade diminuía, e o mar podia ser visto a alguma distância, ao clarão dos relâmpagos, que agora se tornavam frequentes e poderosos, e que se seguiam por trovões que ribombavam de súbito; todo o céu parecia tremer sob o impacto dos passos da tempestade.

Algumas das cenas que então se desenrolaram eram de uma grandiosidade incomensurável e despertavam enorme interesse — o mar, com ondas da altura de montanhas, lançava ao céu enormes quantidades de espuma branca, que a tempestade parecia agarrar e levar embora para o espaço num redemoinho. Aqui e ali surgia um barco pesqueiro, com a vela em farrapos, buscando abrigo desesperadamente antes que uma onda o fizesse em pedaços; vez por outra, viam-se as asas brancas de alguma ave marinha que o vento arremessava pelos ares. No topo do rochedo de East Cliff, o novo holofote estava pronto para ser testado, embora até então não tivesse sido usado. Os oficiais encarregados puseram-no para funcionar, e, nos momentos em que a neblina ficava menos espessa, varriam com o facho de luz a superfície do mar. Em uma ou duas ocasiões, seu serviço mostrou-se eficiente, como na ocasião em que um barco pesqueiro, com a amurada debaixo d’água, pôde alcançar o porto graças à ajuda do holofote, e assim evitar o risco de ser arremessado de encontro aos quebra-mares. Quando cada barco chegava em segurança ao porto, o grupo de pessoas reunidas na costa irrompia em vivas, e seus gritos pareciam por um momento abrir caminho por entre o vendaval, mas logo eram varridos por sua fúria.

Não se passou muito tempo até o holofote descobrir a alguma distância da costa uma escuna com todas as velas içadas — aparentemente, a mesma que tinha sido vista mais cedo, no final da tarde. A essa altura, o vento soprava na direção do leste, e os observadores no penhasco estremeceram

ao se dar conta do terrível perigo que a escuna corria. Entre ela e o porto, estava o grande recife plano contra o qual muitos bons navios de tempos em tempos batiam, e, com o vento na direção atual, seria praticamente impossível que rumasse para a entrada do porto. Já estava quase na hora da maré alta, mas as ondas eram tão imensas que, entre uma e outra, os bancos de areia da costa ficavam quase visíveis, e a escuna, com todas as velas içadas, navegava com tal velocidade que, nas palavras de um velho marinheiro, “teria que chegar a algum lugar, ainda que fosse ao inferno”. Veio, então, uma nova onda de neblina, mais espessa do que até então — uma massa úmida que parecia se fechar sobre todas as coisas como um grande pano mortuário, e só deixava livre aos homens o sentido da audição, pois o rugido da tempestade, o estrondo dos trovões e o ribombar das ondas gigantescas se propagavam através da neblina ainda mais poderosamente do que antes. Os raios do holofote estavam fixados na entrada do porto junto ao quebra-mar do píer Leste, onde a colisão era esperada, e os homens aguardavam com o fôlego suspenso. O vento subitamente mudou de direção, passando a soprar a nordeste, e o que restava da neblina dissolveu-se; então, *mirabile dictu*, entre os dois quebra-mares, saltando de onda em onda enquanto avançava com uma velocidade impetuosa, a escuna desconhecida precipitou-se antes de uma rajada furiosa da tempestade, e, com todas as velas içadas, viu-se na segurança do porto. O holofote seguiu-a, e todos que a acompanhavam com os olhos estremeceram, pois amarrado ao leme estava um cadáver, cuja cabeça pendente oscilava de forma macabra para a frente e para trás a cada movimento da escuna. Mais ninguém se via no convés. Todos ficaram estupefatos quando viram que a embarcação desgovernada conseguira, como que por milagre, chegar ao porto a salvo conduzida por um defunto! Tudo aconteceu, porém, em menos tempo do que o necessário para escrever estas palavras. A escuna não parou, mas, precipitando-se através do porto, encalhou em meio àquele acúmulo de areia e pedregulhos que muitas marés e muitas tempestades empilharam na extremidade sudeste do quebra-mar e que se projeta sob o penhasco de East Cliff — em Whitby, chamam-no de píer Tate Hill.

Houve, é claro, um abalo considerável quando a escuna colidiu com o monte de areia. Todas as vergas, cordas e cabos retesaram-se, e algumas das velas despencaram. O mais estranho, porém, foi que, no instante exato em que a escuna atingiu a costa, um cão imenso surgiu no cais, vindo do andar inferior, como se arremessado pela colisão, e, correndo, saltou da proa na

areia. Seguindo diretamente rumo ao íngreme penhasco, onde o pátio da igreja se projeta sobre o caminho para o quebra-mar de modo tão audacioso que algumas das lápides planas — *thruff-steans* ou *through-stones*, no vernáculo de Whitby — chegam a se debruçar sobre o abismo, nos lugares onde o terreno cedeu, o cão desapareceu na escuridão, que parecia ter se tornado mais intensa para além do facho de luz do holofote.

Não havia, porém, uma única pessoa naquele momento no píer Tate Hill, pois todos aqueles cujas casas ficam nas proximidades estavam na cama ou no alto do penhasco. Assim sendo, o oficial da guarda costeira que fazia seu turno no lado direito do porto e que imediatamente correu até o pequeno quebra-mar foi o primeiro a subir a bordo. Os homens que manejavam o holofote, após examinar a entrada do porto e nada encontrar, fixaram em seguida o facho de luz sobre o navio abandonado. O oficial da guarda costeira correu até a popa; quando chegou perto do leme, abaixou-se para examiná-lo, mas imediatamente se afastou, como se algo o tivesse afetado. Isso pareceu despertar a curiosidade geral, e um número considerável de gente começou a correr. Há um bocado de chão entre o rochedo de West Cliff, junto à ponte Drawbridge, e o píer Tate Hill, mas este correspondente é um bom corredor e lá chegou rapidamente. Quando cheguei, porém, já havia, no quebra-mar, uma aglomeração de pessoas que o guarda e a polícia não permitiam subir a bordo. Por cortesia do barqueiro-chefe, eu, como correspondente, tive permissão para subir ao convés, e estive entre o pequeno grupo que viu o marinheiro morto ainda amarrado ao leme.

Não era de se admirar que o guarda tenha ficado tão surpreso, ou mesmo estupefato, pois uma visão dessas não deve ser muito frequente. O homem tinha simplesmente as duas mãos amarradas, uma sobre a outra, a uma malagueta da roda do leme. Entre a mão de baixo e a madeira havia um crucifixo, e o rosário do qual ele pendia enrolava-se nos dois punhos e na roda do leme. Cordas amarravam tudo. O pobre sujeito talvez estivesse anteriormente sentado, mas as velas descontroladas haviam feito com que o leme girasse para um lado e para outro, de modo que as cordas que o amarravam haviam cortado sua carne até os ossos. A disposição geral em que tudo se encontrava foi registrada minuciosamente, e um médico — dr. J.M. Caffyn, residente na East Elliot Place, 33 —, que chegou logo depois de mim, declarou, após os exames, que o homem devia estar morto há uns dois dias. No bolso do marinheiro havia uma garrafa, cuidadosamente

arrolhada, dentro da qual não havia mais do que um rolo de papel, que consistia num adendo ao diário de bordo. O guarda disse que o homem devia ter amarrado a si mesmo ao leme, apertando os nós com os dentes. O fato de um oficial da guarda costeira ter sido o primeiro a subir a bordo talvez possa evitar certas complicações, mais tarde, no Tribunal da Marinha, pois esses guardas não podem reivindicar a salvagem, pagamento a que tem direito o primeiro civil a pisar numa embarcação derrelita. Muita coisa já se comenta, porém, sobretudo entre os profissionais da lei; um jovem estudante de direito afirma com convicção que o proprietário já perdeu por completo seus direitos, seus bens tornando-se inalienáveis, já que a cana do leme, como emblema (se não como prova) da posse delegada, está nas mãos de um *morto*. Desnecessário dizer que o timoneiro morto foi removido com toda a reverência do local onde se manteve fiel até a morte ao seu posto de vigia e proteção — com uma firmeza tão nobre quanto a do jovem Casabianca — e colocado na capela mortuária enquanto não tinha início a investigação.

A tempestade súbita já está passando, e sua violência diminui; as pessoas retornam às suas casas, e o céu começa a ficar vermelho sobre os descampados de Yorkshire. Enviarei, a tempo de serem publicados na próxima edição, mais detalhes do navio abandonado que tão milagrosamente conseguiu chegar ao porto durante a tempestade.

Whitby, 9 de agosto.

As sequelas da estranha chegada da escuna em meio à tempestade da noite passada quase conseguem ser mais surpreendentes do que o fato em si. Descobriu-se que é uma escuna russa, de Varna, e que se chama *Demeter*. O lastro é quase inteiramente de areia, e sua carga é pequena — uma certa quantidade de grandes caixotes de madeira cheios de terra vegetal. A carga

estava consignada a um advogado de Whitby, Mr. S.F. Billington, residente em Crescent, 7, que hoje pela manhã subiu a bordo e formalmente tomou posse dos bens que lhe haviam sido enviados. Também o cônsul russo, representando os envolvidos no contrato de afretamento, tomou formalmente posse da embarcação, pagou todos os impostos portuários etc. O assunto do dia aqui é a estranha coincidência; os oficiais do Ministério do Comércio foram extremamente rigorosos ao verificar se tudo se deu de acordo com o regulamento. Como o assunto provavelmente há de render, vê-se que estão determinados a evitar futuras possibilidades de querela. O cão que saltou da escuna quando da colisão despertou bastante interesse, e não foram poucos os membros da Sociedade Protetora dos Animais, que em Whitby é bastante forte, a tentarem auxiliar o animal. Para desapontamento geral, porém, não se encontrou o cão; parece ter desaparecido completamente da cidade. Pode ser que estivesse assustado e tenha fugido até o urzal, onde talvez ainda esteja escondido, aterrorizado. Alguns temem essa possibilidade, pois o cão pode se tornar uma ameaça, sendo, como se viu, feroz e nada amigável. Hoje cedo pela manhã um cão bastante grande, mestiço de mastim, que pertence a um carvoeiro residente perto do píer Tate Hill, foi encontrado morto na estrada que ladeia o quintal de seu dono. Há sinais de que tenha lutado, e seu oponente era muito feroz, pois sua garganta foi dilacerada e seu ventre aberto como que por garras selvagens.

Mais tarde — O inspetor do Ministério do Comércio fez a gentileza de me permitir o acesso ao diário de bordo do *Demeter*, que estava em ordem até três dias atrás, mas que não continha informações de particular interesse, exceto no que se referia aos tripulantes desaparecidos. O maior interesse está no papel encontrado na garrafa, que hoje foi apresentado durante o inquérito judicial, e ainda não me deparei com uma narrativa mais estranha do que a presente ali. Como não há necessidade de sigilo, permitiram-me que a divulgasse, e portanto envio ao jornal uma reprodução, da qual omito apenas os detalhes técnicos relativos à sobrecarga e às atividades marítimas. É quase como se algum tipo de mania tivesse se apoderado do comandante antes que ele se lançasse ao mar, e que essa mania tivesse aumentado

sistematicamente durante a viagem. É claro que minhas declarações devem ser encaradas *cum grano salis* — escrevo a partir do que me foi ditado por um funcionário do cônsul russo, que gentilmente traduziu para mim o documento, posto que o tempo é curto.

DIÁRIO DE BORDO DO *DEMETER (DE VARNA A WHITBY)*

Escrito em 18 de julho. Coisas tão estranhas acontecendo que vou tomar nota minuciosamente daqui em diante até aportarmos.

Em 6 de julho, terminamos de recolher a carga, a areia e os caixotes de terra. Ao meio-dia, içamos as velas. Vento leste, fresco. Tripulação, cinco marinheiros... dois imediatos, cozinheiro e eu próprio (comandante).

Em 11 de julho, entramos no estreito de Bósforo ao amanhecer. Inspetores aduaneiros turcos subiram a bordo. Propina. Tudo em ordem. Seguimos adiante às quatro horas da tarde.

Em 12 de julho, atravessamos Dardanelos. Mais inspetores aduaneiros e barco da guarda costeira. Propina novamente. Trabalho dos inspetores meticuloso, mas rápido. À noite, chegamos ao arquipélago.

Em 13 de julho, dobramos o cabo Matapan. Tripulação descontente acerca de algo. Parecem amedrontados, mas não querem falar abertamente.

Em 14 de julho, eu estava um tanto ansioso com relação à tripulação. Os homens são confiáveis e já navegaram comigo antes. O imediato não conseguiu descobrir o que estava errado; só lhe disseram que havia *alguma coisa*, e se persignaram. O imediato perdeu a paciência com um deles naquele dia e o golpeou. Imaginei que fosse haver uma briga violenta, mas tudo se aquietou.

Em 16 de julho, o imediato comunicou-me, pela manhã, que um dos tripulantes, Petrovski, havia desaparecido. Não sabia explicar como. Assumira o posto de vigia a bombordo às vinte horas, na véspera; Abramov

substituíra-o, mas Petrovski não fora para o beliche. Homens mais abatidos do que nunca. Todos diziam que esperavam algo desse tipo, mas não diziam mais do que o fato de haver *alguma coisa* a bordo. O imediato se torna muito impaciente com eles; temo problemas mais adiante.

Em 17 de julho, ontem, um dos homens, Olgaren, veio à minha cabine e, aterrorizado, confidenciou-me que acreditava haver um estranho a bordo. Disse que em seu turno estivera abrigado atrás da guarita, no convés, pois chovia muito; foi então que viu um homem alto e magro que não se parecia com nenhum dos tripulantes subir a escada do tombadilho, caminhar pelo convés e desaparecer. Seguiu-o cuidadosamente, mas não havia ninguém quando chegou à proa, e as escotilhas estavam todas fechadas. Estava em pânico, tomado por um medo supersticioso, e temo que possa contagiar os outros. Para apaziguar esses temores, hoje farei uma busca minuciosa em toda a embarcação, de proa a popa.

Mais tarde, no mesmo dia, reuni toda a tripulação e disse-lhes, pois evidentemente pensavam que havia alguém no navio, que faríamos uma busca de proa a popa. O imediato ficou zangado, afirmou que era tolice e que dar crédito a ideias tão insensatas abaixaria o moral dos homens; disse que iria se encarregar, com a barra do cabrestante, de não deixar que se metessem em encrencas. Deixei que ele assumisse o leme, enquanto os outros faziam uma busca minuciosa, lado a lado, com lanternas. Cada canto da escuna foi vasculhado. Como só havia aqueles grandes caixotes de madeira, não se viam cantos singulares onde alguém pudesse se esconder. Os homens ficaram muito aliviados quando a busca terminou. Voltaram alegremente ao trabalho. O imediato franzia o cenho, mas nada disse.

22 de julho — Clima ruim durante os últimos três dias, todas as mãos ocupadas com as velas. Não sobra tempo para sentir medo. Os homens parecem ter esquecido seus temores. O imediato está novamente alegre, e todos mantêm bom relacionamento. Passamos por Gibraltar e pelo estreito. Tudo vai bem.

24 de julho — Parece haver uma maldição sobre este navio. Já perdemos um tripulante, e, ao entrar na baía de Biscay, o tempo voltou a ficar ruim. Por fim, na noite passada, perdemos mais um homem — desaparecido. Como o primeiro, ele encerrou seu turno e não voltou a ser visto. Todos os outros estão em pânico, apavorados; fizeram um abaixo-assinado pedindo que os turnos passassem a ser em duplas, pois têm medo de ficar sozinhos. O imediato está furioso. Temo que tenhamos problemas, pois ou ele ou os outros tripulantes tomarão alguma atitude violenta.

28 de julho — Quatro dias de inferno, errando ao sabor de uma espécie de redemoinho e do vento de uma tempestade. Ninguém dorme. Todos estão esgotados. Mal sei como mandá-los fazer a vigia, pois nenhum deles parece estar em condições disso. O segundo imediato ofereceu-se para governar a escuna e fazer a vigia, permitindo que os outros dormissem por algumas horas. Os ventos abrandam; o mar ainda está muito agitado, mas não sentimos tanto. A escuna navega com maior estabilidade.

29 de julho — Mais uma tragédia. Fizemos a vigia individualmente hoje, pois a tripulação estava exausta demais para dobrar os turnos. Quando o vigia da manhã chegou ao convés, não havia ninguém, à exceção do timoneiro. Gritou, e todos corremos até lá. Fizemos busca minuciosa, mas ninguém foi encontrado. Agora estamos sem segundo imediato, e o pânico aumenta entre a tripulação. O imediato e eu concordamos em andar armados daqui em diante e ficar atentos a qualquer coisa que pudesse revelar a causa dos desaparecimentos.

30 de julho — Última noite. Alegramo-nos por estarmos chegando à Inglaterra. O tempo está bom, todas as velas içadas. Recolhi-me exausto e dormi profundamente; acordei com o imediato dizendo-me que tanto o vigia quanto o timoneiro haviam desaparecido. Só restamos eu e ele, mais dois marinheiros, para governar a escuna.

1º de agosto — Dois dias de neblina e nenhuma vela à vista. Esperávamos, ao entrar no canal da Mancha, poder sinalizar pedindo socorro, ou buscar ajuda em algum lugar. Sem condições de mudar a posição das velas, temos que navegar a favor do vento. Não ouso abaixar as velas, pois não poderia voltar a içá-las. Parecemos estar indo de encontro a algum destino terrível. O imediato está agora com o moral mais baixo do que os outros dois marinheiros. Sua natureza mais forte parece ter conspirado internamente contra ele próprio. Os marinheiros já ultrapassaram o estágio do medo e trabalham com paciência e impassibilidade. Em suas mentes, esperam pelo pior. São russos, e ele, romeno.

2 de agosto, meia-noite — Acordei de um sono que não durava mais do que uns poucos minutos ouvindo um grito, que parecia vir do lado de fora de minha janela. Não era possível enxergar nada na neblina. Corri para o convés e topei com o imediato. Disse-me que ouvira um grito e correra, mas não havia sinal do marinheiro de vigia. Mais um se foi. Deus, ajude-nos! O imediato diz-nos que já devemos ter ultrapassado o estreito de Dover, e, num momento em que a neblina cedeu, ele avistou North Foreland. Nesse exato instante, ouviu o grito do vigia. Se for verdade, estamos agora no mar do Norte, e só Deus pode nos guiar em meio a essa neblina, que parece se mover junto com a escuna. Deus parece ter nos abandonado.

3 de agosto — À meia-noite fui tomar o lugar do timoneiro e, ao chegar lá, descobri que não havia ninguém. O vento estava regular e não desviava o navio da rota. Eu não ousava abandonar o leme, de modo que chamei o imediato. Após alguns segundos, ele correu ao convés, em suas roupas de baixo de flanela. Parecia fora de si e abatido, e temo que tenha perdido a razão. Aproximou-se de mim e murmurou com voz rouca, a boca próxima ao meu ouvido, como se temesse que o próprio ar pudesse ouvi-lo:

— Está aqui. Agora sei que está. Em meu turno, ontem à noite, eu o vi. Parece um homem, alto e magro, e espantosamente pálido. Estava na proa e olhava para o mar. Aproximei-me furtivamente dele e o apunhalei, mas minha faca atravessou seu corpo como se não houvesse nada além do ar, ali — ao dizê-lo, pegou a faca e golpeou o ar de modo selvagem. — Mas a criatura está aqui — prosseguiu —, e vou encontrá-la. Está no porão, talvez dentro de algum daqueles caixotes. Vou abri-los, um a um. O senhor fica no leme.

Com um olhar de advertência e o dedo indicador sobre o lábio, desceu. Um vento forte começava a soprar, e eu não podia deixar o leme. Vi o imediato voltar ao convés com ferramentas e uma lanterna e descer pela escotilha da proa. Ele está enlouquecido, num delírio furioso e obstinado. É inútil tentar detê-lo. Ele não pode danificar os caixotes: foram faturados como “argila”, e abri-los é o que ele pode fazer de mais inofensivo. Então vou ficar aqui e ater-me ao leme e a estas anotações. Só o que me resta é ter fé em Deus e esperar até que a neblina diminua. Então, se não puder conduzir a escuna até algum porto com este vento, abaixarei as velas e, parado, farei sinal pedindo ajuda.

Já está quase tudo acabado, agora. Quando eu começava a ter esperanças de que o imediato fosse voltar do porão mais calmo — pois ouvi-o batendo qualquer coisa no porão, e o trabalho lhe faz bem —, chegou-me, através da escotilha, um grito súbito e aterrorizado que me congelou o sangue, e ele veio até o convés rápido como uma flecha — um louco furioso, revirando os olhos, o rosto distorcido pelo medo.

— Salve-me! Salve-me! — gritou, e olhou ao redor em meio àquele lençol de neblina.

Seu temor transformou-se em desespero, e numa voz controlada ele disse:

— É melhor o senhor vir também, comandante, antes que seja tarde demais. *Ele* está lá. Agora sei qual é o segredo. O mar vai me proteger dele,

e é tudo o que me resta!

Antes que eu pudesse dizer uma única palavra ou me adiantar para detê-lo, o imediato saltou a amurada e jogou-se no mar. Acho que também sei qual é o segredo, agora. Foi esse louco quem se livrou dos outros, um a um, e agora os seguiu. Que Deus me ajude! Como poderei prestar contas de todos esses horrores quando chegar ao porto? *Quando* chegar ao porto! Será que um dia chegarei mesmo?

4 de agosto — A neblina continua, e o sol não consegue penetrá-la. Sei que faz sol apenas porque sou marinheiro. Não ousei descer, não ousei abandonar o leme. Fiquei aqui a noite inteira, e então, na obscuridade, pude vê-lo — a criatura! Que Deus me perdoe, mas o imediato fez a coisa certa saltando ao mar. Melhor morrer como um homem — ninguém poderá dizer que ele não morreu como um marinheiro. Mas eu sou o comandante e não posso abandonar meu navio. Hei de confundir esse demônio, esse monstro, pois vou amarrar minhas mãos ao leme quando minhas forças começarem a faltar, e nelas vou amarrar algo que Ele não ousa tocar. Então, com vento favorável ou não, hei de salvar minha alma e minha honra de comandante. Sinto-me cada vez mais fraco, e a noite se aproxima. Se ele tornar a me olhar no rosto, talvez eu não tenha tempo de agir... Se naufragarmos, é possível que esta garrafa seja encontrada, e aqueles que lerem estas anotações poderão compreender; se não... bem, então todos saberão que fui leal ao meu posto. Que Deus e a Virgem e todos os santos ajudem uma pobre alma ignorante tentando cumprir seu dever...

É claro que o veredito ficou em aberto. Não há provas para citação, e ninguém pode afirmar se o homem cometeu ou não os crimes. É quase um consenso entre o povo da cidade que o comandante é simplesmente um herói e terá um funeral público. Já foram tomadas providências para que seu corpo seja levado com um cortejo de barcos rio Esk acima, por uma curta distância, e depois trazido de volta ao píer Tate Hill e escadaria acima. Será enterrado no adro, no penhasco. Proprietários de mais de uma centena de barcos já deram seus nomes, declarando que desejam acompanhá-lo à sepultura.

Nenhum traço do enorme cão foi encontrado — o que muito se lamenta, pois, no estado em que se encontra a opinião pública, acredito que ele fosse acabar sendo adotado pela cidade. Amanhã veremos o funeral, e assim há de se encerrar mais este “mistério do mar”.

DIÁRIO DE MINA MURRAY

8 de agosto — Lucy esteve muito inquieta durante toda a noite, tampouco eu consegui dormir. A tempestade foi assustadora, e, ao desabar com estrondo sobre os canos das chaminés, fazia-me estremecer. Quando uma rajada violenta de vento soprou, mais pareceu uma arma disparando a distância. Lucy não despertou, o que foi bastante estranho, mas levantou-se e se vestiu por duas vezes. Felizmente, nas duas ocasiões acordei a tempo e consegui despi-la sem que ela despertasse, levando-a de volta à cama. Esse sonambulismo é algo de muito estranho, pois tão logo a vontade de Lucy é fisicamente frustrada, suas intenções, se é que as há, desaparecem, e ela retorna quase que com exatidão à rotina de sua vida.

De manhã cedo, levantamo-nos e descemos até o porto para ver se algo acontecera durante a noite. Havia algumas pessoas por ali; embora o sol brilhasse e o ar estivesse fresco e limpo, as ondas enormes e assustadoras, que pareciam escuras, porque a espuma que as coroava era branca como neve, irrompiam pela entrada estreita do porto — como um sujeito valentão em meio a um aglomerado de gente. De certa forma, senti-me feliz por

Jonathan não estar no mar ontem à noite, mas sim em terra firme. Mas, ah, estará ele em terra ou no mar? Onde estará ele, e como passará? Estou ficando realmente ansiosa a esse respeito. Se eu apenas soubesse o que fazer, e pudesse fazer alguma coisa!

10 de agosto — O funeral do pobre comandante hoje foi muito comovente. Todos os barcos do porto pareciam estar presentes, e o caixão foi carregado por comandantes desde o píer Tate Hill até o adro. Lucy me acompanhou, e fomos cedo para o nosso velho banco, enquanto o cortejo de barcos subia o rio até o viaduto e voltava. A vista que tínhamos era muito bonita, e vimos a procissão quase que em toda a sua extensão. O pobre homem encontrou seu repouso bem perto de nosso banco, de modo que nos pusemos de pé quando chegou a hora do enterro e vimos tudo. A pobre Lucy parecia muito transtornada. Estava inquieta o tempo todo, e só posso achar que seus sonhos noturnos estão tendo efeito sobre ela. Em um aspecto específico, seu comportamento é bastante estranho: não admite que haja qualquer motivo para inquietude; ou, se houver, ela própria não compreende. Um motivo a mais está no fato de que o pobre Mr. Swales foi encontrado hoje de manhã em nosso banco, o pescoço quebrado. Ele evidentemente caiu para trás, como disse o médico, devido a algum susto, pois havia uma expressão de terror em seu rosto que os homens disseram tê-los feito estremecer. Pobre e querido velho! Talvez ele tenha visto a Morte com os próprios olhos moribundos! Lucy é tão delicada e sensível que sente as mudanças mais intensamente que as outras pessoas. No momento, está bastante transtornada com um fato insignificante com que eu própria não me importei muito, embora adore os animais. Um dos homens que vinha aqui com frequência ver os barcos era sempre acompanhado pelo cachorro. O animal está sempre com ele. Ambos são bem tranquilos, e nunca vi o homem ficar zangado ou o cachorro latir. Enquanto seu dono acompanhava o funeral, no banco, junto a nós, o cachorro não se aproximou, mas ficou a alguns metros de distância, latindo e uivando. Seu dono lhe falou com gentileza, depois mais severo, e finalmente zangado, mas o cão não se aproximou nem se calou. Estava como que tomado por uma espécie de

fúria, os olhos selvagens, e todos os pelos arrepiados como os da cauda de um gato quando disposto a brigar. Por fim, o homem também ficou furioso: levantou-se e chutou o cachorro, depois o segurou pela coleira; arrastou-o e o jogou sobre a lápide em que o banco está afixado. No momento que tocou a pedra, o pobre animal ficou quieto e começou a tremer da cabeça aos pés. Não tentou fugir, mas se encolheu, trêmulo, num estado de terror digno de pena; eu tentei, sem sucesso, reconfortá-lo. Lucy também se apiedou do animal, mas não tentou tocá-lo, embora olhasse para ele de uma forma um tanto angustiada. Temo que ela tenha uma natureza por demais suprassensível para sair pelo mundo sem problemas. Vai sonhar com isso hoje à noite, tenho certeza. Todo o conjunto dos fatos — o navio governado até o porto por um cadáver; a posição em que se encontrava, amarrado ao leme com um crucifixo e um rosário; o comovente funeral; o cachorro, às vezes furioso e às vezes aterrorizado — tudo isso há de fornecer matéria para seus sonhos.

Acho que o melhor para ela é ir para a cama fisicamente exausta. Portanto, vou levá-la para uma longa caminhada pelos rochedos da baía de Robin Hood, ida e volta. Ela provavelmente não vai se mostrar, então, muito inclinada ao sonambulismo.

Capítulo 8

DIÁRIO DE MINA MURRAY

Mesmo dia, às 23 horas — Ah, como estou cansada! Se não tivesse assumido o compromisso de escrever este diário nem iria abri-lo esta noite. Fizemos uma caminhada bastante agradável. Depois de algum tempo, Lucy ficou alegre, acho que por causa de algumas vacas que vieram nos farejar num campo próximo ao farol e nos assustaram para valer. Acho que esquecemos tudo, exceto, é claro, os medos pessoais, o que pareceu nos permitir limpar o terreno e recomeçar do início. Tomamos um excelente chá completo na baía de Robin Hood, numa pequenina e simpática pousada ao estilo antigo, com uma janela em arco abrindo para as pedras da praia, cobertas de algas. Acredito que tenhamos horrorizado as "Novas Mulheres" com o nosso apetite. Os homens são mais tolerantes — que Deus os abençoe! Depois caminhamos de volta para casa fazendo algumas — ou, melhor dizendo, várias — paradas para descansar, e com um medo constante de touros selvagens. Lucy estava muito cansada, e pretendíamos ir para a cama o mais cedo possível. O jovem cura apareceu, porém, e Mrs. Westenra convidou-o para jantar. Tanto eu quanto Lucy tivemos que lutar contra o sono; sei que foi uma batalha árdua de minha parte, e sinto-me uma heroína. Acho que qualquer dia desses os bispos deviam se reunir e pensar na criação de uma nova classe de curas, que não jantem, por mais que seus anfitriões insistam, e que percebam quando as moças estão cansadas. Lucy já adormeceu e sua respiração está suave. Está mais corada do que o habitual, e tão bonita! Se Mr. Holmwood se apaixonou por ela vendo-a apenas em sua sala de estar, imagino o que diria se a visse agora. Algumas das "Novas Mulheres" que são escritoras algum dia começarão a achar que os homens e as mulheres deveriam ter permissão para ver uns aos outros adormecidos antes de fazer ou aceitar pedidos de casamento. Mas suponho que a "Nova Mulher" não concordará em aceitar, no futuro: será ela a fazer o pedido. E não há dúvidas de que irá fazê-lo bem-feito! Há algum consolo em pensar assim. Estou tão feliz hoje à noite, porque minha querida Lucy parece melhor. Acredito que ela tenha vencido essa crise e que seus

problemas noturnos tenham acabado. Eu ficaria mais feliz ainda se soubesse que Jonathan... Que Deus o abençoe e proteja.

11 de agosto, três horas da manhã — Diário outra vez. Agora não sinto sono, de modo que posso escrever. Estou agitada demais para dormir. Que aventura acabamos de viver! Que experiência angustiante! Adormeci assim que fechei meu diário... Subitamente despertei por completo, com uma terrível sensação de medo e um certo vazio ao meu redor. O quarto estava escuro, de modo que eu não podia ver a cama de Lucy; adiantei-me e procurei por ela, tateando. A cama estava vazia. Acendi um fósforo e descobri que ela não estava no quarto. A porta estava fechada, mas não trancada como eu a deixara. Tive receio de acordar sua mãe, que tem estado mais doente do que de hábito, ultimamente, então vesti qualquer coisa e me aprontei para procurar Lucy. Ao deixar o quarto, ocorreu-me que as roupas que tivesse vestido poderiam fornecer alguma pista sobre as intenções de seu sonho. *Peignoir* significaria casa; vestido, rua. Tanto o *peignoir* quanto o vestido estavam em seus lugares. “Graças a Deus”, disse a mim mesma. “Ela não pode ter ido longe, pois está só de camisola.” Corri ao andar de baixo e procurei na sala de estar. Nada. Então olhei em todos os outros cômodos abertos da casa, com um medo crescente enregelando-me o coração. Por fim, fui até a porta do vestíbulo e encontrei-a aberta. Não estava aberta para trás, mas a lingueta da fechadura não estava trancada. Naquela casa, todos tomavam o cuidado de trancar a porta à noite, então receei que Lucy tivesse saído do jeito como estava. Não havia tempo para pensar no que poderia acontecer; um medo vago dominava-me e obscurecia tudo. Peguei um xale grande e pesado e corri para fora. O relógio soava uma hora quando cheguei a Crescent, e não se via ninguém. Corri pelo North Terrace, mas não via qualquer sinal do vulto branco que esperava encontrar. À beira do rochedo de West Cliff, sobre o quebra-mar, olhei para o porto e para East Cliff, esperando (ou temendo) ver Lucy em seu banco favorito. A lua cheia brilhava e nuvens pesadas e escuras deslizavam pelo céu, transformando todo aquele cenário num diorama fugaz de luz e sombra. Durante alguns instantes eu nada pude ver, pois a sombra de uma

nuvem escondia a igreja de St. Mary e tudo mais ao seu redor. Então, quando a nuvem passou, pude ver as ruínas da abadia; quando a ponta de uma faixa estreita de luz, fina como a lâmina de uma espada, avançou, a igreja e o adro tornaram-se gradualmente visíveis. Qualquer que fosse minha expectativa, não foi frustrada, pois lá, em nosso banco favorito, a luz da lua caiu sobre um vulto como que curvado e pálido como neve. Uma outra nuvem logo deslizou sobre a lua, de modo que não pude ver grande coisa, e a sombra toldou a luz quase que imediatamente. Mas pareceu-me haver um vulto escuro, de pé, atrás do banco onde o vulto branco brilhava, inclinando-se para a frente. O que era, se uma pessoa ou um animal, não saberia dizer. Não esperei para ver de novo: desci correndo a escadaria íngreme até o quebra-mar, passei pelo mercado de peixes e fui até a ponte, único caminho para chegar ao rochedo de East Cliff. A cidade estava como morta, não encontrei vivalma. Ainda bem, pois não queria que alguém testemunhasse a situação em que se encontrava a pobre Lucy. O tempo e a distância pareciam infinitos. Meus joelhos tremiam, e eu estava quase sem fôlego ao subir os intermináveis degraus até a abadia. Devo ter corrido bem rápido, mas ainda assim parecia-me que meus pés eram de chumbo, e como se todas as juntas do meu corpo estivessem enferrujadas. Quando estava quase chegando ao topo, vi o banco e o vulto pálido, pois agora a pouca distância permitia-me distingui-lo mesmo em meio às sombras. Não restavam dúvidas de que havia algo, um vulto alto e negro, inclinado sobre o vulto branco levemente inclinado. Gritei, apavorada, “Lucy! Lucy!”, e algo ergueu a cabeça. De onde eu estava, pude ver uma face pálida e olhos vermelhos e brilhantes. Lucy não respondeu, e corri até o acesso ao adro. Ao entrar, a igreja ficou entre mim e o banco, e por um instante perdi Lucy de vista. Quando voltei a vê-la, a nuvem já não toldava o brilho da lua, que a atingia em cheio. Pude vê-la semirreclinada, com a cabeça apoiada no encosto do banco. Estava só, e não havia sinal de vivalma ao redor.

Quando me curvei sobre ela, pude ver que ainda dormia. Os lábios estavam entreabertos, e ela respirava — não com a suavidade habitual, mas longa e profundamente, como se tentasse encher os pulmões a cada inspiração. Quando me aproximei, ela ergueu uma das mãos, adormecida, e puxou a gola de sua camisola, envolvendo o próprio pescoço. Ao fazê-lo, estremeceu ligeiramente, como se sentisse frio. Envolvi-a com o xale e apertei bem as pontas em volta de seu pescoço, pois temia que ela acabasse se resfriando no ar noturno devido à pouca roupa que usava. Temia acordá-

la de repente; então, para liberar minhas mãos e poder ajudá-la, prendi o xale junto à garganta de Lucy com um grande alfinete de segurança. A ansiedade deve ter tornado meus gestos bem desajeitados, e creio que a espetei ou furei, pois de tempos em tempos ela levava a mão à garganta e gemia. Após tê-la agasalhado, calcei-a com meus sapatos e comecei a acordá-la com todo o cuidado. A princípio ela não respondeu, mas aos poucos seu sono foi ficando mais agitado, e ela gemia e suspirava de quando em quando. Afinal, como o tempo voasse, e como, por várias outras razões, eu quisesse levá-la imediatamente para casa, sacudi-a com um pouco mais de força até que ela finalmente abriu os olhos e acordou. Não pareceu surpresa em me ver, pois, evidentemente, não se deu conta de onde estava logo de início. Lucy sempre acorda de maneira bonita, e mesmo num momento como aquele, quando seu corpo devia estar gelado, e sua mente algo amedrontada por estar ela andando quase despida num adro à noite, ela não perdeu sua graça. Tremeu um pouco e agarrou-se a mim; quando lhe disse que viesse logo para casa comigo, ela se pôs de pé sem dizer uma palavra, obediente como uma criança. Ao caminharmos, os pedregulhos machucaram meu pé, e Lucy notou que eu prosseguia com dificuldade. Parou e insistiu que eu pegasse de volta meus sapatos, mas não concordei. No caminho do lado de fora do adro havia poças d’água formadas pela tempestade, e lambuzei os pés na lama; assim, se encontrássemos alguém, meus pés descalços não seriam notados.

A sorte estava a nosso favor, pois não encontramos ninguém no caminho para casa. Numa ocasião avistamos um homem caminhando por uma rua à nossa frente; embora ele não parecesse estar muito sóbrio, nos escondemos no vão de uma porta até vê-lo desaparecer numa abertura como essas que há por aqui, aleias estreitas, ou *wynds*, como são chamadas na Escócia. Meu coração batia tão forte o tempo todo que em alguns momentos achei que fosse desmaiar. Estava muito ansiosa por causa de Lucy. Não apenas no que se referia à sua saúde — temia que fosse sentir as consequências de ter ficado tanto tempo exposta ao ar noturno —, mas também quanto à sua reputação, se a história se tornasse conhecida. Quando entramos em casa, lavamos nossos pés, fizemos juntas uma oração de agradecimento e eu a coloquei na cama. Antes de adormecer, ela me pediu — na verdade implorou — que não dissesse uma palavra sobre tudo aquilo a quem quer que fosse, nem mesmo à sua mãe. A princípio hesitei em anuir, mas ao pensar no estado de saúde de Mrs. Westenra e em como ficaria aflita

se soubesse o que havia acontecido, e também ao pensar em como uma história daquelas poderia ser distorcida — não, sem dúvida seria distorcida — caso fosse revelada, achei mais prudente concordar com Lucy. Espero que tenha feito a coisa certa. Tranquei a porta, e a chave está amarrada em meu punho; assim talvez não voltemos a ter problemas. Lucy está profundamente adormecida; a luz da aurora reflete-se no mar, a distância.

Mesmo dia, meio-dia — Tudo vai bem. Lucy dormiu até que eu a acordasse e não parecia ter sequer se movido durante o sono. A aventura noturna não parece ter lhe feito mal; ao contrário, o efeito foi benéfico, pois sua aparência hoje está melhor do que tem estado há semanas. Aborreceu-me constatar que minha inabilidade com o alfinete de segurança feriu-a. Na verdade, acho que a ferida foi séria: a pele de seu pescoço foi perfurada. Devo tê-la atingido com a ponta do alfinete e atravessado-a, pois há dois orifícios como furos de alfinete, vermelhos, e na gola de sua camisola havia uma gota de sangue. Quando pedi desculpas e me mostrei preocupada, ela riu e me afagou, dizendo que nem sentira. Felizmente, as feridas não deixarão cicatrizes, pois são bem pequenas.

Mesmo dia, à noite — Tivemos um dia agradável. O ar estava limpo, o sol brilhava e uma brisa fresca soprava. Levamos o almoço para o bosque de Mulgrave — Mrs. Westenra foi de carruagem e Lucy e eu fomos a pé, pelo caminho que margeia o penhasco. Encontramo-nos na ponte. Eu própria me sentia um pouco triste, pois não podia deixar de pensar quão *absolutamente* feliz ficaria se Jonathan estivesse ali comigo. Mas, ah!, só o que me resta é ter paciência. No final da tarde passeamos pelo Cassino Terrace, e ouvimos boa música de Spohr e Mackenzie. Fomos para a cama cedo. Lucy parece mais sossegada do que nos últimos tempos, e adormeceu no ato. Vou trancar

a porta e guardar a chave como fiz ontem, embora não ache que venhamos a ter problemas esta noite.

12 de agosto — Eu estava enganada, pois duas vezes durante a noite fui acordada por Lucy tentando sair. Ela pareceu, mesmo adormecida, um tanto impaciente com o fato de encontrar a porta trancada e voltou para a cama como que sob protesto. Acordei com a alvorada e ouvi os pássaros trinando junto à janela. Lucy também acordou, e fiquei feliz ao constatá-la ainda melhor do que na véspera. Toda a sua velha alegria parecia estar de volta. Ela veio, aninhou-se ao meu lado e me falou sobre Arthur. Eu lhe contei quão ansiosa estava por causa de Jonathan, e ela tentou reconfortar-me. Bem, de certa forma foi bem-sucedida, pois, embora a solidariedade não tenha o poder de alterar os fatos, pode ajudar a torná-los mais suportáveis.

13 de agosto — Mais um dia tranquilo. Fui para a cama com a chave amarrada ao punho, como antes. Voltei a acordar à noite e deparei-me com Lucy sentada em sua cama, ainda adormecida, apontando para a janela. Levantei-me em silêncio e, afastando a veneziana, olhei para fora. A lua estava brilhante, e o efeito suave da luz sobre o mar e o céu — fundidos num único e silencioso mistério — era mais belo do que as palavras poderiam descrever. Entre mim e a lua voava um enorme morcego, indo e vindo em grandes círculos. Uma ou duas vezes chegou bem perto, mas acho que se assustou ao me ver e se afastou, voando por sobre o porto na direção da abadia. Quando voltei da janela, Lucy deitara-se outra vez e dormia tranquila. Não voltou a se mexer durante toda a noite.

14 de agosto — No East Cliff, lendo e escrevendo o dia todo. Lucy parece ter se apaixonado por este lugar tanto quanto eu, e é difícil levá-la embora daqui quando chega a hora de ir para casa almoçar ou tomar o chá ou jantar. Hoje à tarde, ela fez uma observação curiosa. Estávamos voltando para casa, para jantar, e havíamos chegado ao alto da escadaria do píer Oeste; paramos para olhar a vista, como normalmente fazemos. O sol já estava baixo no céu e se punha atrás de Kettleness; a luz vermelha se espalhava sobre o rochedo e a abadia, parecendo banhar tudo com um belo brilho rubro. Ficamos em silêncio por algum tempo, e subitamente Lucy murmurou:

— Os olhos vermelhos dele outra vez! São exatamente os mesmos!

Era um comentário tão insólito, tão despropositado, que me alarmou bastante. Girei o corpo um pouco, a fim de poder observar Lucy sem que ela percebesse, e pude notar que ela estava como que sonhando, com uma expressão estranha no rosto, que eu não conseguia decifrar. Eu nada disse, mas segui seus olhos. Ela parecia olhar para o nosso banco, onde um vulto negro sentava-se, sozinho. Fiquei um pouco assustada, pois por um instante pareceu-me que o estranho tinha olhos imensos como chamas, mas um segundo olhar desfez a ilusão. A luz rubra do sol refletia-se nas janelas da igreja de St. Mary por trás do banco onde nos sentávamos, e conforme o sol declinava a refração e o reflexo modificavam-se apenas o suficiente para causar a impressão de que a luz se movia. Chamei a atenção de Lucy para aquele efeito peculiar, e ela voltou a si num sobressalto, mas ainda assim parecia triste; talvez estivesse pensando naquela terrível noite lá em cima. Nunca falamos a respeito, de modo que eu nada disse, e fomos para casa jantar. Lucy sentia dor de cabeça e foi se deitar cedo. Vi que adormecera e saí para caminhar um pouco. Margeei os penhascos que ficam a oeste e estava profundamente triste, pois pensava em Jonathan. No caminho de volta para casa — o luar brilhava tanto que, embora a frente de nosso setor em Crescent estivesse na sombra, era possível divisar tudo bastante bem —, lancei um olhar na direção de nossa janela. Vi a cabeça de Lucy debruçando-se para fora. Pensei que talvez ela estivesse procurando por mim, então desdobrei meu lenço e acenei-lhe. Ela não percebeu e não fez um único movimento. Nesse exato instante, o luar escorregou por sobre um ângulo do edifício, e a luz caiu em cheio sobre a janela. Lá estava Lucy, distintamente, com a cabeça apoiada no peitoril e os olhos fechados. Estava profundamente adormecida, e junto a ela, sobre o peitoril da janela, havia

algo semelhante a um pássaro muito grande. Fiquei com medo de que ela se resfriasse, então corri até o andar superior, mas quando entrei no quarto ela estava voltando para sua cama, profundamente adormecida mas com a respiração pesada. Tinha a mão sobre o pescoço, como se quisesse se proteger do frio.

Não a acordei, mas a envolvi com as cobertas. Cuidei para que a porta ficasse trancada e a janela fechada.

Ela parece tão adorável enquanto dorme, mas está mais pálida do que o habitual, com olheiras e um aspecto abatido e cansado que me desagrada. Acho que algo a está afligindo e gostaria de poder descobrir o que é.

15 de agosto — Acordei mais tarde do que o habitual. Lucy estava lânguida e cansada, e continuou dormindo depois que nos chamaram. Tivemos uma agradável surpresa à hora do café da manhã. O pai de Arthur melhorou e quer que o casamento seja celebrado em breve. Lucy está muito feliz, embora quieta, e sua mãe está a um só tempo triste e satisfeita. Mais tarde, revelou-me o motivo. Lamenta perder Lucy, mas alegra-se que sua filha venha a ter em breve alguém para protegê-la. Pobre e querida senhora! Confidenciou-me que recebeu sua sentença de morte. Nada disse a Lucy, e me fez prometer que manteria segredo. O médico dissera que não lhe restam mais do que alguns meses de vida, se tanto, pois seu coração está enfraquecendo muito. A qualquer instante, agora mesmo, um choque súbito com certeza iria matá-la. Ah, fizemos bem em esconder-lhe a história daquela terrível noite de sonambulismo.

17 de agosto — Faz dois dias que não escrevo em meu diário. Não tive ânimo para fazê-lo. Alguma espécie de nuvem carregada parece estar obscurecendo nossa felicidade. Não tive notícias de Jonathan, e Lucy parece cada vez mais fraca, enquanto as horas de vida de sua mãe se

esvaem. Não consigo compreender esse enfraquecimento de Lucy, a tomar por seus hábitos: alimenta-se bem, dorme bastante e respira ar puro. Vejo, porém, o rubor de suas faces diminuir progressivamente; ela se torna mais fraca e lânguida a cada dia. À noite, ouço-a respirar com dificuldade. Mantenho a chave de nossa porta sempre amarrada ao punho, mas ela se levanta, perambula pelo quarto e senta-se diante da janela. Na noite passada encontrei-a debruçada sobre o peitoril, e não consegui acordá-la: havia desmaiado. Quando finalmente fiz com que se recobrasse, estava fraca demais, e ficou chorando em silêncio enquanto tentava, com dificuldade, respirar. Quando lhe perguntei como fora parar na janela, ela meneou a cabeça e virou o rosto. Espero que seu mal-estar não se deva àquele infeliz incidente com o alfinete de segurança. Olho para o pescoço de Lucy, agora que ela adormeceu, e os pequenos ferimentos parecem não ter cicatrizado. Ainda estão abertos e maiores do que antes, com bordas de uma intensa palidez. São como pontinhos brancos com o centro vermelho. A menos que cicatrizem dentro de um ou dois dias, insistirei para que o médico venha examiná-los.

CARTA DE SAMUEL F. BILLINGTON & FILHO, PROCURADORES, DE WHITBY, AOS SRS. CARTER, PATERSON & CO., DE LONDRES

17 de agosto.

Caros senhores,

Enviamos anexa a fatura de mercadorias despachadas pela Ferrovia do Norte. As mesmas devem ser entregues em Carfax, próximo a Purfleet, após serem desembarcadas na estação de King’s Cross. A casa está desocupada, no momento, mas as chaves seguem com esta carta e estão todas etiquetadas.

Os caixotes a serem entregues, num total de cinquenta unidades, devem por gentileza ficar na construção parcialmente em ruínas anexa à casa e identificada com a letra A na planta aqui inclusa. Seu agente reconhecerá facilmente o local, pois trata-se da antiga capela da mansão. A mercadoria seguirá esta noite, no trem das 21h30, e chegará a King’s Cross amanhã às 16h30. Como nosso cliente deseja que seja entregue o quanto antes, somos obrigados a solicitar que tenham tudo pronto em King’s Cross no horário mencionado e que a mercadoria siga imediatamente para Carfax. Com o propósito de abreviar qualquer possível atraso devido a exigências rotineiras de pagamento em seus departamentos, anexamos um cheque de £10, solicitando que acusem recebimento. Se as despesas não atingirem esse montante, a diferença nos poderá ser devolvida; se o ultrapassarem, enviaremos imediatamente outro cheque no valor da diferença assim que comunicados. As chaves devem ser deixadas no vestíbulo principal da casa, onde o proprietário poderá apanhá-las ao abrir a porta com sua cópia.

Esperamos não lhes causar a impressão de estar ultrapassando as fronteiras da cortesia comercial ao insistir para que se valham de todos os meios a fim de garantir a maior presteza nesses serviços.

Cordialmente,
SAMUEL F. BILLINGTON & FILHO

CARTA DOS SRS. CARTER, PATERSON & CO., DE LONDRES, AOS SRS. SAMUEL F. BILLINGTON & FILHO, DE WHITBY

21 de agosto.

Caros senhores,

Confirmamos o recebimento de £10 e retornamos cheque de £1, 17s. e 9d., referente à diferença dos gastos, conforme consta no recibo aqui incluso. A mercadoria foi entregue precisamente de acordo com as instruções e as chaves foram deixadas no vestíbulo principal, conforme solicitado.

Cordialmente,
Pro CARTER, PATERSON & CO.

DIÁRIO DE MINA MURRAY

18 de agosto — Hoje estou feliz e escrevo sentada no banco do adro. Lucy tem melhorado bastante. Ontem dormiu a noite toda e não me incomodou nem uma única vez. Seu rosto parece estar recuperando aquele tom corado, embora no geral ela ainda guarde uma palidez de dar pena. Poderia entender se ela estivesse anêmica, mas não é o caso. Está bem-disposta, alegre e cheia de vida. Toda aquela mórbida languidez parece tê-la abandonado, e ela acaba de me lembrar, como se fosse preciso que me lembrassem, *daquela* noite, e de que foi aqui, neste exato banco, que eu a encontrei adormecida. Ao dizê-lo, Lucy bateu alegremente o salto da bota na laje de pedra e disse:

— Meu pobre pezinho não fazia muito barulho naquele momento! Acho que o velho Mr. Swales me teria dito que era porque eu não queria acordar Geordie.

Como ela estava muito comunicativa, perguntei-lhe se havia tido algum sonho naquela noite. Antes que ela me respondesse, franziu o cenho daquele jeito adorável que Arthur (chamo-o assim porque é o costume de Lucy) diz amar tanto; de fato, isso não é de se espantar. Ela prosseguiu, então, com um ar meio ausente, como se tentasse evocar os próprios sonhos na memória:

— Não foram propriamente sonhos; tudo parecia real. Só o que eu queria era estar aqui, neste lugar. E não sei por quê, pois algo que não saberia definir me dava medo. Lembro-me, embora suponha que estivesse dormindo, de ter caminhado pelas ruas e atravessado a ponte. Um peixe saltou enquanto eu passava, e inclinei-me para ver. Ouvi muitos cães uivando; era como se a cidade estivesse cheia de cães uivando ao mesmo tempo, enquanto eu subia os degraus. Recordei-me vagamente, então, de um vulto alto e escuro, com olhos vermelhos, igual ao que vimos ao pôr do sol, e uma sensação ao mesmo tempo muito agradável e muito dolorosa me envolvendo. Em seguida, tive a impressão de mergulhar na água esverdeada e profunda, e uma melodia ecoava em meus ouvidos, como dizem acontecer com os homens que se afogam. Tudo parecia afastar-se de mim; minha alma parecia deixar meu corpo e flutuar pelo espaço. Creio ter a lembrança de que o Farol Oeste estava abaixo de mim, em dado momento, e então senti uma espécie de angústia, como se estivesse num terremoto. Voltei para onde estava e me deparei com você sacudindo meu corpo. Vi-a fazendo isso antes de senti-lo propriamente.

Então, Lucy começou a rir. Tudo me pareceu um tanto sinistro, e eu a ouvi falar com o fôlego suspenso. Não gostei muito do que ouvi e achei que era melhor afastar seus pensamentos daquela noite. Enveredamos, então, por outros assuntos, e Lucy voltou ao seu normal. Quando chegamos em casa, a brisa suave a revigorara, e suas faces pálidas estavam bem mais coradas. Mrs. Westenra ficou feliz ao vê-la, e passamos uma noite muito agradável juntas.

19 de agosto — Alegria, alegria, alegria! Embora não seja ainda uma alegria completa. Pelo menos, tive notícias de Jonathan. Meu pobre querido esteve doente; foi por isso que não escreveu. Não receio pensar nisso ou escrevê-lo, agora que sei a verdade. Mr. Hawkins enviou-me a carta e ele próprio escreveu-me palavras muito gentis. Parto pela manhã e vou me encontrar com Jonathan — para ajudar a cuidar dele, se necessário, e trazê-lo de volta. Mr. Hawkins diz que não seria má ideia se nos casássemos no exterior. Chorei sobre a carta da gentil irmã até sentir o papel úmido contra meu peito, onde está agora. É de Jonathan e deve ficar perto do meu coração, pois *ele* está em meu coração. Minha viagem já foi planejada, e minha mala está pronta. Não levo mais do que uma muda de roupa. Lucy vai levar meu baú para Londres e guardá-lo até que eu mande buscar, pois pode ser que... preciso parar de escrever; preciso guardar estas palavras para Jonathan, meu marido. A carta que ele viu e tocou vai me reconfortar até nos encontrarmos.

CARTA DA IRMÃ AGATHA, HOSPITAL DE SÃO JOSÉ E SANTA MARIA, EM BUDAPESTE, A MISS WILHELMINA MURRAY

12 de agosto.

Cara senhora,

Escrevo-lhe a pedido de Mr. Jonathan Harker, que ainda não está forte o suficiente para escrever, embora recupere-se bem, graças a Deus e a são José e santa Maria. Tem estado sob nossos cuidados há quase seis semanas, vítima de uma violenta meningite. Quer que eu lhe transmita seu amor e que lhe diga que escrevo também a Mr. Peter Hawkins, de Exeter, para lhe dizer, com todo o respeito, que lamenta seu atraso e que o serviço de que foi incumbido já se encontra realizado. Será necessário que faça um repouso de algumas semanas em nosso sanatório nas montanhas, mas em seguida retorna à Inglaterra. Pede-me que lhe diga que não tem dinheiro suficiente consigo e que gostaria de pagar por sua estada aqui, de modo que outros igualmente necessitados não se vejam privados de ajuda.

Que Deus a abençoe,

Afetuosamente,
IRMÃ AGATHA

P.S. — Como meu paciente se encontra adormecido, abro esta carta para lhe dar algumas informações a mais. Ele me contou tudo a seu respeito, e que em breve há de se tornar sua esposa. Que Deus abençoe a ambos! Ele sofreu algum terrível choque, segundo nosso médico, e seus

delírios foram assustadores — falava de lobos e veneno e sangue, de fantasmas e demônios, e tenho medo de dizer do que mais. Cuide bem dele para que não haja nada capaz de excitá-lo nesse sentido, durante um bom tempo. Os vestígios de uma doença como essa não desaparecem tão facilmente. Deveríamos ter escrito há muito tempo, mas nada sabíamos a respeito dos amigos dele, e ele não levava consigo nada que qualquer um de nós pudesse compreender. Veio de trem, de Klausenburgo, e o chefe de estação disse ao guarda que seu noivo correu até a estação pedindo aos berros uma passagem para casa. Vendo, por sua conduta violenta, que se tratava de um inglês, deram-lhe uma passagem para a estação mais distante que aquela linha ferroviária alcançava.

Tenha certeza de que ele está sendo bem cuidado. Conquistou a simpatia de todos com sua doçura e gentileza. Está mesmo melhorando bastante, e não tenho dúvidas de que dentro de poucas semanas já terá se recuperado completamente. Tenha cuidado, porém, em nome da saúde de seu noivo. Rezo a Deus e a são José e santa Maria para que o futuro lhes reserve, a ambos, muitos e muitos anos de felicidade.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

19 de agosto — Súbita e estranha mudança no comportamento de Renfield, noite passada. Por volta das oito horas, começou a ficar agitado e farejar ao redor como faz um cão de caça, o que chamou a atenção do assistente. Este,

sabendo de meu interesse pelo caso, encorajou-o a falar. Renfield normalmente demonstra respeito pelo assistente e às vezes chega a se mostrar servil; hoje à noite, porém, conforme me foi relatado, estava bastante insolente e não quis conversar em absoluto. Tudo o que disse foi:

— Não quero falar com você. Agora você já não tem importância. O Mestre está prestes a chegar.

O assistente acha que se trata de alguma espécie de súbita obsessão religiosa. Se for verdade, seria prudente ficar atento à possibilidade de um ataque, pois um homem forte com obsessão religiosa e homicida pode vir a se tornar perigoso. A associação é das piores. Às nove horas, eu próprio fui visitá-lo. Sua conduta para comigo foi idêntica. O paciente estava voltado para si mesmo de forma tão absoluta que não parecia ver diferença alguma entre mim e o assistente. Parecia uma obsessão religiosa, e ele em breve estará achando que é o próprio Deus. Essas distinções ínfimas entre dois homens são insignificantes para um Ser Onipotente. Como esses loucos denunciam a si mesmos! O Deus verdadeiro toma cuidados para evitar a queda de um pardal, mas o Deus criado pela vaidade humana não vê diferença entre uma águia e um pardal. Ah, se os homens soubessem!

Durante meia hora ou mais, Renfield continuou se tornando cada vez mais agitado. Procurei não observá-lo, mas ainda assim mantive-me atento. De repente, seus olhos ganharam aquele brilho típico dos loucos nos momentos em que uma ideia lhes ocorre, e ele fez aquele movimento astuto com a cabeça e as costas que os assistentes dos hospícios vêm a conhecer tão bem. Aquietou-se consideravelmente e se sentou na beira de sua cama, resignado, olhando para o nada com olhos opacos. Achei que poderia descobrir se sua apatia era real ou fingida, e tentei fazer com que falasse sobre seus bichos, tema que jamais deixou de animá-lo. A princípio ele não respondeu, mas afinal disse, mal-humorado:

— O que me importa? Não ligo nem um pouco para elas.

— O quê? — exclamei. — Você não está querendo me dizer que não se importa com suas aranhas...

As aranhas são sua atual obsessão, e o caderno está ficando cheio de colunas de pequenos algarismos. Ao meu comentário, ele respondeu, enigmático:

— As damas de honra enchem os olhos daquele que espera por sua noiva, mas, quando a noiva chega, as damas de honra perdem todo o seu brilho.

Não se explicou, mas ficou sentado na cama obstinadamente durante todo o tempo em que fiquei com ele.

Estou cansado, hoje à noite, e deprimido. Não posso deixar de pensar em Lucy e em como as coisas poderiam ter sido. Se eu não dormir logo, cloral, o Morfeu moderno... C^2HCl^3O e H^2O! Preciso tomar cuidado para que isso não se transforme em hábito. Não, hoje à noite não tomarei cloral!

Tenho pensado em Lucy, e não hei de desonrá-la misturando esses elementos. Se for preciso, hoje ficarei insone...

Mais tarde — Fico feliz por ter tomado essa resolução, e mais feliz ainda por ter me atido a ela. Ficara perambulando a esmo e ouvira o relógio bater duas horas quando o guarda-noturno veio me dizer, enviado pelo vigia, que Renfield havia fugido. Vesti-me às pressas e desci imediatamente; meu paciente é perigoso demais para ficar solto por aí. Suas ideias podem ter consequências perigosas na presença de estranhos. O assistente esperava por mim. Disse que não se haviam passado dez minutos da última vez que vira Renfield, aparentemente adormecido, em sua cama, quando olhara pela janelinha da porta. Chamou-lhe a atenção o ruído da janela sendo arrancada com força. Correu de volta e viu os pés de Renfield desaparecendo no vão da janela. Mandou me chamar imediatamente. O paciente vestia apenas suas roupas de dormir e não pode ter ido longe. O assistente achou mais sábio observar para onde ia Renfield do que segui-lo, pois poderia perdê-lo de vista enquanto estivesse saindo do edifício pela porta. Ele é corpulento e não conseguiria passar pela janela. Como sou magro, saí, com sua ajuda, mas os pés primeiro; como estávamos a poucos metros do chão, não me machuquei ao cair. O assistente me disse que Renfield seguira pela esquerda, em linha reta; então, corri o mais depressa que pude. Quando atravessei o grupo de árvores que circundam o hospício, vi um vulto branco escalar o muro alto que separa nosso terreno daquele da casa abandonada.

Corri de volta imediatamente e ordenei que o vigia reunisse dois ou três homens e me acompanhassem até Carfax, para o caso de nosso amigo se tornar perigoso. Apanhei uma escada, pulei o muro e caí do outro lado. Pude ver o vulto de Renfield desaparecendo por trás do ângulo da casa e

corri atrás dele. Encontrei-o na outra extremidade, apertado contra a velha porta de carvalho e ferro da capela. Estava falando, e aparentemente com alguém, mas tive medo de me aproximar o suficiente para ouvir o que dizia; Renfield poderia se assustar e fugir. Perseguir um enxame errante de abelhas não é nada comparado a perseguir um louco despido que tem diante de si a possibilidade da fuga! Após alguns minutos, porém, pude perceber que ele não se dava conta do que acontecia ao seu redor; arrisquei uma aproximação — pois, além do mais, os homens haviam agora pulado o muro e o estavam cercando. Ouvi-o dizer:

— Aqui estou para cumprir Suas ordens, Mestre. Sou Seu escravo, e o Senhor há de me recompensar, pois serei leal. Tenho adorado o Senhor há muito tempo, e mesmo com toda a distância. Agora que está próximo, aguardo Suas ordens; o Senhor não há de me esquecer, não é mesmo, adorado Mestre, quando for distribuir as dádivas?

Ele *é* afinal de contas um velho pedinte egoísta. Pensa em suas vantagens pessoais mesmo quando crê estar na Presença Divina. Suas obsessões combinam-se de forma assustadora. Quando o acuamos, ele lutou como um tigre. É muito forte, pois se parece mais com um animal selvagem do que com um homem. Nunca vi um louco tendo um acesso de raiva como esse e espero nunca mais ver. Foi uma sorte imensa termos descoberto sua força e periculosidade a tempo. Com uma força e uma determinação como as suas, ele poderia ter feito um estrago enorme antes de ser capturado. Agora está impedido de fazer mal, porém: nem o próprio Jack Sheppard poderia se livrar da camisa de força que pusemos nele, e está acorrentado à parede na cela acolchoada. Seus gritos são às vezes assustadores, mas os silêncios que se seguem conseguem ser ainda piores, pois cada gesto e movimento seu revelam impulsos assassinos.

Há pouco, ele disse as primeiras palavras coerentes:

— Serei paciente, Mestre. Está chegando... chegando... chegando!

Captei a indireta e me retirei. Estava excitado demais para dormir, mas este diário me acalmou, e acho que vou conseguir descansar um pouco esta noite.

Capítulo 9

CARTA DE MINA HARKER A LUCY WESTENRA

Budapeste, 24 de agosto.

Querida Lucy,

Sei que você deve estar ansiosa para ouvir tudo o que aconteceu desde que nos despedimos, na estação de trem de Whitby. Bem, minha cara, cheguei bem a Hull e tomei o barco para Hamburgo; de lá, vim de trem até Budapeste. Mal me recordo da viagem, exceto do fato de que sabia estar vindo me encontrar com Jonathan, e que, como provavelmente teria que cuidar dele, seria melhor dormir tanto quanto conseguisse... Ah, encontrei meu amado tão magro e pálido, aparentando tanta fraqueza. Toda a determinação abandonara seu olhar, e toda aquela dignidade silenciosa sobre a qual lhe falei desaparecera. Ele não é mais do que a sombra do antigo Jonathan, e não se recorda de nada do que tenha lhe acontecido nos últimos tempos. Pelo menos quer me fazer acreditar nisso, e jamais hei de questioná-lo. Ele sofreu algum choque terrível, e temo que tentar recordá-lo venha a ser um esforço demasiado para o seu pobre cérebro. A irmã Agatha, que é uma boa pessoa e uma enfermeira nata, disse-me que ele falava sobre coisas terríveis enquanto delirava. Queria que ela me dissesse que coisas eram essas, mas ela se persignava e declarava que nunca diria, que os delírios dos enfermos eram os segredos de Deus, e que, se a vocação de uma enfermeira a levasse a ouvi-los, ela deveria manter segredo. Trata-se de um espírito bondoso e adorável. No dia seguinte, vendo que eu estava preocupada, voltou ao assunto, e, após ter dito que jamais poderia revelar o que meu pobre querido falou em seus delírios, acrescentou:

— Só o que posso lhe dizer, minha querida, é que não se tratava de algo que ele tenha feito de prejudicial a si mesmo, e você, como sua futura esposa, não tem motivos para pensar nisso. Ele não a esqueceu, ou a seus compromissos. Seu medo devia-se a coisas terríveis e grandiosas, coisas com as quais nenhum mortal deve se envolver.

Acredito que a boa criatura devia achar que eu talvez estivesse com ciúmes, temendo que meu pobre querido tivesse se apaixonado por outra moça. Imagine só, *eu* com ciúmes de Jonathan! Contudo, minha cara, tenho

que lhe confessar que fiquei feliz quando tive a *certeza* de que não foi uma outra mulher a causa de seus problemas. Sento-me agora junto à sua cama, de onde posso ver seu pálido rosto adormecido. Está acordando!...

Ao acordar, pediu-me seu casaco, pois queria apanhar algo no bolso. Falei com a irmã Agatha, e ela trouxe seus pertences. Vi que entre eles havia um caderno, e ia lhe pedir que me deixasse lê-lo — porque sabia que poderia descobrir alguma pista de seus problemas —, mas suponho que ele deve ter lido esse desejo em meus olhos, pois pediu que eu fosse até a janela, alegando o desejo de ficar sozinho por alguns instantes. Depois me chamou de volta, e, quando me aproximei, sua mão estava sobre o caderno. Ele me disse, solenemente:

— Wilhelmina — eu soube então que falava sério, pois nunca me chamara assim desde que me pedira em casamento —, você sabe o que penso, minha querida, sobre a sinceridade que deve haver entre marido e mulher: não deve haver qualquer segredo. Sofri um grande choque e quando tento pensar a respeito sinto minha cabeça girar; não sei se foi tudo real ou apenas o delírio de um louco. Você sabe que tive meningite, o que é uma espécie de loucura. O segredo está aqui, e não quero conhecê-lo. Quero recomeçar minha vida aqui, com nosso casamento, pois, minha cara, decidimos nos casar assim que as formalidades forem cumpridas. Você está de acordo, Wilhelmina, em compartilhar a minha ignorância? Eis o caderno. Leve-o, e leia, se quiser, mas nunca me conte o que está escrito, a menos que alguma necessidade urgente me obrigue a recordar as horas terríveis, fruto do sono ou da vigília, da loucura ou da sanidade, que registrei aí.

Deitou-se, exausto, e eu coloquei o caderno sob seu travesseiro e o beijei. Pedi à irmã Agatha que solicitasse à madre superiora permissão para que nosso casamento fosse celebrado esta tarde, e aguardo sua resposta...

Ela voltou, dizendo-me que mandaram chamar o capelão da missão da Igreja anglicana. Devemos nos casar dentro de uma hora, assim que Jonathan acordar...

Lucy, tudo foi tão rápido. Sinto-me bem séria, mas muito, muito feliz. Jonathan acordou um pouco depois da hora, e tudo estava pronto; sentou-se

na cama, recostando-se nos travesseiros. Pronunciou seu “aceito” com voz firme e forte. Eu mal podia falar; estava tão emocionada que parecia prestes a engasgar até mesmo com essa palavra. As queridas freiras foram tão gentis. Deus permita que eu nunca as esqueça, nem as responsabilidades sérias e deliciosas que assumi. Preciso lhe contar sobre o meu presente de casamento. Quando o capelão e as freiras me deixaram a sós com meu marido — ah, Lucy, é a primeira vez que escrevo as palavras “meu marido” —, apanhei o caderno sob seu travesseiro, embrulhei-o com papel branco, amarrei-o com um pedaço de fita azul-claro que levava no pescoço e lacrei o nó com cera, usando minha aliança como selo. Beijei o pacote e mostrei-o a meu marido, dizendo-lhe que ficaria assim, de modo que teríamos para toda a vida um símbolo externo e visível de nossa mútua confiança; disse-lhe que nunca abriria o embrulho, a menos que fosse pelo seu próprio bem ou em nome de alguma séria obrigação. Então, ele tomou minha mão, ah, Lucy, foi a primeira vez que tomou a mão de *sua esposa*, dizendo-me que era a maior preciosidade no mundo inteiro, e que ele viveria todo o passado outra vez apenas para ganhá-la, se necessário. Meu pobre querido referia-se a uma parte do passado apenas, mas ainda não pode pensar sobre o tempo, e não vou me admirar se ele a princípio se enganar não apenas com relação ao mês, mas ao ano também.

Bem, minha querida, o que eu poderia dizer? Somente que era a mulher mais feliz do mundo inteiro e que nada tinha a lhe dar exceto eu mesma, minha vida e minha confiança, e que com isso ele recebia também meu amor e o meu respeito por todos os dias de minha vida. E, minha querida, quando ele me beijou e me puxou para si com suas mãos fracas, foi como se um pacto solene se firmasse ali entre nós...

Lucy, querida, sabe por que lhe conto isso tudo? Não só porque me é tão caro, mas porque você tem sido e continua a ser muito cara a mim. Foi meu privilégio ser sua amiga e guia quando você veio da escola e se preparou para o mundo, para a vida. Quero que você veja, agora, e com os olhos de uma esposa muito feliz, aonde o dever me levou, para que em sua vida de casada também você possa ficar tão feliz quanto eu. Minha querida, permita Deus que sua vida seja tudo aquilo que promete ser: um longo dia de sol, sem ventos fortes, sem se esquecer de seus deveres, sem desconfianças. Não vou desejar que seja livre de todo sofrimento, pois isso é impossível, mas espero que você seja *sempre* feliz como eu estou *agora*. Adeus, minha querida. Vou enviar esta carta imediatamente e talvez lhe

escreva novamente em breve. Preciso terminar aqui, pois Jonathan está acordando, e tenho que atender ao meu marido!

Afetuosamente,
MINA HARKER

CARTA DE LUCY WESTENRA A MINA HARKER

Whitby, 30 de agosto.

Minha adorada Mina,

Oceanos de amor e milhões de beijos, e que você possa estar logo em sua própria casa com seu marido. Gostaria que vocês pudessem voltar a tempo de ficar aqui conosco. O ar de Whitby faria com que Jonathan se recuperasse rápido; foi esse o efeito que teve sobre mim. Estou com um apetite voraz, cheia de vida e durmo bem. Você ficará feliz em saber que meu sonambulismo cessou por completo. Acho que, uma vez tendo me deitado para dormir, não levantei da cama uma única vez, há uma semana. Arthur diz que estou ficando gorda. A propósito, esqueci de lhe contar que Arthur está aqui. Fazemos tantos passeios, remamos, jogamos tênis e pescamos juntos; amo-o mais do que nunca. Ele *diz* me amar ainda mais,

mas eu duvido, pois a princípio disse-me que era impossível amar-me mais do que amava então. Ah, mas isso é puro *nonsense*. Aí vem ele, chamando por mim. Nada mais no momento, portanto, de sua

LUCY

P.S. — Mamãe quer que eu lhe transmita seu amor. Parece melhor, a pobrezinha.

P.P.S. — Vamos nos casar no dia 28 de setembro.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

20 de agosto — O caso Renfield se torna cada vez mais interessante. Ele já se aquietou tanto que há períodos em que abandona sua obsessão. Durante a primeira semana após seu ataque, estava ininterruptamente violento. Então,

certa noite, logo depois que a lua surgiu no céu, aquietou-se e ficou murmurando para si mesmo:

— Agora posso esperar. Agora posso esperar.

O assistente veio me contar, e desci imediatamente para dar uma olhada no paciente. Ainda estava na sala acolchoada e com a camisa de força, mas a expressão de ira profunda desaparecera de seu rosto; os olhos tinham algo de sua velha delicadeza, que eu diria quase servil, e pareciam sempre nos implorar alguma coisa. Fiquei satisfeito com seu presente estado e dei ordens para que fosse libertado da camisa de força. Os assistentes hesitaram, mas afinal cumpriram minhas ordens sem reclamar. Foi bastante estranho que o paciente tenha tido sensibilidade suficiente para perceber a desconfiança deles, pois, aproximando-se de mim, sussurrou, enquanto olhava-os furtivamente:

— Eles acham que eu poderia machucá-lo. Imagine só, *eu* machucando *o senhor*! Esses tolos!

Tranquilizou-me, de certa forma, saber que até mesmo na mente desse pobre louco estou dissociado dos outros; ainda assim, porém, não sei o que quis dizer. Devo supor que nós dois temos algo em comum e que, portanto, temos que nos unir, ou que eu lhe represento algum ganho tão estupendo que meu bem-estar lhe é caro? Preciso tentar descobri-lo, mais tarde. Hoje à noite ele não quer falar. Mesmo a oferta de um gatinho ou de um gato adulto não o tentou. Só o que ele disse foi:

— Não estou interessado em gatos. Tenho mais em que pensar agora, e posso esperar. Posso esperar.

Logo depois, deixei-o. O assistente me disse que ele ficou calmo até pouco antes da alvorada, quando começou a ficar inquieto, e por fim violento, até que finalmente teve um acesso que o exauriu a ponto de deixá-lo numa espécie de coma.

...O mesmo aconteceu por três noites — violento o dia todo, depois tranquilo entre o surgir da lua e a alvorada. Gostaria de ter alguma ideia de qual possa ser a causa. É quase como se houvesse algum tipo de influência intermitente. Que pensamento feliz! Hoje à noite vamos brincar de sãos *versus* loucos. Antes, ele fugiu sem a nossa ajuda; hoje, fugirá com ela. Vamos lhe dar uma chance, e deixar os homens prontos para segui-lo caso seja necessário...

23 de agosto — “O inesperado sempre acontece.” *Como* Disraeli sabia das coisas! Ao encontrar a gaiola aberta, nosso pássaro não quis fugir, de modo que todo o nosso minucioso planejamento foi inútil. Pelo menos conseguimos provar que os períodos de tranquilidade são razoavelmente longos. No futuro, poderemos soltá-lo durante algumas horas, todos os dias. Dei ordens para que o assistente noturno se limite a trancá-lo na sala acolchoada, uma vez Renfield tendo se tranquilizado, até uma hora antes da alvorada. O corpo do pobre infeliz há de se sentir aliviado, mesmo que sua mente não consiga acompanhá-lo. Ah, eis que mais uma vez o inesperado acontece! Vieram me chamar; o paciente voltou a fugir.

Mais tarde — Outra aventura noturna. Renfield astutamente esperou que o assistente entrasse na sala para fazer a inspeção; então, passou por ele como uma flecha e saiu pelo corredor afora. Dei ordens para que os assistentes o seguissem. Ele foi outra vez para o terreno da casa abandonada, e o encontramos no mesmo lugar, apertado contra a porta da antiga capela. Quando me viu, ficou furioso, e, se todos os assistentes não o tivessem contido a tempo, teria tentado me matar. Enquanto o segurávamos, algo de estranho aconteceu: ele de súbito redobrou suas forças, e logo em seguida, da mesma forma súbita, tranquilizou-se. Olhei ao redor instintivamente, mas nada pude ver. Acompanhei, então, o olhar do paciente, voltado para o céu enluarado, mas nada divisei além de um grande morcego, que seguia silencioso e fantasmagórico para oeste. Os morcegos normalmente voam em círculos, de forma irregular, mas esse parecia seguir em linha reta, como se soubesse para onde se dirigia ou como se tivesse alguma intenção particular. O paciente foi ficando cada vez mais calmo, e em seguida disse:

— Não precisam me amarrar; vou acompanhá-los.

Voltamos para o hospício sem problemas. Sinto que há algo de ameaçador na calma de Renfield e não hei de me esquecer desta noite...

DIÁRIO DE LUCY WESTENRA

Hillingham, 24 de agosto — Preciso imitar Mina e pôr tudo no papel. Assim, poderemos ter longas conversas quando nos reencontrarmos. Pergunto-me quando será. Gostaria que ela estivesse aqui comigo, pois me sinto tão infeliz. Noite passada eu parecia estar sonhando novamente da mesma forma como sonhava em Whitby. Talvez seja a mudança de ares ou o fato de voltar para casa. Tudo é escuro e terrível para mim, pois não consigo me recordar de coisa alguma, mas estou tomada por um medo vago e me sinto fraca, exausta. Quando Arthur veio para o almoço, ficou bastante aflito ao me ver, e eu não tinha ânimo suficiente para tentar parecer alegre. Pergunto-me se eu poderia dormir hoje no quarto de minha mãe. Vou inventar alguma desculpa e tentar.

25 de agosto — Outra noite ruim. Minha mãe pareceu não compreender minha intenção. Ela própria não me parece lá muito bem e sem dúvida teme preocupar-me. Tentei ficar acordada, e consegui, durante algum tempo, mas ao soar as 12 horas o relógio despertou-me de um cochilo, o que significa que devo ter pegado no sono. Havia um ruído de algo arranhando ou batendo as asas, na janela, mas não me incomodou — e, já que não me lembro de nada além disso, acredito que devo ter adormecido. Mais sonhos ruins. Gostaria de conseguir me lembrar deles. Hoje de manhã estou terrivelmente fraca. Meu rosto está lívido e meu pescoço dói. Deve haver algo de errado com meus pulmões, pois nunca tenho a sensação de estar inspirando ar suficiente. Vou tentar me alegrar um pouco quando Arthur chegar — do contrário, sei que ele ficará arrasado ao me ver.

CARTA DE ARTHUR HOLMWOOD AO DR. SEWARD

Albemarll Hotel, 31 de agosto.

Meu caro Jack,

Quero que você me faça um favor. Lucy está doente — isto é, não tem qualquer doença em especial, mas sua aparência é péssima, e está piorando a cada dia. Perguntei-lhe se há alguma causa para isso; não tenho coragem de perguntar à sua mãe, pois deixar a pobre senhora preocupada com sua filha seria, em seu atual estado de saúde, fatal. Mrs. Westenra confidenciou-me que sua sentença de morte já foi pronunciada — doença do coração —, embora a pobre Lucy ainda não saiba. Tenho certeza de que algo está atormentando a cabeça da minha mocinha querida. Fico quase enlouquecido quando penso nela; olhá-la me causa uma angústia profunda. Disse-lhe que deveríamos chamá-lo para examiná-la, e embora ela tenha a princípio objetado — e sei por quê, meu camarada —, afinal consentiu. Será uma tarefa dolorosa para você, velho amigo, mas é pelo bem *dela*, e não posso hesitar em lhe fazer este pedido, ou você em atendê-lo. Venha almoçar em Hillingham amanhã, às duas horas, de modo a não despertar suspeitas em Mrs. Westenra, e após o almoço Lucy dará um jeito de vocês ficarem a sós. Voltarei na hora do chá, e nós dois podemos ir embora juntos. Estou muito ansioso e quero falar com você em particular logo após tê-la examinado. Não deixe de vir!

ARTHUR

TELEGRAMA DE ARTHUR HOLMWOOD AO DR. SEWARD

1º de setembro — Fui chamado para ver meu pai, que piorou. Mande notícias hoje à noite para Ring. Envie um telegrama, se necessário.

CARTA DO DR. SEWARD A ARTHUR HOLMWOOD

2 de setembro.

Meu caro amigo,

Com relação à saúde de Miss Westenra, apresso-me em lhe dizer de imediato que em minha opinião não há qualquer distúrbio funcional ou qualquer doença que eu conheça. Por outro lado, não estou de modo algum satisfeito com sua aparência; ela está lamentavelmente diferente da última vez que a vi. Você não deve se esquecer, é claro, que não tive oportunidade de examiná-la como gostaria; o próprio fato de sermos amigos cria uma certa dificuldade que nem mesmo a ciência médica ou o hábito podem suplantar. É melhor que eu lhe diga exatamente o que ocorreu, deixando-o à vontade para tirar suas próprias conclusões. Direi então o que fiz e o que proponho fazer.

Encontrei Miss Westenra aparentemente alegre. Sua mãe estava presente, e em poucos segundos concluí que a filha esforçava-se ao máximo para enganá-la, evitando que ficasse ansiosa. Não tenho dúvidas de que ela adivinhe, se de fato não sabe, que é preciso tomar muito cuidado com a mãe. Almoçamos, e como todos nos esforçávamos por parecer alegres, acabamos, como uma espécie de recompensa, por conseguir criar uma alegria genuína entre nós. Em seguida, Mrs. Westenra retirou-se para se deitar, e Lucy ficou comigo. Fomos para o seu *boudoir*, e até chegarmos lá ela continuou alegre, pois os criados iam e vinham. Tão logo a porta se fechou, porém, a máscara caiu-lhe do rosto, e ela desabou sobre uma cadeira com um suspiro profundo, escondendo os olhos com as mãos. Quando vi que sua boa disposição a abandonara, na mesma hora aproveitei-me de sua reação para fazer o diagnóstico. Ela me disse, com muita doçura:

— Não sou capaz de lhe dizer quanto odeio falar de mim mesma.

Recordei-lhe que o sigilo médico era sagrado, mas que você estava muito ansioso com relação a ela. Imediatamente ela compreendeu o que eu queria dizer e decidiu tudo com poucas palavras:

— Diga a Arthur o que quiser. Não me importo comigo, mas por ele faço tudo!

De modo que tenho bastante liberdade.

Era fácil ver, de saída, que ela está um tanto pálida, mas não havia os sinais habituais de anemia, e por acaso pude fazer um teste sanguíneo — pois, ao abrir uma janela emperrada, uma das cordas cedeu, e o vidro quebrado fez um pequeno corte em sua mão. Era um acontecimento em si insignificante, mas me deu uma oportunidade óbvia; colhi algumas gotas do sangue e o analisei. A análise qualitativa demonstra uma condição normal — mais do que isso, um estado vigoroso de saúde. Em outros aspectos físicos fiquei bastante satisfeito ao constatar que não há motivo para ficarmos ansiosos. Como deve haver, porém, alguma causa em algum lugar, cheguei à conclusão de que deve ser mental. Ela se queixa da dificuldade de respirar satisfatoriamente às vezes, e de um sono pesado, letárgico, com sonhos que a assustam, mas dos quais ela não se lembra. Disse que, quando criança, era sonâmbula, e que em Whitby esse hábito retornou; certa noite, saiu de casa durante o sono e foi para o rochedo de East Cliff, onde Miss Murray a encontrou. Assegura-me, porém, que ultimamente o sonambulismo não tem se manifestado. Tenho minhas dúvidas, de modo que tomei a providência que considerei a mais adequada: escrevi ao meu

velho amigo e mestre, o professor Van Helsing, de Amsterdã, que sabe mais sobre doenças obscuras do que qualquer outra pessoa no mundo inteiro. Pedi-lhe que viesse até aqui, e como você me disse que vai arcar com todas as despesas, expliquei-lhe quem você é e quais as suas relações com Miss Westenra. Isto, meu caro amigo, vem atender a seus desejos, e fico orgulhoso e feliz em fazer tudo o que estiver ao meu alcance por ela. Sei que Van Helsing faria tudo o que eu lhe pedisse como favor pessoal; portanto, não importa o que ele diga ou faça, devemos aquiescer. Ele age de forma aparentemente arbitrária, mas isso se dá porque conhece os assuntos de que fala melhor do que qualquer um. Trata-se de um filósofo e de um metafísico, e um dos mais prósperos cientistas de sua época; acredito que ele tenha uma mente 100% aberta. Isso, associado a nervos de aço, a uma enorme frieza, uma determinação a toda prova, autocontrole, grande tolerância e o mais gentil e honesto dos corações — tudo isso o equipa para o nobre trabalho que tem feito pela humanidade — funciona tanto na teoria quanto na prática, pois ele tem uma visão tão ampla quanto sua universal compreensão. Digo-lhe tudo isso para que você saiba por que confio tanto nele. Pedi-lhe que viesse de imediato. Verei Miss Westenra novamente amanhã. Ela deve me encontrar em Stores, para não alarmar sua mãe com uma outra visita tão próxima.

Cordialmente,
JOHN SEWARD

CARTA DO DR. ABRAHAM VAN HELSING, PH.D., LIT. D. ETC. ETC., AO DR. SEWARD

2 de setembro.

Meu caro amigo,

Saí ao seu encontro assim que recebi sua carta. Por sorte, posso partir de imediato, sem com isso faltar a nenhum daqueles que depositaram sua confiança em mim. Fosse a sorte diferente, pior para os que assim fizeram, pois não deixarei de atender o meu amigo quando ele me chama para ajudar seus entes queridos. Diga a seu amigo que quando você tão gentilmente sugou da minha ferida o veneno da gangrena causado pela faca que aquele seu outro amigo, nervoso demais, deixou escorregar, fez mais por ele no momento em que ele precisa de minha ajuda e você a solicita do que a enorme fortuna dele faria. É, porém, uma satisfação a mais poder ajudá-lo; é por você que vou. Reserve, portanto, quartos para mim no Great Eastern Hotel, de modo que eu possa ficar bem perto, e, por favor, faça o necessário para que possamos ver a jovem não muito tarde, amanhã, pois é provável que eu tenha que regressar logo a Amsterdã. Caso seja necessário, porém, voltarei após três dias, e então ficarei mais tempo, se tiver de fazê-lo. Até breve, então, meu amigo John.

VAN HELSING

CARTA DO DR. SEWARD A ARTHUR HOLMWOOD

3 de setembro.

Meu caro Art,

Van Helsing já veio e se foi. Acompanhou-me a Hillingham e viu que Lucy tomara providências para que sua mãe almoçasse fora, de modo que ficamos a sós com ela. Van Helsing examinou minuciosamente a paciente. Vai dar a mim o parecer, e eu a você, pois é claro que não estive presente o tempo todo. Temo que ele esteja bastante preocupado, mas diz que precisa pensar. Quando lhe falei sobre nossa amizade e quanto você confia em mim no que diz respeito a esse assunto, ele falou:

— Você deve dizer a ele tudo o que pensa. Diga-lhe o que penso eu, se quiser, e se puder adivinhá-lo. Não, não estou brincando. Isto não é nenhuma brincadeira, mas uma questão de vida ou morte, ou talvez mais.

Perguntei-lhe o que queria dizer com aquilo, pois seu ar era de grande seriedade. Isso se deu quando havíamos voltado para a cidade e tomávamos uma xícara de chá antes de seu regresso a Amsterdã. Nada mais Van Helsing me disse. Não fique zangado comigo, Art, porque seu comportamento reticente significa que sua mente está trabalhando pelo bem de Lucy. Ele vai se explicar no momento oportuno, fique certo. Então, disse-lhe que iria simplesmente escrever a você um relato de nossa visita, como se estivesse elaborando um artigo especial descritivo para o *Daily Telegraph*. Ele pareceu não ter ouvido, mas observou que a neblina em Londres já não estava tão suja quanto na época em que estudava aqui. Vou receber seu parecer amanhã, se ele conseguir terminá-lo. De qualquer modo, vou receber pelo menos uma carta.

Bem, mas quanto à visita: Lucy estava mais alegre do que no primeiro dia em que a vi, e sem dúvida parecia melhor. Perdera algo daquele aspecto pálido que tanto o preocupou, e sua respiração estava normal. Foi muito amável com o professor (como sempre é) e tentou fazer com que ele ficasse à vontade, mas eu podia notar que a pobre moça fazia um esforço imenso. Creio que Van Helsing também notou, pois vi o olhar rápido sob suas sobrancelhas espessas — o olhar que conheço há muito tempo. Ele

começou então a conversar sobre várias coisas, exceto sobre nós mesmos e sobre doenças, e de forma tão genial que pude ver a alegria fingida de Lucy aos poucos ceder à realidade. Então, sem qualquer mudança aparente, ele discretamente desviou a conversa para sua visita e disse, com suavidade:

— Minha jovem senhorita, isso é para mim um enorme prazer, pois vejo que é tão amada. Isso é muito, minha cara, considerando que ainda não conheço todas as suas qualidades. Disseram-me que estava abatida e terrivelmente pálida. Eis o que digo a eles: “Puf!” — E estalou os dedos para mim. — Mas você e eu vamos lhes mostrar quão errados eles estão. Como pode ele — e apontou para mim com o mesmo olhar e gesto que usou certa vez para me expulsar de uma aula, devido a uma ocorrência particular de que está sempre me lembrando — saber alguma coisa sobre moças jovens? Ele tem suas madames com quem brincar, trazendo de volta a felicidade a elas e àqueles que as amam. É um trabalho árduo, mas, ah, recompensas aguardam aqueles que podem conceder tamanha felicidade. Mas as jovens! Ele não tem uma esposa ou uma irmã, e os jovens não se abrem com os jovens, mas com os velhos, como eu, que já tiveram muitas tristezas e conhecem suas causas. Então, minha querida, vamos mandá-lo fumar um cigarro no jardim, enquanto eu e você conversamos um pouquinho em particular.

Captei a indireta e fiquei caminhando um pouco lá fora. Logo em seguida, o professor veio até a janela e pediu que eu entrasse. Sua expressão era grave, mas ele disse:

— Examinei-a minuciosamente, mas não há causas funcionais. Concordo com você quanto ao fato de ela ter perdido muito sangue; perdeu, mas já não continua perdendo. Não tem, porém, as características gerais da anemia. Pedi-lhe que me enviasse sua criada, pois gostaria de lhe fazer uma ou duas perguntas a fim de não correr o risco de deixar que algo me passe despercebido. Bem sei o que ela há de me dizer. Ainda assim, porém, existe uma causa; sempre há causas para tudo. Preciso voltar para casa e refletir. Quero que você me envie telegramas todos os dias, e se for necessário voltarei. A doença — pois não estar 100% bem é estar doente — me interessa, e essa adorável jovem também me interessa. Ela me encanta, e eu viria por ela, mesmo que não pela doença ou por você.

Como lhe falei, ele nada mais disse, nem mesmo quando estávamos sozinhos. E agora, portanto, Art, você sabe tudo o que eu sei. Vou me manter alerta. Espero que seu pobre pai esteja se restabelecendo. Deve ser

terrível para você, meu velho, estar numa situação dessas, entre duas pessoas que lhe são tão queridas. Compreendo seu sentimento de dever para com seu pai, e você está certo em respeitá-lo; porém, se for necessário, mando chamá-lo para vir imediatamente ver Lucy. Portanto, não fique ansioso demais, a menos que receba notícias minhas.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

4 de setembro — O paciente zoófago ainda nos mantém interessados em seu caso. Só voltou a ter um acesso, que ocorreu ontem, numa hora pouco usual. Pouco antes de soar o meio-dia, começou a ficar inquieto. O assistente conhecia os sintomas e imediatamente pediu ajuda. Por sorte, os homens chegaram logo, e bem a tempo, pois ao meio-dia o paciente ficou tão violento que precisaram usar todas as suas forças para segurá-lo. Em cerca de cinco minutos, porém, ele começou a se aquietar e finalmente mergulhou numa espécie de melancolia, estado em que se encontra até agora. O assistente me disse que seus gritos durante o ataque eram apavorantes; tive muito trabalho quando cheguei, cuidando de alguns dos outros pacientes, que haviam se assustado com ele. Na verdade, compreendo bem esse efeito, pois os gritos perturbaram até a mim, embora eu estivesse um pouco distante. Já se encerrou o horário de almoço no hospício, e até agora meu paciente está sentado a um canto, perdido em pensamentos, com uma expressão apática, taciturna e desolada no rosto, que

mais parece indicar do que revelar alguma coisa diretamente. Não compreendo muito bem.

Mais tarde — Outra mudança em meu paciente. Às cinco horas fui vê-lo, e encontrei-o aparentemente tão alegre e contente quanto o habitual. Estava capturando moscas e comendo-as. Registrava as capturas fazendo marcas com a unha no canto da porta, nas frestas do acolchoado. Quando me viu, aproximou-se e se desculpou por sua má conduta. Pediu-me, de forma bastante humilde e bajuladora, para ser levado de volta ao seu quarto e para que lhe fosse devolvido seu caderno. Achei que não haveria problemas em fazer-lhe a vontade, de modo que ele voltou para o seu quarto, e a janela está aberta. Espalhou o açúcar do chá sobre o parapeito e está capturando um bocado de moscas. Não as está comendo, mas sim colocando numa caixa, como fazia antes, e já começou a examinar os cantos do quarto, em busca de uma aranha. Tentei fazer com que ele falasse sobre os últimos dias, pois qualquer pista de seus pensamentos me seria imensamente útil, mas ele nada disse. Em alguns momentos, pareceu-me muito triste, e disse, com uma voz distante, como se acreditasse dizê-lo mais para si mesmo do que para mim:

— Tudo acabou! Tudo acabou! Ele me abandonou. Não há esperanças para mim, a menos que eu aja por conta própria!

Então, virando-se para mim súbita e resolutamente, disse:

— Doutor, o senhor me faria a gentileza de arranjar-me um pouco mais de açúcar? Acho que seria bom para mim.

— E para as moscas? — perguntei.

— Sim! As moscas também gostam de açúcar, e eu gosto das moscas; portanto, gosto de açúcar.

E existe gente ignorante a ponto de achar que os loucos não raciocinam. Dei-lhe uma ração dupla, e isso fez dele, suponho, o homem mais feliz do mundo. Gostaria de conseguir penetrar em sua mente.

Meia-noite — Outra mudança em Renfield. Eu havia ido ver Miss Westenra, que estava bem melhor; acabava de voltar, e estava de pé junto ao nosso portão, vendo o pôr do sol, quando o ouvi gritando outra vez. Como seu quarto fica naquele lado da casa, pude ouvir melhor do que pela manhã. Foi um choque desviar-me da beleza esfumaçada e maravilhosa de um pôr do sol sobre Londres, com suas luzes intensas e sombras escuras e todos os matizes soberbos que se refletem até mesmo nas nuvens e água sujas, e me aperceber da austeridade cinzenta do hospício, repleto de tristeza humana, e meu coração desolado tendo que suportar tudo. Cheguei ao quarto de Renfield no momento em que o sol se escondia e de sua janela vi o círculo vermelho afundar. Com isso, o paciente foi aos poucos saindo de seu frenesi; assim que o sol desapareceu no horizonte, escorregou das mãos que o seguravam e caiu no chão, uma massa inerte. É incrível, porém, a força intelectual que os loucos têm para se recuperar, pois em poucos minutos ele se levantou tranquilamente e olhou ao redor. Sinalizei aos assistentes para que não o segurassem: estava ansioso para ver o que ele faria. Foi direto até a janela e limpou os restos de açúcar. Depois, pegou sua caixa de moscas, esvaziou-a do lado de fora e a jogou fora; fechou a janela e, atravessando o quarto, sentou-se na cama. Tudo isso me surpreendeu, e lhe perguntei:

— Você não vai mais guardar as moscas?

— Não — disse ele —, estou cansado de toda essa bobagem!

Trata-se com certeza de um caso interessantíssimo. Gostaria de compreender minimamente sua cabeça e as causas de suas obsessões súbitas. Pode ser, porém, que afinal de contas consiga uma pista, se pudermos descobrir por que suas crises vêm ao meio-dia e ao pôr do sol. Será possível que haja uma influência maligna do sol nesses períodos, capaz de afetar certas naturezas — como às vezes faz a lua com outras? Veremos.

TELEGRAMA DO DR. SEWARD, DE LONDRES, PARA VAN HELSING, EM AMSTERDÃ

4 de setembro — Paciente ainda melhor hoje.

TELEGRAMA DO DR. SEWARD, DE LONDRES, PARA VAN HELSING, EM AMSTERDÃ

5 de setembro — Paciente melhorou bastante. Bom apetite, sono normal, bom humor, palidez diminuindo.

TELEGRAMA DO DR. SEWARD, DE LONDRES, PARA VAN HELSING, EM AMSTERDÃ

6 de setembro — Mudança terrível, para pior. Venha imediatamente, não perca uma hora. Aguardo sua chegada para enviar telegrama a Holmwood.

Capítulo 10

CARTA DO DR. SEWARD AO EXCELENTÍSSIMO ARTHUR HOLMWOOD

6 de setembro.

Meu caro Art,

As notícias hoje não são muito boas. Esta manhã, Lucy piorou um pouco. Há, porém, algo de positivo em tudo isso: Mrs. Westenra estava, é claro, ansiosa com relação a Lucy, e consultou-me profissionalmente a esse respeito. Aproveitei a oportunidade dizendo-lhe que meu antigo mestre, Van Helsing, o famoso especialista, estava de chegada, para se hospedar comigo, e que eu colocaria Lucy sob seus cuidados, além dos meus próprios. Agora podemos, portanto, ir e vir sem alarmá-la excessivamente, pois um choque seria para ela equivalente à morte súbita — o que, nas condições tão fracas de Lucy, seria desastroso. Estamos cercados de dificuldades, todos nós, meu velho amigo; mas se Deus quiser iremos superá-las. Caso haja necessidade, escrevo, de modo que, se não receber notícias minhas, entenda que estou apenas aguardando novidades. Às pressas,

Seu amigo
JOHN SEWARD

DIÁRIO DO DR. SEWARD

7 de setembro — As primeiras palavras que Van Helsing me disse quando nos encontramos em Liverpool Street foram uma pergunta:

— Contou alguma coisa para nosso amigo, o noivo dela?

— Não — disse eu. — Esperava até que nos reencontrássemos, como disse em meu telegrama. Escrevi a ele uma carta contando apenas que o senhor estava para chegar, já que Miss Westenra não ia muito bem, e que avisaria caso necessário.

— Fez bem, meu amigo — disse ele —, fez muito bem. É melhor que ele não saiba, por ora; talvez ele jamais venha a saber. Rezo para que assim seja; mas, se for preciso, então ele saberá tudo. E, meu caro amigo John, deixe-me preveni-lo. Está acostumado a lidar com os loucos. Todos os homens são loucos, de um jeito ou de outro, e já que você age discretamente com seus loucos, aja assim com os loucos de Deus também. Ou seja, com o resto do mundo. Você não diz aos seus loucos o que faz nem por que o faz, não lhes diz o que pensa. Portanto, manterá o conhecimento no lugar certo, onde ele possa repousar. Onde ele possa cercar-se de seus pares e se multiplicar. Eu e você ainda manteremos o que sabemos aqui e aqui — tocou-me no peito e na testa, depois tocou a si mesmo de maneira igual. — Guardo para mim certos pensamentos, por ora. Mais tarde, vou revelá-los a você.

— Por que não agora? — perguntei. — Talvez seja positivo, talvez cheguemos a alguma conclusão.

Ele parou e olhou para mim, dizendo:

— Meu amigo John, quando o milho já cresceu, mesmo antes de amadurecer; quando o leite de sua mãe-terra ainda corre nele e enquanto o sol ainda não começou a tingi-lo de dourado, o fazendeiro arranca a espiga, esfrega-a entre suas mãos ásperas e sopra os resíduos verdes, dizendo: “Veja, o milho é bom, a colheita vai ser boa quando a hora chegar.”

Não entendi o que Van Helsing queria dizer e confessei-o. Em resposta, ele alcançou minha orelha[1] e puxou-a, brincalhão, como costumava fazer há muitos anos durante as aulas:

— O bom fazendeiro lhe diz isso naquela hora porque o sabe, mas não antes disso. Você não vê, porém, o bom fazendeiro escavar a terra para ver se o milho plantado está crescendo; isso é para as crianças que brincam de agricultores, e não para aqueles que empenham sua vida nessa tarefa. Agora você me compreende, caro John? Semeei meu milho, e a natureza

desempenha seu papel fazendo-o brotar; se brotar, há esperanças. Vou esperar até que as espigas comecem a crescer.

Ele parou aí, pois viu que eu compreendia. Prosseguiu, então, de forma muito grave:

— Você foi sempre um aluno dedicado, e seu livro de anotações tinha sempre mais registros do que os dos outros. Você era só um aluno, então; hoje é um profissional, e espero que aquele bom hábito não o tenha abandonado. Lembre-se, meu amigo, de que o conhecimento é mais forte do que a memória, e não devemos confiar nos mais fracos. Mesmo que você não tenha mantido aquele bom hábito, deixe-me dizer que o caso desta nossa querida moça talvez seja, e note que falo *talvez seja*, de tal interesse para nós e para outros que nada conseguirá diminuir-lhe a importância. Registre-o cuidadosamente, portanto. Garanto-lhe que nada é insignificante, anote até mesmo suas dúvidas e suposições. No futuro, pode ser interessante verificar até que ponto suas suspeitas se confirmam. Aprendemos com nossos erros, não com os acertos!

Quando descrevi os sintomas de Lucy — os mesmos de antes, só que bem mais acentuados —, ele assumiu um ar de extrema gravidade, mas nada disse. Levou consigo uma valise com vários instrumentos e drogas, “a parafernália medonha de nossa benéfica ocupação”, como ele certa vez denominou, numa de suas palestras, o equipamento de um professor da arte da cura. Quando chegamos, Mrs. Westenra veio nos receber. Estava alarmada, mas não tanto quanto eu esperava encontrá-la. Num momento de benevolência, a natureza ordenou que mesmo a morte tivesse algum antídoto aos seus próprios terrores. Aqui, num caso em que qualquer choque pode se revelar fatal, tudo se organizou de tal maneira que o que não é pessoal — mesmo a terrível mudança em sua filha, a quem é muito apegada — não parece afetá-la. É, num certo sentido, como a forma com que a Mãe Natureza envelopa um corpo estranho com um tecido insensível, impedindo assim que cause mal ao organismo com que se encontra em contato. Se isso for um egoísmo normatizado, então precisamos parar para pensar antes de condenar quem quer que seja por pensar só em si mesmo — talvez haja raízes mais profundas do que conhecemos para essa conduta.

Vali-me de meu conhecimento dessa fase da patologia espiritual e decidi que Mrs. Westenra não deveria ficar junto a Lucy ou saber mais do que o estritamente necessário sobre a doença. Ela concordou prontamente — tão prontamente que vi mais uma vez a mão da natureza lutando pela

vida. Van Helsing e eu fomos conduzidos ao quarto de Lucy. Se eu ficara chocado ao vê-la ontem, seu aspecto hoje me deixou horrorizado. Estava mortalmente pálida. A cor parecia ter abandonado até mesmo seus lábios e gengivas, e os ossos de seu rosto estavam proeminentes. Dava pena vê-la e ouvi-la respirar. O rosto de Van Helsing ficou duro como mármore, e suas sobrancelhas convergiram a ponto de quase se encontrar acima do nariz. Lucy estava deitada, imóvel, e não parecia ter forças para falar, de modo que ficamos todos em silêncio por um tempo. Van Helsing fez um gesto, então, e saímos discretamente do quarto. No instante em que fechamos a porta, ele adiantou-se rapidamente pelo corredor até a outra porta, que estava aberta. Puxou-me para dentro e fechou-a:

— Meu Deus! — exclamou. — Isso é terrível. Não temos tempo a perder. Ela morrerá por falta de sangue suficiente para manter o coração em funcionamento. Temos que fazer uma transfusão imediatamente. Você ou eu?

— Sou mais jovem e mais forte, professor. Serei eu.

— Então se prepare. Vou buscar minha valise. Já estou preparado.

Fui ao andar inferior com ele, e enquanto descíamos ouviram-se batidas na porta de entrada. Quando chegamos ao vestíbulo, a criada acabara de abri-la, e Arthur entrava apressadamente. Correu até mim e sussurrou:

— Jack, eu estava tão ansioso. Li nas entrelinhas de sua carta e tenho estado numa verdadeira agonia. Meu pai melhorou, então vim correndo a fim de ver com meus próprios olhos. Aquele cavalheiro não é o dr. Van Helsing? Agradeço-lhe tanto por ter vindo, meu senhor.

Quando o professor pôs pela primeira vez os olhos nele, ficou zangado por ser interrompido num momento daqueles, mas em seguida, quando viu sua robustez e a força e a juventude que pareciam emanar dele, seus olhos brilharam. Sem uma pausa, disse-lhe, com ar grave, enquanto lhe estendia a mão:

— O senhor chega na hora certa. É o noivo da nossa querida moça. Ela está mal; muito, muito mal. Não, rapaz, não fique assim — disse, pois subitamente Arthur empalideceu e sentou-se numa cadeira, à beira de um desmaio. — O senhor pode ajudá-la. Pode fazer mais por ela do que qualquer outro ser humano vivo, e sua coragem é a melhor ajuda.

— O que posso fazer? — perguntou Arthur, rouco. — Diga-me, e farei. Minha vida é a vida de Lucy, e eu daria até a última gota de sangue

que há em meu corpo para ajudá-la.

O professor tinha um forte lado irônico que eu já conhecia havia muito; pude reconhecê-lo em sua resposta:

— Meu jovem senhor, não lhe peço tanto. Não até a última gota!

— O que devo fazer?

Seus olhos pegavam fogo, e suas narinas dilatadas tremiam, devido à sua determinação. Van Helsing deu-lhe uns tapinhas no ombro.

— Venha! — disse ele. — O senhor é homem, e é de um homem que precisamos. O senhor é melhor do que eu, melhor do que meu amigo John.

Arthur pareceu aturdido, e o professor prosseguiu, explicando-lhe, de modo gentil:

— A mocinha está mal, muito mal. Precisa de sangue, e se não o receber vai morrer. Meu amigo John e eu discutimos o assunto e estamos prestes a fazer uma transfusão sanguínea. Ou seja, transferir o sangue das veias cheias de alguém para as veias vazias de quem necessita. John ia doar seu sangue, pois é mais jovem e forte do que eu — nesse ponto, Arthur tomou minha mão e apertou-a fortemente, em silêncio. — Agora o senhor está aqui, porém, e é melhor do que nós todos, velhos ou moços, que trabalhamos sobretudo no campo do pensamento. Nossos nervos não são tão calmos e nosso sangue não é tão puro quanto o seu!

Arthur virou-se para ele e disse:

— Se o senhor soubesse quão alegremente eu morreria por ela, compreenderia que...

Interrompeu-se, pois a voz lhe falhou.

— Bom rapaz! — disse Van Helsing. — Quando o momento não tão distante assim chegar, o senhor ficará feliz por ter feito tudo por aquela que ama. Venha, agora, e faça silêncio. Vai beijá-la uma vez antes da transfusão, mas depois deve se afastar e sair quando eu lhe fizer sinal. Não diga uma palavra sobre isso à madame; sabe em que condições ela se encontra! Não pode receber nenhum choque, e tomar conhecimento disso certamente seria chocante. Venha!

Subimos todos para o quarto de Lucy. Arthur recebeu instruções para ficar do lado de fora. Lucy voltou a cabeça e olhou para nós, mas nada disse. Não estava adormecida: estava simplesmente fraca demais para tal esforço. Seus olhos falavam por ela, e era tudo. Van Helsing tirou alguns instrumentos de sua valise e colocou-os sobre uma mesinha fora da vista da

paciente. Então preparou um narcótico e, aproximando-se da cama, disse, alegremente:

— Muito bem, senhorita! Aqui está seu remédio! Beba, seja boazinha. Veja, vou erguê-la assim para que seja fácil engolir. Assim! — Ela conseguiu engolir o líquido.

Fiquei surpreso com o tempo que a droga levou para fazer efeito — o que demonstrava, na verdade, toda a extensão da fraqueza de Lucy. Pareceu se passar um tempo infinito até que o sono começasse a fazê-la pestanejar. Afinal, contudo, o narcótico manifestou toda a sua potência, e ela adormeceu profundamente. Quando o professor viu-se satisfeito, chamou Arthur, e pediu-lhe que tirasse o casaco. E acrescentou:

— O senhor pode dar aquele único beijinho enquanto trago a mesa. Amigo John, ajude-me!

Nenhum de nós olhou, portanto, quando ele se curvou sobre ela. Voltando-se para mim, Van Helsing disse:

— Ele é tão jovem e de sangue tão puro que não precisamos desfibrinar.

Em seguida, com rapidez, mas com total segurança, Van Helsing fez a transfusão. Durante o processo, algo semelhante à vida parecia retornar à face da pobre Lucy, e Arthur estava radiante, mesmo através de uma palidez crescente. Após algum tempo, comecei a ficar ansioso, pois a perda de sangue começava a ter consequências para Arthur, mesmo sendo ele forte como era. Tive uma ideia da terrível privação pela qual o sistema de Lucy devia ter passado, pois o que enfraquecia Arthur só parcialmente fazia com que ela se restabelecesse. O rosto do professor estava rígido, contudo, e ele se mantinha de pé com o relógio na mão e os olhos fixos ora na paciente, ora em Arthur. Eu podia ouvir as batidas do meu próprio coração. Logo em seguida, Van Helsing disse, numa voz suave:

— Fique imóvel um instante. Basta. Cuide dele, e eu cuido dela.

Quando tudo terminou, pude ver como Arthur enfraquecera. Fiz o curativo na ferida e tomei-lhe o braço para levá-lo dali, mas o professor disse, sem se virar (o homem parecia ter olhos na nuca):

— Acho que o corajoso noivo merece outro beijo, que poderá dar agora mesmo.

Como já concluíra os procedimentos, ajustou o travesseiro sob a cabeça da paciente. Ao fazê-lo, a estreita fita de veludo negro que ela parecia usar sempre no pescoço, presa com um antigo broche de diamantes

que seu amado lhe dera, moveu-se um pouco, revelando uma marca avermelhada em sua pele. Arthur não percebeu, mas eu pude ouvir a profunda inspiração entre os dentes que é uma das maneiras com que Van Helsing se trai e revela suas emoções. Nada disse naquele momento, mas virou-se para mim, falando:

— Agora leve nosso jovem e valente noivo, dê-lhe um pouco de vinho do Porto e deixe que se deite por algum tempo. Em seguida, ele deve ir para casa descansar, dormir muito e comer muito, para que possa se recuperar do procedimento a que por amor se submeteu. Ele não deve ficar aqui. Espere! Um momento. Suponho, senhor, que esteja ansioso para saber o resultado. Fique certo, então, de que a operação foi em todos os sentidos bem-sucedida. O senhor salvou a vida de Miss Lucy desta vez e pode ir para casa e descansar com a mente tranquila, pois já fizemos tudo o que podia ser feito. Contarei a ela o que aconteceu quando tiver se recuperado; vai amá-lo ainda mais quando souber o que fez. Adeus!

Quando Arthur se foi, voltei para o quarto. Lucy dormia um sono tranquilo, mas sua respiração estava mais forte. Eu podia ver a coberta se mover enquanto seu peito subia e descia. Junto à cama sentava-se Van Helsing, olhando intensamente para a paciente. A fita de veludo voltara a cobrir a marca vermelha. Perguntei ao professor, num sussurro:

— O que o senhor acha dessa marca em seu pescoço?

— O que acha você?

— Ainda não examinei — respondi, e fui então desprender a fita.

Exatamente sobre a jugular externa havia dois orifícios, não muito grandes, mas de aspecto nada saudável. Não havia sinal de infecção, mas as bordas estavam pálidas e machucadas, como se tivessem sido trituradas. Ocorreu-me imediatamente que aquela ferida, ou o que quer que fosse, talvez explicasse aquela significativa perda de sangue, mas abandonei a ideia tão logo ela me ocorreu, pois era impossível. A cama inteira teria ficado escarlate, ensopada com o sangue que a moça teria que ter perdido para ficar tão pálida quanto estava antes da transfusão.

— E então? — perguntou Van Helsing.

— E então — disse eu —, não sou capaz de concluir nada a partir desse ferimento.

O professor se pôs de pé:

— Tenho que voltar a Amsterdã esta noite — disse. — Há livros e outras coisas lá que me serão úteis. Você precisa ficar aqui a noite toda, sem

tirar os olhos dela.

— Devo contratar uma enfermeira? — perguntei.

— Nós somos as melhores enfermeiras, você e eu. Fique alerta a noite inteira. Certifique-se de que ela seja bem alimentada e que nada a incomode. Você não poderá dormir durante toda a noite. Mais tarde dormiremos. Voltarei o mais rápido possível. E então poderemos começar.

— Poderemos começar? — indaguei. — O que quer dizer com isso?

— Veremos! — respondeu ele e saiu às pressas.

Voltou ao quarto logo em seguida, enfiou a cabeça pela porta e disse, erguendo um dedo em sinal de advertência:

— Lembre-se, ela está sob seus cuidados. Se deixá-la, e algum mal se suceder, não vai ter um sono muito tranquilo depois!

DIÁRIO DO DR. SEWARD *(CONTINUAÇÃO)*

8 de setembro — Fiquei a noite toda acordado, sentado ao lado de Lucy. O narcótico fez efeito até a aurora, e ela acordou naturalmente. Parecia outra pessoa, tão diferente de antes da transfusão. Estava até bem-humorada e cheia de uma alegre vivacidade, mas eu podia ver os indícios da absoluta prostração por que passara. Quando disse a Mrs. Westenra que o dr. Van Helsing dera ordens para que eu ficasse acordado vigiando o sono de Lucy, ela quase zombou da ideia, ressaltando que sua filha recobrara as forças e estava muito bem-disposta. Mantive-me firme, porém, e me preparei para

minha longa vigília. Depois que a criada arrumara Lucy para dormir, entrei no quarto, tendo naquele ínterim jantado, e sentei-me junto à cama. Ela não fez qualquer objeção, mas sempre que nossos olhares se cruzavam o dela demonstrava agradecimento. Depois de um longo tempo, ela começou a mergulhar no sono, mas com esforço pareceu se recompor e despertar. Isso se repetiu várias vezes, com esforço cada vez maior e com pausas menores conforme o tempo passava. Aparentemente, ela não queria dormir, e eu abordei o assunto na mesma hora:

— Não quer dormir, Miss Lucy?

— Não. Estou com medo.

— Com medo de dormir! E por quê? É um benefício pelo qual todos ansiamos.

— Ah, não quando se é como eu, quando o sono é um presságio de horror!

— Um presságio de horror? O que quer dizer com isso?

— Não sei. Ah, não sei. E isso é o mais terrível. Toda essa fraqueza me vem durante o sono, e hoje eu tenho medo até mesmo de pensar em dormir.

— Hoje à noite pode dormir, Miss Lucy, pois estou aqui velando pelo seu sono e lhe garanto que nada vai acontecer.

— Ah, no senhor sei que posso confiar!

Aproveitei a chance, dizendo-lhe:

— Prometo que, se vir qualquer sinal de que esteja tendo pesadelos, acordo-a imediatamente.

— Fará isso? Ah, fará mesmo isso? Como o senhor é bom para mim. Então vou dormir!

Quase que imediatamente após tê-lo dito, ela suspirou fundo, aliviada, e adormeceu. Fiquei acordado a noite inteira, observando-a. Ela nem se mexeu e dormiu um sono longo, tranquilo, revigorante, que iria ajudá-la a recuperar a saúde. Seus lábios estavam ligeiramente afastados, e os seios subiam e desciam com a regularidade de um pêndulo. Lucy tinha um sorriso no rosto, e estava claro que nenhum pesadelo perturbava sua tranquilidade mental.

De manhã cedo, a criada veio. Deixei Lucy sob seus cuidados e fui para casa, pois estava ansioso com relação a uma série de coisas. Mandara telegramas curtos para Van Helsing e para Arthur, falando-lhes do excelente resultado da operação. Meu próprio trabalho estava muito atrasado e tomou-me o dia inteiro; já escurecera quando pude pedir notícias de meu paciente

zoófago. O relatório era bom: ele ficara quieto durante todo o dia e a noite anteriores. Chegou-me um telegrama de Van Helsing, de Amsterdã, enquanto eu jantava; ele sugeria que eu passasse a noite em Hillingham, pois seria bom estar por perto. Disse que ele próprio estava partindo naquela noite e viria se encontrar comigo de manhã cedo.

9 de setembro — Eu estava exausto quando cheguei a Hillingham. Mal pregara os olhos durante duas noites seguidas, e minha mente começava a ser tomada por aquela letargia que marca a exaustão cerebral. Lucy estava acordada e bem-disposta. Quando nos cumprimentamos, ela me lançou um olhar penetrante e disse:

— Nada de passar a noite em claro hoje. O senhor está exausto. Já estou muito bem outra vez. É verdade, estou mesmo. Se alguém vai ficar em claro hoje, sou eu, velando pelo seu sono.

Eu não iria discutir, mas fui jantar. Lucy me acompanhou, e, alegrado por sua presença encantadora, fiz uma refeição excelente e tomei uns dois cálices de um vinho do Porto mais do que excelente. Em seguida, Lucy levou-me ao andar superior e me indicou um quarto ao lado do seu, onde uma agradável lareira estava acesa.

— Muito bem — disse ela. — O senhor fica aqui. Vou deixar sua porta aberta e a minha também. Pode se deitar no sofá, pois sei que nada é capaz de convencer um médico a se deitar numa cama enquanto houver um paciente no horizonte. Se eu precisar de alguma coisa, posso chamá-lo, e o senhor pode ir me atender na mesma hora.

Não pude deixar de aquiescer, pois estava morto de cansaço e não teria conseguido passar a noite em claro mesmo que tentasse. Então, fazendo-a prometer novamente me chamar caso precisasse de algo, deitei-me no sofá e me esqueci de tudo.

DIÁRIO DE LUCY WESTENRA

9 de setembro — Sinto-me tão feliz esta noite. Tenho estado tão miseravelmente fraca que ser capaz de pensar e de me movimentar é como sentir o sol brilhando após um longo período de ventos e de céu cor de chumbo. De alguma forma, Arthur parece estar muito próximo. Sinto sua presença ao meu redor, aquecendo-me. Suponho que seja porque a doença e a fraqueza nos deixem egoístas e voltem nossos olhos interiores e nossa solidariedade para nós mesmos, ao passo que a saúde e a força dão rédeas ao amor, que pode, em pensamento e em sentimento, vagar livre. Sei onde estão meus pensamentos. Se Arthur soubesse! Meu querido, meu querido, suas orelhas devem estar ardendo enquanto você dorme, assim como as minhas ardem quando estou acordada. Ah, o abençoado repouso que consegui ter na noite passada! Como dormi, com o caro e bondoso dr. Seward velando por mim! E hoje não terei medo de dormir, pois ele está bem perto e posso chamá-lo, se precisar. Obrigada a todos por serem tão bons comigo! Obrigada, meu Deus! Boa noite, Arthur.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

10 de setembro — Tomei consciência da mão do professor em minha cabeça, e despertei subitamente, num segundo. Isso é algo que aprendemos no hospício, de qualquer maneira.

— E como está nossa paciente?

— Estava bem quando a deixei. Ou, melhor dizendo, quando ela me deixou — respondi.

— Venha, vamos ver — disse ele, e fomos juntos para o quarto de Lucy.

A cortina havia sido baixada, e fui até a janela para levantá-la delicadamente, enquanto Van Helsing foi até a cama, com seus passos suaves como os de um gato.

Quando ergui a cortina e a luz da manhã inundou o quarto, ouvi o professor inspirar entre os dentes; sabendo que *isso* era raro, meu coração enregelou-se. Quando me aproximei, ele se afastou, e sua exclamação de horror, "*Gott im Himmel!*", não precisava ser reforçada por sua face angustiada. Ergueu a mão e apontou para a cama; a expressão pétrea de seu rosto havia desabado. Ele estava lívido. Senti que meus joelhos começavam a tremer.

Ali na cama, aparentemente desfalecida, estava a pobre Lucy, mais horrivelmente pálida e abatida do que nunca. Até os lábios estavam brancos, e as gengivas pareciam ter encolhido, como às vezes se vê num cadáver após uma doença prolongada. Van Helsing ergueu o pé e ia batê-lo no chão, tomado pela raiva, mas seu instinto e o hábito criado durante longos anos lhe foram úteis; ele baixou o pé delicadamente.

— Rápido! — disse ele. — Traga a aguardente!

Corri até a sala de jantar e voltei com a garrafa. Ele umedeceu os lábios da pobre Lucy com a aguardente, e juntos esfregamos o líquido sobre as palmas, os punhos e o peito. Ele ouviu-lhe o coração e, após alguns minutos de angustiante suspense, disse:

— Ainda não é tarde demais. O coração está batendo, ainda que muito fraco. Todo nosso trabalho foi por água abaixo; temos que começar do zero. O jovem Arthur não está aqui, agora; terei que recorrer a você desta vez, amigo John.

Enquanto falava, remexia na valise e retirava dali os instrumentos para a transfusão. Eu tirara o casaco e arregaçara a manga da camisa. Não era possível ministrar um narcótico naquele momento, e não havia necessidade; assim, sem mais demora, começamos a operação. Algum tempo depois —

não me pareceu pouco tempo, já que o esvair-se de nosso sangue, mesmo que concordemos em doá-lo, é uma sensação horrível —, Van Helsing ergueu um dedo, avisando-me:

— Não se mexa — disse ele —, mas temo que, com o recobrar de suas forças, ela venha a acordar, e isso seria perigoso. Muito perigoso. Vou tomar uma precaução. Vou aplicar uma injeção hipodérmica de morfina.

Foi o que fez, com rapidez e habilidade. O efeito em Lucy não foi mau, pois o desfalecimento pareceu se transformar sutilmente no sono induzido por narcóticos. Foi com orgulho pessoal que pude ver um tom róseo muito suave voltar à face e aos lábios pálidos. Homem algum sabe, até que tenha a experiência, o que é sentir seu próprio sangue escorrer para dentro das veias da mulher que ama.

O professor me observava com olhar crítico.

— É o suficiente — disse ele.

— Já? — protestei. — O senhor tirou muito mais de Art.

Ele sorriu um sorriso algo triste ao responder:

— Ele é o amado, o noivo. Você tem que trabalhar, tem que trabalhar muito, pelo bem dela e de outros. Essa quantidade será suficiente.

Quando terminamos a operação, ele ocupou-se de Lucy, enquanto eu aplicava pressão digital sobre a incisão no meu próprio braço. Deitei-me, enquanto aguardava que ele terminasse e pudesse me atender, pois me sentia fraco e um pouco nauseado. Pouco depois, ele fez meu curativo e mandou que descesse para tomar um cálice de vinho. Quando eu saía do quarto, Van Helsing me seguiu, e disse, num murmúrio:

— Lembre-se, não diremos nada a respeito disso. Se nosso jovem noivo aparecer inesperadamente, como antes, não lhe diga nada. Ficaria ao mesmo tempo assustado e enciumado, e não queremos que isso aconteça.

Quando voltei, ele me observou cuidadosamente e disse:

— Você não está tão mal assim. Vá para o quarto, deite-se em seu sofá e descanse um pouco. Depois, tome um desjejum caprichado e volte aqui.

Segui suas ordens, pois sabia que eram corretas e prudentes. Eu havia feito a minha parte, e agora a tarefa seguinte era recuperar as forças. Sentia-me bastante fraco, e a fraqueza fez com que eu perdesse um pouco da estupefação diante do que acontecera. Adormeci no sofá, porém, pensando e repensando como Lucy regredira tanto, e como podia ter perdido tanto sangue sem qualquer sinal aparente. Acho que essas reflexões devem ter invadido meus sonhos, pois, dormindo ou acordado, meus pensamentos

sempre retornavam àquelas duas perfurações em seu pescoço, com as bordas ásperas e gastas — mesmo que tão pequenas.

Lucy dormiu boa parte do dia e, ao acordar, estava razoavelmente forte e bem-disposta, embora nem de longe tanto quanto na véspera. Van Helsing foi vê-la e depois saiu para dar uma volta, deixando-a sob meus cuidados, com ordens estritas de que eu não a deixasse por um momento sequer. Eu podia ouvir sua voz no vestíbulo, perguntando aonde ir para enviar um telegrama.

Lucy conversou bastante comigo e não parecia ter a menor consciência do que acontecera. Tentei diverti-la e mantê-la interessada na conversa. Quando sua mãe foi vê-la em seu quarto, não pareceu perceber qualquer mudança, mas me disse, agradecida:

— Devemos muito ao senhor, dr. Seward, por tudo o que tem feito, mas agora deve tomar cuidado para não trabalhar em excesso. É o senhor quem está pálido. Precisa mesmo é de uma esposa para cuidar do senhor, isso sim!

Quando sua mãe disse essas palavras, Lucy ficou escarlate, embora só por um instante, porque suas pobres veias enfraquecidas não eram capazes de sustentar por muito tempo uma drenagem inusitada para a cabeça como aquela. A reação veio numa palidez excessiva, enquanto ela voltava os olhos suplicantes para mim. Sorri e fiz que sim, colocando o dedo sobre os lábios; com um suspiro, ela afundou de novo entre os travesseiros.

Van Helsing voltou aproximadamente duas horas depois, e logo em seguida me disse:

— Você agora vá para casa, coma e beba bastante. Recobre as forças. Ficarei aqui hoje à noite, e eu mesmo farei vigília para velar pelo sono da senhorita. Você e eu temos que acompanhar o caso e não podemos permitir que outros venham a saber. Tenho sérias razões para isso. Não, não pergunte quais são; pense o que quiser. Não tenha medo de pensar até no mais improvável. Boa noite.

No vestíbulo, duas criadas vieram me perguntar se uma delas poderia ficar acordada cuidando de Miss Lucy, ou mesmo as duas. Imploraram-me que deixasse, e, quando lhes disse que era o desejo do dr. Van Helsing que ele próprio ou eu fizéssemos a vigília, elas me pediram que intercedessem junto ao “cavalheiro de fora”, e cheguei a ter pena das duas. Fiquei bastante sensibilizado com sua gentileza. Talvez sua devoção tenha se manifestado por eu estar fraco no momento, ou talvez por ser pelo bem de Lucy.

Repetidas vezes testemunhei demonstrações semelhantes de gentileza por parte das mulheres. Voltei para casa a tempo de jantar; fiz minhas visitas — tudo estava tranquilo. Escrevi estas páginas enquanto aguardava o sono, que já está chegando.

11 de setembro — Hoje à tarde fui a Hillingham. Encontrei Van Helsing de excelente humor e Lucy bem melhor. Pouco depois de ter chegado, o professor recebeu um grande pacote do exterior. Abriu-o, muito surpreso — puro fingimento, é claro —, e tirou de lá um enorme buquê de flores brancas.

— São para a senhorita, Miss Lucy — disse.

— Para mim? Ah, dr. Van Helsing!

— Sim, minha cara, mas não são apenas para enfeitar. Trata-se de um remédio. — Ao ouvi-lo, Lucy fez uma careta. — Não, não vai ter que beber infusões, ou nada do gênero, então não precisa torcer o nariz, ou terei que advertir meu amigo Arthur sobre o desgosto que será obrigado a suportar vendo toda essa beleza que ele tanto ama assim distorcida. Arrá, bela mocinha, assim seu nariz fica de novo no lugar. Estas são plantas medicinais, mas a senhorita não sabe como agem. Penduro em sua janela, faço uma bela grinalda e ponho em torno do seu pescoço, para que a senhorita durma bem. Ah, sim! Estas flores, como o lótus, nos fazem esquecer nossos problemas. Seu aroma é o das águas do Lete, e daquela fonte da juventude que os conquistadores procuravam na Flórida, encontrando-a tarde demais.

Enquanto ele falava, Lucy ficou examinando e cheirando as flores. Largou-as, dizendo, com um riso que não escondia o desgosto:

— Ah, professor, acho que o senhor está apenas brincando comigo. Isto aqui é alho comum.

Para minha surpresa, Van Helsing pôs-se de pé e disse, com toda a severidade, uma expressão dura no rosto e as sobrancelhas espessas juntando-se:

— Não faça pouco caso de mim! Não sou de fazer pilhérias! Há um propósito bastante sério em todas as minhas ações, e aconselho-a a não me

contrariar. Tome cuidado, pelo bem dos outros, se não pelo seu próprio.

Então, vendo a pobre Lucy assustada, o que não era de se estranhar, ele prosseguiu num tom mais brando:

— Ah, minha cara mocinha, não tenha medo de mim. Só penso no seu bem, e estas flores comuns podem ter um efeito muito benéfico sobre sua saúde. Veja, eu mesmo vou arrumá-las no seu quarto. Eu mesmo farei a guirlanda que a senhorita vai usar. Mas, psiu! Nada de contar aos outros, que vivem fazendo um milhão de perguntas. Temos que obedecer, e o silêncio é parte da obediência; a obediência vai deixá-la forte e saudável entre os braços apaixonados que a aguardam. Agora fique quietinha um instante. Venha, amigo John, e me ajude a espalhar o alho pelo quarto. Estas flores vieram de longe, de Haarlem, onde meu amigo Vanderpool as cultiva em estufas o ano todo. Tive que telegrafar-lhe ontem, ou elas não estariam aqui.

Fomos até o quarto, levando as flores conosco. Os procedimentos do professor eram sem dúvida estranhos, e eu não haveria de encontrá-los em qualquer farmacopeia que conheça. Primeiro, fechou as janelas e passou os trincos. Depois, pegando um punhado das flores, esfregou-as sobre os caixilhos, como se quisesse garantir que o menor sopro de ar que entrasse no quarto viesse impregnado com o cheiro do alho. Esfregou as flores amassadas também na ombreira da porta, por cima, por baixo e de ambos os lados, e por volta da lareira, da mesma forma. Tudo me parecia grotesco, e logo em seguida eu disse:

— Bem, professor, sei que o senhor sempre tem uma razão para suas ações, mas desta vez estou mesmo intrigado. Ainda bem que não há nenhum cético por aqui, ou ele diria que o senhor está fazendo alguma simpatia para manter a distância um espírito maligno.

— Talvez eu esteja! — respondeu ele, em voz baixa, enquanto começava a confeccionar a guirlanda que Lucy deveria usar em torno do pescoço.

Esperamos então que ela fizesse sua toalete noturna, e, quando já estava na cama, ele mesmo colocou a guirlanda de alho ao redor de seu pescoço.

Suas últimas palavras a Lucy foram estas:

— Tome cuidado para não danificar a guirlanda e, mesmo que o quarto pareça abafado, não abra as janelas ou a porta esta noite.

— Prometo — disse Lucy —, e muitíssimo obrigada a ambos por toda essa gentileza para comigo! Ah, o que eu fiz para merecer a bênção de sua amizade?

Ao deixarmos a casa em meu cabriolé, que nos aguardava, Van Helsing disse:

— Hoje à noite poderei dormir em paz, e preciso mesmo disso, pois foram duas noites de viagem, entremeadas por muitas leituras, mais muita ansiedade no dia seguinte e uma noite de vigília, sem pestanejar. Amanhã cedo mande me chamar, e viremos juntos ver nossa mocinha, que estará bem mais forte graças à “simpatia” que fiz. Rá! Rá!

Ele parecia tão confiante que eu, lembrando-me de minha própria confiança duas noites antes e dos resultados desastrosos, senti admiração e também um certo medo. Deve ter sido minha fraqueza o que me impediu de dizê-la ao meu amigo, mas isso só fez aumentar a sensação, que é como a de estar retendo as lágrimas.

Nota

[1] A palavra inglesa *ear* significa tanto “espiga” quanto “orelha”. (N.T.)

Capítulo 11

DIÁRIO DE LUCY WESTENRA

12 de setembro — Como eles são bondosos comigo. Gosto muito daquele querido dr. Van Helsing. Pergunto-me por que ele estava tão ansioso com relação a estas flores. Assustou-me de verdade; estava tão arrebatado. E, no entanto, tinha razão, pois já me sinto reconfortada por elas. De certo modo, hoje à noite não sinto medo de ficar sozinha e posso ir dormir tranquila. Não preciso me preocupar com o ruído de asas batendo do lado de fora da janela. Ah, como tenho lutado contra o sono ultimamente, e como é terrível a insônia, ou o medo do sono, que me trazia horrores desconhecidos! Certas pessoas são abençoadas, pois suas vidas não conhecem medos; para elas, o sono é uma dádiva que recebem toda noite e que nada lhes traz além de bons sonhos. Bem, eis-me aqui, esta noite, desejando dormir, e, como Ofélia na peça, com "grinaldas de virgem e flores arremessadas no túmulo de donzela". Jamais gostei de alho anteriormente, mas hoje à noite o aroma é delicioso! Traz-me paz, e já sinto o sono chegando. Boa noite para todos.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

13 de setembro — Encontrei-me com Van Helsing no Berkeley, e ele foi, como de hábito, pontual. A carruagem solicitada ao hotel já estava esperando. O professor pegou sua valise, que agora sempre traz consigo.

Quero registrar tudo de forma precisa. Van Helsing e eu chegamos em Hillingham às oito horas. A manhã estava muito agradável; o sol brilhante e o frescor do início do outono pareciam coroar o trabalho anual da natureza. As folhas pareciam estar se tingindo de várias e belas cores, mas ainda não haviam começado a cair das árvores. Quando chegamos, encontramos Mrs. Westenra, que saía de sua sala íntima. Tem o hábito de se levantar cedo. Recebeu-nos calorosamente e disse:

— Ficarão felizes em saber que Lucy está melhor. Ainda não acordou, a minha menina. Fui espiá-la em seu quarto, mas não entrei, para não a incomodar.

O professor sorriu, parecendo satisfeitíssimo. Esfregou as mãos e disse:

— Arrá! Eu achava mesmo que tinha o diagnóstico do caso. Meu tratamento está funcionando.

Ela então respondeu:

— O senhor não deve reivindicar todo o crédito, doutor. O estado de Lucy hoje de manhã deve-se em parte a mim.

— O que a senhora quer dizer com isso, madame?

— Bem, eu estava preocupada com a minha menina durante a noite e fui até seu quarto. Ela dormia profundamente, tão profundamente que até mesmo minha chegada não a despertou. Mas o quarto estava abafado demais. Havia um monte daquelas flores horrorosas, de cheiro forte, por toda parte, e até mesmo uma guirlanda em torno do pescoço de Lucy. Tive medo de que o cheiro forte viesse a ser prejudicial à minha querida filha, dada sua fraqueza, então tirei todas do quarto e entreabri a janela, para deixar entrar um pouco de ar puro. O senhor vai ficar satisfeito com ela, tenho certeza.

Mrs. Westenra se retirou para o seu *boudoir*, onde na verdade já havia feito o desjejum, mais cedo. Quando terminou de falar, fiquei observando o rosto do professor e vi que se empalidecia. Ele conseguira se controlar enquanto a pobre senhora ainda estava presente, pois conhecia seu estado e sabia que um choque teria efeitos ruins; chegara mesmo a sorrir ao abrir a porta para que ela se retirasse aos seus aposentos. No instante em que ela se

foi, porém, puxou-me até a sala de jantar, súbita e energicamente, fechando a porta.

Então, pela primeira vez em minha vida, vi Van Helsing desesperar-se. Ergueu as mãos sobre a cabeça, numa espécie de muda aflição, e juntou as palmas com força, demonstrando quão impotente se sentia. Afinal, sentou-se numa cadeira e, cobrindo o rosto com as mãos, começou a soluçar — soluços altos e secos que pareciam vir do fundo de seu coração aflito. Ergueu os braços outra vez, como se apelasse ao universo inteiro:

— Deus! Deus! Deus! — exclamou. — O que fizemos nós, o que fez essa pobre senhora, para que tenhamos que ser tão cruelmente perseguidos? Será que pesa sobre nós alguma maldição, lançada no mundo pagão de outrora, para que tais coisas tenham que acontecer, e desta forma? Essa pobre mãe, inteiramente inocente e certa de estar fazendo o melhor, faz algo como deixar sua filha vulnerável em corpo e alma; e não podemos lhe dizer, não podemos sequer alertá-la, pois nesse caso morreria, e as duas morreriam. Ah, como estamos sendo perseguidos! Como todos os poderes demoníacos se armaram contra nós! — Subitamente, ele se pôs de pé. — Venha — disse. — Venha, temos que ver e agir. Que sejam ou não demônios, ou que sejam todos os demônios a um só tempo, não importa. Vamos enfrentá-los ainda assim! — Foi até a porta de entrada apanhar sua valise, e juntos subimos ao quarto de Lucy.

Mais uma vez abri a cortina, enquanto Van Helsing ia até a cama. Dessa vez, ao olhar para o pobre rosto ele não se alarmou a ponto de assumir a mesma cadavérica palidez de antes. Sua expressão era de tristeza sombria e de infinita piedade.

— Como eu esperava — murmurou, com aquele arquejo profundo e tão cheio de significados.

Sem mais uma palavra, foi até a porta e trancou-a. Começou a colocar sobre a mesinha os instrumentos para fazer mais uma transfusão sanguínea. Eu já sabia que seria necessária, e começara a tirar o casaco, mas o professor ergueu a mão e me deteve:

— Não! — disse ele. — Hoje você vai operar. Serei eu o doador. Você já está enfraquecido.

Ao dizê-lo, tirou o casaco e arregaçou a manga da camisa. Outra vez a operação, outra vez o narcótico, outra vez um pouco de cor regressando à face pálida, e a respiração regular do sono saudável. Dessa vez fiquei

observando enquanto Van Helsing deitava-se para repousar e se restabelecer.

Pouco depois, ele aproveitou uma oportunidade para dizer a Mrs. Westenra que não deveria retirar coisa alguma do quarto de Lucy sem consultá-lo. Disse-lhe que as flores tinham poder medicinal, e que a inalação de seu odor era parte do tratamento. Então, ele assumiu os cuidados com a paciente, dizendo que faria vigília naquela noite e na seguinte, e que mandaria me chamar.

Uma hora depois, Lucy despertou, revigorada e radiante, na verdade bastante bem para quem passara por uma provação como a sua.

O que significa tudo isso? Começo a me perguntar se meu costume de viver entre os loucos por acaso está trazendo consequências ao meu cérebro.

DIÁRIO DE LUCY WESTENRA

17 de setembro — Quatro dias e quatro noites de paz. Estou recobrando tanto as forças que mal me reconheço. É como se eu tivesse tido um longo pesadelo e acabasse de acordar para ver o sol brilhando e sentir o ar fresco da manhã ao meu redor. Tenho a vaga memória de uma época longa e ansiosa, época de espera e de medo, e de uma escuridão em que não havia sequer a dor da esperança para fazer o sofrimento mais pungente. Seguiam-se longos períodos de esquecimento, e eu regressava à vida como um

mergulhador subindo à superfície através de um volume imenso de água. Desde que o dr. Van Helsing está comigo, porém, todos esses sonhos ruins parecem ter desaparecido. Os ruídos que me assustavam tanto — o bater de asas nas janelas, as vozes distantes que pareciam tão próximas, os sons ásperos que vinham não sei de onde e me ordenavam a fazer não sei o quê — tudo isso cessou. Vou para a cama agora sem temer o sono. Nem chego a tentar manter-me acordada. Passei a gostar muito do alho, e uma nova remessa chega diariamente de Haarlem. Hoje à noite, o dr. Van Helsing vai se ausentar, pois precisa ir a Amsterdã por um dia. Não preciso que me vigiem, porém: estou bem o suficiente para ficar sozinha. Graças a Deus, pelo bem de minha mãe, e do meu querido Arthur, e de todos os amigos que têm sido tão gentis! Nem vou chegar a sentir a diferença, pois ontem à noite Van Helsing dormiu em sua cadeira boa parte do tempo. Encontrei-o adormecido por duas vezes, quando acordei, mas não tive medo de voltar a dormir, embora contra a janela batessem quase com raiva os galhos das árvores ou as asas dos morcegos, ou o que quer que fosse.

***The Pall Mall Gazette*, 18 de setembro**
O lobo fugido
Uma perigosa aventura de nosso repórter
Entrevista com o zelador do Jardim Zoológico

Após várias tentativas e quase o mesmo número de recusas, e sempre usando como uma espécie de talismã as palavras “Pall Mall Gazette”, consegui encontrar o zelador da seção do Jardim Zoológico em que se inclui o departamento dos lobos. Thomas Bilder mora numa cabana atrás da jaula do elefante e acabava de se sentar para tomar o chá quando o encontrei. Thomas e sua esposa são gente hospitaleira, mais idosos e sem filhos, e se o que desfrutei de sua hospitalidade for rotineiro, suas vidas devem ser bastante confortáveis. O zelador não queria falar sobre o que chamava de “negócios” até que a refeição fosse concluída e estivéssemos todos satisfeitos. Quando a mesa foi tirada e ele acendeu seu cachimbo, disse-me:

— Agora, meu senhor, pode me perguntar o que quiser. Vai me desculpar por eu não querer falar de assuntos profissionais antes das refeições. Sempre dou aos lobos e aos chacais e às hienas de nossa seção seu chá, antes de começar a lhes fazer perguntas.

— O que o senhor quer dizer com “lhes fazer perguntas”? — perguntei, tentando deixá-lo disposto a conversar.

— Uma das maneiras é bater em sua cabeça com uma vara. Coçar suas orelhas é outra, útil para os sujeitos que querem impressionar suas garotas. Não tenho problemas com a primeira, o golpe na cabeça antes de lhes dar o jantar, mas espero até que eles tenham tomado o licor e o cafezinho, por assim dizer, antes de tentar coçar as orelhas. Repare — acrescentou, filosoficamente —, nós, humanos, temos um bocado em comum com esses bichos. Olhe só o senhor aqui me fazendo perguntas sobre o que eu faço, e eu de mau humor; se não fosse pela maldita moeda que me deu, o teria expulsado antes de responder. Não o mandei embora mesmo quando me perguntou sarcasticamente se eu queria que fosse pedir permissão ao superintendente para me fazer perguntas. Sem querer ofender, eu não o mandei ao inferno?

— Mandou.

— E quando o senhor disse que iria me denunciar por falar palavrão, isso foi como me golpear na cabeça. Mas o dinheiro acertou as coisas. Eu não ia brigar com o senhor, de modo que fiquei esperando a comida, dando meu uivo como fazem os lobos, os leões e os tigres. Mas agora que a minha velha, que Deus a abençoe, me deu um pedaço de bolo para comer e me encheu de chá, e que já estou fumando, o senhor pode coçar minhas orelhas

à vontade, e eu nem vou rosnar. Pergunte o que quiser. Sei o que quer saber, é sobre aquele lobo que fugiu.

— Exatamente. Quero ouvir seu ponto de vista sobre o caso. Diga-me como aconteceu; quando eu estiver a par dos fatos, vou querer saber a sua opinião sobre a causa e sobre o provável desfecho dessa história.

— Está certo, doutor. A história foi mais ou menos assim. Aquele lobo, que chamávamos Bersicker, era um dos três lobos cinzentos que vieram da Noruega para Jamrach, de quem o compramos, há quatro anos. Ele é um lobo bem-comportado, e nunca me deu problemas. O que mais me surpreende é que ele, entre todos os animais deste lugar, fosse querer fugir. Mas não se pode confiar nos lobos, nem nas mulheres.

— Não ligue para o que está dizendo — interrompeu Mrs. Tom com um riso divertido. — Ele tem cuidado desses bichos há tanto tempo que acho que ele próprio parece um velho lobo. Mas não faz mal a uma mosca.

— Bem, doutor, haviam se passado cerca de duas horas depois de alimentá-los, ontem, quando ouvi a confusão. Estava fazendo uma cama na casa dos macacos para um puma jovem que está doente; mas, assim que escutei os latidos e uivos, fui logo. Lá estava Bersicker se debatendo contra as grades feito um louco, como se quisesse sair. Não havia muita gente por ali naquele dia, e perto só estava um homem, um sujeito alto e magro, de nariz aquilino e barba pontuda e grisalha. Tinha um olhar duro e frio, e olhos vermelhos, e não gostei dele, pois parecia que era com ele que os animais estavam irritados. Tinha luvas brancas de pelica e apontou para os animais, dizendo: “Zelador, esses lobos parecem estar nervosos com alguma coisa.”

“‘Talvez seja com o senhor’, eu disse, porque não gostei da pose dele. Ele não ficou zangado, como achei que fosse ficar, mas deu um sorriso insolente, com sua boca cheia de dentes brancos e afiados.

“‘Ah, não, eles não iriam gostar de mim’, disse ele.

“‘Ah, sim, iriam gostar’, disse eu, imitando sua maneira de falar. ‘Eles sempre gostam de um ou dois ossos para limpar os dentes na hora do chá, e o senhor é um saco de ossos.’

“Bem, foi bastante estranho, mas quando os animais nos viram falando, eles se deitaram, e quando fui até Bersicker, ele me deixou afagar suas orelhas, como sempre. Então o homem se aproximou, e macacos me mordam se ele também não estendeu a mão e afagou as orelhas do lobo!

“‘Tome cuidado, senhor’, eu disse. ‘Bersicker é rápido.’

“‘Não se preocupe’, disse ele. ‘Estou acostumado.’

“‘Também é do ramo?’, perguntei, tirando o chapéu. Porque um homem que negocia lobos e outros bichos é um bom amigo para um zelador.

“‘Não’, disse ele. ‘Não exatamente do ramo, mas já tive vários como bichos de estimação.’

“Com isso, ele tirou o chapéu como se fosse um lorde e foi embora. O velho Bersicker ficou olhando para ele até sair de vista, e então foi se deitar num canto e não saiu mais a tarde inteira. Bem, noite passada, assim que a lua apareceu, os lobos começaram a uivar. Não havia motivo para isso. Não havia ninguém por perto, a não ser alguém que chamava um cachorro em algum lugar atrás dos jardins, atrás das aleias do zoológico. Uma ou duas vezes saí para ver se tudo estava bem, e estava. Os uivos logo pararam. Um pouco antes da meia-noite, fui ver de novo, antes de dormir, e minha nossa! Quando cheguei em frente à jaula de Bersicker, vi que as grades estavam todas retorcidas e quebradas, e que a jaula estava vazia. E é só o que sei com certeza.”

— Alguém mais viu alguma coisa?

— Um de nossos jardineiros estava voltando para casa mais ou menos naquela hora quando viu um enorme cachorro cinzento saindo do jardim. Pelo menos é o que ele diz, mas eu não acredito nisso, pois, se ele viu mesmo, não disse uma palavra à sua mulher quando chegou em casa. Foi só quando todos ficaram sabendo que o lobo havia fugido, e depois de termos passado a noite toda procurando por ele no parque, que o jardineiro se lembrou de ter visto alguma coisa. Acho que a bebedeira dele antes de ir para casa estava afetando sua cabeça.

— E o senhor poderia, Mr. Bilder, dar qualquer explicação para a fuga do lobo?

— Bem, doutor — disse ele, com uma espécie de modéstia suspeita —, acho que sim, mas não sei se o senhor ficaria satisfeito com a teoria.

— Com certeza que sim. Se um homem como o senhor, que conhece bem os animais devido à sua experiência, não puder arriscar um palpite, quem mais poderia?

— Bem, doutor, a minha explicação é a seguinte: parece-me que aquele lobo fugiu simplesmente porque queria.

Pela maneira como ele e sua esposa riram da piada, percebi que eu não era a primeira vítima, e toda aquela explicação era só para deixar a piada

ainda melhor. Eu não era capaz de competir com o ilustre Thomas em termos de gracinhas, mas eu conhecia o caminho mais garantido ao seu coração. Então, disse:

— Mr. Bilder, consideremos que aquela moeda já está garantida, e que uma outra está esperando para se juntar a ela quando o senhor tiver me dito o que acha que vai acontecer.

— Ah, o senhor tem razão — disse ele, recompondo-se. — O senhor vai me desculpar pela brincadeirinha, mas a velha estava piscando o olho, o que é a mesma coisa que me dizer para continuar.

— Ah, mas como você se atreve? — disse a senhora.

— Minha opinião é a seguinte: o lobo está escondido em algum lugar.

O jardineiro que não se lembrava disse que ele galopava na direção norte mais rápido do que um cavalo. Mas eu não acredito, porque, o senhor entende, os lobos não galopam, nem os cachorros, porque não foram feitos para isso. Nos livros de criança, os lobos são muito bravos; imagino que, quando eles se juntam para perseguir alguma presa, podem fazer um barulho dos diabos e partir em pedaços qualquer que seja essa presa. Mas, vou lhe dizer, na vida real, o lobo é só uma criatura inferior e não tem a metade da inteligência e da coragem de um bom cachorro, e a oitava parte da capacidade de lutar. Esse lobo não estava acostumado a brigar, nem mesmo para sua sobrevivência. É mais provável que esteja em algum lugar do parque, escondido e tremendo, e, se é que ele é capaz de pensar, se perguntando onde vai arranjar o café da manhã. Ou talvez esteja em algum lugar da cidade, escondido em um porão. Meu Deus, alguma cozinheira vai levar um susto e tanto quando vir os olhos verdes brilhando no escuro! Se ele não conseguir comida, vai procurar por ela, e talvez tenha a sorte de passar num açougue a tempo. Por outro lado, se alguma babá se afastar um pouco com um soldado, deixando o bebê no carrinho... bem, eu não ficaria surpreso se o censo registrasse um bebê a menos. Isso é tudo.

Eu estava lhe entregando a moeda quando alguma coisa apareceu na janela, e o rosto de Mr. Bilder ficou duas vezes mais comprido com a surpresa.

— Macacos me mordam! — disse ele. — Se não é o velho Bersicker de volta por conta própria!

Foi até a porta e a abriu; parecia-me um procedimento bastante desnecessário. Sempre pensei que um animal selvagem nunca fica tão bem quanto nos momentos em que há entre nós algum objeto de forte

resistência. Minha experiência pessoal serviu para reforçar essa ideia, em vez de diminuí-la.

Afinal de contas, porém, não há nada como o hábito, pois nem Bilder nem sua esposa reagiram à presença do lobo de maneira mais exaltada do que eu reagiria à de um cachorro. O animal era pacífico e bem-comportado, como o pai de todos os lobos das histórias — o velho amigo de Chapeuzinho Vermelho, embora se valesse do fingimento para conquistar-lhe a confiança.

Toda aquela cena era uma indizível mistura de comédia e *páthos*. O lobo perverso que durante a metade de um dia paralisara Londres e deixara de pernas bambas todas as crianças da cidade estava ali como que com um ar penitente, e era recebido e afagado como uma espécie de filho pródigo lupino. O velho Bilder examinou-o com o maior carinho e solicitude; quando terminou, disse-me:

— Viu só? Eu sabia que o pobre coitado ia se meter em alguma encrenca. Não disse que ia? Aqui está ele com a cabeça toda cortada e cheia de cacos de vidro. Ele com certeza estava tentando pular algum muro ou coisa parecida. É um absurdo que as pessoas tenham permissão para colocar garrafas quebradas em cima do muro. Isso é o resultado. Venha, Bersicker.

Pegou o lobo e trancou-o numa gaiola, junto com um pedaço de carne capaz de satisfazê-lo — ou, de qualquer forma, em boa quantidade, o que eram as condições elementares de sobrevivência do filho pródigo —, e saiu para relatar o ocorrido.

Também fui embora, para relatar o ocorrido, que é a única informação exclusiva dada hoje acerca da estranha fuga no zoológico.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

17 de setembro — Após o jantar, fiquei em minha biblioteca pondo em dia os livros — que, por eu ter me ocupado de outros trabalhos e feito tantas visitas a Lucy, estão bastante atrasados. Subitamente, a porta se abriu de um golpe, e meu paciente entrou, o rosto distorcido de exaltação. Fiquei estupefato, pois um paciente indo por conta própria ao escritório do superintendente é algo praticamente inédito. Sem um segundo de hesitação, ele veio diretamente a mim. Tinha uma faca na mão, e, como vi que era perigoso, tentei manter a mesa entre nós. Ele era, porém, rápido e forte demais para mim, pois, antes que eu conseguisse me equilibrar, golpeara-me, fazendo um corte profundo em meu punho esquerdo. Antes que ele pudesse me atacar de novo, contudo, consegui dar um golpe com a mão direita e ele caiu estatelado no chão, de costas. Meu punho sangrava muito, e os pingos já haviam formado uma pequena poça no carpete. Vi que meu amigo não pretendia fazer novas investidas e comecei a atar a ferida em meu punho, observando o tempo todo, de soslaio, a figura prostrada no chão. Quando os assistentes entraram, e voltamos nossas atenções a Renfield, fiquei enojado ao ver o que ele fazia: estava deitado no chão, de bruços, e lambia, como um cachorro, o sangue que escorrera de meu punho ferido. Foi facilmente contido, e, para minha surpresa, acompanhou os assistentes com bastante calma, limitando-se a repetir seguidas vezes:

— O sangue é a vida! O sangue é a vida!

Não posso perder sangue neste momento; já perdi uma quantidade suficiente há pouco tempo, o que comprometeu meu bem-estar físico. Além do mais, esse prolongamento da doença de Lucy, e suas horríveis fases, está começando a ter consequências sobre mim. Estou agitado demais e exausto; preciso descansar, descansar e descansar. Felizmente, Van Helsing não me requisitou, de modo que não vou ter que me privar do sono. Esta noite, ele haveria de me fazer muita falta.

TELEGRAMA DE VAN HELSING, ANTUÉRPIA, PARA SEWARD, CARFAX
(ENVIADO PARA CARFAX, EM SUSSEX, POIS O CONDADO NÃO FOI MENCIONADO. ENTREGUE COM 22 HORAS DE ATRASO.)

17 de setembro — Não deixe de ir a Hillingham esta noite. Caso não possa vigiar toda a noite, faça visita e confira flores; muito importante; não deixe de ir. Estarei com você o mais cedo possível após chegada.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

18 de setembro — Acabo de sair para pegar o trem rumo a Londres. A chegada do telegrama de Van Helsing me encheu de desânimo. Toda uma noite perdida, e sei, por minha própria e dolorosa experiência, o que pode acontecer em uma noite. É possível, claro, que tudo esteja bem, mas o que pode ter acontecido? Com certeza há algum destino terrível pesando sobre nós, pois tudo parece estar contra nós. Vou levar comigo este cilindro, e assim poderei completar meu registro usando o fonógrafo de Lucy.

MEMORANDO DEIXADO POR LUCY WESTENRA

17 de setembro, à noite — Escrevo estas páginas e deixo-as para que sejam lidas, a fim de que ninguém venha a ter problemas por minha causa. Este é um registro exato do que aconteceu esta noite. Sinto que estou morrendo de fraqueza e mal tenho forças para escrever, mas isso tem de ser feito, mesmo que eu morra ao fazê-lo.

Fui para a cama conforme o habitual, certificando-me de que as flores tivessem sido dispostas de acordo com as instruções do dr. Van Helsing, e logo adormeci.

Fui acordada pelo ruído de asas batendo junto à janela, que começou desde aquela noite de sonambulismo no penhasco, quando Mina me salvou, e que agora conheço tão bem. Não sentia medo, mas gostaria que o dr. Seward tivesse estado no quarto ao lado — como o dr. Van Helsing disse que estaria — e que eu tivesse podido chamá-lo. Tentei dormir, mas não conseguia. Regressou, então, aquele velho medo do sono, e decidi que ficaria acordada — mas o sono, perverso, tentava me dominar quando eu não queria. Então, como eu temia ficar sozinha, abri minha porta e chamei:

— Há alguém aí?

Não houve resposta. Receava acordar minha mãe, de modo que tornei a fechar minha porta. Então, ouvi uma espécie de uivo, como o de um cachorro, só que mais feroz e penetrante. Vinha lá de fora, das moitas de arbustos. Fui até a janela e olhei para fora, mas nada pude ver, exceto um grande morcego, que evidentemente estivera batendo suas asas contra a janela. Voltei para a cama, então, mas decidida a não dormir. Pouco depois, a porta se abriu, e minha mãe espiou dentro do quarto; vendo que eu me mexia e que não estava dormindo, entrou e sentou-se ao meu lado. Disse-me, num tom ainda mais delicado e suave do que o habitual:

— Eu estava um pouco inquieta com relação a você, querida, e vim ver se estava bem.

Receei que ela pudesse se resfriar sentada ali e lhe pedi que viesse dormir comigo. Ela então se deitou em minha cama ao meu lado. Não tirou o *peignoir*, pois disse que ficaria apenas por algum tempo e que depois

voltaria para sua própria cama. Quando estava ali, nos meus braços, e eu nos seus, o som das asas batendo e roçando na janela recomeçou. Ela ficou alarmada e um pouco amedrontada, exclamando:

— O que é isso?

Tentei acalmá-la e acabei conseguindo. Ficou deitada em silêncio, mas eu ainda podia ouvir seu pobre coração batendo com muita força. Após algum tempo, ouviu-se novamente o uivo baixo, vindo da moita de arbustos; pouco depois houve um estrondo na janela, e as vidraças espatifaram-se no chão. A veneziana se abriu com a força do vento, e, no espaço entre os caixilhos quebrados, apareceu a cabeça de um enorme lobo cinzento e magro. Minha mãe gritou, aterrorizada, tentando se sentar e agarrando-se desesperadamente a tudo o que pudesse auxiliá-la. Entre outras coisas, agarrou a guirlanda de flores que o dr. Van Helsing insistira que eu usasse em volta do pescoço, arrancando-a. Durante um ou dois segundos, ficou sentada, apontando para o lobo, e de sua garganta vinha um horrível gorgolejar; depois, caiu como se um raio a tivesse atingido. Sua cabeça atingiu minha testa, e fiquei tonta por alguns instantes. O quarto parecia girar, assim como tudo ao meu redor. Eu mantinha os olhos fixos na janela, mas o lobo tirou a cabeça dali. Uma miríade de pequenas partículas pareceu entrar com o vento através da janela quebrada, e as partículas dançavam numa espiral como aqueles pilares de poeira que os viajantes descrevem quando há simum no deserto. Tentei me mexer, mas eu parecia enfeitiçada, e o corpo de minha pobre mãe, que já parecia mais frio, pois seu coração cessara de bater, pesava sobre mim; perdi momentaneamente a consciência.

Não pareceu se passar muito tempo até que eu a recobrasse, mas foram momentos de fato terríveis. Em algum lugar nas proximidades, soava um dobre de finados. Todos os cães da vizinhança estavam uivando, e na moita de arbustos de nossa casa, aparentemente bem perto, um rouxinol cantava. Eu estava atordoada, e a dor, o terror e a fraqueza impediam-me de pensar, mas o canto do rouxinol era como a voz de minha mãe morta retornando para me reconfortar. O barulho parecia ter também despertado as criadas, pois eu podia ouvir seus pés descalços do lado de fora do meu quarto. Chamei-as, e elas entraram, e quando viram o que acontecera, e o que estava sobre mim, na cama, gritaram. Uma rajada de vento entrou pela janela, e a porta bateu com um estrondo. As criadas levantaram o corpo de minha querida mãe. Depois que me levantei, elas a deitaram sobre a cama,

cobrindo-a com um lençol. Estavam tão assustadas e nervosas que mandei que fossem até a sala de jantar e tomassem um cálice de vinho. A porta se abriu por um instante, depois voltou a se fechar. As criadas deram um grito agudo e foram todas juntas para a sala de jantar; coloquei todas as flores que havia ali sobre o peito de minha adorada mãe. Quando estavam ali, lembrei-me do que me dissera o dr. Van Helsing, mas não queria retirá-las, e, além do mais, chamaria uma das criadas para ficar comigo durante o restante da noite. Fiquei surpresa por não terem voltado ainda. Chamei-as, mas não houve resposta, então fui até a sala de jantar procurá-las.

Fiquei arrasada ao ver o que acontecera. As quatro estavam caídas no chão, a respiração pesada. A garrafa de xerez estava em cima da mesa, pela metade, mas havia no ar um odor estranho, acre. Fiquei desconfiada e examinei a garrafa. Cheirava a láudano, e, olhando sobre o aparador, vi que o frasco que o médico de minha mãe usa com ela — ah, usava! — encontrava-se vazio. O que devo fazer? O que devo fazer? Estou de volta ao quarto, com minha mãe. Não posso deixá-la, e estou só, à exceção das criadas adormecidas, que alguém drogou. Sozinha com os mortos! Não ouso sair, pois posso ouvir o lobo uivando do lado de fora.

O ar parece cheio de pequenas partículas que flutuam e circulam na corrente de ar que entra pela janela quebrada, e as chamas dos lampiões estão azuladas e fracas. O que devo fazer? Que Deus me proteja de todos os males esta noite! Vou esconder esta folha junto ao peito, onde vão encontrá-la quando vierem vestir meu cadáver. Minha querida mãe se foi!

É chegada também a minha hora. Adeus, querido Arthur, se eu não sobreviver a esta noite. Que Deus o proteja, meu amado, e que ajude a mim!

Capítulo 12

DIÁRIO DO DR. SEWARD

18 de setembro — Fui imediatamente para Hillingham e cheguei cedo. Deixei o cabriolé aguardando na ponte e subi a pé a avenida. Bati na porta suavemente e fiz soar a campainha o mais discretamente possível, pois temia incomodar Lucy ou sua mãe, e esperava que só uma criada me ouvisse. Após certo tempo, como não houve resposta, bati e fiz soar a campainha outra vez; de novo, nenhuma resposta. Amaldiçoei a preguiça das criadas, que deviam estar na cama àquela hora — eram quase dez da manhã; toquei a campainha e bati na porta novamente, perdendo a paciência, mas ainda assim não houve resposta. Até então, eu pusera a culpa apenas nas criadas, mas um medo terrível começou a se apossar de mim. Seria aquela desolação apenas mais um aro naquela corrente de desgraças que parecia estar se apertando ao nosso redor? Estaria eu chegando de fato a uma casa de mortos, tarde demais? Sabia que minutos ou mesmo segundos de atraso poderiam significar horas de perigo a Lucy, se ela tivesse tido uma daquelas assustadoras recaídas; contornei a casa para ver se havia outro lugar por onde entrar.

Não encontrei. Todas as janelas e portas estavam fechadas. Voltei frustrado ao pórtico de entrada. Lá chegando, ouvi o barulho de cascos de cavalo, aproximando-se rapidamente. Pararam junto à ponte, e poucos segundos depois encontrei Van Helsing subindo às pressas a avenida. Quando ele me viu, gaguejou:

— Então era você e acabava de chegar. Como está ela? Chegamos tarde demais? Você não recebeu meu telegrama?

Respondi o mais rápido e coerentemente possível que só recebera seu telegrama de manhã cedo, e que não perdera um minuto, seguindo de imediato para Hillingham. Disse-lhe também que não conseguia fazer com que me ouvissem, na casa. Ele se deteve e tirou o chapéu, dizendo, solene:

— Então, temo que tenhamos chegado tarde demais. Que seja feita a vontade do Senhor.

Com aquela costumeira energia que sempre conseguia recuperar de imediato, prosseguiu:

— Venha. Se não há uma entrada disponível, teremos que fabricar uma. O tempo significa tudo, agora.

Fomos até os fundos da casa, onde havia uma janela na cozinha. O professor apanhou um pequeno serrote cirúrgico em sua valise e, entregando-o a mim, apontou para as barras de ferro que protegiam a janela. Imediatamente comecei a serrá-las e rapidamente já havia me livrado de três. Depois, com uma faca comprida e delgada, abrimos o trinco e a janela. Ajudei o professor a entrar e segui-o. Não havia ninguém na cozinha ou nos quartos dos criados, que eram bem próximos. Procuramos em todos os aposentos ao seguir pela casa adentro, e na sala de jantar, fracamente iluminada pelos raios que atravessavam as venezianas, encontramos quatro criadas caídas no chão. Não havia motivo para pensar que estivessem mortas, pois o cheiro acre de láudano na sala não deixava dúvidas sobre sua condição. Van Helsing e eu nos entreolhamos, e, ao prosseguir, ele me disse:

— Podemos cuidar delas mais tarde.

Subimos então para o quarto de Lucy. Por um instante ou dois nos detivemos junto à porta e escutamos, mas nada havia para ouvir. Pálidos, com as mãos trêmulas, abrimos a porta com cuidado e entramos no quarto.

Como descrever o que vi? Na cama, estavam as duas mulheres, Lucy e sua mãe. A última estava na ponta mais distante e coberta com um lençol branco, cuja beirada o vento que entrava pela janela quebrada afastara, revelando a face lívida e abatida em que se fixara uma expressão de terror. Ao lado estava Lucy, o rosto pálido e ainda mais abatido. Encontramos as flores que haviam estado ao redor de seu pescoço sobre o peito de sua mãe, e o pescoço estava nu, exibindo apenas as duas pequenas feridas que já notáramos antes, mas terrivelmente pálidas e dilaceradas. Sem dizer uma palavra, o professor inclinou-se sobre a cama, a cabeça quase tocando o peito da pobre Lucy. Ele mexeu rapidamente a cabeça, como alguém que escuta; pôs-se de pé num salto e exclamou:

— Ainda não é tarde demais! Rápido! Rápido! Vá buscar a aguardente!

Corri ao andar inferior e voltei com a garrafa, tomando cuidado ao cheirar e provar o conteúdo, pois talvez estivesse drogado como o xerez que encontrei sobre a mesa. As criadas ainda tinham a respiração pesada, mas mais inquieta, e imaginei que o efeito do narcótico estivesse passando. Não fiquei ali para ver se tinha razão. Voltei para junto de Van Helsing. Ele

esfregou a aguardente nos lábios e nas gengivas de Lucy, como fizera da outra vez, e também em seus punhos e nas palmas de suas mãos. Disse-me:

— Posso fazer isto, pois é só o que cabe fazer no momento. Desça e acorde aquelas criadas. Bata em seus rostos com uma toalha molhada, e bata com força. Diga-lhes que façam fogo e esquentem água para um banho. Esta pobre criatura está quase tão fria quanto a outra a seu lado. Teremos que aquecê-la antes de tomar qualquer outra providência.

Desci imediatamente e encontrei alguma dificuldade em acordar três das mulheres. A quarta não passava de uma menina, e a droga obviamente a afetara com mais intensidade; deitei-a no sofá e deixei que continuasse dormindo. As outras estavam atordoadas, a princípio, mas, quando a memória lhes retornou, começaram a chorar e a soluçar como histéricas. Fui severo com elas, porém, e não as deixei falar. Disse-lhes que já era ruim o suficiente perder uma vida e que, se elas demorassem demais, acabariam sacrificando Miss Lucy. Então, soluçando e chorando, retiraram-se, semidespidas como estavam, para acender o fogo e esquentar a água. Por sorte, as brasas do fogão e da caldeira ainda estavam vivas, e não faltava água. Preparamos o banho, tiramos Lucy da cama como estava e a deitamos na banheira. Enquanto nos ocupávamos friccionando seus membros, ouvimos batidas na porta da frente. Uma das criadas correu, vestiu às pressas alguma coisa e abriu-a. Regressou, em seguida, murmurando que se tratava de um cavalheiro com uma mensagem de Mr. Holmwood. Instruí-a que simplesmente lhe dissesse para esperar, pois não podíamos receber visitas naquele instante. Ela foi transmitir o recado, e, absorvido como estava pelo trabalho, esqueci-me completamente do tal cavalheiro.

Jamais vira, em toda a minha experiência, o professor trabalhar com tamanho fervor. Eu sabia — como ele também sabia — tratar-se de um corpo a corpo com a morte, e quando fizemos uma pausa disse isso a ele. Van Helsing respondeu-me de uma forma incompreensível, mas com o ar mais severo que seu rosto poderia assumir:

— Se isso fosse tudo, eu pararia aqui mesmo, e agora, deixando que ela descansasse em paz, pois não vejo luz alguma no horizonte de sua vida futura.

Continuou o trabalho com um vigor renovado e ainda mais frenético, se é que isso era possível.

Pouco depois, notamos que o calor começava a fazer algum efeito. O coração de Lucy estava ligeiramente mais audível ao estetoscópio, e seus

pulmões faziam um movimento perceptível. A face de Van Helsing quase se iluminou, e, quando a erguemos da banheira e enrolamos numa coberta quente para secá-la, ele me disse:

— A primeira batalha vencemos nós! Xeque!

Levamos Lucy para um outro quarto, que a essa altura já havia sido preparado, deitando-a na cama e a obrigando a beber algumas gotas de aguardente. Notei que Van Helsing amarrou um lenço macio de seda ao redor de seu pescoço. Ela ainda estava inconsciente, e tão mal quanto já a havíamos visto antes — se não pior.

Van Helsing chamou uma das mulheres, dizendo-lhe que ficasse com Lucy e não tirasse os olhos dela até que retornássemos. Então, chamou-me para fora do quarto.

— Temos que discutir o que vai ser feito — disse, enquanto descíamos a escada.

No vestíbulo, abriu a porta da sala de jantar; entramos, e ele a fechou cuidadosamente em seguida. As janelas haviam sido abertas, mas as venezianas fechadas, em obediência à etiqueta do luto que as inglesas de classes mais baixas observam com tanto rigor. A sala estava, portanto, na penumbra, mas havia luz suficiente para os nossos propósitos. A rigidez de Van Helsing cedeu um pouco, dando lugar a uma expressão de perplexidade. Era evidente que estava torturando a própria mente com algum assunto, então esperei um pouco, até que ele falou:

— O que devemos fazer agora? A quem pediremos ajuda? Temos que fazer outra transfusão, e logo, pois a essa moça não resta mais do que uma hora de vida. Você já está exausto, e eu também. Receio recorrer a essas criadas, mesmo que elas tenham coragem suficiente para se submeter à operação. O que fazer para conseguir alguém que se disponha a abrir suas veias para ela?

— E qual o problema comigo, afinal de contas?

A voz veio do sofá que ficava na outra ponta da sala, e o timbre trouxe alívio e contentamento ao meu coração, pois pertencia a Quincey Morris. Van Helsing alarmou-se e pareceu zangado ao ouvi-la, mas relaxou a expressão do rosto e pareceu satisfeito quando exclamei “Quincey Morris!” e corri até ele com as mãos estendidas.

— O que o traz aqui? — indaguei, enquanto nos cumprimentávamos.

— Acho que Art é o motivo.

Estendeu-me um telegrama:

“Não recebo notícias de Seward há três dias, e estou terrivelmente ansioso. Não posso partir. Meu pai ainda na mesma situação. Mande notícias de Lucy. Não demore. — Holmwood.”

— Acho que cheguei na hora certa. Sabem que basta me dizer o que fazer.

Van Helsing aproximou-se e lhe tomou a mão, olhando-o nos olhos ao dizer:

— O sangue de um homem corajoso é a melhor coisa nesta terra quando uma mulher está em dificuldades. Não há dúvidas de que o senhor seja um homem. Bem, o demônio pode fazer tudo o que sabe para nos destruir, mas Deus nos envia homens quando precisamos.

Mais uma vez recorremos à desagradável operação. Não tenho ânimo para descrever os detalhes. Lucy tivera um choque terrível, e as consequências foram mais graves do que antes, pois, embora um grande volume de sangue tenha passado às suas veias, seu corpo não respondeu ao tratamento tão bem quanto em outras ocasiões. Sua luta para voltar à vida era um tanto assustadora de ver e ouvir. Porém, a função cardíaca melhorou, bem como a respiratória, e Van Helsing aplicou-lhe uma injeção subcutânea de morfina, como antes, e com bons resultados. Lucy, que antes estava desmaiada, passou a um sono profundo. O professor ficou observando enquanto eu descia com Quincey Morris e mandava uma criada ir pagar ao cocheiro de um dos cabriolés, que estava esperando. Deixei Quincey deitado após lhe dar um cálice de vinho e disse à cozinheira que preparasse um bom desjejum. Um pensamento ocorreu-me então, e voltei ao quarto onde agora Lucy estava. Quando entrei, cuidadosamente, encontrei Van Helsing com umas folhas de papel nas mãos. Era óbvio que as lera, e estava pensando a respeito, sentado, com a mão na testa. Havia em seu rosto uma expressão de satisfação e extrema seriedade, como a de alguém que esclareceu uma dúvida. Estendeu-me os papéis, dizendo:

— Caiu do peito de Lucy enquanto a carregávamos para o banho.

Quando terminei de ler, fiquei olhando para o professor, e após uma pausa perguntei-lhe:

— Por Deus, o que significa isto? Será que ela estava, ou está, louca? Ou então, que tipo de horrível perigo é este?

Eu estava tão perplexo que não sabia o que dizer. Van Helsing estendeu a mão e pegou os papéis, dizendo:

— Não se preocupe com isto. Esqueça, por ora. Você vai saber de tudo e compreender tudo na hora certa, mais tarde. E o que foi que veio me dizer?

Essas palavras me trouxeram de volta à realidade e a mim mesmo:

— Vim falar sobre a certidão de óbito. Se não agirmos de maneira adequada e prudente, talvez haja uma investigação, e esses papéis terão que ser revelados. Espero que não haja necessidade de inquérito, pois isso certamente mataria a pobre Lucy, se outra coisa não a matar. Eu sei, o senhor sabe e o outro médico que cuidava dela também sabe que Mrs. Westenra tinha problemas cardíacos, e podemos atestar que foi essa a *causa mortis*. Preparemos logo a certidão de óbito, e eu próprio vou levá-la ao escrivão, procurando em seguida o agente funerário.

— Ótimo, meu amigo John! Bem pensado! É verdade que Miss Lucy, embora sofra com o inimigo que a está perseguindo, pelo menos encontra felicidade nos amigos que a amam. Um, dois, três, todos abrem suas veias para ela, além deste velho aqui. Ah, sim, eu sei, amigo John; não sou cego! Aprecio-os ainda mais por isso! Agora vá.

No vestíbulo, encontrei Quincey Morris, com um telegrama para Arthur dizendo-lhe que Mrs. Westenra estava morta, que Lucy também estivera doente, mas que agora melhorava, e que Van Helsing e eu estávamos com ela. Disse-lhe para onde estava indo, e ele falou que me apressasse, mas acrescentou, enquanto eu saía:

— Quando estiver de volta, Jack, será que posso ter uma conversa com você, em particular?

Fiz que sim em resposta e saí. Não houve dificuldades quanto ao registro, e acertei com o agente funerário local que fosse à tarde tirar as medidas para o caixão e tomar as providências necessárias.

Quando voltei, Quincey me esperava. Disse-lhe que iria lhe falar assim que verificasse o estado de Lucy e fui até seu quarto. Ela ainda estava dormindo, e o professor parecia não ter se movido de seu assento, ao lado dela. Quando pôs o dedo sobre os lábios, deduzi que esperava que ela despertasse em breve e que temia apressar a natureza. Voltei para junto de Quincey, então, conduzindo-o à sala onde o desjejum estava servido. Ali, as

venezianas não tinham sido fechadas, e a sala estava um pouco mais alegre — ou, antes, um pouco menos triste do que os outros cômodos. Quando ficamos a sós, ele me disse:

— Jack Seward, não quero impor minha presença num lugar onde não tenho o direito de estar, mas este não é um caso comum. Você sabe que eu amava essa moça e queria me casar com ela, mas, embora tudo isso sejam águas passadas, é inevitável que eu fique ansioso por sua causa, do mesmo jeito. O que há de errado com ela? O holandês, e já notei que se trata de um sujeito admirável, disse que precisavam fazer *mais uma* transfusão sanguínea, e que ambos estavam exaustos. Pois bem, sei que todos vocês médicos falam *in camera*, e que nós leigos não devemos ter a pretensão de saber o que discutem em particular. Mas esta não é uma situação comum, e, seja o que for, fiz minha parte. Não é verdade?

— É verdade — disse eu.

— Deduzo que tanto você quanto Van Helsing já tenham feito o que fiz hoje. Não é verdade?

— É verdade.

— E acho que Art também. Quando nos vimos em sua casa, há quatro dias, ele estava com uma aparência estranha. Jamais vi alguma coisa definhar tão rapidamente desde que estive nos pampas e uma égua de que eu gostava acabou-se em uma noite. Um daqueles morcegos grandes a que chamam vampiros a atacou. Com o sangue que sugou e a veia que deixou aberta, a égua não tinha sangue suficiente nem para se pôr de pé, e tive que sacrificá-la com um tiro ali mesmo onde estava. Jack, se você puder me responder sem trair nenhum tipo de sigilo, Arthur foi o primeiro, não foi?

Ao falar, o pobre coitado parecia terrivelmente ansioso. Era uma tortura aquele suspense em torno da mulher que amara, e sua completa ignorância acerca do terrível mistério que parecia cercá-la aumentava seu sofrimento. Seu coração estava em pedaços, e ele precisava recorrer a toda a sua masculinidade — de que havia um bocado, também — para não se desesperar. Hesitei um instante antes de responder, pois sentia que não deveria revelar algo que o professor quisesse manter em segredo, mas Quincey já sabia tanto, e adivinhava tanto, que não podia haver razão para não responder. Repeti, então, a mesma frase:

— É verdade.

— E há quanto tempo isso está acontecendo?

— Faz uns dez dias.

— Dez dias! Acho, então, Jack Seward, que essa pobre criatura que todos amamos recebeu em suas veias, durante esse período, o sangue de quatro homens fortes. Puxa vida, seu corpo é pequeno demais para tanto sangue!

Aproximando-se de mim, então, ele perguntou, com veemência, mas meio sussurrando:

— E o que foi que lhe tirou o sangue?

Balancei a cabeça:

— Esse é o xis da questão. Van Helsing está simplesmente fora de si quanto a isso, e eu já não sei o que fazer. Não posso nem mesmo arriscar um palpite. Houve uma série de pequenos incidentes que causaram o insucesso de todos os nossos cálculos no sentido de que Lucy seja devidamente vigiada. Mas não voltarão a acontecer. Ficaremos aqui até que estejamos todos bem. Ou todos doentes.

Quincey estendeu a mão:

— Inclua-me nessa — disse ele. — Você e o holandês me dizem o que fazer, e eu farei.

Quando Lucy acordou, no final da tarde, seu primeiro movimento foi apalpar o peito e tirar dali, para minha surpresa, os papéis que Van Helsing me dera para ler. O professor, cuidadoso, colocara-os de volta, para que ela não ficasse alarmada ao acordar. Seus olhos então se depararam com Van Helsing e comigo, e ela se alegrou. Olhou ao redor, e, vendo onde estava, estremeceu; deu um grito alto e pôs suas pobres mãos magras diante do rosto pálido. Ambos compreendemos o que aquilo significava — ela havia se dado conta integralmente da morte de sua mãe. Tentamos fazer o possível para reconfortá-la. Sem dúvida, a solidariedade tranquilizou-a um pouco, mas ela estava bastante deprimida, mental e espiritualmente, e chorou um choro baixinho e enfraquecido durante um bom tempo. Dissemos a ela que agora um de nós ficaria em sua companhia o tempo todo, o que pareceu reconfortá-la. À hora do ocaso, começou a cochilar. Algo de muito estranho aconteceu, então. Ainda adormecida, ela tirou a folha que guardava junto ao peito e rasgou-a ao meio. Van Helsing se adiantou e tirou o papel de suas mãos. Ainda assim, porém, ela continuou a rasgar, como se a folha permanecesse em suas mãos. Por fim, ela ergueu as mãos e as abriu, como se estivesse espalhando os fragmentos. Van Helsing pareceu surpreso, e suas sobrancelhas se juntaram como se estivesse pensando, mas ele nada disse.

19 de setembro — Durante toda a noite passada ela caiu em um sono intermitente, sempre com medo de dormir, e estava um pouco enfraquecida ao acordar. O professor e eu fizemos vigília em turnos, e não a deixamos sozinha por um único instante. Quincey Morris nada disse sobre suas intenções, mas sei que durante toda a noite ficou patrulhando ao redor da casa.

Quando raiou o dia, a luz do sol revelou todos os danos causados à saúde de Lucy. Ela mal conseguia virar a cabeça, e a pouca comida que conseguiu ingerir não pareceu ser de qualquer ajuda. Às vezes, ela dormia, e tanto Van Helsing quanto eu notamos quanto mudava nesses momentos. Adormecida, ela parecia mais forte, embora mais cansada, e sua respiração era mais suave. A boca aberta deixava ver as gengivas pálidas recuando sobre os dentes, que assim pareciam positivamente mais compridos e afiados do que o usual. Quando ela despertava, a suavidade de seu olhar evidentemente modificava a expressão, pois ela parecia ter voltado a ser ela mesma, embora moribunda. À tarde, ela pediu a companhia de Arthur, e telegrafamos, chamando-o. Quincey foi encontrá-lo na estação.

Quando chegou, eram quase seis horas, e o sol se punha, ainda aquecendo a terra enquanto afundava no horizonte; a luz avermelhada penetrava no quarto através da janela e dava mais cor à face pálida de Lucy. Ao vê-la, Arthur fez o possível para silenciar seus sentimentos, e nenhum de nós conseguia falar. Nas horas seguintes, os períodos de sono, ou a condição comatosa que a ele se assemelhava, haviam se tornado mais frequentes, assim, as pausas em que a conversação era possível diminuíram. A presença de Arthur, porém, parecia funcionar como estimulante; ela recobrava parcialmente as forças e lhe falava de forma mais animada do que fizera desde que havíamos chegado. Ele também tentava se controlar, e falava o mais alegremente possível, de modo que tudo transcorreu da melhor forma.

Já é quase uma hora, e ele e Van Helsing estão acordados vigiando-a. Devo ir substituí-los dentro de 15 minutos e estou gravando estas palavras no fonógrafo de Lucy. Até as seis horas, os dois vão tentar descansar. Temo que amanhã nossa vigília vá terminar, pois o choque foi grande demais, e a pobre menina não é capaz de restabelecer-se. Que Deus nos ajude a todos.

CARTA DE MINA HARKER A LUCY WESTENRA
(NÃO FOI ABERTA PELA DESTINATÁRIA.)

17 de setembro.

Querida Lucy,

Parece fazer *séculos* que não recebo notícias suas, ou na verdade desde que escrevi pela última vez. Sei que você há de me perdoar por essa falta quando ler todas as notícias que tenho para lhe contar. Bem, trouxe meu marido de volta. Quando chegamos em Exeter, havia uma carruagem esperando por nós, e nela estava Mr. Hawkins, embora tenha sofrido um ataque de gota. Levou-nos à sua casa, onde nos preparara quartos bonitos e confortáveis, e jantamos juntos. Após o jantar, ele disse:

— Meus caros, quero brindar à sua saúde e prosperidade, e que ambos sejam abençoados. Conheço os dois desde crianças e foi com amor e com orgulho que os vi crescerem. Agora quero que morem aqui comigo. Não tenho mais filhos; todos se foram, e em meu testamento deixo tudo a vocês.

Eu chorei, Lucy querida, enquanto Jonathan e o velho senhor apertavam as mãos. Tivemos uma noite muito, muito feliz.

Então, aqui estamos, instalados nesta bela casa antiga, e tanto de meu quarto quanto de minha sala de visitas posso ver os grandes olmos do átrio da catedral, com seus troncos altos e negros erguendo-se contra o fundo da antiga pedra amarela da catedral, e posso ouvir as gralhas lá em cima, grasnando e crocitando e conversando e fofocando o dia inteiro, como fazem as gralhas — e os seres humanos. Não preciso lhe dizer que estou ocupada arrumando tudo e cuidando da casa. Jonathan e Mr. Hawkins trabalham o dia todo; agora que Jonathan é sócio, Mr. Hawkins quer lhe passar tudo a respeito dos clientes.

Como está sua querida mãe? Gostaria de poder dar um pulo na cidade por um dia ou dois, para vê-las, minha cara, mas não ouso fazê-lo enquanto ainda tiver tanto trabalho sobre os ombros, e enquanto Jonathan ainda requerer cuidados. Ele está começando a recuperar um certo peso, mas ficou terrivelmente enfraquecido pela longa doença. Mesmo agora, ele às vezes desperta subitamente, alarmado e trêmulo, até que eu consiga trazê-lo

de volta à sua placidez habitual. Essas ocasiões, porém, e graças a Deus, se tornam cada vez menos frequentes com o passar dos dias, e acredito que acabarão por desaparecer de todo. Agora que lhe contei minhas novidades, deixe-me perguntar quais são as suas. Quando você vai se casar, e onde, e quem vai celebrar a cerimônia, e o que você vai usar? Será uma cerimônia pública ou íntima? Conte-me tudo, querida; conte-me tudo, pois nada que é de seu interesse deixará de me ser caro. Jonathan me pede que lhe mande seus "melhores votos", mas acho que isso não está à altura do sócio minoritário da importante firma Hawkins & Harker. Assim sendo, como você me ama e ele me ama e eu os amo em todas as possíveis conjugações do verbo, envio-lhe simplesmente o seu "amor". Adeus, minha querida Lucy, e que Deus a abençoe.

Com todo meu afeto,
MINA HARKER

RELATÓRIO DO DR. PATRICK HENNESSEY, MEMBRO DO ROYAL COLLEGE OF SURGEONS, LICENCIADO PELO KING'S AND QUEEN'S COLLEGE OF PHYSICIANS OF IRELAND ETC. ETC., AO DR. JOHN SEWARD.

20 de setembro.

Caro senhor,

De acordo com seu desejo, anexo relatório da situação de tudo o que foi deixado sob meus cuidados... Com relação ao paciente Renfield, há mais coisas a dizer. Teve um outro acesso, que poderia ter tido um desfecho terrível, mas que felizmente resolveu-se sem maiores consequências. Hoje à tarde, a carreta de uma empresa de transportes chegou à casa vazia cujo terreno é vizinho ao nosso — casa para a qual, como o senhor deve se lembrar, o paciente fugiu duas vezes. Os dois homens que traziam a carreta pararam em nosso portão para perguntar o caminho, pois não eram daqui. Eu próprio estava olhando pela janela do escritório, fumando um pouco, após o jantar, e vi um deles vindo até o hospício. Quando passou diante da janela de Renfield, o paciente começou a insultá-lo lá de dentro, xingando-o de todas as palavras obscenas que conhecia. O homem, que parecia gente de bem, limitou-se a mandá-lo "calar a boca, pois não passava de um mendigo desbocado". Nosso paciente então acusou-o de tê-lo roubado e de querer assassiná-lo, dizendo que iria impedi-lo se tentasse fazê-lo. Abri a janela e fiz um sinal para que o homem o ignorasse; ele limitou-se a olhar ao redor e se dar conta do tipo de lugar em que fora parar, dizendo:

— Por Deus, meu senhor, não vou me incomodar com o que me digam num hospício. Tenho pena do senhor e do diretor por terem que viver na mesma casa que uma besta selvagem como essa.

Ele então pediu uma indicação de seu caminho, e o fez civilizadamente; eu lhe disse onde ficava o portão da casa vazia. Ele se foi, seguido por ameaças e xingamentos e insultos de nosso paciente. Desci para ver se conseguia descobrir a origem da sua raiva, já que ele normalmente se comporta bem e, à exceção de seus acessos de violência, nada desse tipo veio até hoje a ocorrer. Para minha surpresa, encontrei-o bastante calmo e com uma atitude cordial. Tentei fazê-lo falar do incidente, mas ele me perguntou delicadamente a que eu me referia, o que me fez crer que ele o esquecera por completo. Lamento dizer, porém, que se tratava apenas de uma estratégia astuciosa sua, pois meia hora depois tive que voltar a me ocupar com ele. Dessa vez, ele escapara através da janela de seu quarto e corria pela avenida abaixo. Pedi aos assistentes que me acompanhassem, e corremos atrás do paciente, pois eu temia que ele estivesse tramando alguma maldade. Meu temor se justificou quando vi a mesma carreta descendo a rua e carregando uns caixotes grandes de madeira. Os homens estavam enxugando a testa e tinham a face corada, como se tivessem feito

um exercício violento. Antes que eu conseguisse alcançá-lo, o paciente correu até os dois e, puxando um deles para fora da carreta, começou a bater com sua cabeça no chão. Se eu não o tivesse agarrado nesse momento, creio que teria matado o homem ali mesmo. O outro saltou da carreta e golpeou o paciente na cabeça com a base de seu pesado chicote. Foi um golpe terrível, mas não pareceu afetá-lo, pois agarrou o outro homem e lutou com três de nós, puxando-nos num vaivém como se fôssemos gatinhos. O senhor sabe que não sou nenhum peso-pena, e os dois outros eram homens corpulentos. De início, ele lutava em silêncio, mas, quando começamos a dominá-lo, e os assistentes estavam colocando nele uma camisa de força, ele começou a gritar:

— Vou impedi-los! Eles não vão conseguir me roubar! Não vão matar-me aos pouquinhos! Vou lutar pelo meu Mestre e Senhor! — E todo tipo de delírios incoerentes similares.

Foi com enorme dificuldade que conseguiram levá-lo de volta ao hospício e colocá-lo na sala acolchoada. Um dos assistentes, Hardy, teve um dedo quebrado. Tratei dele, porém, e ele passa bem.

Os dois carregadores a princípio fizeram sérias ameaças de mover ações por danos e prometeram despejar sobre nós todas as penalidades da lei. Suas ameaças se mesclavam, contudo, a uma espécie de pedido de desculpas indireto pelo fato de ambos terem sido derrubados por um louco fraco. Diziam que, se não fosse o fato de terem esgotado suas energias carregando os pesados caixotes e colocando-os na carreta, teriam acabado com a raça dele. Como outra razão para sua derrota, alegaram que tinham uma sede inacreditável devido à quantidade de poeira que seu trabalho os obrigava a inalar e à distância desagradável entre seu local de trabalho e qualquer local público de diversão. Eu compreendi o que queriam dizer, e, após um copo de bebida alcoólica forte, ou mais de um, e umas moedas nas mãos, eles suavizaram o ataque e juraram encontrar um louco pior qualquer dia desses pelo prazer de conhecer um “sujeito tão admirável” como o seu correspondente. Tomei nota de seus nomes e endereços, caso venham a ser necessários. São os seguintes: Jack Smollet, de Dudding’s Rents, King George’s Road, Great Walworth; e Thomas Snelling, Peter Farley’s Row, Guide Court, Bethnal Green. Ambos trabalham para a Harris & Sons, Companhia de Transportes e Mudanças, Orange Master’s Yard, Soho.

Comunico-lhe caso haja aqui qualquer ocorrência digna de nota, e telegrafo imediatamente se algo de importante se suceder.

Atenciosamente,
PATRICK HENNESSEY

CARTA DE MINA HARKER A LUCY WESTENRA
(NÃO FOI ABERTA PELA DESTINATÁRIA.)

18 de setembro.

Querida Lucy,

Que golpe recebemos. Mr. Hawkins morreu subitamente. Alguns talvez achem que a situação não é tão triste assim para nós, mas os dois viemos a amá-lo tanto que é como se na verdade tivéssemos perdido um pai. Jamais conheci pai ou mãe, de modo que a morte desse querido senhor é um golpe para mim. Jonathan está bastante afetado. Não sente apenas pesar, um pesar profundo, pelo homem bondoso que durante toda a vida foi seu amigo, e que agora no fim tratou-o como um filho, deixando-lhe uma fortuna que para as pessoas de nossas origens modestas está além dos sonhos de cobiça; Jonathan está abalado também num outro nível. Diz que a responsabilidade que agora assume deixa-o nervoso. Começa a duvidar de suas próprias capacidades. Tento animá-lo, e *minha* crença *nele* o ajuda a recuperar um pouco de sua autoconfiança. É aqui, porém, que o grave choque que sofreu revela suas sequelas. Ah, é muito duro que uma natureza gentil, simples, nobre e forte como a sua — natureza que o transformou, com a ajuda de nosso querido amigo, de funcionário a patrão em poucos anos — receba um golpe tão violento a ponto de destruir a essência mesma

de sua força. Perdoe-me, querida, pois a estou preocupando com os meus problemas, você que está tão feliz; mas, Lucy, querida, tenho que contar a alguém, porque o esforço de manter uma aparência alegre e corajosa para Jonathan é uma verdadeira provação, e não conheço ninguém aqui em que possa confiar. Receio ir a Londres, como teremos que fazer depois de amanhã, pois o pobre Mr. Hawkins orientou, em seu testamento, que o enterrassem no túmulo de seu pai. Como não há quaisquer parentes, Jonathan será a pessoa mais próxima presente no enterro. Tentarei ir vê-la, minha querida, mesmo que apenas por alguns minutos. Perdoe-me por tê-la incomodado. Que Deus a abençoe,

Com todo meu afeto,
MINA HARKER

DIÁRIO DO DR. SEWARD

20 de setembro — Só a resolução e o hábito me levam a fazer minha gravação no fonógrafo, esta noite. Estou tão arrasado, deprimido, cansado do mundo e de tudo o que há nele, inclusive a própria vida, que não me incomodaria em ouvir neste momento o bater das asas do Anjo da Morte. E

ele tem batido suas asas impiedosas ultimamente, com algum propósito — a mãe de Lucy e o pai de Arthur, e agora... Vou prosseguir com meu trabalho.

Fui pontualmente substituir Van Helsing, que fazia vigília junto a Lucy. Queríamos que Arthur também fosse descansar, mas ele a princípio se recusou. Só quando lhe disse que precisaríamos de sua ajuda durante o dia e que não podíamos correr o risco de ter um colapso por falta de sono, pois do contrário Lucy haveria de sofrer, ele concordou. Van Helsing foi muito gentil com ele.

— Venha, meu garoto — disse —, venha comigo. Está abatido e fraco, e enfrentou muitas tristezas e muita dor, além daquela sobrecarga em sua força física que conhecemos. Não deve ficar sozinho, pois ficar sozinho é sinônimo de medos e sustos. Venha para a sala de visitas, onde há uma grande lareira acesa e dois sofás. Vai se deitar num deles e eu no outro, e nossa mútua solidariedade há de nos reconfortar, mesmo que não troquemos palavras e mesmo que venhamos a dormir.

Arthur saiu com ele, lançando um último olhar ansioso para o rosto de Lucy, deitado no travesseiro e quase tão branco quanto o linho da fronha. Ela estava imóvel, e eu olhei ao redor para ver se tudo estava em ordem no quarto. Pude notar que o professor também pusera em prática naquele quarto o uso do alho, como fizera no outro. A janela inteira exalava o cheiro, e em torno do pescoço de Lucy, sobre o lenço de seda que Van Helsing a instruíra a usar, havia uma rústica grinalda das mesmas flores de odor forte. Lucy tinha a respiração um tanto rouca, estertorosa, e seu rosto nunca estivera pior, pois a boca aberta mostrava as gengivas pálidas. Seus dentes, à luz fraca e difusa, pareciam mais longos e afiados do que estavam pela manhã. Os caninos, em particular, devido a algum efeito da luz, pareciam mais longos e afiados que os outros. Sentei-me ao seu lado, e em seguida ela se moveu desconfortavelmente. No mesmo instante, ouvi uma espécie de batida surda na janela. Fui até lá, sem fazer ruído, e espiei pelo canto da veneziana. A lua estava cheia, e pude ver que o barulho era feito por um grande morcego, que esvoaçava por ali — sem dúvida atraído pela luz, mesmo tão fraca — e volta e meia batia suas asas contra a janela. Quando voltei ao meu assento, notei que Lucy se movera um pouco e que arrancara do pescoço as flores de alho. Coloquei-as de volta da melhor maneira possível e continuei a observá-la.

Logo em seguida ela acordou, e lhe dei um pouco de comida, como instruíra Van Helsing. Ela só comeu um pouco e estava bem lânguida. Já

não parecia haver nela a mesma luta pela vida e pela força que era notável antes. Achei particularmente curioso o fato de, ao se tornar consciente, ela apertar as flores de alho de encontro ao próprio corpo. Com certeza, era estranho que sempre que entrava naquele estado letárgico, com a respiração rouca, ela tirasse as flores do pescoço, mas que as agarrasse junto ao corpo quando consciente. Não havia qualquer possibilidade de engano com relação a isso, pois, durante as horas longas que se seguiram, ela dormia e acordava intermitentemente, repetindo a ação em ambos os casos.

Às seis horas, Van Helsing veio me substituir. Arthur adormecera, e ele, piedosamente, resolvera deixá-lo descansando. Quando viu o rosto de Lucy, pude ouvir o profundo suspiro, e ele me disse, num sussurro brusco:

— Abra a veneziana. Quero luz!

Em seguida, inclinou-se e, com o rosto quase tocando o de Lucy, examinou-a cuidadosamente. Tirou as flores e removeu o lenço de seda que lhe envolvia o pescoço. Ao fazê-lo, recuou, e pude ouvir a exclamação, "*Mein Gott!*", que ele sufocou. Curvei-me para olhar, também, e um estranho calafrio percorreu-me.

As feridas no pescoço haviam desaparecido por completo.

Durante cinco minutos completos, Van Helsing ficou olhando para Lucy, seu rosto mais rígido do que nunca. Virou-se para mim, então, e disse, calmamente:

— Ela está morrendo. Agora não vai demorar muito. Fará muita diferença, preste atenção no que lhe digo, se ela morrer consciente ou durante o sono. Acorde aquele pobre garoto para que venha vê-la pela última vez. Ele confia em nós, e lhe prometemos.

Fui até a sala de jantar e o acordei. Ficou um tanto atordoado por um momento, mas, quando viu a luz do sol penetrando pelos cantos das venezianas, achou que já era tarde demais e expressou seus temores. Assegurei-lhe que Lucy ainda dormia, mas lhe disse, da maneira mais delicada possível, que tanto Van Helsing quanto eu achávamos que o fim estava próximo. Ele cobriu o rosto com as mãos e caiu de joelhos junto ao sofá, onde ficou, talvez por um minuto, com a cabeça baixa, rezando. Seus ombros sacudiam-se com os soluços. Segurei-lhe a mão e o ergui.

— Venha — disse eu. — Meu velho, reúna todas as suas forças. Assim será melhor e mais fácil para ela.

Quando chegamos ao quarto de Lucy, pude notar que Van Helsing, com sua prudência habitual, estivera arrumando tudo e fazendo com que o

ambiente parecesse o mais agradável possível. Chegara mesmo a pentear os cabelos de Lucy, que cobriam o travesseiro com suas habituais ondas douradas. Quando entramos no quarto, ela abriu os olhos. Vendo-o, sussurrou suavemente:

— Arthur! Ah, meu amor, fico tão feliz que você tenha vindo!

Ele se inclinava para beijá-la, mas Van Helsing fez um gesto para que recuasse.

— Não — sussurrou ele —, ainda não! Segure sua mão; isso vai reconfortá-la mais.

Arthur então segurou a mão de Lucy e ajoelhou-se ao seu lado. Ela estava linda como sempre, os traços do rosto casando com a angélica beleza dos olhos. Seus olhos gradualmente se fecharam, e ela mergulhou no sono. Por um curto tempo seu peito oscilou suavemente, e sua respiração era como a de uma criança cansada.

Então, de forma quase imperceptível ocorreu aquela estranha mudança que eu notara à noite. Sua respiração tornou-se estertorosa, a boca aberta; as gengivas pálidas, recuadas, faziam com que os dentes parecessem mais longos e afiados do que nunca. De uma maneira algo vaga, inconsciente, como a dos sonâmbulos, ela abriu os olhos, que agora estavam a um só tempo opacos e severos, e disse, numa voz suave e voluptuosa que eu nunca ouvira sair-lhe dos lábios:

— Arthur! Ah, meu amor, fico tão feliz que você tenha vindo! Beije-me!

Arthur inclinou-se, ansioso para beijá-la. Naquele instante, porém, Van Helsing — que, como eu, ficara alarmado com seu tom de voz — agarrou-o pelo pescoço com uma força que nunca imaginei possuir, e de fato quase o arremessou para o outro lado do quarto.

— Não faça isso, pela sua própria vida! — exclamou. — Pela sua alma e pela alma de Lucy! — E ficou entre os dois como um leão acuado.

Arthur ficou tão surpreso que por um momento não soube o que fazer; antes que qualquer impulso violento se apoderasse dele, deu-se conta de onde estava e de qual era a situação. Ficou em silêncio, aguardando.

Eu mantinha os olhos fixos em Lucy, assim como Van Helsing, e vimos algo como um espasmo de raiva nublar-lhe o rosto; ela trincou os dentes afiados. Seus olhos então se fecharam, e ela começou a respirar profundamente.

Pouco depois, voltou a abrir os olhos, que haviam recobrado toda a suavidade. Estendendo sua pobre mão magra e pálida, tomou a mão grande e morena de Van Helsing. Puxando-a para si, beijou-a.

— Meu verdadeiro amigo — disse ela, a voz fraca, mas revelando um indizível sofrimento. — Meu verdadeiro amigo, e dele também! Ah, proteja-o e me dê paz!

— Juro que sim! — disse Van Helsing de forma solene, ajoelhando ao lado de Lucy e erguendo a mão, como quem faz de fato um juramento. — Venha, rapaz — disse, voltando-se para Arthur. — Tome a mão dela nas suas. Beije-a na testa, e uma vez só.

Seus olhos se encontraram em lugar de seus lábios, e assim eles se despediram.

Os olhos de Lucy se fecharam. Van Helsing, que ficara observando de perto, segurou o braço de Arthur e o afastou.

A respiração de Lucy tornou-se estertorosa outra vez e subitamente cessou.

— Tudo terminou — disse Van Helsing. — Ela está morta!

Segurei Arthur pelo braço e levei-o até a sala de visitas, onde ele se sentou e cobriu o rosto com as mãos, soluçando de uma forma que quase também me fez perder o controle.

Voltei ao quarto, e encontrei Van Helsing olhando para a pobre Lucy, a face mais rígida do que nunca. Algumas mudanças haviam ocorrido no corpo da moça. A morte devolvera-lhe parte da beleza, pois sua testa e as maçãs do rosto recobraram seus traços harmoniosos; até mesmo os lábios perderam aquela palidez mortal. Era como se o sangue, já não mais necessário para fazer funcionar o coração, tivesse ido tornar a aridez da morte o menos rude possível.

“Achamos que ela morria enquanto estava dormindo,
E parece dormir agora que está morta.”

Fiquei de pé ao lado de Van Helsing e disse:

— Ah, bem, a pobre moça afinal está em paz. É o fim!

Ele se voltou para mim e disse, de forma muito grave e solene:

— Não é verdade. Ai de mim! Não é verdade. É apenas o começo.

Quando eu lhe perguntei o que ele queria dizer com aquilo, limitou-se a balançar a cabeça e respondeu:

— Por ora, não podemos fazer nada. Espere e verá.

Capítulo 13

DIÁRIO DO DR. SEWARD *(CONTINUAÇÃO)*

O funeral foi marcado para o dia seguinte, de modo que Lucy e sua mãe pudessem ser enterradas juntas. Ocupei-me de todas as desagradáveis formalidades, e o agente funerário local mostrou que seus empregados em parte sofriam — ou gozavam — de sua delicadeza servil. Até mesmo a mulher que fez as exéquias comentou comigo, de maneira confidencial, como se falasse com alguém de uma profissão similar à sua, quando Lucy saiu do quarto:

— Ela é um cadáver muito bonito, senhor. É um privilégio atendê-la. Não seria exagero dizer que ela dará crédito ao nosso estabelecimento!

Notei que Van Helsing nunca se afastava muito, o que era possível pela desordem que reinava na casa. Não havia parentes por ali; como Arthur teve que ir embora no dia seguinte a fim de comparecer ao funeral de seu pai, não pudemos avisar às pessoas que deveriam ser convidadas. Devido às circunstâncias, Van Helsing e eu assumimos a tarefa de examinar papéis etc. Ele insistiu em ver ele mesmo os papéis de Lucy. Perguntei-lhe por quê, pois temia que ele, que era estrangeiro, talvez não estivesse a par dos procedimentos legais ingleses e acabasse causando algum problema desnecessário. Ele me respondeu:

— Eu sei, eu sei. Você se esquece de que sou advogado, além de médico. Mas isso não é assunto para a lei. Você sabia disso, quando quis evitar a necessidade de um médico-legista. Há outras coisas que também quero evitar. Talvez haja outros papéis como este.

Ao falar, ele tirou do bolso o memorando que estivera no peito de Lucy e que ela acreditou ter rasgado enquanto dormia.

— Quando descobrir quem é o procurador da finada Mrs. Westenra, lacre todos os seus papéis e escreva a ele hoje à noite. Quanto a mim, vou vasculhar aqui e no antigo quarto de Miss Lucy durante toda a noite e ver o que encontro. Não convém que as reflexões dela caiam nas mãos de estranhos.

Cumpri minha parte da tarefa; meia hora depois, já encontrara o nome e o endereço do procurador de Mrs. Westenra e já lhe escrevera. Todos os

papéis da pobre senhora estavam em ordem, e orientações explícitas haviam sido deixadas com relação ao local do enterro. Eu mal lacrara a carta quando, para minha surpresa, Van Helsing entrou no quarto, dizendo:

— Posso ajudá-lo, amigo John? Estou livre, e a seu dispor, se o desejar.

— Encontrou o que procurava? — perguntei.

— Não estava procurando nada específico. Só esperava encontrar, e de fato encontrei tudo o que havia nesse sentido, algumas cartas e memorandos, e um diário recentemente iniciado. Tenho-os comigo, porém, e por ora nada diremos a respeito. Vou ver aquele pobre rapaz amanhã à tarde, e, com sua permissão, farei uso destes documentos.

Quando terminamos o trabalho, ele me disse:

— E agora, amigo John, acho que podemos nos deitar. Precisamos de sono, tanto eu quanto você, e de descanso, para nos recuperarmos. Amanhã teremos muito a fazer, mas hoje à noite não somos necessários. Ai de mim!

Antes de nos recolhermos, fomos ver a pobre Lucy. O agente funerário com certeza fizera bem o seu serviço, pois o quarto havia se transformado numa pequena *chapelle ardente*. Havia uma grande quantidade de belas flores brancas, e o aspecto repulsivo da morte havia sido reduzido ao mínimo. A extremidade da mortalha cobria-lhe o rosto. Quando o professor inclinou-se e o afastou delicadamente, ambos ficamos surpresos com a beleza diante de nós, que a luz das velas altas evidenciava o suficiente. Lucy recuperara todo o seu encanto depois de morta, e as horas que haviam se passado, em vez de revelar o apagamento operado pelos dedos da decomposição, tinham lhe restaurado a beleza da vida, a ponto de eu positivamente não ser capaz de acreditar que estava olhando para um cadáver.

A expressão do professor era grave e rígida. Ele não a amara como eu, e não havia motivo para lágrimas virem-lhe aos olhos. Disse-me:

— Fique aqui até eu voltar. — E saiu do quarto.

Regressou com um punhado de alho da caixa que havia no vestíbulo e que ainda não fora aberta. Espalhou as flores entre as outras e sobre a cama. Tirou então do próprio pescoço um pequeno crucifixo de ouro que estava escondido por trás do colarinho, colocando-o sobre a boca de Lucy. Recolocou a mortalha no lugar e fomos embora.

Eu me despia em meu próprio quarto quando, com uma batida premonitória na porta, ele entrou e imediatamente começou a falar:

— Quero que você me traga amanhã, antes de anoitecer, um jogo de bisturis para autópsia.

— Teremos que fazer uma autópsia? — perguntei.

— Sim e não. Quero operá-la, mas não como você imagina. Vou lhe contar, mas não diga uma palavra a quem quer que seja. Quero cortar a cabeça de Lucy e extrair-lhe o coração. Ah! Você, um cirurgião, chocado desse jeito! Você, que vi fazer, sem tremor nas mãos e sem o acelerar do coração, operações de vida ou morte que fazem estremecer os outros. Ah, mas não devo me esquecer, amigo John, de que você a amava; e de fato não me esqueci, pois serei eu a operar, e você só terá que ajudar. Gostaria de fazê-lo esta noite, mas não devo, por causa de Arthur. Ele ficará livre após o funeral de seu pai, amanhã, e vai querer ver o corpo de Lucy. Então, quando ela estiver no caixão, pronta para ser enterrada, você e eu viremos quando todos tiverem ido dormir. Abriremos o caixão e faremos nossa operação, e depois colocaremos tudo de volta, de modo que ninguém além de nós ficará sabendo.

— Mas por que fazer isso? A pobre moça está morta. Por que mutilar seu pobre corpo sem necessidade? Se não é preciso fazer uma autópsia e se nada ganharemos com isso, nenhuma vantagem para ela, para nós, para a ciência, para o conhecimento humano... por que o fazer? Sem uma justificativa, isso é monstruoso!

Em resposta, ele pôs a mão sobre meu ombro e disse, com infinita ternura:

— Amigo John. Apiedo-me do seu coração que sofre, e estimo-o ainda mais por vê-lo sofrer assim. Se eu pudesse, tomaria para mim o fardo que você carrega. Há coisas que não sabe, mas que virá a saber, e a me agradecer por isso, embora não sejam coisas nada agradáveis. John, meu filho, você tem sido meu amigo há muitos anos. Acaso já me viu fazer o que fosse sem um bom motivo? Posso me enganar, mas sou humano, e acredito em tudo o que faço. Não foi por esse motivo que você mandou me chamar quando surgiram as grandes dificuldades? Sim! Não ficou surpreso, ou mesmo horrorizado, quando não permiti que Arthur beijasse sua amada, embora ela estivesse morrendo, e o empurrei para longe dela com toda minha força? Sim! E ainda assim você viu como ela me agradeceu, com seus belos olhos às portas da morte e sua voz tão fraca, e como beijou minha mão velha e grosseira, abençoando-me? Sim! E por acaso você não me ouviu fazer a ela um juramento, que a fez fechar os olhos agradecida?

Sim! Bem, tenho bons motivos agora para tudo o que quero fazer. Há muitos anos você tem confiado em mim; e não vacilou nem mesmo nas últimas semanas, quando procedimentos bastante estranhos poderiam muito bem ter abalado sua confiança. Acredite em mim por mais algum tempo, amigo John. Se perder a confiança, terei que lhe dizer o que penso, e isso talvez não seja bom. Mas vou fazer o meu trabalho, confie você em mim ou não, e neste último caso eu o faria com o ânimo abatido e com uma grande sensação de solidão, pois preciso de toda a ajuda e coragem que possa obter! — Ele fez uma pausa. — Amigo John — prosseguiu, solenemente —, dias estranhos e terríveis nos aguardam. Que não sejamos dois, mas um só, a fim de alcançar nossos objetivos. Será que você não confia mais em mim?

Segurei-lhe a mão e lhe prometi minha confiança. Segurei a porta aberta enquanto ele se afastava e observei-o ir até seu próprio quarto e fechar a porta. Como eu estivesse imóvel, vi uma das criadas passar silenciosamente pelo corredor — eu estava às suas costas, de modo que ela não me viu — e entrar no quarto onde estava Lucy. A visão me comoveu. A devoção é tão rara, e ficamos tão agradecidos àqueles que se mostram espontaneamente devotos às pessoas que amamos. Ali estava uma pobre moça deixando de lado os temores que naturalmente tinha da morte e indo velar sozinha junto ao ataúde da senhora que amava, para que a falecida não ficasse só até ser levada ao local de seu eterno repouso...

Devo ter dormido um sono longo e pesado, pois o sol já brilhava alto no céu quando Van Helsing me acordou, entrando em meu quarto. Veio até a cabeceira da minha cama e disse:

— Esqueça os bisturis. Não faremos mais aquela operação.

— Por que não? — perguntei; a solenidade que ele demonstrara na véspera me impressionara bastante.

— Porque é tarde demais — disse ele, asperamente —, ou cedo demais. Veja! — e ergueu diante de mim o pequeno crucifixo de ouro. — Isto aqui foi roubado durante a noite.

— Como, roubado — perguntei, surpreso —, se está com o senhor, agora?

— Eu o apanhei de volta daquela desgraçada imprestável que o roubou. Uma mulher que rouba dos vivos e dos mortos! Receberá sua punição, sem dúvida, mas não através de mim; ela não sabia toda a

dimensão de seu ato e, em sua ignorância, roubou o crucifixo. Agora teremos que esperar.

Saiu ao dizê-lo, deixando-me um novo mistério em que pensar, um novo quebra-cabeça com que me engalfinhar.

Foram momentos terríveis até o meio-dia, mas então chegou o procurador: Mr. Marquand, de Wholeman, Sons, Marquand Lidderdale. Era bastante cordial e se mostrou muito satisfeito com o que tínhamos feito, assumindo toda a responsabilidade sobre os detalhes. Durante o almoço, contou-nos que Mrs. Westenra já esperava morrer subitamente de um ataque cardíaco, e que deixara todos os seus negócios na mais perfeita ordem. Informou-nos de que, à exceção de certa propriedade cuja sucessão se restringia aos herdeiros do pai de Lucy, que agora, na ausência de descendência direta, retornaria a um ramo distante da família, todo o espólio, bens móveis e imóveis, tudo era integralmente deixado a Arthur Holmwood. Após tê-lo dito, prosseguiu:

— Sinceramente, fizemos o possível para evitar um testamento como esse, e salientamos certas contingências que poderiam deixar sua filha sem um tostão, ou não tão livre quanto deveria ser ao tomar uma atitude do âmbito da aliança matrimonial. Chegamos a pressioná-la tanto nesse assunto que quase nos desentendemos, pois ela nos perguntou se estávamos ou não preparados para atendê-la. É claro que não tivemos outra alternativa a não ser aceitar. Nossos princípios eram corretos, e a probabilidade de que a lógica dos fatos viesse a comprová-lo era de 99%. Francamente, porém, devo admitir que neste caso qualquer outra forma de testamento teria impossibilitado o cumprimento de seus desejos. Vindo Mrs. Westenra a falecer antes da filha, a propriedade seria passada a esta última, e, mesmo que ela só tivesse sobrevivido cinco minutos à sua mãe, sua propriedade seria julgada como sendo ela intestada, no caso de não haver um testamento. E, convenhamos, seria praticamente impossível a existência de um testamento num caso desses. Lorde Godalming, embora seja um amigo querido, não teria qualquer direito, e os herdeiros, parentes distantes, decerto não abririam mão de seu direito em nome de um completo estranho. Asseguro-lhes, meus senhores, que estou satisfeito com o resultado. Muito satisfeito.

Era um bom sujeito, mas sua satisfação com um pequeno detalhe — em que ele estava oficialmente interessado — daquela enorme tragédia era lição prática sobre as limitações da solidariedade humana.

Ele não se demorou, mas disse que retornaria mais tarde para ver lorde Godalming. Sua vinda, porém, reconfortou-nos um pouco, pois nos trouxe a certeza de que não precisaríamos temer críticas hostis com relação a qualquer um de nossos atos. Esperávamos que Arthur viesse às cinco horas; um pouco antes, portanto, visitamos a câmara mortuária. O quarto tornara-se de fato digno desse nome, pois agora tanto mãe quanto filha repousavam ali. O agente funerário, que fizera um bom trabalho, arrumara o quarto da melhor forma possível, e havia um ar mortuário naquele lugar que baixava imediatamente nossos ânimos. Van Helsing solicitou que o quarto fosse rearrumado, ficando como estava na véspera; explicou que, como lorde Godalming já estava prestes a chegar, seria menos doloroso para ele se pudesse ficar sozinho com o que restara de sua noiva. O agente funerário pareceu chocado com a própria estupidez e esforçou-se para deixar tudo como na noite anterior, para poupar a Arthur tais abalos.

Pobre rapaz! Estava arruinado, à beira do desespero; até mesmo sua masculina robustez parecia ter afundado sob a tensão de suas emoções, exaustivamente postas à prova. Eu sabia que ele havia sido genuína e devotamente ligado ao pai; perdê-lo, num momento como aquele, fora um golpe duro. Foi afetuoso como sempre comigo, e tratou Van Helsing com gentileza e cordialidade, mas não pude deixar de notar que havia um certo constrangimento. O professor também percebeu e me fez sinal para que o levasse ao andar superior. Obedeci, deixando Arthur à porta do quarto, pois senti que ele queria ficar a sós com Lucy. Ele, porém, segurou meu braço e me fez entrar também, dizendo, a voz embargada:

— Você também a amava, meu velho. Ela me contou tudo, e nenhum amigo lhe era mais caro do que você. Não sei como agradecer-lhe por tudo o que fez por ela. Ainda não consigo pensar...

Ele perdeu o controle, então. Passou os braços em torno dos meus ombros e apoiou a cabeça em meu peito, chorando.

— Ah, Jack! Jack! O que vou fazer? A vida parece ter me abandonado de uma vez só, e no mundo inteiro já não existe nada que me motive a viver.

Reconfortei-o da melhor forma que pude. Em situações como essas, os homens não precisam de muitas palavras. Um aperto de mãos, um braço que se estreita em redor do ombro, lágrimas que se unem, tudo isso são expressões de solidariedade caras ao coração dos homens. Fiquei imóvel e

em silêncio até que o pranto dele se extinguisse e, então, lhe disse, delicadamente:

— Venha vê-la.

Fomos juntos até a cama, e eu ergui a mortalha que recobria a face de Lucy. Meu Deus! Como estava linda. Sua beleza parecia aumentar com o passar das horas, o que de certa forma me assustava e surpreendia. Quanto a Arthur, ele começou a tremer, e por fim a dúvida o percorreu como um calafrio. Afinal, após uma longa pausa, disse-me, num sussurro quase inaudível:

— Jack, ela está mesmo morta?

Assegurei-lhe que sim, infelizmente, e observei em seguida — pois uma dúvida horrível como aquela não devia persistir por um segundo a mais, se eu pudesse evitá-lo — que é comum os rostos se tornarem mais delicados após a morte, e até mesmo recuperarem um pouco da beleza da juventude; isso se dava sobretudo quando a morte havia sido precedida por um sofrimento agudo ou prolongado. Isso pareceu acabar com suas dúvidas, e, após ajoelhar-se junto à cama por um tempo e ficar contemplando Lucy amorosamente, ele se virou. Eu lhe disse que precisava dizer adeus, pois o caixão tinha que ser preparado. Ele então voltou, tomou a mão da morta entre as suas e beijou-a; inclinando-se, beijou-a também na testa. Saiu do quarto, olhando apaixonadamente sobre o ombro, para Lucy.

Deixei-o na sala de visitas e disse a Van Helsing que ele havia se despedido da noiva; o professor então foi até a cozinha dizer aos homens da funerária que dessem continuidade aos preparativos e que aparafusassem o caixão. Quando voltou de lá, falei-lhe da pergunta de Arthur, e ele replicou:

— Não estou surpreso. Há pouco eu próprio também tive minhas dúvidas!

Jantamos todos juntos, e pude ver que o pobre Art se esforçava para manter o controle. Van Helsing ficara em silêncio durante a maior parte do jantar, mas disse, depois que acendemos nossos charutos:

— Lorde...

Arthur interrompeu-o, contudo:

— Não, não, isso não, pelo amor de Deus! Pelo menos ainda não. Perdoe-me, eu não quis falar de maneira ofensiva, mas acontece que a perda ainda é tão recente.

O professor respondeu de modo muito afável:

— Só usei aquele nome porque estava na dúvida. Não posso chamá-lo de “Mr.”, e passei a ter-lhe um sincero afeto, meu caro rapaz, como Arthur.

Arthur estendeu a mão e tomou a do velho, afetuosamente.

— Chame-me como quiser — disse ele. — Espero que eu tenha sempre o título de amigo. E deixe-me dizer que não encontro palavras para agradecer-lhe por sua bondade para com minha pobre querida.

Fez uma pequena pausa e depois prosseguiu:

— Sei que ela compreendeu sua bondade ainda melhor do que eu; se fui rude, ou de algum modo não muito educado naquele momento em que o senhor agiu com tanta... o senhor se lembra — o professor anuiu. — Por favor, me perdoe.

Van Helsing respondeu num tom grave e gentil:

— Sei que foi difícil confiar em mim, naquela ocasião, pois minha atitude foi violenta e ultrapassou a sua compreensão. Presumo que você também não confie em mim agora, que não possa confiar, pois ainda não compreende. E talvez haja outros momentos em que eu peça sua confiança e você não me possa dar, pelo mesmo motivo. Chegará a hora, porém, em que sua confiança em mim será integral, e tudo ficará cristalino, como se transpassado pelos raios do sol. Você então há de me agradecer por tudo que fiz desde o início, pelo seu próprio bem, pelo bem dos outros e pelo bem daquela que jurei proteger.

— De fato, de fato — disse Arthur, afetuosamente —, minha confiança no senhor será integral. Sei que tem uma boa alma, acredito nisso, e é amigo de Jack, e era amigo dela. Faça o que desejar.

O professor pigarreou algumas vezes, como se prestes a falar, e por fim disse:

— Posso lhe fazer uma pergunta, agora?

— Certamente.

— O senhor sabe que Mrs. Westenra lhe deixou todos os seus bens?

— Não, pobre coitada, nunca imaginei que viesse a fazê-lo.

— E como é tudo seu, o senhor pode fazer o que bem entender. Quero que me dê permissão para ler todos os papéis e as cartas de Miss Lucy. Acredite-me, não se trata de simples curiosidade. Tenho meus motivos, e ela sem dúvida aprovaria. Os papéis estão aqui. Peguei-os antes que soubéssemos que eram seus, para que mãos estranhas não os tocassem, para que olhos estranhos não perscrutassem a alma de Lucy através de suas palavras. Vou guardá-los comigo, se permitir. Nem mesmo o senhor poderá

vê-los, por ora, mas estarão a salvo. Nem uma única palavra se perderá, e no momento apropriado vou devolvê-los. Sei que é um pedido difícil de atender, mas o senhor fará isso, pelo bem de Lucy?

Arthur falou com entusiasmo, como fazia outrora:

— Dr. Van Helsing, o senhor pode fazer o que quiser. Sinto que ao dizê-lo estou fazendo o que a minha amada teria aprovado. Não irei importuná-lo com perguntas até que seja chegado o momento certo.

O velho professor pôs-se de pé e disse, solene:

— E você está certo. Ainda sofreremos muito, todos nós; mas não será apenas dor, tampouco a dor que sentimos agora será a última. Nós, e também o senhor, sobretudo o senhor, caro rapaz, teremos que beber de águas amargas antes de chegar à água doce. Mas teremos que ser corajosos e abnegados, e cumprir nosso dever, e tudo ficará bem!

Dormi num sofá no quarto de Arthur, naquela noite. Van Helsing não chegou a ir se deitar. Ficou andando de um lado para outro, como se patrulhasse a casa, e em nenhum momento perdeu de vista o quarto onde Lucy repousava em seu caixão. As flores de alho selvagem, salpicadas ali, impregnavam a noite com um cheiro forte, capaz de suplantar o odor dos lírios e das rosas.

DIÁRIO DE MINA HARKER

22 de setembro — No trem para Exeter. Jonathan dorme.

Parece que foi ontem que fiz minhas últimas anotações, e no entanto quanta coisa aconteceu de lá para cá. Eu estava em Whitby, então, sem notícias de Jonathan e com o mundo diante de mim; agora, estamos casados, ele é um procurador, sócio da firma, rico, chefiando seu próprio negócio. Mr. Hawkins está morto e enterrado, e Jonathan com uma outra crise que pode prejudicá-lo. Algum dia ele talvez me pergunte a respeito. Vou escrever tudo aqui. Minha taquigrafia está enferrujada — o que a prosperidade inesperada pode fazer conosco —, de modo que será bom treiná-la com um pouco de exercício, de qualquer forma...

O funeral foi bastante simples e muito solene. Estávamos apenas nós dois e os criados da casa, mais um ou dois velhos amigos de Exeter, seu agente em Londres e um senhor representando Sir John Paxton, presidente da Incorporated Law Society. Jonathan e eu ficamos de mãos dadas, e sentimos que nosso melhor e mais querido amigo havia partido...

Voltamos para a cidade em silêncio, tomando um ônibus para o Hyde Park Corner. Jonathan achou que eu talvez gostasse de ficar no Row por algum tempo, então nos sentamos. Havia pouca gente ali, no entanto, e ver tantas daquelas cadeiras vazias nos entristecia e nos deixava um tanto desolados. Recordava-nos a cadeira vazia em casa; levantamo-nos, então, e caminhamos por Piccadilly. Jonathan me segurava pelo braço, do jeito como fazia nos velhos tempos, antes que eu fosse para a escola. Achei aquilo bastante impróprio, pois é impossível passar alguns anos ensinando etiqueta e decoro para outras moças sem que o pedantismo do assunto nos afete um pouco, mas era Jonathan, e ele era meu marido, e não conhecíamos nenhuma das pessoas que nos viam — e não nos importávamos que vissem —, de modo que seguimos em frente. Eu estava olhando para uma moça muito bonita, com um chapéu grande, sentada numa vitória em frente ao Giuliano’s, quando senti Jonathan apertar meu braço com tanta força que chegou a doer. Ele disse, num sussurro:

— Meu Deus!

Estou sempre apreensiva com relação a Jonathan, pois temo que alguma crise nervosa possa vir a transtorná-lo novamente; voltei-me para ele na mesma hora e lhe perguntei o que o perturbara.

Ele estava muito pálido, e seus olhos pareciam saltar das órbitas enquanto ele, em parte aterrorizado e em parte admirado, fitava um homem alto e magro, de nariz adunco, bigode preto e cavanhaque, que também observava a bela jovem. Ele a olhava tão intensamente que nem sequer nos

viu, e pude, assim, dar uma boa espiada nele. Seu rosto não era o de uma pessoa bondosa: as feições eram rígidas, cruéis e sensuais. Seus dentes brancos e compridos, que pareciam ainda mais brancos em contraste com o vermelho intenso dos lábios, eram pontiagudos como os de um animal. Jonathan não parava de encará-lo, e temi que o homem pudesse notar. Talvez fosse interpretá-lo mal, pois parecia tão ameaçador e maldoso. Perguntei a Jonathan por que estava transtornado, e ele respondeu, evidentemente achando que eu sabia tanto a respeito quanto ele próprio:

— Está vendo quem é?

— Não, querido — disse a ele. — Não o conheço. Quem é?

Sua resposta me chocou e alarmou, pois foi como se ele não soubesse estar falando comigo, Mina:

— É ele, em pessoa!

O pobre coitado estava evidentemente apavorado com algo — apavorado de verdade. Acredito que se eu não estivesse ali para apoiá-lo ele teria caído ao chão. Continuava olhando. Um homem saiu da loja com um pequeno pacote e deu-o à moça, que partiu. O homem de quem Jonathan falava manteve os olhos fixos nela e, quando a carruagem seguiu por Piccadilly, ele tomou a mesma direção, chamando um cabriolé. Jonathan continuou olhando e disse, como que para si mesmo:

— Acho que é o conde, mas parece mais jovem. Meu Deus, se for verdade! Ah, meu Deus! Meu Deus! Se eu soubesse! Se eu soubesse!

Ele estava tão exaltado que eu temia lhe fazer perguntas, pois elas manteriam sua mente voltada para aquele assunto, de modo que me calei. Levei-o dali em silêncio, e ele, segurando meu braço, acompanhou-me sem protestar. Caminhamos um pouco mais, depois entramos no Green Park e nos sentamos por alguns momentos. Era um dia relativamente quente, considerando-se que estávamos no outono, e havia um banco de aspecto confortável num local à sombra. Depois de alguns minutos fitando o nada, os olhos de Jonathan se fecharam e ele adormeceu silenciosamente, a cabeça apoiada em meu ombro. Achei que era a melhor coisa para ele, de modo que não o perturbei. Após cerca de vinte minutos, ele acordou, e me disse, alegre:

— Ah, Mina, eu estava dormindo! Ah, perdoe-me por ter sido tão rude. Venha, vamos tomar chá em algum lugar.

Ele obviamente esquecera tudo sobre aquele estranho, do mesmo modo como esquecera, enquanto estava doente, tudo o que aquele episódio

lhe recordava. Não gosto desses mergulhos no esquecimento; eles podem lhe causar algum dano ao cérebro, ou não permitir que se cure do que talvez já exista. Não devo lhe perguntar, pois temo fazer-lhe mais mal do que bem, mas preciso de algum modo descobrir o que aconteceu em sua viagem para o exterior. Receio que tenha chegado o momento de abrir o pacote e descobrir o que está escrito. Ah, Jonathan, você há de me perdoar se eu estiver agindo mal, mas é pelo seu próprio bem.

Mais tarde — Foi triste voltar para casa, em todos os sentidos: aquela alma adorada e tão boa para nós já não estava ali; Jonathan ainda estava pálido e atordoado devido àquela ligeira recaída; e agora um telegrama de Van Helsing, quem quer que seja ele:

"Ficarão consternados em saber que Mrs. Westenra faleceu há cinco dias e que Lucy morreu anteontem. Ambas foram enterradas hoje."

Ah, quanto pesar em tão poucas palavras! Pobre Mrs. Westenra! Pobre Lucy! As duas se foram, se foram; jamais retornarão para junto de nós! E pobre Arthur, por ter perdido sua amada! Que Deus nos ajude a carregar nosso fardo.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

22 de setembro — Tudo acabou. Arthur voltou a Ring, levando Quincey Morris consigo. Que boa pessoa é Quincey! Acredito, em meu íntimo, que ele tenha sofrido tanto com a morte de Lucy quanto qualquer um de nós, mas enfrentou tudo com a força de um *viking*. Se os Estados Unidos continuarem a ter filhos como esse, de fato hão de se tornar uma potência mundial. Van Helsing foi se deitar, para descansar um pouco antes de viajar. Vai para Amsterdã hoje à noite, mas diz que volta amanhã à noite. Só quer acertar alguns detalhes, e precisa fazê-lo pessoalmente. Ficará comigo, então, se puder; diz que tem trabalho a fazer em Londres, e que esses trabalhos irão lhe tomar algum tempo. Pobre sujeito! Sinto que a tensão das últimas semanas abalou até mesmo seus nervos de aço. Ao longo de todo o enterro pude notar que ele estava se contendo terrivelmente. Quando tudo terminou, estávamos de pé ao lado de Arthur, pobre coitado, que falava sobre sua parte na operação, quando seu próprio sangue fora transfundido para as veias de Lucy. Pude ver Van Helsing ficar alternadamente lívido e cor de púrpura. Arthur dizia sentir desde então que ele e Lucy haviam realmente se casado, e que ela era sua esposa aos olhos de Deus. Nenhum de nós disse uma palavra sobre suas operações, e jamais o faremos. Arthur e Quincey foram juntos para a estação e Van Helsing e eu viemos para cá. No instante em que ficamos a sós na carruagem, ele deu vazão a um acesso de histeria. Mais tarde, negou que tenha sido histeria, insistindo que se tratava apenas de seu senso de humor se fazendo valer sob condições demasiado terríveis. Riu até chorar, e eu tive que abaixar as cortinas, para que ninguém nos visse e interpretasse mal. Ele então chorou até voltar a rir novamente, depois riu e chorou ao mesmo tempo, como fazem as mulheres. Tentei falar-lhe com severidade, como se fala com as mulheres em tais circunstâncias, mas não surtiu efeito. Homens e mulheres são tão diferentes ao manifestar força ou fraqueza emocional! Então, quando seu rosto voltou a assumir o velho ar de gravidade e rigidez, perguntei-lhe por que a hilaridade, e por que num momento como aquele. Ele me respondeu de modo característico, pois falou com lógica, enérgica e misteriosamente:

— Ah, você não compreende, amigo John. Não pense que não estou triste, embora eu ria. Veja, mesmo quando o riso me sacudia eu chorava. Tampouco ache que estou sentindo um pesar profundo quando choro, pois o riso não deixa de existir. Guarde bem em sua memória: o riso que bate na sua porta e lhe pergunta “Posso entrar?” não é o verdadeiro riso. Não! Esse reina e chega quando e como quer. Não pede permissão a quem quer que

seja e não escolhe um momento apropriado. Diz apenas “Aqui estou”. Eis um exemplo: sofro muitíssimo por aquela jovem adorável; dei-lhe meu sangue, embora eu esteja velho e cansado, dei-lhe meu tempo, minha arte, meu sono; abandonei os outros sofredores de que cuidava para dedicar-me exclusivamente a ela. E ainda assim sou capaz de rir sobre seu túmulo, rir quando o barro da pá do coveiro caiu sobre seu caixão com um baque surdo que ecoou em meu coração, fazendo com que ele bombeasse de volta o sangue para minha face. Fico muito triste por aquele pobre e querido rapaz, que tem a mesma idade que teria meu próprio filho se o destino tivesse lhe permitido viver, e o mesmo cabelo e os mesmos olhos. Muito bem, agora você sabe por que o amo tanto. Ele diz coisas que comovem meu coração de marido e que sensibilizam meu coração de pai como nenhum outro homem sensibilizaria, nem mesmo você, amigo John, pois nossa relação é antes de igual para igual, e não de pai para filho. Mesmo nesses momentos, porém, Sua Majestade, o Riso, me assalta e urra em meus ouvidos, dizendo “Aqui estou! Aqui estou!”, até que o sangue regresse dançando e leve à minha face um pouco do brilho do sol que traz consigo. Ah, amigo John, este mundo é estranho, é triste, um mundo cheio de sofrimentos, de infortúnios e de problemas; ainda assim, quando Sua Majestade, o Riso, chega, faz com que tudo dance conforme a sua música. Corações partidos, *ossos* secos no cemitério, lágrimas que queimam o rosto ao rolar: tudo dança em conjunto ao som da música que ele faz com seus lábios sisudos. Acredite-me, amigo John: o riso nos faz um gesto de bondade ao chegar. Um gesto de gentileza. Ah, nós, homens e mulheres, somos cordas retesadas sofrendo puxões de diferentes direções. As lágrimas vêm, então; como a chuva caindo nas cordas, elas nos ajudam a ter força, até que a tensão se torne demasiada e nós rompamos. O riso soberano chega como a luz do sol, porém, relaxando outra vez essa tensão, e nós conseguimos prosseguir em nossa luta, seja ela qual for.

Não queria magoá-lo alegando não entender seu argumento; mas, como ainda não compreendia a causa de seu riso, perguntei-lhe. Ao responder, seu rosto se tornou severo, e ele disse, num tom diferente:

— Ah, era a terrível ironia de tudo isso: essa moça bonita coroada de flores, com uma aparência tão encantadora que todos nos perguntamos se estaria de fato morta; essa moça indo ocupar aquela bela casa de mármore no adro solitário, onde repousam tantos familiares seus, onde repousa sua mãe, que tanto a amava e que ela tanto amava; o sino sagrado dobrando de

forma tão triste e vagarosa; os religiosos, com as vestes brancas dos anjos, fingindo ler livros quando na verdade seus olhos nem por um instante estavam nas páginas; todos nós com as cabeças curvadas. E por que isso tudo? Ela está morta, não está?

— Bem, por tudo o que me é mais sagrado, professor — disse eu —, não vejo nada de risível nisso tudo. Ora, sua explicação torna tudo ainda mais confuso. Mas mesmo que o enterro tivesse sido cômico, e quanto ao pobre Art e todo o seu sofrimento? Ora, ele estava simplesmente arrasado.

— Isso mesmo. Então ele não disse que aquela transfusão de seu próprio sangue para as veias de Lucy havia feito dela sua esposa?

— Sim; foi um pensamento agradável para ele e reconfortou-o.

— É verdade. Mas há um probleminha aí, amigo John. Se for verdade, e quanto aos outros? Rá, rá! Aquela doce mocinha é poliandra. E eu, que tenho uma pobre esposa morta a meus olhos mas viva segundo a lei da Igreja, embora destituída de suas faculdades mentais, e que tenho sido fiel a ela apesar disso... eu me tornei um bígamo!

— Também não vejo onde está a graça — disse eu, que já não achava particularmente agradáveis as coisas que ele dizia.

Van Helsing pôs a mão no meu braço, falando:

— Amigo John, perdoe-me se eu o estou magoando. Não revelei meus sentimentos aos outros, pois poderia feri-los, mas somente a você, meu velho amigo, em quem posso confiar. Se você pudesse ter olhado no interior do meu coração quando eu queria rir, se pudesse tê-lo feito quando o riso chegou, se pudesse fazê-lo agora, quando Sua Majestade, o Riso, já empacotou sua coroa e todos os seus pertences, pois vai para bem longe de mim e demorará muito a voltar... então talvez você tivesse mais pena de mim do que de qualquer outro.

Fiquei comovido com a ternura de seu tom de voz e lhe perguntei por quê.

— Porque eu sei!

Agora nos separamos, e por vários e longos dias a solidão há de pousar sobre nossos tetos com asas que envolvem tudo. Lucy jaz no nobre túmulo de sua família, num adro solitário, longe da agitada Londres; lá onde o ar é puro e o sol nasce por trás de Hampstead Hill, e onde flores silvestres crescem por conta própria.

Assim sendo, posso encerrar este diário, e sabe Deus se jamais virei a iniciar um outro. Se o fizer, ou se reabrir este, será para tratar de outras

pessoas e de outros assuntos; aqui, no fim, quando o romance da minha vida já foi relatado, antes que eu vá retomar o fio da obra à qual tenho consagrado meu tempo, escrevo, triste e sem esperanças, a palavra *Finis*.

***The Westminster Gazette*,**
25 de setembro
Mistério em Hampstead

O bairro de Hampstead está sendo, no momento, atormentado por uma série de acontecimentos que parecem assemelhar-se àqueles que ficaram conhecidos dos repórteres como “O Horror de Kensington” ou “A Mulher do Punhal” ou “A Mulher de Negro”. Ao longo dos últimos dois ou três dias, foram relatados vários casos de crianças que se perderam no caminho de casa ou que simplesmente não voltaram depois de ter ficado brincando no Heath. Em todos os casos, as crianças eram ainda muito pequenas para fornecer um relato lógico sobre o que lhes ocorrera, mas há um consenso em suas desculpas: todas elas alegaram ter estado na companhia de uma “moça de branco”. Em todas as ocasiões, as crianças desapareceram após a hora do poente, e em duas delas só foram encontradas na manhã seguinte, bem cedo. A suposição geral nas redondezas é que, como a primeira criança desaparecida deu a explicação de que uma “moça de branco” a chamara para um passeio, as outras usaram a mesma justificativa mais tarde. É o mais plausível, pois a brincadeira favorita dos pequenos, no momento, é

enganar os outros e levá-los para longe. Um correspondente nos diz que ver as crianças fingindo ser a “moça de branco” é muito engraçado. Diz ele que alguns de nossos caricaturistas poderiam aprender alguma coisa sobre a ironia do grotesco ao comparar a realidade e o retrato. Foi de acordo com os princípios gerais da natureza humana que essa “moça de branco” se tornou um papel popular em tais apresentações *al fresco*. Nosso correspondente alega, ingenuamente, que Ellen Terry não conseguiria ser tão atraente quanto algumas dessas crianças de rosto sujo fingem ou mesmo acreditam ser.

Há, contudo, um lado possivelmente sério nessa questão, pois algumas das crianças — na verdade todas aquelas que desapareceram à noite — têm discretos arranhões ou feridas no pescoço. As feridas parecem ter sido feitas por uma ratazana ou um cão de pequeno porte, e, embora não tenham muita importância individualmente, parecem sugerir que, qualquer que seja, o animal tem um sistema ou um método próprio. A polícia daquele distrito recebeu instruções para ficar atenta a crianças perdidas, sobretudo as muito pequenas, nos arredores do Hampstead Heath, e a qualquer cão perdido que possa estar nas cercanias.

***The Westminster Gazette*,**
25 de setembro
Edição especial extraordinária
O Horror de Hampstead
Mais uma criança ferida
A “Moça de Branco”

Acabamos de receber a informação de que outra criança, desaparecida ontem à noite, só foi encontrada hoje pela manhã, bem tarde, sob um tojo, na extremidade do Hampstead Heath próxima a Shooter’s Hill — talvez menos frequentada que as outras. Tinha a mesma pequena ferida no pescoço que fora notada nos outros casos. Estava muito fraca, e parecia ter emagrecido bastante. Após ter se recuperado parcialmente, a criança relatou a mesma história: disse ter sido atraída para longe pela “moça de branco”.

Capítulo 14

DIÁRIO DE MINA HARKER

23 de setembro — Jonathan está melhor após uma noite ruim. Estou feliz que ele tenha bastante trabalho a fazer, pois isso mantém sua mente afastada daquelas coisas terríveis. E, ah, estou satisfeitíssima que ele já não esteja se sentindo oprimido pela responsabilidade de sua nova posição. Sabia que ele seria fiel a si mesmo, e como estou orgulhosa, agora, ao ver meu Jonathan elevar-se à altura dos progressos que fez e manter-se a par, em todos os sentidos, das obrigações que assumiu. Ficará fora o dia todo, até tarde, pois disse que não poderá vir almoçar em casa. Já cumpri minhas tarefas domésticas; portanto, vou pegar esse diário escrito no exterior e trancar-me em meu quarto para lê-lo...

24 de setembro — Não tive condições de escrever ontem à noite; aquele terrível diário de Jonathan me abalou demais. Pobre querido! Como deve ter sofrido, independentemente de ter relatado fatos reais ou frutos de sua imaginação. Pergunto-me se há alguma verdade em tudo aquilo. Será que ele já sofria de meningite e então escreveu todas aquelas coisas terríveis, ou será que tinha de fato motivos para fazê-lo? Suponho que jamais venha a saber, pois não ouso tocar nesse assunto com ele... Aquele homem que vimos ontem, contudo! Jonathan parecia bastante seguro a respeito dele... Pobre rapaz! Acho que o funeral o abalou e lhe trouxe de volta à mente pensamentos antigos...

Ele próprio acredita em tudo. Lembro-me de como falou, no dia de nosso casamento: “A menos que alguma necessidade urgente me obrigue a recordar as horas terríveis, fruto do sono ou da vigília, da loucura ou da sanidade.” Parece haver alguma continuidade em tudo isso... Aquele conde assustador vinha para Londres... Se for assim, e ele tiver vindo para esta cidade, com seus atraentes milhões... Talvez haja uma necessidade urgente;

se for verdade, não devemos nos acovardar diante dela... Estarei preparada. Vou pegar minha máquina de escrever imediatamente e começar a transcrição. O diário estará pronto para que outros o leiam, se preciso. E se assim quiserem. Então, se eu estiver preparada, talvez o pobre Jonathan não fique abalado, pois posso falar por ele e jamais permitir que ele fique preocupado ou alarmado com nada disso. Se um dia ele superar o nervosismo, talvez possa querer me contar tudo, e posso lhe fazer perguntas e esclarecer detalhes, e ver o que faço para reconfortá-lo.

CARTA DE VAN HELSING A MRS. HARKER

24 de setembro.

(*CONFIDENCIAL*)

Cara senhora,

Peço que me perdoe por lhe escrever, eu que antes assumi a tarefa de lhe transmitir a triste notícia da morte de Miss Lucy Westenra. Graças à gentileza de lorde Godalming, recebi o direito de ler todas as suas cartas e papéis, pois estou profundamente interessado em certos assuntos de

importância vital. Em meio a essa papelada, encontrei algumas cartas suas, que mostram como as duas eram amigas e como a senhora a amava. Ah, madame Mina, imploro-lhe, em nome desse amor, que me ajude. É pelo bem de outras pessoas que lhe faço esse pedido — é para reparar grandes males e evitar muitas e terríveis desgraças, que talvez sejam maiores do que a senhora possa conceber. Seria possível nos encontrarmos? Pode confiar em mim. Sou amigo do dr. Seward e de lorde Godalming (este último era o Arthur de Miss Lucy). É preciso que no momento esse encontro seja estritamente confidencial. Partirei para Exeter imediatamente se a senhora me autorizar e me disser onde e quando podemos nos encontrar. Imploro-lhe que me perdoe, madame. Li suas cartas para a pobre Lucy; sei quão bondosa é a senhora e como seu marido sofre; rogo-lhe então que, se possível, não lhe diga nada a esse respeito, para evitar quaisquer males. Mais uma vez, minhas sinceras desculpas.

VAN HELSING

TELEGRAMA DE MRS. HARKER A VAN HELSING

25 de setembro — Venha hoje no trem das 10h15, se conseguir chegar a tempo. Posso vê-lo a qualquer hora. Wilhelmina Harker.

DIÁRIO DE MINA HARKER

25 de setembro — Não posso evitar uma terrível perturbação à medida que se aproxima a hora da visita do dr. Van Helsing, pois de certa forma imagino que vá esclarecer um pouco a triste experiência de Jonathan; e, como ele cuidou da querida Lucy em seus momentos finais, poderá me contar tudo sobre ela. Essa é a razão de sua vinda: quer conversar sobre Lucy e seu sonambulismo, e não sobre Jonathan. Então eu agora jamais saberei a verdade! Como sou tola. Aquele terrível diário se apossa da minha imaginação e projeta sua sombra sobre tudo o mais. É claro que é sobre Lucy. O hábito retornara à minha pobre querida, e ela deve ter adoecido naquela terrível noite no penhasco. Quase me esqueci, envolvida como estava em meus assuntos particulares, de como ela ficou doente após aquela noite. Deve ter contado a ele a respeito de sua aventura sonâmbula no penhasco, e também que eu sabia tudo a respeito; agora ele quer que eu lhe diga o que sei, para que ele possa compreender melhor. Espero ter agido corretamente não dizendo nada a Mrs. Westenra; jamais me perdoaria se alguma atitude minha, mesmo que a simples omissão, causasse algum mal à pobre Lucy. Espero que o dr. Van Helsing também não me recrimine; tenho

tido tantas preocupações e suportado tanta ansiedade ultimamente que sinto não ser capaz de aguentar ainda mais, no momento.

Suponho que chorar às vezes nos faça bem — limpa o ar, como faz a chuva. Talvez eu tenha ficado abalada com a leitura daquele diário, ontem à noite, e agora Jonathan saiu pela manhã para ficar fora o dia todo e a noite também. É a primeira vez que nos separamos desde o casamento. Espero que ele se cuide, e que nada de desagradável ocorra. São duas horas, e logo o doutor estará aqui. Não direi nada sobre o diário de Jonathan, a menos que ele me pergunte. Estou satisfeita por ter datilografado o meu; assim, caso ele me pergunte sobre Lucy, posso mostrá-lo; isso poupará muitas perguntas.

Mais tarde — Ele veio e se foi. Ah, que encontro estranho, e como faz minha cabeça girar! Sinto-me como se estivesse sonhando. Será tudo isso possível, ou mesmo uma parte? Se eu não tivesse lido antes o diário de Jonathan, não aceitaria nem mesmo a possibilidade. Meu pobre Jonathan! Como ele deve ter sofrido. Deus permita que tudo isso não volte a alarmá-lo. Vou tentar evitar que ele saiba, mas talvez venha a ser um consolo e uma ajuda saber que seus olhos e cérebro não o iludiram, e que era tudo verdade — mesmo que isso seja terrível e as consequências possam vir a ser assustadoras. Talvez a dúvida o persiga, e, quando *for* esclarecida, não importa qual seja a verdade — se esteve ele dormindo ou acordado —, ele venha a ficar mais satisfeito e em melhores condições de suportar esse choque. O dr. Van Helsing deve ser uma boa pessoa, e também brilhante, se é amigo de Arthur e do dr. Seward, e se eles o trouxeram da Holanda para cuidar de Lucy. Sinto, após tê-lo visto, que ele *é* uma boa pessoa, gentil e de natureza nobre. Quando vier, amanhã, perguntarei a respeito de Jonathan; e então, se Deus quiser, toda essa tristeza e ansiedade talvez terminem bem. Eu antes achava que gostaria de praticar entrevistas; o amigo de Jonathan no *Exeter News* lhe disse que a memória é tudo nesse trabalho — o entrevistador deve ser capaz de anotar praticamente cada palavra que foi dita, mesmo que tenha que reescrever isto ou aquilo mais tarde. Esta será uma entrevista rara; tentarei registrá-la *verbatim*:

Eram 14h30, quando bateram na porta. Muni-me de minha coragem *à deux mains* e aguardei. Em poucos minutos, Mary abriu a porta e anunciou:

— Dr. Van Helsing.

Levantei-me e me inclinei, e ele veio a mim; um homem de peso médio, compleição forte, os ombros aprumados, peito largo e pescoço firme sobre o tronco, como a cabeça sobre o pescoço. O porte da cabeça impressiona de saída, pois parece indicar pensamento e poder; é uma cabeça nobre, bem-proporcionada, ampla e larga atrás das orelhas. O rosto, barbeado, revela um queixo duro e quadrado, uma boca ampla, resoluta e expressiva, um nariz de bom tamanho — reto, mas com narinas sensíveis, que parecem se dilatar quando as grossas sobrancelhas se franzem e os lábios se comprimem. A testa é larga e bonita, praticamente reta logo acima das sobrancelhas e depois curvando-se para trás sobre duas saliências bem afastadas — a testa é de tal modo constituída que o cabelo ruivo não consegue cobri-la, caindo naturalmente para trás e para os lados. Seus grandes olhos de um azul-escuro são bem afastados um do outro; tornam-se rápidos ou ternos, ou rígidos, de acordo com o humor dele. Disse-me:

— Mrs. Harker, correto?

Inclinei a cabeça, concordando.

— E antes era Miss Mina Murray?

Novamente fiz que sim.

— Vim ver Mina Murray, que era amiga daquela pobre menina, Lucy Westenra. Madame Mina, é para falar da falecida que estou aqui.

— Meu senhor — disse eu —, o fato de ter sido amigo de Lucy Westenra e de tê-la ajudado lhe confere justificativas suficientes.

Estendi a mão. Ele me cumprimentou e disse, afetuosamente:

— Ah, madame Mina, eu sabia que a amiga daquela pobre e delicada moça devia ser uma boa pessoa, mas ainda me faltava comprová-lo...

Terminou sua fala com uma mesura cortês. Perguntei-lhe qual o motivo exato de sua visita; assim sendo, ele imediatamente abordou o assunto:

— Li suas cartas para Miss Lucy. Perdoe-me, mas eu tinha que começar minha investigação de algum modo e não havia ninguém a quem consultar. Eu sabia que a senhora havia estado com ela em Whitby. Ela às vezes escrevia num diário. Não fique surpresa, madame Mina; o diário começou depois que a senhora partiu, Miss Lucy a estava imitando. Nesse diário, ela relaciona certos fatos a uma noite de sonambulismo, escrevendo

que a senhora a salvou. Venho vê-la movido por uma grande perplexidade e lhe peço que me faça a gentileza de relatar tudo aquilo de que for capaz de se lembrar.

— Creio que posso lhe contar tudo, dr. Van Helsing.

— Ah, então a senhora tem boa memória para fatos, para detalhes? Nem sempre é assim com as jovens.

— Não, doutor, mas eu escrevi tudo na época. Posso lhe mostrar, se quiser.

— Ah, madame Mina, eu ficaria grato. A senhora estaria me prestando um grande favor.

Não pude resistir à tentação de fazer um certo mistério — creio ser um vestígio do gosto da maçã original que ainda permanece em nossas bocas —, de modo que lhe entreguei o diário taquigrafado. Ele o apanhou com uma mesura cortês e perguntou:

— Posso ler?

— Se quiser — respondi, com o máximo de seriedade possível.

Ele o abriu, e por um instante seu rosto assumiu uma expressão consternada. Então, pôs-se de pé e fez uma mesura.

— Ah, mas que mulher esperta! — disse ele. — Já faz tempo que sei que Mr. Jonathan é um homem de muita sorte, mas veja só, sua esposa tem todas as qualidades. E será que a senhora não me fará a honra de prestar-me uma ajuda lendo isto para mim? Ai de mim! Não compreendo a estenografia.

A essa altura, minha brincadeirinha já terminara, e eu estava quase envergonhada; peguei a cópia datilografada de minha cesta de costura e a entreguei a ele.

— Desculpe-me — disse eu —, não pude evitar. Mas estive pensando que suas perguntas seriam acerca da pobre Lucy, e que talvez o senhor não pudesse esperar, e não por minha causa, mas porque sei que seu tempo deve ser precioso. Por isso, datilografei tudo para o senhor.

Ele pegou a cópia e seus olhos brilharam:

— A senhora é muito boa — disse ele. — Posso ler agora? Talvez queira lhe fazer algumas perguntas quando tiver terminado.

— Decerto que sim — disse eu. — Leia enquanto vou dar instruções para o almoço, e o senhor poderá me fazer as perguntas enquanto comemos.

Ele fez uma mesura, instalando-se numa cadeira, de costas para a luz. Deixou-se absorver pelos papéis, enquanto fui tratar do almoço, sobretudo

para não o atrapalhar. Quando voltei, encontrei-o andando rapidamente de um lado para outro da sala, o rosto corado de exaltação. Correu até mim e segurou minhas mãos:

— Ah, madame Mina — disse ele. — Como posso dizer quanto lhe sou grato? Estes papéis são como a luz do sol. Descortinam o caminho para mim. Toda essa luz me ofusca, sinto-me aturdido, mas ainda assim nuvens correm pelo céu o tempo todo. A senhora não compreende, sei disso, e não tem como compreender. Ah, mas estou agradecido, minha brilhante senhora. Madame — prosseguiu ele, num tom bastante solene —, se algum dia houver algo que Abraham van Helsing possa fazer pela senhora ou pelos seus, basta dizer. Será um prazer e uma alegria servi-la como amigo, e devotar tudo o que aprendi e tudo o que sou capaz de fazer em benefício da senhora e das pessoas que ama. Há escuridão em nossas vidas, e há luzes; a senhora é uma das luzes. Terá uma vida boa e feliz, e seu marido terá na senhora uma verdadeira bênção.

— Mas, doutor, o senhor tece elogios demais a mim... O senhor não me conhece.

— Não a conheço! Eu, que sou velho, e que durante toda a vida estudei homens e mulheres; eu, um especialista no cérebro, em tudo o que a ele pertence e dele deriva! E li seu diário, que a senhora tão gentilmente datilografou para mim e que exala sinceridade a cada linha. Eu, que li sua carta tão carinhosa à pobre Lucy, falando-lhe de seu casamento e de sua confiança... Dizer que não a conheço! Ah, madame Mina, as boas mulheres contam tudo de suas vidas, a cada dia, a cada hora e a cada minuto, coisas tais que os anjos podem ler, e nós, homens que buscam a sabedoria, temos algo dos olhos dos anjos. Seu marido é um homem de natureza nobre, e a senhora também é nobre, pois é capaz de confiar, e a confiança não vinga em naturezas vis. Seu marido... Fale-me dele. Passa bem? Toda aquela febre já passou e ele está mais forte e bem-disposto?

Vi ali uma oportunidade de lhe perguntar sobre Jonathan, e disse:

— Já está quase recuperado, mas ficou muito abalado com a morte de Mr. Hawkins.

Ele me interrompeu:

— Ah, sim, eu sei. Li suas duas últimas cartas.

Prossegui:

— Suponho que tenha de fato se abalado, pois quando estávamos na cidade, terça-feira passada, ele teve uma espécie de choque.

— Um choque, e tão pouco tempo após a meningite! Isso não foi nada bom. Que tipo de choque?

— Ele acreditou ter visto alguém que lhe recordou algo terrível, na verdade o motivo de ter caído doente.

Então, tudo pareceu me atropelar. A pena que eu sentia de Jonathan, o horror que ele experimentou, o mistério assustador de seu diário e o medo que pairava sobre mim desde então, tudo isso me veio à mente num tumulto. Acho que fiquei histérica, pois caí de joelhos e lhe estendi as mãos, implorando-lhe que fizesse meu marido ficar bem outra vez. Ele segurou minhas mãos e me levantou, fazendo com que eu me sentasse no sofá e sentando-se ao meu lado. Com minha mão entre as suas, ele me disse, com uma delicadeza infinita:

— Minha vida é árida e solitária, e trabalho tanto que não tive muito tempo para dedicar às amizades. Mas desde que fui chamado aqui pelo dr. John Seward conheci tantas boas pessoas e vi tanta nobreza que sinto mais do que nunca a solidão da minha própria vida. Solidão que, aliás, aumenta conforme envelheço. Acredite-me, então, que venho aqui tomado por um profundo respeito pela senhora, e a senhora me deu esperanças. Não de que eu venha a encontrar aquilo que procuro, mas de que ainda há boas mulheres capazes de trazer felicidade à vida. Boas mulheres, cujas vidas e cuja honestidade servirão de modelo para as crianças que ainda vão nascer. Fico muito feliz em poder lhe ser útil, pois, se o seu marido sofre, as causas desse sofrimento estão dentro dos domínios de meus estudos e experiência. Prometo-lhe que por ele farei alegremente *tudo* o que puder, a fim de fortalecê-lo e devolver-lhe a coragem, e a fim de tornar sua vida, minha senhora, mais feliz. Agora deve comer. Está esgotada e talvez ansiosa demais. Seu marido, Jonathan, não gostaria de vê-la tão pálida, e sentir-se desagradado por quem ama não lhe fará bem. Portanto, pelo bem dele, a senhora precisa se alimentar e sorrir. Contou-me tudo sobre Lucy, e agora não falaremos mais sobre isso, para que não a aflija. Ficarei em Exeter esta noite, pois quero refletir sobre o que a senhora me contou e, depois de refletir, farei algumas perguntas, se me permitir. E, então, a senhora também vai me falar dos problemas do seu marido da melhor forma possível, mas não agora. Precisa comer, e depois pode me contar tudo.

Depois do almoço, voltamos para a sala de visitas, e ele me disse:

— E agora fale-me dele.

Quando me vi na situação de falar com aquele homem de muito estudo, comecei a recear que ele fosse me considerar uma tola e uma fraca, e Jonathan um louco — aquele diário é tão estranho —, de modo que hesitei em prosseguir. Mas ele era gentil e atencioso; prometera me ajudar, e eu confiava nele. Disse, portanto:

— Dr. Van Helsing, o que tenho a contar é tão esquisito que devo lhe pedir que não ria de mim ou de meu marido. Desde ontem a dúvida se apossou de mim como uma febre. O senhor precisa ser gentil comigo e não pode me achar uma tola por ter mesmo que parcialmente acreditado em coisas tão estranhas.

Ele me reassegurou, com suas palavras tanto quanto com sua atitude, ao dizer:

— Ah, minha cara, se soubesse quão estranha é a situação que me traz aqui, seria a senhora a rir. Aprendi a não fazer pouco das crenças de ninguém, por mais estranhas que pareçam. Tenho tentado manter minha mente aberta, e não são os fatos corriqueiros da vida que hão de fechá-la, mas as coisas estranhas, as coisas extraordinárias, as coisas que nos fazem duvidar se estamos loucos ou sãos.

— Obrigada, mil vezes obrigada! O senhor tirou um peso da minha mente. Se me permitir, lhe darei alguns papéis para ler. São muitos, mas datilografei tudo. Esclarecerá o que me preocupa com relação a Jonathan. É a cópia do diário que ele manteve quando estava no exterior, e lá ele registrou tudo o que aconteceu. Não ouso dizer uma palavra a respeito; o senhor há de ler e julgar. Quando nos reencontrarmos, então, talvez o senhor possa me fazer a gentileza de dizer o que pensa.

— Prometo — disse ele, quando lhe entreguei os papéis. — Pela manhã, o mais cedo possível, virei vê-la e também o seu marido, se possível.

— Jonathan estará aqui às 11h30; o senhor pode vir almoçar conosco e aproveitar para vê-lo. Em seguida, pode embarcar no trem rápido das 15h34, que o deixará em Paddington antes das vinte horas.

Ele ficou surpreso que eu soubesse de cor os horários dos trens, mas não sabe que me informei sobre todos os trens que chegam a Exeter e que partem daqui a fim de poder ajudar Jonathan caso ele esteja com pressa.

O professor então apanhou os papéis e se foi, e aqui estou eu, pensando... pensando não sei o quê.

CARTA (*MANUSCRITA*) DE VAN HELSING A MRS. HARKER

25 de setembro, 18 horas.

Cara madame Mina,

Li o maravilhoso diário de seu marido. A senhora pode dormir sem a tortura da dúvida. Por mais que tudo pareça estranho e terrível, é *verdade*! Juro pela minha vida. Pode ser pior para outros, mas para ele e para a senhora não há perigo. Ele é um rapaz nobre. Deixe-me dizer, pela experiência que tenho com os homens, que alguém que agiu como ele, descendo pela parede do castelo até aquele quarto, e depois fazendo-o uma segunda vez, não é alguém a quem um choque vá causar danos permanentes. Seu cérebro e seu coração estão bem. Posso jurá-lo, mesmo antes de tê-lo visto. Portanto, fique descansada. Terei muitas perguntas a fazer a ele sobre outros assuntos. Foi uma bênção para mim ter ido vê-la hoje, pois descobri tanta coisa de uma só vez que estou atordoado — mais atordoado do que nunca, e preciso pensar.

Sinceramente,
ABRAHAM VAN HELSING

CARTA DE MRS. HARKER A VAN HELSING

25 de setembro, 18h30.

Meu caro dr. Van Helsing,

Mil vezes obrigada por sua carta tão gentil, que tirou um grande peso de minha mente. Ainda assim, se tudo é verdade, que coisas terríveis há no mundo, e quão abominável é o fato de aquele homem, aquele monstro, estar realmente em Londres! Não ouso pensar nisso. Neste momento, enquanto escrevo, recebo um telegrama de Jonathan dizendo que partiria de Launceston no trem das 18h25, e que chegará aqui às 22h18, para que eu não tenha que passar a noite sozinha. Portanto, será que, em vez de vir para o almoço, o senhor não poderia estar aqui às oito horas, para o café da manhã — se não for cedo demais? Poderá ir embora, se estiver com pressa, no trem das 10h30, chegando a Paddington às 14h35. Não é necessário que me responda; se não mandar notícias, presumo então que virá para o café da manhã.

Sinceramente grata,
sua amiga
MINA HARKER

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER

26 de setembro — Não achei que fosse algum dia voltar a escrever neste diário, mas a hora chegou. Quando voltei para casa ontem à noite, Mina havia preparado a ceia, e depois que terminamos de comer contou-me sobre a visita de Van Helsing; disse-me que lhe deu cópias datilografadas dos dois diários e que havia ficado muito ansiosa a meu respeito. Mostrou-me a carta do doutor, na qual ele atestava a veracidade de tudo o que eu escrevera. Isso parece ter feito de mim um novo homem. Foi a dúvida quanto à realidade de tudo aquilo que me abateu. Sinto-me impotente, no escuro, e receoso, mas, agora que *sei*, já não tenho medo, nem mesmo do conde. Ele conseguiu, afinal de contas, vir a Londres, e foi ele quem vi. Rejuvenesceu, mas como? Van Helsing é o homem certo para desmascará-lo e expulsá-lo daqui, se for como Mina o descreveu. Ficamos acordados até tarde, conversando sobre o assunto. Mina está se vestindo, e eu vou falar com o hotel dentro de alguns minutos, a fim de trazê-lo até aqui...

Ele ficou, creio, surpreso ao me ver. Quando cheguei à sala em que ele estava e me apresentei, ele me segurou os ombros e girou meu rosto na direção da luz, dizendo, depois de me estudar minuciosamente:

— Mas madame Mina disse-me que o senhor estava doente, que tinha sofrido um choque!

Foi tão engraçado ouvir minha esposa ser chamada de “madame Mina” por aquele velho senhor de rosto forte e gentil. Sorri, e disse:

— Eu *estava* doente, e *sofri* um choque, mas o senhor já me curou.

— E como?

— Através de sua carta para Mina, ontem à noite. Eu tinha muitas dúvidas, e tudo assumiu um tom de irrealidade. Eu não sabia em que confiar, mesmo em se tratando do que me diziam meus sentidos. Por não saber em que confiar, não sabia o que fazer; tudo o que me restava era continuar trabalhando no que até então havia sido minha rotina habitual. Mas a rotina deixou de me satisfazer, e comecei a desconfiar de mim mesmo. Doutor, o senhor não sabe o que é duvidar de tudo, até de si

mesmo. Não, o senhor não sabe; com sobrancelhas como as suas, não poderia saber.

Ele pareceu satisfeito, e riu ao dizer:

— Ah! Então o senhor é um fisionomista. Aprendo mais coisas aqui a cada hora que passa. É com muito prazer que venho acompanhá-los no desjejum. E, ah, o senhor há de perdoar elogios vindos de um velho como eu, mas sua esposa é uma verdadeira bênção.

Eu seria capaz de ficar o dia inteiro ouvindo-o tecer elogios a Mina, de modo que simplesmente fiz que sim, em silêncio.

— Ela é uma das mulheres de Deus, moldada por Sua própria mão para mostrar aos homens e às outras mulheres que há um céu no qual podemos entrar, e cuja luz pode muito bem estar aqui mesmo na Terra. Tão fiel, tão encantadora, tão nobre e altruísta, o que é muito, vou lhe dizer, nestes tempos tão céticos e egoístas. E o senhor... li todas as cartas enviadas à pobre Miss Lucy, e algumas falam do senhor, de modo que o conheço há alguns dias através das palavras de outras pessoas. Mas foi ontem à noite que vislumbrei seu verdadeiro eu. O senhor me dará sua mão, não dará? E que sejamos amigos pelo resto de nossas vidas.

Apertamos as mãos, e ele era tão honesto e tão gentil que tive de conter as lágrimas.

— E agora — prosseguiu ele —, será que posso lhe pedir ajuda? Tenho uma tarefa imensa a cumprir, e ela se inicia com o desvendar dos fatos. Aqui, o senhor pode me ajudar. Pode me dizer o que aconteceu antes de partir para a Transilvânia? Mais tarde talvez eu lhe peça outro tipo de ajuda, mas no momento isso será suficiente.

— Ouça, meu senhor — disse eu —, o que tem a fazer diz respeito ao conde?

— Sim — disse ele, solene.

— Então estou com o senhor, de corpo e alma. Como partirá no trem das 10h30, não terá tempo de ler, mas vou apanhar a papelada. Pode levá-la consigo para ler no trem.

Após o café da manhã, deixei-o na estação. Ao nos despedirmos, ele disse:

— Talvez possa vir a Londres se eu mandar chamá-lo, e madame Mina também.

— Iremos quando o senhor quiser — disse eu.

Eu comprara para ele os jornais matutinos e também os vespertinos de Londres, da véspera. Ele os folheava enquanto conversávamos junto à janela do vagão, esperando a partida do trem. Subitamente, algo pareceu chamar-lhe a atenção num deles, o *The Westminster Gazette* — eu conhecia o jornal pela cor —, fazendo-o empalidecer. Leu algo com muita atenção, murmurando para si mesmo:

— *Mein Gott! Mein Gott!* Tão cedo! Tão cedo!

Creio que chegou a se esquecer da minha presença ali, naquele momento. Nesse instante, o trem apitou e começou a se mover. Isso chamou o professor de volta à realidade. Ele se inclinou para fora da janela e acenou, dizendo:

— Lembranças a madame Mina! Escreverei assim que possível.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

26 de setembro — De fato, o fim é algo que não existe. Não se passou uma semana desde que escrevi *Finis*, e aqui estou, recomeçando tudo, ou na verdade continuando o mesmo diário. Até hoje à tarde, eu não tinha motivos para pensar no que foi feito. Renfield tem estado tão são quanto possível. Já estava bem adiantado com o negócio das moscas e acabava de dar início à criação de aranhas, de modo que não me criou problemas. Recebi uma carta de Arthur, escrita no domingo, e dela deduzi que ele tem suportado tudo bastante bem. Quincey Morris está com ele, o que é uma

ajuda e tanto, pois ele é o rei do bom humor. Quincey me escreveu algumas palavras, também, e por meio dele soube que Arthur está começando a recuperar algo da sua antiga vivacidade; no que diz respeito a eles, portanto, minha mente está tranquila. Quanto a mim, voltava a me dedicar ao meu trabalho com o antigo entusiasmo, tanto que poderia dizer que a ferida que a pobre Lucy deixou em mim estava começando a cicatrizar. Tudo foi reaberto, porém; qual será o fim, só Deus sabe. Imagino que Van Helsing pense saber, também, mas só revela o suficiente em cada ocasião para estimular minha curiosidade. Foi a Exeter ontem, e passou a noite lá. Voltou hoje, e quase entrou pulando dentro do meu escritório, às 17h30, aproximadamente, colocando em minhas mãos o *The Westminster Gazette* de ontem à noite.

— O que você acha disso? — perguntou, afastando-se e cruzando os braços.

Passei os olhos pelo jornal, pois de fato não sabia o que ele queria dizer, mas ele o tirou de mim e indicou um parágrafo que falava de crianças que estavam sendo atraídas para longe em Hampstead. Isso não me disse muito, até que cheguei a uma passagem que descrevia pequenas feridas circulares em seus pescoços. Algo me ocorreu, e eu levantei os olhos.

— E então? — perguntou ele.

— São como as feridas da pobre Lucy.

— E o que você deduz disso?

— Apenas que há algo em comum. Seja lá o que tenha ferido, está ferindo também as crianças.

— Indiretamente isso é verdade, mas não diretamente.

— O que quer dizer, professor? — perguntei.

Eu estava um tanto inclinado a não levar muito em consideração sua seriedade — pois, afinal de contas, quatro dias de repouso, sem a prisão daquela ansiedade torturante, haviam servido para me animar um pouco —, mas, quando vi seu rosto, recuperei a sobriedade. Ele jamais tivera uma expressão de maior gravidade, nem mesmo no meio de todo o nosso desespero por causa da pobre Lucy.

— Diga-me! — exclamei. — Não sou capaz de arriscar uma opinião. Não sei o que pensar e não tenho informações em que possa basear minhas conjecturas.

— Quer me dizer então, amigo John, que não tem qualquer suspeita sobre a causa da morte de Miss Lucy, mesmo depois de todas as pistas

dadas não só pelos fatos, mas por mim também?

— Morreu de esgotamento nervoso após uma grande perda de sangue.

— E como esse sangue foi perdido?

Balancei a cabeça. Ele foi até onde eu estava e sentou-se ao meu lado, prosseguindo:

— Você é um homem inteligente, amigo John. Tem um bom raciocínio, uma grande sagacidade, mas é preconceituoso demais. Não permite que seus olhos vejam e que seus ouvidos escutem, e que tome conhecimento daquilo que não faz parte de sua vida cotidiana. Não acha que há coisas que não é capaz de compreender e ainda assim existem? Que há coisas que certas pessoas veem e outras não? Há muitas coisas, antigas e novas, que não devem ser contempladas pelos olhos dos homens, porque eles sabem, ou julgam saber, certas coisas que outros homens lhes disseram. Ah, o defeito da nossa ciência é querer explicar tudo. Quando não é capaz de fazê-lo, decreta que não há o que explicar. Ainda assim, porém, a cada dia vemos crescerem ao nosso redor crenças que se julgam novas, mas que não passam de crenças antigas fingindo serem novas. Como as belas senhoras na ópera. Suponho que você não acredite em transferência corporal. Não? Nem em materialização. Não? Nem em corpos astrais. Não? Nem em leitura de pensamentos. Não? Nem no hipnotismo...

— Acredito — disse eu. — Charcot demonstrou-o muito bem.

Ele sorriu e continuou:

— Então está satisfeito a esse respeito. Verdade? E é claro que compreende como funciona e pode seguir a mente do grande Charcot, que infelizmente já não está mais entre nós, até a alma do paciente que ele hipnotiza. Não? Então, amigo John, devo deduzir que você simplesmente aceita o fato e fica satisfeito ao deixar o espaço entre a premissa e a conclusão em branco? Não? Então me diga, já que sou um estudioso do cérebro, como pode aceitar o hipnotismo e rejeitar a leitura de pensamentos. Deixe que eu lhe diga, meu amigo, que atualmente certas conquistas da ciência da eletricidade teriam sido condenadas como profanas pelos próprios homens que descobriram a eletricidade. E esses homens, não muito tempo atrás, teriam sido queimados como bruxos. Sempre há mistérios na vida. Por que motivo Matusalém viveu novecentos anos; o “Old Parr”, 169; e a nossa pobre Lucy, com o sangue de quatro homens em suas veias, não sobreviveu um dia? Pois, se ela tivesse vivido mais um dia que fosse, poderíamos tê-la salvado. Você conhece todos os mistérios da vida e da

morte? Conhece na íntegra a anatomia comparada e pode dizer por que certos homens têm as características dos brutos e outros não? Pode me dizer por que, enquanto outras aranhas morrem tão pequenas e jovens, aquela enorme aranha viveu durante séculos na torre da antiga igreja espanhola, crescendo cada vez mais, até que, ao descer, fosse capaz de beber todo o óleo das lamparinas da igreja? Pode me dizer por que, nos pampas, e em outros lugares, há morcegos que vêm à noite e abrem as veias do gado e dos cavalos e lhes sugam todo o sangue? Como pode ser que, em algumas ilhas dos mares ocidentais, haja morcegos que ficam o dia todo dependurados nas árvores, descritos por aqueles que os viram como nozes ou casulos gigantes, e que, quando os marinheiros dormem no convés, por fazer muito calor, voam até eles, e então... e então, na manhã seguinte, os homens são encontrados mortos, pálidos como estava Miss Lucy?

— Meu Deus, professor! — exclamei, alarmado. — O senhor está me dizendo que Lucy foi mordida por um morcego desses e que algo desse tipo existe em Londres no século XIX?

Ele fez um gesto com a mão, em silêncio, e depois prosseguiu:

— Pode me dizer por que a tartaruga vive mais do que longas gerações de homens, por que o elefante vive o suficiente para observar sucessões de dinastias e por que o papagaio nunca morre somente devido a uma mordida de gato ou de cão ou algum mal dessa natureza? Pode me dizer por que os homens acreditam, em todas as épocas e em todos os lugares, que há alguns entre eles capazes de viver para sempre, se assim permitirem? Homens e mulheres que não podem morrer? Todos sabemos, porque a ciência nos assegurou, que existiram sapos presos dentro de rochas durante milhares de anos, presos em buracos tão pequenos que somente eles cabiam ali, desde a época em que o mundo era jovem. Pode me dizer por que o faquir indiano é capaz de morrer intencionalmente e ser enterrado, e seu túmulo fechado, e o milho semeado na terra que o recobre, e o milho ser colhido e cortado e semeado e novamente colhido e cortado, e finalmente virem homens tirar a fechadura intacta e deparar-se com o faquir indiano vivo, que se ergue e anda no meio deles como antes?

Naquele ponto, eu o interrompi. Estava ficando desnorteado. Ele abarrotara de tal forma minha mente com sua lista de excentricidades e de possíveis impossibilidades da natureza que minha imaginação estava sendo estimulada demais. Eu tinha a vaga ideia de que ele estava me ensinando algo, como costumava fazer muito tempo atrás em seu estúdio, em

Amsterdã; mas naquela época ele costumava me dizer o que era, para que eu pudesse ter o objeto de seus pensamentos o tempo todo em mente. Agora, eu já não contava com sua ajuda, mas ainda assim queria segui-lo, e então disse:

— Professor, deixe-me ser seu aluno predileto outra vez. Diga-me qual a tese, para que eu possa aplicar seu conhecimento à medida que o senhor avança. No momento, estou indo de um canto a outro dentro de minha própria mente, e é assim que os loucos seguem uma ideia, não os sãos. Sinto-me como um principiante se arrastando num pântano em meio à neblina, saltando de uma moita a outra num esforço cego de prosseguir sem saber para onde estou indo.

— A imagem é boa — disse ele. — Vou lhe dizer. Minha tese é a seguinte: quero que você acredite.

— Acredite em quê?

— Acredite em coisas que julga impossíveis. Deixe-me ilustrar. Certa vez, ouvi um americano definir a fé da seguinte forma: “A faculdade que nos torna capazes de acreditar em coisas que sabemos não serem verdadeiras.” Eu, entre outros, estou de acordo com esse homem. Ele quis dizer que devemos ter a mente aberta, e não deixar que uma verdade ínfima comprometa o avanço de uma grande verdade, como faz uma pequena pedra com um trem. Chegamos primeiro à verdade ínfima. Ótimo! Nós a guardamos e a valorizamos, mas ao mesmo tempo não devemos achar que se trata de toda a verdade do universo.

— Então o senhor quer que eu não deixe certas convicções prévias comprometerem a receptividade de minha mente com relação a esse estranho assunto. Estou entendendo bem sua lição?

— Ah, você ainda é meu aluno preferido. Vale a pena ensiná-lo. Agora que está disposto a compreender, deu o primeiro passo rumo à compreensão. Acha então que os pequenos orifícios no pescoço das crianças foram feitos pelo mesmo ser que feriu Miss Lucy?

— Suponho que sim.

Ele se pôs de pé e disse, solenemente:

— Então você está errado. Ah, quem dera fosse isso! Mas, ai de mim! Não é. É pior, muito, muito pior.

— Pelo amor de Deus, professor Van Helsing, o que está querendo dizer?! — exclamei.

Ele desabou sem esperanças numa cadeira, colocando os cotovelos sobre a mesa e cobrindo o rosto com as mãos ao dizer:

— Foram feitos pela própria Miss Lucy!

Capítulo 15

DIÁRIO DO DR. SEWARD *(CONTINUAÇÃO)*

Por algum tempo, senti-me dominado pela mais pura raiva; foi como se ele tivesse, enquanto Lucy ainda vivia, a golpeado no rosto. Dei uma pancada forte na mesa e me pus de pé ao lhe dizer:

— Dr. Van Helsing, o senhor está louco?

Ele ergueu a cabeça e olhou para mim, e de certa forma a ternura de seu rosto me acalmou no mesmo instante.

— Quem dera que estivesse! — disse ele. — Seria mais fácil lidar com a loucura do que com isto. Ah, meu amigo, por que você acha que fiquei fazendo rodeios, que demorei tanto para lhe dizer uma coisa tão simples? Seria porque o odeio desde sempre? Seria porque queria fazê-lo sofrer? Seria porque eu queria, já tão tarde, vingar-me por aquela ocasião em que você me salvou de uma morte assustadora? Claro que não!

— Desculpe-me — eu disse.

Ele prosseguiu:

— Meu amigo, foi porque eu queria lhe revelar a verdade da forma mais branda possível. Sabia quanto você amava aquela encantadora moça. Mesmo agora, porém, não espero que venha a acreditar. É tão difícil aceitar de imediato qualquer verdade abstrata que chegamos a duvidar de que certa coisa seja possível quando sempre acreditamos que não seria. Mais difícil ainda é aceitar uma verdade concreta e tão triste, ainda mais como a que se refere a Miss Lucy. Hoje à noite vou comprovar o que afirmei. Você tem coragem de vir comigo?

Essas palavras me desconcertaram. Não é nada agradável comprovar uma verdade dessas. Byron sabia disso, ao falar, por exemplo, do ciúme: “E comprovar a verdade que lhe era mais abominável.” O professor viu minha hesitação e disse:

— A lógica é simples, e dessa vez não é a lógica de um louco, saltando de moita em moita num pântano coberto pelo nevoeiro. Se não for verdade, então prová-lo será um alívio. Pelo menos não nos fará mal algum. Mas se for verdade! Ah, isso é o que temo, mas o próprio temor deve auxiliar a minha causa, pois num certo sentido nos obriga a acreditar. Venha, vou lhe

dizer o que proponho: em primeiro lugar, que partamos agora para ver aquela criança no hospital. O dr. Vincent, do North Hospital, onde os jornais dizem estar a criança, é meu amigo, e seu também, creio, já que você era estudante em Amsterdã. Ele permitirá que dois cientistas se inteirem do caso, se não permitir que dois amigos o façam. Nada lhe diremos, somente que gostaríamos de estudá-lo. E então...

— E então?

Ele tirou uma chave do bolso e ergueu-a:

— E então passaremos a noite, você e eu, no adro onde Lucy jaz. Esta é a chave da fechadura do túmulo. Consegui com o agente funerário, para entregar a Arthur.

Meu coração afundou-me no peito, pois senti que havia algo de terrível e assustador diante de nós. Nada podia fazer, contudo, então me recompus da melhor forma possível e lhe disse que era melhor nos apressarmos, pois a tarde já avançava...

Encontramos a criança acordada. Ela dormira e comera um pouco, e de modo geral se recuperava. O dr. Vincent tirou o curativo do pescoço e nos mostrou as duas perfurações. Não havia dúvidas quanto à semelhança com as feridas do pescoço de Lucy. Eram menores, e as bordas pareciam mais recentes; era tudo. Perguntamos a Vincent a que ele as atribuía, e ele respondeu que devia ser uma mordida de algum animal, talvez uma ratazana; mas ele estava inclinado a pensar que havia sido feita por um dos morcegos que são tão numerosos nos morros ao norte de Londres.

— Entre várias espécies inofensivas — disse ele — talvez haja alguma espécie selvagem e maligna, oriunda do sul. Algum marinheiro deve ter trazido um espécime para cá, e o animal conseguiu escapar, ou um filhote pode ter conseguido fugir do Jardim Zoológico. Talvez uma linhagem tenha se originado ali entre o cruzamento de um morcego comum com um vampiro. Essas coisas acontecem, como sabem. Faz apenas dez dias que um lobo fugiu, e descobriram que seus rastros seguiam na nossa direção. Durante uma semana, depois que isso aconteceu, as crianças só faziam brincar de Chapeuzinho Vermelho no parque e em cada ruazinha, até que essa “moça de branco” apareceu. Desde então, é o grande sucesso entre elas. Até mesmo este pingo de gente perguntou à enfermeira, hoje, ao acordar, se poderia ir embora. Quando ela lhe perguntou por que ele queria ir, respondeu que era para brincar com a “moça de branco”.

— Espero — disse Van Helsing — que ao mandarem a criança de volta para casa advirtam seus pais para que a mantenham sob severa vigilância. Essas fantasias de que alguém os está chamando para longe são muito perigosas; se o menino ficasse fora mais uma noite, provavelmente teria sido fatal. Mas, de qualquer modo, acredito que o senhor ainda vai mantê-lo no hospital por alguns dias.

— Com certeza, pelo menos por uma semana. Mais do que isso, se a ferida não tiver cicatrizado.

Nossa visita ao hospital tomou mais tempo do que havíamos calculado, e o sol já havia se posto quando saímos. Quando Van Helsing viu quanto escurecera, disse:

— Não há pressa. É mais tarde do que eu pensava. Venha, vamos procurar algum lugar onde possamos comer e então seguiremos nosso caminho.

Jantamos no Jack Straw's Castle junto com um grupo de ciclistas e outros fregueses bastante barulhentos. Por volta das dez horas, saímos do restaurante. Já estava bastante escuro, e as lamparinas espalhadas aqui e ali faziam com que a escuridão fosse maior quando saíamos do círculo que iluminavam. O professor com certeza sabia qual o caminho que devíamos tomar, pois seguia adiante sem hesitação; quanto a mim, eu estava bastante confuso sobre nossa localização. Conforme avançávamos, encontrávamos cada vez menos gente, até que afinal ficamos um tanto surpresos ao encontrar até mesmo a patrulha da polícia montada fazendo sua habitual ronda pelos subúrbios. Por fim, chegamos ao cemitério, pulando o muro. Com certa dificuldade — pois estava muito escuro e o lugar nos era praticamente desconhecido —, encontramos o túmulo da família Westenra. O professor apanhou a chave, abriu a porta que rangia e, dando um passo atrás, com toda a polidez, mas sem se dar conta, fez um gesto para que eu fosse primeiro. Havia uma deliciosa ironia na oferta, na cortesia em me dar a preferência numa situação medonha como aquela. Logo depois de mim, ele entrou e cuidadosamente fechou a porta, depois de certificar-se de que não iria se trancar automaticamente. Se fosse o caso, estaríamos em maus lençóis. Remexeu na valise, então, tirando de lá uma caixa de fósforos e uma vela. Acendeu-a. À luz do dia, cheio de grinaldas de flores, o túmulo já parecera soturno e assustador o suficiente. Agora, porém, alguns dias depois, quando as flores pendiam mortas, o branco enferrujara e o verde se transformara em marrom; quando as aranhas e os besouros haviam

retornado aos seus domínios habituais; quando a pedra descolorida e a argamassa onde a poeira se incrustava, e o ferro oxidado e úmido e o bronze embaçado e a prata manchada refletiam o brilho débil da vela, o efeito era mais sórdido e miserável do que se poderia imaginar. Transmitia de forma convincente a ideia de que não era apenas a vida — a animal — que se acabava.

Van Helsing começou a fazer seu trabalho de maneira sistemática. Segurando a vela de modo a poder ler as placas nos caixões, e num ângulo tal que a cera pingava em manchas brancas, congelando imediatamente ao tocar o metal, certificou-se de qual era o caixão de Lucy. Vasculhou outra vez o interior da valise e tirou de lá uma chave de fenda.

— O que o senhor vai fazer? — perguntei.

— Abrir o caixão. Você logo irá se convencer.

No mesmo instante começou a tirar os parafusos e finalmente levantou a tampa, mostrando o invólucro de chumbo por baixo. Aquela visão era quase demais para mim. Parecia uma afronta tão grande à morta como se lhe tivéssemos tirado as roupas durante o sono, enquanto ainda vivia.

Cheguei a segurar a mão do professor para detê-lo.

— Você verá — foi tudo o que ele disse, e, novamente vasculhando dentro da valise, tirou de lá uma pequena serra tico-tico.

Golpeando a chave de fenda sobre o chumbo com pancadas que me fizeram estremecer, ele fez um pequeno orifício, que era, no entanto, grande o suficiente para deixar passar a extremidade da serra. Eu esperara que dali saísse uma grande quantidade de gás, pois o cadáver já estava ali havia uma semana. Nós, médicos, que temos de estudar nossos males, precisamos nos acostumar com esse tipo de coisa, e recuei até a porta. O professor, contudo, não se interrompeu nem por um instante. Serrou cerca de meio metro num dos lados do caixão de chumbo, depois ao longo dele, depois do outro lado. Pegando uma das pontas da aba solta, puxou-a até o pé do caixão. Segurando a vela a fim de que iluminasse a abertura, fez sinal para que eu fosse olhar.

Aproximei-me e olhei. O caixão estava vazio.

Era decerto uma surpresa para mim, e causou-me um choque considerável, mas Van Helsing mantinha-se inabalável. Estava agora mais do que nunca certo sobre suas teorias e estimulado a prosseguir em suas tarefas.

— Está satisfeito agora, amigo John?

Senti minha natureza obstinadamente argumentativa despertar dentro de mim ao lhe responder:

— Estou satisfeito com o fato de que o corpo de Lucy não está no caixão, mas isso só prova uma coisa.

— E que coisa é essa, amigo John?

— Que não está aí.

— Seu raciocínio tem lógica — disse ele. — Mas como explica que não esteja?

— Talvez um ladrão de cadáveres — sugeri. — Algum dos homens da agência funerária pode tê-lo roubado.

Senti que falava bobagem, no entanto, aquele era o único motivo real que eu era capaz de sugerir. O professor suspirou:

— Pois bem — disse ele —, temos que obter outras provas! Venha comigo.

Fechou o caixão novamente, juntou todos os seus apetrechos, guardando-os na valise, apagou a vela e colocou-a lá também. Abrimos a porta e saímos. Ele me entregou a chave, dizendo:

— Pode ficar com isto? É melhor você não ter dúvidas.

Eu ri — não era uma risada alegre, sou obrigado a dizer —, fazendo-lhe um gesto para que a guardasse consigo.

— Uma chave não significa nada — disse eu. — Talvez haja duplicatas, e de qualquer modo não é difícil arrombar uma fechadura como aquela.

Ele nada disse, mas colocou a chave no bolso. Então me disse para vigiar um dos lados do cemitério, enquanto ele vigiaria o outro. Ocupei meu posto atrás de um teixo e vi seu vulto escuro se afastando até que as pedras tumulares e as árvores o ocultaram de mim.

Foi uma vigília solitária. Logo depois que eu ocupara meu posto, ouvi um relógio distante bater meia-noite, e depois uma e duas horas da madrugada. Eu estava gelado e amedrontado, além de zangado com o professor por ter me levado numa missão daquelas, e comigo mesmo por ter ido. Sentia frio e sono demais para ficar observando com atenção, mas não estava sonolento o suficiente para não cumprir minha obrigação, de modo que passei momentos verdadeiramente terríveis, miseráveis.

De súbito, quando olhei para o lado, achei ter visto algo como um vulto branco passando entre dois teixos negros na extremidade do cemitério oposta à do túmulo; ao mesmo tempo, um vulto escuro saiu do local onde o

professor estava e correu em sua direção. Segui para o mesmo local, mas tinha que contornar pedras tumulares e sepulturas cercadas; tropeçava nos túmulos. O céu estava nublado, e em algum lugar distante dali um galo cantou. Um pouco adiante, atrás de uma fileira de juníperos que marcavam o caminho para a igreja, um vulto branco e pouco nítido correu na direção do túmulo. Como as árvores encobriam a ambos não pude ver onde o vulto desapareceu. Ouvi ruídos vindos do local onde o vira pela primeira vez; lá chegando, encontrei o professor segurando nos braços uma criança pequena.

— Está satisfeito agora?

— Não — disse eu, de um modo que percebi ser agressivo.

— Não está vendo a criança?

— Sim, é uma criança, mas quem a trouxe aqui? E está ferida?

— Veremos — disse o professor, e num ímpeto saímos do adro; ele levava nos braços a criança adormecida.

Quando já havíamos nos afastado um pouco, ele foi até uma moita de árvores, acendeu um fósforo e olhou o pescoço da criança. Não se via qualquer tipo de ferimento ali.

— Eu não tinha razão?

— Chegamos bem a tempo — disse o professor, aliviado.

Tínhamos então que decidir o que fazer com a criança e discutimos a respeito. Se a levássemos até uma delegacia de polícia, teríamos que fazer um relato de nosso itinerário noturno; teríamos pelo menos que dizer como havíamos encontrado a criança. Afinal, portanto, resolvemos levá-la até o parque e, quando ouvíssemos um policial se aproximando, poderíamos deixá-la num lugar onde ele a fosse ver. Tudo funcionou conforme nossos planos. Perto dos limites de Hampstead Heath, ouvimos os passos pesados de um policial. Deixando a criança no meio do caminho, ficamos esperando e observando até que ele a visse, sob o facho de luz que sua lanterna lançava de um lado a outro. Ouvimos sua exclamação de surpresa e fomos embora em silêncio. Tivemos sorte de conseguir tomar um cabriolé perto de Spaniards e voltamos para a cidade.

Não consigo dormir e, portanto, decidi fazer estas anotações. Mas tenho que tentar dormir pelo menos algumas horas, pois Van Helsing deve me chamar ao meio-dia. Insiste que o acompanhe em outra expedição.

27 de setembro — Passava das duas da tarde quando conseguimos uma oportunidade adequada para nossa tentativa. O funeral que acontecera ao meio-dia já havia terminado, e as últimas pessoas que pranteavam o defunto tinham ido embora com passos lentos quando, olhando com cuidado por trás de uma moita de amieiros, vimos o sacristão trancar o portão depois de sair. Sabíamos que estaríamos a salvo até de manhã, se quiséssemos, mas o professor me disse que não precisaria de mais do que uma hora. Mais uma vez tive aquele horrível senso da realidade das coisas, em que qualquer esforço de imaginação parecia fora de lugar. Distingui com nitidez os perigos que corríamos em nosso ímpio trabalho. Além disso, considerava-o inútil. Por mais que fosse ultrajante abrir um caixão de chumbo e ver se uma mulher morta há mais de uma semana estava morta de fato, agora me parecia pura insanidade abrir novamente o túmulo — pois sabíamos, após tê-lo comprovado com nossos próprios olhos, que o caixão estava vazio. Estremeci, mas permaneci quieto, visto que Van Helsing tinha aquele hábito de seguir seu próprio caminho, independentemente de quem protestasse. Pegou a chave, abriu a câmara mortuária e de novo fez aquele gesto cortês para que eu fosse na frente. O lugar não estava tão horripilante quanto na noite passada, mas, ah, o aspecto era indizivelmente ruim quando o sol batia ali. Van Helsing foi até o caixão de Lucy, e eu o segui. Ele se curvou e tornou a afastar a aba de chumbo; fiquei chocado, num misto de surpresa e desânimo.

Ali estava Lucy, e seu aspecto era idêntico ao da noite anterior ao funeral. Estava, se possível, mais bela e radiante do que nunca, e eu não podia acreditar que estivesse morta. Os lábios estavam vermelhos, ainda mais vermelhos do que antes, e havia um delicado rubor em sua face.

— Isto é algum truque? — perguntei.

— Está convencido agora? — perguntou-me por sua vez o professor. Ao falar, estendeu a mão e, de um modo que me fez estremecer, afastou os lábios mortos e me mostrou os dentes brancos.

— Veja só — prosseguiu —, estão mais afiados do que antes. Com este aqui e este aqui — e ele tocou um dos caninos e o dente abaixo daquele —, as crianças pequenas podem ser mordidas. Acredita, agora, amigo John?

Mais uma vez, a hostilidade argumentativa despertou dentro de mim. Não podia aceitar uma ideia tão esmagadora como aquela que ele sugeria. Então, numa tentativa de discutir, da qual naquele mesmo instante me envergonhava, eu disse:

— Talvez ela tenha sido colocada aí de ontem para hoje.

— É mesmo? E quem teria feito isso?

— Não sei. Alguém.

— Mas ela está morta há uma semana. A maioria das pessoas, após esse tempo, não teria um aspecto como o dela.

Eu não tinha respostas para isso, e me calei. Van Helsing não pareceu notar o meu silêncio; de qualquer modo, não demonstrava nem despeito nem triunfo. Olhava intensamente para o rosto da defunta, erguendo as pálpebras e vendo os olhos, e depois abrindo outra vez os lábios para examinar os dentes. Virou-se para mim, então, e disse:

— Há algo aqui que difere de todos os registros. Uma espécie de vida dupla que não é habitual. Ela foi mordida pelo vampiro quando estava num transe, em meio ao sonambulismo... Ah, você se surpreende pois não sabe disso, amigo John. Mais tarde saberá tudo. Nesse estado, era mais fácil para ele vir lhe sugar mais sangue. Foi em transe que ela morreu, e é em transe que é também Não Morta. Assim sendo, difere de todos os outros. Normalmente, quando os Não Mortos dormem em casa — e ele fez um gesto abrangente com o braço, para designar o que um vampiro considerava sua “casa” —, seu rosto mostra o que realmente são. Mas esta moça é tão adorável que, quando não está agindo como uma Não Morta, seu corpo assume o aspecto de um cadáver comum. Não há malignidade, veja, e isso torna difícil a tarefa de matá-la durante o sono.

Essas palavras enregelaram-me o sangue, e comecei a perceber que estava aceitando as teorias de Van Helsing; mas se ela estivesse de fato morta, o que havia de tão terrível na ideia de matá-la? Ele levantou os olhos para mim e obviamente viu a mudança em minha expressão, pois disse, quase alegre:

— Ah, agora você acredita?

Respondi:

— Não me pressione demais de uma vez. Estou disposto a aceitar. Como fará esse maldito trabalho?

— Vou decepar a cabeça de Lucy e encher sua boca com alho, e atravessarei seu corpo com uma estaca.

Estremeci ao pensar em mutilar daquele modo o corpo da mulher que eu amara. O sentimento não era, porém, tão forte quanto eu imaginara. Eu estava, na verdade, começando a estremecer devido à presença daquele ser,

daquela Não Morta, como Van Helsing a chamava, e a abominá-la. É possível que o amor seja inteiramente subjetivo, ou objetivo?

Esperei um tempo considerável até que Van Helsing começasse, mas ele estava como que perdido em pensamentos. Logo em seguida, ele fechou a valise num gesto e disse:

— Estive pensando e me decidi sobre o que é melhor fazer. Se eu simplesmente seguisse minha inclinação, faria o que tem de ser feito agora, neste momento. Mas há outras coisas a seguir, e que são mil vezes mais difíceis, pois não as conhecemos. Isto é simples. Ela ainda não tirou a vida de ninguém, embora seja apenas uma questão de tempo; agir agora seria livrá-la para sempre do perigo. Mas então talvez precisemos de Arthur, e como diremos a ele tudo isso? Se você, que viu as feridas no pescoço de Lucy, e viu as feridas tão similares naquela criança, no hospital; se você, que viu o caixão vazio ontem à noite e hoje ocupado por uma mulher que não mudou em nada, a não ser para se tornar mais bela e corada uma semana depois de morta; se você, que sabe disso e que viu o vulto branco trazer a criança ontem à noite para o cemitério, ainda assim relutou em aceitar o que seus sentidos lhe diziam, como posso esperar então que Arthur, que não sabe de nada disso, acredite? Ele desconfiou de mim quando o impedi de beijá-la no momento de sua morte. Sei que me perdoou por ter, devido a alguma ideia equivocada, feito coisas que o impediram de dizer adeus como deveria. Talvez ele pense que, num equívoco ainda maior, esta mulher foi enterrada viva. E que, no maior de todos os equívocos, nós a matamos. Argumentará então que fomos nós que a matamos com nossas ideias equivocadas e ficará para sempre profundamente infeliz. Jamais, porém, terá certeza, e isso será o pior de tudo. Às vezes acreditará que a mulher que amava foi enterrada viva, e essa ideia tingirá seus sonhos com os horrores do que ela deve ter sofrido. Depois, achará que talvez estejamos corretos, e que sua amada era, afinal de contas, uma Não Morta. Não! Eu disse a ele uma vez, e desde então descobri muitas coisas. Agora, já que sei ser tudo verdade, tenho milhares de motivos a mais para saber que ele terá que provar de águas amargas até poder chegar à água doce. Aquele pobre rapaz há de passar por momentos em que o próprio paraíso há de lhe parecer negro; então poderemos agir em nome do bem de todos e devolver-lhe a paz. Já tomei minha decisão. Vamos. Volte hoje à noite para o hospício e certifique-se de que tudo esteja bem. Quanto a mim, passarei a noite aqui no cemitério, à minha maneira. Amanhã à noite, venha me encontrar no

Berkeley Hotel às dez horas. Mandarei chamar Arthur, também, assim como aquele admirável jovem americano que doou seu sangue. Mais tarde, teremos trabalho a fazer. Vou com você até Piccadilly; pretendo jantar lá, pois tenho que estar de volta antes do pôr do sol.

Trancamos o túmulo e nos afastamos; pulamos o muro do cemitério, o que não era uma tarefa tão difícil assim, e voltamos para Piccadilly.

BILHETE DEIXADO POR VAN HELSING EM SUA VALISE, NO BERKELEY HOTEL, ENDEREÇADO AO DR. JOHN SEWARD ***(NÃO FOI ENTREGUE.)***

27 de setembro.

Amigo John,

Escrevo estas palavras no caso de alguma coisa acontecer. Vou sozinho ficar de vigília naquele cemitério. Quero que a Não Morta, Miss Lucy, não saia hoje à noite, de modo a estar mais faminta amanhã. Assim sendo, colocarei algumas coisas de que ela não gosta — alho e um crucifixo — na porta do túmulo, que assim estará selada. Ela ainda é uma Não Morta jovem, e há de obedecer. Além do mais, isso só vai impedi-la de sair; talvez não impeça que entre, pois nesse momento os Não Mortos se desesperam e precisam encontrar o caminho menos difícil, qualquer que seja ele. Estarei por perto durante toda a noite, desde o pôr do sol até depois da alvorada, e se houver algo que possa ser descoberto, eu descobrirei. Não temo Miss

Lucy, e não temo por ela; mas o outro, aquele que a transformou numa Não Morta, tem agora o poder de procurar seu túmulo e encontrar abrigo. Ele é astuto, como sei da parte de Mr. Jonathan e a tomar pela forma como ele nos iludiu quando disputávamos a vida de Miss Lucy — e perdemos. Em vários sentidos, os Não Mortos são fortes. Suas mãos têm sempre a força de vinte homens; mesmo nós quatro, que demos nossa força a Miss Lucy, acabamos por fortalecê-lo. Além disso, pode invocar seu lobo e não sei mais o quê. Portanto, se ele vier aqui esta noite, irá me encontrar; mas ninguém mais conseguirá fazê-lo — até que já seja tarde demais. Pode ser, no entanto, que ele não tente vir até aqui. Não há motivos para isso; seu território de caça é mais divertido do que o cemitério onde a Não Morta dorme e um velho observa.

Portanto, escrevo-lhe no caso de uma eventualidade... Pegue os papéis que estão com este bilhete, os diários de Harker e o resto, e leia-os, e então encontre esse poderoso Não Morto e decepe-lhe a cabeça e queime seu coração, ou então atravesse-o com uma estaca, para que não importune mais o mundo.

Se for assim, adeus.
VAN HELSING

DIÁRIO DO DR. SEWARD

28 de setembro — É maravilhoso o que uma boa noite de sono pode fazer por nós. Ontem eu estava quase disposto a aceitar as ideias monstruosas de Van Helsing, mas agora tudo parece se delinear de modo apavorante diante de mim como ultrajes ao senso comum. Não tenho dúvidas de que ele acredite em tudo. Pergunto-me se sua mente pode ter se tornado de algum modo desarticulada. Com certeza deve haver *alguma* explicação racional para todas essas coisas misteriosas. É possível que o professor tenha feito tudo ele mesmo? Ele tem uma inteligência tão incomum que, se perdesse a lucidez, levaria a cabo seus planos relativos a alguma ideia fixa de modo esplêndido. Reluto em considerar essa hipótese, e na verdade seria uma surpresa tão grande quanto a anterior descobrir que Van Helsing enlouqueceu. De qualquer modo, vou observá-lo cuidadosamente. Talvez descubra alguma pista desse mistério.

29 de setembro, de manhã — Na noite passada, um pouco antes das dez horas, Arthur e Quincey foram até o quarto de Van Helsing; ele nos disse o que desejava que fizéssemos, dirigindo-se sobretudo a Arthur, como se todos os nossos propósitos estivessem centrados nos dele. Começou dizendo que esperava que todos o acompanhássemos.

— Temos uma tarefa de extrema gravidade para cumprir — disse ele. — Vocês sem dúvida ficaram surpresos com a minha carta?

A pergunta dirigia-se diretamente a lorde Godalming.

— Eu fiquei. Ela me perturbou um pouco. Tem havido problemas suficientes ao meu redor nos últimos tempos. Gostaria de evitá-los, por ora. Também fiquei curioso sobre o assunto a que o senhor se referia. Quincey e eu conversamos a respeito; quanto mais falávamos, mais intrigados ficávamos, e no momento posso dizer que, no que me diz respeito, estou totalmente no escuro sobre o significado de tudo isso.

— Eu também — disse Quincey Morris, lacônico.

— Ah — disse o professor —, então estão mais adiantados do que o amigo John aqui, que precisa voltar muito atrás antes de avançar o suficiente para poder começar.

Era evidente que ele reconhecera a volta de minha antiga atitude pouco crédula sem dizer uma palavra. Então, voltando-se para os outros dois, disse, num tom de extrema gravidade:

— Quero sua permissão para fazer, hoje à noite, aquilo que a meu ver é o correto. É pedir muito, sei disso. Só saberão quanto isso é verdade quando estiverem a par do que me proponho a fazer. Portanto, preciso que me deem sua permissão no escuro, a fim de que, mais tarde, embora os dois talvez fiquem zangados comigo por um tempo, e não posso deixar de admitir essa possibilidade, não venham a se culpar de nada.

— O senhor está sendo franco, de qualquer forma — interrompeu Quincey. — Fico do lado do professor. Não compreendo quais são suas intenções, mas juro que ele é honesto, e isso me basta.

— Obrigado, meu senhor — disse Van Helsing, orgulhoso. — É uma honra ter no senhor um amigo que confia em mim, e seu apoio me é muito caro.

Estendeu a mão, e Quincey a apertou. Então Arthur se manifestou:

— Dr. Van Helsing, não me agrada comprar nada no escuro, como costumam dizer, e, caso se trate de algo que envolva minha honra de cavalheiro ou minha fé de cristão, não posso fazer uma promessa dessas. Se o senhor puder me garantir que o que pretende fazer há de respeitá-las, então tem meu consentimento, mesmo que eu realmente não compreenda quais são suas intenções.

— Aceito sua limitação — disse Van Helsing. — Tudo o que lhe peço é que, caso sinta necessidade de condenar qualquer atitude minha, em primeiro lugar a considere bem e fique satisfeito com o fato de não violar esses dois princípios.

— De acordo! — disse Arthur. — Isso é bastante justo. E agora que os *pourparlers* terminaram, posso lhe perguntar o que devemos fazer?

— Quero que venham comigo, e em sigilo, ao cemitério em Kingstead.

O desânimo estampou-se no rosto de Arthur, e ele disse, um tanto surpreso:

— Onde a pobre Lucy está enterrada?

O professor se inclinou, fazendo que sim. Arthur prosseguiu:

— E lá chegando...?

— Entrar no túmulo!

— Professor, o senhor está falando sério ou se trata de alguma piada monstruosa? Perdoe-me, vejo que fala sério.

Tornou a sentar-se, mas pude ver que sua postura era firme e orgulhosa, como a de alguém que não perde a dignidade. Fez-se silêncio até que ele perguntou novamente:

— E após entrar no túmulo?

— Abrir o caixão!

— Isso é demais! — disse ele, levantando-se irritado outra vez. — Estou disposto a ser paciente em tudo aquilo que é razoável, mas isso... essa profanação do túmulo de alguém que...

Ele chegou a engasgar de indignação. O professor olhava compadecido para ele.

— Se eu pudesse lhe poupar essa dor, meu pobre amigo — disse —, Deus sabe que pouparia. Mas hoje à noite devemos trilhar caminhos espinhosos. Do contrário, mais tarde, e para todo o sempre, os pés que tanto ama trilharão o caminho das chamas!

Arthur ergueu os olhos com uma expressão rígida no rosto pálido, e disse:

— Cuidado, meu senhor! Cuidado!

— Não seria melhor ouvir o que tenho a dizer? — sugeriu Van Helsing. — Então, o senhor ao menos saberá quais os limites da minha proposta. Devo prosseguir?

— Isso é justo o bastante — irrompeu Morris.

Após uma pausa, Van Helsing prosseguiu, evidentemente com esforço:

— Miss Lucy está morta, não é verdade? Sim! Portanto, não iremos lhe causar mal algum. Mas se ela não estiver morta...

Arthur pôs-se de pé num salto.

— Meu Deus do céu! — exclamou. — O que o senhor quer dizer? Por acaso houve algum engano e ela foi enterrada viva? — gemeu ele, numa angústia que nem mesmo a esperança amainava.

— Eu não disse que ela estava viva, rapaz. Não foi nisso que pensei. Direi apenas que talvez ela seja uma Não Morta.

— Não Morta! E não está viva! O que o senhor quer dizer? Por acaso tudo isso é um pesadelo, ou o quê?

— Há mistérios sobre os quais os homens só podem tecer conjecturas, e que era após era só podem solucionar parcialmente. Acredite-me, estamos agora diante de um desses mistérios. Mas eu não acabei. Posso decepar a cabeça de Miss Lucy?

— Pelos céus, não! — gritou Arthur, profundamente exaltado. — Por nada neste mundo eu consentiria qualquer mutilação de seu corpo. Dr. Van Helsing, o senhor está passando dos limites. O que lhe fiz para que tenha que me torturar desse modo? O que lhe fez aquela pobre e adorável moça para que o senhor queira desonrar desse modo seu túmulo? Por acaso o senhor está louco ao dizer tais coisas, ou sou eu quem está louco por ouvi-las? Não ouse voltar a pensar numa profanação como essa. Não consentirei em nada do que faça. É meu dever proteger o túmulo de Lucy de qualquer injúria, e, por Deus, hei de cumpri-lo!

Van Helsing levantou-se de onde estivera todo o tempo sentado e disse, num tom grave e severo:

— Meu lorde Godalming, eu também tenho um dever a cumprir. Um dever para com os outros, para com o senhor, para com a falecida. E, por Deus, hei de cumpri-lo! Tudo o que lhe peço, no momento, é que venha comigo, que olhe e que ouça. E se, quando mais tarde eu lhe fizer o mesmo pedido, o senhor não desejar vê-lo levado a cabo mais do que eu próprio, então... então cumprirei o meu dever, seja lá o que isso signifique para mim. E então, para atender aos seus desejos, estarei a seu dispor a fim de lhe prestar contas, quando e onde quiser — sua voz falhou ligeiramente. — Imploro-lhe, porém — ele prosseguiu, falando com um tom de piedade —, que não continue sentindo raiva de mim. Numa longa vida de atos que nem sempre foram agradáveis de realizar e que às vezes torturaram meu coração, nunca tive uma tarefa tão difícil quanto agora. Acredite-me, se o senhor algum dia vier a mudar de ideia com relação a mim, um único olhar seu será suficiente para apagar por completo este momento tão triste, pois eu faria tudo o que estivesse ao alcance de um ser humano para poupar-lhe este sofrimento. Só lhe peço que reflita. Por que eu me daria tanto trabalho e tanto desgosto? Vim do meu país até aqui a fim de fazer o bem que me fosse possível, a princípio para ajudar meu amigo John, e depois para ajudar uma adorável jovem que também eu vim a amar. Envergonho-me de dizê-lo, mas faço-o com a melhor das intenções: dei por ela o que o senhor mesmo deu. O sangue de minhas veias. Eu, que não era, como o senhor, o amado de Miss Lucy, mas apenas seu médico e amigo. Dei a ela minhas noites e meus dias, antes de sua morte e depois dela. Se minha própria morte lhe puder ser benéfica, mesmo agora que ela é uma morta Não Morta, de bom grado hei de concedê-la.

Disse tais palavras com um orgulho muito grave e delicado, e Arthur ficou bastante emocionado. Tomou a mão do velho professor e disse, a voz rouca:

— Ah, é difícil pensar nisso, e não sou capaz de compreendê-lo. Mas pelo menos irei com o senhor e aguardarei.

Capítulo 16

DIÁRIO DO DR. SEWARD *(CONTINUAÇÃO)*

Faltavam apenas 15 minutos para a meia-noite quando entramos no cemitério, após ter pulado o muro baixo. A noite estava escura, e a lua brilhava ocasionalmente por entre os intervalos das nuvens espessas que corriam pelo céu. Todos nos mantínhamos juntos, e Van Helsing ia um pouco à frente, indicando-nos o caminho. Quando chegamos perto do túmulo, olhei atentamente para Arthur, pois eu temia que a proximidade de um lugar carregado de memórias tão dolorosas fosse transtorná-lo, mas ele se controlava bem. Presumi que o próprio mistério sobre aqueles procedimentos de certa forma neutralizava seu pesar. O professor destrancou a porta e, vendo uma hesitação natural entre nós, por inúmeras razões, resolveu a dificuldade entrando primeiro. O resto de nós seguiu-o, e ele fechou a porta. Acendeu um lampião escuro e apontou para o caixão. Arthur deu um passo à frente, hesitante. Van Helsing me disse:

— Você veio aqui comigo ontem. O corpo de Miss Lucy estava naquele caixão?

— Estava.

O professor voltou-se para os outros, dizendo:

— Estão ouvindo, e, no entanto, não há ninguém que acredite em mim.

Pegou sua chave de fenda e desaparafusou a tampa do caixão. Arthur olhava, muito pálido mas em silêncio. Quando a tampa foi removida, adiantou-se. Obviamente, ele não sabia da existência de um caixão de chumbo, ou, de qualquer modo, não pensara a respeito. Quando viu a fenda no chumbo, o sangue subiu-lhe ao rosto, mas logo ele voltou a assumir uma palidez intensa. Ainda estava em silêncio. Van Helsing afastou a aba de chumbo. Todos nós olhamos para o interior do caixão e recuamos. Estava vazio!

Durante vários minutos não se disse uma palavra. O silêncio foi quebrado por Quincey Morris:

— Professor, eu confio no senhor. Sua palavra é tudo o que quero. Não faria uma pergunta dessas, normalmente... não lhe causaria a desonra de

duvidar do senhor, mas este é um mistério que vai além de qualquer possibilidade de honra ou desonra. Foi o senhor quem fez isto?

— Juro por tudo o que me é mais sagrado que não a removi, nem mesmo a toquei. O que aconteceu foi o seguinte: há duas noites, meu amigo Seward e eu viemos aqui. Nossas intenções eram boas, acreditem. Eu abri o caixão, que então estava lacrado, e nós o encontramos, como agora, vazio. Esperamos, então, e vimos um vulto branco se aproximando por entre as árvores. No dia seguinte, viemos aqui durante o dia, e ela estava no caixão. Não estava, amigo John?

— Sim.

— Naquela noite, chegamos bem a tempo. Mais uma criança bem pequena havia desaparecido, e nós a encontramos, felizmente a salvo, entre os túmulos. Ontem vim até aqui antes do ocaso, pois ao ocaso os Não Mortos podem se mover. Esperei aqui durante toda a noite até a alvorada, mas nada vi. Provavelmente isso se deu porque coloquei alho sobre as fechaduras e dobradiças dessas portas, e os Não Mortos não o suportam; coloquei também outras coisas de que eles costumam fugir. Na noite passada, ninguém passou por essa porta, e hoje, antes do pôr do sol, retirei meu alho e as outras coisas. E então eis que encontramos o caixão vazio. Mas tenham ainda um pouco de paciência comigo. Até o momento, há muitas coisas estranhas. Vamos aguardar do lado de fora, todos nós, tomando cuidado para que não nos vejam ou escutem, e fatos bastante estranhos ainda hão de acontecer. Então — disse ele, fechando a tampa de sua lamparina —, vamos para fora.

Abriu a porta e nós saímos em fila. Ele saiu por último e a trancou.

Ah! Como o ar noturno parecia fresco e puro após o terror daquele túmulo. Como era agradável ver as nuvens correndo pelo céu e o brilho passageiro da lua entre elas — eram como as alegrias e as tristezas da vida dos homens. Como era agradável respirar o ar puro, que não guardava nenhum vestígio de morte e decomposição. Como era bom ver o clarão vermelho no céu para além da colina e ouvir o ruído longínquo que sublinha a vida de uma cidade grande. Todos esses detalhes eram, à sua própria maneira, solenes, e sobrepujavam o resto. Arthur permanecia em silêncio — e tentava, eu podia ver, compreender o propósito e o significado daquele mistério. Eu, de minha parte, estava razoavelmente paciente, e propenso a mais uma vez deixar de lado as dúvidas e aceitar as conclusões de Van Helsing. Quincey Morris era um homem fleumático, no sentido de alguém

que aceita todas as coisas, e as aceita num espírito de bravura tranquila, a despeito de todos os riscos que corre. Não podendo fumar, cortou um bom pedaço de tabaco e começou a mastigá-lo. Quanto a Van Helsing, ocupava seu tempo de forma bastante precisa. Primeiro, tirou de sua valise algo semelhante a biscoitos finos, tipo *wafer*, embrulhados cuidadosamente num guardanapo branco. Em seguida, apanhou dois punhados de uma substância branca, como massa de pão ou pasta de cimento. Esmigalhou os biscoitos e começou a misturá-los à massa com as mãos. Depois, fez rolos delgados com a massa resultante e começou a colocá-los nos vãos entre a porta do túmulo e a moldura. Eu fiquei um tanto intrigado, e, aproximando-me, perguntei-lhe o que estava fazendo. Arthur e Quincey também foram ver, pois estavam curiosos.

— Estou fechando o túmulo para que a Não Morta não possa entrar.

— E essa massa que o senhor está colocando aí vai impedi-la? — perguntou Quincey. — Puxa vida! Isto é algum jogo?

— Sim.

— E o que está usando?

Dessa vez a pergunta foi feita por Arthur. Van Helsing tirou o chapéu em reverência ao responder:

— A hóstia. Trouxe de Amsterdã. Tenho indulgência.

Foi uma resposta que espantou o mais cético entre nós, e individualmente sentimos que, diante de um propósito honesto como o do professor — um propósito que recorria àquilo que ele tinha como mais sagrado —, nossa desconfiança não tinha como sobreviver. Num silêncio respeitoso, tomamos os lugares que nos haviam sido indicados em volta do túmulo, mas fora da vista de qualquer um que se aproximasse. Tive pena dos outros, sobretudo de Arthur. Para mim, aquilo não era novidade, pois eu já passara pela experiência daquela terrível vigília — e ainda assim eu, que até uma hora antes repudiara as provas, sentia-me deprimido. Jamais os túmulos me haviam parecido tão horrivelmente brancos; nunca antes os ciprestes ou os teixos ou os juníperos haviam parecido incorporar tanto a tristeza fúnebre; nunca as árvores ou a grama haviam farfalhado e se agitado de modo tão agourento; jamais os galhos de árvore tinham estalado de forma tão misteriosa; e nunca o uivo distante dos cães soara como um presságio tão terrível através da noite.

Houve um longo silêncio, um vazio imenso e doloroso, e então o professor fez um “S-s-s-s!” forte. No final da aleia de teixos, direção em

que ele apontava, vimos um vulto branco avançar — um vulto branco e pouco nítido, com alguma coisa escura junto ao peito. Deteve-se, e nesse instante um raio de luar apareceu por entre as nuvens, revelando, com nitidez assustadora: uma mulher de cabelos escuros, vestida com uma mortalha. Não podíamos ver seu rosto, pois ela estava curvada sobre algo que notamos ser uma criança de cabelos louros. Fez-se uma pausa e ouvimos um gritinho agudo, como o das crianças durante o sono, ou o dos cachorros diante do fogo e ao sonhar. Começamos a nos adiantar, mas o professor ergueu a mão em advertência do lugar onde estava, atrás de um teixo, e nos fez recuar. Ao olharmos para o vulto branco, este começou a andar novamente. Já estava agora perto o suficiente para que o víssemos com clareza, ainda iluminado pela luz da lua. Meu coração enregelou-se, e pude ouvir Arthur arquejar quando reconhecemos a fisionomia de Lucy Westenra. Lucy Westenra, e no entanto tão mudada. Seu encanto havia se transformado numa crueldade inflexível e impiedosa; sua pureza, em voluptuosidade lasciva. Van Helsing saiu de onde estava, e, obedecendo ao seu gesto, também saímos; nós quatro nos enfileiramos diante da porta do túmulo. Van Helsing ergueu a lamparina e abriu a tampa; sob o facho de luz que caiu sobre o rosto de Lucy, pudemos ver que os lábios estavam rubros com sangue fresco, e que um pouco desse sangue escorrera-lhe pelo queixo, maculando a pureza de sua mortalha de linho.

Estremecemos de horror. Eu podia ver, sob a luz trêmula, que mesmo os nervos de aço de Van Helsing haviam vacilado. Arthur estava ao meu lado e, se eu não tivesse lhe segurado o braço e o ajudado a ficar de pé, ele teria caído.

Quando Lucy — chamo à coisa que estava diante de nós Lucy porque assumira sua forma — nos viu, recuou com um rosnado furioso, igual ao de um gato quando pego de surpresa; então, seus olhos se fixaram acima de nós. Eram os olhos de Lucy, na forma e na cor, mas estavam impuros e tomados por um fogo infernal, em lugar da pureza e da delicadeza que conhecíamos. Naquele momento, o que ainda restava do meu amor se transformou em ódio e aversão; se ela tivesse que ser morta naquele instante, eu teria realizado a tarefa com uma selvagem satisfação. Enquanto ela olhava, seus olhos faiscaram com um brilho ímpio, e a face se contorceu num sorriso voluptuoso. Ah, meu Deus, como estremeci ao vê-lo! Com um gesto negligente, insensível como um demônio, deixou cair ao chão a criança que até então agarrava tenazmente junto ao peito, rosnando sobre

seu corpo como faz um cão com um osso. A criança deu um grito agudo e ficou no chão, choramingando. A frieza daquele gesto arrancou um gemido de Arthur; quando ela avançou em sua direção com os braços estendidos e um sorriso lascivo, ele recuou e escondeu o rosto entre as mãos.

Ela continuou avançando, porém, e disse, com uma graça lânguida e voluptuosa:

— Venha, Arthur. Deixe esses outros e venha. Meus braços estão famintos por você. Venha, e poderemos descansar juntos. Venha, meu marido, venha!

Havia algo de diabolicamente encantador em seu tom de voz — algo do som do vidro quando golpeado — que ecoava em nossos cérebros mesmo quando ouvíamos as palavras dirigidas a outro. Quanto a Arthur, estava como que enfeitiçado; tirando as mãos que recobriam sua face, abriu os braços. Ela saltava para dentro deles quando Van Helsing se adiantou e segurou entre os dois seu pequeno crucifixo de ouro. Ela recuou, e, com o rosto subitamente distorcido, tomado pela ira, passou como um raio por ele como se quisesse entrar no túmulo.

A menos de um metro da porta, no entanto, parou, como se alguma força irresistível a detivesse. Voltou-se, então, revelando seu rosto sob a límpida luz da lua e a chama da lamparina, que agora os nervos de aço de Van Helsing já não deixavam tremular. Nunca vi um rosto com tamanha malícia e frustração; e nunca mais, creio eu, esse rosto há de ser contemplado por olhos mortais. A bonita cor tornou-se lívida, os olhos pareciam lançar centelhas do fogo do inferno, as sobrancelhas estavam franzidas como se as dobras da pele fossem as serpentes da Medusa, e os belos lábios manchados de sangue abriram-se num quadrado, como aquelas máscaras gregas ou japonesas. Se algum rosto jamais significou morte — se a aparência pudesse matar —, então foi o que vimos naquele momento.

E assim, durante meio minuto que pareceu uma eternidade, ela ficou entre o crucifixo erguido e o lacre sagrado do local por onde costumava entrar. Van Helsing rompeu o silêncio perguntando a Arthur:

— Responda-me, amigo! Devo levar adiante meu trabalho?

Arthur caiu de joelhos e escondeu a face entre as mãos ao responder:

— Faça o que achar melhor, amigo. Faça o que achar melhor. Não pode haver um horror maior do que este — e um gemido partiu do fundo de sua alma.

Quincey e eu fomos ao mesmo tempo até ele, segurando-lhe os braços. Pudemos ouvir o estalo da lamparina se fechando enquanto Van Helsing baixava-a; aproximando-se do túmulo, começou a remover das frestas um pouco do símbolo sagrado que colocara ali. Todos observamos com surpresa e terror que, quando ele se afastou, a mulher, cujo corpo era naquele momento tão real quanto o nosso, entrou no túmulo atravessando uma fresta em que a lâmina de uma faca mal teria entrado. Todos sentimos um grande alívio quando vimos o professor calmamente recobrir o local com a massa.

Quando ele terminou, ergueu a criança e disse:

— Venham, agora, amigos. Não há mais nada que possamos fazer até amanhã. Há um funeral ao meio-dia, e devemos todos estar aqui logo depois. Os amigos do defunto terão ido embora por volta das duas horas, e, quando o sacristão trancar o portão, nós permaneceremos. Então, haverá mais coisas a fazer, mas não como esta noite. Quanto a este pequenino aqui, ela não lhe causou um dano muito grande. Ele estará bem amanhã à noite. Vamos deixá-lo onde a polícia o encontre, como na outra noite, e então voltamos para casa.

Aproximando-se de Arthur, ele disse:

— Meu amigo Arthur, esta foi uma prova de fogo, mas mais tarde, quando olhar para trás, verá que foi necessária. Está provando das águas amargas, meu filho. Nesta mesma hora, amanhã, se Deus quiser já as terá ultrapassado, e terá bebido da água doce. Portanto, procure não se lamentar em excesso. Até lá, não irei lhe pedir que me perdoe.

Arthur e Quincey vieram para casa comigo, e tentamos animar um ao outro no caminho. Havíamos deixado a criança num lugar seguro, e estávamos cansados; todos acabamos conseguindo ter quase uma noite normal de sono.

29 de setembro, à noite — Um pouco antes do meio-dia, nós três — Arthur, Quincey Morris e eu — chamamos o professor. Foi curioso notar que, numa espécie de consenso, todos havíamos vestido roupas negras. Arthur se vestia assim, é claro, pois estava de luto profundo, mas o resto de nós as

usava por instinto. Chegamos ao cemitério à uma e meia e ficamos perambulando por ali, evitando ser vistos pelas pessoas que trabalhavam, de modo que, quando os coveiros terminaram sua tarefa e o sacristão, acreditando que todos já haviam ido embora, trancou o portão, o local era todo nosso. No lugar de sua pequena valise preta habitual, Van Helsing trazia consigo uma comprida valise de couro, semelhante a uma bolsa de críquete; era evidentemente pesada.

Quando nos vimos sozinhos e escutamos os últimos passos morrerem na estrada, seguimos o professor em silêncio até o túmulo, como se isso tivesse sido estabelecido previamente. Ele destrancou a porta, e nós entramos, fechando-a em seguida. Então ele tirou da bolsa a lamparina, que acendeu, e também duas velas, que, depois de acesas, afixou sobre outros caixões derretendo-lhes a extremidade, a fim de que tivéssemos luz suficiente para trabalhar. Quando tornou a abrir o caixão de Lucy, todos olhamos — Arthur tremendo como vara verde — e vimos que lá estava o corpo, em toda a sua beleza. Em meu coração, porém, já não havia amor. Tudo o que eu sentia era repulsa pela Coisa abominável que se apoderara do corpo de Lucy, onde sua alma já não habitava. Pude ver que mesmo o rosto de Arthur endureceu ao contemplá-la. Em seguida, ele disse a Van Helsing:

— Este é mesmo o corpo de Lucy, ou um demônio que tomou sua forma?

— É seu corpo, e ao mesmo tempo não é. Mas espere um pouco e há de vê-la como era, e como ainda é.

O ser deitado no caixão parecia um pesadelo de Lucy. Os dentes pontiagudos, a boca voluptuosa e manchada de sangue cuja visão nos fazia estremecer, a aparência geral lasciva e sensual que era como uma zombaria da adorável pureza de Lucy. Como sempre metódico, Van Helsing começou a retirar vários instrumentos de sua bolsa e arrumá-los, deixando-os prontos para o uso. Primeiro pegou um ferro de soldar e um pouco de solda, depois uma pequena lamparina a óleo, que, quando acesa num canto do túmulo, liberava um gás que produzia uma chama quente e azulada. Em seguida, retirou da bolsa seus bisturis, que colocou bem à mão, e por fim uma estaca cilíndrica de madeira, com uns sete centímetros de espessura e quase um metro de comprimento. Uma das extremidades da estaca foi carbonizada no fogo, endurecendo, e esculpida numa ponta bem fina. Junto com a estaca, Van Helsing pegou um martelo pesado, igual aos que são usados nas casas para quebrar os grandes blocos de carvão. Para mim, os preparativos que

um médico faz para realizar qualquer tipo de trabalho são estimulantes, mas o efeito que aqueles objetos tiveram tanto em Arthur quanto em Quincey foi de uma certa consternação. Ambos aferravam-se à coragem, porém, e se mantinham quietos.

Quando tudo estava pronto, Van Helsing disse:

— Antes que façamos qualquer coisa, deixem que eu lhes diga o seguinte: tudo isso advém da sabedoria e da experiência dos antigos e daqueles que estudaram os poderes dos Não Mortos. Quando se tornam seres dessa natureza, a mudança traz consigo a maldição da imortalidade. Não podem morrer e têm de seguir era após era fazendo novas vítimas e multiplicando os males do mundo, pois todos os que morrem após serem sugados pelos Não Mortos se tornam eles próprios Não Mortos e se alimentam de seus semelhantes. Assim, o círculo se amplia cada vez mais, como as ondas produzidas por uma pedra que é lançada na água. Amigo Arthur, se tivesse dado aquele beijo na pobre Lucy antes que ela morresse, ou ontem à noite, quando abriu seus braços para ela, após sua própria morte iria se tornar também um *nosferatu*, como chamam esses seres na Europa oriental, e por sua vez criaria mais Não Mortos que tanto nos aterrorizam. A carreira desta moça tão infeliz apenas começou. As crianças cujo sangue ela sugou ainda não são caso perdido, mas se ela continuar vivendo, uma Não Morta, perderão mais sangue e virão a ela devido ao poder que exerce, a fim de que ela ponha aqueles lábios cruéis sobre suas feridas. Se ela morrer de fato, porém, tudo termina: os pequenos orifícios no pescoço desaparecerão, e as crianças voltarão às suas brincadeiras sem nem mesmo saber o que aconteceu. Se fizermos com que essa Não Morta descanse como verdadeira morta, porém, a maior bênção será saber que a alma da pobre moça que todos amávamos estará novamente livre. Em vez de fazer coisas hediondas à noite e se degradar cada vez mais com a assimilação de seus atos durante o dia, ocupará seu lugar entre os outros anjos. Portanto, meu amigo, abençoada será a mão que desferir o golpe capaz de libertá-la. Estou disposto a fazê-lo, mas por acaso algum de nós tem mais direito? Não será nada agradável pensar nisso mais tarde, no silêncio das noites insones: “Foi minha mão que a mandou para as estrelas; foi a mão de quem mais a amava; a mão que, entre todas as outras, ela própria teria escolhido, se pudesse?” Digam-me se há alguém assim entre nós.

Todos olhamos para Arthur, que percebeu, assim como nós, a gentileza infinita que sugeria que fosse a sua a mão que nos devolveria Lucy como

uma lembrança sagrada, e não ímpia. Adiantou-se e disse, corajosamente, embora sua mão tremesse e seu rosto estivesse pálido como a neve:

— Meu verdadeiro amigo, do fundo de meu coração partido lhe agradeço. Diga-me o que devo fazer, e não hei de vacilar!

Van Helsing pousou a mão por um instante em seu ombro, dizendo:

— Rapaz valente! Basta um momento de coragem e tudo estará terminado. A estaca precisa ser atravessada no corpo dela. Será assustador, repugnante, devo dizê-lo, mas será rápido, e sua satisfação há de ser maior do que sua dor. Deste túmulo sombrio, o senhor sairá como se andasse nas nuvens. Não deve vacilar, porém, uma vez tendo começado. Pense apenas que nós, seus sinceros amigos, estamos ao seu lado, e que rezamos o tempo todo pelo senhor.

— Prossiga — disse Arthur, a voz rouca. — Diga-me o que devo fazer.

— Pegue a estaca em sua mão esquerda, pronto para colocar a extremidade sobre o coração, e segure o martelo com a direita. Então, começaremos a rezar pela morta; tenho o livro aqui, e vou ler enquanto os outros acompanham. Nesse momento, golpeie a estaca, em nome de Deus, de modo que todos possamos ficar em paz com a morta que amamos e que a Não Morta seja destruída.

Arthur pegou a estaca e o martelo, e uma vez tendo se concentrado na ação que estava prestes a cumprir, suas mãos não tremeram uma vez sequer. Van Helsing abriu o missal e começou a ler; Quincey e eu o acompanhamos da melhor forma possível. Arthur colocou a ponta da estaca sobre o coração de Lucy e, quando olhei, pude ver a depressão que fazia na pele branca. Então, ele golpeou com toda a sua força.

A Coisa dentro do caixão se contorceu, e um grito medonho, de gelar o sangue, saiu dos lábios vermelhos e abertos. O corpo se sacudiu e tremeu e se revirou em contorções selvagens; os dentes brancos e afiados se trincaram até cortar os lábios, e a boca se cobriu com uma espuma escarlate. Mas Arthur não vacilou. Parecia uma imagem de Thor conforme seu braço firme se erguia e baixava, cravando cada vez mais fundo aquela abençoada estaca, enquanto o sangue do coração perfurado jorrava e esguichava ao nosso redor. Seu rosto estava rígido e parecia iluminado por sua elevada tarefa; essa visão nos encheu de coragem, e nossas vozes pareciam retinir pela pequena câmara mortuária.

As contorções e os estremecimentos do corpo começaram a diminuir, os dentes pareceram trincar-se e a face tremia. Por fim, imobilizou-se. A

terrível tarefa estava terminada.

O martelo caiu das mãos de Arthur. Ele cambaleou e teria caído se não o segurássemos. Grandes gotas de suor brotavam-lhe da testa, e sua respiração vinha aos arquejos, entrecortada. Fora realmente um esforço supremo para ele, e, se não o motivassem fins maiores do que suas humanas ponderações, não teria conseguido chegar ao fim. Durante alguns minutos, ficamos tão preocupados com ele que não olhamos para o caixão. Quando o fizemos, porém, um murmúrio de surpresa nos saiu dos lábios. Nossos olhares eram tão ávidos que Arthur se ergueu, pois estava sentado no chão, e também veio ver: uma luz de inesperada felicidade iluminou-lhe o rosto então, dispersando por completo o abatimento e o horror.

Ali, no caixão, já não estava a Coisa perversa que tanto temíamos e começáramos a odiar a ponto de sua destruição ser considerada um privilégio delegado ao mais merecedor entre nós, mas Lucy, tal como a havíamos visto em vida, o rosto de uma pureza e uma delicadeza inigualáveis. É verdade que também estavam ali, como havíamos visto enquanto ela vivia, os traços das preocupações, da dor e do abatimento, mas nos eram caros, pois eram coerentes com o que sabíamos ser verdade. Um a um, sentimos que a calma sagrada que cobria como a luz do sol o rosto e o corpo abatidos era apenas um símbolo e um sinal terreno da calma destinada a reinar para sempre.

Van Helsing se aproximou e pousou a mão no ombro de Arthur, dizendo:

— E agora, Arthur, meu amigo, meu caro rapaz, não estou perdoado?

A reação àquela tensão terrível veio, quando ele pegou a mão do velho professor entre as suas e, levando-a aos lábios, beijou-a, dizendo:

— Perdoado! Que Deus o abençoe por ter devolvido à minha amada sua alma e a mim a paz.

Colocou suas mãos no ombro do professor e, deitando a cabeça sobre seu peito, chorou em silêncio por algum tempo, enquanto nós permanecíamos imóveis. Quando ergueu a cabeça, Van Helsing lhe disse:

— E agora, meu filho, pode beijá-la. Beije seus lábios mortos, se quiser, como ela teria desejado se tivesse podido escolher. Pois agora ela já não é mais um demônio com um sorriso sarcástico nos lábios. Já não é uma Coisa abominável para toda a eternidade. Já não é uma das Não Mortas do Diabo. Está morta de fato, na paz de Deus, e sua alma está junto a Ele!

Arthur se inclinou e a beijou, e em seguida mandamos que ele e Quincey saíssem do túmulo. O professor e eu serramos a outra extremidade da estaca, deixando a ponta no corpo. Então, decepamos a cabeça e enchemos a boca de alho. Soldamos o caixão de chumbo, aparafusamos a tampa do caixão e, juntando nossos apetrechos, saímos. Após trancar o túmulo, o professor deu a chave a Arthur.

Lá fora, o ar estava agradável, o sol brilhava e os pássaros cantavam. Toda a natureza parecia estar afinada num tom diferente. Havia alegria, júbilo e paz em toda parte, pois agora poderíamos descansar no que dizia respeito àquela questão, e estávamos felizes, embora não fosse uma felicidade absoluta.

Antes de irmos embora, Van Helsing disse:

— Agora, meus amigos, um passo de nossa tarefa foi dado, um passo extremamente penoso para todos nós. Mas ainda resta uma tarefa maior: encontrar o autor de todos esses males e eliminá-lo. Tenho pistas que podemos seguir, mas a tarefa é longa e árdua; não exclui os perigos e o sofrimento. Irão me ajudar? Aprendemos a acreditar, todos nós, não é mesmo? Sendo assim, nossa tarefa não está clara? Sim! E não prometeremos seguir em frente até o fim, por mais penoso que seja?

Todos nós sucessivamente tomamos sua mão, e a promessa estava feita. Disse o professor, enquanto saíamos do cemitério:

— Daqui a duas noites, encontrem-me para que jantemos às sete horas com o amigo John. Vou pedir a ajuda de duas outras pessoas, que no momento os senhores ainda não conhecem. Estarei pronto, então, para mostrar nosso trabalho e revelar nossos planos. Amigo John, venha comigo para casa, pois tenho muitos assuntos a discutir, e você pode me ajudar. Hoje à noite parto para Amsterdã, mas retorno amanhã à noite. É agora que começa nossa grande empresa. Mas primeiro terei muito a dizer, a fim de que todos saibam o que deve ser feito e temido. Então, renovaremos nossas promessas, pois temos uma tarefa terrível diante de nós e, uma vez tendo colocado nossos pés em marcha, não devemos retroceder.

Capítulo 17

DIÁRIO DO DR. SEWARD *(CONTINUAÇÃO)*

Quando chegamos ao Berkeley Hotel, Van Helsing encontrou um telegrama esperando por ele:

Chegarei de trem. Jonathan está em Whitby. Notícia importante. — MINA HARKER.

O professor ficou muito satisfeito.

— Ah, essa maravilhosa madame Mina — disse ele. — Uma pérola entre as mulheres! Ela está chegando, mas eu não posso ficar. Ela terá que ir para sua casa, amigo John. Você precisa ir apanhá-la na estação. Telegrafe a ela *en route*, para que não seja apanhada de surpresa.

Depois que o fiz, ele tomou uma xícara de chá e enquanto isso me contou sobre um diário escrito por Jonathan Harker quando estava fora do país. Deu-me uma cópia datilografada e outra do diário que Mrs. Harker escrevera em Whitby.

— Leve isto aqui — disse ele — e os estude com atenção. Já estará a par dos fatos quando eu regressar, e então poderemos iniciar de forma mais adequada nossa investigação. Guarde-os com cuidado, pois há informações preciosas aí. Toda a sua fé será necessária, mesmo tendo passado por uma experiência como a de hoje. O que está relatado nos diários — disse ele, colocando a mão grave e pesadamente no pacote de papéis a que se referia — talvez seja o começo do fim para você, para mim e para muitos outros, ou talvez seja o repicar dos sinos dos Não Mortos que caminham pela Terra.

Peço-lhe que leia tudo com a mente aberta e, se puder acrescentar o que quer que seja à história narrada aqui, não hesite em fazê-lo, pois é importantíssimo. Você tem anotado num diário todos esses acontecimentos estranhos, não é verdade? Então examinaremos tudo isso juntos quando nos reencontrarmos.

Ele se preparou para a partida, e pouco depois seguiu para Liverpool Street. Quanto a mim, fui para Paddington, onde cheguei 15 minutos antes do trem.

A multidão se dissipou, após o alvoroço comum às plataformas de trens que estão chegando. Eu começava a me inquietar, temendo não encontrar minha convidada, quando uma moça bonita, de rosto delicado, aproximou-se de mim e disse, após um rápido olhar:

— O senhor é o dr. Seward, não? — Respondi de imediato, e ela estendeu a mão para me cumprimentar. — Reconheci-o pela descrição da pobre Lucy, mas... — Ela se interrompeu de repente e enrubesceu um pouco.

O rubor que também tingiu minha face de certa forma deixou-nos ambos à vontade, pois funcionou como uma resposta tácita. Peguei sua bagagem, que incluía uma máquina de escrever, e tomamos o metrô para a Fenchurch Street, depois que mandei um telegrama para minha governanta instruindo-a a preparar imediatamente uma sala de estar e um quarto para Mrs. Harker.

Chegamos na hora adequada. Ela sabia, é claro, que se tratava de um hospício, mas vi que não pôde evitar um estremecimento quando entramos.

Disse-me que, se possível, gostaria de ir imediatamente ao meu escritório, pois tinha muito a dizer. Então, eis-me aqui encerrando meu registro em meu diário fonográfico enquanto a aguardo. Ainda não tive tempo de examinar os papéis que Van Helsing deixou comigo, embora estejam abertos diante de mim. Preciso fazer com que ela se ocupe com algo, a fim de poder ter uma oportunidade de lê-los. Ela não sabe *quão* precioso é o tempo e qual a tarefa que temos nas mãos. Preciso tomar cuidado para não a assustar. Ei-la!

DIÁRIO DE MINA HARKER

29 de setembro — Depois de me lavar, desci para o escritório do dr. Seward. Detive-me um instante à porta, pois pensei tê-lo ouvido falando com alguém. Como ele havia me pedido que não demorasse, porém, bati, e, ao ouvi-lo dizer “Entre”, abri a porta.

Para minha grande surpresa, não havia ninguém com ele. Estava só, e na mesa à sua frente havia algo que, pelas descrições, reconheci de imediato como sendo um fonógrafo. Nunca vira um e fiquei muito interessada.

— Espero não tê-lo feito esperar — disse eu —, mas parei junto à porta e, como o escutei falando, achei que havia alguém com o senhor.

— Ah — replicou ele, com um sorriso —, só estava fazendo um registro em meu diário.

— Seu diário? — indaguei, surpresa.

— Sim — disse ele. — Gravo-o aqui.

Ao dizê-lo, pôs a mão sobre o fonógrafo. Fiquei muito animada com aquilo e disse, sem pensar:

— Puxa, isso derruba até mesmo a taquigrafia! Posso ouvi-lo dizer alguma coisa?

— Claro que sim — respondeu ele, entusiasmado, e levantou-se para pôr o fonógrafo pronto para funcionar. Então se deteve, e uma expressão preocupada nublou seu rosto:

— O fato — começou ele, embaraçado — é que registro todo o meu diário aqui, e ele se refere exclusivamente... quase exclusivamente aos meus casos, e pode ser inconveniente... isto é, quero dizer...

Ele se interrompeu, e tentei ajudá-lo a se livrar do embaraço:

— O senhor ajudou a cuidar da querida Lucy no final. Deixe-me ouvir como ela morreu; por tudo que sei sobre ela, ficarei bastante agradecida. Ela me era muito, muito querida.

Para minha surpresa, ele respondeu, com uma expressão de horror na face:

— Falar-lhe sobre a morte de Lucy? Por nada nesse mundo!

— Por que não? — perguntei, pois um sentimento grave e terrível começava a me dominar.

Ele fez outra pausa, e pude ver que tentava inventar uma desculpa. Por fim, gaguejou:

— Sabe, não tenho como escolher uma parte específica do diário.

Enquanto falava, uma ideia lhe ocorreu, e ele disse, com uma simplicidade inconsciente, numa voz distinta e com a ingenuidade de uma criança:

— Isso é verdade, juro pela minha honra. Juro por Deus! — Não pude evitar um sorriso, ao qual ele respondeu com uma careta. — Eu me denunciei... — disse ele. — Mas por acaso a senhora sabe que, embora eu venha mantendo este diário há meses, nem uma única vez me ocorreu como faria para encontrar uma parte específica, se quisesse?

A essa altura, eu estava convencida de que o diário do médico que cuidara de Lucy talvez tivesse algo a acrescentar aos conhecimentos que possuíamos daquele terrível Ser e disse, ousadamente:

— Então, dr. Seward, é melhor o senhor me deixar fazer uma cópia datilografada.

Ele assumiu uma palidez cadavérica ao dizer:

— Não! Não! Não! Por nada nesse mundo eu a colocaria a par daquela história terrível!

Então foi terrível; minha intuição estava correta! Refleti por um momento, e, enquanto meus olhos passeavam pela sala, procurando inconscientemente algo capaz de me ajudar, caíram sobre uma grande quantidade de folhas datilografadas na mesa. Seus olhos perceberam a expressão dos meus, e automaticamente os acompanharam. Quando ele viu o pacote, compreendeu o que eu pensava.

— O senhor não me conhece — disse eu. — Depois de ler esses papéis, meu próprio diário e também o de meu marido, que datilografei, há de me conhecer melhor. Não hesitei em revelar meus mais íntimos pensamentos pelo bem desta causa. Mas, é claro, o senhor não me conhece... ainda. E não posso esperar que confie em mim, por ora.

Trata-se com certeza de um homem de natureza nobre: a pobre Lucy estava certa a seu respeito. Ele se levantou e abriu uma grande gaveta, em que estavam arrumados em ordem vários cilindros ocos de metal cobertos com cera escura, e me disse:

— A senhora tem toda a razão. Não confiei na senhora por não a conhecer. Mas agora a conheço, e deixe-me dizer que devia tê-la conhecido há muito tempo. Sei que Lucy falou a meu respeito com a senhora; ela também me falou a seu respeito. Posso reparar essa situação da única maneira que está em meu poder? Pegue os cilindros e ouça-os. A primeira meia dúzia é pessoal e não vai horrorizá-la, ajudando-a a me conhecer melhor. Até lá, o jantar estará pronto. Nesse ínterim, lerei alguns destes documentos e estarei em posição de compreender melhor certas coisas.

Ele próprio levou o fonógrafo para minha sala de estar, preparando-o para mim. Agora descobrirei coisas agradáveis, tenho certeza, pois aqui está o outro lado de um genuíno caso de amor, do qual já conheço um lado...

DIÁRIO DO DR. SEWARD

29 de setembro — Fiquei tão absorvido pelo maravilhoso diário de Jonathan Harker e pelo de sua esposa que deixei o tempo passar sem me dar conta. Mrs. Harker não estava no andar inferior quando a criada veio correndo avisar que o jantar estava servido, de modo que eu disse:

— Ela provavelmente está cansada; jantaremos uma hora mais tarde.

E retomei meu trabalho. Eu acabava de terminar a leitura do diário de Mrs. Harker, quando ela entrou. Estava muito bonita, mas triste também, e seus olhos estavam avermelhados, o que indicava que havia chorado. De alguma forma, isso me sensibilizou bastante. Deus sabe que tenho tido,

ultimamente, motivos para derramar muitas lágrimas, mas elas me foram negadas; agora, a visão daqueles olhos encantadores, úmidos com as lágrimas recentes, falou-me direto ao coração. Eu disse, da maneira mais gentil possível:

— Receio tê-la feito sofrer.

— Ah, não, o senhor não me fez sofrer — replicou ela —, mas fiquei mais comovida do que sou capaz de dizer com o seu pesar. Esta máquina é maravilhosa, mas tudo assume uma veracidade cruel. Revelou-me, com todas as nuances, a angústia de seu coração. Era como uma alma gritando para Deus Todo-Poderoso. Ninguém jamais deve voltar a ouvir essas palavras! Veja, tentei ser útil. Transcrevi as palavras em minha máquina de escrever, e ninguém mais precisará ouvir seu coração bater como eu ouvi.

— Ninguém há de saber. Ninguém precisa saber — eu disse, em voz baixa.

Ela cobriu minha mão com a sua e disse, num tom de enorme gravidade:

— Ah, os outros precisam saber, sim!

— Precisam! Mas por quê?

— Porque se trata de uma parte dessa terrível história, uma parte da morte da pobre Lucy e de tudo o que a causou. Porque, na luta que temos diante de nós para livrar o mundo desse monstro terrível, precisamos recorrer a todo conhecimento e toda ajuda que pudermos obter. Acho que nos cilindros que o senhor me deu havia mais do que gostaria que eu soubesse, mas posso ver que seus registros iluminam de várias formas esse obscuro mistério. Vai deixar que eu ajude, não vai? Sei de tudo, até um determinado ponto. Já posso ver, embora seu diário só tenha me levado até o dia 7 de setembro, como a pobre Lucy foi assediada e como seu terrível destino estava sendo traçado. Jonathan e eu temos trabalhado dia e noite desde que o professor Van Helsing veio nos ver. Meu marido foi a Whitby reunir mais informações e estará aqui amanhã, para nos ajudar. Não precisamos de segredos entre nós. Trabalhando juntos e em total confiança, com certeza podemos ser mais fortes do que se um de nós estivesse no escuro.

Ela me lançou um olhar tão suplicante, e ao mesmo tempo seu comportamento revelava tanta coragem e determinação, que de imediato cedi aos seus desejos.

— A senhora pode agir como quiser — disse eu. — E que Deus me perdoe se eu estiver agindo mal! Ainda há coisas horríveis que virá a saber, mas, se chegou tão longe no caminho que levou à morte de Lucy, sei que não ficará satisfeita se permanecer no escuro. E mais ainda: talvez o próprio fim lhe conceda um lampejo de paz. Venha, o jantar está servido. Precisamos nos manter fortes para o que temos à nossa frente; nossa tarefa é terrível e assustadora. Depois que tiver comido, saberá o resto. E eu responderei a todas as suas perguntas, caso haja algo que, embora claro para nós, que estávamos presentes, venha a ser incompreensível para a senhora.

DIÁRIO DE MINA HARKER

29 de setembro — Após o jantar, vim com o dr. Seward ao seu escritório. Ele trouxe o fonógrafo de meus aposentos, e eu peguei minha máquina de escrever. Ele me instalou numa cadeira confortável e colocou o fonógrafo de maneira que eu o alcançasse sem ter que me levantar. Mostrou-me como fazê-lo parar caso precisasse de uma pausa. Então, muito atenciosamente, sentou-se numa cadeira de costas para mim, de modo a me dar toda a liberdade possível, e começou a ler. Coloquei a forquilha de metal nos ouvidos e pus-me a escutar.

Quando a terrível história da morte de Lucy — e de tudo o que se seguiu — chegou ao fim, recostei-me na cadeira, sem forças. Felizmente, não sou do tipo que costuma desmaiar. Quando o dr. Seward me viu, pôs-se

de pé num pulo, com uma exclamação horrorizada. No mesmo instante, apanhou uma garrafa num armário e me deu um pouco de conhaque. Em alguns minutos, a bebida me revigorou um pouco. Meu cérebro ainda rodava, e creio que só consegui suportar tudo aquilo sem fazer uma cena porque, em meio a tantos horrores, havia um raio de luz sagrado a me garantir que minha adorada Lucy estava afinal em paz. Tudo era tão fantástico, tão misterioso e estranho que, se eu não soubesse da experiência de Jonathan na Transilvânia, não teria acreditado. De qualquer maneira, não sabia em que acreditar e consegui superar aquela dificuldade ocupando-me de outra coisa. Tirei a capa de minha máquina de escrever e disse ao dr. Seward:

— Vou escrever tudo isso agora. Temos que ter tudo pronto para o dr. Van Helsing, quando ele chegar. Enviei um telegrama a Jonathan, dizendo-lhe que venha para cá quando chegar a Londres, vindo de Whitby. Num caso como esse, as datas são tudo, e acho que teremos feito muito se conseguirmos aprontar todo o nosso material e colocar cada item em ordem cronológica. O senhor me diz que lorde Godalming e Mr. Morris também virão. Temos que estar em condições de lhes relatar tudo, quando chegarem.

Ele então ajustou o fonógrafo para que funcionasse lentamente, e eu comecei a datilografar a partir do início do sétimo cilindro. Fiz três cópias do diário, como havia feito com o resto. Já era tarde quando cheguei ao fim, mas o dr. Seward fora fazer a ronda dos pacientes. Quando terminou, voltou e sentou-se ao meu lado, lendo, para que eu não me sentisse muito só enquanto trabalhava. Como ele é bom e atencioso. O mundo parece cheio de homens bons — mesmo que também haja *monstros* em seu meio. Antes de deixá-lo, lembrei-me do que Jonathan escrevera em seu diário acerca da perturbação do professor ao ler qualquer coisa num jornal vespertino, na estação, em Exeter. Ao ver, então, que o dr. Seward guardava os jornais, peguei emprestados os arquivos do *The Westminster Gazette* e do *The Pall Mall Gazette*, levando-os para os meus aposentos. Lembro-me de quanto o *The Dailygraph* e o *The Whitby Gazette*, dos quais eu retirara alguns recortes, nos ajudaram a compreender os terríveis acontecimentos em Whitby, quando o conde Drácula desembarcou, de modo que examinarei os jornais vespertinos daquela data em diante, e talvez faça novas descobertas. Não tenho sono, e o trabalho me ajudará a manter a calma.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

30 de setembro — Mr. Harker chegou às nove horas. Recebera o telegrama de sua esposa pouco antes de partir. É um homem de inteligência incomum, se julgarmos por seu rosto, e cheio de energia. Se este diário for verdadeiro — e, a julgar por minhas estranhas experiências, deve ser —, é também um homem de coragem. Ter descido àquela câmara mortuária uma segunda vez foi de uma ousadia notável. Após ter lido seu relato, eu esperava encontrar um homem destemido, mas dificilmente teria imaginado tratar-se do cavalheiro reservado e metódico que veio até aqui hoje.

Mais tarde — Após o almoço, Harker e a esposa voltaram para os seus aposentos. Ao passar diante da porta há algum tempo, ouvi o barulho da máquina de escrever. Os dois estão se empenhando a fundo. Mrs. Harker diz que eles estão reunindo e organizando em ordem cronológica até as mais ínfimas informações que têm. Harker obteve as cartas entre o consignatário dos caixotes em Whitby e os transportadores em Londres que se encarregaram deles. Agora está lendo a cópia datilografada que sua esposa fez do meu diário. Pergunto-me o que vão concluir de tudo isso. Aqui está...

É curioso que nunca tenha me ocorrido a possibilidade de que a casa vizinha fosse o esconderijo do conde! Deus sabe que tivemos pistas suficientes, dada a conduta do paciente Renfield! O pacote das cartas relativas à compra da casa estava com a cópia datilografada. Ah, se pudéssemos tê-las visto antes, talvez tivéssemos conseguido salvar a pobre Lucy! Mas devo parar de pensar nisso; é assim que começa a loucura! Harker voltou e pôs-se novamente a organizar seu material. Diz que por volta da hora do jantar poderão mostrar uma narrativa mais ou menos encadeada. Ele acha que nesse ínterim eu devia ir ver Renfield, que até o

momento tem sido um índice das idas e vindas do conde. Isso ainda não me é muito claro, mas quando tiver as datas suponho que há de se tornar. Foi ótimo que Mrs. Harker tenha datilografado meus cilindros! De outro modo, jamais teríamos encontrado as datas...

Encontrei Renfield sentado calmamente em seu quarto com os dedos das mãos entrelaçados, sorrindo um sorriso benigno. Naquele momento, pareceu-me tão normal quanto qualquer um que eu jamais tenha visto. Sentei-me e conversei com ele sobre diversos assuntos, e sobre todos ele discorreu com naturalidade. Falou-me, então, e espontaneamente, sobre ir para casa, assunto que jamais mencionara durante sua estada aqui, até onde sei. De fato, ele falou confiante, pedindo sua imediata liberação. Creio que se não tivesse conversado com Harker, lido as cartas e verificado as datas de seus acessos, estaria pronto para autorizar sua liberação após um breve período de observação. A verdade é que estou bastante desconfiado. Todas as suas crises estavam de algum modo relacionadas à proximidade do conde. O que significa, então, esse contentamento absoluto? Será possível que seu instinto esteja satisfeito com o triunfo final do vampiro? Ele próprio é um zoófago e em seus impetuosos delírios falou de um “mestre”. Tudo isso parece confirmar nossa ideia. Depois de algum tempo, contudo, vim embora; meu amigo está um pouco normal demais no momento para que seja prudente pô-lo à prova com muitas perguntas. Pode começar a pensar, e então...! Portanto, retirei-me. Desconfio desses seus estados de espírito tranquilos, de modo que dei instruções ao assistente para que ficasse atento a ele e tivesse uma camisa de força à mão, no caso de vir a ser necessária.

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER

29 de setembro, no trem para Londres — Quando recebi a mensagem atenciosa de Mr. Billington prontificando-se a me dar qualquer informação de que dispusesse, achei melhor ir a Whitby e fazer no próprio local minhas perguntas. Meu objetivo era rastrear aquela horrível carga do conde até o local em que se encontra, em Londres. Mais tarde talvez possamos lidar com ela. Billington Filho, um bom rapaz, encontrou-me na estação e me levou até a casa de seu pai, onde resolveram que eu deveria passar a noite. São hospitaleiros, com a verdadeira hospitalidade de Yorkshire: dão ao seu hóspede tudo aquilo de que precisa e o deixam à vontade para agir como desejar. Todos sabiam que eu tinha muito que fazer, e que minha estada seria breve. Em seu escritório, Mr. Billington já tinha aprontado todos os papéis relativos à consignação das caixas. Foi um choque tornar a ver uma das cartas que eu vira na mesa do conde antes de ficar a par de seus planos diabólicos. Tudo havia sido cuidadosamente planejado e realizado de forma sistemática e precisa. Ele parecia ter se preparado para qualquer obstáculo que por acaso pudesse surgir no caminho enquanto levava a cabo suas intenções. Não correra riscos, e a precisão absoluta com que suas instruções tinham sido seguidas era apenas o resultado lógico de seus cuidados. Vi a fatura, de que tomei nota: “Cinquenta caixas de terra comum, para ser usada com fins experimentais.” Também vi a cópia da carta para Carter, Paterson & Co. e sua resposta. De ambas obtive cópias. Essas eram todas as informações que Mr. Billington podia me dar. Fui então até o porto, falar com os oficiais da guarda costeira e da alfândega, bem como com o capitão do porto. Todos tinham algo a dizer sobre a estranha chegada da embarcação, que já está se tornando tradição local, mas ninguém era capaz de acrescentar qualquer informação àquela descrição simples: “cinquenta caixas de terra comum”. Fui então ver o agente ferroviário, que gentilmente me pôs em contato com os homens que haviam recebido as caixas. Seu registro correspondia à lista, e eles nada tinham a acrescentar, exceto o fato de que as caixas eram “extremamente pesadas”, e que transportar havia sido um trabalho árduo. Um deles comentou que havia sido uma pena a ausência de um cavalheiro “como o senhor, *squire*”, capaz de demonstrar algum apreço por seus esforços pagando-lhe uma bebida. Um outro falou que a sede que haviam sentido após todo aquele esforço havia sido tanta que nem mesmo o tempo transcorrido conseguira aplacá-la. Desnecessário dizer que antes de sair cuidei para eliminar, para sempre e de forma adequada, aquela fonte de reprimendas.

30 de setembro — O agente ferroviário teve a bondade de escrever uma carta de apresentação para mim, destinada ao seu velho companheiro, o agente ferroviário de King's Cross, para que, lá chegando pela manhã, eu pudesse lhe perguntar sobre o transporte das caixas. Ele também me pôs imediatamente em contato com os oficiais competentes, e vi que seu registro estava de acordo com a fatura original. As oportunidades de ficar com uma sede anormal estavam aqui reduzidas, mas foram utilizadas de forma bastante nobre, e mais uma vez senti-me compelido a lidar com o resultado de forma *ex posto facto*.

Dali, segui para o escritório central de Carter, Paterson & Co., onde fui recebido com a maior cortesia. Procuraram os registros da transação em seu diário e em seu copiador, e imediatamente telefonaram para King's Cross a fim de obter maiores detalhes. Por sorte, os homens que haviam feito o trabalho estavam lá, aguardando outro serviço, e na mesma hora o oficial enviou-os, mandando ainda, através de um deles, a guia e todos os papéis relativos à entrega das caixas em Carfax. Também nesse caso o registro estava perfeitamente de acordo. Os funcionários da transportadora puderam complementar a escassez de palavras escritas com alguns detalhes. Logo percebi que tais detalhes estavam quase que exclusivamente relacionados à natureza poeirenta do trabalho e à sede de que, em consequência, sofriam os trabalhadores. Quando lhes dei uma oportunidade, por meio da moeda corrente, de mais tarde mitigar aquele mal benéfico, um deles observou:

— Aquela era a casa mais esquisita que já vi na vida. Deus do céu! Acho que ninguém punha os pés ali há uns cem anos. A camada de poeira era tão espessa que acho que poderia dormir ali sem me machucar, como se fosse um colchão. Estava tão abandonada que cheirava à velha Jerusalém. Mas a antiga capela, essa, sim, foi o cúmulo! Meu colega e eu não víamos a hora de sair dali. Por Deus, se eu tivesse que ficar ali depois que escurecesse cobraria um *quid* por hora!

Tendo estado na casa, posso muito bem acreditar no que disse; se ele soubesse, porém, o que eu sei, creio que sua hora aumentaria de preço.

Um detalhe me deixou satisfeito: saber que *todas* as caixas que chegaram a Whitby, provenientes de Varna, a bordo do *Demeter*, foram deixadas em segurança na antiga capela de Carfax. Deve haver cinquenta delas, a menos que alguma tenha sido removida — o que temo que tenha acontecido, a tomar pelo diário do dr. Seward.

Tentarei ver o carreteiro que trazia as caixas de Carfax quando Renfield o atacou. É possível que venhamos a descobrir muita coisa seguindo essa pista.

DIÁRIO DE MINA HARKER

30 de setembro — Estou tão feliz que mal sei como me conter. Suponho que seja a reação ao medo obsessivo que senti: toda essa terrível história e a reabertura de sua antiga ferida poderiam ter efeitos prejudiciais sobre Jonathan. Até onde consegui, despedi-me dele quando partiu para Whitby com uma expressão de coragem em meu rosto, mas estava muito apreensiva. O esforço, contudo, lhe fez bem. Ele nunca esteve tão resoluto, tão forte, tão cheio de uma energia vulcânica quanto atualmente. É como disse o caro professor Van Helsing: ele possui grande firmeza de mente e de espírito, e funciona ainda melhor sob uma pressão capaz de destruir naturezas mais fracas. Voltou de lá cheio de vida e esperança e determinação. Já aprontamos tudo para hoje à noite. Sinto-me impaciente com a perspectiva. Creio que deveríamos ter piedade de um ser tão perseguido como é o conde. A realidade é que essa Coisa não é humana, nem mesmo animal. Ler o relato feito pelo dr. Seward sobre a morte de Lucy e tudo o que se seguiu é suficiente para secar as fontes de piedade no coração de qualquer um.

Mais tarde — Lorde Godalming e Mr. Morris chegaram mais cedo do que esperávamos. O dr. Seward havia saído a negócios e levara Jonathan consigo, por isso tive de recebê-los. Foi um encontro bastante doloroso, pois me fez lembrar das esperanças que a pobre Lucy alimentara havia apenas alguns meses. É claro que ambos haviam ouvido Lucy falar de mim, e aparentemente o dr. Van Helsing também andara me elogiando muito, como disse Mr. Morris. Pobres rapazes! Nenhum deles está ciente de que sei tudo sobre os pedidos de casamento que fizeram a Lucy. Não sabiam exatamente o que dizer ou fazer, pois não tinham certeza do que eu sabia, de modo que se limitaram a conversar sobre assuntos neutros. Refleti sobre a questão, porém, e cheguei à conclusão de que o melhor a fazer era colocá-los a par de tudo, até o momento presente. Eu sabia, a partir do diário do dr. Seward, que ambos haviam estado presentes quando da morte de Lucy — sua verdadeira morte —, e que não precisava ter medo de revelar algum segredo antes da hora. Então lhes contei, da melhor forma possível, que lera todos os papéis e diários, e que meu marido e eu, após tê-los datilografado, acabávamos de colocar tudo em ordem. Dei a cada um uma cópia para que fossem ler na biblioteca. Quando lorde Godalming recebeu sua cópia e a examinou — na verdade é um bocado espessa —, perguntou:

— A senhora escreveu tudo isso, Mrs. Harker?

Fiz que sim, e ele prosseguiu:

— Não compreendo exatamente aonde tudo isso vai nos levar, mas todos vocês são tão bons e gentis, e vêm trabalhando com tanto afinco e dedicação, que tudo o que me resta fazer é aceitar suas ideias mesmo sem compreendê-las e tentar ajudá-los. Já tive uma lição sobre aceitar os fatos que deixaria qualquer um humilde até o último dia de sua vida. Além disso, sei que a senhora amava minha pobre Lucy...

Ele virou o rosto, cobrindo-o com as mãos. Sua voz estava embargada. Mr. Morris, com uma delicadeza instintiva, pousou a mão por um breve momento em seu ombro e saiu da sala em silêncio. Suponho que haja algo na natureza das mulheres capaz de fazer com que os homens se sintam livres para perder o controle de suas emoções em presença delas e expressá-las de forma terna e emotiva, sem que isso pareça detratar sua masculinidade. Quando lorde Godalming se viu a sós comigo, sentou-se no sofá e deu livre vazão aos seus sentimentos angustiados. Sentei-me ao seu lado e segurei-lhe a mão. Espero que ele não tenha considerado esse gesto um atrevimento de minha parte, e que, se por acaso se recordar desse

momento mais tarde, não venha a ter essa impressão. Mas estou fazendo mau juízo dele: *sei* que não vai pensar dessa forma — é um cavalheiro de verdade. Disse a ele, pois vi que seu coração estava partido:

— Eu amava a querida Lucy. Sei o que ela representava para o senhor e o senhor para ela. Nós duas éramos como irmãs. Agora que ela se foi, o senhor permitirá que eu seja também sua irmã num momento de dificuldade? Sei de todas as tristezas que teve de suportar, embora eu não possa avaliar quão profundas são. Se a compreensão e a piedade puderem ajudá-lo nessa hora de aflição, o senhor permitirá que eu lhe preste essa ajuda, em nome de Lucy?

Num instante, o pobre rapaz sucumbiu à dor. Pareceu-me dar vazão a tudo o que sofrera em silêncio ultimamente. Ficou histérico e, erguendo as mãos abertas, juntou com força as palmas num gesto de absoluta angústia. Pôs-se de pé e voltou a se sentar, as lágrimas escorrendo-lhe pela face. Senti uma pena infinita do rapaz e abri os braços instintivamente. Soluçando, ele apoiou a cabeça em meu ombro e chorou como uma criança, seu corpo se sacudindo com a emoção.

Nós, mulheres, temos algo de maternal que faz com que nos elevemos acima de questões menos importantes quando tal espírito é invocado. Senti a cabeça daquele homem aflito apoiada em mim como se fosse a do bebê que algum dia talvez venha a repousar em meu peito, e acariciei seus cabelos como se fossem os do meu próprio filho. No momento, nem cheguei a pensar quão estranho era tudo aquilo.

Um pouco depois, seus soluços cessaram, e ele se ergueu, desculpando-se, embora não procurasse disfarçar suas emoções. Disse-me que, ao longo dos últimos dias e noites — dias exaustivos e noites insones —, ele não fora capaz de falar com ninguém, e que um homem precisa falar nos momentos de sofrimento. Não havia uma mulher para lhe oferecer compreensão, ou com quem ele pudesse falar abertamente sobre as terríveis circunstâncias que cercavam sua dor.

— Sei agora o quanto sofri — disse ele, enxugando os olhos —, mas mesmo neste exato instante não compreendo, e ninguém jamais será capaz de compreender, o que representou sua solidariedade, hoje. O tempo tornará tudo mais claro. Acredite: embora eu possa parecer agradecido agora, minha gratidão aumentará conforme eu entender melhor. A senhora permitirá que eu seja como seu irmão, para o resto da vida, em nome de Lucy?

— Em nome de Lucy — disse eu, enquanto apertávamos as mãos.

— Sim, e pelo seu próprio bem, também — acrescentou ele. — Pois se a estima e a gratidão de um homem lhe forem necessárias, saiba que a partir de hoje pode contar comigo. Se o futuro lhe reservar uma situação em que venha a precisar da ajuda de um homem, acredite, não há de me chamar em vão. Deus permita que nada aconteça em sua vida capaz de nublá-la. Mas, se acontecer, prometa-me que irá me procurar.

Ele estava sendo tão sincero, e seus sofrimentos ainda eram tão recentes, que senti que uma resposta afirmativa iria reconfortá-lo.

— Prometo — disse eu.

Ao sair da sala e seguir pelo corredor, vi Mr. Morris numa janela. Ele se virou ao ouvir meus passos.

— Como está Art? — perguntou. — Ah, vejo que a senhora o esteve reconfortando — prosseguiu, ao notar meus olhos vermelhos. — Pobre rapaz! Ele precisa disso. Ninguém além de uma mulher pode reconfortar um homem quando seu coração sofre; e ele não tinha quem o reconfortasse.

Ele carregava seu próprio sofrimento de forma tão corajosa que me apiedei dele. Vi o manuscrito em sua mão e sabia que, depois de lê-lo, ele haveria de se dar conta de quanto eu estava ciente. Disse-lhe, então:

— Gostaria de ser capaz de reconfortar todos vocês, que tanto têm sofrido. O senhor permitirá que eu seja sua amiga e virá a mim em busca de apoio, se precisar? Mais tarde saberá por que digo isso.

Ele viu que eu estava sendo sincera. Curvando-se, tomou minha mão, levou-a aos lábios e beijou-a. Parecia uma ajuda muito pequena a um espírito tão corajoso e abnegado; impulsivamente, inclinei-me e o beijei. Lágrimas brotaram-lhe nos olhos, e sua garganta comprimiu-se num engasgo momentâneo. Ele disse, bastante tranquilo:

— Mocinha, jamais há de se arrepender dessa gentileza tão sincera, enquanto viver! — E foi para o escritório, reunir-se ao amigo.

“Mocinha!” Aquela era a palavra que ele usava para falar com Lucy, e de fato a ela mostrou-se um verdadeiro amigo!

Capítulo 18

DIÁRIO DO DR. SEWARD

30 de setembro — Cheguei em casa às cinco horas e descobri que Godalming e Morris não só já haviam chegado, como também já tinham estudado as transcrições dos vários diários e cartas que Harker e sua maravilhosa esposa haviam feito e organizado. Harker ainda não regressara de sua visita aos homens da transportadora, a respeito dos quais escrevera-me o dr. Hennessey. Mrs. Harker serviu-nos uma xícara de chá, e digo com sinceridade que, pela primeira vez desde que vim morar aqui, esta velha casa pareceu *meu lar*. Quando terminamos, Mrs. Harker indagou:

— Dr. Seward, posso lhe pedir um favor? *Quero* ver seu paciente, Mr. Renfield. Deixe-me vê-lo. O que o senhor escreveu a respeito dele em seu diário interessa-me tanto!

Ela parecia tão bonita, tão encantadora, que eu não podia recusar, e não havia motivo para fazê-lo, de modo que a levei comigo. Quando cheguei ao quarto, disse a ele que uma dama gostaria de vê-lo, ao que ele simplesmente indagou:

— Por quê?

— Ela está percorrendo a casa e quer ver todos aqui — respondi.

— Ah, pois muito bem — disse ele. — Mande-a entrar, é claro, mas antes espere um pouco para que eu possa arrumar meu quarto.

Seu método de arrumação mostrou-se peculiar: ele simplesmente engoliu todas as moscas e aranhas nas caixas antes que eu pudesse detê-lo. Era bastante evidente que temia alguma interferência, ou que zelava pelos seus hábitos. Quando concluiu sua repugnante tarefa, disse, alegremente:

— Mande a senhora entrar.

Sentou-se na beira da cama com a cabeça baixa, mas com as pálpebras abertas, de modo a poder vê-la quando entrasse. Por um instante, pensei que ele poderia ter algum ímpeto homicida. Lembrei-me de como estivera calmo antes de me atacar em meu escritório e tomei o cuidado de posicionar-me num local onde pudesse contê-lo imediatamente, caso tentasse se lançar sobre ela. Mrs. Harker entrou no quarto com uma graça capaz de inspirar imediatamente respeito a qualquer lunático — pois a

suavidade é uma das características que os loucos mais têm em apreço. Ela foi até ele, com um sorriso gracioso, e estendeu-lhe a mão.

— Boa tarde, Mr. Renfield — disse. — Conheço o senhor, pois o dr. Seward falou-me a seu respeito.

Ele não respondeu de imediato, mas estudou-a de alto a baixo com os olhos, o cenho franzido. Aquela expressão deu lugar a uma outra, de espanto, que logo se transformou em dúvida. Então, para minha grande surpresa, ele disse:

— A senhora não é a moça com quem o doutor queria se casar, certo? Não pode ser, não é mesmo? Ela está morta.

Mrs. Harker sorriu-lhe com doçura ao responder:

— Ah, não! Eu tenho o meu marido, com quem já era casada antes de conhecer pessoalmente o dr. Seward. Sou Mrs. Harker.

— Então, o que a senhora faz aqui?

— Meu marido e eu estamos visitando o dr. Seward.

— Então, não fique.

— Mas por que não?

Achei que aquele tipo de conversa pudesse ser desagradável a Mrs. Harker, tanto quanto estava sendo para mim, de modo que me incluí nela:

— Como você sabe que eu queria me casar com alguém?

Sua resposta foi extremamente desrespeitosa. Após uma pausa, durante a qual seus olhos desviaram-se de Mrs. Harker e se fixaram em mim, para logo em seguida voltar a contemplá-la, Renfield disse:

— Que pergunta mais idiota!

— Não concordo, Mr. Renfield — disse Mrs. Harker, tomando de imediato o meu partido.

Ele replicou com uma cortesia e um respeito que equivaliam, em intensidade, ao desprezo que demonstrara por mim:

— A senhora evidentemente há de compreender, Mrs. Harker, que, quando um homem é tão amado e respeitado quanto o nosso anfitrião, tudo o que lhe diz respeito é do interesse de nossa pequena comunidade. O dr. Seward é amado não apenas por seus familiares e amigos, mas até por seus pacientes. Alguns de nós mal são capazes de manter o equilíbrio mental e podem distorcer causas e efeitos. Como eu próprio tenho sido interno de um asilo de loucos, não posso deixar de notar que as tendências sofistas de outros internos os conduzem aos erros de *non causa* e *ignoratio elenchi*.

Arregalei os olhos diante daquela revelação. Ali estava o meu louco de estimação — o mais lunático que eu jamais encontrara — falando sobre filosofia e comportando-se como um cavalheiro. Pergunto-me se a presença de Mrs. Harker de alguma maneira lhe trouxe à tona certas memórias. Se essa nova fase era espontânea, ou de algum modo devida à sua influência inconsciente, ela deve ter algum dom ou poder bastante raro.

Continuamos a conversar durante algum tempo. Vendo que ele parecia bastante razoável, ela arriscou, olhando para mim em busca de aprovação, conduzir a conversa para o assunto favorito de Renfield. Fiquei mais uma vez muito surpreso, pois ele falou a respeito com a imparcialidade dos homens mais sãos; chegou a utilizar a si mesmo como exemplo ao mencionar certos detalhes.

— Ora, eu sou o exemplo de um homem que tinha uma crença estranha. Não é de se espantar que meus amigos tenham ficado alarmados e insistido para que eu fosse posto sob controle. Eu costumava imaginar a vida como uma entidade positiva e perpétua, e achava que, através da ingestão de um grande número de seres vivos, por mais baixo que fosse o lugar por eles ocupado na escala da criação, seria possível prolongar indefinidamente a vida. Em certos momentos, essa crença se tornou tão forte que cheguei a tentar tirar a vida de seres humanos. O próprio doutor há de confirmar que numa ocasião tentei matá-lo, com o objetivo de aumentar minhas forças vitais mediante a assimilação, em meu corpo, de sua vida, através de seu sangue. É claro que eu me baseava nas Escrituras: “Pois o sangue é a vida.” Mesmo que o vendedor de certa panaceia tenha vulgarizado o truísmo a ponto de torná-lo desprezível. Não é verdade, doutor?

Fiz que sim, pois estava tão surpreso que mal sabia o que pensar ou dizer. Era difícil imaginar que eu o vira comer suas moscas e aranhas menos de cinco minutos antes. Consultando meu relógio, vi que devia ir à estação receber Van Helsing, de modo que disse a Mrs. Harker que era hora de partir. Ela veio de imediato, após dizer a Mr. Renfield, de forma cordial:

— Adeus, e espero vê-lo com frequência, sob circunstâncias mais agradáveis para o senhor.

Ao que, para minha enorme surpresa, ele respondeu:

— Adeus, minha cara. Peço a Deus que jamais torne a ver seu adorável rosto de novo. Que Ele a abençoe e proteja!

Quando fui à estação encontrar Van Helsing, não levei comigo os rapazes. O pobre Art parecia mais alegre do que desde antes de Lucy adoecer e Quincey recobrara seu estado de espírito exuberante.

Van Helsing desceu da carruagem com a agilidade de um garoto. Viu-me imediatamente e veio às pressas me encontrar, dizendo:

— Ah, amigo John, como andam as coisas? Bem? Ah! Estive ocupado, pois agora venho para ficar, se preciso for. Tudo o que me diz respeito já foi arranjado, e tenho muito a contar. Madame Mina está com o senhor? Certo. E o marido dela, excelente pessoa, também está? E Arthur e meu amigo Quincey, estão todos com você? Ótimo!

Enquanto voltávamos para casa, contei-lhe o que se passara e como meu próprio diário tornara-se útil a partir da sugestão de Mrs. Harker, ao que o professor me interrompeu:

— Ah, aquela maravilhosa madame Mina! Tem o cérebro de um homem, na verdade o cérebro de um homem particularmente dotado, e o coração de uma mulher. O bom Deus criou-a com algum propósito, acredite em mim, ao fazer uma combinação tão excelente. Amigo John, até agora a sorte fez com que essa mulher nos ajudasse. Após esta noite, é preciso que ela se afaste dessa nossa terrível empresa. Não é bom fazê-la correr um risco tão grande. Nós, homens, estamos determinados a destruir esse monstro; na verdade temos o *compromisso* de fazê-lo. Mas isso não é tarefa para uma mulher. Mesmo que ela saia ilesa, seu coração pode não suportar tantos e tão intensos horrores, e mais tarde é possível que ela venha a sofrer, tanto acordada, com os nervos, quanto ao dormir, por causa dos sonhos. Além disso, ela é jovem, e casada há pouco; talvez haja outras coisas em que pensar, mesmo que não neste exato momento. Você está me dizendo que ela escreveu tudo, então precisa se reunir conosco. Mas amanhã deve dizer adeus a esse trabalho, e nós prosseguiremos sozinhos.

Concordei inteiramente com ele e lhe contei o que havíamos descoberto durante a sua ausência: que a casa comprada por Drácula era precisamente a vizinha à minha. Ele ficou surpreso e pareceu tomado por uma grande preocupação.

— Ah, se soubéssemos disso antes! — disse ele. — Teríamos podido, então, encontrá-lo a tempo de salvar a pobre Lucy. É inútil, porém, chorar sobre o leite derramado, como dizem. Não pensaremos nisso, mas seguiremos em nosso caminho até o fim.

Ele se calou, então, e permaneceu em silêncio até chegarmos ao meu portão. Antes de irmos nos preparar para o jantar, ele disse a Mrs. Harker:

— Meu amigo John disse-me, madame Mina, que a senhora e seu marido organizaram com precisão cronológica todos os eventos até o presente.

— Não até o presente, professor — disse ela, impulsivamente —, mas até esta manhã.

— Mas por que não até agora? Temos visto quão esclarecedores podem ser os pequenos eventos. Revelamos nossos segredos, e no entanto ninguém está pior por causa disso.

Mrs. Harker começou a enrubescer. Apanhando alguns papéis de seu bolso, disse:

— Dr. Van Helsing, tenha a bondade de ler isto e dizer-me se devo incluí-lo. São as minhas anotações relativas ao dia de hoje. Também eu percebi a necessidade de tomar nota de tudo, no momento, por mais trivial que pareça. Mas há muito pouco aqui que não seja pessoal. Devo incluí-lo?

O professor leu os papéis com ar de gravidade, e, ao devolvê-los, disse:

— Não precisa incluir, se não quiser, mas devo pedir-lhe que inclua. Só o que pode advir destas palavras é um amor ainda maior da parte de seu marido; e da parte de todos nós, seus amigos, um maior respeito e estima.

Ela apanhou os papéis ruborizando novamente e sorrindo.

Assim sendo, todos os registros que temos até o momento estão completos e em ordem. O professor levou consigo uma cópia para estudar, após o jantar e antes de nosso encontro, marcado para as nove horas. O resto de nós já leu tudo. Portanto, quando nos reunirmos no escritório, estaremos todos a par dos fatos e poderemos discutir nosso plano de batalha contra esse terrível e misterioso inimigo.

DIÁRIO DE MINA HARKER

30 de setembro — Quando nos reunimos no escritório do dr. Seward duas horas após o jantar, que havia sido às seis, sem querer formamos uma espécie de junta ou comitê. O professor Van Helsing sentou-se à cabeceira da mesa, que lhe foi indicada pelo dr. Seward, quando entrou na sala. Fez com que eu me sentasse à sua direita, pedindo-me que fizesse as vezes de secretária; Jonathan sentou-se ao meu lado. Diante de nós estavam lorde Godalming, o dr. Seward e Mr. Morris — o primeiro ao lado do professor e o dr. Seward no meio. Disse o professor:

— Creio que posso partir do pressuposto de que todos estamos a par dos fatos registrados nesses papéis. — Todos assentimos. — Assim sendo — prosseguiu ele —, seria bom que eu lhes falasse um pouco sobre o tipo de inimigo com que temos de lidar. Vou lhes contar partes da história desse homem, partes sobre as quais meu conhecimento é seguro. Poderemos então discutir qual a melhor forma de agir e tomar nossas providências de acordo com as conclusões. Os vampiros existem; alguns de nós têm provas disso. Mesmo que não tivéssemos como comprová-lo a partir de nossa e infeliz experiência, os ensinamentos e os registros do passado fornecem provas suficientes para pessoas sensatas. Admito que fui cético, a princípio. Se eu não me tivesse treinado ao longo dos anos para manter uma mente aberta, não teria acreditado até o momento em que a prova cabal estivesse bem diante do meu nariz. “Vejam! Vejam! Consegui prová-lo!” Ai de mim! Se eu soubesse a princípio o que hoje sei, ou mesmo se tivesse apenas suspeitado, uma vida tão preciosa teria sido poupada a todos nós que a amávamos. Mas isso são águas passadas, e devemos trabalhar para que outras pobres almas não pereçam, enquanto pudermos salvá-las. O *nosferatu* não morre como a abelha, após ter picado uma vez. Ele é mais forte e, sendo mais forte, tem um poder ainda maior de fazer o mal. Este vampiro que está entre nós é forte como vinte homens; sua astúcia é sobre-humana, pois acumula-se há séculos. Ele conta ainda com a ajuda da necromancia, que, conforme diz a etimologia do termo, é a adivinhação feita através dos mortos, e todos os mortos de que ele pode se aproximar

estão sob seu comando. Ele é cruel, ou mais do que isso: é desumano como o próprio Diabo, destituído de coração. Pode, com certas limitações, aparecer quando e onde lhe aprouver, e sob qualquer uma das formas de que dispõe. Pode, na medida do seu alcance, comandar os elementos: a tempestade, a neblina e o trovão. Pode comandar todos os seres inferiores: a ratazana, a coruja e o morcego, a mariposa, a raposa e o lobo. Pode crescer e diminuir de tamanho, e às vezes pode mesmo ir e vir sem ser notado. Como, então, daremos início à nossa luta para destruí-lo? Como poderemos descobrir onde ele está? E, tendo-o descoberto, como poderemos destruí-lo? Meus amigos, a tarefa é imensa e terrível, e talvez haja consequências capazes de fazer estremecer o mais corajoso dos homens. Pois, se falharmos, a vitória será dele; nesse caso, qual há de ser o nosso fim? A vida nada significa, não me preocupo com isso. Nesta situação, porém, falhar não é uma simples questão de vida e morte. Significa nos tornarmos iguais a ele, nos tornarmos infames seres noturnos como ele, sem coração ou consciência, consumindo o corpo e a alma daqueles que mais amamos. As portas do céu nos estariam, então, para sempre vedadas. Quem haveria de tornar a abri-las? Seríamos abominados por todos, uma mancha no rosto luminoso de Deus, uma lança no corpo d'Aquele que morreu pelos homens. Mas estamos frente a frente com o dever. Haveremos de retroceder numa hora dessas? De minha parte, digo que não, mas estou velho, e a vida, com todo o brilho do sol, os lugares bonitos, o canto dos pássaros, a música e o amor, ficou para trás. Vocês, porém, são jovens. Alguns já passaram por sofrimentos, mas dias melhores ainda os aguardam. O que me dizem?

Enquanto ele falava, Jonathan tomara-me a mão. Temi que a natureza apavorante de nosso perigo o estivesse sobrepujando quando o vi estender a mão, mas sentir seu toque foi um sopro renovado de vida — tão forte, tão autoconfiante, tão resoluto. A mão de um homem corajoso fala por si própria, e não precisa sequer do amor de uma mulher para ouvir soar sua música.

Quando o professor terminou de falar, meu marido olhou-me nos olhos, e eu retribuí seu olhar. Não havia necessidade de palavras entre nós.

— Respondo por Mina e por mim — disse ele.

— Conte comigo, professor — disse Quincey Morris, como sempre lacônico.

— Estou com o senhor — disse lorde Godalming —, em nome de Lucy, se não por outros motivos.

O dr. Seward limitou-se a anuir com a cabeça. O professor se pôs de pé e, após colocar seu crucifixo de ouro sobre a mesa, estendeu as mãos de ambos os lados. Eu tomei sua mão direita e lorde Godalming, sua mão esquerda; Jonathan segurou minha mão direita com sua esquerda e estendeu a outra mão para Mr. Morris. Assim, quando todos nos seguramos as mãos, o pacto solene foi firmado. Senti meu coração enregelar, mas sequer me ocorreu retroceder. Retornamos aos nossos lugares, e o dr. Van Helsing prosseguiu com uma espécie de animação que demonstrava que o trabalho sério havia começado. Aquela tarefa devia ser levada tão a sério e profissionalmente quanto qualquer outra.

— Bem, vocês sabem contra o que temos que lutar, mas nós também não estamos desprovidos de recursos. Do nosso lado temos o poder da combinação, um poder negado aos vampiros; temos as fontes científicas; estamos livres para pensar e agir; e dispomos tanto das horas diurnas quanto das noturnas. De fato, até onde vão nossas forças, elas são livres, e nós somos igualmente livres para usá-las. Estamos nos devotando a uma causa, e a um objetivo em nada egoísta. Isso significa muito. Vejamos, agora, até onde os poderes que se armam contra nós são restritos, de maneira geral e individual. Trocando em miúdos, consideremos as limitações dos vampiros em geral e as deste vampiro em particular. Tudo o que temos à nossa disposição são tradições e superstições. A princípio, não parece grande coisa, quando a questão é de vida ou morte, ou mais do que isso. Ainda assim, temos que nos dar por satisfeitos. Em primeiro lugar, porque não há outra saída; não temos outra coisa a nosso dispor. Em segundo lugar, porque, afinal de contas, tradição e superstição são tudo. Por acaso não é nisso que se baseia a crença que outros têm nos vampiros, mesmo que no nosso caso infelizmente as coisas sejam diferentes? Um ano atrás, quem entre nós teria cogitado essa possibilidade, em pleno século XIX, em meio à ciência, ao ceticismo e ao prosaísmo? Chegamos a desdenhar uma crença que se comprovou diante de nossos olhos. Partamos, então, do princípio de que o próprio vampiro e a crença em suas limitações e sua cura encontram-se por ora apoiados na mesma base. Pois na verdade ele é conhecido em toda parte por onde já passaram os seres humanos. Na Grécia e na Roma Antigas, em toda a Alemanha, na França, na Índia, até mesmo no Quersoneso; e na China, tão distante de nós em todos os sentidos, mesmo ali, e nos dias de hoje, ele é conhecido e temido. Acompanhamos o despertar dos furiosos islandeses, dos hunos, gerados pelo próprio

Demônio, dos eslavos, dos saxões, dos magiares. Até aqui, então, é somente nisso que teremos que basear nossas ações, e deixem-me dizer que muitas das crenças se justificam pelo que vimos em nossa própria e infeliz experiência. O vampiro continua vivo, não sendo suscetível à morte pela mera passagem do tempo, e se fortalece quando pode se nutrir do sangue dos vivos. Mais do que isso: nós mesmos vimos que ele pode até rejuvenescer; que suas funções vitais ganham vigor e parecem se renovar quando seu alimento especial é abundante. Mas ele não tem como se fortalecer sem esse alimento. Não come da mesma forma que nós. Até mesmo o amigo Jonathan, que viveu junto a ele durante semanas, jamais o viu comer, jamais! Seu corpo não projeta sombra e não se reflete no espelho, como Jonathan também observou. Tem em suas mãos a força de muitos homens, o que mais uma vez Jonathan pôde testemunhar ao vê-lo fechar a porta diante dos lobos e quando o ajudou na diligência. Pode transformar-se em lobo, conforme podemos deduzir a partir de sua chegada em Whitby, quando dilacerou o cachorro. Pode assumir o aspecto de um morcego, como foi visto na janela, em Whitby, por madame Mina, como foi visto ao sair voando desta casa tão próxima pelo amigo John, e também como foi visto por meu amigo Quincey, junto à janela de Miss Lucy. Pode chegar em meio ao nevoeiro que ele mesmo cria, o que nos foi comprovado pelo valente comandante daquela escuna. Com base no que sabemos, porém, a distância sobre a qual pode projetar esse nevoeiro é pequena e limita-se ao espaço ao seu redor. Chega em meio aos raios de luar como poeira elementar, como Jonathan viu fazerem aquelas irmãs no Castelo Drácula. Pode se tornar muito pequeno; nós mesmos vimos Miss Lucy, antes que ela repousasse em paz, deslizar por uma fenda mínima à porta do túmulo. Pode, uma vez tendo encontrado seu caminho, passar de qualquer lugar a qualquer lugar, independentemente de estar fechado ou mesmo soldado. Pode ver no escuro, o que não é um dom desprezível num mundo que vive a metade do tempo desprovido de luz. Ah, mas me ouçam até o fim. Ele pode fazer todas essas coisas, e, no entanto, não é livre. Tem menos liberdade do que o escravo da galé, do que o louco em sua cela. Não pode ir aonde bem entender; ele, que não faz parte da natureza, tem ainda assim que obedecer a algumas de suas leis, embora não saibamos o porquê. Não pode entrar em parte alguma antes dos outros, a menos que alguém da casa o convide a entrar; depois disso, contudo, pode ir e vir à vontade. Seus poderes terminam com o raiar do dia, como todas as coisas malignas. Só em

certos momentos ele possui liberdade limitada. Se não se encontrar no local ao qual está vinculado, só pode se transformar ao meio-dia ou exatamente ao nascer do sol e ao ocaso. Tudo isso é o que nos é relatado, e a partir de nossos registros podemos provar muita coisa por dedução. Ele pode agir como quiser dentro de seus limites, quando habita em seu lar de terra, em seu túmulo, em seu lar infernal, num lugar profano, como sabemos, por ele ter usado a sepultura do suicida em Whitby. Ainda assim, em outras horas ele só pode se modificar no momento exato. Dizem também que só pode atravessar as águas na baixa-mar ou na maré enchente. E há também certas coisas que o atormentam e anulam seus poderes, como o alho, que conhecemos. Para os objetos sagrados, como este símbolo, meu crucifixo, que está entre nós agora que debatemos este assunto, para esses objetos ele nada significa, e, na presença deles, o vampiro se posiciona bem distante, em respeitoso silêncio. Há também outras coisas, sobre as quais quero lhes falar, pois podemos precisar delas em nossa busca. Um ramo de rosa-selvagem colocado sobre seu caixão o impede de sair dali; uma bala abençoada que seja disparada contra seu caixão tem o poder de matá-lo de forma definitiva; sobre a estaca cravada em seu corpo, já sabemos que pode conceder a paz; sabemos também que o decepar da cabeça traz a dádiva do repouso. Isso foi o que vimos com nossos próprios olhos. Assim sendo, ao encontrarmos a moradia desse homem-que-já-não-é, podemos confiná-lo ao seu caixão e destruí-lo, se agirmos em conformidade com o que sabemos. Mas ele é inteligente. Pedi a meu amigo Arminius, da Universidade de Budapeste, que fizesse uma pesquisa de sua história; de acordo com todas as fontes disponíveis, ele me fez um relato do que foi esse vampiro no passado. Deve ter, de fato, sido aquele Voivode Drácula que ganhou renome lutando contra os turcos, sobre o grande rio na fronteira com o próprio território inimigo. Se for verdade, então ele não era um homem qualquer; naquela época, e pelos séculos que se seguiram, falavam dele como o mais perspicaz e engenhoso, bem como o mais valente dos filhos da “terra para além da floresta”. Sua mente astuta e sua determinação inabalável acompanharam-no ao túmulo, e ainda hoje se armam contra nós. Diz Arminius que os Drácula eram uma família nobre e ilustre, embora aqui e ali houvesse descendentes cujos contemporâneos acreditavam ter feito pactos com o Diabo. Aprendiam seus segredos na Scholomance, entre as montanhas que circundam o lago Hermanstadt, onde o Diabo cobra como taxa o décimo estudante. Nos registros há palavras como *stregoica*, bruxa,

ordog e *pokol*, Satã e inferno. Num dos manuscritos, o Drácula que conhecemos é denominado *wampyr*, palavra que todos nós compreendemos bastante bem. Entre seus próprios descendentes, tem havido homens ilustres e boas mulheres, cujos túmulos tornam sagrada a terra onde somente a infâmia pode reinar. Pois não é o menor de seus horrores o fato de este mal estar enterrado fundo em tudo o que é bom; no solo destituído de memórias sagradas, ele não tem como existir.

Enquanto falavam, Mr. Morris olhava fixamente para a janela, e nesse ponto levantou-se em silêncio, saindo do aposento. Fez-se uma pequena pausa, após a qual o professor continuou:

— E agora precisamos definir o que faremos. Temos muitas informações aqui, e devemos dar início à ação. Sabemos, graças às investigações de Jonathan, que do castelo até Whitby vieram cinquenta caixas de terra, e todas foram entregues em Carfax. Sabemos também que pelo menos algumas delas foram removidas. Parece-me que nosso primeiro passo deveria ser no sentido de averiguar se as outras caixas permanecem na casa, por trás do muro que hoje vemos, ou se mais alguma foi removida. Se a segunda possibilidade se confirmar, teremos que descobrir...

Nesse momento, fomos interrompidos de maneira assustadora. Veio, do exterior da casa, o barulho de um tiro de pistola; a vidraça da janela foi estilhaçada por uma bala que, ricocheteando, atingiu a parede oposta da sala. Temo ser, em meu íntimo, covarde, pois dei um grito. Os homens puseram-se de pé num salto; lorde Godalming correu até a janela e abriu-a. Em seguida, ouvimos a voz de Mr. Morris lá fora:

— Desculpem! Acho que assustei vocês. Vou entrar e dizer o que aconteceu.

Um minuto depois, ele voltou para o escritório e disse:

— Foi uma atitude bastante idiota da minha parte, e é com sinceridade que lhe peço perdão, Mrs. Harker. Devo tê-la assustado terrivelmente. Mas o fato é que, enquanto o professor falava, um grande morcego apareceu e pousou no parapeito da janela. Devido aos acontecimentos recentes, passei a ter tamanho horror desses desgraçados animais que não consigo suportá-los, e saí para atirar, como tenho feito ultimamente, à noite, sempre que vejo algum. Você costumava rir de mim por causa disso, Art.

— Acertou-o? — perguntou o dr. Van Helsing.

— Não sei; creio que não, pois o bicho voou para o bosque.

Sem outras palavras, ele retornou à sua cadeira, e o professor prosseguiu:

— Teremos que descobrir o paradeiro de cada uma dessas caixas; e, quando estivermos prontos, teremos que capturar ou matar esse monstro em seu covil. Ou teremos que esterilizar a terra, por assim dizer, para que ele já não possa encontrar segurança ali. Assim é possível que ao fim venhamos a encontrá-lo em sua forma humana entre o meio-dia e o ocaso, para combatê-lo no momento em que está mais fraco. Agora quero dirigir-me a madame Mina: sua participação termina hoje, até que tudo esteja bem. A senhora nos é preciosa demais para correr um risco desses. Quando nos despedirmos, hoje à noite, não deverá fazer mais perguntas. Diremos tudo no tempo devido. Somos homens e temos a capacidade de suportar tudo isso, mas a senhora deve ser nossa estrela e nossa esperança. Agiremos com maior liberdade se a senhora não estiver correndo riscos, como nós estaremos.

Todos os homens pareceram aliviados, até mesmo Jonathan. Não me pareceu nada bom, contudo, que eles enfrentassem maiores perigos e talvez fossem menos cuidadosos com sua própria segurança — já que a força é a melhor segurança — por causa de suas atenções para comigo; mas eles já haviam tomado sua decisão, e, embora me fosse difícil concordar, eu nada podia dizer, exceto aceitar sua postura cavalheiresca.

Mr. Morris retomou a discussão:

— Como não há tempo a perder, meu voto é para que demos uma olhada em sua casa agora mesmo. O tempo é tudo quando se lida com ele, e uma ação rápida de nossa parte pode salvar uma outra vítima.

Confesso que comecei a vacilar quando a hora de entrar em ação se fez tão próxima, mas eu nada disse, pois temia ainda mais que, se parecesse um estorvo ou um obstáculo ao trabalho deles, talvez chegassem a me excluir por completo de suas reuniões. Foram para Carfax agora, com o intuito de entrar na casa.

Como homens que são, disseram-me que fosse para a cama dormir. Como se uma mulher pudesse dormir quando aqueles a quem ama correm perigo! Vou me deitar e fingir que estou dormindo, para que Jonathan não se sinta ainda mais ansioso ao voltar para casa.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

1º de outubro, quatro horas da madrugada — Quando estávamos prestes a sair, recebi uma mensagem urgente enviada por Renfield, perguntando-me se eu poderia vê-lo imediatamente, pois ele tinha algo de suma importância para me dizer. Falei ao mensageiro que atenderia a seu desejo pela manhã: no momento, estava ocupado. O assistente acrescentou:

— Ele foi muito insistente, doutor. Nunca o vi tão ansioso. Receio que, se o senhor não for vê-lo agora, ele acabe tendo um de seus acessos de violência.

Eu sabia que o homem não teria dito isso sem motivos, de modo que cedi:

— Está bem, irei imediatamente.

Pedi aos outros que esperassem alguns minutos por mim, pois tinha que ir ver meu "paciente".

— Leve-me com você, amigo John — disse o professor. — O caso relatado em seu diário interessa-me bastante e tem relações aqui e ali com o *nosso* caso também. Gostaria muito de vê-lo, sobretudo quando sua mente está agitada.

— Posso ir também? — perguntou lorde Godalming.

— E eu? — pediu Quincey Morris

— Posso acompanhá-los? — perguntou Harker.

Fiz que sim, e seguimos juntos pelo corredor. Encontramos Renfield num estado de considerável excitação, mas muito mais racional em sua forma de falar e agir do que eu jamais vira. Havia uma pouco habitual compreensão de si mesmo, diferente de tudo o que eu até então encontrara nos loucos, e ele partia do pressuposto de que seus argumentos prevaleceriam sobre outros inteiramente sãos. Entramos os cinco em seu quarto, mas nenhum dos outros disse coisa alguma, a princípio. Seu pedido era o de que eu o libertasse imediatamente do hospício e o mandasse para casa. Justificou-se argumentando sua completa recuperação, apresentando a própria sanidade como prova.

— Faço um apelo a seus amigos — disse. — Eles talvez não se importem em participar do julgamento do meu caso. Aliás, o senhor não nos apresentou.

Eu estava tão surpreso que a estranheza de apresentar um louco num hospício não me ocorreu de imediato. Além disso, havia uma certa dignidade em seu comportamento, tão característica das pessoas normais, que fiz no mesmo instante as apresentações:

— Lorde Godalming; professor Van Helsing; Mr. Quincey Morris, do Texas; Mr. Jonathan Harker; e Mr. Renfield.

Ele os cumprimentou um a um, dizendo, sucessivamente:

— Lorde Godalming, tive a honra de substituir seu pai em Windham; lamento saber que ele se foi, o que posso presumir pelo fato de o senhor estar usando o título. Era um homem amado e respeitado por todos os que o conheciam; ouvi dizer que em sua juventude foi o inventor de um ponche flambado de rum, que ganhou muito prestígio na noite de Derby. Mr. Morris, o senhor deve ter orgulho de seu ilustre estado. O fato de ter sido recebido na União foi um precedente que talvez venha a ter efeitos de longo alcance mais tarde, quando o Polo e os Trópicos fizerem aliança com as Estrelas e as Listras. A força do Tratado talvez venha a se mostrar significativa para a ampliação do território norte-americano, quando a doutrina Monroe ocupar seu lugar genuíno como fábula política. O que pode um homem dizer acerca de sua satisfação ao conhecer Van Helsing? Meu senhor, não peço desculpas por deixar de lado todos os prefixos convencionais. Quando um indivíduo revolucionou a terapêutica com a descoberta da evolução contínua da massa cerebral, as formas convencionais de tratamento se tornam inadequadas, pois pareceriam limitá-lo a membro de uma classe. Aos senhores, cavalheiros, que por sua nacionalidade, por hereditariedade ou por possuírem dons naturais estão aptos a ocupar seus respectivos lugares no mundo em movimento, solicito que testemunhem minha sanidade, igual pelo menos à da maioria dos homens que estão em total posse de suas liberdades. E estou certo de que o senhor, dr. Seward, filantropo e médico-jurista, bem como cientista, há de considerar um dever moral tratar-me como alguém sob circunstâncias excepcionais — ele fez este último apelo com um ar cortês de convicção não totalmente desprovido de charme.

Creio que todos nós ficamos desconcertados. Eu, de minha parte, tinha a convicção de que sua sanidade mental encontrava-se restabelecida, a

despeito do que sabia acerca de sua personalidade e história. Senti um forte impulso de lhe dizer que estava satisfeito quanto à sua sanidade e que averiguaria quais as formalidades necessárias para libertá-lo pela manhã. Achei melhor esperar, porém, antes de fazer uma declaração tão importante, pois já não eram novidade as mudanças súbitas às quais aquele paciente em particular era suscetível. Então, contentei-me em fazer uma declaração mais genérica, dizendo-lhe que ele parecia estar melhorando muito rápido, que eu teria uma conversa mais longa com ele pela manhã e que faria o possível no sentido de atender aos seus desejos. Isso não o satisfez em absoluto, pois logo em seguida ele disse:

— Mas eu temo, dr. Seward, que o senhor mal compreenda os meus desejos. Quero sair logo, agora, de imediato, neste exato momento se possível. O tempo urge, e, em nosso acordo implícito com a velha Ceifeira, é a essência do contrato. Tenho certeza de que basta colocar diante de um médico tão admirável quanto o dr. Seward um desejo tão simples, e no entanto tão significativo, para garantir que seja atendido.

Lançou-me um olhar penetrante, e, vendo a negativa em meu rosto, voltou-se para os outros, estudando-os de perto. Não encontrando respostas suficientes, prosseguiu:

— É possível que eu tenha me enganado em minha suposição?

— Enganou-se — disse eu com franqueza, mas ao mesmo tempo, ao que me pareceu, com brutalidade.

Fez-se uma pausa considerável, após a qual ele disse, devagar:

— Creio então que devo modificar a natureza do meu pedido. Solicito-lhe uma concessão, ou um favor, um privilégio, como quiser. Devo implorar-lhe neste caso, não somente por motivos pessoais, mas pelo bem de outros. Não posso lhe revelar na íntegra meus motivos, mas o senhor pode ter certeza de que são bons, altruístas e justos, e que advêm do mais alto senso de justiça. Se o senhor pudesse olhar dentro do meu coração, doutor, haveria de aprovar totalmente os sentimentos que me movem. Não, mais do que isso: o senhor me teria como um de seus maiores e mais fiéis amigos.

Mais uma vez ele nos lançou uma olhar penetrante. Crescia em mim a convicção de que aquela súbita mudança de seu método intelectual não era mais do que uma outra forma ou fase de sua loucura, então resolvi deixar que ele seguisse um pouco adiante, sabendo, por experiência, que ele acabaria se traindo no fim, como todos os loucos. Van Helsing olhava-o

fixamente e com enorme intensidade, suas sobrancelhas espessas quase se encontrando devido ao esforço de concentração. Ele disse a Renfield, num tom que não me surpreendeu naquele momento, mas somente quando pensei a respeito mais tarde — pois era o tom de quem se dirigia a um de seus pares:

— Não pode dizer com franqueza seu verdadeiro motivo para querer estar livre esta noite? Asseguro-lhe que se chegar a satisfazer a mim, um desconhecido, sem preconceitos e habituado a manter uma mente aberta, o dr. Seward há de lhe conceder o privilégio que solicita, assumindo todos os riscos e responsabilidades.

Ele meneou a cabeça tristemente e com uma expressão de pungente desapontamento no rosto. O professor prosseguiu:

— Vamos lá, meu senhor. Reflita. O senhor diz estar em posse do privilégio da razão em seu mais alto nível, já que busca impressionar-nos com sua absoluta racionalidade. Faz isso, mas temos motivos para duvidar de sua sanidade, já que ainda não recebeu alta do tratamento médico a que está submetido por essa exata insuficiência. Se não nos ajudar em nosso esforço para escolher o melhor caminho, como poderemos cumprir a tarefa que o senhor mesmo nos colocou nas mãos? Seja sábio e nos ajude. E, se pudermos, vamos ajudá-lo a realizar seus desejos.

Ele voltou a menear a cabeça e disse:

— Dr. Van Helsing, nada tenho a dizer. Seu argumento é perfeito, e se eu tivesse liberdade para falar não hesitaria um instante sequer, mas não sou dono dos meus próprios passos. Só o que posso lhes pedir é que confiem em mim. Se me recusarem esse pedido, a responsabilidade não será minha.

Achei que já estava na hora de encerrar aquela cena, que estava assumindo uma gravidade demasiada e cômica, então me dirigi à porta, dizendo apenas:

— Venham, meus amigos, temos trabalho a fazer. Boa noite.

Quando me aproximei da porta, no entanto, uma nova mudança ocorreu no paciente. Foi até onde eu estava com tamanha rapidez que por um instante temi que estivesse prestes a fazer um novo ataque homicida. Meus temores eram infundados, porém, pois ele ergueu as duas mãos de forma suplicante e fez seu pedido de maneira comovente. Quando viu que seu excesso de emoção estava depondo contra ele, ao nos recordar nossas antigas relações, começou a demonstrá-las ainda mais. Lancei um rápido olhar para Van Helsing e vi minha convicção refletida em seus olhos, de

modo que me tornei mais resoluto, se não mais severo, e fiz ao paciente um sinal indicando-lhe que seus esforços eram inúteis. Eu já vira anteriormente algo daquela mesma excitação crescente nele quando queria fazer algum pedido sobre o qual, na época, refletira muito. Por exemplo, quando me pedira um gato. Estava preparado para vê-lo sucumbir à mesma tristonha aquiescência. Minhas expectativas, porém, não se cumpriram: ao ver que seu apelo não teria sucesso, tornou-se frenético. Caiu de joelhos, erguendo as mãos num gesto implorante, e despejou uma torrente de súplicas enquanto as lágrimas lhe rolavam pela face e todo o seu rosto expressava a mais profunda emoção.

— Rogo-lhe, dr. Seward, ah, imploro-lhe, deixe-me sair imediatamente desta casa! Mande-me embora como quiser e para onde quiser, mande-me acompanhado de guardas com chicotes e correntes; que me levem numa camisa de força, algemado e agrilhoado nas pernas, até mesmo para a cadeia, mas deixe que eu vá embora daqui. O senhor não sabe o que está fazendo ao me manter aqui. Estou lhe falando do fundo do meu coração, da minha alma. O senhor não sabe a quem está fazendo mal, e eu não posso lhe dizer. Que desgraça a minha! Não posso lhe dizer. Por tudo aquilo que lhe é mais sagrado, por tudo o que lhe é mais querido, por seu amor perdido e por sua esperança que ainda vive, em nome do Todo-Poderoso, leve-me daqui e livre minha alma da culpa! Não está me ouvindo, homem? Não compreende? Será que jamais vai aprender? Não sabe que estou são agora e que digo a verdade; que não sou um lunático num acesso de loucura, mas um homem são lutando por sua alma? Ah, ouça-me! Ouça-me! Deixe-me ir! Deixe-me ir! Deixe-me ir!

Achei que, quanto mais aquilo se prolongasse, mais exaltado ele haveria de se tornar e acabaria tendo mesmo um ataque; peguei-o pela mão, então, e o ergui.

— Venha — eu disse, severamente. — E basta disso. Já vimos o suficiente. Vá para a cama e tente se comportar de maneira mais discreta.

De súbito, ele parou e me olhou intensamente por um longo instante. Então, sem uma palavra, levantou-se e foi até a cama, sentando-se na beirada. Chegara a prostração, como da outra vez, exatamente conforme eu previra.

Quando eu estava saindo do quarto, o último do grupo, ele me disse, num tom de voz calmo e polido:

— Estou certo de que o senhor me fará justiça, dr. Seward, não se esquecendo, mais tarde, de que fiz o possível para convencê-lo esta noite.

Capítulo 19

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER

1º de outubro, cinco horas da madrugada — Saí com os outros para a busca despreocupado, pois acho que jamais vi Mina tão bem e tão forte. Fico feliz por ela ter consentido em ficar e deixar que nós, homens, fizéssemos o trabalho. Por algum motivo, apavorava-me a ideia de que ela estivesse envolvida em toda essa história assustadora; mas agora que seu trabalho está concluído, e que graças à sua energia, à sua inteligência e à sua providência tudo foi organizado de modo que os menores detalhes façam sentido, ela pode muito bem dar sua parte por encerrada e deixar tudo por nossa conta, daqui por diante. Creio que ficamos um pouco aborrecidos com a cena de Mr. Renfield. Quando saímos de seu quarto, ficamos em silêncio até voltarmos ao escritório. Então, Mr. Morris disse ao dr. Seward:

— Puxa, Jack, se aquele homem não estava blefando, ele é o maluco mais lúcido que já vi. Não tenho certeza, mas acho que ele tinha algum objetivo sério. Se isso era verdade, foi bastante duro não conseguir uma chance.

Lorde Godalming e eu ficamos em silêncio, mas o dr. Van Helsing acrescentou:

— Amigo John, você entende mais de loucos do que eu, e fico feliz com isso, pois temo que, se a decisão fosse minha, eu o teria libertado antes do último acesso histérico. Vivendo e aprendendo! Em nossa presente tarefa, não podemos brincar com a sorte, como diria meu amigo Quincey. É melhor que tudo fique como está.

O dr. Seward pareceu responder a ambos de forma um tanto quanto vaga:

— Tudo o que posso dizer é que concordo. Caso se tratasse de um louco igual aos outros, eu teria corrido o risco de confiar nele, mas ele me parece tão ligado ao conde, e de forma tão óbvia, que receio estar agindo mal ao ajudá-lo em seus caprichos. Não posso me esquecer de como ele implorou quase com o mesmo fervor por um gato, e depois tentou rasgar minha garganta com os dentes. Além disso, ele chama o conde de seu “Amo e Senhor”, e talvez queira sair para ajudá-lo de alguma forma diabólica.

Esse terrível ser conta com a ajuda dos lobos e das ratazanas e de seus semelhantes; suponho que seja capaz de tentar usar até mesmo um respeitável louco. Renfield, contudo, pareceu sincero. Só espero que tenhamos feito o certo. Essas coisas, junto com o trabalho horrível que temos em nossas mãos, podem ter consequências sobre nossos nervos.

O professor se adiantou, e, colocando a mão sobre seu ombro, disse, do modo grave e gentil que lhe era característico:

— Amigo John, não tenha medo. Estamos tentando cumprir com nosso dever num caso bastante triste e terrível. Só podemos agir da maneira que julgamos ser a melhor. O que mais podemos esperar, exceto a piedade do bom Deus?

Lorde Godalming se ausentara por alguns minutos e agora retornava. Mostrou-nos um pequeno apito de prata ao dizer:

— Aquele lugar talvez esteja cheio de ratazanas. Se for assim, tenho um antídoto à mão.

Depois de pular o muro, caminhamos até a casa, tomando o cuidado de nos esconder nas sombras das árvores quando o luar iluminava o gramado. Quando chegamos ao pórtico, o professor abriu sua valise e tirou de lá uma série de coisas, que colocou sobre o degrau, organizadas em quatro pequenos grupos — para dar a cada um de nós, evidentemente. Disse, então:

— Meus amigos, estamos prestes a enfrentar um perigo terrível e precisamos de armas de muitos tipos. Nosso inimigo não é apenas espiritual. Lembrem-se de que ele tem a força de vinte homens e de que, embora nossos pescoços ou traqueias sejam do tipo comum, ou seja, embora possam ser quebrados ou esmagados, os dele não são suscetíveis à simples força física. Um homem mais forte pode às vezes contê-lo, ou um grupo de homens mais fortes do que ele, mas não seria capaz de feri-lo como ele pode nos ferir. Devemos, portanto, evitar seu contato. Guardem isto junto ao peito — apanhou um pequeno crucifixo de prata e o entregou a mim, que era o mais próximo. — Coloquem estas flores em volta do pescoço — e me deu uma grinalda de flores de alho secas. — Para outros inimigos mais mundanos, este revólver e esta faca. E para nos ajudar, estas pequenas lanternas elétricas, que podem prender junto ao peito. Por fim, para todas as circunstâncias e acima de tudo, algo que não devemos profanar inutilmente.

Era uma parte da hóstia, que ele pôs dentro de um envelope e me entregou. Todos os outros foram equipados da mesma maneira.

— Agora — disse ele —, amigo John, onde estão as chaves mestras? Se pudermos abrir a porta, não precisaremos entrar na casa pela janela, como fizemos antes na casa de Miss Lucy.

O dr. Seward experimentou uma ou duas das chaves mestras, ajudado por sua destreza manual de cirurgião. Pouco depois, encontrou uma adequada; após algumas tentativas com a chave dentro da fechadura, esta cedeu e se abriu com um tinido. Empurramos a porta, e as dobradiças enferrujadas rangeram enquanto ela se abria devagar. Foi aterrorizante como a imagem que fiz da abertura do túmulo de Miss Westenra, a partir do que o dr. Seward escreveu em seu diário. Creio que os outros tiveram a mesma impressão, pois todos recuamos juntos. O professor foi o primeiro a se adiantar e entrou pela porta aberta.

— *In manus tuas, Domine!* — disse ele, persignando-se ao cruzar a soleira. Fechamos a porta atrás de nós, a fim de não chamar a atenção de pessoas na rua ao acender nossas lanternas. O professor certificou-se de que a porta estava destrancada, para garantir que poderíamos abri-la de dentro caso estivéssemos saindo às pressas. Todos acendemos então nossas lanternas e demos início à busca.

A luz das pequenas lanternas nos revelava todos os tipos de formas estranhas enquanto os raios se entrecruzavam, e a opacidade de nossos corpos projetava sombras enormes. Eu não conseguia me livrar da sensação de que havia mais alguém entre nós. Possivelmente eram as memórias de minha terrível experiência na Transilvânia, reavivadas com intensidade por aquele ambiente soturno. Creio que todos compartilhávamos esse sentimento, pois notei que os outros olhavam para trás, por sobre seus ombros, a cada ruído ou a cada nova sombra que surgia, como eu próprio sabia estar fazendo.

A casa estava inteiramente recoberta de poeira. Sobre o chão, parecia haver uma camada de alguns centímetros, mas notamos pegadas recentes. Iluminando-as com minha lanterna, pude ver marcas de botas ferradas sobre a camada de poeira. A superfície das paredes estava macia e pesada de poeira, e nos cantos havia uma grande quantidade de teias de aranha, sobre as quais a poeira se acumulara até deixá-las com o aspecto de trapos velhos e esfarrapados, já que o peso rasgara-as aqui e ali. Sobre uma mesa do vestíbulo, havia um grande molho de chaves, cada uma delas com uma

etiqueta amarelada pelo tempo. Haviam sido usadas muitas vezes, pois na mesa havia diversas marcas sobre a poeira, similares à que foi revelada pelo professor ao erguê-las. Ele se virou para mim e disse:

— Você conhece esta casa, Jonathan. Copiou plantas daqui, e conhece-a pelo menos melhor do que nós. Qual é o caminho para a capela?

Eu tinha uma ideia da direção, embora em minha visita anterior não tivesse obtido acesso a ela. Portanto, fui na frente e, após algumas tentativas equivocadas, deparei-me com uma porta baixa, em arco, de carvalho e ferro.

— Este é o local — disse o professor, iluminando com sua lanterna uma pequena planta da casa, copiada do arquivo de minha correspondência original relativa à compra da propriedade. Com alguma dificuldade, encontramos a chave no molho e abrimos a porta. Estávamos preparados para encontrar algo desagradável, pois quando começamos a abri-la um ar malcheiroso e opressivo parecia exalar-se pela fresta, mas nenhum de nós imaginou um odor como aquele. Os outros jamais haviam se encontrado com o conde em local fechado, e quando eu o vira ele estava no período de jejum, em seus aposentos, ou então, quando estava empanturrado de sangue fresco, numa construção em ruínas, onde o ar fresco entrava. Aquele lugar, porém, era pequeno e fechado, e o longo desuso tornara o ar estagnado e fétido. Havia um cheiro de terra, como o de algum miasma seco, que nos chegava através do ar viciado. Mas quanto ao odor em si, como descrevê-lo? Não era composto apenas por todos os males da mortalidade e pelo cheiro acre e pungente do sangue, mas nos causava a impressão de que a própria decomposição se havia decomposto. Argh! Enoja-me lembrar dele. Cada expiração daquele monstro parecia ter ficado impregnada naquele lugar e aumentado sua repugnância.

Sob circunstâncias normais, um fedor daqueles teria posto um fim à nossa empresa, mas não se tratava de um caso comum, e os objetivos elevados e terríveis que nos moviam nos conferiam uma força superior às meras considerações de ordem física. Depois de termos involuntariamente recuado após o primeiro bafo nauseabundo, fomos todos fazer o nosso trabalho como se aquele lugar repugnante fosse um jardim de rosas.

Examinamos detalhadamente o local. O professor disse, ao começarmos:

— A primeira coisa a fazer é ver quantas caixas restaram. Temos que examinar cada buraco, cada canto e cada fresta em busca de pistas sobre o

que foi feito do resto.

Um olhar ao redor foi suficiente para nos mostrar quantas havia, pois aquelas caixas de terra eram enormes, e não havia como confundi-las.

Só tinham restado 29 das cinquenta! Num dado momento, assustei-me, pois, vendo lorde Godalming subitamente se virar e olhar na direção do corredor escuro, imitei-o, e por um instante meu coração parou. Em algum lugar, espreitando em meio às sombras, pareceu-me ver o rosto pálido e malévolo do conde — o nariz protuberante, os olhos vermelhos, os lábios vermelhos, a palidez medonha. Foi somente por um instante, pois quando lorde Godalming disse “Pensei ter visto um rosto, mas eram só as sombras”, e voltou a examinar a capela, apontei minha lanterna naquela direção e fui até o corredor. Não havia sinal de ninguém. E como não havia ângulos, portas ou aberturas de qualquer tipo, mas apenas as paredes sólidas do corredor, não era possível que mesmo *ele* se escondesse ali. Concluí que o medo trabalhara junto com a imaginação, e nada disse.

Alguns minutos mais tarde, vi Morris recuar subitamente de um canto que estava examinando. Todos nós seguimos seus movimentos com os olhos, pois sem dúvida sentíamos um crescente nervosismo, e vimos uma multidão de fosforescências que piscavam como estrelas. Instintivamente recuamos. Ratazanas estavam invadindo a capela.

Por alguns instantes ficamos estarrecidos, todos nós, exceto lorde Godalming, que aparentemente estava preparado para uma emergência daquelas. Correndo até a grande porta de carvalho e ferro que o dr. Seward descrevera do lado de fora e que eu próprio vira, girou a chave na fechadura, abriu os ferrolhos e escancarou a porta. Então, pegando o apito de prata no bolso, soprou, produzindo um som baixo e penetrante. Latidos de cães nos chegaram como resposta, de algum lugar para além da casa do dr. Seward. Cerca de um minuto depois, três *terriers* chegaram como flechas pela lateral da casa. Inconscientemente, todos nos encaminhamos para a porta; ao fazê-lo, notei que havia muitas marcas sobre a poeira: os caixotes removidos tinham sido levados por ali. Mesmo no intervalo de um minuto, porém, as ratazanas haviam aumentado bastante de número. Pareciam pulular na capela todas ao mesmo tempo, até que a luz das lanternas, brilhando sobre seus corpos e refletindo-se em seus olhos reluzentes e malignos, fez com que aquele lugar mais parecesse um barranco cheio de vaga-lumes. Os cães corriam, mas ao chegar à soleira da porta subitamente pararam e farejaram; em seguida, levantaram ao mesmo

tempo os focinhos e começaram a uivar de forma lúgubre. As ratazanas se multiplicavam aos milhares, e tivemos que sair da capela.

Lorde Godalming levantou um dos cães e, carregando-o para dentro, colocou-o no chão. No instante em que suas patas tocaram o solo, ele pareceu recobrar sua coragem e correu atrás de seus inimigos naturais. As ratazanas fugiram dele tão depressa que só conseguiu dar cabo de algumas, e os outros cães, trazidos da mesma forma, só chegaram a apanhar umas poucas antes que toda a multidão desaparecesse.

Ao saírem, foi como se alguma presença maligna partisse também, pois os cães brincavam dando saltos e latiam alegremente enquanto se lançavam sobre seus inimigos abatidos, revirando-os e lançando-os no ar com sacudidelas perversas. Aparentemente, todos nos sentíamos mais leves. Se isso se devia à purificação da atmosfera mortífera da capela com a abertura da porta, ou se era o alívio de estar novamente fora da casa, não sei dizer. Era certo, porém, que a sombra do temor parecia ter escorregado para longe como se fosse um manto, e nossa ida até Carfax perdeu algo de seu significado sinistro, embora nós não tenhamos afrouxado um milímetro em nossa determinação. Fechamos a porta externa, passamos os ferrolhos e a trancamos. Levando os cães conosco, começamos a fazer a busca pela casa. Nada encontramos em parte alguma, exceto poeira em quantidades extraordinárias, toda ela intocada a não ser pelas marcas dos meus próprios passos quando fiz minha primeira visita. Nem uma única vez, os cães demonstraram qualquer inquietude e, mesmo quando voltamos à capela, eles saltitavam, brincalhões, como se tivessem andado caçando coelhos num bosque, durante o verão.

A alvorada se insinuava a leste quando saímos pela porta da frente. O dr. Van Helsing tirara do molho a chave da porta, trancando-a da forma ortodoxa e colocando em seguida a chave em seu bolso.

— Até aqui — disse ele —, nossa noite foi eminentemente bem-sucedida. Nenhum mal nos aconteceu, entre os muitos que eu temia, e conseguimos descobrir quantas caixas estão faltando. Acima de tudo, alegro-me com o fato de que este primeiro passo, talvez o mais difícil e mais perigoso, tenha sido dado sem a necessidade de envolver a adorável madame Mina, ou de perturbar seus pensamentos, em sonho ou quando acordada, com cenas e sons e cheiros de horror de que ela talvez jamais se esquecesse. Também aprendemos uma lição, se for permitido argumentar *a particulari*: que os animais a serviço do conde não são suscetíveis ao seu

poder espiritual. Essas ratazanas, por exemplo. Atenderam ao seu chamado, do mesmo modo que os lobos, que ele invocou do alto de seu castelo quando você quis sair e quando aquela pobre mãe surgiu aos prantos. Mas, embora venham a ele, saem correndo feito doidas dos cãezinhos do meu amigo Arthur. Temos outras questões diante de nós, outros perigos, outros medos. E esta não foi a única ou a última vez que esse monstro usou seu poder sobre o mundo dos animais inferiores. Parece que foi embora para outro lugar; ótimo, que seja assim! Deu-nos a oportunidade de colocá-lo em xeque, de algumas formas, nesse jogo de xadrez do qual participamos pelo bem das almas dos homens. E agora vamos para casa. A alvorada se aproxima, e temos motivos para ficar satisfeitos com nossa primeira noite de trabalho. Talvez estejamos fadados a passar ainda por muitas noites e muitos dias cheios de perigo, mas temos que seguir em frente, e perigo algum nos fará retroceder!

A casa estava em silêncio quando voltamos, exceto por algum pobre coitado que gritava numa ala distante e pelo som baixo e queixoso que vinha do quarto de Renfield. O pobre infeliz com certeza estava se torturando, à maneira dos loucos, com pensamentos dolorosos e desnecessários.

Fui nas pontas dos pés até nossos aposentos e encontrei Mina adormecida, respirando tão suavemente que precisei encostar o ouvido em seu rosto para escutá-la. Parecia mais pálida do que o usual. Espero que nossa reunião de hoje à noite não a tenha perturbado. Estou sinceramente grato por estar excluída de nosso trabalho futuro, ou mesmo de nossas deliberações. É tensão demasiada para uma mulher. Eu não pensava dessa forma no início, mas mudei de opinião. Assim sendo, fico feliz que tenhamos tomado essa decisão. Ela talvez fosse se assustar ao ouvir certas coisas; fazer segredo, porém, pode ser pior do que lhe contar de imediato, caso ela suspeite que lhe estamos escondendo algo. Daqui em diante, nosso trabalho será um livro lacrado para ela, pelo menos até o momento em que lhe possamos dizer que tudo está terminado e a Terra, livre de um monstro do mundo inferior. Devo confessar que será difícil começar a fazer segredo sobre um assunto, dada a confiança que depositamos um no outro, mas tenho que manter minha determinação. Amanhã, nada direi sobre o que fizemos hoje à noite. Vou me recusar a fazer quaisquer comentários. Deito-me no sofá, para não a incomodar.

1º de outubro, mais tarde — Todos nós dormimos demais, e talvez isso seja natural, pois tivemos um dia cheio e nenhum descanso à noite. Até mesmo Mina deve ter se sentido exausta, pois, embora eu tenha dormido até o sol estar alto no céu, acordei antes dela e tive que a chamar duas ou três vezes para fazê-la despertar. Ela de fato dormia tão profundamente que por alguns segundos não me reconheceu e me olhou com uma espécie de terror, como se acordasse em meio a um pesadelo. Reclamou um pouco do cansaço, e eu a deixei descansar até mais tarde.

Sabemos agora que 21 caixas foram retiradas e, se várias delas tiverem sido levadas de uma vez, talvez possamos localizar todas elas — o que simplificaria imensamente nosso trabalho. Quanto mais cedo tratarmos disso, melhor. Vou procurar por Thomas Snelling hoje.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

1º de outubro — Por volta do meio-dia, o professor me acordou, entrando em meu quarto. Estava mais alegre e bem-disposto do que o habitual, e é óbvio que o trabalho feito ontem à noite ajudou a tirar-lhe algum peso da mente. Depois de discutir nossa aventura noturna, ele subitamente disse:

— Seu paciente me interessa muito. Posso visitá-lo esta manhã com você? Ou, caso você esteja muito ocupado, posso ir sozinho, se necessário. É uma experiência nova para mim encontrar um louco que discorre sobre filosofia e raciocina com tanta lógica.

Eu tinha trabalhos urgentes a fazer. Disse-lhe, portanto, que ficaria feliz se ele fosse sozinho, pois assim não teria que o fazer esperar. Chamei um assistente e lhe dei as instruções necessárias. Antes que o professor saísse do quarto, adverti-o sobre as falsas impressões que meu paciente podia causar.

— O que quero — disse ele — é fazê-lo falar sobre si mesmo e sobre os delírios que o levavam a consumir seres vivos. Ele disse a madame Mina, como li nas anotações que você fez ontem em seu diário, que em certa época foi movido por crenças nesse sentido. Por que sorri, amigo John?

— Perdoe-me — disse eu —, mas a resposta está aqui — coloquei a mão sobre os papéis datilografados. — Quando nosso louco são e instruído declarou que costumava comer seres vivos, sua boca ainda guardava o cheiro das moscas e aranhas que ele engolira pouco antes de Mrs. Harker entrar em seu quarto.

Van Helsing sorriu também.

— Ótimo! — disse ele. — Sua memória não falha, amigo John. Eu devia ter me lembrado. E, no entanto, é exatamente essa obliquidade de pensamento e memória que faz das doenças mentais um estudo tão fascinante. Talvez eu consiga adquirir mais conhecimento com as bobagens faladas por esse homem do que com os ensinamentos dos mais distintos cientistas. Quem sabe?

Fui fazer meu trabalho e, em pouco tempo, concluí as coisas mais urgentes. Pareceu-me de fato ter demorado muito pouco, mas Van Helsing estava de volta ao meu escritório:

— Interrompo-o? — perguntou, com polidez, aguardando à porta.

— De modo algum — respondi. — Entre. Terminei meu trabalho e estou livre. Posso agora acompanhá-lo, se quiser.

— Não é necessário. Já fui vê-lo.

— E então?

— Receio que ele não me tenha em grande estima. Nossa conversa foi breve. Quando entrei em seu quarto, ele estava sentado num banco, bem no centro, os cotovelos apoiados nos joelhos. Seu rosto era um retrato do mais profundo descontentamento. Falei com ele da forma mais alegre possível e com todo o respeito. Não recebi qualquer resposta. “O senhor não me conhece?”, perguntei. Sua resposta não foi muito cordial: “Conheço-o muito bem. O senhor é o velho e tolo Van Helsing. Gostaria que levasse a si

mesmo e às suas teorias idiotas sobre o cérebro para outro lugar. Aos diabos com todos os holandeses estúpidos!” Não disse mais uma única palavra e sentou-se num mau humor implacável, tão indiferente à minha presença que era como se eu não estivesse ali. Assim se foi esta chance de aprender com um louco tão inteligente. Se puder, irei me alegrar um pouco trocando algumas palavras com nossa boa madame Mina. Amigo John, sinto uma alegria indizível por ela não estar mais envolvida em nossa terrível missão. Embora venhamos a sentir muita falta de sua ajuda, é melhor assim.

— Concordo sinceramente com o senhor — disse eu, e falava a verdade. Não queria que ele cedesse naquela questão. — É melhor para Mrs. Harker ficar fora disso. As coisas já estão ruins o suficiente para nós, homens viajados, que passamos por várias situações difíceis ao longo da vida. Não é trabalho para uma mulher. Se ela continuasse envolvida com o caso, acabaria se abatendo terrivelmente, com o passar do tempo.

Assim, Van Helsing saiu para falar com Mrs. Harker e seu marido. Quincey e Art estão fora, vendo se conseguem localizar os caixotes de terra. Vou terminar a visita dos pacientes e todos poderemos nos encontrar à noite.

DIÁRIO DE MINA HARKER

1º de outubro — É tão estranho ter que ficar no escuro, como estou hoje, e, após a total confiança de Jonathan ao longo de tantos anos, vê-lo

deliberadamente evitando certos assuntos, sobretudo os mais importantes. Esta manhã acordei tarde, após a exaustão de ontem, e Jonathan também, embora tenha se levantado antes de mim. Falou comigo antes de sair e foi mais carinhoso e terno do que nunca, mas não disse uma palavra sobre o que aconteceu durante a visita à casa do conde. E, no entanto, devia saber quão ansiosa eu estava. Pobre querido! Creio que isso deve tê-lo angustiado mais do que a mim. Todos concordaram que o melhor era não me envolver ainda mais nesse trabalho apavorante, e eu aquiesci. Pensar, porém, que ele me esconde algo! E agora estou chorando como uma boboca, quando *sei* que tudo se deve ao enorme amor que meu marido tem por mim e às ótimas intenções daqueles outros homens tão corajosos.

Isso me fez bem. Jonathan há de me contar tudo algum dia; e, para que ele não pense por um momento sequer que estou lhe escondendo algo, vou continuar escrevendo em meu diário, como de hábito. Então, se ele desconfiar de minha sinceridade, poderei mostrar-lhe o que escrevi — cada pensamento meu posto no papel para que seus adorados olhos leiam. Sinto-me estranhamente triste e deprimida, hoje. Creio que seja consequência de toda essa terrível agitação.

Ontem à noite, fui me deitar depois que os homens saíram, simplesmente porque eles me disseram que o fizesse. Não tinha sono, e a ansiedade me devorava. Não conseguia parar de pensar em tudo o que acontecera desde que Jonathan viera me ver em Londres, e essa história me parece uma horrível tragédia em que o destino conduz tudo de forma inexorável a um determinado fim. Tudo o que se faz, por mais correto que seja, me parece ter como consequência exatamente aquilo que se queria evitar. Se eu não tivesse ido a Whitby, talvez a pobre Lucy ainda estivesse conosco hoje. Ela não costumava visitar o adro da igreja antes da minha chegada, e, se não tivesse ido até lá comigo de dia, certamente não teria ido enquanto sonambulava. Não tendo ido até lá à noite, adormecida, aquele monstro não teria podido destruí-la como fez. Ah, por que fui a Whitby? E agora estou chorando de novo! Pergunto-me o que está acontecendo comigo hoje. Tenho que esconder tudo isso de Jonathan, pois se souber que tive duas crises de choro pela manhã — eu, que nunca choro sem motivos externos; eu, que ele nunca fez derramar uma lágrima —, isso iria deixá-lo preocupadíssimo. Vou colocar uma expressão confiante no rosto e, caso me sinta chorosa, ele não há de ver. Creio que essa é uma das lições que nós mulheres devemos aprender...

Não me lembro exatamente como adormeci, ontem à noite. Lembro-me de ter ouvido o súbito latido de cães e vários sons estranhos, como rezas de forma bastante desordenada, vindos do quarto de Mr. Renfield, que fica em algum ponto abaixo deste. E então o silêncio tomou conta de tudo, um silêncio tão profundo que me deixou alarmada, e fui até a janela. Tudo estava escuro e quieto. As sombras negras projetadas pela luz do luar pareciam cheias de um mistério próprio e silencioso. Nada parecia se mover, e tudo dava a impressão de estar soturno e parado como a morte ou o destino. Tanto que uma faixa delgada de neblina branca, que escorregava com lentidão quase imperceptível por sobre a grama, em direção à casa, parecia ter vida e consciência próprias. Creio que as digressões de meu pensamento devem ter me feito bem, pois, quando voltei para a cama, senti uma letargia apoderar-se de mim. Fiquei deitada por algum tempo, mas não conseguia pegar no sono, então fui até a janela e olhei para fora outra vez. A neblina estava se espalhando, e agora acercava-se da casa; eu podia vê-la espessa contra a parede, como se estivesse subindo até as janelas. O pobre homem gritava mais do que nunca, e, embora eu não conseguisse distinguir uma palavra do que dizia, podia reconhecer em seu tom alguma súplica desesperada. Ouvi então o som de embate físico, e sabia que eram os atendentes tentando contê-lo. Fiquei tão assustada que voltei para a cama e puxei os lençóis sobre a cabeça, colocando os dedos nos ouvidos. Não sentia sono algum, ou pelo menos era o que achava; mas devo ter adormecido, pois, à exceção de meus sonhos, não me lembro de mais nada até o momento em que Jonathan me acordou, pela manhã. Acho que precisei de certo tempo e esforço para me lembrar de onde estava, e que era Jonathan quem se inclinava sobre mim. Tive sonhos bastante peculiares e típicos dos momentos em que os pensamentos que temos quando estamos acordados se fundem com os sonhos, ou continuam neles.

Achei que estava dormindo e esperando que Jonathan voltasse. Estava muito ansiosa a seu respeito e não tinha o poder de tomar qualquer atitude; meus pés e minha mente pesavam, de modo que nada podia se dar com o ritmo habitual. Assim, eu dormia um sono agitado e pensava. Comecei a notar, então, que o ar estava pesado, e também úmido e frio. Tirei os lençóis que me cobriam o rosto e descobri, para minha surpresa, que tudo ao meu redor estava pálido e opaco. A luz de gás que eu deixara acesa para Jonathan, mas com a chama no mínimo, não era mais do que um tímido lampejo avermelhado em meio à neblina, que evidentemente se tornara

mais espessa e entrara no quarto. Ocorreu-me então que fechara a janela antes de ir para a cama. Teria me levantado para me certificar disso, mas uma terrível letargia parecia imobilizar meu corpo e até mesmo minha vontade. Fiquei deitada e resisti; foi tudo. Fechei os olhos, mas ainda podia ver através das pálpebras cerradas. (São incríveis os truques que operam nossos sonhos, e do modo mais conveniente que somos capazes de imaginar.) O nevoeiro se tornava mais espesso, e agora eu podia ver por onde entrava, pois era como uma nuvem de fumaça, ou como o vapor pálido da água fervendo: vinha não através da janela, mas pelas frestas da porta. Ficava cada vez mais espesso, até que pareceu se concentrar numa espécie de pilar de neblina, em cujo topo eu podia ver a luz de gás brilhando como um olho vermelho. Tudo começou a girar em minha mente do modo como a coluna de nuvem girava agora no quarto, e em meio a tudo lembrei-me das palavras da Escritura: “um pilar de nuvem durante o dia e um de fogo à noite”. Seria aquela de fato alguma ajuda espiritual que estivesse vindo a mim durante o sono? O pilar, contudo, se compunha tanto do aspecto noturno quanto do diurno, pois o fogo estava no olho vermelho, que, diante desse pensamento, começou a me fascinar — até que, enquanto eu olhava, o fogo se dividiu e pareceu brilhar sobre mim através da neblina como dois olhos vermelhos, iguais aos que Lucy me descreveu em sua momentânea divagação quando, no rochedo, o sol poente refletiu-se nas janelas da igreja de St. Mary. Subitamente, fui tomada pelo horror ao recordar que dessa forma, através de um redemoinho de poeira à luz da lua, Jonathan vira aquelas três odiosas mulheres se materializando. Devo ter desmaiado, no sonho, pois tudo se transformou em escuridão. O último esforço consciente de minha imaginação revelou-me uma face pálida curvando-se sobre mim, após surgir em meio ao nevoeiro. Tenho que tomar cuidado com sonhos desse tipo, pois são capazes de nos desequilibrar, se forem frequentes. Pediria ao dr. Van Helsing ou ao dr. Seward que me prescrevessem algo para dormir, mas temo alarmá-los. Um sonho desses, no momento presente, serviria para aumentar seus receios com relação a mim. Hoje à noite vou tentar dormir naturalmente. Se não conseguir, amanhã pedirei que me deem uma dose de cloral; não vai me fazer mal, se for apenas uma vez, e terei uma boa noite de sono. A noite passada me deixou mais cansada do que se eu tivesse ficado em claro.

2 de outubro, 22 horas — Na noite passada dormi, mas não sonhei. Deve ter sido um sono pesado, pois não acordei quando Jonathan veio para a cama; porém, o sono não me revigorou: hoje, sinto-me terrivelmente fraca e desanimada. Ontem passei o dia todo tentando ler, ou deitada, cochilando. À tarde, Mr. Renfield perguntou se poderia me ver. Pobre homem! Foi muito gentil, e quando me fui beijou-me a mão e pediu que Deus me abençoasse. De algum modo, isso me afetou muito; estou chorando ao pensar nele. Esta é uma nova fraqueza, com a qual preciso tomar cuidado. Jonathan ficaria arrasado se soubesse que andei chorando. Ele e os outros ficaram fora até a hora do jantar e chegaram cansados. Fiz o que pude para alegrá-los, e acho que o esforço me fez bem, pois esqueci quão cansada estava. Após o jantar, mandaram-me para a cama, e todos foram fumar juntos, conforme disseram, mas eu sabia que queriam contar um ao outro o que lhes ocorrera durante o dia. Pelo jeito de Jonathan, eu pude adivinhar que ele tinha algo de importante para relatar. Eu não sentia tanto sono quanto deveria; portanto, antes que eles saíssem, pedi ao dr. Seward que me desse algum tipo de soporífico, pois não havia dormido bem na noite passada. Muito gentilmente, ele me preparou uma dose, que me deu, dizendo que não faria mal algum, pois era muito suave... Tomei o soporífico e estou esperando pelo sono, que continua arredio. Espero não ter agido mal, pois, agora que o sono começa a chegar, me vem um novo temor: de que eu possa ter sido tola ao abrir mão da possibilidade de despertar. Talvez eu venha a querê-la. O sono chegou. Boa noite.

Capítulo 20

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER

1º de outubro, à noite — Encontrei Thomas Snelling em sua casa em Bethnal Green, mas infelizmente ele não estava em condições de se recordar de nada. A mera perspectiva de beber cerveja que lhe dera a minha visita revelou-se demasiada, e ele deu início cedo demais à sua orgia etílica. Sua esposa, porém, que me pareceu uma decente pobre coitada, disse-me que ele era apenas o assistente de Smollet, este, sim, o responsável pelos negócios. Fui então a Walworth, e encontrei Mr. Joseph Smollet em casa, em mangas de camisa, tomando um chá tardio num pires. Trata-se de um homem decente e inteligente, o tipo de trabalhador sério e confiável, e pensa por conta própria. Lembrava-se de tudo o que se referia ao episódio das caixas e, consultando um maravilhoso caderno cheio de orelhas, que tirou de algum lugar misterioso nos fundilhos de suas calças, e que tinha anotações em hieróglifos feitas com um lápis grosso e já meio apagadas, disse-me qual o destino das caixas. Havia seis, segundo ele, no carreto que ele levou de Carfax até o número 197 de Chicksand Street, em Mile End, New Town, e mais seis foram entregues em Jamaica Lane, Bermondsey. Se o conde pretendia espalhar esses seus refúgios medonhos por Londres, esses lugares foram os primeiros que escolheu, para que mais tarde pudesse fazer uma distribuição mais uniforme. A forma sistemática como isso foi feito me fez pensar que ele não podia ter a intenção de se confinar a dois extremos de Londres. Agora ele se estabelecera na extremidade leste da costa norte, no leste da costa sul e no próprio sul. O norte e o oeste com certeza não seriam excluídos de seu esquema diabólico, sem falar na cidade em si e no coração da Londres elegante, a sudeste e a oeste. Voltei a falar com Smollet e perguntei-lhe se poderia nos dizer se alguma das outras caixas havia sido levada de Carfax. Ele replicou:

— Bem, meu senhor, como me tratou bastante bem — eu lhe dera algum dinheiro —, vou contar tudo o que sei. Faz umas quatro noites que ouvi um homem chamado Bloxam dizer, no Hare and Hounds, em Pincher’s Alley, que ele e um colega tinham feito um trabalho bem poeirento numa

velha casa em Purfleet. Esse tipo de trabalho não é lá muito comum, e acho que talvez Sam Bloxam possa lhe dizer alguma coisa.

Perguntei-lhe se poderia me dizer onde encontrá-lo. Disse-lhe que, se me conseguisse o endereço do tal Bloxam, isso com certeza valeria mais alguns trocados. Ele engoliu o resto do chá e se pôs de pé, dizendo que começaria a procurar naquele exato instante. Já estava à porta quando parou e disse:

— Olhe, meu senhor, não faz sentido o senhor ficar esperando aqui. Pode ser que eu demore a achar o Sam, e é bem capaz que ele não esteja em condições de lhe dizer muita coisa hoje. Sam é um sujeito que fica esquisito quando começa a beber. Se o senhor puder me dar um envelope selado e escrever seu endereço nele, descubro onde pode achar o Sam e mando a informação hoje à noite, pelo correio. Mas é melhor o senhor ir falar com ele de manhã bem cedo, ou não vai chegar a tempo. Ele sai cedo de casa, não importa quanto tenha bebido na véspera.

Era muito prático, então uma das crianças saiu com um trocado para comprar um envelope e uma folha de papel — e para ficar com o troco. Quando voltou, enderecei o envelope e o selei. Após Smollet ter me prometido outra vez que enviaria o envelope com o endereço, assim que o encontrasse, voltei para casa. De qualquer modo, estamos seguindo o rastro. Estou cansado esta noite e quero dormir. Mina está profundamente adormecida e me parece um pouco pálida demais; a julgar por seus olhos, eu diria que andou chorando. Pobre coitada, não tenho dúvidas de que a atormenta o fato de não estar a par dos acontecimentos, e talvez ela fique duas vezes mais ansiosa quanto a mim e aos outros. É melhor assim, contudo. É melhor que fique desapontada e preocupada em sua ignorância do que perder por completo sua paz de espírito. Os dois médicos estavam corretíssimos ao insistir que ela ficasse fora de toda essa assustadora empresa. Preciso me manter firme, pois é sobre mim que recai o peso particular desse silêncio. Não devo sequer tocar no assunto com ela, sob quaisquer circunstâncias. Talvez não venha a ser uma tarefa difícil demais, afinal de contas, pois ela própria tornou-se reticente com relação a esse assunto e não falou do conde ou de seus feitos desde que lhe comunicamos nossa decisão.

2 de outubro — Um dia longo, exaustivo e empolgante. O primeiro correio me trouxe o envelope que eu mesmo selara, e dentro dele um pedaço sujo de papel, no qual estava escrito, com lápis de carpinteiro e numa caligrafia rude:

"Sam Bloxam, Korkrans, 4, Poter's Cort, Bartel Street, Walworth. Pergunte pelo carregado."

Quando recebi a carta, ainda estava na cama e me levantei sem acordar Mina. Ela parecia mole, sonolenta e pálida, e não estava nada bem. Decidi não a acordar e, ao retornar de mais uma busca, tomar providências para que ela voltasse a Exeter. Acho que ela ficaria mais feliz em nossa própria casa, envolvida em suas tarefas rotineiras, do que aqui, entre nós, e sem nada saber. Só vi o dr. Seward por um instante e lhe disse para onde ia, prometendo voltar e contar o resto assim que tivesse descoberto alguma coisa. Fui até Walworth e com alguma dificuldade descobri Potter's Court. A ortografia de Mr. Smollet me havia feito incorrer num erro, pois eu perguntara pela localização de Poter's Cort, e não de Potter's Court. Quando encontrei o local, porém, não foi difícil chegar até a casa de cômodos de Corcoran. Quando perguntei ao homem que chegou à porta pelo "carregado", ele meneou a cabeça, dizendo:

— Não conheço, não. Não tem ninguém com esse nome por aqui, nunca ouvi falar nele em toda minha vida. Acho que essa pessoa não mora aqui.

Peguei a carta de Smollet e, ao lê-la, pareceu-me que a aula de ortografia sobre o nome do lugar poderia me ajudar.

— E o senhor quem é?

— Sou o encarregado — respondeu-me.

Vi imediatamente que estava na pista correta; um erro de ortografia mais uma vez me levara a buscar o nome errado. Uma pequena gorjeta colocou os conhecimentos do encarregado a meu dispor, e descobri que Mr. Bloxam curara a embriaguez de cerveja durante a noite, ali na casa de cômodos, e saíra para o trabalho, em Poplar, às cinco da manhã. Ele não era capaz de me dizer onde era seu local de trabalho, mas tinha uma vaga ideia de que se tratava de algum "galpão bem moderno": tive que partir para Poplar com essa informação insuficiente. O meio-dia soou antes que eu tivesse conseguido qualquer indicação satisfatória de tal edifício, que finalmente obtive num café, onde alguns trabalhadores faziam sua refeição. Um deles declarou que estava sendo construído um frigorífico em Cross

Angel Street; como essa característica combinava com “galpão bem moderno”, dirigi-me imediatamente para o local. Conversas com um porteiro mal-humorado e com um gerente mais mal-humorado ainda, após ambos terem sido apaziguados com uma gorjeta, me colocaram na pista de Bloxam; mandaram chamá-lo, após eu ter sugerido que estava disposto a pagar o ordenado do dia ao gerente pelo privilégio de fazer-lhe algumas perguntas sobre um assunto particular. Ele era um sujeito esperto o suficiente, embora seus modos e sua fala fossem rudes. Quando prometi pagar-lhe por suas informações e lhe dei um adiantamento, ele me disse que tinha feito duas viagens entre Carfax e uma casa em Piccadilly, levando nove caixas no total — “muito pesadas, aliás” —, com um cavalo e uma carroça que alugou com esse propósito. Perguntei-lhe se poderia me dizer o número da casa em Piccadilly; ao que ele me respondeu:

— Bem, doutor, não lembro o número, mas era perto de uma igreja branca bem grande, ou qualquer coisa desse tipo, que foi construída não faz muito tempo. Também era uma casa velha e empoeirada, embora nem se comparasse àquela casa de onde tiramos as malditas caixas.

— Como o senhor entrou nas casas se ambas estavam vazias?

— O velho que me contratou estava esperando na casa velha em Purfleet. Ele me ajudou a carregar as caixas e colocar tudo na carroça. Puxa vida, era o sujeito mais forte que eu já vi, ainda mais porque era bem velhinho, de bigode branco, e tão magro que o senhor nem imaginaria que ele fosse capaz de projetar uma sombra.

Como essa frase me causou arrepios!

— Doutor, ele levantou o seu lado das caixas como se fosse um quilo de chá, e eu suando e bufando antes de conseguir fazer a minha parte. E olhe que não sou nenhum fracote!

— Como foi que o senhor entrou na casa em Piccadilly? — perguntei.

— Ele também estava lá. Deve ter saído bem rápido da outra e chegado lá antes de mim, porque quando toquei a campainha foi ele mesmo quem abriu a porta e me ajudou a levar as caixas para o vestíbulo.

— Todas nove?

— Sim, senhor. Da primeira vez levei cinco, e quatro da segunda. Foi um trabalho cansativo, de dar sede, e nem me lembro muito bem como é que voltei para casa.

Eu o interrompi:

— As caixas foram deixadas no vestíbulo?

— Sim, senhor. Era um bocado grande e sem móveis.

Insisti mais uma vez na questão das chaves:

— O senhor não tinha nenhuma chave?

— Não usei chaves nem nada. O velhinho abriu ele mesmo a porta e fechou depois que eu saí. Não me lembro como foi a última vez, mas isso foi por causa da cerveja.

— E não consegue se lembrar qual o número da casa?

— Não, senhor. Mas isso não vai ser difícil descobrir. Ela é bem alta, com a fachada de pedra e uma saliência na frente, e os degraus até a porta são altos também. Conheço bem esses degraus, porque afinal tive que carregar as caixas lá para cima, junto com uns três vagabundos que apareceram para ganhar um trocado. O velhinho deu a eles uma gorjeta alta, vários xelins, e eles então ficaram querendo mais. Mas o velho pegou um deles pelo ombro e quase jogou escada abaixo. Aí os outros foram embora depressa.

Achei que com aquela descrição poderia encontrar a casa. Então, tendo pagado a meu amigo por sua informação, dirigi-me a Piccadilly. Descobrira algo bastante desagradável: o conde era capaz, evidentemente, de carregar sozinho as caixas. Assim sendo, o tempo era precioso, pois agora que ele as distribuíra de modo razoável, poderia, por conta própria, terminar a tarefa sem ser visto. Em Piccadilly Circus, dispensei o cabriolé e fui caminhando na direção oeste. Depois da Junior Constitutional, cheguei à casa que me fora descrita, e fiquei satisfeito em saber que era o refúgio seguinte escolhido por Drácula. A casa parecia estar sem inquilinos há bastante tempo. As janelas estavam incrustadas de poeira e as venezianas, abertas. A construção estava negra com a passagem do tempo, e a pintura sobre o ferro já estava quase toda descascada. Podia-se ver que até bem pouco tempo atrás tinha havido uma grande tabuleta em frente à sacada, anunciando a casa, mas fora arrancada sem maiores cuidados. As escoras que a sustentavam ainda estavam ali. Por trás da grade da sacada, vi que havia algumas tábuas soltas, cujas extremidades pareciam brancas. Como eu queria ter podido ver a tabuleta intacta! Ela poderia fornecer alguma pista sobre o proprietário da casa. Lembrei-me de minha experiência na investigação e na compra de Carfax, e sentia que, se pudesse encontrar o antigo proprietário, talvez descobrisse algum meio de ter acesso à casa.

No momento, nada havia a investigar na frente da casa, em Piccadilly, e nada podia ser feito. Assim, dei a volta e passei pelos fundos, a fim de ver

se ali podia descobrir algo. As cocheiras estavam movimentadas, pois a maioria das casas em Piccadilly está ocupada. Perguntei a uns cavalariços e ajudantes que vi nos arredores se poderiam me dizer alguma coisa sobre a casa vazia. Um deles contou-me ter ouvido dizer que a casa havia sido comprada recentemente, mas não sabia de quem. Disse-me, porém, que até bem pouco tempo havia ali uma tabuleta dizendo “À venda”, e que talvez Mitchell, Sons & Candy, os agentes imobiliários, pudessem me informar; ele tinha a impressão de ter lido o nome da firma na tabuleta. Eu não queria parecer ansioso demais, para que meu informante não saísse tirando conclusões. Então, agradecendo-lhe da maneira habitual, fui-me embora. O sol já baixava no céu, e a noite de outono se aproximava, de modo que não perdi tempo. Descobrindo o endereço de Mitchell, Sons & Candy numa lista telefônica em Berkeley, cheguei logo ao escritório, em Sackville Street.

O cavalheiro que me recebeu foi particularmente gentil, mas reservado na mesma proporção. Disse-me que a casa em Piccadilly — que durante toda a nossa conversa chamou de “mansão” — fora vendida, e deu meu trabalho por encerrado. Quando lhe perguntei quem comprara, ele abriu um pouco mais os olhos e fez uma pequena pausa antes de responder:

— A propriedade foi vendida, meu senhor.

— Perdoe-me — disse eu, com a mesma polidez —, mas tenho motivos especiais para perguntar quem a comprou.

Novamente ele fez uma pausa, dessa vez mais longa, e alteou um pouco mais as sobrancelhas.

— Foi vendida, meu senhor. — Foi de novo sua lacônica resposta.

— É claro que o senhor não iria se importar em me dar essa informação — disse eu.

— Importo-me, sim — respondeu ele. — Os negócios dos clientes são 100% seguros nas mãos de Mitchell, Sons & Candy.

Tratava-se obviamente de um pedante de primeira, e seria inútil argumentar. Achei que o melhor era usar das mesmas armas e disse-lhe, então:

— Seus clientes, meu senhor, têm sorte de contar com tão firme guardião de sua confiança. Também eu sou um profissional — e estendi-lhe meu cartão. — Neste caso, o que me move não é a curiosidade; trabalho a serviço de lorde Godalming, que gostaria de saber um pouco mais sobre a propriedade que, como ouviu dizer, até recentemente estava à venda.

Essas palavras colocaram nossa conversa num outro patamar.

— Gostaria de atendê-lo, se pudesse, Mr. Harker, e sobretudo gostaria de atender ao seu cliente. Certa vez nos encarregamos do aluguel de alguns quartos para ele, quando ainda era o honorável Arthur Holmwood. Se o senhor me deixar o endereço dele, posso consultar a firma a respeito. E, qualquer que seja a resposta, comunico-me com lorde Godalming através do correio desta noite. Será um prazer se pudermos nos desviar tanto de nossas regras a fim de atender a um desejo seu.

Eu queria tê-lo como amigo, e não como inimigo. Agradeci-lhe, portanto, e lhe dei o endereço do dr. Seward, vindo-me embora em seguida. Já estava escuro, e eu, cansado e faminto. Tomei uma xícara de chá na Aërated Bread Company e vim para Purfleet no trem seguinte.

Encontrei todos os outros em casa. Mina parecia cansada e pálida, mas esforçava-se bravamente em dar a impressão de que estava alegre e animada. Partiu-me o coração pensar que tinha de lhe esconder tudo, e que assim causava-lhe aquela inquietude. Graças a Deus, esta será a última noite em que ela terá de observar de fora nossas reuniões e sentir a dor de nosso silêncio. Precisei de toda a minha coragem para mantê-la fora de nossa terrível tarefa. Ela parecia de certo modo mais resignada, ou então o próprio assunto tornou-se repugnante a seus olhos, pois estremece a qualquer alusão que fazemos. Fico feliz por termos tomado nossa decisão a tempo; no estado em que Mina se encontra, nossas descobertas seriam uma verdadeira tortura para ela.

Eu não poderia contar aos outros minhas descobertas daquele dia até que estivéssemos a *sós*. Portanto, após termos jantado — e ouvido um pouco de música, para manter as aparências até entre nós mesmos —, levei Mina para o quarto e deixei-a, para que fosse deitar-se. Minha pobre querida estava mais afetuosa comigo do que nunca e agarrou-se a mim como se quisesse me deter, mas havia muita coisa a discutir com os outros e deixei-a. Graças a Deus, o fato de termos parado de contar as coisas um ao outro não fez qualquer diferença entre nós.

Quando voltei ao andar inferior, encontrei os outros reunidos em torno da lareira, no escritório. No trem, eu anotara em meu diário os acontecimentos do dia e só o que fiz foi lê-los em voz alta, pois era a melhor forma de colocá-los a par das informações que obtivera. Quando terminei, Van Helsing disse:

— Foi um bom dia de trabalho, amigo Jonathan. Não há dúvida de que estejamos na pista das caixas que faltam. Se as encontrarmos todas naquela

casa, então nosso trabalho estará próximo do fim. Mas se alguma estiver faltando, teremos que continuar procurando até encontrar. Então faremos nosso *coup* final e caçaremos esse desgraçado até que ele esteja morto de verdade.

Ficamos todos sentados em silêncio por algum tempo, e subitamente Mr. Morris disse:

— E então, como é que vamos entrar nessa casa?

— Entramos na outra. — Foi a rápida resposta de lorde Godalming.

— Mas, Art, esse caso é diferente. Invadimos Carfax, mas lá tínhamos um terreno cercado para nos proteger, além da escuridão da noite. Vai ser bem diferente tentar invadir uma propriedade em Piccadilly, à noite ou durante o dia. Confesso que não vejo uma forma de entrar, a menos que aquele sujeito da agência encontre para nós uma chave. Talvez venhamos a descobrir alguma quando você receber a carta dele, pela manhã.

Lorde Godalming franziu o cenho. Levantou-se e começou a andar pela sala. Logo parou e disse, olhando alternadamente para cada um de nós:

— Quincey tem razão. Essa história de invasão domiciliar está ficando séria. Tivemos sorte uma vez, mas agora temos uma tarefa árdua nas mãos. A menos que encontremos o molho de chaves do conde.

Como nada poderia ser feito até a manhã seguinte e como seria no mínimo prudente esperar até que lorde Godalming recebesse notícias de Mitchell, resolvemos não tomar qualquer atitude antes da hora do café da manhã. Ficamos sentados fumando durante um bom tempo e discutimos o assunto em seus diversos aspectos e sob seus diversos ângulos. Aproveitei a oportunidade para atualizar meu diário até o momento presente. Sinto muito sono e vou me deitar...

Só mais algumas linhas. Mina dorme profundamente, e sua respiração está regular. Sua testa está contraída, formando pequenas rugas, como se ela refletisse mesmo durante o sono. Ainda está pálida demais, mas não parece tão abatida quanto hoje pela manhã. Amanhã tudo isso há de se resolver, espero; ela estará de volta à nossa casa, em Exeter. Ah, como estou com sono!

DIÁRIO DO DR. SEWARD

1º de outubro — Estou outra vez intrigado com Renfield. Suas mudanças de humor são tão rápidas que acho difícil acompanhá-las; como sempre significam algo mais do que apenas seu bem-estar, são um estudo interessantíssimo. Hoje de manhã, quando fui vê-lo após ele ter repelido Van Helsing, estava se comportando como um homem que comanda seu próprio destino. De fato comandava o destino — subjetivamente falando. Não se importava com nada trivial ou material; sua cabeça estava nas nuvens, e ele olhava de cima para as fraquezas e as carências que temos nós, pobres mortais. Pensei em aproveitar a ocasião para descobrir alguma coisa e lhe perguntei:

— E quanto às moscas, ultimamente?

Ele me sorriu com um ar de superioridade — um sorriso que teria surgido na face de Malvolio — ao responder:

— As moscas, meu caro senhor, têm uma característica interessante: suas asas são típicas dos poderes aéreos das faculdades físicas. Os antigos tinham razão quando representaram a alma como uma borboleta!

Pensei em testar sua lógica, insistindo nessa analogia, então disse, de imediato:

— Ah, então é uma alma que você quer, agora?

Sua loucura acabou com sua racionalidade, e seu rosto assumiu uma expressão desconcertada. Ele meneou a cabeça com uma certeza que eu vira raras vezes nele e disse:

— Ah, não! Ah, não! Não quero almas. O que quero são vidas — nesse ponto, ele se animou. — No momento, estou indiferente quanto a isso. A vida está boa, tenho tudo o que quero. O senhor vai ter que arranjar um outro paciente, doutor, se quiser estudar a zoofagia!

Isso me intrigou um pouco, e lhe perguntei:

— Então você tem poder sobre a vida; é um deus, suponho.

Ele sorriu com uma superioridade indiscutivelmente afável:

— Ah, não! Longe de mim usurpar os atributos da Divindade! Não estou sequer preocupado com Suas ações espirituais particulares. Se posso

dizer qual a minha posição intelectual, no que diz respeito às coisas exclusivamente terrenas, é algo como a posição que Enoque ocupava espiritualmente!

Essas palavras eram um enigma para mim. Não fui capaz, no momento, de me lembrar da pertinência de Enoque. Tinha, portanto, que lhe fazer uma pergunta direta, embora sentisse que, ao fazê-lo, estaria me rebaixando aos olhos do louco:

— E por que Enoque?

— Porque ele caminhava com Deus.

Eu não conseguia ver a analogia, mas não queria admiti-lo. Então, voltei ao assunto anterior:

— Quer dizer que você não liga mais para as vidas e não está interessado em almas. E por que não?

Fiz minha pergunta rapidamente, e de forma um tanto severa, com o intuito de desconcertá-lo. O esforço foi bem-sucedido. Por um instante, ele voltou ao seu jeito servil, curvou-se diante de mim e ficou saltitando como um cãozinho ao meu redor ao responder:

— É verdade que não quero almas, é verdade! Não quero. Não poderia usá-las se as conseguisse; não teriam uso algum para mim. Não poderia comê-las ou... — Ele se interrompeu de súbito, e a velha expressão astuta regressou ao seu rosto, como a superfície da água batida pelo vento. — E, doutor, quanto à vida... de que se trata, afinal? Quando temos tudo aquilo de que necessitamos e sabemos que nunca vamos passar por dificuldades, isso basta. Tenho amigos, bons amigos, como o senhor, dr. Seward — essas palavras foram ditas com um olhar de indescritível malícia. — Sei que nunca hão de me faltar os meios para viver!

Creio que, através da nebulosidade de sua loucura, ele vislumbrou algum antagonismo de minha parte, pois imediatamente recolheu-se ao último dos refúgios daqueles que são como ele — um silêncio obstinado. Após alguns instantes, vi que no momento seria inútil falar-lhe. Estava intratável, e portanto vim-me embora.

Mais tarde, ele mandou me chamar. Normalmente, eu não teria ido vê-lo sem algum motivo especial, mas no momento estou tão interessado nele que estava disposto a fazer um esforço. Além disso, alegrava-me ter algo com que passar o tempo. Harker saiu, para seguir certas pistas. Lorde Godalming e Quincey também. Van Helsing estava em meu escritório, estudando minuciosamente os papéis preparados pelos Harker; ele parecia

achar que um conhecimento acurado dos detalhes poderia lhe fornecer alguma pista. Não queria que o perturbassem sem necessidade. Gostaria de tê-lo levado comigo para ver o paciente, mas acho que, após ter sido repelido da última vez, ele talvez não quisesse voltar. E havia uma outra razão: era possível que Renfield não falasse tão abertamente diante de uma terceira pessoa do que quando nos momentos em que estávamos a sós.

Encontrei-o sentado em seu banco, no meio do quarto, posição que em geral indica alguma energia mental de sua parte. Quando entrei, ele imediatamente disse, como se a pergunta já estivesse pronta em seus lábios:

— E as almas?

Era óbvio que minha suposição estivera correta. A atividade intelectual inconsciente estava agindo, até mesmo na mente de um louco. Resolvi levar o assunto adiante:

— Eu é que pergunto — disse.

Ele não me respondeu por alguns instantes, mas ficou olhando ao redor, para cima e para baixo, como se esperasse encontrar alguma inspiração para me responder.

— Não quero almas! — disse-me, de forma branda, como se estivesse se desculpando.

O assunto parecia estar atormentando-o; decidi insistir nele, então — "ser cruel apenas para ser gentil". Perguntei-lhe:

— Você gosta de vidas e quer vidas?

— Ah, sim, mas quanto a isso não há problemas, o senhor não precisa se preocupar.

— Mas como é que pretende apossar-se das vidas sem se apossar também das almas? — perguntei. Isso pareceu desconcertá-lo. — Vai ser um mau pedaço — prossegui — quando você estiver no céu com as almas de milhares de moscas e aranhas e pássaros e gatos zumbindo e chilreando e miando ao seu redor. Você levou suas vidas, como sabe; agora terá que aturar suas almas!

Algo pareceu ter efeito sobre sua imaginação, pois ele tapou os ouvidos com os dedos e fechou os olhos, apertando-os como faz um garotinho quando lhe ensaboam o rosto. Havia algo de patético naquela reação, e me comovi. Também aprendi uma lição, pois diante de mim parecia estar uma criança — apenas uma criança, embora os traços do rosto estivessem envelhecidos e a barba por fazer, branca. Era óbvio que ele passava por algum processo de perturbação mental, e, sabendo *como*

anteriormente ele interpretara, em seus diferentes estados de espírito, coisas aparentemente estranhas a ele, pensei em acompanhá-lo da melhor forma possível. O primeiro passo era reconquistar sua confiança. Perguntei-lhe, então, falando bastante alto, para que ele pudesse me ouvir mesmo com os dedos nos ouvidos:

— Quer um pouco de açúcar para juntar novamente suas moscas?

Ele pareceu despertar de imediato e meneou a cabeça. Respondeu, rindo:

— Não quero, não! Moscas são coisinhas sem importância, afinal! — E fez uma pausa. — Mas também não quero suas almas zumbindo nos meus ouvidos — acrescentou.

— E aranhas?

— Que se danem! Qual a utilidade das aranhas? Não há nada nelas para se comer ou... — interrompeu-se subitamente, como se estivesse se lembrando de um assunto proibido.

"Muito bem", pensei comigo mesmo, "esta é a segunda vez que ele se interrompe subitamente antes da palavra 'beber'; o que significa isso?". Renfield parecia consciente de que havia cometido um lapso, pois continuou a falar de imediato, como se para me distrair:

— Não me importo com essas coisas. "Ratazanas e ratos e cervos pequeninos", como escreveu Shakespeare; "comidinhas insignificantes na despensa", poderíamos chamá-los. Já superei toda essa bobagem. É melhor pedir a um homem que coma moléculas com um par de pauzinhos iguais aos que os chineses usam do que tentar fazer com que eu me interesse pelos carnívoros inferiores, quando sei o que me espera.

— Compreendo — disse eu. — Quer coisas grandes, em que possa cravar os dentes? Que tal um elefante no café da manhã?

— Que bobagem ridícula é essa que o senhor está dizendo?

Ele estava ficando exaltado demais, então pensei em pressioná-lo mais um pouco:

— Pergunto-me como deve ser a alma de um elefante — disse, com ar reflexivo.

Obtive o efeito desejado, pois ele na mesma hora perdeu a pose e se tornou uma criança de novo.

— Não quero a alma dos elefantes, nem de qualquer outra criatura! — disse.

Por alguns instantes ficou sentado, abatido. Subitamente, porém, pôs-se de pé, e seus olhos brilhavam, o que era um indício de extrema exaltação cerebral:

— Aos infernos com o senhor e suas almas! — gritou. — Por que é que está me atormentando com essa história de almas? Como se eu já não tivesse tormentos e sofrimentos o suficiente sem pensar em almas!

Ele parecia tão hostil que pensei estar tendo mais um acesso homicida, e soprei meu apito. Nesse exato instante, porém, ele se acalmou, e disse, desculpando-se:

— Perdoe-me doutor. Perdi a cabeça. Não precisa pedir ajuda. Estou tão preocupado que me irrito com facilidade. Se o senhor soubesse o problema com que estou tendo que lidar, e que estou resolvendo, haveria de se apiedar de mim, e de tolerar-me e me perdoar. Por favor, não me coloque na camisa de força. Quero pensar e não consigo pensar livremente quando meu corpo está preso. Tenho certeza de que o senhor me compreende!

Ele obviamente tinha algum autocontrole; quando os assistentes chegaram, portanto, disse-lhes que não havia problemas, e eles se retiraram. Renfield observou-os irem embora. Quando a porta se fechou, disse, com dignidade e gentileza consideráveis:

— Dr. Seward, o senhor demonstrou muita consideração para comigo. Acredite-me, estou muito, muito grato!

Achei melhor deixá-lo naquele estado de espírito e vim-me embora. Certamente há algo a ponderar sobre a situação desse homem. Vários detalhes parecem formar aquilo que os entrevistadores americanos chamam de “uma boa história”, se conseguirmos colocá-los na ordem correta. São eles:

Não menciona a palavra “beber”.

Teme a ideia de se responsabilizar pela “alma” dos seres.

Não receia vir a desejar “vidas” no futuro.

Despreza por completo as formas inferiores de vida, embora tema ser assombrado por suas almas.

Seguindo a lógica, todos esses dados apontam numa direção! Está seguro, por algum motivo, de que virá a obter formas superiores de vida. Ele teme a consequência — a responsabilidade sobre uma alma. Então, trata-se de uma vida humana!

E quanto a estar seguro...?

Meu Deus do céu! O conde esteve com ele, e um novo terror se aproxima!

Mais tarde — Após fazer a visita dos pacientes, fui falar com Van Helsing sobre minha suspeita. Ele ficou bastante sério e, depois de refletir um pouco sobre o assunto, pediu-me que o levasse para ver Renfield. Obedeci. Quando chegamos à porta, ouvimos o louco cantando alegremente, como costumava fazer numa época que agora parece muito distante. Quando entramos, surpreendemo-nos ao ver que ele espalhara o açúcar como antigamente; as moscas, sonolentas com o outono, começavam a voar para dentro do quarto. Tentamos fazer com que ele falasse sobre o assunto de nossa conversa anterior, mas ele não prestou atenção. Continuou cantando, como se eu e o professor não estivéssemos ali. Arranjara um pedaço de papel, que estava dobrando para transformar num caderno. Tivemos que ir embora com as mesmas dúvidas que nos haviam levado até ali.

Trata-se de um caso realmente curioso; temos que o observar hoje à noite.

CARTA DE MITCHELL,
SONS & CANDY PARA
LORDE GODALMING

1º de outubro.

Meu senhor,

Atendê-lo é sempre um prazer. De acordo com seu desejo, expresso por Mr. Harker em seu nome, seguem as informações concernentes à venda da casa de número 347, Piccadilly. Os vendedores são os testamenteiros do finado Mr. Archibald Winter-Suffield. O comprador é um nobre estrangeiro, conde de Ville, que tratou pessoalmente do negócio pagando em dinheiro vivo, se o senhor nos permite usar a expressão. É tudo o que sabemos a respeito desse cavalheiro.

Atenciosamente,
seus humildes servidores,
MITCHELL, SONS & CANDY

DIÁRIO DO DR. SEWARD

2 de outubro — Na noite passada deixei um homem no corredor, instruindo-o para que anotasse de forma precisa quaisquer sons que lhe chegassem do quarto de Renfield e para que me chamasse caso algo de estranho acontecesse. Após o jantar, quando todos nos reunimos em torno da lareira, no escritório — Mrs. Harker havia ido se deitar —, discutimos as tentativas

e as descobertas do dia. Harker era o único que obtivera resultados, e tínhamos grandes esperanças de que a pista que ele encontrara fosse muito importante.

Antes de ir para a cama, fui até o quarto do paciente e olhei pela janelinha. Ele dormia profundamente. Seu peito subia e descia com a respiração regular.

Hoje pela manhã, o homem que havia estado em serviço disse-me que, logo após a meia-noite, Renfield ficara irrequieto e fizera suas orações em voz um pouco alta demais. Perguntei-lhe se era tudo; ele respondeu-me que era tudo o que ouvira. Sua atitude era um tanto suspeita, porém, e lhe perguntei sem rodeios se dormira. Ele negou, mas confessou ter "cochilado" durante algum tempo. É uma pena que os homens só sejam confiáveis quando observados.

Hoje Harker saiu para investigar sua pista, e Art e Quincey estão tratando de obter cavalos. Godalming acha prudente ter sempre cavalos prontos, pois, quando obtivermos a informação que buscamos, não haverá tempo a perder. Entre a aurora e o ocaso, temos que esterilizar toda a terra importada; assim, poderemos apanhar o conde em seu momento de maior fraqueza e sem um refúgio para onde escapar. Van Helsing foi ao Museu Britânico consultar algumas autoridades em medicina antiga. Os médicos de antigamente levam em conta detalhes que seus discípulos rejeitam, e o professor está pesquisando poções e bruxarias que talvez nos sejam úteis mais tarde.

Às vezes acho que devemos estar todos loucos e que acabaremos recobrando nossa sanidade dentro de camisas de força.

Mais tarde — Reunimo-nos outra vez. Parece que afinal estamos na pista certa, e nosso trabalho amanhã talvez seja o começo do fim. Pergunto-me se a quietude de Renfield tem algo a ver com isso. Seu estado de espírito acompanhou até aqui as ações do conde, e é possível que a destruição próxima do monstro lhe esteja sendo comunicada de alguma forma bem sutil. Se ao menos tivéssemos alguma ideia do que se passou em sua mente, entre o tempo de minha discussão com ele hoje e a retomada da caça às

moscas, isso poderia nos fornecer alguma pista valiosa. Ele agora está quieto, por ora... Está mesmo? Esse grito selvagem parece ter vindo de seu quarto...

O assistente entrou às pressas em meu quarto e me disse que Renfield de algum modo se acidentou. Ele o ouviu gritar e, quando foi ao seu quarto, encontrou-o no chão, o rosto para baixo, todo coberto de sangue. Preciso ir imediatamente...

Capítulo 21

DIÁRIO DO DR. SEWARD

3 de outubro — Preciso anotar com exatidão tudo o que aconteceu, da melhor forma que puder me recordar, desde a última vez que fiz um registro neste diário. Não devo deixar de fora nem um único detalhe de que consiga me lembrar, e é preciso proceder com toda a calma.

Quando cheguei ao quarto de Renfield, encontrei-o caído no chão, sobre o lado esquerdo do corpo, numa poça brilhante de sangue. Quando fui removê-lo, ficou evidente que fora terrivelmente agredido; não parecia existir aquela unidade de propósito entre as partes do corpo presente mesmo nos estados letárgicos. Ao virá-lo, pude ver que seu rosto estava horrivelmente ferido, como se alguém o tivesse batido contra o chão — era das feridas do rosto, na verdade, que todo aquele sangue brotara. O assistente ajoelhado ao lado do paciente disse-me, quando viramos o corpo:

— Acho que sua coluna se partiu, senhor. Veja, seu braço e sua perna esquerdos estão paralisados, assim como todo um lado de seu rosto.

Como uma coisa daquelas poderia ter se dado era algo que intrigava bastante o assistente. Ele parecia desconcertado e franzia o cenho ao dizer:

— Não consigo compreender como as duas coisas aconteceram. Ele poderia ter se ferido dessa forma batendo a própria cabeça no chão. Certa vez, vi uma jovem fazer isso no Hospício de Eversfield antes que alguém pudesse detê-la. E creio que ele possa ter quebrado o pescoço ao cair da cama, se tiver caído numa posição específica. Mas juro que não consigo entender como as duas coisas podem ter acontecido. Se sua coluna se quebrara, ele não poderia ter batido com a cabeça no chão; e se seu rosto estava desse jeito antes de cair no chão, haveria marcas.

— Vá até o quarto do dr. Van Helsing — eu lhe disse — e peça-lhe que faça a gentileza de vir aqui imediatamente. Quero vê-lo agora mesmo.

O assistente correu para avisar o professor, que dentro de poucos minutos apareceu, de *robe de chambre* e chinelos. Quando viu Renfield caído no chão, estudou-o intensamente com os olhos por um instante e então se virou para mim. Creio que leu em meu olhar o que eu estava

pensando, pois disse, num tom bastante contido, obviamente para o assistente:

— Ah, um triste acidente! Será preciso observá-lo atentamente e cuidar dele. Vou acompanhar o doutor, mas primeiro preciso me vestir. Se puderem me aguardar, em poucos minutos estarei de volta.

O paciente respirava com dificuldade, e era óbvio que fora terrivelmente agredido. Van Helsing voltou com extraordinária rapidez, trazendo consigo uma maleta cirúrgica. Andara refletindo, evidentemente, e havia tomado sua decisão, pois, antes mesmo de olhar para o paciente, sussurrou para mim:

— Mande embora o assistente. Temos que estar sozinhos com ele quando recobrar a consciência, após a operação.

— Creio que é tudo por ora, Simmons — eu disse ao assistente. — Fizemos todo o possível, no momento. É melhor você fazer sua ronda, e o dr. Van Helsing vai operar. Comunique-me imediatamente caso ocorra algo de incomum onde quer que seja.

Ele se retirou, e começamos a examinar minuciosamente o paciente. Os machucados no rosto eram superficiais. O ferimento mais sério era uma fratura no crânio, que se estendia até a zona motora. O professor refletiu por um instante e disse:

— Temos que reduzir a pressão sanguínea e tentar normalizá-la; a rapidez da sufusão revela quão terrível é o ferimento. Toda a área motora parece afetada. O derrame cerebral vai aumentar rapidamente. Precisamos fazer a trepanação imediatamente, antes que seja tarde demais.

Enquanto ele falava, ouvimos batidas suaves na porta. Fui abri-la e me deparei com Arthur e Quincey no corredor lá fora, de pijamas e chinelos. O primeiro disse:

— Ouvi seu empregado chamar o dr. Van Helsing e lhe dizer que ocorrera um acidente. Acordei Quincey, então; eu, melhor dizendo, chamei-o, pois ele não estava dormindo. Tudo está acontecendo de forma rápida e estranha demais para que consigamos dormir profundamente, nesses dias. Estive pensando que amanhã à noite já não veremos as coisas como as vimos até então. Teremos que olhar para o passado. E para o futuro também, um pouco mais do que já temos feito. Podemos entrar?

Fiz que sim, voltando a fechar a porta depois que os dois entraram. Quando Quincey viu o estado do paciente e notou a terrível poça no chão, disse em voz baixa:

— Meu Deus! O que aconteceu com esse pobre-diabo?

Relatei-lhe em poucas palavras o ocorrido, acrescentando que esperávamos que Renfield recobrasse a consciência após a operação — por um breve período, pelo menos. Ele se adiantou e sentou-se na beira da cama, ao lado de Arthur. Todos observávamos, pacientemente.

— Temos que esperar apenas o suficiente para encontrar o melhor lugar por onde fazer a trepanação — disse Van Helsing. — Assim, poderemos remover com rapidez e perfeição o coágulo, pois é evidente que a hemorragia está aumentando.

Os minutos durante os quais aguardamos se passaram com assustadora morosidade. Eu me sentia deprimido e, pela expressão de Van Helsing, deduzi que ele receava o pior. Eu temia as palavras que Renfield pudesse dizer. Estava positivamente com medo de pensar, mas também não tinha dúvidas sobre o que estava prestes a acontecer, pois já li a respeito de homens que pressentiram a morte chegar. A respiração do pobre coitado estava irregular. A cada momento ele parecia prestes a abrir os olhos e falar, mas em seguida sua respiração se tornava mais difícil e ele mergulhava na insensibilidade. Mesmo habituado como eu estava aos leitos dos moribundos e à morte, o suspense aumentava e me deixava ansioso. Eu quase podia ouvir as batidas de meu coração, e o sangue latejando em minhas têmporas parecia o bater de um martelo. Por fim, o silêncio se tornou insuportável. Olhei para meus companheiros, um após o outro, e vi, por seus rostos corados e cenhos franzidos, que suportavam tortura idêntica. Havia um suspense nervoso sobre todos nós, como se um sino mortífero fosse ressoar acima de nossas cabeças quando menos esperássemos.

Chegou por fim um momento em que ficou evidente que o paciente declinava muito rápido; poderia morrer a qualquer instante. Olhei para o professor e vi que seus olhos estavam fixos em mim. A expressão de seu rosto era grave quando ele disse:

— Não há tempo a perder. As palavras deste homem podem salvar muitas vidas. É o que estive pensando, enquanto aguardava. Talvez haja uma alma em jogo! Vamos operar logo acima do ouvido.

Sem mais uma palavra, ele fez a trepanação. Por alguns instantes, o paciente continuou respirando com dificuldade. Então, houve uma inspiração tão profunda que seu peito parecia prestes a arrebentar. Subitamente, seus olhos se abriram, numa expressão fixa de loucura e impotência. Isso prosseguiu por algum tempo; então, ele relaxou, parecendo

sentir uma grata surpresa, e de seus lábios saiu um suspiro de alívio. Ele se mexeu de forma convulsiva, e, ao fazê-lo, disse:

— Vou ficar quieto, doutor. Diga-lhes para tirarem a camisa de força. Tive um sonho terrível, e me deixou tão fraco que não consigo me mexer. O que há de errado com meu rosto? Parece estar todo inchado e dói terrivelmente.

Tentou mover a cabeça, mas o mero esforço fez com que seus olhos se tornassem novamente vidrados. Cuidadosamente, coloquei-a de volta. Van Helsing disse, então, num tom grave e calmo:

— Fale-nos sobre seu sonho, Mr. Renfield.

Ao ouvir a voz do professor, seu rosto se iluminou, e um sorriso se desenhou no rosto mutilado enquanto ele dizia:

— Esse é o dr. Van Helsing. Como é gentil de sua parte estar aqui. Dê-me um pouco d'água, meus lábios estão secos. Vou tentar lhes contar. Sonhei... — Ele parou de falar e pareceu estar desmaiando.

Chamei Quincey em voz baixa, dizendo-lhe:

— A aguardente! Está em meu escritório! Rápido!

Ele correu para fora do quarto e voltou com um copo, a garrafa de aguardente e uma outra com água. Umedecemos os lábios entreabertos, e o paciente voltou a si rapidamente. Ao que tudo indicava, porém, seu cérebro ferido não parara de funcionar no intervalo, pois, quando ele recobrou a consciência, lançou-me um olhar penetrante e tão angustiantemente confuso que jamais hei de esquecê-lo. Disse ele:

— Não devo tentar me iludir. Não foi um sonho, mas a terrível realidade.

Seus olhos vaguearam pelo quarto. Quando ele viu os outros dois homens sentados pacientemente na beira da cama, prosseguiu:

— Se eu já não tivesse certeza, eu saberia agora, por causa deles.

Por um instante seus olhos se fecharam — não de dor ou sono, mas deliberadamente, como se ele estivesse conclamando todas as suas faculdades. Quando tornou a abri-los, disse, às pressas e com mais energia do que demonstrara até ali:

— Rápido, doutor! Rápido! Sinto que só me restam alguns minutos e então vou me encontrar com a Morte, ou com coisa pior! Umedeça outra vez meus lábios com aguardente. Há algo que preciso dizer antes de morrer. Ou, de qualquer modo, antes que meu pobre cérebro esmagado morra. Obrigado! Foi naquela noite, depois que foram embora; naquela noite em

que implorei que me deixassem sair. Eu não podia falar, pois parecia que meus lábios estavam selados, mas, à exceção desse detalhe, eu estava são naquele momento. Tanto quanto estou agora. Fiquei entregue à agonia do desespero durante um bom tempo depois que me deixaram. Pareceram-me horas. Então, uma paz súbita se apossou de mim. Meu cérebro parecia ter se acalmado de novo, e me dei conta de onde estava. Ouvi os cães latirem nos fundos de nossa casa, mas não onde *ele* estava!

Enquanto Renfield falava, Van Helsing não pestanejou, mas esticou a mão e apertou a minha com força. Não se traiu, contudo; anuiu de forma contida e disse, numa voz baixa:

— Prossiga.

Renfield obedeceu:

— Ele veio até a janela em meio ao nevoeiro, como antes; mas estava sólido e não como um fantasma. Seus olhos estavam contraídos como os de um homem furioso. Ria, com os lábios vermelhos. Os dentes pontiagudos brilhavam à luz da lua quando ele se virou para olhar na direção das árvores, onde os cães latiam. A princípio, eu me recusava a convidá-lo a entrar, embora soubesse que era o que ele queria, como sempre quisera. Então, ele começou a me prometer uma porção de coisas, e não com palavras, mas com ações.

O professor interrompeu-o nesse ponto:

— Como?

— Fazendo-as acontecer, do mesmo modo como costumava mandar as moscas quando o sol brilhava. Moscas grandes e gordas, com aço e safira nas asas. E grandes mariposas, à noite, com caveiras e ossos cruzados nas costas.

Van Helsing fez que sim ao sussurrar-me, inconscientemente:

— A *Acherontia atropos* das Esfinges, que vocês chamam de mariposa-caveira?

O paciente prosseguiu sem se interromper:

— Então, ele começou a sussurrar: “Ratazanas, ratazanas! Centenas, milhares, milhões de ratazanas, e em cada uma delas uma vida. E cães para comerem as ratazanas, e gatos também. Vidas! Sangue quente, com anos de vida, e não meras moscas!” Ri dele, pois queria ver o que era capaz de fazer. Então, os cães uivaram atrás das árvores escuras em sua casa. Ele me pediu que fosse até a janela. Levantei-me e olhei lá fora. Ele ergueu as mãos, e parecia estar chamando sem usar palavras. Uma massa escura

surgiu sobre a grama, avançando no formato de uma chama. Ele então afastou sua neblina para a esquerda e para a direita, e pude ver que eram milhares de ratazanas com olhos vermelhos e brilhantes. Olhos iguais aos dele, só que menores. Ele ergueu a mão, e todas pararam; tive a impressão de que ele parecia dizer: “Todas essas vidas serão suas, sim, e muitas outras, ainda maiores, através de eras infinitas, se você se curvar e me adorar!” Então, uma nuvem vermelha, cor de sangue, pareceu se fechar sobre meus olhos; antes que eu soubesse o que estava fazendo, me vi abrindo a janela e dizendo-lhe: “Entre, meu Amo e Senhor.” As ratazanas haviam desaparecido, mas ele entrou no quarto pela janela, embora eu não a tivesse aberto mais do que uns poucos centímetros... assim como a própria lua entrara pelas menores frestas e colocara-se diante de mim em toda sua grandiosidade e esplendor.

Sua voz enfraquecera, de modo que voltei a umedecer seus lábios com a aguardente, e ele prosseguiu; mas era como se sua memória tivesse continuado a funcionar durante o intervalo, pois ele retomou a história de um ponto posterior. Eu estava prestes a pedir que recomeçasse de onde tinha parado, mas Van Helsing sussurrou:

— Deixe-o prosseguir. Não o interrompa; ele não é capaz de voltar ao mesmo ponto, e talvez não consiga prosseguir se perder o fio da meada.

Renfield continuou:

— Aguardei notícias dele durante todo o dia, mas ele não me mandou nada, nem mesmo uma mosca-varejeira, e quando a lua surgiu no céu eu estava bastante zangado com ele. Quando se esgueirou pela janela, embora estivesse fechada, e nem sequer chegou a bater, fiquei furioso. Ele me sorriu com escárnio. Por trás da neblina branca, seu rosto aparecia e seus olhos vermelhos brilhavam. Prosseguiu como se fosse o dono da casa, e eu, ninguém. Nem mesmo seu cheiro era o mesmo, quando passou por mim. Eu não conseguia detê-lo. Tive a impressão de que, de algum modo, Mrs. Harker entrara no quarto.

Os dois homens sentados na cama se levantaram e se aproximaram, colocando-se de pé atrás dele, onde não podiam vê-lo, mas onde poderiam ouvi-lo melhor. Estavam ambos em silêncio, mas o professor se alarmou e estremeceu; seu rosto, contudo, tornou-se ainda mais severo e soturno. Renfield prosseguiu sem notar:

— Quando Mrs. Harker veio me ver hoje à tarde, já não era a mesma: era como o chá depois que a água foi derramada dentro do bule. — Todos

nos agitamos diante dessas palavras, mas ninguém disse coisa alguma. — Só percebi que ela estava aqui quando falou — prosseguiu ele —, e não parecia a mesma. Não ligo para as pessoas pálidas; gosto de gente com um bocado de sangue, e o dela parecia ter se esvaído. Não pensei sobre isso no momento, mas, quando ela se foi, comecei a refletir e fiquei furioso ao perceber que ele andara lhe sugando a vida. — Pude notar que os outros estremeceram, como eu, mas permanecemos imóveis. — Quando ele veio, hoje à noite, então, eu estava pronto para recebê-lo. Vi a neblina penetrando furtivamente e agarrei-a com força. Ouvi dizer que os loucos têm uma força incomum; como sabia ser um louco, pelo menos às vezes, decidi usar essa força. Sim, e ele também a sentiu, pois saiu de dentro da neblina para lutar comigo. Eu segurava firme e achava que iria vencer, pois não queria que ele continuasse tirando a vida de Mrs. Harker, mas então vi seus olhos. Queimaram-me, e minha força tornou-se como a água. Ele escorregou para fora e, quando tentei segurá-lo, levantou-me e me lançou no chão. Vi uma nuvem vermelha e ouvi um barulho igual a um trovão, e a neblina pareceu se esvair sob a porta.

Sua voz enfraquecia e sua respiração estava mais difícil. Van Helsing pôs-se instintivamente de pé.

— Agora já sabemos o pior — disse ele. — Ele está aqui, e sabemos qual é sua intenção. Talvez não seja tarde demais. Vamos nos munir das mesmas armas que usamos na outra noite, mas não percamos tempo. Cada instante é precioso.

Não havia necessidade de colocar nossos medos, ou melhor, nossas certezas em palavras — compartilhávamos deles. Apressamo-nos e trouxemos de nossos quartos os mesmos objetos que tínhamos usado ao entrar na casa do conde. O professor já tinha tudo pronto. Quando nos reunimos no corredor, ele apontou significativamente para os apetrechos, dizendo:

— Levo isto sempre comigo e continuarei a fazê-lo até que toda essa infeliz empresa esteja terminada. Sejam prudentes vocês também, meus amigos. Não lidamos com um inimigo comum. Ai de mim, se a querida madame Mina sofrer!

Ele se interrompeu; sua voz falhava, e não sei dizer se eu próprio estava tomado pela ira ou pelo terror.

Paramos diante da porta do quarto dos Harker. Art e Quincey mantinham-se afastados, e o último disse:

— Devemos mesmo importuná-la?

— Temos que fazê-lo — respondeu Van Helsing, soturno. — Se a porta estiver trancada, vou precisar arrombá-la.

— Será que isso não vai assustá-la demais? Não é comum arrombar o quarto de uma senhora!

Van Helsing disse, solene:

— Você tem sempre razão, mas esta é uma questão de vida ou morte. Todos os quartos são iguais para um médico, e, mesmo que não fossem, hoje à noite considero-os idênticos. Amigo John, se a porta não se abrir quando eu girar a maçaneta, apoie nela o ombro e empurre. Vocês também, meus amigos. Agora!

Ele girou a maçaneta ao falar, mas a porta não abriu. Lançamo-nos contra ela, que, com um estrondo, cedeu, e quase caímos dentro do quarto. O professor chegou a cair, e olhei por sobre seu corpo enquanto ele se levantava, apoiando-se nas mãos e nos joelhos. O que vi me aterrorizou. Senti meu cabelo se eriçar na nuca e meu coração pareceu ter parado de bater.

O luar estava tão claro que mesmo através da espessa cortina amarela entrava luz suficiente para vermos o que se passava. Na cama junto à janela estava Jonathan Harker, a face corada e a respiração pesada, como se estivesse num estupor. Na extremidade da cama, mais próxima à janela, ajoelhava-se sua esposa, vestida de branco. De pé, ao lado dela, estava um homem alto e magro, vestido de preto. Seu rosto estava voltado na outra direção, mas, no instante em que ele se virou para nós, reconhecemos o conde — por todas as características, até mesmo a cicatriz na testa. Com a mão esquerda, ele segurava as duas mãos de Mrs. Harker, mantendo-as afastadas para trás, e os braços esticados. Sua mão direita agarrava-a pela nuca, puxando-lhe a cabeça para junto de seu peito. A camisola branca de Mrs. Harker estava manchada de sangue, que também brotava do peito nu do conde, revelado por sua roupa aberta. A posição dos dois lembrava terrivelmente a de uma criança que empurra o focinho de um gato para dentro de uma tigela de leite, obrigando-o a beber. Quando irrompemos dentro do quarto, o conde virou o rosto em nossa direção, e aquele olhar infernal cuja descrição já ouvira pareceu se instalar ali. Seus olhos flamejavam com uma paixão rubra e diabólica; as largas narinas, no nariz pálido e aquilino, dilataram-se, tremendo nas extremidades; e os dentes pontiagudos, por trás dos lábios cheios e gotejantes de sangue, cerraram-se

como os de um animal selvagem. Com um puxão violento, que arremessou sua vítima de volta à cama como se lançada de uma grande altura, ele se virou e saltou em nossa direção. A essa altura, porém, o professor já se pusera de pé e segurava o envelope com a hóstia sagrada. O conde se deteve subitamente, como a pobre Lucy fizera no exterior de seu túmulo, e recuou. Continuou recuando à medida que nós avançávamos, com nossos crucifixos nas mãos. De súbito, a luz da lua deixou de brilhar, pois uma sombra negra atravessou o céu; quando Quincey conseguiu acender com um fósforo a luz de gás, tudo o que vimos foi um vapor tênue — e o vapor esvaía-se sob a porta, que, com o impulso do arrombamento, se fechara novamente. Van Helsing, Art e eu fomos até Mrs. Harker, que a essa altura recobrara o fôlego e dera um grito tão desesperado, tão louco e penetrante que, creio, irá ecoar em meus ouvidos até meus últimos instantes. Por alguns segundos, seu corpo ficou jogado na cama de qualquer jeito, impotente. Seu rosto estava mortalmente pálido, palidez esta acentuada pelo sangue que lhe manchava os lábios, a face e o queixo; o sangue também lhe escorria do pescoço, e seus olhos estavam enlouquecidos de terror. Ela então colocou diante do rosto as pobres mãos esmagadas, em cuja pele pálida via-se a marca avermelhada do terrível punho do conde. Por trás delas, ouvimos um lamento baixo e desolado que fez com que o grito anterior parecesse apenas a expressão imediata de um pesar infinito. Van Helsing se adiantou e cobriu-a delicadamente, enquanto Art, depois de ter olhado com desespero para o rosto de Mrs. Harker por um instante, correu para fora do quarto. Van Helsing me disse, num sussurro:

— Jonathan está num estupor tal como o que sabemos ser o vampiro capaz de produzir. Nada podemos fazer por madame Mina, no momento, até que ela tenha se recobrado. Tenho que o acordar!

Mergulhou a ponta de uma toalha na água fria e começou a golpeá-lo de leve no rosto. Durante todo o tempo, Mrs. Harker escondia o rosto entre as mãos e soluçava de um modo que era de partir o coração. Abri a cortina e olhei para fora. O luar iluminava tudo, e pude ver Quincey Morris correr pelo gramado e se esconder na sombra de um grande teixo. Fiquei intrigado sobre quais seriam suas intenções, mas nesse instante ouvi Harker soltar uma breve exclamação, pois recobrava parcialmente a consciência. Voltei-me para a cama. Em seu rosto, como era de se esperar, havia uma expressão de grande espanto. Ele pareceu tonto por alguns segundos, e então a consciência plena o atingiu de súbito, provocando-lhe um sobressalto. A

atenção de sua esposa foi atraída por aquele movimento repentino, e ela se virou na direção dele com os braços esticados, como se fosse abraçá-lo; imediatamente, porém, puxou-os de volta. Encolhendo os ombros, cobriu o rosto com as mãos e tremeu a ponto de fazer a cama sacudir.

— O que é isso, em nome de Deus?! — exclamou Harker. — Dr. Seward, dr. Van Helsing, o que é isso? O que aconteceu? O que há de errado? Mina, minha querida, o que há? O que significa todo esse sangue? Ah, meu Deus! Meu Deus! Já chegamos a isso! — Colocando-se de joelhos, ele uniu as mãos. — Que Deus nos ajude! Que Deus a ajude!

Com um movimento rápido, ele saltou da cama e começou a se vestir, movido pela necessidade de tomar uma atitude imediata.

— O que aconteceu? Contem-me tudo! — ele exclamava, sem parar. — Dr. Van Helsing, sei quanto o senhor ama minha esposa. Ah, faça algo para salvá-la! Ele não pode estar muito longe. Proteja-a enquanto vou procurar por *ele*!

Sua esposa, em todo o seu terror e aflição, viu que aquilo representava um enorme perigo para Jonathan. Esquecendo-se imediatamente do próprio sofrimento, segurou-o e exclamou:

— Não! Não! Jonathan, você não deve me deixar. Sabe Deus que já sofri o bastante esta noite, sem o temor de que ele venha a lhe fazer mal. Precisa ficar comigo. Ficar com estes amigos que cuidarão de você!

A expressão do rosto de Mrs. Harker tornou-se desvairada enquanto ela falava. Seu marido aquiesceu, e ela puxou-o de volta para a cama, onde o sentou, agarrando-se tenazmente a ele.

Van Helsing e eu tentamos acalmar a ambos. O professor ergueu seu pequeno crucifixo dourado, dizendo, com uma maravilhosa calma:

— Não tema, minha cara. Estamos aqui, e enquanto isto estiver próximo nada de ruim pode atingi-la. A senhora está salva, por ora; temos que nos acalmar e discutir nossas ações.

Ela estremeceu e se aquietou, baixando a cabeça e apoiando-a no peito de seu marido. Quando voltou a erguê-la, o camisolão branco que ele usava estava manchado de sangue onde os lábios dela haviam encostado e onde gotas da ferida aberta no pescoço haviam caído. No instante em que ela viu as manchas, recuou, com um lamento fraco, e murmurou, aos soluços:

— Impura! Impura! Não posso mais tocá-lo ou beijá-lo. Ah, e pensar que agora sou eu sua pior inimiga, aquela a que ele mais deve temer!

Ao que ele respondeu, resolutamente:

— Não diga bobagens, Mina. É um absurdo que diga tal coisa. Recuso-me a ouvir uma coisa dessas dita sobre você, e por você. Que Deus me julgue e me castigue com um sofrimento ainda maior do que este se eu conscientemente deixar que alguma coisa se coloque entre nós!

Ele estendeu os braços e envolveu-a, apertando-a junto ao peito; por algum tempo ela descansou ali, aos soluços. Harker olhou em nossa direção por sobre a cabeça inclinada de sua esposa, com olhos úmidos, narinas trêmulas e lábios rígidos como aço. Após alguns instantes, os soluços de Mrs. Harker ficaram menos frequentes e mais fracos, e seu marido me disse, com uma calma estudada que eu sentia testar ao máximo seu autocontrole:

— E agora, dr. Seward, conte-me tudo. Infelizmente, sei bem o que aconteceu, mas conte-me todos os detalhes.

Relatei-lhe os menores detalhes, que ele ouviu de forma aparentemente impassível, mas suas narinas tremiam e seus olhos faiscavam enquanto eu lhe dizia como as mãos cruéis do conde haviam segurado Mrs. Harker naquela posição terrível, a boca sobre a ferida aberta em seu peito. Mesmo num momento como aquele, foi interessante ver que, enquanto o rosto lívido e arrebatado de Harker se contorcia acima da cabeça inclinada da esposa, as mãos dele acariciavam-lhe de forma terna e amorosa os cabelos despenteados. Quando terminei, Quincey e Godalming bateram na porta.

Entraram, atendendo aos nossos pedidos. Van Helsing lançou-me um olhar inquisidor. Deduzi que me sugeria aproveitar a chegada dos dois para afastar um pouco o pensamento do marido e da esposa infelizes de si mesmos, se possível. Aquiesci com a cabeça, e, a esse sinal, o professor lhes perguntou o que haviam visto ou feito. Lorde Godalming respondeu:

— Não consegui encontrá-lo no corredor ou em qualquer um dos quartos. Procurei no escritório, mas, embora ele tivesse passado por ali, já fora embora. Ele havia, contudo... — Interrompeu-se subitamente, olhando para a pobre e abatida Mrs. Harker, na cama.

Van Helsing disse, um tom grave na voz:

— Continue, amigo Arthur. Não vamos mais fazer segredos. Saber de tudo é agora nossa esperança. Fale abertamente!

Assim, Art prosseguiu:

— Ele esteve no escritório, e, embora não deva ter permanecido ali por mais do que alguns segundos, fez um estrago e tanto. Todos os manuscritos foram queimados, e as chamas azuis dançavam entre as cinzas. Os cilindros

de seu fonógrafo também foram atirados ao fogo, e a cera ajudou as chamas.

Interrompi-o nesse ponto:

— Graças a Deus por termos uma outra cópia no cofre!

Seu rosto se iluminou por um instante, mas voltou a se fechar quando ele prosseguiu:

— Corri para o andar de baixo, mas não havia nem sinal dele. Olhei no quarto de Renfield, mas nada havia de novo ali, a não ser... — Ele se interrompeu outra vez.

— Continue — disse Harker, a voz rouca.

Ele inclinou a cabeça e, umedecendo os lábios com a língua, acrescentou:

— A não ser o fato de que o pobre coitado está morto.

Mrs. Harker ergueu a cabeça, olhando alternadamente para cada um de nós ao dizer, num tom solene:

— Que seja feita a vontade de Deus!

Eu não podia evitar a sensação de que Art estava omitindo alguma coisa; mas, como achei que ele devia ter um motivo para agir assim, nada disse. Van Helsing virou-se para Morris e indagou:

— E você, amigo Quincey? Tem algo a nos dizer?

— Pouca coisa — disse ele. — Talvez venha a significar muito no futuro, mas por ora não sei dizer. Achei que seria bom descobrir, se possível, aonde iria o conde ao deixar a casa. Não o vi, mas um morcego saiu da janela de Renfield, voando em direção ao oeste. Achei que fosse ver o conde em alguma de suas formas voltando para Carfax, mas é evidente que ele foi se refugiar em outro local. Não estará de volta esta noite, pois a aurora já começa a despontar no céu. Temos que trabalhar amanhã!

As últimas palavras ele disse entre dentes. Durante alguns minutos fez-se silêncio, e eu tinha a impressão de poder ouvir nossos corações batendo. Van Helsing disse, então, colocando a mão com ternura sobre a cabeça de Mrs. Harker:

— E agora, minha pobre e querida madame Mina, conte-nos exatamente o que aconteceu. Sabe Deus que não quero lhe causar sofrimento, mas é preciso que saibamos de tudo. Pois agora, mais do que nunca, todo o trabalho terá de ser feito com rapidez, precisão e seriedade. Aproxima-se o dia em que concluiremos essa tarefa, se possível for; quem viver verá.

A pobre senhora estremeceu, e pude ver a tensão de seus nervos quando puxou o marido para mais perto, afundando ainda mais a cabeça em seu peito. Ergueu a cabeça com altivez, então, estendendo uma das mãos para Van Helsing — que a tomou e, após se curvar e beijá-la reverentemente, segurou-a firme entre as suas. A outra mão estava entrelaçada à de seu marido, cujo braço envolvia-a de maneira protetora. Depois de uma pausa, durante a qual evidentemente tentava pôr ordem em seus pensamentos, ela começou:

— Tomei o soporífico que o senhor gentilmente me dera, mas o efeito demorou bastante a se fazer sentir. Pareceu deixar-me mais desperta, e miríades de terríveis fantasias vinham-me à mente, todas elas relacionadas com morte e vampiros, com sonho e dor e inquietação.

Involuntariamente, seu marido deu um gemido; ela se virou para ele e disse:

— Não tenha medo, meu querido. Você precisa ser forte e corajoso para me ajudar a cumprir essa terrível tarefa. Se soubesse o quanto me custa ter que falar sobre essa história assustadora, compreenderia como preciso de sua ajuda. Bem, vi que teria de ajudar a medicação a fazer efeito com minha vontade consciente, se quisesse que ela agisse, então me deitei, determinada a dormir. O sono deve ter chegado logo depois, sem dúvida, pois não me lembro de nada mais. Jonathan não me acordou ao vir para o quarto; lembro-me de ter, em seguida, notado que se deitara ao meu lado. Havia no quarto a mesma neblina pálida que eu vira antes, mas agora não sei se já lhes falei a respeito. Vão encontrar tudo em meu diário, que pretendo lhes mostrar mais tarde. Senti o mesmo terror vago que me perturbara antes e a mesma impressão de que havia uma presença ali. Virei-me para acordar Jonathan, mas vi que dormia tão profundamente que mais parecia ter sido ele a tomar o soporífico, e não eu. Tentei acordá-lo, mas não consegui. Isso me deixou com muito medo, e olhei ao redor, aterrorizada. Então, o desespero tomou conta de mim: de pé, junto à cama, estava um homem que parecia ter saído do nevoeiro. Ou, melhor dizendo, o nevoeiro parecia ter se transformado nele, pois desaparecera por completo. Era um homem alto e magro, vestido de preto, que reconheci imediatamente a partir das descrições dos outros. A face lívida, o nariz aquilino, sobre o qual a luz projetava uma linha branca e delgada, os lábios vermelhos e entreabertos, revelando os dentes brancos e pontiagudos, e os olhos vermelhos que eu parecia ter visto, ao pôr do sol, nas janelas da igreja de St. Mary, em

Whitby. Também reconheci a cicatriz vermelha na testa, onde Jonathan o golpeara. Por um instante, meu coração parou de bater, e eu teria gritado, mas estava paralisada. Nesse ínterim, ele falou, numa espécie de sussurro incisivo, apontando para Jonathan: “Silêncio! Se fizer um único ruído, vou pegá-lo e esmagar-lhe o crânio diante de seus olhos!” Eu estava por demais apavorada e perplexa para dizer ou fazer o que quer que fosse. Com um sorriso de escárnio, ele colocou uma das mãos em meu ombro e, segurando-me com força, desnudou meu pescoço com a outra, dizendo: “Primeiro, um pequeno refresco para recompensar meus esforços. Pode ficar quieta; não é a primeira vez, ou a segunda, que suas veias apaziguam minha sede!” Fiquei aturdida e, estranhamente, não queria impedi-lo. Suponho que isso seja parte da terrível maldição que ele lança sobre suas vítimas quando toca nelas. E, ah, meu Deus, meu Deus, tenha piedade de mim! Ele colou seus lábios nojentos em meu pescoço!

Seu marido gemeu novamente. Ela apertou sua mão com mais força e olhou para ele compadecida, como se fosse ele o ferido. Prosseguiu:

— Senti minhas forças se esvaírem, como se estivesse parcialmente desfalecida. Quanto tempo durou, não sei dizer, mas pareceu-me um longo intervalo até que ele afastasse de mim sua boca imunda, medonha, sempre com uma expressão de escárnio. Vi o sangue fresco gotejando de seus lábios!

A lembrança pareceu sobrepujá-la por alguns instantes. Ela vacilou e teria caído, se não fosse pelo braço de Harker, que a apoiava. Com um grande esforço, ela recobrou o autocontrole e prosseguiu:

— Ele me disse, então, num tom zombeteiro: “Então você também andou pensando em maneiras de lutar contra mim, como os outros. Estava disposta a ajudar esses homens a perseguir-me e frustrar meus desígnios! Agora já sabe o que significa cruzar meu caminho — eles também já sabem, em parte, e brevemente saberão na íntegra. Deveriam ter poupado as energias para usar um pouco mais perto de casa. Enquanto se achavam muito espertos, mais espertos do que eu, que comandei várias nações, que conspirei e lutei por eles centenas de anos antes de nascerem, eu os estava contaminando. E você, a adorada deles, é minha, agora: carne da minha carne, sangue do meu sangue. Faz parte da minha raça. É minha generosa fonte de alimento, por ora; mais tarde, será minha companheira e ajudante. Terá então sua vingança, pois todos eles hão de servir aos seus desejos. No momento, porém, tem que ser punida pelo que fez. Ajudou-os em sua

tentativa de me impedir; agora, virá ao meu chamado. Quando meu cérebro lhe disser ‘Venha!’, você há de atravessar as terras e os mares para atender ao meu chamado. E para esse propósito, agora isto!” Ao dizê-lo, abriu a camisa, e com suas unhas pontiagudas rasgou uma veia em seu próprio peito. Quando o sangue começou a brotar, segurou minhas mãos com força com uma de suas mãos; com a outra, agarrou meu pescoço e pressionou minha boca contra sua ferida, de modo que eu ou sufocaria ou teria que engolir um pouco daquele... ah, meu Deus! Meu Deus! O que foi que eu fiz? O que fiz para merecer um castigo desses? Eu, que tentei agir correta e humildemente durante toda a vida! Que Deus tenha piedade de mim! Olhe por esta alma, que corre um perigo mais grave do que os perigos mortais, e tenha piedade daqueles a quem ela é cara! — Ela começou então a esfregar os lábios como se quisesse limpá-los daquela imundície.

Enquanto ela contava sua terrível história, o céu a leste começou a clarear, e tudo foi se iluminando. Harker estava imóvel e em silêncio; à medida que a narrativa prosseguia, porém, uma expressão sombria tomou conta de seu rosto e foi se intensificando à luz do dia. Finalmente, quando o primeiro raio da aurora surgiu, sua pele contrastava com o cabelo, que se tornava grisalho.

Decidimos que um de nós ficará para atender o infeliz casal até que possamos nos reunir e resolver quais serão os próximos passos.

De uma coisa estou certo: o sol não nasce em todo o mundo sobre uma casa mais infeliz do que esta.

Capítulo 22

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER

3 de outubro — Como tenho que fazer algo para não enlouquecer, escrevo este diário. São agora seis horas; devemos nos encontrar no escritório dentro de meia hora e comer alguma coisa, pois o dr. Van Helsing e o dr. Seward estão de acordo sobre o fato de que se não comermos não poderemos dar o melhor de nós mesmos. Sabe Deus que teremos que dar o melhor de nós mesmos hoje. Preciso continuar escrevendo a cada oportunidade, pois não ouso parar para refletir. É preciso levar todas as coisas em consideração; talvez no final os menores detalhes nos ensinem as maiores lições. Os ensinamentos, grandes ou pequenos, não poderiam ter conduzido a Mina, ou a mim, a uma situação pior do que aquela em que nos encontramos hoje. Não podemos, contudo, perder a confiança, ou as esperanças.

A pobre Mina acaba de me dizer, com lágrimas correndo por sua adorada face, que nossa fé é testada justamente nos momentos de dificuldades e provação — que temos que nos manter confiantes, e que Deus nos ajudará a chegar ao fim. O fim! Ah, meu Deus! Que fim?... Ao trabalho! Ao trabalho!

Quando o dr. Van Helsing e o dr. Seward voltaram, após terem visto o pobre Renfield, começamos a discutir seriamente o que teria de ser feito. Primeiro, o dr. Seward nos disse que, quando ele e o professor foram ao quarto no andar inferior, encontraram Renfield no chão, todo contorcido. Seu rosto estava ferido e esmagado e os ossos do pescoço estavam quebrados.

O dr. Seward perguntou ao assistente que estava de plantão no corredor se ouvira algo. Ele disse que estava sentado — confessou que adormecera — quando ouviu vozes altas no quarto, e então Renfield gritara várias vezes “Deus! Deus! Deus!”. Depois disso, ouvira-se o ruído de uma queda, e, quando ele entrara no quarto, encontrara o paciente no chão, o rosto para baixo, exatamente como os médicos o haviam visto. Van Helsing perguntou-lhe se ouvira “vozes” ou “uma voz”, e ele disse que não sabia dizer ao certo; que, a princípio, pareciam ser duas, mas que, como não havia

ninguém no quarto, só podia ter sido uma única. Ele podia jurar que a palavra “Deus” fora dita pelo paciente. O dr. Seward nos disse, quando ficamos a sós, que não queria se aprofundar naquele assunto, pois tinha que se lembrar de que poderia levar a um inquérito, e de nada adiantaria dizer a verdade, pois ninguém acreditaria. De qualquer modo, ele achou que, baseando-se no depoimento do assistente, poderia fazer o atestado de óbito colocando como *causa mortis* complicações provenientes da queda acidental da cama. No caso de o médico-legista requerer, um inquérito formal ocorreria, mas os resultados seriam necessariamente os mesmos.

Quando começamos a discutir qual seria nosso próximo passo, a primeira coisa que decidimos foi que Mina devia ficar a par de tudo. Nenhum detalhe, fosse qual fosse a natureza, e independentemente de quão doloroso pudesse ser, deveria ser escondido dela. Ela própria concordou tratar-se da atitude mais sábia, e dava pena vê-la tão corajosa mesmo estando tão aflita e num estado de desespero como aquele.

— Nada deve ser escondido — disse ela. — Ai de mim! Já escondemos coisas demais. Além disso, nada no mundo poderá me causar um sofrimento maior do que o que já suportei, ou do que o que suporto neste momento! Aconteça o que acontecer, será com certeza uma nova esperança ou uma nova coragem para mim.

Van Helsing olhava fixamente para Mina enquanto ela falava, e disse, subitamente mas num tom ameno:

— Mas, minha cara madame Mina, não está com medo? Não por si mesma, mas pelos outros, após o que aconteceu?

O rosto dela enrijeceu, mas seus olhos brilhavam com a devoção de um mártir quando ela respondeu:

— Ah, não! Minha decisão está tomada!

— Em que sentido? — perguntou ele com delicadeza, enquanto todos observávamos, imóveis, pois tínhamos, cada um a seu modo, uma vaga ideia do que ela queria dizer.

Sua resposta veio com uma simplicidade direta, como se ela estivesse simplesmente expondo um fato:

— Vou me observar atentamente e, se encontrar em mim mesma qualquer indício de que possa fazer mal àqueles que amo, morrerei!

— A senhora não pensaria em se matar, não é mesmo? — perguntou ele, a voz rouca.

— Pensaria, se não houvesse um único amigo que, por amor, me evitasse esse sofrimento e esse esforço desesperado!

Ela lançou-lhe um olhar significativo ao dizê-lo. Van Helsing estava sentado, mas nesse momento ergueu-se e se aproximou dela, colocando a mão sobre sua cabeça ao dizer, solenemente:

— Minha filha, esse amigo existe, caso se tratasse de agir pelo seu bem. Eu, de minha parte, poderia prestar contas a Deus e assumir a responsabilidade pela eutanásia, mesmo neste exato momento, se fosse a melhor saída. E se fosse segura. Mas, minha filha...

Por um instante ele pareceu engasgar, e um grande soluço subiu-lhe pela garganta; ele engoliu e continuou:

— Há aqui amigos que haveriam de se colocar entre a senhora e a morte. Não deve morrer. Não deve morrer pelas mãos de ninguém, muito menos pelas suas próprias. Até que aquele outro, que maculou a sua vida encantadora, esteja morto de verdade, a senhora não deve morrer. Pois se ele ainda estiver entre os Não Mortos, sua morte a transformaria num ser igual a ele. Não, precisa viver! Precisa lutar para viver, empenhar-se nisso, mesmo que a morte pareça uma dádiva indizível. Deve lutar contra a própria Morte, venha ela a visitá-la num momento de dor ou de alegria, durante o dia ou à noite, quando correr perigo ou quando estiver em segurança! Em nome de sua alma imploro-lhe que não morra, que nem mesmo chegue a pensar na morte, até que esse mal enorme se encontre no passado.

Minha pobre querida ficou pálida como a morte, estremecendo do mesmo modo como vi estremecer a areia movediça com a subida da maré. Todos estávamos em silêncio; nada podíamos fazer. Finalmente, ela se acalmou e, voltando-se para ele, disse, com delicadeza, mas também com enorme pesar, enquanto estendia-lhe a mão:

— Prometo-lhe, meu querido amigo, que se Deus me permitir viver hei de lutar por isso, até que, com a Sua graça, todo esse horror já não pese mais sobre mim.

Ela falava com tanta bondade e coragem que sentimos nossos corações se fortalecerem para lutar por ela e para aguentar o que mais viesse. Começamos a discutir o que fazer. Eu disse a ela para pegar todos os papéis do cofre e todos os papéis ou diários e registros fonográficos que mais tarde pudéssemos usar, e também para continuar registrando tudo, como fizera antes. Ela ficou contente com a perspectiva de ter algo a fazer — se a

palavra “contente” pode ser usada com relação a qualquer coisa que envolva essa história tão soturna.

Como de hábito, Van Helsing já organizara tudo mentalmente bem antes dos outros e tinha preparado uma ordem exata de nossas ações.

— Talvez tenha sido bom — disse ele — que, após nossa visita a Carfax, tenhamos decidido não fazer nada com os caixotes de terra que lá estavam. Se tivéssemos mexido nelas, o conde teria adivinhado nossas intenções e com certeza tomaria precauções para evitar uma ação semelhante com os outros caixotes. Agora, porém, não sabe o que pretendemos fazer. Mais do que isso: provavelmente não sabe que temos o poder de esterilizar seus esconderijos, de modo a impedi-lo de usá-los como o habitual. Já avançamos bastante em nosso conhecimento de sua distribuição; após examinarmos a casa em Piccadilly, poderemos talvez encontrar os restantes. Hoje o dia é nosso, e é aí que residem todas as esperanças. O sol que ao nascer encontrou-nos tão infelizes é o mesmo que há de nos proteger, enquanto estiver no céu. Até que se ponha, o conde é obrigado a conservar a forma que tem agora, qualquer que seja ela. Está confinado aos limites de seu invólucro de terra. Não pode desaparecer no ar, ou entre rachaduras ou frestas ou fissuras. Se quiser passar por uma porta, tem de abri-la como um mortal. Assim, temos o dia de hoje para encontrar todos os seus esconderijos e esterilizá-los. Portanto, se ainda não conseguirmos apanhá-lo e destruí-lo, pelo menos o teremos acuado em algum lugar onde será mais garantido fazê-lo.

Nesse momento, eu me alarmei. Não conseguia me conter diante da ideia de que os minutos e os segundos responsáveis pela vida e pela felicidade de Mina escoavam, já que, enquanto falávamos, era impossível agir. Van Helsing, porém, ergueu a mão, advertindo-me:

— Não, amigo Jonathan — disse ele. — Neste caso, devagar e sempre se chega lá, como diz o provérbio. Agiremos com uma pressa tremenda quando o momento certo chegar. Reflita, porém: é provável que o xis da questão seja aquela casa em Piccadilly. O conde talvez tenha comprado muitas casas. De todas elas tem as escrituras de compra, as chaves e outras coisas. Deve ter papéis onde possa escrever, deve ter seu talão de cheques. Decerto tem muitos pertences guardados em algum lugar. Por que não nesse lugar tão central, tão tranquilo, onde pode entrar e de onde pode sair a qualquer hora, pela frente ou pelos fundos, pois o movimento na rua é tanto que ninguém há de reparar? Teremos que entrar lá e vasculhar por toda a

casa. Quando soubermos o que há ali, então faremos aquilo a que nosso amigo Arthur chama, em suas expressões de caça, “parem a Terra”, para perseguir nossa raposa. Certo?

— Então vamos logo! — exclamei. — Estamos perdendo um tempo precioso!

O professor não se mexeu. Limitou-se a perguntar:

— E como vamos entrar naquela casa em Piccadilly?

— Não importa! — exclamei. — Arrombaremos, se for preciso.

— E quanto à sua polícia? Onde ela estará e o que será que vai dizer?

Fiquei desconcertado, mas sabia que, se ele queria que demorássemos, devia ter uma boa razão para isso. Então disse, contendo-me o melhor que pude:

— Não espere mais do que o necessário. Tenho certeza de que o senhor sabe da tortura que estou sofrendo.

— Ah, meu filho, disso eu sei. E de minha parte não há, de modo algum, qualquer desejo de aumentar sua angústia. Mas pense um pouco, o que podemos fazer até que seja grande o movimento lá fora? Então será chegada a nossa vez. Refleti muito, e parece-me que a maneira mais simples é a melhor de todas. Queremos entrar na casa, mas não temos a chave, certo? — fiz que sim. — Suponha, agora, que fosse você o verdadeiro proprietário da casa e ainda assim não encontrasse a chave. Se não tivesse qualquer peso na consciência por estar invadindo a propriedade alheia, o que faria?

— Procuraria um bom serralheiro, a quem pediria que arrombasse a porta para mim.

— E sua polícia interferiria, certo?

— Ah, não! Não se soubesse que o homem estava ali apenas fazendo seu trabalho.

— Então — e ele me lançou um olhar incisivo ao falar —, tudo o que está em jogo é a consciência do homem que contratou o serralheiro, e a opinião de sua polícia sobre as intenções desse homem. Seus policiais devem ser homens zelosos e realmente brilhantes em ler os corações alheios, para se dar ao trabalho de fazê-lo. Não, não, amigo Jonathan. Experimente arrombar uma centena de casas vazias nesta sua cidade de Londres ou em qualquer cidade do mundo; se fizer as coisas da forma correta, e na hora em que tais coisas são feitas de forma correta, ninguém vai interferir. Li a respeito de um cavalheiro que possuía uma bela casa em

Londres, e que foi passar o verão na Suíça, trancando a casa. Um ladrão veio e entrou na casa, quebrando uma janela dos fundos. Em seguida, abriu as venezianas das janelas da frente, saiu da casa e voltou a entrar sob os olhos da polícia. Fez então um leilão na casa, que divulgou largamente. Quando chegou o dia, vendeu, com o intermédio de um famoso leiloeiro, todos os bens do verdadeiro proprietário. Foi então a uma construtora, a quem vendeu a casa, fazendo um acordo de que seria demolida e os escombros removidos dentro de um certo tempo. Sua polícia e as outras autoridades ajudaram-no como podiam. E quando o proprietário voltou da Suíça, encontrou um buraco onde antes havia estado sua casa. Tudo isso foi feito *en règle*, e nosso trabalho também será *en règle*. Não podemos ir cedo demais, pois os policiais, que a essa hora têm pouca coisa em que pensar, vão achar estranha nossa conduta. Iremos depois das dez horas, quando há bastante gente nas ruas, e quando poderemos agir como se fôssemos de fato os proprietários da casa.

Tive de reconhecer que ele estava certo, e o rosto de Mina, onde antes se via um terrível desespero, tornou-se mais relaxado. Havia esperança num plano tão bom quanto aquele. Van Helsing prosseguiu:

— Quando estivermos dentro da casa, talvez encontremos mais pistas; de qualquer modo, alguns de nós podem ficar lá enquanto o resto vai para os outros lugares onde haja mais caixas de terra, em Bermondsey e Mile End.

Lorde Godalming pôs-se de pé:

— Posso ser útil nesse detalhe — disse ele. — Mandarei um telegrama aos meus criados, para que levem cavalos e carruagens aos lugares convenientes.

— Escute aqui, meu velho — disse Morris —, é uma ideia de gênio ter tudo pronto para o caso de querermos nos locomover a cavalo. Mas você não acha que uma de suas vistosas carruagens cheias de adornos heráldicos passando por uma ruazinha de Walworth ou de Mile End atrairia atenção demais para os nossos objetivos? Parece-me que devíamos alugar tílburis para ir ao sul e ao leste, deixando-os em algum lugar nas proximidades de nosso destino.

— O amigo Quincey está certo! — disse o professor. — Sua cabeça está bem equilibrada, como vocês dizem. É uma tarefa difícil a que temos nas mãos, e é melhor evitar que as pessoas nos observem, se possível.

Mina demonstrava um interesse crescente em tudo aquilo, e fiquei feliz ao ver que a urgência daqueles assuntos a estava ajudando a esquecer por algum tempo a terrível experiência noturna. Ela estava muito, muito pálida — quase mortalmente pálida, e tão magra que seus lábios haviam recuado um pouco, revelando os dentes um tanto quanto proeminentes. Não mencionei esse detalhe, pois haveria de lhe causar um sofrimento desnecessário, mas o sangue gelou-me nas veias ao pensar no que ocorrera com a pobre Lucy quando o conde lhe sugou o sangue. Por ora não havia sinal de que os dentes estivessem ficando mais afiados, mas pouco tempo passara, e a hora de sentir medo ainda estava por vir.

Quando começamos a discutir a sequência de nossas ações e a disposição de nossas forças, novas dúvidas surgiram. Concordamos, afinal, que antes de partir para Piccadilly destruiríamos o refúgio mais próximo do conde. Se por acaso ele viesse a descobri-lo cedo demais, ainda assim estaríamos na dianteira em nosso trabalho de destruição; e sua presença na forma puramente material, e no auge da fraqueza, talvez nos desse alguma nova pista.

Quanto à disposição das forças, o professor sugeriu que, após nossa visita a Carfax, todos fôssemos para a casa em Piccadilly; os dois médicos e eu ficaríamos lá, enquanto lorde Godalming e Quincey encontrariam os esconderijos em Walworth e Mile End, destruindo-os. O professor observou que era possível, ou mesmo provável, que o conde aparecesse em Piccadilly durante o dia; sendo assim, poderíamos lidar com ele na mesma hora e local. De qualquer modo, poderíamos segui-lo, pois éramos muitos. Opus-me veementemente a esse plano, dizendo que minha intenção era ficar e proteger Mina. Pensava já ter me decidido a respeito, mas Mina não quis ouvir minha objeção. Disse que poderia haver alguma questão legal na qual eu pudesse ser útil; que, entre os papéis do conde, talvez houvesse alguma pista que somente eu seria capaz de compreender, a partir de minha experiência na Transilvânia; e que, de qualquer modo, toda a força que pudéssemos reunir seria necessária para fazer frente aos poderes extraordinários do conde. Tive que ceder, pois Mina estava firmemente decidida; ela disse que nosso trabalho em conjunto era a única esperança que restava a *ela*.

— Quanto a mim — disse Mina —, não tenho medo. Nada pior pode me acontecer. E o que ocorrer há de me trazer alguma esperança ou algum

consolo. Vá, meu marido! Deus, se quiser, pode me proteger tanto nos momentos em que estou só quanto naqueles em que estou acompanhada.

Levantei-me bruscamente, exclamando:

— Então, em nome de Deus, vamos logo, pois estamos perdendo tempo!

Talvez o conde chegue a Piccadilly mais cedo do que imaginamos.

— Não creio! — disse Van Helsing, erguendo a mão.

— Mas por quê? — indaguei.

— Você se esqueceu — ele disse, chegando mesmo a sorrir — de que ontem à noite ele teve um banquete e que acordará tarde?

Se eu me esquecera! Será que algum dia serei capaz de esquecer? Será que qualquer um de nós conseguirá esquecer aquela cena terrível? Mina fez um grande esforço para manter a aparência corajosa e estremeceu ao deixar escapar um gemido queixoso. Van Helsing não tivera a intenção de recordar-lhe sua assustadora experiência. Apenas, em seu esforço intelectual, perdera de vista a ela e à sua parte naquela história. Quando se deu conta do que dissera, ficou horrorizado com a própria insensibilidade e tentou reconfortá-la.

— Ah, madame Mina — disse ele —, minha querida madame Mina, ai de mim! Logo eu, entre todos os que a reverenciam, fui dizer algo tão desatencioso. Estes meus lábios velhos e estúpidos e esta minha cabeça velha e estúpida não merecem, mas a senhora vai esquecer o que eu fiz, não vai?

Ele se curvou diante dela ao dizê-lo; ela tomou-lhe a mão e, olhando para ele por entre as lágrimas, disse, a voz rouca:

— Não, não vou esquecer, pois é bom que eu me lembre. Mas tenho tantas outras boas recordações suas que, no todo, esta será insignificante. Agora vocês precisam ir. O café da manhã está pronto, e todos temos que comer se quisermos ficar fortes.

Foi uma estranha refeição para todos nós. Tentamos nos alegrar e encorajar, e Mina era a mais radiante e animada. Quando acabamos de comer, Van Helsing pôs-se de pé e disse:

— Agora, meus amigos, partimos para cumprir nossa terrível missão. Estamos todos armados, como estávamos na primeira noite em que visitamos o esconderijo de nosso inimigo? Armados contra o ataque sobrenatural, tanto quanto contra o ataque físico? — Todos lhe asseguramos que sim. — Então está bem. Madame Mina, de qualquer modo a senhora

está a salvo aqui até o pôr do sol. E antes disso teremos regressado... Se... Não, nós regressaremos! Mas antes de partir, quero vê-la armada contra ataques pessoais. Eu próprio preparei seu quarto, depois que a senhora desceu, colocando lá os objetos que já conhecemos, para que ele não consiga entrar. Agora, deixe-me protegê-la. Em sua testa toco este pedaço da hóstia sagrada, em nome do Pai, do Filho e...

Ouviu-se um grito aterrorizado que quase nos congelou o sangue nas veias. Quando o professor tocou a testa de Mina com a hóstia, esta cauterizou-a — queimou-lhe a pele como se fosse um pedaço de metal incandescente. O cérebro de minha pobre querida lhe informou sobre o significado do fato tão rapidamente quanto seus nervos registraram a dor; ambos sobrepujaram-na de tal modo que toda sua exaustão tomou voz naquele grito assustador. As palavras chegaram-lhe rápido ao pensamento, porém; o grito ainda não cessara de ecoar na sala quando veio a reação, e ela caiu de joelhos, em toda a angústia do rebaixamento. Cobrindo o rosto com seus belos cabelos, como outrora faziam os leprosos com seu manto, ela se lamentou:

— Impura! Impura! Até o Todo-Poderoso se afasta de minha carne maculada! Levarei esta marca da vergonha em minha testa até o dia do juízo final.

Todos fizeram silêncio. Eu me jogara no chão ao lado dela na agonia do desespero e da impotência; envolvendo-a com meus braços, cerrei-a fortemente. Por alguns minutos, nossos corações pesarosos bateram juntos, enquanto nossos amigos desviavam os olhos, dos quais lágrimas corriam em silêncio. Van Helsing se virou, então, e disse, gravemente — tão gravemente que não pude evitar a impressão de que ele estava de algum modo inspirado, e que não era ele quem falava:

— Talvez a senhora tenha que levar essa marca até que o próprio Deus queira removê-la, pois, no dia do juízo final, decerto corrigirá todos os males do mundo e de Seus filhos, que Ele próprio pôs sobre a Terra. E, ah, madame Mina, minha querida, que nós que a amamos estejamos lá como testemunhas quando essa cicatriz vermelha, sinal do conhecimento de Deus sobre o que já se passou, desaparecer e deixar sua fronte imaculada como o coração que todos conhecemos. Pois, tão certamente quanto o fato de estarmos vivos, essa cicatriz desaparecerá quando Deus julgar correto aliviar-nos do fardo que ora nos pesa sobre os ombros. Até lá, carregaremos nossa cruz, como fez Seu Filho, em obediência aos desígnios do Pai. Talvez

tenhamos sido escolhidos instrumentos de Sua vontade e venhamos a subir até Ele como seu Filho, entre açoites e vergonha, entre lágrimas e sangue, entre dúvidas e temores, e tudo aquilo que faz a diferença entre Deus e os homens.

Suas palavras trouxeram esperança e consolo, bem como resignação. Tanto eu quanto Mina nos sentimos movidos por elas, e tomamos ao mesmo tempo as mãos do velho professor, inclinando-nos e as beijando. Então, sem uma palavra, todos nos ajoelhamos juntos, e, de mãos dadas, juramos lealdade uns aos outros. Nós, homens, prometemos tirar aquele véu de tristeza de sobre a fronte daquela a quem, cada um à sua própria maneira, todos amávamos. Rezamos pedindo ajuda e orientação na terrível tarefa que tínhamos à nossa frente.

Chegou, então, a hora de partir. Eu disse adeus a Mina, e enquanto vivermos não esqueceremos essa despedida. Pusemo-nos a caminho.

Uma decisão eu havia tomado: se descobríssemos que, ao fim, Mina haveria de se transformar numa vampira, ela então não penetraria sozinha naquele território desconhecido e terrível. Suponho que seja por esse motivo que outrora um vampiro queria dizer muitos; do mesmo modo como seus corpos abomináveis só podiam descansar em terra sagrada, assim o mais puro amor era quem recrutava seus medonhos soldados.

Entramos em Carfax sem dificuldades e encontramos tudo da mesma forma como estava na primeira ocasião. Era difícil acreditar que naquele ambiente tão prosaico, onde imperavam o descuido, a poeira e o abandono, houvesse motivos para um temor como o que já experimentáramos. Se nossa decisão já não estivesse tomada, e se não houvesse terríveis recordações para nos incitar, dificilmente teríamos seguido adiante. Não encontramos papéis ou qualquer sinal de movimento na casa; na antiga capela, os grandes caixotes encontravam-se exatamente como os havíamos visto pela última vez. O dr. Van Helsing nos disse, de modo solene, quando ali chegamos:

— E agora, meus amigos, temos um dever a cumprir aqui. Temos que esterilizar a terra, tão cheia de memórias sacras, que ele trouxe de uma terra distante para tal uso ímpio. Escolheu esta terra porque foi consagrada. Assim, vamos derrotá-lo com suas próprias armas, pois tornaremos esta terra ainda mais sagrada. Foi santificada para o uso dos homens, e agora a santificamos para Deus.

Ao dizer essas palavras, tirou de sua valise uma chave de fenda e uma chave-inglesa, e em pouco tempo a tampa de um dos caixotes estava aberta. A terra cheirava a mofo, um odor opressivo, mas de certo modo foi como se não nos importássemos, pois nossa atenção estava concentrada no professor. Tirando de seu estojo um pedaço da hóstia sagrada, ele a colocou com reverência sobre a terra. Fechou a tampa e começou a aparafusá-la de volta, com nossa ajuda.

Fizemos o mesmo com cada uma das enormes caixas, deixando-as aparentemente como as havíamos encontrado — em cada uma, porém, havia um pedaço da hóstia.

Quando fechamos a porta, depois de sair, o professor disse, num tom solene:

— Já fizemos bastante coisa. Se conseguirmos ser igualmente bem-sucedidos com as outras caixas, então é possível que o pôr do sol, hoje à tarde, ilumine a testa de madame Mina encontrando-a branca como o marfim e sem qualquer marca!

Quando atravessamos a rua, a caminho da estação de trem, pude ver a fachada do hospício. Olhei, ansioso, e pude ver Mina à janela de nosso quarto. Acenei-lhe, fazendo que sim com a cabeça para lhe dizer que a tarefa fora cumprida com sucesso. Ela também fez que sim, para indicar que compreendera. Minha última visão foi seu aceno, dizendo-me adeus. Foi com o coração pesado que rumamos para a estação e embarcamos no trem, que já apitava ao chegarmos na plataforma.

Foi no trem que escrevi estas páginas.

Piccadilly, 12h30 — Logo antes de chegarmos a Fenchurch Street, lorde Godalming disse-me:

— Quincey e eu vamos procurar um serralheiro. É melhor que não venham conosco, pois é possível que haja dificuldades; nestas circunstâncias, não seria tão ruim para nós invadir uma casa vazia. Mas você é um procurador, e a Incorporated Law Society diria que você deveria estar ciente de que tal coisa não se faz.

Opus-me a não correr o risco junto com eles, mesmo que o resultado pudesse ser a ignomínia, mas ele prosseguiu:

— Além disso, se não formos muitos chamaremos menos atenção. Meu título vai resolver as coisas com o serralheiro e com quaisquer policiais que possam aparecer. É melhor você, Jack e o professor ficarem no Green Park, em algum lugar de onde possam ver a casa. Quando virem que a porta se abriu e o serralheiro se foi, vocês se aproximam. Estaremos aguardando para deixá-los entrar.

— São bons conselhos! — disse Van Helsing, de modo que nada mais discutimos.

Godalming e Morris tomaram um tílburi de aluguel, e nós os seguimos em outro. Na esquina da Arlington Street, nosso grupo desceu e começou a caminhar pelo Green Park. Meu coração começou a bater rápido quando vi a casa em que depositávamos tantas esperanças assomar soturna e silenciosa em seu abandono, entre suas vizinhas mais alegres e elegantes. Sentamo-nos num banco que nos proporcionava uma vista boa e começamos a fumar charutos para chamar o mínimo possível de atenção. Os minutos pareciam escoar com passos de chumbo enquanto esperávamos a chegada dos outros.

Afinal, vimos uma carruagem de quatro rodas se aproximar. Dela desceram, tranquilos, lorde Godalming e Morris; do assento do cocheiro desceu também um homem corpulento com sua velha caixa de vime entrelaçado onde estavam as ferramentas. Morris pagou ao cocheiro, que tocou o chapéu e foi embora. Juntos, os dois subiram os degraus até a porta, e lorde Godalming indicou o serviço a ser feito. O serralheiro tirou com calma o casaco, pendurando-o numa das pontas da grade, e disse alguma coisa a um policial que passava por ali nesse momento. O policial fez que sim, e o homem ajoelhou-se, colocando a caixa ao lado. Após remexer lá dentro, apanhou uma série de ferramentas, que dispôs de forma ordenada no chão. Levantou-se, então, olhou para dentro do buraco da fechadura, soprou ali e, virando-se para os dois homens que o haviam contratado, fez algum comentário. Lorde Godalming sorriu, e o homem apanhou um considerável molho de chaves; selecionando uma delas, começou a experimentá-la, girando-a no interior da fechadura. Depois de manuseá-la desajeitadamente por algum tempo, experimentou uma segunda chave, e então uma terceira. Subitamente, a porta se abriu a um pequeno empurrão seu. Ele e os outros dois entraram no vestíbulo. Estávamos imóveis; eu fumava meu charuto

sem parar, mas o de Van Helsing se consumia sem que ele fumasse. Aguardamos pacientemente, enquanto observávamos o serralheiro sair e apanhar sua caixa. Ele segurou a porta entreaberta, firmando-a entre os joelhos, enquanto ajustava uma chave à fechadura. Por fim, entregou-a a lorde Godalming, que pegou sua bolsa de dinheiro e lhe deu alguma coisa. O homem agradeceu tocando o chapéu, pegou a caixa, vestiu o casaco e se foi. Absolutamente ninguém notou o que acabara de acontecer.

Assim que o homem saiu de vista, nós três atravessamos a rua e batemos na porta. Quincey Morris abriu-a de imediato. Ao seu lado estava lorde Godalming, acendendo um charuto.

— O cheiro deste lugar é horrível — disse o último, quando entramos. Era verdade. Cheirava como a antiga capela em Carfax, e, com nossa experiência prévia, tornou-se óbvio que o conde andara usando com frequência a casa. Fomos explorá-la, mantendo-nos juntos para o caso de um ataque — pois sabíamos ter um inimigo forte e astuto a combater, e até o momento não sabíamos se o conde estava na casa ou não. Na sala de jantar, que ficava no fundo do vestíbulo, encontramos oito caixas de terra. Só oito caixas das nove que procurávamos! Nosso trabalho não estava terminado e não haveria de estar até que encontrássemos a caixa que faltava. Primeiro, abrimos as venezianas das janelas, que davam para um jardim estreito, com pavimento de pedras, por trás do qual erguia-se a parede de fundos da estrebaria, construída para assemelhar-se à fachada de uma casa em miniatura. Não havia janelas, de modo que não ficamos com receio de ser observados. Não perdemos tempo em examinar os caixotes. Abrimos um a um com as ferramentas que havíamos trazido e fizemos o que havia sido feito com os outros caixotes na antiga capela. Era óbvio que o conde não estava naquela casa, e nosso passo seguinte foi procurar por seus bens.

Após um rápido olhar nos outros cômodos, do porão ao sótão, chegamos à conclusão de que estavam na sala de jantar todos os bens que possivelmente pertenceriam ao conde e começamos a examiná-los detalhadamente. Estavam todos numa espécie de desordem organizada sobre a grande mesa da sala de jantar. Havia escrituras da casa em Piccadilly numa grande pilha; escrituras de compra das casas em Mile End e Bermondsey; papéis, envelopes, penas e tinta. Tudo estava coberto com fino papel de embrulho, para proteger da poeira. Também havia uma escova para roupas, uma escova de cabelos e um pente, um vaso e uma bacia —

esta última cheia de água suja, avermelhada como se houvesse sangue ali. Havia, por fim, um pequeno molho de chaves de todos os tipos e tamanhos, provavelmente pertencentes às outras casas. Depois que examinamos essas chaves, lorde Godalming e Quincey Morris, anotando cuidadosamente os endereços das várias casas no leste e no sul, levaram consigo as chaves e foram destruir as caixas que estavam nesses locais. Quanto ao resto de nós, estamos aqui, aguardando, com o máximo possível de paciência, sua volta — ou a chegada do conde.

Capítulo 23

DIÁRIO DO DR. SEWARD

3 de outubro — O tempo parecia terrivelmente longo enquanto esperávamos pela chegada de Godalming e Quincey Morris. O professor tentava manter nossas mentes em atividade, exercitando-as o tempo todo. Eu era capaz de ver suas boas intenções devido aos olhares que lançava de tempos em tempos a Harker. O pobre rapaz está completamente sobrepujado por uma infelicidade consternadora. Noite passada, era um homem de aparência alegre, extrovertido, com um rosto forte e jovem, cheio de energia, e com cabelos castanho-escuros. Hoje é um velho encovado e abatido, cujos cabelos brancos casam com olhos vermelhos e vazios e com as rugas que o sofrimento escavou em seu rosto. Sua energia ainda está intacta; ele é, na verdade, como uma chama viva, o que talvez venha a ser sua salvação — pois, se tudo terminar bem, fará com que seja capaz de superar este período desesperador. Ele irá, então, num certo sentido, despertar novamente para a realidade da vida. Pobre rapaz; eu achava que os meus problemas já eram graves o suficiente, mas os dele...! O professor sabe disso suficientemente bem e está fazendo o que pode para manter a mente de Harker ativa. O que dizia era, dadas as circunstâncias, de enorme interesse. Eis suas palavras, até onde posso recordá-las:

— Estudei todos os papéis relativos a esse monstro muitas e muitas vezes, desde que me chegaram às mãos. Quanto mais estudei, maior me parece a necessidade de eliminá-lo. Em toda parte havia sinais de seu progresso; não apenas de seu poder, mas de seu conhecimento acerca desse poder. Descobri, a partir das pesquisas de meu amigo Arminius, de Budapeste, que em vida ele era um homem maravilhoso. Soldado, homem de Estado e alquimista; recordemos que a alquimia era, em sua época, o mais alto grau de desenvolvimento do conhecimento científico. Tinha um cérebro vigoroso, uma erudição sem equivalente e um coração que não conhecia o medo ou o remorso. Ousou mesmo frequentar a Scholomance, e não havia um único ramo do conhecimento em sua época que não tivesse tentado. Bem, nele os poderes mentais sobreviveram à morte física, embora aparentemente a memória não esteja completa. Em determinadas faculdades

da mente ele tem sido, e ainda é, apenas uma criança; mas está crescendo e, em algumas coisas a princípio infantis, ele agora já tem a estatura de um homem. Ele está experimentando e se saindo muito bem. Não fosse o fato de termos cruzado seu caminho, ele acabaria por se tornar o pai ou patrono de uma nova ordem de seres, cujo caminho percorreria as sendas da morte, e não da vida. Talvez ainda venha a sê-lo, se falharmos.

Harker soltou um gemido e disse:

— E tudo isso está armado contra minha querida! Mas como está ele experimentando? O conhecimento desse detalhe pode nos ajudar a derrotá-lo!

— Desde que chegou, ele está testando seus poderes, devagar mas com segurança; aquele enorme cérebro de criança que ele tem está trabalhando. Se tivesse ousado, a princípio, tentar fazer certas coisas, já há muito estaria acima de nossos poderes. Pretende, contudo, vencer, e um homem que vive há séculos pode se dar ao luxo de aguardar e avançar lentamente. *Festina lente* é provavelmente o seu lema.

— Não estou compreendendo — disse Harker, exausto. — Ah, fale de maneira mais explícita! Talvez o sofrimento e as preocupações estejam embotando meu cérebro.

O professor colocou a mão gentilmente sobre seu ombro ao falar:

— Ah, meu filho, serei mais explícito. Não vê como, nos últimos tempos, esse monstro tem rastejado gradativamente rumo ao conhecimento, de forma experimental? Usou-se do paciente zoófago para obter uma forma de entrar na casa do amigo John; pois o vampiro, embora mais tarde possa vir quando e como quiser, só pode entrar pela primeira vez onde quer que seja quando assim convidado por alguém que ali resida. Mas essas não são suas experimentações mais importantes. Sabemos que, a princípio, todos esses enormes caixotes eram transportados por outras pessoas; à época, ele não conhecia outra alternativa. Durante todo o tempo, no entanto, aquele grande cérebro infantil estava crescendo, e ele começou a se perguntar se ele próprio não poderia transportar as caixas. Então, começou a ajudar; e, quando viu que era possível, tentou levá-las sozinho. E assim progride, espalhando esses seus túmulos; ele é o único que sabe onde estão escondidos. Talvez tencione enterrá-los fundo no chão. Como os utiliza somente à noite, ou nos momentos em que pode mudar de forma, seriam igualmente úteis enterrados, e ninguém saberia se tratar de esconderijos! Mas não se desespere, meu filho; ele descobriu-o tarde demais! Todos os

seus esconderijos, à exceção de um, já estão esterilizados, e antes do pôr do sol teremos completado essa tarefa. Então, ele não terá mais para onde ir ou onde se esconder. Demorei a sair de casa hoje pela manhã para que agíssemos com segurança e certeza. Não é verdade que há mais coisas em jogo para nós do que para ele? Então, por que não haveríamos de ser ainda mais cuidadosos do que ele? Meu relógio marca uma hora, e a essa altura, se tudo tiver corrido bem, o amigo Arthur e Quincey já regressam. Hoje é o nosso dia, e temos que agir com segurança, mesmo que vagarosamente, e não perder nenhuma oportunidade. Veja! Nós seremos cinco, quando os que estão ausentes retornarem!

Enquanto ele falava, fomos surpreendidos por batidas na porta principal — a batida dupla do carteiro, usada pelo garoto que entrega telegramas. Fomos todos até o vestíbulo, num impulso. Van Helsing, erguendo a mão para nos pedir silêncio, foi até a porta, abrindo-a. O garoto entregou uma mensagem. O professor tornou a fechar a porta e, após ter verificado o endereço, leu em voz alta:

— “Cuidado com D. Acaba de sair apressadamente agora, às 12h45, de Carfax, e correu em direção ao sul. Parece estar fazendo a ronda e talvez queira vê-los. Mina.”

Fez-se uma pausa, quebrada pelo som da voz de Jonathan Harker:

— Agora, graças a Deus, logo iremos nos encontrar!

Van Helsing virou-se para ele no mesmo instante e disse:

— Deus agirá a Seu modo e em Seu tempo. Não tema, e também não se alegre, por ora; aquilo que desejamos, neste momento, pode vir a ser nossa ruína.

— Não me importo com nada, agora — respondeu ele, calorosamente —, exceto com a tarefa de eliminar esse monstro da face da Terra. Venderia minha alma para fazê-lo!

— Ah, silêncio, silêncio, meu filho! — disse Van Helsing. — Deus não negocia almas desse jeito; e o Diabo, embora talvez negocie, não cumpre com o prometido. Mas Deus é piedoso e justo, e sabe de sua dor e de sua devoção à querida madame Mina. Pense em como o sofrimento dela aumentaria se ouvisse suas palavras insensatas. Não tema por nenhum de nós; estamos todos empenhados nessa causa e hoje conheceremos o fim. Está se aproximando a hora de agir; hoje os poderes desse vampiro são iguais aos dos homens, e, até o pôr do sol, ele não poderá mudar de forma. Vai demorar a chegar aqui; veja, já é 1h20, e algum tempo ainda há de se

passar antes que ele chegue, por mais rápido que seja. Temos que torcer para que meu lorde Arthur e Quincey Morris cheguem primeiro.

Cerca de meia hora após termos recebido o telegrama de Mrs. Harker, ouvimos uma batida discreta e decidida na porta. Era uma batida comum, como as que a todo momento precedem a chegada de milhares de cavalheiros, mas fez com que o meu coração e o do professor disparassem. Entreolhamo-nos e juntos fomos até o vestíbulo; ambos tínhamos à mão nossas várias armas — as espirituais na mão esquerda, as mortais na direita. Van Helsing abriu o trinco, e, entreabrindo a porta, recuou, as duas mãos prontas para agir. A felicidade que sentimos deve ter iluminado nosso rosto quando vimos, junto à porta, lorde Godalming e Quincey Morris. Entraram depressa e fecharam a porta em seguida. O primeiro deles disse, enquanto cruzavam o vestíbulo:

— Está tudo bem. Encontramos as duas casas. Havia seis caixas em cada uma, e destruímos todas!

— Destruíram? — perguntou o professor.

— Para ele!

Ficamos em silêncio por um minuto, e então Quincey disse:

— Não há nada a fazer, exceto esperar aqui. Se ele, contudo, não aparecer até as cinco horas, teremos que sair, pois não será possível deixar Mrs. Harker sozinha após o pôr do sol.

— Ele estará aqui em breve — disse Van Helsing, que andara consultando seu caderno de anotações. — *Nota bene*, o telegrama de madame Mina diz que ele seguiu de Carfax rumo ao sul, o que quer dizer que atravessaria o rio; mas só poderia fazê-lo na maré baixa, que deve ter ocorrido um pouco antes da uma da tarde. O fato de que tenha se dirigido ao sul tem um significado para nós. Até o momento, só está desconfiado e saiu de Carfax para o lugar onde menos suspeita encontrar nossa interferência. Vocês devem ter estado em Bermondsey pouco antes dele. O fato de ainda não ter chegado aqui significa que foi em seguida para Mile End, o que lhe tomou algum tempo, pois teria então que ser de alguma forma conduzido ao outro lado do rio. Acreditem-me, amigos, não teremos que esperar por muito mais tempo agora. Devíamos preparar algum plano de ataque, de modo a não desperdiçar nenhuma chance. Silêncio, agora já não há mais tempo! Peguem suas armas! Preparem-se!

Ele ergueu a mão em sinal de advertência ao falar, pois todos pudemos ouvir o ruído de uma chave sendo inserida na fechadura da porta principal.

Não pude deixar de admirar, mesmo num momento como aquele, a forma como um espírito dominante se faz valer. Em todas as nossas caçadas e aventuras em diferentes partes do mundo, Quincey Morris era sempre quem estipulava nosso plano de ação, e Arthur e eu estávamos acostumados a obedecê-lo, implicitamente. Agora, o velho hábito parecia ter sido renovado de maneira instintiva. Com um rápido olhar ao redor da sala, ele rapidamente estabeleceu nosso plano de ataque, e, sem dizer uma palavra, indicou-nos com gestos nossas posições. Van Helsing, Harker e eu estávamos logo atrás da porta, para que, quando ela se abrisse, o professor pudesse defendê-la, enquanto nós dois nos colocássemos entre o recém-chegado e a porta. Godalming e Morris não estavam à vista; o primeiro à frente e o segundo atrás, estavam a postos para se lançar diante da janela. Aguardávamos num suspense que fazia os segundos passarem com a lentidão de um pesadelo. Os passos vagarosos e cuidadosos entraram no vestíbulo; evidentemente, o conde estava preparado para alguma surpresa — pelo menos temia-a.

Subitamente, num único salto ele estava no meio do vestíbulo, afastando-se de nós antes que qualquer um pudesse erguer a mão para detê-lo. Havia algo em seu movimento que o fazia assemelhar-se ao de uma pantera — algo tão pouco humano que fez com que nos recuperássemos imediatamente do choque de sua chegada. O primeiro a agir foi Harker: com um movimento rápido, colocou-se diante da porta que dava para a sala na frente da casa. Quando o conde nos viu, uma expressão horrível, como a de um animal rosnando, passou-lhe pelo rosto, revelando os caninos longos e pontiagudos; o sorriso malévolo logo se transformou, porém, no olhar fixo e frio de quem sente um desdém semelhante ao de um leão. Sua expressão mais uma vez se modificou quando, num único impulso, todos avançamos sobre ele. Foi pena não termos um plano de ataque mais bem-organizado, pois até mesmo naquele momento eu me perguntava o que faríamos. Eu, pessoalmente, não sabia se nossas armas letais teriam qualquer utilidade. Harker evidentemente queria tirar a questão a limpo, já que empunhava seu facão, com o qual golpeou-o de forma súbita e impetuosa. Foi um golpe poderoso, e somente a rapidez diabólica com que o conde saltou para trás salvou-o. Um segundo a menos e a lâmina aguda lhe teria atravessado o coração. A ponta da faca, porém, só cortou o tecido de seu casaco, fazendo um rasgão de onde um maço de dinheiro e moedas de ouro caíram. A expressão no rosto do conde era tão diabólica que durante um instante temi

por Harker, embora visse que ele erguia novamente a faca mortífera para desfechar um outro golpe. Instintivamente, adiantei-me, com um impulso protetor, segurando o crucifixo e a hóstia em minha mão esquerda. Senti um enorme poder emanar de meu braço e não me surpreendi ao ver o monstro encolher-se para trás quando os outros fizeram espontaneamente o mesmo movimento. Seria impossível descrever a expressão de ódio e desconcertada malignidade, de raiva e ira diabólica que se estampou no rosto do conde. Sua tez pálida tornou-se amarelo-esverdeada em contraste com seus olhos flamejantes, e a cicatriz vermelha em sua testa aparecia na pele branca como uma ferida palpitante. No instante seguinte, com um movimento sinuoso ele se esquivou por sob o braço de Harker, antes que o golpe fosse desfechado; apanhou no chão um punhado de dinheiro; cruzou como um raio a sala e lançou-se pela janela. Em meio ao vidro se espatifando e caindo no chão, ele caiu na área pavimentada com pedras, lá fora. Em meio ao som do vidro se quebrando, pude ouvir o tilintar do ouro, pois algumas moedas caíam sobre as pedras.

Corremos e o vimos levantar do chão sem um único ferimento. Subindo rapidamente os degraus, ele atravessou a área e abriu a porta do estábulo. Ali, virou-se e nos disse:

— Acham que podem me impedir, vocês, com seus rostos pálidos enfileirados como ovelhas no matadouro. Ainda hão de se arrepender, cada um de vocês! Pensam que me deixaram sem um lugar onde repousar, mas tenho outros. Minha vingança mal começou! Desenrola-se ao longo dos séculos, e o tempo está do meu lado. As moças que todos vocês amam já são minhas; através delas, vocês e outros mais ainda serão meus. Minhas criaturas, para cumprir minhas ordens e ser meus chacais quando eu quiser me alimentar. Ah!

Com um sorriso de escárnio, ele entrou rapidamente pela porta, e ouvimos o trinco enferrujado estalar quando se fechou. Uma porta mais adiante se abriu e fechou. O primeiro entre nós a falar foi o professor, quando, apercebendo-nos da dificuldade de persegui-lo no estábulo, voltamos ao vestíbulo.

— Aprendemos algo. Na verdade, aprendemos muito! Apesar de suas palavras corajosas, ele nos teme; teme o tempo, teme a privação! Caso contrário, por que tem tanta pressa? Se meus ouvidos não me enganam, seu próprio tom o trai. Por que ele pegaria aquele dinheiro? Vão atrás dele, rápido! São caçadores de animais selvagens e sabem fazer isso. Quanto a

mim, quero me certificar de que nada aqui possa lhe ser útil, se por acaso aqui retornar.

Ao falar, o professor colocou o dinheiro em seu bolso, pegou o pacote com as escrituras do jeito que Harker deixara e jogou todo o restante na lareira, queimando tudo com um fósforo.

Godalming e Morris haviam corrido até o pátio, e Harker descera pela janela para perseguir o conde. Ele passara o ferrolho na porta do estábulo, porém, e quando conseguiram arrombá-la já não havia sinal dele. Van Helsing e eu tentamos fazer perguntas às pessoas nos fundos da casa, mas as estrebarias estavam desertas e ninguém o vira partir.

A tarde já estava avançada, e aproximava-se a hora do ocaso. Tínhamos que reconhecer que nossos planos haviam malogrado; desanimados, fomos obrigados a concordar com o professor quando ele disse:

— Voltemos para junto de madame Mina, de nossa pobre e querida madame Mina. Tudo o que podíamos fazer por ora foi feito e lá podemos ao menos protegê-la. Mas não precisamos perder as esperanças. Só há mais uma caixa de terra, e devemos tentar encontrá-la; quando isso for feito, então é possível que tudo venha a terminar bem.

Eu podia ver que ele falava da forma mais corajosa possível para consolar Harker. O pobre rapaz estava arrasado; vez por outra deixava escapar um gemido alto, que não conseguia reprimir — estava pensando na esposa.

Voltamos para minha casa abatidos. Lá Mrs. Harker nos aguardava, com uma aparência de alegria que fazia jus à sua bravura e ao seu altruísmo. Quando viu a expressão de nossos rostos, o seu próprio tornou-se pálido como a morte: por um segundo, seus olhos se fecharam, como se ela rezasse em silêncio. Ela disse, então, alegremente:

— Nunca serei capaz de agradecer-lhes o suficiente. Ah, meu pobre querido! — exclamou, segurando a cabeça grisalha do marido entre as mãos e beijando-a. — Apoie aqui sua cabeça e descanse. Tudo ainda há de terminar bem, meu querido! Deus irá nos proteger, se for essa a Sua vontade.

O pobre rapaz gemeu. Não havia lugar para as palavras em sua extrema infelicidade.

Juntos jantamos, apenas para obedecer à rotina, e acho que a refeição serviu para nos animar um pouco. Talvez tenham sido apenas os efeitos

físicos que a comida produz em pessoas famintas — pois não havíamos comido nada desde o café da manhã —, ou é possível que o sentimento de companheirismo tenha nos ajudado; de qualquer modo, estávamos nos sentindo menos miseráveis e não víamos o futuro próximo como estando totalmente destituído de esperanças. Honrando nossa promessa, contamos a Mrs. Harker tudo o que se passara. Embora ela tenha ficado branca como a neve nos momentos em que o perigo parecia ter ameaçado seu marido, e escarlate quando a devoção de Harker a ela se manifestava, ouviu com calma e coragem. Quando chegamos à parte em que Harker investira de forma tão imprudente contra o conde, ela agarrou-se ao braço do marido, segurando-o com força, como se assim pudesse protegê-lo de todos os males ainda por vir. Não disse uma palavra, porém, até a conclusão da narrativa, quando por fim estava a par dos fatos ocorridos até o momento presente. Então, sem soltar a mão de seu marido, ela se pôs de pé entre nós e falou. Ah, se eu pudesse dar uma ideia da cena; daquela adorável e boa mulher em toda a radiante beleza de sua juventude e vivacidade, com a cicatriz vermelha na testa — da qual estava consciente e para a qual olhávamos rangendo os dentes de aflição, lembrando-nos de quando e como fora provocada; sua fé amorosa erguendo-se contra todos os nossos medos e dúvidas; e nós cientes de que, a tomar pelos símbolos, ela estava, com toda a sua bondade, pureza e fé, banida do reino de Deus.

— Jonathan — disse ela, e o nome soou como música em seus lábios, pois estava impregnado de amor e ternura. — Jonathan, querido, e todos vocês, meus amigos fiéis, quero que tenham uma certa coisa em mente durante todos esses terríveis momentos. Sei que devem lutar, que devem destruir como destruíram a Lucy falsa a fim de que a Lucy verdadeira pudesse viver; mas sua tarefa não deve ser regida pelo ódio. Aquela pobre alma que nos trouxe toda essa infelicidade é o caso mais triste de todos. Pensem em qual não será sua alegria quando também ele tiver sua pior parte destruída a fim de que a melhor parte possa ganhar a imortalidade espiritual. Devem apiedar-se dele também, embora isso não vá atar-lhes as mãos no momento de destruí-lo.

Enquanto ela falava, pude ver o rosto de seu marido tornar-se sombrio e contraído, como se a exaltação em que ele se encontrava o estivesse fazendo definhar até o âmago. Instintivamente, aumentou a força com que apertava a mão de sua esposa, até os nós dos dedos ficarem brancos. Ela não recuou diante da dor que devia estar sentindo, mas olhou para ele com

olhos mais suplicantes do que nunca. Quando ela parou de falar, ele se pôs de pé num salto, quase arrancando sua mão das dela ao dizer:

— Que Deus o coloque em minhas mãos apenas pelo tempo suficiente para destruir sua vida terrena, contra a qual lutamos. Se depois disso eu puder mandar sua alma para o inferno, para todo o sempre, é o que farei!

— Ah, não diga isso! Não diga isso, em nome do bom Deus, Jonathan, ou irá me oprimir com o medo e o horror. Apenas pense, meu querido; estive pensando durante todo este dia tão longo a esse respeito. Pense que talvez... algum dia... também eu precise de igual piedade, e que algum outro como você, movido pela mesma ira, me queira negá-la! Ah, meu marido! Com certeza eu haveria de lhe poupar um pensamento desses se houvesse outra escolha; mas rezo para que Deus não tenha registrado suas palavras exaltadas, a não ser como o lamento de um homem amoroso e gravemente ferido, com o coração dilacerado. Ah, Deus, tome esses cabelos brancos como uma prova do que ele já sofreu, ele que em toda a sua vida não causou mal a quem quer que fosse e que foi sobrecarregado com tantos pesares.

A essa altura, todos nós já havíamos irrompido em lágrimas. Não resistimos, e chorávamos abertamente. Ela também chorava, ao ver que seus conselhos bondosos haviam prevalecido. Seu marido caiu de joelhos aos seus pés e, envolvendo-a com os braços, afundou o rosto nas dobras de seu vestido. Van Helsing nos chamou com um gesto e nós nos retiramos discretamente, deixando o casal a sós com seu Deus.

Antes que se recolhessem, o professor fez na sala os preparativos necessários para uma eventual vinda do vampiro e assegurou a Mrs. Harker que ela poderia descansar em paz. Ela tentou acreditar que sim e, obviamente pelo bem de seu marido, tentou parecer contente. Foi uma luta corajosa, e, creio, ela não ficou sem recompensas. Van Helsing deixou à mão um sino que qualquer um dos dois deveria fazer soar em caso de emergência. Quando se retiraram, Quincey, Godalming e eu decidimos fazer vigília alternadamente e zelar pela segurança da pobre moça ferida. O primeiro turno ficou com Quincey, e eu e o professor devemos ir para a cama o mais cedo possível. Godalming já se recolheu, pois o segundo turno é seu. Agora que meu trabalho já foi feito, também eu irei me deitar.

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER

3-4 de outubro, por volta da meia-noite — Achei que o dia de ontem não terminaria nunca. Eu estava tomado por um intenso desejo de dormir, numa espécie de crença cega de que ao acordar encontraria as coisas mudadas, e qualquer mudança teria que necessariamente ser para melhor. Antes de nos separarmos, discutimos qual seria o nosso próximo passo, mas não conseguimos chegar a qualquer conclusão. Tudo o que sabíamos era que restava uma caixa de terra, e que só o conde sabia onde ela estava. Se resolvesse se esconder, poderia enganar-nos durante anos, e enquanto isso...! A ideia é horrível; nem mesmo agora ouso pensar a respeito. De uma coisa estou certo: se alguma vez existiu uma mulher que fosse a mais pura perfeição, essa mulher é a minha pobre e ultrajada querida. Amo-a mil vezes mais pela amorosa piedade que demonstrou ontem à noite, uma piedade que fez com que meu ódio pelo monstro parecesse desprezível. Com certeza Deus não permitirá que o mundo empobreça perdendo uma criatura como ela. Isso é uma esperança para mim. Estamos todos à deriva, agora, e a fé é nossa única âncora. Graças a Deus! Mina está dormindo, e dormindo sem sonhos. Tenho medo de como possam ser seus sonhos, com memórias tão terríveis para inspirá-los. Ela já não estava tão calma, ao que me pareceu, desde o pôr do sol. Então, por algum tempo seu rosto foi invadido por uma tranquilidade que era como a primavera depois das ventanias de março. Naquele momento, pensei ser o efeito do sol avermelhado brilhando em seu rosto, mas de algum modo acho agora que havia um significado mais profundo. Eu próprio não sinto sono, embora esteja cansado — mortalmente cansado. Devo tentar dormir, de qualquer modo, pois ainda tenho o dia de amanhã pela frente, e não haverá descanso para mim até que...

Mais tarde — Devo ter adormecido, pois fui acordado por Mina, que estava sentada na cama, com uma expressão alarmada no rosto. Eu podia vê-lo facilmente, pois não deixamos o quarto na escuridão. Ela cobriu-me a boca com a mão, num gesto de advertência, e sussurrou em meu ouvido:

— Silêncio! Há alguém no corredor!

Levantei-me sem fazer ruído atravessando o quarto, abri a porta devagar.

Do lado de fora, deitado num colchão, estava Mr. Morris, acordado. Ergueu a mão, num sinal para que fizéssemos silêncio, ao sussurrar para mim:

— Psss! Volte para a cama, está tudo bem. Durante toda a noite um de nós fará vigília aqui. Não queremos correr riscos!

Sua expressão e sua postura determinada não davam margens à discussão. Voltei e disse a Mina o que havia. Ela suspirou, e a sombra de um sorriso lhe passou pelo pobre rosto pálido, enquanto ela me envolvia com os braços e dizia, suavemente:

— Ah, graças a Deus por esses homens bons e corajosos!

Com um suspiro, ela voltou a dormir. Escrevo estas palavras agora que não consigo adormecer, embora deva tentar mais uma vez.

4 de outubro, pela manhã — Mais uma vez durante a noite fui acordado por Mina. Dessa vez, todos havíamos dormido bastante, pois o cinza da aurora que se aproximava entrava pelas janelas projetando figuras alongadas na parede, e a chama do gás projetava apenas uma mancha, em lugar do disco de luz. Ela me disse, apressadamente:

— Vá chamar o professor. Quero vê-lo agora mesmo.

— Por quê? — perguntei.

— Tive uma ideia. Acho que deve ter me ocorrido durante a noite, e amadurecido sem que eu me desse conta. Ele precisa me hipnotizar antes do nascer do sol, para que eu possa falar. Vá logo, meu querido; não resta muito tempo.

Fui até a porta. O dr. Seward descansava sobre o colchão, e, ao me ver, pôs-se de pé num salto.

— Algo de errado? — perguntou, alarmado.

— Não — respondi. — Mas Mina quer ver imediatamente o dr. Van Helsing.

— Vou chamá-lo — disse ele, saindo às pressas em direção ao quarto do professor.

Dois ou três minutos mais tarde, Van Helsing estava em nosso quarto, de *robe de chambre*; Mr. Morris e lorde Godalming estavam junto à porta com o dr. Seward, fazendo-lhe algumas perguntas. Quando o professor viu Mina, um sorriso de alívio tomou o lugar da ansiedade em seu rosto. Ele esfregou as mãos e disse:

— Ah, minha querida madame Mina, esta é uma mudança de fato. Veja, amigo Jonathan, essa é nossa antiga madame Mina que está de volta! — E virou-se para ela. — O que posso fazer pela senhora? — indagou, alegremente. — Pois, numa hora dessas, deve ter me chamado por algum motivo.

— Quero que me hipnotize! — disse ela. — Faça-o antes da aurora, pois sinto que então eu seria capaz de falar, e falar abertamente. Seja rápido, pois não temos muito tempo!

Sem dizer uma palavra, ele lhe indicou com um gesto que se sentasse na cama. Olhando fixamente para ela, começou a fazer passes diante de seu rosto, do alto da cabeça para baixo, alternando as mãos. Mina manteve o olhar fixo nele por alguns minutos, durante os quais meu coração batia como um martelo, pois eu sentia que estávamos na iminência de assistir a alguma crise. Seus olhos se fecharam aos poucos, e ela se imobilizou por completo; somente pelo discreto ondular de seu peito era possível dizer que estava viva. O professor fez mais alguns passes e parou; pude ver que sua fronte estava coberta de suor. Mina abriu os olhos, mas não parecia a mesma mulher. Seu olhar estava distante, e sua voz tinha um tom vago e triste inteiramente novo para mim. Erguendo a mão para pedir silêncio, o professor me indicou com um gesto que chamasse os outros. Os três entraram nas pontas dos pés, fechando a porta em seguida, e ficaram junto ao pé da cama, observando. Mina não parecia vê-los. A quietude foi rompida pela voz de Van Helsing falando num tom baixo, que não interromperia o fluxo dos pensamentos dela.

— Onde está?

A resposta veio de forma neutra:

— Não sei. O sono não tem um lugar próprio.

Durante vários minutos fez-se silêncio. Mina estava rígida, e o professor olhava para ela fixamente; o restante de nós mal ousava respirar. O quarto estava ficando mais claro; sem tirar os olhos do rosto de Mina, o professor me fez um sinal para que abrisse as venezianas. Obedeci, e o dia parecia prestes a raiar. Uma faixa vermelha projetava-se no céu, e uma luz rosada pareceu difundir-se pelo quarto. Nesse instante, o professor voltou a falar:

— Onde está, agora?

A resposta veio num tom vago, mas que revelava algum propósito; era como se ela estivesse interpretando alguma coisa. Já a ouvi usar o mesmo tom ao ler suas anotações taquigrafadas.

— Não sei. É tudo muito estranho para mim!

— O que está vendo?

— Nada; está tudo escuro.

— O que ouve? — Pude perceber a tensão na voz paciente do professor.

— O barulho da água batendo contra alguma coisa. Ouço o marulho de pequenas ondas lá fora.

— Então está num barco?

Entreolhamo-nos, tentando deduzir alguma coisa dessa troca de olhares. Tínhamos medo de pensar. A resposta não demorou:

— Ah, sim!

— O que mais ouve?

— O som de passos lá em cima, enquanto os homens correm pelo barco. Ouço o ruído de uma corrente e um retinir alto quando a parte lateral do cabrestante entra na catraca.

— O que está fazendo?

— Estou imóvel, completamente imóvel. É como se estivesse morta. — A voz foi enfraquecendo aos poucos e deu lugar a uma respiração pesada, como se ela estivesse dormindo; os olhos abertos voltaram a se fechar.

A essa altura, o sol já nascera e a luz da manhã iluminava o quarto. O dr. Van Helsing colocou as mãos sobre os ombros de Mina, deitando-lhe a cabeça gentilmente sobre o travesseiro. Ela ficou ali por alguns instantes como uma criança adormecida; então, com um suspiro profundo, acordou e ficou surpresa ao ver que todos estávamos ao seu redor.

— Por acaso eu falei dormindo? — Foram suas únicas palavras.

Parecia, contudo, saber instintivamente qual a situação, o que não significava que não estivesse ansiosa em saber o que falara. O professor reproduziu a conversa que haviam tido, e ela disse:

— Então não há um minuto a perder. Talvez ainda não seja tarde demais! — Mr. Morris e lorde Godalming dirigiram-se para a porta, mas a voz calma do professor fez com que voltassem:

— Fiquem, meus amigos. Aquele barco, qualquer que fosse, estava zarpando enquanto ela falava. Há muitas embarcações zarpando, neste momento, em seu grande porto de Londres. Qual deles é o que procuram? Louvado seja Deus por termos mais uma vez obtido uma pista, mesmo que não saibamos onde ela nos há de levar. Estivemos um tanto quanto cegos, como costumam ser os homens, pois, quando olhamos para trás, vemos o que teríamos visto ao olhar para o futuro se tivéssemos podido enxergar o que havia para ser visto. Ai de mim; essas palavras são incrivelmente confusas, não? Agora sabemos o que o conde tinha em mente ao agarrar aquele dinheiro, mesmo sob a ameaça da faca afiada de Jonathan, que até mesmo ele temia. Pretendia fugir. Ouçam-me, FUGIR! Sabia que, com apenas uma caixa de terra restante e um grupo de homens perseguindo-o como cães atrás de uma raposa, Londres não era lugar para ele. Levou sua última caixa de terra para bordo de um navio e deixa a terra firme. Pensa que vai escapar, mas não! Nós o seguiremos! *Tally-ho!*, como diria o amigo Arthur ao vestir seu casaco vermelho! Nossa raposa velha é astuta; ah, astuta demais, e nós devemos persegui-la com astúcia. Eu também sou astuto e acho que em breve conseguirei adivinhar quais são suas intenções. Enquanto isso, podemos descansar, e descansar em paz, pois entre nós há águas que ele não ousaria atravessar e que não conseguiria atravessar mesmo que tentasse, a menos que o navio encostasse na terra firme, o que só acontece na maré-cheia ou na baixa-mar. Vejam, e o sol acaba de nascer; o dia todo, até a hora do ocaso, pertence a nós. Vamos nos lavar, nos vestir e tomar o café da manhã, de que todos precisamos; podemos comer com calma, já que ele não está pisando a mesma terra que nós.

Mina lançou-lhe um olhar suplicante ao perguntar:

— Mas por que precisamos continuar procurando por ele, quando ele se foi para longe de nós?

Ele tomou-lhe a mão, afagando-a ao responder:

— Não me faça perguntas, por ora. Depois do café da manhã responderei a todas elas.

Nada mais ele disse. Separamo-nos e fomos nos vestir.

Após a refeição, Mina repetiu a pergunta. Ele olhou para ela de forma grave por um minuto, e então respondeu, pesarosamente:

— Porque, minha querida madame Mina, agora precisamos encontrá-lo mais do que nunca, mesmo que tenhamos que o perseguir até as portas do inferno!

Ela empalideceu ao perguntar, a voz fraca:

— Por quê?

— Porque — respondeu ele de forma solene — ele pode viver por séculos, e a senhora não passa de uma mortal. Agora temos que temer a passagem do tempo, uma vez tendo ele deixado essa marca em seu pescoço.

Adiantei-me na hora exata para segurá-la antes que ela caísse para a frente, desmaiada.

Capítulo 24

DIÁRIO FONOGRÁFICO DO DR. SEWARD, GRAVAÇÃO FEITA PELO DR. VAN HELSING

Este recado é para Jonathan Harker.

Deve ficar com sua querida madame Mina. Nós iremos fazer nossa investigação — se é que posso usar esse termo, pois não se trata de uma investigação, mas da procura de uma certa informação, e só o que buscamos é uma confirmação. Fique, porém, e tome conta de sua esposa hoje. Esse é o seu dever mais importante e mais sagrado. Nada poderemos fazer para encontrá-lo hoje. Vou lhe dizer algo, para que saiba aquilo que os outros também já sabem. Nosso inimigo se foi; voltou para seu castelo na Transilvânia. Sei disso com tanta certeza quanto se uma enorme mão de fogo o tivesse escrito na parede. Ele de certa forma se preparou para isso, e aquela última caixa de terra estava em algum lugar pronta para ser despachada. Por esse motivo ele levou o dinheiro; por esse motivo toda aquela pressa — temia que conseguíssemos agarrá-lo antes do pôr do sol. Era sua última esperança, exceto pelo fato de acreditar que poderia se esconder no túmulo aberto a ele pela pobre Miss Lucy, que ainda achava pertencer à sua raça. Mas não havia tempo. Quando isso falhou, ele seguiu diretamente rumo ao seu último recurso — seu último movimento de terra, eu diria, se quisesse fazer *double entente*. Ele é astuto; ah, tão astuto! Sabe que seu jogo por aqui terminou. Assim sendo, toma a decisão de voltar para casa. Encontra um navio fazendo a mesma rota pela qual veio à Inglaterra, e embarca nele. Vamos agora tentar descobrir qual é esse navio e para onde ruma. Quando tivermos essa informação, voltaremos para contar. Então, consolaremos você e a pobre querida madame Mina com novas esperanças. Pois será de fato uma esperança, se parar para refletir: significará que nem tudo está perdido. A criatura que perseguimos leva centenas de anos para chegar a Londres; num único dia, porém, podemos obrigá-lo a fugir, se soubermos onde se esconde. Seu poder não é infinito, embora tenha a capacidade de operar muitos males e não sofra como nós. Somos fortes, contudo, em nossos objetivos individuais; e somos mais fortes unidos. Recobre a sua coragem, caro marido de madame Mina. Essa batalha apenas

começou, e no fim a vitória será nossa — isso é tão certo quanto Deus está nas alturas zelando por Seus filhos.

Portanto, fique reconfortado até que regressemos.

VAN HELSING

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER

4 de outubro — Quando li para Mina a mensagem que Van Helsing gravara no fonógrafo, a pobrezinha se animou consideravelmente. A certeza de que o conde estava fora do país já a consolara um pouco, e para ela consolo significa força. Quanto a mim, agora que já não estamos cara a cara com aquele horrível perigo, parece-me quase impossível acreditar nele. Até minhas próprias e terríveis experiências no Castelo Drácula parecem um sonho há muito esquecido. Aqui, no ar revigorante do outono, sob o sol brilhante...

Ai de mim! Como é fácil deixar de acreditar! Em meio a esses pensamentos, meus olhos caíram sobre a cicatriz vermelha na fronte pálida da minha pobre querida. Enquanto perdurar, não posso deixar de acreditar.

E depois que tiver desaparecido, sua simples memória manterá viva minha fé. Mina e eu tememos o ócio, de modo que voltamos a examinar todos os diários outra vez. De algum modo, embora a realidade pareça cada vez maior, temos a impressão de que a dor e o medo diminuem. Há uma espécie de objetivo que nos conduz e se manifesta em todos os momentos; isso nos reconforta. Mina diz que talvez sejamos os instrumentos do bem final. É possível! Vou tentar pensar como ela. Ainda não conversamos sobre o futuro. É melhor esperar até que tenhamos visto o professor e os outros, após sua investigação.

O dia está se passando mais rapidamente do que eu jamais imaginei que um dia fosse se passar para mim de novo. Já são três horas.

DIÁRIO DE MINA HARKER

5 de outubro, cinco horas da tarde — Registro de nossa reunião. Presentes: professor Van Helsing, lorde Godalming, dr. Seward, Mr. Quincey Morris, Jonathan Harker e Mina Harker.

O dr. Van Helsing fez o relato de tudo o que foi feito ao longo do dia para descobrir em que barco o conde Drácula embarcara e qual o destino de sua fuga:

— Como eu sabia que ele queria regressar à Transilvânia, tinha como certo que teria de seguir pela foz do Danúbio, ou por algum lugar no mar Negro, já que viera por aquele caminho. Diante de nós, um terrível vazio.

Omne ignotum pro magnifico; assim sendo, foi com grande abatimento que começamos a procurar saber quais as embarcações que haviam partido para o mar Negro na noite passada. Era uma embarcação a vela, pois madame Mina falou sobre velas sendo içadas. Elas não são importantes a ponto de figurar na lista de embarques do *Times*; assim, por sugestão de lorde Godalming, fomos ao seu Lloyd's, onde há registro de todas as embarcações que partem, por menores que sejam. Ali descobrimos qual a única embarcação com destino ao mar Negro que partiu com a maré vazante. Trata-se da *Czarina Catherine*, que partiu do cais do Doolittle rumo a Varna, e de lá para outros portos e depois para o Danúbio. "Ah!", exclamei, "esse é então o barco em que está o conde." Fomos para o cais do Doolittle, onde encontramos um homem num escritório. Perguntamos a ele sobre a rota da *Czarina Catherine*. Ele falava muitos palavrões e tinha o rosto vermelho e uma voz alta, mas mesmo assim era um bom sujeito; quando Quincey lhe deu algo que tirara do bolso e que estalava enquanto ele o enrolava e guardava dentro de uma sacolinha, provavelmente escondida entre suas roupas, tornou-se um sujeito ainda melhor e nosso humilde criado. Acompanhou-nos e fez perguntas a muitos homens rudes e nervosos; esses também melhoraram de humor quando já não sentiam sede. Usaram um bocado de linguagem grosseira, com vários "malditos" e "diabos", e outras coisas que não compreendi, embora ache que tenha conseguido adivinhar o que queriam dizer; contudo, disseram-nos tudo o que queríamos saber. Contaram-nos que ontem ao anoitecer, por volta das cinco horas, chegou um homem muito apressado. Um homem alto e magro, com o nariz protuberante e dentes muito brancos, e olhos que pareciam estar em chamas. Que estava todo de preto, a não ser por um chapéu de palha que não servia para ele nem era apropriado à hora do dia. Que distribuiu dinheiro em busca de informações rápidas sobre que barco partia para o mar Negro e exatamente para que porto. Alguns o levaram para o escritório e de lá para o barco, no qual não embarcou, mas se deteve na extremidade da prancha, pedindo que o comandante fosse se encontrar com ele. O comandante veio e, quando soube que ele pagaria bem, acabou por concordar, embora a princípio xingasse muito. O homem magro então se foi, e alguém lhe disse onde poderia alugar um cavalo e uma carroça. Ele partiu, e logo retornou, conduzindo ele mesmo uma carroça que transportava um grande caixote; retirou-o dali sem ajuda, embora vários homens tenham sido necessários para levá-lo a bordo. Deu muitas

instruções ao comandante sobre como e onde deviam colocar o caixote, mas o comandante não gostou e xingou-o em várias línguas, dizendo-lhe que, se quisesse, poderia subir a bordo e dizer ele mesmo onde colocá-lo. Mas o homem disse que não, que ainda não podia subir a bordo, pois tinha muito que fazer; ao que o comandante lhe disse que, “pelos diabos”, era melhor ele se apressar, pois a embarcação partiria daquele lugar “dos diabos” antes da mudança da “maldita” maré. Então, o homem magro sorriu e disse que evidentemente iria quando o comandante achasse apropriado, mas que ficaria bastante surpreso se fosse de imediato. O capitão xingou outra vez, poliglota, e o homem magro fez uma mesura, agradeceu-lhe e disse que abusaria de sua gentileza no sentido de apenas subir a bordo quando o barco estivesse prestes a zarpar. Por fim, o capitão, mais vermelho do que nunca, disse-lhe em muitas línguas que não queria saber de franceses, sobre os quais usou vários “malditos” e vários “dos diabos”, em seu barco, usando “maldito” aqui também. Então, após perguntar se haveria nas proximidades alguma embarcação onde pudesse comprar formulários, se foi. Ninguém sabia para onde o “maldito” homem, como diziam, fora, mas tampouco se preocupavam com isso, pois tinham outra coisa com que se preocupar, outra vez “pelos diabos”: logo começou a parecer que a *Czarina Catherine* não zarparia na hora prevista. Uma névoa começou a surgir, aumentando e aumentando, até que em pouco tempo um denso nevoeiro envolvia o barco e tudo ao seu redor. O comandante xingou em muitas línguas, em muitíssimas línguas, com vários “malditos” e vários “infernos”, mas nada podia fazer. A maré subia e subia, ele começou a temer que acabaria por perder irremediavelmente a maré propícia. Não estava num humor muito amigável quando, na maré-cheia, o homem magro voltou, subiu pela prancha e pediu para ver onde sua caixa fora colocada. O comandante disse-lhe então que gostaria que ele e sua caixa, sempre com muitos “malditos” e “diabos”, fossem para o inferno. O homem magro não se ofendeu, contudo, e foi com o imediato ver a caixa, voltando e demorando-se um pouco no convés, em meio ao nevoeiro. Deve ter resolvido tudo por conta própria, pois ninguém chegou a vê-lo. Na verdade, não pensavam nele, pois logo o nevoeiro se dissipou e o céu voltou a ficar limpo. Meus amigos sedentos e com a linguagem cheia de “diabos” e “malditos” riram, contando como os xingamentos do comandante excederam as várias línguas habituais, mais pitorescos do que nunca, quando ele perguntou aos outros marinheiros quem navegava pelo rio àquela hora e acabou descobrindo que muito

poucos chegaram a notar o nevoeiro, exceto quando estava sobre o cais. A embarcação, contudo, zarpou na baixa-mar; pela manhã, sem dúvida já ia longe, após ter passado pela foz do rio. A essa altura, disseram-nos, já devia estar no mar. Assim sendo, minha cara madame Mina, resta a nós descansar mais uma vez, pois nosso inimigo está no mar, com a neblina sob seu comando, a caminho da foz do Danúbio. Velejar é demorado, por mais rápida que seja a embarcação. Quando partirmos, iremos mais rapidamente por terra e havemos de encontrá-lo lá. Nossa maior esperança é encontrá-lo dentro da caixa entre a aurora e o pôr do sol, quando não terá condições de lutar, e poderemos lidar com ele da maneira apropriada. Podemos dispor de alguns dias para elaborar nosso plano. Sabemos para onde ele se dirige; vimos o proprietário da embarcação, que nos mostrou faturas e mais toda a papelada existente. A caixa que procuramos irá para Varna, onde será entregue a um agente, um certo Ristics, que na ocasião apresentará suas credenciais; assim, nosso amigo no cais do Doolittle terá feito sua parte. Quando perguntou se havia algo de errado, pois, se fosse o caso, poderia telegrafar para Varna e mandar que fosse feita uma investigação, respondemos “não”; pois o que há a ser feito não é trabalho para a polícia ou a alfândega. Deve ser feito apenas por nós, e à nossa maneira.

Quando o dr. Van Helsing terminou de falar, perguntei-lhe se era certo que o conde permanecera a bordo do navio. Ele replicou:

— Temos a melhor prova disso: a prova que a senhora nos deu durante seu transe hipnótico, hoje de manhã.

Perguntei-lhe novamente se era mesmo necessário que perseguissem o conde, pois, ah!, eu temia que Jonathan me deixasse, e sabia que ele com certeza iria aonde os outros fossem. Ele me respondeu com exaltação crescente, mas calmo a princípio. Ao prosseguir, porém, foi ficando mais aborrecido e enérgico, até que no fim só era possível perceber uma pequena parte daquele autocontrole que fizera dele durante tanto tempo um mestre entre os homens.

— Sim, é necessário! Necessário, necessário! Pelo seu bem, em primeiro lugar, mas também pelo bem da humanidade. Esse monstro já causou males demais, mesmo num campo de ação limitado e durante um curto período de tempo; por enquanto, ele não passa de um corpo tateando às cegas e na ignorância. Tudo isso eu já disse aos outros; a senhora, minha cara madame Mina, saberá se ouvir o fonógrafo de meu amigo John, ou o de seu marido. Disse-lhes como a atitude de sair de sua própria terra árida e

despovoada e vir para um outro lugar onde a vida dos homens prolifera como o trigo nos campos foi o resultado de séculos de trabalho. Se um outro Não Morto como ele tentasse o que ele tentou, talvez nem mesmo todos os séculos passados e futuros poderiam ajudá-lo. Com esse, todas as forças ocultas, profundas e poderosas devem ter se unido de forma espetacular. O próprio lugar onde ele, um Não Morto, tem existido durante todos esses séculos está cheio das estranhezas dos mundos geológico e químico. Há cavernas e fissuras profundas em que o homem ainda não conseguiu penetrar. Existem vulcões onde algumas das crateras ainda emanam águas de propriedades estranhas e gases que podem matar ou fazer reviver. Sem dúvida, há algo de magnético ou elétrico em algumas dessas combinações de forças ocultas que agem sobre o mundo físico de estranhas formas, e nele próprio sempre houve, desde o início, enormes qualidades. Numa época difícil, de muitas guerras, dizia-se que ele possuía, mais do que qualquer outro homem, nervos de aço, mente sutil e coração destemido. Nele, alguns dos princípios vitais chegaram de uma estranha maneira à perfeição. Enquanto seu corpo se mantém forte, cresce e se desenvolve, também seu cérebro cresce. Tudo isso sem aquela ajuda diabólica com que ele certamente conta, pois mesmo essa ajuda tem de se curvar aos poderes que emanam do bem, assim como aos seus símbolos. E agora é isso o que é para nós. Ele a infectou; perdoe-me, minha querida, por eu ter que o dizer, mas falo pelo seu bem. Infectou-a de tal modo que, mesmo que não mova mais um dedo, o que ocorrerá será que a senhora continuará levando sua vida, da forma habitual e harmoniosa, mas, com o tempo, a morte, que é o fim de todos os homens, e com a sanção de Deus, há de transformá-la num ser como ele. Isso não pode ser! Fizemos um juramento a esse respeito. Portanto, somos ministros da vontade divina: que o mundo e os homens pelos quais Seu Filho morreu não sejam entregues a monstros, cuja mera existência O difama. Já nos permitiu redimir uma alma, e sairemos pelo mundo como os antigos cruzados, para redimir outras. Como eles, viajaremos na direção do nascente; como eles, se perecermos, será por uma justa causa.

Fez uma pausa, e eu disse:

— Mas o conde não irá aprender sua lição, depois do fracasso? Já que conseguimos fazer com que ele fugisse da Inglaterra, será que ele não irá evitar nossa terra, como o tigre que evita a aldeia onde o caçaram?

— Arrá! — disse ele. — A imagem do tigre é boa, e vou adotá-la. O conde é igual a certos tigres da Índia que já provaram o sangue humano. Não os atraem outras presas, mas espreitam incessantemente até obter aquela que desejam. Esse que escorraçamos de nossa cidade é também um tigre, um animal que ataca os homens e nunca cessará de espreitar. Mais do que isso: não faz parte de sua natureza ir embora e permanecer afastado. Quando vivia como um homem, cruzou a fronteira do território turco para atacar o inimigo em seu próprio território; fizeram-no recuar, mas por acaso ele se aquietou? Não! Voltou outra vez, e outra, e mais outra. Vejam como é persistente e resistente. Com seu cérebro de criança, acalentou durante muito tempo a ideia de vir para uma grande cidade. E o que fez? Encontrou um lugar que para ele era o mais promissor do mundo. Deliberadamente, fez o que foi necessário a fim de se preparar para a empresa. Descobriu, com paciência, exatamente quais eram seus poderes e até onde ia sua força. Estudou outros idiomas. Aprendeu novas formas de vida social, os novos costumes, a política, as leis, as finanças, as ciências, os hábitos de uma nova terra e de um povo que passara a existir depois dele. O que vislumbrou serviu para abrir-lhe o apetite e acentuar-lhe os desejos. Mais do que isso, até: ajudou a desenvolver seu cérebro, pois provou-lhe que estivera correto desde o princípio em suas suposições. Fez tudo isso sozinho, inteiramente sozinho!, num túmulo em ruínas, numa terra esquecida. O que não será capaz de fazer quando o mundo mais amplo do pensamento se abrir a ele! Ele, que pode escarnecer da morte, como sabemos; ele, que prospera em meio às doenças capazes de dizimar povos inteiros. Ah, se um ser como esse viesse de Deus, e não do Diabo, que força benéfica não teria neste nosso mundo! Mas nossa tarefa é libertar este mundo. Nosso trabalho terá de ser feito em silêncio, e todos os nossos esforços, em segredo; nesta época esclarecida, em que os homens não acreditam sequer naquilo que veem, a descrença de homens sábios seria a maior força de nosso inimigo. Representaria ao mesmo tempo sua proteção e sua armadura, e suas armas para destruir a nós, seus inimigos, que estamos dispostos a colocar em risco até mesmo nossas almas pelo bem daquela que amamos, e pelo bem da humanidade, e pela honra e glória de Deus.

Depois de uma discussão, ficou resolvido que nada seria decidido de maneira definitiva naquela noite. Todos devíamos dormir sobre o assunto e tentar chegar às conclusões apropriadas. Amanhã, à hora do café da manhã,

vamos nos reunir de novo e, após contar uns aos outros nossas conclusões individuais, decidiremos acerca de um plano de ação definido.

Sinto uma paz e uma tranquilidade maravilhosas esta noite. É como se alguma presença que me assombrasse tivesse partido. Talvez...

Minha suposição sequer pôde se completar, pois olhei-me no espelho e vi a marca vermelha em minha testa, sabendo assim que permaneço impura.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

5 de outubro — Todos acordamos cedo, e acho que esse sono nos foi muito benéfico. Quando nos encontramos para tomar o café da manhã, ainda cedo, havia uma alegria geral maior do que qualquer um de nós esperaria voltar a experimentar.

É de fato maravilhosa a capacidade de recuperação inerente à natureza humana. Quando algum obstáculo, seja qual for, é removido — mesmo que pela morte —, voltamos aos nossos princípios primordiais de esperança e alegria. Mais de uma vez, enquanto nos sentávamos em torno da mesa redonda, arregalei os olhos e me perguntei se tudo o que acontecera nos últimos dias não fora na verdade um sonho. Foi somente ao me deparar com a ferida vermelha na fronte de Mrs. Harker que voltei à realidade. Até mesmo agora, quando reflito seriamente sobre o assunto, é quase impossível me dar conta de que a causa de todas as nossas inquietações ainda existe. A própria Mrs. Harker parece se esquecer de seu problema por

longos períodos; só pensa na terrível cicatriz vez por outra, quando algo a obriga a recordar-se dela. Vamos nos reunir aqui em meu escritório dentro de meia hora, para traçar nosso plano de ação. Vejo apenas uma dificuldade imediata, e me apercebo dela de modo mais instintivo do que racional: teremos que falar abertamente, mas temo que, de alguma forma misteriosa, a pobre Mrs. Harker não tenha essa capacidade. *Sei* que ela chega a suas próprias conclusões; a partir de tudo o que já se passou, posso adivinhar que sejam brilhantes e acertadas, mas ela não as revela, talvez por não poder. Mencionei isso a Van Helsing, e pretendemos conversar a respeito quando estivermos a sós. Suponho que seja o terrível veneno que penetrou em suas veias começando a agir. O conde tinha intenções específicas quando fez com ela o que Van Helsing chamou "o batismo de sangue do vampiro". Bem, talvez haja um veneno destilado a partir de coisas boas; numa época em que a existência da ptomaína é um mistério, nada deveria nos surpreender! De uma coisa estou certo: se meu instinto estiver correto no que diz respeito aos silêncios de Mrs. Harker, então há uma terrível dificuldade, um perigo desconhecido, no trabalho que temos diante de nós. A mesma força que a obriga a se calar ordena que fale. Não ouso permitir que meu pensamento vá além disso, pois equivaleria a insultar uma mulher tão nobre!

Van Helsing virá à minha biblioteca um pouco antes dos outros. Tentarei discutir com ele essa questão.

Mais tarde — Quando o professor chegou, discutimos a nossa atual situação. Pude notar que ele tinha algo em mente e que gostaria de dizer, mas hesitava um pouco em abordar o assunto. Após alguns circunlóquios, ele disse, subitamente:

— Amigo John, há algo que você e eu precisamos discutir a sós, pelo menos por enquanto. Mais tarde, é possível que tenhamos que o revelar aos outros — interrompeu-se, então, e eu aguardei. — Madame Mina — prosseguiu ele —, nossa pobre e querida madame Mina, está mudando.

Um calafrio percorreu-me ao ver meus piores medos confirmados daquele modo. Van Helsing continuou:

— Depois de nossa triste experiência com Miss Lucy, desta vez temos que estar prevenidos antes que as coisas cheguem longe demais. Nossa tarefa é, na verdade, mais difícil do que nunca, e essa nova preocupação faz com que cada hora tenha importância crucial. Posso ver as características do vampiro surgindo no rosto de madame Mina. Ainda é uma mudança bastante sutil, mas temos de reconhecer que está ocorrendo, se formos capazes de fazê-lo sem julgamentos antecipados. Seus dentes estão um pouco mais afiados, e às vezes seu olhar parece mais rígido. Mas isso não é tudo: seu silêncio é agora frequente, como aconteceu com Miss Lucy; ela não falava, mesmo quando escrevia aquilo que gostaria que os outros viessem a saber mais tarde. Vou lhe dizer qual o meu receio. Se ela pode, quando em transe hipnótico, nos dizer o que o conde vê e ouve, não será possível também que ele, que a hipnotizou primeiro, que bebeu do sangue dela e a fez beber do seu, obrigue sua mente a lhe revelar aquilo que ela sabe? — Fiz que sim. — Então — prosseguiu ele —, o que temos que fazer é tomar precauções. Não podemos mantê-la a par de nossas intenções; ela não terá como contar a ele o que não sabe. Eis uma tarefa dolorosa! Ah, tão dolorosa que me parte o coração pensar em levá-la a cabo, mas assim terá de ser. Quando nos reunirmos hoje, terei que dizer-lhe que, por motivos que não podemos revelar, ela não poderá mais fazer parte de nosso conselho, mas será apenas protegida por nós.

Ele enxugou a testa, que começara a transpirar profusamente ante a ideia do sofrimento que teria de infligir à pobrezinha, já tão torturada. Eu sabia, seria um consolo para ele se eu lhe dissesse que também chegara à mesma conclusão; de qualquer modo, poderia aliviá-lo da dor causada pela dúvida. Foi o que fiz, e o efeito foi o esperado.

Aproxima-se agora o momento de nossa reunião. Van Helsing foi se preparar para o encontro e para a parte dolorosa que terá de assumir. Acredito que seu objetivo tenha sido poder rezar um pouco, sozinho.

Mais tarde — No início de nossa reunião, tanto eu quanto Van Helsing sentimos um grande alívio. Mrs. Harker enviara por seu marido uma mensagem dizendo que não iria se reunir a nós por ora; achava melhor que

ficássemos livres para discutir nossas ações sem sua presença para nos constranger. O professor e eu nos entreolhamos por um instante e de algum modo ambos parecemos ficar aliviados. De minha parte, achei que, se Mrs. Harker se dera conta do perigo, evitavam-se assim muita dor e um enorme risco. Dadas as circunstâncias, concordamos, com um olhar interrogativo e o gesto que veio em resposta — o dedo indicador sobre o lábio —, em manter silêncio acerca de nossas suspeitas até que pudéssemos discuti-las em particular novamente. Abordamos de imediato nosso plano de campanha. Van Helsing nos expôs os fatos, em linhas gerais:

— A *Czarina Catherine* deixou o Tâmisa ontem pela manhã. Se velejar em sua velocidade máxima, levará três semanas para chegar a Varna; por terra, poderemos chegar ao mesmo local em três dias. Se diminuirmos dois dias do prazo previsto para a embarcação, dado o controle que o conde tem sobre as condições climáticas, e se contarmos com um atraso de um dia e uma noite em nosso caso, teremos então uma margem de quase duas semanas. Assim sendo, para não correr qualquer risco, teremos que partir o mais tardar no dia 17. De qualquer modo, chegaremos a Varna um dia antes do barco e poderemos fazer todos os preparativos necessários. Iremos armados, é claro; armados contra o mal físico e o espiritual.

Quincey Morris acrescentou, nesse ponto:

— Sei que o conde vem de uma região de lobos, e é possível que chegue lá antes de nós. Proponho que acrescentemos Winchesters ao nosso armamento. Tenho uma espécie de crença nas Winchesters quando há qualquer problema desse tipo nos arredores. Você se lembra, Art, de quando aquela alcateia estava atrás de nós em Tobolsk? O que não teríamos dado por uma arma de repetição para cada um de nós!

— Boa ideia! — disse Van Helsing. — Teremos Winchesters, então. Quincey é sempre sensato, mas ainda mais quando há uma caçada envolvida; a metáfora representa mais desonra à ciência do que os lobos representam perigo ao homem. Enquanto isso, nada podemos fazer aqui; como acredito que Varna não seja familiar a nenhum de nós, por que não chegar lá antes? Aqui ou lá, a espera será igualmente demorada. Podemos fazer nossos preparativos hoje e amanhã. Então, se tudo estiver bem, nós quatro podemos partir.

— Nós quatro? — indagou Harker, olhando para cada um de nós.

— É claro — respondeu com presteza o professor. — Você tem que ficar para cuidar de sua adorável esposa!

Harker ficou em silêncio por algum tempo e depois disse, numa voz inexpressiva:

— Vamos conversar sobre esse detalhe amanhã pela manhã. Quero falar com Mina a respeito.

Achei que era aquele o momento de Van Helsing adverti-lo para que não revelasse a ela nossos planos, mas ele nada disse. Lancei-lhe um olhar significativo e pigarreei. Em resposta, ele pôs o dedo indicador sobre o lábio e me deu as costas.

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER

5 de outubro, à tarde — Por algum tempo, após nossa reunião desta manhã, não consegui pensar. O novo aspecto que as coisas assumem deixa minha mente num estado de tal perplexidade que não me parece haver lugar para o pensamento ativo. A determinação de Mina no sentido de não participar da discussão me fez refletir; como não podia discutir com ela o assunto, só me restaram as suposições. Nunca estive, contudo, tão longe de qualquer conclusão. Também me intrigou a forma como os outros receberam o fato; na última vez que conversamos a respeito, concordamos que não deveríamos esconder nada uns dos outros. Mina está dormindo agora — com a calma e a suavidade de uma criancinha. Seus lábios estão curvos e sua face irradia felicidade. Graças a Deus por ela ainda ter momentos como este.

Mais tarde — Como tudo é tão estranho. Eu estava sentado observando o sono feliz de Mina e estava quase me sentindo também eu tão próximo da felicidade quanto jamais voltarei a ficar. Conforme a tarde caía, e o sol cada vez mais baixo fazia a terra se encher de sombras, o silêncio do quarto foi se tornando mais solene para mim. Subitamente, Mina abriu os olhos e, olhando para mim com ternura, disse-me:

— Jonathan, quero que me faça uma promessa. Tem que me dar sua palavra de honra. Uma promessa a mim, mas sagrada aos ouvidos de Deus, que não deve quebrar mesmo que eu caia de joelhos e lhe implore com lágrimas amargas. Rápido, tem que me fazer essa promessa imediatamente.

— Mina — disse eu —, uma promessa dessas não pode ser feita imediatamente. Talvez eu não tenha o direito de fazê-la.

— Mas, meu querido — disse ela, com uma intensidade espiritual tamanha que seus olhos eram como duas estrelas polares —, sou eu quem lhe pede, e não é pelo meu bem. Pode perguntar ao dr. Van Helsing se não tenho razão; se ele discordar, faça então o que achar apropriado. Mais do que isso: se todos concordarem, mais tarde você estará livre da promessa.

— Prometo! — disse eu, e por um momento ela pareceu sentir uma felicidade suprema, embora para mim toda a felicidade lhe fosse negada pela cicatriz vermelha em sua fronte.

— Prometa-me — disse ela — que não vai me contar nada sobre os planos da campanha contra o conde. Não dirá nada explicitamente, tampouco me dará informações das quais eu possa fazer deduções, em momento algum, enquanto esta marca persistir em minha testa!

Ela apontou de forma solene para a cicatriz. Vi que ela falava sério, e disse, também de modo solene:

— Prometo!

Nesse mesmo instante, senti que uma porta se fechara entre nós.

Mais tarde, à meia-noite — Mina esteve alegre e radiante durante toda a noite, tanto que o restante de nós pareceu se encorajar, como se sua alegria nos contagiasse. Como resultado, até mesmo eu senti que a nuvem de desânimo que pesa sobre nós tinha se tornado um tanto menos espessa.

Todos nos recolhemos cedo. Mina dorme como uma criancinha agora; é maravilhoso o fato de que sua capacidade de dormir não tenha se alterado em meio a todas essas terríveis preocupações. Graças a Deus, pois pelo menos assim ela pode esquecer seus problemas. Talvez seu exemplo me afete como fez sua alegria, hoje à noite. Vou fazer uma tentativa. Ah, como gostaria de ter uma noite de sono sem sonhos!

6 de outubro, pela manhã — Outra surpresa. Mina me acordou cedo, mais ou menos à mesma hora de ontem, e me pediu que chamasse o dr. Van Helsing. Achei que era mais uma ocasião para o hipnotismo, e sem mais perguntas obedeci. Ele evidentemente esperava um chamado daqueles, pois encontrei-o vestido em seu quarto. Sua porta estava entreaberta, de modo que ele podia ouvir a porta de nosso quarto se abrindo. Veio imediatamente, entrou e perguntou a Mina se os outros também poderiam vir.

— Não — disse ela, de modo bastante simples. — Não será necessário. Pode contar a eles tão bem quanto eu. Tenho que os acompanhar em sua viagem.

O dr. Van Helsing ficou tão surpreso quanto eu. Depois de uma pequena pausa, perguntou:

— Mas por quê?

— Têm que me levar junto. Estarei mais protegida em sua companhia, e vocês também correrão menos perigos.

— Mas por quê, minha cara madame Mina? Sabe que sua segurança é nossa tarefa mais importante. Enfrentaremos o perigo, um perigo ao qual a senhora está mais suscetível do que qualquer um de nós, pelas circunstâncias, devido ao que ocorreu. — Ele fez uma pausa, embaraçado.

Mina, ao responder, ergueu o dedo e apontou para a própria testa:

— Sei disso. E é por esse motivo que devo ir. Posso lhe dizer agora, enquanto o sol nasce; talvez não seja capaz de voltar a fazê-lo. Sei que terei de ir quando o conde assim determinar. Sei que, se ele me disser para partir em segredo, terei que me valer de artimanhas, ludibriando a todos, até mesmo a Jonathan.

Deus viu o olhar que ela me lançou ao falar, e, se existir de fato um Anjo que tudo registra, esse olhar ficará gravado em nome da honra eterna de minha esposa. Só pude segurar-lhe a mão com força. Não tinha condições de falar; minha emoção era demasiada até mesmo para liberá-la através das lágrimas. Ela prosseguiu:

— Vocês, homens, são corajosos e fortes. O fato de serem muitos também os fortalece, pois podem desafiar um poder capaz de acabar com a resistência de um único homem. Além disso, posso ser de alguma ajuda, já que podem me hipnotizar e descobrir coisas que eu própria não sei.

O dr. Van Helsing disse, num tom grave:

— Madame Mina, a senhora tem razão, como sempre. Virá conosco, e juntos lutaremos para alcançar nosso objetivo.

Depois que ele falou, o longo silêncio de Mina me fez olhar para ela. Caíra adormecida sobre o travesseiro; não acordou sequer quando abri as persianas e deixei entrar a luz do sol no quarto. Van Helsing me fez um sinal, indicando-me que o acompanhasse sem fazer barulho. Fomos ao seu quarto, e, um minuto depois, lorde Godalming, o dr. Seward e Mr. Morris se reuniram a nós. Ele lhes contou o que Mina dissera e prosseguiu:

— Pela manhã partiremos com destino a Varna. Temos que lidar com um novo fator agora: madame Mina. Ah, como ela tem uma alma sincera! É uma agonia contar tudo o que já nos contou; mas é o mais correto, e fomos advertidos a tempo. Não podemos perder nenhuma oportunidade. Em Varna, teremos que estar prontos para agir no instante em que o barco aportar.

— E o que exatamente faremos? — perguntou Mr. Morris, lacônico.

O professor fez uma pausa antes de responder:

— Em primeiro lugar, subiremos a bordo. Quando tivermos identificado o caixote, colocaremos nele um ramo de rosas-selvagens, amarrando-o firmemente. Desse modo, o conde não poderá sair, pelo menos segundo as superstições. E é na superstição que devemos crer, a princípio; no começo, era essa a fé dos homens, e ainda tem suas raízes na fé. Quando tivermos a oportunidade que buscamos, quando não houver ninguém por perto para ver ou ouvir, abriremos a caixa, e então... e então tudo ficará bem.

— Não vou esperar por outra oportunidade — disse Morris. — Quando vir a caixa, vou abri-la e destruir o monstro, mesmo que haja mil

homens olhando, e mesmo que no instante seguinte eu venha a ser aniquilado!

Agarrei instintivamente sua mão; estava firme como aço. Creio que compreendeu meu olhar; espero que tenha compreendido.

— Bom rapaz — disse o dr. Van Helsing. — E valente também. Quincey é um homem de verdade, que Deus o abençoe. Meu filho, acredite-me, nenhum de nós irá se demorar ou se deter devido ao medo. Só o que digo é o que poderemos fazer. O que teremos que fazer. Mas, na verdade, não é possível dizer o que faremos. Muita coisa pode acontecer, de formas e com resultados tão variados que até que seja chegado o momento nada poderemos dizer. Todos estaremos armados, e de todas as formas; quando chegar o momento final, nossos esforços não serão poupados. Portanto, temos que organizar tudo hoje. Que tudo o que atinge pessoas que nos são queridas e que dependem de nós fique acertado, pois nenhum de nós tem condições de afirmar como e quando será o final. Quanto a mim, meus assuntos pessoais estão em ordem; como nada mais tenho a fazer, vou cuidar dos preparativos para a viagem. Arranjarei as passagens e tudo o mais.

Nada mais havia a ser dito, e nos separamos. Vou agora cuidar de todos os meus negócios aqui neste mundo, a fim de me preparar para quaisquer eventualidades...

Mais tarde — Tudo já foi feito. Preparei meu testamento e cumpri os procedimentos legais necessários. Mina é minha única herdeira, se sobreviver. Se não, então os outros, que têm sido tão bons conosco, receberão meu espólio.

O pôr do sol se aproxima. A inquietude de Mina chama-me a atenção. Estou certo de que há algo em sua mente, e o momento exato do ocaso há de revelá-lo. Essas ocasiões estão se tornando angustiantes para nós, pois cada aurora e cada pôr do sol revelam algum novo perigo — algum novo sofrimento, que, no entanto, se Deus quiser, serão os meios para atingirmos os nossos objetivos. Escrevo estas palavras em meu diário, já que minha

querida não pode ouvi-las, por ora; mas se puder voltar a lê-las, estarão prontas.

Mina está me chamando.

Capítulo 25

DIÁRIO DO DR. SEWARD

11 de outubro, à noite — Jonathan Harker pediu-me que anotasse isto, pois diz que no momento não está em condições de fazê-lo e quer que mantenhamos um registro exato dos acontecimentos.

Creio que nenhum de nós ficou surpreso ao ser chamado para ver Mrs. Harker um pouco antes do pôr do sol. Ultimamente, começamos a compreender que a aurora e o poente são seus momentos particulares de liberdade. É nesses momentos que seu antigo eu pode se manifestar sem que uma força controladora a reprima ou a obrigue a tomar determinadas atitudes. Esse estado de espírito ou condição começa cerca de meia hora antes do efetivo nascer ou pôr do sol, durando até que o sol esteja alto no céu ou enquanto as nuvens ainda guardarem a luz dos raios que subsistem no horizonte. A princípio, há uma espécie de condição negativa, como se algum nó se desatasse; então, a liberdade absoluta logo se instala. Quando, porém, a liberdade termina, o estado anterior ou a recaída chegam rapidamente, precedidos apenas por um período de silêncio que nos adverte.

Hoje à noite, quando nos reunimos, ela parecia estar um tanto constrangida, e tudo indicava estar travando uma luta interna. Eu próprio creio que isso se devia ao esforço violento que fazia no primeiro instante em que isso lhe era possível. Poucos minutos foram suficientes, contudo, para lhe dar total controle sobre si mesma. Fazendo um sinal a seu marido para que se sentasse ao seu lado no sofá, onde se reclinava, fez com que o resto de nós levasse cadeiras e se aproximasse. Tomando a mão do marido entre as suas, ela começou:

— Estamos todos juntos aqui em liberdade, e talvez seja esta a última vez! Eu sei, meu querido, que você ficará ao meu lado até o fim — disse a seu marido, que, como pudemos ver, apertou com força a mão dela. — Pela manhã, sairemos para cumprir nossa tarefa, e só Deus sabe o que nos aguarda. Vocês farão a gentileza de me levar consigo. Sei que farão tudo aquilo que homens valentes e leais são capazes de fazer por uma pobre mulher cuja alma talvez já esteja perdida... não, não, ainda não, mas que de qualquer modo corre perigo. Devem se lembrar, porém, que não sou como

vocês. Há um veneno em meu sangue, em minha alma, capaz de me destruir; que *irá* me destruir, a menos que possamos encontrar algum auxílio. Ah, meus amigos, sabem tão bem quanto eu que minha alma corre perigo; e, embora eu saiba que há uma saída para mim, vocês não devem recorrer a ela, e eu também não!

Olhou para cada um de nós de maneira suplicante, começando e terminando em seu marido.

— E qual é? — perguntou Van Helsing, rouco. — Qual é essa saída, a que não podemos ou não devemos recorrer?

— É a minha morte imediata, por minhas próprias mãos ou pelas de outra pessoa, antes que o mal maior esteja feito. Eu sei, e vocês sabem, que se eu morresse poderiam libertar meu espírito imortal, como fizeram com minha querida Lucy. Se a morte ou o medo da morte fosse tudo o que estivesse no caminho, eu não hesitaria em morrer aqui e agora, em meio aos amigos que me amam. Mas a morte não é tudo. Não posso acreditar que morrer num caso desses, quando há esperanças diante de nós e uma tarefa difícil a cumprir, seja a vontade de Deus. Portanto, eu, de minha parte, abro mão aqui da certeza do repouso eterno e ingresso na escuridão onde talvez estejam as coisas mais sombrias deste e do outro mundo!

Ficamos todos em silêncio, pois instintivamente sabíamos que se tratava apenas de um prelúdio. Os rostos dos outros estavam rígidos, e o de Harker, sem cor; talvez ele adivinhasse melhor do que nós o que viria em seguida. Ela prosseguiu:

— Isso é o que posso acrescentar à colação de bens. — Não pude deixar de notar a singular expressão jurídica que ela usava num local como aquele, e com toda a seriedade. — O que cada um de vocês dará? Sei que darão suas vidas — prosseguiu, sem demora —, mas isso é fácil para homens valentes. Suas vidas pertencem a Deus, e podem devolvê-las a Ele; mas o que darão a mim? — Olhou-nos de forma inquisitiva, mas dessa vez evitou o rosto do marido. Quincey pareceu compreender; fez que sim, e o rosto dela se iluminou. — Então direi claramente o que quero, pois não podem restar dúvidas nessa combinação entre nós. Têm que me prometer, todos vocês, e até mesmo meu adorado marido, que, se chegar o momento, irão me matar.

— Qual será o momento? — A voz era de Quincey, mas estava baixa, e ele parecia ter dificuldades em falar.

— Será quando estiverem convencidos de que estou tão modificada que é melhor morrer do que continuar viva. Quando minha carne estiver morta, então, sem demorar um instante, transpassarão uma estaca em meu coração e deceparão minha cabeça, ou o que mais for necessário para que eu possa repousar em paz!

Quincey foi o primeiro a se levantar depois da pausa que se fez. Ajoelhou-se diante dela e, tomando-lhe a mão, disse, com um tom solene:

— Eu não passo de um sujeito grosseiro, que talvez não tenha vivido como deveria viver um homem para merecer tal distinção, mas juro por tudo o que me é mais sagrado que, se esse momento chegar, não hesitarei diante da tarefa que a senhora nos incumbiu de cumprir. E prometo-lhe também que farei com que todos tenham essa mesma certeza, pois se apenas eu estiver na dúvida vou deduzir então que o momento terá chegado!

— Meu amigo fiel! — Foi tudo o que ela conseguiu dizer entre as lágrimas que lhe brotavam em profusão dos olhos, enquanto ele, inclinando-se, lhe beijava a mão.

— Juro-lhe o mesmo, madame Mina! — disse Van Helsing.

— E também eu! — disse lorde Godalming, cada um deles se ajoelhando alternadamente para prestar juramento.

Eu fiz o mesmo. Então, seu marido virou-se para ela com olhos muito tristes e com uma palidez esverdeada que amenizava a brancura de seus cabelos, perguntando-lhe:

— Eu também preciso fazer esse juramento, minha esposa querida?

— Você também, meu amor — disse ela, com uma piedade imensa na voz e no olhar. — Não deve recuar. Você é a pessoa mais próxima e querida que tenho. É minha vida. Nossas almas são uma só, para todo o sempre. Pense, meu querido, que houve épocas em que os homens matavam suas esposas e as mulheres de seu povo para evitar que caíssem nas mãos dos inimigos. Suas mãos não vacilaram porque suas amadas lhes pediam que as matassem. É o dever dos homens para com aquelas que amam, numa época de penosa provação! E, ah, meu querido, se eu tiver que encontrar a morte pelas mãos de alguém, que seja então pelas mãos daquele que mais me ama. Dr. Van Helsing, não esqueci a compaixão que o senhor demonstrou, no caso de Lucy, por aquele que amava... — Ela se interrompeu, corando ligeiramente, e mudou a frase. — Por aquele que tinha mais direito de lhe proporcionar a paz. Se um momento como esse voltar a se apresentar, conto

com vocês para fazer com que seja uma boa memória na vida de meu marido o fato de ter sido sua mão amorosa a me libertar de uma terrível escravidão.

— Mais uma vez eu juro — ressoou a voz do professor.

Mrs. Harker sorriu, e era um sorriso satisfeito; com um suspiro de alívio, ela reclinou-se para trás e disse:

— E agora algumas palavras de advertência, das quais nunca devem se esquecer: esse momento, se algum dia chegar, talvez chegue de forma rápida e inesperada; nesse caso, não devem perder tempo em aproveitar a oportunidade. Num momento como esse, eu talvez esteja unida ao seu inimigo contra vocês. Ou, melhor dizendo, sem dúvida estarei, se tal momento chegar. Mais um pedido — continuou ela, agora com um tom solene —, que não é tão vital ou necessário quanto o outro. Quero que me façam um favor, se puderem. — Todos aquiescemos, mas não dissemos nada; não havia necessidade de palavras. — Quero que leiam o missal.

Ela foi interrompida por um gemido profundo de seu marido; tomando a mão dele entre as suas, segurou-a sobre o peito e prosseguiu:

— Terão que lê-lo sobre o meu corpo algum dia. Qualquer que seja o desfecho dessa terrível história, será um pensamento de consolo para todos, ou para alguns de nós. Gostaria que você, meu querido, fizesse a leitura, pois assim as palavras ficarão para sempre gravadas em minha memória com a sua voz, aconteça o que acontecer.

— Mas, ah, minha querida — alegou ele —, a morte ainda está distante de você.

— Não — disse ela, erguendo a mão em sinal de advertência. — Estou mais perto da morte neste momento do que se me encontrasse dentro de um túmulo!

— Ah, querida esposa, devo mesmo ler? — perguntou ele, antes de começar.

— Vai me reconfortar, meu querido! — Foi tudo o que ela disse, e ele começou a ler assim que ela abriu o livro na página certa.

Como eu poderia — como qualquer um poderia — falar dessa estranha cena, de sua solenidade, de seu ar sombrio, de sua tristeza, de seu horror, e também de sua doçura? Até mesmo um cético, que nada enxerga além de uma paródia da amarga realidade em tudo o que é sagrado ou envolve as emoções, teria abaixado as defesas se visse o pequeno grupo de amigos afetuosos e devotos ajoelhados em torno daquela mulher ferida e desolada;

ou se ouvisse a paixão terna da voz de seu marido, que falhava devido à emoção e tantas vezes obrigava-o a se interromper enquanto lia o culto simples e bonito do Enterro dos Mortos. “Nã-não posso... continuar... faltam-me as pa-palavras... e... a voz.”

Seu instinto estava correto. Por mais que tudo tenha sido estranho, por mais bizarro que possa ter parecido mais tarde até mesmo a nós, que sentíamos toda a sua força no momento, o episódio nos reconfortou bastante; e o silêncio, que revelava a recaída de Mrs. Harker e a perda da liberdade de sua alma, não pareceu tão desesperador quanto havíamos temido.

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER

15 de outubro, Varna — Partimos de Charing Cross na manhã do dia 12, chegamos em Paris à noite e fomos ocupar os assentos previamente reservados no Expresso do Oriente. Viajamos uma noite e um dia inteiros, chegando aqui por volta das cinco horas da tarde. Lorde Godalming foi até o consulado ver se chegara algum telegrama para ele, nós viemos para o hotel — “o Odessus”. É possível que o trem tenha atravessado belas paisagens, mas eu estava ansioso demais para seguir em frente e não prestei atenção nelas. Até que a *Czarina Catherine* aporte, nada no mundo será capaz de me despertar grande interesse. Graças a Deus, Mina está bem e parece mais forte; sua cor está voltando. Dorme bastante; durante a viagem,

dormiu quase o tempo todo. Antes da aurora e do ocaso, porém, fica desperta e bem alerta. Tornou-se um hábito para Van Helsing hipnotizá-la nesses momentos. A princípio, era necessário um certo esforço, e ele tinha que fazer muitos passes. Agora, porém, ela parece ceder de imediato, como se já estivesse habituada, e pouco esforço é necessário. O professor parece ter nesses momentos o poder de simplesmente comandar, e os pensamentos dela lhe obedecem. Ele sempre lhe pergunta o que está vendo ou ouvindo. À primeira pergunta, ela responde:

— Nada, está tudo escuro.

E à segunda:

— Posso ouvir as ondas batendo contra o barco e o mar em movimento lá fora. A lona e o cordame estiram-se; os mastros e vergas estalam. O vento está forte; posso ouvi-lo assoviando no ovém, e a proa devolve ao mar a espuma.

Era evidente que a *Czarina Catherine* ainda estava no mar, velejando apressada para Varna. Lorde Godalming acabou de chegar. Trazia quatro telegramas, um recebido a cada dia desde que partimos, e todos com a mesma informação: o Lloyd's não recebeu qualquer notícia da *Czarina Catherine*. Antes de partir de Londres, lorde Godalming solicitou a seu agente que lhe enviasse um telegrama por dia dizendo-lhe se havia notícias do barco, ou mesmo que não as houvesse, para que pudesse ter certeza de que alguém estava alerta do outro lado da linha.

Jantamos e fomos cedo para a cama. Amanhã vamos nos encontrar com o vice-cônsul e tentar conseguir permissão para subir a bordo da embarcação assim que ela chegar. Van Helsing diz que nossa chance é entrar no barco entre a aurora e o poente. Mesmo que assuma a forma de um morcego, o conde não pode atravessar as águas quando bem entender, de modo que não poderá deixar o barco. Como não ousa assumir a forma humana, pois haveria de levantar suspeitas que evidentemente quer evitar, terá que ficar dentro da caixa. Se pudermos, então, subir a bordo após o nascer do sol, ele estará em nossas mãos. Podemos abrir a caixa e nos certificarmos de que está lá, como fizemos com a pobre Lucy, antes que ele acorde. Quanta comiseração ele há de encontrar em nós não importa. Acreditamos que não teremos muitos problemas com os oficiais ou os marinheiros. Graças a Deus! Neste país tudo se resolve com suborno, e dinheiro não nos falta. Só o que temos a fazer é nos certificarmos de que o barco não chegue ao porto entre a aurora e o ocaso sem que sejamos

avisados, e estaremos a salvo. O “Juiz Propina” vai decidir este caso, creio eu!

16 de outubro — O relato de Mina ainda é o mesmo: ondas batendo e água correndo, escuridão e vento favorável. É evidente que estamos bem adiantados e, quando recebermos notícias da *Czarina Catherine*, estaremos prontos. Como ela deve cruzar Dardanelos, com certeza vamos ouvir a seu respeito.

17 de outubro — Tudo está bastante bem preparado, acredito, para dar as boas-vindas ao conde em seu regresso. Aos encarregados de embarque e expedição de mercadorias, lorde Godalming disse acreditar que uma caixa que se encontra a bordo da *Czarina Catherine* talvez contenha algo que foi roubado de um amigo seu, e conseguiu obter permissão para abri-la, se assumir os riscos. O proprietário lhe deu um documento solicitando ao comandante que lhe desse todas as facilidades para fazer o que quisesse a bordo da embarcação e também uma autorização similar para o seu agente em Varna. Encontramo-nos com o agente, que ficou bastante impressionado com o tratamento gentil que recebeu de lorde Godalming, e todos estamos certos de que fará o que estiver ao seu alcance para atender aos nossos desejos. Já resolvemos o que fazer caso consigamos abrir a caixa. Se o conde estiver lá, Van Helsing e Seward deceparão de imediato sua cabeça e transpassarão uma estaca em seu coração. Morris, Godalming e eu teremos que evitar qualquer interferência externa, mesmo que tenhamos de usar as armas, que estarão prontas. O professor diz que, se fizermos isso com o corpo do conde, ele em breve ficará reduzido a poeira. Nesse caso, não haveria provas contra nós, se qualquer suspeita de assassinato for levantada. Mesmo que não fosse assim, porém, cumpriríamos nossa tarefa, e talvez algum dia estas minhas palavras venham a constituir provas que nos

salvarão da forca. Eu, de minha parte, correria o risco alegremente, se necessário. Faremos tudo o que for necessário, absolutamente tudo, para levar a cabo nossos planos. Fizemos um acordo com certos oficiais para que sejamos informados por um mensageiro especial no instante em que a *Czarina Catherine* for vista.

24 de outubro — Uma semana inteira de espera. Telegramas diários para Godalming, mas sempre a mesma história: "Ainda sem notícias." Os relatos de Mina durante os transes hipnóticos, tanto pela manhã quanto à tardinha, são os mesmos: ondas batendo, o mar em movimento, mastros estalando.

TELEGRAMA DE RUFUS SMITH, DO LLOYD'S DE LONDRES, PARA LORDE GODALMING, AOS CUIDADOS DE SUA MAJESTADE BRITÂNICA, VICE-CÔNSUL EM VARNA

"*24 de outubro* — A *Czarina Catherine* anunciou hoje sua chegada em Dardanelos."

DIÁRIO DO DR. SEWARD

25 de outubro — Como sinto falta do meu fonógrafo! Escrever meu diário com pena e tinta é cansativo, mas Van Helsing diz que devo fazê-lo. Ficamos todos bastante excitados quando Godalming recebeu o telegrama do Lloyd's. Agora sei como se sentem os homens quando, numa batalha, são chamados à ação. Somente Mrs. Harker não demonstrou qualquer sinal de emoção. Não é estranho, afinal de contas, que tenha sido assim; tomamos um cuidado especial para não deixar que soubesse de coisa alguma e tentamos não nos mostrar exaltados em sua presença. Nos velhos tempos, tenho certeza de que ela teria notado, por mais que lhe tentássemos esconder. Está bastante mudada, contudo, após transcorridas essas três semanas. Sua letargia aumenta, e, embora pareça forte e saudável, além de recuperar um pouco da cor, Van Helsing e eu não estamos satisfeitos. Falamos frequentemente sobre ela; não dissemos uma única palavra aos outros, porém. Partiria o coração do pobre Harker — com certeza afetaria seus nervos — saber que estamos um tanto desconfiados sobre esse assunto. Van Helsing examina seus dentes cuidadosamente, pelo que me diz, enquanto ela está em transe hipnótico; segundo ele, enquanto não começarem a ficar mais pontiagudos, não há perigo iminente de mudanças nela. Se essas mudanças ocorrerem, será necessário tomar providências!... Ambos sabemos que providências seriam essas, embora não mencionemos nossos pensamentos um ao outro. Nenhum de nós recuaria diante da tarefa — por mais que nos pareça abominável. "Eutanásia" é uma boa palavra; nos oferece consolo! Fico muito agradecido a quem quer que a tenha inventado.

A tomar pela velocidade com que a *Czarina Catherine* veio de Londres, não levará mais do que 24 horas de Dardanelos até aqui. Deve, portanto, chegar amanhã pela manhã; mas como não existe a possibilidade de que chegue antes do meio-dia, fizemos com que todos descansassem cedo. Acordaremos à uma hora, para ter certeza de que estaremos prontos.

25 de outubro, meio-dia — Nenhuma notícia da chegada do barco. O relato de Mrs. Harker durante o transe hipnótico foi igual ao habitual, de modo que é possível que tenhamos notícias a qualquer momento. Nós, os homens, estamos com uma verdadeira febre de excitação, à exceção de Harker, que está calmo. Suas mãos estão frias como o gelo, e há uma hora encontrei-o afiando o enorme facão que agora sempre leva consigo. Será uma situação bem desagradável para o conde se a lâmina do *Kukri* chegar a tocar-lhe a garganta, empunhada por aquela mão firme e fria como o gelo!

Van Helsing e eu ficamos hoje um pouco alarmados com relação a Mrs. Harker. Por volta do meio-dia, ela entrou numa espécie de letargia que não nos agradou; embora tenhamos mantido silêncio com os outros, nenhum de nós dois ficou feliz com o fato. Ela ficara inquieta durante toda a manhã, e a princípio ficamos felizes em saber que estava dormindo. Quando, porém, seu marido mencionou que ela dormia tão profundamente a ponto de ele não conseguir acordá-la, fomos até o quarto examinar nós mesmos. Ela respirava com naturalidade e parecia tão bem e tão tranquila que concordamos que o sono teria sobre ela efeitos melhores do que qualquer outra coisa. Pobre moça! Tem tantas coisas a esquecer que não é de se admirar que esse sono, se lhe trouxer o esquecimento, lhe faça bem.

Mais tarde — Nossa opinião pareceu se confirmar, pois quando, após um sono revigorante de algumas horas, ela acordou, parecia mais animada e em melhor estado do que estivera por vários dias. À hora do pôr do sol, fez seu habitual relatório hipnótico. Onde quer que o conde esteja, no mar Negro, aproxima-se de seu destino. De sua destruição, espero!

26 de outubro — Mais um dia sem notícias da *Czarina Catherine*. Já devia ter chegado, a essa altura. Aparentemente, continua velejando *em algum lugar*, pois durante o transe hipnótico, à hora do nascer do sol, Mrs. Harker

nos fez o mesmo relato. É possível que a escuna esteja aguardando para aportar, devido ao nevoeiro; alguns dos vapores que chegaram na noite passada informaram haver trechos sob nevoeiro tanto ao norte quanto ao sul do porto. Temos que continuar atentos, pois a escuna pode agora ser avistada a qualquer momento.

27 de outubro, meio-dia — É muito estranho. Ainda não há notícias da escuna que aguardamos. Mrs. Harker nos fez seu relato da mesma forma ontem à noite e hoje pela manhã: “ondas batendo e mar em movimento”, embora tenha acrescentado que “o barulho das ondas era muito fraco”. Os telegramas de Londres foram idênticos: “Sem mais notícias.” Van Helsing está terrivelmente ansioso e acaba de me dizer o quanto teme que o conde nos esteja escapando. Acrescentou, de maneira significativa:

— Não gostei da letargia de madame Mina. Espíritos e memórias podem fazer coisas estranhas durante o transe.

Eu estava prestes a lhe pedir que falasse mais a respeito, mas Harker entrou nesse exato instante, e o professor ergueu a mão em sinal de advertência. Hoje, à hora do pôr do sol, temos que fazer com que ela fale mais abertamente do que quando em seus transes hipnóticos.

TELEGRAMA DE RUFUS SMITH, DO LLOYD’S DE LONDRES, PARA LORDE GODALMING, AOS CUIDADOS DE SUA MAJESTADE BRITÂNICA, VICE-CÔNSUL EM VARNA

“*28 de outubro* — A *Czarina Catherine* registrou sua entrada em Galatz hoje à uma hora.”

DIÁRIO DO DR. SEWARD

28 de outubro — Quando recebemos o telegrama anunciando a chegada da escuna em Galatz, creio que não foi para nenhum de nós um choque como o que poderíamos esperar. Na verdade, não sabíamos de onde, ou como, ou quando viria o golpe, mas creio que todos esperávamos que algo de estranho fosse acontecer. O atraso da chegada em Varna nos deixou a todos com a impressão de que as coisas não aconteceriam exatamente conforme o esperado; aguardávamos apenas para saber qual seria a mudança. Apesar disso, porém, foi uma surpresa. Suponho que a natureza trabalhe sobre o princípio da esperança, e acreditamos, a despeito de nós mesmos, que as coisas serão como deveriam ser, e não como deveríamos saber que serão. O transcendentalismo é uma fonte de luz e inspiração angélica, mesmo que seja uma ilusão para os homens. Foi uma experiência insólita, e cada um de nós reagiu de maneira diferente. Van Helsing ergueu as mãos para o céu por um instante, como se rogasse ao Todo-Poderoso, mas não disse uma palavra e, em poucos segundos, se pôs de pé, a face rígida. Lorde Godalming ficou muito pálido e se sentou, com a respiração acelerada. Eu próprio fiquei meio atordoado e olhei para cada um deles alternadamente, surpreso. Quincey Morris apertou o cinto com aquele movimento rápido que eu

conhecia tão bem; na época em que errávamos pelo mundo, significava “ação”. Mrs. Harker ficou pálida como a morte, o que fez com que a cicatriz em sua fronte parecesse estar em brasa, mas ela juntou as mãos docilmente e ergueu os olhos, rezando. Harker sorriu — sorriu mesmo, mas era o sorriso amargo e sombrio dos que não têm esperanças. Ao mesmo tempo, contudo, sua atitude desmentiu suas palavras, pois suas mãos instintivamente procuraram pelo cabo do facão *Kukri* e ali ficaram.

— Quando parte o próximo trem para Galatz? — perguntou Van Helsing dirigindo-se a todos nós.

— Amanhã pela manhã, às seis e meia!

Todos ficamos muito surpresos, pois a resposta veio de Mrs. Harker.

— Como é possível que a senhora saiba? — perguntou Art.

— Está se esquecendo de que sou a fanática por trens, embora Jonathan saiba disso e o dr. Van Helsing também. Em Exeter, costumava anotar os horários, de modo a ser útil a meu marido. Descobri que isso às vezes se revelava tão útil que sempre faço um estudo dos horários dos trens agora. Sabia que, se alguma coisa nos obrigasse a ir até o Castelo Drácula, teríamos que ir via Galatz, ou de qualquer modo via Bucareste; então, informei-me cuidadosamente sobre os horários. Infelizmente, não é muita coisa, pois o trem a que me referi é o único a partir amanhã.

— Que mulher maravilhosa! — murmurou o professor.

— Será que conseguimos trem especial? — perguntou lorde Godalming. Van Helsing fez que não com a cabeça:

— Receio que não. Este é um país muito diferente do seu e do meu; mesmo que conseguíssemos um trem especial, provavelmente andaria mais devagar do que o nosso trem comum. Além do mais, temos que fazer preparativos. Precisamos refletir. Vamos nos organizar: o amigo Arthur vai até a estação, compra as passagens e toma todas as providências necessárias para que possamos partir amanhã pela manhã. O amigo Jonathan vai falar com o agente da escuna, obtendo dele cartas para o agente em Galatz, com autorização para vasculhar a embarcação igual à que tínhamos aqui. Quincey Morris vai falar com o vice-cônsul e pedir-lhe que nos ajude junto ao seu colega em Galatz e facilite nossa viagem, evitando que percamos tempo no Danúbio. John ficará com madame Mina e comigo, para discutirmos o assunto. Assim sendo, não terá importância se essas providências lhes tomarem tempo e se atrasarem, pois à hora do pôr do sol estarei aqui com madame, para ouvir seu relato.

— E eu tentarei ser útil de todas as maneiras possíveis — disse Mrs. Harker com vivacidade; há bastante tempo eu não a via tão parecida com seu antigo eu. — Vou pensar e escrever para vocês como costumava fazer. Algo está se afastando de mim de um modo estranho, e me sinto mais livre do que tenho estado ultimamente!

Os três rapazes pareceram se alegrar quando compreenderam o significado de suas palavras; ao nos entreolharmos, porém, Van Helsing e eu nos deparamos com a mesma expressão preocupada e séria. Nada dissemos, porém, no momento.

Depois que os três saíram para cumprir suas tarefas, Van Helsing pediu a Mrs. Harker que consultasse a cópia dos diários e encontrasse a parte escrita por Harker no castelo. Ela foi buscar os papéis. Quando ela saiu, o professor fechou a porta e me disse:

— Temos a mesma impressão! Fale!

— Houve mudanças. É uma esperança que me deixa aflito, pois talvez venhamos a nos frustrar.

— Exatamente. Sabe por que pedi a ela que fosse buscar o manuscrito?

— Não! — disse eu. — A não ser que quisesse uma oportunidade de estar a sós comigo.

— Você está certo, em parte, amigo John; mas só em parte. Há algo que quero lhe dizer. E, ah, meu amigo, estou correndo um risco imenso, um risco terrível, mas acredito que tenha razão. No momento em que madame Mina disse aquelas palavras cujo significado nós dois compreendemos, uma luz se acendeu para mim. Durante o transe, há três dias, o conde enviou seu espírito para ler a mente dela; ou, o que é mais provável, fez com que ela o visse em seu caixote de terra, na escuna, com o barulho do mar ao redor, do mesmo jeito como ela o vê à hora do nascer do sol e do ocaso. Descobriu que estamos aqui, pois ela tem mais a dizer, vivendo entre os homens, com olhos para ver e ouvidos para ouvir, do que ele, trancafiado como está em seu caixão. E agora faz esse último esforço para fugir de nós. No momento, não a quer. Seu grande conhecimento lhe dá a certeza de que ela atenderá ao seu chamado; mas a exclui temporariamente de seu campo de influência, como tem a capacidade de fazer, para que ela não vá até ele. Ah! Tenho esperanças de que nossos cérebros de homens, que o têm sido há tanto tempo e que não perderam a graça de Deus, elevem-se acima daquele cérebro infantil confinado há séculos a um túmulo, que ainda não alcançou a nossa estatura e só opera de maneira egoísta; limitada, portanto. Aí vem

madame Mina. Não lhe diga uma palavra a respeito de seu transe! Ela não sabe e, se viesse a saber, ficaria arrasada e desesperada, num momento em que precisamos de toda a sua esperança e coragem, num momento em que precisamos que use sua mente, treinada como a de um homem, mas pertencente a uma mulher adorável e dotada de um poder especial que lhe foi conferido pelo conde; nem mesmo ele pode privá-la inteiramente desse poder, embora acredite que sim. Silêncio! Deixe-me falar e saberá. Ah, John, meu amigo, estamos em terríveis dificuldades. Tenho medo, um medo maior do que jamais tive. Só podemos confiar no bom Deus. Silêncio! Aí vem ela.

Achei que o professor fosse perder o controle e ter uma crise de histeria, como a que teve quando Lucy morreu, mas com um enorme esforço ele conseguiu se conter e estava no mais perfeito equilíbrio nervoso quando Mrs. Harker entrou no escritório, animada, alegre e aparentemente esquecida de seus infortúnios enquanto fazia seu trabalho. Entregou uma certa quantidade de folhas datilografadas a Van Helsing. Ele as examinou com ar grave, e seu rosto foi se iluminando conforme lia. Então, segurando as folhas entre o polegar e o indicador, disse:

— Amigo John, eis uma lição para você, que já tem tanta experiência; e também para a senhora, cara madame Mina, que ainda é jovem: jamais tenham medo de pensar. Uma ideia tem ficado zumbindo com frequência em meu cérebro, mas temo dar-lhe asas. Agora, com mais conhecimento, retorno aonde essa ideia se originou e descubro que não se trata apenas de uma ideia incipiente, mas de um pensamento completo, embora tão jovem que ainda não é forte o suficiente para usar suas asinhas. Como o “Patinho Feio” de meu amigo Hans Andersen, não é um pensamento-patinho, mas um enorme pensamento-cisne que desliza com toda a nobreza e com grandes asas assim que é chegado o momento de usá-las. Vejam, acabo de ler aqui o que Jonathan escreveu: “Um outro de sua raça que, mais tarde, levou repetidas vezes suas forças a cruzarem o rio; aquele que, uma vez derrotado, retornava, e retornava, e retornava, embora tivesse que regressar sozinho do campo sangrento onde suas tropas estavam sendo dilaceradas, pois sabia que somente ele poderia, ao fim, triunfar.” O que isso nos revela? Não muito? Não! O pensamento infantil do conde nada vê; é por isso que ele fala tão abertamente. E nosso pensamento de homens nada vê, até este momento. Não! Mas eis que se ouve uma outra palavra, dita por alguém que fala sem pensar porque também ela não sabe o que significa, ou o que

poderia significar. Do mesmo modo como, na natureza, há elementos inertes que, com o passar do tempo, acabam por se tocar; então, puf!, surge um clarão imenso que cega e mata e destrói alguns, mas que ilumina a Terra lá embaixo por quilômetros e quilômetros. Não é assim? Bem, vou explicar. Para começar, vocês já estudaram a filosofia do crime? "Sim" e "não". Você, John, sim, pois é um estudo da loucura. A senhora não, madame Mina, pois o crime não a afeta, à exceção daquele único episódio. Ainda assim, raciocina com correção e não argumenta *a particulari ad universale*. Os criminosos têm uma peculiaridade. É tão constante, em todos os países e em todas as épocas, a ponto de até mesmo a polícia, que não sabe muita filosofia, vir a descobrir, de forma empírica, que *é assim*. Isso é ser empírico. O criminoso sempre trabalha num crime; isto é, o verdadeiro criminoso, aquele que parece predestinado ao crime e que não se dedica a nada além disso. Esse criminoso não tem uma mente inteiramente desenvolvida. É esperto, astuto e habilidoso, mas seu cérebro não tem a estatura do cérebro dos outros homens. Em muitos aspectos, tem um cérebro infantil. Esse nosso criminoso também está predestinado a cometer crimes; também tem um cérebro infantil, e é característico de uma criança fazer o que ele fez. O passarinho, o peixinho, os pequenos animais não aprendem por princípios, mas de maneira empírica; quando aprendem o que fazer, já têm um ponto de partida para fazer mais coisas. "*Dos pon sto*", disse Arquimedes. "Deem-me um ponto de apoio, e serei capaz de mover o mundo!" O ponto de apoio a partir do qual o cérebro infantil se torna um cérebro adulto é a experiência. É o ato de fazer uma vez. Enquanto tiver a intenção de fazer mais coisas, continua se repetindo uma vez após a outra! Ah, minha cara, vejo que seus olhos estão abertos, e que para a senhora o clarão luminoso revela toda a vasta extensão lá embaixo. — Mrs. Harker começou a bater palmas, e seus olhos cintilaram. — Agora deve falar — prosseguiu ele. — Diga a nós, frios homens da ciência, o que vê com esses olhos tão brilhantes.

Ele tomou-lhe a mão, segurando-a enquanto ela falava. O indicador e o polegar fecharam-se em torno de seu punho — instintivamente, foi o que pensei.

— O conde é um criminoso e tem a natureza de um criminoso — disse ela. — Nordau e Lombroso haveriam de classificá-lo assim, e, *como* criminoso, a formação de sua mente é imperfeita. Assim, quando em dificuldades, tem que buscar seus recursos no hábito. Seu passado é uma

pista, e a única página que conhecemos desse passado, a que ele próprio nos contou, nos diz que, no passado, quando se encontrava no que Mr. Morris chamaria de “maus lençóis”, o conde deixou o território que tentara invadir e regressou ao seu país; então, mantendo-se firme em seu propósito, preparou-se para uma nova investida. Voltou, mais bem equipado para a luta, e venceu. Assim foi também a Londres, para invadir um novo território. Foi derrotado, e, quando já não lhe restavam esperanças de sucesso e sua existência estava em perigo, atravessou o mar e regressou às pressas ao seu lar, do mesmo modo como atravessara antes o Danúbio, voltando do território turco.

— Muito bom, muito bom! Ah, mas que mulher inteligente! — disse Van Helsing, entusiasmado, inclinando-se e beijando-lhe a mão.

Um instante depois, ele me disse, calmamente, como se estivéssemos fazendo uma consulta numa enfermaria:

— Só 72, e com toda essa animação. Ainda tenho esperanças. — E virou-se novamente para ela. — Mas prossiga — disse, na maior expectativa. — Prossiga! Há mais coisas a dizer, se quiser. Não tenha medo; John e eu sabemos. Eu sei, de qualquer modo, e direi se estiver correta. Fale sem receio!

— Vou tentar, mas terão que me perdoar se eu parecer egotista.

— Não, não tenha medo. A senhora tem que ser egotista, pois é na senhora que estamos pensando.

— Então, assim como ele é criminoso, é egoísta; seu intelecto é pequeno e sua ação é baseada somente em seus interesses; ele se restringe a um único objetivo. Nesse objetivo não há espaço para o remorso. Do mesmo modo como fugiu, atravessando o Danúbio e deixando seu exército ser feito em pedaços, assim também tem agora a intenção de se proteger, sem se importar com nada mais. Seu egoísmo, portanto, liberta um pouco meu espírito do terrível poder que adquiriu sobre mim naquela noite medonha. Eu pude senti-lo! Ah, eu pude senti-lo! Graças a Deus por Sua misericórdia. Minha alma está mais livre agora do que em qualquer outro momento desde aquela hora assustadora; só o que ainda me assombra é o medo de que, durante algum transe ou sonho, ele tenha se usado do meu conhecimento em prol de seus propósitos.

O professor se pôs de pé:

— É verdade que ele tenha usado dessa forma sua mente. Foi por isso que nos deixou aqui em Varna, enquanto a escuna em que embarcara

seguia, em meio a um espesso nevoeiro, até Galatz. Lá, sem dúvida ele se preparou para fugir de nós. Foi apenas esse, porém, o alcance de sua mente infantil. Pode ser que, como sempre acontece quando a Providência Divina está em ação, aquilo com que esse ser maligno mais contava para alcançar seus objetivos egoístas acabe por lhe causar os maiores danos. O caçador é pego em sua própria armadilha, como diz o grande salmista. Pois, agora que ele acha que está inteiramente livre de nós, que conseguiu fugir deixando-nos muitas horas para trás, seu cérebro infantil e egoísta vai lhe sugerir que durma. Ele também acha que, ao deixar de ler sua mente, a senhora também não poderá ter acesso à dele; esse é o seu grande engano! Esse terrível batismo de sangue a que a submeteu deixa-a livre para ir até ele em espírito, como fez até o momento em seus períodos de liberdade, ao nascer e ao pôr do sol. Nesses instantes, a senhora está obedecendo à minha vontade, e não à dele. Esse poder, que é possível usar em favor do seu próprio bem e dos outros, a senhora ganhou, através do sofrimento, das mãos dele. Agora, nos é muito útil o fato de ele não saber disso, e de, para se proteger, ter se desligado até mesmo do conhecimento de nosso paradeiro. Nós, contudo, não somos egoístas; acreditamos que Deus esteja conosco em meio a toda essa escuridão e durante todas essas longas horas difíceis. Vamos segui-lo. Não recuaremos, mesmo que corramos o risco de nos tornarmos seres iguais a ele. Amigo John, este foi um momento muito especial; conseguimos avançar muito em nosso caminho. Tem que escrever tudo isso para que os outros possam ler, mais tarde, quando regressarem de seu trabalho. Então, ficarão a par de tudo, como nós estamos.

Assim sendo, escrevi estas páginas enquanto aguardamos seu retorno, e Mrs. Harker datilografou tudo o que aconteceu desde que chegou com o manuscrito.

Capítulo 26

DIÁRIO DO DR. SEWARD

29 de outubro — Estas páginas foram escritas no trem, entre Varna e Galatz. Na noite passada reunimo-nos um pouco antes da hora do poente. Cada um de nós tinha cumprido suas tarefas da melhor forma possível; no que diz respeito às reflexões, ao empenho e ao bom uso das oportunidades, estamos preparados para nossa viagem, e para o trabalho que teremos que fazer ao chegar em Galatz. Quando o momento habitual se aproximou, Mrs. Harker preparou-se para seu transe hipnótico; após um esforço maior e mais prolongado da parte de Van Helsing do que normalmente se fazia necessário, ela mergulhou no transe. O habitual é que ela fale tão logo receba o estímulo, mas dessa vez o professor teve que lhe fazer perguntas, e de forma bem direta, para que pudéssemos descobrir alguma coisa. Afinal, veio a resposta:

— Não consigo ver nada; estamos parados; não há ondas batendo, mas somente um ruído constante de água correndo suavemente junto à espia. Posso ouvir vozes de homens gritando, perto e longe, e o ruído dos remos nas toleteiras. Um tiro é disparado em algum lugar; o eco parece distante. Ouço passos lá em cima, e o arrastar de cordas e correntes. O que é isto? Vejo um clarão e posso sentir o sopro do ar sobre meu corpo.

Ela se interrompeu nesse momento. Havia se erguido como que impulsivamente do lugar onde estava deitada, no sofá. Levantara as duas mãos, com as palmas para cima, como se estivesse erguendo um peso. Van Helsing e eu trocamos olhares de entendimento. Quincey ergueu as sobrancelhas e ficou olhando atentamente para ela, enquanto Harker instintivamente agarrou o cabo de seu facão *Kukri*. Fez-se uma longa pausa. Todos sabíamos que o período em que ela era capaz de falar estava passando, mas sentíamos que era inútil dizer alguma coisa. Subitamente, ela se sentou e disse, com delicadeza, ao abrir os olhos:

— Será que nenhum de vocês quer uma xícara de chá? Devem estar todos tão cansados!

Como só queríamos vê-la feliz, aceitamos a oferta. Depois que ela se foi, Van Helsing disse:

— Estão vendo, meus amigos, que ele está bem perto. Saiu de dentro de sua arca de terra, mas ainda tem que chegar à terra firme. À noite, talvez se esconda em algum lugar, mas se não for carregado até a terra firme, ou se a escuna não a tocar, não tem como desembarcar. Nesse caso, durante a noite poderia mudar sua forma física e pular ou voar por sobre a água, como fez em Whitby. Se o dia nascer, porém, antes que ele consiga chegar à terra firme, então não poderá fugir, a menos que o carreguem. E se for carregado, os oficiais da alfândega talvez descubram o que contém o caixote. Assim sendo, em suma, se ele não fugir para a terra firme hoje à noite ou antes da aurora, terá perdido o dia. Talvez cheguemos a tempo; se ele não deixar a escuna à noite iremos encontrá-lo de dia, encaixotado e à nossa mercê. Pois ele não ousa ficar acordado e visível em sua verdadeira forma física, com medo de ser descoberto.

Nada mais havia a dizer. Aguardamos pacientemente até a aurora, quando então poderíamos obter mais informações junto a Mrs. Harker.

Bem cedo pela manhã aguardávamos, com o fôlego suspenso de ansiedade, pelas suas respostas durante o transe. O estágio hipnótico demorou ainda mais para chegar do que antes; quando se instalou, o tempo restante até o nascer do sol era tão pouco que começamos a entrar em desespero. Van Helsing parecia empenhar sua alma no esforço; afinal, em obediência ao seu comando, ela respondeu:

— Está tudo escuro. Ouço o marulho das ondas no mesmo nível em que estou, e uns estalos como os da madeira.

Ela se interrompeu, e o sol vermelho raiou. Teremos que esperar até a noite.

Assim, estamos viajando para Galatz angustiados e em grande expectativa. Deveríamos chegar entre as duas e as três horas da madrugada, mas já em Bucareste estamos com três horas de atraso, de modo que não conseguiremos chegar antes do nascer do sol. Teremos, portanto, mais duas mensagens hipnóticas de Mrs. Harker; através de uma delas, ou mesmo de ambas, talvez alguma luz se acenda sobre o que está acontecendo.

Mais tarde — O ocaso veio e se foi. Por sorte, ocorreu num momento em que não havia distrações; se tivesse nos surpreendido numa estação, não teríamos conseguido obter a calma e a isolação necessárias. Mrs. Harker cedeu com prontidão ainda menor do que a de hoje de manhã ao transe hipnótico. Temo que seu poder de ler as sensações do conde venha a cessar no momento em que nos é mais necessário. Parece-me que sua imaginação está começando a funcionar. Até agora, quando em transe, ela se limitou ao relato puro e simples dos fatos. Se isso continuar acontecendo, talvez acabe por nos confundir, em última análise. Se eu achasse que o poder do conde sobre Mrs. Harker cessaria junto com o poder de conhecimento dela, ficaria satisfeito, mas temo que não seja assim. Quando ela por fim falou, suas palavras foram enigmáticas:

— Alguma coisa está acontecendo; sinto passar por mim algo como um vento frio. Posso ouvir, a distância, sons confusos, como se fossem vozes de homens falando em línguas desconhecidas, água caindo com força e lobos uivando.

Ela parou e estremeceu, com uma intensidade cada vez maior, durante alguns segundos; por fim, tremia de forma descontrolada. Nada mais disse, nem mesmo em resposta às perguntas que o professor fazia de forma imperativa. Quando acordou do transe, sentia frio e estava lânguida e exausta, mas sua mente encontrava-se alerta. Não conseguia se lembrar de coisa alguma, mas perguntou o que havia dito. Quando lhe contamos, ela refletiu profundamente a respeito durante um bom tempo, em silêncio.

30 de outubro, sete horas — Estamos agora perto de Galatz, e eu talvez não tenha tempo de escrever mais tarde. Todos nós aguardávamos com muita ansiedade o nascer do sol, hoje de manhã. Ciente da crescente dificuldade de fazer Mrs. Harker ingressar no transe hipnótico, Van Helsing começou seus passes mais cedo do que o habitual. Não tiveram qualquer efeito, porém, até o horário costumeiro, e ela cedeu com dificuldade ainda maior, apenas um minuto antes do nascer do sol. O professor não perdeu tempo em fazer-lhe as perguntas; sua resposta veio com igual rapidez:

— Tudo está escuro. Ouço a água correndo, no mesmo nível dos meus ouvidos, e o estalar de madeira contra madeira. O mugir do gado, a distância. Há um outro som, um som esquisito, como... — Ela parou e começou a ficar cada vez mais pálida.

— Continue! Fale, eu ordeno! — disse Van Helsing, aflito.

Havia ao mesmo tempo desespero em seus olhos, pois o sol que nascia produzia reflexos avermelhados até mesmo no rosto pálido de Mrs. Harker. Ela abriu os olhos, e todos ficamos surpresos quando disse, de maneira gentil e com aparente indiferença:

— Ah, professor, por que me pede para fazer o que sabe que não posso? Não me lembro de nada.

Em seguida, vendo a expressão de surpresa em nosso rosto, disse, virando-se alternadamente para cada um de nós:

— O que foi que eu disse? O que foi que eu fiz? Não sei de nada, exceto que estava deitada lá, semiadormecida, e o ouvi dizer “Continue! Fale, eu ordeno!”. Pareceu-me tão engraçado ouvi-lo me dar ordens, como se eu fosse uma criança travessa!

— Ah, madame Mina — disse ele, tristemente —, quando palavras que visam ao seu bem, ditas com mais sinceridade do que nunca, parecem tão estranhas, por serem ordens dadas àquela a quem me orgulho de obedecer, isso é uma prova, se provas forem necessárias, do quanto eu a estimo e respeito!

O trem está apitando; aproximamo-nos de Galatz. Estamos ardendo de ansiedade e impaciência.

DIÁRIO DE MINA HARKER

30 de outubro — Mr. Morris levou-me ao hotel onde nossos quartos foram reservados através de telegramas, já que ele, por não falar idiomas estrangeiros, é o único de que podem abrir mão, no momento. As forças foram distribuídas como haviam sido em Varna, com uma exceção: lorde Godalming foi falar com o vice-cônsul; seu título pode funcionar como uma espécie de garantia imediata ao oficial, já que estamos com uma pressa enorme. Jonathan e os dois médicos foram ao encarregado de expedição de mercadorias, a fim de se pôr a par de detalhes acerca da chegada da *Czarina Catherine*.

Mais tarde — Lorde Godalming voltou. O cônsul está ausente e o vice-cônsul encontra-se doente; o trabalho rotineiro está sendo feito por um funcionário — que foi muito amável e se ofereceu para fazer o que estiver em seu poder.

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER

30 de outubro — Às nove horas, o dr. Van Helsing, o dr. Seward e eu fomos ter com os senhores Mackenzie & Steinkov, agentes da firma londrina

Hapgood. Em resposta ao pedido enviado por lorde Godalming, eles haviam recebido de Londres um telegrama solicitando-lhes que nos atendessem com toda a cortesia. Foram mais do que gentis e polidos, levando-nos imediatamente a bordo da *Czarina Catherine*, ancorada no porto fluvial. Lá vimos o comandante, chamado Donelson, que nos contou sobre a viagem. Disse que em toda sua vida jamais encontrara ventos tão favoráveis.

— Minha nossa — disse ele —, estávamos tão apavorados. Achávamos que a má sorte ia nos visitar e perderíamos o navio. Não é normal ir tão rápido de Londres ao mar Negro com o vento ao nosso favor. Era como se o próprio Diabo estivesse soprando nossas velas, com algum objetivo particular dele. E o tempo todo não conseguíamos ver nada. Sempre que chegávamos perto de algum barco, de algum porto ou de algum cabo, o nevoeiro nos envolvia e seguia conosco. Quando se dissipava e olhávamos para o mar, já não conseguíamos ver nada. Atravessamos Gibraltar sem poder sinalizar, e só encontramos alguém quando chegamos em Dardanelos e ficamos esperando pela permissão para seguir viagem. Primeiro, eu estava inclinado a afrouxar um pouquinho as velas até o nevoeiro diminuir, mas achei que se o Diabo estava determinado a nos fazer chegar logo ao mar Negro, ia conseguir, quiséssemos nós ou não. Se fizéssemos uma viagem rápida, não ficaríamos nada mal aos olhos dos proprietários, e não prejudicaria nossos negócios. E o velho que havíamos ajudado ficaria bem agradecido por não ter sido impedido.

Essa mistura de simplicidade e astúcia, de superstição e raciocínio comercial, despertou Van Helsing, que disse:

— Meu amigo, esse Diabo é mais esperto do que alguns acreditam; e ele sabe quando encontra um adversário à altura!

O gracejo não desagradou ao comandante, que prosseguiu:

— Depois que passamos pelo Bósforo, os homens começaram a resmungar. Alguns deles, os romenos, vieram me pedir que lançasse ao mar um caixote grande que um velho esquisito trouxera a bordo logo antes de zarparmos de Londres. Eu vira esses homens olharem assustados para o sujeito e apontarem para ele dois dedos quando o viram, a fim de se proteger do mau-olhado. Puxa, essa superstição dos estrangeiros é bem ridícula! Mandei que voltassem ao trabalho na mesma hora, mas, logo depois que um nevoeiro envolveu o barco, eu mesmo me senti um pouco estranho por causa de alguma coisa. Mas não posso dizer que fosse por

causa do caixote. Bem, continuamos, e como o nevoeiro não se dissipasse por cinco dias, simplesmente deixei o vento nos levar. Porque se o Diabo quisesse chegar a algum lugar, bem, é claro que ia conseguir. E se não quisesse, de qualquer modo ficaríamos de olho. Tivemos de fato bom tempo e navegamos em águas profundas o tempo todo. Há dois dias, quando o sol penetrou o nevoeiro, nos encontramos exatamente no rio em frente a Galatz. Os romenos estavam histéricos e queriam que, certo ou errado, eu tirasse a caixa e a jogasse no rio. Tive que discutir com eles com uma alavanca de madeira. Quando o último deles levantou-se do chão segurando com as mãos a cabeça, tive de convencê-los de que, mau-olhado ou não, a propriedade e a confiança dos proprietários seriam mais bem servidas em minhas mãos do que no Danúbio. Reparem bem, esses homens já tinham levado a caixa até o convés e estavam prontos para lançá-la na água. Como estava marcado nela *Galatz via Varna*, achei melhor deixá-la ali até descarregarmos as mercadorias no porto e nos livrarmos dela de uma vez por todas. Não conseguimos descarregar muita coisa naquele dia e tivemos que ficar ancorados durante a noite. Mas, bem cedinho na manhã seguinte, um senhor subiu a bordo com uma ordem, proveniente da Inglaterra, para receber uma caixa destinada a um tal conde Drácula. Os papéis estavam em ordem, e eu fiquei feliz por me livrar da maldita caixa, pois também estava começando a ficar inquieto com aquilo. Se o Diabo tivesse alguns pertences no navio, acho que não era nada mais nem nada menos do que a própria!

— Como se chamava o homem que o levou? — perguntou o dr. Van Helsing, contendo sua ansiedade.

— Já vou lhe dizer — respondeu o comandante.

Descendo até a cabine, voltou de lá com um recibo assinado por “Immanuel Hildesheim”. O endereço era Burgenstrasse, 16. Descobrimos que isso era tudo o que o comandante sabia; agradecemos e fomos embora.

Encontramos Hildesheim em seu escritório. Tratava-se de um hebreu tipo “Teatro Adelphia”, com o nariz igual ao de um carneiro e um fez. Seus argumentos eram sublinhados com dinheiro — essa parte cabendo a nós —, e com uma certa barganha ele nos contou o que sabia. Suas informações se revelaram bastante simples, mas importantes. Ele recebera uma carta de Mr. de Ville, de Londres, dizendo-lhe que recebesse, se possível antes do raiar do dia, para evitar os oficiais da alfândega, uma caixa que chegaria a Galatz a bordo da *Czarina Catherine*. Deveria deixá-la aos cuidados de um certo Petrov Skinski, que negociava com os eslovacos que faziam o transporte

pelo rio até o porto. Seus serviços haviam sido pagos por uma promissória de um banco inglês, devidamente descontada em ouro no Danube International Bank. Quando Skinski aparecera, ele o levara até a escuna e lhe entregara a caixa, a fim de economizar as despesas com o carreto. Era tudo o que sabia.

Quando procuramos por Skinski, não conseguimos encontrá-lo. Um de seus vizinhos, que não parecia gostar muito dele, disse que partira dois dias antes; ninguém sabia para onde. A informação foi confirmada pelo senhorio, a quem um mensageiro entregara a chave da casa e o pagamento do aluguel — em moeda inglesa. Isso ocorrera entre as dez e as 11 horas, na noite anterior. Estávamos novamente num beco sem saída.

Enquanto conversávamos, alguém chegou correndo, sem fôlego, dizendo que o corpo de Skinski havia sido encontrado dentro dos muros do adro de St. Peter, e que a garganta havia sido dilacerada, como que por algum animal selvagem. Os homens com quem falávamos correram para ver o horror, o sujeito gritando “Isso é coisa de algum eslovaco!”. Fomos embora depressa, para evitar que nos relacionassem de alguma forma ao crime e assim nos detivessem.

Ao chegarmos ao hotel, não havia qualquer conclusão definitiva. Estávamos todos convencidos de que o caixote estava a caminho de algum lugar, por água, mas qual poderia ser esse lugar era algo que teríamos que descobrir. Com o ânimo abatido, voltamos para junto de Mina.

Quando nos reunimos, a primeira coisa a fazer era decidir se Mina voltaria a compartilhar de nossos planos e discussões. Estamos numa situação desesperada, e isso seria pelo menos correr o risco, embora um risco grande. Como um primeiro passo, fui liberado da promessa que fizera a ela.

DIÁRIO DE MINA HARKER

30 de outubro, à noite — Todos estavam tão exaustos e esgotados e abatidos que nada havia a fazer até que tivessem descansado um pouco. Assim sendo, pedi-lhes que se deitassem por meia hora enquanto eu anotava tudo o que acontecera até o momento. Fico muito grata ao homem que inventou a máquina de escrever "Traveller's" e a Mr. Morris, que comprou esta aqui para mim. Ficaria perdida se tivesse que escrever com pena e tinta.

Tudo já foi feito. Como meu pobre querido Jonathan não deve ter sofrido, como não deve estar sofrendo agora! Está deitado no sofá e mal parece respirar; a impressão é de que todo o seu corpo entrou em colapso. As sobrancelhas estão franzidas e todo o seu rosto está contraído com a dor. Pobre rapaz; talvez ele esteja pensando, e posso ver sua face enrugar com o esforço da concentração. Ah! Se eu pudesse ajudar no que fosse... Farei o que puder.

Pedi ao dr. Van Helsing todos os papéis que ainda não li, e ele me atendeu... Enquanto descansam, vou ler tudo com cuidado e talvez chegue a alguma conclusão. Vou tentar seguir o exemplo do professor e refletir sem preconceitos sobre os fatos que se abrem diante de mim...

Acredito que, com a graça de Deus, tenha feito uma descoberta. Vou apanhar os mapas e examiná-los...

Estou mais do que nunca convencida de que tenho razão. Já anotei minha nova conclusão; reunirei os outros e lerei o que escrevi. Eles poderão julgar; convém ser precisa, e cada minuto é muito importante.

MEMORANDO DE MINA HARKER
(*REGISTRADO EM SEU DIÁRIO.*)

Base da investigação — O problema do conde Drácula é regressar ao seu castelo.

(*a*) É necessário que ele seja *levado de volta* por alguém. Isso é evidente, pois se ele tivesse condições de se deslocar como quisesse, poderia ir como homem, como lobo, como morcego ou de alguma outra forma. É óbvio que teme ser descoberto, ou que haja interferências em seu plano, no estado de impotência em que deve se encontrar — confinado como está a um caixote de madeira, entre a aurora e o poente.

(*b*) *Como ele será levado?* — Aqui um processo de exclusões pode nos ajudar. Pela estrada, pela ferrovia ou por água?

1. *Pela estrada*. — Há infinitas dificuldades, sobretudo para deixar a cidade.

(*x*) Há pessoas; pessoas são curiosas, e fazem investigações. Uma insinuação, uma suspeita, uma dúvida sobre o que poderia haver dentro da caixa poderiam destruí-lo.

(*y*) Há, ou pode haver, oficiais da alfândega e cobradores de impostos pelos quais teria que passar.

(*z*) Seus perseguidores poderiam segui-lo. Esse é o seu maior medo; para evitar que descubram seu paradeiro, ele repele, até onde é capaz de fazê-lo, sua própria vítima — eu!

2. *Pela ferrovia*. — Não há ninguém para cuidar da caixa. Ele teria que correr o risco de sofrer algum atraso, e qualquer demora seria fatal, com os inimigos em seu encalço. É verdade que pode fugir à noite; mas o que seria dele se deixado num lugar estranho, sem um refúgio onde se esconder? Não é o que tem em mente; não pretende correr riscos.

3. *Por água*. — Essa é a forma mais segura, por um aspecto, mas a mais perigosa, por outro. Na água ele perde seus poderes, exceto à noite; mesmo então, só pode invocar o nevoeiro, a tempestade, a neve e seus lobos. Se naufragasse, porém, a água haveria de tragá-lo; impotente, ele seria destruído. Poderia fazer com que a escuna se aproximasse da terra

firme, mas se fosse terra inimiga, onde não tivesse liberdade para ir e vir, sua situação ainda seria desesperadora.

Sabemos, a partir destes registros, que ele estava viajando por água; o que precisamos fazer, portanto, é definir *qual* água.

A primeira coisa a descobrir é o que exatamente ele fez até o momento; então, talvez tenhamos alguma pista de quais serão seus próximos passos.

Primeiro. — Temos que distinguir entre o que ele fez em Londres como parte de seu plano geral de ação e o que fez sob pressão, em momentos em que tinha de se arranjar da melhor forma possível.

Segundo. — Temos que descobrir, até onde pudermos deduzir a partir dos fatos que conhecemos, o que ele fez até o momento.

Quanto ao primeiro ponto, ele obviamente tinha a intenção de ir até Galatz, mandando a fatura para Varna a fim de nos despistar caso averiguássemos a forma como partiu de Londres. Seu propósito único e imediato era fugir. Prova disso é a carta com instruções que enviou para Immanuel Hildesheim, dizendo-lhe que liberasse e desembarcasse a caixa *antes do nascer do sol*. Há também as instruções a Petrov Skinski. Só podemos fazer conjecturas, aqui, mas deve ter havido alguma carta ou mensagem, já que Skinski procurou Hildesheim.

Todos sabemos que seus planos, até aqui, foram bem-sucedidos. A *Czarina Catherine* fez uma viagem surpreendentemente rápida — tão rápida a ponto de merecer a desconfiança do capitão Donelson; mas sua superstição junto com sua esperteza beneficiaram o conde, e a escuna seguiu a toda velocidade, sob os ventos favoráveis e através do nevoeiro, até aportar em Galatz, às cegas. Também já foi comprovado que as instruções do conde foram cumpridas. Hildesheim liberou a caixa, desembarcou-a da escuna e a entregou a Skinski. Este apanhou-a — e aqui perdemos a pista. Tudo o que sabemos é que a caixa está em algum lugar sobre a água, seguindo adiante. A alfândega e os cobradores de impostos, se é que isso funciona por aqui, foram evitados.

Agora temos que nos perguntar o que o conde pode ter feito após sua chegada — em *terra firme*, em Galatz.

A caixa foi entregue a Skinski antes do nascer do sol. À hora da alvorada, o conde poderia aparecer em sua própria forma. Neste ponto, cabe perguntar por que Skinski resolveu colaborar. No diário de meu marido, Skinski é mencionado como alguém que negocia com os eslovacos que

fazem o transporte pelo rio até o porto; e a observação daquele homem, de que o assassinato “era coisa de algum eslovaco”, demonstra qual o sentimento geral com relação a essa gente. O conde queria ficar isolado.

Eis o que deduzo daí: em Londres, o conde decidiu voltar a seu castelo por água, por ser esse o meio mais seguro e discreto. Os ciganos o haviam trazido do castelo e provavelmente entregaram a carga aos eslovacos, que levaram as caixas até Varna, onde seriam embarcadas e seguiriam para Londres. Assim, o conde tem conhecimento de quais as pessoas capacitadas a lhe prestar esse serviço. Quando a caixa estava em terra firme, antes da aurora ou depois do poente, ele saiu de dentro dela, encontrou-se com Skinski e lhe disse o que fazer — como acertar que a caixa fosse transportada ao longo de algum rio. Quando isso foi feito, ele acreditou estar apagando suas pegadas com o assassinato do agente.

Estudei o mapa e descobri que o rio mais propício que os eslovacos poderiam ter subido é o Pruth, ou então o Sereth. Li nos papéis datilografados que, durante o transe, ouvi o mugido distante de vacas e a água correndo no nível dos meus ouvidos, bem como o estalar da madeira. Portanto, o conde, dentro de sua caixa, estava navegando por um rio, e dentro de uma embarcação aberta — movida a remo ou a varas, pois as margens estão próximas e é preciso remar contra a corrente. Não haveria sons como esses se o barco deslizasse a favor da corrente.

É claro que talvez não seja o Sereth nem o Pruth, mas podemos continuar investigando. Entre esses dois, porém, o Pruth é o mais facilmente navegável, mas o Sereth se junta, em Fundu, com o Bistrita, que mais acima vai circundar o passo de Borgo. A curva que faz ali é tão próxima do Castelo Drácula quanto é possível chegar por água.

DIÁRIO DE MINA HARKER
(CONTINUAÇÃO)

Quando acabei de ler, Jonathan tomou-me nos braços e me beijou. Os outros ficaram apertando minhas mãos, e o dr. Van Helsing disse:

— Nossa querida madame Mina mais uma vez nos dá uma lição. Seus olhos enxergaram quando os nossos estiveram cegos. Agora estamos outra vez na pista, e desta vez talvez sejamos bem-sucedidos. Nosso inimigo está mais impotente do que nunca; se pudermos encontrá-lo durante o dia, no rio, nossa tarefa terá terminado. Ele está na nossa frente, mas não tem o poder de apressar a viagem; não pode sair de sua caixa, ou vai despertar as suspeitas dos homens que o estão transportando. E se eles suspeitassem de algo, isso equivaleria a jogá-lo dentro d'água, onde pereceria. Isso ele sabe e não permitirá que aconteça. Agora, homens, ao nosso "Conselho de Guerra", pois temos que planejar aqui e agora o que cada um de nós fará.

— Vou arranjar uma lancha a vapor e segui-lo — disse lorde Godalming.

— E eu conseguirei cavalos para seguir pelas margens do rio, no caso de ele desembarcar — disse Mr. Morris.

— Ótimo! — disse o professor. — Mas nenhum dos dois deve ir sozinho. Temos que reunir forças para o combate caso haja necessidade; os eslovacos são fortes e grosseiros, e levam consigo armas cruéis.

Os homens sorriram, pois levavam consigo um pequeno arsenal. Mr. Morris disse:

— Trouxe algumas Winchesters; elas são bem práticas no meio de muita gente, e talvez haja lobos. O conde, se vocês se lembram, tomou algumas precauções. Fez certos pedidos que Mrs. Harker não conseguiu ouvir ou compreender. Temos que estar prontos, em todos os sentidos.

O dr. Seward disse:

— Acho que é melhor eu ir com Quincey. Estávamos acostumados a caçar juntos e nós dois, bem armados, seremos um páreo duro para quem quer que apareça. Você não deve ficar sozinho, Art. Talvez seja necessário lutar contra aqueles eslovacos, e uma facada imprevista, pois não acredito

que essa gente leve armas de fogo, destruiria nossos planos. Não podemos correr riscos desta vez. Não descansaremos até que a cabeça e o corpo do conde estejam separados, e que tenhamos certeza de que não pode reencarnar.

Olhou para Jonathan enquanto falava, e Jonathan olhou para mim. Eu podia ver que o pobre rapaz estava terrivelmente dividido. É claro que queria ficar comigo, mas por outro lado o grupo no barco seria o que mais provavelmente destruiria o... o... o... vampiro. (Por que hesitei em escrever esta palavra?) Ele ficou em silêncio por algum tempo, e enquanto isso o dr. Van Helsing falou:

— Amigo Jonathan, vou lhe dizer algumas palavras, e por dois motivos. Em primeiro lugar, é jovem, valente e pode lutar; todas as suas energias talvez venham a ser necessárias no fim. Em segundo, é direito seu destruí-lo, esse ser que trouxe tanto sofrimento a você e aos seus. Não tema por madame Mina; ficará sob meus cuidados, se permitir. Estou velho. Minhas pernas já não correm tão rapidamente quanto outrora, e não estou habituado a cavalgar durante o tempo que talvez essa perseguição venha a exigir, ou a manejar armas de fogo. Mas posso ser útil de outra maneira; posso lutar de outras formas. E posso morrer, caso seja necessário, tanto quanto os homens mais novos. Portanto, vou lhes dizer qual a minha proposta: que o senhor, meu lorde Godalming, e o amigo Jonathan subam o rio em seu ligeiro barquinho a vapor, e, enquanto John e Quincey vigiam as margens onde por acaso ele poderia vir a desembarcar, levarei madame Mina ao coração do país do inimigo. Enquanto a velha raposa está presa em sua caixa, viajando por água, incapaz de fugir para terra firme e sem ousar abrir a tampa de seu caixão, pois seus transportadores eslovacos fariam, por puro medo, com que ele perecesse, seguiremos o mesmo trajeto de Jonathan: de Bistrita através do Borgo, e dali encontraremos o caminho para o Castelo Drácula. Nesse particular, o poder hipnótico de madame Mina com certeza vai ajudar, e encontraremos um caminho que de outro modo seria obscuro e desconhecido após a primeira aurora, quando estivermos perto daquele lugar fatal. Há muito que fazer, e outros lugares a santificar, para que aquele ninho de víboras seja eliminado.

Nesse ponto, Jonathan o interrompeu, exaltado:

— O senhor está querendo dizer, professor Van Helsing, que levaria Mina, mesmo em sua triste situação, e contaminada como está pela doença do Diabo, para dentro da armadilha mortífera de nosso inimigo? Por nada

neste mundo! Nem por todos os anjos e por todos os demônios! — Ficou quase sem fala por um minuto. — O senhor sabe que lugar é aquele? — prosseguiu. — Por acaso viu aquele antro odioso de diabólica infâmia, onde o próprio luar está vivo com formas pavorosas e cada grão de poeira que rodopia ao vento é o embrião de um monstro devorador? Por acaso sentiu os lábios do vampiro sobre sua garganta? — Virou-se para mim, aqui, e, quando seus olhos encontraram minha fronte, ele jogou os braços para cima, com um grito. — Ah, meu Deus! O que fizemos para que tamanho terror recaia sobre nós?

Com isso, afundou no sofá, num colapso de aflição. Quando o professor falou num timbre claro e suave que parecia vibrar no ar, sua voz acalmou a todos:

— Ah, meu amigo, é justamente porque desejo proteger madame Mina daquele lugar odioso que iria para lá. Que Deus me proíba de levá-la àquele lugar. Há muito trabalho a fazer ali, um trabalho árduo, ao qual os olhos dela não devem assistir. Nós, os homens aqui presentes, à exceção de Jonathan, vimos com nossos próprios olhos o que precisa ser feito antes que o local possa ser purificado. Lembrem-se de que estamos em dificuldades terríveis. Se o conde fugir de nós desta vez, e ele é forte, astuto e sagaz, pode decidir dormir por um século; então, nossa querida — e tomou minha mão — iria ao seu encontro para lhe fazer companhia e seria igual àquelas que você, Jonathan, viu. Falou-nos sobre seus lábios lascivos; ouviu sua gargalhada torpe enquanto agarravam aquela sacola que o conde lhes atirara, e que ainda se mexia. Estremece, e não é de se espantar que o faça. Perdoe-me se lhe causo tanto sofrimento, mas é preciso. Meu amigo, não é esta uma necessidade extrema pela qual darei, talvez, minha vida? Se eu quisesse que alguém fosse àquele lugar para ficar, seria eu mesmo a ir e lhes fazer companhia.

— Faça como quiser — disse Jonathan, com um soluço que o sacudiu da cabeça aos pés. — Estamos nas mãos de Deus.

Mais tarde — Ah, me fez bem ver a forma como todos aqueles homens valentes trabalharam. Como pode uma mulher não amar homens tão

honestos, tão sinceros e tão corajosos? E tudo isso me fez pensar também no maravilhoso poder do dinheiro! O que não é capaz de obter, quando é utilizado de maneira correta; e o que poderia fazer se fosse utilizado com intenções vis. Sinto-me tão grata por lorde Godalming ser rico, e pelo fato de que tanto ele quanto Mr. Morris, que também tem uma boa fortuna, estejam dispostos a gastá-la com tanta liberalidade. Pois, se não o fizessem, nossa pequena expedição não poderia ter início com tanta prontidão e tão bem equipada — como terá, dentro de mais uma hora. Não se passaram três horas desde que ficou acertado o que cada um de nós deveria fazer, e agora lorde Godalming e Jonathan têm uma bela lancha a vapor, pronta para partir a qualquer instante. O dr. Seward e Mr. Morris têm meia dúzia de bons cavalos aparelhados. Temos todos os mapas e vários tipos de instrumentos e apetrechos. O professor Van Helsing e eu devemos partir no trem das 23h40 para Veresti, onde teremos que arranjar uma carruagem e ir até o passo de Borgo. Levamos conosco uma boa quantidade de dinheiro em espécie, pois será preciso comprar a carruagem e os cavalos. Nós mesmos conduziremos, pois não há ninguém em quem possamos confiar num caso destes. O professor conhece os rudimentos de muitíssimas línguas, de modo que tudo ocorrerá sem problemas. Todos levamos armas, até mesmo eu, que tenho um revólver de grande calibre. Jonathan não ficou satisfeito até me ver armada como os outros. Ai de mim! Há uma arma que todos os outros levam e que me está proibida, enquanto houver esta cicatriz em minha testa. O caro dr. Van Helsing me consola dizendo-me que estou armada até os dentes, pois podemos encontrar lobos. O tempo está ficando cada vez mais frio a cada hora que passa, e nevascas leves acontecem de quando em quando, em sinal de advertência.

Mais tarde — Precisei de toda a minha coragem para dizer adeus ao meu querido. Talvez nunca mais nos encontremos. Coragem, Mina! O professor a está olhando com uma expressão severa; é uma advertência. Não deve haver lágrimas agora — a menos que Deus as deixe cair, em sinal de alegria.

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER

30 de outubro, à noite — Escrevo estas palavras sob a luz da porta da fornalha, na lancha a vapor, que lorde Godalming está atiçando. Tem experiência no assunto, pois durante anos teve uma lancha no Tâmisa e outra em Norfolk Broads. Com relação aos nossos planos, chegamos por fim à conclusão de que Mina tinha razão; se o conde escolheu fugir de volta ao castelo por via fluvial, o Sereth e depois o Bistrita, quando os dois se unem, seriam o caminho ideal. Concluímos que o lugar escolhido para seguir por terra até os Cárpatos seria algum ponto a 47 graus de latitude norte. Não receamos ir em grande velocidade à noite; há muita água, e as margens estão suficientemente distantes para fazer da lancha a vapor um transporte seguro mesmo no escuro. Lorde Godalming me disse para ir dormir um pouco, pois por ora basta um de nós ficar de guarda. Mas não consigo dormir — como conseguiria, sabendo que esse perigo terrível paira sobre a minha querida, e que ela está indo para aquele lugar abominável? O consolo que me resta é saber que estamos nas mãos de Deus. Se não fosse pela fé, seria mais fácil morrer do que viver, e assim ficar livre de tantos problemas. Mr. Morris e o dr. Seward partiram em sua longa cavalgada antes de nós embarcarmos; vão ficar na margem direita, longe o suficiente do rio para que, em terras mais altas, tenham uma visão melhor e também possam evitar as muitas curvas. Levaram consigo, para essa fase da viagem, dois homens que cavalgam com eles e levam os outros cavalos, quatro animais ao todo, para não despertar curiosidade. Quando dispensarem os homens, o que ocorrerá em breve, eles próprios cuidarão dos cavalos. Talvez seja preciso unir nossas forças; se for o caso, haverá cavalos para todos nós. Uma das selas tem o arção dianteiro removível, e pode ser facilmente adaptada para Mina, se necessário.

Esta é uma aventura fantástica. Aqui, enquanto seguimos rio acima em meio à escuridão, com o frio parecendo levantar-se das águas e nos atingir, e com todas as vozes misteriosas da noite ao nosso redor, é possível compreender a enormidade de tudo isso. Parecemos estar ingressando em

lugares e caminhos desconhecidos, num mundo de coisas sombrias e assustadoras. Godalming está fechando a porta da fornalha...

31 de outubro — Continuamos seguindo em frente. Já é dia, e Godalming está dormindo. Eu estou de guarda. A manhã está bastante fria, e o calor da fornalha é bem-vindo, embora tenhamos pesados casacos de pele. Até o momento, só passamos por uns poucos barcos abertos, mas nenhum deles levava a bordo qualquer tipo de caixote do tamanho daquele que procuramos. Os homens ficaram assustados todas as vezes que caiu sobre eles o facho de luz de nossa lanterna elétrica, e se puseram de joelhos, rezando.

1º de novembro, à noite — Sem novidades o dia todo. Não encontramos nada do tipo que procuramos. Já estamos agora no rio Bistrita, e se nossas conclusões estiverem erradas, perdemos a chance de interceptar o conde. Inspecionamos todos os barcos, grandes e pequenos. Hoje cedo pela manhã a tripulação de um deles achou que éramos do governo e nos deu o tratamento apropriado. Descobrimos com isso uma forma de facilitar as coisas; portanto, em Fundu, onde o Bistrita e o Sereth se encontram, arranjamos uma bandeira romena, que agora exibimos de forma bem visível. O truque foi bem-sucedido com cada barco que inspecionamos desde então; trataram-nos com muita deferência e não fizeram qualquer objeção ao que quer que tenhamos perguntado ou feito. Alguns dos eslovacos nos disseram que uma embarcação grande passou por eles, seguindo com extraordinária velocidade, pois a bordo havia o dobro da tripulação habitual. Isso havia sido antes de chegarem em Fundu, de modo que não tinham condições de dizer se o barco seguira pelo Bistrita ou se continuara subindo o Sereth. Em Fundu, ninguém sabia do barco, o que significa que deve ter passado por aqui à noite. Estou bastante sonolento;

talvez esteja começando a sentir as consequências do frio, e a natureza precisa descansar em algum momento. Godalming insiste em fazer o primeiro turno da guarda. Que Deus o abençoe por toda a bondade que tem demonstrado por minha pobre querida Mina e por mim.

2 de novembro, pela manhã — Já é dia. O gentil rapaz não me acordou. Disse-me que teria sido um pecado fazê-lo, pois eu dormia em paz, livre de todas as inquietações. Pareceu-me brutalmente egoísta de minha parte ter dormido tanto e tê-lo deixado de guarda a noite toda, mas ele tinha razão. Sou um novo homem esta manhã; enquanto me sento aqui e o observo dormindo, posso fazer tudo o que é necessário: cuidar da fornalha, conduzir a lancha e ficar de guarda. Sinto minha força e energia regressando. Pergunto-me onde estarão agora Mina e Van Helsing. Devem ter chegado a Veresti por volta do meio-dia, na quarta-feira. Levaria um certo tempo até conseguirem a carruagem e os cavalos; assim sendo, se viajaram rápido, devem estar chegando agora ao passo de Borgo. Que Deus os guie e ajude! Tenho medo de pensar no que pode acontecer. Se pudéssemos ir mais rápido! Mas não podemos; os motores vibram, trabalhando em sua potência máxima. Pergunto-me como estarão se saindo Mr. Morris e o dr. Seward. Parece haver uma quantidade infinita de riachos que correm das montanhas até este rio, mas nenhum deles muito grande — por ora, pelo menos, embora sejam muito perigosos no inverno e quando a neve derrete. Nossos cavaleiros não devem ter encontrado muitos obstáculos. Espero que consigamos vê-los antes de chegar a Strasba; pois, se até então não tivermos interceptado o conde, será preciso reunirmo-nos para discutir o que fazer a seguir.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

2 de novembro — Estamos na estrada há três dias. Não há nada de novo, e eu não teria tempo para escrever mesmo que houvesse, pois cada instante é precioso. Só descansamos o necessário para os cavalos, mas ambos estamos aguentando bastante bem. Esses nossos dias de aventura estão se revelando úteis. Temos que nos apressar: não ficaremos satisfeitos até colocarmos de novo os olhos sobre aquela lancha.

3 de novembro — Em Fundu ouvimos dizer que a lancha seguiu pelo Bistrita. Eu gostaria que não fizesse tanto frio. Há sinais de que a neve se aproxima e, se cair em grande quantidade, vai nos deter. Nesse caso, precisaremos de um trenó para seguir em frente, do tipo russo.

4 de novembro — Hoje ouvimos dizer que a lancha se acidentou ao tentar forçar caminho pelas corredeiras. Os barcos eslovacos saem-se bem na passagem, com a ajuda de uma corda e de um timoneiro experiente. Alguns passaram apenas algumas horas antes. O próprio Godalming é um mecânico amador, e evidentemente foi ele quem pôs a lancha em condições de navegar outra vez. Por fim, com ajuda local conseguiram passar pelas corredeiras, e estão novamente na busca. Temo que o barco esteja em piores condições depois do acidente; os camponeses nos disseram que, após a passagem das corredeiras, ficava parando a todo momento, enquanto o

tiveram em vista. Temos que nos apressar mais do que nunca; é possível que em breve nossa ajuda venha a ser necessária.

DIÁRIO DE MINA HARKER

31 de outubro — Chegamos a Veresti ao meio-dia. O professor me disse que hoje pela manhã, ao raiar do dia, mal conseguiu me hipnotizar, e que tudo o que eu disse foi "escuro e quieto". Saiu para comprar uma carruagem e cavalos. Disse que mais tarde tentará comprar mais cavalos, para que possamos trocá-los durante a viagem. Temos cerca de cem quilômetros diante de nós. A região é adorável e muito interessante; se as condições fossem outras, seria agradável conhecê-la. Se Jonathan e eu estivéssemos viajando aqui sozinhos, que prazer eu não estaria sentindo! Parar e ver as pessoas, aprender alguma coisa sobre sua vida, encher nossas mentes e nossas memórias com todo o colorido e o caráter pitoresco desta região bonita e selvagem, e dessa gente exótica! Mas, ai de mim!...

Mais tarde — O dr. Van Helsing voltou. Conseguiu a carruagem e os cavalos; vamos jantar qualquer coisa e partir dentro de uma hora. A dona do

hotel está preparando para nós um grande cesto de provisões; parece suficiente para uma companhia de soldados. O professor a incentiva a fazê-lo, sussurrando em meu ouvido que talvez uma semana se passe antes que consigamos boa comida novamente. Ele também andou fazendo compras e trouxe para o hotel uma boa quantidade de casacos e agasalhos de pele, e mais todo tipo de vestimentas quentes. Com certeza não passaremos frio.

Partiremos em breve. Tenho medo de pensar no que pode nos acontecer. Estamos verdadeiramente nas mãos de Deus. Somente Ele sabe o que vai acontecer, e rezo, com toda a força de meu espírito triste e humilde, para que Ele proteja meu adorado marido; para que, aconteça o que acontecer, Jonathan saiba que o amei e respeitei mais do que sou capaz de dizer, e que meu último e mais sincero pensamento será sempre para ele.

Capítulo 27

DIÁRIO DE MINA HARKER

1º de novembro — Viajamos o dia todo, e em boa velocidade. Os cavalos parecem saber que estão sendo tratados com gentileza, pois é de boa vontade que dão o melhor de si. Já fizemos tantas mudanças de cavalos e encontramos a mesma reação com tanta constância que somos levados a acreditar que a viagem será fácil. O dr. Van Helsing é lacônico; diz aos fazendeiros que tem pressa de chegar a Bistrita e lhes paga bem para fazer a troca de cavalos. Tomamos sopa quente, ou café, ou chá, e partimos. É uma região admirável, cheia de belezas de todos os tipos imagináveis, e o povo é valente, forte e simples, e aparentemente tem muitas qualidades. São *muito*, *muito* supersticiosos. Na primeira casa em que paramos, quando a mulher que nos servia viu a cicatriz em minha testa fez o sinal da cruz e estendeu dois dedos, para se proteger do mau-olhado. Acredito que se deram o trabalho de colocar um pouco mais de alho em nossa comida, e eu não suporto alho. Desde então, tenho tomado o cuidado de não tirar o chapéu nem o véu, e assim tenho conseguido escapar de suas suspeitas. Estamos viajando rapidamente, e, como não temos conosco um cocheiro que saia espalhando fofocas, evitamos comentários negativos a nosso respeito, mas creio que o medo do mau-olhado vai nos seguir bem de perto o tempo todo. O professor parece incansável. Não parou o dia inteiro, embora tenha me feito dormir por um bom período. À hora do poente, hipnotizou-me e disse que respondi, como de hábito, “escuridão, o marulho da água e o estalar da madeira”; portanto, nosso inimigo ainda está no rio. Tenho medo de pensar em Jonathan, mas de certo modo não temo por ele, ou por mim mesma. Escrevo estas palavras enquanto esperamos, numa fazenda, que os cavalos sejam preparados. O dr. Van Helsing está dormindo. Pobre coitado, ele parece muito cansado e muito velho, mas sua boca está rígida como a de um conquistador; até mesmo durante o sono sua determinação transparece instintivamente. Depois que partirmos, preciso fazê-lo descansar enquanto eu conduzo a carruagem. Vou lhe dizer que ainda temos vários dias diante de nós e que não podemos correr o risco de fraquejar quando nossa força será mais do que nunca necessária... Tudo está pronto, logo partiremos.

2 de novembro, pela manhã — Fui bem-sucedida, e alternamos a condução da carruagem ao longo de toda a noite. Já é dia, agora; dia claro, embora frio. Há um peso estranho no ar — digo “peso” por falta de uma palavra melhor; o que quero dizer é que nos oprime. Faz muito frio, e só ficamos confortáveis usando nossas peles. Ao nascer do sol, Van Helsing me hipnotizou; disse que respondi “escuridão, estalar da madeira e águas rugindo”; portanto, o rio está se modificando à medida que sobem. Espero que meu querido não esteja correndo perigo, ou pelo menos não mais do que o necessário; mas estamos nas mãos de Deus.

2 de novembro, à noite — Viajamos o dia todo. A região torna-se mais selvagem à medida que avançamos, e os enormes picos dos Cárpatos, que em Veresti pareciam tão distantes e tão pequenos no horizonte, agora dão a impressão de nos cercar e se elevar em grande altura diante de nós. Ambos parecemos ter bom ânimo; acho que um se esforça para alegrar o outro, e, assim, alegramos a nós mesmos. O dr. Van Helsing diz que pela manhã chegaremos ao passo de Borgo. As casas são muito esparsas agora, e o professor diz que o último cavalo que conseguimos terá de ir conosco até o fim, pois talvez não seja possível trocá-lo. Comprou mais dois além dos dois que trocamos pela última vez, de modo que nesse momento temos um quarteto improvisado. Os pobres cavalos são bons e pacientes, e não nos dão trabalho. Não temos que nos preocupar com outros viajantes; assim, até mesmo eu posso conduzir a carruagem. Chegaremos ao passo durante o dia; não queremos chegar antes disso. Portanto, estamos seguindo com mais calma e descansamos por um bom período, alternadamente. Ah, o que o dia de amanhã vai nos trazer? Estamos indo procurar o lugar onde meu pobre querido sofreu tanto. Deus permita que sigamos no caminho correto. Que faça a bondade de olhar por meu marido e por aqueles que nos são caros a ambos, agora em tão grave perigo. Quanto a mim, não sou digna de Seus olhos. Ai de mim! Estou impura e assim permanecerei até que Ele haja por bem olhar-me como alguém sobre quem Sua ira não caiu.

MEMORANDO DE ABRAHAM VAN HELSING

4 de novembro — Isto é para meu velho e leal amigo dr. John Seward, de Purfleet, Londres, no caso de eu não voltar a vê-lo. Talvez consiga explicar tudo. De manhã, escrevo diante de um fogo que mantive aceso durante toda a noite — com a ajuda de madame Mina. Faz muito frio, tão frio que o céu pesado e cinzento está cheio de neve; quando essa neve cair, ficará durante todo o inverno, pois o chão já está endurecendo para recebê-la. Parece ter afetado madame Mina; ela anda tão sonolenta durante todo o dia que nem parece a mesma pessoa. Dorme, dorme e dorme! Ela, que de hábito é tão alerta, não fez literalmente nada durante o dia; chegou mesmo a perder o apetite. Não escreve em seu pequeno diário; ela que costumava aproveitar cada pausa para fazê-lo. Algo me diz que as coisas não vão muito bem. Hoje à noite, no entanto, ela está mais *vif*. O fato de ter dormido o dia todo a revigorou e restabeleceu, pois agora está animada e gentil como sempre. À hora do poente, tentei hipnotizá-la, mas, ai de mim!, sem resultados; o poder diminuiu dia após dia, e hoje não funcionou por completo. Bem, que seja feita a vontade de Deus — qualquer que seja ela e para onde quer que nos leve!

Agora ao histórico — pois, se madame Mina não escreve em seu diário taquigrafado, tenho eu que o fazer, à minha moda antiga e desajeitada, para que nenhum dia de nossa viagem fique sem registro.

Chegamos ao passo de Borgo ontem de manhã, logo após o raiar do dia. Quando vi os sinais da aurora, aprontei-me para hipnotizar madame Mina. Paramos a carruagem e descemos, para não sermos perturbados. Fiz com as peles um assento para ela, que, recostando-se, cedeu como de costume ao sono hipnótico, mas mais devagar e por um tempo menor do que até então. Como antes, a resposta foi “escuridão e água correndo”. Então acordou, alegre e radiante; seguimos viagem e logo chegamos ao passo. Nessa hora e nesse lugar, ela ficou extremamente entusiasmada; alguma nova força manifestou-se nela e a estava guiando, pois ela apontou para uma estrada e disse:

— É por aqui.

— Como pode saber? — perguntei-lhe.

— É claro que sei — ela respondeu, e fez uma pausa. — Por acaso Jonathan não a percorreu — acrescentou — e descreveu em seu diário?

A princípio achei algo estranho, mas logo vi que só havia uma única estrada transversal. Poucos a utilizam, e é bem diferente da estrada usada pelos coches entre Bucovina e Bistrita — esta última é mais larga e resistente, e mais utilizada.

Assim, seguimos por essa estrada; quando cruzávamos outros caminhos — nem sempre tínhamos certeza de que fossem estradas, pois estão descuidados e caiu um pouco de neve — só os cavalos sabiam. Soltei as rédeas, e eles seguem em frente com muita paciência. Aqui e ali fomos encontrando tudo o que Jonathan descreveu naquele seu maravilhoso diário. E seguimos adiante, por horas e horas a fio. A princípio, disse à madame Mina que dormisse; ela tentou e conseguiu. Dormiu o tempo todo. Por fim, comecei a ficar desconfiado e tentei acordá-la. Ela continuou dormindo, porém, e não consegui fazer com que despertasse, a despeito das tentativas. Não queria ser muito incisivo para não lhe fazer mal; sei quanto sofreu, e o sono às vezes é tudo para ela. Acho que acabei cochilando, pois subitamente senti-me culpado, como se tivesse feito o que não devia; encontrei-me sentado muito ereto, com as rédeas nas mãos, e os cavalos iam trotando em frente como sempre. Olhei para baixo e vi que madame Mina ainda dormia. A hora do poente já se aproxima, e, sobre a neve, a luz do sol projeta um brilho amarelado; nossas sombras são compridas sobre as montanhas tão íngremes. Estamos subindo cada vez mais; ah!, a paisagem é tão selvagem e rochosa, como se este lugar fosse o fim do mundo.

Então, acordei madame Mina. Dessa vez ela despertou sem maiores dificuldades, e em seguida tentei hipnotizá-la. Mas ela não cedeu, mesmo eu tendo sido rígido. Continuei tentando e tentando até que eu e ela já estivéssemos na escuridão. Olhei ao redor e vi que o sol já tinha se posto. Madame Mina riu, e virei-me para ela. Estava agora bem desperta e parecia tão bem quanto eu não a via desde aquela noite em que entramos na casa do conde, em Carfax. Fiquei surpreso e não muito satisfeito; mas ela estava tão animada e carinhosa e atenciosa para comigo que esqueci todos os meus medos. Acendi uma fogueira, pois havíamos trazido lenha conosco, e ela preparou a comida enquanto eu soltava os cavalos da carruagem, amarrava-os num abrigo e os alimentava. Quando voltei para junto da fogueira, meu jantar estava pronto. Fui ajudá-la, mas ela sorriu e me disse que já havia

comido — que sentia tanta fome que não conseguira esperar. Não gostei disso e fiquei bastante receoso; mas não quis assustá-la e nada disse a respeito. Ela me ajudou, e eu comi sozinho. Depois, envolvemo-nos nas peles e deitamos junto à fogueira. Eu lhe disse para dormir enquanto eu fazia a guarda. Logo em seguida, porém, esqueci-me completamente da guarda e, quando de súbito recordei-me, vi que ela estava deitada em silêncio mas acordada, olhando para mim com olhos brilhantes. A mesma coisa aconteceu uma ou duas vezes, e consegui dormir bastante até o raiar do dia. Quando acordei, tentei hipnotizá-la, mas, ai de mim!, embora ela fechasse os olhos, obediente, o transe não veio. O sol foi ficando cada vez mais alto no céu. Ela adormeceu tarde demais, mas tão profundamente que não consegui acordá-la. Tive que pegá-la no colo e colocá-la ainda adormecida na carruagem, depois de atrelar os cavalos e aprontar tudo. A madame ainda está dormindo, e, em seu sono, parece mais saudável e corada do que antes. Não gosto disso. Tenho medo, medo, medo! Tenho medo de tudo — até mesmo de pensar, mas preciso seguir em frente. O que está em jogo aqui é uma questão de vida ou morte, ou mais do que isso, e não podemos recuar.

5 de novembro, pela manhã — Tenho que relatar tudo de forma precisa, pois, embora nós dois tenhamos visto coisas estranhas juntos, você pode a princípio pensar que eu, Van Helsing, estou louco — que os muitos horrores e a tensão nervosa finalmente abalaram minha mente.

Viajamos durante todo o dia de ontem, chegando cada vez mais perto das montanhas e penetrando numa região cada vez mais selvagem e deserta. Havia enormes e sombrios precipícios e muitas quedas-d’água; a natureza parecia ter feito uma grande festa por ali. Madame Mina continuava dormindo a sono solto; embora eu tivesse sentido fome e me alimentado, não consegui despertá-la — nem mesmo para comer. Comecei a temer que o feitiço mortal daquele lugar estivesse agindo sobre ela, contaminada depois do batismo feito pelo vampiro. “Bem”, disse eu a mim mesmo, “se ela dormir o dia inteiro, então eu não dormirei a noite inteira.” Enquanto viajávamos pela estrada acidentada, pois aquela era de fato uma estrada

antiga e defeituosa, baixei a cabeça e adormeci. Mais uma vez acordei com um sentimento de culpa e de que algum tempo se passara. Encontrei madame Mina ainda adormecida e o sol baixo no céu. Mas tudo se modificara de fato: as montanhas sombrias pareciam mais distantes, e estávamos perto do topo de um morro íngreme, onde havia um castelo como o que Jonathan descrevera em seu diário. Fiquei ao mesmo tempo exultante e temeroso; agora o fim estava próximo, fosse qual fosse.

Acordei madame Mina e mais uma vez tentei hipnotizá-la, mas, ai de mim!, sem qualquer resultado, até que já era tarde demais. Então, antes que a escuridão nos envolvesse — pois, mesmo depois do poente, os céus ainda guardavam alguma luminosidade, que se refletia na neve, e tudo ficava mergulhado por algum tempo no crepúsculo —, soltei os cavalos da carruagem e lhes dei comida, abrigando-os como pude. Acendi então uma fogueira, perto da qual fiz com que madame Mina, agora desperta e mais encantadora do que nunca, se sentasse confortavelmente entre suas peles. Preparei a comida, mas ela não comeu, alegando apenas que não tinha fome. Não a pressionei, sabendo que seria inútil. Eu próprio comi, pois preciso agora estar forte. Então, temendo o que pudesse vir a acontecer, desenhei no chão um grande círculo em torno de madame Mina, para sua segurança; ao longo de todo o anel, polvilhei um pouco da hóstia, partida em pedaços bem pequenos de modo a não deixar de cobrir nenhum lugar. Ela ficou imóvel o tempo todo — como um cadáver; foi ficando cada vez mais pálida, até que a neve já não era mais branca do que ela, mas não disse uma palavra. Quando me aproximei, porém, ela se agarrou a mim, e eu sabia que a pobrezinha tremia dos pés à cabeça; era doloroso senti-lo. Disse-lhe, logo em seguida, depois que se acalmou um pouco:

— Por que não vem para perto do fogo?

Na verdade, eu queria testar o que ela era capaz de fazer. Ela se levantou, obediente, mas depois de ter dado um passo se deteve e ficou parada como se tivesse sido atingida.

— Por que não continua? — perguntei.

Ela meneou a cabeça e, voltando, sentou-se em seu lugar. Então, olhando para mim com os olhos abertos, como quem acaba de acordar, disse apenas “Não consigo”, e ficou em silêncio. Alegrei-me, pois sabia que o que ela não pudesse fazer nenhum daqueles que temíamos poderia. Embora pudesse haver risco para o seu corpo, sua alma estava a salvo!

Pouco depois, os cavalos começaram a relinchar, dando puxões nas cordas que os amarravam; fui até lá, então, e os acalmei. Quando sentiram minhas mãos neles, relincharam baixinho como se estivessem alegres, lamberam minhas mãos e ficaram quietos por algum tempo. Várias vezes durante a noite fui aonde estavam, até a chegada da hora fria em que toda a natureza está mais debilitada; em todos os momentos foi a minha presença que os acalmou. Na hora fria, a fogueira começou a apagar, e eu estava prestes a ir atiçá-la, pois a neve caía com mais força e junto com a neve espalhava-se uma neblina fria. Mesmo na escuridão havia uma espécie de luz, como sempre há sobre a neve; parecia que os flocos agitados pelo vento e as espirais de neblina tomavam a forma de mulheres arrastando vestidos compridos. Um silêncio morto e sombrio tomava conta de tudo, exceto pelo barulho dos cavalos relinchando e se encolhendo, como se temessem o pior. Eu sentia um medo terrível, mas então me veio a sensação de segurança por estar dentro do anel. Comecei também a pensar que estava imaginando coisas por causa da noite, do abatimento e da falta de descanso que tivera de suportar, e mais toda a terrível ansiedade. Era como se minhas lembranças de toda a apavorante experiência de Jonathan estivessem me fazendo de tolo; pois agora os flocos de neve e a neblina começavam a girar em círculo, até que pude vislumbrar, em meio às sombras, formas que se assemelhavam às mulheres que queriam beijá-lo. Os cavalos se encolhiam cada vez mais, gemendo de medo como fazem os homens quando sentem dor. Não conseguiam sequer sentir a loucura do pavor, que lhes teria permitido fugir. Eu temi por minha querida madame Mina, quando aqueles vultos estranhos se aproximaram e nos rodearam. Olhei para ela, que, no entanto, estava sentada, calma, e sorria para mim; no momento em que eu estava prestes a sair do círculo para reavivar a fogueira, ela me segurou e me puxou de volta, sussurrando, numa voz tão baixa que mais parecia saída de um sonho:

— Não! Não! Não saia. Aqui o senhor está a salvo!

Virei-me para ela e, olhando-a nos olhos, disse:

— Mas e a senhora? É pela senhora que temo!

Ao que ela riu, uma gargalhada baixa e irreal, dizendo:

— Teme por *mim*! Por que teme por mim? Ninguém no mundo inteiro está mais a salvo delas do que eu.

No mesmo momento em que eu me perguntava qual o significado de suas palavras, uma rajada de vento reavivou a chama, e vi a cicatriz

vermelha em sua testa. Então, ai de mim!, eu soube. Se não soubesse, em breve haveria de descobrir, pois os vultos de neblina que rodopiavam se aproximaram, mas sempre se mantendo fora do círculo sagrado. Então, começaram a se materializar, até que — se Deus não me privou da razão, pois vi com meus próprios olhos — estavam diante de mim em carne e osso as mesmas três mulheres que Jonathan viu no quarto, onde elas queriam beijar seu pescoço. Eu conhecia as formas arredondadas e oscilantes, os olhos brilhantes e rígidos, os dentes brancos, a pele corada, os lábios voluptuosos. Elas sorriam para a pobre madame Mina; enquanto sua gargalhada ecoava em meio ao silêncio da noite, elas se deram os braços e apontaram para ela, dizendo, naquele tom de voz agradável que Jonathan disse serem da intolerável doçura dos copos de cristal com água dentro:

— Venha, irmã. Venha até nós. Venha! Venha!

Apavorado, virei-me para minha pobre madame Mina, e meu coração se encheu de alegria, pois, ah!, o terror espelhado em seus olhos adoráveis, a repulsa, o horror me davam muita esperança. Graças a Deus, ela ainda não era uma delas. Apanhei um pouco da hóstia e avancei em sua direção, indo para a fogueira. Elas recuaram diante de mim e riram com aquele seu riso baixo, horrível. Coloquei lenha na fogueira e não mais as temi; sabia que estávamos a salvo com a proteção que tínhamos. Elas não poderiam se aproximar de mim enquanto eu tivesse aquela arma, tampouco de madame Mina, enquanto estivesse dentro do anel, do qual não podia sair tanto quanto as outras não podiam entrar. Os cavalos haviam parado de gemer e estavam deitados no chão, imóveis; a neve caía aos poucos sobre eles, que iam ficando mais brancos. Eu sabia que os pobres animais não voltariam a sentir mais terror.

Assim permanecemos até que o tom avermelhado da aurora iluminasse a neve sombria. Eu estava desolado e apavorado, e sentia um enorme pesar e terror; mas, quando o belo sol começou a se aproximar do horizonte, a vida retornou ao meu corpo. Ao primeiro sinal da aurora, os vultos hediondos se desfizeram em meio à neblina e à neve que rodopiavam; as medonhas espirais transparentes seguiram na direção do castelo e desapareceram.

Com o nascer do sol, virei-me para madame Mina instintivamente, com a intenção de hipnotizá-la, mas ela caíra num sono repentino e profundo, do qual não consegui despertá-la. Tentei hipnotizá-la mesmo adormecida, mas não obtive respostas, nem uma única, e o dia raiou. Eu

ainda tenho medo de me mexer. Acendi a fogueira e vi os cavalos; estão todos mortos. Hoje tenho muito que fazer por aqui e aguardo até que o sol esteja alto no céu. Talvez haja lugares aonde tenha que ir; lá, a luz do sol será uma segurança, mesmo obscurecida pela neblina e pela neve.

Vou me fortalecer com o café da manhã, e então irei cumprir minha terrível tarefa. Madame Mina ainda está dormindo; e graças a Deus por ser um sono tranquilo...

DIÁRIO DE JONATHAN HARKER

4 de novembro, à noite — O acidente com a lancha foi terrível para nós. Se não fosse por esse fato, já teríamos há muito tempo ultrapassado o barco, e, a essa altura, minha querida Mina estaria livre. Tenho medo de pensar nela, nos descampados, perto daquele lugar horrível. Arranjamos cavalos e seguimos na pista do conde. Escrevo estas linhas enquanto Godalming se prepara. Estamos levando nossas armas. Os ciganos precisarão tomar cuidado se quiserem briga. Ah, se Morris e Seward estivessem conosco! Só o que nos resta é não perder as esperanças! Se eu não mais escrever, adeus, Mina! Que Deus a abençoe e proteja.

DIÁRIO DO DR. SEWARD

5 de novembro — Ao raiar do dia, vimos o grupo de ciganos diante de nós afastando-se rapidamente do rio em seu *leiter-wagon*. Eles circundavam-no, bem próximos, e avançavam como se estivessem sendo perseguidos. Neva um pouco, e há uma estranha excitação no ar. Talvez sejam nossos próprios sentimentos, mas a depressão é insólita. Ouço lobos uivando ao longe; a neve faz com que desçam das montanhas, e há perigos para todos nós, aproximando-se por todos os lados. Os cavalos já estão quase prontos, e logo partiremos. O fim desta viagem é a morte, mas só Deus sabe quem será, ou onde, ou o quê, ou quando, ou como...

MEMORANDO DO DR. VAN HELSING

5 de novembro, à tarde — Pelo menos não estou louco. Graças a Deus por isso, embora comprová-lo tenha sido aterrorizante. Depois de ter deixado madame Mina dormindo dentro do círculo sagrado, segui em direção ao castelo. O martelo de ferreiro que trouxe de Veresti na carruagem foi útil; embora as portas estivessem todas abertas, quebrei suas dobradiças

enferrujadas, para evitar que viessem a ser fechadas por más intenções ou pela má sorte — e, uma vez dentro do castelo, eu não tivesse mais como sair. A amarga experiência de Jonathan me foi útil. Recordando seu diário, encontrei o caminho até a antiga capela, pois sabia que era ali que teria de trabalhar. O ar estava opressivo; era como se houvesse algum gás sulfuroso, que às vezes me deixava tonto. Ou meus ouvidos zumbiam, ou escutei o uivo distante de lobos. Então me lembrei de minha querida madame Mina, e me vi numa situação difícil. O dilema me deixava dividido.

A ela eu não ousara levar àquele lugar, mas deixara dentro do círculo sagrado, a salvo das vampiras. Mas ainda havia os lobos! Decidi que meu trabalho era ali, e que teríamos que nos submeter aos lobos, se Deus assim o desejasse. De qualquer modo, para além daí só havia a morte e a liberdade. Então, fiz a escolha por ela. Se fosse apenas por mim, teria sido uma escolha fácil: melhor descansar entre as mandíbulas de um lobo do que no túmulo de um vampiro! Então, minha escolha foi levar a tarefa adiante.

Eu sabia que havia pelo menos três sepulturas a encontrar — sepulturas habitadas. Procurei, procurei e encontrei uma delas. Lá estava ela, em seu sono de vampira, tão cheia de vida e voluptuosa beleza que estremeci como se tivesse ido ali cometer um assassinato. Ah, não tenho dúvidas de que outrora, quando aconteciam coisas desse tipo, mais de um homem disposto a realizar uma tarefa como a minha veria seu coração falhar no fim, e seus nervos também. Então, haveria de se demorar, e se demorar, e se demorar, até que a simples beleza da Não Morta leviana o tivesse hipnotizado; ficaria ali até a hora do poente, quando o sono da vampira terminaria. Então, os bonitos olhos daquela linda mulher haveriam de se abrir, com a expressão do amor, e a boca voluptuosa ofereceria um beijo... e a carne é fraca. Ali estaria mais uma vítima para o rebanho dos vampiros; mais um para engrossar o sinistro e medonho exército dos Não Mortos!

Com certeza há uma certa fascinação quando uma mera presença como essa é capaz de me perturbar, mesmo deitada como ela estava num túmulo gasto pelo tempo e pesado com a poeira acumulada ao longo de séculos, e embora exalasse aquele odor terrível que eu já sentira nos abrigos do conde. Sim, fiquei perturbado — eu, Van Helsing, com toda minha determinação e com todos os motivos que tinha para odiá-la —, fiquei perturbado e fui tomado pelo desejo de atrasar o cumprimento da minha tarefa; esse desejo parecia paralisar minhas faculdades e embotar meu próprio espírito. Talvez

a necessidade de sono e a estranha opressividade do ar estivessem começando a me dominar. Eu com certeza mergulhava no sono, o sono de olhos abertos de quem cede a uma adorável fascinação, quando, através do silêncio criado pela neve, um longo lamento, baixo, tão cheio de sofrimento e piedade me despertou como se fosse o toque de um clarim. Era a voz de minha querida madame Mina que eu ouvia.

Então me preparei para minha terrível tarefa e encontrei, tirando as tampas das sepulturas, mais uma das três irmãs, a outra morena. Não ousei parar para observá-la, receoso de mais uma vez ficar fascinado. Continuei procurando até que, logo em seguida, encontrei, num túmulo alto e grande, como que feito para alguém muito amado, a outra irmã, a loura — que, como Jonathan, eu vira se materializar a partir dos átomos da neblina. Ela era tão agradável de se ver, dona de uma beleza tão radiante, tão maravilhosamente voluptuosa que o próprio instinto masculino existente em mim, esse instinto que leva alguns do meu sexo a amar e proteger as do seu sexo, fez minha cabeça rodopiar com novas emoções. Que Deus seja louvado, porém; aquele lamento da alma de madame Mina ainda ecoava em meus ouvidos. Antes que aquele feitiço me dominasse por completo, eu me reanimara e estava pronto para fazer meu trabalho. A essa altura, já verificara todos os túmulos na capela, ao que me parecia; como à noite só havia três daqueles fantasmas Não Mortos ao nosso redor, deduzi que não existiam mais Não Mortos ativos. Havia uma grande sepultura de aspecto mais nobre do que as outras; era imensa e de belas proporções. Uma única palavra se inscrevia nela:

Era aquela então a casa de Não Morto do Rei-Vampiro, ao qual tantos outros deviam sua existência. Estava vazia, o que era suficiente para me fazer ter certeza do que de resto já sabia. Antes de começar a devolver aquelas mulheres à verdadeira morte através de meu trabalho abominável, coloquei um pouco da hóstia dentro do túmulo de Drácula, banindo-o dali, Não Morto, para sempre.

Então comecei a cumprir minha terrível tarefa, que eu muito temia. Se fosse apenas uma, teria sido comparativamente fácil. Mas três! Recomeçar mais duas vezes depois de ter realizado aquele feito odioso! Se havia sido terrível com a adorável Miss Lucy, como não seria com aquelas três estranhas que sobreviviam havia séculos e teriam se fortalecido com o passar dos anos; que teriam, se pudessem, lutado por suas vidas ímpias...?

Ah, meu amigo John, foi uma carnificina. Se não me encorajasse a lembrança de outros mortos e daquela que ainda vivia e sobre a qual pesava tamanha nuvem de medo, não teria conseguido continuar. Estou tremendo ainda agora, embora, até que tudo já estivesse terminado, meus nervos aguentaram firme, com a graça de Deus. Se eu não tivesse visto em primeiro lugar o repouso, e a felicidade que penetrou ali logo antes de a dissolução final ocorrer, como um sinal de que a alma havia sido salva, não teria conseguido levar adiante aquele trabalho de açougueiro. Não teria suportado os berros horríveis enquanto a estaca as perfurava, os pulos e contorções de seus corpos, e a espuma sangrenta que se formava nos lábios. Teria fugido dali, aterrorizado, e deixado minha tarefa inacabada. Tudo já está terminado, porém! E as pobrezinhas — agora posso apiedar-me delas e chorar, quando me lembro de seu plácido sono, o sono da morte verdadeira, um curto instante antes de se desfazerem. Pois, amigo John, mal minha faca decepara suas cabeças, todo o corpo começou a se desintegrar e se transformar no pó original, como se a própria morte, que deveria ter chegado séculos antes, por fim se tivesse feito valer e dito, em voz alta: “Aqui estou!”

Antes de sair do castelo, lacrei suas entradas, de modo que nunca mais o conde possa entrar ali como Não Morto.

Quando entrei no círculo onde madame Mina dormia, ela acordou, e, ao me ver, exclamou, sofrida, que eu suportara coisas demais.

— Venha! — disse. — Vamos embora deste lugar abominável! Vamos nos encontrar com meu marido, que agora sei estar vindo em nossa direção.

Sua aparência era de magreza e palidez, mas seus olhos estavam puros e brilhavam de fervor. Fiquei feliz em ver o quanto estava pálida e abatida, pois minha mente estava cheia das imagens das vampiras coradas em seu sono, que eu vira tão recentemente.

Assim, confiantes e esperançosos, embora com muito medo, seguimos para leste a fim de encontrar nossos amigos — e a *ele*, que madame Mina diz *saber* estar vindo nos encontrar.

DIÁRIO DE MINA HARKER

6 de novembro — A tarde já ia avançada quando o professor e eu rumamos na direção leste, por onde eu sabia que Jonathan estava vindo. Não fomos num passo rápido, embora o caminho fosse uma descida íngreme, pois tivemos que levar conosco as mantas e os agasalhos pesados; não podíamos correr o risco de nos ver sem nada com que nos aquecer em meio ao frio e à neve. Tínhamos que levar algumas provisões também, pois aquele lugar era inteiramente deserto, e, até onde podíamos ver em meio à neve que caía, não havia qualquer sinal de moradias. Quando já tínhamos percorrido pouco mais de um quilômetro e meio, senti-me cansada com a árdua caminhada e me sentei para descansar. Olhamos para trás, então, e vimos o Castelo Drácula recortado nitidamente contra o céu; era tão íngreme a encosta do morro sobre o qual se erguia e que estávamos descendo, que daquele ângulo sequer era possível avistar os Cárpatos. Vimos o castelo em toda a sua

grandiosidade, trezentos metros acima do topo de um precipício, e aparentemente com uma enorme garganta separando-o do sopé das montanhas vizinhas. Havia algo de selvagem e sobrenatural naquele lugar. Podíamos ouvir o uivo distante de lobos. Estavam longe dali, mas o som, mesmo que nos chegasse abafado pela neve, era cheio de terror. Pelo modo como o dr. Van Helsing examinava os arredores, eu sabia que ele estava tentando encontrar algum local estratégico onde ficássemos menos expostos em caso de ataque. A estrada acidentada ainda descia; era possível divisá-la em meio à neve que se acumulava.

Um pouco depois, o professor me fez um sinal; levantei-me e fui até onde ele estava. Encontrara um lugar maravilhoso, uma espécie de vão natural numa rocha, com uma entrada igual a um pórtico entre duas pedras grandes. Ele me levou pela mão e fez com que eu entrasse:

— Veja! — disse ele. — Aqui a senhora estará protegida, e, se os lobos vierem, poderei recebê-los um a um.

Trouxe para dentro nossas peles, fazendo um confortável leito para mim; trouxe também um pouco das provisões e insistiu para que eu comesse. Não consegui, porém; mesmo a simples tentativa me causava repulsa, e, embora eu quisesse agradá-lo, não era capaz de comer nada. Ele pareceu muito triste, mas não me censurou. Tirando seus binóculos do estojo, pôs-se de pé no alto da rocha e começou a olhar na direção do horizonte.

— Olhe! Olhe, madame Mina! Olhe!

Pus-me de pé num salto e fiquei ao seu lado, na rocha; ele me passou os binóculos e apontou. A neve caía em maior quantidade e rodopiava ferozmente no ar, pois começava a ventar forte. Havia momentos, porém, em que se faziam pausas entre as lufadas de neve, e era possível enxergar bem longe. Da altura em que estávamos, a vista era boa; lá longe, para além do vasto deserto coberto de neve, eu podia ver o rio correndo como uma fita negra, em curvas e volteios. Diretamente à nossa frente, e não muito longe na verdade, tão perto que fiquei surpresa por não termos notado antes —, vinha um grupo de homens a cavalo, galopando velozmente. No meio deles havia uma carroça, um comprido *leiter-wagon* que balançava para um lado e para o outro, como a cauda de um cachorro, a cada irregularidade da estrada. Destacados sobre a neve como estavam, eu podia ver, pelas roupas dos homens, que eram algum tipo de camponeses ou ciganos.

Sobre a carroça havia um enorme baú quadrado. Meu coração deu um salto quando o vi, pois soube que o fim se aproximava. A noite caía, e eu sabia que depois do poente a Coisa, agora aprisionada ali dentro, ganharia nova liberdade e poderia despistar seus perseguidores assumindo uma de suas muitas formas. Voltei-me para o professor, assustada; contudo, para minha consternação, ele não estava ali. Um instante depois, vi-o lá embaixo. Em torno da pedra, desenhava um círculo, igual ao que nos abrigara na noite passada. Quando terminou, voltou para junto de mim e disse:

— Pelo menos *dele* a senhora estará a salvo, aqui! — Pegou os binóculos e, quando a nevasca voltou a nos oferecer uma brecha, correu os olhos em todo o espaço abaixo de nós. — Veja — disse ele —, estão vindo rápido. Estão açoitando os cavalos e galopando o mais velozmente possível.

Fez uma pausa antes de prosseguir, com a voz sem expressão:

— Estão correndo contra o tempo, mas o poente se aproxima. Talvez tenhamos chegado tarde demais. Que seja feita a vontade de Deus.

A neve caiu profusamente outra vez, transformando toda a paisagem num borrão. Logo amainou, porém, e, de novo, o professor fixou seus binóculos na planície. Então, um grito súbito:

— Olhe! Olhe! Olhe! Veja, dois cavaleiros seguem velozmente, vindos do sul. Devem ser Quincey e John. Pegue os binóculos. Olhe, antes que a neve borre tudo outra vez!

Obedeci. Os dois homens talvez fossem o dr. Seward e Mr. Morris. Estava claro, de qualquer modo, que nenhum dos dois era Jonathan. Ao mesmo tempo, *sabia* que ele não estava longe dali; olhando ao redor, vi, ao norte do grupo que se aproximava, dois outros homens galopando a toda velocidade. Um deles eu sabia ser Jonathan, e o outro presumi ser, é claro, lorde Godalming. Os dois também perseguiam o grupo com a carroça. Quando contei ao professor, ele gritou de alegria como um menino; após observar intensamente com os binóculos até a neve tornar a tarefa impossível, deixou seu rifle Winchester pronto para ser usado junto à pedra, na entrada de nosso abrigo.

— Estão se dirigindo ao mesmo ponto — disse. — Quando chegar a hora, teremos ciganos por todos os lados.

Peguei meu revólver, pois, enquanto falávamos, o uivo dos lobos se tornara mais alto e mais próximo. Quando a nevasca tornou a diminuir, olhamos outra vez. Era estranho ver a neve caindo perto de nós em flocos

tão pesados e, a distância, o sol brilhando cada vez mais forte enquanto afundava por trás dos picos das montanhas. Correndo os olhos em torno de onde estávamos, pude ver aqui e ali pontos se movendo sozinhos e em grupos de dois ou três, ou em maior número — os lobos estavam se reunindo para a caçada.

Cada instante parecia uma eternidade enquanto esperávamos. O vento agora soprava em lufadas ferozes e a neve arremetia contra nós em furiosos redemoinhos; às vezes não conseguíamos enxergar à distância de um braço diante de nós. Em outros momentos, porém, quando o vento passava por nós com um ruído surdo parecia limpar o espaço ao nosso redor, e assim podíamos enxergar longe. Ultimamente, havíamos nos acostumado tanto a ficar alertas à aurora e ao poente que sabíamos com bastante exatidão quando seriam; estava claro que logo o sol haveria de se pôr. Era difícil acreditar que, conforme o que podíamos observar, menos de uma hora se passou em nosso abrigo na rocha antes que chegassem até onde estávamos. O vento soprava com rajadas ainda mais furiosas e vinha mais regularmente do norte.

Parecia ter afastado as nuvens dali, pois agora a neve só caía ocasionalmente. Podíamos distinguir com nitidez os indivíduos de cada grupo, os perseguidos e os perseguidores. Muito estranho, porém, era o fato de que os perseguidos não pareciam se dar conta de sua situação, ou pelo menos importar-se com ela; no entanto, aparentemente avançavam com velocidade redobrada conforme o sol mergulhava cada vez mais entre os topos das montanhas.

Chegavam mais perto. O professor e eu nos agachamos atrás da rocha, com nossas armas prontas para disparar; eu podia ver que ele estava determinado a impedir sua passagem. Ignoravam completamente nossa presença.

Subitamente, duas vozes gritaram “Alto!”. Uma delas era a de meu Jonathan, num tom alto e arrebatado; a outra era o timbre forte, decidido e imperativo de Mr. Morris. Os ciganos talvez não compreendessem o idioma, mas não havia como confundir aquele tom, independentemente da língua em que estivessem falando. Instintivamente, puxaram as rédeas de seus cavalos; no mesmo instante lorde Godalming e Jonathan surgiram como flechas de um lado e o dr. Seward e Mr. Morris do outro. O líder dos ciganos, um homem de aspecto magnífico, que se sentava em seu cavalo como um centauro, fez-lhes um gesto com a mão para que se afastassem;

com uma voz furiosa, gritou para os companheiros a ordem de prosseguir. Chicotearam os cavalos, que se lançaram adiante, mas os quatro homens apontaram seus rifles Winchester, e, de modo inconfundível, ordenaram que parassem. No mesmo instante, o dr. Van Helsing e eu saímos de trás da pedra e apontamos nossas armas na mesma direção. Vendo que estavam cercados, os ciganos puxaram as rédeas e fizeram os animais parar. O líder virou-se para eles e disse algo que fez com que todos os homens do grupo sacassem suas armas, facas ou pistolas, preparando-se para atacar. A batalha começou no mesmo instante.

O líder, com um rápido movimento das rédeas, levou seu cavalo até a frente do grupo; apontando primeiro para o sol — agora bem próximo dos picos das montanhas — e depois para o castelo, disse algo que não compreendi. Em resposta, os quatro homens de nosso grupo desmontaram e dispararam como flechas em direção à carroça. Eu devia ter sentido um medo enorme ao ver Jonathan correndo tanto perigo, mas o ardor da batalha provavelmente me contagiara, assim como a eles; eu não tinha medo, mas somente um desejo louco e crescente de fazer alguma coisa.

Vendo o rápido movimento dos cavaleiros, o líder dos ciganos deu uma ordem; no mesmo instante, seus homens se agruparam em volta da carroça, numa espécie de esforço indisciplinado, acotovelando-se e se empurrando na ânsia de cumprir a ordem.

No meio de tudo isso, eu podia ver que Jonathan, diante do círculo de homens, e Quincey também, do outro lado, estavam forçando passagem para junto da carroça; era evidente que estavam dispostos a concluir sua tarefa antes que o sol se pusesse. Nada parecia capaz de detê-los ou mesmo de fazê-los recuar. Nem mesmo as armas que os ciganos apontavam, ou suas facas de lâminas faiscantes, diante deles, ou o uivo dos lobos, às suas costas, pareciam lhes chamar a atenção. A impetuosidade de Jonathan e a evidente determinação de levar a cabo seu propósito pareceram intimidar os homens diante dele; instintivamente, encolheram-se e o deixaram passar. Num instante ele pulara sobre a carroça e, com uma força que parecia incrível, ergueu a enorme caixa, lançando-a ao chão, por sobre a roda. Enquanto isso, Mr. Morris tivera de se valer de toda a sua força para passar pelos ciganos do seu lado do círculo. Durante todo o tempo em que estivera observando Jonathan, com o fôlego suspenso, vira, com o canto do olho, Mr. Morris abrindo caminho desesperadamente; as facas dos ciganos faiscaram enquanto ele forçava passagem, e o golpearam. Ele se defendera

com sua faca, e a princípio achei que também chegara são e salvo à carroça; mas quando ele se reuniu a Jonathan, que saltara para o chão, pude ver que apertava o próprio corpo à altura das costelas e que o sangue brotava por entre seus dedos. Apesar disso, não parou; enquanto Jonathan, com uma força desesperada, investia contra uma das extremidades da caixa, tentando fazer uma alavanca com seu facão *Kukri* e abrir a tampa, Mr. Morris investiu furiosamente contra a outra extremidade. Sob os esforços dos dois homens, a tampa começou a ceder; os pregos saltaram com um ruído agudo e a tampa da caixa foi arremessada para trás.

A essa altura, os ciganos, vendo-se sob a mira dos Winchesters de lorde Godalming e do dr. Seward, tinham se dado por vencidos e não resistiram mais. O sol já quase se escondera por trás das montanhas, e as sombras dos homens projetavam-se sobre a neve. O conde estava deitado dentro da caixa, sobre a terra — que, com a queda violenta da carroça, espalhara-se um pouco sobre ele. Estava mortalmente pálido, como uma figura de cera, e os olhos vermelhos brilhavam com o olhar vingativo que eu conhecia muito bem.

Enquanto eu observava, os olhos viram que o sol se punha, e o olhar de ódio que havia neles transformou-se numa expressão de triunfo.

Nesse instante, porém, vi o brilho e o movimento veloz do facão de Jonathan. Dei um grito agudo ao ver a lâmina cortar o pescoço do conde, ao mesmo tempo que a faca de Mr. Morris mergulhava em seu coração.

Foi quase como um milagre, mas, diante de nossos olhos, e em menos de um segundo, todo o corpo se desfez em pó e desapareceu de nossa vista.

Enquanto viver, guardarei a alegria de saber que mesmo no instante da dissolução final havia no rosto do conde uma expressão de paz tal como nunca imaginei possível a ele.

O Castelo Drácula projetava-se contra o céu rubro, e cada pedra da ameia danificada era visível à luz do poente.

Os ciganos, achando que de algum modo éramos os responsáveis pelo extraordinário desaparecimento do morto, viraram-se, sem dizer uma palavra, e cavalgaram para longe dali como se suas vidas estivessem em jogo. Os que não estavam a cavalo pularam na carroça e gritaram para os cavaleiros, pedindo-lhes que não os abandonassem. Os lobos, que haviam recuado a uma distância segura, seguiram os ciganos, deixando-nos em paz. Mr. Morris, que caíra ao chão, apoiava-se no cotovelo, apertando o lado do corpo com a mão; o sangue ainda jorrava por entre seus dedos. Corri até

ele, pois o círculo sagrado já não me detinha; os dois médicos fizeram o mesmo. Jonathan ajoelhou-se ao seu lado, e o ferido apoiou a cabeça em seu ombro. Com um suspiro, Mr. Morris estendeu-me a mão que não estava manchada de sangue, quase sem forças, e segurou nela a minha. Deve ter visto a angústia que eu sentia estampada em meu rosto, pois me sorriu e disse:

— Estou muito feliz por ter sido útil! Ah, meu Deus! — gritou, subitamente, tentando se sentar e apontando para mim. — Valeu a pena morrer por isso! Vejam! Vejam!

O sol acabava de descer por trás do pico da montanha, e os raios vermelhos caíam sobre meu rosto, banhando-o com uma luz rosada. Num único impulso, os homens caíram de joelhos.

— Amém! — disseram, com grande intensidade e seriedade, quando seus olhos seguiram o dedo que Mr. Morris apontava.

— Que Deus seja louvado por tudo isso não ter sido em vão — disse ele. — Vejam! A neve agora não é mais imaculada do que a fronte de Mrs. Harker. A maldição terminou!

E, para nosso profundo pesar, com um sorriso e em silêncio, morreu um nobre cavalheiro.

Nota

Há sete anos todos nós atravessamos as chamas; acreditamos que a felicidade em que alguns de nós vivem desde então valeu a dor que tivemos de suportar. É uma alegria a mais para Mina e para mim que o aniversário de nosso filho seja no mesmo dia em que Quincey Morris morreu. Sei que sua mãe acredita, em segredo, que algo do espírito de nosso valente amigo vive nele. Seu nome completo une todo o nosso pequeno grupo de homens, mas o chamamos de Quincey.

Este ano, durante o verão, fizemos uma viagem para a Transilvânia e percorremos o mesmo solo que estava, e está, para nós, tão cheio de memórias vívidas e terríveis. Foi quase impossível acreditar que as coisas que tínhamos visto com nossos próprios olhos e escutado com nossos próprios ouvidos eram verdadeiras. Já não havia mais o menor traço delas. O castelo erguia-se como antes, alto, acima de uma terra árida e desolada.

Quando voltamos para casa, estávamos falando sobre os velhos tempos — para os quais podemos olhar sem nos desesperar, pois Godalming e Seward estão ambos casados e muito felizes. Peguei os papéis no cofre onde haviam ficado desde o nosso retorno, há tanto tempo. Surpreendeu-nos o fato de que, em meio a todo o material que compõe nosso registro, mal há um único documento autêntico; tudo não passa de um monte de folhas datilografadas, à exceção dos últimos cadernos de Mina, de Seward e o meu próprio, e do memorando de Van Helsing.

Não poderíamos pedir que alguém os aceitasse como prova de uma história tão fantástica — mesmo que quiséssemos fazê-lo, Van Helsing resumiu tudo quando disse, com nosso filho sentado sobre seus joelhos:

— Não queremos provas; não estamos pedindo a ninguém que acredite em nós! Algum dia, este menino saberá que mulher valente e notável é sua mãe. Já conhece o quanto ela é adorável e afetuosa; mais tarde compreenderá como certos homens a amaram tanto a ponto de se arriscar para a sua salvação.

JONATHAN HARKER



BRAM STOKER

OS SETE DEDOS DA MORTE
A TOCA DO VERME BRANCO

2ª edição
Tradução Stefania A. Lago

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Os sete dedos da morte

Capítulo 1

UM CHAMADO NOTURNO

Tudo me pareceu tão real que me custava acreditar que estivesse vivendo tudo pela segunda vez. No entanto, cada episódio veio não como um novo passo na decorrência lógica dos incidentes, mas como algo que eu já esperava. Dessa maneira, o pensamento pode nos pregar peças, boas ou más, agradáveis ou dolorosas, provocando felicidade ou infelicidade. De onde se conclui que a vida nos parece agridoce e que tudo o que aconteceu se torna eterno.

O barco impulsionado por remos, de onde pingam gotas brilhantes, retarda de novo sua viagem pelas águas calmas, sai do sol ofuscante de julho para a fresca sombra dos galhos pendentes do salgueiro — eu, de pé, no barco balançante, e ela, sentada, protegendo-se com as mãos dos galhos que rebatem. Novamente a água se torna de um castanho-dourado transparente e, da margem, a grama volta a ser verde-esmeralda. E estamos de novo sentados na fresca sombra, rodeados por milhares de ruídos da natureza, que, com seu invólucro suave, misturam-se ao zumbido que causava sonolência, fazendo-nos esquecer não apenas o grande mundo com suas aflitivas preocupações, mas também as suas alegrias ainda mais inquietantes.

E, outra vez, a jovem se liberta nessa feliz ocasião das regras repressivas de sua rígida educação e me fala com naturalidade e um pouco sonhadora da solidão de sua nova vida. A voz baixa e triste me dá a entender que ela se sente solitária e sozinha na casa enorme, que não é possível haver confiança e simpatia entre os moradores e que até a fisionomia de seu pai lhe parece tão distante como à época em que viviam no campo. Torno a pôr minha compreensão amadurecida à disposição da jovem, bem como a experiência de minha vida de adulto, sem que haja segundas intenções. A individualidade do ego nada tem a ver nessa oportunidade e obedece apenas a comandos forçados. Multiplicam-se indefinidamente os fugidios segundos, pois faz parte dos mistérios dos sonhos que a realidade se confunda e se renove, se modifique sem se alterar, como a alma dos músicos na fuga. Assim a lembrança se perde no sono.

Não existe serenidade completa, pelo menos é o que parece. Até mesmo nos Jardins do Éden a serpente levanta sua cabeça debaixo dos pesados ramos da Árvore da Sabedoria. O sossego da noite de insônia é perturbado pelo fragor da avalanche, pelo rumorejar de águas que irrompem subitamente, pelo toque do sino do trem que ressoa através de uma cidadezinha adormecida na América; pelo mergulhar de remos ao longe, fosse o que fosse, poderia perturbar o encanto do meu Éden.

O baldaquim de ramos sobre nós, coroado com raios de luz, parece estremecer com o padejar, e o sino toca como se jamais quisesse parar.

Repentinamente, os portões do sono se abrem e meus ouvidos, que despertam, reconhecem o motivo do distúrbio. Uma causa bastante prosaica — alguém bate e toca a campainha de uma porta.

Em minha residência em Jermyn Street eu estava acostumado aos diversos barulhos vindos de fora. Acordado ou dormindo, pouco me preocupava com o que faziam ou deixavam de fazer meus vizinhos, mesmo que fizessem muito barulho. No entanto, esse ruído se prolongava demais, era persistente demais, insistente em excesso para poder ser ignorado. Por trás desse barulho incessante havia algo de ativo e racional proveniente de uma necessidade ou de uma pressão.

Meu egoísmo se manteve dentro dos limites, por isso me veio a ideia de que alguém precisava de ajuda. Rapidamente me levanto da cama e lanço um olhar para o relógio. São exatamente três da manhã. Nas verdes venezianas que escureciam meu quarto, entrevia-se o crepúsculo matutino. Era óbvio que alguém batia e tocava a campainha na nossa porta. Além disso, estava claro que não havia ninguém acordado para abri-la. Apressado, vesti o robe e as pantufas e dirigi-me à porta. Ao abri-la, vi diante de mim um jovem com um elegante uniforme de serviço que, com uma das mãos, pressionava ininterruptamente a campainha elétrica, enquanto batia vigorosamente na aldrava com a outra. Nem bem me viu, cessou o ruído. Uma das mãos elevou-se instintivamente ao boné e a outra tirou uma carta do bolso. Diante da porta estava uma elegante carruagem com uma parelha, cujo forte resfolegar demonstrava que havia corrido muito. Um policial com uma lanterna presa à cintura foi atraído pelo barulho.

— Perdão, senhor, sinto muito ter que perturbá-lo, mas sou obrigado a isso. Eu não deveria perder um só instante e bater até que viesse alguém. Posso perguntar se aqui mora o sr. Malcolm Ross?

— Sou Malcolm Ross.

— Então esta carta lhe pertence realmente, senhor, e esta caleça o espera.

Tomado de enorme curiosidade, peguei a carta. Como advogado, tive por vezes causas estranhas e poderia perfeitamente se dar o caso de que algo imprevisto fosse tomar meu tempo. Dei uns passos para trás no vestíbulo e encostei a porta. A letra da carta me era desconhecida, de mulher. Começava sem preâmbulo.

> *O senhor disse que me ajudaria caso fosse preciso e tive a impressão de que suas palavras eram sinceras. A hora chegou antes que eu supunha. Encontro-me numa terrível situação e não sei a quem recorrer. Receio que estejam querendo assassinar meu pai. Com a graça de Deus, ele ainda vive, se bem que inconsciente. A polícia foi avisada e também o médico. No entanto, não tenho ninguém em quem possa confiar. Venha logo que puder e perdoe-me antecipadamente. Presumo que só mais tarde me conscientizarei do que lhe peço. No momento, porém, não estou em condições de pensar. Venha. Venha imediatamente.*
>
> *Margaret Trelawny*

Durante a leitura, a dor e o triunfo lutaram dentro de mim. Porém, imperava a certeza de que ela se encontrava numa situação embaraçosa e me chamava — a mim. Eu não sonhara com ela sem algum fundamento. Chamei o rapaz:

— Espere! Estarei pronto num minuto — corri escada acima.

Depois de uns poucos minutos eu já estava de banho tomado, vestido, e atravessamos as ruas tão rápido quanto os cavalos permitiam.

Era dia de feira e, ao alcançarmos Piccadilly, apesar da hora matinal, havia um fluxo interminável de carroças, vindas do oeste para a cidade. O resto do caminho, entretanto, estava livre e avançamos rapidamente. Eu havia dito ao rapaz que poderia se sentar ao meu lado, no interior da carruagem, para que assim, no caminho, pudesse me pôr a par do que

acontecera. Embaraçado, ele lá estava sentado, segurando o boné sobre os joelhos enquanto fazia a narrativa.

— Senhor, a srta. Trelawny mandou alguém para baixo a fim de nos dizer que deveríamos aprontar imediatamente uma carruagem. Aí ela própria desceu, deu-me a carta e mandou que Morgan, o cocheiro, voasse para seu destino. Disse-me que eu não deveria desperdiçar um segundo e bater até que alguém aparecesse.

— Sim, isso eu sei. Já me disseste isso. Eu gostaria de saber por que ela mandou me chamar. O que aconteceu na casa?

— Isso não sei exatamente, senhor. Só sei que o patrão foi encontrado inconsciente em seu quarto, com o lençol ensanguentado e um ferimento na cabeça. Até agora não voltou a si. Foi a própria srta. Trelawny quem o encontrou nesse estado.

— Como ela pôde encontrá-lo a essa hora? Acho que era madrugada.

— Não sei, senhor. Não consegui saber o que houve na realidade.

Como ele não me pôde dar mais esclarecimentos, deixei que a carruagem parasse por um instante a fim de que ele pudesse passar para o assento da frente, ao lado do cocheiro. Sozinho, fiquei sentado, a meditar. Havia muita coisa que eu poderia ter perguntado ao serviçal. Mal ele passara para a frente eu já estava aborrecido por não ter aproveitado melhor a oportunidade. Mas, por outro lado, senti-me satisfeito porque não havia mais essa tentação. Eu achava que seria mais discreto se obtivesse pessoalmente a informação da srta. Trelawny. Íamos pela Knightsbridge acompanhados pelo barulho da elegante carruagem. Depois de termos entrado no Kensington Palace Road, paramos afinal em frente a uma mansão, do lado esquerdo, tanto quanto pude notar, mais perto de Notting Hill do que de Kensington. Era na verdade uma bela casa, não somente quanto ao tamanho, mas com referência à forma de construção. Mesmo sob a sombria luz da manhã, que deixa tudo com aparência menor, fiquei impressionado.

A srta. Trelawny veio ao meu encontro no vestíbulo com bastante naturalidade. Parecia controlar tudo em volta com superioridade, como convém a uma pessoa de classe, apesar de sua excitação e lividez. No grande vestíbulo havia muitos empregados, os homens perto da porta de entrada e as mulheres agrupadas nos cantos e nas passagens mais distantes. Um chefe de polícia já falara com a srta. Trelawny; dois policiais uniformizados e um à paisana tinham vindo com ele. Quando ela pegou

impulsivamente minha mão, vi em seu olhar que a minha chegada lhe causara um grande alívio. O cumprimento foi curto e conciso:

— Eu sabia que o senhor viria.

Um aperto de mão pode significar muita coisa, até quando não deve significar nada demais. A mão da srta. Trelawny se perdeu na minha. Era pequena, macia e flexível, com dedos finos e longos — uma bela mão, fora do comum.

Virou-se e disse ao chefe de polícia:

— Este é o sr. Malcolm Ross.

O policial fez continência e retrucou:

— Já conheço o sr. Ross, senhorita. Talvez lembre que tive a honra de trabalhar com ele no caso Brixton Coining.

Ao primeiro olhar, eu não o havia reconhecido, pois toda a minha atenção estivera voltada para a srta. Trelawny.

— Sim, naturalmente, chefe Dolan, recordo-me muito bem — disse eu ao trocarmos um aperto de mão.

Não me escapou que a srta. Trelawny pareceu aliviada com o nosso conhecimento. Seu comportamento demonstrava certo embaraço que despertou minha atenção, e instintivamente senti que ela ficaria mais à vontade se pudesse ficar a sós comigo. Eu disse então a Dolan:

— Talvez fosse melhor se a srta. Trelawny falasse comigo em particular. O senhor já deve ter ouvido o que ela sabe e eu poderia julgar melhor a situação se pudesse lhe fazer algumas perguntas. Depois gostaria de conversar com o senhor, se assim lhe convier.

— Ponho-me com prazer às suas ordens, senhor — respondeu ele, cordialmente.

Seguindo a srta. Trelawny, entrei num cômodo mobiliado com elegância, que dava para o vestíbulo e do qual se podia entrever um jardim nos fundos da casa. Quando fechei a porta, ela me disse:

— Por sua boa vontade em ficar a meu lado nessa situação difícil, eu lhe agradecerei mais tarde. No momento, no entanto, poderá ajudar se inteirando melhor dos fatos.

— Fale — disse eu. — Conte-me tudo o que sabe sem omitir o menor detalhe, ainda que no momento pareça insignificante.

Começou sem preâmbulos:

— Fui acordada por um barulho. O que foi, não sei. Só o que sei é que invadiu meu sono. Então, de repente, acordei de vez. Com o coração

batendo forte, apurei o ouvido para os ruídos que vinham do quarto de meu pai. Meus aposentos ficam logo ao lado e, muitas vezes antes de adormecer, ouço como ele se movimenta no quarto. Ele trabalha com frequência noite adentro, por vezes até muito tarde. Assim, ocasionalmente, acontece que, ao acordar cedo ou de madrugada, ainda posso ouvi-lo. Uma vez cheguei a tentar dissuadi-lo de ficar acordado tanto tempo porque isso não lhe fazia bem algum. Não ousei fazer uma segunda tentativa. O senhor sabe como ele pode ser duro e frio, ou talvez o senhor se lembre do que lhe contei a respeito de meu pai. Sempre que tem uma atitude polida, torna-se insuportável. Posso aguentar melhor quando fica raivoso. Mas, quando reage lentamente e com circunspecção, puxando a boca para o lado de modo que se pode ver seus dentes pontiagudos, sinto... Nem sei bem o quê. Na noite passada, levantei-me depressa e fiquei perto da porta, pois temia perturbá-lo. Nenhum som de passos, nenhum grito; entretanto, ouvi um estranho som de arrastar de pés e uma respiração pausada e ofegante. Como foi horrível ficar à espera na escuridão e no silêncio e temer não sei o quê! Finalmente, tomei coragem e entreabri a porta. Lá dentro, tudo escuro. Quase não dava para perceber o contorno das janelas. Nessa escuridão, ouvi sua respiração cada vez mais distintamente e fiquei alarmada. Era incessante. Mas além desse som não se ouvia mais nada. Escancarei a porta porque receava abri-la devagar. Tive o pressentimento de que algo terrível se ocultava por trás, pronto para se atirar sobre mim. Aí acendi a luz e entrei no quarto. Primeiro olhei para a cama. Os lençóis estavam revoltos, sinal de que meu pai se deitara. Porém, no meio da cama, via-se uma grande mancha vermelho-escura que se alastrava para a beirada, e meu coração quase parou de bater. Enquanto eu fitava a mancha, chegou novamente o som de respiração aos meus ouvidos e meu olhar procurou a causa. Lá estava meu pai, deitado do lado direito do chão, com o outro braço sob o corpo, como se alguém tivesse atirado seu cadáver ao chão. O rastro de sangue atravessava o quarto até a cama. Ele estava no meio de uma horrível poça de um vermelho brilhante. Debrucei-me sobre ele para examiná-lo. Estava deitado em frente ao cofre e vestia o pijama. A manga esquerda fora rasgada e deixava aparecer o braço nu que apontava para o cofre. Oh, foi terrível vê-lo encharcado de sangue, a carne em volta da pulseira de ouro arrebentada ou cortada! Eu nem sabia que ele usava uma coisa dessas, e essa descoberta me surpreendeu e me provocou um novo choque.

Fez uma pausa rápida. Querendo desviar um pouco sua atenção, falei:

— A senhorita não deve se espantar com isso. Muitos homens, de quem menos se espera, usam pulseiras. Uma vez cheguei a ver quando um juiz, ao pronunciar uma sentença de morte, levantou o braço e pude reparar que usava uma pulseira de ouro.

Ela parecia não ter ouvido minhas palavras, mas ainda assim se recompôs e prosseguiu mais calma:

— Não perdi um instante porque tive medo de que pudesse morrer da hemorragia. Toquei a campainha e saí correndo, gritando por socorro. Em pouquíssimo tempo, ainda que me parecesse incrivelmente longo, alguns criados vieram até o quarto e logo depois todos os outros, até que o aposento se encheu de olhos arregalados e amedrontados, de cabelos desgrenhados e das mais variadas vestimentas de dormir. Suspendemos meu pai para um sofá, e a sra. Grant, a governanta, que era a que teve melhor presença de espírito de todos, começou a procurar o local do sangramento. Com a rapidez de um segundo ficou visível que provinha do braço nu. Havia um profundo ferimento, não uma facada limpa, mas uma abertura serrilhada perto da articulação, tão profunda que alcançava até a artéria. A sra. Grant tamponou a ferida com um lenço e, com o auxílio de um abridor de cartas de prata, improvisou uma espécie de torniquete. Instantaneamente cessou a hemorragia. Nesse meio-tempo eu estava de novo de posse de minhas faculdades, tanto quanto possível, e mandei um dos homens à procura do médico e outro à polícia. Nem bem haviam saído, veio-me a sensação de que, afora os empregados, eu estava completamente sozinha na casa e que não sabia nada a respeito de meu pai, absolutamente nada. Aí me veio a necessidade de pedir ajuda. Pensei no senhor e na sua amável oferta no barco, debaixo do salgueiro. Sem refletir mais, ordenei que preparassem imediatamente a carruagem e, rápido, escrevi um bilhete para que lhe fosse entregue.

Fez uma pausa. Nesse instante, eu não quis falar sobre o que estava sentindo. Olhei-a e acho que ela percebeu, pois seu olhar se ergueu para o meu e logo o baixou, enquanto suas faces enrubesciam. Com visível esforço, continuou sua narrativa:

— O médico chegou com incrível rapidez. Nosso empregado o encontrou na hora exata em que estava para abrir a porta da rua e pôde vir a passo acelerado para cá. Refez o torniquete no braço de meu pai e foi para casa a fim de apanhar alguns instrumentos. Certamente logo estará de volta.

Apareceu um policial e notificou a delegacia, logo em seguida chegou o chefe de polícia. E a seguir, o senhor.

Houve uma grande interrupção e ousei pegar sua mão por um instante. Sem mais outra palavra, saímos para o vestíbulo. O chefe de polícia veio até nós com as seguintes palavras:

— Examinei tudo meticulosamente e mandei informar a Scotland Yard. Olhe, sr. Ross, nesse caso existem tantas coisas estranhas que achei melhor mandar vir o mais eficiente homem do departamento de investigações criminais. Pedi, por escrito, o envio do sargento Daw. O senhor certamente se recorda dele. Naquela vez em Hoxton, o caso do americano envenenado.

— Ah, sim — respondi —, lembro-me perfeitamente bem. Desse e de outros casos nos quais me beneficiei com frequência de sua argúcia e de sua capacidade. Sua inteligência é única. Quando eu, como promotor, declarava meu cliente inocente, dava graças a Deus por tê-lo como meu opositor!

— Isso é que é um elogio, senhor! — manifestou-se o chefe de polícia, satisfeito. — Fico feliz em saber que o senhor aprova minha escolha.

— Não poderia ser melhor — disse eu com sinceridade. — É evidente que nós três descobriremos os fatos e o que está por trás deles.

Subimos para os aposentos do sr. Trelawny, onde encontramos tudo exatamente como nos havia descrito sua filha.

Ouviu-se, então, uma campainha, e um homem foi conduzido ao quarto. Era jovem, de porte nobre, com inteligentes olhos cinza e uma testa larga e alta. Trazia na mão uma pasta preta que logo abriu.

A srta. Trelawny fez imediatamente as apresentações:

— Dr. Winchester, sr. Ross, chefe de polícia Dolan.

Cumprimentamo-nos com uma inclinação de cabeça e o homem começou sem demora seu trabalho. Todos ficamos tensos à espera, observando como cuidava do ferimento. Enquanto isso acontecia, virava-se de vez em quando para chamar a atenção do chefe de polícia para um detalhe da ferida, após o que este fez uma anotação do fato em seu caderno.

— Vejam só! Muitos cortes ou arranhões paralelos saindo do lado esquerdo do pulso e que ameaçam a artéria radial em diversos lugares. Estes pequenos ferimentos aqui são profundos e serrilhados. Parecem provocados por um instrumento rombudo. Isto aqui me parece ter sido feito com uma chaveta afiada; a carne foi rasgada pelo lado, devido a uma pressão.

E, virando-se para a srta. Trelawny, disse de repente:

— A senhorita crê que possamos remover a pulseira? Não é absolutamente necessário, pois deve escorregar, liberando o ferimento. Contudo, mais tarde, poderia contribuir para o bem-estar do paciente.

A pobre moça corou intensamente ao responder baixinho:

— Não sei. Moro há pouco tempo com meu pai e conheço tão pouco sua vida e seu pensamento que, infelizmente, não posso opinar.

Depois que ele lhe lançou um olhar penetrante, disse o médico, muito cordial:

— Desculpe-me. Eu não sabia desse particular, mas não se preocupe. No momento não é necessário removê-la. E, ainda que fosse o caso, eu mesmo me responsabilizaria em fazê-lo. Mais tarde poderemos retirá-la com a ajuda de uma lima. Seu pai certamente tinha um bom motivo para usá-la. Veja, nela está pendurada uma pequena chave.

Parou e debruçou-se mais, enquanto eu segurava a vela de tal maneira que a luz incidisse sobre a pulseira. Enquanto me dizia para que continuasse a segurar a vela daquele modo, tirou uma lupa da valise e segurou-a diante dos olhos. Após um exame acurado, levantou-se, entregando a lupa a Dolan com as seguintes palavras:

— Veja o senhor mesmo: esta não é uma pulseira comum. O ouro é trabalhado sobre elos tríplices de aço. Veja onde está gasto pelo uso. Não é tão fácil retirar isso com uma lima.

O chefe de polícia se curvou e ficou de joelhos junto ao sofá. Examinou detidamente a pulseira, virando-a e revirando-a, de tal modo que nem o mínimo detalhe lhe escapou. Levantou-se e estendeu-me a lente de aumento.

— Depois que o senhor a tiver examinado — disse ele —, acho que a srta. Trelawny deverá fazê-lo também. — E anotou tudo com detalhes em seu caderno.

Alterei sua recomendação, entregando a lupa à srta. Trelawny:

— A senhorita não gostaria de ver primeiro?

Ela recuou e levantou a mão, repelindo-a.

— Oh, não! Certamente meu pai, se quisesse que eu a tivesse visto, já teria me mostrado ele mesmo. Sem seu consentimento eu jamais o faria.

E acrescentou, para que não nos sentíssemos penalizados com sua maneira de pensar:

— Naturalmente está certo que o senhor dê a sua opinião. É preciso investigar tudo e fazer uma avaliação correta. Sou profundamente grata.

Virou-se. Percebi que lágrimas furtivas escorriam em sua face. Compreendi que, apesar de sua tristeza e de suas preocupações, doía-lhe o coração por saber tão pouco a respeito de seu pai e que essa falta de conhecimento deveria vir à tona justamente nessa hora e no meio de tantas pessoas estranhas. Por um lado, tratando-se de homens, a coisa não se tornava mais fácil, mas, por outro, em certo sentido era um alívio. Refletindo melhor, eu dava graças a Deus por não haver olhar feminino sobre ela — pois nele haveria uma empatia maior do que no olhar masculino.

Quando me ergui novamente após ter confirmado a investigação do médico, constatei que ele continuava com seu trabalho. O chefe Dolan sussurrou para mim:

— Acho que tivemos sorte com nosso médico.

Concordei, e já queria dizer algo elogioso, quando bateram de leve à porta.

Capítulo 2

AS ESTRANHAS INSTRUÇÕES

O chefe Dolan se aproximou da porta em silêncio. Tomara espontaneamente a iniciativa. Nós outros ficamos esperando. Dolan entreabriu a porta e, com um gesto de perceptível alívio, abriu-a de todo a fim de permitir a entrada de um jovem. Era um homem de barba feita, alto e magro, com fisionomia de águia e olhos claros e perscrutadores, que com um olhar pareciam captar tudo à volta. O chefe de polícia lhe estendeu a mão para um caloroso aperto.

— Vim assim que me deram seu recado, senhor. Alegro-me por continuar merecendo sua confiança.

— Você a terá sempre — retrucou com vivacidade o chefe de polícia. — Recordo-me dos tempos antigos em Bow Street e jamais os esquecerei.

Sem maiores preâmbulos, contou tudo o que havia acontecido até a entrada do recém-chegado. O sargento Daw fez poucas perguntas — muito poucas — sempre que era necessário para a compreensão das circunstâncias ou da relativa posição das pessoas. Porém quase sempre Dolan, que já conhecia perfeitamente o trabalho de Daw, se antecipava a cada pergunta e explicava tudo com minúcias. De vez em quando Daw olhava à sua volta, de um lado para outro, e então para uma parte do aposento e depois de novo para o ferido deitado inconsciente no sofá.

Nem bem o chefe de polícia terminara, virou-se o sargento para mim, dizendo:

— Talvez esteja lembrado de mim, senhor. Trabalhamos juntos no caso Hoxton.

— Recordo-me perfeitamente bem — respondi-lhe, estendendo-lhe a mão.

O chefe de polícia voltou a falar:

— Sargento Daw, deve ficar bem claro que o caso está confiado absoluta e completamente ao senhor.

— Sob sua supervisão, espero — interrompeu Daw.

Dolan meneou a cabeça e falou com um sorriso:

— Parece-me que esse caso exige nossa completa dedicação e sacrifício. E, além disso, tenho ainda outras coisas a fazer. Continuo muito interessado no caso e terei o máximo prazer em ajudar no que for possível.

— Então está bem, senhor — falou Daw, aceitando a responsabilidade, curvando-se ligeiramente e dando início imediato às investigações. Em primeiro lugar, virou-se para o médico e pediu-lhe, após ter lhe perguntado nome e endereço, que fizesse um relatório detalhado a fim de que, sendo preciso, pudesse ser transmitido às autoridades. O dr. Winchester prometeu, inclinando-se grave. Nesse momento, o sargento veio até onde eu me achava e falou, a meia-voz:

— Gosto do médico. Com ele é possível trabalhar.

Virando-se para a srta. Trelawny, pediu:

— Por favor, ponha-me a par, com exatidão, do máximo que sabe a respeito de seu pai: seus hábitos, seu passado, tudo em que tinha interesse e que lhe dizia respeito.

Tive vontade de interrompê-lo para lhe dizer que ela pouco sabia sobre o pai e seus hábitos, mas ela levantou a mão e começou a falar.

— É realmente uma infelicidade que eu saiba tão pouco ou quase nada sobre meu pai. O sr. Dolan e o sr. Ross talvez possam confirmar o que tenho a dizer.

— Bem, então temos que nos contentar com o que possamos descobrir — falou Daw com cordialidade. — Farei a seguir uma investigação minuciosa. A senhora disse que se encontrava fora deste aposento quando ouviu o ruído?

— Eu estava no meu quarto quando ouvi o som estranho, que deve ter me acordado. Corri para lá imediatamente. A porta do quarto de meu pai estava fechada e eu podia ver todo o patamar e a parte superior da escada. Ninguém poderia ter saído do quarto, se é isso que está supondo.

— Sim, é exatamente isso que eu queria dizer. Se todos me dessem informações tão precisas, chegaríamos logo ao âmago das coisas.

Aproximou-se da cama, examinou-a atentamente e perguntou:

— Alguém mexeu nesta cama?

— Que eu saiba, não — retorquiu a srta. Trelawny. — Mas é melhor eu perguntar à sra. Grant, a governanta — acrescentou ela, dirigindo-se para puxar o cordão da sineta. A sra. Grant veio pessoalmente atender à chamada.

— Entre, por favor — disse a srta. Trelawny. — Sra. Grant, estes senhores desejam saber se alguém mexeu nesta cama.

— Eu não, srta. Trelawny.

Virando-se para o sargento Daw, a srta. Trelawny respondeu:

— Então ninguém mexeu nela, pois só eu ou a sra. Grant estivemos lá o tempo todo, e não consigo imaginar que alguém do pessoal tenha se aproximado da cama depois do alarme. Olhe, meu pai estava deitado debaixo do grande sofá e todos ficaram em volta dele. E pouco depois foram mandados embora.

Com um aceno de mão, Daw mandou que permanecêssemos do outro lado do aposento, enquanto examinava com muito cuidado, através de uma lente de aumento, as cobertas e os lençóis, dobra por dobra, para colocar tudo novamente na mesma posição. Examinou a porta do lado e dedicou especial atenção a determinado local que lhe despertou grande interesse, onde o sangue havia salpicado a beirada da cama feita de madeira avermelhada lindamente esculpida. De joelhos, seguiu centímetro por centímetro a pista até sob o grande cofre, onde estivera o corpo, evitando cuidadosamente contato com as manchas. Em volta desse local descreveu um raio de vários metros. Contudo, parecia que nada de interessante havia descoberto. A seguir, dedicou atenção à parte da frente do cofre, ao local em volta da fechadura, à parte superior e inferior das portas duplas e, principalmente, ao lugar onde as portas se unem.

Depois, dirigiu-se às janelas presas por dobradiças.

— As venezianas estavam fechadas? — perguntou ele à srta. Trelawny num tom de voz casual, como se esperasse a resposta negativa que recebeu.

O tempo todo o dr. Winchester se ocupava de seu paciente, fazendo curativos nas feridas do pulso ou examinando meticulosamente a cabeça, o pescoço e a região cardíaca. E a cada vez deixava o olhar passar involuntariamente pelo aposento, como se estivesse procurando algo. Ouvimos, então, a voz profunda e forte do detetive:

— Até onde eu possa ver, tratava-se de colocar essa chave na fechadura. Por trás do mecanismo existe um segredo que não consigo descobrir, apesar de ter trabalhado um ano na firma Chubb antes de entrar para a polícia. É uma fechadura de combinação, com sete letras. Mas me parece possível ainda decodificá-la. Ela é proveniente da firma Chatwood. Passarei por lá e talvez descubra algo a respeito.

E, como seu trabalho havia terminado, virou-se para o médico e disse:

— Há alguma coisa que possa me comunicar de imediato, sem que haja inconveniente em antecipar seu relatório completo? Se tiver alguma dúvida, posso esperar, mas, quanto antes eu puder saber algo definitivo, tanto melhor.

O dr. Winchester respondeu sem hesitar:

— Eu, de minha parte, não vejo motivo para esperar. Naturalmente, farei um relatório detalhado. Mas posso adiantar o que sei, isto é, muito pouco e tudo, como presumo, fundamentado sobre base incerta. Não há ferida visível na cabeça, o que poderia esclarecer o desmaio prolongado. Portanto, devo partir do princípio de que o homem foi drogado ou que se encontra sob a influência de hipnose. Até agora posso afirmar que ele não está sob efeito de drogas, pelo menos não de nenhuma droga cuja natureza eu conheça. É evidente que há neste aposento um odor de múmia tão pronunciado que não se pode perceber qualquer outro cheiro mais fraco que haja eventualmente. Os odores do oriente devem ter chamado a atenção de vocês, bem como de asfalto, de nardos, de resinas aromáticas e de temperos. É bem possível que, em algum lugar deste aposento, sob as várias antiguidades, encoberto por aromas mais fortes, se encontre uma substância ou fluido que poderia perfeitamente provocar esse efeito que vemos. O paciente pode ter ingerido qualquer droga e ter se ferido durante o sono. De fato, acho isso pouco provável, e talvez no decorrer das investigações eu possa provar que minhas suposições não procedem. No meio-tempo, contudo, devemos tomar tal fato em consideração.

Nesse momento, interveio Daw:

— Isso faz sentido. Mas, se assim for, precisamos encontrar o instrumento com o qual feriu a mão. Deveria haver sinais de sangue em qualquer lugar

— Exatamente — disse o médico, acertando os óculos como se estivesse se preparando para um debate. — Mas, se o paciente tomou mesmo uma droga forte, pode se tratar de uma que não tenha ação imediata. Como não conhecemos seus efeitos, caso nossa suposição esteja correta, devemos estar preparados para tudo.

A srta. Trelawny se intrometeu na conversa.

— Seria bom saber como age a droga. Mas, baseados em sua segunda suposição, a ferida deveria ter sido autoinfligida, e isso depois que os efeitos da droga tivessem se manifestado.

— Correto — falaram o detetive e o médico ao mesmo tempo.

Ela prosseguiu:

— Mas, como sua conjectura não abrange todas as possibilidades, devemos pensar que se trate de uma variante da ideia-base. Por isso, acho que, firmados nessa suposição, precisamos em primeiro lugar procurar a arma com a qual foi feito o ferimento no braço de meu pai.

— Talvez ele a tenha colocado no cofre antes de perder a consciência — disse eu a esmo, mas testando oralmente uma ideia que me viera à cabeça.

— Isto é impossível — falou apressadamente o médico. — Pelo menos julgo ser pouco provável — acrescentou, com prudência e uma ligeira mesura. — A mão esquerda está cheia de sangue, mas não vejo marcas de sangue no cofre.

— É isso mesmo — disse eu, depois de uma grande pausa.

O médico foi o primeiro a quebrar o silêncio.

— Aqui precisamos de uma enfermeira o mais rápido possível. E conheço uma que vem a calhar. Vou buscá-la imediatamente. Até a minha volta alguém deve ficar sempre ao lado do paciente. Mais tarde talvez seja preciso transferi-lo para outro aposento. Mas, por enquanto, ele está bem aqui. Srta. Trelawny, poderei contar que a senhorita ou a sra. Grant fiquem aqui, não apenas aqui no quarto, mas ao lado do paciente, sem tirar os olhos de cima dele até que eu volte?

Ela assentiu com a cabeça e se sentou no sofá. O médico lhe deu instruções para o caso de seu pai recobrar a consciência antes que retornasse.

Dolan se aproximou de Daw e disse a meia-voz:

— Agora é melhor que eu volte ao posto policial, a menos que queira que eu permaneça um pouco mais.

Daw perguntou:

— Johnny Wright ainda está no seu setor?

— Sim. O senhor gostaria que ele viesse colaborar?

O outro assentiu.

— Então, vou lhe enviar o rapaz tão logo eu o localize. Ele ficará com o senhor o tempo que for preciso. Eu lhe direi que deverá receber as suas instruções.

O sargento acompanhou Dolan até a porta.

— Eu lhe agradeço. O senhor sempre se preocupa tanto com seus colaboradores... Fico satisfeito por estarmos trabalhando novamente juntos.

Agora volto apressado à Scotland Yard para fazer meu relatório e entregá-lo a meu superior. Depois disso irei até Chatwood. Vou me apressar bastante e logo estarei aqui de volta.

E, virando-se para a srta. Trelawny, acrescentou:

— Presumo que me seja possível ficar aqui por um ou dois dias? Talvez eu lhe seja uma ajuda ou um consolo, se ficar por perto enquanto essa charada estiver sendo resolvida.

— Eu seria muito grata ao senhor.

Olhou fixamente para ela antes de prosseguir:

— Pode me dar licença para examinar a cômoda e a escrivaninha de seu pai antes de me retirar? É possível que haja alguma coisa que nos dê uma pista ou pelo menos uma indicação.

A resposta dela, bem clara, causou-lhe imenso espanto.

— O senhor tem a minha completa anuência para fazer tudo o que for necessário para nos ajudar a resolver essa coisa horrível, a fim de que possamos finalmente descobrir o que há com meu pai e como poderemos protegê-lo no futuro.

Imediatamente começou uma sistemática procura na cômoda e na escrivaninha. Numa das gavetas descobriu uma carta selada que entregou na mesma hora à srta. Trelawny.

— Uma carta para mim, com a letra de meu pai! — exclamou ela, espantada, enquanto abria o envelope. Eu a observava atentamente durante a leitura. Como notei que também Daw não tirava os olhos dela, fiquei olhando para ele. Quando a srta. Trelawny terminou de ler a missiva, formou-se em mim uma convicção que guardei para mim.

Entre as suspeitas que o detetive havia imaginado, existia outra possível, porém não definida: a que apontava para a srta. Trelawny.

Por vários motivos ela manteve a carta na mão, com o olhar baixo e pensativo. Voltou, então, a lê-la com cuidado. Dessa vez se tornaram ainda mais visíveis na sua fisionomia as inúmeras sensações, e pensei poder segui-las com facilidade. Parou a seguir e, com alguma hesitação, entregou a carta ao detetive, que a leu com uma expressão atenta, mas impassível. Leu uma segunda vez e lhe devolveu a carta com uma inclinação. Ela hesitou um pouco antes de me entregar a missiva, erguendo para mim por instantes um olhar suplicante. A testa e as faces enrubesceram ligeiramente.

Peguei a carta com sentimentos contraditórios, mas ao mesmo tempo satisfeito. Ela entregara a carta ao detetive sem emoção alguma — não

precisaria demonstrar a ninguém seus sentimentos, mas sim para mim —, e eu não queria dar vazão a esse pensamento e comecei a ler, sabendo muito bem que os olhares da srta. Trelawny e de Daw estavam cravados em mim.

Minha querida filha — esta carta é uma missão de absoluto compromisso, não admitindo o mínimo desvio no caso de me acontecer alguma coisa infeliz ou inesperada, provocada por ti ou por outros. Se, de repente, eu for acometido por uma forma misteriosa de doença, um acidente, ou se eu for vítima de um ataque, deve seguir à risca estas instruções. No caso de não me encontrar em meu quarto quando souber do ocorrido, faça o possível para que eu seja levado para lá com a maior presteza. Também no caso de minha morte, meu corpo deve ser levado para meu quarto. A partir daí não devo ser deixado sozinho nem por um instante até que eu recupere a consciência e possa, eu mesmo, dar as instruções ou até que eu seja enterrado. Pelo menos duas pessoas devem permanecer no quarto desde o início do crepúsculo noturno até o aparecimento do sol. Seria aconselhável que uma enfermeira cuidasse de mim de vez em quando e tomasse conhecimento de todos os sintomas constantes ou variáveis. Meus advogados, Marvin e Jenkins, localizados no no 27 da B. Lincoln's Inn, têm minhas exatas instruções para o caso de minha morte. E o próprio sr. Marvin vai supervisionar se meus desejos foram atendidos. Querida filha, você não tem nenhum parente a quem possa recorrer, e eu a aconselho que peça a uma pessoa amiga de sua confiança que fique com você na casa, onde podem ter contato permanente, ou que peça para ajudá-la na vigília noturna, ou, pelo menos, para estar por perto, onde possa ser logo encontrado. Essa pessoa amiga poderá ser homem ou mulher. Tanto faz. Contudo, na segunda noite, quem ficar de vigília ou vier ajudar tem que ser, forçosamente, do sexo oposto. Compreenda, por favor, que é para mim decisivo e da maior importância que as pessoas que ficarem à minha volta para me assistir sejam uma do sexo masculino e a outra do feminino. Querida Margaret, insisto mais uma vez em lhe dizer que deve fazer tudo exatamente como exposto, ainda que lhe pareça estranho. Se por acaso eu adoecer ou for ferido, o fato não será coisa normal. Por isso estou avisando: para que esteja prevenida.

Nada deve ser mudado de lugar no meu quarto — estou falando agora das raridades —, seja por que motivo for. Tenho minhas razões e finalidades para a colocação de cada objeto. Qualquer modificação na posição poderia inutilizar meu plano.

Se precisar de dinheiro ou de conselho, o sr. Marvin estará à sua disposição. Ele tem as minhas correspondentes instruções.

Abel Trelawny

Reli a carta antes de dizer algo, pois receava me trair. O conselho para que se voltasse para um amigo seria para mim de importância vital e me traria sérias consequências. Eu já tinha um motivo de esperança por ela ter procurado a minha ajuda no momento de maior necessidade. Mas o amor sempre tem as suas dúvidas, e fui tomado ao mesmo tempo por uma grande apreensão. Meus pensamentos se precipitavam, e, em poucos segundos, eu já havia programado toda uma série de possibilidades. Eu não deveria me apresentar como o amigo que seu pai recomendara para apoiá-la na vigília noturna. Porém, esse único olhar continha uma lição que eu não deveria ignorar. Não tinha ela pedido ajuda mandando me chamar — um estranho, levando em consideração que houvera apenas um encontro num baile e uma curta e agradável tarde no rio? Não significaria para ela uma humilhação ter que me pedir duas vezes? Que humilhação! Não. Tamanha tortura eu poderia lhe poupar, pois uma recusa não seria humilhação alguma. Por isso, ao devolver-lhe a carta, falei:

— Trelawny, a senhorita certamente me perdoará se eu tiver ido longe demais com o meu pedido, mas me sentirei orgulhoso se me permitir que faça a vigília noturna. Ainda que seja uma ocasião triste, esse privilégio me tornaria muito feliz.

Apesar de sua perceptível e dolorosa aflição para se controlar, a srta. Trelawny corou até a raiz dos cabelos. Até seus olhos pareciam alterados e faziam enorme contraste com o pálido rosto, à medida que a onda avermelhada desaparecia.

Falou em voz baixa:

— Eu lhe serei eternamente grata por sua ajuda. — E prosseguiu logo. — Mas não deve deixar que eu seja egoísta nesta hora de aperto. Sei que o senhor tem outras obrigações a cuidar. Por isso mesmo aprecio muito sua ajuda, mas não seria justo ocupar totalmente seu tempo.

— No que me diz respeito — retruquei —, meu tempo pertence à senhorita. Hoje em dia posso dividir meu trabalho com facilidade; virei à tarde e ficarei até a manhã do dia seguinte. E sempre que for preciso, cuidarei para poder dispor de mais tempo.

Ela estava muito emocionada, e reparei que precisou se virar, porque seus olhos ficaram marejados.

O detetive falou:

— Ross, fico mais calmo ao saber que o senhor também estará presente. Eu mesmo ficarei caso a Scotland Yard esteja de acordo. Essa

carta faz com que tudo apareça sob uma luz bem diferente, ainda que a charada seja maior do que antes. Se o senhor puder ficar umas duas horas, falarei com meus superiores e procurarei a firma de instalação de cofres. Após isso, voltarei imediatamente e o senhor poderá partir descansado, pois ficarei aqui.

A srta. Trelawny e eu continuamos em silêncio depois da partida do detetive. Finalmente, ela levantou o olhar e me fitou. E eu não teria trocado minha posição com nenhum rei. Um pouco depois ela se dirigiu até o divã de seu pai e pediu-me que ficasse, sem tirar os olhos dele. Depois saiu.

Um pouco mais tarde ela voltou na companhia da sra. Grant e seguida por duas empregadas e alguns criados que traziam uma cama de ferro desmontada. Puseram-se a armá-la e a cobriram com os lençóis. Mal o trabalho terminara e os criados se retiraram, ela falou:

— É melhor que estejamos preparados para a volta do médico. Certamente vai querer colocar meu pai na cama, pois não está bem acomodado no sofá — puxou uma cadeira e sentou-se ao lado do pai.

Eu, porém, dei uma volta pelo quarto e verifiquei tudo meticulosamente. E aqui havia muitas coisas para aguçar a curiosidade das pessoas — mesmo em circunstâncias menos estranhas. Com a exceção de um ou outro objeto que pertencia mesmo a um quarto de dormir, o aposento estava repleto de preciosidades antigas, quase todas provenientes do Egito. Mesmo sendo um cômodo de grandes dimensões, havia lugar suficiente para colocar muito mais coisas, ainda que de grandes proporções.

Enquanto eu ainda me ocupava com o exame do quarto, ouviu-se embaixo o ranger de rodas no cascalho. Ao soar da campainha de entrada, entrou, depois de uma curta batida na porta e do correspondente convite, o dr. Winchester seguido por uma jovem vestida com um uniforme escuro.

— Tive sorte — disse ele assim que penetrou no recinto. — Eu a encontrei logo, logo, e felizmente estava livre. Srta. Trelawny, esta é a enfermeira Kennedy.

Capítulo 3

A VIGÍLIA

Chamou-me a atenção a maneira pela qual as duas jovens se olharam. O hábito de estudar a personalidade das testemunhas e seu modo de agir me é tão inato que eu o mantenho mesmo fora da sala do tribunal. E nesse instante de minha vida tudo o que interessava à srta. Trelawny me interessava também. Como ela ficara impressionada com a recém-chegada, fiz instintivamente uma apreciação sobre a enfermeira. Numa estimativa entre as duas, pareceu-me fácil fazer uma avaliação bem mais nítida sobre a srta. Trelawny. Não poderia haver uma diferença maior do que a que existia entre as duas mulheres. A srta. Trelawny era uma pessoa esbelta e graciosa, morena, dotada de feições harmoniosas. Tinha olhos maravilhosos — grandes, pretos, aveludados e misteriosamente profundos. Um olhar nesses olhos era como se mirar num espelho negro como o que tem o dr. Dee em seu consultório mágico. Numa excursão eu ouvira como um senhor de idade, um conhecido viajante do oriente, descrevera o efeito de seus olhos: “Como se vislumbrasse durante a noite, a certa distância, as grandes lâmpadas através dos portões abertos de uma mesquita.”

Nela, as sobrancelhas eram típicas. Curvas espessas formavam uma moldura arquitetônica para os olhos profundos e brilhantes. O cabelo também era negro, ainda que sedoso. De modo geral, cabelo negro é sinal de força animal e exprime uma natureza forte. Esse, no entanto, não era propriamente o caso. Estávamos diante de um tipo refinado e de alta linhagem, e ainda que não houvesse qualquer sinal de fraqueza, a indicação de força existente era mais intelectual do que física. Todo o seu ser parecia em perfeita harmonia. Postura, figura, cabelo, olhos, vivacidade, boca, cujos lábios vermelhos e dentes brancos animavam a parte inferior do rosto, o largo maxilar partindo do queixo até as orelhas, os dedos longos e macios, a mão que se movimentava como se tivesse a própria faculdade perceptiva. Todas essas qualidades reunidas formavam uma personalidade que predominava por meio de graça, doçura, beleza e charme. Em contrapartida, a enfermeira Kennedy não alcançava uma estatura mediana feminina. Era robusta e atarracada, dotada de membros redondos e mãos largas, fortes e

capazes. Na coloração, lembrava folhas de outono. O cabelo, de um louro-escuro, era espesso e comprido, os olhos castanho-dourados iluminavam um rosto sardento e queimado. Suas bochechas acentuavam a impressão de morenice. O mesmo se dava com os lábios vermelhos e os dentes brancos. Indubitavelmente tinha um narizinho arrebitado. Mas, como todos os narizes desse tipo, era sinal de uma natureza boa, generosa e imperturbável. A fronte alta e branca, livre de sardas, indicava lucidez e um caráter de pensamentos fortes.

O dr. Winchester já lhe dera os detalhes imprescindíveis durante a viagem, no caminho até o hospital. Sem dizer palavra, ela se pôs ao trabalho e tomou o paciente sob seus cuidados. Após ter verificado se estava tudo certo na cama recém-feita e afofado os travesseiros, voltou-se para o médico, que lhe deu mais instruções. Nós quatro suspendemos o desmaiado do sofá.

Logo que o sargento Daw voltou no início da tarde, fiz uma visita à minha casa em Jermyn Street e juntei umas peças de roupa, livros e papéis de que eu provavelmente iria precisar nos próximos dias. Fui, então, tratar das minhas obrigações profissionais. O julgamento se arrastou, pois se tratava de um caso importante, mas afinal terminou. Eram 18 horas em ponto quando passei pelo portão do Kensington Palace Road. Fui admitido num grande aposento, junto ao do doente.

Naquela noite havíamos combinado a vigília apenas de modo provisório, de modo que a distribuição não ficou muito justa. A enfermeira Kennedy, que estivera em seu posto durante o dia todo, recostou-se e queria voltar ao trabalho à meia-noite. O dr. Winchester, que deveria jantar na casa, permaneceu no quarto do doente até que se fez ouvir a sineta chamando para a refeição. Após o repasto, voltou imediatamente a seu posto. Durante o jantar, a sra. Grant ficou com o paciente, tendo o sargento Daw a seu lado, pois este queria terminar uma investigação meticulosa do aposento inteiro e de suas adjacências.

Às 21 horas a srta. Trelawny e eu rendemos o médico. Ela havia descansado algum tempo na parte da tarde, a fim de estar alerta durante a vigília noturna. Esclareceu-me que resolvera dessa forma para poder pelo menos ficar acordada a noite toda. No começo não tentei nada para fazê-la mudar de ideia, pois sabia que sua resolução era inabalável. Da minha parte, não deixei transpirar as minhas intenções.

Entramos nas pontas dos pés, de forma que o médico, curvado sobre a cama do paciente, não percebeu nossa entrada e ficou até um pouco assustado ao notar a nossa presença e que o fitávamos. Senti que o mistério do caso estava dando nos seus nervos, bem como nos de alguns de nós. É provável que tenha ficado um pouco zangado devido ao susto, pois começou a falar de repente e apressadamente para que não tivéssemos ideia de que lhe era desagradável.

— Cheguei ao final de meus conhecimentos no que se refere ao motivo dessa letargia. Até realizei uma investigação tão meticulosa quanto possível e constatei com satisfação que não existe nenhum ferimento no cérebro, pelo menos não na parte externa. Todos os órgãos vitais parecem intactos. Como sabe, várias vezes o alimentei, o que aparentemente lhe fez bem. A respiração está forte e regular; seu pulso, mais lento e vigoroso do que hoje pela manhã. Não consigo reconhecer sinal algum de que esteja sob a influência de qualquer droga conhecida, e seu estado de inconsciência não se parece em nada com um dos numerosos casos de sono profundo ou hipnose que observei no Hospital Charcots, em Paris. No que se refere a essas cicatrizes — colocou levemente o dedo sobre o pulso enfaixado posto sobre a coberta —, não sei o que pensar a respeito. Elas podem ter sido provocadas por uma máquina de cardar. Mas não posso afirmar categoricamente; é apenas uma suposição. Existe sempre a possibilidade de que um animal selvagem o tenha atacado no caso de estar afiando cuidadosamente as garras. Mas devemos descartar essa hipótese, por ser pouco provável. Será que há na casa algum animal doméstico, como um gato do mato ou coisa parecida, fora do comum?

A srta. Trelawny sorriu com tristeza, o que me provocou uma pontada no coração. Ela respondeu:

— Não, de maneira alguma. Meu pai não admitia que animal nenhum vivesse aqui em casa, exceto morto ou mumificado — enunciou tais palavras com um toque de amargura ou, quem sabe, de ciúme, não consegui diferençar. — Até o meu gatinho mais querido e bem-comportado era apenas admitido com bastante relutância aqui em casa. Ele é o mais querido e bem-comportado gatinho do mundo e tem consentimento para ficar somente até segunda ordem. A entrada neste aposento lhe era vedada.

Mal havia terminado de falar quando se ouviu um leve ruído no trinco. A expressão do rosto da srta. Trelawny se iluminou. Deu um pulo e correu até a porta, dizendo:

— Aqui está ele, meu Silvio! Quando quer entrar num aposento, ele se apoia sobre as patas traseiras e, com as dianteiras, bate no trinco. — Ela abriu a porta e cumprimentou o gato como se estivesse falando com uma criancinha. — Gostaria de entrar, não? Então, venha. Mas tem que se comportar e ficar do meu lado.

Suspendeu o gato e voltou com o animal nos braços. Era um magnífico bichano. O gato de raça persa, da uma cor cinza-chinchila, com pelo sedoso, tinha um ar altivo, apesar de sua suavidade. Com as grandes patas estendidas, deu um pulo para o chão e se libertou, esquivando-se dos braços de sua dona, que o afagava. Passeou pelo aposento e parou diante de uma mesa baixa sobre a qual estava uma múmia de animal. O gato começou a miar e a bufar. Logo a srta. Trelawny tornou a pegá-lo nos braços, ainda que ele tivesse começado a se debater ativamente. Encolhia-se e revirava-se, mas não arranhava nem mordia, pois obviamente amava a sua bela dona. Assim que ela conseguiu prendê-lo em seus braços, ele se acalmou. Em tom sussurrante, ela o exortava:

— Silvio, você é mau, mau. Eu me responsabilizei por você e agora se comporta dessa maneira?! Bom, diga agora boa-noite para estes senhores e venha comigo para o meu quarto.

Dizendo essas palavras, estendeu-me a pata do gato para que eu a segurasse. Assim o fiz, e não pude evitar admirar o seu tamanho e a sua beleza.

— Hum, parece uma luva de boxe com garras — observei.

Ela sorriu.

— E é para ser mesmo. Percebeu que meu Silvio tem sete dedos — disse, abrindo a pata. Realmente, o animal tinha sete garras, protegidas por finas e delicadas coberturas do feitio de uma concha.

Enquanto eu acariciava levemente a patinha, as garras se abriram e acidentalmente arranhou-me na mão, porque naquela hora a sua raiva já havia passado. Afastei-me e exclamei:

— Mas que garras afiadas!

O dr. Winchester se aproximou e se curvou sobre a pata do gato. Enquanto eu ainda falava, disse em voz alta:

— Ora, vejam só!

Ouvi quando prendeu fortemente a respiração. Fiquei a acariciar o animal, que havia se aquietado. O médico se dirigiu até a mesa e rasgou um

pedaço do mata-borrão, que colocou sobre a palma da mão, e, virando-se, pegou na pata do gato e falou diretamente para ela:

— Permita-me!

Segurou na patinha do animal e a pôs por cima do mata-borrão. O altivo bichano pareceu se ressentir com a familiaridade e quis retirar a pata. Mas o mesmo queria o médico, e com isso as garras se abriram e rasgaram o papel.

A srta. Trelawny carregou o gato para fora. Após alguns minutos, voltou, dizendo ao entrar:

— É estranho o que houve com a múmia do animal. Anteriormente, quando Silvio entrou neste quarto pela primeira vez, para que eu o mostrasse a meu pai, ele se comportou da mesma forma. Pulou sobre a mesa e tentou arranhar e morder a múmia. Isso fez com que meu pai ficasse furioso e expulsasse o pobre Silvio. Ele só conseguira ser admitido dentro de casa porque me responsabilizei pela sua boa conduta.

Enquanto ela estivera ausente do quarto, o dr. Winchester havia retirado a faixa do pulso de seu pai. O ferimento era bem visível, ressaltando cada corte. O médico colocou o mata-borrão com as marcas das garras ao lado da ferida. Olhou-nos triunfante e nos chamou.

Os rasgões no mata-borrão coincidiam exatamente com a ferida no pulso. Um esclarecimento era supérfluo, e o médico falou:

— O pequeno Silvio não cumpriu a palavra.

Todos ficamos parados. Mas, de repente, a srta. Trelawny disse:

— Mas ontem à noite Silvio nem esteve aqui.

— Tem certeza disso? Poderia provar, no caso de ser necessário?

Ela hesitou um pouco antes de responder.

— Estou bem certa. Mas tenho receio de que seja difícil provar. Silvio dorme no meu quarto numa cestinha. Estou certa de que ontem eu o pus para dormir. Recordo-me perfeitamente de que o cobri com uma colchinha e a prendi. Hoje de manhã o retirei com minhas próprias mãos da cestinha. Aqui dentro estou persuadida de que não o vi, ainda que não signifique nada, porque estive tão fora de mim e tão ocupada com meu pai que realmente não teria notado Silvio.

O médico sacudiu a cabeça e, com um toque de preocupação na voz, disse:

— Bom, em todo caso não adianta querer provar qualquer coisa no momento. Neste espaço de tempo que se passou, cada gato do mundo já

teria tido tempo de limpar as próprias garras das marcas de sangue, caso existissem algumas.

Novamente se fez um silêncio, quebrado pela srta. Trelawny.

— Se entendi bem, não poderia ter sido o Silvio que feriu meu pai. Minha porta estava fechada quando ouvi o primeiro barulho, e a do meu pai também se encontrava fechada quando ali encostei o ouvido. Quando entrei, os ferimentos já existiam. Devem ter sido infligidos antes de Silvio entrar.

Essa era uma prova irrefutável, especialmente para mim, como jurista, pois seria argumento suficiente perante os jurados. E para mim, pessoalmente, era muito agradável que Silvio tivesse sido absolvido, sobretudo porque pertencia à srta. Trelawny e tinha o seu amor. Animal feliz! A dona de Silvio ficou visivelmente contente quando falei:

— Veredicto: inocente.

E o dr. Winchester acrescentou após alguns instantes:

— Sou obrigado a me desculpar com Silvio. Ainda assim eu gostaria de saber o que ele tem contra essa múmia. Pode me dizer se ele se comporta de modo semelhante em relação às outras múmias da casa? Presumo que haja muitas por aqui. Sim, somente no vestíbulo já vi três.

— Sim, existem muitas — respondeu ela. — Às vezes não sei se me encontro numa residência particular ou no Museu Britânico. Mas Silvio fica frio com todas, menos com esta. Talvez por ser uma múmia de animal.

— É até mesmo provável que seja a múmia de um gato — disse o médico, que se levantou a fim de poder examiná-la mais de perto. — Sim — prosseguiu —, é múmia de gato. E, além disso, muito bonita. Se não se tratasse do querido de uma pessoa importante, esse animal não teria merecido tantas honrarias. Veja! Uma urna pintada e os olhos de “pedra de Óbsio”, como em múmias humanas. Não é comum um animal reconhecer a própria espécie. Isto aqui é um gato morto, nada mais. Tem talvez uns 4 ou 5 mil anos, e outro gato de outra raça, num mundo completamente diferente, quer se atirar sobre ele como se estivesse vivo. Se não tiver nada em contrário, srta. Trelawny, eu gostaria de fazer algumas investigações com ele.

A jovem hesitou antes de responder:

— Sim, naturalmente, faça tudo que achar necessário e acertado. Espero apenas que não seja prejudicial ao meu pobre Silvio.

— Ora, nada vai acontecer a Silvio. Reservemos nossos sentimentos para o outro.

— Como devo entender isso?

— O jovem Silvio vai fazer o papel de agressor, e o outro gato, a parte da vítima passiva.

— Passiva? Isso está me soando mal.

O médico deu um largo sorriso.

— Não tenha medo. No nosso entender, não será um sofrimento; no máximo poderá afetar a estrutura e a parte externa.

— Por Deus, o que quer realmente dizer com isso?

— Muito simples, minha querida jovem: o oponente será uma múmia igual a esta, pois presumo que se possa conseguir uma no Museum Street, onde devem existir inúmeras delas. E espero que a senhorita não fique com a sensação de que uma curta troca vá infringir as instruções deixadas por seu pai. Será possível tirar a limpo se Silvio tem aversão a todas as múmias de gato ou apenas a esta aqui.

— Não estou certa — falou ela, cheia de dúvidas. — As instruções de meu pai são tão categóricas e intransigentes... — Após ligeira pausa, acrescentou. — Nessas circunstâncias, porém, tudo deve ser feito pelo bem do meu pai. Penso que uma múmia de gato não seja nada de especial.

O dr. Winchester nada falou. Estava sentado, imóvel, e com uma fisionomia tão séria que essa seriedade também tomou conta de mim. Nessa situação de constrangimento percebi com bastante clareza quanto era estranho esse caso com o qual eu estava tão fortemente envolvido. Uma ideia súbita não me largava. Ao contrário, crescia, florescia e multiplicava-se em milhares de diferentes facetas. O aposento inteiro e tudo o que nele se encontrava davam margem a estranhas considerações. Viam-se aqui tantas coisas antigas que instintivamente a pessoa se sentia transportada para países estrangeiros. Essas inúmeras múmias e objetos mumificados pareciam reter eternamente o penetrante odor de asfalto, de temperos e de resina — “O cheiro picante de nardos e narcisos”, como se diz —, e não era possível mesmo esquecer o passado. Além disso, havia somente uma luz difusa no aposento, nenhuma luminosidade direta proveniente de um ser ilusório que nos fizesse esquecer a falta de companhia. Era um quarto grande e de pé-direito alto.

Nessa amplidão havia lugar para um monte de coisas muito pouco comuns num quarto de dormir. Nos cantos mais afastados, viam-se sombras de formas sinistras. Mais de uma vez, senti-me oprimido durante minhas reflexões, pressentindo a presença do passado, de modo que me surpreendi

olhando temeroso à minha volta, como se lá houvesse uma personalidade ou uma influência de tipo estranho. Nem a presença visível do dr. Winchester e da srta. Trelawny me trazia nesse momento consolo ou satisfação. Assim percebi com alívio que, com a figura da enfermeira Kennedy, entrara uma nova personalidade. Não existia nenhuma dúvida de que a objetiva, autoconfiante e capaz jovem acrescentava às minhas imagens fantasiosas um elemento de segurança. Seu bom senso dava a impressão de penetrar em tudo à sua volta como se fosse uma emanação. Até o presente momento eu havia imaginado coisas fantásticas a respeito do doente, tanto que envolveram tudo o que o rodeava como a mim mesmo. Nem bem a enfermeira entrara, ele já não era mais do que um paciente. O aposento voltou a ser um quarto de doente e as sombras deixaram de ser amedrontadoras. O único fato que não se podia eliminar era o estranho odor egípcio. Coloque uma múmia numa redoma de vidro e feche-a hermeticamente, para que o ar não a decomponha — e ainda assim a múmia terá esse cheiro. Deve-se supor que quatro ou cinco mil anos fossem suficientes para acabar com qualquer odor, porém a experiência diz que os aromas continuam e são uma charada para nós. Eles permanecem até hoje cheios de mistério, como na época em que o embalsamador colocou o cadáver num banho de soda.

De repente me levantei. Eu havia me deixado envolver por uma fantasia. Esse cheiro egípcio se apoderara de meus nervos, do meu pensamento e até da minha vontade.

Nesse exato momento tive um pensamento, como se fosse uma inspiração. Já completamente influenciado pelo odor, não seria possível que o doente, que havia passado mais da metade da vida nesse ambiente, tivesse sido gradualmente impregnado através de processos lentos porém incessantes, formando esse conjunto uma nova força, ou...

Novamente me perdi num devaneio. Não, isso não podia continuar. Eu tinha que encontrar um método para permanecer acordado e livre desses pensamentos acalentadores.

Na véspera eu conseguira dormir unicamente a metade da noite, e na próxima eu teria que ficar acordado. Sem dar a perceber a minha intenção, a fim de não aumentar a aflição e o aborrecimento da srta. Trelawny, desci e me retirei. Logo encontrei uma farmácia, onde comprei um aparelho de oxigênio. Ao voltar, já eram 22 horas. O médico estava querendo se despedir. A enfermeira o acompanhou até a porta do quarto do doente e

recebeu dele as últimas instruções. A srta. Trelawny encontrava-se sentada, imóvel, ao lado da cama. O sargento Daw, que havia entrado no aposento quando o médico se retirara, ficara parado a certa distância.

Quando a enfermeira Kennedy se aproximou de nós, combinamos que ela faria a vigília até as duas da madrugada, quando então a srta. Trelawny viria rendê-la. Com esse procedimento seriam seguidas à risca as instruções do sr. Trelawny, isto é, um homem e uma mulher sempre presentes no aposento. E cada um ficaria um pouco mais, de modo que o novo par de vigilantes pudesse ser inteirado imediatamente de tudo, caso algo tivesse acontecido. Deitei-me no sofá em meu quarto. Ficara combinado que um dos empregados me acordaria um pouco antes da meia-noite. Em pouco tempo adormeci.

Ao ser acordado, precisei de um tempo até conseguir juntar meus pensamentos e perceber quem eu era e onde me encontrava. Entretanto, as poucas horas de sono me foram benéficas, e eu já podia ver as coisas à minha volta com mais clareza do que nas primeiras horas da noite. Passei água no rosto e, reconfortado, dirigi-me ao quarto do doente, sem fazer qualquer ruído. A enfermeira, calma e atenta, estava sentada ao lado da cama. O detetive havia se sentado numa poltrona do outro lado do quarto. Não se mexeu quando me aproximei. Assim que cheguei perto dele, sussurrou-me:

— Tudo em ordem. Não adormeci.

Uma observação completamente desnecessária, pensei eu. Quando lhe informei que sua vigília acabara e que poderia ir para a cama até que eu fosse acordá-lo às seis da manhã, pareceu ficar aliviado e se retirou apressado. À saída, virou-se, deu meia-volta e murmurou:

— Tenho um sono leve e ficarei com o revólver à mão. Dou graças a Deus por estar saindo. Esse cheiro de múmia faz minha cabeça ficar pesada.

A mesma sonolência se apoderara dele como de mim na noite passada.

Perguntei à enfermeira se precisava de alguma coisa. Percebi que em seu colo havia um frasco de sais. E óbvio que também sentira a influência que me envolvera. Respondeu-me que tinha tudo de que precisava, mas que me diria imediatamente se por acaso necessitasse de algo. Eu não queria que ela percebesse meu aparelho de oxigênio, por isso voltei no escuro para uma poltrona atrás dela. Primeiro coloquei a máscara e depois fiquei à vontade.

Fiquei sentado durante um longo tempo e deixei correr livremente meus pensamentos. Eles eram turbulentos e tumultuados, como era natural, depois das ocorrências do dia e da noite anteriores. Surpreendi-me refletindo a respeito do que havia com o cheiro egípcio e tive enorme satisfação ao verificar que já não era tão forte. O aparelho de oxigênio estava cumprindo a sua missão. É provável que a calma tivesse tomado o lugar dos pensamentos alarmantes, uma consequência natural da posição física de descanso, pois vi diante de mim um sonho — sonhava, se bem que não possa me lembrar de ter adormecido ou de ter acordado após um sono.

Estava com a máscara de oxigênio diante do rosto e sabia que podia respirar livremente. A enfermeira continuava sentada na cadeira, de costas para mim. O doente, deitado na cama, como morto. Tudo isso era mais semelhante a uma cena do que à realidade. Todos parados e quietos, e essa quietude e inércia continuavam. De fora, eu ouvia o barulho da cidade ao longe, o rolar das carruagens, o grito de um bêbado, o eco longínquo de apitos e chocalhar de trens. A luz baixa, sob a lâmpada coberta pela cúpula, parecia mais quebrar a luz do que propriamente iluminar. O abajur de seda verde tinha tomado a cor da esmeralda ao luar; o quarto inteiro estava repleto de sombras. Meus pensamentos confusos davam a exata impressão de que as coisas reais haviam se tornado sombras, que se moviam subindo pelos contornos das janelas altas e que tinham vontade própria. Pensei mesmo ter ouvido um ruído como o miar do gato, o farfalhar das cortinas e um leve som metálico, como se alguém estivesse passando baixinho um metal contra o outro. Fiquei como em transe. Afinal, tive a sensação, como num pesadelo, de que tudo o que estava acontecendo era um sonho e que eu perdera a força de vontade ao atravessar os umbrais.

Súbito, meus sentidos ficaram alertas. Aos meus ouvidos ecoou um grito estridente. O quarto ficou iluminado de repente. Ouvi tiros de revólver — um, dois. Uma fumaça branca como nuvem encheu o quarto. Quando meus olhos abertos puderam enxergar de novo, a visão que tive diante de mim quase me fez gritar de pavor.

Capítulo 4

A SEGUNDA TENTATIVA

O que meus olhos viam pertencia ao horror de um sonho dentro do sonho com a correspondente consciência da realidade. O quarto continuava como antes; apenas as sombras tinham dado lugar à claridade das inúmeras lâmpadas, e cada coisa se delineava distinta e claramente. A enfermeira Kennedy estava sentada perto da cama vazia, exatamente como eu a vira antes, ereta e com uma almofada às costas. Seu pescoço hirto lhe dava um ar de catalepsia. Parecia feita de pedra. Sua fisionomia não demonstrava qualquer anormalidade, medo ou horror, nada que fosse de esperar em tal situação. Os olhos abertos não espelhavam nem espanto nem interesse. Era simplesmente uma existência negativa, morna, respirando, calma, ainda que sem consciência do que ocorria em volta. A roupa de cama estava revirada como se tivessem arrancado o paciente de sob as cobertas. Um dos lençóis pendia quase até o chão. Perto, via-se uma das ataduras com a qual o médico envolvera o pulso ferido. Havia uma segunda e uma terceira, um pouco mais longe, junto a uma pegada que levava para o local onde deveria se encontrar o doente. Este jazia exatamente no mesmo lugar da noite anterior, isto é, ao lado do grande cofre.

Outra vez o braço esquerdo apontava para o cofre. Porém, houvera um segundo ataque, numa tentativa de decepar a mão rente à pulseira com a chave. Fora utilizada uma pesada faca Kucri retirada da parede — do tipo achatada, muito usada pelos gurcas e por outras tribos indianas. Via-se claramente que a arma havia parado no instante da picada, porque a carne fora levemente atingida pela ponta da faca, e não pela lâmina. A parte externa do braço estava cortada até o osso e o sangue jorrava aos borbotões. A ferida antiga na parte interna do braço fora terrivelmente rasgada ou cortada, de onde escorria o sangue no ritmo da pulsação. A srta. Trelawny ajoelhara-se ao lado do pai, numa poça de sangue, que impregnava a camisola branca. No meio do aposento, o sargento Daw estava de pé, vestindo calça, camisa e meias. Mecanicamente tentava carregar a arma. Tinha os olhos vermelhos e cheios de sono. Parecia ainda meio adormecido e só compreender o ocorrido com metade da mente.

Alguns empregados se agrupavam na entrada, com diferentes tipos de iluminação. Quando me levantei e cheguei mais perto, a srta. Trelawny levantou os olhos. Logo que me viu, deu um grito e se ergueu de um salto, apontando com um dedo na minha direção. Jamais hei de esquecer a estranha expressão de seu rosto. A camisola branca estava cheia de sangue, que escorria para seus pés nus, ao se levantar da poça. Creio ter apenas cochilado e que aquela força que envolvera o sr. Trelawny e a enfermeira Kennedy — e com menos intensidade também o sargento Daw — não me atingira. A máscara de oxigênio me prestara um grande serviço, ainda que não tivesse evitado a tragédia, cujo resultado eu presenciava. Agora entendo o choque que devo ter causado com o meu aparecimento — levando em consideração o ocorrido anteriormente. Eu ainda usava a máscara de oxigênio e tinha o cabelo revolto.

Como apareci subitamente de máscara e todo desarrumado no meio do pessoal amedrontado, devo ter dado uma impressão muito assustadora. Foi bom ter percebido tudo com antecedência e, com isso, evitado uma segunda catástrofe, pois o ainda confuso detetive reagiu mecanicamente e apontou a arma para mim. Consegui retirar a tempo a máscara e gritei para ele, fazendo-o parar. Nos olhos avermelhados e cheios de sono não se notava traço de que estivesse consciente de seus atos. Assim mesmo o perigo havia passado. De qualquer maneira, conscientizamo-nos de que a situação se tornara menos tensa. A sra. Grant havia reparado que a srta. Trelawny se encontrava somente de camisola e trouxera um penhoar, que jogou por cima de seus ombros.

Esse simples ato nos trouxe de volta à realidade. Suspirando, demo-nos conta de que deveríamos atacar o principal, isto é, estancar a hemorragia no braço do ferido. Na hora da ação fiquei muito satisfeito, porque a hemorragia era a melhor prova de que o sr. Trelawny ainda vivia. O que aprendêramos na noite anterior não fora esquecido. A maioria dos presentes sabia o que devia ser feito nessa oportunidade e, por isso, em segundos, mãos solícitas colocaram ataduras. O médico foi chamado e os empregados recuaram respeitosamente. Suspendemos o sr. Trelawny e o pusemos de volta no sofá sobre o qual estivera deitado no dia anterior. Após termos reunido forças a fim de cuidar do doente, voltamos a atenção para a enfermeira. Durante toda a confusão, ela não se mexera e permanecia sentada, rígida e ereta, respirando lenta e naturalmente, com um sorriso

tranquilo estampado no rosto. Como não sabíamos o que fazer com ela antes da chegada do médico, fizemos um exame geral das circunstâncias.

Nesse meio-tempo, a sra. Grant levou a patroa para fora e a ajudou a trocar de roupa, depois do que a srta. Trelawny voltou com novo penhoar e calçava chinelos. Lavara suas mãos do sangue. Acalmara-se um pouco, mas não conseguia parar de tremer. Tinha o semblante lívido. Após um olhar para o braço do pai e para mim, que segurava o torniquete da atadura, deixou que sua vista vagasse pelo aposento, fitando inconsolável todos os presentes, um após o outro. Tornou-se bem claro para mim que não sabia por onde começar nem em quem confiar. Com o propósito de acalmá-la, falei:

— Estou bem. Fiquei apenas adormecido.

Engolindo em seco, ela respondeu:

— Adormecido, o senhor? E meu pai em perigo de vida! E eu que pensei que o senhor o vigiava!

Senti a alfinetada na censura. Mas, como eu realmente queria ajudá-la, falei:

— Sim, apenas adormecido. É grave, eu sei, mas à nossa volta há mais do que “apenas”. Se eu não tivesse tomado determinadas precauções, talvez também estivesse agora no estado em que se encontra a enfermeira.

A jovem lançou um rápido olhar para a figura sinistra, sentada rígida e ereta como uma estátua. A fisionomia da srta. Trelawny suavizou e ela falou com voz amável:

— Perdão, não era minha intenção magoá-lo. Mas estou tão preocupada e angustiada que já não sei mais o que digo. Oh, é horrível! A cada momento receio que vá acontecer uma nova atribulação, um novo horror e uma nova charada.

Essas palavras assim pronunciadas me cortaram o coração e, do fundo de minha alma transbordante de amor, veio a resposta:

— Não perca tempo comigo. Não o mereço. Minha obrigação era ficar vigiando e adormeci. Só o que posso dizer é que não foi essa a minha intenção e que realmente tentei evitar o ocorrido. Mas foi mais forte do que eu e antes que o percebesse. Aconteceu e não pode ser desfeito. Um dia talvez possamos decifrar o mistério. Agora, contudo, precisamos tentar descobrir o que realmente houve. Conte-me, por favor, o que sabe.

O esforço que fez querendo relembrar os acontecimentos pareceu animá-la. Ficou mais calma enquanto relatava:

— Eu adormecera e acordei de repente com o horrível pressentimento de que meu pai se encontrava em grande e imediato perigo. Dei um pulo da cama e corri para aqui. Estava escuro como breu, mas, quando abri a porta, reconheci o vulto do meu pai, de pijama, estendido no chão, ao lado do cofre, como naquela terrível primeira noite. E aí, por instantes, devo ter ficado fora de mim.

Estremeceu. Meu olhar pousou no sargento Daw, que, sem motivo, mexia no revólver. Sem largar o torniquete, falei baixinho:

— Sargento Daw, por favor, diga-nos em que o senhor atirou.

Acostumado a obedecer, o policial-detetive se refez. Olhando em volta para os empregados que ficaram, disse, pomposo, numa atitude peculiar aos representantes da lei frente a estranhos:

— O senhor não acha que deveríamos permitir que os empregados se retirassem? Aí poderemos nos aprofundar melhor no assunto.

Concordei. Os criados compreenderam a insinuação e recuaram, ainda que com alguma relutância. O último fechou a porta ao sair.

O detetive prosseguiu logo:

— Vou expor minhas impressões antes de iniciar o relatório de minhas atividades.

Seu comportamento deixava claramente perceber que sabia da desagradável posição em que se encontrava.

— Deitei-me meio vestido, assim como me encontro agora, e coloquei o revólver sob o travesseiro. É a última coisa de que me lembro. Quanto tempo dormi, não tenho ideia. Eu havia apagado a luz, de modo que no quarto a escuridão era completa. Pensei ter ouvido um grito, mas não tenho certeza, porque minha cabeça estava pesada como fica alguém que não tenha dormido o suficiente e necessita voltar ao trabalho. Bom, a primeira coisa de que me lembrei foi do revólver. Peguei-o e corri para o patamar. Ouvi distintamente um grito ou muitos gritos de socorro e corri até este quarto. Não havia luz, pois a lâmpada perto da enfermeira estava apagada; a única iluminação vinha do patamar da escada. A srta. Trelawny gritava ajoelhada ao lado do pai. Pensei ter visto algo que se movia entre mim e a janela. Sem pensar, atirei, meio acordado e confuso. A coisa se movia para a direita, entre as janelas, e dei outro tiro. Aí o senhor se levantou da sua grande poltrona e com toda aquela máscara diante do rosto. Em minha condição entorpecida, entre o sono e o despertar, pareceu-me, e sei que tomará em consideração, que o senhor era “aquilo”, pois se encontrava na

mesma direção que a coisa sobre a qual eu atirara. E é por esse motivo que quase atirei outra vez, antes que o senhor tivesse retirado a máscara.

Perguntei, assumindo o controle da situação:

— O senhor chegou a dizer que pensou que eu era a coisa na qual atirou. Que coisa?

O homem coçou a cabeça sem saber direito o que responder.

— Vejamos, como era, então? — insisti.

Sua voz soou bem baixa:

— Não sei, senhor. Pensei que fosse algo. Mas o quê, e com que se parecia, não tenho a menor noção. Presumo que tenha acontecido porque pensei no revólver um pouco antes de me deitar e quando entrei aqui não estava completamente senhor de mim, o que faço votos para que o senhor leve em consideração futuramente.

Com essas desculpas, agarrou-se como a uma tábua de salvação. Eu não desejava que ele se voltasse contra nós; pelo contrário, eu o queria do nosso lado. Além do mais, pairava sobre mim a sombra de minha própria falha. Falei, por isso, com a maior cordialidade:

— Exatamente, sargento. O senhor agiu corretamente no primeiro impulso. Não é possível esperar que o senhor, meio acordado ainda e talvez também sob o efeito da influência que me fez adormecer e deixou a enfermeira Kennedy nesse transe cataléptico, parasse e considerasse cuidadosamente o estado das coisas. Enquanto estamos com a ocorrência fresca na mente, é bom que nos certifiquemos onde o senhor se encontrava e onde eu estava sentado. Precisamos verificar o lugar onde penetraram as balas.

A perspectiva de uma solução imediata e do uso de sua habilidade logo o animou. Parecia outra pessoa ao se pôr ao trabalho. Pedi à sra. Grant que segurasse o torniquete do curativo e me dirigi para o mesmo lugar onde ele estivera e para o local onde atirara no escuro. Quando ele me mostrou onde se encontrava na hora de puxar o revólver do coldre para atirar, tive que reconhecer que a sua mente trabalhava com precisão mecânica. A poltrona da qual eu me levantara continuava no mesmo lugar. Então, pedi-lhe que mirasse com a própria mão, a fim de que eu pudesse seguir a trajetória da bala. Atrás da minha poltrona, um pouco virado de lado, havia um armário alto, em marchetaria, com a porta de vidro estilhaçada.

— Essa foi a direção do seu primeiro ou do seu segundo tiro? — perguntei.

Prontamente veio a resposta:

— Do segundo. O primeiro foi para o outro lado.

Virou-se um pouco para a esquerda, mais para o lado da parede, do lado do grande cofre, e apontou. Segui a direção de seu braço e fui até a mesa baixa, sobre a qual, entre outras raridades, estava também a múmia do gato que havia irritado Silvio. Peguei uma vela e pude imaginar perfeitamente o caminho tomado pela bala. Ela quebrara um pequeno vaso de vidro e um frasco ornamental de basalto preto, com preciosas inscrições em hieróglifos, cujas linhas foram completadas com fino pó verde e depois polidas. O impacto da bala contra a parede a achatou e ela se encontrava sobre a mesa.

A seguir, fui até o armário com o vidro quebrado, que servia para guardar as raridades antigas. Lá se via um grande número de escaravelhos de ouro, ágata, jaspe verde, ametista, lápis-lazúli, opala, granito e porcelana verde-azulada. Por sorte, essas coisas escaparam intactas. A bala atravessara a parede detrás do armário, mas o estrago não foi maior, a não ser pelo vaso de vidro. Chamou-me a atenção a estranha arrumação das peças no armário.

Todos os escaravelhos, anéis, amuletos e semelhantes foram agrupados de maneira irregular e oval, em torno de uma miniatura de um deus com cabeça de águia, trabalhado em ouro, coroado por um disco adornado de penas. No momento eu não dispunha de tempo para mais detalhes, pois tinha que dar atenção a circunstâncias mais urgentes. Em outra oportunidade, todavia, eu gostaria de verificar tudo muito bem. Fiquei mesmo bastante surpreso que os estranhos odores orientais emanassem, em parte, dessas raridades. Através do vidro partido vinha ainda um aroma de especiarias e de resina, mais forte do que dos outros objetos encontrados no quarto.

Tudo isso levou apenas poucos minutos. Fiquei muito surpreso quando meus olhos observaram a clara luz do dia através das frestas entre as escuras persianas e a moldura das janelas. Ao me aproximar do sofá, retomei das mãos da sra. Grant o torniquete, e ela se dirigiu para a janela a fim de suspender as persianas.

Nada havia mais sinistro do que esse quarto na cinza luz do amanhecer. Como todas as janelas se voltavam para o norte, a luz incidente era de uma cor cinza inalterável, sem a rósea promessa da aurora. A luz elétrica deixava o ambiente da mesma forma, turvo e penetrante, e todas as

sombras eram realçadas com dura intensidade. Nada havia do frescor matinal nem da suavidade noturna. Tudo tinha aparência dura, fria e indescritivelmente melancólica. O semblante do inconsciente no sofá era de um amarelo doentio bastante sinistro, enquanto o rosto da enfermeira tomara-se de um brilho esverdeado refletido pelo abajur ao lado. Apenas as faces da srta. Trelawny apresentavam-se brancas, tão brancas que me doeu o coração. Dava a impressão de que nada neste mundo de Deus seria capaz de devolver-lhe a cor da vida e da felicidade.

A chegada do dr. Winchester, ofegante de tanto correr, foi para nós um grande alívio.

— Alguém será capaz de me explicar como aconteceu esse ferimento?

Todos meneamos a cabeça negativamente e ele se pôs imediatamente ao trabalho. Lançou um ligeiro olhar para a enfermeira Kennedy, que continuava sentada imóvel, e curvou-se novamente, com a testa franzida, sobre o doente. Somente depois que estancou o sangue das artérias e tratou das feridas fez uma pergunta:

— O que aconteceu com a enfermeira Kennedy?

A srta. Trelawny respondeu sem titubear:

— Não sei. Quando entrei aqui, às três e meia da madrugada, ela já se encontrava nesse estado. Nem tocamos nela. Até agora também não acordou, nem mesmo com os tiros disparados pelo sargento Daw.

— Tiros de revólver? Já encontraram motivo para esse novo incidente?

Como ninguém se manifestou, respondi:

— Não pudemos descobrir nada. Eu estava de vigília com a enfermeira Kennedy. Já antes, à noitinha, tive a sensação de que os odores da múmia me tornaram sonolento. Por isso saí e comprei uma máscara de oxigênio, que coloquei assim que iniciei minha guarda. Não me impediu, contudo, de adormecer. Ao despertar, o quarto estava cheio de gente, como a srta. Trelawny, o sargento Daw e os empregados da casa. A enfermeira estava sentada na poltrona como a vira anteriormente. O sargento Daw, ainda nem bem acordado e que se sentia sob a influência do mesmo cheiro assim como todos nós, pensou ter visto algo se mexendo na escuridão e deu dois tiros. E quando eu, por minha vez, me levantei ainda com a máscara no rosto, ele pensou que eu fosse o responsável pelo alvoroço. Dispunha-se a atirar de novo quando, mas, felizmente, me dei a conhecer. O sr. Trelawny jazia perto do cofre como ontem à noite e sangrava profusamente do ferimento de seu braço. Nós o levantamos, o deitamos no sofá e improvisamos um

torniquete. Isso é literalmente tudo o que sabemos até agora. Não tocamos na faca que estava ao lado da poça de sangue. Olhe, veja só. — Fui até lá e peguei-a. — A ponta está vermelha de sangue seco.

O dr. Winchester ficou de pé durante algum tempo antes de dizer:

— Então os acontecimentos desta noite são tão misteriosos quanto os da noite passada?

— Correto — retorqui.

Ele nada respondeu, mas se virou para a srta. Trelawny.

— Deveríamos levar a enfermeira Kennedy para outro aposento, desde que não se oponha, é claro.

— Não, de modo algum — respondeu ela. — Por favor, sra. Grant, cuide para que o quarto da enfermeira Kennedy esteja arrumado. Dois empregados devem vir até aqui para transportá-la.

A sra. Grant saiu, voltando após alguns minutos.

— O quarto está pronto e os homens já vieram.

Convidou os empregados a entrarem, eles ergueram da poltrona o corpo rígido da enfermeira sob as vistas do médico e a levaram para fora. A srta. Trelawny ficou comigo no quarto do doente enquanto a sra. Grant e o médico foram até o aposento da enfermeira. Logo que ficamos sozinhos, a srta. Trelawny veio até mim e falou, segurando minha mão:

— Espero que esqueça o que eu disse. Não era minha intenção magoá-lo, eu estava fora de mim.

Não respondi, mas segurei suas mãos e as beijei. Existem várias maneiras de beijar as mãos de uma dama. O modo como fiz era a pura manifestação de deferência e respeito, e também assim foi interpretado meu gesto, como era de esperar da parte da srta. Trelawny, uma verdadeira dama refinada e bem-educada. Aproximei-me do sofá e olhei para o inconsciente. Nos últimos minutos aumentara o crepúsculo e clareava o dia. Enquanto eu fitava aquele rosto severo, frio e sério, branco como mármore, na luz mortiça, tive um novo pressentimento de que, por trás do ocorrido nas últimas 26 horas, deveria haver um profundo mistério.

Essas espessas sobrancelhas abrigavam um importante propósito; a testa alta e larga escondia um pensamento inventivo que o largo queixo e o maxilar maciço ajudavam a realizar. Durante o tempo em que eu o fitava e me fazia essas perguntas, sobreveio-me outra vez uma fase de pensamentos fugidios, como eu tivera na noite passada antes de adormecer. Rejeitei-os e agarrei-me fortemente ao presente. Isso se tornou mais fácil quando a srta.

Trelawny se aproximou de mim e encostou a testa no meu ombro, começando a chorar baixinho. Despertou em mim um instinto protetor masculino que entrou em ação. Palavras tinham pouco significado, pois não expressavam os pensamentos, e ainda assim nos compreendíamos muito bem. Não se mexeu quando coloquei meu braço em volta de seus ombros, como eu fazia há muito tempo com minha irmãzinha, que, em suas preocupações infantis, gostava de ser consolada pelo irmão mais velho. Porém, esse gesto ou atitude, que deveria agir como proteção, reforçou meu propósito e parecia ao mesmo tempo varrer da minha cabeça os pensamentos errantes, ociosos e sonhadores. Ao ouvir os passos do dr. Winchester, instintivamente retirei meu braço.

O médico entrou e inspecionou o paciente antes de falar. Mas, finalmente, disse:

— Existe uma grande semelhança entre o sono de seu pai e o da enfermeira Kennedy. Qual a influência? Que coisa pode ter agido do mesmo modo em ambas as instâncias? No caso da enfermeira, o coma é menos profundo. Não consigo deixar de ter a sensação de que poderemos fazer mais por ela e com maior rapidez do que pelo paciente, porque no caso dela as nossas mãos não estão atadas. Eu a deitei na correnteza e ela já está dando sinais fracos de que é um simples desmaio. A rigidez dos membros já diminui, a pele parece-me sensível, ou, melhor dizendo, menos insensível contra a dor.

— Como o sr. Trelawny pode continuar nesse estado de insensibilidade, quando até agora seu corpo não apresenta essa rigidez? — perguntei.

— Não posso dar nenhuma resposta a essa pergunta. Talvez possamos solucionar esse problema em algumas horas. Ou em alguns dias. Isso nos será uma lição útil para fazer diagnósticos. Talvez para muitos dos que vierem depois de nós, quem sabe? — explicou ele, com genuíno entusiasmo.

No decurso da manhã ele correu o tempo todo de um quarto para outro, cuidando com muito zelo dos dois pacientes. Deixou a sra. Grant junto da enfermeira Kennedy, enquanto a srta. Trelawny e eu, quase sempre juntos, ficávamos com o ferido. Assim mesmo tivemos tempo para tomar um banho e trocar de roupa. Enquanto tomávamos o café da manhã, o dr. Winchester e a sra. Grant ficaram com o sr. Trelawny.

O sargento Daw foi para a Scotland Yard a fim de fazer um relatório sobre os acontecimentos noturnos e, depois, dirigiu-se ao distrito policial para poder garantir a colaboração de seu colega Wright no caso, como fora combinado com Dolan. Na volta do sargento, tive a sensação de que levara um sermão por ter atirado no quarto do doente ou por tê-lo feito sem motivo aparente. Suas correspondentes observações esclareceram o assunto:

— Um bom caráter ainda tem o seu valor, digam os outros o que quiserem. Veja só, continuo com licença de portar minha arma de serviço.

Esse dia deveria se arrastar e trazer muita ansiedade.

Lá pela noitinha, o estado da enfermeira Kennedy melhorara bastante, tendo desaparecido a rigidez dos membros. Sua respiração era calma e regular, porém a expressão fixa de seu rosto, que antes deixava transparecer serenidade, dava sinais visíveis de sono profundo. O dr. Winchester trouxe mais duas enfermeiras, ficando uma com a srta. Kennedy e a outra se revezando com a srta. Trelawny, que fizera questão de se manter acordada. Como preparativo para a vigília ela havia dormido à tarde durante algumas horas. Todos deliberamos e concordamos na maneira como deveria ser feita a vigília junto ao paciente. A sra. Grant ficaria com ele até a meia-noite, sendo rendida pela srta. Trelawny. A nova enfermeira ficaria no quarto da srta. Trelawny, e de 15 em 15 minutos daria uma olhada no quarto do doente. O médico ficaria até a meia-noite, quando então eu o substituiria. Um dos detetives ficou incumbido de passar a noite toda ao alcance do quarto e de verificar, a intervalos regulares, se tudo estava em ordem. Dessa forma, os vigilantes ficariam acordados e seria afastada a possibilidade de que os acontecimentos da noite anterior se repetissem.

Quando o sol se pôs, fomos todos tomados por uma estranha e profunda intranquilidade. E cada um se preparou a seu modo para a vigília. Minha máscara não saía da cabeça do dr. Winchester, que disse ter vontade de arrumar uma também. Mostrava-se tão entusiasmado a favor da ideia que convenci a srta. Trelawny a arranjar uma que poderia usar quando chegasse a sua vez de vigiar.

E assim se arrastou a noite.

Capítulo 5

NOVAS E ESTRANHAS INSTRUÇÕES

Às 22h30, deixei meu quarto e encontrei tudo normal no aposento do doente. A nova enfermeira mantinha-se ereta e atenta na poltrona perto da cama, na qual se sentara a enfermeira Kennedy na noite anterior. Um pouco além, entre a cama e o cofre, estava o dr. Winchester, acordado e também atento, porém estranho e quase cômico com a máscara sobre a boca e o nariz. Enquanto fiquei na porta olhando a cena, ouvi um ruído baixo. Virando-me, me deparei com o novo detetive, que, com o dedo nos lábios, pedia silêncio. Cumprimentou-me e logo recuou. Até aquela hora ninguém havia sido dominado pelo sono.

Sentei-me numa poltrona em frente à porta. Não queria me expor ao risco de cair sob a mesma influência traiçoeira como na noite passada. É claro que meus pensamentos estavam dirigidos para os mais importantes acontecimentos do dia e da noite anteriores, e surpreendi-me a matutar sobre as estranhas deduções, dúvidas e suposições. No entanto, não me perdi como antes em pensamentos fugidios. Jamais deixei de ter a sensação de uma presença e sentia-me da mesma forma que um guarda deve se sentir quando está de vigia. O simples pensar é um processo lento, mas, tratando-se de uma reflexão séria, o tempo se escoa com rapidez. Pareceu-me que apenas uns minutos haviam se passado quando escancararam a porta entreaberta e o dr. Winchester saiu retirando a máscara. A maneira como isso foi feito denotava que estava bem acordado. Ao tirar a máscara, virou-a para cheirá-la com força.

— Vou-me embora agora — disse ele. — Volto amanhã de manhã, a menos que me chamem antes. Mas hoje tudo parece em ordem.

Logo apareceu o sargento Daw, que entrou no quarto sem fazer barulho e tomou o assento do doutor. Ainda fiquei do lado de fora, mas dei uma olhada no quarto depois de passados uns poucos minutos. Foi somente por formalidade, porque não adiantava nada, visto que lá dentro estava tão escuro que mal se podia enxergar alguma coisa, apesar da luz proveniente do corredor fracamente iluminado.

Um pouco antes da meia-noite, a srta. Trelawny saiu do quarto. Antes de entrar no do pai, foi ao da enfermeira Kennedy. Depois de pouco tempo, saiu de novo com uma fisionomia bem mais confiante, pelo menos foi o que me pareceu. Trazia a máscara na mão. Antes de usá-la, perguntou-me se houvera algo fora do comum. Respondi-lhe sussurrando, pois nesta casa hoje não se pronunciava nenhuma palavra em voz alta, que tudo estava certo e em ordem. Então, ela colocou sua máscara, e eu, a minha, e penetramos no aposento. O detetive e a enfermeira se levantaram para que tomássemos seus lugares. O sargento Daw saiu por último. Como se tivesse combinado, fechou a porta atrás de si.

Por instantes fiquei sentado quieto, com o coração batendo forte. A escuridão era quase completa. A única luz fraca dirigida para o teto, que tingia de verde a beirada da cúpula, dava a impressão de aumentar o negror das sombras, que, como na noite anterior, pareciam despertar para a própria vontade. Não sentia sono algum, e cada vez que me chegava à cama do doente, com um intervalo talvez de dez minutos, percebia que a srta. Trelawny também estava acordada. De 15 em 15 minutos, um dos policiais dava uma olhada pela porta aberta com cuidado. E a cada vez a srta. Trelawny e eu dizíamos, sem tirar as nossas máscaras, “tudo em ordem”, e a porta era fechada de novo.

Com o passar das horas, tive a impressão de que aumentavam a escuridão e a quietude. O círculo de luz no teto ainda podia ser visto, porém com menor intensidade do que antes, e também o verde da cúpula parecia desbotado. Os ruídos noturnos de fora da casa e as claras bordas ao longo das janelas tornavam o negrume mais misterioso e solene. Ouvimos o relógio do corredor bater todos os quartos de hora até as duas. Nesse momento, fui tomado por uma estranha sensação. A srta. Trelawny se virou e me fez saber que também sentia algo. O novo detetive acabara de dar uma olhada. Ambos ficamos sozinhos com o paciente inconsciente durante mais um quarto de hora.

Meu coração batia apressado e senti medo. Não propriamente por mim; meu medo era impessoal. Era como se uma nova pessoa tivesse entrado no aposento e houvesse uma força inteligente bem perto de mim. Algo roçou minhas pernas. Estendi a mão e agarrei Silvio por seus pelos. Com um fraco e distante bufar, o animal se virou e me arranhou. Senti que sangrava na mão. A srta. Trelawny também se levantara e olhava em volta, como se alguma coisa estivesse perto dela. Seu olhar demonstrava excitação

e seu peito arfava, como se tivesse dificuldade em respirar. Quando a toquei, pareceu não se dar conta. Suspendeu os braços como se quisesse desviar algo.

Tivemos que agir rápido. Agarrei-a pelo braço, corri com ela para a porta que abri, e saímos para o corredor enquanto eu gritava:

— Socorro! Socorro!

Imediatamente, os dois detetives, a sra. Grant e as enfermeiras apareceram. Em seus calcanhares vieram alguns dos empregados, tanto homens quanto mulheres. Entreguei a srta. Trelawny à sra. Grant e voltei correndo para o quarto do doente, acendendo a luz assim que descobri onde ficava o interruptor. O sargento Daw e as enfermeiras me seguiram. Tudo aconteceu com a rapidez de um raio.

Ao lado do cofre jazia o sr. Trelawny, exatamente como nas duas noites anteriores, com o braço estendido, nu até as ataduras. A seu lado, bem perto, estava uma faca egípcia, de feitio achatado, que eu vira com as peças antigas no armário com as portas de vidro quebradas. A ponta da faca estava incrustada no assoalho, do qual já havíamos removido o tapete ensanguentado. Em nenhum lugar havia marcas que demonstrassem ter acontecido algo fora do comum. Dei uma busca meticulosa pelo quarto com a ajuda do policial, enquanto as enfermeiras e dois dos empregados colocavam o ferido de volta na cama. Não conseguimos encontrar pista alguma nem o menor indício. Imediatamente depois, a srta. Trelawny apareceu no aposento, pálida, porém controlada. Chegou perto de mim e falou bem baixinho:

— Eu estava prestes a desmaiar. Não sei bem por quê, mas senti medo.

O choque seguinte foi meu quando, ao me aproximar da cama para me inclinar sobre seu pai, ela gritou:

— Mas o senhor está ferido! Veja, olhe só, a sua mão está sangrando. Há sangue sobre a coberta.

Na comoção do que acontecera, eu me havia esquecido por completo do arranhão de Silvio, mas agora lembrei, e, antes que eu pudesse dizer uma palavra, a srta. Trelawny pegou minha mão e a suspendeu. Quando percebeu os arranhões paralelos, exclamou:

— As mesmas marcas de ferida do meu pai.

Soltou minha mão e, dirigindo-se a mim e ao sargento Daw, falou:

— Venham comigo até meu quarto. Silvio está deitado na cestinha.

Fomos atrás dela e encontramos o animal sentado e lambendo as patas.

Disse o detetive:

— Ele está aí mesmo, confere. Mas por que ele lambe as patas?

Margaret, a srta. Trelawny, gemeu quando se debruçou sobre uma das patas dianteiras, tomando-as nas mãos. Tal atitude não foi do agrado do gato, que bufou.

A sra. Grant entrou e, ao reparar que todos fitávamos o bichano, falou:

— Agora mesmo a enfermeira me disse que Silvio dormiu na cama da enfermeira Kennedy desde que a senhora foi para o quarto do seu pai, até há poucos instantes. Ela contou também que a enfermeira Kennedy falou e gemeu durante o sono como se estivesse tendo um pesadelo. Talvez fosse bom chamar o dr. Winchester.

— Sim, por favor, faça-o logo — respondeu a srta. Trelawny, e voltamos para o quarto do doente.

A srta. Trelawny ficou ali a olhar o pai com o cenho franzido e se virou para mim, como se tivesse chegado a uma decisão.

— O senhor não acha que devemos pedir uma junta médica? Naturalmente, tenho a maior confiança no dr. Winchester; ele me parece um jovem muito inteligente. Mas é ainda novo e com pouca experiência. Deve haver médicos que se dediquem exclusivamente a essa especialidade. Tal capacidade deve se basear sobre maiores conhecimentos e experiência, e esse conhecimento e essa experiência talvez ajudem a lançar um pouco de luz no caso de meu pobre pai. Está me parecendo que o dr. Winchester tateia no escuro. Estou perplexa. Tudo é tão horrível...

Perdeu o controle e começou a chorar. Tentei confortá-la.

O dr. Winchester não demorou a chegar. Seu primeiro pensamento foi, é óbvio, para o paciente. Quando se convenceu de que nada mais acontecera, foi ver a enfermeira Kennedy. O que lá viu o encheu de satisfação. Molhou a ponta de uma toalha em água fria e borrifou o rosto dela. A pele ficou rosada e a enfermeira se mexeu. Em voz baixa, falou para a outra enfermeira, cujo nome era Dóris.

— Ela está indo bem. Deve acordar no mínimo dentro de algumas horas. Talvez no início fique um pouco intrigada e confusa, ou mesmo histérica. Caso isso aconteça, a senhora já sabe o que fazer.

— Sim, doutor — retrucou Dóris respeitosamente.

Saímos e voltamos ao quarto do sr. Trelawny. À nossa entrada, a sra. Grant e a enfermeira se retiraram, de modo que apenas o dr. Winchester, a srta. Trelawny e eu permanecemos. Assim que a porta foi fechada, o dr.

Winchester me perguntou o que realmente havia se passado. Fiz um relatório, contando todas as particularidades, até onde alcançava minha lembrança. Interrompia-me sempre com perguntas que não me pareceram importantes. Ao fim, ele falou com a maior deferência para a srta. Trelawny:

— Srta. Trelawny, penso que devemos fazer uma junta médica.

A resposta dela veio sem hesitação, o que o fez ficar espantado:

— Estou satisfeita de que tenha feito tal sugestão. Concordo plenamente. E quem o senhor propõe?

— A senhora tem alguém em mente? — perguntou ele. — Alguma pessoa conhecida de seu pai? Ele alguma vez consultou um médico?

— Que eu saiba, não. Mas certamente o senhor fará a melhor escolha. Meu querido pai precisa de ajuda no que for preciso. Qual é o melhor homem em Londres, mas o melhor mesmo, para um caso como esse?

— Existem alguns muito bons. Certamente estão espalhados pelo mundo inteiro. Para ser um especialista genial em doenças do cérebro, é necessário que se nasça com o dom. Isso não se adquire, embora seja um trabalho bastante árduo antes que a educação esteja terminada e se possa iniciar a prática. Esses peritos vêm de todos os cantos do mundo. O mais arrojado deles até agora é Chiuni, o japonês. Ele, contudo, é mais um cirurgião que se dedica à pesquisa do que um clínico propriamente dito. Há ainda Zammerfest, de Upsala, da Suécia, Fenelon, da Universidade de Paris, e também Morfessi, de Nápoles, na Itália. Também há os daqui, como Morrison, de Aberdeen, e Richardson, de Birmingham. Mas acima deles todos coloco Frere, do King’s College. Ele é o único dos mencionados que une melhor a teoria à prática. Dedica-se completamente à profissão e tem uma enorme experiência. Nós todos, que o admiramos, sentimos que seus bons nervos e sua mão segura estejam sendo uma vítima do tempo. Quanto a mim, eu preferiria ter Frere aqui do que qualquer outro.

— Chamemos, então, o dr. Frere — decidiu, com energia. — Ele deve vir o mais rápido possível. De mais a mais, ele é doutor ou senhor?

Foi como se alguém tivesse tirado um enorme peso de cima do jovem médico, que falou mais calmo e controlado:

— Nem uma coisa nem outra, mas *sir* James Frere. Vou pessoalmente lhe pedir que venha. — E, virando-se para mim, acrescentou: — Deixe que enfaixem a sua ferida.

— Ora, isso não é nada importante.

— A ferida precisa de cuidados. Cada arranhão feito por gato pode ser perigoso. Seguro morreu de velho.

Cedi, e ele foi logo examinando o ferimento. Com uma lente de aumento, verificou os arranhões paralelos e os comparou com a amostra do mata-borrão que tirou do bolso. Tornou a colocar o papel no lugar com a simples observação:

— É uma lástima que Silvio sempre esteja dando as suas escapadas furtivas quando não deve.

A manhã se arrastou. Às dez horas a enfermeira Kennedy já estava praticamente refeita, tanto que pôde se sentar e conversar de forma inteligível. Sua mente, porém, ainda se mostrava confusa. Também não conseguia lembrar o que acontecera na noite anterior depois que tomou seu lugar junto à cama do doente. Não sabia e parecia indiferente.

Um pouco antes das 11 chegou o dr. Winchester acompanhado de *sir* James Frere. Ao vê-los no vestíbulo, meu coração esmoreceu. Eu sabia perfeitamente que a dor da srta. Trelawny seria renovada por um estranho que estaria diante dela, pois teria novamente que reconhecer que nada sabia sobre a vida do pai.

James Frere era um homem que chamava a atenção e que logo todos respeitavam. Sabia tão bem e exatamente o que queria que deixava de lado desejos e ideias de outras pessoas menos decisivas. Só o brilho de seus olhos penetrantes, a compressão de sua boca firme ou o franzir de suas sobrancelhas cerradas era o suficiente para fazer com que todos obedecessem de boa vontade a seus desejos. De qualquer modo, todo o mistério pareceu se desfazer após terem sido feitas as apresentações, e ele ficou entre nós. Cheio de esperança, vi quando ele entrou no aposento do doente com o dr. Winchester.

Lá eles ficaram bastante tempo. Uma vez chamaram a enfermeira Dóris, que permaneceu apenas um instante. Dirigiram-se depois ao quarto da enfermeira Kennedy, fazendo sair a enfermeira que vigiava. Depois disso, o dr. Winchester me informou que Kennedy, apesar de nada saber a respeito dos acontecimentos posteriores, teve condições de responder perfeita e satisfatoriamente às perguntas do sr. Frere concernentes a seu paciente, pelo menos até o momento de ficar inconsciente. Então os dois foram para o escritório, onde confabularam longamente. A troca acalorada de palavras dava a impressão de estarem em total desacordo, de tal maneira que eu já começava a me inquietar. No tocante à srta. Trelawny, havia

chegado à beira de um esgotamento nervoso antes de os dois saírem do escritório. Pobre moça! Tinha passado por tanta coisa penosa e agora estava com os nervos à flor da pele.

Finalmente a discussão terminou. *Sir* James foi o primeiro a sair. A expressão séria de seu rosto era tão impenetrável quanto a de uma esfinge. O dr. Winchester veio logo a seguir. Estava pálido, de uma palidez proveniente de reação. Imaginei que seu rosto estivesse vermelho. *Sir* James convidou a srta. Trelawny a entrar no escritório e sugeriu que eu fizesse o mesmo. Entramos, ele se virou para mim e disse:

— Se compreendi bem o dr. Winchester, o senhor é amigo da srta. Trelawny e está completamente a par da situação. Sua presença é de grande valia. Sr. Ross, sei que é um advogado sagaz, mas com quem ainda não tive o prazer de travar conhecimento. O dr. Winchester me informou que este caso vem acompanhado de circunstâncias extraordinárias e inúmeras charadas, tanto para ele quanto para os outros, extremamente interessantes, principalmente para o senhor, que conhece tudo de trás para a frente. No que concerne a mim, as charadas não me preocupam muito, exceto no que se refere à científica. Parece-me tratar-se de uma tentativa de assassinato ou de roubo, e só tenho a dizer o seguinte: se for caso de assassinato, antes de nova tentativa, o assassino deveria tomar algumas lições básicas de anatomia, porque sua ignorância clama aos céus. Porém, se o objetivo é o roubo, o trabalho também foi malfeito. Mas, como eu disse, isso não é da minha conta.

Nesse momento tomou uma dose de rapé e virou-se para a srta. Trelawny:

— Agora, quanto ao paciente... Deixando por enquanto de lado o motivo de sua situação, só posso dizer no presente momento que ele se encontra em estado cataléptico e que, neste instante, nada pode ser feito por ele, a não ser, no máximo, conservar-lhe as forças. Estou de pleno acordo com o tratamento adotado pelo meu amigo Winchester. Caso haja uma ligeira mudança no estado do paciente, ele poderá controlar satisfatoriamente a situação, tenho plena certeza. É, trata-se aqui de um caso interessantíssimo. Se houver algo de novo ou de anormal, terei grande prazer em vir logo. Mas ainda há um ponto ao qual eu gostaria que desse atenção e conto com a sua colaboração, srta. Trelawny, já que faz parte de sua responsabilidade. O dr. Winchester me disse que a senhorita não se considera livre para dar ordens e, havendo necessidade de dá-las, que está

presa às instruções de seu pai. Eu a aconselharia veementemente a colocar seu pai em outro quarto ou, como alternativa, a afastar as múmias pavorosas e todas essas coisas do quarto dele. A coleção dessas coisas horrorosas e os odores que delas emanam são suficientes para transtornar qualquer pessoa, mesmo que esteja em seu estado normal. Existem inúmeras provas de como podem agir esses odores. Esta enfermeira (não disse a senhorita chamar-se Kennedy?) ainda não está completamente refeita de sua rigidez. E o senhor, sr. Ross, ouvi dizer que também chegou a sentir um pouco dessa força. Só sei que — suas sobrancelhas se juntaram ainda mais e sua boca endureceu — se eu tivesse voz ativa aqui, levaria o paciente para outro ambiente. Ou não terei condições de pegar o caso. O dr. Winchester sabe perfeitamente que só poderá me chamar quando for preenchida essa exigência. Espero que para a senhorita, como boa filha, o bem-estar de seu pai lhe seja mais importante do que seus caprichos, provenientes de certa angústia ou de segredos amedrontadores. Ainda não chegou o dia, e isso posso afirmar com alegria, em que o Museu Britânico e o St. Thomas Hospital possam trocar de função. Boa tarde, srta. Trelawny. Espero rever seu pai em breve, completamente restabelecido. E lembre-se: preencha minha exigência e poderei ficar dia e noite à sua disposição. Boa tarde, sr. Ross. Faço votos para que, dentro em pouco, o senhor possa me chamar, dr. Winchester.

Após a saída de *sir* James, ficamos parados, sem dizer palavra, até que não se ouviu mais o barulho das rodas de sua carruagem. O dr. Winchester foi o primeiro a encontrar a voz.

— Preciso dizer que, do ponto de vista médico, ele está com toda a razão. É evidente que, ao fazer sua exigência, tive vontade de agredi-lo. Mas, no que diz respeito ao tratamento, ele está absolutamente certo. O que ele não aceita neste caso especial está subordinado a circunstâncias estranhas. E ele não quer entender que o sr. Trelawny praticamente nos deixou de mãos atadas com as suas instruções...

Nesse momento, a srta. Trelawny o interrompeu:

— Dr. Winchester, o senhor também quer largar o caso, ou, diante das condições existentes, deseja continuar?

— Largar? Nem pense nisso. Srta. Trelawny, eu jamais o abandonaria enquanto o doente ou um de nós estiver vivo.

Ela não respondeu, mas lhe estendeu a mão, que ele apertou calorosamente.

— Se *sir* James Frere é um discípulo da seita de especialistas, jamais pedirei conselho a alguém desse tipo. Pareceu-me que, com relação à situação de meu pai, ele sabe tanto quanto o senhor. Se ele tivesse a milésima parte de seu interesse, não teria insistido tanto sobre esse único ponto. É óbvio que estou muito preocupada com meu pobre pai, e, assim que encontrar um meio e a maneira de satisfazer à exigência de *sir* James, eu o farei. Hoje pretendo chamar o sr. Marvin. Ele pode me aconselhar em relação aos desejos de meu pai e até que ponto posso ultrapassá-los. Se ele for de opinião que devo ir adiante, sob minha própria responsabilidade, e fazer o que acho correto, não hesitarei em agir.

Logo após, o dr. Winchester se despediu.

A srta. Trelawny se sentou e escreveu uma carta para o sr. Marvin, na qual lhe dava ciência do estado em que se encontravam as coisas e lhe pedia que levasse alguns papéis que eventualmente pudessem esclarecer o caso. A carta foi enviada por uma carruagem, pois era provável que o causídico fosse necessitar dela. E, armando-nos de quanta paciência foi possível, ficamos à espera.

A distância do Kensington Palace Gardens até o Lincoln’s Inn Fields é curta quando a própria pessoa faz o percurso. Mas quando se espera a volta de alguém, cheio de impaciência, se torna interminável. Cada coisa no seu devido tempo. Em tudo e por tudo, apenas uma meia hora se passou até a chegada do sr. Marvin.

Ele sentiu a impaciência da srta. Trelawny e disse, após ter perguntado detalhes sobre a doença do pai:

— Posso repassar com a senhorita as particularidades dos desejos de seu pai, se estiver pronta.

— Como quiser — disse ela, não percebendo o significado de suas palavras. — Por que não agora?

Ele olhou para mim como se fosse outro colega e gaguejou:

— Mas... não estamos sozinhos.

— Eu trouxe o sr. Ross comigo de propósito — respondeu ela. — Ele já sabe tanto que sou de opinião que deve saber mais.

O advogado ficou momentaneamente sem fala, o que para mim foi difícil acreditar, eu que só o conhecia do tribunal. Hesitante, ele revidou:

— Mas, minha cara jovem, e os desejos de seu pai? A confiança entre pai e filha?

Ela o interrompeu, corando ligeiramente:

— O senhor acha realmente que isso seja de tão grande importância nas atuais circunstâncias, sr. Marvin? Meu pai jamais me pôs a par de seus negócios, e agora eu também, neste momento de tanta preocupação, só vou conseguir levar a cabo as suas vontades por intermédio de uma pessoa estranha para mim e da qual tive conhecimento unicamente por uma carta, a ser aberta em caso de emergência. O sr. Ross é um novo amigo, mas que tem toda a minha confiança. Eu gostaria que ele ficasse a par de tudo, a não ser que isso seja vetado por meu pai. Perdoe-me, sr. Marvin, se eu lhe pareço um pouco brusca. Mas tenho estado ultimamente sob tão grande tensão que quase não consigo me controlar.

Cobriu os olhos com uma das mãos. Nós, homens, nos entreolhamos e ficamos esperando. Quando ela continuou, já estava controlada:

— Por favor, por favor, o senhor não deve pensar que não lhe sou grata pela sua boa vontade em ter vindo logo. Eu lhe sou muito agradecida e tenho a mais alta confiança em sua opinião. Se preferir e achar por bem, poderemos conversar sozinhos.

Levantei-me, mas o sr. Marvin esboçou um gesto de protesto. Pareceu ter gostado da atitude da jovem, e suas palavras soaram cordiais e sinceras quando disse:

— De modo algum! Da parte de seu pai não existe nenhum empecilho, tampouco da minha. Em todo caso, pode até ser mais conveniente. Tendo em vista a doença do sr. Trelawny e as estranhas circunstâncias que a acompanham, seria aconselhável, caso as coisas se agravem, observar que desde o início a situação estava ligada às ordens de seu pai, pois é preciso que se compreenda que suas instruções são mandatórias. São tão imutáveis que tenho plenos poderes para supervisionar a execução delas. Por favor, acredite de uma vez por todas que tudo o que ele escreveu na carta era a sua vontade. Enquanto estiver vivo, ele deverá permanecer em seu quarto, do qual, sob hipótese alguma, não poderá ser retirada qualquer peça. Ele chegou a me dar a posição de cada objeto que não deveria ser retirado.

A srta. Trelawny ficou silenciosa. Parecia deprimida, e eu, que julgava conhecer o motivo, perguntei:

— Podemos ver a disposição dos objetos?

A fisionomia da srta. Trelawny se aclarou e ensombreou de novo no momento em que o advogado, sem demora, e visivelmente preparado para essa pergunta, respondeu:

— Não antes que eu, baseado nos plenos poderes gerais, comece o trabalho. Eu trouxe comigo este documento, sr. Ross — e entregou-me o papel. — O senhor vai de pronto reconhecer — disse-me ele com certa convicção que eu já observara em seu trabalho — com que cuidado ele foi redigido. O cedente expressa sua vontade de tal forma e maneira que não possa haver escapatória. Excetuando algumas expressões legais, o texto é de sua própria enunciação. Posso lhes assegurar que raramente vi um documento tão contundente e bem-feito. Até eu mesmo estou impotente quanto à alteração das disposições nele existentes, pois nesse caso serei culpado de abuso de confiança. E isso está completamente fora de cogitação, não preciso enfatizar.

Essas palavras foram acrescentadas para que não se tentasse fazê-lo mudar de ideia. O tom rápido de sua voz deve ter soado de maneira desagradável aos seus próprios ouvidos.

— Espero honestamente, srta. Trelawny, que compreenda que é meu desejo sincero e irrestrito fazer tudo o que estiver ao meu alcance para diminuir as suas preocupações. Contudo, seu pai, com sua atitude, tinha uma razão bem definida, da qual não me deu ciência. Até onde eu possa ver, ele refletiu muito bem sobre cada uma das palavras de suas instruções. Que concepção seguia, pode-se dizer que era a de toda uma vida. Meditou muito sobre cada fase possível de seu plano e estava pronto para protegê-la em todos os aspectos. Infelizmente, fui obrigado a lhe dar essa preocupação, o que me dói, pois vejo que, além de tudo, já teve que aguentar demais, demais mesmo.

O sr. Marvin destacou a página e a entregou à srta. Trelawny, que agradeceu. Trocou apertos de mão com ela e comigo e depois se retirou.

Assim que a porta se fechou atrás dele, a sra. Grant bateu na porta e entrou. Sua fisionomia tinha uma expressão de tão grande desespero que a srta. Trelawny se levantou, lívida, e perguntou:

— O que aconteceu agora, sra. Grant? O que está havendo? Alguma nova catástrofe?

— Sinto muito, senhorita, mas preciso lhe dizer que, exceto dois dos empregados, todos comunicaram que desejam ir embora ainda hoje. Eles combinaram tudo. O mordomo foi o porta-voz, dizendo que abriam mão do salário e que até estão prontos a pagar uma multa do próprio bolso, desde que possam deixar a casa ainda hoje.

— E por quê?

— Não dão motivo algum. Dizem apenas que sentem muito, sem acrescentar mais nada. Pedi explicações a Jane, a primeira camareira que não tomara parte e estava disposta a ficar. Ela me disse confidencialmente que os outros tinham metido na cabeça que a casa estava mal-assombrada.

Tivemos vontade de rir, mas não o fizemos. Eu não podia olhar para a srta. Trelawny e rir. Havia dor e também pavor em sua fisionomia, mas não medo. É provável que uma ideia lhe tivesse ocorrido e que estivesse sendo confirmada. Quanto a mim, minhas reflexões encontraram um eco. No entanto, elas não estavam bem-definidas. Por trás havia ainda outra ideia mais obscura e profunda, cuja voz até agora não se tinha feito ouvir.

Capítulo 6

A srta. Trelawny foi a primeira a se recompor. Seu rosto exprimia altivez e dignidade quando falou:

— Muito bem, sra. Grant, se eles assim o querem, pague-lhes o salário até o dia de hoje e, além disso, o abono de um mês. Eles me serviram com fidelidade até agora e o motivo da sarda não é banal. Não se pode esperar lealdade de quem se acha possuído pelo medo. Os que permanecerem deverão no futuro receber salário dobrado e, por favor, que me procurem quando eu os chamar.

Controlada, a sra. Grant se mostrava indignada. Como governanta da casa, estava fora de si com o tratamento generoso com os empregados que se despediam em conjunto.

— Eles não merecem isso, senhorita. Vão querer exigir sempre o mesmo tratamento nos outros empregos. Jamais em minha vida vi empregados com uma vida tão boa e serem tão bem tratados como aqui. Num palácio não teriam mais regalias. E na hora em que há um aborrecimento na casa, eles se despedem! É realmente abominável.

A srta. Trelawny acalmou a enfurecida governanta com palavras brandas, e, no fim, esta se retirou resmungando baixo contra os mal-agradecidos. Já de humor bem diferente, ela voltou após algum tempo e perguntou se a patroa desejava que ela cuidasse da contratação de novo pessoal, no caso de poder ser encontrado.

— Pois a senhora sabe — continuou logo — que os empregados, uma vez com medo, dificilmente o perdem. Talvez seja possível conseguir novos empregados, mas eles também irão logo embora. Ninguém os pode segurar. Eles se despedem até quando recebem aviso prévio de um mês e se comportam de tal maneira que melhor teria sido nem tê-los admitido. As desmazeladas, as sirigaitas, já são bem ruins. Mas esses homens, esses são os piores.

A srta. Trelawny retrucou, sem sinal de irritação ou de indignação:

— Sra. Grant, acho que seria melhor nos arrumarmos com os que ficaram. Durante a doença do meu pai viveremos retraídos, de modo que

será apenas necessário cuidar de três pessoas na casa. Se os que sobraram não forem suficientes, contrataremos outros. Não deve ser difícil conseguir algumas empregadas que a senhora conheça, sra. Grant. E, por favor, veja que as que vierem e quiserem ficar e valerem a pena recebam o mesmo salário das que ficaram. Sra. Grant, se bem que, naturalmente, eu não a coloque no mesmo plano que o resto do pessoal, o aumento do salário em dobro vale também para a senhora.

Com isso estendeu a mão pequena de dedos longos que a outra pegou e beijou, tomando a liberdade da mais velha para com a mais nova. Eu mesmo não pude deixar de admirar a generosidade do comportamento dela com seus empregados. A resposta a meia-voz da sra. Grant, ao retirar-se do aposento, calou fundo na minha mente:

— Não é de admirar que aqui seja como na corte de um rei, quando a própria patroa é uma princesa.

Uma princesa! Não é preciso falar mais nada. Essa impressão deu vazão à minha fantasia e lançou luz sobre a lembrança daquele momento em que a vi pela primeira vez no baile de Belgrave Square. Uma postura real! Alta, esbelta, flexível e enérgica como um lírio ou um lótus, vestida com uma roupa ondulante feita de fazenda transparente bordada a ouro. Na cabeça usava um enfeite egípcio de pedrarias, um pequeno disco de cristal em meio a uma imitação de penas recortadas feitas de lápis-lazúli. Trazia presa no pulso uma larga pulseira, um trabalho antigo em ouro, com a forma de um par de asas abertas, cujas penas eram formadas por pedras coloridas. Apesar de seu porte elegante, senti um pouco de medo ao lhe ser apresentado pela anfitriã. Mais tarde, durante o passeio de barco no rio, conheci a sua natureza terna e agradável, e minha timidez se transformou em outra coisa.

Por algum tempo ela ficou sentada, tomando notas. Então, afastou as coisas para o lado e deixou que os empregados fiéis se aproximassem. Como eu achava melhor que a conversa fosse feita a sós, retirei-me. E, quando voltei, percebi sinais de lágrimas em seus olhos.

A fase seguinte, da qual tomei parte, foi ainda mais inquietante e dolorosa. No fim da tarde, o sargento Daw entrou no escritório. Depois de ter fechado com muito cuidado a porta e de ter olhado bem à volta para se certificar de que estávamos mesmo sozinhos, aproximou-se de mim.

— O que está havendo? — perguntei. — O senhor gostaria de falar a sós comigo?

— Exatamente, senhor. Posso falar confidencialmente?

— É lógico que pode. Principalmente se se tratar do bem-estar da srta. Trelawny e, é óbvio, de seu pai, o senhor deve ser bem franco. Presumo que ambos queiramos servir aos dois com o melhor de nossos esforços.

O sargento hesitou um pouco antes de retorquir.

— O senhor sabe naturalmente que preciso cumprir minha obrigação e já me conhece o suficiente para saber que o farei. Sou um policial e um detetive, faz parte do meu dever comprovar, com toda a imparcialidade, os dados sobre cada caso para o qual sou destacado. Preferiria lhe falar com toda a franqueza e a sós, sem mencionar deveres para com quem quer que seja, com exceção da minha obrigação com a Scotland Yard.

— Mas é evidente, já que assim o exige — disse eu, um pouco mais reservado. O homem não percebeu a mudança do meu tom nem do meu comportamento, pois falou, desculpando-se:

— Perdão, senhor, ao falar-lhe sobre este assunto, estou ultrapassando os limites de meu ofício. Já o conheço há bastante tempo e sinto que posso confiar no senhor. Não apenas na sua palavra, é claro, mas também em sua discrição.

Curvei-me agradecendo.

— Continue logo, senhor — disse eu.

— Senhor, estive pensando neste caso até que minha cabeça ficou girando. Ainda assim não consegui encontrar nenhuma solução plausível. No momento de cada ataque ninguém entrou e certamente ninguém saiu. Como se explica isso?

— Que alguém ou alguma coisa já se encontrava na casa — disse eu, com um sorriso involuntário.

— Penso da mesma forma — retrucou ele, com um suspiro audível de alívio. — Então, muito bem. Quem poderá ser esse alguém?

— Alguém ou alguma coisa — disse eu, respondendo.

— Sr. Ross, fiquemos com “alguém”. O gato pode morder e arranhar, mas não pode ter forças suficientes para puxar o sr. Trelawny da cama nem tentar retirar a chave da pulseira do braço dele. Essas coisas são muito bonitas nos livros, em que os detetives amadores, que já sabem de tudo com antecedência, tratam do assunto teoricamente. Mas na Scotland Yard, onde não somos nem um pouco tolos, tivemos várias vezes a oportunidade de registrar que pessoas, e não coisas, estão por trás no caso de algum crime ter sido praticado ou intentado.

— Bom, então é gente, sargento.

— Falávamos de alguém, senhor.

— Exatamente, alguém.

— O senhor ainda não reparou que, sempre que o inexplicável acontecia, havia uma pessoa que sempre aparecia primeiro e dava o alarme?

— Ora, vejamos! Tenho a impressão de que a srta. Trelawny deu o alarme na primeira vez. Na segunda, eu estava presente, ainda que adormecido, e também a enfermeira Kennedy. Quando acordei, já havia muitas pessoas no quarto. O senhor mesmo se encontrava entre elas. Ao que eu saiba, naquela ocasião a srta. Trelawny chegou antes do senhor. Na última tentativa que houve, eu me achava no aposento quando a srta. Trelawny perdeu os sentidos. Eu a carreguei para fora e voltei imediatamente. E no meu retorno fui o primeiro a chegar, e o senhor estava bem nos meus calcanhares, se não me engano.

O sargento Daw fez uma pausa antes de responder.

— Ela estava presente em todas as tentativas ou foi a primeira a aparecer.

A conclusão a que se chegou não teve dúvidas para mim como advogado. Teria sido melhor se tivéssemos continuado nesse caminho. Eu sempre fora de opinião que a melhor maneira de resolver uma simples suposição era encará-la.

— Então o senhor é de opinião — disse eu — que em cada uma das agressões a srta. Trelawny era a primeira a descobrir e que, portanto, deveríamos tomar isso como prova de que ela as cometeu? Ou que, de algum modo, ela estivesse ligada às tentativas de ataque e à respectiva descoberta?

— Eu não teria coragem de me expressar tão claramente, mas é nessa direção que me levam minhas reflexões.

O sargento Daw tinha muita coragem. Não temia as consequências de suas conclusões.

Ficamos em silêncio durante algum tempo. Eu estava com muito medo. Da minha parte não existia suspeição alguma sobre a srta. Trelawny ou sobre o que ela fazia. Mas eu tinha medo de que seus atos fossem mal interpretados. Era evidente que nisso tudo havia um mistério, e, se não fosse encontrada uma solução, alguém teria que levar a culpa. Em casos como esse, na maioria das vezes, desconfia-se da linha de menor resistência. Se fosse possível encontrar uma prova de que a morte do sr. Trelawny, caso

viesse mesmo a acontecer, trouxera vantagens para alguém, seria difícil a esse alguém atestar a sua inocência, diante de fatores tão fortes de suspeita. Surpreendi-me a pensar como me havia sido possível acompanhar essa linha de pensamento, sempre a mais acertada na defesa, até que se esclareça o plano de acusação. Nessa fase dos acontecimentos não teria adiantado se eu me tivesse oposto à teoria exposta pelo detetive. No momento, eu poderia ser mais útil à srta. Trelawny ouvindo atentamente a maneira de pensar do sargento. Quando chegasse a hora de refutar essas teorias, eu faria uso de todo o meu espírito de luta e de todas as armas que eu tivesse a meu dispor.

— O senhor naturalmente terá que cumprir sua obrigação — disse eu. — O que pretende fazer agora?

— Ainda não sei. Veja, até o presente momento nem me passou pela cabeça tal suspeita. Se outra pessoa tivesse me dito que essa jovem amável tinha algo a ver com o caso, eu a tacharia de louca. Mas sou obrigado a seguir minhas conclusões. Sei bem que muitas vezes toda uma sala de tribunal, com exceção da acusação que conhece os fatos e do magistrado que já está habituado a reservar sua opinião, teria jurado que o acusado é inocente e que, desse modo, as pessoas mais improváveis seriam as culpadas. Por nada neste mundo eu culparia injustamente uma jovem, mesmo que não tivesse uma carga tão pesada nos ombros. E pode estar certo de que eu jamais apoiaria com uma palavra sequer se tal acusação partisse de outra pessoa. Por esse motivo eu lhe falo com toda a confiança, de homem para homem. O senhor é treinado para apresentar evidências; é sua profissão. Meu trabalho vai apenas até o momento em que haja fatores de suspeita e até o que chamamos de nossas próprias provas, que seriam provas incompletas, indícios somente, e nada mais. O senhor conhece a srta. Trelawny melhor do que eu. Enquanto vigiava o quarto do doente e dava uma volta pela casa, eu não teria tido oportunidade de conhecê-la tão bem quanto o senhor nem saber sobre a sua vida e sobre seus atos. Se eu mesmo quisesse lhe fazer as perguntas, despertaria sua desconfiança. No caso de ela ser culpada, faltaria a última prova, porque ela haveria de encontrar com facilidade uma saída a fim de evitar ser descoberta. Mas, se ela for inocente, como espero, está sendo acusada injustamente. Já examinei tudo minuciosamente antes de me dirigir ao senhor e, se presumi demais, só posso dizer que sinto muito.

— De maneira alguma, Daw — disse eu, calorosamente, pois a coragem, a sinceridade e a ponderação desse homem destemido mereciam respeito. — Sinto-me feliz pelo fato de o senhor ter se aberto comigo com tanta franqueza. Ambos gostaríamos de encontrar a verdade. Nesse caso, existem tantas estranhezas, estranhezas essas que excedem todas as nossas experiências, que nossa única chance se baseia, a longo prazo, em atirar na verdade, sejam quais forem nossas opiniões e seja qual for o objetivo que finalmente alcançaremos.

O sargento pareceu ter ficado satisfeito e continuou:

— Acredito nisso. O senhor poderia provar passo a passo a evidência, se soubesse que alguém fosse levar a possibilidade a sério, uma evidência ou pelo menos uma ideia da qual o senhor mesmo se persuadirá, seja a favor, seja contra. E então uma solução poderia ser finalmente encontrada, ou pesquisadas todas as outras possibilidades tão minuciosamente que a mais provável restaria como uma prova evidente ou uma forte suspeita. Dessa forma, deveríamos...

Nesse instante a porta se abriu e a srta. Trelawny entrou. Assim que nos viu, fez menção de sair rapidamente.

— Desculpem-me — disse ela. — Eu não sabia que estavam aqui e ainda por cima ocupados.

Antes que eu pudesse me levantar, ela já havia se virado.

— Entre — disse eu. — O sargento Daw e eu estávamos conversando sobre o ocorrido.

Enquanto ainda se mostrava indecisa, apareceu a sra. Grant dizendo:

— O dr. Winchester está aqui e gostaria de falar com a senhorita.

Obedeci ao olhar que a srta. Trelawny me lançou. Saímos juntos do aposento. Logo após examinar o doente, o médico informou que não houvera mudança alguma no estado dele e acrescentou que, mesmo assim, gostaria de passar a noite na casa, se não houvesse inconveniente. A srta. Trelawny se mostrou muito satisfeita com a sugestão e deu à sra. Grant ordem para que preparasse um quarto para ele. Um pouco mais tarde, quando fiquei a sós com o dr. Winchester por algum tempo, ele falou abruptamente:

— Resolvi passar a noite aqui porque preciso conversar com o senhor. Como gostaria que esta conversa ficasse apenas entre nós, pensei que a melhor oportunidade, para não chamar a atenção, se apresentaria durante a

noite, quando estivéssemos fumando um charuto e enquanto a srta. Trelawny se achasse cuidando do pai.

Continuava valendo o que havia combinado antes, isto é, que ou a filha do doente ou eu faríamos a vigília. Nas primeiras horas da manhã a faríamos juntos.

Vi essa hora se aproximar com inquietação, pois eu sabia perfeitamente que o detetive estaria ele mesmo vigiando, porém sigilosamente. O dia se passou sem novidades. A srta. Trelawny dormiu à tarde e substituiu a enfermeira após o jantar. A sra. Grant ficou com ela, enquanto o sargento Daw vigiava no corredor. Fui por isso tomar café com o dr. Winchester na biblioteca. No momento em que acendíamos o charuto, ele falou em voz baixa:

— Vamos agora ter a nossa conversa confidencial. O senhor compreende, como já lhe disse, que tudo deve ficar apenas entre nós dois, não mesmo?

— Naturalmente — falei, um pouco desanimado, pensando na minha conversa com o sargento Daw na manhã anterior e nos receios que se apoderaram de mim.

— Este caso é capaz de pôr à prova o nosso juízo perfeito. Quanto mais penso nele, mais confuso me parece. E essas duas linhas de ação reforçam ainda mais o raciocínio lógico em direções contrárias.

— Que linhas?

Ele me fitou abruptamente antes de responder. Num momento como esse o olhar do dr. Winchester era altamente inquietante e já teria tido influência sobre mim se eu, além do meu interesse pela srta. Trelawny, ainda tivesse um interesse pessoal no caso. Da maneira como estavam as coisas, aguentei firme o olhar. Sentia-me como um advogado. Num sentido eu funcionava como “amigo da justiça”, mas em outro eu era o defensor. Consolava-me o pensamento de que, na cabeça desse homem inteligente, havia duas linhas igualmente fortes e contraditórias, e meus temores a respeito de um novo ataque se desfizeram. Ao ser reiniciada a conversa, não consegui decifrar o sorriso do dr. Winchester. Contudo, esse sorriso foi significativo quando falou:

— Duas linhas de ação: fatos e fantasia. A primeira compreende a coisa toda: agressão, tentativa de roubo e de assassinato, inconsciência, catalepsia planejada que foi provocada por hipnose criminal e sugestão do pensamento ou por simples envenenamento por um produto ainda

desconhecido na nossa toxicologia. A outra linha demonstra que existe uma influência que não se encontra em nenhum livro conhecido, apenas em romances. Nunca em toda a minha vida me deparei com o verdadeiro conteúdo das palavras de Hamlet: “Há mais coisas entre o céu e a terra do que julga nossa vã filosofia.”

E continuou:

— Vejamos então em primeiro lugar o “lado dos fatos”. Temos um homem em sua própria casa, entre seus empregados de diferentes classes sociais, o que exclui um complô organizado dos criados. Ele é rico, letrado, inteligente. Não há nenhuma dúvida de que suas feições demonstram ser uma pessoa de vontade férrea e de uma firme determinação. Sua filha, presumivelmente a única, é uma jovem inteligente, charmosa, dorme no quarto ao lado. Não tem motivo para se esperar que haja uma agressão ou distúrbio de qualquer espécie, nem oportunidade para que alguém de fora tente fazer alguma coisa. Contudo, tivemos uma agressão, brutal e cruel, no meio da noite. A descoberta é imediata e tão rápida que não parece acidente, mas, sim, intencional. Os atacantes ou atacante foram obviamente interrompidos no seu propósito, fosse ele qual fosse. Porém, em lugar algum existem sinais de fuga: nenhuma pista, nenhum distúrbio de qualquer tipo, nenhuma porta nem janelas abertas, nenhum ruído; nada para corroborar o fato de que houvera um crime, a não ser a vítima atingida e tudo o que com ela se relacionava. Na noite seguinte acontece um fato semelhante, ainda que a casa esteja cheia de gente vigilante e apesar de se encontrarem no quarto, e em suas redondezas há um detetive, uma enfermeira formada, um amigo consciencioso e a própria filha. A enfermeira é encontrada em rigidez cataléptica e o amigo vigilante, protegido por uma máscara, dorme profundamente. Até o detetive é dominado por uma espécie de torpor, de modo que dá tiros no quarto e não consegue nem sequer dizer em quê. Sua máscara, sr. Ross, é a única “coisa real” com a qual se pode contar. O fato de o senhor não ter perdido a cabeça como os outros prova que havia uma ação diretamente proporcional ao tempo de permanência no recinto, donde se pode concluir, com toda a probabilidade, que esse meio de insensibilização não é de natureza hipnótica, mas de um tipo de narcótico. Temos, porém, que nos defrontar com um fato contraditório. A srta. Trelawny, que permaneceu por mais tempo no quarto do que os outros, parecia não ter sido nem um pouco afetada. Isso poderia significar que a influência, seja ela qual for, não age de

maneira idêntica em todos, a não ser que ela de alguma forma estivesse protegida. Se pudermos provar que foi a emanação de uma dessas preciosidades, o assunto estará esclarecido. Porém, nós nos defrontamos com o fato de que o sr. Trelawny, que ficava a maior parte do tempo no quarto, lá tendo passado boa parte da vida, foi o mais atingido. Que influência seria essa que poderia agir de uma forma tão diferente e contraditória? Não, quanto mais penso nesse dilema, mais confuso vou ficando. Se o ataque ao sr. Trelawny tivesse sido cometido por alguém da casa de quem até agora não se suspeita, ainda assim as diversas insensibilizações continuariam uma charada. E não é nada simples provocar uma catalepsia em alguém. Tanto quanto sabe a ciência, não é possível conseguir voluntariamente tal coisa. O ponto que ressalta nisso tudo é a srta. Trelawny, que não está sujeita a uma ou mais influências. Até de um pequeno quase desmaio ela saiu ilesa. Muito estranho.

Ouvi tudo desanimado, porque, apesar de seu comportamento não deixar transparecer nenhuma desconfiança, seus argumentos eram bastante inquietantes. Conquanto não fosse tão franca como a suspeita do detetive, parecia que a srta. Trelawny desempenhava um estranho papel no grupo dos atingidos pela suspeita. E se no meio de um mistério alguém se mantém enigmático, a suspeita recai sobre ele. Achei melhor não dizer nada. Em casos iguais a esse, o silêncio pode ser de ouro. E se eu nada dissesse agora, teria menos o que defender mais tarde, menos a esclarecer ou a retirar. Fiquei, portanto, muito satisfeito que o que fora dito não exigia uma resposta da minha parte, pelo menos não no presente momento. Parecia que o dr. Winchester também não esperava por uma réplica, fato que me encheu de satisfação sem que eu soubesse bem por quê. O médico permaneceu com o queixo apoiado nas mãos, silencioso, olhando fixamente para o vácuo. O charuto pendia apagado entre seus dedos. Ao continuar a conversa, partindo do ponto em que se interrompera, falou:

— O outro lado do dilema é algo bem diferente. E, quando se entra nesse terreno, temos que deixar para trás tudo o que se refira à ciência e à real experiência. Devo dizer que isso me fascina, ainda que toda vez que me surpreendia a imaginar novos e românticos pensamentos, eu me obrigava a encarar os fatos de frente. Por vezes me pergunto se a influência ou a emanação proveniente do quarto do doente não me atacou como aos outros, por exemplo, o detetive. Naturalmente pode se dar o caso de que a ação aumente gradativamente, se se tratar de algo químico, uma droga, digamos,

sob a forma de gás. Mas o que tal ação poderia provocar? Sim, eu sei, o quarto cheira a múmia. Não é de espantar, havendo tantas relíquias tumulares, sem falar na múmia de animal que Silvio atacou. Consegui uma múmia de gato que me será entregue. Amanhã tirarei a prova, então poderemos verificar se o instinto da raça animal pode sobreviver a milhares de anos no túmulo. Bom, voltemos agora ao caso presente. Esses odores de múmia são provenientes de substâncias cujas combinações os sacerdotes egípcios, os sábios e os cientistas de seu tempo encontraram por meio de pesquisas seculares. Eles descobriram que as forças naturais da decomposição podiam ser freadas, e para alcançar esse objetivo é preciso que uma força poderosa esteja em ação. É bem possível que ela esteja aqui presente, como uma substância rara, cujas qualidade e força nós, nos tempos atuais e bem mais prosaicos, não podemos apreender. Eu gostaria de saber se o sr. Trelawny tinha um conhecimento mais profundo a respeito ou se suspeitava de algo. De qualquer modo, não se consegue imaginar uma atmosfera mais maligna para um quarto de doente, e devo admirar a coragem do sr. Frere, que, sob essas condições, não quer saber de se envolver no caso. É evidente que as instruções bem definidas do sr. Trelawny para a filha e os cuidados que teve em protegê-las por intermédio de um advogado, como o senhor me disse, deixam entrever que ele deveria desconfiar de algo. Sim, até parece que ele esperava que alguma coisa desse gênero fosse acontecer. E se fosse possível saber alguma coisa a respeito? Pode-se dar uma busca em seus papéis. É uma tarefa um pouco difícil, mas precisamos arriscar, porque seu estado atual não deve ser eterno. Se por acaso acontecer algo, haverá uma pesquisa judicial. Nesse caso, uma revisão meticulosa não respeitaria nada. Como está parecendo agora, a evidência da polícia demonstraria uma tentativa múltipla de assassinato. E, como não há pistas, talvez seja necessário procurar um motivo, em vez de pistas.

Calou-se. Suas últimas palavras foram pronunciadas em voz cada vez mais baixa e soavam desesperançadas. Avolumava-se em mim a convicção de que havia chegado o momento de descobrir se ele tinha determinada suspeita. Como que forçado, perguntei:

— O senhor desconfia de alguém?

Deu-me a impressão de estar mais assustado do que propriamente espantado ao olhar para mim e falar:

— Alguém? O senhor quer dizer algo. Estou certo de que existe determinada influência. No momento minha desconfiança se resume a isso. Mais tarde, quando minhas conjecturas e reflexões me levarem a uma conclusão definitiva, minha suspeita se concretizará. No momento, entretanto...

Parou de súbito e ficou a observar a porta. Ouviu-se um ligeiro ruído ao ser virado o trinco. Senti como se meu coração fosse parar de bater. Tive um pressentimento. A interrupção matinal, quando da minha conversa com o detetive, me veio à mente.

A porta se abriu. A srta. Trelawny entrou.

Ao perceber nossa presença, quis se retirar de imediato, ao mesmo tempo que enrubescia fortemente. Durante alguns segundos ficou parada, e esses poucos segundos pareceram se multiplicar em progressão geométrica. Minha tensão e a do dr. Winchester eram visíveis, diminuindo quando ela falou:

— Oh, queiram me desculpar, eu não sabia que estavam ocupados. Dr. Winchester, eu o estava procurando porque desejava lhe perguntar se posso ir para a cama despreocupada, agora que está aqui. Sinto-me tão cansada que tenho medo de ter um colapso. E hoje à noite, certamente, não poderei ser de utilidade.

A resposta do dr. Winchester veio do fundo do coração:

— Naturalmente. Fique tranquila e durma bem. Deus sabe que precisa do sono. Estou satisfeito por ter sido a senhorita mesma quem fez a sugestão, pois, quando a vi hoje à noite, cheguei a pensar que seria minha próxima paciente.

Ela deu um suspiro de alívio e sua expressão cansada mostrou-se um pouco mais animada. Jamais esquecerei o olhar profundo e sério de seus grandes e extremamente belos olhos negros ao me dizer:

— O senhor irá ficar de vigia no quarto de meu pai esta noite, não? Juntamente com o dr. Winchester. Estou tão preocupada que a cada segundo mais se avolumam meus medos. Mas me sinto tão exausta que, se não conseguir dormir o suficiente, receio ficar louca. Hoje me transferi para outro quarto. Se eu permanecer nas proximidades do aposento de meu pai, qualquer ruído seria aumentado, tornando-se uma nova ameaça. Os senhores me acordarão certamente, caso haja necessidade. Dormirei na pequena suíte em frente ao vestíbulo que vai dar no quarto de vestir. Quando vim morar aqui com meu pai, foram os aposentos que ocupei logo

de início. Lá encontrarei mais sossego, talvez até o esquecimento durante algumas horas. Amanhã já deverei estar bem. Boa noite.

Logo que fechei a porta à saída da srta. Trelawny e voltei à mesinha junto à qual estivéramos sentados, o dr. Winchester falou:

— A pobre pequena está no fim de suas forças. Fico satisfeito por ela poder descansar um pouco. O sono vai reanimá-la e amanhã tudo estará em ordem. Seus nervos estão à flor da pele. Chegou a notar sua agitação e como enrubesceu ao entrar e nos surpreender na conversa?

Era um incidente bastante banal, e em sua própria casa e com seus próprios hóspedes ela não teria agido dessa maneira, se a situação fosse normal. Querendo defendê-la, eu ia lhe explicar que sua entrada havia sido uma repetição do que ocorrera mais cedo, quando ela me encontrou conversando com o detetive. Mas lembrei a tempo que nosso colóquio fora confidencial e que apenas a menção do fato seria uma quebra de confiança. Então deixei a ideia de lado.

Levantamo-nos com a intenção de nos dirigir ao quarto do doente. Mas no caminho, através do corredor parcamente iluminado, não me saía da mente — e deveria seguir-me durante vários dias — o fato de que era esquisito que ela me tivesse interrompido por duas vezes na conversa, por se tratar do mesmo tema.

É provavelmente um estranho emaranhado de coincidências, no qual todos estamos enredados.

Capítulo 7

Aquela noite transcorreu calma. O dr. Winchester e eu, sabendo que a srta. Trelawny não estava a postos, redobramos a vigília. A enfermeira e a sra. Grant também ficaram de guarda, e os detetives faziam as visitas de 15 em 15 minutos. Durante a noite inteira o doente continuou em transe. Sua aparência era saudável e seu peito se levantava e abaixava como o de uma criança, com uma leve respiração. Mas continuava imóvel. Se não fosse por sua respiração, poderia ser de mármore. O dr. Winchester e eu colocamos nossas máscaras, que provaram ser muito irritantes nesta noite insuportavelmente quente. Entre a meia-noite e as três da madrugada voltou a sensação de medo e de pavor que já havia tomado conta de mim nas noites passadas, tornando-se um hábito. Mas a cor cinza do amanhecer, que penetrava pelas frestas das venezianas, trouxe um inexplicável alívio. Ao clarear, a aurora me encheu de esperanças, e pude respirar de novo mais livremente. O mesmo alívio seguido de calma tomou conta de todo o pessoal da casa. Durante a noite quente, meus ouvidos, ligados a todo e qualquer ruído, estavam extenuados. Era quase como se meu cérebro ou minha percepção sensorial estivesse em união com eles. A cada respiração da enfermeira, a cada farfalhar de vestido, a cada arrastar leve de chinelos quando o policial fazia a ronda, a cada instante que eu vigiava uma vida humana, tudo parecia me estimular em minha guarda. Alguma coisa dessa sensação deve ter se espalhado pela casa inteira. Ouvi passos lá em cima, indo de lá para cá, e mais de uma vez ouvi o abrir e fechar de uma janela lá embaixo.

Com a chegada do amanhecer, é bem verdade que tudo se acalmou e a casa toda parecia se refazer. O dr. Winchester foi para a casa dele quando a enfermeira Dóris rendeu a sra. Grant. No meu entender, ele estava um pouco irritado e decepcionado, porque nada de sobrenatural acontecera durante a longa noite de vigília.

Às oito horas a srta. Trelawny apareceu. Fiquei espantado e bastante contente por notar que a noite de sono lhe fizera bem. Mostrava-se radiante, como na época de nosso primeiro encontro e no piquenique. Em suas faces

já havia um vestígio de cor, ainda que, em contrapartida às sobrancelhas escuras e aos lábios vermelhos, parecessem ainda terrivelmente brancas. Suas forças restauradas faziam com que a ternura que nutria pelo pai doente fosse ainda maior do que antes. A emoção tomou conta de mim ao ver como ela, cheia de carinho, endireitava os travesseiros do pai e afastava o cabelo caído na testa.

Eu mesmo estava morto de cansaço depois da longa vigília. Como ela se dispunha a tomar conta do doente, fui para a cama, piscando, cansado, na clara luz do dia, sentindo os efeitos da noite sem sono em todo o corpo.

Dormi profundamente. Depois do almoço, veio-me a vontade de ir para minha casa em Jermyn Street e, antes de sair, minha atenção foi voltada para uma pessoa que, com grande insistência, batia na porta. O serviçal que atendeu ao chamado, de nome Morris, trabalhara antes como auxiliar temporário. Mas desde a saída dos empregados havia sido provisoriamente promovido a mordomo. O estranho falava em voz tão alta que sem dificuldade pude ouvir o que dizia. O mordomo, sem perder a atitude respeitosa, colocou-se em frente à grande porta dupla de tal maneira que impedia a entrada do outro. As primeiras palavras que ouvi do visitante explicaram suficientemente a situação:

— O senhor até que pode estar com a razão, mas preciso falar com o sr. Trelawny. Que me adianta o senhor dizer que não posso, se lhe digo que preciso? O senhor quer apenas me engambelar. Às nove da manhã já estive aqui. Nessa hora me disseram que ele ainda não havia se levantado e que não podia ser perturbado, uma vez que não se sentia bem. Depois voltei ao meio-dia, e tornaram a me dizer a mesma coisa, isto é, que ainda estava deitado. Pedi para falar com um membro da família. Mas a srta. Trelawny também não se levantara ainda, segundo me disseram. E agora que já são três da tarde, estou aqui outra vez, e parece que ele ainda não se levantou e continua dormindo. Onde está a srta. Trelawny?

— Ela está ocupada e não deve ser perturbada.

— Mas ela tem que ser perturbada. Ou qualquer outra pessoa. Encontro-me numa situação muito especial que está diretamente relacionada ao sr. Trelawny e venho de um lugar onde os criados sempre começam a frase dizendo “não”. Desta vez, porém, não me contento com não. Já aguentei tal coisa durante três anos, esperei em frente a portas e barracas e demorei mais para entrar ali do que em túmulos. E os homens que lá se encontravam tinham tal aspecto que mais pareciam múmias.

Agora chega! Quando volto para casa, encontro bloqueada a porta do homem para quem trabalho, da mesma forma e com as mesmas velhas palavras. Não, não vou deixar que me venham com evasivas. Será que o sr. Trelawny deu ordens que não queria me receber quando eu viesse? — Fez uma pausa e, nervoso, passou a mão pela testa.

O criado falou com o maior respeito:

— Sinto muito, senhor, se o aborreci, mas cumpro apenas minha obrigação. Tenho minhas instruções e devo executá-las à risca. Se quiser deixar um recado, com prazer o transmitirei à srta. Trelawny. E se quiser deixar seu endereço, ela poderá entrar em contato, se assim o quiser.

A resposta foi tal que logo se viu tratar-se de uma pessoa justa e de bom coração:

— Meu caro, nada tenho pessoalmente contra o senhor e sinto ter ferido seus sentimentos. Não devo ser injusto mesmo na raiva. Mas, quando se está na situação em que me encontro, isso é motivo suficiente para ficar zangado. O tempo urge. Não devemos perder um único instante, sim, um único segundo, e estou há seis horas andando de lá para cá, sabendo muito bem que seu patrão ficará cem vezes mais raivoso do que eu quando vier a saber quanto tempo foi perdido. Garanto que teria preferido ser acordado de um sono profundo em vez de me deixar esperando aqui, antes que seja tarde demais. Meu Deus, é realmente horrível ter que enfrentar tal situação depois de tudo por que tive de passar. Todo o meu trabalho para nada, e ainda ter a entrada barrada por um lacaio idiota! Será que não há ninguém de juízo nesta casa ou pelo menos alguém com autoridade mesmo que sem bom senso? Eu conseguiria persuadi-lo prontamente de que seu patrão tem que ser acordado, mesmo que esteja dormindo os sete sonos.

Não se podia duvidar da sinceridade do homem, nem da urgência, nem da importância de seu assunto, pelo menos do seu ponto de vista. Resolvi me aproximar.

— Morris — disse eu —, por favor, diga à srta. Trelawny que este senhor deseja falar-lhe com urgência. Se estiver ocupada, a sra. Grant deverá tomar o recado.

— Pois não, senhor — respondeu ele, aliviado e saindo imediatamente.

Fiz o estranho entrar no pequeno quarto de vestir, junto ao vestíbulo. Enquanto íamos andando, ele me perguntou:

— O senhor é o secretário?

— Não, sou um amigo da srta. Trelawny. Meu nome é Ross.

— Muito obrigado, sr. Ross, pela sua gentileza — respondeu ele. — Eu me chamo Corbeck. De bom grado lhe daria meu cartão, mas de onde venho não se precisa de cartões. E se eu tivesse algum comigo, provavelmente eu o teria perdido na noite passada...

Parou abruptamente, como se já tivesse falado demais. Ambos ficamos em silêncio, e pude examiná-lo com detalhes durante a espera. Corbeck era um homem forte e de baixa estatura, moreno como um grão de café, provavelmente com tendência a engordar, mas no momento bastante magro. O rosto e o pescoço sulcados denotavam apenas o passar dos anos e o desgaste, mas eram sinais de que as gorduras desapareceram, transformando-se em pelancas. O pescoço era uma confusão de dobras e rugas, queimado pelo sol do deserto. O oeste distante, os trópicos, o deserto — tudo havia deixado marcas doloridas. No entanto, todas eram diferentes. Depois que aprendeu a diferençá-las, sempre as reconheceria.

A palidez lúgubre, o profundo marrom-avermelhado e, finalmente, a entranhada tonalidade moreno-escura que não clareia nunca mais. O sr. Corbeck tinha um crânio grande e maciço, cabelo emaranhado de uma coloração castanha que, na parte lateral, penteava para trás. Era dono de uma bela fronte, larga e alta, e de um seio frontal bem demarcado, para serem usados termos do estudo da fisionomia. O feitio angular do rosto denotava bom senso, e toda a parte em redor dos olhos indicava facilidade para línguas. O nariz era curto e largo, das pessoas cheias de energia, e mesmo sob uma espessa e emaranhada barba ressaltava um queixo anguloso e o sólido maxilar dos seres com poder de decisão.

“Nada mau para o deserto”, pensei.

A srta. Trelawny apareceu imediatamente. O sr. Corbeck demonstrou ter ficado espantado com sua aparência, porém a raiva e a irritação ainda não haviam desaparecido, de modo que um sentimento tão banal e secundário como o espanto não era coisa de grande monta. De qualquer maneira, não tirou os olhos de cima dela durante a conversa. Resolvi que na primeira oportunidade descobriria o motivo de sua surpresa. Ela, contudo, começou a falar, desculpando-se, a fim de apaziguar-lhe os sentimentos.

— É óbvio que não deveriam tê-lo feito esperar, mesmo que meu pai não tivesse condições de recebê-lo. Ainda assim, se eu mesma não tivesse estado cuidando de meu pai quando o senhor aqui esteve pela primeira vez, eu o teria recebido sem demora. Diga, por favor: o que há de tão relevante e urgente?

Ele hesitou, olhando na minha direção. Mas ela falou imediatamente:

— O senhor pode falar com toda a liberdade diante do sr. Ross. Deposito nele toda a minha confiança e está a meu lado nesta hora difícil. É provável que o senhor não saiba como é grave o estado do meu pai. Há três dias que não dá acordo de si nem demonstra sinais de que vá recobrar os sentidos. Estou muito preocupada com ele. É uma pena que seja tão grande a minha falta de conhecimento no que se refere ao meu pai e à vida dele. Moro há apenas um ano nesta casa. Não tenho noção alguma no tocante a seus negócios. Nem mesmo sei quem é o senhor nem o que tem a ver com ele.

Isso ela falou com um pequeno sorriso convencional, porém doce, como se quisesse admitir sua ignorância da maneira mais natural possível. Ele a olhou fixamente.

Então começou a falar, resoluto, como se tivesse tomado confiança:

— Meu nome é Eugen Corbeck. Tenho diploma superior em direito e medicina, adquiridos em Oxford e Cambridge, e ainda doutorado em filologia, pela Universidade de Londres. Em Berlim fui promovido a doutor em filosofia, fiz doutorado em Paris em línguas orientais. Tenho ainda outros títulos acadêmicos, *honoris causa* e outros, mas não desejo importuná-la com esses detalhes. Pelo que eu já disse, a senhorita pode deduzir que tenho uma imensa quantidade de diplomas que me habilitam até a entrar num quarto de doente. Desde cedo, para felicidade de meus interesses e para minha satisfação, e contra meus interesses financeiros, tenho me dedicado à egiptologia. Devo ter sido mordido por um possante escaravelho, pois fui profundamente afetado pelo seu veneno. Então, eu me pus à caça de túmulos e tive êxito em poder manter meu sustento e aprender muita coisa que não se consegue em livros. Na época em que conheci seu pai, eu me encontrava em maré baixa. Ele próprio também andava à procura de descobertas. Desde então, devo dizer que não sei o que sejam desejos insatisfeitos. Ele é um verdadeiro benfeitor das artes. Não se pode imaginar egiptólogo mais obcecado nem melhor cliente.

Ele falou isso com muito sentimento. Percebi, satisfeito, que a srta. Trelawny havia corado ao ouvir o elogio feito a seu pai. Eu, porém, não pude deixar de reparar que, com suas palavras, o sr. Corbeck estava procurando ganhar tempo. É ainda provável que estivesse querendo sondar durante a conversa em que pé estava e até que ponto podia confiar nessas duas pessoas desconhecidas. Quando, mais tarde, pensei em suas palavras,

sua crescente confiança ficou caracterizada pela importância das informações que nos transmitira.

— Mais de uma vez empreendi expedições para seu pai no Egito, e sempre percebi como esse trabalho lhe era agradável. Inúmeros de seus tesouros, e posso lhes assegurar que ele possui peças muito raras, ele os conseguiu por intermédio de mim, seja pela minha própria descoberta, seja por compra ou por outra forma. É raro encontrar alguém com tais conhecimentos. Às vezes ele cisma em querer achar determinado objeto de cuja existência se certificara. Nesse caso, ele o persegue pelo mundo inteiro até que o obtenha. Estive até há pouco numa dessas caçadas.

De repente, calou-se, como se sua boca tivesse sido aferrolhada. Ficamos esperando. Finalmente, quando voltou ao assunto, fê-lo com uma cautela, nova para ele, para evitar desde o início que lhe fizesse perguntas.

— Não posso revelar nada a respeito da minha missão, meta, motivo, nada parecido. Isso deve permanecer entre mim e o sr. Trelawny. Sou obrigado a manter absoluto segredo.

Calou-se como se o assunto lhe fosse desagradável e, afinal, disse:

— A senhorita está certa de que seu pai não está em condições de me receber hoje?

Agora foi a vez dela de se mostrar surpresa. Essa expressão se desvaneceu logo. Levantou-se e falou com um tom repleto de graça e dignidade.

— Venha e veja por si mesmo.

Saiu, dirigindo-se para o quarto de seu pai. Ele a seguiu enquanto eu formava o final.

O sr. Corbeck entrou no aposento do doente, como se já lhe fosse familiar. Quando alguém entra num novo ambiente, nota-se logo pela sua postura e pelo seu comportamento, porém o homem olhou em volta como se conhecesse o quarto, antes mesmo que sua atenção se voltasse para o doente. Fiquei a observá-lo bem, porque tinha uma ligeira impressão de que ele pudesse talvez lançar alguma luz na obscura situação em que nos encontrávamos. Não existia, da minha parte, desconfiança alguma em relação a ele. Não, o homem era puro como cristal. Mas, justamente por esse motivo, devíamos temê-lo. Ele perseguia seu objetivo com uma sinceridade tão corajosa e tão firme que, se achasse que era sua obrigação guardar um segredo, jamais o revelaria. O caso presente era, falando com moderação, fora do comum e, por consequência, exigiria uma forma mais

branda de cumprimento do dever de guardar sigilo do que se fosse um caso normal. Para nós, o nada saber e a impotência se equivaliam. Se tivéssemos sorte em conseguir algo do passado, talvez nos fosse possível imaginar as circunstâncias anteriores à agressão. Haveria porventura preciosidades que deveríamos afastar. Mas meus pensamentos entraram num redemoinho. Chamei-me à razão e olhei firme para o sr. Corbeck. O rosto enrugado e queimado de sol demonstrava uma expressão de infinita simpatia ao se deparar com o amigo ali deitado e indefeso. A dureza da expressão do rosto do sr. Trelawny não suavizara no sono; no entanto, de qualquer modo, ressaltava sua impotência. Ver o rosto de uma pessoa fraca ou comum, nessas circunstâncias, não o teria sensibilizado. Contudo, esse homem enérgico e dominador deitado diante de nós, envolto num sono impenetrável, tinha algo de *pathos* em si, de uma grande ruína. O espetáculo não constituía nenhuma novidade para nós, todavia reparei que a srta. Trelawny, assim como eu, se emocionou novamente na presença de um estranho.

A fisionomia do sr. Corbeck não deixava transparecer nenhum sentimento em relação ao doente.

Em seu lugar apareceu uma expressão mais irada e dura, que prenunciava um grande castigo para quem houvesse provocado a queda desse homem poderoso. Por sua vez, essa expressão deu lugar a uma determinação. A energia vulcânica do homem laborava com um propósito determinado. Ele olhou para todos nós e, quando seu olhar caiu sobre a enfermeira Kennedy, suas sobrancelhas se levantaram imperceptivelmente. Ela o percebeu e, dirigindo um olhar interrogativo à srta. Trelawny, recebeu uma resposta afirmativa muda. Silenciosamente, a enfermeira se retirou, fechando a porta atrás de si.

O sr. Corbeck olhou para mim, movido por um impulso natural dos fortes, preferindo se dirigir com sua pergunta a um homem do que a uma mulher. Tendo em vista sua polidez, lançou um olhar à srta. Trelawny, antes de dizer:

— Conte-me como e quando começou.

A srta. Trelawny me fitou, suplicante, e lhe narrei tudo. Ele ficou parado, sem ação, o tempo inteiro enquanto eu relatava os fatos, e o rosto bronzeado parecia feito de aço. Quando finalmente mencionei a visita do sr. Marvin e a procuração, sua fisionomia clareou. Sentindo seu interesse, entrei em pormenores a respeito das exigências, e ele disse:

— Bom, agora pelo menos sei o que devo fazer.

Senti-me desencorajado. Essas palavras ditas no presente momento acabaram com a minha esperança de esclarecer o caso.

— O que isso quer dizer? — perguntei, sabendo muito bem que minha pergunta devia soar fracamente.

Sua resposta corroborou meus receios.

— Trelawny sabe o que faz. Em tudo o que realizava, tinha sempre um propósito, e não devemos impedir que se faça sua vontade. Está bem claro que esperava que algo fosse acontecer, por isso se resguardou em todos os sentidos.

— Nem em todos — lancei, impulsivamente. — Deve ter havido um ponto fraco, senão ele não estaria deitado, inerme.

A falta de entusiasmo de Corbeck me espantou. Eu esperava que minhas palavras de protesto fossem irritá-lo, mas elas o deixaram impassível. Sobre sua fisionomia morena pairou o vislumbre de um sorriso ao responder:

— Isso ainda não é o fim. As medidas preventivas tomadas não foram em vão. Sem dúvida ele também esperava por isso, ou pelo menos admitia a possibilidade de isso vir a acontecer.

— O senhor, então, sabe o que ele esperava?

A pergunta foi feita pela srta. Trelawny.

A resposta veio como um tiro:

— Não, não sei. Apenas posso presumir. — E se calou.

— Presumir o quê?

A agitação subentendida em sua pergunta estava próxima do desespero. Outra vez o rosto moreno endureceu. Entretanto, seu tom e seu comportamento, a sensibilidade e o tato, transpareceram em suas palavras quando retrucou:

— Creia-me, senhorita, farei todo o possível para lhe tirar o medo. No caso presente, persigo um dever mais elevado.

— Que dever?

— Silenciar. — E sua boca pronunciada se fechou.

Todos permanecemos por um minuto sem nada dizer. Pela intensidade de nossa reflexão, o silêncio exerceu um efeito positivo sobre nós. Os pequenos sons vitais dentro e fora da casa só agiam de maneira perturbadora. A srta. Trelawny seria a primeira a quebrar o silêncio. Eu

havia percebido em seus olhos que tivera uma ideia, um vislumbre de esperança. Mas, antes de começar a falar, ela se recompôs:

— Que assunto premente o senhor queria falar comigo depois que descobriu que meu pai não está em condições de recebê-lo?

A pequena pausa demonstrava que ela estava senhora de seus pensamentos. A súbita transformação que se operou no sr. Corbeck era quase ridícula. Ficou tão perplexo que a sua impassividade foi abalada. Parecia uma pantomima. Porém, qualquer ideia de comédia foi dissipada por uma seriedade trágica, logo que recordou seu próprio propósito.

— Meu Deus! — exclamou ele, dando com a mão um soco nas costas da poltrona onde se apoiara, num um gesto de tal violência que, por si mesmo, já teria chamado a atenção. — Esqueci por completo. Que prejuízo! E precisamente agora, no momento do sucesso. Ele aí deitado e minha língua presa... Não posso mexer uma palha, pois não conheço suas disposições.

— O que é? Oh, fale, senhor. Estou muito preocupada com meu querido pai. Haverá mais atribulações? Espero sinceramente que não. Já tenho tido tantas aflições e preocupações que não sei mais o que hei de fazer. E agora, ao ouvi-lo falar dessa maneira, fico novamente cheia de medo. Não pode me dizer alguma coisa para acabar de uma vez por todas com essa terrível agonia?

Ele endireitou toda a sua estatura baixa ao dizer:

— Então, sinto muito, não posso nem devo lhe dizer nada. É um segredo. — E apontou para a cama. — Eu é que vim lhe pedir conselho, sua assistência, sua ajuda. E ele ali, impotente... O tempo urge. Logo poderá ser tarde demais.

— Mas o que está havendo? — interrompeu-o a srta. Trelawny, num rompante, com o rosto crispado de dor. — Fale. Diga alguma coisa. Esse medo, esse horror, esse segredo, tudo isso está me matando.

O sr. Corbeck se conteve com esforço.

— Não devo revelar pormenores, mas sofri uma grande perda. Minha missão, que me manteve ocupado durante três anos, teve êxito. Descobri onde se achavam os objetos procurados e muito mais. Eu os trouxe para cá. Tesouros inestimáveis, mas que para ele valem o dobro, e me propus a procurá-los de acordo com seus desejos e suas instruções. Somente ontem à noite cheguei a Londres. E, ao acordar hoje pela manhã, a preciosa carga fora roubada de maneira misteriosa. Nenhum ser humano em toda a

Londres sabia de minha chegada. E ninguém, além de mim, sabia o que se encontrava em minha velha mala de mão que eu trazia comigo. Meu quarto tinha apenas uma porta, que eu havia trancado e aferrolhado. O aposento ficava no quinto andar, de modo que não teria sido possível alguém entrar pela janela. Além disso, eu a havia fechado bem com minhas próprias mãos, porque queria eliminar qualquer risco. Hoje de manhã, os ferrolhos da janela estavam intactos, mesmo assim minha mala estava vazia. As lamparinas haviam sumido. Droga! Agora o gato saiu do saco. Bom, viajei para o Egito à procura de lamparinas antigas. Depois de enorme trabalho e de passar por muitos perigos, felizmente ultrapassados, eu as encontrei e as trouxe com segurança para a minha pátria. E agora isso.

Ele se virou profundamente emocionado. O sentimento de perda quebrara sua natureza de aço.

A srta. Trelawny foi até ele e pôs a mão em seu braço. Presenciei a cena com espanto. A dor apaixonante que até há pouco tomara conta dela parecia ter sido substituída por uma nova força decisiva. A postura era ereta, os olhos faiscavam. Emanava energia de cada nervo e de cada fibra. Até sua voz era a expressão de uma força nervosa quando falava. Era evidente que a mulher dispunha de muita força e que essa força se mostrava sempre que exigida.

— Temos que agir sem demora. Os desejos de meu pai devem ser cumpridos à risca. Sr. Ross, o senhor é advogado. Há aqui em casa um homem que é um dos melhores detetives de Londres, então deve ser possível fazer algo. Queremos começar imediatamente.

O sr. Corbeck se deixou contagiar pelo seu ímpeto.

— Bem, a senhorita é realmente a filha de seu pai.

E não falou mais nada. Mas a admiração pela sua atividade se manifestou pela maneira como lhe segurou as mãos. Fui até a porta, pois queria chamar o sargento Daw, e, pelo olhar afirmativo de Margaret, compreendi que ela também entendera o que eu ia fazer.

O sr. Corbeck me chamou de volta.

— Mais um instante ainda antes de chamarmos um estranho — disse ele. — Por favor, lembre-se de que ele não deve ser inteirado do que o senhor acabou de saber aqui, isto é, que as lamparinas eram o objetivo de uma longa, difícil e perigosa busca. Ele deve apenas saber que algo de minha propriedade foi roubado. Uma dessas lamparinas, devo confessar, é de ouro. E receio que o ladrão, não conhecendo seu valor histórico, a

derreta a fim de evitar sua descoberta. Com prazer eu pagaria dez, vinte, cem ou mil vezes o seu valor, se soubesse que a lamparina será destruída. Ao sargento eu diria apenas o essencial. Deixe-me, portanto, responder a todas as perguntas que ele fizer. A não ser que eu lhes pergunte ou lhes ceda a vez para que deem a resposta.

Ambos assentimos com uma inclinação de cabeça. Nessa hora algo me veio à lembrança.

— Se a manutenção do segredo é tão importante assim, talvez fosse melhor engajá-lo como detetive particular. Porque se a Scotland Yard tiver conhecimento do caso, tudo estará fora de nosso alcance e dificilmente o segredo poderá ser mantido. Vejamos em primeiro lugar qual será a reação do sargento Daw. Se eu não disser nada, significa que ele aceitará o encargo e cuidará do assunto de modo confidencial.

O sr. Corbeck falou sem hesitação:

— Manter segredo é tudo. De outra forma, receio que as lamparinas sejam imediatamente destruídas.

Para meu enorme espanto, a srta. Trelawny falou, resoluta e em voz baixa:

— Elas não serão destruídas. Nenhuma delas.

O sr. Corbeck sorriu.

— Como pode ter certeza disso?

A resposta da jovem foi ainda mais incompreensível.

— Não sei como sei, mas sei. Pressinto, como se fosse uma convicção que me acompanha há muito em minha vida.

Capítulo 8

AS LAMPARINAS SÃO ENCONTRADAS

No princípio, o sargento Daw fez objeções, mas resolveu nos aconselhar particularmente sobre o assunto que lhe seria exposto. Acrescentou, porém, que estaria à nossa disposição apenas para aconselhamento. Caso houvesse necessidade de uma participação mais ativa, precisaria consultar primeiro seus superiores.

Neste momento eu o deixei sozinho no escritório e fui buscar a srta. Trelawny e o sr. Corbeck. Antes de sairmos do quarto do doente, a enfermeira Kennedy retomou seu lugar ao lado da cama. A maneira cuidadosa, prudente e precisa com que o viajante expôs seu caso me encheu de admiração. Parecia nada ocultar, e, no entanto, a descrição dos objetos perdidos foi tão nítida que não o comprometeu. Nada omitiu a respeito da charada existente no caso, porém deu a entender que se tratava de um simples roubo de hotel. Se alguém soubesse como eu ser esse seu objetivo primordial, isto é, tentar recobrar os objetos antes de ser descoberta sua proveniência, esse alguém reconheceria o dom intelectual que se escondia por trás dele quando foram feitas as referências objetivas de modo a não se trair.

Deveras, pensei comigo mesmo, esse homem aprendeu muito bem a lição que recebeu nos bazares do oriente. E graças à sua inteligência ocidental superou seus mestres. Apresentou suas ideias ao detetive, que, após pensar um pouco, falou:

— Cadinho ou balança, eis a questão.

— O que isso quer dizer? — perguntou o outro, atento.

— É jargão dos ladrões de Birmingham. Pensei que todos conhecessem nos dias de hoje, porque se fala muita gíria. Antigamente os ourives que trabalhavam com ouro e prata comprovavam os metais preciosos que lhes eram oferecidos e o preço do metal dependia de o objeto ser fundido. Nesse caso, era o comprador quem estipulava o preço e o cadinho permanecia pendurado sobre o fogo. Se o objeto conservasse a forma, era posto na balança e pago o preço padrão de sucata. Na época atual não encontramos nada muito diferente. Quando procuramos relógios

roubados, muitas vezes somente se salvam os mecanismos, mas é impossível separar rosetas e molas numa grande pilha. Pelo contrário, é raro encontrarmos as caixas dos relógios. No presente caso, tudo depende se o ladrão é um homem bom, isto é, se conhece seu ofício. Um meliante de classe sabe com certeza se um objeto tem valor ou se é apenas sucata. Se assim for, ele o dará para alguém que mais tarde possa dar um golpe, na América ou talvez na França. De resto, acreditam que, além dos senhores, alguém mais reconheceria as lamparinas?

— Ninguém.

— Existem outras iguais a essa?

— Não que seja do meu conhecimento, ainda que possa haver algumas bastante parecidas.

O detetive fez uma pausa antes de retomar as perguntas.

— Uma pessoa instruída, alguém no Museu Britânico, por exemplo, um comerciante ou um colecionador como o sr. Trelawny, poderia reconhecer o valor artístico das lamparinas? — Com toda a certeza. Qualquer um que tenha olhos na cabeça poderá imediatamente ver que se trata de preciosidades.

A fisionomia do detetive se iluminou.

— Então existe uma chance. Se sua porta estava fechada e a janela, aferrolhada, as coisas não teriam sido acidentalmente roubadas por uma camareira ou um criado. Como aconteceu, foi premeditado, e a pessoa não vai se separar do produto do roubo sem exigir um resgate. É preciso, pois, confiar nos donos das lojas de penhor.

— Concordo. Não seria bom dar conhecimento do fato à Scotland Yard. Nossa chance está em manter segredo.

Após ligeira pausa, o sr. Corbeck falou em voz baixa:

— Presumo que não tenha noção alguma de como se deu o roubo, certo?

O policial sorriu, e no seu sorriso havia sabedoria e experiência.

— Sem dúvida, de modo bastante fácil, senhor. Todos esses roubos misteriosos são de uma enorme simplicidade. O ladrão conhece sua profissão com todos os truques e está sempre atento a todas as possibilidades. Além disso, sabe por experiência própria como aproveitar as possibilidades e como elas geralmente acontecem. O oponente, ao contrário, conta apenas com a prudência. Não se pode saber todos os truques e armadilhas. Um pequeno descuido é suficiente para a armadilha

disparar. Quando viermos a saber de tudo sobre o caso, os senhores se espantarão por não terem percebido logo o método empregado.

O sr. Corbeck pareceu um pouco irritado com tais palavras. Ao responder, fê-lo com exasperação:

— Veja, caro amigo, neste caso nada há de simples, a não ser o fato de que as coisas sumiram. A janela fechada e a chaminé tapada. O quarto só tem uma porta, que está fechada e aferrolhada. Não existe claraboia. Não me venha com roubo de hotel através de claraboias. Não saí do quarto à noite. Antes de me deitar, verifiquei as coisas outra vez e, assim que acordei, fiz imediatamente o mesmo. Se quiser construir um simples roubo sobre esses fatos, o senhor deve ser um homem muito esperto. Nada mais direi. De qualquer modo, esperto o suficiente para pôr-se ao trabalho e trazer de volta as minhas coisas.

A srta. Trelawny o acalmou, colocando a mão em seu braço, e falou num tom de voz baixo:

— Não se preocupe sem necessidade. Estou certa de que as coisas vão aparecer.

O sargento Daw se virou tão de súbito para ela que logo me veio à lembrança sua suspeita expressa anteriormente.

— Tenho que lhe perguntar sobre que fundamentos se apoia sua opinião — disse ele.

Eu temia a resposta, porquanto a pergunta seria feita diante de outros que já haviam emitido sua suspeita. Suas palavras foram um novo choque doloroso para mim.

— Não posso lhe dizer como sei, mas estou absolutamente certa disso.

O detetive a fitou enquanto ela se calava e, depois, me lançou um olhar furtivo.

A seguir conversou com o sr. Corbeck sobre particularidades referentes ao seu próprio comportamento, ao hotel, ao quarto e ao meio de identificação dos objetos.

Então, despediu-se, a fim de iniciar as buscas, depois que o sr. Corbeck o convenceu da necessidade de guardar segredo, para que o ladrão nada farejasse e viesse porventura a destruir a lamparina.

Antes da saída do sr. Corbeck, que tencionava executar diversas questões particulares, ele concordou em voltar ao anoitecer para ficar na casa. Durante o dia inteiro, a srta. Trelawny esteve mais bem-humorada e parecia mais saudável e forte do que antes, apesar do novo choque com a

notícia do roubo e do fato de saber que isso traria um grande aborrecimento para seu pai.

Passamos a maior parte do dia classificando a coleção de raridades do sr. Trelawny. Pelo que eu ouvira do sr. Corbeck, tive aos poucos uma noção de quanto fora empreendido no campo da egiptologia. E, sob essa luz, tudo à minha volta ganhou novo interesse, que ia sempre aumentando. Cada dúvida secreta que eu pudesse ter abrigado se transformou em admiração e espanto. A casa inteira representava uma coleção da milagrosa arte egípcia. Além de grandes e pequenas preciosidades no quarto do sr. Trelawny — a começar pelos enormes sarcófagos e chegando até os escaravelhos de todos os tipos encontrados nos armários —, o grande vestíbulo, os patamares, o escritório e até o salão estavam repletos de peças antigas que encheriam de água a boca de um colecionador.

A srta. Trelawny me acompanhou e se sentia possuída por um interesse crescente. Depois de examinarmos os armários cheios de amuletos primorosos, disse-me, muito inocente:

— O senhor não vai acreditar, mas há tempos que não olho para estes objetos. Desde a doença de meu pai, tenho-lhes dedicado um pouco mais de interesse. Mas agora eles se tornaram muito importantes e com outro dimensionamento, e estou ficando empolgada. Hum, talvez esteja visível minha paixão herdada pelas coleções. Se assim for, é bastante estranho que até agora eu não a tenha sentido. É evidente que conheço os objetos grandes e que de vez em quando eu os apreciava, mas sempre tomava tudo com naturalidade, como se o tempo todo tivessem estado aí. O mesmo acontece com as fotos de família vistas na maioria das vezes como coisa banal. Como seria bom se pudéssemos contemplar estes objetos juntos!

Foi para mim uma alegria sem par ouvi-la falar assim, e sua última sugestão me encantou. Passeamos assim, juntos, pelos numerosos aposentos e corredores, e inspecionamos e admiramos as preciosidades que lá havia. Via-se em exposição tamanha quantidade dos mais diferentes objetos que pudemos apenas olhar rapidamente. Enquanto fazíamos a ronda, conversávamos, combinando rever melhor a série, diariamente. No vestíbulo, encontrava-se uma enorme moldura de aço, decorada com floreios, que seu pai havia utilizado para levantar as pesadas tampas dos sarcófagos de pedra, como me explicou Margaret. O objeto era bastante leve e podia ser movimentado com facilidade. Com sua ajuda, suspendemos as tampas e vimos uma série infinita de imagens hieroglíficas, talhadas na

parte interna. Apesar de sua reconhecida ignorância, Margaret sabia bastante sobre o assunto. Nesse ano que passara com o pai, sem se dar conta do fato, ela absorvera aulas diárias, hora a hora. Era uma moça espantosamente inteligente e sagaz, com uma mente excepcional, de modo que seu conhecimento científico, que, passo a passo, fora adquirindo involuntariamente, cresceu a um nível tal que muitos estudiosos poderiam invejá-la.

No entanto, tudo era tão ingênuo e inconsciente, tão virginal e despretensioso! Ela era tão autêntica em suas opiniões e ideias, e, além disso, tão franca que, na sua companhia, esqueci-me durante algum tempo de todas as preocupações e mistérios que impregnavam a casa e me senti transportado novamente para os tempos de criança!

Os sarcófagos mais interessantes eram, sem dúvida, os três no quarto do sr. Trelawny. Dois deles eram feitos de pedra escura, um de porfírio e o outro de um metal ferroso, sendo que dois deles eram entalhados com hieróglifos. O terceiro, contudo, era completamente diverso. Fora preparado com uma substância marrom-amarelada, da cor do ônix americano, e apenas o veio natural era menos realçado. Extraordinariamente, determinados lugares eram quase transparentes, pelo menos transluziam. Todo o recipiente e toda a tampa eram completamente recobertos por centenas, milhares de minúsculos hieróglifos. As costas, a frente, os lados, os cantos, o chão, tudo estava repleto de delicados símbolos, cuja coloração azul-escura se destacava com nitidez do amarelo da pedra. O sarcófago era muito comprido, com quase 2,70 metros de comprimento, e cerca de 95 centímetros de largura. As partes laterais eram curvas, sem nenhuma linha cortante. Até os cantos eram tão arredondados que se tornavam agradáveis à vista.

— Então, realmente — disse eu —, isso deve ter sido feito para um verdadeiro gigante.

— Ou para uma giganta — retrucou Margaret.

O sarcófago ficava perto de uma das janelas. Diferenciava-se sob um aspecto dos demais sarcófagos existentes na casa. Todos os outros, feitos do material que fosse — granito, porfírio, ferro, basalto, ardósia ou madeira —, tinham feitio bastante simples no interior. Em lugar algum viam-se irregularidades ou sinuosidades. Podia-se ter a ideia de serem banheiras. Sim, lembravam, sob certo ponto de vista, as banheiras romanas de pedra ou de mármore que eu vira. No interior de tal sarcófago havia, entretanto,

uma elevação, que tinha os contornos de uma forma humana. Perguntei a Margaret o que era aquilo e ela me respondeu:

— Meu pai jamais quis falar sobre esse sarcófago. Desde o início eu me interessara por ele, mas quando lhe indaguei a respeito, ele disse: “Um dia lhe contarei tudo a respeito, menina, se eu chegar a viver até lá. Mas, agora, não. Esta história, que eu gostaria de lhe narrar, nunca foi contada. Um dia, talvez em breve, eu venha a saber de tudo, e então a ouviremos juntos. Você verá que é uma história extremamente interessante, do começo ao fim. E uma vez eu disse de modo irrefletido, infelizmente tenho que admitir: “Pai, a história deste sarcófago já foi contada?” Ele sacudiu a cabeça e olhou sério para mim ao dizer: “Ainda não, minha menina. Mas ela o será um dia, se eu chegar a viver até lá. Se eu chegar a viver até lá!” Essa frase constantemente repetida me meteu medo. Nunca mais tive coragem de lhe fazer essa pergunta.

Fiquei todo agitado e não conseguia dizer nem como nem por quê. Mas, finalmente, deu-me um estalo. A meu ver, existem momentos em que a consciência aceita algo como real, não obstante ela própria não possa ser responsabilizada pelo rumo dos pensamentos nem pela maneira como se interligam. Até agora tateávamos no escuro com relação ao sr. Trelawny e a tudo o que acontecera de misterioso com ele e à sua volta, de modo que o mínimo detalhe era aceito como uma prova satisfatória e esclarecedora. E aqui tínhamos dois raios de luz que iluminavam nossa charada.

Em primeiro lugar, que o sr. Trelawny temia por sua vida em relação a essa peça. Em segundo, justamente essa mesma peça lhe dava certas esperanças, que, enquanto não fossem realizadas, ele não podia confiar nem à filha. De novo, importunava-nos o fato de que o interior desse sarcófago era diferente do dos outros. O que significariam essas marcas salientes e estranhas? Eu nada disse à srta. Trelawny, pois não desejava lhe meter medo nem lhe dar esperanças ilusórias. Pelo contrário, tomei a resolução de investigar mais a fundo na primeira oportunidade que se apresentasse.

Na vizinhança imediata do sarcófago havia uma mesa de pedra verde, com veios vermelhos, como se fosse hematita. Os pés imitavam patas de chacal, e em cada perna se enroscava uma cobra lindamente trabalhada em ouro, com as mandíbulas abertas. Em cima da mesa havia um estranho e lindo objeto, cofre ou caixa, lavrado em pedra e de um feitio especial. Parecia um pequeno caixão, só que as partes laterais, mais compridas, se juntavam, enquanto a parte superior fora cortada na horizontal. Era um

recipiente irregular, de sete lados, com dois planos de cada, uma extremidade aguda e um lado superior e um inferior. A pedra entalhada, de que era feito o caixão, era completamente desconhecida para mim. Embaixo, na base, a cor era de um verde-escuro, no tom da esmeralda, naturalmente sem o brilho. No entanto, não era opaco, seja pela cor, seja pela substância. O material era incrivelmente duro, mas de estrutura delicada. O plano superior se assemelhava a uma pedra preciosa, sendo a tonalidade para cima mais intensa, em matizes imperceptíveis, até alcançar a sutil cor amarela da porcelana Mandarim. Presumi que se tratasse da matriz ou da ganga de uma pedra preciosa, e até em uns poucos lugares mostrava hieróglifos coloridos cinzelados, com saliências semelhantes aos do sarcófago. O comprimento era de aproximadamente 73 centímetros, com metade disso de largura e pouco menos de 33 centímetros de altura. Os lugares vazios eram irregulares, espalhados na extremidade superior, e iam até a ponta. Esses lugares eram menos opacos do que todo o resto. Tentei suspender a tampa a fim de verificar se era transparente, mas não consegui. O encaixe era tão perfeito que toda a arca parecia feita de um pedaço inteiriço de pedra, escavada internamente de maneira misteriosa. Nos lados e nos cantos vi saliências feitas com determinada intenção, habilidosamente entalhadas e, como a peça inteira, adornadas com artísticas figuras hieroglíficas.

Do outro lado do grande sarcófago encontrava-se outra mesinha de alabastro, decorada com formatos simbólicos de deuses e signos. Em cima dela havia um recipiente de cristal de rocha cubiforme, de um esqueleto preso por faixas de ouro avermelhado. O tom era de um verde-azulado, semelhante ao das figuras do sarcófago e da arca. Mas esse objeto parecia bem moderno.

Se o recipiente era de data recente, seu conteúdo não era. Lá, sobre uma almofada com textura do ouro, macia como seda, macia como eu nunca tinha visto, estava depositada uma mão mumificada tão perfeita que chegava a assustar. Mão de mulher, longa e fina, com delicados e sensíveis dedos — quase tão imaculada quanto há milhares de anos, ao ser embalsamada. A mão, durante o processo de embalsamamento, não perdera nada de sua bela forma. Até a junta parecia flexível, suavemente curva em cima da almofada. O tom da pele era creme ou da cor de marfim antigo. Uma pele clara e sombreada, que fazia pensar em calor, um calor filtrado pelas sombras. Mas a grande singularidade dessa mão residia no fato de ter

sete dedos, entre os quais dois médios e dois indicadores. A parte superior da articulação era denteada, como se tivesse sido fraturada. Nesse lugar eram visíveis umas manchas de um marrom-avermelhado. Ao lado da mão, sobre a almofada, via-se um pequeno escaravelho artisticamente trabalhado em esmeralda.

— Este é também um dos mistérios do meu pai. Quando lhe perguntei a respeito, respondeu-me que era provavelmente a segunda peça mais valiosa que possuía. Quando lhe indaguei qual era a primeira, ele não quis me dizer e me proibiu estritamente de lhe fazer perguntas a respeito. “Na verdade, vou lhe contar tudo em breve”, falou ele, “se eu chegar a viver até lá.”

Sempre a mesma frase. Estes três objetos pertencentes a um grupo — sarcófago, arca e mão — parecem formar a trilogia do mistério.

Então a srta. Trelawny foi chamada para atender questões domésticas. Examinei as outras coisas no quarto, porém haviam perdido para mim o encanto, já que a srta. Trelawny não me fazia mais companhia. Depois de algum tempo fui convidado a entrar no quarto de vestir. Lá ela conferenciava com a sra. Grant sobre onde seria melhor colocar o sr. Corbeck. As duas não sabiam ao certo se ele deveria ficar perto do sr. Trelawny ou ser alojado num quarto mais afastado. Queriam ouvir minha opinião a respeito. Cheguei à conclusão de que ele não deveria ficar nas proximidades, mas, caso houvesse necessidade, poderia ser trazido para mais perto. Depois que a sra. Grant se despediu, perguntei à srta. Trelawny por que o quarto em que nos encontrávamos — o de vestir — era mobiliado em estilo tão diferente do resto da casa.

— Providências do meu pai. — Foi a resposta. — Quando vim morar aqui, meu pai, com toda a razão, fora de opinião que eu poderia sentir medo de ficar no meio de tantas lembranças de mortos e túmulos. Por isso mandou decorar este aposento com belos objetos e a suíte ao lado. Esta porta dá para um pequeno salão, onde dormi ontem. Como pode ver, são coisas realmente muito bonitas. Este armário, por exemplo, pertenceu ao grande Napoleão.

— Então não existe nada neste recinto que seja de procedência egípcia? — perguntei, mais por querer demonstrar interesse no que me contara do que por outro motivo, pois a tendência do estilo do aposento era inequívoca. — Que belo armário! Posso olhar mais de perto?

— Naturalmente, com o maior prazer — falou ela, sorrindo. — Perfeito tanto por dentro quanto por fora. É único mesmo, como dizia meu pai.

Aproximei-me e examinei bem o móvel. Era um armário feito de pau-rosa, com entalhes artisticamente marchetados e frisos dourados. Puxei uma das gavetas na parte inferior quando, de repente, ouviu-se um rolar e um som como de metal sobre metal.

— Ué — falei. — O que há aí dentro? Eu não devia ter mexido.

— Não sei o que havia aí dentro — retrucou ela. — É provável que uma das empregadas tenha colocado algo e depois se esquecido de apanhar. Puxe completamente a gaveta.

Eu a puxei, e ambos, a srta. Trelawny e eu, recuamos perplexos.

Diante de nossos olhos estava uma quantidade de lamparinas egípcias de diversos tamanhos e de diferentes e estranhos feitios. Inclinamo-nos sobre elas a fim de examiná-las. Meu coração martelava. Vi como o peito de Margaret arfava e percebi sua agitação.

Enquanto ficamos lá parados, quase sem nos arriscar a tocar nos objetos, quase sem pensar, ouviu-se a campainha da porta da frente. Logo a seguir entrou no vestíbulo o sr. Corbeck seguido pelo sargento Daw. A porta do quarto de vestir estava aberta, e, quando ambos nos viram, entraram. O sr. Corbeck trazia estampada no rosto uma alegria contida quando falou impulsivamente:

— Minha cara srta. Trelawny, alegre-se comigo. Meu embrulho foi encontrado e as coisas estão em perfeito estado. — Meio desapontado, porém, acrescentou: — Menos as lamparinas, que tinham um valor mil vezes maior do que o resto.

A palidez da moça fez com que se interrompesse. Seu olhar seguiu o dela e se iluminou ao ver a confusão de lamparinas na gaveta. Soltou um grito de espanto e de alegria quando se inclinou sobre elas e as pegou.

— Minhas lamparinas! Minhas lamparinas! Estão intactas e seguras! Mas como, em nome de Deus, em nome de todos os deuses, foram elas aparecer aqui?

Todos estávamos apalermados. O detetive inspirou fundo. Olhei-o, e, ao nos fitarmos, ele fez um sinal em direção à srta. Trelawny, que lhe dava as costas. Em sua fisionomia via-se a mesma desconfiança de antes e da qual já me falara, isto é, de que ela fora sempre a primeira a estar com o pai após as agressões.

Capítulo 9

O SABER SECRETO

O reencontro de suas lamparinas quase levou o sr. Corbeck à loucura. Pegou-as uma por uma e as contemplou como se fosse o objeto de seu amor. Em sua alegre agitação, respirava com tanta força que parecia o ronronar de um gato.

No silêncio, ouviu-se a voz do sargento Daw como uma dissonância numa melodia.

— O senhor está absolutamente certo de que estas lamparinas lhe pertencem e que são as que lhe foram roubadas?

A resposta veio indignada.

— Certamente. É claro que estou certo disso. Não existe no mundo inteiro uma segunda coleção igual a esta.

— Desde que tenha certeza...

Essas palavras saíram bem claras, conquanto eu tivesse reparado que o detetive estava muito nervoso. E prosseguiu:

— Quem sabe talvez haja parecidas no Museu Britânico ou estas sejam de propriedade do sr. Trelawny. Como sabe, sr. Corbeck, não existe nada de novo sob o sol. Nem mesmo no Egito. Portanto, é bem possível que estas aqui sejam as originais, e as suas, apenas cópias. Será que não existem indícios que possam identificá-las como suas?

O sr. Corbeck ficou furioso e se descontrolou. Na sua raiva soltou uma torrente de frases incompreensíveis, sem deixarem de ser significativas:

— Identificar! Cópias! Museu Britânico! Baboseira! Ora, é provável que haja na Scotland Yard alguns destes exemplares como amostra, para que os policiais idiotas aprendam alguma coisa sobre egiptologia. Se eu as reconheço? Então eu não as trouxe junto a mim, durante meses, no deserto? Não as fiquei vigiando noite após noite a fim de protegê-las? Não as observei através da lente de aumento durante horas seguidas até que meus olhos ficassem doendo? Até que eu conhecesse cada pontinho, cada arranhão e cada lasca tão bem quanto um capitão conhece seu mapa marítimo? Tão bem quanto o senhor é certamente conhecido pelos gatunos que estão por trás disso. Veja, meu jovem, olhe para isto!

Colocou as lamparinas numa fileira.

— O senhor algum dia viu lamparinas iguais a estas? Olhe bem para estas figuras cinzeladas. Já teve alguma vez uma coleção tão perfeita diante dos olhos? Veja com atenção; em cada uma é possível reconhecer um dos sete personagens de Hathor. E olhe para esta figura de Ka, uma princesa dos dois Egitos, que é colocada sobre a barca dos mortos, entre Ra e Osíris. Veja como os olhos do sono estão sobre suas pernas e inclinados ante ela. E, no Norte, levanta-se Harmochis. Algo semelhante poderá ser encontrado no Museu Britânico ou em Bond Street? Será que seus estudos no Museu Gizeh, em Fitzwilliam, em Paris, em Leyden ou Berlim lhe mostraram que este episódio foi apresentado com muita precisão em hieróglifos e que estas são apenas cópias? É evidente que poderá me explicar o que significa a estatueta de Ptah-Seker-Ausar, que segura Tet embrulhada num cetro feito de papiro. Já chegou a vê-la no Museu Britânico, em Gizeh ou mesmo na Scotland Yard?

Ele interrompeu um pouco a peroração e continuou, num tom de voz bem diferente:

— Hum, parece-me que sou eu quem está fazendo o papel de idiota cabeçudo. Perdoe a grosseria, meu caro. Mas a ideia de que eu não reconheceria estas lamparinas me pôs fora de mim. Por favor, não me leve a mal.

O detetive respondeu com sinceridade:

— De modo nenhum, senhor. Ao contrário, agrada-me quando as pessoas com as quais tenho que tratar são francas, tanto quando estão do meu lado quanto do lado oposto. É na hora em que se está fora de si que a verdade aparece. Eu me controlo porque faz parte de minha profissão. O senhor sabe que nestes dois últimos minutos me revelou mais sobre as lamparinas do que um cientista o faria numa palestra sobre suas características?

O sr. Corbeck resmungou alguma coisa para si mesmo. Estava irritado pelo fato de ter se deixado empolgar. De repente, virou-se para mim falando em tom de voz normal:

— E, agora, diga-me como conseguiu de volta as lamparinas.

Fiquei tão surpreso que respondi sem pensar:

— Não as conseguimos de volta.

O viajante deu uma sonora risada.

— O que quer dizer com essas palavras? — perguntou. — Não as conseguiu de volta, mas elas estão aí diante de seus olhos. Quando entramos, o senhor e ela estavam a contemplá-las.

Eu já me recuperara de minha surpresa e de meus cinco sentidos.

— Aí é que está — disse eu. — Nós as encontramos por acaso, exatamente no instante em que o senhor entrou.

O sr. Corbeck deu um passo para trás e olhou com firmeza para a srta. Trelawny e para mim. Seu olhar ia de um para o outro quando perguntou:

— Querem dizer com isso que não foram trazidas para cá por alguém? E que as encontraram por acaso, aqui nesta gaveta?

— Presumo que alguém as tenha trazido para cá. Elas realmente não podem ter vindo por seus próprios pés. Quem foi, quando e como aconteceu o fato, não sabemos. Faremos uma investigação e perguntaremos ao pessoal se algum deles sabe de alguma coisa.

Ficamos parados por mais alguns segundos. Então, instintivamente, escapou-lhe dos lábios uma exclamação:

— Puxa vida! Perdoe-me, srta. Trelawny. — E com isso sua boca se fechou como uma armadilha de aço.

Tivemos que passar os empregados em revista, indagando se sabiam de alguma coisa a respeito dos objetos encontrados na gaveta do quarto de vestir. Ninguém, no entanto, sabia de qualquer coisa sobre o assunto e que pudesse nos trazer alguma luz. Não lhes explicamos do que se tratava nem deixamos que eles as vissem.

O sr. Corbeck envolveu as lamparinas em algodão e as colocou numa caixa de folha de flandres, imediatamente levada para o quarto do detetive, onde uma pessoa ficaria de guarda a noite inteira com o revólver a postos.

No dia seguinte, mandamos vir um pequeno cofre no qual foram guardadas as lamparinas. Havia duas chaves para esse cofre. Uma delas ficou comigo e a segunda depositei na minha gaveta no cofre do banco. Estávamos decididos a evitar um segundo sumiço das lamparinas.

Uma hora mais ou menos depois de termos encontrado as lamparinas, chegou o dr. Winchester. Trazia um grande pacote na mão que, ao ser desembrulhado, mostrou tratar-se de uma múmia de gato. Com a permissão da srta. Trelawny, ele levou a múmia para o quarto de vestir. Então, pegaram Silvio e o levaram até perto dela. Para grande espanto de todos, excetuando-se o dr. Winchester, o animal não demonstrou sinal algum de raiva; pelo contrário, nem ligou para a múmia. Ronronando alto, ele ficou

em cima da mesa. A seguir, o médico carregou o animal até o quarto do sr. Trelawny. Nós o seguimos. O dr. Winchester se mostrava bastante inquieto. A srta. Trelawny, ansiosa. Eu mesmo me sentia mais do que apenas interessado, pois comecei a compreender aos poucos o que o dr. Winchester tinha em mente. O detetive conservava uma calma aparente e sua atitude era fria, porém o sr. Corbeck, que se exaltava com facilidade, era todo curiosidade e impaciência.

Nem bem o dr. Winchester entrara no quarto, Silvio começou a miar e a se contorcer todo. Pulou dos braços do médico, correu até a múmia e pôs-se a arranhá-la, zangado, com suas garras. A srta. Trelawny teve muita dificuldade em agarrá-lo e afastá-lo da múmia. Assim que saiu do aposento, o gato se acalmou novamente. Quando a jovem voltou, nossos comentários soavam confusos.

— Eu estava certo — exclamou o médico.

— O que será que isso pode significar? — falou a srta. Trelawny.

— É muito esquisito. — Ouviu-se a voz do sr. Corbeck.

— Sim, esquisito, mas também não prova nada — contemporizou o detetive.

— Por enquanto, permitam-me que eu reserve a mim meu parecer — exclamei em meio a toda a confusão, pois sentia que deveria dizer alguma coisa. Concordamos, então, em pôr o assunto provisoriamente de lado.

À noite, quando no meu quarto eu tomava notas sobre os acontecimentos do dia, soou uma leve batida na minha porta. A meu convite, o sargento Daw entrou, fechando com cuidado a porta atrás de si.

— Sente-se, sargento — disse eu. — O que está havendo?

— Senhor, gostaria de falar a respeito das lamparinas.

Assenti e fiquei esperando. Ele prosseguiu:

— O senhor certamente sabe que o aposento onde o senhor as encontrou é ligado àquele em que a srta. Trelawny dormiu na noite passada.

— Sim.

— Durante a noite, nessa parte da casa, foi aberta uma janela e fechada outra vez. Ouvi distintamente e olhei em volta, mas não consegui descobrir nada. Absolutamente nada.

— Sim, eu sei — retruquei. — Eu mesmo ouvi mexerem numa das janelas.

— O senhor não reparou algo muito esquisito?

— Esquisito? — disse eu. — É a coisa mais louca e desconcertante por que passei em toda a minha vida. Tudo é tão estranho que se fica espantado à espera do que vai acontecer a seguir. Mas o que o senhor realmente quer dizer com “esquisito”?

O detetive ponderou bem as palavras.

— O senhor deve estar ciente de que não creio em bruxarias e coisas semelhantes. Sou sempre a favor dos fatos, pois a experiência me ensinou que, com o tempo, tudo tem uma causa e um motivo. Veja bem, o sr. Corbeck afirma que as lamparinas lhe foram roubadas de dentro de seu quarto no hotel. Elas na verdade pertencem ao sr. Trelawny, pelo que pude deduzir das próprias observações daquele senhor. Sua filha, a dona da casa, na referida noite, dormiu no andar térreo, em vez de no seu quarto. Quando nós, que estivemos o dia inteiro à procura de uma pista sobre o roubo, entramos na casa, nos deparamos com os objetos roubados no aposento ao lado daquele em que a srta. Trelawny dormiu.

Deteve-se. Tive como que uma dolorosa sensação de relutância, parecida com aquela que eu já tivera por ocasião da conversa particular com ele. Mas eu tinha que enfrentar a realidade. Meu relacionamento com ela e o sentimento que eu lhe devotava — isto é, um amor profundo e uma dedicação de que eu agora tinha consciência — exigiam isso. Tão calmo quanto me foi possível, sentindo os olhos argutos do detetive postos em mim, falei:

— E o que se conclui daí?

Ele respondeu que não houvera roubo algum. As coisas foram trazidas para cá por alguém e recebidas por outra pessoa pela janela. Foram colocadas no armário a fim de serem descobertas no momento oportuno.

Fiquei de qualquer modo aliviado, pois sua conjectura era por demais grotesca. Mas, por outro lado, não quis deixar transparecer meu alívio, portanto respondi tão sério quanto pude.

— E quem as trouxe para cá?

— Não quero me comprometer ainda. É possível que tenha sido o próprio sr. Corbeck. Meter uma terceira pessoa na história seria muito arriscado.

— Se formos seguir suas deduções, o sr. Corbeck acabará sendo um mentiroso e intrujão que, querendo enganar outra pessoa, usou a srta. Trelawny.

— Sr. Ross, essas são palavras duras e sem circunlóquio, de modo que não se tem nenhuma resposta e se é atormentado por novas dúvidas. Devo seguir na direção que me aponta minha razão. É bem provável que a srta. Trelawny não seja a cúmplice, mas outra pessoa. Se não houvesse outras circunstâncias que apontem para ela, nem por sonho eu teria pensado nela em conexão com o assunto. Mas, quanto ao sr. Corbeck, estou absolutamente certo. Os objetos não poderiam ter sido levados do quarto do hotel sem que ele o soubesse, se o que nos disse é verdade. Achei um absurdo terem permitido que se hospedasse aqui nesta casa, no meio de tantas preciosidades. Mas, dessa maneira, eu e meu colega teremos oportunidade de ficar de olho nele. E posso garantir que o faremos. No momento, Corbeck está lá em cima no meu quarto e faz guarda às lamparinas. Mas Johnny Wright está lá em cima com ele. Daqui a pouco irei substituí-lo. Não haverá uma segunda agressão. Sr. Ross, é evidente que tudo isso deve ficar entre nós.

— Compreendo. Pode contar com a minha descrição — disse eu.

O sargento se afastou a fim de vigiar o egiptólogo.

Veríamos que essas experiências dolorosas me afetariam duplamente e que os incidentes do dia anterior se repetiriam. Não passou muito tempo e o dr. Winchester me procurou. Ele já fizera a visita noturna ao paciente e queria voltar para casa. Sentando-se numa cadeira, começou, sem rodeios:

— Temos diante de nós um caso muito estranho. A srta. Trelawny pôs-me a par das lamparinas roubadas e reencontradas. Parece-me haver uma nova complicação em toda essa charada. Porém, tudo me dá certo alívio. Já esgotei todas as possibilidades humanas e naturais do caso e recorro agora, aos poucos, às sobre-humanas e sobrenaturais. Estamos lidando com assuntos tão fora do comum que em breve deveremos chegar a uma solução; caso contrário, ficarei louco. Pergunto-me, contudo, se não devo pedir ajuda ao sr. Corbeck. Seu conhecimento sobre o Egito é enorme, e sobretudo o que se relaciona a esse país. Presumo que ele não teria nada contra em nos traduzir alguma coisa dos hieróglifos. Para ele deve ser uma brincadeira. O que acha disso?

Depois de ter pensado um pouco sobre o assunto, respondi-lhe que necessitávamos de auxilio, fosse de que lado fosse. No que dizia respeito a mim, eu tinha a maior confiança nos dois. Uma comparação de ideias e uma ajuda mútua não poderiam fazer mal; ao contrário, seriam até úteis.

— Sim, eu lhe pediria ajuda. Ele é um eminente conhecedor do Egito antigo e me parece uma pessoa boa e com muito entusiasmo. De mais a mais, será necessário que o senhor guarde para si tudo o que ele lhe disser.

— Mas é óbvio — retrucou. — Nem em sonhos me passaria pela cabeça dizer uma palavra que seja a alguém. Devemos ter em mente que o sr. Trelawny, quando voltar a si, não ficará muito satisfeito se não tivermos tratado de seus assuntos de maneira conveniente.

— Por que não fica mais um pouco? — perguntei. — Eu o convidarei para fumar um cachimbo conosco, quando então poderemos discutir melhor o assunto.

Ele concordou.

Saí à procura do sr. Corbeck. Os detetives, assim pensei, ficariam bastante satisfeitos com sua saída. A caminho de meu quarto, ele falou:

— Hum, não me agrada nem um pouco deixar as coisas para trás sob a proteção desses dois policiais. São valiosas demais para serem entregues à polícia.

Donde se vê que a manifestação de desconfiança não se restringia apenas ao sargento Daw.

Após um passageiro minuto, o sr. Corbeck e o dr. Winchester já estavam em termos amigáveis. O viajante nos prometeu ajuda, mas sob a condição de que se tratasse de um assunto do qual pudesse falar livremente. Isso não era muito promissor. Mas o dr. Winchester o interrompeu logo:

— Se for de seu agrado, poderia traduzir para nós um pouco dos hieróglifos.

— É lógico. Com o máximo prazer, se eu for capaz, pois tenho que lhes dizer que os hieróglifos ainda não foram desvendados. Mas aos poucos chegaremos lá. A qual das inscrições estão se referindo?

— São duas — respondeu Winchester. — Uma delas trarei logo.

Saiu e voltou imediatamente com a múmia de gato que havia posto na frente de Silvio. O sábio a examinou e, depois de curta meditação, falou:

— Isto não é nada de extraordinário. É simplesmente um pedido dirigido a Bast, a dona de Budastis, encarregada de, no além, fornecer pão e leite ao animal. Na parte interna talvez haja mais. Se se der ao trabalho de desenrolar, farei o melhor que puder. Mas não creio que se deva esperar muito. Partindo do modo como foi enfaixada, eu diria que a múmia é proveniente da região do Delta, de um período posterior, quando o

embalsamamento era de uso geral e barato. E onde está a segunda inscrição que devo decifrar?

— É a inscrição na múmia de gato que se encontra no quarto do sr. Trelawny.

O sr. Corbeck ficou desapontado.

— Não, isso é impossível. Assim não dá. Estou comprometido, pelo menos até o presente momento, a manter segredo no que concerne aos objetos daquele quarto.

O dr. Winchester e eu reagimos ao mesmo tempo. Eu disse apenas uma única palavra, xeque-mate, da qual ele talvez tirasse a conclusão de que eu sabia mais de seus planos e de seu propósito do que até agora deixara transparecer. Winchester murmurou:

— Comprometido a manter segredo?

O sr. Corbeck pegou o desafio:

— Não me interprete mal; não é um compromisso formal. Porém, minha honra me obriga a justificar a enorme confiança que o sr. Trelawny deposita em mim, como posso lhe assegurar. Há inúmeras coisas em seu quarto que seguem determinado propósito. Para mim, seu amigo e confidente, não seria correto nem vantajoso trair tal propósito. Como é provável que saiba, ou melhor, que não saiba, caso contrário não teria dado essa interpretação, o sr. Trelawny é um estudioso, um grande estudioso. Há anos que labuta por determinado objetivo. Não poupou nenhum esforço, nenhuma despesa, nenhum perigo pessoal e nenhuma abnegação. Se sua meta alcançar êxito, ele será o maior descobridor e pesquisador de nossos tempos. E logo agora, em que cada minuto pode trazer o sucesso, lá está ele deitado e doente.

Estacou, dominado pela emoção. Depois de ter se recomposto, continuou:

— Repetindo, portanto, o senhor não deve me compreender mal em outro ponto. Já falei que o sr. Trelawny depositava em mim sua inteira confiança. Mas isso não quer dizer que eu conheça todos os seus planos e todos os seus propósitos. Conheço as épocas que ele estudou e tenho ciência da personalidade histórica cuja vida ele pesquisava. Mais do que isso, não sei. Tenho certeza de que as pesquisas feitas por ele tinham uma finalidade específica. O que seja, posso apenas supor. Mas não devo dizer nada a respeito. Pensem, por favor, senhores, que tomei voluntariamente o papel de

confidente parcial. Sempre o respeitei e devo pedir a todos os meus amigos que façam o mesmo.

Ele falara com grande dignidade, e nossa estima e consideração para com ele aumentaram, tanto da parte do dr. Winchester quanto da minha. Sentimos que ainda não dissera tudo, por isso ficamos calados. Ele, então, prosseguiu:

— Já disse muita coisa, se bem que saiba perfeitamente que o menor indício que alguns dos senhores pudessem achar em minhas palavras poria em risco o sucesso de seu trabalho. Mas estou convencido de que querem realmente ajudá-lo e à sua filha, empregando o melhor dos seus esforços com sinceridade e desinteresse — essas últimas palavras ele as pronunciou dirigindo-se a mim. — Ele sofreu tanto, e ainda por cima está agora com uma doença de natureza misteriosa, que me passou pela cabeça que presumivelmente seria consequência de seu trabalho. Que ele contava com um revés, ficou agora bem claro para nós. Deus é testemunha de que quero fazer tudo a meu alcance e empregar todas as minhas forças e conhecimento para ajudá-lo. Cheguei à Inglaterra animado, porque eu cumprira com êxito a missão que me fora confiada. Eu tinha em mãos os últimos objetos de sua busca, como me dissera. Eu estava certo de que iniciaria a experiência à qual fizera alusão por tantas vezes. É terrível que, logo agora, tivesse sido acometido por essa doença. Dr. Winchester, o senhor é médico e, se não me engano, uma pessoa inteligente e corajosa. Não existe nenhuma possibilidade de acordá-lo dessa sua inércia fora do normal?

Houve uma interrupção e, então, a resposta veio lenta e ponderada:

— Não existe nenhum tratamento que eu conheça. Pode ser que haja algo fora do comum. Mas não faria sentido tentar descobri-lo, a não ser sob certa condição.

— Qual?

— Conhecimento. Sou completamente ignorante a tudo o que se refere ao Egito. Nada sei da língua, da escrita, da história, dos mistérios, da terapêutica, dos venenos, das forças ocultas, tudo o que forma o imponderável desse país de charadas. Essa doença ou estado, como se quiser chamá-lo, de que padece o sr. Trelawny está de algum modo ligado ao Egito. Essa suspeita eu tive desde o início e, mais tarde, transformou-se também em certeza, ainda que sem provas. O que me disseram hoje à noite confirma minha hipótese e me faz supor que é possível obter uma prova. Acho que ainda não sabe tudo o que aconteceu nesta casa naquela noite,

desde que foi encontrado o corpo do sr. Trelawny. Proponho que o senhor seja posto a par de tudo. Se o sr. Ross concordar, poderá lhe contar as ocorrências. Ele tem mais experiência em desenrolar os fatos diante de outras pessoas e plenos poderes para falar. Nesse caso, é o que está em melhores condições de fazê-lo, por ter sabido dos acontecimentos por intermédio de testemunhas oculares. Quando souber de tudo, é provável que esteja em situação de apreciar a melhor maneira de poder servir ao sr. Trelawny e aos seus desejos sigilosos, falando ou se calando.

Assenti com a cabeça. O sr. Corbeck deu um pulo e, com sua maneira impulsiva, estendeu-nos ambas as mãos.

— Combinado — disse ele. — Presumo que me honram com sua confiança. De minha parte, comprometo-me a falar abertamente, caso eu ache que minhas obrigações para com as instruções secretas e para com seus próprios interesses permitam uma revelação.

Então, comecei a narrar tudo, desde o instante em que acordei em Jermyn Street. Só fui discreto no que se referia aos meus sentimentos para com a srta. Trelawny e à conversa com o sargento Daw, que era de natureza confidencial.

O sr. Corbeck seguiu minha narrativa com um interesse febril. De vez em quando, levantava-se para dar uns passos a fim de diminuir a irritação. Outras vezes dava a impressão de que diria alguma coisa, mas se continha a muito custo.

Acho que minha narrativa contribuiu para que eu tomasse uma decisão. Enquanto eu fazia minha exposição dos fatos, tudo me pareceu se esclarecer. Os de maior ou menor importância foram colocados numa perspectiva mais adequada quanto ao seu significado nesse caso. A história parecia mais completa, com exceção, naturalmente, da causa de todos os acontecimentos que se apresentavam como uma charada maior do que antes. É a vantagem de uma narrativa conexa e completa: os fatos separadamente, dúvidas, motivos de suspeita, hipóteses, tudo estava dando lugar a uma relação convincente.

Podia-se perceber que o sr. Corbeck estava plenamente convencido, e ele não perdeu tempo com explicações desnecessárias nem com restrições, mas, com certa altivez, foi direto ao assunto:

— Tomei uma decisão. Há aqui uma força atuante que necessita de que certas providências sejam tomadas. Se continuarmos tateando no escuro, iremos nos atrapalhar uns aos outros no caminho e faremos com que tudo

vá por água abaixo. Julgo que a primeira providência a ser tomada será a de acordar o sr. Trelawny de seu sono fora do normal. É evidente ser isso possível, porquanto a enfermeira já acordou. Quais os danos adicionais que vão ocorrer por continuar neste quarto, ninguém está capacitado a fazer uma avaliação. Temos que nos conformar com esse risco. Um dia a mais ou a menos já não vai fazer diferença alguma. Já é tarde, e amanhã é provável que tenhamos um dever a cumprir e que exigirá muito de nossas energias. O senhor, doutor, está querendo certamente ir para a cama, pois é evidente que pela manhã vai ter outros trabalhos a fazer. Suponho, sr. Ross, que hoje o senhor terá que fazer parte da vigília no quarto do doente. Eu lhe darei um livro contra o tédio. Eu o vi por ocasião de minha última visita à biblioteca e acho que o sr. Trelawny não o teve nas mãos desde então. O que contém esse livro há longa data já era de seu conhecimento. Mas é necessário que o leia para a compreensão das outras coisas das quais mais tarde lhe darei ciência, ou pelo menos terá algum préstimo. Poderá contar um pouco ao dr. Winchester, o que vai auxiliá-lo bastante. Suponho que muito em breve tenhamos que dividir as tarefas, o que tomará todo o nosso tempo e toda a nossa compreensão. O senhor não precisa ler o livro inteiro. O que deve lhe interessar é principalmente o prefácio e mais uns dois ou três capítulos que vou marcar, porque têm relação direta com o caso em apreço, é evidente, uma vez que o livro, como um todo, é um interessante relato de viagem a um país ainda completamente desconhecido na época.

Trocou um caloroso aperto de mão com o dr. Winchester, que também se levantara.

Durante sua ausência, fiquei sentado ali, sozinho, pondo a massa cinzenta a funcionar. E enquanto pensava, o mundo à minha volta tomou enormes dimensões. O pequeno ponto que me interessava me parecia uma mancha no meio do deserto. Do lado de fora havia escuridão e perigos desconhecidos que me ameaçavam por todas as direções, e a figura central em nosso pequeno oásis era de muito encanto e beleza. Uma figura que se podia amar e pela qual se podia trabalhar e até morrer. Pouco tempo depois, o sr. Corbeck apareceu com o livro. Conseguira descobrir o volume no mesmo lugar onde o havia visto três anos antes. Depois de ter feito as marcações com pedaços de papel, entregou-me o livro nas mãos, com as seguintes palavras:

— Isto é o que pôs o sr. Trelawny em ação, e a mim também, depois que o li. Sem dúvida será para o senhor o início interessante de um estudo

todo especial, independentemente do final. Caso, é claro, algum de nós chegue a ver o final.

Parou ao chegar à porta e acrescentou:

— Uma coisa devo retirar. O detetive é um homem bom. O que o senhor me contou a respeito dele faz com que apareça sob uma luz bem diferente, e a melhor prova disso é que agora já poderei me deitar hoje, sossegado, e deixar as lamparinas sob sua guarda.

Peguei no livro, coloquei minha máscara e me encaminhei para começar a vigília no quarto do doente.

Capítulo 10

Coloquei o livro sobre a mesinha onde se encontrava o abajur, empurrando-o um pouco para o lado. Desse modo, a luz incidiu sobre o texto. Levantando o olhar eu veria a cama, a enfermeira e a porta ao mesmo tempo. Não posso afirmar que as circunstâncias fossem agradáveis ou de tal maneira que possibilitassem um aprofundamento no assunto, desejável para um estudo efetivo. Pus-me, então, ao trabalho do melhor modo que pude. Desde a primeira página o livro exigia uma atenção toda especial. Era um folheto redigido em holandês, editado em Amsterdã, em 1650. Alguém havia feito uma tradução literal, na qual escrevia a palavra em inglês sob a correspondente em holandês, de maneira que as diferenças gramaticais entre as duas línguas transformavam a leitura da tradução num empreendimento bastante penoso. Era preciso saltar continuamente da frente para trás entre as palavras e havia ainda a dificuldade de decifrar uma caligrafia em língua estrangeira, de duzentos anos atrás. Contudo, logo descobri que eu podia seguir a construção das frases holandesas em inglês corrente. Assim que me acostumei aos caracteres, tudo ficou bem mais fácil.

De início, tudo à minha volta me perturbava, inclusive o receio de que a srta. Trelawny pudesse chegar e me surpreender na leitura do livro. Porque, antes da partida do dr. Winchester, havíamos combinado que ela deveria ficar afastada das pesquisas futuras. Temíamos que fatos misteriosos pudessem lhe provocar um grande choque.

Além disso, ela, sendo filha do sr. Trelawny, poderia mais tarde vir a se encontrar em situação um tanto delicada, caso tivesse desprezado as exigências de seu pai ou mesmo se tivesse sabido do complô contra ele. Quando, porém, lembrei que ela ocuparia seu lugar junto ao doente somente às duas da madrugada, não tive mais receio de ser interrompido. Ainda faltavam três horas. A enfermeira Kennedy se sentava pacientemente e estava atenta em sua cadeira ao lado da cama do doente. No patamar, o relógio fazia tique-taque, assim como os outros existentes na casa. A vida da cidade lá fora se fazia notar por um zumbido afastado, que aumentava

até se transformar em forte alarido, quando a brisa do leste trazia consigo o barulho confuso. Mesmo assim, o silêncio predominava. Apesar da luz incidindo sobre meu livro que a cúpula de seda verde amortecia sempre que eu levantava os olhos, a escuridão do quarto do doente parecia aumentar. A cada linha que eu lia, tudo dava a impressão de ter ficado mais escuro, de modo que a luz quase me ofuscava sempre que eu tornava à leitura. Ainda assim mantive minha palavra e me aprofundei de tal forma no assunto que meu interesse despertou de fato. O livro fora escrito por um conhecido Nicolas van Huyn, de Hoom. No prefácio ele informava como fora incentivado pela obra intitulada *Piramidografia*, de John Graves, do Merton College, tendo feito uma viagem ao Egito, onde seu interesse despertado pelas maravilhas daquele país deu motivo a que empregasse anos de sua vida visitando lugares desconhecidos e estudando ruínas de inúmeros templos e tumbas. Descobriu preciosas variantes das histórias a respeito da construção das pirâmides, como haviam sido descritas pelo historiador árabe Abn Abd Alhokin, e, posteriormente, escreveu algumas a esse respeito. Não me demorei a ler essas histórias, mas fui adiante, até as páginas marcadas.

Mal eu havia começado a ler, aumentou em mim a sensação de que uma influência incômoda se fazia sentir à minha volta. Uma ou duas vezes levantei os olhos a fim de me certificar se a enfermeira se movera, mas ela continuava em seu lugar, calma e vigilante, como sempre. Voltei para meu livro. Nele era relatado que, depois de vários dias atravessando os montes a oeste de Assuan, o cientista chegara a determinado lugar. Citarei aqui suas próprias palavras, traduzindo-as para o inglês moderno:

“Ao anoitecer chegamos à entrada de um estreito e profundo vale que descia na direção leste-oeste. Eu desejava ir depressa, porque o sol parado no fundo do horizonte mostrava uma larga abertura por trás do penedo. Os felás se recusavam terminantemente a pisar no vale naquela hora e objetavam que poderiam ser surpreendidos pela noite, antes de terem alcançado a saída. Não quiseram dar nenhum motivo para seus medos. Até

o presente momento haviam ido a todos os lugares que eu determinara e a qualquer hora.

“Devido à minha insistência, porém, disseram que esse era o Vale do Mago, onde ninguém deveria entrar à noite. Quando lhes pedi que me contassem a respeito desse tal Mago, disseram simplesmente que ele não tinha nome algum e que não sabiam de nada.

“Na manhã seguinte, assim que o sol se levantou e brilhava sobre o vale, seus medos haviam desaparecido. Disseram-me então que, nos tempos antigos — milhões e milhões de anos —, um grande mágico, um rei ou uma rainha, não sabiam bem ao certo, havia sido enterrado ali. Também não sabiam o nome, afirmavam que não tinha mesmo nome algum e que, se, por acaso, alguém pronunciasse um nome, definharia em vida, de modo que, após a sua morte, nada mais restaria que pudesse fazê-lo ressuscitar no outro mundo.

“Durante a travessia do vale permaneceram agarrados, em grupo, e iam à minha frente. Nenhum deles tinha coragem de ficar para trás. Para justificar a pressa diziam que o braço do mágico podia alcançar longe e que seria perigoso ficar por último. Isso, pelo fato de ser eu o último, por motivos óbvios, não me era de nenhum consolo. No lugar mais estreito do vale, no lado sul, erguia-se um alto e íngreme escolho, cuja superfície superior era lisa e plana. Nesse escolho estavam inscritos sinais cabalísticos bem definidos. Figuras de homens e de animais, peixes, répteis e aves, e ainda sol, estrelas e muitos símbolos estranhos. Eram membros como braços, pernas, dedos, olhos, narizes, orelhas e lábios. Símbolos repletos de mistério que, no dia do Juízo Final, seriam uma charada para o anjo que anota os atos bons e maus da humanidade.

“O rochedo era virado para o norte. Era tão estranho e diferente dos outros rochedos recobertos de sinais que eu já vira que dei uma parada e pesquisei a parte da frente dele o melhor possível com o auxílio de um telescópio.

“Os egípcios do meu grupo ficaram possuídos de medo e usaram de toda a sua persuasão para que continuássemos a caminhada.

“Fiquei por lá até o anoitecer, porém não consegui descobrir a entrada de uma cripta que eu supunha existir ali no rochedo talhado. Mas nesse meio-tempo aconteceu um tumulto entre os homens e tive que deixar o vale, se não quisesse que toda a minha comitiva desertasse. Porém, em segredo, tomei a resolução de descobrir e investigar o túmulo. Para isso, penetrei

mais fundo na montanha onde me encontrei com um xeque árabe que se prontificou a ficar a meu serviço. Os árabes não sofriam desse medo supersticioso dos egípcios. O xeque Abu Soma e seu séquito estavam decididos a tomar parte na descoberta. Assim que cheguei ao vale com esses beduínos, tentei escalar a superfície do rochedo. Foi um fracasso, pois ele era liso demais para uma escalada. Além da natureza da pedra, simétrica e lisa, ela fora trabalhada para torná-la mais escorregadia. Era visível que antes havia degraus e que o tempo não conseguira apagar as marcas do cinzel e do martelo, onde estes foram quebrados ou cortados. Como não tive sorte na tentativa de alcançar o túmulo pela parte de baixo e não tinha nenhuma escada que pudesse usar na subida, procurei um caminho para a borda superior do rochedo, fazendo um desvio mais além.

"Dei, então, um jeito para que eu fosse abaixado por meio de cordas, a fim de poder examinar cada seção da superfície do rochedo, onde eu esperava descobrir uma abertura. Acabei encontrando uma entrada fechada por uma grande placa de pedra. Situava-se a uma altura de 33 metros, a dois terços da altura total. Os hieróglifos e símbolos cabalísticos esculpidos nela estavam dispostos de tal maneira que escondiam a entrada. Os sinais haviam sido profundamente esculpidos e colocados tanto no portal quanto na grande placa de pedra que formava a porta propriamente dita. Essa placa fora ajustada com tamanha exatidão que nenhum cinzel ou instrumento cortante que eu tivesse comigo poderia entrar nas frestas. No entanto, fiz muita força e consegui abrir caminho para o túmulo depois de várias marteladas fortes, pois, na realidade, existia um.

"Assim que o portão de pedra da abertura caiu, entrei no mausoléu e notei, ao passar, uma longa corrente de ferro enrolada num suporte nas proximidades da entrada.

"Encontrei o túmulo intacto, semelhante às mais belas tumbas egípcias: câmara e fosso que levavam à câmara da múmia ao fim da galeria. Continha uma lousa com imagens, como se fosse uma espécie de relatório, cujo significado já fora perdido para sempre, esculpida numa pedra estranha e pintada em cores também estranhas.

"Os muros da câmara e a galeria estavam recobertos de sinais esquisitos com o feitio misterioso já citado.

"A pesada urna de pedra e o sarcófago no túmulo fundo também se encontravam recobertos por sinais gravados de maneira artística. O xeque árabe e mais dois homens que haviam penetrado comigo na sepultura, e

para quem tal descoberta horrível provavelmente não era novidade, suspenderam a tampa do sarcófago sem quebrá-la, coisa que os espantou. Não era comum uma tarefa desse tipo ser coroada de êxito, segundo me informaram. Positivamente, pareciam não tomar muito cuidado e manuseavam os diversos objetos do túmulo com tanta displicência que se o próprio ataúde não fosse maciço poderiam tê-lo danificado. Por isso me preocupei bastante, porque fora esculpido de maneira maravilhosa numa pedra estranha que eu desconhecia. Ainda mais me preocupava o fato de que não se podia levá-la. O tempo escasso e a travessia do deserto tornavam a coisa impraticável. Eu poderia carregar comigo apenas umas poucas insignificâncias.

"No sarcófago jazia um corpo, provavelmente o de uma mulher, envolto, como todas as múmias, em várias camadas de linho. Por certos sinais existentes nas bandagens, reconheci que se tratava de uma pessoa de alta linhagem. A mão sobre o peito não estava enfaixada. Nas múmias que eu vira até agora, braços e mãos se encontravam sempre enfaixados, e unicamente adornos de madeira imitando braços e mãos na cor e no formato originais é que ficavam fora do corpo enrolado.

"Essa mão era muito esquisita, porque era a mão da própria pessoa que ali jazia embalsamada. Havia carne no braço que saía da mortalha e que, devido ao processo de embalsamento, tomara um aspecto de mármore. Braço e mão tinham a coloração de um branco escurecido, exatamente igual à cor que toma o marfim quando fica demasiadamente exposto ao ar. Pele e unhas estavam intactas, como se o corpo ainda não tivesse sido enterrado. Toquei na mão, movimentando-a, e me convenci de que o braço era tão móvel quanto o de uma pessoa viva, ainda que um pouco rígido como o de um faquir que eu vira uma vez na Índia. Outra coisa prodigiosa era que nessa mão antiga não havia menos do que sete dedos, todos igualmente delicados, longos e da maior beleza. Desnecessário será dizer que me horripilou tocar nessa mão que há milhares de anos ali estava sem ser apalpada e que dava ao tato a impressão de vida. Sob a mão que parecia protegê-lo, via-se um rubi gigante, uma pedra cujo tamanho era de espantar, pois, de modo geral, ela é de tamanho pequeno. Sua cor era extraordinária — como sangue, quando a luz incidia sobre ela. O que mais admirava não eram unicamente o tamanho e a cor, ainda que essas qualidades fossem raras, como já foi dito, porém a luz refletida de sete estrelas que se

irradiavam em sete direções diferentes e iluminavam tanto como se estrelas tivessem sido embutidas nela.

“A contemplação dessa pedra me deu tamanho impacto que, por instantes, fiquei imóvel a fitá-la e ela a mim, assim me pareceu, tal como a lendária cabeça de Medusa, cujo olhar transformava em pedra todo aquele que olhasse para ela. Era tão forte a sensação que eu gostaria de ter fugido. O mesmo acontecia com meus acompanhantes.

“Depois peguei na pedra rara e em alguns amuletos valiosos e me apressei a escapar. Com prazer eu teria ficado por lá mais um pouco, a fim de examinar o invólucro da múmia com mais atenção, mas se não o fiz foi por medo. Porque, de súbito, veio-me à mente que eu me encontrava em local abandonado, na companhia de estranhos sem muitos escrúpulos, que se haviam juntado a mim sabe-se lá com que intenções, e que estávamos num sepulcro distante, a 33 metros de profundidade, onde ninguém poderia me encontrar se algo me acontecesse e onde também ninguém iria olhar. Secretamente, decidi que haveria de voltar, mas em companhia mais confiável. Além do mais, fui incentivado a continuar com minhas investigações, pois percebi que naquela caverna extraordinária havia inúmeros objetos curiosos, como uma arca de forma invulgar, feita de uma rocha desconhecida para mim e que, de acordo com minha suposição, poderia conter outras pedras preciosas, pelo fato de ter sido colocada no próprio sarcófago grande. Contudo, no túmulo havia ainda uma segunda caixa de feitio esquisito, ornamentada e que apresentava um formato mais simples. Era composta de um metal ferroso de grande espessura. A tampa era presa por meio de argamassa e estuque, como que para impedir a entrada de ar. Os árabes que estavam comigo quiseram abri-la a todo custo, porque, por ser maciça, dava a ideia de conter tesouros extraordinários. Eu cedi. Mas a esperança deles logo se desfez. Dentro havia quatro urnas enfeitadas, lindamente trabalhadas e com diferentes ornamentos. Um deles era o de uma cabeça humana; outro, o de um chacal; e um terceiro, o de um falcão. Eu sabia que tais urnas tumulares serviam como depósito de entranhas e outros órgãos do morto mumificado.

“Ao abrirmos as urnas — a massa que servia de vedação era feita de uma camada de cera bem fina que logo cedeu —, descobrimos que elas continham apenas azeite. Os beduínos mergulharam as mãos dentro delas para que o tesouro porventura ali existente não escapasse e, com isso, derramaram bastante óleo pelo chão. Sua busca não foi coroada de êxito, já

que não havia tesouro algum. Os olhares de cobiça dos árabes me fizeram sentir o perigo em que eu me encontrava. A fim de apressar a saída, quis me aproveitar dos medos supersticiosos que tomavam conta desses homens duros. O guia dos beduínos saiu da caverna e fez um sinal aos outros que ficaram em cima para que nos suspendessem. Eu, que não tinha intenção de ficar com eles devido às minhas desconfianças, segui-o imediatamente. Os outros, porém, levaram algum tempo para subir, o que me deu medo de que fossem saquear o túmulo por conta própria. Procurei não dar nenhuma demonstração de meus sentimentos para que não acontecesse algo muito pior. Por fim, os retardatários juntaram-se a nós. Um deles, o que saiu em primeiro lugar, perdeu o equilíbrio ao colocar o pé na beirada superior do rochedo e despencou. Morreu na hora. O outro chegou sem novidade. O próximo era o xeque e o último era eu. Antes que me suspendessem, recoloquei a placa de pedra diante da entrada do túmulo porque desejava encontrá-la intacta caso eu voltasse.

"Quando todos estávamos na elevação sobre o rochedo, foi bom poder ver os raios de sol no firmamento, depois da escuridão e da atmosfera sombria do túmulo. Senti até certa satisfação com o fato de o pobre árabe, que havia caído do rochedo despencando para a morte, estar deitado ali no sol, e não no escuro mausoléu. Manifestei o desejo de descer com meus companheiros a fim de apanhá-lo e dar-lhe um tipo qualquer de sepultura, mas o xeque não foi da mesma opinião e mandou que dois dos seus homens se encarregassem do assunto, enquanto continuávamos nosso caminho.

"Quando acampamos à noite, apenas um deles voltou e disse que um leão do deserto havia atacado seu companheiro depois que eles enterraram o outro colega na areia profunda, fora do vale, e cobriram a cova com pedras bem grandes para que os chacais e outros animais predadores não pudessem desencavá-lo.

"Mais tarde, à luz da fogueira do acampamento, em volta da qual os homens se deitavam ou sentavam, percebi como exibiu alguma coisa a seus camaradas e que eles a fitaram com grande timidez e veneração. Aproximei-me pé ante pé e vi que era a mão branca da múmia que se encontrava protegendo a pedra preciosa no sarcófago. Ouvi ainda quando o beduíno relatava que a encontrara com aquele que havia caído do rochedo. Não era possível haver engano, pois lá estavam os sete dedos nos quais eu já reparara antes. O homem deve tê-la arrancado da múmia enquanto o xeque e eu estávamos distraídos. E, pela timidez dos outros, deduzi que

esperava usá-la como amuleto ou feitiço. No caso de a mão ter qualquer poder, ela não deveria ter boas intenções, porque aquele que a roubara encontrara a morte logo depois do roubo. E esse amuleto já passara por um batismo horripilante, porque a articulação da mão morta apresentava uma cor vermelha, como se tivesse sido mergulhada em sangue vivo.

"Naquela noite tive a exata sensação de que alguém estaria se aproximando de mim e senti medo. Se uma pobre mão tinha um preço tão elevado como amuleto, quanto não deveria custar para eles a pedra preciosa que a mão estivera protegendo? Não obstante apenas o xeque soubesse de sua existência, meu medo era ainda maior justamente devido a isto: ele poderia virar tudo de modo que eu ficasse à sua mercê. Por esse motivo eu me armei e lutei para ficar acordado, resolvido a me separar desses companheiros na primeira oportunidade e a empreender a volta primeiro às margens do Nilo e depois de navio para Alexandria, mas aí já com outros gulas que nada soubessem sobre os objetos estranhos que eu levava comigo.

"Finalmente fui vencido por um sono tão forte ao qual não pude resistir. Com medo de um ataque ou de uma revista enquanto eu dormia, apanhei a pedra sem ser notado e segurei-a firme na mão.

"Ela parecia refletir o brilho chamejante do fogo e a luz das estrelas. Foi nessa hora que percebi que a parte de trás estava recoberta de sinais iguais aos que eu vira no túmulo. Quando adormeci, mantive a pedra preciosa toda coberta de sinais em minha mão fechada.

"Acordei assim que o sol da manhã me bateu no rosto. Sentei-me e olhei em volta. O fogo se apagara, o acampamento estava abandonado, com exceção de um vulto que jazia nas proximidades. Era o xeque árabe, deitado de costas, morto, com seu rosto quase preto e os olhos arregalados olhando de modo horrível para o céu, como se estivesse tendo uma visão pavorosa. Fora estrangulado, era evidente. Mas, quando cheguei mais perto, reparei sinais vermelhos em sua garganta, onde os dedos a haviam apertado. Pareceram-me tantos que os contei. Eram sete, todos paralelos, com exceção do polegar, como se proviessem de uma mão. Isso me excitou muito e fui obrigado a me lembrar da mão da múmia com os sete dedos.

"Até aqui, sob o céu livre do deserto, parece haver aparições e feitiçaria!

"Quando, surpreso, inclinei-me sobre ele, abri instintivamente minha mão direita, que até o presente momento eu conservara fechada como enquanto eu dormia, a fim de proteger com segurança o que lá dentro se

encontrava. A pedra preciosa caiu e bateu na boca do morto. Oh, maravilha — da boca do morto escapou um jorro de sangue, no qual a joia vermelha se perdeu. Virei o morto a fim de procurá-la e descobri que ele estava deitado sobre sua mão direita, como se tivesse caído sobre ela. Segurava na mão uma grande faca bem amolada e pontuda, igual à que os árabes trazem presa à cintura. Era bem provável que tivera a intenção de me matar quando veio a vingança, seja pela mão do homem, seja pela dos deuses antigos, não sei. É suficiente dizer que fugi logo, sem hesitação, desse lugar pavoroso assim que encontrei meu rubi que cintilava como uma estrela viva no meio do sangue.

"Sozinho, vaguei pelo quente deserto, até que Deus, em sua grande misericórdia, se apiedou de mim e me fez ir de encontro a uma tribo acampada perto de uma fonte e onde me ofereceram um pouco de sal. Fiquei com eles até que me senti em condições de seguir viagem. O que aconteceu com a mão da múmia ou com os que a haviam tirado, não tenho a mínima ideia. Que discórdia, que suspeita, que fatalidade e que cobiça ligava tudo, não sei. Mas deve ter havido tais coisas, porque os que estavam de posse da mão fugiram. É verdade que seria usada por uma tribo nômade do deserto como fetiche encantado.

"Assim que houve uma oportunidade, procurei o rubi, porque desejava saber o que as inscrições queriam dizer. Os símbolos, cujo significado não estava claro para mim, eram como segue."

Por duas vezes julguei ver sombras nas páginas do livro enquanto me entretinha preso à leitura, sombras que, devido ao tema lúgubre, tinham o aspecto de mão. Na primeira vez descobri que eram simplesmente provocadas pelo abajur de seda verde, mas, na segunda, levantei os olhos e meu olhar se fixou na mão da múmia que estava sendo iluminada pela luz que passava através das frestas das persianas.

Não é de admirar que eu a tivesse ligado à narrativa, porque se meus olhos não estavam me pregando nenhuma peça, a tal mão se encontrava aqui, neste aposento, como a havia descrito Van Huyn. Lancei uma vista de olhos para a cama. Como era confortador ver a enfermeira ali sentada,

calma e vigilante! Era bom saber que havia uma pessoa viva por perto — numa hora como esta, nesta companhia e durante esta leitura.

Fiquei lá sentado e olhando para o livro sobre a mesa, e então tive inúmeros pensamentos extraordinários que começaram a se misturar na minha cabeça. Quase me pareceu que a luz incidente sobre os dedos brancos tinham uma ação hipnótica sobre mim. De súbito, porém, meus pensamentos fizeram uma parada e, no espaço de um olhar, o mundo e o tempo se imobilizaram.

Era real a mão que se encontrava sobre o livro. O que se passava comigo? A contemplação da mão de Margaret Trelawny era uma alegria para mim e igualmente uma alegria poder segurá-la. Depois de tudo o que acontecera, ainda exercia sobre mim um estranho efeito estimulante. Foi uma impressão passageira que logo se desfez, antes que a voz dela chegasse aos meus ouvidos.

— O que o assusta? Por que olha tão fixamente para o livro? Cheguei até a pensar que o senhor voltara àquela situação esquisita.

Levantei-me depressa.

— Eu lia um livro antigo da biblioteca. — E, rápido, fechei o volume, colocando-o debaixo do braço. — Vou levá-lo imediatamente de volta, porque seu pai, segundo sei, dá muito valor a que todas as coisas, principalmente os livros, estejam em seu lugar.

Minhas palavras foram intencionalmente enganosas porque ela não deveria saber o que eu estivera lendo. Não desejava despertar sua curiosidade deixando o livro sobre a mesa. Por isso, apressei-me a deixar o quarto, mas não fui à biblioteca, e sim para meus aposentos, onde eu teria o tomo à mão depois que tivesse dormido o suficiente. Quando voltei ao quarto do doente, a enfermeira Kennedy estava prestes a se retirar para ir descansar um pouco. Agora era a vez da srta. Trelawny de vigiar comigo. Eu não queria ler na presença dela. Ficamos sentados um perto do outro a conversar em voz baixa, enquanto os minutos se passavam. Notei com enorme espanto que as beiradas das cortinas mudavam de cinza para amarelo, fato provocado pela luz. Não falamos sobre o doente, mas, de certo modo, tudo o que se relacionava à filha tinha ligação com o pai.

Não falamos do Egito, nem de múmias, nem de cavernas, nem de xeques beduínos. Na luz crescente do dia, vi com prazer que a mão de Margaret não tinha sete dedos, mas cinco, pois eu a segurava na minha.

Depois que o dr. Winchester se juntou a mim na sala de jantar onde eu tomava uma pequena refeição — café da manhã ou almoço, não sei — antes que eu fosse me deitar, o sr. Corbeck chegou ao mesmo tempo e pudemos recomeçar a conversa de onde, na noite anterior, a interrompêramos. Contei ao sr. Corbeck que eu havia lido o capítulo sobre o encontro do túmulo e que eu era de opinião que o dr. Winchester deveria lê-lo também. Ele concordou e já queria levar o livro consigo, pois teria que tomar o trem para Ipswich e poderia ler no caminho. À noite, por ocasião de sua próxima visita, ele o traria de volta. Dirigi-me apressadamente para meu quarto a fim de apanhar o volume, mas não consegui encontrá-lo. Eu tinha a nítida lembrança de tê-lo colocado sobre a mesinha de cabeceira depois que a srta. Trelawny entrara no quarto do doente. Era muito esquisito, já que o livro não era do tipo que um empregado fosse tirar. Tive, então, que voltar e explicar aos outros que o livro havia sumido.

Após os cumprimentos do dr. Winchester, o sr. Corbeck, que parecia conhecer de cor o livro do holandês, conversou comigo a respeito do assunto. Eu lhe disse que lera até a descrição da joia quando fui interrompido pela troca do plantão noturno.

— Não precisa ficar decepcionado quanto a isso. Seja na época de Van Huyn, seja duzentos anos depois, já se conhecia o significado dos sinais entalhados. Primeiro com Young e Champollion, seguido por Birch, Leslus, Rosellinie e Salvoline. Mariette Bey e outros estudiosos daqueles tempos tiveram de fato grande sucesso, e o real significado dos hieróglifos já era conhecido. Mais tarde lhe explicarei o sentido, caso o sr. Trelawny não o faça ele mesmo ou não me proíba de esclarecer esse sentido todo especial. No momento, acho melhor o senhor saber o que aconteceu, de acordo com a narrativa de Van Huyn, pois o episódio termina com a descrição da pedra e de como Van Huyn a trouxe para a Holanda no fim de sua viagem. Conforme o que ele escreveu, esse episódio termina aqui. O que há de mais importante no livro é o fato de estimular o pensamento, a ação e, entre outras coisas, também o sr. Trelawny e a mim. O primeiro é versado em línguas orientais, mas não conhece as do norte da Europa. Meu talento linguístico me animou em Leyden ao estudo do holandês para que eu pudesse utilizar a biblioteca. Daí que, enquanto o sr. Trelawny organizava sua coleção egípcia e, num catálogo de livraria, encontrou este volume com a tradução manuscrita, eu estudava outra edição, original em holandês. Ambos ficamos extraordinariamente impressionados com a descrição do

túmulo solitário do rochedo, localizado lá no alto, protegido dos intrusos por galerias secretas. Mas a parede lisa do rochedo estava repleta de ornamentos exatamente como descrita por Van Huyn.

"Além disso, chamou-nos a atenção o fato de ser muito estranho que, apesar do progresso havido na egiptologia desde os tempos de Van Huyn, em lugar algum podia ser encontrada uma indicação de quem estava no túmulo num local tão invulgar.

"Nota-se ainda que já o próprio nome do lugar, o Vale do Mago, exercia uma força de atração característica. Depois que nos encontramos, devido ao fato de o sr. Trelawny ter pedido ajuda de outro egiptólogo em seu trabalho, além de falarmos sobre muitos outros assuntos, este era o tema principal de nossas conversas.

"Tomamos a resolução de empreender a busca do vale misterioso. Durante os preparativos para iniciar a viagem — o que tomou bastante tempo, porque o sr. Trelawny gostava de executar tudo ele mesmo —, parti para a Holanda, a fim de verificar se podia encontrar as provas da verdade da narrativa de Van Huyn. Dirigi-me diretamente para Hoorn e, com muita paciência, pus-me à procura da casa do viajante e dos eventuais descendentes. Não os incomodarei com as particularidades de minhas indagações nem das minhas descobertas. Hoom é uma cidadezinha que, desde os tempos de Van Huyn, não se modificara substancialmente, a não ser pelo fato de ter perdido sua importância como centro comercial. Parece que, desde então, nada mudou muito. Para essa antiga e adormecida cidadezinha, dois ou três séculos nada significavam. Consegui descobrir a casa onde ele viveu e soube que não havia mais descendentes. Investiguei velhos registros de igrejas e só encontrei morte e extinção. Tentei saber o que fora feito de seus tesouros, porque era claro que um homem tão viajado deveria possuir enormes preciosidades.

"Encontrei algumas nos museus de Leyden, Utrecht e Amsterdã, e outras em casas de ricos colecionadores. Afinal, pude descobrir uma pista na loja de um idoso relojoeiro e joalheiro em Hoom do que ele considerava seu tesouro mais importante: um rubi com feitio de escaravelho lapidado com sete estrelas e coberto de hieróglifos. O velho não tinha noção alguma sobre hieróglifos, e em sua vida patriarcal e sonolenta estava completamente afastado das descobertas filológicas dos últimos anos. Com relação a Van Huyn, sabia unicamente que existira um homem com esse nome e que há dois séculos esse mesmo nome era respeitado na cidade

como o de um grande viajante. Ele estimava a pedra como raridade que perdera parte do valor devido à lapidação. Ainda que, de início, se negasse a vendê-la, deixou-se convencer, porque eu podia pagar muito bem, já que eu a comprava para o sr. Trelawny, que, como todos sabem, é um homem riquíssimo. Logo depois me pus novamente a caminho de Londres, com a pedra-rubi escondida em meu caderno de anotações, contente e envaidecido, porque agora tínhamos em mão a prova das histórias maravilhosas de Van Huyn. A joia foi colocada no cofre do sr. Trelawny e, cheios de esperança, iniciamos nossa grande viagem.

“O sr. Trelawny não queria deixar sozinha sua jovem esposa, a quem ele amava de todo o coração. Ela, porém, que também correspondia a esse grande amor, sabia quanto a busca significava para o marido. Deixando de lado seus temores, para os quais tinha motivos especiais, como toda boa esposa, incentivou-o a realizar seus planos.”

Capítulo 11

O TÚMULO DE UMA RAINHA

— A esperança do sr. Trelawny era tão grande quanto a minha. Ele não era tão indeciso em seu temperamento quanto eu e não sofria os altos e baixos de esperança e desespero. Ele se fixava em determinadas metas, fazendo com que vagas expectativas se tornassem realidade. De vez em quando sentia medo de que pudesse haver duas dessas pedras ou que as aventuras de Van Huyn fossem meras fantasias de um viajante, baseadas na aquisição normal de uma joia em Alexandria, Cairo, Londres ou Amsterdã. Mas o sr. Trelawny não se deixava demover uma única vez de sua crença. Havia, porém, muita coisa que desviava nossos pensamentos e nossas crenças ou descrenças. Tudo isso aconteceu depois que o paxá árabe nos informou que o Egito era um lugar muito inseguro para viajantes, principalmente em se tratando de ingleses. Mas o sr. Trelawny não conhecia o medo, e me atrevo também a pensar que não sou nenhum covarde. Reunimos, portanto, um grupo de árabes com quem traváramos conhecimento anteriormente em expedições pelo deserto e nos quais podíamos confiar. Ou melhor, não desconfiávamos deles tanto quanto dos outros. Éramos bastante numerosos, de modo que seríamos capazes de nos defender e enfrentar bandos acidentais de ladrões e ainda por cima levávamos enorme quantidade de bagagem. Asseguramo-nos da concordância e da ajuda passiva daqueles funcionários ainda simpatizantes da Inglaterra, uma amizade oficial sempre zelosa. Não preciso enfatizar que essa simpatia foi comprada graças aos meios do sr. Trelawny. De Dahaby chegamos a Assuan, de onde nos dirigimos para o deserto, depois de termos convencido o xeque a nos ceder alguns árabes e de ter distribuído o haxixe convencional.

“Depois de longas andanças e após termos seguido trilhas intermináveis, chegamos a um vale, ao cair da noite, exatamente como Van Huyn havia descrito. Era um vale cercado por altos e íngremes muros feitos de rocha, que se estreitavam no centro e se alargavam nas saídas no leste e no oeste. Na luz do dia, encontrávamo-nos em frente ao rochedo e podíamos ver a abertura lá no alto do muro e também os hieróglifos que deveriam servir originalmente como disfarce da abertura.

“Contudo, os próprios hieróglifos que foram uma charada para Van Huyn e seus contemporâneos não eram mais nenhum mistério para nós. Os inúmeros cientistas que dedicaram a inteligência e a vida a esse trabalho explicaram a enigmática prisão da língua egípcia. Nós, que conhecíamos o mistério, podíamos ler na superfície superior do muro da rocha o que os sacerdotes tebanos haviam escrito há quase cinquenta séculos.

“Que a inscrição existente era trabalho de sacerdotes — e sacerdotes hostis — não podia haver nenhuma dúvida. As inscrições hieroglíficas eram como segue: ‘Jamais os deuses conseguiram chegar a este lugar. A *anônima* os insultou e deverá permanecer solitária para todo o sempre. Mantenham-se afastados para que sua vingança não venha a recair sobre vós!’

“Esse aviso deve ter dado um impacto muito forte na época, e mesmo depois de milhares de anos a língua em que fora escrito já se tornara um segredo morto, obsoleta, para os habitantes da região. A tradição de tal pavorosa ameaça sobrevive muitas vezes à própria causa. Até nos símbolos usados a recapitulação contínua chamava a atenção. ‘Para todo o sempre’ era indicado nos hieróglifos como ‘milhões de anos’. Esse símbolo foi repetido nove vezes em grupos de três. Depois de cada grupo, seguia o símbolo da terra, do inferno e do céu. A vingança dos deuses proibia a ressurreição dessa pessoa solitária para o mundo do sol e para o mundo dos mortos e à alma, uma vida nova no reino dos deuses.

“O sr. Trelawny e eu não ousamos explicar ao nosso pessoal o significado dos escritos. Se bem que eles não acreditassem mais na religião de onde provinha essa maldição e também não atentassem mais aos deuses com cuja desforra foram ameaçados, eram tão supersticiosos que, se soubessem a resposta, largariam tudo e fugiriam dali incontinentes.

“Seu desconhecimento e nosso silêncio nos salvaram. Acampamos nas proximidades, porém atrás de um rochedo saliente, para que as inscrições não estivessem muito à vista, porque o nome Vale do Mago transmitia e lhes inspirava medo, da mesma forma que a nós também por causa deles. Uma escada de madeira estava sendo construída. Penduramos uma roldana numa viga que se projetava lá no alto da penedia. A grande placa de pedra que servia de porta fora somente empurrada, sem ajuda, para um local previamente determinado e firmada por algumas pedras. Ela se fixava no local pelo seu próprio peso. Para poder penetrar no túmulo, tivemos que empurrá-la e passar por cima. Encontramos a corrente enrolada, presa no rochedo, como Van Huyn já descrevera. Nos escombros da enorme porta de

pedra, presa em cima e embaixo por dobradiças de ferro, foram encontrados sinais de que havia a intenção de fechá-la e fixá-la pelo lado de dentro.

"O sr. Trelawny e eu entramos sozinhos no túmulo. Havíamos levado um sem-número de lanternas, que fomos fixando pelo caminho. Queríamos primeiro ter uma visão geral para depois nos dedicarmos às particularidades. A cada passo aumentavam nossa admiração e nosso encantamento. A sepultura era uma das mais bonitas e grandiosas que já tivemos diante dos olhos. O acabamento artístico das esculturas e das pinturas, a perfeição do trabalho, deixavam transparecer que o túmulo já fora criado em vida daqueles para quem serviriam de última morada. Os hieróglifos eram da maior delicadeza e seu colorido era excelente. Nessa caverna, num lugar elevado, distante das úmidas ondas do Nilo, tudo parecia recente, como se os artistas tivessem acabado naquela hora sua obra. No entanto, havia algo que não podia passar despercebido. Os hieróglifos no muro externo eram o trabalho dos sacerdotes, porém o polimento da superfície superior fora realizado presumivelmente pelos obreiros. O simbolismo da pintura e as inscrições internas davam a mesma impressão. A caverna externa, em parte de origem natural e artisticamente esculpida, era, sob o ponto de vista arquitetônico, apenas uma antecâmara. Em sua extremidade voltada para o leste havia um portal com colunas entalhadas no rochedo. As colunas maciças tinham sete cantos, como não se vira em nenhum outro túmulo. Sobre a viga central, fora desenhado o barco lunar e, lá dentro, ficava Hathor, com o crânio de vaca e um enfeite de cabeça consistindo num disco enfeitado de penas e, ao lado dela, Hapi, o deus nórdico, com cabeça de cachorro.

"O barco era dirigido por Harpocortes para o norte, representado pela Estrela Polar, e rodeado por Draco e pela Ursa Maior. Na constelação da qual falamos por último, aquelas estrelas que chamamos de Balança eram apresentadas como sendo maiores do que todas as outras. Eram tão douradas que pareciam reluzir à luz das tochas.

"Depois de passarmos pelo portal, encontramos os dois recintos que normalmente fazem parte de um túmulo no rochedo, a câmara ou capela e o túmulo propriamente dito, completo, como Van Huyn já havia comprovado, embora na sua época a designação de Egito Antigo para essa parte ainda fosse desconhecida.

"A lousa ou tábua de escrever, colocada bem no fundo da parede oeste, era tão extraordinária que tivemos que examiná-la mais detalhadamente

antes de nos dirigirmos para a múmia, que era o objetivo real de nossa busca. A lousa, porém, era uma grande placa de lápis-lazúli, recoberta de diminutos e belíssimos hieróglifos. As pequeninas fendas eram preenchidas com uma fina massa da cor de cinábrio vermelho. A inscrição começava com as palavras: ‘Tera, rainha dos dois Egitos, filha de Antef, soberana do norte e do sul, filha do sol, rainha do frontal.’

“Então, seguia em todo o comprimento a história de sua vida e de seu reinado.

“As insígnias de nobreza visíveis nos adornos eram retratadas de maneira bem feminina. As coroas reunidas do Alto e do Baixo Egito foram esculpidas na pedra com a maior precisão. Era novidade para nós dois encontrar Hejet e Desher — a coroa branca e a vermelha dos dois Egitos —, representadas na lousa da rainha, pois existia no Egito Antigo uma regra sem exceção de que ambas as coroas eram usadas somente por rainhas, conquanto elas também pudessem enfeitar deusas. Mais tarde, encontramos uma explicação para o fato, sobre o qual, em breve, farei uma exposição exata.

“Uma inscrição como essa era, em si mesma, uma coisa emocionante, mas o senhor não tem nenhuma noção do efeito que teve sobre nós. É verdade que nossos olhos não foram os primeiros que as viram, mas foram os primeiros a vê-las com compreensão, desde há cerca de cinco mil anos, em que foi fixado o bloco de pedra na abertura do rochedo. Foi-nos dado ler a mensagem da morta. Era a mensagem de alguém que se levantara contra os deuses antigos e se enaltecera da sua soberania sobre eles quando a hierarquia sacerdotal afirmava poder torná-la boa ou suscitar sua cólera.

“As paredes da câmara superior do túmulo e as do sarcófago estavam completamente cobertas por escritos. Todas as inscrições, com exceção daquela sobre a lousa, tinham pigmentação verde-azulada. Quando eram contempladas pelo lado e a vista abrangia as facetas verdes, tinha-se a impressão de turquesa hindu antiga, desbotada.

“Com o auxílio da roldana que trouxéramos, descemos até a câmara do túmulo propriamente dito. Trelawny ia na frente. Era uma caverna funda, com mais de 23 metros de profundidade, que jamais fora preenchida. A galeria da base ascendia suavemente até a câmara do túmulo. Era mais comprida do que o usual e não fora murada.

“Na parte interna da câmara encontramos um grande sarcófago feito de pedra amarela. Mas não preciso fazer a descrição. O senhor a conhece do

quarto do sr. Trelawny. A tampa estava no chão. Não havia sido presa exatamente como descrevera Van Huyn. Desnecessário é dizer que fomos tomados por enorme excitação quando olhamos para dentro. Tivemos, então, uma pequena decepção. Eu estivera a pensar como teria sido diferente a impressão que teve o viajante holandês ao olhar para o interior do sarcófago e se deparar com a mão branca, como se fosse viva, colocada sobre os panos da múmia.

"Fomos tomados por uma excitação que certamente Van Huyn não conheceu. O coto da articulação estava coberto de sangue ressecado. Dava a impressão de o corpo ter sangrado ainda depois de morto. A extremidade cortada da articulação apresentava-se cheia de sangue incrustado, e o osso branco que sobressaía parecia opala. O sangue fluíra e colorira os invólucros de uma cor de ferrugem. Tínhamos aqui a confirmação cabal da narrativa. Com essa prova diante dos olhos, não podíamos duvidar mais dos outros pormenores — por exemplo, o sangue sobre a mão da múmia ou a impressão dos sete dedos na garganta do xeque estrangulado.

"Não vou importuná-los com todas as particularidades que vimos, muito menos com o que viemos a saber. Em parte eram coisas conhecidas de todos os estudiosos, em parte soubemos por meio da lousa, das esculturas e dos hieróglifos nas paredes.

"A rainha Tera descendia da 11ª dinastia tebana dos reis egípcios, uma dinastia que reinou entre os séculos 29 e 25 a.C. Como ela era a única filha de seu pai, Antef, sucedeu-lhe no trono. Tera deve ter sido uma moça de caráter e capacidade invulgares, pois era ainda muito nova quando foi coroada rainha. Sua juventude e sua linhagem encorajaram os sacerdotes ambiciosos que, já naquela época, tinham grande autoridade. Graças às suas riquezas, às suas pluralidades e à sua sabedoria, reinaram sobre todo o Egito, principalmente sobre o Alto Egito. Planejaram uma revolução, a fim de conferirem o poder da realeza aos sacerdotes. O rei Antef, porém, previra tudo e, para tal fim, tomou medidas acauteladoras a fim de assegurar à filha a submissão completa das tropas, sobretudo porque ela havia estudado ciências políticas e aprendera a sabedoria dos sacerdotes. Acima de tudo, serviu-se de sacerdotes de determinado culto, jogando uns contra os outros, porque ambos os grupos tinham esperanças de ter influência sobre o rei e, mais tarde, sobre a filha. Por isso, a princesa cresceu no meio de pessoas letradas, dando inúmeras provas de seus dotes. Tudo isso era encontrado nas paredes, sob a forma de figuras ou hieróglifos.

Chegamos, portanto, à conclusão de que essas obras ali estavam graças ao interesse da princesa pelas artes, pois não fora sem alguma razão chamada na lousa de Protetora das Artes.

“O rei, contudo, foi além e ensinou à filha a arte da magia, de modo que pudesse conseguir o poder sobre o sono e a vontade. Isso era pura magia — magia negra, e não a magia ensinada no templo, de natureza inofensiva, chamada de magia branca —, e essa magia negra tinha uma grande influência sobre as pessoas. O lema era: antes impressionar do que alcançar resultados. Tera, como aluna talentosa, logo sobrepujou seus mestres. Seu poder e seus meios lhe abriram inúmeras possibilidades, que ela esgotava até o fim. Assim, ela mesma subiu no túmulo, fez-se enrolar em panos e ficou deitada, como morta, no sarcófago durante um mês inteiro. Os sacerdotes tentaram impingir aos outros a ideia de que a verdadeira Tera falecera durante a experiência e que outra moça fora colocada no lugar dela. Mas Tera lhes provou que estavam enganados. Tudo foi narrado por intermédio de figuras de grande valor artístico. É provável que naquela época tivesse havido a vontade de restabelecer a grandeza artística da quarta dinastia, que alcançara o pináculo na era de Chufus.

“Na câmara-sarcófago havia figuras e sinais que deixavam transparecer ter a princesa triunfado sobre o sono. Por toda parte podia ser visto um simbolismo invulgar que, mesmo num país e na era da palavra falada, era considerado dessa forma. Salientava-se ainda o fato de que a ela, se bem que fosse rainha, todos os privilégios de um rei lhe foram outorgados. Uma das figuras a apresentava com vestimentas de homem, com uma coroa branca e vermelha. Já a figura seguinte se vestia como mulher, mas sempre com a coroa dos dois Egitos, sendo que a roupa masculina fora colocada a seus pés. Em todas as figuras em que se tratava de uma esperança, de um objetivo ou de ressurreição, fora acrescentado o símbolo do norte. E em muitos lugares — pela descrição de importantes acontecimentos passados, presentes e futuros — havia a constelação da Balança. Ela acreditava que tal constelação tivesse manifesta ligação com sua pessoa.

“Mas talvez a mais notável comprovação das narrativas, tanto na lousa quanto nas inscrições das paredes, era que a rainha Tera tinha poder sobre os deuses.

“De resto, não era nenhum caso isolado no Egito. Porém, nesse caso, o motivo era outro. Tera havia mandado entalhar palavras mágicas num rubi

com feitio de escaravelho, representando uma constelação e composto de sete estrelas. Com a ajuda dessas palavras, tinha sob seu poder todos os deuses, tanto os da terra quanto os do inferno.

“Na mensagem fora comunicado que ela sabia do ódio que lhe devotavam os sacerdotes que, depois da sua morte, tentariam suprimir seu nome. Essa era uma tremenda vingança no Egito Antigo, diga-se de passagem, pois, sem nome, não se podia apresentar aos deuses depois da morte nem ninguém poderia orar pela pessoa morta. Por essa razão, ela planejou sua ressurreição para uma época bem posterior, num dos países nórdicos, durante a vigência da constelação cujas sete estrelas dominaram por ocasião de seu nascimento.

“Para esse fim, era necessário que sua mão ficasse ao ar, descoberta, e a pedra das sete estrelas deveria ficar na mão, para que ela pudesse se movimentar onde houvesse ar, do mesmo modo como poderia se mover seu Ka. Depois de algumas reflexões, concordamos, o sr. Trelawny e eu, que isso não queria dizer outra coisa senão que fosse possível a seu corpo se transformar, a seu comando, em corpo astral, isto é, desintegrar-se, de tal maneira a ser capaz de se movimentar, partícula por partícula, e poder depois reuni-las novamente quando e como o desejasse. Além disso, encontramos referências escritas numa caixinha ou um receptáculo que deveria conter todos os deuses, bem como a vontade e o sono, ambos personificados por símbolos. A caixinha era descrita como tendo sete lados, portanto não nos causou surpresa quando descobrimos o recipiente sob os pés da múmia que o senhor certamente percebera no aposento do sr. Trelawny. Na parte inferior das bandagens de linho do pé esquerdo, havia também a mesma cor vermelha encontrada na lousa dos hieróglifos, representando ‘muita água’ e, sob o pé direito, o sinal para ‘terra’. Conseguimos desvendar os símbolos como sendo que seu corpo imortal e móvel estaria disposto a reinar sobre a terra e a água, e também sobre o ar e o fogo, sendo que os últimos eram representados pela luz da estrela-joia, pela pederneira e pelo ferro que se encontravam fora do invólucro da múmia.

“Ao tirarmos o recipiente do sarcófago, reparamos em seus lados as saliências esquisitas que o senhor mesmo viu. Naquela época, não pudemos compreender o que significava. Os poucos amuletos encontrados no sarcófago eram notáveis tanto pelo seu valor quanto pela sua importância. Concordamos que, no caso de haver amuletos valiosos, estes deveriam estar

no invólucro ou, o que era mais provável, no estranho receptáculo aos pés da múmia. Mas, por mais que fizéssemos, não conseguimos abri-lo. Víamos sinais de que as partes superior e inferior foram separadas, mas ambas as metades estavam tão bem encaixadas que quase não se enxergava uma fresta. Supusemos que o fecho podia ser de alguma forma manobrado pela parte interna. Conto tudo isso unicamente para que compreenda as coisas com as quais mais tarde talvez tenha que se defrontar. É preciso que se abstenha por enquanto de fazer um julgamento. Com relação a essa múmia, aconteceram tantas coisas esquisitas que é necessário aprender a pensar de outro modo. É absolutamente impossível sintonizar determinados incidentes com a vida normal e nossa tradição.

"Demoramos tanto tempo no vale quanto foi preciso para que pudéssemos copiar os desenhos e as inscrições das paredes, do teto e do chão. A lousa de lápis-lazúli, com os nomes inscritos em vermelho, nós a levamos conosco, assim como o sarcófago e a múmia; depois, levamos a arca de pedra com os recipientes de alabastro, a mesa de hematita, o alabastro, o ônix e a coralina, tendo a base de marfim como apoio para cabeça, cujas saliências ficam sobre suportes entrelaçados no Uräeus* trabalhado em ouro. Levamos conosco todos os objetos do mausoléu e da cripta da múmia: os barcos de madeira com suas guarnições, as figuras de Ushaptin e os amuletos-símbolo.

"Depois que descemos, prendemos as escadas e as enterramos a uma distância na areia sob uma rocha, que marcamos bem para que pudéssemos encontrá-la se fosse necessário. Então, pusemo-nos a caminho com nosso pesado lastro, de volta ao Nilo. Não foi uma tarefa muito fácil atravessar o deserto com o grande sarcófago. Dispúnhamos de uma carroça primitiva e de bastante pessoal que pudesse puxá-la, todavia achamos que a marcha se arrastou horrivelmente porque estávamos aflitos para alcançar um lugar seguro onde pudéssemos guardar nossos tesouros. As noites eram particularmente ruins, uma vez que temíamos um ataque de bandos nômades de ladrões durante a escuridão. Mas nosso medo era maior frente ao nosso próprio pessoal. Afinal, eram camaradas cobiçosos e inescrupulosos, além do mais levávamos um considerável número de objetos valiosos. Na verdade, nossos companheiros não sabiam por que as coisas tinham tanto valor, mas estavam certos de que não havíamos nos sujeitado a todo esse trabalho só por causa de preciosidades invulgares.

Tiramos a múmia do sarcófago e, para protegê-la, a colocamos em outro receptáculo.

"Já na primeira noite houve duas tentativas de roubo, e pela manhã encontramos dois dos homens mortos. Na segunda noite, aconteceu uma horrível tempestade, uma daquelas terríveis tempestades do deserto, denominadas 'simum', que nos faz reconhecer nossa própria impotência. A areia em redemoinho dificultava nosso avanço. Alguns dos nossos beduínos já haviam fugido antes do início da tempestade, na esperança de encontrar abrigo em algum lugar. Nós outros ficamos aguardando com paciência, envoltos em nossos albornozes. Pela manhã, depois que a tempestade amainou, retiramos de sob o monte de areia o que pudemos de nossa bagagem. A caixa na qual havíamos colocado a múmia estava aberta, mas a múmia desaparecera. Procuramos e cavamos por toda parte na areia que se acumulara à nossa volta. Tudo em vão. Estávamos perplexos, porque Trelawny pretendia levar a múmia para a Inglaterra. Esperamos durante um dia inteiro, na esperança de que os nômades fugitivos voltassem e nos devolvessem a múmia. Tínhamos a disparatada esperança de que eles tivessem roubado a múmia da carroça e que a trariam de volta.

"Naquela noite, o sr. Trelawny me acordou um pouco antes do amanhecer e sussurrou-me: 'Temos que voltar ao túmulo no Vale do Mago. Não deixe transparecer insegurança quando, pela manhã, eu der a ordem do dia. Porque, se fizer alguma pergunta com relação ao nosso objetivo, vai levantar suspeita e porá em perigo nossas intenções.' Retruquei: 'Está bem, mas por que temos que voltar?' Sua resposta foi um choque para mim. Fiquei todo arrepiado de excitação. 'Porque é lá que encontraremos a múmia. Estou absolutamente certo disso.' Antes que eu fizesse mais perguntas ou apresentasse contra-argumentos, acrescentou: 'Tenha um pouco de paciência. O senhor verá.' E, com essas palavras, deixou-se cair para trás na coberta.

"Os árabes ficaram bastante espantados quando perceberam que estávamos fazendo o caminho de volta. Alguns chegaram a resmungar. Houve até dissensões e deserções. Nossa comitiva ficou consideravelmente diminuída quando retornamos para o leste. A princípio, o xeque não demonstrou curiosidade alguma a respeito do nosso destino. Mas, quando percebeu que nos dirigíamos para o Vale do Mago, ficou muito apreensivo. Sua apreensão ia crescendo à medida que nos aproximávamos da meta, até que, afinal, antes da entrada no Vale, recusou-se a prosseguir. Disse apenas

que esperaria pela nossa volta, já que estávamos decididos mesmo a ir até lá. Esperaria durante três dias. Se não tivéssemos voltado ao fim desse tempo, partiria. Não arredou pé dessa resolução, ainda que lhe estivéssemos oferecendo uma ótima quantia em dinheiro. O único compromisso que tomou conosco foi o de desenterrar as escadas para nós e de levá-las até o rochedo. Ele assim o fez e voltou com os outros para esperar pelo nosso retorno, na entrada do Vale.

"O sr. Trelawny e eu começamos a subida para a caverna com cordas e archotes. Era visível que, durante nossa ausência, alguém estivera ali, porque a placa de pedra que protegia a entrada encontrava-se no chão, no interior, e do topo do rochedo pendia uma corda. Lá dentro, da porta até o fosso, também havia uma corda. Trocamos um olhar sem dizer palavra. Prendemos nossa corda, e, como havíamos combinado, o sr. Trelawny foi o primeiro a escorregar, enquanto eu o seguia. Quando chegamos embaixo, veio-me à mente a ideia assustadora de que possivelmente havíamos caído numa armadilha e que alguém, da ponta do rochedo, fosse descer pela corda e cortar a nossa, a fim de nos enterrar vivos. O pensamento era horrível, no entanto já era tarde demais para fazer alguma coisa. Guardei para mim mesmo essa reflexão. Ambos estávamos armados com archotes, de modo que passamos pela galeria com iluminação relativamente boa e entramos na câmara do sarcófago. O que nos chamou primeiramente a atenção foi verificar que a câmara se encontrava vazia. Apesar da beleza da pintura das paredes, a falta do grande sarcófago e de todos os outros objetos dava a impressão de que a caverna estava deserta e abandonada. Mais terrível ainda era o aspecto da figura da múmia da rainha Tera que jazia no chão no mesmo lugar onde havia estado o grande sarcófago. Ao lado, em posições estranhas, estavam três dos árabes que haviam se separado do grupo, assassinados, completamente deformados. Seus rostos estavam negros, as mãos e os pescoços, manchados do sangue que lhes saía da boca, do nariz e dos olhos. Em cada pescoço havia a impressão de uma mão com sete dedos. Horrorizados, Trelawny e eu nos aproximamos, procurando nos amparar mutuamente.

"Mas o cúmulo de todo o espanto foi que, sobre o peito da rainha mumificada, encontrava-se uma mão com sete dedos, com a coloração de marfim. Em volta da articulação passava uma risca semelhante a uma linha denteada vermelha, da qual pareciam pender gotas de sangue."

Nota

* Representação da serpente sagrada aparecendo na cobertura para a cabeça, logo sobre a fronte, como símbolo da soberania. (N. T.)

Capítulo 12

— Depois de nos refazermos do espanto, que parecia ter durado muito tempo, não nos detivemos mais e carregamos a múmia pela galeria, a fim de retirá-la do fosso. Subi em primeiro lugar e depois a recebi. Olhando acidentalmente para baixo, vi que o sr. Trelawny trazia a mão decepada no peito, provavelmente com a finalidade de protegê-la de qualquer dano ou perda. Deixamos os árabes onde estavam. Pelas cordas, descemos nosso precioso lastro até os pés da parede do rochedo. Depois levamos a múmia até a entrada do Vale, onde nos esperavam nossos companheiros. Para nosso assombro, verificamos que eles se preparavam para partir. Quando interpelamos o xeque, ele se defendeu dizendo que cumprira com a palavra empenhada. Como havíamos combinado, esperara durante três dias inteiros. Supus que estivesse querendo nos enganar e que sua intenção fosse nos abandonar covardemente e verifiquei que o sr. Trelawny tinha as mesmas suspeitas. Somente quando chegamos ao Cairo é que descobrimos que o xeque dissera a verdade. No dia 3 de novembro, havíamos entrado pela segunda vez na câmara da múmia. Veremos mais tarde por que essa data nos ficaria para sempre na memória.

"Durante três dias inteiros havíamos perdido completamente a noção do tempo — foram riscados das nossas vidas — enquanto ficávamos assombrados na câmara dos mortos. Por isso, será de espantar que, com relação à rainha morta Tera e a seus pertences, tivéssemos uma sensação supersticiosa? Será de espantar que essa sensação não nos largasse até hoje? Que tenhamos um sentimento de que uma força fora de nós e de nossa imaginação estivesse agindo? Será de espantar que essa força nos persiga até o túmulo, quando for chegada a nossa hora, se é que nós, que saqueamos um túmulo, merecemos uma sepultura?"

Depois de um curto silêncio, continuou:

— Chegamos sãos e salvos ao Cairo e continuamos nossa viagem até Alexandria, de onde tomaríamos um navio para Marselha. Deveríamos a seguir pegar um trem expresso para Londres. Mas o homem propõe e Deus dispõe, como diz o adágio popular. Em Alexandria, o sr. Trelawny recebeu

um telegrama lhe comunicando que a sra. Trelawny falecera ao dar à luz uma menina. O marido, tão provado pela sorte, pôs-se imediatamente a caminho, tomando o expresso do oriente, enquanto eu, com os tesouros, tomei o rumo de casa. Cheguei em segurança a Londres. Toda a viagem parecia estar sob uma estrela muito favorável.

"Quando cheguei, o enterro já se realizara. A criança fora entregue a uma pessoa para que cuidasse dela, fora de casa, e o sr. Trelawny se recuperara o suficiente do choque da perda sofrida, conseguindo reunir os fios partidos do trabalho e toda a sua vida. Era evidente que o golpe fora duro. Os fios cinza que apareceram de repente em seu cabelo preto bem o demonstravam. Além disso, suas feições se tornaram duras e impassíveis. Desde o recebimento do telegrama na agência de viagens em Alexandria, nunca mais o vi sorrir.

"Nesses casos, o trabalho é o melhor remédio, e ele se dedicou de coração, corpo e alma ao trabalho. A singular tragédia de sua perda e ganho — a criança nascera depois da morte da mãe — se desenrolara na época em que estivéramos em transe na câmara da múmia da rainha Tera. Parecia que a tragédia tinha certa ligação com seus estudos egípcios, principalmente com os mistérios relacionados à rainha. Ele quase não se referia à filha. Reparei que em seu peito havia dois sentimentos conflitantes com referência a ela. Eu sentia que ele a amava e que a adorava. Porém, não conseguia esquecer que seu nascimento custara a vida de sua mãe. Devia haver alguma coisa mais que partia o coração do pai, mas ele jamais quis me dizer o motivo. Uma vez, contudo, por um instante, relaxou seu silêncio, dizendo: 'Ela em nada se parece com a mãe, mas, no que se refere às feições e à coloração, existe uma extraordinária semelhança com as imagens da rainha Tera.'

"A menina fora entregue por ele a pessoas que cuidavam muito bem dela, coisa que a ele não teria sido possível fazer. Até se tornar adulta, ela deveria usufruir de todas aquelas pequenas alegrias próprias de mocinhas da sua idade. Com prazer eu teria conversado com ele a respeito da filha. No entanto, sempre se mostrou trancado nesse ponto. Apenas uma vez falou: 'Tenho motivos para não dizer mais do que o necessário. Um dia o senhor saberá — e vai compreender.' Eu respeitava sua reserva e não toquei mais no assunto da filha. Apenas me limitava a perguntar por ela depois de uma viagem. Eu não a vira uma única vez; somente a conheci na sua presença.

“Bem, quando os tesouros que havíamos trazido do túmulo chegaram, o sr. Trelawny cuidou pessoalmente de sua disposição. A múmia, ele a colocou no grande sarcófago de ferro, no vestíbulo, com exceção da mão decepada. Esse sarcófago fora construído para Uni, alto sacerdote de Tebas, e é, como talvez tenha percebido, recoberto por extraordinárias invocações aos deuses egípcios. Todo o resto das coisas que havíamos trazido do túmulo ele as alojou em seu próprio quarto. Entre elas se encontrava a múmia da mão, por motivos conhecidos apenas dele. Acho que ele a via como sua propriedade mais valiosa, talvez com a exceção do rubi, que ele chama de ‘joia das sete estrelas’ e que guarda em seu grande cofre. É provável que o senhor ache tudo isso bastante tedioso, mas é preciso que eu lhe dê essa explicação para que possa entender melhor tudo o que aconteceu até o presente momento. Muito tempo depois da minha volta com a múmia da rainha Tera, o sr. Trelawny tornou a falar no assunto. Tinha estado mais vezes no Egito, sozinho e também comigo, enquanto também fiz inúmeras viagens tanto do meu interesse quando do dele.

“Em todo esse tempo — foram quase dezesseis anos —, ele deixou de mencionar o assunto, a não ser que houvesse um motivo premente.

“Em determinada manhã mandou me chamar às pressas. Naquela época eu me entregava a estudos no Museu Britânico e morava em Hart Street. Quando aqui cheguei, encontrei-o todo entusiasmado. Eu não o vira assim desde a morte de sua mulher. Imediatamente, levou-me para seu quarto. Nenhum fiapo de luz podia vir de fora. As luzes elétricas normais do aposento não estavam acesas; em vez disso, havia fortes lâmpadas alinhadas de um lado do quarto, das quais cada uma tinha intensidade pelo menos cinquenta vezes maior do que a de uma tocha. A mesinha de hematita sobre a qual estava a arca de sete lados fora empurrada para o centro do recinto. Essa luz dava uma beleza toda especial à arca. Parecia incandescente, como se fosse iluminada no interior.

“‘O que acha disso?’, perguntou-me ele.

“‘Como se fosse uma joia’, retruquei. ‘Poderia ser chamada de Arca encantada do Mago, sempre que se apresentar dessa maneira. Dá a impressão de estar cheia de vida.’ ‘E o senhor sabe por quê?’ ‘Suponho que pela incidência da luz.’ ‘Sim, naturalmente, mas antes de tudo o posicionamento das luzes desempenha um papel.’ Dizendo essas palavras, acendeu as luzes normais do aposento e apagou as que haviam sido alinhadas. O efeito foi surpreendente. Em questão de segundos o recipiente

de pedra perdeu os efeitos de luz. Continuava sendo uma linda pedra, mas era apenas uma pedra, nada mais.

“‘Percebeu alguma coisa no posicionamento das lâmpadas?’, perguntou ele.

“‘Não.’ ‘Elas estavam dispostas como a constelação de Balança e as estrelas do rubi.’

“Essa afirmação era tão patente que se avolumou em mim uma convicção. Por quê, não sei dizer. Só sei que havia em volta da múmia tamanha quantidade de fenômenos misteriosos que cada novo mistério parecia nos levar mais perto de uma explicação. Fiquei tenso a escutar, enquanto Trelawny continuava:

“‘Há dezesseis anos que essa aventura não me larga e sempre sou impelido a procurar uma chave para o mistério. Mas, na noite passada, encontrei uma solução plausível. Devo tê-la sonhado, porque despertei cheio de entusiasmo e saltei da cama resolvido a fazer algo, antes mesmo de saber o que eu realmente queria. De repente, tudo ficou bem claro diante de mim. Nas pinturas das paredes do túmulo havia sinais sobre a constelação das sete estrelas da Ursa Maior, que forma a Balança. E sempre aparecia o norte. Esses mesmos símbolos estavam ligados à citada *arca encantada*, como a chamamos. Os pontos estranhamente transparentes na pedra já haviam nos chamado a atenção. Recorda-se, com certeza, do local em que descrevi que a pedra preciosa provinha do coração de um meteoro e que essa arca também fora talhada dali. Então, pensei que a luz da constelação de sete estrelas, incidindo na direção certa, talvez pudesse exercer determinado efeito sobre a arca ou o seu conteúdo. Suspendi as persianas e olhei para fora. Lá no céu, bem no alto, estava a Ursa Maior com a Estrela Polar diretamente sobre a janela. Empurrei a mesa com a arca para a luz e a virei durante algum tempo, até que os locais da estrela coincidissem. Imediatamente, a arca se iluminou como o havia feito sob as lâmpadas. Esperei, mas o céu se encheu de nuvens e a luz diminuiu. Peguei, então, fios e lâmpadas — o senhor sabe com quanta frequência preciso delas nas experiências — e procurei fazer a mesma experiência com luz elétrica. Demorou bastante até que eu encontrasse a posição correta das lâmpadas de maneira que correspondessem à parte certa da pedra. Mal as coloquei na ordem apropriada e a coisa começou a brilhar como o senhor acabou de ver.

“‘Mais, não me foi possível conseguir. Faltava algo. De repente, lembrei que no túmulo deveria haver algum tipo de iluminação, já que a luz

tinha uma importância tão grande. Porque a luz das estrelas não podia penetrar na câmara da múmia, e tudo se tornou claro para mim. Coloquei a arca encantada sobre a mesa de hematita, em cuja placa havia uma cavidade à qual se adaptava a parte inferior da arca. Percebi logo que as estranhas e cuidadosamente trabalhadas saliências correspondiam de algum modo à posição das estrelas na constelação. Tratava-se de suportes para as lamparinas.

"'Eureca', exclamei. 'Agora só precisamos das lâmpadas.' Procurei as lâmpadas elétricas a fim de colocá-las bem perto das saliências. Seu brilho, contudo, não conseguiu atingir a pedra. Fiquei convencido de que havia a necessidade de luzes apropriadas para essa finalidade. Se pudéssemos consegui-las, estaríamos dando mais um passo para a solução da charada.

"'O que há com as lamparinas?', perguntei. 'Onde estão elas? Quando iremos procurá-las? E como iremos reconhecê-las quando as encontrarmos? Como...?'

"Ele me deteve.

"'Uma coisa depois da outra', disse, em voz baixa.

"'Sua primeira pergunta engloba todas as outras: onde estão essas lamparinas? Eu lhe direi: elas estão no túmulo.'

"'No túmulo', repeti, desconcertado. 'Mas ambos revistamos o túmulo por todos os cantos e não descobrimos sinal algum de lamparinas. Nada ficou para trás quando deixamos o túmulo pela primeira vez, e, na segunda, havia apenas os três árabes mortos.'

"Nesse meio-tempo, ele desenrolou algumas folhas de papel que havia trazido de seu quarto. Estas, ele estendeu sobre a grande mesa e prendeu as pontas com livros e pesos. Eu as reconheci logo à primeira vista. Eram cópias cuidadosamente feitas de nossas primeiras transcrições das inscrições do túmulo. Depois que ele as preparou, virou-se para mim e falou, categórico:

"'O senhor não lembra como ficou espantado por ocasião de nossa primeira busca no túmulo, comentando que faltava algo, que geralmente existe em tais túmulos?' 'Sim, é verdade. Faltava um *serdab*.'

"'É necessário que eu lhe explique o que é um *serdab*', disse-me o sr. Corbeck. 'É um tipo de nicho construído no muro de um túmulo ou nele esculpido. Os até hoje descobertos não trazem nenhuma inscrição e contêm apenas imagens da pessoa morta, para quem o túmulo se destina.'"

E prosseguiu com sua explicação:

— Quando Trelawny percebeu que eu compreendera o significado, continuou com entusiasmo: “Cheguei à conclusão de que lá deve haver um *serdab*, um *serdab* secreto. Como fomos tolos por não ter percebido isso antes! Deveríamos saber que o construtor de um tal túmulo — uma mulher —, que, por outro lado, possuía o dom da beleza e da perfeição e que pensou em todos os pormenores com uma sensibilidade feminina, não omitiria jamais essa particularidade arquitetônica. E, mesmo que tal fato não tivesse nenhum significado para o ritual, ela o teria acrescentado com toda a certeza como elemento de adorno. Outros antes dela já o fizeram, e ela desejava que seu trabalho fosse perfeito. Esteja certo de que havia um *serdab* — é fora de dúvida. Estou igualmente certo de que, quando o acharmos, encontraremos as lamparinas lá dentro. Se naquela ocasião tivéssemos desconfiado do que sabemos ou ao menos supomos agora, teríamos procurado um esconderijo secreto. Eu lhe pedirei, pois, que viaje novamente para o Egito a fim de procurar no túmulo o *serdab* e trazer as lamparinas que lá se encontram.

“‘E se por acaso eu descobrir que não existe *serdab* algum ou se, ao encontrá-lo, ele estiver vazio? O que quer que eu faça?’

“Ele sorriu, como há muitos anos eu não o vira fazer: ‘Então é preciso que o senhor as procure até encontrá-las.’

“‘Bem’, disse eu. Ele indicou uma das folhas de papel.

“‘Estas aqui são as inscrições da câmara nas paredes sul e leste. Tornei a verificar os textos e cheguei à conclusão de que, em sete lugares neste canto, são encontrados os símbolos da constelação denominada Balança. A rainha Tera acreditava que essa constelação tivera influência em seu nascimento e que dominava seu destino. Fiz uma pesquisa muito minuciosa e averiguei que se trata da apresentação do grupo de estrelas da maneira como é vista em diferentes partes do firmamento. Em seu conjunto, e do ponto de vista da astronomia, seu posicionamento está correto. Como no firmamento, as duas estrelas mais afastadas dessa constelação apontam para a Estrela Polar; assim, as que estão desenhadas na parede apontam para o local onde geralmente se encontra o *serdab.*’

“‘Bravo!’, exclamei, pois tal conclusão merecia aplauso. Ele pareceu satisfeito com minha demonstração de entusiasmo e continuou: ‘Examine, por favor, esse local quando chegar lá. Provavelmente existe uma mola ou algum dispositivo mecânico desse tipo que possa fazer abrir o nicho. Não

devemos nos perder em suposições sobre o que possa ser. No local mesmo o senhor saberá o que fazer e a melhor maneira de fazê-lo.’

“Na semana seguinte fiz a viagem ao Egito sem nenhuma parada, nem mesmo para descansar, até que cheguei à caverna. Consegui até arranjar alguns homens de nossa escolta que já nos haviam servido antes, portanto estava bem equipado. Além disso, a situação no país havia mudado nos últimos dezesseis anos, de modo que não havia necessidade de soldados ou acompanhantes armados.

“Escalei sozinho o precipício do rochedo, o que não apresentou dificuldades, porque a madeira das escadas, graças à secura do clima, não apodrecera e continuava firme e segura. Não se podia deixar de reparar que o túmulo tivera visitantes em todos os anos que se passaram, e meu ânimo arrefeceu quando imaginei que alguém pudesse ter encontrado o esconderijo. Em verdade, seria uma enorme decepção descobrir que, após tão longa viagem, alguém ali estivera antes de mim. Infelizmente, essa triste realidade foi confirmada depois que acendi meu archote e entrei na câmara do túmulo, após ter passado pelas colunas de sete lados. Era justamente onde eu esperava encontrar a abertura para o *serdab* — lá estava ela —, porém o nicho estava completamente vazio.

“A câmara, no entanto, não estava. Sob a abertura, jazia o corpo ressequido de um homem com vestes de árabe. Examinei meticulosamente as paredes a fim de me certificar se Trelawny estivera certo em suas suposições. Descobri que em todas as posições indicadas na constelação, as duas últimas estrelas da Balança apontavam para um ponto à esquerda, ou ao sul da abertura do *serdab*, onde se via uma única estrela. Pressionei esse ponto e ele cedeu. A pedra, que apresentava a parte anterior do *serdab* e agora estava virada para o interior, se movimentou um pouco. Investigando mais acuradamente o outro lado da abertura, descobri um ponto semelhante, que representava outras constelações, das estrelas, como se fosse uma descrição das Plêiades, na qual cada estrela era representada em ouro fulgurante. Pressionei em vão cada uma delas, então me veio à mente que deveriam ser pressionadas ao mesmo tempo, isto é, por uma mão com sete dedos. Assim que usei as duas mãos para pressionar, consegui meu intento.

“Com um estalo, pulou para a frente uma figura de metal diretamente atrás da fechadura. A pedra-fecho girou lentamente para trás e se fechou com outro estalo. O olhar que pude lançar sobre a tal figura não me meteu nem um pouco de medo. Era semelhante àquele guarda furioso que, de

acordo com o historiador árabe Ibn Abd Alhokin, fora colocado pelo rei Saurid Ibn Salhouk a fim de proteger os tesouros na pirâmide ocidental. ‘Uma figura de mármore, ereta, com uma lança na mão, uma serpente em volta da cabeça. Quando alguém se aproximava, a serpente mordia, enrolava-se no pescoço do intruso e o matava, para voltar logo depois à sua posição primitiva.’

“Eu sabia muito bem que uma tal figura não fora criada apenas por simples prazer e que não seria nada fácil enfrentá-la. O árabe morto a meus pés era a melhor prova do fato. Continuei a investigar a parede e descobri aqui e ali algumas esfoladuras, como se alguém tivesse dado golpes com um pesado martelo. Presumi que acontecera o seguinte: o ladrão, com mais experiência do que nós, e que suspeitava da existência de um *serdab* oculto, pôs-se à sua procura e, acidentalmente, soltou a mola, fazendo com que o irado ‘guardião do tesouro’ arremessasse a lança. O resultado era o que se viu e dizia tudo. Peguei um pedaço de madeira e, com ele, pressionei as estrelas a uma distância segura. Imediatamente, a pedra foi impulsionada com um estalo. A figura escondida lá atrás deu um pulo para a frente com a lança estendida e logo depois desapareceu. Então pensei que eu mesmo poderia, sem perigo algum, pressionar as sete estrelas, e assim o fiz. De novo a pedra cedeu e o ‘guardião do tesouro’ deslizou para a frente, voltando a seguir para seu esconderijo.

“Tornei a fazer ambas as experiências várias vezes ainda e obtive o mesmo resultado. Como eu teria prazer em investigar o mecanismo de mobilidade dessa figura tão maléfica! Mas era impossível fazê-lo sem as ferramentas adequadas, difíceis de arranjar. Provavelmente seria necessário tirar um pedaço da pedra. Um dia, assim espero, voltarei equipado de acordo para fazer uma tentativa.

“Provavelmente o senhor não deve saber que a abertura de um *serdab* é quase sempre bem estreita, de modo que às vezes mal se pode enfiar a mão. Nesse *serdab* vim a tomar conhecimento de duas coisas distintas. Primeiro, as lamparinas, se é que realmente existiam, deviam ser muito pequenas. Segundo, que deveria haver algum tipo de ligação com Hathor, cuja alegoria, o falcão num quadrado tendo no canto superior direito outro quadrado cinzelado no interior da parede, brilhava na mesma cor vermelho-claro como a lousa. Hathor ocupa na mitologia egípcia a mesma posição que tinha a Vênus grega, como deusa da beleza e da alegria de viver. Mas, no Egito, cada divindade aparecia sob diferentes figuras. Assim, por

exemplo, Hathor está ligada à ideia de ressurreição. Existem sete figuras ou variantes de deusas; eu suspeitava que essas sete figuras deveriam ter algo a ver com as sete lamparinas. Eu estava convencido de que tais lamparinas existiam mesmo. O primeiro ladrão morrera. O segundo descobrira o conteúdo do *serdab*. A primeira tentativa datava de muitos anos atrás, porque o aspecto do cadáver era uma prova disso. Eu não tinha a menor ideia da época em que o segundo ladrão entrara. Poderia ter sido há muito tempo ou há pouco. Se, contudo, outros visitantes tivessem entrado aqui, era bem provável que o roubo tivesse sido efetuado há muito. Minha busca seria tanto mais penosa, e não restava a menor dúvida de que eu teria mesmo que fazer uma busca.

"Tudo isso aconteceu há três anos, e durante esse tempo todo estive como o homem das 'mil e uma noites' à procura das lamparinas antigas, não para trocá-las por novas, mas para trocá-las por dinheiro. O que eu procurava na realidade jamais ousei pronunciar, ficando calado sobre a exata descrição das lamparinas, porque, caso contrário, eu teria tornado bem clara a minha intenção. Porém, desde o início, eu tinha uma ideia aproximada do que procurava. Com o tempo, essa ideia foi se tornando cada vez mais clara, até que, no fim, fui muito além, buscando algo que talvez nem fosse a coisa certa.

"As decepções que tive e os becos sem saída em que me meti podiam encher vários volumes. Mas não desisti. E, há menos de dois meses, um velho comerciante em Mossul me mostrou uma lamparina, exatamente igual às que eu procurava. Eu estava à caça delas havia praticamente um ano, tendo tido inúmeras decepções, mas sempre recuperava minhas esperanças de me encontrar no caminho certo.

"Como consegui me dominar ao perceber que estava perto do sucesso, não sei ao certo. Pelo menos não me eram mais estranhos os hábitos mercantis orientais, e o comerciante judeu-árabe-português com quem eu já tratara encontrou em mim um parceiro à altura. Exigi que me mostrasse todo o seu estoque antes de fechar o negócio. Assim, ele tirou de debaixo de um monte de velharias, uma a uma, sete diferentes lamparinas. Cada uma delas tinha determinado sinal e cada um desses sinais era outra forma do símbolo de Hathor. Creio que, no fim, com minha generosidade, consegui tirar o comerciante da calma. Para que ele não desconfiasse do que eu realmente procurava, comprei quase toda a mercadoria. Quando terminamos a transação, ele estava à beira das lágrimas, julgando que eu o

tivesse arruinado e que ele ficaria sem nada para negociar. Se ele tivesse desconfiado do preço que eu pagaria por uma pequena parte de seu estoque, por uma parte à qual ele dava pouco valor, teria arrancado seus cabelos.

"Na volta para casa, vendi a maior parte de minha aquisição a preços normais. Não tive coragem de dá-las de presente ou jogá-las fora, unicamente para não provocar nenhuma desconfiança. Minha carga era por demais preciosa para que eu a perdesse por uma bobagem dessas. Fiz o caminho de volta tão rápido quanto me permitiam os países que atravessei e finalmente cheguei a Londres com as lamparinas e algumas raridades leves, fáceis de transportar, e rolos de papiro que adquiri em minha viagem de volta.

"Sr. Ross, agora o senhor sabe de tudo o que sei. Deixo à sua sensibilidade quanto do que lhe contei pode ser dito à srta. Trelawny."

Mal ele falou essas palavras, ouvimos outra voz às nossas costas que dizia:

— O que há com a srta. Trelawny? Ei-la aqui.

Viramo-nos assustados e trocamos um olhar significativo. A srta. Trelawny estava na porta. Há quanto tempo e quanto tinha ouvido da nossa conversa, não tínhamos a menor ideia.

Capítulo 13

O DESPERTAR DO TRANSE

Qualquer pessoa que ouve palavras inesperadas é muito natural que leve um susto. Mas quando passa o primeiro choque e a razão predomina, a reação e o modo de falar do que fica escutando às portas nos revela muita coisa. O mesmo aconteceu neste caso. Não pude deixar de desconfiar da sinceridade da próxima pergunta de Margaret.

— Sr. Ross, sobre o que conversavam os dois todo esse tempo? Suspeito que o sr. Corbeck estava a lhe relatar as aventuras por que passou durante sua caça às lamparinas. Sr. Corbeck, espero que um dia o senhor também me conte tudo. Mas depois que o estado de saúde de meu pai melhorar. Certamente ele mesmo gostaria de me contar sobre todas essas coisas ou de estar a meu lado quando eu as ouvir. — Seu olhar atento ia de um para outro. — Era desse assunto que falavam quando entrei? Bem, saberei esperar. Tomara que não seja por muito tempo, porque a duração do estado em que se encontra meu pai me consome, eu o sinto. Mesmo, agora, tive a impressão de que meus nervos estavam em frangalhos. Resolvi que uma caminhada pelo parque me fará bem. Sr. Ross, eu lhe pediria que ficasse com meu pai. Assim ficarei bem mais sossegada.

Levantei-me de um salto, muito feliz porque a pobrezinha se permitia uma meia hora ao ar livre. Ela parecia muito tensa e macilenta, e o aspecto de suas faces brancas me doía o coração. Fui para o quarto do doente e tomei meu lugar de costume. A sra. Grant estivera de guarda até aquele momento. Não julgávamos necessário manter mais do que uma pessoa vigiando durante o dia. Logo que entrei, ela teve a oportunidade de demonstrar suas qualidades de dona de casa. As persianas estavam subidas e, como o quarto ficava na parte norte, a luz do sol era bastante suavizada.

Durante um longo tempo, fiquei sentado a pensar sobre tudo o que o sr. Corbeck me contara. Misturei o que eu ouvira dele com os fatos acontecidos desde que entrei naquela casa. Fui atormentado temporariamente por dúvidas. Suspeitava de tudo e de todos, desconfiava até da capacidade de meus sentidos, e sempre voltava a meditar sobre as advertências do detetive experiente. Ele havia acusado o sr. Corbeck de

refinado mentiroso e de cúmplice da srta. Trelawny. Cúmplice de Margaret. Com isso, tudo estaria decidido. Tal suspeita fez desaparecerem todas as dúvidas, principalmente quando me vinha à memória sua figura, seu nome, e só o fato de pensar nela era como se ela estivesse ali presente. Eu era capaz de apostar minha vida para poder acreditar nela.

Fui asperamente acordado de meus sonhos que já iam se transformando em sonhos de amor. Uma voz se fez ouvir, uma voz profunda, forte e dominadora. O primeiro som já me pegou como um golpe de trombeta. O doente acordara e começara a falar:

— Quem é o senhor? O que faz aqui?

Sempre estivemos à espera de seu despertar, mas ninguém poderia imaginar que fosse tão repentino nem que estivesse de posse de todos os seus sentidos. Fiquei tão surpreso que minha resposta foi mecânica:

— Eu me chamo Ross e estava de vigília à sua cabeceira.

Foi a vez dele de se espantar, mas reparei que seguia seus hábitos e que desejava ele próprio fazer um julgamento.

— De vigília? O quê? Por quê?

Seu olhar pousou sobre a mão enfaixada, e ele prosseguiu num tom menos agressivo, querendo tomar conhecimento dos fatos.

— O senhor é médico?

Um sorriso me aflorou aos lábios, porque o alívio depois do longo período de tensão se fizera notar.

— Não, senhor — retruquei.

— Por que, então, está aqui? Quem é o senhor se não é médico?

Isso soou novamente de modo imperioso. Os pensamentos trabalham rapidamente. Toda a cadeia de pensamentos em que deveria se apoiar minha resposta perpassou minha consciência antes que eu pronunciasse alguma palavra. Eu tinha que pensar em Margaret. Este que aqui estava na minha frente era seu pai, que nada sabia a meu respeito nem desconfiava da minha existência. Era, portanto, natural que ficasse curioso e espantado, porque logo eu, devido à doença do pai, fora escolhido pela filha para ser amigo dela. Normalmente os pais têm a tendência de ver o escolhido da filha com certo ciúme, e eu, que não declarara ainda meu amor a Margaret, não devia fazer nada que pudesse colocá-la numa situação desagradável.

— Sou advogado. De fato, não me encontro aqui nessa qualidade, mas simplesmente como amigo de sua filha. É bem possível que tenha sido minha profissão que fez com que ela me chamasse, porque estava com

receio de que o tivessem assassinado. Em consequência, ela teve a bondade de me pedir para ficar, vendo em mim um bom amigo, de acordo com os próprios desejos do senhor para que alguém ficasse sempre de vigia.

Via-se de saída que o sr. Trelawny era um homem de decisões rápidas e poucas palavras. Olhou-me fixamente, como se pudesse ler meus pensamentos. Para meu alívio, um instante depois já não falava mais no assunto e se contentava com minhas explicações. O motivo era bem mais profundo e fugia ao meu conhecimento. Seus olhos brilhavam e sua boca se movia involuntariamente — seria muito dizer que sua boca fora repuxada. Parecia meditar quando falou de súbito:

— Ela, então, pensava que eu pudesse ser assassinado... Foi na noite passada?

— Não. Isso foi há quatro dias.

Ele pareceu muito espantado. Enquanto isso, sentou-se na cama e dava a impressão de querer se levantar. Somente com grande esforço é que se controlou e disse, tornando a recostar-se nos travesseiros:

— Rápido, conte-me tudo o que sabe. Cada particularidade. Não omita absolutamente nada. Mas primeiro feche a porta. Antes que eu veja alguém, gostaria de saber em que pé estão as coisas.

Suas últimas palavras fizeram com que meu coração disparasse.

Ele me olhou como se eu fosse alguém especial. Para mim foi um consolo na situação em que me encontrava com referência à sua filha. Aliviado, fui até a porta e a fechei de mansinho. Quando voltei para perto da cama, ele havia sentado.

— Comece — disse ele.

Eu o pus a par de tudo o que ocorrera desde minha chegada à casa. É óbvio que eu não disse uma palavra sequer sobre meus sentimentos para com Margaret, e a respeito de Corbeck eu disse apenas que ele trouxera as lamparinas havia tanto tempo procuradas. Depois lhe dei conta da perda e do encontro delas aqui nesta casa.

Ele me ouviu tão controlado que, nas circunstâncias presentes, considerei um milagre. Nada havia de indiferença. O ocasional brilho em seus olhos e os dedos da mão boa que apertavam fortemente as cobertas não denotavam isso. Sua tensão se fez notar principalmente quando lhe contei acerca da volta de Corbeck e do encontro das lamparinas no quarto de vestir. Por vezes murmurava alguma coisa, mas sempre algumas palavras, dando a impressão de não ter consciência do que dizia. As partes da charada

que nos deram tanta dor de cabeça pareceram não interessá-lo muito, como se já soubesse de tudo. Mas o que mais o comoveu foi quando lhe contei sobre os tiros de Daw. Murmurando “Que grande burro!” e associando às palavras um rápido olhar para o armário estragado, demonstrou exasperação. Comoveu-se muito quando lhe contei das preocupações de sua filha, de sua carinhosa assistência, do amor terno que lhe devotava. O cochicho que lhe escapava involuntariamente soava admirado: “Margaret! Margaret!” Após ter chegado minha narrativa até o momento atual, isto é, até o momento em que a srta. Trelawny decidiu dar um passeio — na presença de seu pai eu a chamava de srta. Trelawny, e não de Margaret —, ele se calou durante longo tempo. De súbito, porém, virou-se para mim e falou com insistência:

— Agora me fale sobre sua pessoa.

Esse pedido veio de forma tão inesperada que senti como meu rosto corou. O olhar do sr. Trelawny pousou em mim, sereno e interrogativo, mas jamais relaxando sua observação firme e perscrutadora. O fato de ter um sorriso nos lábios aumentou meu embaraço, significando também, por outro lado, um alívio para mim. Como era de meu hábito, encarei as dificuldades e falei:

— Como já lhe disse, eu me chamo Ross, Malcolm Ross. Sou advogado e comecei meu trabalho como jurista no último ano do reinado da rainha. Tenho-me saído razoavelmente bem em minha profissão.

Para minha tranquilidade, ele falou:

— Eu sei. Já ouvi falar do senhor. Quando e como conheceu Margaret?

— Nós nos encontramos pela primeira vez há dez dias na casa de Hay, em Belgrave Square. E, mais tarde, num piquenique no rio, na companhia de Lady Strathconnell. Viajamos de Windsor para Cookham. Mar... quero dizer, a srta. Trelawny sentou-se a meu lado no barco. De vez em quando remo e tenho meu próprio barco em Windsor. Não pudemos deixar de conversar bastante.

— Naturalmente.

Em sua resposta havia um quê de troça, mas esse foi o único indício de seus sentimentos. Aos poucos fui tomado por uma sensação de que eu, na presente situação, deveria mostrar minha própria força ante esse homem tão vigoroso. Meus amigos e, de vez em quando, meus oponentes também acham que disponho de muita força. Se eu, nas atuais circunstâncias, não fosse absolutamente franco, estaria dando sinal de fraqueza. Tendo em

mente as dificuldades que se apresentavam a mim, percebi que minhas palavras poderiam influir na felicidade de Margaret devido ao amor que ela devotava a seu pai. Portanto, prossegui:

— Numa conversa, em momento, local e intimidade tão agradáveis, num isolamento que leva a uma confissão íntima, tive a oportunidade de lançar um rápido olhar em sua vida interior, coisa que um homem da minha idade e com a minha experiência pode captar facilmente.

A fisionomia do pai se tornou bastante sisuda quando continuei, mas ele não se manifestou. O que apresentei agora seguia uma única direção e fiz o que pude para melhor expressar meus pensamentos, pois isso poderia ter sérias consequências para mim.

— Era visível que ela era sozinha e que essa solidão se tornara um hábito. E eu, que crescera como filho único, podia muito bem me pôr em seu lugar. Por isso eu a encorajei para que se abrisse livremente comigo. E como me senti feliz quando ela assim o fez! Entre nós cresceu uma confiança mútua. — A fisionomia de seu pai fez com que eu acrescentasse logo: — Senhor, tenha a certeza de que não foi dito nada de mais. Ela se abriu comigo da mesma forma e maneira transbordante como alguém que há muito deseja expressar seus pensamentos cuidadosamente guardados. Ela falou de suas aspirações, em querer que seu pai depositasse mais confiança nela, o pai a quem ela ama, saber mais da vida dele e de haver maior aproximação entre os dois. Creia-me, senhor, o que ela me disse foi sincero. Era tudo o que o coração de um pai deve desejar ou esperar. Ela foi completamente leal. Como eu lhe era quase um estranho, não havia empecilhos que pudessem interferir na sinceridade entre nós, e foi por isso que provavelmente se abriu comigo.

Calei-me. Foi-me difícil ser obrigado a continuar, pois eu tinha medo de que, de alguma forma, eu pudesse prejudicar Margaret. Como fiquei aliviado quando seu pai falou:

— E o senhor?

— Bem, senhor, a srta. Trelawny é charmosa e bonita. É jovem, e sua natureza, clara como cristal. Sua simpatia é para mim puro contentamento. Apesar de não ser velho, meus sentimentos para com ela afloraram naquele momento. Devo lhe dizer isso, ainda que seja o pai dela.

Abaixei instintivamente os olhos. Quando os levantei de novo, o sr. Trelawny continuava a me olhar fixamente. Toda a sua amabilidade parecia

se concentrar em seu sorriso, ao me estender a mão com as seguintes palavras:

— Malcolm Ross, sei que é um cavalheiro corajoso e respeitado. Fico feliz em saber que minha filha o tenha por amigo. Vá em frente.

Meu coração deu um salto. O primeiro passo para ganhar as boas graças do pai de Margaret fora dado. Devo dizer que, quando continuei, me senti mais à vontade. De qualquer maneira, foi essa a sensação que tomou conta de meu ser.

— É possível tirar algum proveito no processo de envelhecimento. Sei disso por experiência própria. Para isso lutei e trabalhei. E percebi que eu tinha o direito de usar esta experiência. Por isso tive a coragem de dizer à srta. Trelawny que, em caso de necessidade, poderia contar com minha ajuda na qualidade de amigo, e ela me prometeu que o faria. Eu não tinha ideia de que a oportunidade se apresentaria mais cedo do que eu esperava e ainda por cima dessa maneira. Já na noite seguinte o senhor sofreu o rude golpe e, em seu medo e desespero, ela mandou me chamar.

Fiz uma pequena interrupção e, quando prossegui, ele ainda não havia despregado os olhos de mim.

— Quando a carta com suas instruções foi encontrada, coloquei-me imediatamente a seu serviço, o que ela aceitou.

— Como transcorreram estes dias para o senhor?

Sua pergunta me pegou de surpresa. Nela ouvi um pouco do tom e do comportamento de Margaret, o que me fez lembrar demais os momentos despreocupados que tanto me agradaram. Eu, como homem, me senti tocado. Agora eu pisava em terreno mais firme quando falei:

— Apesar do medo que me atormentava, apesar da aflição para com a jovem que a cada instante se tornava mais querida para mim, estes dias foram os mais felizes de minha vida.

Ele permaneceu calado por tanto tempo que fiquei à espera de suas próximas palavras com o coração batendo forte e me perguntando se, com minha franqueza, eu teria ido longe demais. Mas, no fim, ele disse:

— Presumo que lhe seja muito difícil falar por si e por ela. A mãe de Margaret deveria tê-lo ouvido falar. Como teria se sentido feliz! — Uma sombra passou sobre seu rosto e ele, apressadamente, continuou:

— Mas o senhor está bem certo de seus sentimentos?

— Conheço bem meu coração, ou presumo conhecê-lo.

— Não, não — retrucou ele. — Não me refiro ao senhor. Até aí, tudo bem. O senhor falava do amor de minha filha por mim, e ainda assim... Assim mesmo ela passou um ano inteiro em minha casa. Então, ela lhe falou sobre sua solidão, sobre seu isolamento. Nunca, nunca eu havia percebido sinais de sua simpatia, nem uma única vez durante todo este ano. Estou desolado ter que dizê-lo, mas confere. — Sua voz tremeu ao se perder em seus pensamentos tristes.

— Então, foi-me permitido perceber mais em alguns dias apenas do que ao senhor durante toda uma vida — disse eu. Minhas palavras pareceram acordá-lo de suas divagações, e tive a sensação que nele a alegria e o assombro se misturavam ao exclamar:

— Eu não tinha a mínima ideia. Eu pensava que eu lhe era indiferente, até que era um castigo por ter descuidado dela em sua juventude. Cheguei mesmo a pensar que ela tivesse um coração frio. É para mim uma alegria inenarrável que ela, a filha de sua mãe, também me ama.

Recostou-se outra vez nos travesseiros, perdido em lembranças do passado.

Como ele devia ter amado a mulher! Era o amor da filha dessa mãe que o comovia, e não o de sua própria filha. Senti uma onda de simpatia por ele e comecei a compreender as coisas. Entendi essas duas criaturas cuja natureza grande, controlada e de poucas palavras tão bem ocultavam a sede vibrante de amor de um pelo outro.

Não me espantou nem um pouco quando ele finalmente murmurou:

— Margaret! Minha filha! Terna, respeitosa, enérgica, honesta e corajosa! Como sua querida mãe.

Nesse momento, senti meu coração repleto de alegria por ter falado com tanta sinceridade.

Então o sr. Trelawny falou de repente:

— Quatro dias! No dia 16! E hoje é 20 de julho?

Assenti. Ele prosseguiu:

— Quer dizer, então, que fiquei quatro dias em transe? Já não é a primeira vez que isso acontece. Uma vez cheguei a ficar três dias em transe em circunstâncias bem estranhas e não teria percebido se não tivessem me contado quanto tempo havia se passado. Um dia desses lhe contarei tudo, se o senhor estiver interessado.

Fiquei fora de mim de alegria pelo fato de ele, o pai de Margaret, depositar em mim sua confiança, criasse uma possibilidade de... Contudo, o

tom objetivo e normal com o qual falou a seguir me desiludiu de repente:

— Tenho que me levantar já. Quando Margaret vier, diga-lhe o senhor mesmo que já fiquei bom. Assim a pouparemos de um choque. E, por favor, quer dizer ao sr. Corbeck que desejo vê-lo tão depressa quanto possível? Gostaria de admirar as lamparinas e ouvir o que ele tem a me contar.

Seu comportamento comigo me encheu de orgulho. Havia uma sugestão de algo de sogro no tom de sua voz, o que me obrigou a lhe obedecer incontinente. Saí apressado a fim de executar seus desejos. Porém, mal eu havia posto a mão no trinco da porta, sua voz me chamou de volta:

— Sr. Ross!

Esse “senhor” não me agradou nem um pouco. Depois de ter tomado conhecimento de minha amizade por sua filha, ele me chamara de Malcolm Ross. Doeu-me a volta à formalidade, o que me encheu de pressentimentos. Devia ter alguma relação com Margaret. Agora sei também o que senti naquele instante: eu estava resolvido a lutar por ela. Voltei-me e, involuntariamente, me endireitei. O sr. Trelawny, o íntegro conhecedor do ser humano, parecia poder ler meus pensamentos. Sua fisionomia, que demonstrava sinais de renovado cansaço, dava a impressão de estar mais relaxada quando falou:

— Sente-se, por favor, e fique mais um instantinho. É melhor conversarmos agora. Somos ambos homens experientes; falemos, então, de homem para homem. Tudo o que se relaciona com minha filha é novidade para mim e, ainda por cima, uma surpresa. Eu gostaria de saber com exatidão como e onde devo me situar. Leve em consideração, por favor, que não farei nenhuma objeção. Contudo, como pai, tenho certas obrigações, sérias obrigações que podem vir a ser dolorosas. Eu, eu — não sabia direito como continuar, o que me fez ganhar novas esperanças — entendo que o senhor, depois de tudo o que me falou a respeito de seus sentimentos para com minha filha, é candidato à mão dela.

Respondi sem hesitação:

— Minha resolução é inabalável. Desde a tarde em que passamos juntos no rio era minha intenção procurá-lo e perguntar-lhe se eu deveria fazer essa pergunta a Margaret. É evidente que depois de certo tempo exigido pelas regras da boa educação. Os acontecimentos, porém, forçaram um estreito relacionamento num curto período, mais curto do que eu esperava. Entretanto, minhas intenções permanecem inalteradas e se tornam mais fortes a cada hora que passa.

Sua fisionomia era bem suave quando me fitou. Fora provavelmente tomado de recordações de sua própria juventude. Depois de alguns instantes, falou novamente:

— Então, devo supor, Malcolm Ross — o tratamento de confiança me encheu de feliz excitação —, que o senhor até agora ainda não falou com minha filha a respeito de seus sentimentos para com ela?

— Não em palavras, senhor. — O duplo sentido de minha resposta provocou nele um riso sincero, porém cheio de carinho. Em sua resposta havia um pouco de ironia ao falar:

— Não em palavras! Isso é muito perigoso. Palavras teriam sido questionadas por ela ou não poderia ter confiado nelas.

Senti que eu corava até a raiz dos cabelos quando prossegui:

— O dever de ficar calado em vista da situação em que ela se achava e meu respeito por seu pai, pois naquela época eu ainda não o conhecia pessoalmente, obrigavam-me a me retrair. Mas mesmo sem esses obstáculos eu não teria ousado me declarar em face de suas preocupações e de seus medos. Sr. Trelawny, dou-lhe minha palavra de honra de que Margaret e eu, principalmente no que se refere a ela, somos apenas bons amigos.

Trocamos um caloroso aperto de mão. A seguir, ele me disse cordialmente:

— Malcolm Ross, dou-me por satisfeito. Naturalmente suponho que não dará à minha filha qualquer tipo de explicação, em palavras, antes que eu a veja e lhe dê meu consentimento — disse ele com um sorriso indulgente. Com um ar mais sério, continuou: — O tempo urge. Tenho que refletir sobre circunstâncias de natureza tão premente e fora do comum que não devo perder mais nenhum minuto. Senão eu não teria me permitido conversar com uma pessoa quase desconhecida para mim sobre o futuro feliz de minha filha.

Sua aparência, demonstrando dignidade e orgulho, me impressionou profundamente.

— Respeitarei seus desejos, senhor — disse eu, dirigindo-me para a porta. Ouvi quando ele a fechou atrás de mim.

Quando contei ao sr. Corbeck que o sr. Trelawny já estava bem, ele iniciou uma dança de alegria, como se fosse um selvagem. De súbito, parou e me pediu muita cautela quando, no futuro, eu me referisse ao encontro das lamparinas ou às primeiras buscas no túmulo. Demonstrei ter compreendido, apesar de não entender o motivo de seu pedido. Em todo

caso, eu sabia que o sr. Trelawny era uma pessoa singular, e certa circunspeção, de qualquer modo, não era defeito.

Os outros moradores demonstravam de maneiras diversas o seu sentimento ao saberem do restabelecimento do sr. Trelawny. A sra. Grant chorou de alegria. Depois, preocupou-se em saber o que poderia fazer a fim de pôr a casa em ordem para o patrão. O rosto da enfermeira se encompridou, pois achou que fosse perder um caso interessante. Contudo, sua decepção foi apenas passageira, e logo se alegrou porque a tensão terminara. Se precisassem dela, estaria a postos ao lado do paciente. Nesse meio-tempo, todavia, começou a fazer a mala.

Levei o sargento Daw para o lado e fui com ele ao escritório para poder lhe dar a notícia sem ser perturbado. Ao lhe relatar como aconteceu o despertar, sua disciplina foi afetada. Suas primeiras palavras de espanto foram:

— E como ele explicou seu primeiro ataque? No segundo ele estava inconsciente.

Até aquele momento, a natureza da agressão devido à qual fui chamado àquela casa não me viera à ideia. O detetive não conseguiu saber quase nada com minha resposta:

— O senhor sabe que nem me passou pela cabeça fazer tal pergunta?

Seu instinto profissional era por demais desenvolvido e se sobrepunha a tudo o mais:

— É esse o motivo por que tão poucos casos são completamente esclarecidos — falou — se nós da polícia não cuidarmos deles. Vocês, detetives amadores, nunca vão até o âmago das coisas. Assim que tudo está em ordem e a tensão acaba, abandonam o caso. É como se fosse um enjoo no navio — declarou filosoficamente depois de uma pausa para reflexão. — Logo que se pisa em terra firme, não se pensa mais no assunto e corre-se para o restaurante para se encher de comida. Então, sr. Ross, estou satisfeito de que tudo tenha ficado para trás. Pelo menos quanto à parte que me toca. Presumo que o sr. Trelawny poderá agora cuidar ele próprio dos seus assuntos. Talvez não faça nada, já que esperava que algo parecido fosse acontecer e não ter pedido proteção à polícia. É provável que, oficialmente, o caso seja dado como sonambulismo ou algo parecido, apenas para constar alguma coisa nos registros de ocorrência. E com isso o caso ficará encerrado. Eu lhe digo com toda a sinceridade que, para mim, é a salvação, pois acredito piamente que eu estava aos poucos perdendo o juízo.

Mistérios demais não fazem meu gênero. Não me darei por satisfeito enquanto não puder descobrir as causas e os motivos por trás de tudo. Para mim o assunto terminou, e agora já posso me dedicar a um trabalho mais limpo, saudável, e à criminalística. É evidente que me interessa muito saber o que houve, se o senhor conseguir desvendar um desses mistérios. Eu lhe serei grato se me puser a par da maneira pela qual o homem foi arrastado para fora da cama, quando o gato o arranhou e quem se utilizou da faca por ocasião da segunda agressão. É impossível ter sido o gato Silvio. Mas veja o senhor mesmo: esse assunto não me sai da cabeça. Preciso tomar cuidado e me refrear, senão irá me perseguir, mesmo depois que estiver há muito ocupado com outros casos.

Quando Margaret voltou de seu passeio, eu a esperava no vestíbulo. Ela ainda tinha as feições abatidas e uma expressão aflita. No fundo, pensei que fosse encontrá-la radiante e refrescada. Mas, assim que ela me viu, sua fisionomia se iluminou e me lançou um olhar interrogador:

— O senhor tem boas notícias para mim? — perguntou. — Meu pai está melhor?

— Sim, tem razão. Como desconfiou?

— Percebi pela expressão de seu rosto. Tenho que ver meu pai imediatamente.

Quando quis sair, eu a segurei.

— Ele disse que a chamaria assim que estivesse vestido.

— Mandar me chamar? — repetiu ela, espantada. — Então já recuperou os sentidos? Eu não sabia que ele já estava bem. Oh, Malcolm!

Sentou-se numa das poltronas e começou a chorar. Eu mesmo estava à beira das lágrimas. Sua alegria e sua agitação, meu nome exclamado naquele instante e dessa forma, a perspectiva de que minhas esperanças pudessem se realizar, tudo isso agiu sobre mim e me senti fraco, de forma nada máscula. Ela percebeu e compreendeu minha emoção. Peguei sua mão estendida e a beijei. Momentos como este são presentes dos deuses para os amantes. Até esse instante eu tinha apenas expectativas, ainda que soubesse que eu a amava e acreditava que ela retribuía meus sentimentos. Seu fervor confirmado pela pressão de seus dedos, pela força com que segurou minha mão, a luz maravilhosa do amor em seus lindos, profundos e escuros olhos — tudo isso demonstrava o que o mais impaciente e impetuoso namorado poderia esperar.

Não trocamos nenhuma palavra. Também não havia necessidade disso. Mesmo que eu não tivesse prometido me calar, as palavras seriam insuficientes e inexpressivas para expressar meus sentimentos. Mão na mão, como criancinhas, subimos as escadas e ficamos aguardando em cima a chamada do sr. Trelawny.

Eu lhe contei, em voz sussurrante, ao pé do ouvido — o que era mais bonito do que falar em voz alta a uma grande distância —, como seu pai despertara e o que dissera. Em poucas palavras, narrei tudo o que foi dito entre nós, com exceção do tema do qual ela era a protagonista.

Finalmente, ouviu-se no quarto dele o tinir de uma campainha. Margaret se desvencilhou de mim e, lançando-me um olhar de advertência, pôs um dedo nos lábios. Bateu na porta baixinho.

— Entre — disse uma voz em tom forte.

— Sou eu, pai.

Em seu tom, sentia-se amor e esperança. Passos rápidos se fizeram ouvir. A porta foi aberta, e logo Margaret estava nos braços do pai. Pouco falaram; trocaram apenas algumas frases desconexas.

— Pai! Querido, querido, pai!

— Minha filha! Margaret! Minha querida filha!

— Papai, papai! Afinal, afinal!

Ambos entraram no quarto e a porta se fechou.

Capítulo 14

O SINAL DE NASCIMENTO

Enquanto eu esperava a chamada do sr. Trelawny, o tempo demorou a passar. Depois dos primeiros momentos de alegria de Margaret, senti-me de algum modo excluído e solitário, e me tornei egoísta como todos os amantes. Mas isso passou logo. Para mim, a felicidade de Margaret estava em primeiro lugar, e a consciência disso sobrepujou minhas melancólicas emoções. As últimas palavras de Margaret, antes de fechar a porta, demonstravam bem toda a situação no momento presente e no passado. Essas duas pessoas orgulhosas, enérgicas, se encontraram quando a jovem já era adulta, sem levarem em conta o fato de que eram pai e filha.

Orgulho e obstinação, além da reserva peculiar a ambos, se tornaram a princípio um obstáculo. Ainda por cima, cada um respeitava a reserva do outro a tal ponto que o mal-entendido veio a ser coisa corriqueira. Dois corações que se queriam e que não conseguiam se encontrar. Agora tudo entrara nos eixos e eu me alegrava do fundo do coração pelo fato de que Margaret afinal encontrara a felicidade. Enquanto eu meditava a respeito dessas coisas e me deixava levar por devaneios bastante pessoais, a porta se abriu e o sr. Trelawny acenou para mim.

— Venha, sr. Ross — disse ele cordialmente, porém com certa formalidade que me meteu medo. Entrei e fechei a porta. Segurei sua mão estendida, que ele não soltou, levando-me até onde se encontrava sua filha. Margaret olhou de mim para ele e de novo para mim e depois abaixou o olhar. Quando fiquei diante dela, o sr. Trelawny largou minha mão e disse à filha, olhando-a firmemente:

— Se as coisas estão no ponto que penso, não deve haver segredos entre nós. Malcolm Ross já sabe tanto sobre meus assuntos que deve ir embora logo e deixar tudo como está ou tomar conhecimento de tudo. Margaret, está disposta a mostrar seu pulso ao sr. Ross?

Ela lhe lançou um rápido olhar, um olhar que deu lugar à determinação. Sem palavras, suspendeu a mão direita, de modo que a pulseira com um par de asas abertas que cobria seu pulso escorregou com o movimento, deixando ver a pele nua. Senti um calafrio.

Em volta de seu pulso, via-se uma fina e denteada linha vermelha, na qual havia manchas que pareciam gotas de sangue.

Lá estava ela diante de mim, ao mesmo tempo humilde e orgulhosa. Sim, ela era orgulhosa, e esse orgulho transparecia em seu encanto, em sua dignidade, em sua abnegação magnânima que eu conhecera e que nunca me pareceram tão claramente evidentes como nesse instante. O fogo que luzia de seus profundos e escuros olhos iluminou minha alma. Um orgulho proveniente da lealdade, um orgulho nascido da consciência limpa, o orgulho de uma verdadeira rainha dos tempos antigos, quando era exigido da linhagem real daquela época que se fosse o primeiro, o maior e o mais destemido em todas as coisas sublimes. Enquanto ficamos lá parados durante segundos, soou em meus ouvidos a voz sincera e profunda de seu pai, como uma provocação:

— Então, o que me diz agora?

Minha resposta não teve palavras. Segurei na mão direita de Margaret com força e suspendi a pulseira de ouro. Curvei-me sobre sua mão e lhe beijei o pulso. Quando levantei os olhos sem largar sua mão, vi em seu semblante a alegria, como só podia existir em sonhos celestiais. Então, virei-me para seu pai:

— Eis minha resposta, senhor.

Seu rosto sério estava emocionado. Ele disse uma única palavra quando colocou sua mão sobre as nossas entrelaçadas, enquanto se inclinava para a filha, dando-lhe um beijo:

— Ótimo.

Uma batida na porta nos assustou.

— Entre — disse o sr. Trelawny meio irritado, e o sr. Corbeck entrou. Mal nos viu juntos, quis se retirar. Contudo, o sr. Trelawny imediatamente foi para junto dele e o puxou para o interior do aposento. Enquanto trocavam um aperto de mão, ele pareceu se transformar numa pessoa completamente diferente. A exaltação de sua juventude, sobre a qual o sr. Corbeck nos contara, estava de volta.

— Então as lamparinas foram encontradas! — exclamou ele. — Minhas deduções provaram estar corretas. Venha, iremos até a biblioteca. Lá não seremos perturbados e o senhor poderá me relatar tudo. E o senhor, meu caro Ross — disse, virando-se em minha direção —, por favor, enquanto isso apanhe a chave da caixa-forte do banco para que eu possa examinar as lamparinas.

Os três se dirigiram para a biblioteca e fui apressadamente para Chancery Lane.

Quando retornei com a chave, eu os encontrei ainda absorvidos na narrativa de Corbeck. Nesse meio-tempo, dr. Winchester havia se juntado a eles. O sr. Trelawny, que soube por Margaret da dedicação com que este cuidara dele e que também, sob pressão, resolvera seguir as instruções escritas, pediu ao médico que ficasse e tomasse conhecimento do que ia ser dito.

— Talvez lhe interesse conhecer o fim desta história — disse ele.

Todos jantamos cedo. Depois, continuamos juntos por mais algum tempo, até que o sr. Trelawny falou:

— Acho melhor nos separarmos agora e irmos cedo para a cama. Amanhã teremos muito o que combinar e hoje à noite preciso refletir.

O dr. Winchester se despediu e, mostrando tato, levou consigo o sr. Corbeck. Então, o sr. Trelawny me disse:

— Penso que, por esta noite, seja melhor o senhor também ir para casa. Gostaria de ficar a sós com minha filha. Há muito que preciso conversar com ela, mas a sós. Talvez amanhã eu já esteja em condições de lhes falar sobre essas coisas. Assim haverá menos causa para distração se ficarmos sozinhos em casa.

Eu podia perfeitamente me pôr no seu lugar, pois ainda estava sob os efeitos dos acontecimentos dos últimos dias, por isso falei com alguma hesitação:

— Mas não será perigoso? Se o senhor soubesse o que nós...

Para meu enorme espanto, Margaret me interrompeu:

— Malcolm, não haverá perigo algum. Ficarei com papai.

E o abraçou protetora. Não falei mais nada e me levantei. O sr. Trelawny falou cordialmente:

— Venha tão cedo quanto quiser, Ross. É melhor que venha logo para o café da manhã, assim poderemos ter uma conversa.

Saiu, deixando-nos a sós. Segurei a mão de Margaret, beijei-a, puxei-a para mim e nossos lábios se encontraram pela primeira vez. Naquela noite não consegui dormir muito bem. Por um lado, a felicidade me tirava o sono; por outro, havia a ansiedade. Eu sentia certa apreensão e experimentava uma felicidade que nada na vida poderia igualar. A noite passou tão rapidamente que a aurora me deu um choque, pois de modo geral o dia amanhecia lentamente.

Já antes das nove horas cheguei a Kensington. Toda a ansiedade desapareceu como uma nuvem negra quando fui ao encontro de Margaret e reparei que sua aparência descansada e luminosa voltara a ser o que era antes. Ela me disse que seu pai havia dormido bem e que logo estaria conosco.

— Desconfio muito — sussurrou ela — de que meu caro e atencioso pai esteja com segundas intenções não aparecendo ainda para que eu seja a primeira a cumprimentá-lo.

Depois do desjejum, o sr. Trelawny nos levou para seu escritório e foi dizendo ao entrar:

— Pedi a Margaret que viesse também.

Sentamo-nos e ele logo continuou, sério:

— Eu já disse ontem que há muita coisa para ser conversada. Presumo que pensou que fosse se tratar de Margaret e do senhor mesmo, estou certo?

— É, foi o que pensei.

— É isso mesmo, meu caro. Margaret e eu já conversamos e estou bem a par de seus desejos.

Estendeu-me sua mão e eu, depois de tê-la apertado, beijei Margaret, que se sentou numa cadeira tão perto de mim que pudemos ficar de mãos dadas enquanto ouvíamos seu pai. Prosseguiu, então, depois de certa hesitação — de fato, não posso dizer que fosse nervosismo, que eu não conhecia nele:

— O senhor já está inteirado de muitas particularidades da minha caçada atrás dessa múmia e a tudo o que a ela se refere. Suponho que deva ter alguma noção de grande parte da minha teoria. Ainda assim, eu gostaria de explicá-la mais tarde, em poucas e concisas palavras, caso seja necessário. Eu lhe pediria um conselho a respeito do seguinte: Margaret e eu não estamos de acordo num ponto. Tenho a intenção de fazer uma experiência, que deverá coroar tudo o que tentei fazer em vinte anos com muito esforço e perigo. Com essa experiência poderemos saber de coisas que durante séculos estiveram escondidas da vista e do conhecimento da humanidade. Não desejo que minha filha tome parte nessa experiência, pois não desejo expô-la ao perigo que poderá advir, um grande perigo, de espécie desconhecida. Eu próprio já me defrontei com ele. O mesmo aconteceu com esse cientista ousado que me auxiliou em meu trabalho. Assumo todo o risco do que porventura possa me acontecer, porque a ciência natural, a pesquisa histórica e a filosofia podem tirar vantagens dali.

Então, poderemos virar uma página que nos desvendaria novos conhecimentos nestes tempos prosaicos. Não posso permitir, no entanto, que minha filha corra tal risco. Sua vida jovem é preciosa demais para ser lançada sem pensar nesse jogo, principalmente agora que se encontra às portas de uma nova felicidade. Não posso consentir que sua vida seja arriscada, como a da sua querida mãe...

Seu autocontrole baqueou e ele cobriu os olhos com as mãos. Imediatamente, Margaret correu para seu lado, beijou-o e consolou-o, cheia de carinho. Então, ela se endireitou e disse, tendo uma das mãos apoiada na cabeça do pai:

— Pai, mamãe nunca lhe pediu que ficasse, nem mesmo daquela vez antes de sua viagem ao Egito, uma viagem cheia de perigos, porque havia guerra naquele país. Você mesmo me contou que ela não o prendeu, ainda que estivesse inteirada do perigo, do qual isso é a prova.

Levantou a mão com a cicatriz que parecia sangrar.

— Agora a filha age como a mãe o faria. — E com essas palavras se virou para mim: — Malcolm, você sabe que o amo. Mas amar é confiar. Tem, portanto, que confiar em mim tanto na dor quanto na alegria. Você e eu devemos ficar ao lado de meu pai nessa hora de perigo desconhecido. Juntos, nós o venceremos ou afundaremos. É esse meu pedido. Meu primeiro desejo para meu futuro marido. Não pensa também que eu, como filha, esteja fazendo o que é certo? Diga a meu pai o que pensa a respeito.

Parecia uma rainha que condescendia em fazer um pedido. Meu amor por ela cresceu muito. Levantei-me e falei, segurando-lhe a mão:

— Sr. Trelawny, nesta história, Margaret e eu pensamos de maneira igual.

Ele pegou nossas mãos, apertou-as e falou muito emocionado:

— Assim o teria feito a mãe dela.

O sr. Corbeck e o dr. Winchester apareceram na hora combinada a fim de se encontrarem conosco na biblioteca. A grande felicidade que eu sentia não podia evitar que eu reconhecesse a seriedade da nossa reunião. Porque eu não podia esquecer por um instante as coisas estranhas que aconteceram, e a certeza de que no futuro outras coisas ainda mais estranhas poderiam sobrevir pairava sobre mim como uma nuvem, pressionando-nos. Pelo aspecto grave dos outros, deduzi que o mesmo se passava na mente deles.

Instintivamente, colocamos nossas cadeiras em volta do sr. Trelawny, que havia se sentado na grande poltrona perto da janela.

Margaret ficou ao lado dele, à sua direita; eu, perto dela; o sr. Corbeck, à esquerda do sr. Trelawny; e, fechando o círculo, o dr. Winchester. Após alguns segundos de silêncio, o sr. Trelawny falou para o sr. Corbeck:

— O senhor contou ao dr. Winchester, como havíamos combinado, tudo o que houve até agora?

— Sim — foi a resposta que se ouviu.

O sr. Trelawny prosseguiu:

— E contei a Margaret, portanto agora todos sabemos de tudo. — Virando-se para o médico, falou: — Devo supor que o senhor, que agora sabe tanto quanto nós, que temos seguido a coisa através de anos, queira tomar parte na experiência que esperamos fazer.

A resposta veio sincera e franca:

— Lógico! Quando fui incluído neste assunto, decidi permanecer até o fim. Agora, que sei de tanta coisa estranha e interessante, não gostaria de perder a experiência por nada deste mundo. Pode ficar tranquilo, sr. Trelawny. Como cientista, estou muito interessado na pesquisa de determinados fenômenos. Sou sozinho no mundo e posso fazer ou deixar de fazer o que bem entender, ainda que me custe a vida.

O sr. Trelawny se inclinou com seriedade e se dirigiu ao sr. Corbeck:

— Caro amigo, conheço suas ideias e seus conceitos há vários anos. Não preciso lhe fazer perguntas. Margaret e Malcolm Ross já demonstraram claramente sua vontade.

Parou como se quisesse pôr em ordem as palavras e os pensamentos, começou a falar de suas intenções e seus pontos de vista. Fez a exposição dos fatos com muita cautela, sempre voltado para a possibilidade de que alguns dos ouvintes não entendessem bem a real natureza do assunto e do que se tratava.

— A experiência que temos diante de nós deverá provar se a magia dos antigos tem realmente força e se é verdadeira. As hipóteses para essa experiência não podem ser mais oportunas, e tenho o maior empenho em fazer todo o possível no sentido de alcançar o objetivo original. Que existe tal força, disso estou plenamente convencido. Seria quase impossível, nos tempos atuais, criar, realizar ou produzir uma tal força. Contudo, parto do princípio de que, no caso de tal força ter existido nos tempos antigos, haja invulgares possibilidades de sobrevivência. Afinal, a Bíblia não é um produto da imaginação e nela podemos ler que o sol parou sob o comando de uma pessoa e que um burro, não um homem burro, podia falar. Se

realmente a feiticeira de Endor pôde fazer aparecer o espírito de Samuel diante de Saul, o mesmo poderá ser dado a outros com forças semelhantes. Por que uma dessas forças não poderia sobreviver? Assim, aprendemos no livro de Samuel que a feiticeira de Endor era apenas uma entre muitas e que Saul a escolheu por acaso. Ele estava à procura de uma das que ele expulsou de Israel: “Todas as que tinham gênios protetores e os magos.” Então, Tera, uma rainha egípcia que reinou uns poucos dois mil anos antes de Saul, tinha um gênio protetor e era maga. Devem ter em mente que os sacerdotes do tempo dela, e os depois dela, queriam apagar seu nome da face da Terra e lançaram uma maldição na entrada para sua tumba, a fim de que ninguém mais descobrisse seu nome, que deveria ficar esquecido para sempre. De fato o conseguiram, porque nem Maneto, o cronista dos reis egípcios, pôde achar o nome de Tera, ele que escreveu no décimo século a.C. e que podia se aproveitar da sabedoria dos sacerdotes, acumulada durante quarenta séculos e que teve acesso a todas as informações existentes. Então, em vista dos acontecimentos anteriores, não haverá ninguém que tenha pensado no fato de quem ou o que seria seu gênio tutelar?

Houve uma interrupção por que o dr. Winchester bateu com um punho na palma da outra mão, exclamando:

— O gato! A múmia do gato! Eu sabia!

O sr. Trelawny o contemplou com um sorriso.

— Exatamente. Todos os sinais nos levam a crer que o gênio da rainha-maga era o gato, tendo sido inclusive embalsamado com ela, não apenas no túmulo, mas também deitado com ela no sarcófago. Foi ele que me mordeu na mão e me arranhou com as garras afiadas.

Ele fez uma pausa. O comentário de Margaret aos esclarecimentos ouvidos foi tímido e pueril:

— Então quer dizer que meu pobre Silvio está isento de culpa? Como me sinto feliz!

Seu pai passou a mão sobre os cabelos da moça e prosseguiu:

— Essa mulher deve ter tido uma perspicácia fora do comum. Uma perspicácia que ultrapassou as eras e sua preservação espiritual. Parece ter olhado claramente através das fraquezas de sua religião e encontrado preparativos para a entrada em outro mundo. Todas as suas esperanças eram dirigidas para o norte, naquela direção de onde vinham os frescos e agradáveis ventos que tornavam a vida aprazível. Desde o início, seu olhar

foi atraído pelas Plêiades da Balança, isso porque, no dia de seu nascimento, um grande meteorito caiu do céu, de cujo centro foi, afinal, cortada a pedra das Plêiades que ela considerou o talismã protetor da vida. Tal fato é historiado pelos hieróglifos de seu túmulo. Essa pedra parece ter determinado de tal modo seu destino que todas as suas aspirações e pensamentos se voltavam unicamente para ela. O recipiente mágico com seus sete lados provém igualmente do meteorito, como a mesma fonte nos dá ciência. Sete era um número mágico para Tera. Não é de espantar quando se relembra que tinha sete dedos numa das mãos e sete dedos num dos pés. Além disso, o talismã, sob a forma de um rubi raro, com sete estrelas da mesma constelação do seu nascimento, em que cada uma dessas estrelas exibe as sete pontas. Só isso já é uma das maravilhas geológicas. Se ela tivesse ficado impressionada com o fato, a coisa em si seria ainda mais curiosa. Vale lembrar também que ela nascera no sétimo mês do ano, como pudemos verificar em sua tumba, o mês em que começa a inundação do Nilo. A rainha Hathor domina esse mês, sendo ela a deusa das casas da rainha, de Antef, da linhagem de Tebas, aquela deusa que simboliza a beleza sob diferentes aparências, a alegria de viver e a ressurreição. Nesse sétimo mês, que mais tarde, de acordo com a astronomia egípcia, começava em 18 de outubro e durava até 27 de novembro da nossa era cronológica, no sétimo dia sobe a lança no horizonte em Tebas.

“Essas diferentes circunstâncias são ligadas de maneira estranha à vida dessa mulher. O número 7, a Estrela Polar com a constelação das Plêiades, a divindade do mês, Hathor, que era ao mesmo tempo a de sua família e a da forma dos sete amores, dominam a vida e a ressurreição. Se houvesse algum motivo para magia, para uso místico do poder do símbolo, para uma crença em espíritos infinitos numa era antiga, que o deus novo não conhecia, ele está aqui.

“Refletindo-se sobre o assunto, chega-se à conclusão de que a mulher era versada em todas as ciências de sua época. A mão prudente de seu pai cuidara antecipadamente para que as intrigas dos sacerdotes fossem contrabalançadas pela força de seu próprio saber. Ainda por cima, a astronomia no Egito Antigo tomou enorme impulso e lá teve um extraordinário desenvolvimento. Em consequência da astronomia, seguiu-se a astrologia. É possível que, com os adiantamentos da ciência da luz, seja um dia descoberto que a astrologia tem base científica. Talvez venha a se tratar disso na próxima onda de pesquisas da ciência natural. Mas, neste

momento, preciso lhes dizer mais uma coisa especial, que necessita de bastante reflexão. Os egípcios tinham conhecimento de coisas das quais nós, apesar de todo o nosso progresso, não temos a menor noção. Por exemplo, a acústica para o construtor dos templos de Carnac e Luxor, das Pirâmides, exigia que ele fosse versado numa ciência exata que, hoje em dia, para um Bell, Lelvin, Edison e Marconi, continuam um mistério. Recapitulando: esses antigos organizadores maravilhosos conheciam provavelmente possibilidades de utilizar outras forças, entre elas a da luz, com as quais hoje em dia nem sonhamos. Mais tarde falaremos sobre esse assunto. Suspeita-se que o recipiente mágico da rainha Tera seja em mais de um ponto uma caixa mágica. É bem possível que nele se encontrem forças das quais nem desconfiemos. Não se pode abri-lo. Deve ser fechado por dentro. Mas como? É uma caixa de pedra maciça, de surpreendente dureza, assemelhando-se mais a uma pedra preciosa do que ao mármore comum e com uma tampa igualmente maciça. Todavia, tudo é tão bem trabalhado que não se consegue enfiar no interstício nem a mais fina ferramenta. Mas como se conseguiu trabalhar com tamanha precisão? Como foi possível escolher a pedra de modo que seus pontos transparentes coincidissem com a colocação das Plêiades na constelação? Como a coisa pode ser incandescente de dentro para fora, quando a luz das estrelas incide sobre ela, e que essa incandescência se torne mais forte quando se coloca as lamparinas na posição semelhante? Mesmo assim, a caixa não reage à luz comum, ainda que muito forte. Eu lhes digo que essa caixa contém um grande mistério. Veremos que a luz, de algum modo, ajuda a abri-la. Ou por meio de qualquer substância encontrada ou de uma eficaz força libertada. Só posso esperar que nós, com nossa falta de conhecimento, não estraguemos nada nem prejudiquemos o mecanismo, pois, se isso acontecer, a ciência de nossa época perderia uma lição, que lhe é transmitida quase por milagre após cinco mil anos.

“Talvez a caixa contenha ainda mistérios latentes de outro tipo, que trarão para o mundo de hoje novas percepções. Já sabemos bem que os egípcios pesquisavam as qualidades mágicas de ervas e de minerais, em se tratando tanto da magia branca quanto da negra. Sabemos que havia entre os antigos magos alguns com o dom de introduzir sonhos no sono do tipo que se desejasse. Não tenho dúvida de que esse meio de hipnose alcançado era tratado no Nilo Antigo como arte elevada. Seu conhecimento a respeito de drogas é muito superior ao nosso. Com os suprimentos médicos que

conhecemos, podemos também influir nos sonhos até certo ponto. Conseguimos mesmo determinar se os sonhos serão bons ou maus. Esses feiticeiros antigos podiam provocar, a seu bel-prazer, qualquer forma ou coloração de um sonho que se desenvolvia em volta de um tema ou de um pensamento. Nesse recipiente, que todos viram, talvez esteja preso um arsenal de sonhos. É bem possível que algumas das forças aprisionadas nessa caixa já estejam agindo na minha casa."

Novamente o dr. Winchester faz uma interrupção:

— Se, em seu caso, algumas dessas forças aprisionadas estivessem agindo, o que, então, a libertou em determinada hora? E como? Além do mais, o senhor e o sr. Corbeck há uns tempos já se acharam em transe durante três dias, naquela época em que estiveram pela segunda vez no túmulo da rainha. Naquela ocasião, pelo que pude depreender pelo relatório do sr. Corbeck, o recipiente não se encontrava no túmulo, e sim a múmia. Nos dois casos, deve ter agido uma inteligência muito atuante que a dominou, juntamente com outra força.

A resposta do sr. Trelawny lhe deu razão:

— Sim, era uma inteligência ativa e vigilante que estava agindo. Tenho plena convicção disso. Sempre se tratava de uma energia pronta para entrar em ação. O que quero dizer é que, em ambos os casos, houve a ação de uma força hipnótica.

— E onde está contida essa força? Qual é sua opinião a respeito?

A voz do dr. Winchester tremia de excitação ao se inclinar ofegante e com olhar atento. O sr. Trelawny falou com franqueza:

— Na múmia da rainha Tera. Eu queria chegar a esse ponto. Talvez devêssemos esperar um pouco mais, até que eu tenha esclarecido alguns fatos fundamentais. Parto do princípio de que essa arca ou recipiente fora preparado para determinada ocasião, como tudo o mais que se encontra na caverna. A rainha Tera não se preocupou na sua tumba, a 33 metros acima do chão do vale, com medidas protetoras contra serpentes nem escorpiões, onde fora esculpida numa parede lisa do rochedo a cerca de 16,5 metros sob o cume da penedia. Suas precauções eram dirigidas contra a interferência humana, contra a inveja e o ódio dos sacerdotes que, se tivessem tido a ideia das verdadeiras intenções de Tera, teriam se preocupado em fazer tudo para frustrar seus desígnios. Do seu ponto de vista, tudo levava para a época da ressurreição, fosse em que período fosse. Pelos símbolos de sua tumba, presumo que divergia da crença de seus tempos, esperando uma

ressurreição corporal. Sem dúvida, isso aumentou o ódio dos sacerdotes em relação a ela e lhes deu uma motivação para exterminar a existência atual e futura daqueles que pisavam com os pés suas máximas religiosas, ofendendo os deuses. Tudo de que necessitava a rainha para a ressurreição em tempos futuros estava contido naquela câmara hermeticamente fechada. No grande sarcófago que, mesmo para um rei, tinha dimensões descomunais se encontrava a múmia do seu gênio protetor, o gato que, devido ao seu tamanho, julgo ter sido uma espécie de tigre. Além disso, havia na tumba, num recipiente igualmente feito de material duradouro, as Canopus, receptáculos que serviam do mesmo modo para a preservação dos órgãos internos retirados e embalsamados, mas que, nesse caso em especial, não apresentavam tal conteúdo. No caso da rainha Tera, os embalsamadores alteraram o costume usual. Suponho que seus órgãos seriam novamente incluídos no corpo, cada um em seu devido lugar, se eles tivessem sido realmente retirados. Se minha conjectura for verdadeira, veremos que o cérebro da rainha fora ou não removido, e, se o fora, poderia ser recolocado no lugar, em vez de incluído nas ataduras da múmia. Mais: encontrava-se no sarcófago a caixinha mágica, sobre a qual repousavam seus pés. Digno de observação é o cuidado que teve para que ela continuasse a ter o domínio sobre os elementos. De acordo com sua crença, a mão aberta fora das faixas controlava o ar, enquanto a joia maravilhosa com as estrelas chamejantes dominava o fogo. Os sinais colocados na sola de seus pés davam poder sobre a água e a terra. Eu gostaria de falar mais amplamente sobre a pedra-estrela. Com relação ao sarcófago, é ainda digno de nota o fato de ela proteger seu segredo contra a possibilidade de um roubo no túmulo. Ninguém conseguiria abrir o recipiente mágico sem as lamparinas, pois sabemos que a luz normal não tem efeito algum. A grande tampa do sarcófago não estava lacrada como era costume na época, porque ela não desejava perder seu domínio sobre o ar. Mas as lamparinas, pelo seu formato, faziam parte da caixa mágica e estavam ocultas num lugar onde ninguém as poderia encontrar se não seguisse as instruções secretas que ela mesma colocara para os olhos dos sábios. Também nessa instância, ela se protegera contra a descoberta acidental, destinando um dardo para o atrevido descobridor. Para esse fim, serviu-se de uma tradição, sob a forma do guardião vingador das pirâmides, que seu grande antepassado da quarta dinastia havia construído. É certo que já notara que nesse túmulo existem inúmeras divergências nas regras convencionais. Assim, por exemplo, foi

deixado livre o fosso que leva ao túmulo propriamente dito da múmia, que, de modo geral, era preenchido com pedras e entulho. Por quê? Presumo que todos os preparativos fossem destinados para a época depois de sua ressurreição, quando sairia do túmulo abandonando a crueldade de sua existência anterior para ser uma nova mulher, com nova personalidade. Sabemos que pensou nisso tudo e até na corrente de ferro perto da porta, como descrevera Van Huyn, pela qual poderia descer até o chão do vale. Ela contava que um longo tempo haveria de se passar antes da ressurreição, e tal fato pode ser comprovado pela seleção do material. Uma corda comum apodreceria e se tornaria inútil, porém, com razão, esperava estabilidade do ferro.

"Quais eram suas intenções para o período em que entrasse de novo na terra, não temos como saber e desconfio que jamais descobriremos, a menos que seus lábios mortos despertem de sua rigidez e ela fale conosco."

Capítulo 15

O PLANO DA RAINHA TERA

— Agora falemos da joia-estrela. Ela a considerava seu maior e mais valioso tesouro. Nela mandou inscrever palavras que ninguém ousava sequer pronunciar na época. De acordo com a opinião dos antigos egípcios, havia palavras que, pelo emprego correto, nas quais a pronúncia era tão importante quanto a própria palavra, tinham força sobre os senhores dos mundos superior e inferior, isto é, céu e inferno. *Hekau*, ou comando, era da maior importância em certos rituais. A pedra das Plêiades, que, como sabem, fora lapidada no feitio de um escaravelho, tem dois desses *Hekau* escritos em hieróglifos, um sobre o lado superior e o outro sobre o reverso. Todos compreenderão melhor quando os virem. Esperem. Não se mexam.

Nem bem pronunciara as palavras, levantou-se e saiu apressado. Fiquei com medo por ele, mas senti alívio quando olhei para Margaret. Ela havia demonstrado sinais de temor sempre que desconfiava haver alguma possibilidade de um perigo para seu pai. Agora, no entanto, mostrava-se calma e relaxada. Por isso nada falei e esperei.

Apenas alguns minutos se passaram até que o sr. Trelawny voltasse, tendo na mão uma caixinha dourada. Colocou-a sobre a mesa e se sentou. Todos nos inclinamos curiosos no instante em que ele a abriu.

Sobre um forro de seda havia um rubi maravilhoso, enorme, quase tão grande quanto a ponta do dedo mindinho de Margaret. A pedra havia sido lapidada no feitio de um escaravelho — porque essa não podia ser sua forma natural, ainda que se encontrem pedras preciosas que não demonstrem terem sido trabalhadas por instrumentos. O escaravelho tinha as asas fechadas e as patas e as antenas ajustadas. A belíssima cor vermelho-sangue deixava transparecer brilho de sete estrelas de sete pontas, dispostas de tal maneira que a constelação da Balança era claramente reconhecível. Não havia possibilidade de dúvida, pois quem a viu uma vez jamais a esqueceria. Nela se viam hieróglifos gravados com uma precisão inigualável, que pude constatar ao chegar a minha vez de examiná-la com uma lente de aumento oferecida pelo sr. Trelawny. Depois que todos examinamos detidamente a pedra, o sr. Trelawny a virou de modo que ela

se encaixou numa cavidade feita na metade superior da caixinha. O reverso não era menos bonito: imitava perfeitamente a parte de baixo do escaravelho e lá haviam sido gravados hieróglifos também. O sr. Trelawny retomou a palavra, enquanto inclinávamos nossas cabeças sobre a magnífica pedra preciosa.

— Como veem, há duas palavras, uma sobre a face superior e a outra no reverso. Os símbolos da face superior mostram apenas uma palavra, que consiste numa sílaba longa com o respectivo pronome. Presumo que saibam que a escrita egípcia era fonética e que um símbolo hieroglífico representava um som. O primeiro símbolo aqui, este ancinho, significa *mer* (amor), e as duas elipses pontudas, o comprimento do R final de Mer-r-r. A figura sentada com a mão diante do rosto é o sinal para *pensar*, e o rolo de papiro, para *abstração*. Temos, então, diante de nós a palavra *mer*, amor no sentido mais abstrato, universal e completo. É o *Hekau*, o poder que ela tem sobre o mundo superior.

O rosto de Margaret demonstrava felicidade quando falou com sua voz profunda e bem modulada:

— Oh, como é verdade! Como os antigos homens maravilhosos conheciam a verdade onipotente!

Corou e abaixou os olhos. Seu pai riu carinhosamente ao continuar:

— A reprodução simbólica da palavra no reverso é mais simples, ainda que de mais difícil compreensão. O primeiro símbolo quer dizer *men*, o mesmo que *constante*, e o segundo, *ab*, corresponde ao nosso *coração*. Lemos então *coração constante* ou, na nossa língua, *paciência*. E esse é o *Hekau* para o domínio do submundo.

Ele fechou a caixinha, saiu e, dizendo para que não saíssemos dali, dirigiu-se para seu quarto a fim de guardar a pedra preciosa no cofre. Voltou imediatamente e retomou seu lugar, continuando:

— Esta pedra, com suas palavras cabalísticas que a rainha Tera cobria com a mão no sarcófago, deveria ser um fator importante, provavelmente o mais importante, para o êxito de sua ressurreição. Isso meu instinto me diz desde o começo. Guardei a pedra no meu cofre grande para que ninguém possa roubá-la, nem mesmo a própria rainha Tera por meio de seu corpo astral.

— Corpo astral? O que é isso, pai? — A curiosidade na voz de Margaret me surpreendeu. Mas o riso indulgente e paternal de Trelawny iluminou seu rosto sério como um raio de sol ao responder:

— Corpo astral é uma ideia do budismo, iniciada bem mais tarde e reconhecida no misticismo moderno como fato, que teve sua origem no Egito Antigo, pelo menos é o que se supõe. Não significa outra coisa a não ser que um indivíduo, graças à sua força de vontade, pode transportar rapidamente seu corpo para qualquer lugar, por meio da desintegração e da reencarnação das partículas. Os antigos acreditavam que a essência do ser humano era composta de muitas partes. Vou lhes explicar para que tudo o que lhe diz respeito possa ser compreendido. Em primeiro lugar, havia o Ka, ou *imagem*, que, de acordo com o dr. Budge, poderíamos definir como "individualidade abstrata da personalidade", impregnado de todos os atributos característicos do indivíduo ao qual pertence, isto é, uma existência completamente independente. Podia se movimentar à vontade de um lugar para outro ou mesmo entrar no céu e conversar com os deuses.

"Depois havia o Ba, ou *alma*, que morava em Ka e tinha força para se materializar ou desmaterializar. Tinha igualmente substância e forma, o poder de deixar o túmulo; podia visitar o corpo na caverna, ressuscitá-lo e manter com ele um diálogo. A seguir, havia o Khu, a *inteligência espiritual* ou simplesmente o espírito, descrito como figura corpórea luminosa e que não podia ser aprisionada, e ainda Sekhem, ou a força do ser humano, sua força vital personificada. Faltam ainda as Khaibit, ou as *sombras*, Ren, ou o *nome*, Khat, ou o *corpo físico*, do mesmo modo que Ab é o coração, morada da vida.

"Os senhores podem ver que a subdivisão das funções corporais e espirituais, psíquicas e físicas, ideais ou reais, era tida como fatos e que lhes foram dadas todas as possibilidades e capacidades de transferência corporal, mas sempre dirigidas por uma força de vontade ilimitada."

Fez uma interrupção e recitei a meia-voz os versos de Shelley de *Prometeu libertado*: "O grande Zaratustra, perambulando uma vez em seu jardim, encontrou sua própria imagem..."

— Teríamos aí mais um costume religioso do Egito Antigo, que é de suma importância para nós — prosseguiu ele. — A saber, aquelas estatuetas *ushebti* de Osíris que se colocavam junto aos mortos para que pudessem executar no além os trabalhos exigidos. Continuando, essa imaginação se projetava na crença de que era possível transportar a alma e as qualidades de cada ser vivo para uma figura semelhante a esse ser vivo. Com isso, teria sido entregue um poder terrível nas mãos dos que comandam tal feitiçaria.

“De uma combinação dessas diferentes tendências e de suas consequências cheguei à conclusão de que a rainha Tera contava encenar a própria ressurreição quando, onde e como lhe conviesse. Não é apenas possível, mas até bem provável, que tenha considerado para tanto determinada época. Reservo-me para mais tarde dar mais explicações quanto a esse ponto. Com uma alma que se demorou junto aos deuses, com um espírito que podia vagar à vontade sobre a terra, munidos pela força de transferência corporal ou de um corpo astral, não havia nenhum cerceamento para seu sustento. Somos forçados a pensar que ela tenha passado os quarenta ou cinquenta séculos dormindo em sua cripta, à espera. Ela esperava com aquela ‘paciência’ que lhe permitia dominar os deuses do inferno e esperava com o ‘amor’, por meio do qual tinha em seu poder os deuses do mundo superior (céu). Não sabemos como eram seus sonhos. Contudo, seu sonho deve ter tido uma interrupção qualquer quando o pesquisador holandês entrou na sua cova cinzelada e seus seguidores perturbaram a santa paz de seu túmulo com o brutal roubo de sua mão. Mas aquele roubo, com todas as suas consequências, prova-nos uma coisa, isto é, que cada parte de seu corpo, mesmo tendo sido separada dele, conseguiu reunir as partículas de seu corpo astral. Aquela mão encontrada no meu quarto pode provocar sua repentina presença corporal e também a rápida desintegração.

“Agora chegamos ao ponto que coroa todas as minhas deduções. O motivo da minha agressão era para que o cofre fosse aberto com a finalidade de ser dali retirada a pedra sagrada das Plêiades. Não questiono, em absoluto, que aquela mão da múmia ficava muitas vezes procurando na escuridão da noite pela pedra talismã, a fim de retirar novas forças ao ser tocada. Mas, apesar de sua força, o corpo astral não conseguiu retirar a pedra de dentro do cofre, pois o rubi não é feito de substância astral e só podia sair pela porta aberta, por uma saída normal. Para esse fim, a rainha se servia de seu corpo astral e da grande força do seu espírito protetor, tentando colocar a chave, que impedia a realização de seus intentos, na fechadura do cofre. Há anos que eu vinha suspeitando de algo parecido; aliás, eu tinha certeza. Preparei-me contra as forças do inferno e também fiquei à espera, paciente, até que todas as coisas necessárias para a abertura do recipiente mágico e para o despertar da múmia da rainha estivessem reunidas.”

Quando fez uma pausa, ouviu-se a voz de sua filha, doce, clara e plena de sentimento:

— Será que os egípcios, de modo geral, acreditavam na ressurreição de uma múmia, ou essa possibilidade era limitada? Quero dizer, podia haver ressurreições no decorrer de gerações várias, ou apenas uma?

— Só havia a possibilidade de uma ressurreição — retrucou ele. — Alguns chegavam mesmo a acreditar que se tratava de uma ressurreição verdadeira do corpo para o mundo real. Mas, de modo geral, acreditava-se que o espírito era levado para os domínios elísios, onde poderia se devotar a inúmeras alegrias, onde havia alimento e bebida em abundância e nenhuma carestia, água suficiente, plantas e tudo o que o ser humano de um clima seco e quente possa imaginar como sendo paradisíaco.

Margaret, então, falou com uma seriedade que espelhava suas convicções mais íntimas:

— No meu entender, está claro agora que tipo de sonho perseguia essa mulher previdente e nobre do tempo antigo, um sonho pelo qual sua alma esperou durante séculos. Era o sonho de um amor, existente em qualquer lugar, um amor que talvez ela mesma viveria, ainda que em outras circunstâncias. Um amor como toda mulher sonha ter na vida, nos tempos antigos como nos atuais, pagãos ou cristãos, indiferentemente de posição ou de linhagem, seja ela feliz, seja infeliz. Oh, eu sei. Eu sei. Eu mesma sou mulher e conheço o coração das mulheres. O que é a necessidade e a abundância, o que significam para essa mulher a fome ou a intemperança, ela, que nasceu num palácio, que usou na fronte a coroa dos dois Egitos? O que queriam dizer para ela os pântanos ou o murmúrio da água corrente, ela, cujo barco deslizava ao longo do grande Nilo, das montanhas até o mar? Qual o sentido que dava a pequenas alegrias ou à falta de pequenos temores, ela, que comandou exércitos com um movimento de mão, que reunia nas escadarias do seu palácio, as quais davam para o rio, o comércio do mundo inteiro? A cuja ordem templos cresciam, recheados de tesouros artísticos dos tempos antigos, que deixava brilhar para seu prazer? Sob cuja direção o rochedo deixava livre o caminho que levava para a cripta por ela própria imaginada? É certo que seus sonhos eram nobres. Eu o sinto em meu coração. Eu a vejo de olhos fechados.

Margaret parecia em transe ao falar tudo isso e seu olhar se dirigia ao longe, como se visse outros mundos. Seus olhos profundos se encheram de lágrimas não derramadas, transbordantes de emoção. A alma dessa mulher

soava através de sua voz, enquanto nós, os ouvintes, ficávamos lá, a ouvi-la, fascinados.

— Eu a vejo em sua solidão, no silêncio de seu orgulho, sonhando seu sonho, de coisas tão diferentes de seu ambiente. De outro país, longínquo, bem ao longe, sob o baldaquim da noite silenciosa, iluminada pela fresca e bela lua das estrelas. De um país sob a Estrela do Norte, de onde sopram os doces ventos, refrescando o deserto escaldante. Um país coberto por um verde delicioso, na distância porvindoura. Lá, onde não existe trama de sacerdotes malévolos que querem provar seu poderio por templos sombrios e criptas ainda mais sombrias e de intermináveis rituais da morte, provando seu poder. Um país onde o amor é valorizado e visto como uma realização divina da alma. Onde ela esperava encontrar um espírito consanguíneo que lhe falaria com lábios humanos, iguais aos seus; cujo ser se encontraria com ela numa doce comunhão espiritual, assim como seu hálito se mistura com o ar que a envolve. Conheço esse sentimento, pois já passei por isso, e devo falar agora que essa felicidade entrou na minha vida. Devo falar, porque me permite entender os sentimentos da alma saudosa dessa doce e adorável rainha, tão diferente de seu ambiente e que vivia muito aquém de sua época; cuja essência dominava os poderes numa pedra preciosa iluminada por estrelas, dando-lhe comando sobre todos os deuses no Panteon. E, na realização do sonho, descansará feliz.

Nós, homens, ficamos lá sentados, estupefatos, enquanto a jovem elucidava a aspiração e o objetivo da mulher de outras eras. Seu tom e cada palavra estavam carregados de suas convicções originais. Seus pensamentos exaltados nos transportaram. Suas palavras respeitosas, proferidas em cadência musical e vibrando com uma força interior, pareciam brotar de um poderoso instrumento de energias elementares. Até a inflexão de sua voz era nova para nós, de modo que a ouvíamos como se ela fosse um novo e estranho ser de um novo e estranho mundo. O rosto de seu pai demonstrava fascinação, e eu agora sabia o motivo. Compreendi qual a felicidade que entrara em sua vida depois de sua volta ao mundo que ele conhecia, após sua longa permanência no mundo dos sonhos. Encontrar em sua filha, cujo ser até há pouco tempo lhe era desconhecido, uma tal riqueza de sentimentos, uma riqueza de discernimento espiritual, tanta força de apresentação, tanta... Tudo o mais cedia lugar à esperança.

Os outros dois homens permaneciam calados. Um deles tinha sonhado seu sonho; para o outro, ele ainda estava por vir.

Quanto a mim, sentia-me como se me achasse em transe. Quem era esse ser novo e radiante que despertou da bruma e das trevas dos nossos temores para a existência? O amor tem qualidades divinas para o coração do amante. As asas da alma nascem dos ombros do ser amado, que, em consequência, adota a figura de anjo. Desconfiei que na natureza íntima de minha Margaret dormitava uma qualidade divina de diversos tipos. Quando naquele dia, na sombra do salgueiro chorão à beira do rio, mergulhei nas profundezas de seus lindos olhos, reconheci sua beleza múltipla e a superioridade de seu ser. Contudo, esse espírito ardente e compreensivo foi para mim uma revelação. Tanto o sr. Trelawny quanto eu ficamos extremamente orgulhosos dela. Minha alegria e meu êxtase eram perfeitos e não podiam ser superados. Depois que todos, cada um a seu modo, voltamos à realidade, o sr. Trelawny prosseguiu, segurando na mão da filha:

— E agora voltaremos à data que a rainha Tera previu para sua ressurreição. Trata-se aqui de cálculos de astronomia bastante complicados, ligados a uma orientação específica. Como já é do conhecimento de todos, as estrelas mudam sua posição relativa no céu. Uma vez que as distâncias reais ultrapassam nosso poder de imaginação, os efeitos captados por nós são mínimos. Ainda assim são mensuráveis não em anos, mas em séculos. Foi, portanto, possível a *sir* John Herschel descobrir a data da construção da grande pirâmide, data essa comprovada pelo tempo que a estrela do norte real levou para se afastar de Draco até alcançar a Estrela Polar. Tal fato pôde ser provado por outras descobertas. Do que foi até agora exposto, resulta fora de dúvida que, pelos menos mil anos antes da rainha Tera, a astronomia dos egípcios já era uma ciência exata. Então, as estrelas isoladas de uma constelação, com o tempo, alteram a posição entre si, e disso a Libra ou Balança é um exemplo marcante. A alteração das estrelas após quarenta séculos é tão insignificante que passa praticamente despercebida a um leigo. Contudo, elas são mensuráveis, e isso pode ser provado. Já lhes ocorreu com que exatidão a posição das estrelas no rubi corresponde à constelação de Libra? Ou como essa distribuição coincide com os pontos transparentes da caixa mágica?

Concordamos, e ele prosseguiu:

— Os senhores observaram bem. Elas correspondem exatamente à constelação. Porém, quando a rainha Tera foi colocada em seu último lugar de descanso, nem as estrelas no rubi nem os pontos transparentes na caixa

correspondiam à posição das estrelas na constelação, como era vista naquela época.

Nós nos entreolhamos, e uma nova percepção pareceu abrir novos caminhos. Com conhecimento de causa, ele continuou:

— Não reconhecem, então, o significado? Isso não lança nenhuma luz nas intenções da rainha? Ela, que se deixava guiar por profecias, magias e superstições, escolheu para sua ressurreição evidentemente uma época que lhe pareceu ter sido anunciada pelos próprios deuses, que transmitiram sua mensagem por um ralo vindo do outro mundo. Como tal época provinha de uma sabedoria sobrenatural, não seria o máximo da inteligência humana se aproveitar do fato? Vemos, por conseguinte — disse, com a voz tremendo de emoção —, que nos será dada a oportunidade, ao nosso tempo, do mesmo modo de lançar um olhar para o mundo antigo, um olhar que é unicamente privilégio nosso e o qual talvez nunca volte a se repetir.

“As inscrições enigmáticas e os símbolos da cripta extraordinária daquela maravilhosa mulher estão repletos de sinais indicativos. A chave desses numerosos mistérios se encontra na surpreendente pedra preciosa, segura na sua mão sem vida, sobre seu coração morto, que ela esperava e acreditava deveria bater num mundo novo e melhor. Ainda há muita coisa para refletir. Margaret nos mostrou como os sentimentos de uma outra rainha o eram na realidade. Olhou-a com carinho. Espero sinceramente que ela possa ter razão, porque, então, é certo que haverá de ser uma alegria para nós contribuir para a comprovação de tal esperança. Portanto, não devemos nos apressar e, principalmente, não devemos nos agarrar à nossa atual posição científica. A voz que ouvimos provém de uma época completamente diversa da nossa, de uma época na qual uma vida humana contava pouco e, para a satisfação dos desejos, afastava-se todo e qualquer empecilho sem agir contra a moral. Temos que manter nossos olhos dirigidos para o lado científico e esperar pelo desenvolvimento do lado psíquico.

“E agora voltemos para esse recipiente de pedra que chamamos de caixa mágica ou encantada. Como foi dito, estou convencido de que ele pode unicamente ser aberto pela observação de determinados princípios da luz ou pelo emprego eventual de forças presentes ainda desconhecidas para nós. Ainda há muito espaço para pesquisa e conjecturas, pois até agora a ciência não conseguiu desvendar completamente espécies, forças e graduações da luz. Esse amplo campo de pesquisas é ainda bastante recente.

Sabemos tão pouco das forças da natureza que a fantasia, tomando em consideração as possibilidades futuras, não fixou nenhum limite. Com o transcorrer de poucos anos foram feitas descobertas que teriam levado seu descobridor à fogueira há dois séculos. Pensemos na liquefação do oxigênio, na manifestação evidente da existência de rádio, hélio, polônio, argônio, e nos diferentes efeitos do Roentgen — catodos e raios Becquerel. Assim como talvez consigamos provar que existem diferentes tipos de luz com diversas propriedades, também descobriremos que é possível diferençar espécies distintas de queima, que algumas chamas têm propriedades que faltam às outras. Pode acontecer de que sejam mantidas determinadas condições básicas da substância, mesmo quando a base for destruída. Na noite passada meditei sobre o assunto e pensei no seguinte: como certas espécies de óleo têm características definidas que faltam a outras, poderia haver determinadas semelhanças ou correspondências, ou, ainda, energias que resultem da fusão desses óleos. Já pudemos observar algumas vezes que a luz do óleo de colza queima de maneira diferente do de parafina, ou que há diferença entre as chamas do gás de carvão e as do óleo de fígado de bacalhau. Basta olhar para a luz dos faróis. Então, percebi de repente que o óleo em jarras encontrado por ocasião da abertura do túmulo da rainha Tera talvez tivesse propriedades especiais. Não fora utilizado, como normalmente o era, para as entranhas, porém deve ter sido reservado para outra finalidade. Lembrei que Van Huyn se referia especialmente ao fato de que essas jarras eram lacradas de maneira simples, ainda que eficaz. Elas podiam ser abertas sem nenhuma dificuldade. As próprias jarras eram preservadas num sarcófago muito resistente e hermeticamente fechado, mas que, apesar disso, podia ser aberto com facilidade. Decidi-me logo a examinar as jarras. Ainda sobrara um pouco de óleo, muito pouco. Esse óleo engrossara nesses dois séculos e meio desde que elas haviam sido abertas, contudo não estava rançoso. Depois de um exame mais acurado, vi que se tratava de óleo de cedro e que seu aroma original ainda recendia um pouco. Tive, então, a ideia de que o óleo se destinava a encher as lamparinas. Quem colocou o óleo nas jarras, e estas no sarcófago, sabia que, com o tempo, haveria menos quantidade e calculou a perda, pois cada uma delas poderia encher as lamparinas uma meia dúzia de vezes. Com uma parte do óleo restante fiz experiências que talvez levassem a um resultado satisfatório. Como deve saber, dr. Winchester, o óleo de cedro representa um importante papel nos ritos de embalsamamento

egípcios e tem determinadas qualidades refratárias. Assim, por exemplo, nós o usamos nas nossas lentes dos microscópios com a finalidade de melhorar a visibilidade. Coloquei, portanto, uma porção minúscula numa das lamparinas e a coloquei perto de um dos pontos transparentes da caixa mágica. O efeito produzido foi surpreendente. O brilho que vinha da parte interna era mais intenso e forte do que eu poderia imaginar, ao passo que uma luz elétrica colocada de modo semelhante quase não teve efeito algum. Eu teria efetuado a mesma experiência com as minhas outras sete lamparinas, porém, infelizmente, o óleo acabou. Mas essa falta será logo superada. Já encomendei óleo de cedro e espero que logo consiga um grande sortimento. Pode ser que ocorram outros fatores que perturbem nossa experiência, mas não será esse o motivo do fracasso. Veremos. Veremos.”

O dr. Winchester seguira com muita atenção as explicações lógicas do sr. Trelawny, porque fez a seguinte observação:

— No caso de a luz conseguir abrir a caixa, espero apenas que o mecanismo não seja posto fora de funcionamento ou estragado.

Suas dúvidas encheram alguns de nós de ansiedade.

Capítulo 16

PODERES ANTIGOS E MODERNOS

O tempo passou — magnificamente devagar em alguns aspectos, maravilhosamente rápido em outros. Hoje, na alegre e recém-descoberta certeza do retorno de minha amada, eu teria adorado a ideia de ter Margaret toda para mim. Mas não era dia para pensar em amor e em fazer amor, pois pairava sobre nós a sombra de uma terrível expectativa. Quanto mais eu pensava sobre a experiência vindoura, mais estranho tudo aquilo parecia; e mais tolos éramos por, deliberadamente, nos atrevermos a isso. Era tudo tão impressionante, tão misterioso, tão desnecessário! As complicações eram tão vastas; o perigo, tão obscuro e desconhecido. Mesmo que fosse bem-sucedido, que novas dificuldades acarretaria? Que mudanças ocorreriam? Saberiam os homens que os portais da Casa da Morte não estariam, na verdade, eternamente atados? E que os Mortos poderiam ressurgir?! Poderíamos conceber o que seria para nós, modernos mortais, enfrentar os deuses antigos, com seus misteriosos poderes, obtidos de elementos naturais ou gerados a partir deles mesmos em tempos remotos? Quando terra e água se formavam do lodo primitivo. Quando o próprio ar se limpava das impurezas elementares. Quando os “dragões dos primórdios” estavam modificando suas formas e seus poderes — concebidos apenas para o combate às forças geológicas —, que progrediam de acordo com a nova vida vegetal que surgia a sua volta. Quando os animais, e até mesmo o homem e seus avanços, se desenvolviam de forma tão natural quanto os movimentos dos astros ou o brilho das estrelas. Oh! E ainda mais remoto, antes que o Espírito que se moveu sobre as águas trouxesse a Luz e instituísse a Vida que a sucedeu.

Não, ainda mais além disso, era uma conjectura aterradora. Toda a perspectiva da grande experiência na qual estávamos empenhados era baseada na existência das forças antigas, que pareciam estar entrando em contato com a nova civilização. De que existiam — e existem — tamanhas forças cósmicas, das quais não podemos duvidar, e de que havia e ainda há inteligência por trás delas. Essas forças primordiais e elementares teriam sido controladas, em algum momento, por algo além da Causa Final que a

Cristandade afirma ser sua própria essência? Se há mesmo verdade na crença do Antigo Egito, então seus deuses realmente existiram, com poder e força verdadeiros. A divindade não é uma qualidade sujeita aos males mortais, pois em sua essência é criadora e recriadora, não pode morrer. Crer no contrário seria irracional; seria defender que a parte é maior que o todo. Mas se os deuses antigos detinham suas forças, onde estava a supremacia dos novos? É claro que, se os deuses antigos perderam seu poder, ou se jamais tivessem poder algum, a experiência não seria bem-sucedida. Mas se fosse, de fato, ou se houvesse a possibilidade de sucesso, estaríamos então cara a cara com uma inferência tão fulminante que ninguém jamais ousaria chegar à sua conclusão. Seria uma luta entre Vida e Morte, que não estaria mais ligada à terra; uma guerra de forças elementares que seria movida do mundo de fatos tangíveis a uma região em meio à qual se encontra o lar dos deuses, onde quer que seja. Existiria uma região assim? O que foi que Milton vislumbrou, após a cegueira, nos poéticos feixes de luz caindo entre ele e o Paraíso? De onde veio a magnífica visão de evangelista que manteve a Cristandade enfeitiçada por 18 séculos? Havia, no Universo, possibilidade de fazer oposição aos deuses? E, se houvesse, o ser mais forte permitiria manifestações de poder da parte opositora, que tenderia a enfraquecer seus ensinamentos e desígnios? Certamente, se essas suposições fossem corretas haveria desdobramentos estranhos e terríveis — algo inesperado e imprevisível — antes de se permitir que o fim sobreviesse...!

A questão era muito ampla e, sob as presentes condições, cheia de elucubrações estranhas. Não ousei prosseguir! E me pus a esperar com paciência até que o momento chegasse.

Margaret exalava uma calma divina. Acho que eu a invejava por esse motivo, embora eu a admirasse e a amasse por isso. O sr. Trelawny estava extremamente nervoso, assim como os outros homens. O nervosismo se refletia em seus movimentos, tanto nos do corpo quanto nos da mente. Inquieto, movia-se de um lado para outro, com ou sem motivo, ou um pretexto sequer; seus pensamentos rumando de um assunto em assunto. De vez em quando demonstrava lampejos da angustiante ansiedade que o açoitava, ao manifestar suas expectativas de encontrar em mim condição semelhante. Ele passava então a explicar coisas e em suas explicações. Pude notar como ele estava processando todo o fenômeno em sua mente; todas as possíveis causas; todos os possíveis resultados. Em dado momento, no meio de sua dissertação sobre o desenvolvimento da astrologia egípcia, ele

irrompeu em um assunto diferente, ou melhor, em um ramo ou uma inferência do mesmo:

— Não vejo por que a luz das estrelas não pode ter uma qualidade sutil por si própria! Sabemos que outras luzes possuem forças especiais. Os raios de Röntgen não são a única descoberta feita no mundo da luz. A luz solar possui suas próprias forças, que não concernem a outras luzes. Ela aquece o vinho; acelera o crescimento dos fungos. Homens são em geral afetados pela Lua. Então, por que não uma força mais sutil, menos ativa ou poderosa, na luz das estrelas? Deve ser uma luz pura vinda por tão vasto espaço, e deve ter a qualidade de uma força pura e serena. Não está distante o tempo em que a astrologia será aceita como base científica. Com o recrudescimento da arte, várias experiências novas serão estimuladas; novas fases de sabedorias antigas surgirão na esteira de descobertas inovadoras, e fornecerão alicerces para novas reflexões. O homem descobrirá que o que pareciam deduções empíricas eram, na realidade, os resultados de uma inteligência mais elevada e um conhecimento maior que o nosso. Já sabemos que o mundo vivente é cheio de micróbios de variados poderes e modos de agir bastante antagônicos. O que ainda não sabemos é se eles podem se manter latentes até serem ativados por algum raio de luz ainda não identificado, como uma força distinta e peculiar. Por enquanto nada sabemos sobre o que cria ou evoca a centelha da vida. Não temos conhecimento algum dos métodos de concepção; das leis que governam o crescimento molecular ou fetal, das influências decisivas presentes no nascimento. Ano após ano, dia após dia, hora após hora, estamos aprendendo. Mas o fim está distante. O que me parece é que agora estamos no estágio de progresso intelectual em que está sendo inventada a maquinaria rudimentar para que novas descobertas sejam feitas. Mais adiante, teremos os princípios básicos necessários que nos ajudem no desenvolvimento de um equipamento para o verdadeiro estudo da essência das coisas. Então talvez possamos chegar à perfeição dos meios para um fim, que os sábios do Velho Nilo alcançaram num tempo em que Matusalém apenas começava a se gabar de sua idade. Ou talvez quando os bisnetos de Adão começaram a considerar o ancião “antiquado”. É possível, por exemplo, que aqueles que inventaram a astronomia não tenham utilizado instrumentos de extraordinária precisão? Que óptica aplicada não era apena um culto de alguns especialistas nas faculdades de sacerdócio de Tebas? Os egípcios eram especialistas em sua essência. É verdade então que, até onde

podemos julgar, a variedade de seus estudos estava limitada a assuntos relacionados a seus propósitos de governo na Terra, controlando tudo o que desembocaria na vida a se seguir. Mas quem poderia imaginar que a astronomia alcançaria tão alto nível, pelos olhos do homem, sem auxílio de lentes de admirável excelência, que a orientação de templos, pirâmides e tumbas acompanharia o vagar dos sistemas planetários no espaço por quatro mil anos. Deixe-me arriscar uma teoria, na questão de seu conhecimento em microscopia. Como é que em sua escrita hieroglífica, eles tomaram como símbolo ou determinante de "carne" a mesma forma que a ciência hoje, apoiando-se nas revelações de um microscópio de imenso poder, atribui ao protoplasma — aquela unidade primordial dos organismos vivos que se distinguiu como Flagelo? Se eles puderam fazer análises desse tipo, por que não ir mais longe? Com aquela maravilhosa atmosfera que possuíam, em que os dias eram de clara e intensa luz solar, em que a aridez da terra e o ar seco forneciam perfeita refração, por que eles não descobriram segredos da luz que nos escapam, por conta da névoa nórdica? Não seria possível a eles aprenderem a armazenar luz, assim como aprendemos a conservar a eletricidade? Não, e nem é possível que tenham feito. Eles devem ter tido algum tipo de luz artificial, que usaram na construção e no ornamento daquelas vastas cavernas escavadas em rocha sólida, que viriam a ser cemitérios. Porque aquelas cavernas devem ter levado anos e anos para se concluir, com sinuosos labirintos e passagens e câmaras intermináveis, todas esculpidas e pintadas com riqueza de detalhes estarrecedora. E ainda assim, não há nelas marca de fumaça, como de lâmpadas ou tochas. Mais uma vez, se eles sabiam como armazenar luz, não seria possível que tenham aprendido a separar seus componentes? E se esses homens do passado chegaram a tal ponto, não poderemos também, no decurso do tempo? Veremos! Veremos!

"Há outra questão, também, sobre a qual recentes descobertas da ciência lançam uma luz. É apenas um vislumbre neste momento; mas um vislumbre suficiente para descortinar probabilidades. As descobertas dos Curies e Laborde, de *sir* William Crooks e Bequerel, podem ter resultados abrangentes na investigação egípcia. Os antigos podem ter conhecido este novo metal, o rádio — ou melhor, este antigo metal que só agora conhecemos. De fato, pode ter sido usado há milhares de anos, em maior escala do que parece ser possível atualmente. Por ora, o Egito não é conhecido como o lugar da descoberta da pechblenda, que contém rádio, até

onde se sabe. E é bastante provável que exista rádio por lá. O país talvez tenha as maiores massas de granito encontradas no mundo; e a pechblenda é encontrada como um veio de rochas de granito. Em nenhum lugar e nenhum momento, o granito foi extraído em tamanha proporção quanto foi no Egito, durante as primeiras dinastias. E quem sabe quanta pechblenda pode ter sido encontrada nas gigantescas operações de cortar colunas para os templos e pedras para as pirâmides. Veios de pechblenda, de riqueza desconhecida em nossas recentes minas da Cornualha, Boêmia, Saxônia, Hungria, Turquia ou Colorado, podem ter sido encontrados por esses antigos mineradores de Aswan, Turra, Mokattam e Elefantina.

"Além disso, é possível que aqui e ali, em meio a essas vastas jazidas de granito, tenham sido encontrados não apenas veios, mas grandes massas de pechblenda. Nesse caso, o poder à disposição daqueles que sabiam como usá-la deve ter sido incrível. Os conhecimentos do Egito eram guardados pelos sacerdotes, e em suas amplas instituições, de ter havido homens de grande erudição; homens que sabiam como obter as melhores vantagens das incríveis forças ao seu comando, na direção em que desejavam. E, se a pechblenda existia e ainda existe no Egito, não acha que a maior parte tenha se liberado pelo gradual atrito e desgaste das rochas de granito? Tempo e clima transformam todas as rochas em pó; a própria areia do deserto, que por séculos tem enterrado em sua região alguns dos mais grandiosos monumentos humanos, é prova desse fato. Se, no entanto, o rádio é divisível em tão ínfimas partículas como dizem os cientistas, ele também deve ter sido liberado de sua prisão de granito e deixado a cargo do ar. Pode-se até arriscar a sugestão de que a escolha do escaravelho como símbolo da vida não foi feita sem uma base empírica. Não seria possível que a coprofagia tenha o poder ou o instinto de aproveitar as minúsculas partículas de calor, luz — talvez até vida — dadas pelo rádio, e envolvê-las com seu óvulo naqueles globos de matéria em que eles frequentemente rolam, e dos quais levam o nome, Pilularia. Nos bilhões de toneladas de resíduos do deserto, certamente há misturada uma parcela de cada terra, rocha e metal de sua região; e pouco a pouco, a natureza forma seus organismos vivos para florescer sobre aqueles sem vida.

"Viajantes afirmam que um vidro deixado nos desertos dos trópicos muda de cor e escurece na luz solar intensa, assim como ocorre sob a influência dos raios de rádio. Isso não sugere que algum tipo de semelhança entre as duas forças ainda será identificado?"

Essas discussões científicas ou semicientíficas me acalmaram. Tiraram da minha mente os inquietantes mistérios do oculto, atraindo-a para as maravilhas da natureza.

Capítulo 17

A CAVERNA

À noite, o sr. Trelawny levou todos para seu escritório. Depois de ter se assegurado de captar nossa atenção, deu-nos a conhecer seus planos:

— Cheguei à conclusão de que, para o êxito do que chamamos de nossa grande experiência, precisamos de absoluta calma e isolamento. Esse isolamento não será por um ou dois dias, mas por um tempo mais prolongado, se necessário. Aqui seria completamente impossível. Os hábitos e as necessidades da cidade grande, com todas as possibilidades de perturbações, podem ser prejudiciais. Telegramas, cartas registradas, mensagens especiais, tudo isso já seria o suficiente. Ainda por cima, as pressões que poderiam ocorrer seriam tão grandes que acarretariam inevitavelmente uma catástrofe. Além do mais, os acontecimentos das últimas semanas chamaram a atenção da polícia. Mesmo que a Scotland Yard ou outro setor competente da polícia não tenha dado instruções especiais, podemos estar certos de que o policial, em sua ronda habitual, ficará atento a esta casa. Mais cedo ou mais tarde, os empregados que se foram vão começar a tagarelar. É lógico que têm que fazer isso, porque precisam dar um motivo plausível para o término de um contrato de emprego tão vantajoso, dificilmente encontrado aqui nas redondezas. Em seguida, os empregados dos vizinhos falarão também, e talvez até os próprios vizinhos. Logo, a sempre ativa e atenta imprensa, interessada em esclarecer o público e a aumentar a tiragem, tomará a coisa nas mãos, e se os repórteres ficarem atrás de nós, aí mesmo que o sossego acaba. Temos que ficar em um lugar retirado e levar conosco tudo o que for necessário. Já me preparei para enfrentar essa situação, pois há muito eu já previra tal eventualidade e posso informar que estou pronto. É evidente que eu não sabia de antemão o que aconteceria. Mas que algo aconteceria, isso, sim. Há dois anos já que venho fazendo preparativos para que todas as minhas raridades aqui depositadas sejam transferidas para a minha casa em Cornwall. Na época em que Corbeck se pôs à procura das lamparinas, mandei preparar minha velha casa em Kyllion. Tem luz elétrica e todas as instalações necessárias para gerar a própria corrente. A casa fica bem

retirada, é praticamente inacessível e não pode ser avistada por fora, a não ser pelo lado do mar, porque fica em cima de um rochedo que forma uma pequena saliência atrás de uma escarpa íngreme. Em outros tempos ela fora cercada por um alto muro de pedra, uma vez que na época em que foi construída por um dos meus antepassados esse tipo de casa grande, afastada, precisava de certa defesa. O lugar é tão adequado para nosso objetivo como se tivesse sido feito de propósito. Lá eu lhes explicarei tudo o que for preciso. Não vai demorar muito, porque as coisas já estão bem encaminhadas. Marvin, meu advogado, foi instruído a aprontar tudo para que seja feito o transporte dos objetos. Ele deve arranjar um trem especial que possa viajar à noite, a fim de que não desperte atenção desnecessariamente. Para chegarmos à estação de Paddington com a bagagem, precisaremos de determinado número de carretas e carroças, com a correspondente quantidade de condutores e carregadores. Estaremos longe daqui antes que o pessoal da imprensa desconfie de algo. Começaremos a fazer as malas ainda hoje, e tenho plena certeza de que amanhã à noite estaremos prontos. Mandei colocar nos anexos todos os caixotes nos quais estão as coisas trazidas do Egito e que transferi para cá. Estou muito confiante de que elas também suportarão bem a viagem até Kyllion, como o fizeram na travessia do deserto e na viagem sobre o Nilo até Alexandria e, mais longe, até Londres. Nós quatro, com a ajuda de Margaret, que proverá nossas necessidades, embalaremos tudo com segurança. Os carregadores, por sua vez, as transportarão para as carretas.

"Os empregados partem hoje para Kyllion a fim de que a sra. Grant possa ajeitar tudo. Ela fará um estoque de suprimentos para que não tenhamos que nos ocupar com as compras diárias, o que chamaria desnecessária atenção, e cuidará igualmente para que recebamos com regularidade uma remessa de mantimentos frescos proveniente de Londres. Graças ao tratamento inteligente e generoso que Margaret dispensou aos serviçais que se comprometeram a ficar, temos à disposição um pessoal de confiança. Esse pessoal foi contratado por sua reserva, de modo que não precisaremos temer qualquer indiscrição por parte deles. Eles deverão voltar a Londres assim que tudo estiver pronto em Kyllion, havendo, portanto, menos ocasião para bisbilhotices, pelo menos no que se refere às particularidades.

"Devemos começar a fazer nossas malas sem demora, por isso tratarei do resto quando tiver mais tempo."

Pusemo-nos ao trabalho. Sob a direção do sr. Trelawny, ajudados pelos empregados, retiramos os caixotes dos anexos. Alguns deles eram bem pesados, feitos de madeira grossa e fixados por fitas de aço e cordas, com parafusos e rebites. Nós os colocamos dentro de casa, perto das coisas que deveriam ser levadas. Depois dos preparativos, espalhamos pela casa inteira e também no vestíbulo uma grande quantidade de palha, estopa, papel, e mandamos que os empregados fossem embora. Começamos, então, a encaixotar.

Ninguém que não conheça esse tipo de trabalho pode fazer ideia no que tudo isso implica. De minha parte, eu tinha uma vaga noção de que na casa do sr. Trelawny havia uma enorme quantidade de objetos egípcios. Mas somente quando os tive separadamente na mão é que percebi com clareza como eram grandes e numerosos. Ficamos trabalhando até tarde da noite. Por vezes, precisávamos reunir todas as nossas forças, quando se tratava de algum objeto especialmente pesado. Cada qual voltava depois ao trabalho, sempre sob o comando direto do sr. Trelawny. Ele próprio, com o auxílio de Margaret, tomava nota de cada peça que ia sendo encaixotada.

Quando nos reunimos bem tarde para um jantar, completamente exaustos, reparamos que a maior parte do trabalho fora executado. Mas apenas alguns dos caixotes já haviam sido fechados. Ainda tínhamos muito serviço maçante pela frente. Só os caixotes que continham o grande sarcófago é que se encontravam prontos, e aqueles onde haviam sido encaixotados diversos objetos estavam em condições de serem fechados em definitivo, mas somente depois de serem classificados e anotados. Naquela noite, dormi sem sonhar e sem me mexer. Pela manhã, descobri que o mesmo acontecera aos outros.

Até a noite seguinte tudo ficou pronto e à espera das carretas que deveriam chegar à meia-noite. Um pouco antes da hora marcada, ouvimos o barulho de rodas de carroças. Logo a seguir, houve uma pequena invasão de carregadores. Eram tantos que formavam uma procissão interminável fazendo o transporte dos caixotes. Menos de uma hora se passou até que as carretas se pusessem a caminho. Nós as seguimos para a estação de Paddington. Silvio, é claro, fazia parte do grupo.

Antes da saída, fomos todos juntos dar mais uma última volta pela casa abandonada e vazia. Depois que os empregados foram para Cornwall, ninguém mais havia arrumado nada. Em todos os aposentos onde

estivéramos trabalhando, e também nas escadas, havia sujeira de papéis e de restos de material para embalagem e marcas de pés.

No fim, antes da partida, o sr. Trelawny pegou no cofre o rubi com as Plêiades. Enquanto ele o guardava na carteira, Margaret, que até agora se mostrara pálida e cansada ao lado do pai, de repente se tornou alegre e animada, como se a visão da pedra preciosa tivesse lhe dado novo alento. Com um riso de aprovação, ela falou:

— Pai, você tem razão. Hoje à noite não haverá mais dificuldades. Ela não perturbará seus preparativos. Aposto minha vida.

— Ela ou, digamos, algo frustrou nossos planos lá no deserto, quando saímos da caverna no Vale do Mago. — Ouviu-se a furiosa observação de Corbeck, que estava perto. Margaret respondeu:

— Ora! Naquela época ela se encontrava perto do seu túmulo, onde há milhares de anos ninguém mexera nela. Ela deve saber que a coisa agora é outra.

— E como ela deve saber? — perguntou Corbeck, impaciente.

— Se ela está de posse do corpo astral ao qual o pai se referiu, tem que saber. Como não o poderia, se ela consegue ser uma presença invisível e se tem uma inteligência que se movimenta livremente até as estrelas e a outros mundos?

Calou-se, e seu pai falou solene:

— Todo o nosso procedimento se baseia nessa suposição. Temos que ter coragem, permanecer fiéis à nossa convicção e tratá-la de maneira adequada, até o fim.

Margaret segurou a mão do pai com força, pensativa e com o olhar vago, enquanto deixávamos a casa, um depois do outro. Ela continuou agarrada à sua mão enquanto ele fechava a porta da entrada e ao nos dirigirmos para o portão onde tomamos a carruagem para Paddington.

Depois que tudo foi colocado no trem, todos os carregadores subiram. Até as carretas para o transporte dos sarcófagos. Carroças do tipo comum e cavalos de tração estariam à nossa espera em Westerton, a estação mais perto de Kyllion. O sr. Trelawny fizera a reserva de um carro leito para nós e todos nos dirigimos aos nossos compartimentos assim que o trem se pôs em movimento.

Também naquela noite meu sono foi profundo. Fui tomado por uma sensação da maior segurança. A peremptória afirmativa de Margaret de que “não haveria mais dificuldades” parecia ser a causa dessa convicção, e eu

não punha dúvida alguma de que assim aconteceria. Os outros eram da mesma opinião. Somente bem mais tarde é que comecei a pensar como ela pôde ter tanta certeza do que dissera.

O trem se movia vagarosamente e parava com frequência e durante longos períodos. Como o sr. Trelawny só queria chegar a Westerton ao anoitecer, não havia motivo para pressa. Além disso, era preciso alimentar os carregadores em determinadas estações. Nós mesmos havíamos trazido conosco nossas provisões num enorme cesto.

Durante a tarde inteira, falamos a respeito da grande experiência que se tornara em nosso pensamento uma parte fixa de nossos planos. À medida que o tempo ia passando, o entusiasmo do sr. Trelawny aumentava, e sua esperança se transformava em certeza. O dr. Winchester parecia também estar afetado, ainda que fizesse de vez em quando objeções cientificamente fundamentadas e que levavam a série de provas do sr. Trelawny a um beco sem saída ou se entrechocavam. Por outro lado, o sr. Corbeck não demonstrava sinais de concordar com a teoria. Enquanto as opiniões dos outros apresentavam sempre novos progressos, a sua se detivera, e a consequência foi uma atitude negativa e contrária.

O que surpreendia em Margaret era a maneira imponente de agir. Ou era uma fase nova de sentimento, passageira, ou ela agora encarava a coisa toda com mais seriedade do que antes. Em todo caso, dava a impressão de estar mais ou menos distraída e imersa em pensamentos. De vez em quando, seu comportamento mudava de repente, quase sempre quando nossa viagem era interrompida por um motivo ou outro e éramos obrigados a ficar parados numa estação, ou quando o trem atravessava um viaduto com um barulho ensurdecedor, provocando um eco nas colinas ou nos rochedos em volta. Nessas ocasiões ela ficava exuberante, tomando parte na conversa, como se quisesse provar que, apesar de sua abstração, havia captado o que estava acontecendo ao seu redor. Com relação a mim, ela me tratava de maneira estranha, às vezes com certa distancia, meio tímida, meio arrogante, uma atitude nova para mim. Outras vezes havia momentos de paixão no olhar, nos gestos e na voz, olhares que me tornavam tonto de êxtase. De resto, nada aconteceu de extraordinário durante a viagem. Apenas um episódio nos trouxe certa apreensão, mas na hora em que ocorreu estávamos dormindo e não tivemos conhecimento do que acontecia, tendo sabido somente na manhã seguinte. No trecho entre Dawlish e Teignmouth alguém forçou o trem a parar, pondo-se em pé no meio dos

trilhos com uma tocha na mão e fazendo sinais de advertência. O maquinista declarou que fora obrigado a parar devido a um pequeno deslizamento de terra um pouco antes do ponto em que paramos. No entanto, os trilhos não foram afetados e o maquinista prosseguiu, furioso com o atraso. “Sempre esse danado alerta neste trecho”, dissera ele, resmungando para si mesmo.

Às 21 horas entramos em Westerton. Carroças e cavalos lá estavam prontos, e a descarga dos caixotes foi imediata. Não tivemos que esperar até que tudo fosse feito porque havíamos entregado o trabalho em mãos competentes e pudemos tomar a carruagem que nos esperava e nos levou às pressas, na escuridão, para Kyllion.

Todos ficamos impressionados quando nos deparamos com a casa banhada pelo luar. Era uma grande construção cinza, da época jacobiniana, que se projetava sobre o mar na beira de um alto penhasco. Ainda nem havíamos deixado para trás a curva que atravessava a estrada, já chegávamos ao platô sobre o qual estava situada a casa, pudemos perceber o barulho e o murmúrio das ondas ao longe, batendo contra o rochedo, e sentimos o sopro do úmido ar marinho. Como num golpe, compreendemos quão longe do mundo exterior nos encontrávamos nesse platô, no rochedo sobre o mar.

Tudo fora aprontado na casa. A sra. Grant e seus ajudantes haviam tomado as devidas providências. A aparência era de claridade, frescor e limpeza. Depois de uma curta inspeção das principais acomodações, cada qual foi para seu quarto tomar um banho e trocar de roupa, depois da longa viagem de 24 horas.

Fizemos a refeição na grande sala de jantar, voltada para o sul, cujas paredes se erguiam perpendicularmente sobre o mar. O barulho das ondas era abafado, porém contínuo.

Como a pequena saliência do rochedo se projetava sobre o mar, a parte norte da casa se apresentava livre e a exata direção não era bloqueada pelo tamanho do rochedo que nos separava do resto do mundo.

Ao longe, do outro lado da baía, víamos as luzes acesas do castelo e, cá e lá, ao longo da costa, tremeluziam fracas luzes nas cabanas dos pescadores.

O próprio mar era uma superfície azul-escuro, em que aqui e ali uma luz se acendia sempre que o brilho das estrelas incidia sobre uma onda encapelada.

Depois do jantar, reunimo-nos na sala ao lado de seu quarto, que o sr. Trelawny destinara para ser o escritório.

Assim que entrei, deparei-me com um grande cofre, muito semelhante ao que havia em seu aposento em Londres. O sr. Trelawny tirou a carteira do bolso e a colocou sobre a mesa, apalpando-a com a mão, e empalideceu. Com dedos trêmulos, abriu a carteira e falou:

— O volume se modificou. Esperemos que nada tenha acontecido.

Nós três homens nos aproximamos da mesa. Margaret era a única a conservar a calma. Ereta e silenciosa, estava ali parada, inerte como uma estátua. Em seus olhos havia um olhar fixo e distante, como se não se importasse.

Com um gesto desesperado, Trelawny abriu a bolsinha da carteira na qual havia guardado a pedra das Plêiades. Desalentado, sentou-se numa cadeira e disse com voz rouca:

— Meu Deus! Desapareceu. Sem a pedra, a grande experiência não poderá ter resultado.

Suas palavras arrancaram Margaret da abstração. Uma expressão atormentada passou pelo seu rosto, mas logo ela se acalmou novamente e falou com o vislumbre de um sorriso:

— Pai, talvez a tenha deixado no seu quarto. Talvez, na hora em que trocou de roupa, ela tenha caído da sua carteira.

Sem dizermos palavra, corremos pela porta aberta até o quarto de dormir, ao lado. Imediatamente, fez-se um silêncio profundo que se abateu sobre nós, como uma nuvem de medo.

Lá, sobre a mesa, estava a pedra das Plêiades, brilhando e faiscando, como se cada uma das sete pontas das sete estrelas reluzisse através de sangue.

Temerosos, lançamos um olhar por sobre nossos ombros e nos entreolhamos. Margaret estava nas mesmas condições que nós. Ela perdera a pose de calma estatuesca. Perdera a rigidez interna e entrelaçara as mãos, fazendo com que as juntas se mostrassem brancas.

Sem dizer palavra, o sr. Trelawny tomou a pedra preciosa na mão e foi com ela para o escritório. Tão delicadamente quanto possível, abriu o cofre com a chave presa no seu pulso e colocou a pedra lá dentro. Quando as pesadas portas foram novamente fechadas e trancadas, sua respiração foi bem audível.

Esse episódio, ainda que inquietante sob vários aspectos, fez com que voltássemos ao nosso estado normal. Desde que saíramos de Londres, estávamos superexcitados, mas agora, finalmente, a tensão havia diminuído. Déramos outro passo em nosso curioso empreendimento. A mudança era mais notada em Margaret do que nos outros. Talvez se devesse ao fato de ela ser mulher, talvez fosse por ela ser a mais nova do grupo. De qualquer modo, houve alteração, e me senti mais feliz do que durante a longa viagem. A alegria de viver da jovem, seu carinho e sua profunda emoção reapareceram, e, quando o olhar do pai pousava nela, sua fisionomia ficava toda iluminada.

Enquanto esperávamos a chegada das carroças, o sr. Trelawny nos levou para dar uma volta pela casa, explicando onde tencionava colocar os objetos que estávamos trazendo. Fez reservas unicamente num ponto. Não nos disse onde deveriam ficar as coisas necessárias à grande experiência. Os caixotes em que vieram, em princípio, deveriam ser colocados na entrada.

Quando acabamos a inspeção, as carroças já haviam chegado e tornamos a fazer os mesmos movimentos e trabalho da noite anterior. O sr. Trelawny se postou perto de uma porta maciça, revestida de ferro, e deu ordens definidas quanto à colocação de cada um dos caixotes. Aqueles que continham mais de um objeto deveriam ser desembalados no hall de entrada.

Num espaço de tempo incrivelmente curto, toda a bagagem foi descarregada e os homens se despediram depois que o chefe recebeu uma boa gorjeta em nome de todos. Cada qual foi para seu quarto. Uma estranha confiança se apoderou de nós. Eu tinha certeza de que nenhum de nós duvidava de que teríamos uma noite tranquila. E foi assim realmente que aconteceu, pois, quando nos reunimos às cinco horas da manhã, verificamos que todos havíamos dormido bem, sem termos sido perturbados.

Passamos o dia inteiro a colocar as raridades nos lugares predeterminados, com a exceção daqueles a serem utilizados na grande experiência. Então, foram tomadas as devidas providências para a viagem de volta a Londres dos empregados e da sra. Grant.

Depois que todos se foram e que o sr. Trelawny se certificou de que todas as portas estavam bem trancadas, ele nos levou para o escritório.

— Agora lhes revelarei um segredo — falou, depois que nos sentamos. — Preciso seguir um antigo juramento, isto é, pedir a cada um que me dê a

palavra de honra de que não contará nada a ninguém. Há uns bons trezentos anos que essa promessa é fielmente cumprida por todos aqueles que deram sua palavra, e, mais de uma vez, a vida e a segurança dependeram da discrição dos que a fizeram. Agora sou eu quem vai violar as características, mas não o sentido da tradição, pois realmente eu deveria contar o segredo apenas para os membros mais íntimos da família.

Todos nos comprometemos a guardar segredo e ele prosseguiu:

— Existe nesta casa um esconderijo, uma caverna sob a casa, feita pela natureza e aperfeiçoada pela mão do homem. Não pretendo afirmar que sempre serviu apenas para finalidades legais. Em tempos de aflição, muitos lá encontraram um refúgio dos perseguidores, e, de quando em vez, serviu também de esconderijo para contrabando. Porque aqui em Cornwall, como certamente vocês têm ciência, sempre existiram contrabandistas. Nesses empreendimentos, na maioria das vezes estava envolvida toda uma clã.

"Portanto, um esconderijo seguro era considerado uma possessão de grande valor. Como em minha família esse segredo foi em todo o tempo respeitado, sinto-me preso a ele. Mais tarde, depois que a experiência for realizada a contento, naturalmente contarei tudo a você, Margaret, e ao senhor, Ross, e nessas circunstâncias é preciso que compreendam e se comprometam a obedecer a essas exigências."

Levantou-se e fizemos o mesmo. Ele nos pediu que esperássemos no hall de entrada, saiu e voltou dizendo para que o seguíssemos. Logo na frente, toda uma parede fora removida. Olhamos para uma grande abertura parcamente iluminada e vimos, na parte superior, uma tosca escada entalhada no rochedo. Ali deveria haver uma iluminação natural, uma vez que não nos encontrávamos na escuridão completa. Fomos seguindo nosso anfitrião e, depois de uns quarenta ou cinquenta degraus cavados em forma de corredor circular, chegamos a uma enorme caverna que se perdia na escuridão. Era um recinto imenso, pouco iluminado por longas e irregulares frestas de formas esquisitas. É óbvio que se tratava de uma fenda no próprio rochedo, utilizada para camuflar a janela, se necessário.

Perto das aberturas pendia uma espécie de veneziana presa por uma corda, tampando ou deixando à mostra a fenda. Lá embaixo, ouvia-se o bater abafado das ondas. O sr. Trelawny não perdeu tempo.

— Eis o lugar que escolhi para nossa grande experiência por me parecer bastante adequado para tal fim. Ele preenche, em centenas de maneiras diversas, os requisitos dos quais depende o êxito da experiência.

Aqui estamos tão protegidos e solitários quanto a rainha Tera ficou em seu túmulo no rochedo. Além disso, encontramo-nos num buraco na rocha. Para melhor ou pior, precisamos resistir e aguentar as consequências. Se conseguirmos obter sucesso, esclareceremos o mundo da moderna ciência com uma avalanche de luz, vinda da Antiguidade, e modificaremos todas as condições, sejam experiências, pensamentos ou práticas. Se a experiência for um fracasso, o conhecimento da nossa pesquisa afundará conosco. Acredito que estejamos preparados para o que poderá advir de tudo isso.

Na interrupção que se seguiu, ninguém disse uma palavra sequer; ficamos todos estupefatos, concordando com um aceno de cabeça.

Após certa hesitação, ele continuou:

— Ainda não é tarde demais. Se alguém tiver alguma dúvida ou temores, pelo amor de Deus, é melhor que externe suas incertezas. Seja quem for, poderá se retirar sem sofrer represálias. Os demais continuaremos sozinhos nosso caminho.

Fez uma nova interrupção e nos olhou-nos fixamente, um a um. Nós, por nossa vez, nos fitamos interrogativos. Ninguém ficara desencorajado. Se eu acaso tivesse alguma dúvida, bastaria um único olhar para o rosto de Margaret, para que me sentisse novamente em segurança. Ela se mostrava livre de medo, cheia de vida e de uma serenidade divina.

O sr. Trelawny suspirou de alívio e continuou, num tom de voz animado e decidido:

— Já que estamos todos de acordo, ponhamos quanto antes a coisa em andamento. Deixe-me lhes esclarecer que esta caverna, como a casa toda, tem iluminação elétrica. A fim de evitar suspeitas, não incluímos a caverna na instalação principal, mas tenho aqui um cabo que é ligado ao hall e, com ele, podemos fechar o circuito.

Subiu as escadas e apanhou na entrada a extremidade de um cabo, que ele puxou e enfiou numa tomada na parede. Então, ligou o interruptor e a caverna inteira, inclusive a escada, ficou iluminada. Podia-se ver que o buraco perto da escada dava diretamente na caverna. Acima dele fora instalado um cadernal, ou conjunto de polias com diversos pesos. O sr. Trelawny, que seguiu meu olhar e interpretou corretamente meus pensamentos, disse:

— Sim, isto aí é novo. Eu mesmo o instalei porque sabia que teríamos que abaixar coisas de maior peso. Como não desejava confiar em muitas

pessoas, eu mesmo preparei o cadernal que poderia comandar em caso de necessidade.

Pusemo-nos imediatamente ao trabalho e, antes que escurecesse, já havíamos colocado lá embaixo os grandes sarcófagos e todas as antiguidades, exatamente no lugar onde o sr. Trelawny os queria.

Foi uma operação singular e fantástica, a colocação aqui destes magníficos monumentos de uma época passada, nesta caverna verde que, em seus planos, seu objetivo e com suas modernas instalações e a luz elétrica, representava tanto o velho quanto o novo mundo.

Com o tempo, verifiquei cada vez mais a inteligência e a validez da escolha do lugar. Fiquei muito abalado quando Silvio, que entrara na caverna nos braços de sua dona e agora se encontrava dormindo em cima do casaco que eu havia posto de lado, deu um pulo assim que a múmia do gato foi desembrulhada. Jogou-se com a mesma violência contra ela que já havia mostrado há pouco tempo. O incidente me mostrou Margaret sob uma nova faceta, que me doeu o coração. Ela se postara de pé e se mostrava calma, apoiada num dos sarcófagos que lá estavam, confusa, numa daquelas abstrações que a afligia ultimamente. Mas quando ouviu o barulho e percebeu o furioso ataque de Silvio, transformou-se como se estivesse tomada de um verdadeiro acesso de raiva. Seu olhar era furioso e em volta de sua boca se formou uma linha dura e cruel de tensão que eu não conhecia. Instintivamente, avançou para Silvio, como se fosse livrar a múmia do ataque. Mas também eu me projetei, e, quando ela percebeu meu olhar, foi tomada por súbita convulsão e parou. A veemência da convulsão fez com que minha respiração parasse e tive que passar a mão sobre meus olhos. Todavia, nesse interregno, ela voltou à calma e sua fisionomia expressava assombro. Com sua elegância habitual e a graça que lhe era peculiar, pegou Silvio, levantando-o para o alto, como se sempre o tivesse feito, segurou-o nos braços, acariciou-o e o tratou como se ele fosse uma criancinha que tivesse acabado de fazer uma arte.

O que eu terminara de presenciar me encheu de um estranho medo. A Margaret que eu conhecera parecia ter se transformado, e eu rezava no fundo do meu coração para que essa coisa altamente inquietante findasse muito breve. Eu suspirava por um final feliz para nossa horrível experiência.

Depois que tudo na caverna ficou posicionado conforme os desejos do sr. Trelawny, ele se virou para nós, olhando um por um, até que conseguiu

concentrar em si toda a nossa atenção e falou:

— Agora que está tudo preparado e nos devidos lugares, resta-nos apenas esperar a época certa para o início.

O dr. Winchester foi o primeiro a exclamar depois de uma pequena pausa:

— E qual é a época certa? O senhor pode nos dar uma estimativa, ainda que não seja possível dizer o dia exato?

A resposta veio sem hesitação:

— Depois de muitas e longas reflexões, decidi-me pelo dia 31 de julho.

— Posso perguntar por que calculou essa data?

A resposta demorou um pouco:

— A rainha Tera se deixava guiar, em muito grande escala, pelo misticismo, e existiam numerosas provas de que esperava por uma ressurreição, de modo que podemos supor que procurava por um período que estaria sob o domínio de uma divindade apropriada para esse fim. O quarto mês da inundação era regido por Harmachis, nome de Ra, deus do sol, em sua aurora, por isso propício para o despertar ou para a ressurreição. Essa ressurreição tem estreita ligação com a vida corporal porque representa o centro da vida diária humana. Esse mês começa no nosso 25 de julho, e o sétimo dia é 31 de julho. Podem estar certos de que a rainha, possuída pelo misticismo, não escolheu nenhum dia a esmo, mas o sétimo ou um múltiplo de sete. Devem ter se perguntado por que os preparativos tiveram uma finalidade tão precisa. Agora já sabem o motivo. Devemos estar prontos, sob todos os pontos de vista, quando chegar a época. Por outro lado, não faz sentido algum ficar aí sentado o dia inteiro, sem fazer nada.

E, então, ficamos à espera do dia 31 de julho, que seria daqui a dois dias, dia em que a grande experiência deveria ter lugar.

Capítulo 18

DÚVIDAS E ANSIEDADES

Pequenos acontecimentos podem nos ensinar grandes lições. A história de outras eras nada mais é do que uma repetição infinita da história das horas. A prestação de contas de uma alma é composta de inumeráveis momentos. O que o anjo da justiça anota no grande livro não será escrito nas cores do arco-íris; ele mergulha suas penas unicamente na luz e nas trevas. Porque o olho da sabedoria infinita não requer nenhuma cor. Todas as coisas, todos os pensamentos, todos os sentimentos e desejos se resumem em duas contradições, se forem considerados em seus mais inferiores planos e seus múltiplos elementos concretos. Se alguém desejasse ter uma curta versão de uma vida humana inteira, com todas as suas experiências, minha descrição completa e sincera do meu estado de consciência nas próximas 48 horas seria uma resposta. O anjo justiceiro tem, como de costume, de fazer suas anotações com raios de sol e sombras que seriam vistas como a expressão definitiva do céu e do inferno, pois no céu domina a fé, enquanto sobre o negro abismo do inferno paira a dúvida.

É verdade que naqueles dias o sol apareceu apenas ocasionalmente. Eram momentos em que todas as dúvidas se desfaziam assim como a névoa da manhã se desfaz face a face com o sol — sempre que a graça e o amor de Margaret me vinham à consciência. Mas, como compensação — e era verdadeiramente uma compensação esmagadora —, a melancolia pesava sobre mim como uma mortalha.

A hora que eu esperava com tanta ansiedade e que talvez me acalmasse se aproximava tão rapidamente que me deprimia o sentimento de que em breve tudo estaria terminado.

Para nós todos, essa experiência podia ser um caso de vida ou morte. Mas estávamos preparados para isso. Margaret e eu éramos da mesma opinião sobre o risco que correríamos. O aspecto moral da pergunta, com relação à fé religiosa na qual fui criado, não me preocupava, porque eu não era capaz de perceber o objetivo e a causa por trás dele. A dúvida quanto ao sucesso da grande experiência era a mesma que acompanha empreendimentos de alto risco. No que se refere a mim, cuja vida

apresentara uma sequência de lutas intelectuais, essa forma de dúvida já era mais viva do que deprimente. O que, então, me dava medo e aumentava em mim a tortura quando me demorava demais em meus pensamentos sobre o assunto?

Comecei a duvidar de Margaret.

A que se referiam minhas dúvidas, eu não sabia. Eu não duvidava de seu amor, sua honra, sua sinceridade, sua bondade e seu ardor. Do que duvidava, eu então? Dela mesma.

Operavam-se mudanças constantes em Margaret. Durante os dias anteriores, houve horas em que eu quase não reconhecia a moça com quem eu estivera no piquenique e de cuja vigília na doença do pai eu compartilhara. Naquela época ela havia passado por momentos de grande preocupação, do maior medo e dos mais graves temores, mas apesar disso sempre se mostrara cheia de vida, perspicaz e circunspecta.

Agora, porém, quase sempre exibia uma atitude absorta, negativa, como se sua consciência, todo o seu ser, não estivesse presente. Em tais instantes a capacidade de observação e a mente eram claros — em seguida, ela sabia sempre o que se passara ao seu redor —, porém sua volta ao antigo eu era para mim como se outra pessoa entrasse no recinto. Até o momento de nossa saída de Londres, eu me sentia satisfeito e feliz com sua presença. Eu experimentava uma sensação de segurança e tinha consciência de que meu amor era correspondido. Mas agora a dúvida se instalara. Nunca mais eu poderia estar certo de que a pessoa a meu lado fosse minha Margaret — aquela Margaret de quem eu me enamorara à primeira vista — ou aquela nova Margaret que eu praticamente não entendia e cuja reserva espiritual levantava uma parede intransponível entre nós. Algumas vezes ela acordava por momentos de seu estado e dizia palavras muito agradáveis de amor, que já me dissera antes com frequência; no entanto, agora ela parecia uma pessoa completamente diferente.

Ela estava dando a impressão de repetir igual a um papagaio o que alguém lhe ditava e que esse alguém poderia dirigir suas ações e suas palavras, mas não seus pensamentos. Após uma ou duas dessas ocorrências, minhas dúvidas se tornaram um obstáculo para que eu falasse com ela diretamente e com serenidade. Assim, hora após hora, íamos nos distanciando um do outro.

Se não houvesse, aqui e ali, momentos em que a antiga Margaret estava a meu lado, não sei o que teria acontecido. Da maneira como iam as

coisas, cada um desses momentos me levava para um novo começo e evitava que meu amor se modificasse.

O que eu não daria para poder me desabafar com alguém! Mas era impossível. Como poderia eu expressar minhas dúvidas a qualquer pessoa, mesmo a seu pai? Como eu poderia falar do assunto com ela, se ela mesma era o objeto da minha dúvida? Nada me restava além de aguentar e esperar. Esperar, todavia, era o menor dos males. Margaret deve ter sentido nesse meio-tempo que nuvens se interpunham entre nós dois, porque, ao fim do primeiro dia, começou a me evitar. Talvez fosse devido à sua timidez para comigo. Até o presente momento ela sempre procurara todas as oportunidades para que pudéssemos ficar juntos, da mesma forma que eu procurava sua companhia. Essa atitude dela era bastante dolorosa para ambos.

Naquele dia a casa estava silenciosa. Cada qual fazia seu trabalho ou ficava entregue aos pensamentos. Apenas nos reuníamos na hora das refeições. Também nessas ocasiões todos estavam mais ou menos ocupados com seus pensamentos, mesmo quando conversávamos. Não se ouviam as atividades rotineiras dos empregados.

O sr. Trelawny, entretanto, havia tomado precauções para que a falta deles não nos afetasse. Na sala de jantar, encontravam-se pratos pré-preparados, que deveriam dar para vários dias. À noite, resolvi dar um pequeno passeio. Eu havia procurado Margaret para lhe perguntar se desejava me acompanhar, mas, quando a encontrei, ela estava numa de suas fases apáticas e sua companhia pareceu não fazer sentido. Zangado comigo mesmo e impossibilitado de expressar meu próprio descontentamento, saí sozinho para uma volta na superfície do rochedo.

Quando me encontrava no alto da rocha e olhava para o mar ao longe, só podendo ouvir o bater das ondas sob meus pés e os gritos agudos das gaivotas, consegui soltar meus pensamentos. Meditando no que fosse, minhas reflexões voltavam sempre para o mesmo tema, isto é, a libertação das dúvidas que me atormentavam. Aqui, na solidão, no meio da natureza com suas forças e lutas, minha inteligência trabalhava com mais clareza. Involuntariamente, surpreendi-me a me fazer uma pergunta, cuja resposta eu não ousava me permitir.

Por fim, venceu a persistência de uma inteligência ativa. Eu precisava mesmo enfrentar minhas dúvidas. O hábito de toda uma vida se fez presente e comecei a analisar os fatos em questão.

Essa resolução que tomei provou ser tão horrível que tive de me forçar a manter uma linha de pensamento lógico. Parti do seguinte princípio: Margaret mudara — de que modo e como? O que se modificou foi seu caráter, sua compreensão ou seu ser? Sua aparência exterior não sofrera alteração. Pus em ordem tudo o que eu sabia sobre ela, a começar pelo seu nascimento.

Desde o início tudo girava em torno de peculiaridades. Como Corbeck havia me contado, ela nascera de mãe morta, numa época em que seu pai, juntamente com um amigo, se encontrava em transe numa caverna em Assuan. Esse transe fora presumivelmente provocado por uma mulher mumificada que conservara um corpo astral, de acordo com a suposição, dominado pela sua livre vontade e pela elevada inteligência ativa. Não havia distância no espaço para esse corpo astral. A distância que separava Londres de Assuan se resumia num afastamento infinitesimal, e as feitiçarias à disposição dessa maga se voltaram para a mãe morta e possivelmente para a criança morta. A criança morta. Seria possível que essa criança tivesse voltado à vida? Onde estava, então, o espírito vivo, a alma? A lógica me mostrava o caminho com surpreendente clareza.

Conforme a crença dos antigos egípcios, o Ka e o Khu da rainha morta tinham poderes de reavivar tudo o que quisessem. Se fosse esse o caso, Margaret não era uma individualidade própria, mas apenas uma fase pela qual estava passando a rainha Tera, um corpo astral, submisso à vontade de Tera. Objetei quanto a essa lógica. Eu me defendia com todas as fibras de meu ser contra tal conclusão. Como poderia eu acreditar que não existia Margaret, mas unicamente uma imagem viva, um instrumento de uma mulher, que há quarenta séculos havia tramado um plano mirabolante? Apesar das novas dúvidas que surgiram, a perspectiva que se apresentava era mais agradável. Entretanto, eu tinha Margaret, e o pêndulo tornava a voltar para a lógica. Então a criança não morrera. Em caso positivo, teria a maga alguma coisa a ver com seu nascimento? Pelo que eu soubera de Corbeck, havia uma flagrante semelhança entre Margaret e os retratos da rainha Tera. Como isso era possível? Sua mãe jamais vira esses retratos, por isso não poderia ter sido o resultado de uma “visão”. Seu pai também somente a vira pela primeira vez depois que penetrara na caverna, poucos dias antes do nascimento da filha. Não consegui superar esse estágio com a mesma facilidade que os anteriores.

As fibras de meu ser continuavam intactas, o pavor da dúvida não diminuiu e, graças à singularidade do ser humano, essa dúvida começou a tomar uma forma concreta. Era uma escuridão enorme, na qual brilhavam alguns pontinhos de luz, que serviam apenas para aumentar a escuridão para o conhecimento positivo. Restava unicamente a possibilidade de uma relação entre Margaret e a rainha mumificada, desde que a maga pudesse tomar seu lugar por meio de misteriosos meios ocultos. Esse aspecto da questão não podia ser posto de lado com tanta facilidade. Desde que me dediquei ao assunto e que minha inteligência levou em consideração tal possibilidade, havia demasiado número de fatos suspeitos a favor dessa suposição. Lembrei-me ainda de todas as coisas estranhas e inexplicadas que aconteceram nos últimos dias em nossas vidas. A princípio, tomaram conta de mim como se fossem uma massa confusa. Mas novamente o caráter intelectual de minha profissão levou a melhor, e minha existência foi posta em ordem. Senti-me mais leve com o fato de poder me controlar. Agora eu tinha pela frente algo tangível, algo que tinha que ser executado, ainda que fosse de natureza aflitiva, pois poderia se manifestar contra Margaret ou mesmo atingi-la. Margaret corria sério perigo. Eu estava com ela em pensamento e lutava por ela. Contudo, se eu agisse na incerteza, corria o risco de prejudicá-la. Minha arma mais poderosa para sua proteção era a verdade.

Em primeiro lugar, eu teria que saber e compreender, para depois talvez estar em condições de agir. É bem verdade que eu não conseguiria fazer nada por ela sem antes reconhecer e captar os fatos que se apresentaram na seguinte ordem:

Primeiro: a estranha semelhança entre a rainha Tera e Margaret, nascida em outro país, distante algumas milhas, e cuja mãe não tinha a menor noção de ter visto a rainha.

Segundo: o desaparecimento do livro de Van Huyn, depois que eu acabara de ler a descrição do rubi-estrela.

Terceiro: o encontro das lamparinas no quarto de vestir. O corpo astral da rainha Tera poderia ter passado pela porta do quarto do hotel de Corbeck e tê-la fechado novamente, depois de sua saída com as lamparinas. Por esse mesmo motivo, poderia ter aberto a janela e levado as lamparinas para o quarto de vestir. Margaret não deve ter tido nada a ver com isso, mas não deixava de ser muito estranho.

Quarto: os momentos de suspeita do detetive e do médico me vieram com mais força à memória, e compreendi melhor seu sentido.

Quinto: havia ocasiões em que Margaret, no período que se abeirava da calma, predissera acertadamente, como se soubesse das intenções do corpo astral da rainha.

Sexto: por sua sugestão, o rubi que seu pai achara que perdera foi reencontrado.

Enquanto eu rememorava esse episódio à luz de minhas dúvidas, deparei-me com a única possível solução — que, como presumido, a teoria concordava com a força astral da rainha — isto é, que a rainha Tera se apropriara da pedra preciosa, retirando-a da carteira, porque a seu modo, quer dizer, graças às suas forças sobrenaturais, queria ter certeza de que a viagem de Londres a Kyllion seria realizada sem percalços. Depois, por intermédio de Margaret, tornou possível seu encontro.

Sétimo e último: a estranha dupla existência que Margaret parecia estar levando nesses últimos tempos e que de certo modo era uma consequência dos fatos já acontecidos.

A dupla existência. Essa era, na realidade, a dedução a que se chegava e que vencia todas as dificuldades, desfazendo as contradições. No caso de Margaret não poder dirigir sua própria vontade e ser obrigada a falar e a agir de acordo com estranhos comandos, tudo seria possível. Dependia do espírito da tal individualidade, pelo qual era impulsionada. Se essa individualidade fosse boa, justa e pura, tudo acabaria bem. Mas, se fosse de outro modo, o pensamento seria por demais horrível para ser expresso em palavras.

Cheguei a ranger os dentes de raiva e de impotência, enquanto todas as possibilidades pavorosas me passavam pela cabeça.

Até a manhã de hoje, a passagem de Margaret para seu novo eu tinha sido praticamente imperceptível. Apenas uma ou duas vezes sua atitude em relação a mim fora diferente. Mas então aconteceu o contrário, e a transformação trouxe graves temores. Existia igualmente a possibilidade de que essa outra individualidade fosse de uma espécie baixa, e não de uma das melhores. Quanto mais eu me aprofundava no assunto, mais acreditava ter encontrado o motivo para tais temores. Na história da múmia, começada quando Van Huyn penetrou na caverna, aconteceram inúmeros casos de morte horrível que, com toda a probabilidade, foram provocados por ela mesma. O árabe que roubou a mão e aquele que a roubou dele; o xeque

árabe que pretendeu roubar a pedra de Van Huyn e cujo pescoço mostrou os sinais de sete dedos; os dois mortos encontrados depois que o sr. Trelawny levou consigo o sarcófago e os três que tiveram que morrer na volta à caverna; e, ainda, o árabe que abriu o *serdab* secreto. Ao todo, perfazem nove, dos quais um com certeza foi morto pela mão da rainha. Devem-se levar em conta as terríveis agressões sofridas pelo sr. Trelawny, em seu próprio quarto, quando ela, com o auxílio dos seus espíritos tutelares, procurava abrir o cofre para retirar dali o rubi-talismã. O fato peculiar de o sr. Trelawny ter prendido a chave numa pulseira de aço no pulso quase lhe custou a vida, se esse método extremo tivesse dado resultado.

A rainha, que aspirava a uma ressurreição nas condições por ela previamente fixadas, não hesitou em derramar sangue a fim de conseguir seus intentos. O que se poderia esperar dela, se temesse que seus planos não pudessem ser realizados? Que terrível passo teria dado para que seus desejos fossem executados? Quais eram seus desejos? Na realidade, quais eram suas aspirações? Até agora tivemos apenas as descrições vívidas de Margaret quanto a esses desejos, que escaparam da inspiração de sua alma. Nos registros escritos da rainha, nada havia sobre a procura do amor nem sobre o encontro do amor. Sabíamos unicamente que ela planejara sua ressurreição e que, em seus planos, o norte, pelo qual tinha uma predileção toda especial, representava um papel importante. Tornou-se bem claro que essa ressurreição teria lugar na solidão da caverna do Vale do Mago.

Para isso, fez cuidadosos preparativos para que pudesse deixar a caverna em sua nova condição de ser vivo. O sarcófago não tinha tampa. As jarras de óleo podiam ser abertas com a maior facilidade, ainda que estivessem hermeticamente fechadas. A quantidade de óleo era tamanha que a evaporação dele durante todo esse tempo nada significaria. Havia até mão pederneira e aço, para que pudesse acender uma chama.

A verdadeira câmara real da múmia, ao contrário do costume reinante, não estava recheada. Perto da porta de pedra, na parede do rochedo, fora trazida uma corrente de um material indestrutível, com o auxílio do qual ela teria descido até o chão do Vale. Contudo, não se tinha conhecimento a respeito de suas intenções para depois da ressurreição. Será que iria querer levar uma vida nova como simples mortal?

Essa ideia tinha em si um quê de tão fidalgo que, de repente, fui tomado de simpatia por ela e lhe desejei sucesso.

Essa concepção foi suficiente para assegurar meu consentimento na contribuição de Margaret para tal finalidade e acalmar meu temperamento exacerbado.

Dominado por esse sentimento, resolvi avisar Margaret e seu pai quanto a eventuais possibilidades horríveis, e eu, com minha ignorância satisfeita, esperaria pelo desenrolar das coisas, sobre as quais eu não tinha a menor influência.

Fiz o caminho de volta para casa com outro ânimo e fiquei encantado ao perceber que Margaret, a de antigamente, já se encontrava à minha espera.

Após o jantar, quando eu estava à vontade com o pai e a filha, toquei no assunto, com alguma relutância:

— Não seria melhor tomar todas as possíveis precauções para o caso de a rainha não concordar com nossa maneira de proceder e de, durante a experiência ou mesmo depois dela, acontecer algo imprevisto?

A resposta de Margaret veio tão rápida que fiquei convencido de que ela já a houvesse preparado antes:

— Mas ela concordou. Não pode ser de outro modo. Papai colocou toda a sua inteligência, a sua energia e a sua coragem para poder realizar tudo o que foi determinado pela rainha.

— Mas isso é praticamente impossível — retruquei, com deliberação. — Ela fez seus preparativos numa caverna no alto do rochedo, em plena solidão, o que deve ser para ela a melhor proteção contra incidentes inesperados. Aqui, num país estranho, em outra era, sob diferentes condições, talvez cometa erros em sua perturbação, podendo castigar ao senhor e a todos nós como o fez nos tempos passados. Pelo que sabemos, nove pessoas perderam a vida, direta ou indiretamente, por causa dela. Ela consegue ser impiedosa.

Só mais tarde me chamou a atenção o fato de que eu já via como realidade que a rainha Tera estava viva e que tinha uma consciência. Meus receios de que o sr. Trelawny pudesse ficar ofendido provaram ser infundados. Sorrindo, ele respondeu:

— Meu caro jovem amigo, sob certo ponto de vista, o senhor tem toda a razão. A rainha procurava de verdade a solidão. De qualquer modo, seria melhor mesmo que sua experiência fosse realizada como ela a planejara. Mas pense que isso se tornou impossível depois que o pesquisador holandês penetrou em sua cripta. Não é culpa minha, ainda que tenha sido a causa de

minha redescoberta da lousa tumular. De modo algum pretendo dizer que eu teria agido de maneira diferente da de Van Huyn. Entrei no túmulo movido por simples curiosidade e trouxe comigo tudo o que me foi possível. Lembre-se também de que, naquela época, eu desconhecia os planos da rainha e, sobretudo, não desconfiava de quanto seriam completos seus preparativos. Tudo isso veio bem mais tarde. Porém, quando tive conhecimento deles, fiz o que pude para que seus desejos fossem executados nos mínimos detalhes. Meu único receio é que possa ter havido alguma interpretação errada de suas instruções secretas. De uma coisa estou certo: tratei de tudo no melhor de meu saber e de minha consciência, e nada fiz que pudesse contrariar as instruções da rainha Tera. Eu gostaria que sua grande experiência fosse um sucesso. Para esse fim não poupei esforços, tempo ou dinheiro. Nem a mim mesmo. Passei por dificuldades e perigos. Meu entendimento, todo o meu saber e meus estudos, todo o meu apoio, tudo foi sempre feito com esse objetivo, até que o grande empreendimento tenha êxito completo ou seja um fracasso.

— O grande empreendimento — repeti. — A ressurreição da mulher? A vida da mulher? A prova de que tal coisa é possível? Por meio de forças mágicas, de realizações científicas ou de uma força da qual o mundo ainda não tem conhecimento?

Agora o sr. Trelawny começou a falar sobre suas esperanças mais íntimas, que até o momento havia apenas insinuado. Uma ou duas vezes eu ouvira o sr. Corbeck mencionar a vitalidade de sua juventude, mas ainda não tivera uma prova visível de tal alegação. Nesse exato momento, suas palavras, que acabavam com qualquer pensamento adverso, mostraram uma pessoa totalmente diferente.

— A vida dessa mulher! Não estará igualmente em jogo a vida de uma mulher? Uma vida que me é a mais cara no mundo a cada momento que passa? E acrescentamos ainda ao jogo a vida de quatro homens, a sua, a minha e as dos outros dois em quem confiamos. A prova de que tal coisa seja possível, isto já seria pedir muito. Um verdadeiro milagre nesta época científica, impregnada de ceticismo. Porém, a vida e a ressurreição são elas mesmas apenas parte do que conseguiríamos com o sucesso da experiência. Reflita que o mundo dos pensadores, o mundo do verdadeiro progresso humano, significa principalmente o caminho para as estrelas, o *itur ad astra* dos antigos, quando alguém vem até nós do passado desconhecido, alguém que possa transmitir o saber depositado na grande biblioteca de Alexandria,

consumida pelas chamas. Não apenas a história é corrigida e os estudos da ciência desde seus primórdios. Foi-nos aberto o caminho para as artes, o saber e os conhecimentos esquecidos, para que possamos trilhar o caminho mostrado até o último e completo restabelecimento. Imagina-se que essa mulher possa nos informar como era o mundo antes do chamado “dilúvio”. Ela pode nos explicar a origem desse mito enorme, pode fazer com que reflitamos sobre coisas que nos fazem pensar há muito tempo, mas que já existiam antes da época dos patriarcas da velha história sagrada. Mas isso não é suficiente. De modo algum. Se acontecer com essa mulher o que presumimos, se suas forças forem o que supomos, aumentará nosso saber que vai além do que nossa época tem conhecimento até agora e mais longe do que hoje em dia se julga que seja dado a conhecer à espécie humana. Se a ressurreição for realmente conseguida, como poderemos questionar ainda o antigo saber, a magia e a crença antigas! Se assim for, devemos partir do princípio de que o Ka dessa grande e sábia rainha pôde em sua estada junto às estrelas lançar uma vista de olhos no segredo, cujo valor é imortal. Essa mulher se pôs em vida no túmulo por sua livre vontade e voltou, como pode ser deduzido pelas informações em sua tumba. Ela decidiu morrer jovem para que, na sua ressurreição em outra era e depois de um longo estado de transe, se levantasse do túmulo na exuberância e no esplendor de sua juventude e poder. Temos provas de que sua inteligência não se enfraqueceu, de que seu poder de decisão não diminuiu e de que sua vontade permaneceu inquebrantável, ainda que seu corpo tivesse enrijecido através dos séculos num sono paciente. O que é mais importante: sua memória continuou intacta. Oh, quantas possibilidades se abririam se tal ser entrasse em nosso meio! Um ente cuja história vem de antes do início da Bíblia; que viveu há longos anos num tempo anterior ao nosso, quando os gregos criavam seus deuses; que o velho e o novo, céu e inferno, eram capazes de unir; que subjugou os mundos conhecidos do pensamento e da vida física do mistério do desconhecido, do mistério do velho mundo em sua juventude e daqueles mundos fora do nosso horizonte.

Emocionado, ele parou. Margaret pegara sua mão e não a largara. Em seu rosto, porém, operou-se aquela transformação da qual ultimamente eu havia sido testemunha. Seu ser se ocultava como se estivesse por trás de um véu, de modo que eu tinha a impressão de estar sendo separado dela. Essa transformação não fora observada por seu pai enquanto pronunciava com veemência e paixão a torrente de palavras. Quando parou, ela voltou a ser o

que era antes. Em seus magníficos olhos, percebi o brilho de lágrimas não derramadas. Com um gesto de amor apaixonado e de admiração, ela se inclinou sobre a mão do pai e a beijou. Depois se virou, dirigindo-se a mim, e disse:

— Malcolm, você já falou sobre as mortes pelas quais a pobre rainha seria a responsável ou provocadas porque alguém ousou atrapalhar seus planos. Não acha que está sendo injusto na maneira de pensar? Quem teria agido de modo diferente em seu lugar? Reflita que ela lutava por sua vida. Não era somente pela sua própria vida. Tratava-se da vida, do amor, das esplêndidas possibilidades de um futuro afastado, no desconhecido mundo do norte, que abrigava para ela as esperanças tão atraentes. Não acha que ela, com toda a sabedoria do seu tempo, com a força de sua grande natureza, não nutria esperanças de ver realizadas as elevadas expectativas de sua alma no sentido mais amplo? Que ela esperava, além de conquistar um mundo desconhecido, poder transmitir para as gerações vindouras o que adquirira em percepção durante o sono da morte e no passar do tempo? Que tudo isso poderia ser destruído pela mão brutal de um assassino ou de um ladrão, como realmente aconteceu? Você não teria, no lugar dela, lutado por todos os meios a fim de alcançar o objetivo de sua vida e de suas esperanças que sempre pareciam estar mais ao alcance da mão com o passar ilimitado dos anos? Pode-se imaginar que essa inteligência viva tenha alcançado a serenidade enquanto seu corpo mortal ficava à espera da hora predeterminada? Enquanto sua alma livre voava de um mundo para outro, entre as infinitas regiões estelares? Essas miríades não abrigavam estrelas em sua multiplicidade, nenhum ensinamento para ela, como nós o encontramos desde que seguimos o glorioso caminho que ela e seu povo nos indicaram quando deixavam os pensamentos girarem em torno dessas luzes noturnas.

Nesse momento, ela se interrompeu. Seus sentimentos a dominaram de tal maneira que as lágrimas lhe escorriam pelas faces. Eu mesmo fiquei mais emocionado do que me é possível expressar. Essa era a minha Margaret! Consciente de sua proximidade, meu coração deu um salto. Da minha felicidade nasceu a audácia, de modo que me atrevi a manifestar o que eu achava ser impossível, isto é, algo que levaria a atenção do sr. Trelawny para aquilo que eu julgava a dupla existência de sua filha.

Quando peguei a mão de Margaret e a beijei, falei para seu pai:

— Senhor, ela não poderia ter falado melhor se o próprio espírito da rainha o tivesse dito e lhe tivesse inspirado o pensamento.

A resposta do sr. Trelawny me espantou de verdade; era a prova de que ele tivera um processo de pensamento idêntico ao meu.

— Se fosse esse o caso, sim. Bem sei que o espírito de sua mãe mora nela. Se, além disso, tivesse dentro dela o espírito dessa grande e maravilhosa rainha, ela não me seria menos cara. Malcolm Ross, não fique agoniado por causa dela, pelo menos não mais do que pela outra.

Margaret, prosseguindo no assunto, falou tão inesperadamente que suas palavras agiram mais como a continuação da conversa de seu pai do que como uma interrupção:

— Malcolm, não tenha medo por minha causa. A rainha Tera sabe tudo e não nos fará mal algum. Eu o sei, tão certo como estou perdida no profundo amor que dedico a você.

O timbre de sua voz era tão estranho que lhe lancei um rápido olhar. Seus olhos faiscavam como sempre, mas escondiam de mim, como um leão, os pensamentos mais íntimos, como se estivessem por trás de um véu.

Capítulo 19

A LIÇÃO DE KA

Naquela noite, todos fomos bem cedo para a cama, já sabendo que as horas seguintes prometiam trazer muita tensão. Por isso, o sr. Trelawny achou que devíamos nos fortificar com uma boa noite de sono. O dia também seria de muito trabalho. Tivemos que repassar tudo para a grande experiência, a fim de que nenhuma falha ocorresse, levando-nos ao insucesso. Naturalmente, contávamos ter que pedir auxílio, caso necessário. Mas creio que ninguém pensasse seriamente em perigo. É evidente que não temíamos nenhum ato de violência, como ocorrera em Londres durante o longo transe do sr. Trelawny.

Quanto a mim, senti-me muito aliviado. Achei bastante lógica a observação do sr. Trelawny de que não deveríamos esperar nenhuma oposição no tocante à rainha, se ela na realidade fosse a personalidade que supúnhamos, uma vez que nada mais fazíamos do que cumprir suas próprias vontades. Até aí eu me sentia sossegado, bem mais sossegado do que há pouco eu julgava ser possível. Porém, ainda existiam outros motivos de preocupação que eu não podia ignorar com tanta facilidade. O mais importante era a estranha situação de Margaret. Se fosse o caso de ela ter uma dupla personalidade, o que aconteceria se as duas se amalgamassem? Continuei a remoer o assunto no meu pensamento até que tive ímpetos de gritar de tanto nervosismo e medo. Não me era consolo algum saber que a própria Margaret se apresentava serena, pois o amor é bastante egoísta e joga sombras negras sobre tudo o que estiver entre ele e a luz. Para mim, era como se eu ouvisse o ponteiro do relógio se adiantando no mostrador. Eu via escuridão se transformar em crepúsculo, o crepúsculo em alvorada, a alvorada em claridade, sem que houvesse uma interrupção na sequência de meus tristes sentimentos ou que lhes fosse colocado um obstáculo.

Finalmente eu me levantei, já que não precisava ter medo de perturbar ninguém. Sem fazer barulho, passei pelo corredor e me certifiquei de que tudo estava na melhor ordem. Havíamos chegado a combinar que deixaríamos as portas dos nossos quartos entreabertas para que, se fosse percebido algum barulho diferente, todos pudessem ouvi-lo imediatamente.

A maior parte dormia. Eu podia ouvir as respirações compassadas e meu coração exultava de alegria de que esta noite horrível, cheia de medo, já passara. Quando me ajoelhei no quarto, dominado por um sentimento de gratidão para fazer uma prece, é que me dei conta de toda a extensão do meu medo. Saí da casa e desci as longas escadas esculpidas no rochedo até a água. Nadei no mar claro, fresco, e senti que meus nervos estavam se acalmando e eu voltava a ser o que era antes. Quando alcancei a extremidade superior da escada, vi atrás de mim o sol, qual ouro luminoso, que nascia do outro lado do rochedo, do lado de lá da baía. Contudo, eu sentia alguma coisa inquietante dentro de mim. Tudo estava claro demais, como acontece às vezes antes de uma tempestade. Enquanto eu parava para observar tudo, senti uma leve mão sobre meu ombro. Voltei-me e vi Margaret bem perto de mim. Uma Margaret clara e luminosa, a Margaret de antes, na qual nada havia de estranho, e percebi que pelo menos este último e decisivo dia tivera um bom começo.

Infelizmente, a felicidade foi de pouca duração. Mal voltáramos para casa do passeio em volta dos escolhos, a sequência do dia anterior se estabeleceu novamente: depressão e medo, esperança, euforia, desânimo profundo e indiferença apática.

Devia, no entanto, ser ao mesmo tempo um dia bastante trabalhoso, e todos nos armamos com uma grande energia a fim de poder enfrentar as fadigas que nos esperavam e que traria a todos um alívio todo particular.

Após o café da manhã, nós nos dirigimos à caverna, onde o sr. Trelawny fez uma revisão ponto por ponto da colocação de todos os utensílios. Ao lado de cada peça, ele nos dava uma explicação quanto ao posicionamento. Tinha consigo os grandes rolos de papel, nos quais anotaria as proporções dos planos, os números e as figuras que se baseavam aproximadamente nos apontamentos dele próprio e nos de Corbeck. Da coleção, como dito por ele, faziam parte todos os hieróglifos dos muros, tampos e chão da caverna no Vale do Mago. Mesmo que não tivéssemos ao nosso dispor os planos dimensionados por escritos e símbolos crípticos, teria sido possível colocar cada peça em seu devido lugar.

O sr. Trelawny nos explicou determinadas outras coisas que não constavam dos apontamentos, como o fato de que a parte cavada da mesa se encaixava exatamente no chão do recipiente mágico e que a partir daí deveria ter seu lugar sobre a mesa. As pernas da referida mesa se compunham de diversos modelos de serpentes *uräeus*, cujas cabeças

olhavam em diferentes direções. Ele explicou ainda que a múmia, quando colocada na parte alteada do chão do sarcófago que coincidia exatamente com sua forma, tinha que estar com a cabeça voltada para o oeste e os pés para o leste, a fim de que pudesse absorver os raios terrestres naturais.

— Se era esse o propósito, como suponho — disse ele —, podemos começar do ponto em que a força que se manifesta teria algo a ver com magnetismo, eletricidade ou com ambos. Naturalmente, é bem possível que outra energia esteja em ação, como as radiações do rádio. Já fiz tentativas com este, mas somente em pequena escala. Até onde eu possa avaliar, a pedra de que é feito o recipiente é absolutamente impenetrável. Portanto, devem existir tais substâncias na natureza, mas despercebidas. O rádio, é certo, não provém apenas da uraninita, mas também de outras matérias. É bem possível que elas pertençam à classe do material "inerte" que *sir* William Ramsay obteve e comprovou. Além do mais, nessa caixa talhada pode haver um meteorito, um elemento desconhecido no nosso mundo, uma energia potente, adormecida, que seria posta em liberdade na hora em que fosse aberto o recipiente.

Com isso o assunto parecia terminado, mas seu semblante não demonstrava ter certeza de que tudo tivesse sido tratado. Esperamos sem dizer uma palavra, até que ele continuasse:

— Preciso declarar que existe um ponto que até agora tem sido uma charada para mim. Provavelmente não terá muita importância, porém, num assunto como este que estamos tratando, em que praticamente tudo é duvidoso, é necessário presumir que o conjunto possa ter algum valor. De qualquer modo, não consigo imaginar que num plano de uma exatidão tão fora do comum algo possa ter passado despercebido. Como podem ver pelo plano-base da gruta, o sarcófago se encontra na parede norte e o recipiente mágico, ao sul dele. A superfície ocupada pelo sarcófago não contém efetivamente nenhum símbolo ou enfeite. À primeira vista, tal fato indicaria que os sinais foram feitos depois de o sarcófago ter sido colocado no respectivo lugar. Contudo, uma investigação mais minuciosa demonstra que os símbolos no chão foram destinados a terem uma ação definida, por isso foram posicionados dessa maneira. Vejam aqui a série correta da escrita: dá a impressão de existir uma falha. Apenas devido a determinados efeitos é que se pode reconhecer certo significado. O sentido por trás de tudo talvez seja exatamente o que desejamos saber. Reparem na beirada superior e inferior do lugar vazio, que, na direção leste-oeste, corresponde à cabeceira

e aos pés do sarcófago. Em ambos os lugares encontramos duplicatas desse mesmo símbolo, mas ordenado de tal forma que cada um dos sinais parece fazer parte de outra escrita, isto é, em sentido horizontal. Somente quando lançamos um olhar mais agudo para os símbolos, seja para os da cabeceira, seja para os dos pés, é que os reconhecemos como tal. Observem com atenção: no canto e no ponto central da beirada superior e inferior eles são triplos. Sempre um sol é cortado ao meio pela linha do sarcófago e do horizonte. Logo atrás, desviando-se dele, porém ficando em qualquer outra dependência, podemos ver um jarro que apresenta os sinais em hieróglifos, Ab, que quer dizer *coração*, como o chamavam os egípcios. Em seguida vemos os dois antebraços estendidos, do cotovelo para cima. Esse é o sinal para Ka, ou *duplo*. Sua posição relativa é diferente tanto em cima quanto embaixo. Na cabeceira do sarcófago, a ponta do Ka fica virada para a abertura do vaso e, nos pés, os braços estirados mostram a direção oposta.

"O valor do símbolo demonstra que, no trajeto do sol do oeste para leste, quer dizer, do pôr do sol ao amanhecer, ou, com outras palavras, durante a noite, o coração que na gruta se mantém de modo substancial, sem poder abandoná-la, simplesmente realiza uma rotação, de modo que seja sempre obrigado a se dirigir para Ra, o deus do sol, a procedência de tudo o que é bom, mas que o *duplo*, que representa o princípio da atividade, deve poder se movimentar livremente, dia e noite. No caso de ser confirmada essa hipótese, tudo deve ser julgado como um aviso, uma indicação de que a consciência da múmia não descansa, porém é um fator com o qual se deve contar.

"Outra interpretação para o caso seria que, depois da noite, no novo despertar de Ka, este abandonaria o coração, sinal de que a rainha ressuscitaria novamente numa existência física inferior.

"O que aconteceria, nesse caso, à sua mente e às experiências de sua alma que vaga pelo além? Com isso, o mais importante em sua ressurreição ficaria perdido para o mundo. Na realidade eu não me preocupo muito seriamente a respeito, pois se trata apenas de conjecturas. Além do mais, seria o contrário do que ensina a teologia egípcia, isto é, que o Ka é uma parte essencial do ser humano."

Ele fez uma pequena pausa e logo o dr. Winchester interpôs:

— Isso não significaria que a rainha receasse que alguém pudesse invadir sua tumba?

O sr. Trelawny respondeu, sorrindo:

— Meu caro doutor, ela se preparou para tal eventualidade. Roubo de túmulos não é privilégio dos nossos tempos. Já existia provavelmente na época da dinastia da rainha. Ela não havia apenas se preparado, como já tivemos a oportunidade de verificar por mais de uma vez, mas esperava mesmo que tal fato acontecesse. A ocultação das lamparinas no *serdab*, a colocação de um "gênio protetor" vingador, tudo indica medidas acauteladoras, tanto positivas quanto negativas. As numerosas referências feitas podemos supor que signifiquem que ela tomou em consideração a possibilidade de que outras pessoas, como nós, pudessem realizar o trabalho que ela idealizara para si mesma. O que acabei de descrever com precisão é um exemplo disso. A indicação existente era certamente dedicada a olhos que soubessem ver.

Novamente, todos se mantiveram calados. Margaret foi a que tomou a seguir a palavra:

— Pai, posso ficar com o esboço? Eu gostaria de poder estudá-lo durante o dia.

— Mas é lógico, minha querida — falou calorosamente o sr. Trelawny, entregando-lhe a folha pedida.

E prosseguiu com suas instruções com objetividade, num tom que correspondia a um tema prático, sem qualquer mistério:

— Acho que precisam ser informados sobre a instalação elétrica desta casa, para o caso de acontecer algo inesperado. Já devem ter percebido que todas as partes desta residência estão ligadas a uma única fonte de energia, portanto não existe aqui nenhum canto escuro. Eu mesmo planejei tudo com cuidado. Duas das turbinas acionadas pela maré produzem a corrente, como as turbinas encontradas nas Cataratas do Niágara. Dessa maneira, espero impossibilitar eventuais baixas de voltagem e me certificar de ter sempre um suprimento de energia. Venham, vou explicar detalhadamente como funciona a instalação.

Levou-nos pela casa toda, e não pude deixar de admirar a perfeição do sistema excogitado e a maneira pela qual se cercara de segurança contra todo e qualquer tipo de catástrofe imaginável.

Vendo toda essa perfeição, nasceu um medo dentro de mim. Num empreendimento como o nosso, o círculo do pensamento humano era bastante restrito. Por trás, havia uma infindável sabedoria e força divinas. Novamente de volta à caverna, o sr. Trelawny se referiu a outro assunto:

— Precisamos marcar definitivamente a hora exata para a realização da nossa experiência. Para a ciência natural e mecânica, as horas são iguais, desde que os preparativos estejam prontos. Mas temos que lidar com determinadas disposições preliminares, idealizadas por uma mulher de inteligência invulgar, que acreditava em magia e que dava a tudo um sentido misterioso. Por esse motivo, antes de nos decidirmos, temos que nos colocar em seu lugar. É verdade que o ocaso do sol desempenha um papel importante em seus planos. Do mesmo modo como os sóis cinzelados com precisão na borda do sarcófago foram posicionados de maneira intencional, assim também devemos tirar certas conclusões e levar em consideração o número sete, que influenciou o pensamento e a ação da rainha em cada fase. A consequência lógica seria que a sétima hora depois do pôr do sol deve ser a hora correta. Outra prova do que acabo de expor seria o fato de que cada vez que algo acontecia em minha casa, essa era a hora. Como hoje aqui em Cornwall o sol se põe às vinte horas, nossa hora deverá ser as três da madrugada.

Ele foi categórico, ainda que falasse com a maior seriedade. Nada havia de misterioso nas suas palavras nem em seu comportamento, mas todos estávamos vivamente impressionados. Eu podia ver os rostos pálidos dos outros e reparei que, no silêncio reinante, ninguém se mexeu quando foi tomada a decisão. A única pessoa que se mostrava relaxada era Margaret, que passava novamente por uma fase de abstração e que, de repente, despertou com uma indicação de alegria cheia de ansiedade. Seu pai, que a observava, sorriu, e a animação da jovem foi para ele a confirmação de sua teoria.

Eu mesmo estava dominado pela emoção. O fato de termos marcado definitivamente a hora para a realização da experiência foi para mim como a voz do destino. Quando agora rememoro os fatos, posso compreender como deve se sentir um condenado à espera de sua última hora. Já não era mais possível voltar atrás. Estávamos entregues nas mãos de Deus. Nas mãos de Deus! Não obstante, que outras forças seriam convocadas? O que seria de nós, que éramos uma partícula miserável de pó, dispersada pelo vento, que nenhum ser humano sabe para onde vai nem de onde vem? Não era por minha causa. Margaret!

A voz incisiva do sr. Trelawny me tirou de minhas divagações.

— Agora vamos nos ocupar com as lamparinas e terminar nossos preparativos.

Sob sua supervisão, preparamos as lamparinas egípcias, enchendo-as com o óleo de cedro e prestando atenção para que a mecha fosse colocada de maneira correta. Uma após outra elas foram acesas a título de experiência. Nós as colocamos de tal forma que pudessem ser acesas rapidamente e ao mesmo tempo. Seguiu-se uma vistoria, para confirmar se tudo estava preparado para a noite.

O trabalho levou algum tempo para ser executado e ficamos espantados quando, ao sairmos da caverna para entrar na casa, o grande relógio no vestíbulo bateu quatro horas.

Comemos um almoço tardio e, seguindo o conselho do sr. Trelawny, separamo-nos, a fim de que cada um pudesse se preparar à vontade para enfrentar a noite tensa que teríamos. Margaret se mostrava pálida e cansada, de modo que a aconselhei a dormir um pouco. Ela me prometeu que assim faria. Sua abstração, que não a largara o dia inteiro, desaparecera. Beijou-me na despedida, cheia de ternura, com a graça habitual. Acompanhado pelo sentimento de felicidade que seu comportamento despertou em mim, fui fazer um passeio sobre o penhasco. Eu não desejava meditar e tinha a certeza de que o ar fresco, o sol do bom Deus e as incontáveis maravilhas que Ele nos concedeu seriam o melhor preparativo para o que estava por vir.

Quando voltei do passeio, todos nos reunimos para tomar chá. Eu, que havia colhido novas forças na natureza, achei esquisito que nós, um pouco antes do fim de um empreendimento tão estranho e quase monstruoso, nos detivéssemos com nossas necessidades e hábitos cotidianos. Nós homens, sem exceção, estávamos com a fisionomia séria. O tempo em que cada um estivera a sós dera a todos a oportunidade para reflexão. Margaret, ao contrário, se mostrava serena e alegre. Eu, porém, não percebia nela a espontaneidade usual. Ela mantinha certa reserva em relação a mim, o que de imediato despertou minha suspeita. Depois do chá, ela saiu e voltou imediatamente, tendo na mão o rolo do esboço que pedira emprestado ao pai, que acabava de entrar. Ela disse:

— Pai, refleti muito sobre o que você explicou hoje a respeito do sentido oculto de sóis, corações e Kas. Examinei detalhadamente os sinais.

— Com que resultado, minha filha? — perguntou Trelawny, ansioso. — Ainda existe outra interpretação possível? — Sua voz tremeu de tensão.

Margaret falou com um timbre de voz estranho, um som trazido da consciência da verdade.

— Uma das interpretações menciona que o Ka entre no Ab ao pôr do sol e que só o deixará ao amanhecer.

— Adiante — falou o pai com voz rouca.

— Isso significa que nessa noite o “duplo” da imagem da rainha, que, de resto, é livre, permanece em seu coração mortal e não pode abandonar seu cárcere dentro da múmia. Quando o sol mergulhar no mar, a rainha Tera deixa de existir como força consciente, até o nascer do sol, caso essa grande experiência não a desperte para a vida. Isso significa, por sua vez, que todos vocês não devem temer nada daquilo do que infelizmente todos temos motivos de sobra para nos lembrar. Sejam quais forem as transformações que a grande experiência trouxer, de modo algum poderão partir da pobre e desamparada morta que há séculos espera por esta noite, tendo entregue sua liberdade eterna de acordo com os ensinamentos dos antigos, na expectativa de uma vida nova num mundo novo...

Parou subitamente, pois suas palavras suscitaram uma estranha compaixão e tomaram um tom quase suplicante que me comoveu profundamente. Pude perceber lágrimas em seus olhos, antes que ela se virasse com rapidez.

Dessa vez, porém, o coração de seu pai não se deixou comover pelos sentimentos da filha. Mostrava-se bastante animado e, ao mesmo tempo, com uma firme determinação que me fazia lembrar sua aparência durante o transe. De qualquer modo, não encontrou palavras de consolo para a filha, dizendo unicamente:

— Quando chegar a hora, poderemos provar a veracidade de sua hipótese e de seus sentimentos.

Depois de ter pronunciado tais palavras, subiu a escada de pedra e entrou no quarto. Margaret o seguiu com os olhos e sua fisionomia demonstrava certa preocupação. Era estranho, mas sua preocupação não me comoveu.

Fez-se um silêncio depois da saída do sr. Trelawny. Ninguém manifestava vontade de falar. Finalmente, Margaret também foi para seu quarto, e saí para o terraço sobre o mar.

O ar fresco e a beleza que eu tinha diante de mim me puseram de novo de bom humor, como eu havia estado pela manhã. No fim, eu mesmo tive uma sensação de alívio, porque fora desviado o perigo que eu temera por parte da rainha para a próxima noite. Acreditei tanto nas convicções de Margaret que nem me passou pela cabeça perguntar quais seriam seus

motivos. Sentindo-me mais eufórico e relaxado do que estivera há vários dias, fui para meu quarto e me deitei no sofá:

Acordei quando Corbeck me chamou apressadamente:

— Desça rápido para a caverna. O sr. Trelawny quer ver todos juntos lá embaixo. Corra.

Pulei do sofá e me dirigi com a maior rapidez para a caverna. Todos lá estavam, com exceção de Margaret, que apareceu logo depois de mim. Em seus braços trazia Silvio. Quando o gato farejou seu antigo desafeto, lutou para se livrar e ser colocado no chão. Mas Margaret o segurava com firmeza e o acalmou. Olhei para o relógio. Marcava um pouco antes das oito horas. Assim que a jovem entrou, seu pai falou sem rodeios e com uma entonação que eu não conhecia:

— Margaret, você crê, então, que a rainha Tera tenha hoje à noite, voluntariamente, desistido de sua liberdade? Que resolveu não continuar como múmia até que tudo tenha passado e a ressurreição tenha sido conseguida, ou então ter se tornado um fracasso?

Depois de uma ligeira pausa, Margaret respondeu baixinho:

— Sim.

Nessa pausa, todo o seu eu se transformou. Sua aparência, sua voz, sua expressão, sua compostura. Até Silvio notou, tendo se desvencilhado de seus braços depois de enorme esforço. Ela nem o percebeu. Fiquei à espera de que o felino, assim que conseguisse recuperar a liberdade, se lançasse sobre a múmia do gato. Mas dessa vez não o fez. Parecia amedrontado e recuou, pressionando minhas pernas com um lamentoso “miau”. Peguei-o nos braços e ele se aninhou neles todo contente. O sr. Trelawny tornou a perguntar:

— Está certa disso? Acredita de todo o coração?

A fisionomia de Margaret não se mostrava mais tão perdida. Pelo contrário, iluminou-se com um fervor como se estivesse a ponto de dizer coisas importantes. Em sua resposta vibrava uma convicção absoluta:

— Eu o sei. Meu saber excede a simples crença.

— Então você tem certeza de que, sendo colocada no lugar da rainha Tera, estaria disposta a apresentar a prova, obedecendo às minhas ordens?

— Sim, como quiser. — Foi a resposta intrépida.

— Até mesmo se, com isso, entregar à morte e à destruição seu gênio protetor?

Ela hesitou e percebi que sofria, que passava por um verdadeiro martírio. Em seus olhos apareceu um olhar atormentado, que nenhum homem pode aguentar ver nos olhos de sua amada. Tive vontade de intervir quando o olhar penetrante de seu pai, que vagueava à sua volta, encontrou-se com o meu. Parei, como se estivesse sendo enfeitiçado. O mesmo aconteceu com os outros. Diante das nossas vistas, aconteceu algo que superou nossa capacidade de compreensão.

Em poucas passadas, o sr. Trelawny alcançou a parede oeste da caverna e afastou a persiana na abertura da janela. Um vento fresco foi soprado para dentro e os últimos raios de sol caíram sobre ambos, pois Margaret se aproximara, ficando a seu lado. Ele apontou para fora, para o lugar onde o sol se deitava no mar, qual uma bola de fogo, e sua fisionomia parecia fria como granito. Com uma entonação de voz cuja intransigência e completa dureza soaria em meus ouvidos até a hora da minha morte, falou:

— Decida-se. Vamos, fale. Quando o sol mergulhar no mar, já será tarde demais.

O esplendor do sol morrendo iluminou o rosto de Margaret como se o fosse por uma luz interior.

— Sim, mesmo que signifique sua morte — retrucou ela, dirigindo-se para a mesa onde se encontrava a múmia do gato e a tomando nas mãos. Sombras profundas e escuras caíam sobre Margaret. Ela comentou: — Se eu fosse Tera, eu diria “Leve tudo o que é meu. Esta noite pertence unicamente aos deuses”.

Ainda nem bem terminara de falar, o sol se pôs e frias sombras nos envolveram. Todos ficamos parados. Silvio se desvencilhou dos meus braços e correu para a dona. Postou-se diante dela em suas patas traseiras e se enroscou em seu vestido, como se estivesse pedindo que ela o tomasse nos braços. Entretanto, não deu a mínima atenção à múmia do gato.

Margaret irradiava seu charme habitual ao dizer:

— Pai, o sol se pôs. Será que o veremos novamente? A noite das noites chegou.

Capítulo 20

A GRANDE EXPERIÊNCIA

Se ainda houvesse necessidade de uma prova de como todos aceitamos a existência espiritual da rainha Tera como um fato, seria possível avistar nessa prova a transformação pela qual passamos em poucos minutos depois que Tera, como todos acreditávamos, renunciara por sua livre e espontânea vontade a seu gênio tutelar, pela boca de Margaret.

Apesar da aproximação iminente da experiência, cujos sentido e objetivo estavam sempre diante dos nossos olhos, notou-se em nossos rostos um enorme alívio. Aqueles dias horríveis em que o sr. Trelawny ficara em transe eram inesquecíveis. Quem ainda não passou por isso não pode avaliar o que significa viver em temor constante diante de um perigo desconhecido, que poderia advir a qualquer momento e sob qualquer forma.

Essa transformação se tornou visível em diferentes aspectos, de conformidade com a natureza de cada um. Margaret ficou deprimida. O dr. Winchester demonstrava euforia e muita atenção. O pensamento lógico que nele teve o efeito de um antídoto contra o medo e o livrara da compulsão aumentou agora seu fervor intelectual. O sr. Corbeck parecia mais voltado para o passado do que propriamente fazendo especulações no presente. Eu mesmo me sentia aliviado. Meu temor com relação a Margaret deu lugar a um sentimento de tranquilidade.

O sr. Trelawny era aquele que menos deixava transparecer uma mudança. O fato poderia ser natural, pois ele aspirava ao que hoje tínhamos diante de nossas vistas, há longos anos, de modo que qualquer acontecimento ligado à experiência era para ele apenas um episódio, um passo que o levaria para sua meta. Ele fazia parte daquela espécie de líderes que têm somente o objetivo diante dos olhos e vê tudo o mais como acessório. Agora também não piscava nem desviava o olhar, ainda que sua horrível rigidez tivesse relaxado um pouco. Pediu que nós, os homens, fôssemos com ele. Nós o seguimos até o hall, onde pegamos uma mesa de carvalho e a colocamos na caverna, uma mesa bastante comprida e muito larga. Nós a pusemos bem no meio, sob as luzes elétricas que havíamos

trazido. Margaret se aproximou. De súbito, porém, empalideceu e perguntou assustada:

— Pai, o que pretende fazer?

— Quero desenrolar a múmia do gato. Hoje a rainha Tera não vai mais precisar de seu gênio protetor. Se ela necessitasse dele, isso poderia ser perigoso para nós. Portanto, temos que nos precaver. Não está com medo, querida. Está?

— Oh, não! — Foi sua resposta apressada. — Mas tenho que pensar em meu Silvio e no que eu faria se fosse a múmia que deve ser desenrolada.

O sr. Trelawny colocou facas e tesouras de prontidão e suspendeu o gato, pondo-o sobre a mesa. O início do nosso trabalho foi realmente horripilante e cheguei a ficar desanimado só em pensar no que poderia nos acontecer no meio da noite nesta casa solitária. O sentimento de abandono e isolamento do resto do mundo foi reforçado pelo assobio do vento, que aumentava ameaçadoramente, e do bater das ondas no rochedo abaixo de nós. Mas o dever que tínhamos pela frente era sério demais para que nos deixássemos envolver por circunstâncias alheias à nossa tarefa e começamos a desenrolar a múmia.

A quantidade de ataduras era incrível e o ruído do dilaceramento — já que estavam firmemente grudadas por uma mistura de asfalto, resina e especiarias —, juntamente com um pozinho vermelho ardido que se desprendia, oprimia nossos ânimos. Assim que o último invólucro foi retirado, vimos o gato sentado diante de nós. Estava todo agachado e tinha cabelos, dentes e garras intactos. Os olhos estavam fechados, porém as pálpebras não davam a impressão selvagem que eu esperava ver. Os longos bigodes foram apertados de encontro à cabeça pelas ataduras, mas agora, que não havia mais pressão, eles voltaram à posição primitiva, como se o animal estivesse vivo. Era uma criatura magnífica, um gato de um tamanho fora do comum. Porém, o medo dissipou nossa admiração quando verificamos ao primeiro olhar que nossos temores infelizmente haviam se confirmado: focinho e garras exibiam vestígios de sangue seco que de modo algum podiam ser antigos.

O dr. Winchester foi o primeiro a se recuperar da consternação. O sangue em si não inspirava medo. O médico pegou a lente de aumento e examinou os salpicos no focinho do gato. O sr. Trelawny deu um suspiro audível, como se tivessem tirado de cima dele um grande peso.

— Como eu esperava — explicou ele. — Um início muito promissor.

O dr. Winchester agora examinava as patas salpicadas de vermelho.

— Meu Deus! — exclamou ele. — Ele tem sete garras.

Pegou sua carteira e retirou dela o pedaço de mata-borrão rasgado pelas garras de Silvio e que também continham o diagrama dos arranhões feitos na mão do sr. Trelawny. O pedaço de papel ele colocou sob a pata da múmia do gato. Os sinais de arranhão coincidiam exatamente com a ordem dos das garras.

Depois de examinarmos detidamente o gato, não pudemos descobrir nada de excepcional, a não ser seu bom estado de conservação. O sr. Trelawny se levantou da mesa e Margaret se lançou sobre o pai com a seguinte exclamação:

— Tome cuidado, pai. Tome muito cuidado. Ele poderia feri-lo.

— Agora já não pode mais, querida.

Enquanto falava, movia-se em direção da escada. Ela se mostrou admirada.

— Para onde vai? — perguntou ela, abatida.

— Para a cozinha. O fogo esconjurará o perigo para todo o sempre. Nem um corpo astral tem condição de se materializar das cinzas.

Fez-nos sinal para que o seguíssemos. Soluçando, Margaret se virou. Eu quis me aproximar, mas ela acenou negativamente, sussurrando:

— Não, não. Vá com os outros. Talvez papai precise de você. Oh, é como se fosse um assassinato! O gato da coitada da rainha...

As lágrimas escorriam entre os dedos com os quais cobria os olhos.

Na cozinha, a lenha estava empilhada e pronta para ser usada. O sr. Trelawny pegou apenas um palito de fósforo e, em poucos minutos, o fogo começou a arder. Quando as chamas já se desenvolveram o bastante, ele jogou nelas o corpo do gato. Durante alguns segundos, nós o vimos como uma massa escura no meio do fogo e o recinto ficou impregnado pelo cheiro do cabelo queimado. O corpo ressecado começou a ser consumido.

As substâncias inflamáveis utilizadas no embalsamamento se transformaram em combustível e as labaredas se levantaram. Foram poucos minutos de fogo intenso até podermos respirar livremente. O gênio protetor da rainha Tera deixara de existir.

Voltando à caverna, encontramos Margaret sentada no escuro. Ela havia apagado a luz elétrica e apenas uma fraca claridade da noite penetrava pelas estreitas frestas no rochedo. Seu pai foi até ela e a abraçou, colocando

um braço protetor em volta de seus ombros. Ela encostou sua cabeça na do pai e parecia consolada. De súbito, exclamou para mim:

— Malcolm, acenda a luz!

Atendi ao seu pedido. Agora eu podia ver que seus olhos estavam secos. Seu pai também o percebeu e ficou satisfeito. Num tom de voz sério, ele nos disse:

— Agora precisamos nos preparar para o grande trabalho. Não devemos deixar tudo para o último minuto.

Margaret, que certamente desconfiara do que aconteceria agora, perguntou receosa:

— O que pretende fazer?

O sr. Trelawny parecia saber o que se passava na cabeça da filha e respondeu em voz baixa:

— Agora vamos desenrolar a múmia da rainha.

Com essas palavras, ela se aproximou bem dele e implorou:

— Pai, não devemos desnudá-la na frente dos homens e nessa luz forte.

— Por que não, minha querida?

— Pai, lembre-se de que ela é uma mulher. E sozinha, Dessa maneira e neste lugar... Oh, como é cruel, tão cruel!

Ela se mostrava realmente abalada, com as faces flamejantes, e havia lágrimas de revolta em seus olhos. Seu pai a fitou, percebendo como ela ficara desesperada, e tentou consolá-la. Estive a ponto de me afastar discretamente, mas ele fez sinal para que eu ficasse. Desconfiei que ele, como um homem típico, encontrando-se naquela situação, quisesse passar para outro a tarefa de consolar uma mulher desesperada e indignada. Mas primeiro apelou para o bom senso da filha:

— Ela não é uma mulher, é uma múmia. Morreu há cinco mil anos.

— E o que tem isso? O sexo não é ligado aos anos. Uma mulher continua sendo uma mulher mesmo depois de morta há cinco mil anos. E você esperava que ela acordasse de seu sono. Se é para ela ressuscitar mesmo, não pode se tratar de uma morte real. Fez-me acreditar que ela despertaria para a vida tão logo esse recipiente fosse aberto.

— É isso mesmo, minha filha, e acredito no que lhe disse. Mas, se não foi a morte que a manteve envolvida durante todos esses anos, foi algo muito semelhante. Reflita, pois, que os que a embalsamaram eram homens. Naquela época, no Egito Antigo, ninguém se preocupava com os

sentimentos das mulheres e não havia médicas. Além disso — prosseguiu, com naturalidade, ao notar que ela aceitava seus argumentos, ainda que não estivesse se dando por vencida —, nós, homens, estamos habituados a essas coisas. Já desenrolei centenas de múmias juntamente com Corbeck. Entre elas, havia tanto homens como mulheres. O dr. Winchester, devido à sua profissão, também trata de mulheres e de homens, de modo que está acostumado nem liga para isso. Até mesmo Ross, como advogado profissional... — Você ia acompanhar a operação? — falou ela, olhando para mim, indignada.

Nada respondi. No caso presente, o silêncio era de ouro. Mas o sr. Trelawny continuou, apressado.

Notei que ficara satisfeito pela interrupção, pois seus argumentos quanto à profissão de advogado eram muito fracos.

— Minha filha, você mesma estará presente. Acredita que faríamos alguma coisa que a ofendesse? Ora, vamos, tenha juízo, isso aqui não é nenhuma excursão de recreio. Somos pessoas responsáveis, que se arriscam com seriedade a uma experiência que vai nos desvendar a sabedoria da Antiguidade e ampliar imensamente os conhecimentos da humanidade. A inteligência humana poderá trilhar caminhos completamente novos no campo da pesquisa. Essa experiência pode significar a morte para nós. Pelo que aconteceu até agora, sabemos que perigos enormes e desconhecidos podem estar à nossa frente, a cujo final talvez nenhum de nós venha a sobreviver. Minha filha, pode estar certa de que nada faremos levianamente, mas, sim, com a seriedade de seres humanos responsáveis. Excluindo seus sentimentos ou os de outros, posso lhe dizer que, para o êxito da experiência, é absolutamente necessário desenrolá-la. Os invólucros têm que ser retirados antes que ela se transforme novamente de um corpo espiritual com um corpo astral suplementar num ser humano vivo. Caso se realize sua intenção e ela consiga despertar para uma vida nova dentro de seu invólucro, isso significaria trocar o túmulo pelo sarcófago. Ela sofreria a morte dos enterrados vivos. Mas como desistiu temporariamente, de modo voluntário, de sua força astral, não tenho mais dúvidas.

A fisionomia de Margaret se desanuviou:

— Está bem, pai — disse ela, dando-lhe um beijo. — Ainda assim, parece-me uma horrível degradação para uma rainha e uma mulher.

Fui me dirigindo para a escada, mas ela me chamou:

— Aonde vai?

Virando-me, segurei na sua mão para tocá-la de leve e lhe dizer:

— Quando o serviço terminar, eu volto.

Ela me lançou um demorado olhar acompanhado por um sorriso e disse:

— Talvez seja melhor que fique. Poderá ser importante para sua profissão de advogado.

Riu francamente, logo, porém, se tornou pálida e séria. Com voz embargada de emoção, falou:

— O pai tem razão: é uma ocasião horrível, temos que nos manter sérios. Além disso... Não, justamente por causa disso é melhor que fique, Malcolm. Mais tarde é provável que fique satisfeito por ter estado presente nesta noite.

Meu coração afundou com suas palavras, mas achei melhor não dizer nada. O medo já se instalara entre nós de maneira bastante visível. Enquanto isso, o sr. Trelawny, com a ajuda do sr. Corbeck e do dr. Winchester, já havia levantado a tampa do sarcófago de minério de ferro, onde jazia a múmia da rainha. Era uma múmia de grandes proporções, mas, graças a Deus, não grande demais. Não era apenas comprida, mas também bastante larga e volumosa. Pesava tanto que tivemos que fazer força para retirá-la. Atendendo às instruções do sr. Trelawny, nós a colocamos sobre a mesa já preparada.

Somente agora me sobreveio a compreensão do horror do que estávamos fazendo. Aqui, debaixo da luz ofuscante, o lado material e inferior da morte parecia mais real do que nunca. Os invólucros externos que haviam sido em parte rasgados ou afrouxados por mãos inexperientes e cuja tinta escurecida pelo pó ou pelo atrito tinha sido afetada ficaram amarrotados, como se alguém tivesse lidado com eles de maneira pouco cuidadosa. As beiradas das faixas estavam desfiadas; a pintura, manchada; e a tinta, descascada. Devido às proporções da múmia, podia-se supor que muitos panos tiveram que ser usados para envolvê-la. Ainda assim, a figura humana era bem reconhecível e inspirava medo por causa dos envoltórios. O que tínhamos diante de nós nada mais era do que a morte. Desaparecera todo o sentimento romântico e emocional de nossa força de concepção. As duas pessoas de idade que, na qualidade de peritos, já haviam feito esse tipo de trabalho estavam no seu elemento e não se mostravam nem um pouco chocadas. O dr. Winchester se mantinha relaxado e em relativa calma, como se estivesse ao lado de uma mesa de operação. Eu, ao contrário, me sentia

como uma pessoa angustiada e envergonhado. Além disso, a palidez de Margaret me doía e preocupava. O desenrolar da múmia de gato me preparara um pouco para o que estava por vir. Mas essa múmia era muito maior, e o processo de enfaixamento, bem mais complicado, portanto era completamente diferente. Entretanto, a esse contraste de vida e morte se acrescia a certeza de que aqui se teria usado de mais requinte. O gato fora embalsamado com material grosseiro. No caso presente, tudo era feito com mais cuidado, com fazendas mais finas, o que podia ser visto depois que as faixas externas foram retiradas. Havia apenas o melhor do melhor em resina e especiarias no embalsamento. Em todo caso, as circunstâncias eram as mesmas. Não se podia passar sem o pó vermelho nem sem o cheiro de asfalto, e o som da retirada das bandagens era igual. A quantidade de faixas era incrivelmente grande e ia aumentando a pilha de panos descartados. Enquanto os homens processavam o desenrolar, minha agitação ia crescendo. Eu próprio não cheguei a tomar parte ativa na tarefa. Margaret me olhou agradecida ao notar que eu me afastara. De mãos dadas, assistíamos a toda a operação. Os panos eram cada vez de melhor qualidade, o odor cheirava menos a asfalto, mas em compensação era mais ardido. Logo, todos tivemos a sensação de que o odor nos influenciava muito, de uma maneira ou de outra, apesar de o trabalho continuar incessante. Muitas das ataduras internas traziam símbolos ou imagens, parte em verde-claro, parte em múltiplas cores. Mas sempre predominava a cor verde. Vez por outra, o sr. Trelawny ou o sr. Corbeck apontava para um sinal peculiar antes que o envoltório fosse posto na pilha que crescera de maneira incrível. Finalmente, notamos que a quantidade de faixas ia diminuindo. As proporções da múmia se tornaram aos poucos mais semelhantes às medidas normais da rainha e se podia ver que ela era uma pessoa de estatura acima da média. Com a iminência do fim, a palidez de Margaret se acentuava; seu coração batia tão forte que seu peito arfava violentamente, e tive muito medo.

Quando seu pai se preparava para retirar a última bandagem, olhou acidentalmente para ela e reparou em seu rosto atemorizado e em sua palidez. Ele estacou, na suposição de que ela sentiria vergonha, e falou de modo consolador:

— Não tenha medo. Olhe só, a rainha usa uma roupagem. Oh, é um verdadeiro traje real!

A última faixa pegava todo o comprimento do corpo, e, ao ser retirada, pudemos ver uma magnífica roupa larga de linho branco, cobrindo o corpo do pescoço aos pés.

E que linho! Nós nos inclinamos para melhor poder admirá-lo. O interesse feminino pela belíssima fazenda venceu o medo de Margaret. Não conseguíamos nos refazer do espanto, pois ninguém em nossos dias jamais havia posto os olhos num linho tão fino. Era fino como a mais fina seda. Contudo, nunca uma seda fora tecida ou fiada formando pequeninas pregas que dessem o efeito de um plissê, apesar de terem se passado milhares de anos. Em volta do decote havia um bordado com fios de ouro puro, formando desenhos de minúsculos ramos de amoreira. Na barra, trabalhada de maneira semelhante, havia uma série infinita de lótus de alturas irregulares, todos no tamanho natural.

Em diagonal por sobre o corpo, porém sem envolvê-lo, havia um cinto cravejado de pedras preciosas. Um cinto belíssimo que faiscava e cintilava em todas as formas, fases e cores do céu.

Uma pedra amarela servia de fivela redonda, profundamente abaulada, como se uma bola tivesse sido pressionada em cima. Brilhava e luzia como se um sol interior a iluminasse, clareando tudo em volta com seus ralos. A pedra era flanqueada por duas grandes selenitas de tamanho um pouco menor, cujo brilho ao lado do esplendor da pedra solar dava o efeito do luar.

De ambos os lados, irradiava-se uma série de pedras reluzentes, presas por fivelas douradas de formatos especiais. Cada uma dessas pedras parecia conter uma estrela viva que emitia ralos em todas as matizes da luz.

Margaret levantou as mãos, extasiada. Inclinou-se a fim de melhor poder observar. Mas, de súbito, recuou, endireitando-se. E o que ela agora disse, fê-lo com a convicção de quem está familiarizado com o assunto:

— Isso não é uma mortalha. Não era destinada para a morte. É um vestido de noiva.

O sr. Trelawny tocou na roupa de linho. Suspendeu uma preguinha junto ao pescoço e, quando prendeu a respiração, percebi que algo o havia assombrado. Levantou um pouco mais a fazenda, recuou também e disse, fazendo um gesto expressivo:

— Margaret tem razão. Esta roupa não tinha sido pensada como mortalha. Olhem só! O corpo não está vestido com ela, está apenas sobre ela.

Pegou no cinto e o estendeu para Margaret. Então, com ambas as mãos, ele segurou a roupa e a colocou nos braços estendidos da filha. Objetos de tal perfeição são uma tal preciosidade que é necessário manuseá-los com o maior cuidado.

Todos ficamos lá parados, tomados por um profundo respeito ante a beleza da figura que jazia ali nua, somente com um pano a lhe cobrir o rosto. O sr. Trelawny se curvou novamente sobre ela e, com mãos trêmulas, levantou a toalha de linho, tão fina quanto o vestido. Quando deu um passo para trás e toda a beleza sublime da rainha foi exposta, fui tomado de vergonha. Não era direito que estivéssemos ali a fitar a formosura desnuda com olhos desrespeitosos. Era indecente. Não, era quase um sacrilégio. Ainda assim, a maravilha branca dessa figura era tudo com que se podia sonhar. Não tinha aparência de morta; parecia mais uma estátua de Praxiteles esculpida em marfim. Não havia sinal do encolhimento horrendo que a morte traz consigo, nenhum sinal de tensão rugosa geralmente encontrada na maioria das múmias, tampouco a diminuição degenerativa de um corpo dissecado na areia, como eu já vira muitas vezes em museus. Todos os poros, como que por milagre, se encontravam intactos e preservados. A carne era roliça e arredondada como numa pessoa viva; a pele, lisa como cetim. A coloração era extraordinária — como marfim, marfim novo, com exceção daquele lugar no braço direito com o pulso mutilado, ensanguentado e sem a mão, que, durante milhares de anos, permanecera livre do sarcófago.

Seguindo um impulso feminino, Margaret jogou sobre o corpo o belo vestido que segurava nos braços. Percebi que a compaixão a dominara. Seus olhos cintilavam e suas faces enrubesceram. Agora somente estava à mostra o rosto da rainha. Causava em quem o via uma sensação mais desconfortável do que o corpo, pois dava a impressão de estar vivo. As pálpebras fechadas e as longas e curvas pestanas sombreavam as faces. As orgulhosas narinas arqueadas irradiavam sobrançaria que naturalmente chamaria mais a atenção numa pessoa viva do que numa morta. Os lábios carnudos, ainda que não estivessem abertos, deixavam transparecer ligeiramente a branca fileira dos dentes cor de pérola. Seu cabelo abundante, preto como asas de graúna e luzidio, fora empilhado sobre a testa branca, de onde caíam alguns cachos. A semelhança com Margaret me deixou estarrecido, apesar da citação do sr. Corbeck e de a explicação de seu pai me ter preparado para tal fato. Essa mulher — para mim não era

nem múmia nem defunto — era a imagem de Margaret como eu a conhecia, e tal semelhança se acentuava pelo enfeite de cabeça engastado de pedras preciosas. Era um disco enfeitado com penas, como o de Margaret. E era feito também de magníficas pedrarias: uma pérola verdadeira com brilho de luar, rodeada por sete selenitas lapidadas.

O sr. Trelawny se mostrava extenuado, à beira de um colapso. Quando Margaret se esforçava, a seu lado, para tomá-lo nos braços e consolá-lo, ouvi que ele murmurava com a voz embargada de emoção:

— Como se estivesses aqui deitada, morta, minha filha.

Fez-se um silêncio. Escutei a violência do vento que aumentava lá fora, prenunciando uma tempestade, e ainda as ondas na arrebentação. Afinal, o sr. Trelawny quebrou o mutismo.

— Mais tarde teremos que descobrir como foi feito o embalsamento nesse caso. De qualquer modo, é completamente diferente do processo normal que conheço.

Falta um tipo de corte para retirar as entranhas que obviamente ficaram intactas no corpo. Fora isso, a carne perdeu o líquido e a umidade naturais. No lugar deles foi introduzida outra coisa. Quase parece como se, por meio de um complicado processo, as veias tivessem sido injetadas com cera ou estearina. Pergunto-me se existe a possibilidade de antigamente já se conhecer a parafina. Seria concebível que, de algum modo desconhecido para nós, tivessem sido infiltradas nas veias, onde endureceram.

Margaret, que estendera um lençol branco sobre a rainha, pediu-nos que levássemos o corpo para seu quarto, onde o deitamos sobre a cama. Então, mandou-nos sair com as palavras:

— Deixem-me sozinha com ela. Muitas horas devem ainda se passar, e eu não gostaria que ela ficasse sob luz forte. Talvez tenha sido o casamento para o qual ela se preparou, o casamento da morte. Ela deve pelo menos usar seu lindo vestido.

Quando Margaret me levou mais tarde para seu aposento, a rainha trajava a roupa de fino linho, bordada a ouro, e a valiosa joia fora colocada no devido lugar. Em volta dela ardiam as velas, e sobre seu peito foram postas flores brancas.

De mãos dadas, ficamos parados a mirá-la. Então, Margaret, suspirando profundamente, cobriu-a com o alvo lençol e se virou. Depois que a porta foi fechada devagar, ela voltou comigo para onde se encontravam os outros, reunidos nesse ínterim na sala de jantar, onde

discutimos sobre tudo o que acontecera e também sobre o que ainda estava por vir. Novamente fui obrigado a verificar que nos esforçávamos para manter viva a conversa, como se entre nós houvesse agora certa insegurança. A longa espera exigiu demais de nossos nervos. Tornara-se claro para mim que o sr. Trelawny sofria mais do que imaginávamos ou que ele próprio quisesse demonstrar as consequências de seu longo transe. Certamente sua força de vontade e de decisão continuavam a mesma, mas sua constituição corporal esmorecera, o que era natural, afinal nenhum ser humano pode ficar desacordado durante um período de quatro dias sem se enfraquecer.

Com o passar das horas, o tempo se arrastava. Os outros pareciam dominados pelo sono. Eu me perguntava se no caso de Trelawny e de Corbeck, que já haviam ficado sob a influência hipnótica da rainha, esse mesmo estado de sonolência não estaria se manifestando. O dr. Winchester, pelo contrário, demonstrava períodos de abstração, que com o tempo foram se tornando cada vez mais prolongados e frequentes. No que se referia a Margaret, a tensão era bem visível. Sua palidez e quietude se acentuavam, até que à meia-noite comecei a ficar seriamente preocupado. Eu a convenci a ir comigo para a biblioteca a fim de repousar um pouco no sofá. Como o sr. Trelawny havia decidido que a experiência deveria ser realizada exatamente na sétima hora depois do pôr do sol, seriam três horas da madrugada quando a iniciaríamos. Mesmo que demorássemos uma hora inteira com os preparativos finais, ainda nos restariam duas horas de espera. Prometi a ela de pés juntos que a acordaria a qualquer hora que ela quisesse, mas ela se recusava a dormir. Assegurou-me, com um sorriso encantador, que não estava cansada, e sim disposta a permanecer acordada.

Tensão e agitação eram as causas de sua palidez. No fim, entreguei os pontos, mas fiquei conversando com ela durante mais de uma hora sobre diversos assuntos, de modo que tive a sensação de que o tempo ficara mais curto para ela quando voltamos ao quarto de seu pai. Encontramos os três homens calados. Com valentia e coragem, conformavam-se em ficar em silêncio, sabendo que haviam feito tudo o que estava em suas forças. E esperamos, esperamos. Quando o relógio bateu duas horas, ficamos animados. As sombras que baixaram sobre nós durante as longas horas passadas pareciam ter se afastado. Cada um de nós se sentia bem acordado e cheio de zelo pelo trabalho. Em primeiro lugar, nós nos certificamos de que as janelas estavam fechadas e pegamos nossas máscaras para tê-las à

mão na hora apropriada. Desde o início, planejáramos utilizar essas máscaras, pois não sabíamos se vapores envenenados sairiam do recipiente mágico. Ninguém pensou que talvez não o conseguíssemos abrir.

Então, sob as instruções de Margaret, levamos o corpo mumificado da rainha Tera do quarto dela para o de seu pai e o colocamos sobre um divã. Estendemos livremente o lençol sobre ela, de modo que, se acaso despertasse, pudesse se desvencilhar com facilidade dele. A mão decepada foi posta no lugar previamente destinado, sobre o peito, e, sob a mão, a joia das sete estrelas que o sr. Trelawny havia tirado do grande cofre. Era uma estranha visão. Os homens do grupo, sérios e silenciosos, trouxeram a figura inerte que parecia feita de marfim, deixando para trás as velas acesas e as flores brancas. Nós a colocamos sobre o divã naquele outro aposento, onde a forte luz elétrica incidia sobre o sarcófago localizado no centro, pronto para a última experiência, a grande experiência, que seria a coroação de longos anos de pesquisas feitas por esses dois cientistas viajados. Novamente, toda a situação da terrível semelhança entre Margaret e a múmia se tornou desconfortável. Quando finalmente tudo estava pronto, três quartos de hora já se haviam passado. Margaret acenou para mim, ambos saímos e fomos pegar Silvio. Ronronando, ele veio ao nosso encontro. Ela o segurou e me entregou. Depois, fez algo que me tocou estranhamente e me conscientizou de como era desesperador o empreendimento que tínhamos pela frente. Apagou as velas com cuidado, uma após a outra, e as colocou de volta no lugar de costume. Disse:

— Não precisaremos mais delas. Aconteça o que acontecer, vida ou morte, agora já não há necessidade de ficarem acesas.

Pegou Silvio de novo em seus braços e abraçou fortemente o animal que ronronava alto. Fomos assim ao encontro dos outros. Fechei a porta atrás de mim e tive a sensação de não podíamos mais voltar atrás. Pusemos nossas máscaras e tomamos nossos lugares como havíamos combinado. Eu deveria ficar ao lado da porta, perto dos interruptores, e ligá-los de acordo com as instruções do sr. Trelawny. O dr. Winchester ficaria postado atrás do divã, a fim de que não se interpusesse entre a múmia e o sarcófago. Sua obrigação era a de observar todos os eventos em relação à rainha. Margaret ficaria ao lado dele. Continuava segurando Silvio nos braços, para colocá-lo sobre o divã ou perto dele, caso achasse que deveria fazê-lo. O sr. Trelawny e o sr. Corbeck tomaram a si a tarefa de acender as lamparinas. Quando os

ponteiros do relógio se aproximaram da hora aprazada, ambos estavam a postos.

O badalar prateado da hora soou em nossos corações como um repicar do destino. Um, dois, três. Já antes da terceira badalada as mechas das lamparinas haviam começado a arder e desliguei a luz elétrica. As chamas tremeluziam ainda, de modo que o aposento tomou formas sinistras depois que as luzes elétricas foram apagadas, e essas formas pareciam se modificar continuamente. Com o coração martelando forte, ficamos à espera. Senti meu coração pulsando muito e imaginei ouvir as batidas do dos outros. Os segundos se arrastavam em vagaroso silêncio. Era como se o mundo inteiro tivesse parado. Os vultos dos participantes eram confusos, e apenas o vestido branco de Margaret se destacava. As máscaras disformes que usávamos nos faziam parecer ainda mais esquisitos. A fraca luz das lamparinas recaía sobre o queixo anguloso do sr. Trelawny, sobre sua boca firme e sobre a morena face barbeada do sr. Corbeck. Os olhos reluziam sob a incidência da luz. Do lado oposto do aposento, os olhos do dr. Winchester brilhavam como estrelas, enquanto os de Margaret luziam como sóis negros. Os de Silvio, ao contrário, viraram esmeraldas. Será que essas lamparinas nunca mais queimariam com força total?

Tal cena, contudo, teve a duração de poucos segundos, até que realmente as lamparinas se acenderam. Era uma luz calma, contínua, aumentando sempre e mudando da cor azul para branco cristal. Assim permaneceram durante algum tempo, sem que houvesse qualquer tipo de mudança no recipiente. Mas, então, apareceu um fraco brilho em volta dele, que ia num crescendo, até que se transformou, dando a impressão de uma joia resplandecente, com algo vivo, cuja proveniência fosse a luz. Esperamos, enquanto nossos corações quase paravam de bater.

De súbito, ouvimos um barulho como se fosse uma pequena explosão abafada e a tampa se levantou alguns centímetros. Não havia possibilidade de engano, uma vez que o aposento ficou todo iluminado. A tampa começou a se inclinar para um dos lados, como se estivesse cedendo a alguma pressão. O recipiente brilhava como antes e apenas uma ligeira fumaça esverdeada emanava dele, sendo que não consegui identificar logo o odor, porque eu estava usando a máscara. Notei, porém, que era cáustico. A fumaça se expandia e se tornava cada vez mais densa, como um intenso nevoeiro até, que, finalmente, escureceu o quarto inteiro. Tive vontade de correr para Margaret, que eu ainda podia distinguir através do nevoeiro e

que se posicionava por trás do divã. Mas, enquanto eu olhava para ela, o dr. Winchester caiu. Não estava desmaiado, porque acenava com força, como se quisesse dar a todos um sinal de que ninguém deveria se aproximar dele. Agora os vultos do sr. Trelawny e do sr. Corbeck se tornaram confusos, até que, no fim, eu não podia mais distingui-los. O recipiente continuava incandescente, porém a luz das lamparinas diminuíra sensivelmente. Pensei primeiro que seu brilho tivesse sido abafado pela densa fumaça negra, porém percebi que, uma após outra, elas se apagaram. Devem ter gastado muito rapidamente o combustível para terem produzido chamas tão fortes.

Fiquei esperando ouvir a cada momento uma ordem para que eu ligasse a luz. Mas a ordem não veio. Esperei um pouco mais, enquanto, do recipiente iluminado por dentro, saltavam nuvens negras espessas e as lamparinas se apagavam. Finalmente, só uma delas permanecia acesa e sua cor era de um azul claro bruxuleante. A única fonte de luz existente no aposento era agora a do recipiente incandescente. Eu não desviava os olhos de Margaret, porque ela era a única pessoa que me preocupava. Eu ainda podia vislumbrá-la vestida de branco por trás daquela que se achava esticada em cima do divã. O miar queixoso de Silvio demonstrava seu desagradável mal-estar. Fora isso, não se ouvia nenhum barulho. A fumaça negra se tornava mais densa e seu forte cheiro penetrava no nariz e nos olhos, provocando lágrimas. Mas, com o correr do tempo, pareceu-me que a fumaça ia diminuindo e já não era tão densa quanto antes. Percebi igualmente que, onde ficava o divã, alguma coisa se movera. Eu podia até distinguir vários movimentos. Havia uma cintilação branca na fumaça espessa. Infelizmente, a incandescência do recipiente foi diminuindo com muita rapidez. Ainda se ouvia o gato Silvio, mas agora seu miado vinha de bem perto. Logo a seguir senti como ele se enroscava, amedrontado, nas minhas pernas.

De repente, o restinho de luz sumiu. Através da real escuridão egípcia, podia-se divisar pequenas beiradas brancas em volta das persianas. Minha sensação era a de que o período de silêncio passara. Tirando a máscara do rosto, exclamei:

— Devo acender a luz? — Ninguém respondeu. Antes que a fumaça pudesse me sufocar, tornei a exclamar, desta vez mais alto: — Sr. Trelawny, devo acender a luz?

Ele não respondeu, mas a voz de Margaret se fez ouvir clara e linda como a de um sininho:

— Sim, Malcolm.

Apertei o interruptor e as lâmpadas se acenderam. Contudo, elas nada mais eram do que pontinhos no meio das nuvens escuras. O ar se tornara tão impregnado de fumaça que a luz não conseguia atravessá-la. Corri ate onde estava Margaret, orientando-me pelo seu vestido branco, e lhe segurei a mão. Ela sentiu meu medo e falou imediatamente:

— Comigo está tudo bem.

— Deus seja louvado — falei.

— E como estão os outros? Rápido, temos que abrir as janelas para que a fumaça possa sair.

Sua resposta veio num tom sonolento, o que me admirou:

— Ora, eles irão se refazer logo. Nada aconteceu com eles.

Não lhe perguntei como havia chegado a essa conclusão. Em vez disso, abri portas e janelas.

Depois de alguns segundos já se notava melhoras, porque a espessa fumaça negra se dispersava. As luzes ganharam força e, afinal, pude enxergar tudo com nitidez. Os outros haviam desfalecido. O dr. Winchester estava deitado de costas perto do divã. Atrás do sarcófago, jaziam o sr. Trelawny e o sr. Corbeck. Como me senti aliviado ao perceber que, apesar da inconsciência, o peito dos três se abaixava e levantava. Eles davam a impressão de estarem em transe. Margaret ainda continuava por trás do divã. Parecia atordoada. Mas, a cada instante que passava, eu podia ver que ela se dominava. Adiantou-se e me ajudou a suspender o pai, que arrastamos até a janela. Juntos levamos também os outros dois para o mesmo lugar. Margaret correu para a sala de jantar e voltou com uma garrafa de *brandy*. Todos, um após o outro, receberam um pouco de bebida. Alguns minutos depois de eu escancarar a janela, os três já apresentavam visíveis melhoras. Durante todo o tempo, meu empenho se concentrava na recuperação deles. Mas agora que eles já se encontravam de posse de sua consciência, pude olhar em volta do aposento a fim de examinar o efeito da experiência. A fumaça espessa se desfizera e sobrara no recinto apenas um estranho odor acre e certa névoa.

O grande sarcófago continuava intacto. O recipiente semelhante a uma arca permanecia aberto. No seu interior havia cinzas negras, espalhadas pelas diversas repartições feitas do mesmo material do sarcófago. Tudo o que havia dentro do aposento, do sarcófago e do recipiente, fora coberto por

uma camada de fuligem oleosa. Aproximei-me do divã. O lençol branco fora posto para o lado e afastado como se alguém tivesse se levantado.

Nenhum sinal da rainha Tera.

Peguei a mão de Margaret e a levei até o divã. Hesitante, ela deixou o pai sozinho, de quem havia cuidado com todo o carinho. Em voz baixa, falei-lhe:

— O que aconteceu com a rainha? Diga-me. Você estava bem perto dela e deve ter visto o que se passou.

Também em voz baixa ela retrucou:

— Não pude ver nada. Não desviei os olhos do divã até que a fumaça se tornou espessa demais, porém não aconteceu nada. Tudo se tornou tão escuro que não consegui enxergar mais nada. Pareceu-me ouvir um movimento bem perto de mim. Pode ter sido o dr. Winchester que caiu no chão. Não tive certeza. Pensando que se tratasse da rainha que estava ressuscitando, soltei Silvio no chão. O que houve com ele, não vi. Quando escutei seu miado perto da porta, pareceu-me como se eu o tivesse abandonado, deixando-o em apuros. Tomara que ele não tenha ficado muito zangado.

Como resposta, Silvio veio correndo e se postou perto de Margaret, cutucando-a com as patas dianteiras, para ser tomado nos braços. Ela se curvou e o suspendeu, acarinhando-o e tentando consolá-lo.

Agora comecei a fazer um minucioso exame do divã e do que se encontrava à sua volta. Quando o sr. Trelawny e o sr. Corbeck se levantaram, refeitos, o que no caso deles acontecera mais depressa do que com o dr. Winchester, todos juntos iniciamos um segundo exame.

Uma pequena quantidade do mais fino pó, que recendia estranhamente ao cheiro de defunto, era tudo o que pudemos descobrir. O enfeite de cabeça da rainha e a joia das Plêiades, onde se viam as palavras que tinham poder sobre os deuses, se encontravam sobre o divã.

Eram os únicos sinais do que acontecera. Nossa suposição de que a múmia desistira da existência física foi reforçada por uma única indicação: no sarcófago que ficava no hall também havia somente um montinho semelhante de pó.

Margaret e eu nos casamos no outono. Ela usou no casamento o vestido da múmia, bem como o cinto e o enfeite de cabeça. Sobre o peito, cintilava a pedra das Plêiades, presa por um aro de ouro com feitio de lótus, aquela pedra onde se viam as palavras às quais obedeciam os deuses de todos os mundos.

Essas palavras gravadas podem ter tido seu efeito, pois Margaret sempre as seguiu e eu não poderia imaginar vida mais feliz do que a minha.

Estamos frequentemente em pensamento com a grande rainha e falamos dela com naturalidade. Uma vez, quando lamentei o fato dizendo sentir que ela não tivesse podido despertar para nenhuma vida nova num novo mundo, minha mulher falou, pondo suas mãos nas minhas, com o olhar dirigido ao longe, expressivo, mas ao mesmo tempo sonhador, que de vez em quando tomava conta dela.

— Não fique triste por causa de Tera. Quem sabe ela não encontrou o que procurava? Amor e paciência trazem a maior felicidade neste mundo, tanto no presente quanto no futuro, nos vivos quanto nos mortos. Ela teve seu sonho. Mais do que isso também não podemos exigir.

A toca do verme branco

Capítulo 1

ENTRA ADAM SALTON

Ao entrar na hora costumeira no Empire Club em Sidney, Adam Salton encontrou uma carta de seu tio-avô. Tivera notícias desse senhor pela primeira vez há mais ou menos um ano, quando Richard Salton se apresentara através de uma carta como parente, lamentando a demora em conseguir contato com o sobrinho-neto, pois tivera muita dificuldade em encontrar seu endereço.

Adam ficou bastante encantado e escreveu de volta com cordialidade.

Quantas vezes ouvira o pai falar desses parentes com os quais havia muito tempo deixara de ter qualquer ligação! Desde então houve uma animada troca de correspondência entre eles.

Por esse motivo, Adam abriu, ansioso, a carta que acabara de chegar e que continha um convite muito amável de seu tio-avô para que fosse visitá-lo em Lesser Hill, por tempo indeterminado.

“Para ser sincero, devo dizer-lhe que tenho muita esperança de que venhas a instalar-te em definitivo aqui”, dizia a missiva. “Meu caro rapaz, como deves saber, somos os últimos de nossa linhagem e seria muito bom se, no momento oportuno, viesses a ser o meu sucessor. Neste ano da graça de 1860, estou beirando os oitenta anos. Apesar de descendermos de uma família longeva, existem certos limites para o tempo de vida, isso nos diz o bom senso. Sabes da simpatia que tenho por ti e podes estar certo de que tudo farei que esteja ao meu alcance para tornar nosso convívio muito feliz. Portanto, peço-te que partas tão logo recebas esta carta, a fim de que em breve eu te possa dar as boas-vindas. Na suposição de que irá ser de alguma ajuda para a tua viagem, envio-te um cheque de duzentas libras. Não demore, para que possamos usufruir juntos de muitos dias felizes. Se for possível dar-me a alegria de te conhecer pessoalmente, mande-me o quanto antes uma carta comunicando a data da tua chegada. Quando chegares a Plymouth, Southampton, ou seja o porto que for, espere por mim a bordo. Eu me apressarei para dar-te o meu abraço, o quanto antes.”

O velho sr. Salton ficou muito contente ao receber a resposta positiva de Adam, e, imediatamente, mandou um empregado à residência de Sir

Nathaniel de Salis, seu amigo mais íntimo, a fim de comunicar-lhe que o sobrinho-neto deveria chegar a Southampton no dia 12 de junho.

Em seguida, determinou que fosse aprontada uma carruagem bem cedo naquele dia importante, para levá-lo a Stafford, onde queria esperar pelo trem das 11h40. Pretendia passar a noite a bordo do trem com seu sobrinho-neto, o que seria para ele um acontecimento interessante, ou então em um hotel, dependendo da preferência de seu hóspede.

Em todo o caso, deveriam fazer a viagem de volta para casa na manhã seguinte. Além disso, deu ainda ordens a seu administrador para que enviasse a carruagem grande para Southampton, a fim de que estivesse à disposição deles para a viagem de volta. Cavalos de sua propriedade deveriam estar disponíveis para a troca a determinados intervalos. Ele queria mostrar a parte rural da Inglaterra ao sobrinho-neto, que até então passara toda a sua vida na Austrália. O sr. Salton possuía um grande número de cavalos, de sua própria criação, que ele mesmo adestrara para puxarem as carruagens. Dessa maneira, poderia assegurar ao rapaz uma viagem inesquecível.

A bagagem deveria ser enviada a Stafford pelo trem, onde seria apanhada por uma de suas carruagens.

Durante a viagem para Southampton, o sr. Salton perguntou-se várias vezes se seu sobrinho-neto também aguardava com tanta ansiedade quanto ele o primeiro encontro com um parente próximo. Somente a muito custo conseguia conter a sua impaciência. Os trilhos intermináveis e as guaritas sinalizadoras das docas de Southampton davam-lhe cada vez mais ânimo.

Enquanto o trem entrava no cais, ele juntou a sua bagagem de mão. Então, a porta do vagão foi aberta com violência, e um jovem entrou com um pulo.

— Como vai, querido tio? Eu o reconheci imediatamente pelo retrato que me mandou. Não quis demorar para conhecê-lo. Aqui tudo ainda é muito estranho para mim e eu não sabia o que fazer. Bem, aqui estou. E me sinto imensamente feliz, senhor, em vê-lo. Há milhares de quilômetros venho sonhando com esta felicidade. E agora percebo que a realidade supera o sonho. — Enquanto ele assim se expressava, o velho e o rapaz trocavam um caloroso aperto de mão.

O encontro que tivera um início tão promissor decorreu de maneira bastante agradável.

Ao notar o interesse que o navio despertara no velho senhor, porque era novidade para ele, Adam propôs passarem a noite a bordo. Ele, por seu lado, estava disposto a partir quando e para onde o outro quisesse. Essa solicitude cordial em adaptar-se aos seus planos cativou por completo o coração do sr. Salton. Satisfeito, aceitou de bom grado o convite e logo o seu relacionamento, baseado em simpatia mútua, transformou-se em amizade, como se já se conhecessem havia muito tempo. O coração do velho, que se sentia vazio de longa data, enchia-se de alegria. O rapaz, por outro lado, ao chegar à pátria dos antepassados, pôde constatar que a maneira como fora recebido e tudo mais ao redor correspondiam aos sonhos de sua vida de solidão e que teria pela frente uma existência nova e emocionante.

Não demorou muito e o velho senhor já o chamava pelo nome de batismo, aprofundando dessa maneira ainda mais o relacionamento entre eles. Depois de uma conversa longa a respeito de assuntos que interessavam a ambos, recolheram-se à cabine que deveriam ocupar juntos. Carinhosamente, Richard Salton colocou as mãos sobre os ombros do rapaz — pois, apesar de seus 27 anos, Adam ainda era um rapaz, e sempre seria para o tio-avô.

— Estou tão contente, meu caro jovem, por você ser exatamente como eu havia sonhado que fosse, assim como sempre esperei por um filho, quando ainda havia essa esperança para mim. Mas isso agora faz parte do passado. Graças a Deus, tem início agora para nós dois uma nova existência. Você ainda tem uma boa parte da vida pela frente e nos resta bastante tempo para podermos ficar juntos. Era minha intenção tocar nesse assunto somente depois que nos conhecêssemos melhor, pois eu era de opinião que não seria bom que eu atrelasse a sua juventude à minha velhice antes que nosso relacionamento justificasse tal risco. Agora, no entanto, já posso tratar desse assunto com toda a franqueza, se concordar, pois desde o momento em que botei os olhos em você, veio a ser para mim o filho, como sempre sonhei!

— Sim, concordo com o senhor de todo o coração!

— Adam, sou muito grato a você. — Os olhos do velho se encheram de lágrimas e sua voz tremeu. Após um longo silêncio, ele continuou: — Quando enfim tive a certeza de que você realmente planejava vir, fiz o meu testamento. A partir daquele momento, decidi defender os seus interesses. Aqui está o documento, Adam. Fique com ele. Tudo o que possuo vai lhe

pertencer também. E se houver amor e boa vontade, ou a recordação vier a suavizar a vida, então estou certo de que será muito feliz. E agora, meu filho, vamos descansar. Começaremos logo cedo pela manhã e teremos uma longa viagem pela frente. Espero que não se importe em viajar longas distâncias de carruagem. A princípio eu estava disposto a pegar a velha carruagem que meu avô, o tio-avô de seu pai, usava em suas viagens para a corte de Guilherme IV. Essa antiga carruagem está em perfeitas condições, pois naquela época ainda se realizava um trabalho sólido, e sempre foi mantida em bom estado. Penso, porém, ter procedido de maneira mais sensata, pedindo que me mandassem a minha própria carruagem. Os cavalos são da minha criação e deverão ser trocados durante toda a viagem a intervalos regulares. Espero que goste de cavalos. Durante uma grande parte de minha vida tive grande interesse por eles.

— Gosto muito de cavalos — retrucou Adam, entusiasmado — e me sinto feliz por ter alguns. Quando eu tinha 18 anos, meu pai me deu de presente uma coudelaria. Dediquei a ela muito do meu trabalho e do meu esforço e obtive sucesso. Antes de viajar, meu administrador me entregou uma relação, da qual se infere que temos mais de mil cabeças, todas em bom estado.

— Isto me deixa muito contente, meu filho. É mais um laço que nos une!

— É esplêndido poder conhecer tanto da Inglaterra, e ainda por cima em sua companhia.

— Mais uma vez obrigado, meu filho. Durante a viagem irei relatando tudo a respeito do seu futuro lar e do seu novo ambiente. Viajaremos como nos velhos tempos. Meu avô sempre viajava em uma carruagem puxada por uma parelha de quatro cavalos, e você também o fará.

— Muito obrigado, senhor. Poderei conduzi-las eu mesmo de vez em quando?

— Sempre que tiver vontade, Adam. A parelha lhe pertence. E cada cavalo que vier a ser atrelado durante o trajeto será seu igualmente.

— Tio, o senhor está sendo generoso demais!

— De modo algum. Trata-se apenas do prazer de um velho egoísta. Afinal, não é todo dia que acontece a chegada do herdeiro que volta à casa de seus antepassados. Ora, vamos... Não, é melhor que nos deitemos agora. Amanhã você tomará conhecimento do restante.

Capítulo 2

Durante toda a sua vida, o sr. Salton fora sempre um madrugador. Acordou na hora de costume na manhã seguinte — não era mesmo possível pensar em um sono mais prolongado com todo aquele barulho constante no navio provocado pela vibração e o chiado das roldanas da grande embarcação — e logo se deparou com os olhos de Adam, que, do seu beliche, o fitavam. Seu sobrinho-neto lhe havia cedido o sofá e fora se deitar no beliche inferior.

Apesar de sua ótima condição física e sua habitual agilidade, o velho senhor sentia-se ainda bastante cansado devido à viagem do dia anterior e à conversa prolongada e emocionante.

Por esse motivo, não se incomodou de ficar deitado descansando um pouco mais, enquanto perscrutava o ambiente, que lhe era estranho.

Adam, de acordo com o costume do campo que sempre norteara sua vida, também havia acordado cedo, ao amanhecer, e estava com disposição para enfrentar as aventuras do novo dia, assim que seu companheiro mais idoso sentisse vontade. Não era pois de admirar que ambos se levantassem ao mesmo tempo e que fossem se vestir. Haviam orientado o camareiro para que lhes aprontasse o café da manhã bem cedo, de modo que não demorou muito para que os dois descessem pelas escadas até o passadiço do navio e se pusessem à procura da carruagem.

Encontraram o administrador do sr. Salton, que já se encontrava na doca à espreita de ambos. Ele os levou diretamente ao local onde se encontrava a carruagem. Richard Salton tratou de enumerar ao seu jovem acompanhante todas as vantagens que faziam do veículo uma excelente carruagem para viagens. Uma parelha de quatro cavalos, sendo que dois dos animais eram montados por batedores.

— Pode ver — explicou o velho, orgulhoso — que a minha carruagem dispõe de tudo o que possa tornar agradável uma viagem: tranquilidade, isolamento e, sobretudo, rapidez. Nada impede que os passageiros apreciem o panorama, e ninguém pode escutar o que está sendo dito no interior da carruagem. Há 25 anos que a utilizo e ainda não encontrei outra que fosse

mais confortável do que esta. Mas esse fato você mesmo poderá constatar durante o nosso trajeto pelo centro da Inglaterra. No caminho, vou continuar a expor o que já lhe falei ontem por alto. Nossa rota será através de Salisbury, Bath, Bristol, Cheltenham, Worcester, Stafford e de lá para casa.

Adam ficou por alguns minutos em silêncio, enquanto deixava que seus olhos vagassem ao redor, até a linha do horizonte. Finalmente, perguntou:

— Nossa viagem tem, por acaso, alguma coisa a ver com o que o senhor quis me dizer ontem?

— Não diretamente, mas sim indiretamente.

— Então por que o senhor não me diz? Como vejo, sei que não nos ouvirão aqui. E se, no caminho, algo lhe parecer digno de nota, basta acrescentar. Pode estar certo de que vou entender.

E assim, o velho Salton falou:

— Adam, vamos começar do início. Aquela sua palestra, “Os Romanos na Britânia”, cujo manuscrito me enviou pelo correio, me fez pensar a respeito de suas predileções. Naquela época respondi imediatamente à sua carta, pedindo que regressasse, pois, de repente, me veio a ideia de que, considerando seu interesse pelas pesquisas históricas, este seria o lugar adequado para você, além de ser o país dos seus antepassados. Se já teve a capacidade de averiguar tanta coisa sobre os romanos na Britânia, partindo de Nova Gales do Sul, onde não existe nenhuma tradição romana, aqui então poderá reunir um material bem mais farto. Nosso objetivo é o centro do antigo reinado de Mercia, onde podem ser encontrados vestígios das inúmeras tribos que formavam o conglomerado que mais tarde viria a ser a Britânia.

— Antes cheguei a pensar que o senhor tivesse um motivo mais preciso e mais pessoal, para insistir no meu regresso. Afinal, a história não foge, a não ser que nós mesmos queiramos.

— Perfeitamente, meu filho. Como bem desconfiou, eu tinha uma razão para o meu pedido. Eu queria tê-lo sem falta a meu lado, para o caso de acontecer um fato realmente importante na nossa história local.

— Posso lhe perguntar do que se trata, senhor?

— Mas é evidente. O maior latifundiário da nossa parte do condado está para regressar, e estão lhe preparando uma grandiosa recepção, à qual talvez você gostasse de assistir. Há, no entanto, a circunstância muito

peculiar de que os diferentes proprietários que se seguiram uns aos outros durante mais de um século sempre viveram no exterior, com a exceção de um curto espaço de tempo.

— Como aconteceu isso, se me é permitido perguntar?

— Em nossa região, Castra Regis é a maior herdade feudal e também a mais extensa propriedade. É a residência da família Caswall. O último dono que de fato viveu lá foi Edgar Caswall, o avô do homem que deverá chegar muito em breve. Aquele foi o único que se demorou um pouco mais de tempo por aqui. O avô desse homem, seguindo a tradição da família, também tinha o nome de Edgar. O antigo Edgar Caswall teve desavenças com a família e resolveu partir para o exterior a fim de cortar toda e qualquer relação com os parentes, fosse ela boa ou má. Apesar disso, vez por outra, fazia uma visita à propriedade da família. Seu filho nasceu no exterior, lá viveu e lá veio a falecer. O seu neto, o último herdeiro, também nasceu no exterior e continuou a viver por lá até agora. Essa já é segunda geração que abandonou a pátria.

"Há mais de 120 anos, e isto corresponde a cinco gerações, a grande propriedade de Castra Regis não tem visto seu proprietário. É bem verdade que a herdade foi sempre administrada muito bem, de modo que nenhum dos arrendatários ou dos que nela trabalhavam tiveram algum motivo de queixa. Mas, mesmo assim, é mais do que natural que todos tenham vontade de conhecer o novo dono e é com grande alegria que aguardam a sua chegada. Também estou ansioso, ainda que minha propriedade, mesmo fazendo divisa com as terras dos Caswall, fique bem distante de Castra Regis. E agora estamos pisando em terreno que lhe é desconhecido. Esta é a torre da Catedral de Salisbury. Assim que a deixarmos para trás, estaremos nos aproximando do antigo domínio romano, região que certamente vai querer conhecer melhor. Por isso, continuaremos com os pensamentos voltados para a Mercia antiga. O meu bom amigo, Sir Nathaniel de Salis, que, como eu, é fazendeiro perto de Castra Regis — a sua propriedade, Doom Tower, fica situada além da demarcação com Derbyshire, no alto do Peak — será meu hóspede durante as festividades, por ocasião da chegada de Edgar Caswall. Ele é um homem com quem logo vai simpatizar, pois o que mais o interessa é a história. Por esse motivo ele é o presidente da Sociedade Arqueológica de Mercia. Mais do que qualquer outra pessoa, ele sabe a respeito de nossa região, de sua história e de seus habitantes. Creio que ele já deve ter chegado antes de nós. Após o jantar, nós três poderemos

ter uma longa conversa. Sir Nathaniel dedica-se igualmente aos aspectos geológicos e científicos de nossa região. Ambos descobrirão que têm vários interesses em comum. Entre outras coisas, ele tem um profundo conhecimento de Peak e de suas grutas. É claro que também conhece todas as lendas antigas da era pré-histórica."

Passaram a noite em Cheltenham e, na manhã seguinte, prosseguiram em sua viagem para Stafford. Para Adam, havia muita coisa, tanto para ver como para observar. Somente quando o sr. Salton explicou que agora haviam chegado à última etapa da viagem é que ele voltou a falar da visita e Sir Nathaniel.

Já estava anoitecendo quando se aproximaram de Lesser Hill, a propriedade do sr. Salton. Devido à penumbra, não era mais possível reconhecer pormenores da redondeza. Adam pôde unicamente verificar que a casa ficava situada no alto de um morro, não tão alto quanto um outro, coroado por um castelo em cuja torre tremulava uma bandeira e que se encontrava todo iluminado por luzes que iam de um lado para o outro, sinal de que os preparativos para festividades do dia seguinte estavam em pleno andamento. Adam conteve a curiosidade até a manhã seguinte.

Na entrada, seu tio-avô foi recebido por um senhor idoso e de aparência distinta, que o cumprimentou cordialmente.

— Cheguei bem cedo, como me pediu. Este certamente é o seu sobrinho-neto. Prazer em conhecê-lo, sr. Adam Salton. Sou Nathaniel de Salis. Seu tio é um dos meus mais amigos antigos.

Desde o primeiro instante do encontro, Adam teve a sensação de que já eram bons amigos. Esse encontro foi mais uma forma de lhe dar as boas-vindas, além das que já ouvira.

A cordialidade com que Sir Nathaniel e Adam mantiveram um com o outro facilitava muito a troca de ideias entre eles. Sir Nathaniel era uma pessoa inteligente, um homem muito viajado e em sua profissão era considerado um sábio. Como se podia esperar de um bom diplomata, sua conversa era brilhante, mesmo que as circunstâncias não fossem as mais estimulantes. Contudo, nesse caso, ele ficou sensibilizado pela admiração do jovem e de seu desejo de aprender com ele, e isso o estimulava até certo ponto.

Aconteceu então que a conversa que iniciaram em um clima de amizade dentro de pouco tempo alcançava um grau de fervoroso interesse. Tal fato o velho diplomata mencionou ao sr. Richard Salton no dia seguinte,

demonstrando muita benevolência. Já havia sabido que seu velho amigo iria dizer ao seu sobrinho-neto tudo sobre o assunto que tinha em mente e que no trajeto do Peak até a casa deveria ter exposto seu caso de maneira clara e compreensível. Para isso era unicamente necessário que Adam se dispusesse a ouvir com atenção, para se inteirar do que o interessava. Depois do jantar, quando os empregados já se haviam retirado, e os três homens estavam tomando vinho, Sir Nathaniel reiniciou a conversa:

— Como eu soube pelo seu tio... A propósito, vamos ficar com os termos tio e sobrinho em vez de usar os graus de parentesco verdadeiros? Como dizia, seu tio é para mim um amigo tão antigo e fiel que, com a sua licença, quero chamá-lo de Adam, como se fosse o filho dele.

— Para mim, nada seria mais agradável — respondeu o rapaz.

Sua resposta comoveu os corações dos velhos senhores, porém, como legítimos ingleses, instintivamente esquivaram-se de falar sobre temas pessoais, preferindo voltar ao assunto anteriormente abordado. Sir Nathaniel conduziu a conversa.

— Então, segundo eu soube, seu tio o deixou bem informado a respeito das condições existentes na família Caswall, certo?

— Em parte, porque maiores informações e pormenores parece que eu deveria saber pelo senhor, se quiser ter a bondade.

— Com a maior satisfação, direi tudo o que sei. Pois bem, o primeiro Caswall de quem temos notícias era Edgar, chefe da família e dono das terras, tendo obtido sua posse mais ou menos na época da morte de George III. Quando o filho de Edgar tinha aproximadamente 24 anos, ambos tiveram uma briga muito violenta. Ninguém jamais soube o motivo da desavença, mas, de acordo com o caráter colérico existente na família, podemos crer que se tenha tratado de uma coisa insignificante. Não obstante, a briga foi feia mesmo e muito tumultuada.

“Como consequência dessa desavença, o filho deixou a casa paterna sem reconciliar-se com o pai e sem sequer dizer para onde iria. Nunca mais haveria de voltar. Poucos anos mais tarde morreu, sem ter trocado uma palavra ou uma carta com seu genitor. Ele havia se casado no exterior e deixado um filho, que crescera sem ter conhecimento da propriedade que lhe cabia por direito. O abismo cavado entre ele e o velho pai parecia intransponível, uma vez que este rapaz também se casou e teve um filho. No entanto, nem a alegria nem a tristeza conseguiram aproximá-los. Nessas condições, não era mesmo possível contar com uma reconciliação. Uma

profunda indiferença, quando muito baseada em ignorância, tomou o lugar da afeição familiar, também no que se referia aos interesses comuns. Foi unicamente graças à vigilância dos advogados que o nascimento desse novo herdeiro se tornou público, tendo ele mesmo chegado a passar alguns meses na casa de seus antepassados.

“A partir daí, todo o interesse da família girava somente em torno da questão de quem seria o herdeiro da propriedade. Como as gerações mais novas não deixaram descendentes, todas as esperanças recaíram sobre o neto desse senhor.

“Agora é de grande importância que tenha gravadas na memória as características mais marcantes desse tronco da família. Essas particularidades têm se conservado e não se alteram. Todos os que pertencem a essa linhagem se assemelham, todos são frios, egoístas, despóticos, brutais no que toca à realização de suas vontades. É também verdade que jamais faltavam com a palavra dada, se bem que pouca importância dessem a isso, mas eram tão precavidos que tudo acabava virando a seu favor. Se por acaso cometessem um erro, era sempre o outro quem arcava com o peso da culpa. Tais fatos se repetiram com tanta frequência que dava a impressão de ser uma estratégia pré-fixada. Portanto, não é de admirar que os Caswall tivessem mantido a sua propriedade a despeito de todas as mudanças que houve à sua volta. Todos os Caswall eram frios e brutais por natureza. Tanto quanto é do nosso conhecimento, nenhum deles teve alguma vez um sentimento mais suave ou deixou de lado os seus objetivos. Nenhum deles seria capaz de estender a mão conciliadora, obedecendo assim a uma ordem vinda do seu coração.

“Nos retratos, todos eles, sem exceção, demonstram grande semelhança com o tipo do romano da antiguidade. Têm os olhos escuros, o cabelo espesso ondulado e uma constituição física extremamente forte. O cabelo nascendo espesso na nuca é sinal de grande força e de persistência. Mas a característica mais peculiar são os olhos. Negros, penetrantes, quase insuportáveis devido à sua força de vontade indomável. Essa força é, em parte, peculiar à família e, em parte, uma característica individual, impregnada de aptidões misteriosas, podendo ser tanto hipnóticas como mesmerizadoras, roubando do adversário toda a resistência. Olhos de pessoas acostumadas a dar ordens; devem ser confrontados com inflexibilidade para poder vencê-los.

“Adam, você deve achar certamente que tudo o que eu disse é pura fantasia, ainda mais devido ao fato de que nunca cheguei a ver nenhum dos Caswall. Não deixa de ter razão; todavia trata-se de uma fantasia baseada em profundos estudos. Fiz uso de tudo o que estava à minha disposição e consegui chegar a uma conclusão lógica. Seria então de admirar que, diante de qualidades tão estranhas e coercitivas, sejamos obrigados a acreditar que essa família tenha algo de demoníaco? E isso nos compele forçosamente à suposição de que, no passado, membros dessa família tivessem se aliado ao demônio.

“Creio que agora será melhor descansarmos um pouco. Temos muita coisa planejada para amanhã de manhã e quero que você esteja com as ideias bem desanuviadas e os seus sentidos em forma. Amanhã, bem cedo, faremos juntos um pequeno passeio e então poderemos nos certificar, enquanto ainda estamos com o assunto bem vivo na memória, de que existe alguma coisa de especial nesta região; não apenas na propriedade do seu tio, mas em toda a terra que se estende ao redor. Há inúmeros enigmas para os quais há muito tempo temos procurado encontrar explicações e talvez agora tenhamos a possibilidade de achá-las. Quanto mais informações pudermos recolher desde o início, mais rapidamente conseguiremos resolvê-los.”

Capítulo 3

DIANA’S GROVE

A curiosidade despertada em Adam Salton o tirou já bem cedo da cama. Apesar de se ter vestido logo e descido, teve que constatar que Sir Nathaniel se antecipara a ele. O velho senhor estava preparado para uma caminhada mais longa, e, sem demora, ambos puseram-se a caminho.

Sir Nathaniel, que andava na frente, calado, tomou a direção para o leste, descendo a colina. Depois de terem caminhado morro abaixo e subido novamente, alcançaram a encosta leste de uma escarpa. Era mais baixa do que a elevação onde se situava o castelo, porém estava posicionada de tal maneira que dominava as diversas colinas da região acidentada. Ao longo de toda a encosta erguiam-se rochas sem qualquer vegetação, talhadas pela própria natureza, formando entalhes semelhantes a fortalezas. Toda a cadeia de montanhas apresentava-se como um segmento de círculo, cujos picos mais elevados ficavam para o interior, na direção oeste. E no centro, na elevação maior, erguia-se Castra Regis. Entre as múltiplas escarpas cresciam árvores de diferentes tamanhos, através das quais avistava-se algo que, no sol da manhã, dava a impressão de serem ruínas. Fosse o que fosse, era de pedra cinza maciça, possivelmente calcário bruto talhado, se é que se não se tratava de formações naturais. Em todo o seu comprimento, a encosta era tão íngreme que tanto as árvores quanto as rochas e os restos das muralhas pareciam pender sobre a planície cortada por numerosas correntes de água, lá embaixo.

Sir Nathaniel parou e lançou um olhar em volta, como se não quisesse perder nada do que o impressionava. O sol alcançara a parte leste do firmamento e deixava realçar todos os detalhes. Ele fez um gesto largo com o braço, chamando a atenção de Adam para a vista grandiosa. Daí para diante prosseguiriam mais devagar a fim de que seu acompanhante se concentrasse mais nas particularidades. E Adam, demonstrando ser um observador atento e disposto, acompanhava seus movimentos e fazia tudo para que nada lhe passasse despercebido.

— Adam, eu o trouxe aqui pois acho que este é o lugar mais adequado para iniciarmos nossas pesquisas. Você tem à sua frente quase toda uma

região do antigo reino de Mercia, com exceção da parte mais longínqua, que é coberta pelas terras de aluvião valisianas e daquelas terras que os nossos olhos não alcançam, por estarem encobertas pelas elevações. Teoricamente, vemos todos os limites do lado leste do reino, desde o Humber e chegando a Wash no sul. Eu gostaria que gravasse na memória a natureza do solo e a localização, pois mais cedo ou mais tarde tal conhecimento lhe será útil, quando as tivermos em nossa mente. Vamos analisar as antigas tradições e superstições e tentar descobrir o que existe de verdade por trás disto. Cada transmissão de valores espirituais, cada lenda de que tenhamos conhecimento, nos ajudará a entender tudo o mais, bem como esclarecer seu significado. E como todas elas se baseiam na realidade, poderemos nos aproximar da verdade, ou até da probabilidade, se estivermos bem informados. Nisto, principalmente, nos ajudarão as realidades geológicas. Além disso, os materiais de construção utilizados nas diferentes épocas podem nos dar incontáveis ensinamentos. As formações e os minerais dessas colinas, mas também da vasta e extensa planície que fica entre nós e o mar, guardam material suficiente para centenas de livros científicos.

— O senhor poderia me dar um exemplo? — arriscou Adam.

— Olhe bem para essas pequenas elevações que circundam a colina principal, onde prudentemente foi erigido o forte, no lugar mais alto. E, a seguir, para as outras colinas. Cada uma delas possui algo de extraordinário e é bem possível que exista alguma coisa invisível e ainda não provada e que somente na imaginação poderá ter a sua explicação.

— Por exemplo?

— Estudemos as colinas, uma por uma. Lá ao leste, onde mais embaixo estão as árvores, havia em tempos mais remotos um templo romano, construído possivelmente no local onde antes já existia um templo druida. O nome indica a época dos druidas, enquanto a floresta de velhos carvalhos é uma referência aos romanos.

— Por favor, explique melhor.

— A tradução do nome antigo significa *Gruta da Diana.* A próxima colina, que fica atrás, um pouco mais alta, é denominada Mercy, muito provavelmente uma mutilação ou adaptação da palavra *Mercia*, que contém um jogo de palavras romano. Através de manuscritos primitivos, sabemos que este local era denominado *Vilula Misericordiae.* Aqui havia originalmente um convento fundado pela rainha Berta, fechado pelo rei

Penda, que se voltou novamente ao paganismo depois que Santo Agostinho introduziu o cristianismo em nosso país. Segue-se então a propriedade de teu tio, Lesser Hill. Apesar de estar situada nas proximidades de Castra Regis, não existe ligação entre as duas. Ali residiam camponeses livres e, pelo que sabemos, era tão antiga quanto o castelo. Lesser Hill esteve sempre nas mãos de sua família.

— Agora resta apenas a própria Castra Regis.

— Sim. Mas a história de Castra Regis inclui a de todas as outras edificações circunvizinhas. Aliás, toda a história da antiga Inglaterra.

Ao se deparar com a expressão atenta de Adam, prosseguiu:

— A história da propriedade perde-se na antiguidade, porque as nossas mais remotas anotações, suposições ou afirmações aceitam a sua existência como coisa natural. Algumas destas suposições, digamos, mostram que os romanos já devem ter encontrado alguma coisa neste local. Por esse motivo, desde os tempos dos druidas, este lugar tinha uma certa importância, se é que não é mais antigo ainda. Naturalmente os romanos aproveitaram-se da construção, como faziam em toda a parte que fosse possível. É no nome Castra que notamos a modificação. Situava-se no lugar mais elevado e mais bem fortificado e, por isso, tornou-se o acampamento romano de maior importância. Um olhar para o mapa provará que esse acampamento fortificado era, sem dúvida, um centro essencial. Apresentava segurança para as vias de acesso estratégicas já existentes para o norte e, ao mesmo tempo, protegia a costa. As terras de aluvião a oeste estavam igualmente sob seu domínio. Do outro lado desta região começava Gales, ainda selvagem. De mais a mais, o castelo fortificado dava proteção para o acesso ao Severn, onde antigamente eram construídas as grandes estradas romanas, dando, desta forma, segurança para uma via fluvial até o centro da Inglaterra, através do Severn e de seus afluentes. A fortificação ligava o leste ao oeste da maneira mais rápida conhecida naqueles tempos. E, finalmente, possibilitava que se chegasse a Londres e à região do Tâmisa, partindo daqui.

“Não é de admirar que um centro tão amplamente conhecido e tão bem organizado fosse ambicionado pelas hordas de invasores, fossem eles anglos, saxões, dinamarqueses ou normandos. Por isso era tão bem protegido. Em séculos passados, servira unicamente como acampamento localizado estrategicamente. Mas quando os romanos vitoriosos construíram suas fortificações sólidas, que resistiam às armas usadas

naquela época, sua própria localização dominante exigia uma amplificação e equipamento adequado. Assim aconteceu que o acampamento fortificado dos Césares foi, aos poucos, se tornando um castelo real. Como até hoje os nomes dos primeiros reis de Mercia são desconhecidos, nenhum historiador conseguiu descobrir qual dos soberanos ampliou a construção que acabou se transformando em fortaleza. Suponho que jamais chegaremos a conhecer seu nome. Quando, com o decorrer do tempo, a estratégia foi se desenvolvendo, a construção foi se tornando cada vez maior e sempre mais invencível. Apesar de não possuirmos nada por escrito a respeito dos detalhes das tradições, não apenas conseguimos acompanhar a história através das pedras da construção, como também pelas modificações arquitetônicas. A tremenda evolução que se seguiu à conquista pelos normandos apagou todos os outros vestígios. Hoje em dia, somos obrigados a considerar a construção como sendo uma das mais remotas fortificações dos normandos, que provavelmente foi erigida no tempo de Henrique III. Tanto os romanos como os normandos fizeram bem em conservar sempre a linha de construção voltada para a utilidade e a solidez. E é devido a esse fato que essas colinas circunvizinhas, igualmente fortificadas, o que até certo ponto deu bons resultados, foram igualmente conservadas. Sim, suas características foram mantidas e dessa forma nos permitiu conhecer a fundo coisas que deixaram de existir há muito tempo.

“Isso no que se refere às colinas fortificadas. Mas as grutas têm também sua história. Veja só como corre o tempo! Temos que nos apressar para voltarmos logo, antes que seu tio comece a ficar preocupado por nossa causa.”

E, com passos largos, tomou o caminho de Lesser Hill, de maneira que Adam teve que acelerar os passos também, a fim de poder acompanhá-lo.

Capítulo 4

— É verdade que não temos pressa, mas poderemos partir tão logo vocês dois estejam prontos — disse o sr. Salton, quando foi servido o café da manhã. — Eu gostaria que, antes de mais nada, você desse uma olhada nas ruínas de Mercia. Em seguida viajaremos através do assim chamado "Grande Vale de Cheshire", até Liverpool. Para que não se decepcione, não deve fazer uma ideia de que seja alguma coisa extraordinária ou temerária — disse para Adam, em específico. — Se já não se soubesse onde é, não se perceberia a trilha do vale. Deveremos conseguir fazer tudo isso até a chegada do *West Africa* e receberíamos o sr. Caswall quando desembarcasse. Seria bom prestar-lhe essa homenagem e, além disso, será mais agradável que as formalidades das apresentações se deem antes da grande festa.

A carruagem já estava à espera. Era a mesma do dia anterior, porém os cavalos haviam sido trocados — belíssimos animais, ávidos para se pôr em marcha. Depois do café da manhã, eles se apressaram a tomar seus lugares na carruagem. Os criados que a acompanhavam a cavalo receberam suas instruções e, assim, logo depois, atravessaram a região com bastante rapidez.

Porém, durante o trajeto, de acordo com as ordens do sr. Salton, a carruagem parou em frente a um grande monte de pedras, à margem do caminho.

— Eis aqui algo que não deve deixar passar desapercebido — disse o sr. Salton para Adam. — Este monte de pedras nos leva de volta à aurora do reino inglês. Foi erigido há mais de mil anos, lá pelo fim do sétimo século, como um monumento para um assassino. Wulfere, o rei de Mercia, sobrinho de Penda, matou aqui, neste lugar, seus dois filhos, como castigo por terem abraçado o cristianismo. Segundo reza a tradição daquela época, cada passante acrescentava mais uma pedra ao monumento. Penda tencionava introduzir novamente o paganismo, depois que Santo Agostinho trabalhou aqui como missionário. Sir Nathaniel poderá lhe dar toda a informação que você quiser.

Enquanto ainda se encontravam em frente ao monte de pedras, chegou um outro veículo que parou e seu passageiro — era uma pessoa apenas — tinha os olhos cheios de curiosidade. A carruagem era antiga, pesada e completamente enfeitada com brasões. Os homens tiraram os chapéus para se cumprimentarem, quando a dama, sentada dentro da caleça, lhes dirigiu a palavra.

— Como tem passado, Sir Nathaniel? E o senhor, sr. Salton? Espero que também não tenham sofrido algum acidente. Vejam só o que aconteceu — disse, apontando para o local onde se via brilhar o metal de uma mola quebrada.

Espontaneamente Adam exclamou:

— Ora, isso pode ser consertado com facilidade!

— É mesmo? Mas aqui não dispomos de ninguém que possa consertar esse tipo de estrago.

— Mas eu posso!

— O senhor? — Incrédula, ela fitou o rapaz. — O senhor? Mas isso é trabalho para um profissional!

— Claro, mas eu sou um profissional, se bem que essa não seja a minha ocupação. Na Austrália tive que atravessar com bastante rapidez distâncias bem grandes e por isso conheço bem esse tipo de serviço. Estou às suas ordens.

— Não sei como lhe agradecer pela gentileza, da qual me utilizarei com prazer. Também não saberia o que fazer nessas circunstâncias, uma vez que tenho que encontrar-me com o sr. Caswall, que chega hoje da África. Toda a região quer lhe prestar essa homenagem. — Ela lançou um rápido olhar para os dois homens mais idosos e logo não teve dúvidas quanto à identidade do estranho. — O senhor deve ser Adam Salton, de Lesser Hill. Sou Lady Arabella March, de Diana’s Grove. — Com essas palavras, virou-se para o sr. Salton, que compreendeu imediatamente a insinuação e fez logo as apresentações.

Mal terminaram de se cumprimentar, Adam pegou suas ferramentas, que se encontravam na carruagem do tio, pondo-se ao trabalho.

Ele era mesmo habilidoso nesse gênero de tarefa, de modo que não tardou muito e a mola foi consertada. Adam estava juntando seus instrumentos que espalhara à sua volta, quando notou que algumas cobras, saídas de sob o monte de pedras, vinham deslizando, com a intenção de atacá-lo.

Deteve-se assustado com a visão que tinha pela frente, quando viu que Lady Arabella, abrindo a portinhola da carruagem, saltava com movimentos ágeis e rápidos. Ela já se encontrava no meio das serpentes na hora em que ele deu um grito de advertência. Contudo, seu grito acabou sendo inútil, porque as serpentes deslizaram rapidamente de volta para as pedras. Ele riu para si mesmo, enquanto lhe passava pela cabeça não haver motivo para preocupação. Os répteis tiveram mais medo dela do que ela deles. Mas, mesmo assim, ele pegou um pau que se encontrava por perto e bateu no chão, provando com essa atitude saber lidar com esse tipo de animal nojento. Imediatamente todas as serpentes desapareceram e ele ficou sozinho com Lady Arabella em frente ao monte de pedras. Ela não pareceu ter se perturbado com o que ocorrera.

Adam fitou-a com um longo olhar. A maneira como se vestia era suficiente para chamar a atenção. Sua roupa era confeccionada com uma fazenda branca, macia, que se ajustava perfeitamente às suas formas, realçando cada um de seus movimentos. Trazia na cabeça um pequeno gorro feito da melhor pele, de um branco reluzente. Em volta do pescoço usava uma joia feita de esmeraldas, cujo brilho ofuscava quando o sol incidia sobre elas. O timbre de sua voz soava de maneira estranha, era baixo e agradável ao ouvido, chegando quase a ser um sussurro. Suas mãos eram igualmente fora do comum — longas, bem-feitas e brancas, e seus movimentos eram sedutores.

Lady Arabella dava a impressão de estar completamente despreocupada, e depois de ter agradecido a Adam, sugeriu que continuassem juntos a viagem, caso seus acompanhantes estivessem também a caminho de Liverpool.

— Sr. Salton, o senhor deve pensar em Diana’s Grove como sendo o seu segundo lar enquanto estiver por aqui — disse ela. — Terá toda a liberdade de ir e vir como na casa de seu tio em Lesser Hill. Lá existem algumas vistas belíssimas e curiosidades naturais históricas, que poderiam interessá-los; são de uma época bem remota.

A sinceridade com que fez o convite e o calor de suas palavras deixaram-no de certo modo desconfiado, porque o comportamento dela era muito frio e distante. Neste ínterim, seu tio e Sir Nathaniel já haviam agradecido pelo convite de continuarem juntos a viagem, mas, infelizmente, tiveram que declinar, uma vez que não lhes era possível atender a tão gentil solicitação. Adam suspeitou que Lady Arabella, apesar de lastimar a

resposta negativa, sentiu-se muito aliviada. Depois de ter embarcado novamente com os dois companheiros idosos e da carruagem ter se posto a andar, não ficou nem um pouco admirado quando Sir Nathaniel falou:

— Deu para notar como ela ficou satisfeita por ter-se livrado de nós. Ela prefere fazer seu jogo sozinha e sem ser observada!

— Que jogo? — perguntou Adam, sem refletir.

— Todo o condado está a par do assunto, meu filho. Caswall é um homem riquíssimo. E também o marido dela o era, quando ela se casou com ele, ao menos era o que se supunha. Depois do suicídio do marido, tornou-se evidente que não tinha deixado nada e que a propriedade estava completamente endividada. Sua única esperança, portanto, era um casamento rico. O restante, basta imaginar.

Adam conservou-se calado durante todo o percurso através do Vale do Cheshire, porque ficou meditando e chegou a várias conclusões, que, no entanto, guardou para si mesmo. Uma delas era que, no futuro, evitaria dar demasiada atenção a Lady Arabella. Ele próprio era um homem rico. Até que ponto, nem seu próprio tio o sabia, e certamente teria ficado bastante admirado se ao menos pudesse imaginar o quanto.

O restante da viagem transcorreu normalmente. Depois de sua chegada a Liverpool, foram a bordo do *West Africa*, que acabava de atracar. Seu tio apresentou-se ao sr. Caswall, após o que ele, então, fez as apresentações de Sir Nathaniel e de Adam. O recém-chegado recebeu-os com muita amabilidade, expressando sua satisfação por estar de volta ao lar, depois que sua família estivera evitando por tanto tempo visitar a antiga propriedade. Adam sentiu-se feliz com o calor da recepção, mas não conseguiu deixar de assinalar sua repugnância quando olhava para o homem. Lutou muito contra esse sentimento até a chegada de Lady Arabella, que o liberou de seu mal-estar. Essa diversão foi bem-vinda para todos, porque Sir Nathaniel e o velho Salton também ficaram horrorizados com os traços do rosto do sr. Caswall, que externavam tanta dureza, tanta falta de compaixão, tanto egoísmo e tanta sede de poder.

“Deus proteja todos aqueles que venham a cair nas malhas desse homem!”, foi um pensamento recorrente.

Apenas quando seu criado africano se aproximou é que todos começaram a pensar de maneira mais amena sobre o recém-chegado. Caswall poderia certamente parecer um selvagem, mas sempre um selvagem culto. Notavam-se nele os vestígios de séculos de civilização, que

haviam deixado suas marcas. Sinais do mais elevado instinto e formação cultural, demonstrando, não obstante, algumas lacunas. Porém, o semblante de Oolanga, assim o chamava seu amo, era completamente selvagem, e, dentro dele, podia-se muito bem imaginar todos os horrores de um filho da floresta e dos pântanos, sem destino e possuído pelo demônio. Lady Arabella e Oolanga apareceram quase que ao mesmo tempo e Adam constatou, surpreso, o efeito que seu aparecimento produziu em ambos. A mulher deu a impressão de não querer ou de não poder condescender em demonstrar interesse ou de colaborar com esse tipo de gente. Mas, por outro lado, o comportamento do negro era tal que justificava plenamente o orgulho dela. Não era apenas o fato de que ele a tratasse como se fosse escravo dela, não, era como se um crente se defrontasse com a sua divindade. Ele se ajoelhou diante dela com os braços abertos, inclinando a testa até o chão. E assim permaneceu imóvel. Somente quando ela se dirigiu para Caswall é que ele deixou sua posição submissa e se levantou todo respeitoso.

Agora Adam se virou para seu empregado, Davenport, que havia chegado juntamente com o administrador de Lesser Hill em uma carruagem puxada por pônei. Enquanto falava, acenou para um comissário de bordo para que se aproximasse e logo os dois homens ficaram absortos em uma conversa.

— Acho que deveríamos ir — falou o sr. Salton para Adam. — Tenho alguns assuntos a resolver em Liverpool. Certamente o sr. Caswall e Lady Arabella querem se dirigir para Castra Regis sem demora.

— Eu mesmo gostaria de resolver alguns negócios — retrucou Adam. — Quero ver se consigo descobrir onde mora Ross, o vendedor de animais, pois tenho vontade de levar um animalzinho para casa, se não fizerem nenhuma objeção. Será realmente pequeno e não trará aborrecimento algum.

— Mas, é claro, meu filho. Que tipo de animal tem em mente?

— Um mangusto!

— Um mangusto? E para que, em nome dos céus, precisa de um?

— Para exterminar as serpentes.

— Está bem! — O velho lembrou-se do monte de pedras. Não era necessária mais nenhuma explicação.

Então Adam foi à procura do comerciante. Quando Ross soube do que estava sendo exigido, perguntou:

— O senhor deseja uma coisa diferente, ou basta um simples mangusto?

— O que quero é um bom mangusto, não é necessário que seja nada de extraordinário.

— Então tenho toda uma série para oferecer. Perguntei simplesmente porque no momento possuo um exemplar que recebi há pouco tempo do Nepal. Esse animal tem a sua própria história. Ele matou uma naja que fora vista nos jardins do rajá. Mas em nosso clima não existe essa espécie de serpente, por isto atrevi-me a perguntar se um mangusto comum seria suficiente.

Quando Adam voltou para a carruagem com o caixote contendo o mangusto, Sir Nathaniel perguntou:

— Ora, veja só, o que temos aí?

— Um mangusto.

— Mas para quê?

— Para matar serpentes!

Sir Nathaniel riu.

— Fui testemunha quando Lady Arabella o convidou para Diana’s Grove.

— O que tem isso a ver?

— Nada diretamente. Mas veremos.

Adam esperou e o velho continuou:

— Por acaso já ouviu que outro nome é dado a essa propriedade?

— Não, senhor.

— Chamavam-na... Ora, mas esta história é muito longa. É melhor esperarmos para quando estivermos a sós e tivermos mais tempo.

— Perfeitamente, senhor.

A curiosidade de Adam fora espicaçada, mas ele achou melhor não precipitar os acontecimentos. Tudo haveria de se resolver no seu devido tempo. Assim, os três voltaram para casa, ao passo que o sr. Caswall pernoitou em Liverpool.

No dia seguinte, partiram de Lesser Hill para Castra Regis e Adam não pensou mais em Diana’s Grove e os mistérios que tinha abrigado ou talvez ainda abrigasse.

Os hóspedes vinham chegando em grupos e, para as personalidades importantes, haviam sido marcados lugares. Adam, que ficara admirado ao ver tanta gente aglomerada, pertencente a diferentes níveis sociais, procurou

por Lady Arabella, sem conseguir descobrir onde ela estava. Unicamente quando viu que uma carruagem fora de moda se aproximava e ouviu os gritos de júbilo que a acompanhavam, tornou-se evidente para ele que Edgar Caswall estava chegando. E ao olhar mais atentamente, percebeu que Lady Arabella, vestida da mesma forma como no primeiro encontro que tiveram, estava sentada ao lado de Caswall. A caleça parou em frente à escadaria e o anfitrião saltou, estendendo-lhe a mão.

Tornou-se evidente para todos que ela seria a hóspede mais importante da noite. Não demorou muito e todos os assentos na tribuna de honra estavam ocupados, enquanto os arrendatários e os hóspedes de menor importância sentaram-se nos lugares não reservados.

O decorrer das festividades tinha sido minuciosamente elaborado por uma comissão. Houve discursos que não se alongaram demais. E então todos esperaram pelo início do banquete. Enquanto isso, Caswall circulou entre seus hóspedes, cumprimentando-os e conversando amavelmente com todos. Os outros convidados desceram da tribuna de honra, seguindo seu exemplo, de maneira que houve uma troca informal de cumprimentos e de reencontros entre a sociedade local e o povo.

Adam Salton seguia a tudo o que acontecia ao redor com um olhar observador e gravou na memória tudo aquilo que lhe provocou interesse.

Ele era jovem, um homem e ainda por cima vinha de longe. Tudo isso junto fazia com que prestasse maior atenção às mulheres do que aos homens e, entre elas, demorou mais seu olhar sobre as que eram jovens e bonitas. Descobriu muitas moças belas entre os convidados e Adam, sendo ele próprio bem-apessoado, recebeu muitos olhares de admiração, mas que pouco o impressionaram. Ele ficou lá, parado, indiferente a tudo, até que três pessoas vieram em sua direção, cuja roupa e postura demonstravam tratar-se de camponeses. Era um rude homem de idade, acompanhado por duas jovens bonitas, aparentando ter um pouco mais de vinte anos uma delas e a outra um pouco menos. Quando o olhar de Adam se encontrou com o da mais jovem, que já estava bem perto, algo faiscou entre eles — era aquela centelha divina, acesa por uma repentina identificação e que se transformaria em simpatia. O ser humano dá a isso o nome de “amor”.

Seus dois acompanhantes perceberam como Adam ficou impressionado pela bela moça. Falaram a respeito dela, para que seu interesse por ela aumentasse.

— Percebeu os três que acabaram de passar por aqui? O velho é Michael Watford, um dos arrendatários do sr. Caswall. Ele mora em Mercy Farm, que Sir Nathaniel mostrou hoje para você. As jovens são suas netas. A mais velha, Lilla, é a filha única de seu filho mais velho, falecido quando a pequena nem havia completado o primeiro ano de vida. A mulher dele morreu no mesmo dia. Lilla é uma boa pequena, tão boa quanto bonita. A outra é sua prima, filha do segundo filho de Watford. Aos vinte anos, ele abraçou a carreira militar e foi servir no exterior. Nunca foi muito de escrever cartas, se bem que fosse um bom filho. A família recebeu poucas cartas e então seu pai soube pelo comandante de seu regimento que o rapaz fora assassinado por bandidos em Burma. Soube também que seu filho se casara com uma nativa de Burma e que havia uma filhinha de um ano. Watford mandou vir a pequena e criou-a juntamente com Lilla. Quanto às circunstâncias de seu nascimento, ela sabia unicamente que seu nome era Mimi. As duas crianças amavam-se ternamente e o carinho entre as duas perdura até os dias de hoje. Era estranha a diferença existente entre ambas. Lilla, loura como a raça saxônica, de onde se originava e, ao lado, Mimi, que deixava transparecer a procedência da mãe. Lilla é mansa como uma pomba, enquanto que os olhos negros de Mimi parecem reluzir quando é provocada, o que acontece apenas quando Lilla se encontra em perigo. Então seus olhos lançam chispas como os da mamãe pássaro ao ver sua ninhada ameaçada.

Capítulo 5

O sr. Salton apresentou o sr. Watford e suas netas a Adam e daí em diante ficaram todos juntos. É claro que os vizinhos do nível de Watford estavam inteirados a respeito de Adam Salton, sobre suas relações e suas condições de vida, bem como de suas perspectivas. Por esse motivo, seria um milagre se as duas pequenas não se entregassem a certos devaneios para o futuro. No interior da Inglaterra, os pretendentes são raros em todas as camadas sociais e esse homem poderia ser considerado um candidato bastante desejável, porque não pertencia a nenhuma casta na qual as barreiras de classe não eram tão fortes. Quando se notou que se postou ao lado de Mimi e que procurava sua companhia, todos os amigos e conhecidos se empenharam em ajudar o rapaz neste namoro promissor.

O gongo soou, chamando para o banquete, e Adam se dirigiu com Mimi para o pavilhão onde havia o lugar marcado para o avô delas. O sr. Salton e Sir Nathaniel tiveram que se conscientizar de que o jovem não ocuparia mesmo o lugar que lhe fora determinado na mesa lá no palanque. Compreensivamente, evitaram qualquer menção ao assunto, dando mesmo a impressão de não terem notado sua ausência.

Como antes, Lady Arabella sentava-se à direita de Edgar Caswall. Era indiscutivelmente bela e tão extraordinária que, com sua posição e suas qualidades pessoais, a todos pareceu natural que agisse como sua dama junto ao herdeiro, desde que este aparecera diante de todos pela primeira vez. É evidente que nenhum dos presentes, que faziam parte de sua classe social, teria feito algum comentário, mesmo porque palavras são supérfluas quando um simples aceno de cabeça e um sorriso expressam tudo. Era visto com naturalidade o fato de que Castra Regis teria em breve uma nova dona e que ela se encontrava entre os convidados. É verdade também que não faltavam aqueles que, apesar de sua beleza e de seu charme, a colocavam em segundo plano, dando preferência a Lilla Watford. As duas mulheres representavam dois tipos contrastantes, duas formas diversas de beleza. A saber, Lady Arabella era a aristocrata da cabeça aos pés, ao passo que Lilla era a típica moça do povo.

Quando a escuridão já ia longe, o sr. Salton e Sir Nathaniel voltaram para casa a pé — a caleça puxada pelo pônei fora dispensada havia muito tempo —, deixando Adam à vontade para se retirar quando bem entendesse. Ele voltou mais cedo do que o esperado e, por algum motivo, parecia muito agitado. Os dois mais velhos desistiram de fazer qualquer comentário a respeito. Acenderam seus cigarros e foram cada qual para seu aposento, quando se aproximava a hora do jantar, a fim de trocarem de roupa.

Enquanto isso, Adam ficou meditando sobre um problema. Quando se juntou aos outros no salão, dava a impressão de estar nervoso e impaciente — uma circunstância que ainda não se havia percebido nele até então. Os outros, devido à paciência e à experiência próprias da idade, contentaram-se em pensar que o tempo se encarregaria de resolver o assunto e não seria preciso esperar muito. Depois que Adam se sentou e levantou inúmeras vezes, acabou explodindo:

— Aquele camarada pensa que é o dono do mundo! Será que não pode deixar os outros em paz? Pensa acreditar que basta jogar seu lenço na direção de uma mulher para que ela imediatamente o aceite como seu dono!

Essa explosão teve um efeito esclarecedor. Somente uma simpatia velada seria capaz de despertar tais sentimentos em um rapaz tão digno de estima. Como um velho diplomata, Sir Nathaniel possuía uma compreensão quase clarividente, no tocante à real natureza das coisas, de modo que, de repente, perguntou em um tom seco e objetivo:

— Ele se engraçou para o lado da Lilla?

— Sim, o sujeito não perdeu tempo. Mal a conheceu e já começou a enchê-la de elogios e a lisonjeá-la devido à sua beleza. E, antes de se despedir, ele próprio se convidou para o chá, às 15 horas em Mercy Farm. Como é burro! Deveria ter logo percebido que a moça não foi feita para ele. Nunca me aconteceu algo parecido. Era como se o falcão e a pomba estivessem se defrontando.

Aí Sir Nathaniel se virou, olhando para o sr. Salton. Um olhar que exprimia uma completa compreensão.

— Adam, conte-nos, por favor, os detalhes. Ainda temos tempo até a hora do jantar. Nosso apetite aumentará consideravelmente se conseguirmos chegar a uma conclusão judiciosa nesse caso.

— Não há nada o que relatar, senhor. Isto é que é o pior. Devo dizer que nenhuma palavra foi dita à qual se pudesse opor alguma objeção. Ele se manteve com muita educação e tudo aconteceu com muita propriedade,

como o proprietário deve se comportar com a filha de um arrendatário, e mesmo assim... bem... não sei por quê... meu sangue ferveu.

— E de onde vem a comparação entre falcão e pomba? — falou Sir Nathaniel, em um tom de voz baixo e tranquilo. Não havia sinal de oposição nem de demasiada curiosidade. Em poucas palavras, era um tom capaz de ganhar a confiança do ouvinte.

— Quase não sei como explicar. Só o que posso dizer é que ele se assemelhava a um falcão e ela a uma pomba. E, pensando bem, era isso mesmo e esse aspecto os dois o têm normalmente.

— Está certo! — ouviu-se a voz de Sir Nathaniel.

Adam continuou:

— Talvez fosse sua expressão romana que me tirou do sério. Tentei protegê-la porque me pareceu que ela se encontrava em perigo.

— De certa forma todos os rapazes daqui são uma ameaça para ela. Bem que percebi a maneira pela qual você a olhou, como se quisesse devorá-la!

— Espero que vocês dois mantenham a cabeça fria — observou o sr. Salton. — Não seria de bom alvitre que houvesse uma desavença entre vocês dois, logo depois da volta dele para casa e de sua chegada. Devemos levar em consideração os sentimentos e a felicidade de nossos vizinhos, não é?

— Isso também espero, senhor. Posso garantir que eu, aconteça o que acontecer, e sempre que formos ameaçados, me curvarei aos seus desejos.

— Psiu! — sussurrou Sir Nathaniel, que notara a aproximação dos empregados que serviriam o jantar.

Depois da refeição, sentados para tomar vinho e comer nozes, Sir Nathaniel voltou ao assunto das lendas transmitidas pelos antepassados:

— Este é um assunto menos delicado do que certos acontecimentos mais evidentes.

— Tem toda a razão, senhor — retorquiu Adam, com sinceridade. — Creio que o senhor possa confiar em mim em se tratando de qualquer outro assunto. Até mesmo sou capaz de discutir sobre o sr. Caswall. É provável que amanhã eu tenha um encontro com ele. Como eu já lhes contei, ele fará uma visita a Mercy Farm às 15 horas. Mas minha visita foi marcada para as 14 horas.

— Já percebi que não quer perder tempo — falou em seguida o sr. Salton.

Os dois mais velhos trocaram um olhar de compreensão. Mas, então, Sir Nathaniel, sem demora, para que a disposição de seu ouvinte não se modificasse outra vez, começou a falar:

— De modo algum tenho a intenção de lhe contar todas as lendas de Mercia ou de oferecer uma seleção delas. É muito melhor para os nossos fins se observarmos mais profundamente alguns fatos. Fatos tradicionais e outros a respeito desta região. Será bem mais prático se iniciarmos com Diana's Grove. Aqui as raízes alcançam as diferentes épocas de nossa história e cada parte histórica tem suas próprias lendas. Os druidas e os romanos estão muito distanciados de nós para que se possa dedicar a minúcias. Os saxões e os anglos, porém, estão perto o suficiente para nos propiciarem temas decifráveis de lendas. Sabemos que Diana's Grove teve um outro nome, sendo que o atual é de procedência romana, ou melhor ainda, grega, que foi transmitido como sendo romano. Na língua de Mercia este local denominava-se "Toca do Verme Branco" e isto necessita, logo de saída, de uma explicação. Nos tempos remotos da nossa língua, a palavra "verme" tinha um significado que se distancia um pouco do sentido que a palavra tem hoje em dia. Era uma transformação do inglês antigo "wyrm", que significava dragão ou serpente. Talvez se tratasse de uma derivação do gótico "waurms", que também significa serpente. A isto corresponde a palavra "ormur" da língua islandesa e da alemã "wurm". Pode-se supor que originariamente devesse assinalar alguma coisa grande e poderosa, de modo algum um animal pequeno, como nos dias de hoje. Aqui nos auxiliam as pesquisas sobre as lendas. Existe a conhecida denominada "Poço do Verme" ou "Fonte do Verme", de Lambton Castle, e ainda a dos "Vermes do Spindleston Heugh", perto de Bamborough. Em ambas as lendas, o verme era um monstro de tamanho e forças gigantescas, um horrível dragão ou uma serpente que, como nas lendas, habita os brejos e os pântanos, onde esses monstros têm um enorme espaço.

"Um olhar sobre o mapa geológico demonstra que existia a possibilidade da existência desses monstros em uma era remota. De qualquer modo, uma possibilidade muito grande. Na Inglaterra, havia antigamente imensas planícies onde se concentrava muita água. Os rios e lagos eram fundos e sem grandes quedas-dágua. Existiam buracos insondáveis, nos quais podiam refugiar-se répteis antediluvianos de todos os tamanhos e formas. Em lugares que podem ser avistados daqui da janela, havia poças de lama de uns trinta metros de profundidade. Quem poderá

dizer quando terminou a época desses monstros que viviam na terra úmida? Deve ter havido lugares e condições que permitissem a esses monstros viverem mais tempo e se tornarem maiores e mais fortes do que o normal. Tais fósseis vivos podem ter vivido até os primeiros séculos de nossa era. E não existem ainda hoje seres de tão grande tamanho que são vistos pela maior parte das pessoas como sendo impossíveis? Ainda na era atual encontramos vestígios de animais, quando não restos dos mesmos, indicativos de um tamanho descomunal, sobreviventes de épocas remotas, que se conservaram vivos graças a determinadas características do seu meio ambiente.

"Lembro-me de um encontro que tive com um hindu aristocrático, de quem se dizia ser um grande caçador nativo (shikaree). Esse homem me contou que a maior tentação de sua vida fora a de matar uma cobra gigante que ele encontrara em uma área pantanosa na Índia, bem no interior. Ele se encontrava em uma caçada a um tigre e, quando seu elefante atravessou a ravina, o animal soltou um grito horrível. O homem, do alto de seu assento, olhou para baixo. O elefante havia pisado no corpo de uma serpente que ia se arrastando através do jângal. 'Ela tinha uns trinta metros de comprimento', contou-me ele. 'Bem uns 15 metros para cada lado do caminho, da grossura de um corpo humano, ainda que fosse afinando devido ao peso enorme que carregava consigo. Certamente o senhor sabe que é uma questão de honra atirar apenas em tigres em uma caçada a tigres, como se a vida dependesse disso. Eu poderia ter quebrado com facilidade a espinha desse monstro, mas tive um pressentimento de que não deveria fazê-lo e, por isso, contra a minha vontade, fui obrigado a deixar o monstro seguir seu caminho.'

"Supondo a existência de tal monstro em qualquer lugar por aqui, então teremos uma ideia dos *vermes* que habitavam os grandes pântanos que possivelmente viveram nas regiões da foz dos maiores rios da Europa."

— Senhor, não duvido de modo algum que esses animais de grandes proporções dos quais nos falou ainda tenham existido muito mais tarde do que se supõe — retrucou Adam. — E não duvido também que tivessem vivido nesses ambientes que acabou de mencionar. Refleti muito sobre o assunto, pois o senhor falava das formações geológicas. Entretanto, parece-me haver aqui uma falha. Refiro-me às dificuldades mecânicas.

— Em que sentido?

— Bem, nosso monstro pré-histórico deve ter sido muito pesado. As distâncias que ele tinha que percorrer eram enormes e os caminhos, de difícil travessia. Daqui onde estamos até os poços de lama, são mais de trinta metros de diferença na altitude, deixando de lado a distância na horizontal. Será possível que tenha havido uma via de acesso pela qual um desses monstros pudesse trafegar livremente para cima ou para baixo, sem ser percebido por um observador casual? Naturalmente temos nossas sagas e lendas, mas em uma pesquisa científica não será necessário ter provas cabais?

— Meu caro Adam, o que diz está certo, e, se começarmos a fazer uma pesquisa dessas, não teríamos nada melhor a fazer do que seguir seus argumentos. Mas deve levar em consideração que tudo isso se passou há milhares de anos. E também deve ter em mente que nos falta toda e qualquer informação mais detalhada que possa ser de alguma ajuda. Acresce ainda que as regiões em questão eram agrestes e abandonadas no que se refere à ocupação humana. No ermo deserto de uma região dessas, onde havia as citadas condições, deve ter existido uma porção de seres que, em outros lugares, já há muito haviam sido sacrificados pelo homem. Desconfia-se que a caverna onde os ovos desses monstros eram chocados permaneceu intacta durante centenas ou milhares de anos. Além disso, esses seres devem ter procurado locais inacessíveis ao homem. Uma cobra que tivesse feito seu ninho em um pântano, a uma profundidade de mais de trinta metros, estaria coberta por tamanha quantidade de lama como hoje não existe mais. E mesmo que existisse, isso seria unicamente possível em uns poucos lugares na superfície da Terra. Longe de mim querer afirmar que não pudesse ter acontecido nas épocas mais elementares. As condições pertencem ao período em que houve grandes mudanças geológicas, era a época do nascimento e do desenvolvimento da Terra, quando as forças da natureza se revoltaram e a luta pela sobrevivência era tão grande que formas de vida de menores dimensões não tinham chance de sobreviver. Temos provas geológicas de que essa época existiu, mas apenas essa espécie de provas. Não poderemos esperar obter as do tipo exigido nos dias de hoje. Só podemos presumir a existência dessas criaturas ou imaginá-las e, da mesma forma, as condições e forças que finalmente as levaram à sua extinção.

Capítulo 6

A POMBA E O FALCÃO

Na manhã seguinte, Sir Nathaniel e o sr. Salton estavam sentados à mesa do café, quando Adam entrou apressado.

— Alguma novidade? — perguntou seu tio mecanicamente.

— Quatro.

— Quatro o quê? — quis saber Sir Nathaniel.

— Serpentes — explicou Adam, colocando um rim frito em seu prato.

— Quatro serpentes? Será que estou ouvindo bem?

— O mangusto — disse Adam, laconicamente, acrescentando logo: — De madrugada já estive com o inimigo lá fora.

— Quatro cobras em uma manhã! Eu não sabia que existiam tantas no Brow, este era o nome que o povo dava ao lado oeste do despenhadeiro. Somente posso esperar que isso não tenha sido uma consequência da nossa conversa de ontem à noite.

— Sim, senhor, mas não de maneira direta.

— Será que, pelo amor de Deus, você esperava capturar algo tão grande quanto o verme de Lambdon? Um mangusto que aceitasse uma luta com tal monstro teria que ser maior do que um celeiro.

— Eram cobras comuns, da grossura de uma bengala.

— Ainda bem que nos livramos delas, sejam grandes ou pequenas. Deve ser um mangusto muito bom. Ele vai nos libertar de toda essa bicharada — disse o sr. Salton, satisfeito.

Adam tomou seu café em silêncio. Algumas cobras mortas pela manhã não eram novidade alguma para ele. Depois da refeição, foi ao escritório que o tio arranjara para ele. Os outros dois pensaram que ele queria ficar sozinho para escapar de perguntas e conversas a respeito da visita, marcada para a tarde. Também não apareceu mais, somente uma meia hora antes do jantar. Só então, sem fazer barulho, entrou na sala de fumar, onde o sr. Salton e Sir Nathaniel já se encontravam prontos para o jantar, tendo trocado de roupa para a ocasião.

— Creio ser melhor tratarmos logo do assunto — disse Adam, abrindo a conversa.

Seu tio, querendo facilitar a vida de Adam, disse:

— Que assunto?

Adam deu primeiramente sinais de um certo acanhamento, mas depois falou, com um pouco de hesitação:

— A minha visita a Mercy Farm.

O sr. Salton a muito custo conteve a sua impaciência, enquanto o velho diplomata aguardava sorrindo o que estava por vir.

— Certamente já perceberam que ontem me interessei muito pelos Watford, certo?

Não havia como negar. Os dois velhos senhores concordaram sorrindo.

Adam prosseguiu:

— Quis mesmo que o vissem. O senhor, meu tio, porque é meu único parente e por ter me recebido tão bem como se fosse o meu próprio pai, que não o teria feito com maior carinho.

O sr. Salton nada falou. Simplesmente estendeu-lhe a mão, que o jovem pegou e segurou.

— E o senhor, porque, assim como meu tio, demonstrou tanta simpatia por mim que nem em meus sonhos mais ousados eu teria tido o atrevimento de esperar. — Calou-se, emocionado.

Sir Nathaniel pousou a mão no ombro de Adam.

— Tem razão, meu filho, toda a razão. É dessa maneira que se deve encarar as coisas. E eu posso lhe dizer que nós, velhos, que não temos filhos, nos emocionamos ao ouvir tais palavras.

Adam então apressou-se em continuar, como se quisesse logo chegar ao que interessava.

— O sr. Watford não havia chegado, mas Lilla e Mimi estavam lá e tudo fizeram para que eu me sentisse bem. Todos eles têm uma grande estima pelo meu tio, e isso me deixa feliz, porque gosto muito deles, muito mesmo. Estávamos tomando chá quando apareceu o sr. Caswall acompanhado pelo seu negro. Lilla abriu-lhe a porta. A janela da sala é muito grande, de maneira que não é possível deixar de ver quem está se aproximando. O sr. Caswall disse que resolvera fazer essa visita porque desejava conhecer todos os seus arrendatários e de uma forma menos cerimoniosa e melhor do que lhe tinha sido possível fazê-lo no dia anterior. As moças, que jovens adoráveis, lhe deram as boas-vindas, e seja quem for que vá ficar com qualquer uma delas algum dia poderá considerar-se um felizardo.

— E você poderia ser uma dessas pessoas, Adam — fez-se ouvir a voz afetuosa do sr. Salton.

Nesse instante, os olhos do jovem ficaram com um ar entristecido e o fogo que tinha no olhar se apagou.

Do mesmo modo, o timbre animado de sua voz mudou e suas palavras tomaram um tom desanimado.

— Seria a coroação de minha existência. Receio, porém, que eu não seja merecedor de tanta felicidade, ao menos não sem sofrimento, sem perda e sem desgosto.

— Bom, não há nada melhor do que um dia após o outro — disse Sir Nathaniel, com animação.

O rapaz lançou-lhe um olhar cheio de tristeza.

— Ontem, ou há algumas horas, essas palavras teriam me enchido de novas esperanças, mas desde então fui obrigado a presenciar muita coisa.

O velho senhor, que conhecia muito bem o coração humano, não mostrou desejo de entrar em debate.

— É ainda cedo demais para desanimar, meu filho!

— Não sou um daqueles tipos que desanimam logo — replicou o jovem, com seriedade. — Mas, afinal, reconhecer a verdade é sinal de inteligência. E se uma pessoa jovem ainda e tendo sentimentos como eu os tenho, desde que percebi o olhar de Mimi ontem, é claro que seu coração vai bater mais forte. Não é necessário que outros o digam. Ele está ciente de tudo.

Fez-se silêncio, enquanto a penumbra tomava, aos poucos, conta do recinto. Foi Adam quem voltou a falar.

— Tio, o senhor sabe por acaso se em nossa família alguém foi sujeito a visões?

— Não que eu saiba. Por quê?

— Porque tenho comigo uma convicção que corresponde a este fenômeno — respondeu ele pausadamente.

— E o que mais? — perguntou o velho, extremamente preocupado.

— O inevitável. Trata-se daquilo que nas ilhas Hébridas e em outros lugares onde esse dom é exercido como um culto é denominado fatalismo, aquela palavra final do oráculo que é irrevogável. Ouvi falar muitas vezes sobre visões; na Austrália vivem muitos escoceses provenientes das montanhas ocidentais. Porém, em um minuto apenas, percebi nesta tarde como nunca me acontecera antes na vida, da maneira mais clara, o seu

verdadeiro e derradeiro sentido: um muro de granito, da altura do céu, tão alto que nem o olhar divino conseguiria passar por cima. Bom, se a maldição terá que correr seu curso, então não há outra saída. É isso.

Agora fez-se ouvir a voz baixa e compenetrada de Sir Nathaniel.

— E se, antes, fosse preciso lutar? Na maioria das vezes temos que lutar pelo que almejamos.

— Por quase tudo, menos pela condenação. Farei tudo o que estiver a meu alcance. Haverá luta, sim, será preciso lutar. Quando, onde e como, isso ainda não sei. Mas o que poderá uma pessoa fazer em um caso como esse?

— Adam, somos três. — Salton olhou fixamente para seu velho amigo, cujos olhos relampejavam.

— Perfeitamente, somos três — disse com voz sonora.

Novamente fez-se um silêncio, até que Sir Nathaniel ousou desviar a conversa para um terreno menos emocional e mais neutro.

— E agora, conte como transcorreu o encontro. Lembre-se de que somos seus aliados. É uma luta até as últimas consequências, na qual não poderemos perder nenhuma chance.

— Não deveríamos desprezar nada que nos possa ajudar. Temos que lutar pela vitória. Talvez esteja em jogo uma vida humana. E até mais de uma.

Então Adam continuou em tom de voz normal a sua narrativa:

— Quando o sr. Caswall entrou, o negro manteve-se afastado. Tive a impressão de que esperava ser chamado e, por isso, preferiu ficar nas imediações para estar ao alcance da voz e da vista. Mimi colocou mais uma xícara na mesa e fez chá fresco.

— Aconteceu alguma coisa fora do comum ou correu tudo normalmente? — perguntou Sir Nathaniel, em voz baixa.

— Tudo correu da maneira a mais normal possível. Nada de extraordinário chamou minha atenção, a não ser o fato — e a sua voz endureceu imperceptivelmente — de que ele não despregou os olhos de Lilla e isso de uma forma tão insuportável, principalmente para um homem que tem a maior consideração pela jovem.

— Como ele a olhou?

— Nada havia de ofensivo em seu olhar... mas mesmo assim...

— Você percebeu. A própria srta. Watford, a vítima, e Caswall, o ofensor, não poderão servir como testemunhas. Mais alguém o notou?

— Sim, Mimi. Ela chegou a enrubescer de raiva quando notou o olhar dele.

— Que tipo de olhar foi? Era ardente demais ou demonstrava excesso de admiração, ou como era? Era o olhar de um amante ou de alguém que tem essa intenção? Você compreende, não é?

— Sim, entendo. Algo nesse sentido teria me chamado a atenção. No meu íntimo eu me teria preparado para não perder meu controle diante um olhar semelhante a esse, o que também não teria acontecido.

— Se não foi um olhar que expressava paixão, então foi um de ameaça? Em que consistia a ofensa?

Adam olhou sorrindo para o velho senhor.

— Não havia nada de paixão. Tal fato não me teria causado surpresa. Eu seria o último a criticá-lo, pois eu mesmo pertenço a essa categoria de pecadores. Além disso, fui educado a manter sempre uma conduta honrosa e decente e considero-me uma pessoa justa por natureza. Concederia a um rival tanta generosidade e liberdade quanto esperaria da parte dele. Não, seu olhar era bem diferente. E desde que ele não faltasse com o devido respeito, eu não me teria dado o trabalho de reparar nele. O senhor algum dia já viu os olhos de um cão de caça?

— Quando está em repouso?

— Não, quando segue seus instintos. Ou melhor, os olhos de uma ave de rapina quando espreita a sua presa.

— Não — disse Sir Nathaniel. — Posso perguntar por quê?

— Era o mesmo olhar. Não havia nada de paixão ou algo parecido, mas era mais perigoso, se não mais mortal, do que uma verdadeira ameaça.

Houve um silêncio novamente que somente foi interrompido quando Sir Nathaniel se levantou:

— Acho que cada um de nós deveria refletir sobre o que foi dito aqui. Depois, então, poderemos voltar ao assunto.

Capítulo 7

O sr. Salton tinha um compromisso às 18 horas em Liverpool. Mal ele partira, Sir Nathaniel pegou no braço de Adam.

— Posso acompanhá-lo por alguns minutos até o seu escritório? Eu gostaria de falar contigo sem que seu tio o saiba. Concorda, não é? Esteja certo de que não se trata de simples curiosidade minha. Não, de jeito algum. É a respeito do assunto que interessa a todos nós.

— É preciso deixar meu tio fora da conversa? Isso poderia magoá-lo.

— Não é forçoso, mas é conveniente. Foi por causa dele que perguntei. Meu amigo já é bem idoso e poderia ficar preocupado ou inquieto, sem razão. Prometo que o fato de ficarmos calados não irá lhe causar nenhum desgosto.

— Então, fale — disse Adam simplesmente.

— Como eu já disse, seu tio está com bastante idade. Sei disso, porque passamos juntos nossa juventude. Como ele sempre levou uma vida tranquila e solitária, as estranhas coisas com as quais nos deparamos agora provavelmente o deixarão perplexo e talvez até mesmo assustado. Para as pessoas de idade, tudo o que é novidade representa um peso; em poucas palavras, tudo isso é uma ameaça à sua tranquilidade. É verdade que seu tio é forte e de natureza calma e feliz. Se Deus lhe der saúde e ele continuar a levar uma vida normal, poderá chegar aos cem anos. Por esse motivo acho ser da nossa obrigação poupá-lo de toda e qualquer agitação. Certamente você concordará comigo que, para alcançarmos esse propósito, todo o esforço é justificado. Bem! Leio a resposta em seus olhos, não serão necessárias mais palavras.

E com um tom de voz diferente, prosseguiu:

— Agora conte-me com todos os detalhes o que aconteceu durante a sua visita aos Watford. Vamos lidar com coisas estranhas, até que ponto estranhas não podemos calcular no momento. Sem dúvida essas coisas difíceis de entender e ocultas por trás de um véu com o tempo nos serão desvendadas e então as compreenderemos. Nesse ínterim, não podemos fazer outra coisa a não ser trabalhar com muita paciência, sem medo e com

generosidade, para um fim que achamos ser o certo. Você tinha chegado até o momento em que Lilla abriu a porta para o sr. Caswall e o negro. Em seguida observou que Mimi ficara extremamente preocupada ao perceber como Caswall fitava a sua prima.

— Sim, é certo, só que o termo “preocupada” é muito fraco para caracterizar a sua forte reação.

— Poderia, de memória, descrever o olhar de Caswall e a fisionomia de Lilla? Lembra ainda o que Mimi disse e qual a atitude que ela teve? E Oolanga, o criado negro de Caswall?

— Farei o possível, senhor. Enquanto o sr. Caswall cravava os olhos em Lilla, eles se mostravam fixos e não se moviam, mas não era como se estivessem em transe. Franzia a testa como se quisesse enxergar através de alguma coisa ou olhar para dentro de algo; mesmo quando ele está de bom humor, seu rosto não tem uma expressão suave, mas, quando o contorce, chega a ser quase diabólico. A pobre Lilla teve tanto medo que começou a tremer e depois de algum tempo ficou tão pálida que cheguei a pensar que fosse desmaiar. Ela, porém, manteve-se corajosa e tentou aguentar firme o olhar fixo de Caswall, se bem que de maneira muito mais fraca. Aí Mimi se aproximou dela e segurou sua mão. Isso deu força a Lilla e a cor voltou ao seu rosto, não deixando, no entanto, de olhar fixamente para Caswall.

— E ele também olhava fixo para ela?

— E como! Quanto mais fraca Lilla parecia ficar, mais forte ele se tornava, como se estivesse sugando toda a sua força. Mas de repente ela se virou, levantou os braços e caiu desfalecida. O que aconteceu depois não sei, porque Mimi se ajoelhou ao seu lado e aí não pude mais ver a outra. Então uma sombra escura pôs-se entre nós. Era o negro, que parecia um demônio. Não tenho muita paciência, e o aspecto daquela criatura repelente fez com que meu sangue fervesse nas veias. Assim que me olhou, farejou logo o perigo que vinha bem de perto e foi saindo furtivamente, como se o tivessem posto para fora com pancadas. De uma coisa eu sei agora: ele é um adversário, como não pode haver outro pior.

— A luta continua sendo de três contra dois — objetou Sir Nathaniel.

— Então tanto Caswall quanto o negro se despediram. Mal eles haviam saído, Lilla logo se refez.

— Chegou a saber alguma coisa a respeito do negro? — perguntou Sir Nathaniel. — Quase não consigo conter minha impaciência para saber mais em relação a ele. Receio que ainda nos vá causar sérias dificuldades.

— Sim, senhor, ouvi alguma coisa sobre ele, naturalmente nada de caráter oficial. Mas, por enquanto, temos que nos contentar com boatos. O senhor conhece meu criado Davenport; é meu secretário particular, meu homem de confiança, meu factótum. Ele me é fiel e possui toda a minha confiança. Pedi-lhe para que ficasse a bordo do *West Africa* a fim de descobrir o que pudesse a respeito de Caswall. É claro que o negro o impressionou. Encontrou um comissário de bordo que já esteve inúmeras vezes na África do Sul e que não somente conhecia Oolanga, como também havia feito um estudo sobre ele. Esse homem sabe lidar com pessoas da raça negra, de maneira que elas lhe abrem os corações. Descobriu-se que Oolanga, na sua terra, é um homem importante. Possui duas características que lhe granjeiam respeito entre seu povo: consegue meter medo neles e vive esbanjando dinheiro. Não sei de quem é o dinheiro, mas isso não vem ao caso. De qualquer modo, os negros não se cansam de bajulá-lo. É uma bajulação negativa, mas isso também não tem importância. Sua história é a seguinte: ele começou como caçador de bruxos, o que, entre os nativos, é a profissão mais baixa. Depois foi conseguindo subir, chegando a ser feiticeiro, um cargo que auxilia uma pessoa a alcançar a riqueza através de chantagens. Finalmente alcançou o grau mais elevado no serviço ao demônio, chegando a ser mestre dos bruxos no vodu, sacerdote de um culto infame e de uma crueldade indescritível. Contaram-me alguns de seus atos horrendos. Isso teve como efeito que eu ansiasse pela oportunidade de mandá-lo de volta para o inferno. Chega-se mesmo a pensar que sua aparência transmita o tamanho de sua infâmia. Mas isso é um engano. Monstros como ele pertencem a um estágio anterior e cruel da barbárie. A seu modo, ele até que é um rapaz inteligente. Porém, isso não o torna menos perigoso e detestável. Os marujos me informaram que ele é um colecionador. Alguns deles conseguiram ver sua coleção. E que coleção! Tinha de tudo o que entre os pássaros e os peixes existe de mais perverso. Bicos que conseguem quebrar e rasgar; todo o conjunto dos pássaros era de aves de rapina. E os peixes igualmente pertenciam à espécie que extermina, fere e provoca dores. Posso assegurar que para mim foi uma boa lição do que é a maldade e a mesquinhez. Esse ser expressa uma ruindade suficiente para meter medo até a uma pessoa forte. Não é de admirar que seu semblante fizesse com que a jovem perdesse os sentidos.

Naquele momento, nada mais havendo a fazer, os dois se separaram.

Adam levantou-se de manhã cedo e deu um bom passeio em volta do Brow. Quando passou por Diana’s Grove deu uma espiada para a pequena alameda de árvores. Viu as cobras que o mangusto matara na manhã anterior. Estavam todas enfileiradas, como se alguém as tivesse colocado assim. Sua pele tinha um aspecto úmido e pegajoso. Formigas e outros insetos cobriam os répteis mortos. Sua aparência era tão nojenta que, depois de um olhar, ele prosseguiu a caminhada.

Um pouco mais tarde, quando seus passos o levaram quase que naturalmente até a entrada de Mercy Farm, o negro cruzou seu caminho, esgueirando-se por entre as árvores como uma sombra. Em seu braço estendido, parecendo uma toalha suja, viam-se as cobras repelentes. Era evidente que o negro não avistara Adam. Em Mercy não se via ninguém, a não ser os empregados que se encontravam no pátio. Após ter esperado em vão que Mimi aparecesse, Adam resolveu tomar o caminho de volta.

E, mais uma vez, teve um encontro. Agora era Lady Arabella que vinha em sua direção. Movimentava-se com passos rápidos e estava com tanta raiva que não o reconheceu nem deu sinal de ter percebido seu cumprimento.

Em casa, em Lesser Hill, sua primeira providência foi se dirigir até a cocheira, onde havia deixado o caixote com o mangusto. Levou-o consigo, decidido a terminar no monte de pedras o que havia iniciado no dia anterior. E descobriu que, dessa vez, as serpentes se deixavam matar com maior facilidade. Não eram menos de seis as que o mangusto exterminou nos primeiros trinta minutos. Como nenhuma outra apareceu, deu por terminada sua tarefa do dia e voltou para casa. O mangusto já havia se habituado a ele, permitindo que Adam pegasse nele. Este suspendeu o animal, pousando-o em seu ombro e seguiu caminho. Aí percebeu que alguém vinha ao seu encontro. Reconheceu novamente Lady Arabella.

Até aquele momento o mangusto se mantivera calmo, como se fosse um gatinho mimado e brincalhão, mas, à medida que Lady Arabella vinha se aproximando, Adam notou horrorizado que o pelo do mangusto se eriçou de raiva. Pulou do ombro do rapaz e correu em direção a ela. O animal mostrava-se tão raivoso e agressivo que, involuntariamente, Adam soltou um grito de advertência:

— Cuidado! Cuidado! O animal é perigoso!

Lady Arabella fez uma cara de desprezo maior ainda do que a de hábito e seguiu adiante. Aí o mangusto, dando um pulo, atacou-a

ferozmente.

Adam correu atrás dele com um pau, a única arma de que dispunha no momento. Mas justo no instante em que quase alcançava o animal, a jovem puxou o revólver e atirou no mangusto, quebrando-lhe com isso a espinha dorsal. Não contente com esse ato, desferiu contra ele tiro após tiro, até que não havia mais balas na arma. Nesta hora não demonstrava frieza nem aristocracia. Parecia ter mais ódio do que o animal e isso transparecia em seu rosto desfigurado e em sua ânsia insaciável de matar.

Adam, que não sabia como se comportar na presente situação, tirou o chapéu, como se quisesse pedir desculpas, e voltou rapidamente para Lesser Hill.

Capítulo 8

FORÇAS RESISTENTES

No café da manhã, a atenção de Sir Nathaniel foi chamada para o fato de que Adam parecia nervoso por algum motivo, mas evitou fazer qualquer pergunta, pois, na velhice, leva-se mais a sério o valor do silêncio do que na juventude. Somente quando os dois se encontravam no escritório para onde Sir Nathaniel tinha seguido Adam, o rapaz começou a relatar o que acontecera pela manhã. Era visível que o rosto de Sir Nathaniel se tornou sombrio e, quando Adam terminou seu relatório, demorou algum tempo antes de tomar a palavra:

— Isso é muito grave. Ainda não consegui formar uma opinião definitiva a respeito do assunto, mas, à primeira vista, parece mais sério do que eu esperava.

— Mas, senhor! A morte de um mangusto, fosse ele morto por quem quer que fosse, chega a ser uma coisa tão grave assim?

Seu interlocutor fumava silencioso, antes que se fizesse ouvir:

— Pode ser que eu modifique minha opinião depois que tiver refletido o suficiente sobre a questão, mas, enquanto isso, só posso dizer que existe alguma coisa de horrível por trás destes fatos, alguma coisa que poderá influir em nossa vida, podendo significar vida ou morte para cada um de nós.

Adam endireitou-se, assustado.

— Por favor, diga-me o que quer dizer, caso não tenha qualquer objeção, é evidente.

— Não tenho objeções, Adam, e, mesmo que as tivesse, eu as deixaria de lado. Temo que agora não possamos mais usar da discrição.

— Realmente, senhor, isto soa cada vez pior.

— Adam, receio muito por nós, por você e por mim. Em todo o caso, chegou a hora de falarmos sem rodeios um com o outro. Não é de opinião que todo esse assunto contém algo de muito misterioso?

— Há muito tempo que venho pensando assim. Não sei o que se pode fazer nem por onde começar.

— Comecemos pelo que acabou de me contar. Em primeiro lugar, vejamos a questão do comportamento do mangusto. Ele estava calmo e até mesmo confiante e carinhoso contigo. E só se tornou agressivo ao avistar as cobras, mas isso é afinal seu trabalho vital.

— Justamente.

— Portanto, temos que descobrir por que atacou Lady Arabella.

— Poderia se dar o caso de um mangusto possuir um instinto de agressão que não possa diferenciar pessoas de animais?

— Talvez seja possível. Por outro lado, não deveríamos nos dar por satisfeitos que ele ataque indiscriminadamente? Se durante séculos esse animal é conhecido pela particularidade de somente agredir uma única espécie, supõe-se imediatamente que, ao atacar um gênero de animal até agora desconhecido, reconheça nesse outro animal uma qualidade igual àquela apresentada pelo seu inimigo mortal?

— Um ótimo argumento, senhor — prosseguiu Adam —, porém perigoso. Se continuarmos seguindo essa linha de raciocínio, isso nos levaria a acreditar que Lady Arabella seja uma cobra.

— Antes de chegarmos tão longe, teremos que nos certificar se não deixamos de lado nenhum outro ponto que nos possa esclarecer o que não tem explicação.

— Como assim?

— Suponhamos que o instinto se apoie em bases físicas. No cheiro, por exemplo. Se o instinto de agressão for despertado por ele, então teríamos encontrado o motivo que procuramos.

— Sim, naturalmente.

— Você disse que, pouco antes, o negro vinha da direção de Diana’s Grove e que ia levando as serpentes que o mangusto matara no dia precedente. Não seria possível que o cheiro viesse daquele lado?

— Claro que sim, e é até bem provável. Eu mesmo não teria pensado nisso. Não se poderia calcular quanto tempo perdura este odor? Veja o senhor, trata-se de um cheiro natural que provavelmente parte de um lugar onde agiu durante milênios. Em segundo lugar, será possível que um cheiro possa ser afetado por uma outra característica diferente, seja boa ou má? Faço essa pergunta porque o nome antigo da casa habitada pela jovem agredida era a “Toca do Verme Branco”. Se assim for, nossas dificuldades se multiplicaram infinitamente. Teremos que tratar com categorias

moralizadoras. E antes de nos darmos conta, estaremos participando desta luta entre o bem e o mal.

O sorriso de Sir Nathaniel era contrafeito.

— Com relação à primeira pergunta, pelo que eu saiba, não existem períodos determinados para que um cheiro se mantenha, e poderemos partir do princípio de que tal período não se estenda através de milênios. E não posso julgar se uma mudança de moral é acompanhada por uma mudança física. Jamais tive que me defrontar com tal tipo de fenômeno. Mas, ao mesmo tempo, não podemos esquecer que o "bem" e o "mal" têm uma concepção muito vasta e que abrangem toda a criação, inclusive as ações e reações nela incluídas. Eu diria que tudo pode ser considerado como a "causa original". Enquanto as forças inerentes ou as tendências para essas coisas forem desconhecidas para nós, devemos partir do ponto de vista de que se trata de mistérios.

— Então existe mais uma pergunta na qual tenho interesse em saber sua opinião. Supondo que existam forças que atuem constantemente e que têm ligação com o passado, poderíamos dar a essas forças o nome de "resistentes"? Pertenceriam elas tanto ao lado do bem quanto ao do mal? Se, por exemplo, o odor do monstro pré-histórico se mantivesse em correspondência ao tamanho original, essa resistência não poderia também pertencer às coisas boas?

Sir Nathaniel refletiu antes de responder.

— Temos que tomar cuidado para não fazer confusão entre físico e moral. Percebe que você se concentra mais na parte moral, e, assim, cuidaremos dela em primeiro lugar. No que concerne à moral, temos boas razões para supor que os mistérios da religião nos são manifestados nas revelações. Assim, por exemplo, acontece que "ardentes orações" de uma pessoa boa podem alcançar muita coisa. Do lado do mal, não se conhece nada parecido. Se acreditarmos nesses dizeres, não precisaremos ter mais medo dos "mistérios". Estes vêm a ser obstáculos comuns.

De súbito, Adam mudou de assunto.

— E agora, eu gostaria de me ocupar com questões práticas. Ou, melhor dizendo, históricas.

Com um aceno, Sir Nathaniel deu a entender que concordava.

— Já falamos a respeito da história de determinados lugares desta região, até onde é conhecida: Castra Regis, Diana's Grove, Toca do Verme

Branco. Mas, então, não existem localidades que tenham relação com coisas boas?

— Por exemplo? — perguntou Sir Nathaniel, atento.

— Esta casa e Mercy Farm.

— Sim, aqui nos dedicamos ao outro lado — disse Sir Nathaniel. — Ao lado bom das coisas. Comecemos por Mercy Farm. Quando o papa Gregório enviou Santo Agostinho para catequizar a Inglaterra, na época dos romanos, este foi recebido e protegido pelo rei Etelberto de Kent. Sua esposa, uma filha do rei de Paris, Charibert, era cristã e mostrou-se a favor dele. Em memória de Santa Columba, fundou um convento que foi denominado *Sedes Misericordiae*, que quer dizer "Casa da Misericórdia". Como a região pertencia ao reino de Mercia, houve uma fusão de ambos os nomes. E como Columba em latim significa pomba, esta ave se tornou como um símbolo para o convento. Essa ideia foi mantida e o convento veio a se tornar a casa dos pombos. Alguém enviou para o claustro uma raça de pombos recém-descoberta, que apresentava na penugem branca da cabeça até a nuca uma espécie de touca de freira. O convento manteve-se no auge durante mais ou menos um século e só teve seu declínio quando Penda introduziu novamente o paganismo. Mas, nesse período, as pombas, protegidas pela devoção, tinham se multiplicado tremendamente e eram conhecidas em todas as comunidades. Quando 150 anos mais tarde o rei Offa reinava em Mercia, lutou novamente pelo cristianismo e o convento ganhou outro impulso, mas somente para ter um novo declínio com o passar do tempo. Mas antes de o convento desaparecer, ele se havia tornado famoso por sua caridade. A devoção das freiras era célebre. Se boas ações, preces, esperança e reflexões sinceras têm efeito moral, então pode-se denominar Mercy Farm e todos os seus arredores como chão sagrado.

— Obrigado, senhor — falou Adam, com sinceridade, calando-se. Sir Nathaniel compreendeu o seu silêncio.

Depois do almoço, Adam convidou Sir Nathaniel casualmente para um passeio. O experiente velho diplomata desconfiou que o rapaz tinha uma determinada intenção e concordou de imediato.

Mal se encontraram fora de vistas estranhas, Adam começou:

— Infelizmente aqui nas redondezas estão acontecendo mais coisas do que as pessoas possam imaginar. Hoje de manhã, quando saí, encontrei uma criança à margem da estrada, perto de um bosque. Primeiro pensei que

estivesse morta, porque se mantinha imóvel. Enquanto eu examinava a pequena, descobri sinais de mordida em sua nuca.

— Talvez fossem provocadas por um cão vadio?

— É possível, senhor, se bem que eu não o creia. Mas deixe-me continuar. Olhei em volta e percebi, para meu espanto, que, entre as árvores, algo branco se movia. Deitei com cuidado a criança e penetrei no bosque, mas não obtive mais pistas. Então voltei para junto da criança e continuei a examiná-la. Para minha satisfação e para meu alívio, constatei que a pequena ainda vivia. Friccionei-lhe as mãos e, aos poucos, ela foi voltando a si. Mas fiquei muito decepcionado porque ela não conseguia se lembrar de nada. Sabia somente que algo se aproximara dela por trás, pegando-a pelo pescoço. Aí então perdera os sentidos.

— Se foi agarrada pelo pescoço, não pode ter sido um cão.

— E isso não é o pior! Trouxe o senhor até aqui por esse motivo, para não podermos ser ouvidos. Mas deve ter notado que Lady Arabella não anda, desliza. Estou certo de que a coisa branca que vi no bosque era a dona de Diana’s Grave!

— Deus Todo-Poderoso, tenha cuidado com o que diz!

— Sim, senhor, tenho plena consciência de minha acusação, mas estou convencido de que as marcas de mordida no pescoço da criança provinham de um ser humano; de uma mulher.

O acompanhante refletiu enquanto permanecia calado.

— Adam — disse ele, finalmente —, a coisa me parece mais grave do que pensa. Ela me obriga a abusar da confiança de meu velho amigo, seu tio, mas como quero poupá-lo, não tenho outra escolha. Há já algum tempo que vêm acontecendo coisas em nossa vizinhança que o abalaram muito: pessoas que desapareceram sem deixar vestígios, uma criança foi encontrada morta sem que se pudesse descobrir a causa da morte, cordeiros e outros animais encontrados no pasto com ferimentos expostos.

“Além disso ainda outros fatos aconteceram, muitos deles parecendo triviais. Em todo o caso, uma energia negativa está agindo e confesso que desconfio de Lady Arabella. Essa também é a razão pela qual lhe fiz perguntas pertinentes a respeito do mangusto e de sua agressão à jovem. Certamente deve ter considerado uma ousadia de minha parte o fato de ter desconfiado da dona de Diana’s Grove, uma mulher bonita e de nascimento nobre. Deixe-me explicar: a sede da família em Doom Tower se encontra na minha vizinhança mais próxima. Antigamente mantive uma boa amizade

com a família dela. Lady Arabella quando jovem não voltou de um passeio ao bosque. Acharam-na desmaiada, com febre alta, e o médico constatou que o motivo foi uma mordida venenosa. Como era de constituição frágil, sua condição era bem grave, tão grave que nem se podia pensar que fosse sobreviver. Um conhecido médico de Londres foi chamado, mas ele também não pôde ser de nenhuma ajuda, chegando até a afirmar que a menina não passaria daquela noite. Todas as esperanças já haviam sido perdidas quando Lady Arabella, para o maior espanto de todos, recuperou-se de repente e, depois de alguns dias, andava por ali como se nada tivesse acontecido. Mas como ficaram espantadas as pessoas da família quando ela desenvolveu uma tendência para a crueldade tão grande que chegou a ferir pássaros e pequenos animais e os mutilava e até os matava. Isso era atribuído a um distúrbio nervoso provocado pela mudança de idade e esperava-se que, com o casamento com o capitão March, tudo ficaria normalizado. Mas não chegou a ser um matrimônio feliz. Certo dia, encontraram seu marido morto com um tiro na cabeça. Sempre pensei que ele tivesse se suicidado, apesar de não ter sido encontrada arma alguma ao lado do morto. O pobre coitado deveria talvez ter descoberto Deus lá sabe o que, de modo que Lady Arabella possivelmente o matou. Juntando os vários indícios que encontrei com o decorrer do tempo, cheguei à conclusão de que o nojento Verme Branco tinha se apoderado dela quando sua alma quis se livrar do corpo, deste modo estaria explicado por que se reacendeu sua energia e o inexplicável anseio de matar e de judiar, bem como muitas outras coisas com as quais não quero aborrecê-lo. Como já disse, só Deus sabe o que o capitão March descobriu. Deve ter sido algo tão monstruoso que uma pessoa não seria capaz de aguentar.”

Adam concordou com um aceno de cabeça.

— O que podemos fazer agora? O problema parece-me não ser nada fácil de resolver.

— Não podemos fazer nada, meu filho, isso é o mais importante. Será impossível tomar qualquer iniciativa. Não nos resta outra alternativa a não ser ficarmos atentos, principalmente por causa de Lady Arabella. E, se houver uma oportunidade, deveremos agir prontamente.

Adam deu-lhe razão e ambos voltaram para Lesser Hill.

Capítulo 9

O CHEIRO DA MORTE

Embora não falasse a respeito, Adam não deixou de estar ligado ao assunto. Combinara com Sir Nathaniel de não dar maior atenção ao terrível medo que Lady Arabella tinha do mangusto, mas estava sempre pronto para agir, desde que se apresentasse a oportunidade. Ele próprio continuava à procura de informações ou dicas que justificassem uma ação de sua parte. Atordoado pela morte do mangusto, Adam procurava uma linha a seguir. A ideia de que deveria haver uma ligação entre a mulher e o animal o fascinava, mas já estava se preparando para um novo ataque.

Queria se aproveitar ao máximo das faculdades de Oolanga no esclarecimento do mistério. Em primeiro lugar mandou Davenport para Liverpool à procura do comissário do *West Africa* que lhe falara a respeito de Oolanga. Caso fosse possível, deveria tentar tirar um número maior de fatos concernentes ao negro. Então ele queria ver se conseguiria, por intermédio de suborno ou de outros meios, fazer com que o negro viesse até o Brow. Tão logo ele próprio pudesse falar com o feiticeiro, estava certo de que saberia de algo útil. Davenport teve sucesso na missão que lhe fora confiada, voltando com um segundo mangusto que havia comprado e pôde contar a Adam que chegara a falar com o camareiro. E este lhe dissera o que ele desejava saber. Além do mais, conseguiu fazer com que Oolanga fosse a Lesser Hill no dia seguinte.

A esta altura, Adam já se sentia tão seguro do caminho que deveria seguir que pôde confiar até certo ponto em Davenport. Chegou à conclusão de que, por enquanto, seria melhor que ele mesmo não aparecesse, deixando este papel para Davenport, que concordou. Depois que a questão tivesse evoluído mais um pouco, ainda estaria em tempo dele próprio entrar em ação.

No caso de o negro estar contando a verdade, esse homem seria um verdadeiro achado e poderia ser muito útil para alcançarem seu objetivo. Pois ele assegurava que podia sentir o cheiro da morte. A fim de pôr essa qualidade à prova, Adam queria levá-lo a lugares diferentes e esperar para

ver como se comportaria. Mostrava-se tão ansioso que tinha a impressão de que o tempo não passava.

Seu único consolo foi o fato de que, na manhã seguinte, chegou um caixote reforçado, despachado por Ross e cuja chave estava em poder de Davenport. No caixote encontravam-se dois recipientes, ambos trancados. Em um deles estava um mangusto que deveria substituir o que foi morto por Lady Arabella. No outro encontrava-se um mangusto especial que matara uma cobra naja no Nepal. Depois que os animais foram colocados em um abrigo, num lugar seguro, ele sentiu que podia respirar mais livremente. Com exceção dele e de Davenport, ninguém mais deveria ter conhecimento da presença dos animais na casa.

Adam arranjou as coisas de tal maneira que Davenport desse umas voltas com Oolanga pelas redondezas e desse uma parada com ele em determinados lugares. No Brow, ele deveria voltar pelo mesmo caminho da ida e induzir o negro a tocar novamente nos mesmos assuntos com Adam, que encontrariam casualmente, por assim dizer, atrás de Mercy Farm.

Tudo deveria correr como Adam previra. Perto de Mercy Farm, de Diana’s Grove, em frente a Castra Regis e alguns outros lugares, o africano ficou parado, inspirando o ar, com as narinas trêmulas. Estava sentindo o cheiro da morte, dissera ele, mas nem sempre de maneira igual. Perto de Mercy Farm falou de muitas mortes pequenas. Perto de Diana’s Grove seu comportamento foi bastante diferente. Notava-se nele a satisfação e o prazer quando falava de grandes mortes. Ali também ele inspirava o ar como se fosse um sabujo farejando uma pista, deixando transparecer certa surpresa. Não disse palavra alguma, nem de elogio nem de insulto. Porém, no centro da gruta, onde se encontrava um bloco de granito no qual se via na parte superior uma pequena escavação, bloco esse escondido entre troncos de carvalho muito velhos, ele se curvou, encostando a testa no chão. Foi o único lugar em que demonstrou veneração. Diante de Castra Regis, ao contrário, onde também falou de muitas mortes, não deixou transparecer sinal algum de deferência.

Ao redor de Diana’s Grove havia alguma coisa que o interessou, deixando-o perplexo. Antes de continuarem, movia-se inquieto e, em um ponto perto da ribanceira do Brow, onde era visível uma profunda gruta, aparentou estar com medo. Depois de ter se virado várias vezes para aquele local, de súbito deu uma volta e saiu correndo apavorado, morro acima, tendo que passar por cima do rochedo saliente. Somente então é que pôde

respirar mais aliviado outra vez e recobrou sua usual atitude desavergonhada. Tudo isso ia ao encontro do que Adam esperava. Ele voltou calmo e tranquilo para Lesser Hill. Sir Nathaniel seguiu-o até seu escritório.

— Esqueci-me de perguntar antes a respeito das particularidades de uma coisa. Naquela ocasião em que Caswall fitou Lilla, como ela se comportou?

— Ela dava a impressão de estar muito assustada e tremia como uma pomba perante o falcão, ou uma ave diante da serpente.

— Obrigado. É exatamente o que eu esperava. Na família Caswall, certas circunstâncias apontam para o fato de que, desde os tempos os mais remotos, seus membros possuem extraordinárias qualidades hipnóticas e de mesmerismo. Bastava um olhar dirigido à fisionomia deles para que uma pessoa experiente pudesse reconhecer essas qualidades. A comparação que você fez instintivamente ou de propósito, entre o falcão e a pomba, está certa. Em nossas pesquisas penso que poderemos partir dessa qualidade hipnótica como sendo um fato.

Mal havia escurecido, Adam pegou o novo mangusto, não o do Nepal, e foi caminhando lentamente com ele em direção a Diana’s Grove. Não muito longe da entrada, encontrou Lady Arabella, usando uma roupa bastante justa, que acentuava sua figura esbelta.

Para seu espanto, o mungo deixou-se acariciar por ela, permitindo que Lady Arabella o tomasse nos braços. Como ia seguir na mesma direção que Adam, continuaram a andar juntos. No caminho entre as entradas de Diana’s Grove e Lesser Hill, havia muitas árvores que só tinham pouca folhagem nas pontas dos galhos. Devido à escuridão, a visibilidade entre os troncos, muito juntos uns dos outros, tornou-se mais difícil. Quase não se podia distinguir nada, de modo que ele a perdeu de vista e se voltou, retornando pelo mesmo caminho, à procura dela. Próximo à entrada de sua propriedade ele a encontrou. Estava encostada na cerca. Como não via o mangusto em lugar algum, perguntou se ela sabia onde o animal estava escondido.

— Ele fugiu dos meus braços enquanto eu o acariciava — retorquiu ela. — E então desapareceu rapidamente debaixo da cerca viva.

Foram encontrá-lo em um local onde o caminho fora alargado, a fim de dar passagem para dois carros. O animalzinho parecia outro. Antes tinha vivacidade e pulara o tempo todo, enquanto que agora mostrava-se

atordoado e sem vida. Sem que fizesse diferença entre um e outro, consentiu que ambos o pegassem e o levassem ao colo; porém, nos braços de Lady Arabella, ele ficava olhando em volta, assustado, como se quisesse fugir. Mal chegaram à estrada, Adam apertou o mangusto de encontro a si e caminhou rápido em direção a Lesser Hill, depois de ter tirado o chapéu cumprimentando a sua companheira. Na escuridão, logo a perdeu de vista.

Chegando em casa, Adam colocou o mangusto no caixote e fechou o aposento. O segundo espécime, aquele do Nepal, estava em segurança em seu caixote e não se mexia.

Quando Adam entrou no seu escritório, Sir Nathaniel entrou logo atrás a fim de lhe fazer companhia, cerrando a porta.

— Vim aqui com a finalidade de trocarmos a sós algumas palavras, porque preciso lhe dizer uma coisa sobre os Caswall que poderia interessá-lo. Aqui na região, havia uma crença de que os Caswall possuíam o poder de impor a vontade deles aos outros. Em diversas reminiscências ou crônicas locais, havia alusões a respeito. Mas conheço apenas uma obra em que essa questão é abordada abertamente. Chama-se *Mercia e seus nobres*, um livro escrito por Ezra Toms há cem anos. O autor entrou em pormenores no que se refere ao relacionamento entre Edgar Caswall e Mesmer, em Paris. Diz ali que Caswall fora um aluno e um colaborador de Mesmer, e que levou consigo uma porção de literatura filosófica e de instrumentos elétricos, quando finalmente deixou a França. Não se tem notícia de que Mesmer tenha utilizado mais tarde esses aparelhos. De uma observação feita a um amigo seu, concluímos que ele os tinha dado a um ex-aluno. Ele empregava um termo estranho, dizendo que os deixara de herança, mas não se tem conhecimento de uma herança de Mesmer dessa natureza. Bem, é fato que os aparelhos haviam desaparecido e nunca mais foram vistos.

Um empregado entrou, dizendo a Adam que ouvira uns ruídos esquisitos provenientes do aposento trancado. Adam não perdeu tempo e foi correndo para lá, enquanto Sir Nathaniel o seguia. Depois de ter trancado a porta, Adam abriu os caixotes onde se encontravam presos os dois mangustos. De um deles não saía nenhum som, ao passo que no outro, o mangusto se debatia inquieto. O lamento nervoso que se ouvia partia do animal do Nepal, que logo a seguir se acalmou. O animal do outro caixote jazia morto e todos os sinais indicavam que havia sido estrangulado.

Capítulo 10

A PIPA

No dia seguinte, Adam pôs-se a caminho de Mercy Farm, um pouco depois das 16 horas. Às 18 horas em ponto estava de volta. Mostrava-se pálido e muito nervoso, mas, por outro lado, parecia estar controlado e pensativo. O velho senhor expressou sua impressão com as seguintes palavras: “Armado para a luta!”

— Então, o que há? — perguntou Sir Nathaniel, acomodando-se na poltrona. Ele fitava Adam o tempo todo e prestava atenção para não perder nada, nem mesmo a entonação de uma só palavra.

— Encontrei Lilla e Mimi em casa. Watford fora retido na fazenda devido ao trabalho. A sra. Watford me recebeu tão amavelmente quanto antes. Mimi também pareceu contente ao me ver. O sr. Caswall entrou tão repentinamente depois de mim que ele ou alguém a quem dera ordens deve ter observado minha chegada. Nos seus calcanhares vinha o negro, ofegante, dando a impressão de ter corrido. Por isso é de se supor que era ele quem estivera de alcateia.

“O sr. Caswall demonstrava frieza e tranquilidade, porém seu semblante e seu olhar eram mais duros do que o habitual, o que não me agradou nem um pouco. Mas nem por isso deixamos de ter uma boa conversa. Ele falava de vários assuntos de maneira agradável. Depois de algum tempo o negro desapareceu, como na vez anterior. O olhar do sr. Caswall, como sempre, se fixava em Lilla, é certo que de maneira profunda e séria, sem porém ser ofensiva. Se não fosse pelas sobrancelhas enrugadas e pelo queixo contraído, eu nada teria percebido de anormal. No entanto, seu olhar se tornou cada vez mais intenso depois que começou a fitar a jovem. O nervosismo de Lilla foi aumentando como na primeira ocasião, mas ela conseguiu se manter controlada. Porém, quanto mais nervosa ia ficando, tanto mais implacável se tornava o olhar de Caswall. Ficou evidente para mim que eu estava presenciando uma luta entre meios hipnóticos ou de mesmerização.

“Depois de uns momentos ele olhou ao redor, levantou uma das mãos sem que Mimi nem Lilla o tivessem percebido. Esse era o sinal para o

negro, que entrou pé ante pé através da porta aberta, como era seu hábito de mover-se.

“O olhar do sr. Caswall tornou-se ainda mais intenso, e o nervosismo da pobre Lilla aumentou ao máximo. Mimi, que sentiu a aflição da prima, postou-se ao lado dela, como se quisesse consolá-la ou lhe dar forças com a sua proximidade. Isso, por seu lado, dificultou a ação de Caswall, pois seus esforços, que de modo algum enfraqueceram, pareciam produzir menos efeito. Assim, a situação continuou a favor de Mimi e de Lilla, por algum tempo ainda.

“Mas, então, houve uma digressão. Sem uma palavra ou uma desculpa sequer, a porta foi aberta e Lady Arabella March entrou. Eu havia percebido sua chegada através da janela. Ela atravessou o aposento, calada, e se postou ao lado de Caswall. Então ocorreu uma luta muito estranha. Quanto mais tempo durava, mais séria e exasperante ela ia se tornando. Essa união de energias, o proprietário, a dama de branco e o negro, teria sido impossível no sul dos Estados Unidos, e provavelmente lhes teria custado a vida. Para nós não era menos terrível, mas não nos era incompreensível. Para usar o jargão do esporte, acontecia uma luta até as últimas consequências e a equipe mista não enfraqueceu em minuto algum. Já se notava claramente o desgaste em Lilla, porque estava ficando cada vez mais pálida. Era uma palidez com manchas, o que demonstrava que seus nervos estavam a ponto de explodir. Tremia como uma vara verde e percebi que mal se aguentava em pé, embora se defendesse contra sua fraqueza. Chegou quase a desmaiar praticamente uma dúzia de vezes, mas bastava um olhar de Mimi para lhe dar novas forças para continuar na luta.

“Enquanto isso, o semblante de Caswall perdera sua passividade aparente. Seus olhos brilhavam de modo sinistro. Parecia um daqueles romanos do tempo antigo, de uma vontade inquebrantável. A isso se aliava uma enorme raiva. Seus companheiros de luta também pareciam terem sido atingidos por ela. Lady Arabella parecia uma pessoa sem alma, um ser sem compaixão, de uma natureza que não parecia humana, a não ser que se acreditasse nos velhos mitos, nos quais se fala de pessoas que perderam sua característica humana ao sofrerem transformações. E, com relação ao negro, bem, só sei dizer que, seguindo seu conselho, desisti da vontade de aniquilá-lo assim como lá estava, sem aviso algum e sem lhe dar nenhuma chance. Lilla continuava calada, desamparada em sua agonia e completamente concentrada no que se passava. Mimi, ao contrário, estava

absolutamente tomada pela força de resolução e absorção, tão aprofundada na luta travada em sua alma que não havia espaço para outros pensamentos. E eu, bem, as algemas que me foram impostas pela própria vontade e que me condenavam a ficar de braços cruzados, eu as sentia como se fossem faixas de aço que tornavam insensíveis todos os meus sentidos, menos os da visão e os da audição. Parecíamos presos em um impasse. Alguma coisa tinha forçosamente que acontecer. Como em um sonho, percebi o movimento de umas das mãos de Mimi. Ela tocou em Lilla, que, no mesmo instante, se transformou. Voltaram-lhe juventude e força, depois que sentimentos de força de resolução davam a impressão de tê-la abandonado. Pegou na mão da outra com tanta impetuosidade que as juntas ficaram esbranquiçadas. Com o esforço, suas faces enrubesceram como se estivesse sendo iluminadas por uma luz divina. Levantou-se lentamente. Com a mão direita erguida, foi se dirigindo para Caswall, parecendo levar-lhe uma estranha força invisível. Repetia sempre o mesmo gesto e a cada vez o homem recuava um passo. Já se aproximava da porta, mas ela continuava firme. Agora, ouviu-se um barulho, que aumentava a cada segundo e se tornava mais intenso. E a cada passo de recuo de Caswall, o barulho que partia de uma fonte desconhecida aumentava ainda mais, até que alcançou seu auge no exato momento em que ela, com um gesto largo, lançou algo contra seu inimigo e ele, cobrindo o rosto com as mãos, foi atirado para fora através da porta.

“De repente, voltei a ser o senhor dos meus sentidos. Eu via e ouvia tudo ao meu redor e estava plenamente consciente do que acontecia. Todos ainda haviam permanecido ali, embora eu os visse apenas através de uma espécie de véu. Lilla caiu ao chão desfalecida e Mimi, em um movimento de triunfo, ergueu os braços. Pela grande janela vi, e ao mesmo tempo percebi, que o sol inundava a terra, sobrevoada por grandes bandos de pássaros. Ficaram diante do sol, obscurecendo-o.”

Na manhã seguinte, a luz do dia revelou o perigo ameaçador em toda a sua extensão. De todas as partes do leste do condado chegaram informações sobre a invasão de enormes bandos de pássaros. Especialistas — por iniciativa própria, em proveito da ciência e a mando das autoridades locais e superiores — enviaram relatórios que tratavam do assunto e propunham que se tomassem medidas acauteladoras.

Os relatórios que chegavam das redondezas eram talvez os mais preocupantes. Tinha-se a impressão de que os bandos de pássaros vindos de

todas as direções iam aumentando. É verdade que muitos deles se retiravam voando, mas a quantidade parecia não diminuir. E cada pássaro emitia sons de medo, ou raiva, ou ânsia, e o bater das asas não parava, enchendo o ar com o seu adejar. Nenhuma janela, nenhuma parede podia deter o barulho atordoador em sua intensidade. Era tão monótono, tão triste, tão desanimador e tão cheio de melancolia que todos ansiavam em vão por uma mudança, por mais horrível que fosse.

Na manhã seguinte, chegaram notícias piores ainda. Os camponeses aguardavam o inverno com apreensão, porque as frutas haviam sido devoradas pelas aves. Mesmo assim, nada mais era do que uma advertência do mal, e não o mal em si. A terra se tornava desolada e erma quando qualquer barulho assustava os pássaros, fazendo com que levantassem voo.

Edgar Caswall quebrava a cabeça em vão, à procura de um meio para combater essa praga. Finalmente se lembrou de uma forma que prometia dar uma solução para o problema. Recordou-se de uma aventura que tivera há muitos anos quando estivera na China. O fato acontecera nas cabeceiras dos afluentes do Iang-tse-quiang, onde os pequenos rios e riachos formavam um sistema de irrigação natural, levando água às plantações de arroz. Aproximava-se a época da colheita e os bandos de pássaros que atacavam as plantações eram uma séria ameaça não apenas para a região, mas também para todo o país. Mas os camponeses, que todos os anos tinham que lutar contra esse problema, sabiam como acabar com ele. Fizeram uma enorme pipa que deixaram circular por cima daquela parte mais atacada. A pipa tinha o formato de um gigantesco falcão. Mal levantava o voo, os pássaros se abaixavam, temerosos, procurando refúgio e, no final, desapareciam completamente. Enquanto a pipa permanecia no ar, eles não se mexiam mais e a colheita estava salva.

De acordo com isto, Caswall deu ordens a seus empregados para que construíssem uma enorme pipa que se assemelhasse a um falcão. Então, com a ajuda deles, prendeu-a a uma corda bem longa e a puseram no ar. E a experiência feita na China foi repetida aqui. Mal a imagem foi suspensa no ar, os pássaros começaram a procurar proteção. Na manhã seguinte, a pipa continuava no ar e em toda a redondeza visível de Castra Regis não havia pássaro algum. Porém uma outra desgraça ainda maior se seguiu à primeira. As aves haviam se escondido e silenciado. Não se ouvia o seu cantar e o seu pipilar; no lugar do canto normal das aves, havia apenas um silêncio profundo. Mas isso não era tudo. Esse silêncio apoderou-se de toda a fauna.

O medo e a timidez que tinham tomado conta das criaturas aladas teve influência sobre todos os seres, até mesmo o mugido das vacas não era mais ouvido. Em lugar dos ruídos da vida entrara um silêncio que preconizava desgraça. Era mais horrível, mais desencorajador e mais deprimente do que qualquer outro ruído, por mais amedrontador que fosse. Os devotos rezavam pela salvação dessa quase insuportável monotonia. Em pouco tempo, podiam-se notar sinais de um desânimo geral. Os semblantes não expressavam qualquer sinal de vida, de interesse nem de ideias e, principalmente, de esperança. As pessoas pareciam ter perdido a capacidade de demonstrar seus sentimentos. O silêncio era como uma escuridão total e ouvia-se os dentes serem trincados de dor.

Não havia como se libertar desse silêncio que dominava tudo. Melancolia era a nota reinante. Desaparecera a alegria, um importante fator da vida, dando lugar a um vazio. A enorme mancha lá nas alturas era como se fosse um infortúnio, como uma crença contra a humanidade, que afligia a todos, roubando-lhes qualquer tipo de esperança.

Depois de poucos dias, as pessoas começaram a ficar desesperadas. As palavras e os sentidos pareciam estar represados. Edgar Caswall tornou a quebrar a cabeça procurando um antídoto contra o mal ou que ao menos pudesse suavizar um pouco a situação. Ele teria preferido abaixar a pipa ou até mesmo destruí-la, mas, assim que ele a punha no chão, os pássaros retornavam em maior quantidade ainda e todos os que se dedicavam à agricultura enviavam seus protestos para Castra Regis.

A influência da pipa amedrontadora era na verdade muito esquisita. Até os seres humanos eram afetados por ela. Para as pessoas de Mercy Farm era como o gosto amargo da morte. Lilla o sentia mais do que todos os outros. Se ela realmente fosse uma pomba ameaçada pela pipa no ar, não poderia demonstrar mais medo.

É evidente que esse efeito não passou despercebido. As pessoas que se interessavam pelo assunto trocavam suas ideias a respeito. Era por demais curioso o fato de que fora o negro quem menos ligara para o silêncio fantasmagórico. Parecia que a natureza o havia dotado de nervos muito fortes. Mas somente isso não era uma explicação para sua indiferença e assim as pessoas matutavam sobre o verdadeiro motivo por ele não ser afetado pelo silêncio. Adam não demorou muito a chegar à conclusão de que deveria haver uma compensação, não concedida aos outros, e acreditava que essa compensação tinha qualquer coisa a ver com a sua

satisfação em assistir ao sofrimento alheio. E agora o negro tinha uma fonte inesgotável de divertimento.

A índole fria de Lady Arabella deixava-a insensível ao sofrimento das outras pessoas e também Edgar Caswall era um homem duro demais para se comover com os pobres seres desamparados e, muito menos ainda, com as criaturas silentes. O sr. Watford, o sr. Salton e Sir Nathaniel, todos eles haviam sido atingidos, e por duas razões: antes de tudo, nenhum deles conseguia ver o sofrimento de alguém sem se comover e, em segundo lugar, sendo moradores do campo, eram obrigados a proteger sua colheita se não quisessem ficar arruinados.

Mas Lilla era a que mais sofria. Com o passar do tempo, seu rosto foi afinando e os olhos ficaram vermelhos de tanto chorar e turvos de tanto olhar. E Mimi sofria com a prima. Mas, como nada podia fazer, manteve-se retraída, exortando-se a si mesma para controlar-se e ter paciência. Seu único consolo eram as repetidas visitas de Adam.

Capítulo 11

A ARCA DE MESMER

Depois de algumas semanas, parecia que a pipa dava a Edgar Caswall nova alegria de viver. Jamais se sentia cansado de seguir seus movimentos. Mandou colocar uma poltrona confortável na torre, de onde ele por vezes passava sentado o dia inteiro para ficar admirando a pipa como se fosse um brinquedo novo e ele uma criança que o ganhou de presente. Contudo, não perdeu seu interesse por Lilla, o que demonstravam suas repetidas visitas a Mercy Farm.

De fato, seus sentimentos por ela, fossem lá como eram, mudaram de tal forma que se transformaram em uma afeição distinta de um tipo puramente animal. Parecia que a natureza do homem se tornara corrupta, e que todas as suas características mais egoístas e implacáveis ficaram mais flagrantes. Não havia nada muito rígido em sua natureza, porque havia menos autocontrole. A determinação se transformara em indiferença.

A visível mudança que se operara nele era uma prova de certa fraqueza e o conservava deprimido e calado. Os vizinhos chegaram a acreditar que ele certamente estava ficando maluco, porque tomava tão a sério a pipa, à qual observava não apenas durante o dia, mas, vez por outra, durante a noite inteira. Estava completamente obcecado por ela.

Caswall tinha o maior interesse no fato de a pipa ficar exposta no ar. Mandou colocar uma corda de um comprimento enorme, que corria sobre uma roldana, presa no parapeito da torre. O comprimento era regulado por meio de uma manivela e a corda movimentada através de uma aparelhagem toda especial. Dia e noite, um homem tinha que estar a postos na torre. Naquela altura, o vento era sempre muito forte, de modo que a pipa se movia vigorosamente, tanto para cima como também na horizontal. Assim aconteceu que ela, no mais curto espaço de tempo, foi um dos objetos de interesse de Castra Regis e de toda a redondeza. Em espírito, Edgar conferia-lhe qualidades quase humanas. A pipa era para ele como se fosse um ser próprio, com inteligência e alma. Como ele ficava o dia inteiro na ociosidade, dedicava-se cada vez mais ao culto da pipa e encontrava uma nova satisfação, sim, uma nova conotação de vida na antiga brincadeira de

garotos denominada “Corredor”, enviando objetos para a pipa lá no alto. Essa brincadeira consistia em perfurar no centro pedaços de papel redondos. Através dos buracos centrais era introduzida a corda da pipa. A pressão natural do vento fazia com que o papel escorregasse ao longo da corda até alcançar a pipa, fossem quais fossem a altura e a distância.

No início, Edgar Caswall passava horas com esse brinquedo. Centenas desses discos de papel voavam ao longo da corda, até que ele teve a ideia de enviar mensagens nesses pedaços de papel, com as quais podia fazer-se entender pela pipa. É bem provável que a ilusão de que seu brinquedo fosse uma criatura inteligente lhe tivesse provocado a perda do juízo. A simples remessa de mensagens tornou-se uma conversa direta com a pipa, sem que fosse preciso contratar mensageiros. Sem dúvida, a altura da torre, que ficava em cima de um morro, o bramar incessante do vento, o efeito hipnótico da mancha no céu, para a qual olhava incessante e fixamente e o estalido do papel-mensagem ao longo da corda até que desapareciam de vista, contribuíram para o enfraquecimento de seu juízo, que desmoronava sob o peso de suas vívidas criações imaginárias.

O passo seguinte para sua decadência foi o trabalho intensivo que fez com objetos, dos quais partia algo cheio de mistério e até mesmo de crueldade. Em Castra Regis existia exposta uma grande coleção que já pertencera a seus ancestrais e que veio ao encontro de seus interesses. Lá havia os mais estranhos objetos antropológicos antigos e recentes, desencavados nas viagens aos lugares mais longínquos; peças egípcias antigas tiradas de cavernas e de túmulos; peças vindas da Austrália, Nova Zelândia e dos mares do sul; ídolos e imagens, ícones de origem tártara e até itens de cultos egípcios, persas e hindus; aparelhos de tortura dos índios americanos e finalmente uma enorme quantidade de armas mortíferas de todos os tipos do mundo inteiro — adagas chinesas de dois gumes, adagas afegãs, com as quais um corpo podia ser cortado ao meio, pesadas facas de todos os países do Oriente, adagas misteriosas do Tibete, as horríveis facas kukri, dos gurcas e de outras procedências das montanhas índicas, armas assassinas da Itália e da Espanha e até mesmo uma faca, como era usada em outros tempos pelos condutores de escravos no Mississippi. Morte e tortura eram representadas sob todas as formas nesta coletânea macabra.

Subentende-se que tudo isso exercesse um enorme fascínio sobre Oolanga. Ele jamais se sentia cansado em fazer uma visita ao museu localizado na torre e gastava horas a fio para examinar as peças, até que,

finalmente, chegou a conhecer todas as suas particularidades. Pediu permissão para poder limpá-las, poli-las e afiá-las; um favor que lhe foi concedido com a máxima presteza. E, além disso, acresce o fato de que além desses objetos já mencionados, havia uma grande quantidade de outros próprios para despertar o temor nas pessoas. Serpentes empalhadas, dos tipos mais repulsivos e abomináveis, um número enorme de insetos gigantescos dos trópicos, que metiam medo, peixes e crustáceos providos de estranhos ferrões, pólipos ressecados de tremendas dimensões. Perto ainda havia outras coisas, não menos mortíferas, se bem que de aparência inocente: cogumelos ressecados, imaginados para servirem como armadilhas de aves, mamíferos, peixes, répteis e insetos; aparelhos que poderiam provocar dores de toda a espécie em todas as intensidades e cuja única boa ação se resumia no fato de acelerar a morte.

Caswall, que há muito conhecia apenas os objetos que ele mesmo colecionara, começou a sentir prazer e a se interessar também pelos recém-mencionados. Passou a estudá-los exaustivamente em suas aplicações, seus diversos mecanismos e suas origens, até que conseguiu adquirir um extenso conhecimento a respeito do assunto. Muitos eram misteriosos e complicados, não tendo poupado nem esforço nem trabalho até que tivesse desvendado todos os seus segredos. Depois que seu interesse por tais objetos esquisitos foi despertado, começou a procurar novas aquisições. Perguntava a seus empregados onde poderia encontrar alguma sucata antiga feita de madeira. Então eles se lembraram do velho Simon Chester, que era o que melhor conhecia a casa por dentro e por fora. Caswall mandou buscar o velho, que apareceu imediatamente. Ele era bem idoso, com quase noventa anos e bastante alquebrado. Nascera em Castra Regis, tendo servido a toda uma série de senhores, presentes e ausentes. Quando Edgar começou a lhe fazer perguntas na direção desejada, o velho Simon mostrou-se por demais inquieto, sim, pareceu ter ficado possuído por um tamanho pavor que seu patrão, sabendo que o velho tinha algo a esconder, exigiu que dissesse logo onde se encontravam os objetos escondidos. Confrontado com a descoberta de seu segredo, o velho, cuja condição era lamentável, fez mais revelações ainda do que o próprio sr. Caswall esperava.

— Na verdade, senhor, tudo o que foi removido no meu tempo encontra-se aqui na torre, com exceção de... de... — E começou a tremer. — Com a exceção da arca que o sr. Edgar, aquele sr. Edgar que era o dono na época em que comecei aqui, trouxe consigo da França, depois que ele e o sr.

Mesmer trabalharam juntos. A arca, para maior segurança, foi alojada no meu quartinho. Vou mandar trazê-la imediatamente.

— O que se encontra lá dentro? — perguntou Edgar com rispidez.

— Isso eu não sei. E além do mais, trata-se de uma arca muito característica, sem possibilidade visível de ser aberta.

— Então ela não tem nenhuma fechadura?

— Provavelmente não, senhor. Mas não posso ter certeza absoluta. Não se pode perceber nenhum buraco de chave.

— Traga até aqui. Depois venha até mim.

A arca, um exemplar pesadíssimo, com fitas de aço para maior reforço, mas sem fechadura nem buraco de chave, veio arrastada por dois homens. E logo depois o velho Simon encontrava-se de volta. Assim que entrou no recinto, o próprio sr. Caswall foi até a porta, trancando-a. A seguir perguntou:

— Como se abre esta coisa?

— Não sei, não, senhor!

— Quer com isso dizer que não a abriu uma única vez?

— Exatamente isso, Vossa Excelência. Como poderia eu tê-la aberto? Ela me foi confiada para guarda, juntamente com as outras coisas, pelo meu patrão. Seria uma quebra de confiança se eu a tivesse aberto.

Caswall fez um movimento de desprezo.

— Muito extraordinário! A arca vai ficar agora aqui. Feche a porta quando sair. Espere! Ninguém jamais falou alguma coisa a respeito, ou fez qualquer tipo de observação?

O velho Simon ficou lívido e juntou as mãos trêmulas.

— Ora, senhor, desista de querer abri-la. Esta arca contém segredos que provavelmente o dr. Mesmer confiou ao meu patrão. Representam um perigo para quem estiver de posse dela!

— O que quer dizer com isto? Que perigo?

— Foi ele que dizem ter vendido a sua alma ao demônio. Eu pensava, porém, que, com o tempo, o mal tivesse sido erradicado.

— Isso basta. Retire-se agora, mas fique no seu quarto ou, de qualquer modo, ao alcance da voz. Pode ser que eu ainda precise de você.

O velho curvou-se profundamente e retirou-se, mas sempre ainda tremendo de medo e sem acrescentar palavra.

Capítulo 12

QUANDO A ARCA É ABERTA

Assim que ficou sozinho, Edgar trancou a porta com cuidado, cobrindo o buraco da fechadura com um lenço. Em seguida, foi até às janelas para se certificar de que ninguém do prédio principal pudesse espreitar para dentro, seja de que ângulo fosse. Mas não era esse o caso. Então foi se ocupar com a arca, examinando-a minuciosamente por intermédio de uma lente de aumento. Percebeu que ela não fora violada. As fitas de aço continuavam intactas e todo o recipiente, incólume. Desistiu, depois de ficar sentado algum tempo diante da arca e que as sombras da noite se tivessem misturado com a escuridão, e foi para o seu quarto de dormir, tendo passado a chave na porta do quarto da torre e de tê-la levado consigo.

Acordou na manhã seguinte quando o dia já estava claro e retomou o paciente estudo da arca, se bem que sem êxito algum. Isso deveria durar o dia inteiro. Sem que tivesse chegado a uma conclusão, sentia uma decepção humilhante, que lhe estava dando nos nervos e aprontando-lhe uma terrível dor de cabeça. Já à tardinha, estava sentado ainda no quarto da torre, cheio de inquietação e de sombrios pressentimentos. O crepúsculo chegou e ele mandou que viessem dois homens bem fortes. Ordenou-lhes para que carregassem a arca para o seu quarto de dormir. E lá tornou a sentar-se, ficando na mesma posição a noite inteira, sem nem se alimentar. Seus pensamentos continuavam confusos e ele foi tomado por uma excitação febril. Como consequência, as mais estranhas fantasias apoderaram-se do seu juízo, quando finalmente se trancou, tarde da noite, em seu quarto. Ele trilhara definitivamente o caminho que deveria levá-lo para a loucura. Deitado na cama, continuou a meditar sobre o mistério da arca fechada.

Mas, aos poucos, entregou-se à influência tranquilizante do silêncio e da escuridão. Porém, depois de algum tempo, seus pensamentos voltaram a entrar em atividade. E, dessa vez, não ficou rodeado por influências perturbadoras. Sua inteligência conseguiu funcionar livremente e ocupar-se com suas lembranças. Pressionavam-no milhares de incidentes esquecidos ou dos quais não se conscientizara completamente, fragmentos de conversas ou de teorias desde longa data imaginadas, mas já há muito esquecidas.

Acreditou ouvir novamente aquele zumbido de legiões de asas, ao qual teve que se acostumar recentemente. Mas ele bem tinha certeza de que se tratava unicamente de fantasia baseada em recordações incompletas. Contudo, sentia-se satisfeito porque sua fantasia ainda operava, uma vez que dela talvez pudesse advir um esclarecimento do mistério que o rodeava. E, nesse estado de espírito, conseguiu adormecer com facilidade. Caiu em uma modorra reconfortante, que fez bem tanto ao seu corpo cansado como à sua cabeça sobrecarregada.

No sonho, ele se levantou e, suspendendo no alto a pesada arca, assentou-a sobre uma mesa maciça, da qual ele afastara antes uma grande quantidade de livros. Tudo isso acontecia sob a influência que nada tinha a ver com ele, sendo mais poderosa do que ele. Para executar isso, era necessária uma força que, como era do seu conhecimento, não lhe era dada em condições normais. Mas agora tudo lhe pareceu muito fácil. Tudo dava a impressão de ceder ao seu toque. E aí ele percebeu que, de alguma forma, a arca fora aberta. Como, não tinha a menor ideia. Ele escancarou ainda mais a porta e carregou a arca sobre o ombro até o quarto da torre, cuja porta ele trancou. Nessa operação, ele se admirou de sua própria força e se perguntou de onde ela teria vindo. Sua mente estava longe demais para que pudesse notar coisas que lhe vinham à memória de forma direta. Ele apenas sabia que a arca era muito pesada e que ele a enxergava como em uma espécie de visão, que parecia aclarar a completa escuridão ao seu redor e que os dois homens fortes davam a impressão de cambalear sob o peso dela.

Caswall trancou-se no quarto da torre. Colocou a arca aberta sobre uma mesa e começou a esvaziá-la no meio da escuridão. O conteúdo, principalmente objetos de metal e de vidro — peças grandes e de formas esquisitas —, foi colocado sobre uma outra mesa. Ele estava consciente de que continuava dormindo, ainda que obedecendo a um comando invisível e inaudível e que não seguia nenhum plano racional de resultados compreensíveis. Quando essa parte foi executada, ele resolveu arrumar as peças de um grande instrumento feito quase todo de vidro. Seus dedos pareciam ter ganhado um novo tato, como se tivessem vontade própria. Aí ele foi dominado por uma fraqueza, deixando a cabeça pender sobre o peito e, pouco a pouco, mergulhou na escuridão.

Acordou de manhã cedo, no seu quarto de dormir, olhando espantado ao redor. Sentia sua cabeça absolutamente clara. Em seu lugar de costume, em cima da mesa maciça, estava a arca fechada por fitas de aço, sem

fechadura e sem chave. No entanto, agora encontrava-se trancada. Ele se levantou e, furtivamente, dirigiu-se ao quarto da torre. Lá tudo achava como em sua lembrança havia deixado na noite anterior. Olhou para fora da janela e, como sempre, a enorme pipa balançava, lá no alto. Então abriu o portão e subiu no telhado. Ficou parado junto à grande roldana por onde corria a corda. Ela fazia um ligeiro zumbido na brisa da manhã e, quando ele a segurou, sentiu um leve tremor na mão e no braço. Em lugar algum descobriu sinais de que, durante a noite, alguma coisa tivesse sido mudada ou que tivesse havido qualquer tipo de perturbação.

Completamente desconcertado, Caswall desceu para sua morada e pôs-se a refletir. Foi então que, pela primeira vez, sentiu que dormia e sonhava. Logo adormeceu novamente e assim permaneceu durante um longo tempo. Ao despertar, sentiu fome e saboreou uma abundante refeição. Mas, lá pela noitinha, depois que tornou a se trancar, voltou a dormir. Quando despertou, já era escuro e ele não sabia ao certo onde se encontrava. Tateou à sua volta no aposento escuro e acabou lembrando em que ambiente estava, ao quebrar uma grande peça de vidro. Depois que acendeu a luz é que viu se tratar de uma rodinha de vidro, parte de um complicado mecanismo que ele devia ter retirado da arca, durante o seu estado de sono, quando estivera aberta naquela hora. Outra vez ele a abrira durante o sono, sem que lhe restasse qualquer recordação das circunstâncias em que fora realizada.

Caswall chegou à conclusão de que sua consciência agira de duas maneiras distintas, o que poderia levar tanto a uma catástrofe como à descoberta de seus planos secretos. Por isso, ele tomou a decisão de desistir por algum tempo do prazer de novas descobertas ligadas à arca. Assim, pôs-se a examinar outros tesouros e objetos raros de sua coleção. Era simplesmente a curiosidade que o impulsionava a tanto. Seu objetivo era descobrir lá qualquer item estranho que se prestasse para uma experiência com a pipa. Porque há muito tempo ele já tinha essa vontade de utilizar outros mensageiros que não os de papel. Um pensamento vago o perseguia, isto é, que uma tal força igual à apresentada pela pipa poderia ser usada com a finalidade de elevar até grande altura objetos mais pesados. Sua primeira tentativa com objetos pequenos, mas cujo peso ele ia sempre aumentando, foi coroada de grande êxito. A cada vez acrescentava um peso ainda maior, até que finalmente conseguiu descobrir a notável capacidade de alteamento da pipa. Decidiu-se então dar mais um passo e enviar para o alto um daqueles objetos que se achavam dentro da arca envolta por fitas de

aço. Quando ele abrira a arca pela última vez, ela permanecera aberta. Havia feito uso de uma cunha, de modo que pudesse suspender ou abaixar a tampa à vontade. Uma investigação de seu conteúdo mostrou-lhe que os objetos de vidro não se prestavam para sua experiência. Eram muito leves e demasiadamente delicados.

Portanto olhou em volta à cata de algo mais maciço. Seu olhar pousou sobre um objeto que, desde logo, despertou seu interesse. Era uma pequena cópia de um deus egípcio, o deus Bes, que representava a força destruidora da natureza. A imagem era tão bizarra e cheia de mistério que despertou o interesse de seu senso de humor meio tresloucado. Ao retirá-la da arca, notou que havia uma enorme diferença entre seu tamanho e seu peso. Com o auxílio de instrumentos, fez uma investigação mais detalhada e chegou à conclusão de que a figura teria que ser feita de magnetita. Lembrou-se de ter lido em algum lugar a respeito de um antigo deus egípcio que fora talhado em uma substância semelhante e, depois de refletir bastante, lembrou-se de que lera sobre o assunto em um livro do século XVII, *Enganos costumeiros*, de Sir Thomas Brown. Foi apanhar esse livro na biblioteca a fim de procurar a página com a descrição:

“Um excelente exemplo devemos à descoberta de nosso estudioso amigo sr. Graves. Trata-se de um ídolo egípcio entalhado em pedra de magnetita, encontrada entre múmias. Esse ídolo não perdeu nada de sua força magnética de atração, mesmo que já tenha sido extraído da mina há cerca de dois mil anos.”

A estranha aparência da figura e a sua semelhança com ele próprio fascinaram Edgar Caswall. De uma madeira de espessura fina, preparou uma peça redonda, um disco, ao qual prendeu o pesado deus e, dessa forma, lançou-o para o alto, em direção à pipa, pela corda que vibrava.

Capítulo 13

ALUCINAÇÕES DE OOLANGA

Durante os últimos dias, a impaciência de Lady Arabella aumentara a olhos vistos. Fora isto, as pesadas dívidas se avolumavam de maneira intolerável. Como única esperança, para que pudesse levar uma vida livre de preocupações, restava-lhe um casamento vantajoso, aquele bom partido sobre o qual lançara seus olhos, e que não parecia ir muito bem — não parecia mesmo ir adiante. Para sua decepção, Edgar Caswall de nenhum jeito mostrava-se inclinado a perder a sua liberdade. Desde o início ele apresentara muita resistência, e, desde sua briga com Mimi Watford, não havia deixado o seu quarto. Naquela ocasião, Lady Arabella dera-lhe a entender de maneira inequívoca os seus sentimentos, deixando que ele os percebesse com muito maior frequência do que o seu orgulho lhe permitia, que ela gostaria de oferecer-lhe auxílio e de tomá-lo sob sua proteção. No instante em que ela atravessou o aposento e se postou ao lado dele durante sua luta contra a hipnose, este seria o limite máximo até onde queria chegar. Agora, no entanto, registrou, exasperada, que ele simplesmente a ignorava. Como ela já lhe havia feito insinuações antes, cada recuo por seu lado significava, para uma mulher de sua posição, nada menos do que um insulto humilhante.

Não teria ela se colocado no mesmo pé de igualdade que seu servo, um selvagem não civilizado? Não lhe demonstrara sua preferência com a festa de boas-vindas? Não lhe... Lady Arabella tinha sangue-frio e já estava preparada para fazer tudo, mas tudo mesmo, apenas para se tornar a senhora de Castra Regis. Nesse ínterim, ela tinha que dar tempo a si mesma e esperar. Talvez tudo acabasse dando certo e ela conseguisse se aproximar dele de forma que não atraísse muita atenção. Agora, ela já o conhecia melhor e podia fazer uma estimativa para descobrir o que o atraía a Lilla Watford. Estando de posse desses segredos, ela estaria em condições de opor dificuldades se Caswall se esquivasse dela, pois agora podia exercer pressão sobre ele. A parte mais difícil, no momento presente, era conseguir chegar perto dele. Ele se trancara em sua cidadela e estava protegido por intermédio de uma muralha de convenções que ela não estava em situação

de transpor, se não quisesse correr o risco de ficar com má reputação. Meditou muito, dia e noite, sobre essa questão. Afinal resolveu que a única possibilidade era a de fazer-lhe abertamente uma visita em Castra Regis. Sua condição social e sua posição davam-lhe autoridade suficiente para proceder dessa maneira, desde que soubesse como fazê-lo. Sendo preciso, ela sempre poderia dar depois alguma explicação. No dia em que estivessem casados então aproveitaria para usar suas artimanhas e suas experiências a fim de torná-lo mais dócil. Afinal, ele era apenas um homem, com a típica tendência masculina para enfrentar situações penosas e delicadas. Ela, ao contrário, depositava toda a confiança em sua feminilidade, que tinha certeza absoluta de poder superar as dificuldades que porventura aparecessem.

Ela ouvia diariamente em Diana's Grove o gongo da hora do almoço em Castra Regis, de modo que sabia exatamente a ocasião em que os empregados ficavam na ala de serviço, nos fundos da casa. E era nesse momento que ela entraria na residência, e, com a desculpa de que ninguém a teria ouvido, iria procurá-lo em seus aposentos. Como já estava inteirada, a torre ficava afastada de todos os barulhos caseiros e, além disso, era de seu conhecimento que a criadagem tinha ordens expressas para não perturbá-lo em seu quarto na torre. E ainda mais, parte com o auxílio de binóculos e parte por intermédio de perguntas feitas aqui e ali, conseguiu obter informações a respeito de uma pesada arca que volta e meia era levada e retirada de lá para seu aposento e que esse recipiente ficava trancado à noite em seu quarto de dormir. Por isso ela podia estar certa de que Caswall estava empenhado em um trabalho muito importante, que ocupava seu tempo durante longas horas.

Entretanto, um outro membro da criadagem de Castra Regis vinha tramando planos que iam se desenrolando para sua satisfação. Uma pessoa, um serviçal, tem inúmeras oportunidades para observar seu patrão e formar sua opinião a respeito de seu amo. Oolanga era, à sua moda, um tratante inescrupuloso e astuto, que tinha a absoluta certeza de que naquela imensa mansão deveria haver para ele inúmeras oportunidades de melhorar a sua posição. Seu tipo de conduta e sua falta de retidão levavam-no a recorrer a meios desonestos.

Assim pois, foi-lhe a coisa mais natural do mundo predizer o fato de Lady Arabella estar de olho em seu amo e procurava apenas uma oportunidade para saber mais a respeito dela. Da mesma forma que os

outros empregados da casa, ele também tivera conhecimento do transporte para cá e para lá da grande arca. O cuidado com que era cercada despertou nele a suspeita de que lá dentro deveria haver um tesouro. Daí em diante, ele passou a rondar sempre os quartos da torre e a esperar por uma chance de descobrir alguma coisa que lhe fosse de algum proveito. Por isso, fazia seu trabalho com cuidado e de maneira dissimulada e tratava de não ser visto por ninguém.

Assim aconteceu que o negro veio a ser testemunha da entrada na casa de Lady Arabella, sem que ela o percebesse. Passou a ser mais cauteloso ainda, a fim de que, de repente, não se invertessem os papéis e ela acabasse por vê-lo. Mantinha os olhos e ouvidos bem abertos e a boca fechada. Quando viu que Lady Arabella subia as escadas e que se dirigia para o aposento de seu patrão, teve plena certeza de que ela não tinha boas intenções e duplicou a sua vigilância.

Oolanga ficou decepcionado, mas nem por isso teve a coragem de dar vazão ao seu sentimento, a fim de não se trair. Sorrateiramente, desceu as escadas e esperou por uma oportunidade mais favorável para a realização de seus planos. Não se deve esquecer que ele achava que a arca continha enormes preciosidades e que Lady Arabella tinha vindo para roubá-las. Como ele se aproveitou dessas duas conclusões, será esclarecido mais adiante. Oolanga seguiu-a às escondidas até a casa dela. Ele entendia muito bem desse tipo de brincadeira de esconde-esconde e, dessa vez também, saiu-se de maneira exemplar. Portanto, observou como ela entrou pelo portão privativo de Diana’s Grove. Em seguida, deu uma volta grande para que ela não percebesse sua presença e a alcançou finalmente em um outro lugar, onde uma moita o escondia de eventuais olhares.

Lady Arabella ficou muito admirada por não ter percebido a presença do negro por vários dias, a ponto de quase ter esquecido de sua existência. Oolanga teria ficado bastante assustado se acaso viesse a saber o que na verdade se pensava dele, de sua beleza, de seu valor, em comparação com sua arrogância. Sem dúvida, Oolanga, como todos os outros seres humanos, tinha seus sonhos. Ele se via como o jovem deus do sol, tão bonito que nenhum olho feminino, fosse branco ou preto, jamais vira coisa igual. E ele julgava ser dotado de diversas e nobres qualidades, ou o equivalente em seu país. As mulheres tinham que amá-lo e também não fazerem nenhum segredo desse amor, como era hábito nas matas profundas da Costa do Ouro.

Oolanga aproximou-se furtivamente de Lady Arabella e começou a desenrolar a história de seu amor por ela em um tom de voz baixo, ajustado ao significado da oportunidade e ao seu respeito por ela e ao local em que se encontravam.

Lady Arabella não era em si nenhuma pessoa bem-humorada, porém não haveria nenhum branco, pertencendo ao sexo que fosse, que tivesse conseguido conter o riso que ela soltou com espontaneidade. As condições eram também tão grotescas e o contraste tão ridículo que era difícil poder suprimir uma explosão de riso.

O homem, um ser inferior e primitivo, de uma feiura diabólica; a mulher, nobre de nascimento, bonita e culta. Ela pensou que sua primeira reação a esse repente seria suficiente para detê-lo. Mas a cada instante sua opinião a respeito do incidente se modificava. Sua indignação era grande demais para que se mostrasse excitada por uma paixão. Apenas a ironia ou uma sátira mordente estariam à altura das circunstâncias. Sua natureza fria e cruel veio agora em seu auxílio, fazendo com que não recuasse diante da vontade de fazer o selvagem sentir o látego de seu escárnio.

Oolanga tinha uma vaga noção de que estaria sendo ridicularizado. Sua raiva não foi suavizada pela sua ignorância. Então deixou que ela se expandisse livremente, como um animal em agonia. Rangia os dentes, parava, batia no chão com os pés, xingava em línguas bárbaras e com imagens bárbaras também. Lady Arabella percebeu que ele se tornaria agressivo se não estivesse em condição de chamar por socorro.

— Devo então compreender — disse ela, com frio desdém, que provocou uma ferida mais funda do que se estivessem discutindo acaloradamente — que você está me declarando seu amor? Seu... amor?

Ele fez que sim, como resposta. O tom de voz desdenhoso dela, apenas murmurado, soou como uma chicotada e provocou também uma tal sensação.

— Como ousa! Você... um selvagem... um escravo... o mais ínfimo dos vermes! Cuidado! Para mim, sua vida vale tanto quanto a de uma ratazana ou de uma aranha. Não quero mais ver nem você nem sua cara horrenda, ou então eu livrarei a terra da sua pessoa.

Com essas palavras, pegou seu revólver e apontou para ele. Defrontado com essa ameaça mortífera, perdeu sua ousadia e fez uma fraca tentativa para se defender. O que disse foi curto e consistiu de palavras soltas. Para Lady Arabella soou como se fosse um balbuciar sem sentido,

mas ele na verdade empregava o dialeto de sua pátria e falava de amor, de casamento, de esposa. Sua intuição feminina fez com que ela adivinhasse o significado de suas palavras, mas não deu a mínima importância às declarações, uma mistura de paixão animalesca e ameaças ridículas. Ele, então, procurou intimidá-la dizendo tê-la visto quando tentava roubar o tesouro de seu patrão. Se Lady Arabella fosse sua, ele dividiria o tesouro com ela e os dois viveriam uma vida de luxo lá nas florestas africanas. Caso se recusasse, imediatamente informaria seu amo, que bateria nela e a torturaria para, finalmente, entregá-la à polícia. E isso seria morte certa para ela.

Capítulo 14

A LUTA RECOMEÇA

As consequências daquele encontro no escuro em Diana’s Grove foram extensas e dolorosas, e não apenas para os dois participantes. De Oolanga não se podia esperar outra coisa, e isso se tornava bem claro para qualquer pessoa que conhecesse esse tipo de caráter, para quem existem apenas duas espécies de emoção: a vaidade e aquele sentimento ao qual se dá o nome de amor. Com o coração consumido pelo ódio, Oolanga deixou Diana’s Grove. Seu desejo e sua cupidez estavam em chamas, ao passo que seu orgulho fora profundamente ferido. O ser frio como gelo de Lady Arabella não ficara tão revoltado, embora estivesse fervendo por dentro. Agora, mais do que nunca, decidira que teria Edgar Caswall a seus pés. Os obstáculos que foram sendo colocados em seu caminho, as ofensas que tivera que engolir, tudo isso alimentava sua sede de vingança que ameaçava consumi-la.

Em sua residência em Diana’s Grove, ela virava a revirava todo o assunto de lá para cá, chegando sempre a ver a fisionomia de Lilla Watford como sendo realmente a única chave para o problema — que seu objetivo seria o de conseguir manipular as forças e toda a existência de Edgar Caswall de acordo com a sua vontade.

Em seu quarto de vestir, fez o rascunho de uma carta, na qual empregou todo o seu esforço, sendo obrigada a rasgá-la sempre e a recomeçar, até que sua cesta ficou transbordando de papel rasgado. Depois que ela se decidiu por uma redação definitiva, pôs fogo em todo o resto. Enfiou a missiva dentro de um envelope com um brasão, endereçou-a para Edgar Caswall, em Castra Regis. Um de seus empregados deveria levá-la ao seu destino. A carta fora assim redigida:

Caro senhor Caswall,
Tenho necessidade de conversar sobre um determinado assunto que na minha opinião é de seu interesse. Se tiver a bondade de vir até minha casa um dia depois do almoço —

digamos, às 15 ou 16 horas —, poderíamos fazer um passeio juntos. Unicamente até Mercy Farm, onde eu gostaria de fazer uma visita a Lilla e Mimi Watford. Lá tomaríamos uma xícara de chá. Seria melhor não trazer junto seu criado africano, porque o rosto dele infelizmente amedronta ambas as jovens. Afinal, ele não é mesmo nenhum tipo de beleza. Tenho a desconfiança de que, dessa vez, a visita o fará muito feliz.

Atenciosamente,
Arabella March.

No dia seguinte, às 15h30, Edgar Caswall apareceu em Diana's Grove. Lady Arabella foi-lhe ao encontro no caminho que passava em frente ao portão, porque não desejava que seus fâmulos ficassem tomando conta de seus atos. Quando viu que ele se aproximava, virou-se e, postando-se a seu lado, foram até Mercy Farm, ela mantendo o passo com o dele. Nas vizinhanças da fazenda, ela olhou em volta como se esperasse ver Oolanga em algum lugar. Mas não viu nem sombra dele. Seu patrão tinha lhe dado ordens expressas para não se deixar ver — uma ordem que para o africano dava um motivo maior ainda para que se vingasse de Lady Arabella. Os dois encontraram Lilla e Mimi em casa. Ambas se mostraram satisfeitas com a visita, ainda que espantadas, uma vez que era logo em seguida à anterior.

Os incidentes foram uma repetição dos conflitos mentais da outra visita. No entanto, na presente oportunidade, o único apoio para Caswall era Lady Arabella, já que Oolanga dessa vez não apareceria. Mimi, contudo, não tinha a ajuda de Adam Salton, que naquela ocasião tivera um efeito tão decisivo. Agora a luta seria em torno da preponderância das vontades e teria uma duração bem mais longa e seria levada com muito maior decisão. Caswall pressentiu que necessitava manter a superioridade, pois de outra maneira teria que desistir do plano. Por conta disso, lembrou-se de lançar toda a sua arrogância contra Mimi. Enquanto esperava juntamente com sua companheira que a porta lhes fosse aberta, Lady Arabella falou em voz baixa e com muito poder de persuasão:

— Dessa vez, deverá sair vitorioso. Mimi é apenas uma mulher. Não tenha nenhuma compaixão, o que seria uma demonstração de fraqueza. Lute, bata nela, pise nela, pise nela sem dó e mate se for preciso. Ela é um

obstáculo no seu caminho e eu a odeio. Não tire os olhos de cima dela. Não é necessário que se ocupe de Lilla, ela nos teme. Nós a temos sob nosso controle. Mimi tentará fazer com que sua atenção volte para a sua prima. Aí é que seremos derrotados. Não deve deixar de demonstrar interesse por Mimi, aí então a vitória será sua. No caso de ela levar a melhor, então pegue na minha mão e olhe para ela bem nos olhos. Se Mimi for mais forte do que você, então terei que me intrometer. Procurarei algo para desviar a atenção dela, e você deverá aproveitar para se retirar sem ter sido derrotado. Psiu! Elas já vêm chegando!

As jovens aproximaram-se juntas da porta. Do oeste, vinham estranhos ruídos sobre o Brow. Era o som do farfalhar e do crepitar de palha e de capim seco da planície. O verão fora terrivelmente árido. E, além disso, o forte vento leste trouxera imensos bandos de pássaros, na maioria pombos com penachos brancos. Não se ouvia apenas o bater das asas, mas também o arrulhar abafado. A enorme quantidade de aves fez com que um pequeno barulho de cada uma em separado desencadeasse um som intenso, como se fosse o de uma ventania. Admirados com essa invasão de pássaros, aos quais há muito não estavam mais acostumados, o olhar de todos voltou-se para Castra Regis, de cuja torre alta tremulava a grande pipa. Porém, enquanto ficavam a olhar, a corda arrebentou, e, rodopiando, caiu ao chão. O peso morto e a correnteza de ar ascendente, associados ao forte vento leste, fizeram com que a corda não resistisse.

A queda da pipa deu novas esperanças a Mimi. Era como se todas as insignificâncias tivessem sido afastadas de modo que a luta principal seria decidida agora, através de regras bem mais simples. Em seu coração ela teve uma sensação como se tivesse sido tangido um novo acorde misericordioso. Naturalmente poderia também ser possível que, com o soar das vozes dos pássaros, a crença no bom êxito da luta seria novamente despertada. Durante o lamentável silêncio no qual sofrera por tanto tempo naquela ocasião, cada novo pensamento estava fadado ao naufrágio. E conforme o ataque dos pássaros persistia e suas asas batiam de encontro aos arbustos secos, Lady Arabella empalideceu e ficou a ponto de perder os sentidos.

Para Mimi, nascida e criada no Sião, esse barulho era como o provocado por um encantador de serpentes, apenas bem mais forte.

Edgar Caswall foi o primeiro a se controlar novamente depois da queda da pipa. Não durou muito e voltou a ter o sangue-frio de sempre,

conseguindo pôr a inteligência a serviço do objetivo que tinha diante dos olhos.

Mimi também voltou rapidamente ao seu autocontrole, ainda que devido a uma outra causa. Para ela, tratava-se da opinião baseada em convicções profundas e religiosas de que a luta a ser travada entre eles era guiada pelos poderes do bem e do mal e que Deus acabaria triunfando.

Só o aparecimento dos pássaros com a crista de Santa Columba já reforçava esse sentimento. Tal certeza transmitia-lhe tanta força que ela retomou essa luta estranha com coragem redobrada.

Mimi parecia sobrepujar Caswall, que, por sua vez, dava a impressão de recuar. Novamente ela o foi pressionando para a saída. No momento em que ele estava para sair de costas, Lady Arabella, que não tirara os olhos de cima dele, segurou-lhe a mão e tentou detê-lo. Porém não conseguiu seu intento e ambos saíram, de mãos dadas. Neste mesmo instante, terminou de repente a curiosa música que havia inquietado tanto Lady Arabella. Com um movimento instintivo, todos olharam para a torre de Castra Regis. Lá os criados haviam prendido outra vez a pipa, que tremulava de novo no ar, quase alcançando a altura anterior.

Enquanto se detinham a olhar, a porta abriu-se e Michael Watford entrou no aposento. Neste meio-tempo, todos já estavam novamente de posse de suas faculdades mentais e de sua razão, de maneira que não havia nada de anormal que lhe chamasse a atenção. Ao sentir pousados em si os olhares interrogativos, ele falou:

— Esses bandos de pássaros são apenas a migração anual dos pombos vindos da África que estão de volta. Isso significa que em breve terminará a revoada.

Edgar Caswall, que já não estava de bom humor com a segunda vitória de Mimi Watford sobre ele, ficou pior ainda. Sentiu-se como que abandonado pela sorte, e isso, associado ao seu ardente desejo de obter uma vitória com suas forças hipnóticas, levou-o a um sentimento profundo e imutável de vingança. O objetivo principal de seu ódio era obviamente Mimi, cuja força de vontade levara a melhor nessa ocasião, mas era, no entanto, dirigido com mais ou menos veemência contra todos os que se puseram contra ele. Lilla vinha logo depois de Mimi. Lilla, a jovem inocente, bondosa e delicada, cujo coração conhecia somente o amor, que não tinha lugar para as emoções da vida comum; Lilla, cujo ser lembrava os pombos de Santa Columba, ostentando as cores que faziam com que se

assemelhasse a eles. Então, depois de um longo intervalo, é que chegava a vez de Adam Salton, contra quem Edgar Caswall não guardava diretamente nenhum rancor. Para ele, o rapaz não passava de um obstáculo, uma agravante, de quem a pessoa ou se livrava ou aniquilava. O jovem australiano havia se mostrado tão retraído que a única culpa que ele poderia inculcar-lhe seria o fato de estar a par dos acontecimentos. Caswall não compreendia e, para um ser como ele, o desconhecimento era motivo suficiente para provocar medo e apreensão.

Caswall retomou sua atitude habitual de observar a grande pipa que puxava com força sua corda. Sua vigilância seria apenas interrompida quando ele pudesse examinar com maiores detalhes os tesouros misteriosos de sua casa, principalmente a arca de Mesmer. Ficava sentado com frequência sobre o telhado da torre e meditava a respeito das paixões frustradas. Seria possível até acreditar que a gigantesca extensão de suas propriedades, que podia ele abranger em sua totalidade da altura em que se encontrava, lhe haviam restaurado a calma e a satisfação. No entanto, as possessões que tinha diante dos olhos trouxeram-lhe novos motivos de amargura. Como poderia ser, pensava ele, que, apesar de ter tanto à sua disposição, coisas que outros almejavam, não lhe era possível realizar seu desejo mais ardente?

Nessas condições de decadência espiritual e moral, encontrava consolo em suas experiências com as forças mecânicas da pipa. Há muitas semanas ele não fazia uma visita a Lady Arabella, que ficava à espreita de uma oportunidade para ir ao seu encontro. Também as jovens Watford, que o evitavam de propósito, não as viu. E Adam Salton ficou na expectativa, preparado para o que desse e viesse, para tudo o que pudesse acontecer a suas amigas. Em uma de suas visitas à fazenda, soube por Mimi do mais recente conflito de vontades que teve como consequência a encomenda de mais alguns mangustos por meio de Ross, entre eles um segundo matador de najas que ele, em seus passeios, trazia sempre consigo, acondicionado em um recipiente.

As tentativas do sr. Caswall com a pipa se mostraram muito produtivas. A cada dia ele tentava com um peso maior e era como se a pipa fosse um ser onisciente que conseguia executar as tarefas impostas. E, durante todo esse tempo, a pipa se projetava a uma tremenda altura no céu. Um vento constante vinha sempre do norte e, por esse motivo, a pipa era impulsionada para o sul. O dia inteiro eram enviados “mensageiros” de

tamanhos cada vez maiores. Eram feitos apenas de papel ou de papelão fino, de couro ou de outras espécies de material, que tinha que ser macio. A enorme altitude da pipa fazia com que a corda se apresentasse côncava, de modo que os “mensageiros” ascendentes faziam um barulho esvoaçante. Quando se colocava um dedo sobre a corda, então o barulho ouvido era um murmúrio surdo entrecortado, como uma resposta ao adejar dos “mensageiros”. Edgar Caswall, cada vez mais obcecado pela pipa e tudo o mais ao seu redor, descobriu certa semelhança entre esse zumbido e os sons do encantador de serpentes e o som dos pombos ao voarem através do junco seco.

Um dia fez uma descoberta na arca de Mesmer, que lhe pareceu ser proveitosa em relação aos “mensageiros”. Era um arame de grande comprimento, da grossura de um fio de cabelo humano, enrolado em uma roldana fabricada de maneira engenhosa, que se movimentava leve e livre a uma distância surpreendente. Esse fio ele o utilizou agora em suas experiências com os “mensageiros” e viu que funcionava incrivelmente. Se era apenas o “mensageiro” sozinho ou alguma coisa mais pesada que levasse preso, trabalhava sempre perfeitamente. O arame era também suficientemente forte e leve para trazer o “mensageiro” ileso de volta. Caswall tentou repetir a experiência muitas vezes, todas com muito sucesso, mas a escuridão aumentava de forma que sentia muita dificuldade em poder enxergar o “mensageiro”. Procurou, portanto, algo para fazer com que a corda ficasse mais pesada. Prendeu a estátua do Bes egípcio no fino arame, que corria sobre o parapeito de madeira. Agora já escurecera completamente e Caswall entrou, esquecendo-se de tudo.

Naquela noite, ele sentiu um grande mal-estar, porém nenhuma insônia, porque presumiu que tivesse dormido. Ao amanhecer, levantou-se e, como sempre, a primeira coisa que fez foi observar a pipa. Como não a viu em sua costumeira posição no céu, olhou para o firmamento em todas as direções. Sentia-se mais do que atônito, quando afinal percebeu a pipa desaparecida, que, como sempre, lutava contra a corda. No entanto, ela se encontrava mais afastada da torre, no céu, e movia-se contra a direção do vento, para o norte. Ele achou isso tão extraordinário que teve vontade de investigar o fenômeno, mas, por ora, quis manter a coisa para si.

Em suas inúmeras viagens, Edgar Caswall serviu-se com frequência de um sextante e já era um perito no manuseio do instrumento. Com o auxílio desse e de outras aparelhagens, podia determinar a posição da pipa e do

ponto sobre o qual tremulava. Caswall ficou apavorado quando descobriu que a pipa se encontrava exatamente sobre Diana's Grove. Primeiramente ficou inclinado a confiar a coisa a Lady Arabella, mas depois pensou melhor e desistiu da ideia. Por qualquer motivo para o qual ele mesmo não procurava uma explicação, sentiu-se satisfeito em relação ao seu silêncio, quando descobriu, no dia seguinte, que dessa vez a pipa tremulava por cima de Mercy Farm. Depois que obteve a certeza, por intermédio de seu instrumento de precisão, sentou-se perto da janela da torre e perdeu-se em suas cismas.

O novo estado de coisas lhe era bem mais agradável do que o outro. No entanto, o motivo para isso era uma charada para ele. E assim ele passou o dia inteiro no quarto da torre. Imaginava que a pipa seria governada por forças que não poderia controlar — forças sobre as quais nada conhecia. Essas forças arrastavam-se em direções que ele não podia governar e que fugiam ao controle de sua vontade. Devido à sua incompetência e à sua incapacidade de poder solucionar o problema a contento, chamou um dos criados que, por sua vez, deveria informar a Oolanga que ele desejava vê-lo imediatamente no quarto da torre. Mas foram lhe dizer que desde a noite anterior ninguém havia posto os olhos no africano!

Caswall estava tão mal-humorado que até mesmo uma coisa tão sem importância como essa o tirou do sério. Mas como, de qualquer maneira, tinha que falar com alguém, chamou Simon Chester, que veio correndo para atender a esse chamado inesperado e que se apresentava ofegante. Caswall pediu-lhe que se sentasse e depois que o velho se acalmou um pouco, perguntou-lhe mais uma vez se vira algum dia o que havia dentro da arca de Mesmer ou se porventura ouvira algum comentário a respeito. Chester confessou que a vira aberta uma vez, "na época daquele outro Edgar" e, pelo que sabia da história e pelo que podia presumir, o fato o tinha de tal modo agitado que acabou perdendo a consciência. Quando voltara a si, a arca encontrava-se fechada novamente. Depois disso, o sr. Edgar nunca mais falara sobre o assunto. Quando Caswall insistiu para que descrevesse o que vira, o velho ficou tão agitado que, afinal, apesar dos esforços do outro para acalmá-lo, acabou perdendo os sentidos. Caswall chamou os criados e foram tomadas as devidas providências. Mas o ancião não dava mostras de querer voltar a si. Depois que muito tempo se passou, apareceu finalmente o médico que fora chamado. Um olhar foi suficiente para que fizesse seu

diagnóstico. Ainda assim ajoelhou-se ao lado do velho e examinou-o cuidadosamente. Então levantou-se e falou em um tom de voz abafado:

— Senhor, devo dizer-lhe que infelizmente ele está morto.

Capítulo 15

QUANDO É RETOMADA A PISTA

Quem viu Edgar Caswall desde a sua chegada e pôde ter uma impressão de sua natureza fria não conseguia imaginar que ele fosse ficar tão arrasado com a morte do velho Chester. Era uma demonstração de que a ninguém é dado conhecer o seu verdadeiro caráter. Julgava-se naturalmente que sua tristeza era a de um amo que lamenta a morte de um servo fiel. Ninguém poderia sequer imaginar que sua tristeza era a expressão de puro egoísmo, de seu desapontamento por ter perdido a última referência a respeito de um pedaço da história de uma família — algo que agora permaneceria para sempre um mistério.

Caswall sabia o bastante sobre a vida de seu antepassado em Paris, para desejar conhecer ainda mais sobre ele e, principalmente, com maiores detalhes. Aquela época de sua permanência em Paris despertou-lhe uma insaciável curiosidade.

Lady Arabella, que perseguia um objetivo próprio, viu no papel de amiga simpática a possibilidade para manter vários encontros com o homem que queria para si. No dia seguinte ao da morte do velho Chester, ela se aproveitou pela primeira vez da oportunidade, logo depois que a notícia chegou aos seus ouvidos pela porta dos fundos de Diana’s Grove. Nesse encontro, desempenhou tão bem o que se propusera que até mesmo a natureza fria de Caswall mostrou-se impressionada.

Oolanga era o único que não acreditava em nenhum dos sentimentos nobres que ela demonstrava. Como em todas as áreas da vida, Oolanga também era assim em seu campo de sentimento, um partidário do princípio das vantagens. Não sendo capaz de imaginar um outro motivo de ansiedade que não fosse a própria dor sofrida ou a perda de dinheiro, era-lhe, portanto, inconcebível que alguém pretendesse demonstrar um tal sentimento e que por isso deveria ter propósitos inconfessáveis. Oolanga era de opinião que ela teria vindo para Castra Regis com a intenção de cometer um latrocínio e estava resolvido a não deixar passar essa chance de dominá-la. Assim, nessa oportunidade, ele queria dedicar especial cuidado na observação de tudo o que ocorria. Desde que começou a suspeitar de que teria visto Lady

Arabella rondando o tesouro da arca, passou a desconfiar igualmente de todos e a vigiar todas as pessoas e lugares com olhos de lince. Como Adam Salton observava Lady Arabella tendo seus próprios interesses em vista, era natural que pelo menos uma vez os caminhos dos dois se cruzassem. E foi exatamente isto que aconteceu.

Adam empreendeu uma caminhada matinal de reconhecimento ao local que o interessava e levou ainda o mangusto em seu caixote. Alcançou o portão de Diana's Grove exatamente no momento em que Lady Arabella se dispunha a pôr-se a caminho de Castra Regis, onde ela planejava fazer uma visita assim chamada de condolências. Quando percebeu de sua janela a aproximação de Adam, pensou que ele tivesse uma intenção parecida em mente. Preparou-se com rapidez e deixou a casa de maneira discreta. E fora da casa procurava sempre uma proteção para não ser vista. E desse modo seguiu os passos de Adam.

Por sua vez, Oolanga, um observador experimentado, seguiu Lady Arabella, escondendo-se melhor do que ela. Viu que Adam trazia no ombro um caixote misterioso e desconfiou que deveria conter alguma coisa de muito valor. Quando percebeu que Lady Arabella seguia Adam disfarçadamente, suas desconfianças aumentaram ainda mais. Ficou possuído pela ideia de que ela se preparava para cometer um roubo e acreditava que a mulher estivesse se aproveitando dessa nova oportunidade.

Em sua marcha, Adam chegou às terras de Castra Regis. Oolanga não se atreveu a chegar mais perto porque agora tinha inimigos em ambos os lados e temia ser descoberto por eles. Ao notar que Lady Arabella apressava o passo para entrar em Castra Regis, concentrou nela a sua perseguição. Escapou-lhe assim que Adam dera meia-volta e se dirigira para a estrada.

Edgar Caswall dormira muito mal à noite. Os trágicos acontecimentos do dia anterior não lhe saíam da cabeça. Depois de tomar seu café da manhã bem cedo, sentou-se à janela aberta e ficou a observar a pipa e a meditar sobre inúmeras coisas. Do ponto em que se encontrava, podia ver toda a redondeza, porém os dois locais que mais prendiam seu interesse eram Mercy Farm e Diana's Grove. Percebeu primeiramente que lá só havia movimentos comuns — de atividades domésticas e ligadas ao trabalho no campo, o abrir e fechar de portas e janelas, varredura e lavagem: em poucas palavras, os processos de limpeza.

Da altura de sua elevada janela, que, devido a sua localização, não podia ser vista por outras pessoas, viu a cadeia de observadores penetrarem

em sua propriedade e se separarem subitamente — Adam Salton virou-se em uma direção e Lady Arabella, seguida pelo negro, na outra. Então Oolanga se escondeu entre as árvores, mas Caswall percebeu que o servo não desistira de sua observação. Lady Arabella, depois de lançar um olhar furtivo por sobre o ombro, esgueirou-se para dentro da casa e com esse movimento ficou fora de sua visão.

Logo a seguir, ele ouviu uma leve batida na porta, que foi se abrindo devagar. Então percebeu o vestido branco de Lady Arabella iluminando a abertura.

Capítulo 16

UMA VISITA DE CONDOLÊNCIAS

Caswall ficou sinceramente surpreso quando viu Lady Arabella, ainda que na realidade, depois de tudo o que acontecera, devesse estar preparado para tal fato. Sua fisionomia mostrava-se tão surpresa, ainda mais do que Lady Arabella esperava — se bem que acreditasse estar prevenida para tudo —, que ela foi igualmente dominada pelo espanto. Apesar de seu habitual sangue-frio e de sua habilidade social, ela ficou tão assustada que não sabia mais o que fazer. Mas sua audácia agiu prontamente, de modo que começou logo a falar, ainda que não tivesse a menor ideia do que estivesse querendo dizer.

— Vim aqui para lhe trazer minhas sinceras condolências pelo recente sofrimento pelo qual passou.

— Sofrimento? Devo lhe dizer que não sei a que a está se referindo.

Ela hesitou, pois havia percebido que nem tudo estava correndo conforme o planejado.

— Estou me referindo ao velho que morreu tão de repente... aquele velho... despenseiro.

A aparência de Caswall desanuviou-se e perdeu um pouco de sua espantosa concentração.

— Ora, ele era apenas um serviçal que já tinha anos demais nas costas. Ele devia ter estado na casa dos noventa!

— Mas, ainda assim, um servo antigo...

As palavras de Caswall já não soaram tão frias como havia sido sua intenção.

— Não mantenho relações com a criadagem. O velho era apenas tolerado porque já estava aqui fazia uma eternidade. Meu administrador era de opinião que ele se tornaria impopular se dispensasse o velho.

Como, por Deus, ela poderia fazer algum progresso na direção desejada, se isso é o máximo de sentimento que se poderia esperar da parte dele? Por esse motivo ela tentou ainda um outro caminho — dessa vez mais pessoal.

— Devo desculpar-me por estar a perturbá-lo. De modo geral, não tenho o hábito de ligar tão pouco para as convenções, ainda que normalmente eu não seja escrava delas. Porém existem limites... Agi mal porque eu não deveria ter forçado minha entrada. Deveria ter me feito anunciar antes. E o que tem a me recriminar pela minha entrada intempestiva, nem ouso imaginar!

Edgar Caswall, a quem a etiqueta e o hábito transformaram em um cavalheiro, conduziu-se de acordo com as circunstâncias.

— Lady Arabella, esteja certa de que é bem-vinda a qualquer tempo, sempre que desejar honrar minha casa com a sua presença.

Ela o recompensou com um sorriso carinhoso.

— Fico grata, do fundo do coração. Você consegue fazer com que qualquer pessoa perca o constrangimento. Meu passo pouco convencional me dá agora mais alegria do que ansiedade, pois pressinto que poderei lhe abrir meu coração para tudo.

Ela então lhe contou a respeito de Oolanga e de sua estranha suspeita contra ela. Caswall deu uma sonora gargalhada e lhe pediu que relatasse todas as particularidades. Sua observação final foi bastante expressiva:

— Deixe-me lhe dar um conselho: se esse homem diabólico lhe der mais uma vez motivo de aborrecimento, mate-o então. Um negro que não regula bem da cabeça é uma das piores pragas que se possa imaginar. O melhor é fazer logo uma limpeza e eliminá-lo no ato!

— Mas, sr. Caswall, como fico com relação à lei?

— Ora bolas, a lei não vai se preocupar nem um pouco com negros mortos. Alguns a mais ou a menos não fazem a menor diferença. Para mim isso representaria até um alívio.

— Isso até me dá medo — respondeu ela, com um doce sorriso provocante, tendo sido esta a sua única observação.

— Então está bem, deixemos este assunto de lado — disse ele. — De qualquer modo, pelo menos um tiraremos da face da terra!

— Para mim, os negros não me são mais agradáveis do que para você — retrucou ela. — E acho que não se deve ser demasiadamente intolerante nessa espécie de limpeza. — De súbito, mudou seu comportamento e seu diapasão, perguntando calorosamente. — E agora diga-me que me perdoa.

— Mas é evidente, caríssima, no caso de haver mesmo alguma coisa a perdoar.

Ela havia se levantado e ele a seguiu até a porta e, com naturalidade, acompanhou-a até embaixo. Caswall atravessou com ela o vestíbulo e andou ao longo da subida para a entrada. Quando finalmente deu meia-volta e se dirigiu para casa, ela sorria pensativa.

“De qualquer forma, tudo saiu da melhor maneira possível. A manhã não foi de todo perdida”, murmurou para si mesma e virou-se, tomando o caminho para Diana’s Grove.

Adam Salton foi andando pelo Brow e refrescava no momento suas recordações em relação às diversas localidades que via. Chegou de novo a Lesser Hill na hora em que Sir Nathaniel acabava de se sentar para o almoço. O sr. Salton tinha se posto bem cedo a caminho de Walsall e, portanto, Sir Nathaniel encontrava-se sozinho. Depois do almoço, ele seguiu Adam até o escritório e fechou a porta. Havia reparado na fisionomia do rapaz de que alguma coisa lhe pesava no coração.

Depois que ambos acenderam seus cachimbos, Sir Nathaniel começou a falar:

— Ocorreu-me um fato interessante a respeito de Diana’s Grave. Esta casa está envolta em um estranho mistério, do que há muito tempo tenho ciência. Poderá ser de interesse, como também poderá não ter propriamente muita importância para o caso que pretendemos descobrir.

— Por favor, conte-me tudo o que sabe ou do que suspeita. Comecemos pelo tipo de segredo: físico, espiritual, moral, histórico, científico, oculto? O menor indício poderá ser de utilidade.

— Está certo. Tentarei esclarecer minha maneira de pensar a respeito. Contudo, ainda não consegui pôr em ordem com nitidez meus pensamentos no que se refere a esse tópico e estou certo de que você me perdoará sinceramente se meu relatório estiver um pouco embaralhado. Obviamente conhece a mansão de Diana’s Grove, certo?

— Apenas pelo lado de fora. Porém tenho tudo na minha mente e poderei complementar muito bem o que for relatado.

— A casa é muito antiga; as partes mais velhas datam provavelmente até mesmo aos tempos romanos e foram sendo sempre renovadas. Quando existia o reinado de Mercia, já se encontrava aqui uma casa e não posso acreditar que as fundações tenham sido lançadas somente depois da conquista pelos normandos. Há alguns anos, investiguei tudo isso com muito cuidado na qualidade de presidente da Sociedade de Arqueologia. Isso se reporta à época em que o capitão March adquiriu a propriedade.

Naquela ocasião, a casa passou por uma reforma para que a jovem senhora se sentisse bem ali. As fundações dos muros e as arcadas da adega são muito maciças, tão maciças, como se fossem destinadas a uma fortaleza. A uma determinada profundidade, existe toda uma série de acomodações, sendo que uma delas me pareceu um tanto estranha. É um aposento de enormes dimensões, com paredes de grande espessura. No centro, encontra-se um fosso de uma fonte que chega até o nível do chão e, pelo que parece, deve estar profundamente embutida na terra. Não há nem roldana, nem vestígio de que naqueles tempos tivesse existido alguma por ali; nenhuma corda, nada mesmo. Agora sabemos que os romanos possuíam poços muitos profundos, dos quais a água era retirada por intermédio de uma roldana puxada por cordas. Mas no presente caso nós nos deparamos apenas com um poço muito profundo. A porta que levava para esse aposento era maciça e fechada por meio de um cadeado que media praticamente trinta centímetros quadrados. Era evidente que deveria estar seguro de uma forma toda peculiar. Naquela época ninguém conseguiu se lembrar de jamais ter ouvido dizer que alguém tivesse conseguido permissão para dar uma simples olhada que fosse no tal aposento. Tudo isso, para mim, pode ser uma pista de que o poço teria servido para o Verme Branco, seja o que for, como uma possibilidade de entrada e de saída. Naquela época pretendi inspecionar melhor o poço; cheguei mesmo a organizar uma escavação às minhas próprias custas, mas todos os meus projetos foram pronta e claramente rejeitados. Resolvi então não tentar mais nada. Aí tudo caiu no esquecimento e até mesmo eu não pensei mais no assunto.

— O senhor se lembra da aparência que tinha esse aposento? — perguntou Adam. — Havia lá dentro algum mobiliário?

— Vem-me à lembrança unicamente uma espécie de luz verde, muito fraca, que emanava da escavação. Não era uma fonte de luz calma, mas brilhava de forma irregular como jamais vi luz alguma brilhar assim.

— O senhor sabe ainda, por acaso, como conseguiu entrar nesse aposento do poço? Havia alguma porta que levasse para fora, ou que fosse utilizada uma galeria, ou a entrada era feita através de um outro aposento adjacente?

— Creio que se entrava passando por um quarto contíguo. Lembro que tive que subir por uma escada íngreme. De tanto uso, ela acabara se tornando completamente escorregadia, porque eu quase não conseguia

manter meus pés nos degraus. Uma vez cheguei a tropeçar e quase caí dentro do fosso.

— Havia dentro do aposento alguma coisa que merecesse atenção especial? Um cheiro esquisito, por exemplo?

— Cheiro, sim! Como se fosse de água estagnada ou de pântano fétido. Um fedor repulsivo! Assim que eu acabara de entrar, tive a sensação de que vomitaria. Tentarei ver se consigo me lembrar de mais alguns pormenores.

— Talvez o senhor possa acrescentar mais tarde algumas outras coisas.

— Terei muita satisfação em fazê-lo, Adam. Se seu tio não tiver voltado até lá, poderíamos voltar a falar sobre esse assunto altamente interessante depois do jantar.

Capítulo 17

O MISTÉRIO DE DIANA'S GROVE

Naquela tarde, Adam resolveu que faria um pouco de investigação por conta própria. Quando se dirigia para a parte do bosque diante do portão que dava acesso para Diana's Grove, pensou por um instante ter visto o rosto do negro. Embrenhou-se ainda mais profundamente na mata espessa e seguiu o caminho que levava para a casa. Com essa manobra, ficou satisfeito por não ter aparecido nenhum outro criado, porque não lhe interessava que o pessoal de Lady Arabella o visse rondando a propriedade. Aproveitando-se da densa mata, aproximou-se bastante da casa e a circundou. Seus esforços foram recompensados, porque na outra extremidade da casa, lá onde descia o penhasco, descobriu o corpo encolhido de Oolanga, escondido atrás de um grande carvalho. O negro estava tão profundamente entretido a observar alguém ou alguma coisa que se esqueceu completamente de tomar precauções contra possíveis observadores. Nada melhor podia ter acontecido a Adam, que, sem ser estorvado, escolheu um lugar para ficar à espreita.

De modo geral, as árvores eram baixas e cresciam tão perto umas das outras que lançavam sombras profundas sobre a brusca descida em cuja beirada crescia a árvore atrás da qual o negro encontrara um esconderijo. Adam se esgueirou até bem perto e, para seu enorme espanto, viu no chão um círculo de luz. Quando percebeu o que era, aumentou ainda mais a sua decisão de continuar com a sua investigação. O negro segurava uma lanterna e fazia com que a luz deslizasse sobre a encosta. Degraus de pedra eram visíveis, sendo que acabavam diante de uma pesada porta de ferro, no muro lateral da casa. Tudo o que já ouvira de Sir Nathaniel e todas as grandes e pequenas peculiaridades que ele mesmo percebera formavam uma confusão em sua mente. Instintivamente, procurou uma proteção por trás de um grosso tronco de carvalho e se deixou escorregar para o chão, sem tirar os olhos de seu objetivo.

Depois de algum tempo, percebeu que o africano queria descobrir o que se encontrava por trás da pesada porta. Não havia possibilidade de se espiar para dentro, porque entre a porta e o muro de pedra não havia

qualquer fresta. Uma pequena abertura entre a grande armação de pedra na parte superior da porta era a única possibilidade de poder iluminar o aposento. Mas essa abertura ficava localizada alto demais para que se pudesse espiar para o interior, estando-se ao nível do chão. Depois que Oolanga tentou em vão olhar, ficando na ponta dos pés e, mesmo com o auxílio de um pedaço de madeira colocado obliquamente, viu que sua tentativa não dera resultado, tornou a se esconder, aparentemente esperando que aparecesse alguém. De súbito, surgiu Lady Arabella, que se movimentava silenciosamente na escuridão e parou diante da porta. Nem bem ele percebeu sua chegada, Oolanga mostrou-se e falou com ela em voz baixa. No negrume da noite, seu sussurro era ouvido como se fosse um sibilar.

— Eu gostaria de vê-la, senhorita. Logo e sem ninguém por perto.

— O que você quer?

— A senhora bem sabe. Lá lhe falei o que quero.

Ela se virou para ele, fuzilando-o com seus olhos verde-esmeralda flamejantes.

— Não quero saber de nada. Se tiver alguma coisa importante para me dizer, então pode se encontrar comigo aqui, às sete.

Ele não lhe deu qualquer resposta, mas se curvou ainda mais, com mãos entrelaçadas, até que tocou o chão com a testa. Então se levantou e se afastou devagar.

Do seu esconderijo, Adam Salton vira tudo e não pôde deixar de ficar muito admirado. Depois de alguns minutos, abandonou também seu esconderijo, a fim de voltar para casa, decidido a retornar e se esconder em seu posto de observação às sete.

Um pouco antes da hora, Adam saiu de casa sem fazer barulho e pôs-se a caminho, em direção à parte dos fundos de Diana’s Grove. Tudo parecia calmo e abandonado, de modo que ele pôde voltar ao seu antigo lugar sem que ninguém o visse. Imóvel, ficou esperando e, afinal, viu quando algo branco se esgueirava silenciosamente por entre os arbustos. Não chegou a ficar espantado porque reconheceu logo o vestido de Lady Arabella. Ela parou bem perto dele e esperou, com o olhar dirigido para a porta de ferro. Oolanga apareceu vindo de um determinado esconderijo. Divertido, Adam registrou o fato de que ele segurava sobre o ombro um recipiente com o mangusto. Era evidente que o negro nem desconfiava que

estava sendo observado e, ainda por cima, pelo homem cuja propriedade ele trazia consigo.

Apesar de sua aproximação silenciosa, Lady Arabella o tinha ouvido e se virou. Era bastante difícil discernir Oolanga no meio da escuridão reinante porque, como sempre, ele se vestia de preto e apenas a gola e os punhos eram visíveis. Lady Arabella falou em primeiro lugar.

— O que quer? Roubar-me ou matar-me?

— Não, amá-la!

Essas palavras a assustaram um pouco. Ela prosseguiu com outro tom de voz:

— Isto que tem aí será um caixão? Se for, então está desperdiçando seu tempo. Eu não caberia aí dentro.

Quando um homem daquele se sente ridicularizado, toda a sua natureza selvagem vem à tona. E esse ser humano fazia parte da classe mais baixa.

— Isto não é nenhum caixão. É para a senhora. É alguma coisa que lhe é cara. É um presente!

Continuando a querer afastar o tópico amor, que já se tinha tornado uma ideia fixa, ela tentou desesperadamente desviá-lo do assunto.

— Queria me ver por esse motivo?

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Então venha comigo até a outra porta. Sem fazer barulho. Eu não gostaria de ser surpreendida na companhia de um negro!

Ela não procurou esconder seu menosprezo, querendo com isso opor à paixão do africano um outro tipo de emoção, na esperança de fazer com que finalmente ele se calasse.

A escuridão evitou que pudesse ver o rosto dele contorcido de ódio. Olhos revirados e ranger de dentes eram, porém, visíveis e audíveis. Ela deu a volta pelo lado direito da casa. Oolanga a seguia, mas ficou parado quando ela levantou a mão em sinal de advertência.

— Não esta porta — falou ela. — Esta não é para negros! Para você a outra é suficientemente boa!

Lady Arabella pegou uma pequena chave que se encontrava presa à corrente de seu relógio e com ela se dirigiu para uma pequena porta profundamente embutida no canto, descendo um pouco pelo barranco do Brow. A uma ordem sua, Oolanga correu obediente de volta para a porta de ferro. Adam lançou um olhar explorador para o caixote com o mangusto

quando o africano passou correndo por ele e, satisfeito, verificou que o objeto estava intacto. Involuntariamente segurou na chave que se encontrava no bolso de seu colete. Assim que Oolanga sumiu das vistas, Adam correu para o lugar onde sumira Lady Arabella.

Capítulo 18

A mulher se virou de maneira brusca, ao ser tocada nos ombros pela mão de Adam.

— Um instante, enquanto não estivermos sendo perturbados! Não deveria conceder sua confiança a esse homem! — sussurrou ele.

A resposta da mulher foi rude e incisiva.

— Não concedo!

— Prevenir é melhor do que remediar. Diga-me por que desconfia dele, conte-me para sua própria proteção!

— Meu amigo, tem por acaso alguma noção da sem-vergonhice dessa criatura? Pode imaginar que ele me queira para sua mulher?

— Não! — exclamou Adam, incrédulo. Involuntariamente sentiu algo parecido com divertimento.

— Sim, e ele queria me pressionar devido a uma arca preciosa, a qual ele acredita que eu tenha roubado do sr. Caswall. E por que desconfia dele, sr. Salton?

— A senhora viu por acaso o caixote que ele trazia às costas? Ele me pertence. Eu o deixei no depósito de armas antes de me sentar à mesa para jantar. Ele deve ter se esgueirado lá e tê-lo roubado. É óbvio que acredita haver alguma preciosidade lá dentro.

— Sim, é isso o que ele pensa!

— Como é que sabe?

— Há uns poucos minutos ele me ofereceu o caixote de presente, apenas para pressionar meu consentimento. Que horror! Eu me envergonho por ter que lhe confiar tais coisas. Este monstro!

Ainda enquanto conversavam ela abrira a porta, uma pequena porta de ferro, que funcionava perfeitamente, porque foi aberta com facilidade e fechada com firmeza, sem que rangesse ou que houvesse qualquer outro som audível. No interior tudo era escuro. Contudo, entrou livremente e sem hesitação, como se estivesse em plena luz do dia. De algum lugar aparecia uma fraca luz verde, suficiente para que Adam pudesse reconhecer os

degraus de pedra que levavam para cima. Depois de ter fechado a porta em silêncio, Lady Arabella subiu os degraus com passos leves e ágeis.

Durante os primeiros momentos, tudo retornou à escuridão e então pôde-se notar novamente a fraca luz verde que permitia perceber o contorno dos objetos. Uma segunda porta de ferro, estreita como a primeira e não muito alta, levava para um grande aposento adjacente ao lugar em que estavam, cujas paredes eram de pedra maciça, que se encaixavam sem emendas, de modo a formarem uma única superfície lisa. As paredes davam a impressão de terem sido polidas até brilhar. Na outra extremidade, encontrava-se a parte de trás de outra porta de ferro, brilhante como um espelho, larga, mas não alta. Aqui havia um pouco mais de luz, porque a abertura que existia por cima da porta deixava passar a claridade.

Lady Arabella retirou uma outra pequena chave de seu cinto, que introduziu no centro de um cadeado localizado na fechadura. O grande ferrolho se moveu para trás instantaneamente, sem fazer barulho, e a porta foi aberta. Sobre os degraus de pedra lá fora estava Oolanga, de pé, tendo sobre os ombros o caixote com o mangusto. Lady Arabella afastou-se para o lado e o africano entrou, tomando aquele movimento como um convite. Mas, assim que entrou, lançou um rápido olhar à sua volta.

— Muita morte aqui. Grande morte. Muitos mortos. Bom, bom!

Seu fungar deixava transparecer que apreciava o cheiro. O conteúdo e o tipo de suas palavras eram tão repelentes que a mão de Adam instintivamente pegou no revólver. Colocou o dedo no gatilho, satisfeito por estar preparado para a emergência.

Efetivamente havia motivo para a satisfação que sentia o negro, porque a abertura do poço ficava quase diretamente sob seu nariz e deixava soltar um tal fedor que Adam quase foi dominado pela náusea enquanto Lady Arabella nem se perturbava. Era diferente de tudo aquilo que Adam vivera até então. Comparou com todas as experiências horríveis pelas quais já passara — esgotos de hospitais e de matadouros, os restos das salas de anatomia. Mas isso aqui era diferente, se bem que houvesse um pouco de cada coisa e, além disso, o cheiro acre de detritos químicos e o exalar fétido de um navio cheio de água e de ratos putrefatos. E então, de repente, o negro percebeu a presença de uma terceira pessoa — isto é, de Adam Salton. Pegou em sua pistola e deu um tiro na direção dele, que, por felicidade não atingiu o alvo. O próprio Adam era um hábil atirador, mas dessa vez ele estava com a mente ligada em outro lugar, de forma que sua

presença de espírito falhou. Mas não era nenhum covarde e ainda rápido o bastante para realizar um ato proposital. Aconteceu então que ambos se atracaram. Ao lado deles abria-se o escuro buraco do poço, de cujas profundezas misteriosas emanava o cheiro nojento.

Tanto Adam quanto Oolanga portavam armas de fogo. Lady Arabella, que não possuía nenhuma, era entre todos provavelmente a melhor atiradora, mas como no momento não podia fazer uso dela, agiu de outra maneira. Deslizou agilmente e tentou pegar o africano, que escapuliu de suas mãos e, com esse movimento, quase despencou pela abertura. Oscilando, Oolanga tentava se agarrar a alguma coisa, apontou a arma na direção dela e atirou. Instintivamente Adam jogou-se contra o atacante. Durante a luta, os dois foram se movimentando justamente até a beirada do fosso.

A raiva de Arabella tinha chegado ao auge. Com as mãos estendidas, fez um movimento na direção de Oolanga e o agarrou no momento em que o fecho do caixote em que se achava o mangusto se abriu por dentro e o exterminador de najas pulou com uma rapidez indescritível. E quando o animal se lançou sobre o pescoço dela, Lady Arabella o segurou e, em seu ódio, que era maior do que o dele, rasgou-o em duas partes, como se fosse uma folha de papel. A força que exerceu deve ter sido enorme. E logo a seguir o atirou para dentro do fosso. No mesmo instante, segurou Oolanga e o puxou, enquanto seus alvos braços o prendiam, tentando fazer com que caísse juntamente com o animal pela abertura escancarada.

Adam enxergava agora luzes verdes e vermelhas em círculos que rodopiavam e, na descida, formaram-se dois olhos verdes brilhantes que iam se afundando cada vez mais profundamente, até que sumiram, lançando para cima a luz verde que a cada momento se tornava mais forte. Enquanto a luz verde mergulhava nas profundezas horrendas, soou um berro que fez gelar o sangue de Adam — um grito longo e contínuo, resultante de tortura e de pavor, que parecia não ter fim.

Adam Salton sentiu que jamais lhe sairia do pensamento esse pavoroso instante. O reflexo de luz abrangendo todo o fosso, que parecia alcançar as entranhas do mundo, impedia que se pudesse olhar para as profundezas do inferno. O africano teve um pavoroso destino, quando mergulhou aterrorizado no fosso, com um rosto cinza e olhos esbugalhados e injetados de sangue. A própria luz misteriosa era algo aterrorizante. E, através disso tudo, de uma extremidade à outra, saindo do fundo insondável, cuja

abertura estava marcada por salpicos de sangue, aquele horrível grito. A morte do destemido pequeno matador de serpentes — cuja selvageria provinha não da terra, mas de uma força mais diabólica — fora apenas um incidente de menor importância. Adam encontrava-se em uma situação espiritual pela qual jamais havia passado em toda a vida e que não tinha paralelo. Sua vontade era fugir daquele lugar horroroso. A luz verde estava se tornando cada vez mais fraca, à medida que sua fonte desaparecia no fosso profundo. A escuridão tomou conta dele com uma irresistível impenetrabilidade — escuridão em um tal lugar e com tais recordações!

Apavorado, saiu correndo — escorregou nos degraus onde havia uma massa viscosa, cáustica e fedorenta. Caiu e, tateando, retomou o caminho para o aposento contíguo, onde não havia nenhum fosso aberto.

E então teve que esfregar os olhos, tão grande foi seu espanto. A figura vestida de branco de Lady Arabella, toda manchada de sangue no rosto, mãos e pescoço, a única coloração que se via nela, subia os degraus de pedra que davam para a estreita porta pela qual ela havia entrado. Mostrava-se calma e tranquila, como no momento em que entrara e o havia deixado passar pela estreita porta de ferro.

Capítulo 19

UM INIMIGO NA ESCURIDÃO

Antes de voltar para Lesser Hill, Adam Salton resolveu fazer um passeio. Não era somente com a finalidade de espairecer da cena horripilante e para acalmar seus nervos agitados, mas também para que pudesse pôr em ordem seus pensamentos, a fim de ter condição de conversar com Sir Nathaniel a respeito. Não se sentia muito à vontade para falar sobre o assunto com seu tio, porque a questão que se desenrolara tinha ultrapassado o ponto em que pararam na última conversa com ele e tinha suas dúvidas quanto à reação do velho quando ficasse sabendo das estranhas ocorrências que tinham acabado de acontecer. Era óbvio que o sr. Salton certamente não ficaria satisfeito por ser tratado como um estranho no assunto que dizia respeito aos moradores de sua casa. Com enorme alívio, Adam lembrou-se de que seu tio enviara um telegrama à sua governanta informando ter negócios a tratar em Walsall e que passaria lá a noite. Sua volta deveria ser esperada para o dia seguinte, na hora do almoço.

Quando Adam voltou para casa de seu passeio, verificou que Sir Nathaniel encontrava-se a ponto de se recolher. Portanto, não disse uma palavra do que havia acontecido, mas resolveu que teria com ele uma conversa na manhã do dia seguinte, porque tinha muita coisa a dizer que necessitava da maior atenção.

Ele achou muito esquisito que tivesse acordado com a cabeça fresca e sem sentir nenhum sinal de nervosismo. A empregada lhe trouxe o chá matinal juntamente com uma carta que ela encontrara na caixa do correio. Era proveniente de Lady Arabella e servia aparentemente para o fim de preveni-lo para que agisse com prudência quando fosse falar dos acontecimentos do dia anterior. Ele leu várias vezes a missiva com muita atenção, para que nada lhe escapasse de seu conteúdo.

Caro sr. Salton:
Não poderia deitar-me sem que antes lhe escreva. Portanto, é preciso que me perdoe por importuná-lo e em uma hora tão pouco apropriada. Eu gostaria que me perdoasse ainda se eu, na tentativa de fazer o que é correto, fale demais ou de menos. A verdade é que tudo o que aconteceu nessa horrível tarde me deixou desnorteada e abalada. Até mesmo escrever é bastante penoso para mim. Minhas mãos estão muito trêmulas. Só de pensar que não serei capaz de dominar-me, e a lembrança dos horrores que presenciamos com nossos próprios olhos faz meu corpo tremer todo. Aflige-me sobretudo que eu, se bem que também tenha um pouco de culpa, tenha sido o motivo do horror que lhe aconteceu. Perdoe-me se puder e não me julgue duramente. Isto eu lhe peço cheia de confiança, pois nós enfrentamos juntos o perigo, vimos a morte nos olhos, e, assim, sinto que poderíamos ser mais do que amigos, que eu me apoiarei no senhor e que terei sua lealdade na certeza de que será sensível à minha simpatia e terá compaixão. Deixe-me agradecer por sua amizade, pelo auxílio, pela fidelidade, pela energia para agir no momento do perigo mortal e do medo da morte. Aquele ente humano pavoroso haverá de seguir-me por toda a vida em meus sonhos. Seu feio rosto apagará todas as recordações da luz do sol e da felicidade. Para sempre verei seus terríveis olhos, como me apareceram naquele momento em que, tentando inutilmente afastar as consequências de sua iniquidade, jogou-se dentro do fosso. Quanto mais reflito sobre o acontecido, mais me parece evidente que ele planejara tudo com antecedência — com exceção de sua morte horrível, isto fica subentendido.

Talvez tenha reparado na gola que uso de vez em quando. Pertence aos meus tesouros mais preciosos — uma gola de arminho, cravejada de esmeraldas. Muitas vezes percebi os olhos do negro brilharem cobiçosos quando suas vistas pousavam nela. É uma lástima que eu estivesse usando ontem essa gola! Talvez ela tenha sido a causa imediata que levou o pobre coitado ao seu destino. Na beirada do precipício ele me arrancou a gola do pescoço — e foi a última coisa que pude ver dele. Enquanto ele mergulhava no fundo do fosso, eu me joguei contra a porta de ferro que depois fechei. Então ouvi aquele grito que me deixou toda trêmula e que acompanhava o desaparecimento dele. Senti-me indizivelmente aliviada que a meus olhos fosse poupada a dor e o sofrimento do que meus ouvidos tiveram que suportar.

Quando me libertei das mãos do negro e ele mergulhou no fosso, tive então a certeza do que representa a liberdade. Liberdade! Liberdade! Não apenas a liberdade dessa horrível prisão que agora uma tal lembrança abriga, mas liberdade do abraço desse monstro pavoroso. Eu lhe serei grata pela minha liberdade por toda a minha vida. Como mulher, preciso externar todo o meu agradecimento para que não me pese demasiado. É verdade que não sou uma pessoa sentimental, para quem seja um prazer mostrar-se grata a um homem. Sou uma mulher que conhece tudo, seja bom ou ruim, do que a vida pode proporcionar. Conheci o amor e a privação. Não devo me deixar permitir levar a infelicidade para a sua vida. Preciso continuar a viver sozinha como até agora a acrescentar à minha preocupação ainda a lembrança da mais recente ofensa e o consequente horror. Neste ínterim, devo partir de Diana's Grove o mais rapidamente possível. Amanhã viajarei para a cidade, onde deverei permanecer durante uma semana — não posso demorar-me mais do que isso, pois a importância dos meus negócios não permite que eu me ausente por muito tempo. Contudo, posso imaginar que uma semana na confusão de Londres, na companhia de inúmeras pessoas normais, contribuirá para amenizar as terríveis imagens dos últimos dias, ainda que não possa apagá-las por completo. Quando eu estiver em condições de poder dormir sossegada, o que tenho esperanças de que deverá acontecer dentro de um ou dois dias, serei então capaz de voltar e carregar o peso que me acompanhará para sempre.

Eu me sentirei imensamente feliz se puder vê-lo depois de minha volta ou até mesmo antes, se, por um feliz acaso, o senhor viajar para Londres. Terei acomodações no Mayfair Hotel. Naquele lugar movimentado, poderemos esquecer juntos os perigos e horrores por que passamos. Adeus, e, mais uma vez, meus agradecimentos pela bondade e por seus cuidados.

Arabella March

Adam ficou extremamente atônito com essa extensa e detalhada epístola. Pensou primeiro em não mostrar a carta a Sir Nathaniel e lhe dar para que a lesse apenas depois de ter refletido bastante sobre o assunto.

Quando se encontrou com Sir Nathaniel no café da manhã, ficou satisfeito por ter se dado ao trabalho de ponderar demoradamente sobre a questão. O resultado foi que ele não estava bem a par dos fatos com todas as particularidades, mas que as tinha coordenado de tal maneira que podia diferençar o que era importante do que não tinha interesse. O desjejum foi tomado em silêncio, de modo que a sequência dos pensamentos não foi quebrada.

Logo que a porta do escritório se fechou sobre os dois, Sir Nathaniel começou a falar:

— Adam, vejo que algo aconteceu e que tem muito a me dizer.

— É verdade, senhor. Penso que é melhor eu lhe contar tudo o que sei, tudo o que se passou desde que lhe deixei ontem à noite.

De acordo com o que o velho diplomata falara, Adam relatou todas as particularidades das ocorrências da noite anterior. Limitou-se estritamente à descrição das circunstâncias e evitou falsear o acontecimento através de seus próprios comentários ou de seus pontos de vista a respeito de coisas sobre as quais não tinha certeza.

De início, pareceu que Sir Nathaniel tinha algumas perguntas a fazer, mas desistiu delas quando percebeu que o relatório era conciso e compreensível. Limitou-se, portanto, a rápidos olhares, fáceis de explicar, ou a movimentar as mãos com calma, como se quisesse sublinhar corretamente o que fora dito.

Até o final, o velho senhor absteve-se de fazer qualquer observação. E também quando Adam tirou do bolso a carta de Lady Arabella, com a clara

intenção de lhe dar para ler, não deu nenhuma demonstração externa. Quando finalmente Adam dobrou de novo a carta e a recolocou no bolso, como sinal por assim dizer de que terminara, o velho diplomata fez com cautela algumas anotações.

— Seu relatório, meu caro Adam, é simplesmente espantoso. Acredito que possamos partir do ponto de que ambos temos conhecimento dos fatos e que nosso encontro deverá ser antes uma troca de ideias. Portanto, faremos perguntas à medida que nos venham à mente. E não tenho dúvidas de que chegaremos a resultados esclarecedores.

— Gostaria de começar, senhor? Não questiono novamente que o senhor, com sua longa experiência, poderá dissipar as nuvens que envolvem tanto as coisas a serem consideradas.

— É o que espero, meu caro rapaz. Como início, deixe-me lhe dizer que Lady Arabella esclarece bem algumas de suas intenções, e também algo daquilo que ela não queria deixar transparecer. Todavia, antes que eu tire minhas conclusões, vou lhe fazer umas perguntas. Adam, é ainda senhor do seu coração no que toca a Lady Arabella?

Seu companheiro respondeu sem demora e, durante as perguntas e respostas, nenhum se esquivou de olhar o outro.

— Senhor, Lady Arabella é uma mulher charmosa. Teria sido para mim uma honra conhecê-la, conversar com ela, sim, até mesmo, já que estou fazendo confissões, de flertar um pouco com ela. Mas se quiser saber se tenho outro interesse nela, então devo apenas responder enfaticamente com um “não”. O que o senhor compreenderá quando eu lhe contar o motivo, deixando de lado as desagradáveis particularidades sobre as quais conversamos ontem.

— Seria muito incômodo para você se me contasse o motivo? Isso nos seria de grande ajuda para entender que tipo de dificuldades teremos que enfrentar.

— Certamente, senhor. O motivo pelo qual não me interesso por ela é o fato de que amo uma outra.

— Com isso o caso está resolvido. Devo lhe desejar toda a felicidade e talvez congratulá-lo?

— Seus bons augúrios me tornam orgulhoso, senhor. Mas ainda é cedo para as congratulações. A dama ainda não tem conhecimento das minhas esperanças. Sim, devo dizer que até o presente momento eu mesmo não tinha certeza absoluta de meus sentimentos em relação a ela.

— Adam, suponho que no tempo oportuno vai me dizer o nome da dama, certo?

Então Adam deu uma leve risada, uma risada agradável, como se tivesse partido de um coração feliz.

— Isso posso lhe dizer a qualquer hora, sim, sem nenhum minuto de demora. Dividirei com prazer meu segredo com o senhor. A dama pela qual eu daria com satisfação meu tesouro e em volta da qual revolvem meus sonhos para uma felicidade duradoura é Mimi Watford!

— Então, meu caro, não preciso esperar muito para lhe dar meus parabéns. Mimi é uma jovem extremamente digna de amor. Que eu saiba, jamais vi uma moça na qual se aliem com perfeição tamanha força de caráter e tal índole agradável. Eu me congratulo contigo de todo o coração. Devo então subentender que minha resposta anterior foi respondida?

— Sim, é isso mesmo. E agora, senhor, posso saber o porquê da pergunta?

— Certamente! Eu a faço unicamente porque poderíamos chegar a um ponto em que a minha indagação iria magoá-lo.

— Não se trata apenas disso, do fato de que amo Mimi. Também tenho motivos para desconfiar de que Lady Arabella seja a adversária — prosseguiu Adam.

— Sua adversária?

— Sim. Como uma inimiga arguta e sem escrúpulos, que não tem outro objetivo a não ser o de prejudicar.

Sir Nathaniel foi até a porta, olhou para fora e retornou, depois de tê-la fechado de novo com toda a cautela.

Capítulo 20

UMA CONVERSA MUITO SÉRIA

— Será que dou a impressão de seriedade? — perguntou Sir Nathaniel com bastante incoerência, quando voltou ao aposento.

— Sim, é justamente isso, senhor.

— No nosso primeiro encontro, não tínhamos noção de que seríamos envolvidos em um redemoinho tão perigoso. Agora estamos tratando com roubo e provavelmente com assassinato. Mas mil vezes pior do que todos os crimes conhecidos é o mistério horrível que não tem começo nem fim, com o qual temos que nos defrontar, com energias que abalam os nervos e que têm sua origem em uma época em que o mundo era diferente daquele que hoje conhecemos. Com isso voltamos ao início das superstições daquele tempo em que os dragões se dilaceravam uns aos outros nos pântanos. Não devemos nos deter diante de nada, diante de nenhuma inferência, seja ela improvável ou impossível. Vida ou morte dependem de nosso poder de discernimento, não somente para nós, mas para os que amamos. Reflita, portanto, e eu me apoiarei em você. E é de se esperar que apoiará em mim.

— Confio plenamente no senhor.

— Vamos então utilizar nossas considerações com a cabeça fria e sem medo, indiferentes ao fato de como tudo possa parecer horrível. Presumo que eu possa me fiar em seu relatório sobre os acontecimentos em Diana’s Grove e que todas as particularidades estão corretas?

— Ao que eu saiba, sim. Naturalmente posso ter me enganado na retrospectiva e em um ou outro ponto; todavia, tenho absoluta certeza de que contei tudo o que é importante com toda a exatidão.

— Está também seguro de que Lady Arabella segurou o negro pelo pescoço e o puxou com ela para a abertura?

— Absolutamente certo, senhor. De outra forma, eu teria ido em seu auxílio.

— Então estamos diante da narrativa de uma testemunha ocular, isto é, você. E mais ainda, temos em nosso poder a carta detalhada escrita do próprio punho de Lady Arabella. Essas duas informações, contudo, não correspondem. Portanto, devo presumir que um dos dois está mentindo.

— É óbvio, senhor.

— E que Lady Arabella é a mentirosa!

— É evidente que não estou mentindo.

— Devemos por isso encontrar o motivo para a mentira dela. Ela não precisa temer nada pela morte de Oolanga. O único motivo para sua detenção é tentar persuadir alguém de sua inocência. E você não pode ser esse "alguém", pois é a testemunha ocular. Mais ninguém estava presente. Portanto, deve se tratar de uma pessoa ausente.

— Isso me parece fora de dúvida.

— E existe apenas uma pessoa de cuja opinião Lady Arabella poderia se assegurar, e ela é Edgar Caswall. Ele é o único que serve. E ele é igualmente o motivo para outras coisas. Ela tem obviamente a intenção de acusar o negro de sua própria morte. Ela não deve supor que possa convencer você, a testemunha ocular. No caso de ela querer mais tarde ampliar sua versão, foi muito inteligente da parte dela assegurar-se da sua conivência.

— É verdade.

— E existem ainda outros pontos falsos. Por exemplo, a história com a gola de arminho. Um esclarecimento para o fato seria o empenho que ela tem em desviar a atenção das luzes verdes no aposento. Cada uma das pessoas que não estivesse a par das ocorrências teria visto as luzes verdes no aposento e no fosso, como olhos de uma jiboia, uma serpente como, de acordo com a lenda, se presume existir em poços. A seguir, Lady Arabella poderia querer dar a impressão de que não existia em Diana's Grove nenhuma cobra dessa espécie. De minha parte, não acredito em mentiras pela metade; a arte da mentira não permite o emprego de rodeios. O mentiroso continuará sempre um mentiroso, qualquer que seja a ocasião. O egoísmo segue naturalmente a falsidade da língua. Mas não se pode mais acreditar na pessoa que mentiu uma vez, mesmo que esteja no momento dizendo a verdade. Isso nos leva à conclusão de que nós, ainda que ela diga ou insinue que não exista serpente alguma, deveríamos procurar por uma na expectativa de encontrá-la.

"E agora tomo a liberdade para fazer uma pequena digressão. Moro há muitos anos em Derbyshire, uma região tão famosa por suas cavernas como não existe outra na Inglaterra. Eu as conheço perfeitamente bem, da mesma forma que outras grandes cavernas existentes no estado do Kentucky, na Alemanha, na França e em muitos outros países. Lá se encontra uma boa

quantidade de cavernas profundas e mal-assombradas, com aberturas bastante estreitas, muito protegidas pelos pesquisadores audaciosos que desceram em fossos abismais e algumas vezes não voltaram mais. Estou convencido de que muitas das cavernas do Peak foram utilizadas como refúgio desde os tempos mais remotos pelas imensas serpentes das lendas e da tradição. Essas cavernas geológicas que se originaram de maneira absolutamente normal, formando borbulhas ou cicatrizes na crosta terrestre, foram usadas mais tarde pelos monstros na época do novo mundo, simplesmente como esconderijo.

"Tal fato nos leva a um outro ponto de mais difícil entendimento e compreensão, isto é, se tal ser de grandes proporções, como esses monstros, algum dia tenha passado por uma transformação. Um dia talvez a ciência faça tanto progresso que as modificações estruturais, partindo de bases intelectuais ou morais, possam ser explicadas. De qualquer modo, podemos imaginar que uma grande força animal seja capaz de apresentar a base natural para transformações de toda espécie. Mas, se assim for, o que seria melhor acontecer nessas redondezas do que monstros milenares, cuja força seria tão imensa que possibilitaria uma sobrevivência de milhares de anos? Ainda não sabemos se o cérebro cresce separadamente das outras partes da estrutura do corpo, podendo se desenvolver.

"Finalmente, há o oposto na Idade Média para aqueles que acreditam na pedra dos sábios, pedra que podia transformar metal, sendo essa a teoria da transformação da substância que envolve as entranhas vivas. Em outras eras em que o pesquisador, como agora, se voltava para a ciência natural como fundamento de todas as maravilhas, não devemos nos mostrar mais tão rígidos com a não aceitação dos fatos que temos à mão, ainda que nos pareçam impossíveis.

"Imaginemos diante de nós um desses monstros dos primórdios do mundo, um dragão dos tempos primitivos, que alcançou uma idade de milhares de anos e que possui um cérebro com mostras de um início de crescimento. Supondo que esse monstro de proporções e de força indescritíveis se estabeleça em um lugar e que seja privado da chance de um desenvolvimento ininterrupto, não estaria ele ser apto a desenvolver — com o correr de um longo tempo — uma inteligência mais elevada? Não é de todo impossível. Seria unicamente um processo evolutivo natural.

"No início, os instintos animais se tornariam limitados devido à absorção de alimentos, da autopreservação e da preservação da espécie.

Com o tempo, as necessidades se tornariam mais complexas, partindo da simples necessidade da preservação da vida e trazendo consigo a sustentação do poder. Para nós, que estamos habituados a relacionar o crescimento com o tamanho em seus vários aspectos, isso seria normal. A natureza, porém, que não presta homenagem a noções doutrinadoras, aplica a ideia de maneira igual à concentração. Uma das coisas no processo do desenvolvimento pode modificar-se em qualquer espécie e sob qualquer forma. Agora é uma lei científica que traz consigo um avanço vantajoso e desvantajoso de diversos tipos. O que um objeto obtém sob um aspecto pode perder em outro. Não poderia se dar o caso de que a mãe natureza favoreça igualmente o progresso e o declínio — sim, que, baseada em princípios, traga consigo um progresso na concentração e um declínio no tamanho? Suponhamos, por exemplo, monstros que, pela tradição, eram reais e ligados a um determinado local como o verme de Lambton ou aquele de Spindleston Heugh. Quando um tal ser, por intermédio de um processo de transformação, troca uma parte de seu tamanho por um crescimento intelectual, teremos então que tratar com uma nova espécie — talvez mais perigosa do que o mundo já tenha visto —, uma força que consegue pensar, mas não dispõe nem de alma, nem de moral e, assim, não tem nenhum senso de responsabilidade. Uma cobra seria um ótimo exemplo de tal coisa, porque, como animal de sangue frio, não conhece as tentações que levam os seres de sangue quente a se enfraquecerem ou se limitarem. Se, por exemplo, o verme de Lambton — caso tenha realmente existido — fosse controlado por uma inteligência organizada e desenvolvida, então poderia haver um outro ser vivo que pudesse igualar-se a ele em sua capacidade maléfica? Um tal ser estaria em condições de devastar todo um país. Agora, essas coisas exigem muita consideração e nós queremos empregar nosso saber de maneira útil e devemos, portanto, ser muito precisos. Não será melhor se voltássemos a esse assunto mais tarde?”

— Concordo, senhor. Sinto-me agora como se me encontrasse em um turbilhão. E eu gostaria de refletir bastante sobre o que acabou de me dizer.

Quando ambos se encontraram novamente depois do almoço, sentiam-se descansados e refrescados e cada um tinha alguma coisa a acrescentar às informações gerais. Adam que, por natureza, avaliava de maneira mais combativa do que seu amigo mais velho, supôs complacente que a conferência tomaria logo uma direção prática. Sir Nathaniel reconheceu esse fato e logo pôs-se à disposição como um velho diplomata.

— Diga-me o que acha do resultado de nossa conversa.

— Quero dizer que a dificuldade já está tomando uma forma prática, mas com perigos adicionais que não percebi no início.

— Qual é a forma prática e quais são os perigos adicionais? Não questiono isso, mas tento apenas explicar minhas ideias por intermédio de seus...

Adam prosseguiu:

— Nos primórdios do mundo havia monstros de um tal tamanho que viveram durante milhares de anos. Alguns deles devem ter durado até os nossos tempos. Existe a possibilidade de que, com o correr dos anos, tivessem dado passos no desenvolvimento do cérebro. E ainda que possuíssem o sedimento de um cérebro, deveríamos vê-los como um dos mais perigosos seres em que a Terra já pôs olhos. A tradição estabelece um desses monstros nos pântanos do leste. Ele pertencia agora a uma caverna em Diana’s Grove, também chamada de Toca do Verme Branco. Tais entes podem ter se desenvolvido como seres superiores ou inferiores. Podem até terem se transformado em algo como seres humanos. Lady Arabella March é da natureza do réptil. Ao que saibamos, ela já cometeu crimes. Tem dentro dela alguma coisa da força poderosa dos seres primitivos, pode permanecer no escuro e tem os olhos de uma cobra. Ela apenas usou o negro e depois o jogou para dentro do buraco da serpente, empurrando-o para o fosso. Sua intenção é dirigida para o mal e ela odeia alguém a quem amamos. O resultado...

— Sim, qual é o resultado?

— Em primeiro lugar, Mimi Watford teria que ser removida, portanto...

— Sim?

— O monstro tem que ser exterminado.

— Bravo! A isso chamo de conclusão verdadeira e intrépida! E ela tem que ser executada a qualquer preço.

— Logo?

— Pelo menos muito em breve. A simples existência desse ser já um perigo. Sua presença nas redondezas torna o perigo imediato.

O semblante de Sir Nathaniel endureceu e ele enrugou fortemente as sobrancelhas. Seu desembaraço em ajudar na descrição dos planos não podia deixar nenhuma dúvida. Todavia, a idade e a experiência traziam a sabedoria, a lei e a diplomacia. Ele achava ser de sua obrigação evitar todas

as coisas irrefletidas, até que tudo fosse bem pensado e planejado. Valia a pena refletir sobre todos os aspectos legais não apenas por se tratar de uma agressão a uma vida, mas também por ser uma monstruosidade sob forma humana e ainda se tornar ativa em campo estranho. Lady Arabella, fosse mulher ou serpente, era a proprietária da terra, sobre a qual se movia e a lei pune zelosa e rapidamente uma ofensa que lhe seja feita. Todas essas dificuldades deveriam ser mesmo evitadas por causa do sr. Salton, de Adam e, acima de tudo, por causa de Mimi Watford. Ainda antes de começar a falar, Sir Nathaniel havia decidido que deveria adiar o avanço decisivo até determinada hora, quando todas as circunstâncias fossem propícias. Ao dar início às suas palavras, Adam acreditava que seu amigo modificara seu ponto de vista ou que quisesse até mesmo recuar diante da responsabilidade. Seu respeito para com Sir Nathaniel era tamanho que nada faria sem o consentimento do amigo e, em uma questão importante, jamais tomaria uma decisão sem consultá-lo. Entrou, dirigindo-se para perto dele, sussurrando-lhe ao ouvido:

— Temos que tomar providências para a execução de nossos planos ao combate e à destruição dessa horrível ameaça, mas somente depois de termos esclarecido alguns pontos importantes. Enquanto isso, temos que esperar que a noite chegue. Estou ouvindo os passos do meu tio no corredor.

Sir Nathaniel concordou com um aceno de cabeça.

Capítulo 21

A LUZ VERDE

À noite, depois que o velho sr. Salton se retirou para os seus aposentos, Adam e Sir Nathaniel voltaram para o escritório. Em Lesser Hill tudo corria com a maior regularidade, de modo que tinham a certeza de que sua conversa não seria interrompida.

Assim que acabaram de acender seus charutos, Sir Nathaniel continuou:

— Adam, acredito que não me julgue indolente ou inconstante. Minha opinião é a de que devemos prosseguir com a coisa até o amargo final, se for esse o caso. Posso assegurar de que minha primeira preocupação está na segurança de Mimi Watford. Meu caro rapaz, tem a minha palavra de honra. Mas todos nós estamos expostos ao mesmo perigo. Esse monstro meio humano das profundezas nos odeia e quer nos aniquilar: a você, e certamente a mim também e provavelmente a seu tio. Procurei ter esta conversa hoje com você por um determinado motivo. Acredito mesmo que está se aproximando a hora em que deveremos contar o que se passa a seu tio. Enquanto apenas perigos imaginários nos ameaçavam, nosso silêncio era justificado, mas agora que existe uma ameaça de morte para ele, é mais do que correto que esteja a par de tudo.

— Concordo plenamente. A situação se modificou desde que decidimos mantê-lo afastado da questão. Agora não podemos deixar de lhe contar. Temos que levar em consideração seus sentimentos, pois isso poderá lhe custar a vida. É nossa obrigação, que nem por isso é fácil ou agradável. Não tenho nenhuma sombra de dúvida de que ele vai querer tomar parte em tudo. Lembre-se de que aqui somos seus hóspedes. Seu nome e sua honra têm que nos ser tão caros quanto sua segurança.

— Será como quiser, Adam. Contudo, o que faremos? Não podemos simplesmente matar Lady Arabella. Portanto, temos que arranjar tudo para que ela encontre a morte, sem que a culpa recaia sobre nós.

— Parece-me que estamos presos em uma situação muito embaraçosa. A primeira dificuldade consiste em que deveríamos saber por onde começar. Jamais pude imaginar que essa luta se mostraria tão árdua. Esse

monstro da antiguidade é uma mulher, com todos os refinamentos que lhe são inerentes e que além de tudo possui a crueldade de uma cocote. Aliado a isso tudo, ele tem à sua disposição a força e a impenetrabilidade de um diplococo. Por esse motivo, partiremos do ponto de que a luta que teremos que enfrentar não será conduzida com lisura e honestidade e que nossa inescrupulosa oponente tudo fará para não ser apanhada.

— Concordo. Como mulher, ela talvez tente fazer o impossível. Adam, desconfio de que teremos que nos proteger a nós e a outros contra sua feminilidade e seremos mais fortes se jogarmos contra ela nossa masculinidade. Mas primeiro é melhor dormirmos um pouco pensando nisso. Ela é uma criatura da noite. E a noite talvez nos seja útil, trazendo-nos ideias.

Ambos foram se deitar.

De madrugada, Adam bateu na porta do quarto de Sir Nathaniel e entrou depois que ele respondeu afirmativamente. Trazia várias cartas na mão. Sir Nathaniel sentou-se na cama.

— E então?

— Eu gostaria de ler algumas cartas que naturalmente só enviarei depois que me der seu consentimento. Na realidade — enrubesceu e sorriu —, existem muitas outras coisas que eu gostaria de fazer. Contudo, tenho me refreado, até que eu obtenha seu consentimento.

— Diga! — falou o outro com cordialidade. — Diga-me tudo. Em qualquer caso, pode contar com minha simpatia e com meu consentimento, desde que eu ache que é a coisa acertada a ser feita.

Adam então prosseguiu:

— Depois que eu lhe apresentei as sequências de minhas conclusões, resolvi que, no interesse de Mimi Watford e de sua segurança, ela deveria ser afastada e que o monstro tem que ser eliminado.

— Sim, é a coisa mais acertada a fazer.

— A fim de poder pôr em prática essa ideia, é necessário um pré-requisito, para que não nos encontremos em uma nova dificuldade. Mimi precisa de um protetor, que o mundo inteiro possa reconhecer como tal. E a única forma conhecida entre todas as convenções de proteção é um casamento.

Sir Nathaniel sorriu paternamente.

— Para isso é preciso que haja um marido. E você será esse marido.

— Sim, sim.

— E o casamento poderá ser realizado imediatamente e com todo o sigilo. A jovem interessada estaria de acordo?

— Isso não posso afirmar, senhor!

— Então, como poderemos prosseguir?

— Penso que nós, que um de nós deva perguntar para ela.

— Adam, é uma ideia súbita, uma decisão repentina?

— Uma decisão repentina, sim, mas essa ideia já tenho há muito tempo. Se ela concordar, então tudo estará bem. O passo seguinte é óbvio.

— E deverá permanecer em segredo entre nós?

— Eu mesmo não dou valor algum à guarda do segredo porque meu desejo é gritar aos quatro ventos! Mas trata-se de Mimi. No caso de a nossa oponente tomar conhecimento cedo demais de nosso passo, pode ser muito prejudicial para nós.

— E como poderemos harmonizar a pressa do casamento com o segredo?

Adam enrubesceu e ficou desconfortável.

— Alguém tem que lhe perguntar, o mais depressa possível.

— E esse alguém seria...?

— Pensei que poderia ser o senhor. Seria muito bom!

— Deus Todo-Poderoso! Isso seria uma incumbência completamente nova para mim, e na minha idade. Adam, sabe, é evidente, que pode contar com minha ajuda.

— Eu já estava mesmo contando com ela quando ousei apresentar minha sugestão. Eu espero apenas que o senhor mantenha sua boa vontade e que olhe a execução dessa desagradável tarefa como uma prestação voluntária de amizade!

— Tarefa desagradável!

— Sim — falou Adam, com audácia. — Desagradável para o senhor, ainda que bastante jubilosa para mim.

— Um estranho negócio para ser feito de manhã cedo! Ainda assim, nunca é cedo demais para aprender. Suponho que, quanto mais cedo eu me puser a caminho, tanto melhor. Sou de opinião, no entanto, que seria de bom alvitre se me desse uma mensagem por escrito. Sempre está se tratando de uma proposta fora do comum e a dama poderia me aprontar algum embaraço, até a mim próprio. Dessa maneira, é preciso que tenhamos uma espécie de garantia, algo que lhe prove que estamos levando em consideração seus sentimentos. Porque não devemos dar a impressão de

estarmos pressupondo como sendo natural sua concordância, ainda que apenas tenhamos em mente o seu bem-estar.

— Sir Nathaniel, o senhor é um amigo de verdade! Mimi e eu seremos eternamente gratos, não importando o tempo de vida que venhamos a ter!

Ambos combinaram tudo muito bem e se detiveram em alguns pontos que o casamenteiro não deveria esquecer. Acabavam de soar as dez horas quando Sir Nathaniel saiu de casa. Adam o acompanhou discretamente até a porta.

O rapaz olhou pensativo para velho, que se distanciava — quase invejando-lhe o privilégio que sua boa ação lhe traria —, e sentiu com isso que o coração do amigo batia da mesma forma que o seu.

Todas as partes interessadas manteriam vivos na lembrança os acontecimentos dessa manhã. Sir Nathaniel conseguiu recordar-se apenas vagamente das particularidades e das sequências, ainda que os fatos mais importantes lhe tivessem ficado claramente marcados na memória. A lembrança de Adam Salton limitava-se à espera ansiosa e interminável, à esperança e à preocupação e ainda por cima tendo a impressão de o tempo estar passando com extrema vagareza.

Mimi, durante um longo período, não conseguiu pensar em nada ou se lembrar de qualquer coisa. Ela sabia unicamente que Adam a amava e queria protegê-la de um perigo misterioso. Mais tarde, quando pôde refletir um pouco, ela se perguntou desde quando teria sabido do amor de Adam e que ela mesma o amava de todo o coração. Tudo, cada recordação por menor que fosse, cada sentimento, parecia-lhe que se adaptava a esses fatos elementares, como se tivesse havido uma fusão. O mais importante, a coroação de suas lembranças, fora a despedida de Sir Nathaniel, quando enviou por ele uma mensagem de amor para Adam, vinda do coração, e a reação dele quando ela — seguindo um impulso irreprimível — beijou-o nos lábios. Somente depois ficou preocupada com o fato de que teria que guardar segredo de Lilla quanto ao feliz acontecimento. Ficou subentendido que ela concordava em manter sigilo sobre o que ocorreria em breve, até que Adam lhe permitisse contar.

O conselho e a assistência de Sir Nathaniel foram de enorme valia para Adam com referência ao seu casamento secreto com Mimi. Viajou com ele para Londres e, graças à sua influência, o diplomata conseguiu do arcebispo de Canterbury a licença para o casamento do rapaz, sem que fosse necessário correrem os proclamas. Então Sir Nathaniel persuadiu o velho sr.

Salton que permitisse a seu sobrinho uma estada de várias semanas em Doom Tower. Seria lá também que Mimi se tornaria a mulher de Adam. Esse foi apenas o primeiro passo. Antes de empreender alguma coisa mais, Adam levou sua esposa para a ilha de Man. Ele queria manter uma distância bem grande entre Mimi e o Verme Branco, enquanto a coisa estivesse amadurecendo. Quando voltaram, Sir Nathaniel foi apanhá-los e levou-os imediatamente para Doom Tower, tendo tido muito cuidado para que ninguém soubesse da viagem.

Cuidou igualmente para que portas e janelas estivessem fechadas e aferrolhadas — até mesmo a porta que usariam para entrar na casa. Os malões fechados, as persianas abaixadas. E ainda as pesadas cortinas foram bem puxadas. A uma observação de Adam a esse respeito, Sir Nathaniel falou em voz sussurrante:

— Espere até que possamos ficar sozinhos. Aí então eu explicarei a você o que está se passando. Até lá, nem uma palavra ou sinal. Você verá que tudo foi feito de maneira acertada depois que pudermos conversar.

Não se tocou mais no assunto até depois do jantar, quando eles se trancaram no escritório de Sir Nathaniel no andar de cima. Doom Tower era uma construção alta e ainda por cima no cume do pico. Da parte de cima, tinha-se uma vista ampla que alcançava as colinas acima do Ribble até a vizinhança situada do lado do Brow, que formava o limite norte de toda a Mercia. A casa se originava dos primitivos tempos normandos e era apenas alguns séculos mais recente do que Castra Regis. As janelas do escritório também se achavam fechadas e com as cortinas cerradas, de modo que do lado de fora da torre não se podia ver nenhum sinal de luz.

A sós, Sir Nathaniel explicou que havia confiado ao velho amigo sr. Salton o que estava acontecendo e que, para o futuro, todos trabalhariam juntos.

— É de suma importância que você também mostre a maior cautela daqui para a frente. Ainda que seu casamento tenha sido mantido em segredo e também a sua ausência temporária, ambos os fatos foram descobertos.

— Mas como? E por quem?

— Como, não sei. Mas estou começando a compreender alguma coisa.

— Ela já sabe? — perguntou Adam, bastante consternado.

Um arrepio passou pelo corpo de Sir Nathaniel.

— Sim, o Verme Branco.

Adam notou que Sir Nathaniel há algum tempo chamava Lady Arabella por esse nome, com exceção daqueles casos em que não desejava despertar suspeitas aos leigos no assunto.

Sir Nathaniel apagou a luz. Pegou então na mão de Adam, levando-o através da escuridão até uma janela situada no lado sul. Depois que afastou um pouco a cortina, fez sinal para o amigo, a fim de que olhasse.

Adam fez o que lhe foi sugerido e recuou apressadamente. Seu companheiro acalmou-o dizendo:

— Tudo bem. Já pode falar, mas bem baixinho. Aqui não há perigo, pelo menos não no momento!

Adam inclinou-se, tendo o cuidado de não pressionar seu rosto de encontro à vidraça da janela. O que ele via agora não teria metido medo a ninguém em circunstâncias normais. Seu conhecimento, no entanto, teve o efeito de apavorá-lo — se bem que a noite fosse tão escura que na verdade muito pouca coisa podia ser divisada.

No lado oeste da torre, havia um enorme conglomerado de árvores, formando quase que um bosque. Essas árvores não se encontravam muito perto umas das outras, mas a intervalos que davam a impressão de formarem uma alameda. Sobre os topos das árvores, via-se uma luz verde semelhante a um sinal de advertência em um cruzamento de estrada de ferro. Parecia manter-se completamente imóvel. Todavia, depois que os olhos de Adam se acostumaram com a distância, ele pôde verificar que a luz tremia, como se estivesse se movendo. Imediatamente lembrou-se da luz sobre a abertura do fosso, naquele aposento interno em Diana’s Grove, e ainda do grito pavoroso de Oolanga e de seu horrível rosto que se perdera na escuridão da abertura misteriosa. Instintivamente procurou por um revólver e postou-se de maneira protetora em frente à sua mulher. Como nada aconteceu e a luz lá fora continuou imutável, abaixou com cautela o reposteiro. Sir Nathaniel acendeu novamente a luz e, em meio à intensidade consoladora que iluminava o recinto, começaram a falar sem reticências sobre o assunto.

Capítulo 22

VISTO DE PERTO

— Ela tem à disposição habilidades diabólicas — falou Sir Nathaniel. — Desde o seu desaparecimento ela é vista constantemente ao longo do Brow a procurá-lo em todos os lugares em que você foi visto com frequência. Ainda não sei como ela conseguiu saber de seus movimentos e também não pude descobrir mais nada que nos possa auxiliar. Agora ela parece ter sabido de seu casamento e sua ausência. Porém, não acredito que esteja a par do lugar onde vocês se encontram agora. Mal escurece, ela começa a fazer a ronda e antes do início da madrugada já percorreu toda a região em volta do Brow até o coração do Peak. O Verme Branco, em sua figura verdadeira, tem à disposição propriedades que o possibilitam de maneira fora do comum a fazer essas coisas. Ela pode olhar pela janela de maneira normal. É uma felicidade que essa casa esteja fora de seu alcance, de acordo com as aparências. Mas, assim mesmo, nesta altura, é melhor que não se veja luz alguma a fim de que não fique informada sobre nossas idas e vindas.

— Não seria de alguma vantagem se um de nós pudesse contemplar o monstro de perto? Da minha parte posso correr o risco, pois é exatamente o que isso é, um risco. Jamais eu soube que alguém a tenha visto de perto e tenha conseguido sobreviver.

Sir Nathaniel levantou a mão como que prevenindo.

— Bom Deus, que sugestão é essa? Pense na sua mulher e em tudo o que está em jogo.

— É justamente por pensar em Mimi que eu gostaria de correr o risco.

A jovem mulher de Adam sentia-se orgulhosa do marido, porém, só de pensar no Verme Branco, ela empalideceu. Adam percebeu o que se passava e tentou acalmá-la.

— Desde que a dama não saiba onde me encontro, poderei considerar-me de certa forma em segurança. Lembre-se, meu tesouro, de que todo o cuidado é pouco.

Sir Nathaniel viu bem claramente que Adam estava com a razão. O Verme Branco não tinha à sua disposição nenhuma força sobrenatural e não

podia prejudicar, desde que não soubesse onde se encontrava. É por isso que concordaram que somente ambos os homens deveriam ir em busca de averiguações.

Eles se esgueiraram sorrateiramente pela porta de trás e foram andando com muita cautela pelo caminho que seguia para o oeste. Estava escuro como breu — tão escuro que eles algumas vezes eram obrigados a procurar apoio em cercas e troncos de árvores às apalpadelas. Contudo, sempre podia ver lá ao longe e bem no alto a pavorosa luz, que, a esta distância, se apresentava como uma fraca linha. Vista da altura do chão tinha a luz um efeito de parecer bem mais elevada do que da parte superior da torre. A visão fez com que Adam se sentisse desanimado. O perigo que esse empreendimento desesperado trazia consigo era bem evidente diante dos olhos. Todavia, esse sentimento foi aliviado por um outro que o trouxe de volta à realidade: um ódio furioso e o desejo de matar. Sentimentos que ele jamais sentira.

Eles se moviam seguindo por um caminho uniforme, do qual podiam ver constantemente a luz verde. Sir Nathaniel sussurrou para Adam:

— Não sabemos como se acham os sentidos da audição e do olfato dessa criatura, ainda que eu suponha que ambos não devem ser muito desenvolvidos. Quanto ao que se refere à vista, é bem provável que aconteça o contrário. Mas, seja como for o que vier a acontecer, devemos nos manter escondidos por trás dos troncos das árvores. A menor falha poderá ser fatal.

Adam concordou somente com um aceno de cabeça, para o caso de o monstro poder vê-los e ouvi-los.

Depois de um espaço de tempo que parecia interminável, saíram do bosque para o descampado. Comparado com a escuridão impenetrável que os envolvera, era como se tivessem saído para o sol. Via-se o suficiente para distinguir as coisas a uma determinada distância. O olhar de Adam procurou imediatamente pela luz verde no firmamento. Ela se encontrava sempre no mesmo lugar, mas era possível ver com nitidez a circunvizinhança.

A luz estava situada na ponta de uma comprida haste branca, de cuja parte superior pendiam duas protuberâncias também brancas, semelhantes a braços rudimentares ou a barbatanas. A luz verde espantosamente tinha seu brilho amortecido pelo das estrelas, mas tinha o efeito de clarear e iluminar. Durante a observação, que Adam fazia com a ajuda de binóculos, os narizes

deles foram ofendidos por um cheiro horrível, que lembrava o fedor do buraco do fosso em Diana’s Grove.

Depois que seus olhos se acostumaram ao contraste da iluminação, viram diante de si uma enorme massa que se levantava na frente, parecendo branca como neve. Era um corpo bastante alto e magro, cuja parte inferior era encoberta pelas árvores. Enquanto eles a fitavam, observaram um movimento — a vara dobrava-se e a luz verde desapareceu entre as árvores. A luz piscava enquanto o monstro atravessou por entre os ramos que obstavam o caminho.

Os homens se aproximaram um pouco mais e viram que a massa até agora encoberta a seus olhos consistia de anéis do corpo da serpente ao pé do fosso, formando a base da massa que se mantinha ereta. Agora também essa massa inferior passou a movimentar-se de modo que o luar se espelhava em anéis úmidos luminosos. Viram que o monstro deslizava na direção deles e em grande velocidade. Então fugiram correndo, prestando atenção para não fazerem barulho desnecessário. Apenas quando se viram diante da alta torre de Doom é que fizeram uma parada.

Capítulo 23

DENTRO DA CASA DO INIMIGO

Sir Nathaniel retirou-se na manhã seguinte para a biblioteca, depois do seu desjejum, na hora em que Adam estava à sua procura, a fim de lhe mostrar uma carta.

— Sua senhoria não perdeu tempo mesmo. Sem maiores delongas ela se pôs imediatamente ao trabalho.

Sir Nathaniel, que escrevia em sua escrivaninha em frente à janela, levantou os olhos.

— O que está havendo?

Adam mostrou um envelope, tendo no canto um brasão.

— Ora! — exclamou Sir Nathaniel. — Do Verme Branco! Eu já esperava por algo parecido.

— Mas como pôde ela ter sabido que estamos aqui? Ontem à noite ela não sabia ainda.

— Não precisamos nos preocupar com isso, Adam. Há tanta coisa que não compreendemos! Esse é apenas um mistério entre muitos outros. É suficiente que ela saiba exatamente, talvez até seja mesmo melhor e mais seguro para nós.

— Por quê? — perguntou Adam, atônito.

— O resultado de longas meditações e da experiência de muitos anos como diplomata, meu rapaz. Esse ser é um monstro sem coração e sem consideração para com qualquer coisa ou quem quer que seja. De dia ele não é tão perigoso quanto quando se encontra protegido pela escuridão. Além disso, sabemos por experiência própria que ele evita andar por aí às escâncaras. Apesar de sua massa considerável e da força constritora, ele não ataca sempre, pois é apenas uma cobra e está sujeito ao ser da cobra, o que significa que se movimenta arrastando-se e se deixa levar pela astúcia maldosa. Havendo possibilidade de fuga então jamais atacará, preferindo fugir, mesmo que venha a ser fatal. O que diz na carta?

Sir Nathaniel fez a pergunta em um tom de voz calmo e controlado. Quando se tratava de uma luta em que era necessário empregar a inteligência, ele era mesmo um diplomata.

— Ela nos está convidando, a mim e a Mimi, para tomarmos chá com ela em Diana’s Grove e espera que o senhor possa honrá-la igualmente com a sua presença.

Sir Nathaniel sorriu.

— A sra. Salton deve aceitar o convite em nome de todos nós.

— A dama não deve estar com boas intenções. Seria talvez melhor se não fôssemos lá.

— Adam, existe na diplomacia um antigo truque: deve-se sempre reservar a escolha do local onde a luta será travada. É verdade que nessa oportunidade foi ela quem fez a escolha. Mas, desde que aceitemos o convite, nós é que estaremos fazendo nossa escolha do local. E, além do mais, ela não poderá compreender por que assim procedemos e sua própria consciência pesada, quer ela seja boa ou má, acrescida de seus temores e dúvidas, estará fazendo o nosso jogo. Não, meu rapaz, temos que aceitar o convite em qualquer hipótese.

Adam nada falou. Estendeu a mão para o velho. Palavras eram desnecessárias.

Quando já se aproximava a hora do chá, Mimi, preocupada, perguntou a Sir Nathaniel de que maneira chegariam a Diana’s Grove.

— Queremos que nossa visita seja notada por todos, pois isso significa segurança para nós. Também não deve se espantar, minha querida, se durante nossa estada em Diana’s Grove aparecerem constantemente mensagens para você, ou para todos nós.

— Compreendo — falou a sra. Salton. — Vejo que o senhor não quer correr nenhum risco.

— Não, nenhum. Nas próximas duas horas terei necessidade de usar tudo o que aprendi nas cortes dos países estrangeiros, civilizadas ou não civilizadas.

A seriedade com que foram pronunciadas essas palavras convenceram Mimi da importância de sua situação.

Eles viajaram em uma carruagem puxada por uma parelha que fez a curta travessia de poucos quilômetros até seu destino em muito pouco tempo. Diante do portão, Sir Nathaniel virou-se para Mimi:

— Combinei com Adam determinados sinais que podem ser úteis quando houver necessidade. As situações, se porventura aparecerem, não precisam ter algo a ver com você. Mas lembre-se de que não deve hesitar um segundo sequer quando eu ou Adam lhe pedirmos que faça alguma

coisa. Temos que nos esforçar para que esses momentos sejam levados de maneira informal. Com toda a probabilidade nada acontecerá que necessite de tais precauções. O Verme Branco não empregará seus poderes, se bem que tenha muitos à disposição. Sejam quais forem as más intenções que tiver hoje em mente, será, é certo, algo misterioso e traiçoeiro. De uma outra vez ela poderá empregar a força, mas hoje não; é assim que vejo as coisas. Os mensageiros que perguntarão por nós e farão suas solicitações não serão apenas testemunhas, mas também poderão servir para afastar o perigo.

Como tivesse reparado em seu semblante interrogador, prosseguiu:

— De que espécie poderá ser esse perigo, não tenho noção alguma. É provável que se trate de qualquer situação bastante simples, mas nem por isso menos perigosa. Agora chegamos ao nosso destino. Mantenha os olhos abertos. Se não se perder a cabeça, metade da batalha estará ganha.

À sua chegada, foram introduzidos no vestíbulo por um grande número de empregados de libré. As portas do salão foram abertas e Lady Arabella foi ao encontro deles para lhes dar cordialmente as boas-vindas. Então foram levados até um outro aposento, onde lhes foi servido o chá.

Adam mostrava-se especialmente vigilante e desconfiado. Percebeu uma porta na outra extremidade do salão, o que fez com que se lembrasse daquela porta externa do aposento onde se encontrava o fosso. Sua inquietação foi despertada de modo que ele se postou de maneira inconspícua perto dessa porta. Embora ele não se tivesse traído nem por um piscar de olhos, pôde perceber que Sir Nathaniel o observava constantemente e como lhe pareceu, com aprovação.

Todos tomaram lugar à mesa posta. Adam ficou nas proximidades da referida porta. Lady Arabella, que se queixava do calor, abanava-se constantemente para se refrescar e deu ordem aos lacaios para que abrissem todas as portas.

Tomavam seu chá quando, de súbito, Mimi levantou-se com um semblante apavorado. Ao mesmo tempo, os homens perceberam que uma fumaça espessa espalhava-se pelo salão exalando um cheiro que fez com que todos ficassem ofegantes e tossindo. Inquietos, os empregados dirigiram-se para a porta interna. A fumaça tornava-se cada vez mais densa e o cheiro mais acre. Mimi, para quem a fumaça vinha diretamente devido à corrente de ar, tossindo, levantou-se de um salto e correu para a porta interna, que abriu. Aí viu que, de fora, na armação da porta, fora presa uma

cortina feita de fina seda. A corrente de ar soprava de encontro ao pano e, em seu medo, ela rasgou a cortina de alto a baixo e ficou envolta nela da cabeça aos pés. Assim enrolada, correu pela porta aberta, sem refletir que não podia enxergar nada. Adam, seguido por Sir Nathaniel, correu para ela. Ele a pegou pelo braço e a segurou. Foi bom ter feito isso, pois bem diante dela encontrava-se a negra abertura do fosso que ela, com sua cabeça coberta, não havia percebido. O chão estava completamente liso e escorregadio, como se alguém tivesse esparramado óleo nele. Então Mimi perdeu o equilíbrio e escorregou até a abertura.

Adam deixou-se cair para trás, continuando a segurá-la. Seu peso agiu como um freio, de maneira que ele a puxou para trás antes que ela alcançasse o precipício e ambos conseguiram sair ilesos da zona escorregadia. Assim que ele a colocou em pé, juntos correram para fora, onde brilhava o sol, com Sir Nathaniel atrás deles. Ambos estavam com o rosto lívido e apenas o velho diplomata conservava a calma. Sua tranquilidade fez com que Adam e a esposa sentissem que lhes voltavam as forças. Para espanto dos criados, eles seguiram o exemplo do velho senhor e voltaram alegres para dentro da casa, depois de terem escapado por pouco de um acidente fatal.

Lady Arabella, que, da mesma forma, empalidecera mortalmente, continuava na mesa do chá, como se nada de anormal tivesse acontecido. O suporte do bule de chá estava cheio de papéis meio queimados, sobre os quais alguém havia derramado chá.

Sir Nathaniel, que observava com atenção sua anfitriã, sussurrou para Adam assim que teve uma oportunidade:

— O ataque mesmo não vai demorar, ela está se mostrando calma demais. Quando eu pegar na mão de sua esposa para levá-la para fora, então venha junto e faça com que ela saia rapidamente. Não deve perder um segundo sequer, ainda que seja obrigado a fazer uma cena. Shhhh!

Voltaram para seus lugares e os empregados trouxeram uma nova remessa de chá a uma ordem de Lady Arabella.

Daí para a frente a hora do chá transcorreu como um pesadelo. Adam, cujos sentidos ficaram tensos ao máximo, teve essa impressão. A pobre Mimi, ao contrário, dominada pelo medo e pelo pavor, parecia como se estivesse atordoada. Mas, mesmo assim, mostrava-se controlada e preparada para enfrentar tudo o que ainda estaria por vir. Somente Sir

Nathaniel mostrava a atitude de sempre, amável, digna, discreta, com um absoluto controle de si mesmo.

Adam percebeu que Mimi se sentia mal. Reparou como ela olhava em volta e mudava de cor, e ainda sua respiração acelerada, e tudo isso intercalado de períodos de calma bastante suspeita. Não se podia deixar de notar que ela estava perturbada até o âmago do seu ser. O comportamento de Lady Arabella para com a jovem era cheio de amabilidade e de atenção pessoal, como se ela fosse uma hóspede de honra.

Depois do chá, enquanto os criados tiravam as coisas da mesa, Lady Arabella foi andando vagarosamente para o aposento contíguo, juntamente com Mimi, em quem passara o braço em volta da cintura. Lá ela havia espalhado algumas fotos para mostrar à sua hóspede. Neste meio-tempo, os fâmulos começaram a fechar todas as portas, inclusive aquela que levava do recinto do fosso para fora. E, de súbito, as luzes no aposento, sem motivo aparente, começaram a ficar cada vez mais fracas. Sir Nathaniel, sentado ao lado de Mimi, levantou-se e exclamou “Rápido!”, e logo pegou na mão dela, arrastando-a para fora do salão. Adam pegou-a pela mão e, juntos, puxaram-na para fora, através da porta externa, que estava sendo fechada naquele momento. No princípio, sentiram alguma dificuldade para se orientar porque estava muito escuro. Mas, para seu grande alívio, Adam, que dera um assovio agudo, viu um coche que se aproximava rapidamente, pois estivera à espera deles em uma curva do caminho. Mimi foi puxada para o interior da carruagem, praticamente empurrada. O cocheiro deixou que os cavalos sentissem o látego e as esporas e o veículo passou cambaleando, sem parar, através do portão e foi seguindo a estrada.

Ouviram o tumulto que se desencadeou atrás deles: aqui e ali criados apressados, comandos em voz alta, batidas de portas e, em algum lugar da parte dos fundos da casa, um estranho barulho. Os cavalos corriam céleres ao longo da estrada enquanto os dois homens se seguravam, protegendo-se mutuamente. No meio da viagem, apareceu de repente uma subida íngreme; todavia, os cavalos, que resfolegavam, venceram a elevação a toda e nem diminuíram o passo quando veio novamente uma descida.

Seria ridículo dizer que Adam e Mimi não tivessem sentido nenhum medo na volta para Doom Tower. O de Mimi era ainda maior do que o do marido, pois ele tinha melhores nervos e estava mais acostumado ao risco. Mas ela era corajosa e, quando o perigo se apresentou, a força de vontade veio em seu auxílio. Assim que entrou lá em cima, no quarto da torre, já

havia também esquecido os horrores por que acabara de passar lá fora no escuro. Nem sequer fez uma tentativa de espiar pela janela. Todavia, quem o fez foi Adam, e não viu nada. O luar clareava toda a região em volta, mas em nenhum lugar se podia ver a tremulante linha de luz verde.

A noite sossegada tranquilizou os corações com tanta eficácia que o perigo parecia distante. Por vezes era até difícil imaginar que os fatos tivessem realmente acontecido. Com uma renovada coragem, Adam levantou-se muito cedo e andou ao longo do Brow. Não conseguiu distinguir nenhuma mudança nos sinais de vida de Castra Regis. Para seu enorme espanto e não menor preocupação, encontrou Lady Arabella, quando já se achava no caminho de volta. Ela usava aquela sua roupa branca bem justa e trazia a gola de arminho, desta vez, porém, sem esmeraldas. Ela vinha de Diana's Grove e se dirigia para Castra Regis. Esse encontro não lhe saía do pensamento e ele se esforçava para descobrir algum significado, até que se reuniu a Mimi e a Sir Nathaniel para o café da manhã. Nada foi dito enquanto se encontravam à mesa. O que acontecera pertencia ao passado e, além disso, era sabido de todos. E também não se tratava de nenhum assunto realmente agradável. A conversa, contudo, teve um novo estímulo quando Adam anunciou que havia encontrado Lady Arabella quando ela se encaminhava para Castra Regis. Agora, cada um tinha algo a dizer sobre ela e sobre suas intenções com referência a Edgar Caswall. Mimi expressou-se com amargura a respeito dela. Ainda não se esquecera, e também jamais se esqueceria, de que a mulher se havia colocado ao lado do negro, unicamente com a finalidade de prejudicar Lilla. Acrescentado a esse fato, achava repugnante que quisesse engraçar-se para o lado do rico proprietário rural "e jogar-se desavergonhadamente a seu pescoço", como ela expressou. Mimi sentiu um grande interesse na informação de que a pipa ainda tremulava no alto da torre. Mas também não mencionou mais o assunto. Ela ainda fez uma única observação com a qual enunciou seu espanto quanto à "impudência" da dama, como aquela que passava por cima de seus próprios crimes e a arrogância com que exigia que os outros agissem da mesma forma.

Capítulo 24

UMA ESPANTOSA SUGESTÃO

Quanto mais Mimi refletia sobre os acontecimentos passados, mais ficava perplexa. O que significaria tudo isso, qual o sentido do que se passara? Em algum lugar parecia estar faltando uma lógica. Seria possível que eles se tivessem enganado e que não existisse nenhum Verme Branco? Ela estava rodeada por todos os lados por uma crença que não era possível absorver. Não acreditar nas aparências significava perturbar os fundamentos da crença... Todavia, em tempos remotos existiram monstros na terra e houve igualmente seres humanos que acreditavam nas misteriosas modificações da identidade. Mas, mesmo assim, era muito esquisito. Pode-se imaginar como uma pessoa estranha — suponhamos, um médico — a veria se ela lhe dissesse que havia estado tomando chá com um monstro das eras primitivas e que empregados da era atual haviam servido a mesa.

Adam apresentava-se mais descansado e calmo depois que voltara de seu passeio. Há muito tempo não se sentia assim. Do mesmo modo que Mimi, ele também passara por uma fase de dúvidas e não queria acreditar na realidade das coisas, se bem que não o tivessem atingido tão fortemente como à sua mulher. O pensamento de que Mimi sofria das consequências dos acontecimentos pavorosos lhe deu novas forças. Ficou por algum tempo junto dela e depois foi à procura de Sir Nathaniel a fim de conversar com ele a respeito do assunto. Adam tinha certeza de que a compreensão humana saudável e a tranquilidade associadas à sua experiência lhes seriam de enorme ajuda.

Sir Nathaniel havia chegado à conclusão de que Lady Arabella, por algum motivo incompreensível, havia modificado suas intenções e que, de qualquer modo, para o momento, manteria uma atitude de boa paz. Sua mudança de comportamento denotava o fato de que sua influência exercida sobre Edgar Caswall tinha aumentado consideravelmente. Era, portanto, de se calcular que se concretizaria a esperança acalentada de que seu charme fosse dar resultado.

Era óbvio que ela fizera uma visita a Caswall em Castra Regis naquela manhã. E deve ter havido uma longa conversa entre os dois, em cujo

decorrer se falou da possibilidade de um casamento. Caswall, que anteriormente se mostrara bastante reservado a respeito do tema, continuou a usar também naquela ocasião de galanteria e de polidez. No caminho de volta, Lady Arabella até chegara a se congratular quanto a essa nova mudança de sua vida. Um tal pensamento voltava sempre a tomar conta dela, o que podia ser provado pela carta que ela mais tarde, nesse mesmo dia, escreveria para Adam, mandando que fosse entregue em mãos. O teor da missiva era como segue:

Caro sr. Salton:
Eu gostaria que me aconselhasse em uma questão de negócios e, se possível, contar com a sua ajuda. Há algum tempo que estou pretendendo pôr Diana's Grove à venda, mas até agora tenho adiado a coisa. A casa é de minha propriedade, e posso dispor dela à vontade. Eu a herdei de meu falecido marido, capitão Adolphus Ranger March, que, além desta, possuía igualmente uma outra coisa, chamada The Crest, situada em Appleby. Ele havia herdado essa propriedade, juntamente com direitos, indústria de minérios e caça e seus arredores. Depois de sua morte, tudo passou a me pertencer. Para mim, será muito doloroso ter que me separar deste local que me é sagrado através de gratas recordações — lembranças de dias muito mais felizes do meu tempo de recém-casada e do pensamento do homem a quem muito amei e que retribuiu meu amor. Estou inclinada a vender toda a propriedade a um preço razoável, desde que o comprador me agrade e que eu o preze. Terei que lhe dizer que o senhor mesmo é o comprador ideal? Eu teria a maior satisfação em poder entregar Diana's Grove a um homem que vai se estabelecer na velha residência e procurar ser o proprietário de uma das mais ativas regiões históricas da Inglaterra, onde florescem românticas lendas e onde existe uma abundância de coisas antigas para serem vistas. Essa pequena propriedade encontra-se em excelente estado e apresenta possibilidades ilimitadas de ampliação. Existem ainda muitos direitos antigos que retrocedem àqueles tempos dos romanos ou celtas, os donos primitivos, e que nunca foram devidamente regularizados. Acresce ainda que a casa tem sido conservada em ótimo estado. O documento de transferência de propriedade pode ser conseguido imediatamente. Meu advogado está em condições de pôr o senhor a par, desde que assim o determine, ao que se refere a todas as particularidades comerciais e históricas. Uma palavra de consentimento ou de recusa de sua parte é tudo do que necessito. Quanto ao resto, poderemos deixar para que seja resolvido por nossos representantes. Perdoe-me por tê-lo importunado nesta questão.

Atenciosamente, Arabella March.

Adam releu a carta muitas vezes antes de tomar uma decisão e foi até onde se encontrava Mimi a fim de lhe perguntar se tinha objeções. Estremecendo, respondeu que neste, como em todos os outros assuntos, ela se submetia aos seus desejos.

— Meu amado, deve decidir o que for o melhor para nós. Trate deste assunto como sendo uma obrigação sua e de acordo com seus sentimentos. Estamos nas mãos de Deus e Ele tem nos guiado até o presente momento e continuará a fazê-lo conforme a Sua vontade.

Então Adam Salton se dirigiu diretamente para o quarto da torre, onde, como bem o sabia, deveria encontrar Sir Nathaniel a esta hora. O velho senhor estava sozinho e fez-lhe sinal para que se sentasse perto dele.

— O senhor acha que seria conveniente que eu compre Diana’s Grove?

— Deus do céu! — escapou dos lábios do velho senhor. — Mas por que, em mil anos, fazer isso?

— É verdade que prometi que exterminaria o Verme Branco. Se eu estiver em condições de dispor da caverna como me convier, seria um enorme alívio para mim e complicações poderiam ser evitadas.

Sir Nathaniel hesitou antes de responder, porque ficou refletindo muito.

— Sim, Adam, sua proposta me parece razoável, se bem que a princípio me tivesse dado um tremendo susto. Acho que fazem muito bem em comprar a propriedade e regularizar sem demora a questão. Caso tenha necessidade de mais dinheiro, que no momento não tenha o suficiente à sua disposição, então não deixe de falar comigo para que eu possa auxiliar.

— Eu lhe agradeço de todo o meu coração. Contudo, possuo mais dinheiro do que posso gastar. Sua aprovação me alegra muitíssimo.

— A propriedade tem valor histórico que ainda será maior com o decorrer do tempo. Além do mais, posso confiar a você uma suposição que, no caso de ser provada correta, deverá aumentar sensivelmente o valor dela.

Adam ouvia atentamente as palavras do velho diplomata.

— Já se deu ao trabalho de pensar por que foi usado o nome de “Caverna do Verme Branco”? Por que exatamente branco?

— Realmente não sei, senhor. Também jamais cheguei a pensar no assunto e considerei o fato como natural.

— Eu também. Mas, com o tempo, comecei a pensar na questão.

— E que motivo encontrou?

— O nome é proveniente do fato de que a cor do Verme ou da serpente, de fato, era branca. Estamos aqui na vizinhança de Stafford, onde a indústria de porcelana teve a sua origem. Stafford deve sua riqueza em grande parte ao caolim. Esse depósito, com o tempo, foi sendo bastante exaurido, porquanto há muitos séculos houve grande procura dessa terra especial, como em outros lugares houve a busca ao óleo. Quem possuir terras nesta região onde for encontrado o caolim, terá uma espécie de mina de ouro.

— Sim, e que mais? — O rosto do rapaz demonstrava espanto.

— O primitivo assim chamado "Verme", que deu o nome à propriedade, precisava cavar uma via direta para baixo até o pântano e os buracos dos brejos. É verdade que é fácil atravessar a lama e sua caverna original estava provavelmente situada em uma camada de caolim. Uma vez que o caminho fora aberto, seria então uma ligação rápida e conveniente para o Verme. Mas, enquanto ele se movimentava repetidas vezes através da lama, não é de admirar que essa coisa se tornasse aderente à sua pele escamosa. Para baixo certamente não deveria haver nenhuma dificuldade, mas a subida era bem mais demorada e, quando o monstro se mostrava então na superfície, a sua cor era branca e proveniente do contato com a terra branca. Daí vem o nome que não tem nenhum significado misterioso, mas traz apenas um fato evidente. Se minha suposição for correta, e não vejo motivo para que não o seja, então, aqui, em algum lugar, existiu um depósito de caolim, possivelmente a uma grande profundidade.

A manifestação de Adam alegrou o velho senhor.

— Minha sensibilidade me diz que o senhor está na pista da verdade, resultado de um trabalho de concatenação de ideias.

Sir Nathaniel prosseguiu, agora bem-humorado:

— Quando o valor econômico do depósito for conhecido, então sua propriedade estará mais do que assegurada. Se existe alguém que mereça tal vantagem, esse alguém é certamente você.

Com a assistência de seu amigo, Adam assegurou-se da compra da propriedade sem nenhuma perda de tempo. Somente então ele deu a notícia a seu tio, que ficou muito satisfeito por seu jovem parente ter se tornado o dono de uma propriedade tão magnífica e que com esse ato conseguiu um lugar de proeminência no condado. Indagou, preocupado, pela saúde de Mimi e quis saber o que andava fazendo no momento o Verme Branco, mas Adam pôde tranquilizá-lo quanto a esses dois pontos.

Quando Adam se dirigiu no dia seguinte para seu anfitrião, entrando no quarto dos fumantes, Sir Nathaniel perguntou-lhe o que pretendia fazer para manter sua promessa.

— Você está se propondo a fazer algo bastante difícil. O extermínio de tal monstro pode ser comparado aos trabalhos de Hércules, pois contra você não estão apenas o tamanho e o peso do monstro e a força que será usada de maneira desconhecida, mas também o lado oculto que apresenta uma dificuldade intransponível. O verme controla todos os elementos, com exceção do fogo, e eu não sabia como seria possível que o fogo fosse de utilidade no caso de um ataque. Ele precisa apenas se esconder na terra e aí nada mais poderia ser feito, mesmo se você tivesse toda uma mina de carvão à disposição. Mas, como eu o conheço bem, sei que já preparou um plano — finalizou ele, gentil.

— É verdade, já tenho um. Todavia, é bem possível que esse plano não resista à prática.

— Poderá me contar os pormenores?

— Bem, senhor, parti do seguinte princípio: ao tempo dos movimentos proletários, temia-se nos círculos das altas finanças por um ataque ao Banco da Inglaterra. Dirigiram-se então aos peritos a fim de que pudessem encontrar medidas preventivas adequadas e chegaram finalmente à conclusão de que a melhor proteção contra o fogo, pois temia-se em primeiro lugar um incêndio, seria não água, mas a areia. Por isso colocaram um grande suprimento da mais fina areia do mar, daquela espécie que pode ser pulverizada com facilidade e a usaram no enchimento das ampulhetas, distribuindo-as por todo o prédio, principalmente nos pontos mais sujeitos ao perigo.

“Tenho a intenção de fazer tal suprimento de areia em Diana’s Grove e pretendo jogá-la na primeira oportunidade para dentro do fosso, que, dessa maneira, ficará cheio. Lady Arabella, na figura do Verme Branco, ficará afastada de seu esconderijo. O fosso é bastante pequeno e ainda assim tem mais de trezentos metros de profundidade. O peso da areia sozinho não chegaria a ser um obstáculo, mas é verdade que a fricção daria para afundar um corpo na areia.”

— Um momento. Qual seria realmente a utilidade da areia na destruição da galeria subterrânea?

— Nenhuma utilidade direta. Todavia, seria um obstáculo para o corpo da serpente que levaria o tempo necessário para que eu pusesse em ação a

segunda parte do plano.

— E qual é esse seu plano?

— Junto com a areia, seria possível igualmente jogar uma imensa quantidade de dinamite para dentro do fosso.

— Muito bem. Mas como se poderá trazer a dinamite para a explosão? Não será necessário ter um pavio para cada unidade de dinamite ou coisa parecida?

Adam soltou uma risada.

— Hoje em dia não é mais necessário. É a mais recente novidade em Nova York. Lá foram distribuídos, em uma explosão, quinhentos quilos de dinamite em recipientes fechados. Finalmente foi acesa uma carga de pólvora e, com a força da ignição, a dinamite explodiu. Uma façanha que teve êxito. Quem esperava que todas as vidraças de Nova York se partissem ficou decepcionado. Aconteceu que fora de determinada região, não houve outros prejuízos, se bem que tivessem explodido sessenta ares de pedra.

Sir Nathaniel assentiu, aprovando.

— Parece um bom plano. Ou melhor, um excelente plano. Mas, se a explosão for tão profunda, com ela, toda a região provavelmente ficará devastada.

— E nós livres em definitivo do monstro — acrescentou Adam, que já se movimentava com a intenção de sair para ir à procura da esposa.

Capítulo 25

A ÚLTIMA BATALHA

Lady Arabella deu ordens a seu conselheiro legal para que arranjasse o mais rápido possível a venda de Diana's Grove a fim de que Adam Salton pudesse ter, sem demora, seus direitos como proprietário. Depois de sua conversa com Sir Nathaniel, ele tomou as medidas necessárias para pôr seus planos em ação. Querendo acumular a quantidade de areia necessária, deu instruções a seu administrador para que preparasse tudo como se fosse fazer a fertilização de uma nova semeadura e, seguindo as instruções de Adam, foi amontoada atrás da casa uma grande montanha de areia proveniente da imensa costa do País de Gales. Ninguém suspeitava de que por trás daquilo tudo pudesse haver uma outra intenção do que a declarada.

Lady Arabella seria a única que talvez tivesse alguma condição de desconfiar, mas estava tão absorta em apanhar Edgar Caswall em sua rede fazendo com que casasse com ela que não tinha tempo nem inclinação para se perder em outros pensamentos. Ela ainda não se havia retirado da casa, se bem que a propriedade já pertencesse a Adam Salton sob todas as formas.

Adam construiu por trás da casa uma cabana de zinco corrugado, na qual acomodou o material explosivo. Como tudo já estava pronto para o evento que ocorreria na hora apropriada, ele pôde esperar com toda a tranquilidade e dedicar seus interesses para se distrair com outras coisas, como por exemplo, a pipa de Caswall, que ainda continuava a flutuar sobra a torre elevada de Castra Regis.

O monte de areia cresceu em dimensão, o que encheu de espanto os administradores e fazendeiros das redondezas. A hora da pretendida grande explosão se aproximava a olhos vistos.

Em vão desejava Adam ter uma oportunidade que lhe permitisse fazer uma visita a Caswall na torre de Castra Regis sob um pretexto qualquer. Finalmente, em uma manhã, ele encontrou Lady Arabella no caminho para o castelo, de modo que tomou coragem e lhe perguntou se poderia acompanhá-la. Por determinados motivos, ela se sentiu feliz em poder satisfazer o desejo do rapaz. Caswall ficou realmente espantado ao ver

Adam encaminhar-se até ele, mas não demonstrou emoção alguma, procurando parecer satisfeito. E representou tão bem seu papel de anfitrião que até o próprio Adam se deixou enganar. Juntos entraram no telhado da torre, onde ele explicou o mecanismo para a elevação e abaixamento da pipa e aproveitou igualmente a oportunidade para pôr à prova os movimentos do bando de pássaros e como reagiam diante da subida e descida da pipa.

No caminho de volta, Lady Arabella pediu um favor a Adam. Depois que ele concordou, ela falou que antes de abandonar definitivamente Diana's Grove gostaria de saber qual a profundidade do fosso. Adam pôs-se com prazer à disposição dela, porque assim haveria um motivo que não provocaria desconfianças para examinar a galeria.

Ele mandara vir de Londres um aparelho de Kelvin que fornecia a medição profunda com um longo arame que podia ser enrolado com facilidade na roldana e só depois que esta foi posta sobre o buraco é que Adam se deu por satisfeito para esperar a hora apropriada para sua última experiência.

* * *

Nesse ínterim, tudo correu de maneira tranquila em Mercy Farm. Era natural que Lilla se sentisse sozinha sem sua prima, contudo, a calma tônica da vida não se modificou, seja para ela, seja para os outros. Depois da primeira dor da separação, praticamente tudo voltou à rotina costumeira. Entretanto, com relação a um aspecto, houve uma diferença bem marcante. Desde que nada se modificasse dentro de casa, Lilla ficaria bastante satisfeita em levar a vida que sempre havia levado e a renunciar a toda ambição. Mas o casamento de Mimi pôs suas ideias a funcionar e chegou, é óbvio, à conclusão de que também deveria haver um companheiro para ela. Realmente, a esse respeito, a escolha era pouca: não havia muitos

pretendentes que visitassem a casa da fazenda. Ela não mostrava interesse em Edgar Caswall e a luta dele com Mimi inspirava-lhe medo, apesar de ele ser indubitavelmente um partido de projeção, melhor do que na realidade ela poderia esperar. Tal fato possuía um grande apelo para uma mulher, principalmente para uma mulher de sua posição. Por esse motivo ela se contentava em deixar o barco correr e a ser levada por enquanto pela correnteza.

Mas, com o tempo, ela acreditou reconhecer que as coisas não iam bem para sua felicidade. Todavia, não podia fechar os olhos diante de determinados fatos inquietadores, não diante da existência de Lady Arabella e de sua crescente intimidade com Edgar Caswall e, mais do que tudo, diante de sua natureza fria e inacessível que até mesmo não se harmonizava com o entusiasmo ardente, a base do sonho de felicidade de uma jovem. Como as coisas iriam forçosamente evoluir depois de um casamento, ela não ousava nem pensar. De modo geral, as perspectivas para ela não eram favoráveis, de maneira que se tornava aparente nela o desejo secreto por uma fundamental mudança de condição.

Quando Lilla recebeu uma mensagem de Edgar Caswall na qual perguntava se poderia comparecer ao chá na tarde do dia seguinte, ela se sentiu desanimada. Apenas para dar prazer ao pai não poderia recusar ou demonstrar má vontade, que talvez fosse tomada como falta de polidez. Mimi fazia mais falta do que ousaria expressar ou mesmo pensar. Até o presente momento sempre tinha podido apoiar-se na simpatia e compreensão da prima. Agora tudo ficara para trás e ela se via, em vez disso, defrontada com um terrível e doloroso vazio.

Durante toda a tarde e noite e na manhã seguinte, aumentou a sensação de solidão da pobre Lilla, chegando a ter um medo mortal. Pela primeira vez, sua perda se fez sentir de maneira tão clara, como se toda a dor pela qual passara anteriormente fosse apenas uma preparação para esse momento. Tudo sobre o que seu olhar recaía, tudo do que se lembrava, provocava uma dolorosa recordação. E, além disso, pairava no ar uma nova sensação de medo. A reação a esse sentimento de perda de segurança que tivera durante toda a vida e que agora pesava como uma premonição desconfortável era tão forte que quase não aguentava mais. Lilla, de tão amedrontada que estava, tinha a impressão de se achar à beira da morte. Porém, apesar de não estar em boas condições físicas, não podia deixar transparecer seus sentimentos, pois a primeira regra em sua vida sempre

fora a de cumprir com seu dever. Por isso, ela se armou de coragem para enfrentar da melhor maneira possível o que estava para vir.

A luta pesada e constante pelo autocontrole teria oportunamente suas consequências. Lilla demonstrava a maneira como se sentia, isto é, doente e fraca. Em volta de seus olhos viam-se círculos escuros, sua palidez espalhava-se até os lábios e não podia controlar seu tremor. A ausência de Mimi era uma grande infelicidade para ela, pois ela teria logo percebido a situação da jovem, em seu amor imenso. A própria Lilla era totalmente incapaz de se desvencilhar dessa prova que tinha pela frente. Mas sua prima, devido à sua experiência com as lutas anteriores com o sr. Caswall, teria tomado medidas preventivas a fim de evitar uma repetição do ocorrido.

Edgar apareceu pontualmente ao encontro na hora marcada por ela. Quando Lilla percebeu que ele se aproximava da casa, sua agitação nervosa aumentou sensivelmente. Mas a jovem conseguiu se controlar e foi ao encontro do hóspede sem qualquer mudança visível em sua aparência e em seu comportamento. Um grande alívio tocou seu coração quando verificou que Oolanga, cuja presença ela temia muito, não o havia acompanhado. Temia igualmente a vinda de Lady Arabella, da qual esperava grandes dificuldades.

Com uma inteligente previdência feminina, estranha em uma situação como essa, ela pusera a mesa de maneira a tornar aparente a diferença de classe entre os dois. A louça, bem como tudo o que oferecia, eram da espécie bem simples. Em vez do bule de chá de prata e das três xícaras de porcelana, ela pegou o bule de chá de barro como o usado em cozinhas de fazenda. As xícaras e os pires, assim como o bulezinho para o creme, eram feitos de louça de barro vitrificada. A manteiga era de fabricação caseira, bem como as frutas em conserva, e o mel era proveniente de seu próprio jardim. Ela ficou radiante de satisfação quando seu hóspede olhou com desdém para o que ela lhe oferecia. Em verdade, essa satisfação era para a pobre moça um enorme choque, porque, de modo geral, ela tinha grande prazer em receber visitas, mesmo que as recebesse com toda a simplicidade, sem luxo algum. Mas teria que renunciar a esse prazer devido às circunstâncias atuais.

O semblante de Caswall mostrava-se mais fechado e antipático. Desde o início, seus olhos penetrantes pareciam à jovem querer transpassá-la, adivinhando seus pensamentos. Seu coração contraiu-se quando começou a

pensar no que iria acontecer. Qual seria o fim, se esse era apenas o começo? Do seu quarto, trouxera consigo, como proteção, nem que fosse de natureza sentimental, os retratos de Mimi, de seu avô e de Adam Salton, que passara a considerar um amparo, um irmão em quem poderia confiar. Esses retratos ela guardava junto ao seu coração e, de vez em quando, colocava lá sua mão de modo involuntário, sempre que a sensação de angústia, de medo e de abandono era tão forte que ameaçasse sua tranquilidade, o que, nessa situação, era a única coisa que poderia ajudá-la.

A princípio, Caswall comportou-se de forma cortês e amável e até mesmo atenciosa. Mas, depois de algum tempo, quando descobriu que a resistência dela contra seu impulso anormal de dominá-la havia aumentado, deixou cair por terra todas as formas de reserva e voltou à sua tentativa de conquistá-la, como o fizera da última vez. Mas Lilla já estava preparada, graças à vivência anterior e ao seu natural instinto de luta. Por esse motivo levantaram-se as energias de ambos, mantendo assim o equilíbrio que havia no início.

E aí começou a luta física dos dois indivíduos, sem qualquer aviso. Dessa vez, o homem tinha todos os trunfos na mão. A mulher encontrava-se sozinha, era de constituição mais fraca e, além disso, sem a proteção de estranhos. Ela, além da lembrança das duas lutas anteriores das quais saíra vitoriosa, nada tinha a proclamar a seu favor. O homem, ao contrário, ainda que sem a proteção de Oolanga e de Lady Arabella, estava completamente de posse de suas forças, descansado e na melhor das formas. Não era, pois, de se admirar, devido a esse fato, seu desejo inato de dominar pudesse exibir-se completamente e, ao perceber o efeito imediato sobre a jovem, cresceu nele a convicção de que a vitória definitiva seria sua com certeza. Depois de algum tempo, as forças de Lilla começaram a fraquejar. Ela sentia que a luta se apresentava desigual, que ela não estava em condições de demonstrar todas as suas forças. Como, por natureza, era uma pessoa tão altruísta, há muito que não conseguia defender-se a si mesma como teria feito se se tratasse de uma pessoa querida.

Edgar percebeu que os músculos da face dela se tornavam lassos e que suas pálpebras se mostravam pesadas. Com valentia, Lilla ainda fez uma tentativa para reunir suas forças que se esvaíam, mas em vão. Finalmente houve uma interrupção, agindo como um estímulo. Pela janela, viu Lady Arabella, que vinha atravessando o portão da fazenda e se aproximava da

porta de entrada. Como sempre, também dessa vez, usava o seu vestido branco justo, que fazia sobressair seu porte delgado e esbelto.

Essa visão teve sobre Lilla o efeito que nenhum esforço jamais conseguiria fazê-lo. Seus olhos brilhavam cheios de vida e tinha a sensação como se uma nova existência houvesse despertado nela. A entrada de Lady Arabella e sua frieza habitual, da espécie desdenhosa, aumentavam ainda mais esse efeito, de modo que a luta tomou o seu curso quando as duas se defrontaram. Também o sr. Caswall reuniu nova coragem com a entrada de Lady Arabella e sua superioridade e força retornaram. Seus olhares, agora mais intensos, agiram de modo geral com muito maior energia do que antes. Lilla parecia submeter-se à sua superioridade. Ficava alternadamente corada e pálida: vermelha como um camarão e pálida como a morte, e isso em sequências rápidas. Suas forças se esgotavam. Seus joelhos cederam e ela teve vontade de se jogar no chão quando, para seu espanto, Mimi irrompeu ofegante e apressada no aposento.

Lilla correu ao encontro da prima e uma segurou as mãos da outra. Com esse gesto, pareceu que Mimi se encheu de uma força que jamais Lilla tinha visto. Ela agitava a mão no ar diante de Edgar Caswall, obrigando-o a recuar a cada movimento, até que, finalmente, foi literalmente empurrado através da porta, que permanecera aberta depois da entrada de Mimi, e ele caiu lá fora, ao comprido, sobre o caminho de cascalho. Agora ouviu-se o definitivo e completo colapso de Lilla, que, sem fazer barulho, caíra ao chão.

Capítulo 26

CARA A CARA

Mimi ficou extremamente preocupada ao ver a prima caída no chão. Por várias vezes ela já vira Lilla à beira do desmaio, mas jamais completamente inconsciente, e tal estado de coisas a estava deixando com medo. Lançou-se de joelhos ao lado de Lilla e tentou reanimá-la, esfregando suas mãos e usando de todos os meios conhecidos para que voltasse a si. Todos os esforços, porém, foram em vão. Lilla jazia lívida e inconsciente. Seu peito que sob o efeito de tensão se levantara e abaixara agora permanecia imóvel e a palidez de seu rosto dava-lhe uma aparência marmórea.

O medo de Mimi cresceu tanto que ela quase não conseguia se controlar e tinha vontade de gritar.

Lady Arabella seguiu Caswall, depois que ele se recuperou o suficiente para poder levantar-se, ainda que cambaleante, conseguindo andar, e ambos foram na direção de Castra Regis. Assim que Mimi se viu sozinha com Lilla e que o motivo para empregar a sua energia contra Caswall já não existia, sentiu-se fraca e seu corpo tremia todo. Atribuiu esse estado à repentina reviravolta do tempo, pois tudo indicava que uma tempestade ia se aproximando.

Então suspendeu a cabeça de Lilla e a aconchegou ao seu peito jovem e quente, mas sem resultado. O rosto gelado e lívido da prima a encheu de pavor e, ao perceber claramente que Lilla falecera, ficou prostrada. O crepúsculo era cada vez mais profundo e as sombras da noite mais longas, mas Mimi não parecia estar consciente do fato, nem tampouco se preocupando com isso. Continuava sempre sentada no chão, com o braço em volta da jovem que lhe era tão querida. O céu escurecia a olhos vistos e a tempestade que se avizinhava misturava-se à noite que chegava. E ainda assim ela continuava lá, sentada — sozinha —, sem lágrimas, impossibilitada até de pensar.

Mimi não sabia por quanto tempo ficou naquela posição. Era como se uma eternidade tivesse passado e, todavia, não devia ter sido mais do que uma meia hora. Súbito, voltou a si e se espantou ao perceber que seu avô ainda não chegara. Permaneceu sentada ainda durante algum tempo,

refletindo sobre os acontecimentos passados. Ela continuava sempre a segurar na mão de Lilla, que permanecia quente, o que notou com espanto. Isso a ajudou de maneira misteriosa a restaurar novamente sua consciência e ela se levantou sem grande esforço. Mimi acendeu uma das lâmpadas e ficou a contemplar Lilla. Não restava dúvida de que ela estava morta. Contudo, quando a luz incidiu sobre seus olhos, Mimi teve a impressão de que a morta queria lhe transmitir alguma mensagem urgente. Nessas condições, uma negra solidão fez com que aumentasse ainda mais seu poder decisório até que, afinal, viu diante de si um firme objetivo. Resolveu que iria confrontar Caswall e culpá-lo pelo assassinato de Lilla, pois chamava de assassinato o que havia acontecido. Além disso, tomaria as providências necessárias — quais e como ainda não sabia ao certo — para se vingar da participação de Lady Arabella no crime.

Assim resolvida, tratou de acender todas as luzes no aposento. Apanhou água e depois um pedaço de linho limpo no seu quarto, a fim de preparar o corpo de Lilla como achava conveniente. Porém, após ter feito esses preparativos, pegou o chapéu e o casaco, apagou as luzes e, sem fazer barulho, pôs-se a caminho de Castra Regis.

Quando estava quase chegando ao seu destino, não conseguiu perceber luz alguma a não ser a do quarto da torre e as da área em volta. A parte iluminada lhe deu a certeza de que o sr. Caswall se achava em casa. Ela penetrou através da grande porta de entrada que, como era hábito, encontrava-se aberta, e, às apalpadelas, subiu os degraus na escuridão para a antecâmara do quarto da torre. A porta apenas encostada deixava passar através da abertura um filete de luz. Viu Edgar Caswall andando inquieto de um lado para o outro, com as mãos entrelaçadas nas costas. Sem bater, Mimi empurrou a porta e, intrépida, penetrou no recinto. Então ele parou, surpreso, e olhou para ela, que, por sua vez o fitou apenas, sem pronunciar palavra.

Esse silêncio durou bastante tempo e os dois continuaram a se fitar com firmeza. Mimi foi a primeira a quebrá-lo.

— Assassino! Você é um assassino! Lilla está morta!

— Morta! Deus do céu! Quando ela morreu?

— Hoje à tarde, logo depois da sua saída.

— Tem certeza?

— Absoluta, e você também deve ter, ou pelo menos deveria. Você a matou!

— Eu a matei? Tome cuidado com o que diz!

— É a pura verdade, como Deus é testemunha! E você sabe perfeitamente. Você foi até Mercy Farm com a intenção de subjugá-la à sua vontade. E sua cúmplice, Lady Arabella, apareceu por lá exatamente com a mesma intenção.

— Meça suas palavras, mulher — retorquiu ele, colérico. — Cuidado com essas acusações ou vai se arrepender por isso.

— Estou pagando por isso, sofri e hei de sofrer ainda mais. Não porque eu esteja falando a verdade, mas porque vocês dois, com sua maldade diabólica, trouxeram a morte para a minha querida. Você e sua cúmplice é que devem temer o castigo e não eu.

— Cuidado com o que está dizendo!

— Não tenho medo nem de você nem da sua cúmplice — retrucou ela, sem se perturbar. — Mantenho cada palavra que pronunciei, bem como todos os meus atos. E acredito na Justiça Divina. Essa é vagarosa, mas não tarda. Se necessário, eu mesma porei em movimento as rodas da justiça terrena. Mas você não se preocupa com Deus e não acredita Nele. Seu Deus é a grande pipa diante da qual todos os pássaros da região se escondem. Mas esteja certo de que a mão do Altíssimo é sempre justa quando se levanta. Pode até se dar o caso de que neste momento seu nome esteja sendo pronunciado diante do Grande Tribunal. Faça penitência enquanto ainda há tempo. Considere-se feliz se puder entrar no imenso Vestíbulo, acompanhado pelo anjo de coração puro cuja voz deverá murmurar apenas uma única palavra de justiça para lançá-lo para todo o sempre nas profundezas do inferno.

A repentina morte de Lilla causou perplexidade entre os amigos e parentes de Mimi. A tragédia foi para todos uma enorme surpresa e veio como um choque, pois Adam e Sir Nathaniel haviam esperado que a vingança do Verme Branco iria se virar contra eles mesmos.

Com relação a Lilla e a seu avô, Adam deu carta branca a Mimi e continuou a se ocupar com o preenchimento do fosso com a fina areia que ele havia encomendado para, tendo o cuidado de, a determinados intervalos, colocar dinamite a fim de que, dessa maneira, tudo estivesse preparado para a explosão definitiva. Sob sua supervisão trabalhava um grupo de serventes. Sir Nathaniel também veio especialmente, com a finalidade de auxiliá-lo. Agora, todos moravam em Lesser Hill.

O sr. Salton demonstrava igualmente enorme interesse no aterra-mento e aparecia sempre por lá a fim de nada perder dos acontecimentos. Desde seu casamento com Adam e desde que fora morar em Doom Tower, Mimi ficara cheia de medo do horrível monstro em Diana’s Grove. Agora, no entanto, ela não o temia mais. Convencera-se de que ele tomava à sua vontade a figura de Lady Arabella, a quem jurara vingança por causa de sua cumplicidade na morte de Lilla.

Quando, numa tarde, Mimi entrou em seu quarto, dirigiu-se até a janela e olhou para fora. Um único olhar foi o suficiente para lhe dizer que o Verme Branco em pessoa não estava à vista. Sentou-se no parapeito da janela e ficou apreciando o panorama com toda a serenidade, uma satisfação como há muito tempo não tivera. Sua criada lhe dissera que o sr. Salton ainda não voltara para casa e, por esse motivo, pôde se dar ao luxo de alguns minutos de descanso.

Enquanto olhava pela janela, viu que alguma coisa magra e branca se movimentava ao longo do caminho de entrada. Pensou ter reconhecido a figura de Lady Arabella e, instintivamente, procurou uma proteção por trás da cortina. Depois de ter observado mais acuradamente e ter compreendido que a dama não havia percebido sua presença, tentou observar um pouco melhor, e, com isso, seu antigo ódio recrudesceu. Lady Arabella movia-se furtiva e agilmente e olhava sempre para trás. Tal fato despertou em Mimi a impressão de que ela não tinha nada de bom em mente. Resolveu aproveitar a oportunidade para vigiar melhor Lady Arabella. Rapidamente colocou na cabeça um chapéu escuro e jogou um casaco sobre os ombros. Vestida dessa maneira, correu escada abaixo e saiu de casa. Nesse tempo, Lady Arabella havia prosseguido no seu caminho mas ainda era possível vislumbrar seu vestido branco, visível entre os jovens carvalhos. Mimi, que se protegia ao se movimentar, prestava atenção para não chegar perto demais, a fim de não despertar suspeitas na outra. Pôde assim observar como sua presa tomou o caminho para Castra Regis.

Ela a seguiu furtivamente, protegida pela sombra das árvores, seguindo apenas o vestido branco. O bosque era denso e, de repente, quando a estrada se alargou e as árvores se tornaram mais espaçadas, ela perdeu Lady Arabella de vista. Nessas circunstâncias, nada mais podia fazer a não ser esperar um pouco, até que de novo chegasse o momento oportuno que lhe permitiria prosseguir lentamente na direção de Castra Regis.

Aos poucos foi andando para a frente, utilizando cada obstáculo e cada lugar escuro para se manter escondida. Finalmente alcançou as terras em volta do castelo e se postou em um local do qual a janela e a torre eram visíveis, mas sem muita nitidez. Não conseguiu descobrir nenhuma pista de Lady Arabella.

O que aconteceu em verdade é que o tempo todo em que Mimi Salton se escondia para seguir Lady Arabella, ela é que na realidade estava seguindo Mimi, porque havia observado quando a jovem saíra de casa e, desde aquele instante, não a perdera de vista. Assim, o caçador virou presa. Não foi muito fácil para Mimi ficar dando voltas e mais voltas para que ninguém percebesse o que estava fazendo, porém bem perto de Castra Regis não havia mais possibilidade de se esconder e a estranha dupla perseguição chegou a seu fim.

Quando ela viu que Mimi subia as escadas de Castra Regis, Lady Arabella foi atrás. E ainda quando Mimi foi andando às apalpadelas no escuro vestíbulo e tornou a subir uma escada na crença de que seguia Lady Arabella, a mulher é que estava no seu encalço. E ainda na antecâmara para o quarto da torre, Mimi continuava pensando que o objeto de sua perseguição se encontrava na sua frente.

Edgar Caswall estava sentado na escuridão do grande aposento, levantando-se assustado de vez em quando, sempre que por entre as nuvens aparecia um pouco de luz que incidia no quarto. Mas, na verdade, nada mais tinha interesse para ele. Desde que tivera notícia da morte de Lilla, seu lúgubre remorso, que, desde a acusação de Mimi, se tornara mais profundo, condenou sua natureza cruel, egoísta e nervosa à desesperança. Não se dava conta de nenhum barulho, uma vez que suas percepções sensoriais normais estavam entorpecidas.

Mimi bateu de leve na porta entreaberta. Sua batida foi tão de leve que não chegou aos ouvidos de Caswall. Então ela tomou coragem, empurrou a porta e entrou. E com isso seu sangue gelou, porque ela se viu diante de uma dificuldade na qual não havia pensado em sua confusão.

Capítulo 27

SOBRE O TELHADO DA TORRE

A tempestade iminente não anunciava apenas lá fora em toda a extensão da natureza, mas também nos corações e na essência dos seres humanos. Perturbações elétricas no céu e no ar são percebidas pelos animais de toda espécie e, principalmente, pelos do tipo mais desenvolvidos, por terem uma sensibilidade maior e uma carga elétrica mais elevada. Era esse o caso de Edgar Caswall, apesar de sua natureza egoísta e de seu sangue-frio. E com Mimi acontecia o mesmo, a despeito de sua devoção altruísta e constante para com quem ela amava. Lady Arabella também não era excluída, pois, sob o instinto de uma serpente dos tempos remotos, escondia os desejos e hábitos constantemente mutáveis de uma mulher, sempre velhos e sempre novos.

Depois que ele viu que se tratava de Mimi, Edgar Caswall voltou à sua postura apática e continuou no seu mutismo. Mimi, sem fazer barulho, sentou-se em uma poltrona afastada dele, de onde poderia observar a aproximação da tempestade lá fora. Ela estava com melhor disposição e mais bem-humorada do que há vários dias. Lady Arabella procurou agora esconder-se por trás da porta aberta. No firmamento, as nuvens se acumulavam cada vez mais densas e negras com a aproximação do centro da tempestade. Porém, ainda não acontecera o encontro das energias que provocariam os raios, e o silêncio da natureza prenunciava a calmaria antes da tempestade. Caswall sentia o efeito da tensão proveniente da carga elétrica. Estava possuído por uma sensação de euforia como acontecia algumas vezes antes do início de uma mudança atmosférica nos trópicos. Ao se conscientizar disso, ele ergueu a cabeça e fitou Mimi. A sensação que se havia apoderado dele era maior do que ele próprio. Seu atual estado de espírito exigia dele uma ação desesperada. Havia descartado qualquer espécie de consideração para com Mimi, lembrando-se de que ela estava envolvida, e resolveu usá-la nessa aventura. Ele não tinha noção de que Lady Arabella estivesse por perto. Imaginava ter se afastado de todos os que conhecia e que partilhavam de seus interesses — a sós com os elementos selvagens que estimulariam a raiva furiosa, a sós com a mulher

que havia começado a luta e que o obrigara a lutar e agora era seu desejo veemente descarregar nela todo o seu ódio.

Edgar Caswall, embora não estivesse completamente insano, encontrava-se bem perto da loucura. A insanidade em seu primeiro estágio — a monomania — é a perda de qualquer sentimento de magnitude. Desde que se mantivesse dentro das regras normais, seu estado passaria muitas vezes despercebido, porque o observador desinteressado não teria qualquer possibilidade de comparação. No caso de uma monomania, porém, essa qualidade é tão conspícua que não poderia deixar de ser notada. Ela empurra tudo o mais para o lado, escurecendo ou tomando seu lugar, como a cabeça de um alfinete colocada diante do centro da íris toma conta de toda a visão. A forma mais frequente da monomania começa com sintomas semelhantes àqueles dos quais sofria Edgar Caswall — sintomas de um sentimento excessivo de sua própria importância. Médicos psiquiatras que se ocupam exaustivamente com o assunto sabem provavelmente mais a respeito da vaidade humana e de seus efeitos do que o mortal comum. A perturbação mental de Caswall de qualquer maneira não era difícil de reconhecer. Cada hospício está repleto de casos semelhantes — tanto homens quanto mulheres de natureza interesseira e egoísta, que se tornam tão empolgados com a própria importância que nada mais na vida tem para eles qualquer significado. A própria doença estimula sempre essa superestima. Quando esse mal ataca uma pessoa orgulhosa, interesseira, egoísta e presunçosa, a quem por natureza ou por inclinação falta o autodomínio, desenvolve-se com maior rapidez e avança bem mais longe. Essas pessoas tomadas pela loucura e que pensam terem todos os atributos do Todo-Poderoso já se julgam o próprio Todo-Poderoso.

Mimi suspeitava — ou compreendia muito mais pela intuição a verdadeira situação factual ao ouvi-lo falar e percebeu ao mesmo tempo sua vermelhidão anormal e o revirar dos olhos.

Deixava perceber uma certa iniciativa, algo que ela seguramente jamais havia notado nele, e ele se expressava de uma forma apressada e gaguejante, em uma linguagem mais própria de um lunático do que de um intelectual sadio. Ela não se afligia apenas pelos pensamentos dele, mas também pelo estilo entrecortado com o qual ele se expressava.

Caswall dirigiu-se até a entrada que levava à escada para a torre, através da qual se podia alcançar o telhado, e falou com sua maneira dominadora, de modo que apenas o tom já despertou a resistência da jovem:

— Venha! Eu ordeno!

Ela recuou por instinto, não estando acostumada a tais palavras nem tampouco ao tom. Sua resposta indicava que haveria uma nova luta.

— Por que deveria eu ir? E para quê?

A resposta dele não veio de imediato, uma outra demonstração de seu egoísmo dominador. Ela tornou a repetir sua pergunta. Então ele falou sem pensar nas palavras que estavam em seu coração.

— Eu queria que subisse comigo até o telhado. Estou interessado em determinadas experiências com a pipa, o que, para você, embora não seja nenhum prazer, seria uma nova aquisição de conhecimentos. Verá algo que não se vê pela frente todos os dias.

— Irei — exclamou ela, simplesmente. Edgar subiu as escadas e ela o seguiu logo atrás.

Mimi não queria ser deixada sozinha a essa altura, em um tal lugar, na escuridão e ainda por cima na iminência de uma tempestade. Não sentia medo dele. Tudo o que acontecera parecia ter desaparecido com suas duas vitórias nos dois duelos de vontades. E ainda também desaparecera sua aversão diante da loucura de Caswall. Em suas palavras nestes últimos momentos, ele aparentava estar tão racional, tão consciente e destituído daquela agressividade que não viu motivo para dúvidas. Ela se sentia tão tranquila que segurou a mão que ele lhe estendia a fim de auxiliá-la a galgar a escada íngreme e estreita, sem desconfiar de nada.

Lady Arabella, que permanecera na antecâmara por trás da porta, onde ficara de vigia, ouviu cada palavra e formou uma opinião própria a respeito. A ela parecia claro que, entre ambos, que até recentemente se enfrentavam como inimigos, deveria ter acontecido uma aproximação e isso provocou seu rancor. Mimi tinha intenção de frustrar seus planos! Lady Arabella estava tão certa da conquista de Edgar Caswall que não admitia a menor e mais ridícula fraqueza por parte dele que pudesse dissuadi-lo do seu objetivo principal.

Mas ao perceber agora que ele pretendia levar Mimi para o telhado que ela concordara em visitar, espumou de raiva. Não pensou no perigo que uma visita a um local tão arriscado, a uma tal hora, poderia trazer; não queria pensar em mais nada. Sem fazer barulho, esgueirou-se através da portinhola, subiu os degraus e entrou no telhado lá fora. O frio era penetrante, já que as rajadas de vento vinham de todas as direções, assobiando em volta dos cantos da torre e vergando o mastro oscilante da

bandeira. A corda da pipa e o arame que controlava os mensageiros provocavam um conjunto de barulhos sinistros, devido à força que atuava sobre eles em toda a sua extensão e os tornava harmoniosos, transformando-se no adequado acompanhamento musical para a tragédia a ser iniciada.

O coração de Mimi batia de maneira descompassada. Um pouco antes de sair do quarto da torre, ela teve um choque que não conseguiu superar com facilidade. Ela havia lançado um olhar para o semblante de Edgar, que demonstrava uma enorme concentração, como sempre que ele decidia empregar suas forças hipnóticas. As espessas sobrancelhas formavam uma linha grossa no rosto, sob a qual os olhos luziam maldosamente. Mimi reconheceu o perigo e colocou-se em sua posição defensiva que já a havia auxiliado por duas vezes. A isso se associava o medo de que as circunstâncias e o local tivessem uma influência negativa sobre ela, de maneira que achou melhor estar preparada.

O céu mostrava-se um pouco menos carregado. Ou emitia raios lá ao longe e o reflexo deles era transportado pelas nuvens ameaçadoras, ou a força acumulada onde ainda não se havia criado uma válvula de escape através dos raios tinha sua própria claridade. Ambos, tanto o homem quanto a mulher, pareciam tomados por essa tensão. Edgar dava a impressão de estar completamente sob a influência dessas forças. Seus sentidos estavam supersensíveis, sua consciência, sobrecarregada. Nunca havia se encontrado em tal estado! Sua loucura agora se declarava mais fortemente do que antes.

Esforçando-se para permanecer o mais distante dele possível, Mimi movimentava-se através do aposento, onde encontrou um nicho, no qual poderia esconder-se. Ele não se encontrava muito longe do esconderijo de Lady Arabella.

Edgar, que agora estava sozinho no meio do telhado da torre, controlava-se como jamais o fizera, uma condição que piorava muito sua insanidade. Sabia que Mimi se encontrava próxima a ele, embora, no momento, não a pudesse ver. Falou em voz alta, e o ressoar de sua própria voz o inebriava, ainda que o vento cortante lhe arrancasse as palavras dos lábios. Até o bramar dos elementos à sua volta parecia ter um efeito ainda mais forte sobre sua condição sobrecarregada. Imaginou que essas manifestações da natureza obedeceriam à sua vontade. Atingira o apogeu da loucura e achava realmente que era o Todo-Poderoso. O que poderia vir a

acontecer agora aconteceria por sua própria vontade. Como não podia ver Mimi nem sabia onde encontrá-la, exclamou:

— Venha até aqui! Precisa ver o que desdenha e contra o que está lutando! O que se vê aqui é meu, tanto a escuridão quanto a luz. Eu lhe digo que sou maior do que qualquer um que existe, que foi ou que será. Quando Satanás levou Cristo para o alto da montanha e lhe mostrou todas as riquezas da terra, fez o que ninguém seria capaz de fazer, segundo acreditava. Enganava-se ele, porque esqueceu-se de mim. Eu lhe enviarei uma luz que alcançará até a cidadela do céu. Uma luz tão forte que dispersará as nuvens negras que se acumulam ao nosso redor. Veja! Veja! O contato de minha mão despertou a luz para a vida e deixa que suba alto, sempre mais alto!

Com essas palavras chegou ao canto da torre onde tremulava a pipa ascendente e de onde subiam os mensageiros. Perplexa, Mimi o observava. Ela tinha medo de emitir qualquer som a fim de não provocar novas dificuldades. Lady Arabella continuava agachada, rígida de pavor, em seu esconderijo.

Edgar pegou em uma caixinha de madeira que apresentava uma abertura, através da qual corria o arame do mensageiro e que colocava em funcionamento alguma aparelhagem, fazendo soar um barulho como um zumbido. Em um lado da pequena caixa pendia algo que parecia uma peça de fita rígida que estalava e esvoaçava no ar. Mimi pôde ver pelo espaço de um segundo como voava pela corda em direção à pipa.

Mal tinha se aproximado dele quando soou um estrondo muito alto e então saíram faíscas através de cada um dos orifícios do pequeno recipiente. Ao longo da faixa bruxuleante de luz saiu uma língua de fogo que brilhava com intensidade — era uma luz tão clara que iluminava toda a redondeza diante das nuvens negras que corriam.

Relampejou durante segundos, para de súbito ser envolvida pela escuridão. Era simplesmente uma luz de magnésio acesa por um mecanismo proveniente da caixeta e levada para a pipa lá no alto. Edgar se levantou em um estado de confusa agitação. Gritava e berrava a plenos pulmões e tremia como se estivesse com a doença de São Guido.

Isso era mais do que a dupla personalidade de Lady Arabella poderia aguentar — o elemento diabólico sublevou-se triunfalmente nela e, abandonando seus planos de casamento, se regozijou perversamente diante do pensamento de vingança.

Ela tinha que atrair Caswall para a caverna do Verme Branco, mas como? Olhou rapidamente em volta e tomou logo uma resolução. Todos os pensamentos do homem estavam ligados na maravilhosa pipa com a qual ele queria usar sua imaginária rival Mimi, procurando impressioná-la.

Nesse instante, ela se esgueirou na escuridão até a roldana em volta da qual estava enrolada a corda da pipa. Com destreza, tirou-a de sua posição, puxou-a para si e deixou que a corda se desenrolasse de modo a não cortar a ligação com a pipa. Correu célere pelas escadas abaixo, deixando sempre que a corda fosse se desenrolando até que afinal passou pelo grande portão lá fora e ao longo da subida para a casa. Assim que alcançou o portão de sua própria casa, correu para dentro, abrindo o portão de ferro que levava para o fosso.

Estava muito satisfeita consigo mesma. Todos os seus planos haviam amadurecido ou estavam se realizando. O senhor de Castra Regis, sob a sua influência. Lilla Watford, a mulher cuja interferência havia temido, morta. Sim, realmente, tudo se desenrolava de um modo maravilhoso. Ela podia se permitir uma pequena pausa. Lady Arabella arrancou a roupa do corpo com dedos febris. Ela estirava e alongava sua figura esbelta com voluptuosidade animal, saboreando ao máximo sua liberdade natural. Aí se deitou no sofá, à espera de sua vítima! Por algum tempo o sangue de Edgar Caswall pacificaria sua sede de vingança.

Capítulo 28

IRROMPE A TEMPESTADE

Depois que Lady Arabella escapou de maneira silenciosa, como era seu hábito, os outros dois ainda ficaram no telhado da torre. Caswall porque não tinha nada a dizer e Mimi porque tinha muito a dizer e queria pôr suas ideias em ordem. Durante alguns momentos, que, no entanto, davam a impressão de serem uma eternidade, houve silêncio entre eles. Finalmente Mimi deu a saída; decidira-se por um determinado procedimento.

— Sr. Caswall — disse ela em voz alta para que fosse ouvida, apesar dos uivos do vento e do estalar contínuo da eletricidade.

A resposta de Caswall foi abafada pelo barulho do temporal. Ainda assim, Mimi conseguira com isso o seu intento. Agora ela tinha certeza de em que parte do telhado ele se achava. Aproximou-se dele, antes de lhe dirigir novamente a palavra. Dessa vez falou tão alto que mais parecia estar gritando.

— A portinhola está fechada. É preciso abri-la para mim.

Enquanto falava, apalpou discretamente um revólver que Adam lhe havia dado para o caso de uma necessidade, e que trazia escondido junto ao peito. Sentia-se como um rato na ratoeira, mas não queria ser colocada em uma situação ainda mais desamparada. Caswall sentia-se igualmente como se estivesse preso em uma armadilha e o animal feroz dentro dele despertou. Brutal e desenfreado como se fosse um bêbado que quer surrar a esposa, sibilou:

— Você entrou por livre e espontânea vontade em minha casa, sem permissão, sem sequer perguntar se podia. Agora, fique ou desapareça, tanto faz. Dê um jeito. Não quero ter nada a ver com isto.

A resposta dela veio com perigosa suavidade:

— Irei embora. A culpa será toda sua se minha maneira de partir não for do seu agrado. Adam, meu marido, ainda vai ter uma conversa contigo a esse respeito.

— Que venha! Maldito seja ele e todos vocês. Ainda lhe direi algumas verdades. Você não poderá dizer que não viu o que fez.

Aí acendeu novamente um pedaço da fita de magnésio e logo uma luz ofuscante iluminou tudo até os mínimos detalhes. Era do que Mimi precisava. Conseguiu gravar bem a posição da portinhola e do trinco antes da chama se apagar de novo. Puxou o revólver e deu um tiro na fechadura, que se espatifou. Depois, empurrou a porta para descer a escada estreita e, de lá, até a porta de entrada. Saiu correndo dali pela rampa até alcançar o portão de Lesser Hill. Assim que tocou a campainha, a porta foi logo aberta.

— O sr. Adam Salton está em casa? — perguntou.

— Chegou há poucos minutos. No momento encontra-se lá em cima, no escritório — respondeu o criado.

Subiu correndo até onde estava Adam, que pareceu ficar aliviado com sua chegada, olhando-a com olhos críticos. Naturalmente percebeu que algo fora do comum lhe havia acontecido. Preocupado, levou-a carinhosamente até o sofá perto da janela e se sentou ao seu lado.

— Então, querida, conte-me tudo — disse ele.

Ofegante, ela relatou todos os pormenores de sua aventura no telhado da torre. Adam a ouviu com atenção, sem lhe fazer perguntas, ajudando-a com essa atitude. Seu silêncio pensativo permitiu a Mimi que se concentrasse e pusesse suas ideias em ordem.

— Amanhã terei que procurar Caswall para saber o que tem a dizer a respeito de tudo isso.

— Querido, por amor a mim, não se deixe envolver com Caswall. Ultimamente, passei por tanta coisa e não quero ter que me afligir por sua causa.

— Isto não vai acontecer, meu bem, se eu puder evitar — explicou ele, com seriedade, beijando-a.

A fim de manter vivo o interesse dela e para que se esquecesse do medo pelo qual passara, bem como de suas lágrimas, começou a fazer perguntas referentes a sua aventura. Graças a suas observações, feitas de vez em quando e com muito tato, conseguiu que ela se acalmasse. De repente disse, sem nexo:

— Caswall meteu-se em uma enrascada. Está me parecendo que o rapaz, sem ter consciência do fato, está cavando sua própria desgraça.

— Como? Não estou te entendendo.

— Dizem que pipas que tremulam sobre um local como a torre de Castra Regis, em uma noite como esta, são no mínimo muito perigosas. As pessoas não apenas se expõem ao perigo de morrerem atingidas por um

raio, como também atraem o raio. Toda nuvem que se forma pode se transformar em um raio que vai se descarregar no ponto mais elevado. A pipa encontra-se a uma altura muito grande e atrai os raios. A corda representa o caminho mais conveniente para a terra. Então o raio cai na torre com uma força cem vezes mais forte do que uma bateria de artilharia. Toda Castra Regis seria reduzida a escombros. Não se pode saber qual a direção que o raio seguirá. O mais provável é que vá atingir um pedaço de metal.

— Será perigoso estar ao ar livre no caso de isso vir a acontecer?

— De maneira nenhuma, minha pequena lady. É fora de casa que se está mais seguro, desde que a pessoa não se encontre no caminho da descarga elétrica.

— Então é bom sairmos. Não quero de modo algum colocar em perigo nossas vidas, a sua e a minha. Se fora de casa for mais seguro, então acho que deveríamos sair.

Em silêncio, ela se aprontou para sair, enquanto Adam colocava seu chapeú e se certificava de que o seu revólver estava funcionando bem. Juntos deixaram a casa.

— Creio ser melhor irmos à procura de todos os lugares que têm alguma coisa a ver com essa história infeliz.

— Tem toda a razão, querido, estou pronta. Se não tiver nada em contrário, poderíamos ir primeiro para Mercy. Estou muito preocupada com meu avô. Deveríamos nos certificar de que nada aconteceu por lá.

Foram seguindo pelo caminho do cume do Brow. Aqui o vento soprava com muita força e fazia um barulho estranho acima de suas cabeças, que ia sempre aumentando. Porém não se ouvia qualquer ruído vindo da floresta de árvores altas e flexíveis que ficavam dos dois lados da estrada. Nenhum estalido nem árvores tombando. Mimi mal se aguentava em pé. Não sentia medo, mas a violência do temporal fazia com que se chegasse bem perto do marido.

Em Mercy, não havia mais ninguém de pé, pelo menos não se via nenhuma luz acesa. Mas para Mimi, que conhecia bem os hábitos noturnos da casa, havia sinais visíveis de que tudo estava como devia estar, com exceção do quarto no andar de cima, cujas venezianas estavam fechadas. Mimi não suportava olhar para lá e pensar, e Adam compreendia bem o sofrimento da esposa, pois ele também tinha gostado muito de Lilla. Pegou

na mão de Mimi e a beijou. De mãos dadas continuavam andando e voltaram à estrada que levava para Castra Regis.

Tomaram um cuidado muito especial ao chegarem diante do portão de Castra Regis. Mesmo assim, Adam tropeçou no fio que Lady Arabella deixara atrás de si.

Contendo a respiração, ele sussurrou para sua mulher:

— Mimi, meu bem, não quero assustá-la, mas onde esse fio estiver é onde está o perigo.

— Perigo? Como?

— Esta será a direção que o raio tomará. A qualquer momento uma força terrível poderá descarregar-se sobre nós. Corra, querida. Sabe onde a rampa e o caminho se encontram. E, pelo amor de Deus, mantenha-se afastada desse fio, caso o veja em algum lugar. Eu a seguirei e nos encontraremos no portão.

— Quer por acaso seguir o fio sozinho?

— Sim, querida. Basta que um de nós o faça. Não quero perder um só minuto e logo estarei novamente contigo.

— Adam, quando saí de casa com você, queria que ficássemos juntos, para o caso de alguma coisa acontecer. Não pode me negar esse direito, não é mesmo?

— Não, nem esse nem qualquer outro direito. Que os céus sejam louvados por minha mulher pensar dessa maneira. Venha, vamos juntos. Estamos nas mãos de Deus. Se Ele assim o determinar, então também estaremos juntos no final, seja onde for.

Pegaram a pista do fio nos degraus e a seguiram pela rampa, tendo o cuidado de não encostar nele com os pés. Não foi muito difícil, porque o fio, que era colorido, se distinguia bem do chão. Acompanharam-no até o portão e de lá até a alameda de acesso para Diana’s Grove.

Lá chegando, a fisionomia de Adam se obscureceu, apesar de Mimi não ver nenhum motivo para preocupação. No entanto, a explicação era a mais simples possível. Adam sabia que o poço havia sido enchido com areia e explosivos, mas Mimi não fazia ideia do que havia sido feito. Adam lhe pediu que voltasse para a estrada sob o pretexto de seguir por lá a pista do fio, caso houvesse alguma ramificação para algum outro lado.

Ela deveria examinar o chão e avisá-lo com o grito dos indígenas australianos “Coo-ee”, se descobrisse alguma coisa.

Enquanto ainda estavam juntos, um raio ofuscante iluminou por segundos o céu e a terra, mergulhando-os em luz. Isso foi apenas uma nota de um prelúdio celestial, pois agora os raios seguiam um atrás do outro, sem interrupção, acompanhados pelos estrondos dos trovões.

Assustado, Adam puxou a esposa de encontro ao seu corpo. De acordo com os intervalos que havia entre o relâmpago e o trovão, ele pôde calcular que o centro da tempestade ainda estava a uma certa distância, não havendo, portanto, perigo imediato para eles. Mas não lhe passou despercebido que a trovoada se aproximava a grande velocidade, vindo justamente na direção onde se encontravam. Os relâmpagos vinham agora a intervalos cada vez menores, e os trovões eram incessantes, sem que houvesse um momento sequer de silêncio — sim, um novo trovão começava antes mesmo que o último tivesse terminado. Adam olhava sem cessar na direção da pipa que puxava o fio que lhe punha obstáculos, mas, devido à pouca luz crepuscular, nada conseguia distinguir.

Finalmente, houve um raio tão forte que chegou a ofuscar e a natureza pareceu ficar parada. E durou tanto tempo que foi possível reconhecer sua forma. Parecia uma enorme árvore invertida, suspensa no céu. Toda a terra ficou tão iluminada que dava a impressão de estar em brasa. E, quando soou o trovão, uma larga fita de fogo desabou sobre Castra Regis. Adam viu a torre estremecer e finalmente desmoronar como uma casa feita de cartas de baralho. Depois do relâmpago, o céu voltou a ficar escuro, mas da torre desprendeu-se uma chama azul que se movimentava com incalculável velocidade pelo chão, na direção de Diana’s Grove, alcançando a casa escura e silenciosa, que, num instante, se incendiou em centenas de lugares diferentes.

Ao mesmo tempo ouviu-se, vindo da casa, o barulho de vigas e dormentes que se rachavam e estalavam, sendo quebrados ou atirados em volta, e a esse barulho se misturou um grito curto e pavoroso, e o sangue de Adam, que não era medroso, pareceu ficar gelado nas veias. Instintivamente, o homem e a mulher se deram as mãos e, trêmulos, ficaram ouvindo com atenção. Bem perto deles estava acontecendo algo misterioso, horrível, mortal! Os gritos continuavam e, com o tempo, iam soando cada vez mais fracos. E aos gritos se misturou uma enorme explosão que deveria ter acontecido no fundo da terra.

As chamas de Castra Regis e Diana’s Grove iluminavam a noite. Os relâmpagos cessaram de modo que sem a luz ofuscante era possível ter uma

perspectiva dos detalhes. O calor da casa em chamas era tão forte que as portas de ferro se retorceram e caíram. Elas se abriram sozinhas de modo a permitir que se visse o interior da casa. Os Saltons puderam ver no aposento nos fundos da casa onde ficava o poço um buraco profundo, estreito e redondo. De lá partiam gritos lancinantes, que a cada momento se tornavam mais horríveis.

Porém não eram os gritos pavorosos que aterrorizavam Mimi. O que tinha agora diante dos olhos era suficiente para lhe causar pesadelos para o resto da vida...

O lugar todo parecia ser açoitado por um mar de sangue. Cada explosão vinda do interior do buraco expulsava uma massa de areia fina e fluidos, um lodo repulsivo de carne e gordura. Eles viram partes cobertas de escamas de um gigantesco lagarto ou de uma enorme serpente. E, num intervalo dos horrores, levantou-se o borbulhante conteúdo da cratera como se fosse uma fonte e Adam viu uma parte do corpo de Lady Arabella em meio a uma massa gosmenta e partes do monstro esfacelado. Várias vezes foram lançadas para o alto, pela abertura, massas imensas que se espalhavam. Via-se que eram partes do Verme Branco, que Adam e Sir Nathaniel tinham visto quando ele olhava com os seus enormes olhos verdes que cintilavam na tempestade, por cima das árvores.

Finalmente a explosão alcançara o depósito principal do explosivo que haviam jogado no buraco da serpente. O resultado foi horrível. O chão tremeu em volta em uma área enorme, onde foram abertas fendas longas e profundas, cujas bordas estremeciam e desmoronavam, espalhando areia que caía na água com um chiado. A casa construída com tanta solidez estremeceu em suas bases. Pedras grandes eram lançadas para o alto, como se fossem jogadas por um vulcão e algumas se partiam em pleno ar, parecendo terem sido partidas por forças infernais. As árvores perto da casa — que portanto ficavam próximas da gruta da serpente que expelia nuvens de pó, vapor e areia, tudo cheirando horrivelmente a decomposição — haviam sido desenraizadas e atiradas para o alto. Com o passar do tempo saíam labaredas da ruína, de modo que Adam pegou a esposa e fugiu com ela das proximidades das chamas.

A catástrofe terminou quase tão rapidamente como começou, embora durante algum tempo ainda se ouvisse um ribombar vindo de dentro da terra. Então caiu um silêncio sobre tudo, um silêncio tão completo que parecia um ser racional — silêncio como uma escuridão corporificada, que

dava essa impressão a todos que caíam sob sua magia. Aos jovens que haviam sofrido os longos e demorados horrores da noite, trouxe alívio — alívio da presença do terror e do medo, alívio que alcançou o auge quando os raios vermelhos da aurora apareceram sobre o mar, no leste longínquo, e com eles a promessa de que no dia seguinte tudo entraria novamente nos eixos.

* * *

As poucas horas da noite que ainda restaram Adam passou na cama. De mãos dadas com Mimi, saiu de madrugada para Castra Regis, atravessando o Brow e de lá rumaram mais adiante para Lesser Hill.

Fizeram isso na tentativa de afastar para o mais longe possível os pensamentos sobre a pavorosa aventura da noite anterior. A manhã estava linda, fresca e resplandecente, como acontece muitas vezes depois de uma tempestade devastadora. Contudo, as nuvens que ainda se viam no céu não permitiam que se tivesse pensamentos sombrios.

Toda a natureza se mostrava clara e alegre e contrastava com as imagens desoladoras provocadas pelo fogo.

Da anterior construção tão imponente de Castra Regis sobrara apenas um amontoado de entulho que se tornou visível quando uma forte brisa afastou as nuvens de fumaça acre e ardente que se levantava no local da propriedade. Em frente a Diana’s Grove procuraram inutilmente por algum sinal de vida. Dos carvalhos existentes no bosque ainda havia alguns que se destacavam de uma nuvem de fumaça. Os troncos continuavam eretos como sempre, mas os galhos maiores estavam quebrados, vergados e com a casca lascada, enquanto os ramos menores tinham sofrido mais ainda.

Nada mais se via da casa em si, nem mesmo olhando de perto. Decidido, Adam deu as costas ao lugar da devastação e rapidamente prosseguiu no seu caminho. Mimi não somente estava fora de si e agitada,

como também muito cansada e mal se mantinha de pé. Adam a levou para seu quarto e a deitou na cama, tendo o cuidado para que o aposento fosse iluminado pela luz do sol e também pela luz das lâmpadas. Permitiu apenas que uma cortina de seda, na janela, atenuasse um pouco a luz forte.

Manteve-se ao lado da mulher, segurando uma de suas mãos e sabendo que sua presença representava o melhor remédio para ela. Assim permaneceu perto dela, até que o sono tomasse conta de seu corpo exausto. Somente então se afastou devagarinho.

Encontrou o seu tio e Sir Nathaniel no escritório, tomando uma xícara de chá matinal, que chegou a ser um verdadeiro desjejum. Adam contou-lhes que sua mulher não sabia da sua intenção de mais uma vez visitar o lugar dos horrores. Não lhe dissera nem uma palavra, a fim de não amedrontá-la. Agora ela precisava de sossego e paz para poder esquecer os terríveis acontecimentos.

Sir Nathaniel concordou com ele.

— Sabemos, meu caro, que a infeliz Lady Arabella está morta e que o cadáver do Verme foi esfacelado. Rezemos para que a sua alma pecadora não escape jamais das profundezas do inferno.

A primeira coisa que fizeram foi irem a Diana’s Grove, não apenas por achar-se mais próxima, mas também por ser o local do qual mais havia para ser relatado. A completa destruição da casa e de tudo o que lá existia parecia inacreditável, vista à luz do dia. Para Sir Nathaniel era uma verdadeira história de terror. Para Adam, nem tanto. Os seus amigos estariam vendo unicamente a parte externa da casa, ou melhor, os restos, o que sobrara dela. Mas ele sabia que o verdadeiro horror se ocultava na parte interna. Dava, porém, a preferência à opinião dos mais velhos.

Desde as primeiras horas da madrugada manifestara-se uma estranha e elementar mudança no local onde se desenrolaram os horrores. Era como se a natureza quisesse se livrar logo das marcas do mal. É verdade que agora a completa destruição da casa se tornava bem mais visível. Mas a ruína mais pavorosa era a que se achava por baixo, não podia ser vista. Os escombros dos muros arrebentados, agora espalhados, davam uma impressão pior do que antes, as fundações destruídas, as paredes desmoronadas, as fendas no chão — nada poderia ser pior. A cova do Verme era ainda visível, mas como uma abertura circular que levava às entranhas da terra. As massas horrendas e os repugnantes vestígios de morte violenta tinham desaparecido. Ou uma explosão posterior teria lançado tanta água lá do

fundo que, apesar de apodrecida e contaminada, tinha poder de depuração, ou então aquelas massas nojentas vindas do fundo tinham levado consigo os rastros do terror, extinguindo-os. Um pó cinzento, proveniente em parte da areia fina e em parte dos escombros, cobria tudo, escondendo o pior, apesar de ser ele próprio nojento.

Após alguns minutos de observação, tornou-se claro aos três que ainda continuava a agitação lá no fundo, aquela mistura infernal borbulhava através da abertura. Subia, descia e transbordava, demonstrando toda a sua horripilante nojeira. O pior eram os nauseantes restos de carne vermelha do Verme. Se elas já tinham um aspecto horrível quando da primeira explosão, agora eram muito mais. A decomposição se iniciava de uma forma rápida e assustadora, pois fora provocada por um raio. Toda a massa parecia podre, coberta de insetos, vermes e de toda a espécie de pequenos bichos. Como se não fosse suficiente, fazia sentir-se um cheiro quase insuportável. O buraco do Verme parecia exalar a morte da maneira a mais repugnante. Os amigos subiram rapidamente o Brow, por onde passava uma brisa fresca vinda do mar.

Quando olharam para baixo do cume do Brow, viram uma massa branca e brilhante em meio à devastação e que se destacava de uma forma bastante estranha. Era tão esquisita que Adam sugeriu que procurassem uma descida, a fim de darem uma olhada mais de perto.

— Isto não será necessário. Eu sei o que é — disse Sir Nathaniel. — A explosão da noite precedente arrancou os escolhos do lado externo e o que temos diante de nós é uma grande jazida de caolim, através da qual o Verme passava para a sua caverna. Eu até posso ver a água nas poças de lama lá no fundo. É verdade, a dama não merecia uma sepultura desta espécie nem de um monumento assim.

* * *

Os sustos das últimas horas haviam abalado de tal maneira os nervos de Mimi que se fazia necessária uma mudança de ambiente, se se quisesse evitar um colapso com consequências permanentes.

— Está mais do que na hora de vocês, jovens, iniciarem sua lua de mel — comentou o velho sr. Salton com um piscar de olhos.

O olhar suave e envergonhado que Mimi lançou ao seu marido corajoso foi resposta suficiente.



BRAM STOKER

CONTOS ESTRANHOS

Tradução Alexandre Barbosa de Souza

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Para meu filho.

Prefácio

Alguns meses antes da penosa morte de meu marido — posso até dizer que enquanto a sombra da morte ainda pairava sobre ele —, ele planejava a publicação de três conjuntos de contos, e este volume é um deles. À lista original de contos neste livro, acrescentei um episódio até então inédito de *Drácula*. O conto foi originalmente excluído devido à extensão do romance e pode interessar aos muitos leitores da obra mais notável de meu marido. Os outros contos já foram publicados em periódicos ingleses e norte-americanos. Se tivesse vivido mais tempo, meu marido poderia ter julgado apropriado revisar este livro, escrito principalmente nos primeiros anos de sua vida extenuante. Mas, como o destino me incumbiu de lançá-lo, considerei mais justo e apropriado deixá-lo vir à luz praticamente como ele o deixou.

Florence Bram Stoker

O hóspede de Drácula

Quando saímos para tomar a carruagem, o sol brilhava em Munique, e o ar estava repleto da alegria do início do verão. Estávamos quase de partida quando *Herr* Delbrück (*maître d'hôtel* do Quatre Saisons, onde eu estava hospedado) veio, sem chapéu, até a carruagem e, depois de me desejar boa viagem, disse ao cocheiro, ainda segurando a maçaneta:

— Lembre-se de voltar antes de anoitecer. O céu está claro, mas o vento norte está soprando de um jeito que diz que talvez venha uma tempestade a qualquer momento. Mas tenho certeza de que você não vai demorar. — Sorrindo, acrescentou: — Porque você sabe o que teremos hoje à noite.

Johann respondeu com um enfático "*Ja, mein Herr*" e, levando a mão ao chapéu, partiu apressado. Quando já havíamos deixado a cidade para trás, eu disse, fazendo sinal para que parasse:

— Diga-me uma coisa, Johann: o que há de especial hoje à noite?

Ele fez o sinal da cruz e respondeu sucintamente:

— É noite de Walpurgis.

Então ele sacou seu relógio, um grande e antigo objeto de prata alemão do tamanho de um nabo, e viu as horas, juntando as sobrancelhas, dando de ombros, impaciente. Entendi que era seu modo de protestar respeitosamente contra o atraso desnecessário e voltei a me acomodar na carruagem, fazendo apenas um sinal para que prosseguisse. Ele partiu rapidamente, como para compensar o tempo perdido. De vez em quando, os cavalos pareciam erguer a cabeça e fungar desconfiadamente. Nessas ocasiões, eu sempre olhava assustado para os lados. A estrada parecia muito desolada, pois atravessávamos uma espécie de platô alto, fustigado pelo vento. Conforme seguíamos, vi uma estrada aparentemente muito pouco trilhada e que parecia descer por um pequeno vale serpeante. Era tão convidativo que, mesmo sob risco de contrariá-lo, pedi que Johann parasse. Quando parou, eu disse que queria descer por aquela estrada. Ele ofereceu todo tipo de desculpas e fez muitas vezes o sinal da cruz enquanto falava. Aquilo de alguma forma provocou minha curiosidade, de modo que lhe fiz várias perguntas. Ele respondeu com evasivas e, em protesto, olhava para o relógio a todo instante. Por fim, eu disse:

— Bem, Johann, quero seguir por esta estrada. Não vou lhe pedir que venha comigo se não quiser, mas me diga por que não quer. É só o que quero saber.

Em resposta, ele praticamente saltou da carruagem, tamanha a pressa com que chegou ao chão. Estendeu as mãos suplicantes e me implorou que não fosse por ali. Falava um inglês mesclado com o alemão para que eu entendesse o rumo da conversa. A todo instante, parecia prestes a me dizer alguma coisa, mas a própria ideia de fazê-lo evidentemente o apavorava. Ainda assim, a todo momento ele se empertigava, dizendo, enquanto se benzia: "*Walpurgisnacht*!"

Tentei argumentar com ele, mas era difícil argumentar com alguém quando não se sabe a língua. Ele certamente levava vantagem sobre mim, pois, embora começasse falando inglês, um inglês muito cru e estropiado, sempre se excitava e desatava a falar em sua própria língua — e, a cada vez que o fazia, olhava para o relógio. De repente, os cavalos ficaram irrequietos e resfolegantes. Ele empalideceu muito, olhou apavorado para os lados, pulou subitamente na frente dos animais e, pegando-os pelos arreios, conduziu-os por pouco mais de cinco metros. Fui atrás dele e perguntei por que havia feito isso. Em resposta, ele fez o sinal da cruz, apontou para o lugar onde estávamos, puxou a carruagem na direção da outra estrada, indicando uma cruz, e disse, primeiro em alemão, depois em inglês:

— Ele enterrado ali, ele mesmo se matou.

Lembrei-me do antigo costume de enterrar suicidas em encruzilhadas:

— Ah! Entendi. Um suicida. Que interessante!

Mas juro que não consegui compreender o que assustara tanto os cavalos.

Enquanto conversávamos, ouvimos um som misto de uivo e latido. Era muito distante, mas os cavalos ficaram agitados, e Johann precisou de muito tempo para acalmá-los. Pálido, ele disse:

— Parece lobo, mas aqui não tem lobo essa época.

— Não? — disse eu, inquisitivamente. — Não é verdade que os lobos chegam a essa distância da cidade?

— Sim — respondeu ele —, na primavera e no verão. Mas, com a neve, os lobos não ficam mais tanto.

Enquanto ele acalmava os cavalos, acarinhando-os, nuvens escuras passaram rapidamente pelo céu. O sol se escondeu, e um sopro de vento frio passou por nós. Mas era apenas uma rajada, mais um alerta do que um fato, pois o sol voltou a brilhar em seguida. Johann olhou para o horizonte com a mão protegendo os olhos e disse:

— A tempestade de neve cai logo.

Ele tornou a olhar para o relógio e, puxando logo as rédeas firmes — pois os cavalos ainda batiam os cascos assustadiços, balançando a cabeça —, voltou a seu banco como se houvesse chegado a hora de seguir viagem.

Fui um tanto obstinado e, a princípio, não quis voltar para a carruagem.

— Conte-me — disse eu — sobre o lugar aonde essa estrada leva.

Apontei para baixo.

Mais uma vez, ele se benzeu e murmurou uma prece, antes de responder:

— É profana.

— O quê? — perguntei.

— A aldeia.

— Então existe uma aldeia?

— Não, não. Ninguém mora lá há centenas de anos.

Minha curiosidade foi provocada.

— Mas você disse que existia uma aldeia.

— Existia.

— Onde fica hoje em dia?

Com isso, ele desatou a contar uma longa história em alemão e inglês tão confusa que não pude entender exatamente do que se tratava. Por alto, porém, captei que há muito tempo, centenas de anos atrás, homens haviam morrido ali e foram enterrados em suas sepulturas. Tempos depois, ao ouvirem sons vindos de debaixo da terra, abriram as sepulturas e foram encontrados homens e mulheres corados e cheios de vida, com a boca vermelha de sangue. Então, na pressa de salvarem suas vidas — e suas almas! (e aqui novamente ele se benzeu) —, aqueles que sobreviveram fugiram para outros lugares, onde os vivos viviam e os mortos estavam mortos e não havia... Não havia alguma coisa.

Ele evidentemente estava com medo de dizer as últimas palavras. Conforme prosseguiu com a narrativa, foi ficando cada vez mais agitado. Parecia que sua imaginação tomara conta de si, e ele terminou a história num perfeito paroxismo de medo — semblante pálido, transpirando, tremendo e olhando para os lados, como se esperasse que uma presença pavorosa fosse se manifestar ali em plena luz do dia em campo aberto. Por fim, com agonia desesperada, gritou:

— Walpurgisnacht!

Ele apontou para mim e para a carruagem onde eu deveria entrar. Todo o meu sangue inglês subiu nessa hora e, recuando, eu disse:

— Você está com medo, Johann. Você está com medo. Volte para casa. Voltarei sozinho, a caminhada me fará bem.

A porta da carruagem estava aberta. Peguei no assento minha bengala de carvalho, que sempre levo em minhas excursões nas férias, e fechei a porta, apontando o caminho de volta para Munique.

— Vá embora, Johann. Walpurgisnacht não assusta inglês.

Os cavalos agora estavam mais rebeldes do que nunca, e Johann tentava controlá-los enquanto enfaticamente implorava para que eu não cometesse tamanha tolice. Tive pena do pobre coitado, que estava sendo profundamente sincero, mas, ao mesmo tempo, não consegui conter o riso. A essa altura, seus rudimentos de inglês haviam desaparecido. Angustiado, esquecera que a única maneira de se fazer entender era falar minha língua, de modo que agora disparava em seu alemão natal. Aquilo começou a me entediar um pouco. Depois de lhe mostrar a direção e lhe mandar voltar para casa, virei-me para a encruzilhada e segui em direção ao vale.

Com um gesto desesperado, Johann virou seus cavalos em direção a Munique. Apoiei-me em minha bengala e olhei para ele. Ele seguiu lentamente pela estrada, até que um homem alto e magro surgiu no alto da encosta. Foi o que pude perceber àquela distância. Quando ele se aproximou dos cavalos, os animais começaram a saltar, a escoicear e, depois, a relinchar aterrorizados. Johann não conseguiu mais contê-los, e eles dispararam pela estrada, em um galope enlouquecido. Fiquei a observá-los até onde pude e, afinal, olhei para o desconhecido, mas descobri que ele também desaparecera.

Com o coração leve, desci pela estradinha que atravessava o fundo do vale a que Johann fizera objeção. Eu não conseguia vislumbrar motivo algum para o receio dele em seguir aquela direção. Caminhei por algum tempo sem pensar na hora ou na distância, e seguramente não vi ninguém, nem casa alguma. Quanto ao lugar, era a própria imagem da desolação, mas só reparei nisso quando, ao fazer uma curva na estrada, me deparei com a borda esparsa de um arvoredo. Só então percebi que, inconscientemente, eu ficara impressionado com a desolação da paisagem por onde havia passado.

Sentei-me para descansar e comecei a observar a região. Percebi que ali já estava consideravelmente mais frio do que no início da caminhada; parecia haver ao meu redor uma espécie de som suspirado e, vez por outra,

bem lá no alto, uma espécie de rugido abafado. Olhando para cima, notei que grandes nuvens espessas se deslocavam rapidamente do norte para o sul a uma grande altitude. Havia sinais de uma tempestade chegando em algum estrato remoto do ar. Senti um pouco de frio, mas, pensando ser por ter ficado parado tempo demais após o esforço da caminhada, retomei minha jornada.

O terreno por onde eu passava era agora muito mais pitoresco. Não havia nenhum objeto impressionante que o olho pudesse destacar, mas em tudo havia beleza. Descuidei da hora, e só quando o crepúsculo se impôs intensamente sobre mim comecei a pensar em como encontraria o caminho de volta. A luz do dia estava esvanecendo. O ar estava frio e o movimento das nuvens no céu ficou mais evidente. Elas eram acompanhadas por uma espécie de som distante, através do qual parecia surgir às vezes aquele uivo misterioso que o cocheiro dissera ser de lobo. Por um momento, hesitei. Mas, como eu prometera visitar a aldeia abandonada, segui viagem até chegar a uma larga clareira no campo aberto, cercada de encostas por todos os lados.

As encostas eram cobertas de árvores que se espalhavam até a planície do vale, juncando de arvoredos os aclives delicados e as ravinas que apareciam aqui e ali. Acompanhei com os olhos o serpentear da estrada e notei que ela fazia uma curva perto de um desses arvoredos mais densos e se perdia atrás dele. Enquanto eu observava o local, senti uma lufada fria e começou a nevar. Pensei nos quilômetros e quilômetros de terras desoladas por onde passara e corri para me abrigar sob o arvoredo. O céu foi ficando cada vez mais escuro, assim como a nevasca se intensificou, até que a terra diante de mim e à minha volta se tornou um tapete branco reluzente cuja extremidade mais distante se perdia em nebulosa vagueza. Havia uma estrada rústica, em cujas margens os limites não eram muito bem marcados, como nos cortes da encosta. Em pouco tempo percebi que havia me perdido da trilha, pois pisei em falso, afundando meu pé na relva e no musgo.

Nesse momento, o vento ficou mais intenso e soprou com força cada vez maior, até que não tive escolha senão correr. O ar ficou gélido e, apesar dos meus esforços, não conseguia suportá-lo sem sofrimento. A neve agora caía espessa e rodopiava à minha volta em espirais tão rápidas que eu mal conseguia manter os olhos abertos.

De quando em quando, o céu se rasgava com vívidos relâmpagos, e pude ver nos clarões à minha frente uma grande massa de árvores,

sobretudo teixos e ciprestes, todos pesadamente cobertos de neve. Logo me vi sob o abrigo das árvores e, em relativo silêncio, pude ouvir o rumor do vento lá no alto. O negror da tempestade se mesclara à escuridão da noite. Aos poucos, a tempestade parecia diminuir, pois agora se manifestava apenas em ferozes rajadas de vento. Nesses momentos, o estranho som do lobo parecia ecoar em muitos sons similares ao meu redor.

Às tantas, através da massa negra de nuvens semoventes, veio um solitário feixe de luar que iluminou o espaço e me mostrou que eu estava na borda de uma densa mata de ciprestes e teixos. Como havia parado de nevar, saí de meu abrigo e comecei a investigar a região. Pareceu-me que, entre as muitas fundações antigas pelas quais eu passara, talvez pudesse haver alguma casa, ainda que em ruínas, onde eu pudesse encontrar algum tipo de abrigo por um tempo. Contornando a borda da mata, encontrei um muro baixo, e, ao seguir seu desenho, cheguei a uma entrada. Ali os ciprestes formavam uma alameda que levava a uma espécie de edifício quadrado. Assim que tive esse vislumbre, contudo, as nuvens se moveram e esconderam a lua, obrigando-me a seguir pela alameda às escuras. O vento devia ter esfriado, pois me senti trêmulo enquanto caminhava. Mas, como havia esperança de abrigo, segui tateando meu caminho às cegas.

Subitamente, tudo ficou quieto e me vi obrigado a parar. A tempestade havia passado e, talvez por afinidade com o silêncio da natureza, meu coração pareceu parar de bater. Tudo, porém, durou apenas um momento, pois de repente o luar atravessou as nuvens, mostrando-me que eu estava num cemitério e que o objeto diante de mim era um imenso mausoléu de mármore, branco como a neve que havia em cima e aos lados da tumba. Com o luar, veio também um violento suspiro da tempestade, que pareceu retomar seu curso com um longo e grave uivo, semelhante ao dos lobos. Chocado, senti um temor reverente e um frio que crescia em mim até parecer agarrar meu coração. Então, enquanto os influxos do luar ainda caíam sobre o mármore da tumba, a tempestade deu mais provas de se renovar, como se retomasse seu caminho. Impelido por uma espécie de fascínio, aproximei-me do sepulcro para tentar apurar o que era e por que se encontrava em local tão isolado. Dei a volta no mausoléu e li, sobre a porta dórica, escrito em alemão: “*Condessa Dolingen de Gratz / Da Estíria / Buscou e encontrou a morte / 1801*.”

No alto da tumba, aparentemente enfiada no mármore sólido, pois a estrutura era composta por alguns poucos blocos imensos de pedra, havia

uma grande lança ou estaca de ferro. Ao chegar aos fundos do mausoléu, vi, gravado em grandes caracteres russos: “*Os mortos viajam depressa*.”

Havia algo tão estranho e sobrenatural em tudo aquilo que fiquei tonto e me senti a ponto de desmaiar. Comecei a pensar, pela primeira vez, que deveria ter seguido o conselho de Johann. Ali me ocorreu um pensamento, que veio sob circunstâncias quase misteriosas e me abalou terrivelmente: era noite de Walpurgis.

Noite de Walpurgis, quando, segundo a crença de milhões de pessoas, o Diabo estava solto; quando as sepulturas se abriam e os mortos saíam e caminhavam entre os vivos; quando todas as criaturas malignas da terra, do ar e da água faziam suas orgias. E aquele lugar que o cocheiro evitara a todo custo era a aldeia abandonada havia séculos. Era ali que jaziam os suicidas, e era exatamente ali que eu estava sozinho, sem auxílio, tremendo de frio naquela mortalha de neve, com uma nevasca se formando outra vez sobre mim. Precisei recorrer a toda a minha filosofia, toda a religião que me ensinaram, toda a minha coragem, para não cair num paroxismo de medo.

De repente, um tornado estourou sobre mim. O chão tremeu como o estrondo de milhares de cavalos em disparada, e dessa vez a tempestade veio com asas de granizo. As grandes pedras de gelo vinham com tanta violência que tornaram o abrigo dos ciprestes tão inútil quanto um milharal. A princípio, corri para a árvore mais próxima, mas logo fugi e busquei o único lugar que parecia oferecer refúgio: o profundo umbral dórico do mausoléu de mármore. Agachado junto à imensa porta de bronze, protegi-me um pouco do impacto do granizo, pois ali as pedras de gelo só me atingiam após ricochetear no piso de mármore da lateral. Ao me encostar na porta, ela se moveu ligeiramente e abriu para dentro. O abrigo, ainda que fosse uma tumba, foi bem-vindo naquela tempestade impiedosa, e eu estava prestes a entrar nele quando o clarão de um relâmpago bifurcado iluminou toda a extensão do céu.

Nesse instante, juro pela minha vida, vi, quando meus olhos se voltaram para a escuridão da tumba, uma linda mulher, de maçãs do rosto pronunciadas e lábios vermelhos, aparentemente dormindo em um esquife. Quando o trovão estrondeou no céu, fui agarrado como pela mão de um gigante e levado para fora no meio da tempestade. Tudo aconteceu tão de repente que, antes que eu me recuperasse do choque, tanto moral quanto físico, senti as pedras de granizo me atingirem. Ao mesmo tempo, tive uma sensação estranha e inescapável de que não estava sozinho. Olhei para a

tumba. Nesse momento veio outro clarão ofuscante, que pareceu atingir a estaca de ferro no alto do mausoléu e penetrar na terra, explodindo o mármore em pedaços, com um fulgor flamejante.

A mulher morta se ergueu por um momento de agonia, enquanto era lambida pelas labaredas, e seu grito amargo de dor foi abafado pelo estrondo do trovão. A última coisa que ouvi foi esse misto de sons pavorosos, pois novamente fui pego pela mão de um gigante e arrastado dali, ao mesmo tempo que o granizo me açoitava e o ar à minha volta parecia reverberar com o uivo dos lobos. A última coisa que me lembro de ter visto foi uma massa vaga e branca se movendo, como se todas as sepulturas ao meu redor tivessem expulsado os fantasmas de seus defuntos amortalhados e eles me cercassem em meio à nebulosidade branca da tempestade de granizo.

Aos poucos, uma espécie de vago sinal de consciência começou a voltar; depois, uma sensação de estranheza pavorosa. Durante algum tempo, não consegui me lembrar de nada, mas lentamente recuperei os sentidos. Meus pés pareciam completamente tomados pela dor, mas eu não conseguia movê-los. Estavam como que anestesiados. Sentia um frio gélido na nuca e em toda a espinha, e meus ouvidos, assim como meus pés, estavam inertes, embora atormentados. Curiosamente, havia em meu peito uma sensação de calor deliciosa. Era um pesadelo — um pesadelo físico, se for possível usar tal expressão —, pois eu sentia um peso no peito que me dificultava a respiração.

O período de quase letargia pareceu ter durado algum tempo, durante o qual devo ter dormido ou desmaiado. Em seguida, me veio uma náusea, como a que se sente no mar, e um desejo desenfreado de me libertar de alguma coisa que eu não sabia o que era. Uma vasta quietude me envolveu, como se o mundo inteiro estivesse adormecido ou morto, somente interrompida pela respiração baixa e ofegante de algum animal perto de mim. Senti um raspão quente no pescoço e me veio à consciência a horrível verdade, que me esfriou o coração e impulsionou o sangue às pressas ao meu cérebro: havia um grande animal deitado sobre mim e lambendo meu pescoço. Tive medo de me mover, de modo que um instinto prudente me mandou ficar imóvel. Ainda assim, a criatura pareceu perceber que havia alguma mudança em mim, pois ergueu a cabeça. Pelas pálpebras entrecerradas, vi os grandes olhos faiscantes de um lobo gigantesco. Seus

dentes brancos e agudos reluziam na boca vermelha escancarada, e pude sentir o calor de seu hálito feroz e pungente.

Durante um tempo, não me dei conta de nada, até que fui despertado de minha letargia por um rugido grave, seguido de um ganido, que se repetia de tempos em tempos. A uma grande distância, ouvi muitas vozes chamando em uníssono. Cuidadosamente, ergui a cabeça e olhei na direção de onde vinha o som, mas o cemitério bloqueava minha visão. O lobo continuava a ganir de modo estranho e um clarão avermelhado começou a se mover em torno do bosque de ciprestes, como se seguisse o som. Conforme as vozes se aproximaram, o lobo passou a ganir mais depressa e mais alto. Tive medo de fazer qualquer som ou movimento. O clarão avermelhado se aproximou, pairando sobre o manto branco que se estendia na escuridão à minha volta.

Subitamente, por trás das árvores, surgiu uma tropa de cavaleiros trazendo tochas. O lobo se ergueu do meu peito e foi para o cemitério. Vi um dos cavaleiros — soldados, a julgar pelos chapéus e pelas longas capas militares — erguer a carabina e mirar. Um companheiro desviou-lhe o braço na hora e ouvi a bala zunir sobre minha cabeça. Evidentemente, ele tomara meu corpo pelo do lobo. Um terceiro avistou o animal fugindo e outro tiro se seguiu. Então, a galope, a tropa avançou — alguns na minha direção, outros atrás do lobo, que desapareceu entre os ciprestes nevados. Quando eles se aproximaram, tentei me mover, mas estava sem forças, embora conseguisse enxergar e ouvir tudo o que se passava à minha volta. Dois ou três soldados saltaram de seus cavalos e se ajoelharam ao meu lado. Um deles ergueu minha cabeça e pôs a mão sobre meu coração.

— A notícia é boa, camaradas — gritou ele. — O coração dele ainda está batendo.

Então despejaram um pouco de conhaque em minha garganta, o que me revigorou e me permitiu abrir totalmente os olhos. Havia luzes e sombras se movendo entre as árvores, e ouvi os soldados chamando os companheiros. Eles se reuniram, trocando exclamações aflitas; as luzes bruxuleavam quando os outros voltaram das ruínas do cemitério, parecendo possessos. Quando eles se aproximaram de nós, os que já estavam comigo lhes perguntaram avidamente:

— Bem, vocês o encontraram?

A resposta veio apressadamente:

— Não. Nada. Vamos logo. Depressa! Aqui não é lugar para ficar, especialmente esta noite.

“O que era aquilo?” era a pergunta feita por todos. As respostas foram distintas e indefinidas, como se os homens se sentissem movidos por um impulso comum para falar, mas constrangidos por um medo comum de partilhar seus pensamentos.

— Aquilo... Aquilo... De fato — balbuciou um soldado, cuja razão evidentemente o abandonara por um momento.

— É um lobo, mas também não é um lobo — outro deixou escapar, ainda trêmulo.

— Nem adianta atirar nele sem bala consagrada — comentou um terceiro, como se fosse algo banal.

— Bem feito por termos saído esta noite! Realmente merecemos nossos mil marcos — foram as conclusões de um quarto.

— Havia sangue no mármore partido — disse outro após uma pausa. — O raio jamais teria deixado manchas de sangue ali. E quanto a ele, está a salvo? Verifiquem o pescoço dele. Vejam, camaradas, o lobo estava deitado em cima dele e manteve o sangue dele aquecido.

O oficial verificou meu pescoço e respondeu:

— Ele está bem, a pele não foi perfurada. O que será que isso quer dizer? Jamais o teríamos encontrado não fossem os ganidos do lobo.

— E o que aconteceu com o lobo? — perguntou o homem que segurava minha cabeça erguida e que parecia o menos afetado pelo pânico do grupo, pois suas mãos eram firmes e não tremiam. Em seu ombro, havia a divisa de pequeno oficial.

— Foi para casa — respondeu o homem cujo rosto acabrunhado estava pálido e que estremecia de terror ao olhar assustado para os lados. — Há muitas sepulturas ali para ele. Vamos, camaradas. Vamos logo. Vamos embora deste lugar maldito.

O oficial me ajudou a sentar enquanto dava suas ordens e logo depois vários homens me puseram sobre um cavalo. Ele montou na sela atrás de mim, abraçou-me e deu o comando para partir. Dando as costas para os ciprestes, cavalgamos rapidamente dali. Até aquele momento minha língua se recusava a funcionar e fiquei calado. Devo ter adormecido, porque, quando dei por mim, estava sendo posto de pé, apoiado por um soldado de cada lado.

Já era quase dia. Ao norte, uma faixa vermelha de luz do sol se refletia como uma trilha de sangue sobre a vastidão nevada. O oficial pediu que os homens não comentassem nada sobre o que haviam visto, exceto o fato de terem me encontrado protegido por um enorme cão.

— Um cão? Aquilo não era um cão — interrompeu o homem que se mostrara mais apavorado. — Acho que sei reconhecer um lobo quando vejo um.

O jovem oficial respondeu calmamente:

— Eu disse um cão.

— Cão — reiterou o outro, ironicamente. Era evidente que sua coragem ia aumentando com o nascer do sol. E, apontando para mim, ele disse: — Veja o pescoço dele. Isso é mordida de cachorro, senhor?

Instintivamente, levei a mão ao pescoço e, ao tocá-lo, gritei de dor. Os homens acudiram para ver o que era, alguns apeando das selas, e novamente a voz calma do jovem oficial interveio:

— Um cão, foi o que eu disse. Se alguém disser outra coisa, seremos alvo de chacota.

Fui, então, montado atrás de um soldado e seguimos a cavalo até os subúrbios de Munique. Ali nos deparamos com um cabriolé de aluguel, no qual me embarcaram, e seguimos assim até o Quatre Saisons — o jovem oficial me acompanhando, enquanto um soldado ia atrás a cavalo, e os outros voltaram aos alojamentos.

Quando chegamos, *Herr* Delbrück desceu tão depressa a escada para me receber que ficou evidente que estivera espiando atrás da porta. Dando-me as duas mãos, solicitamente, conduziu-me para dentro. O oficial me saudou e estava se virando para partir quando me dei conta de sua intenção e insisti para que fosse até meus aposentos. Com uma taça de vinho, agradeci afetuosamente a ele e aos seus bravos camaradas por me salvarem. Ele respondeu simplesmente que estava feliz em ajudar e que *Herr* Delbrück havia a princípio tomado providências para que todo o grupo de busca fosse recompensado, ao que o *maître d'hôtel*, diante da ambiguidade da frase, sorriu, enquanto o oficial se lembrou de suas obrigações e se retirou.

— Mas, *Herr* Delbrück, como e por que os soldados foram me procurar? — perguntei.

Ele deu de ombros, como se desmerecesse o próprio feito, ao responder:

— Tive a sorte de obter permissão do comandante do regimento no qual servi para arregimentar voluntários.

— Mas como o senhor sabia que eu estava perdido? — perguntei.

— O cocheiro chegou com o que lhe restou da carruagem, porque os cavalos fugiram.

— Mas o senhor arregimentou um grupo de busca com soldados só por isso?

— Oh, não! — respondeu ele. — Mas antes mesmo de o cocheiro chegar eu já havia recebido este telegrama do boiardo de quem o senhor é convidado. — Ele tirou do bolso um telegrama, no qual se lia:

"*Bistritz,*

Cuide bem de meu hóspede, pois a segurança dele é muito valiosa para mim. Caso algo lhe aconteça, ou se ele desaparecer, não meça esforços para encontrá-lo e garantir que esteja em segurança. Ele é inglês e, portanto, aventureiro. Há sempre o perigo da neve e dos lobos à noite. Não hesite nem por um momento se desconfiar que ele corre algum perigo. Recompensarei sua atenção com minha fortuna. — Drácula."

Com o telegrama em mãos, o quarto pareceu rodopiar à minha volta, e, se o atencioso *maître d'hôtel* não tivesse me segurado, creio que teria caído. Havia algo tão estranho naquilo tudo, algo tão bizarro e impossível de imaginar, que cresceu em mim a sensação de estar sendo um joguete nas mãos de forças opostas — e a mera ideia parecia de alguma forma me paralisar. Eu estava certamente sob alguma forma de proteção misteriosa.

De um país distante, viera, bem na hora, uma mensagem que me havia livrado do perigo de morrer na neve e nas presas do lobo.

A casa do juiz

Quando a data do exame foi se aproximando, Malcolm Malcolmson resolveu procurar algum lugar no qual pudesse estudar sozinho. Receava as atrações do litoral e temia o completo isolamento rural, pois já conhecia bem seu fascínio, portanto decidiu encontrar alguma cidadezinha despretensiosa em que não houvesse nada que o distraísse. Evitou pedir sugestão aos amigos, por alegar que só recomendariam lugares que já conhecessem e onde ele encontraria conhecidos. Como queria evitar amigos, Malcolmson não tinha nenhum interesse em se comprometer com a atenção de amigos de amigos e decidiu procurar um lugar sozinho.

Encheu uma valise com algumas roupas e todos os livros de que precisaria e comprou uma passagem para o primeiro nome desconhecido da lista dos trens na estação. Ao fim de três horas de viagem, quando desceu em Benchurch, ficou satisfeito por ter conseguido até ali apagar os vestígios de seus passos de modo a garantir uma oportunidade de estudar em paz. Foi direto a uma hospedaria que havia no lugarejo e pediu para pernoitar. Benchurch tinha um velho mercado e uma semana por mês lotava de visitantes. Mas nos 21 dias restantes do mês era um deserto só.

No dia seguinte, Malcolmson procurou um lugar ainda mais isolado que o já tranquilo Bom Peregrino em que estava hospedado. Apenas um lugar despertou sua imaginação e satisfez suas ideias mais extremadas sobre quietude. A bem da verdade, *quietude* não era a palavra exata. *Desolação* seria o único termo capaz de transmitir uma ideia adequada de seu isolamento.

Era uma casa velha, desconjuntada, em pesado estilo jacobino, com torres e janelas muito grossas, estranhamente pequenas e mais altas do que de costume, cercada por um muro largo e altíssimo de tijolos. Na verdade, examinando melhor, parecia mais uma fortificação do que uma moradia comum. Mas todas essas coisas agradaram a Malcolmson. “Eis o lugar que eu estava procurando. Se eu puder ficar aqui, serei feliz”, pensou ele. Sua alegria aumentou ao se certificar de que não havia ninguém morando ali.

No correio, conseguiu o nome do agente imobiliário, que ficou muito surpreso com a proposta de aluguel de uma parte da velha casa. O sr. Carnford, advogado e agente imobiliário da vila, era um simpático cavalheiro de idade, que confessou sua alegria por alguém querer morar na casa.

— Para falar a verdade — disse ele —, eu ficaria feliz, em nome dos proprietários, em deixar qualquer pessoa ficar com a casa sem pagar aluguel

por alguns anos, ainda que seja só para os moradores locais a verem habitada. Ela está vazia há tanto tempo que um preconceito absurdo foi crescendo a respeito da casa, e a melhor forma de combater isso é ocupá-la, ainda que — acrescentou ele, olhando de esguelha para Malcolmson — seja um estudioso como o senhor, que deseja aproveitar um pouco do silêncio.

Malcolmson achou desnecessário perguntar ao corretor sobre aquele "preconceito absurdo"; ele sabia que conseguiria mais informações sobre o assunto em outra ocasião, caso desejasse. Pagou três meses de aluguel, guardou o recibo e o nome de uma senhora que provavelmente "faria tudo" por ele, e saiu com a chave no bolso. Depois, foi até a dona da hospedaria, uma pessoa alegre e muito gentil, e perguntou onde poderia obter mantimentos e provisões de que precisasse. Ela ergueu os braços, espantada, quando ele disse que ficaria na região.

— Não na casa do juiz — disse ela, que empalideceu ao falar.

Ele explicou a localização da casa, dizendo que não sabia o nome. Ao terminar, ela disse:

— É, sem dúvida é essa mesma. É a casa do juiz, com certeza.

Ele pediu que ela lhe contasse mais sobre o lugar, por que tinha esse nome e o que ela tinha contra a casa.

A senhora contou que a habitação era assim chamada na região porque muitos anos antes — ela não saberia precisar quantos, pois era de outra parte do país, mas acreditava que a história tivesse mais de cem anos — fora casa de um juiz que inspirava grande terror por conta de suas duras sentenças e sua hostilidade aos prisioneiros nos Assizes. Quanto ao que havia contra a casa em si, ela não saberia dizer. Muitas vezes perguntara na vizinhança, mas nunca ninguém soubera informar. Havia, no entanto, a sensação comum de que havia *alguma coisa*. Ela fez questão de frisar que, nem por todo o dinheiro do Drinkwater's Bank, não ficaria naquela casa uma hora sequer sozinha. Logo depois, pediu desculpas a Malcolmson pelas palavras destemperadas.

— Na minha opinião, é ruim que o senhor, além de tudo um jovem cavalheiro, se me perdoa dizer, vá viver lá sozinho. Se fosse meu filho, e o senhor me desculpe dizer, você não dormiria lá uma noite, nem que eu tivesse que entrar lá sozinha e arrancar o sino lá de cima.

A boa criatura era tão sincera e suas intenções eram tão boas que Malcolmson, embora divertido, ficou comovido. Ele disse o quanto agradecia pela atenção dela, e acrescentou:

— Mas, minha cara sra. Witham, a senhora não precisa se preocupar comigo. Um sujeito que está estudando para os exames de matemática da universidade tem muito o que pensar para se atormentar com essas “coisas” misteriosas, e meu trabalho é de natureza muito precisa e prosaica para permitir que um recanto do meu espírito oculte qualquer tipo de mistério. Progressões harmônicas, permutações, combinações e funções elípticas são mistérios suficientes para mim.

A sra. Witham gentilmente atendeu aos seus pedidos e, depois, ele foi procurar a mulher que haviam lhe recomendado. Ao voltar para a casa do juiz com ela, após algumas horas, encontrou a própria sr. Witham o esperando na porta, juntamente com vários homens e meninos carregados de pacotes e de um carregador com uma cama sobre a carroça. Sem esperar muito, a senhora lhe disse que, ainda que mesas e cadeiras velhas pudessem ser úteis, uma cama que não foi arejada durante décadas não era própria para aqueles ossos tão jovens. Ela estava evidentemente curiosa para ver a casa por dentro; e, conquanto sentisse medo das “coisas”, se agarrou a Malcolmson — a quem não largou nem por um momento — para realizar seu desejo.

Após examinar a casa, Malcolmson resolveu se instalar na grande sala de jantar, que era espaçosa o bastante para tudo o que ele precisava. A sra. Witham, com a ajuda da diarista, a sra. Dempster, foi cuidar de seus afazeres. Quando os cestos chegaram e foram abertos, Malcolmson notou que, com previdência generosa, ela trouxera da própria cozinha provisões suficientes para alguns dias. Antes de ir embora, ela lhe desejou tudo de bom e, já na porta, se virou e disse:

— Talvez, senhor, como a sala é grande e ventilada, seja bom o senhor ter um desses biombos grandes em volta da cama à noite. Ainda que, verdade seja dita, eu mesma morreria se tivesse que ficar trancada aqui sozinha com todo tipo de... de “coisas”, enfiando as cabeças pelos lados, por cima do biombo, e olhando para mim.

A imagem evocada foi demais para seus próprios nervos e ela se foi logo em seguida.

A sra. Dempster fungou com superioridade assim que ela saiu e comentou que, de sua parte, não tinha medo de nenhum dos fantasmas do reino.

— Vou dizer para o senhor o que são esses espíritos. Um fantasma pode ser qualquer coisa, menos fantasma: um rato, um camundongo, um

inseto; uma porta que range, uma telha solta, uma janela quebrada, um puxador de gaveta frouxo que soltou quando você puxou e depois cai no meio da noite... Olha esses painéis. São velhos, devem ter centenas de anos! O senhor acha que não tem nenhum rato ou inseto aí atrás? E o senhor pensa que não vai encontrar nenhum? O fantasma é um rato, e o rato é que é o fantasma, estou lhe dizendo. Não vá o senhor pensar diferente disso.

— Sra. Dempster — disse Malcolmson, sério, fazendo-lhe uma mesura polida —, a senhora sabe mais do que o melhor matemático de Cambridge. Permita-me dizer que, como sinal de estima por sua indiscutível sanidade da mente e do coração, quando eu for embora, darei à senhora o direito de ficar com a casa. Antes, inclusive. A senhora pode ficar aqui pelos últimos dois meses da minha estada, pois quatro semanas serão o bastante para meu intento.

— É muita gentileza do senhor. Obrigada — respondeu ela. — Mas não posso dormir fora de casa. Moro no Lar de Caridade Greenhow e, se eu dormir fora do meu quarto uma noite, posso perder a única coisa que tenho. A regra é muito rígida e tem muita gente de olho na minha vaga para eu correr esse risco. Só por isso não aceito, senhor, mas virei com prazer trabalhar aqui e atendê-lo durante sua estada.

— Minha boa senhora — disse Malcolmson prontamente —, vim para cá com a intenção de ficar sozinho e, acredite, sou grato ao falecido Greenhow por ter organizado dessa maneira sua admirável obra de caridade, seja o que isso for, de modo que me é negada a oportunidade de sofrer dessa forma de tentação. O próprio santo Antônio não poderia ser mais rígido nesse aspecto.

A velha senhora riu bruscamente.

— Ah, vocês, jovens cavalheiros — disse ela. — Não têm medo de nada mesmo. Aposto que você terá toda a solidão que quiser por aqui.

Ela se pôs a limpar a casa. Ao anoitecer, quando Malcolmson voltou de sua caminhada — sempre levava um livro para estudar enquanto caminhava —, encontrou a sala varrida e arrumada, o fogo aceso na velha lareira, bem como o lampião, e a mesa posta para o jantar com as excelentes iguarias da sra. Witham.

— Isso, sim, é conforto — disse ele, esfregando as mãos.

Depois de terminar o jantar, levou a bandeja para a outra ponta da grande mesa de carvalho, pegou novamente seus livros, pôs mais lenha no fogo, ajustou o pavio de seu lampião e se pôs a trabalhar duro por um bom

tempo. Seguiu sem pausas até quase 11 da noite, quando parou um pouco para avivar o fogo, ajustar o lampião e preparar para si mesmo uma xícara de chá. Sempre gostara de chá. Durante os anos de faculdade, ficava até tarde estudando e saboreando a bebida. Mais do que isso seria um grande luxo para ele, que desfrutava do chá com uma sensação de naturalidade deliciosa e voluptuosa. O fogo reavivado soltou labaredas e fagulhas, lançando estranhas sombras por toda a sala antiga e espaçosa. Enquanto bebericava seu chá quente, Malcolmson se deleitou com a sensação de isolamento de seus semelhantes. Só então começou a reparar, pela primeira vez, no barulho que os ratos faziam.

"Certamente", pensou, "eles não podiam estar fazendo isso quando eu estava estudando. Se estivessem, eu teria reparado." Quando o barulho aumentou, ele se deu por satisfeito, considerando ser algo que havia começado só naquele momento. Era evidente que, a princípio, os ratos haviam se assustado com a presença de um desconhecido e com a luz do fogo e do lampião. Mas, com o passar do tempo, foram ficando mais ousados e agora estavam à vontade para fazer o que quisessem.

Como estavam agitados! E que ruídos estranhos faziam! Para cima e para baixo, atrás dos velhos painéis que revestiam a sala, acima do teto e embaixo do assoalho, eles corriam, roíam e arranhavam! Malcolmson sorriu consigo mesmo ao se lembrar da frase da sra. Dempster: "O fantasma é um rato, e o rato é que é o fantasma."

O chá começou a fazer o efeito de estímulo intelectual e nervoso. Ele contemplou com alegria outra longa jornada de trabalho ainda aquela noite e, com a sensação de segurança que essa perspectiva lhe dava, permitiu-se a extravagância de dar uma boa olhada no resto da sala. Pegou o lampião e deu uma volta na sala, imaginando por que uma casa antiga tão luxuosa e bela ficara tanto tempo abandonada. Os entalhes no carvalho dos painéis eram sofisticados e de raro engenho, e ficavam lindos sobre portas e janelas. Havia pinturas antigas nas paredes, mas estavam cobertas por uma camada tão grossa de pó e sujeira que ele não conseguia distinguir nenhum detalhe dos quadros, mesmo erguendo o lampião o mais alto que podia.

Aqui e ali, ele se deparou com algumas rachaduras ou buracos bloqueados momentaneamente pela cara de um rato, com olhos brilhantes refletindo a luz, mas que, no instante seguinte, fugia, seguido por um guincho e um tropel. O que mais o impressionou, contudo, foi a corda do grande sino no topo da casa, que pendia a um canto da sala, à direita da

lareira. Puxou para perto da lareira uma grande cadeira de carvalho de espaldar alto e se sentou para uma última xícara de chá. Depois de beber, avivou o fogo e voltou a trabalhar, sentando-se no canto da mesa, com a lareira à sua esquerda. Por um breve intervalo, os ratos o distraíram com incessantes tropelias, mas ele acabou se acostumando àqueles ruídos, como quem se acostuma com o tiquetaquear de um relógio ou com o rumor da água corrente, e ficou tão imerso em seu trabalho que o resto do mundo, exceto o problema que estava tentando resolver, passou-lhe ao largo.

Subitamente, ergueu os olhos, com o problema ainda por resolver, e sentiu no ar aquele momento que antecede a madrugada, tão pavoroso para quem vive a elucubrar. O barulho dos ratos havia cessado. Na verdade, pareceu-lhe que o ruído só parara naquele momento e que o súbito silêncio é que o perturbara. O fogo havia diminuído, mas ainda emitia um clarão vermelho intenso. Quando se virou, teve um sobressalto, apesar de seu sangue-frio.

Ali mesmo, na grande cadeira de carvalho de espaldar alto, à direita da lareira, havia um rato enorme, encarando-o fixamente com olhos sinistros. Ele fez menção de atacar para espantá-lo, mas o bicho nem se mexeu. Então, ele fez que iria atirar alguma coisa. Ainda assim o rato ficou parado, mas mostrou, irritado, os grandes dentes brancos, e seus olhos cruéis brilharam à luz do lampião cheios de vingança.

Malcolmson ficou espantado e, buscando o atiçador da lareira, correu até o rato para matá-lo. Antes de conseguir atingi-lo, contudo, o roedor, com um guincho que soou como um concentrado de ódio, pulou para o assoalho e, subindo pela corda do sino, desapareceu no escuro, além do alcance do lampião de cúpula esverdeada. Instantaneamente, por estranho que pareça, o tropel ruidoso dos ratos atrás dos painéis de madeira voltou.

Nesse momento, Malcolmson já não pensava mais nos estudos. Foi quando o canto agudo de um galo anunciou-lhe a chegada da manhã, ele foi para a cama e adormeceu.

Dormiu tão profundamente que não acordou nem quando a sra. Dempster veio arrumar o quarto. Só depois de ela já haver arrumado tudo, preparado seu desjejum e batido no biombo onde estava sua cama é que ele acordou. Ainda estava um pouco cansado do trabalho duro da noite anterior, mas uma xícara de chá bem forte logo o despertou. Ele pegou seu livro e saiu para a caminhada matinal, levando consigo alguns sanduíches para não se preocupar de voltar a tempo do jantar.

Encontrou uma trilha tranquila entre altos olmos nos arredores da cidade e passou ali a maior parte do dia estudando seu Laplace. Na volta, passou para visitar a sra. Witham e agradecer por sua gentileza. Quando ela o viu pelos losangos de vidro da porta de seu estabelecimento, saiu para encontrá-lo e pediu que entrasse. Observou-o inquisitivamente e balançou a cabeça ao dizer:

— O senhor não deve exagerar. Está mais pálido hoje do que deveria estar. Dormir tarde e forçar demais o cérebro não faz bem a ninguém. Mas, diga-me, o senhor passou bem a noite? Espero que sim. Juro, meu senhor, que fiquei contente quando a sra. Dempster me contou hoje cedo que o senhor estava bem e dormindo profundamente quando ela chegou.

— Oh, passei muito bem — respondeu ele, sorridente. — As “coisas” não me incomodaram ainda. Só os ratos, que fizeram um verdadeiro circo, devo dizer, na casa inteira. Um velho diabo de olhar maligno chegou a sentar na minha cadeira junto do fogo e só fugiu quando tentei acertá-lo com o atiçador. Depois subiu pela corda do sino e sumiu por cima da parede ou no teto. Não consegui ver mais, estava muito escuro.

— Deus nos livre — disse a sra. Witham. — Um velho diabo, e sentado na cadeira junto do fogo! Cuidado, meu senhor. Tome cuidado. As pessoas zombam, mas muita coisa é verdade.

— O que a senhora quer dizer? Juro que não entendo.

— Um velho diabo. O velho diabo, talvez. Pronto, aí está! Meu senhor, isso não é motivo de risos — ralhou ela, pois Malcolmson havia soltado uma vigorosa gargalhada. — Vocês, jovens, dão risada de coisas que fazem a gente tremer de medo. Não tem importância, meu senhor. Não se incomode. Deus queira que o senhor possa sempre rir. É o que desejo para o senhor.

A boa senhora, transbordando simpatia com o bem-estar dele, esqueceu seus temores por um momento.

— Oh, perdão! — disse Malcolmson. — Não quis ser rude, mas esta ideia foi demais para mim: a de que era o próprio diabo velho sentado na minha cadeira ontem à noite.

Ao pensar nisso, ele tornou a gargalhar e foi para casa jantar.

Naquela noite, a tropelia dos ratos começou mais cedo. Na verdade, já estava acontecendo antes de sua chegada e só foi interrompida enquanto a novidade de sua presença os distraiu. Depois do jantar, ele se sentou junto à lareira e fumou um cigarro. Em seguida, arrumando a mesa, começou a

trabalhar como antes. Naquela noite, os ratos o perturbaram mais do que na anterior. Como correram para cima e para baixo, sem parar! Como guincharam, arranharam e roeram! Como vinham, cada vez mais ousados, até a boca de suas tocas e gretas e frestas e frinchas nos painéis, até seus olhos brilharem como lâmpadas minúsculas conforme a luz do fogo subia e amainava! Mas, para ele, agora sem dúvida acostumado, seus olhos não pareciam cruéis; apenas sua agitação o comovera.

Às vezes, o mais ousado deles fazia acrobacias no assoalho ou sobre os entalhes do painel de madeira. De vez em quando, quando o perturbavam, Malcolmson fazia algum barulho para assustá-los, batendo na mesa com a mão ou fazendo um feroz “xô, xô”, fazendo-os fugir, correndo para seus buracos. E assim se passou a primeira parte da noite.

Apesar dos ruídos, Malcolmson foi ficando cada vez mais absorto no trabalho. De repente, ele parou, como na noite anterior, dando-se conta da súbita sensação de silêncio. Não havia nenhum som de roeção, arranhado ou guincho. Era um silêncio sepulcral. Ele se lembrou das estranhas ocorrências da noite anterior e, de súbito, olhou para a cadeira junto ao fogo. Uma sensação muito estranha percorreu seu corpo.

Ali, na velha cadeira de carvalho de espaldar alto ao lado da lareira, estava sentado o mesmo rato enorme, olhando fixamente para ele com olhos malignos.

Instintivamente, pegou o objeto mais próximo à mão — um livro de logaritmos — e atirou contra o bicho. O livro passou longe e o rato nem se mexeu. Dessa forma, o episódio do atiçador da noite anterior foi repetido, e mais uma vez o rato, perseguido de perto, fugiu pela corda do sino. Estranhamente também, a fuga do animal foi seguida pela retomada do barulho da comunidade geral dos ratos. Como da outra vez, Malcolmson não conseguiu ver em que ponto da sala o rato desaparecera, pois a luz esverdeada de seu lampião deixava a parte superior da sala no escuro e o fogo estava baixo.

Ao olhar para o relógio, descobriu que era quase meia-noite. Sem lamentar aquele *divertissement*, avivou o fogo e preparou para si mesmo seu bule de chá noturno. Já havia trabalhado um bocado e pensou que tinha direito a um cigarro. Sentou-se na grande cadeira de carvalho diante da lareira e fumou. Enquanto fumava, começou a pensar que gostaria de saber por onde o rato desaparecera, pois lhe ocorreram ideias para o dia seguinte que não excluíam montar uma ratoeira. Nesse ínterim, acendeu outro

lampião e o posicionou de modo a iluminar o canto direito da parede junto à lareira. Pegou todos os livros que levara consigo e os empilhou de maneira acessível para atirá-los no animal. Enfim, pegou a corda do sino e a colocou sobre a mesa, fixando a ponta sob o peso do lampião. Ao manuseá-la, não pôde deixar de notar como era maleável, especialmente para uma corda tão grossa e por tanto tempo inutilizada. “Daria para enforcar uma pessoa com essa corda”, pensou consigo mesmo. Depois de terminar os preparativos, ele olhou à sua volta e disse, complacente:

— Aí está, meu amigo, acho que dessa vez vamos aprender alguma coisa sobre você.

Ele voltou a trabalhar e, como antes, um tanto incomodado a princípio pelo ruído dos ratos, logo se perdeu em suas proposições e problemas.

Mais uma vez, sua atenção foi despertada por algo ao seu redor. Agora talvez não tivesse sido apenas o súbito silêncio que lhe chamara a atenção; houve um ligeiro movimento da corda e o lampião se moveu. Sem se mexer, olhou para ver se a pilha de livros estava ao alcance da mão e lançou um olhar para a corda. Ao observar, viu o rato grande descer da corda sobre a cadeira de carvalho e ali se sentar a fitá-lo. Ele ergueu um livro com a mão direita e, mirando cuidadosamente, atirou-o contra o roedor, que, com um rápido movimento, saltou de lado e se desviou do míssil. Ele, então, pegou outro livro, e um terceiro, e os atirou um após o outro em direção ao animal, mas todas as tentativas fracassaram. Enfim, com mais um livro nas mãos pronto para atirar, o rato guinchou e pareceu assustado.

Isso deixou Malcolmson ainda mais ansioso para acertá-lo. O livro voou e atingiu o rato com um impacto ruidoso. O bicho guinchou aterrorizado e, virando-se para seu perseguidor com um olhar de malevolência terrível, subiu correndo pelo espaldar da cadeira e deu um grande salto até a corda do sino, por onde subiu feito um raio. O lampião balançou com o súbito esforço, mas era pesado e não chegou a tombar. Malcolmson ficou de olho no rato e viu, à luz do segundo lampião, quando ele saltou para um entalhe do painel e desapareceu por um buraco numa grande pintura na parede, obscurecida e invisível por baixo das camadas de sujeira e pó.

— Vou procurar a casa do meu amigo amanhã cedo — disse o estudante, enquanto recolhia os livros espalhados. — No terceiro quadro, a contar da lareira: não posso esquecer.

Ele pegou os livros, um por um, comentando ao recolhê-los do chão:

— Ele não deu importância às *Seções cônicas*, nem às *Oscilações cicloidais*, nem aos *Principia*, nem aos *Quatérnios*, nem à *Termodinâmica*. Agora, vejamos o livro que o atingiu.

Malcolmson apanhou o volume e olhou para a capa. Ao fazê-lo, teve um sobressalto e seu semblante empalideceu. Olhou irrequieto para os lados e estremeceu ligeiramente ao murmurar para si mesmo:

— A Bíblia que minha mãe me deu! Que estranha coincidência!

Ele tornou a se sentar para trabalhar e os ratos no painel retomaram suas estripulias, mas não o incomodaram mais. De alguma forma, a presença deles lhe transmitia uma sensação de companhia. Não conseguiu, porém, avançar no trabalho. Depois de muito esforço para dominar o assunto em que estava envolvido, desistiu, desesperado, e foi para a cama quando o primeiro raio da alvorada se infiltrou pela janela do leste.

Dormiu profundamente, mas teve um sono agitado e sonhou muito. Quando a sra. Dempster o acordou pela manhã, ele parecia irrequieto e, por alguns minutos, pareceu não se dar conta de onde estava. Seu primeiro pedido surpreendeu a empregada.

— Sra. Dempster, quando eu estiver fora, gostaria que a senhora buscasse uma escada e limpasse ou lavasse aqueles quadros, especialmente o terceiro a partir da lareira. Quero ver que quadros são esses.

No fim da tarde, Malcolmson ficou trabalhando com seus livros na calçada sombreada. A alegria do dia anterior lhe voltou com o passar das horas e ele se deu conta de que os estudos estavam progredindo. Resolvera com conclusões satisfatórias todos os problemas que até então o intrigavam, e foi nesse estado de júbilo que fez uma visita à sra. Witham no Bom Peregrino. Encontrou um desconhecido na aconchegante sala de estar, que lhe foi apresentado como dr. Thornhill. A sra. Witham não parecia muito à vontade, algo que, combinado com uma série de perguntas do doutor, fez com que Malcolmson chegasse à conclusão de que a presença do médico ali não era acidental. Sem mais delongas, ele disse:

— Dr. Thornhill, responderei com prazer a qualquer pergunta que o senhor queira fazer se me responder primeiro a uma única pergunta.

O médico pareceu surpreso, mas sorriu e respondeu imediatamente:

— Combinado! O que é?

— Por acaso a sra. Witham lhe pediu para vir aqui e me aconselhar?

O dr. Thornhill ficou espantado por um momento, e a sra. Witham corou sensivelmente e se virou de costas. Mas, como o médico era um

sujeito franco e expedito, logo respondeu.

— Sim, ela me chamou, mas não queria que você soubesse. Imagino que tenha sido minha pressa desajeitada que o deixou desconfiado. Ela me disse que não gostava da ideia de você ficar sozinho naquela casa e que achava que estava bebendo muito chá forte. Na verdade, ela queria que eu o aconselhasse, se possível, a abrir mão do chá e de ficar lendo até muito tarde. Fui um estudante muito aplicado na minha época, de modo que acho que posso tomar a liberdade de um colega universitário e, sem ofendê-lo, aconselhá-lo não exatamente como um completo desconhecido.

Malcolmson, com um sorriso aberto, estendeu a mão.

— Negócio fechado! Como dizem na América — disse ele. — Devo lhe agradecer pela gentileza, e também à sra. Witham. Tamanha consideração merece uma recompensa da minha parte. Prometo não beber mais chá forte. Na verdade, não beberei chá de espécie alguma, e me deitarei no máximo à uma esta noite. Assim está bem?

— Perfeito — disse o médico. — Agora nos diga o que você descobriu na velha casa.

Malcolmson contou em detalhes tudo o que acontecera nas duas últimas noites. A todo instante, era interrompido por uma exclamação da sra. Witham, até que finalmente, quando contou do episódio da Bíblia, as emoções contidas da boa senhora extravasaram num grito. Só depois de uma taça de conhaque com água lhe ser servida é que ela tornou a se recompor. O dr. Thornhill ouviu com um semblante de gravidade cada vez maior e, quando a narrativa terminou e a sra. Witham já havia se recuperado, perguntou:

— Esse rato sempre sobe pela corda do sino?

— Sempre.

— Imagino que você saiba... — disse o doutor após uma pausa — que corda é essa.

— Não.

— É — disse o médico lentamente — a mesma corda que o carrasco usava para as vítimas do rancor judicial do juiz.

Ele foi interrompido por outro grito da sra. Witham, que precisou de providências para se recuperar. Malcolmson, depois de consultar o relógio e descobrir que estava quase na hora de jantar, foi para casa antes que ela se recuperasse completamente.

Quando a sra. Witham voltou a si outra vez, quase atacou o doutor com perguntas irritadas quanto às intenções dele ao colocar aquelas ideias horrendas na cabeça do rapaz.

— Ele já tem muita coisa com que se preocupar naquela casa — acrescentou.

O dr. Thornhill respondeu:

— Minha cara senhora, minha intenção era bastante exata: quis chamar a atenção dele para a corda do sino e fixá-la ali mesmo. Pode ser que ele esteja muito extenuado e já tenha estudado demais, embora eu deva dizer que ele me parece um rapaz saudável e são, mental e fisicamente, como nunca vi igual. Mas quanto aos ratos e a essa sugestão demoníaca... — O médico balançou a cabeça e prosseguiu: — Eu teria me oferecido para passar a noite com ele, mas isso certamente seria um tanto ultrajante para o rapaz. Pode ser que durante a noite ele sinta um estranho pavor ou tenha alguma alucinação. Se isso acontecer, quero que ele puxe aquela corda. Como está sozinho, isso nos dará um aviso e poderemos chegar a tempo de ajudá-lo. Hoje à noite ficarei acordado até tarde e manterei os ouvidos atentos. Não se preocupe se Benchurch tiver uma surpresa antes do amanhecer.

— Ah, doutor, o que o senhor quer dizer com isso?

— Quero dizer que é possível, ou melhor, provável que ouçamos o grande sino da casa do juiz esta noite.

E o doutor retirou-se da maneira mais significativa que se poderia imaginar.

Quando Malcolmson chegou em casa, descobriu que era um pouco mais tarde do que de costume e que a sra. Dempster já havia ido embora, pois as regras do Lar de Caridade Greenhow não podiam ser negligenciadas. Ficou contente ao ver que o lugar estava limpo e arrumado, com o fogo aconchegante e o lampião bem ajustado. A noite estava mais fria do que seria de esperar em abril, e um vento forte soprava com intensidade cada vez maior, trazendo a promessa de uma tempestade ao longo da noite.

Durante alguns minutos depois que ele entrou, o barulho dos ratos cessou. No entanto, assim que se acostumaram à presença dele, os bichos voltaram a se agitar. Ele ficou contente ao ouvi-los, pois teve outra vez a sensação de companhia propiciada pelo barulho. Seu pensamento se voltou para o estranho fato de que eles só pararam de se manifestar quando aquele

outro — o grande rato de olhos malignos — entrou em cena. O lampião estava aceso e sua cúpula verde deixava a parte superior da sala às escuras, de modo que a luz alegre da lareira, espalhada pelo assoalho e brilhando na toalha branca que pendia na ponta da mesa, era acolhedora e revigorante.

Malcolmson se sentou para jantar com bom apetite e espírito leve. Depois de jantar e fumar um cigarro, voltou a trabalhar, decidido a não deixar que nada o perturbasse, porque se lembrou da promessa ao doutor e resolveu aproveitar da melhor forma o tempo à sua disposição.

Durante cerca de uma hora, trabalhou bem, mas depois seus pensamentos começaram a divagar para longe dos livros. As circunstâncias efetivas ao seu redor, os chamados à sua atenção física e sua suscetibilidade nervosa não podiam mais ser negados. A essa altura, o vento se tornara um vendaval, que, por sua vez, virava uma tempestade. A casa velha, por mais sólida que fosse, parecia balançar nas fundações. A tormenta rugia enfurecida pelas muitas chaminés, e seus bizarros torreões antigos produziam sons estranhos e sobrenaturais nos ambientes e nos corredores vazios. Até o grande sino do telhado devia estar sentindo a força do vento, porquanto a corda subia e descia ligeiramente, como se o sino se movesse um pouco, e a corda roçava o assoalho de carvalho com um som duro e oco.

Enquanto ouvia esses sons, Malcolmson lembrou-se das palavras do médico — “A mesma corda que o carrasco usava para as vítimas do rancor judicial do juiz” —, foi até o canto da lareira e a pegou para examinar. Parecia haver uma espécie de interesse mórbido naquilo. Ficou ali, perdendo-se por um momento em especulações sobre quem seriam as vítimas e sobre o interesse sombrio do juiz em deixar uma relíquia sinistra como aquela sempre à vista. No tempo em que esteve parado naquele local, o balanço do sino no telhado repuxava a corda de quando em quando; mas naquele momento lhe veio uma nova sensação — uma espécie de tremor, como se alguma coisa estivesse se deslocando ao longo da corda.

Ao olhar para cima, por instinto, Malcolmson viu o grande rato descendo devagar em sua direção, encarando-o fixamente. Ele largou a corda e recuou com um sobressalto e uma imprecação abafada. O rato deu meia-volta, tornou a subir e desapareceu. Nesse mesmo instante, Malcolmson teve consciência de que o barulho dos ratos, que havia cessado por um momento, voltou a se fazer ouvir.

Tudo isso fez com que lembrasse que não havia investigado o esconderijo do rato nem olhado os quadros, como era sua intenção.

Acendeu o outro lampião, sem cúpula, e, erguendo-o, foi até o terceiro quadro à direita a contar da lareira, onde vira o rato sumir na noite anterior.

No primeiro relance, recuou tão subitamente sobressaltado que quase derrubou o lampião. Uma palidez mortífera se espalhou em seu semblante. Seus joelhos ficaram bambos, gotas de suor lhe escorreram pela testa e ele se arrepiou feito um ouriço. Como, todavia, era jovem e robusto, logo se recompôs e, após uma pausa de segundos, tornou a se aproximar. Ergueu o lampião e examinou o quadro que fora espanado e limpo e agora se destacava claramente.

Era o retrato de um juiz vestido com uma toga escarlate debruada em arminho. Seu rosto era forte e impiedoso, mau, astucioso e vingativo, com uma boca sensual, nariz adunco avermelhado, com a forma de um bico de ave de rapina. O restante do rosto tinha coloração cadavérica. Os olhos apresentavam um brilho peculiar e uma expressão terrivelmente maligna. Ao olhar para eles, Malcolmson sentiu um calafrio, porque percebeu se tratar de uma duplicata exata dos olhos do grande rato.

Quase deixando cair o lampião, viu o rato com os olhos malignos espiando pelo buraco no canto do quadro e notou a súbita interrupção do barulho dos outros roedores. Mesmo assim, aprumou-se e prosseguiu seu exame da pintura.

O juiz estava sentado numa grande cadeira de carvalho de espaldar alto, à direita de uma grande lareira de pedra, e, no canto, pendia uma corda do teto, cuja ponta estava enrolada sobre o assoalho. Com uma sensação quase de horror, Malcolmson reconheceu o cenário da sala tal como estava e olhou assustado para os lados, como se esperasse encontrar alguma estranha presença atrás de si.

Nesse momento, reparou no canto da lareira e, com um grito alto, deixou o lampião cair.

Na cadeira do magistrado, com a corda pendendo por trás, estava o rato, com os olhos malignos do juiz agora intensificados e com escárnio demoníaco. Com exceção dos uivos da tempestade, tudo estava silencioso.

O lampião caído fez com que Malcolmson voltasse a si. Por sorte, era de metal e o óleo não chegou a derramar. A necessidade de recolhê-lo do chão tranquilizou instantaneamente suas apreensões nervosas. Depois de reerguer o lampião, enxugou a testa e pensou por um momento.

“Isso não vai dar certo”, disse consigo mesmo. “Se continuar assim, vou enlouquecer. Isso tem que acabar. Prometi ao doutor que não beberia

mais chá. De fato, ele tinha razão. Meus nervos devem estar em frangalhos. É curioso que eu não tenha reparado. Nunca me senti melhor na vida. Mas agora está tudo bem e não serei mais tão estúpido."

Ele preparou uma boa dose de conhaque com água e decididamente sentou para trabalhar.

Era quase uma hora da madrugada quando ergueu os olhos do livro, perturbado por um súbito silêncio. Lá fora, o vento uivava e rugia mais do que nunca, e a chuva se chocava em rajadas contra as janelas, batendo como granizo contra o vidro. Do lado de dentro, contudo, não havia nenhum som, exceto o eco do vento que rugia na grande lareira e, às vezes, o sibilar de algumas gotas que desciam pela chaminé quando a tempestade arrefecia. O fogo baixara e perdera as labaredas, não obstante ainda emanasse um clarão avermelhado. Malcolmson escutava atentamente e ouviu um guincho agudo, bem fraco. Vinha do canto da sala de onde pendia a corda, e ele achou que fosse o rangido da corda roçando no assoalho, conforme balançava, subindo e descendo. Ao olhar para cima, viu na penumbra o vulto do grande rato agarrado à corda a roê-la. A corda, já estava quase toda roída — ele pôde notar a coloração mais clara onde as fibras estavam expostas. Enquanto olhava, o trabalho foi concluído: a ponta cortada da corda caiu com estrondo no assoalho de carvalho. Por um instante, o grande rato pareceu uma bola ou um botão na ponta da corda, que começou a balançar para os lados.

Malcolmson sentiu por um momento uma pontada de terror ao pensar que agora a possibilidade de conclamar o mundo externo para vir socorrê-lo estava excluída, mas uma raiva intensa se apoderou dele e, agarrando o livro que estava lendo, atirou-o contra o rato. O ataque foi bem direcionado, mas, antes que o projétil pudesse atingi-lo, o animal pulou e chegou ao chão com um impacto suave. Malcolmson instantaneamente correu até ele, que fugiu em disparada e sumiu na escuridão das sombras da sala. Malcolmson sentiu que já havia trabalhado o suficiente por aquela noite, decidiu trocar a monotonia de seus estudos por uma caça ao rato e retirou a cúpula verde de seu lampião para garantir uma dispersão mais ampla da luz. Ao fazê-lo, a parte superior da sala foi revelada, e no novo fluxo de luz, grande em comparação com a escuridão anterior, os quadros nas paredes se destacaram com nitidez.

De onde estava, Malcolmson viu diante de si o terceiro quadro à direita da lareira. Ele esfregou os olhos de tanta surpresa e se sentiu invadido por

um grande medo. No centro do quadro, havia um trecho irregular de tela parda, aparentemente da época em que fora posta na moldura. O fundo era o mesmo de antes, com a cadeira e o canto da lareira e a corda, mas a figura do juiz havia desaparecido.

Malcolmson, quase trêmulo de horror, virou-se devagar e, então, começou a estremecer, como se sofresse um ataque de paralisia. Suas forças pareciam tê-lo abandonado. Ele ficou incapaz de agir ou se mexer, quase até de pensar. Conseguia apenas ouvir e enxergar.

Sobre a grande cadeira de carvalho com espaldar alto entalhado, estava sentado o juiz com sua toga escarlate debruada em arminho, com os olhos malignos cintilando vingativamente e um sorriso de triunfo na boca resoluta e cruel, segurando nas mãos um *chapéu negro*.[1] Malcolmson sentiu como se o sangue fugisse de seu coração, como nos momentos de suspense prolongado. Havia uma balbúrdia em seus ouvidos. Do lado de fora, ouviu rugidos e uivos da tempestade, e, através dos estrondos, varridos pelo temporal, as batidas da meia-noite nos grandes carrilhões da praça do mercado.

Ele ficou, por um intervalo de tempo que lhe pareceu infinito, imóvel como uma estátua, de olhos arregalados, cheios de horror, ofegante. Quando o relógio começou a badalar, também o sorriso de triunfo se intensificou no semblante do juiz, e na última badalada da meia-noite ele pôs o chapéu negro na cabeça.

Lenta e deliberadamente, o magistrado se levantou da cadeira, recolheu do chão o pedaço da corda do sino, passou-a pelas mãos como se desfrutasse de seu tato e, devagar, começou a dar um nó em uma das pontas, formando uma espécie de laço. Passou a corda pelo laço e testou com o pé, puxando com força a corda até se dar por satisfeito. Depois, formando um nó corrediço, segurou-o nas mãos. Então começou a caminhar, do outro lado da mesa, em direção a Malcolmson, mantendo os olhos fixos nele ao passar à sua frente e, com um rápido movimento, parou diante da porta. Malcolmson, então, viu-se encurralado e tentou achar uma saída. Havia certo fascínio nos olhos do juiz, que nunca desgrudavam dele, e Malcolmson não tinha como não olhar de volta.

Viu o juiz se aproximar, sempre se mantendo entre ele e a porta, erguer o laço e atirá-lo em sua direção, como se quisesse laçá-lo. Com grande esforço, fez um rápido movimento para se desviar e viu a corda passar no vazio a seu lado, caindo no assoalho de carvalho. Outra vez, o juiz ergueu o

laço e tentou capturá-lo, sempre com os olhos malignos fixos nele — a cada tentativa, só com grande empenho o estudante conseguia se desviar. Isso se estendeu por muitas tentativas, e o juiz parecia não desistir nem se abalar com o fracasso, como se aquilo fosse uma brincadeira entre gato e rato.

Por fim, num desespero que atingira seu clímax, Malcolmson olhou de relance ao redor. O lampião flamejou com um clarão e a sala ficou bem iluminada. Nos muitos buracos e frestas e gretas e frinchas dos painéis, ele viu olhos de ratos — e esse aspecto, puramente físico, lhe deu uma luz de conforto. Olhou à sua volta e viu que a corda do grande sino estava carregada de ratos. Cada centímetro da corda estava coberto de ratos, e cada vez mais deles passavam pelo pequeno furo circular do teto de onde a corda emergia, de tal modo que, com o peso, o sino começou a balançar.

A corda balançou até que o badalo atingisse o sino. O som foi fraco, mas o sino estava apenas começando a balançar, e o movimento se intensificaria.

Diante do toque do sino, o juiz, que estivera o tempo todo de olhos fixos em Malcolmson, olhou para cima, e uma carranca de raiva diabólica se formou em seu semblante. Seus olhos arderam como carvões incandescentes e ele bateu os pés, fazendo um som que pareceu abalar a casa inteira.

Um estrondo pavoroso de trovão estourou sobre a casa quando ele tornou a erguer a corda, enquanto os ratos continuavam a subir e descer pela corda, como se lhes restasse pouco tempo. Agora, em vez de lançar a amarra, ele se aproximou de sua vítima, abrindo o laço. À medida que se aproximava, parecia haver algo paralisante em sua presença. Malcolmson permanecia ali rígido como um cadáver. Sentiu os dedos gélidos do juiz em seu pescoço enquanto ajustava a corda. O laço foi apertado — bem apertado. O juiz, então, erguendo a forma rígida do estudante em seus braços, levou-o até a cadeira de carvalho e o pôs em pé sobre o assento. Posicionando-se ao lado dele, estendeu a mão e alcançou a ponta solta da corda do sino. Ao fazê-lo, os ratos fugiram entre guinchos e sumiram pelo buraco no teto. Tomando a ponta da corda que enlaçava o pescoço de Malcolmson, o magistrado a amarrou à corda do sino que pendia do teto, desceu até o chão e empurrou a cadeira.

* * *

Quando o sino da casa do juiz começou a tocar, lampiões e tochas de diversos tipos apareceram, e num instante uma multidão silenciosa estava em frente ao local. Bateram com força na porta da frente, mas ninguém respondeu. Resolveram, então, arrombar a porta. Entraram na grande sala de jantar, com o médico à frente do grupo.

Da ponta da corda do grande sino pendia o corpo do estudante e no rosto do juiz do quadro havia um sorriso maligno.

Nota

[1] Na justiça inglesa, o juiz usava o *black cap*, um pedaço quadrado de tecido preto sobre a cabeça, quando decidia pela pena de morte ao acusado. (N. T.)

A índia

Nurembergue, na época, não era tão visitada quanto passou a ser depois. Irving ainda não havia interpretado o Fausto, e o próprio nome da antiga cidade mal era conhecido pela maioria do público de turistas. Minha esposa e eu, estando na segunda semana de nossa lua de mel, naturalmente queríamos que mais alguém se juntasse ao nosso grupo, de modo que, quando o entusiasmado estrangeiro, Elias P. Hutcheson, vindo de Isthmian City, Bleeding Gulch, Maple Tree County e Nebrasca, apareceu na estação de Frankfurt e comentou que estava indo visitar a mais incendiada das cidades da Europa desde que Matusalém era criancinha, e que ele achava que viajar sozinho era o bastante para mandar um cidadão inteligente e ativo para uma sorumbática ala psiquiátrica, aproveitamos o ensejo e sugerimos que devíamos juntar forças. Descobrimos, comparando anotações posteriores, que ambos tentamos demonstrar certo desinteresse ou hesitação para não parecermos ávidos demais, por não ser uma atitude muito promissora de sucesso em nossa vida conjugal. Mas o efeito pretendido foi inteiramente comprometido quando começamos a falar no mesmo instante, parando simultaneamente e depois recomeçando juntos outra vez. Seja como for, não importa como, aconteceu; e Elias P. Hutcheson se juntou ao nosso grupo.

Imediatamente, Amelia e eu achamos que foi um benefício agradável. Em vez de discutir, como vínhamos fazendo, descobrimos que a influência restritiva de um terceiro elemento foi tão eficaz que aproveitávamos toda oportunidade para nos abraçar nos recantos mais improváveis. Amelia declarou que desde então, como resultado dessa experiência, ela aconselha todas as amigas a levarem um amigo para a lua de mel. Bem, exploramos Nurembergue juntos e nos divertimos muito com os comentários picantes de nosso amigo transatlântico, que, com sua fala peculiar e seu maravilhoso repertório de aventuras, parecia ter saído de um romance.

Combinamos que nosso último ponto turístico na cidade seria o Burg e, no dia marcado para a visita, fomos passear ao longo do muro externo do leste da cidade.

O Burg fica sobre um rochedo no alto da cidade e um fosso imensamente profundo o protege pelo norte. Nurembergue tem sido uma cidade feliz por nunca ter sido saqueada; se tivesse sido, certamente não seria tão perfeita e irrepreensível quanto é hoje. O fosso não é mais utilizado há séculos, e hoje sua base é ocupada por jardins de chá e pomares, os quais têm algumas árvores de tamanho respeitável. Enquanto

contornávamos a muralha, demorando-nos ao sol quente de julho, amiúde fazíamos uma pausa para admirar as vistas que se estendiam diante de nós, especialmente a grande planície coberta de cidades e vilas limitadas por uma linha azul de montanhas, como uma paisagem de Claude Lorrain.

Depois disso, sempre nos voltávamos para a cidade com prazer renovado, com sua miríade de bizarros torreões antigos e acres de telhados vermelhos pontuados por lucarnas, fileiras e mais fileiras delas. Um pouco à nossa direita, erguiam-se as torres do Burg. Ainda mais próxima, alta e sombria, via-se a Torre da Tortura, que talvez ainda seja o lugar mais interessante da cidade. Durante séculos, a tradição da Virgem de Ferro de Nurembergue tem sido exemplo dos horrores de crueldade de que o homem é capaz. Havia muito tempo que ansiávamos por conhecê-la, e era ali, enfim, que ela ficava.

Numa de nossas pausas, inclinamo-nos por sobre o muro do fosso e olhamos para baixo. O jardim parecia ficar a uns 15 ou vinte metros abaixo; o sol despejava ali dentro um intenso calor, imóvel como o de um forno. Depois, erguia-se a muralha cinzenta e sinistra de altura infinita, que se perdia à direita e à esquerda nos ângulos de bastiões e contrafortes. Árvores e arbustos coroavam a muralha. Acima havia as amplas casas, a cuja beleza o tempo apenas conferira um toque de aprovação. O sol estava quente e nós, com preguiça. Como tínhamos todo o tempo livre, demoramo-nos ali, apoiados à muralha. Logo abaixo de nós, desenrolava-se uma bela cena: uma grande gata preta estava deitada, estirada ao sol, enquanto à sua volta, graciosamente, um minúsculo gatinho preto dava cambalhotas. A mãe balançava o rabo para o gatinho brincar ou erguia a pata e empurrava o pequenino como se o encorajasse a continuar brincando. Estavam ali bem embaixo da muralha, e Elias P. Hutcheson, para ajudar na brincadeira, abaixou e tirou do calçamento um seixo de tamanho razoável.

— Vejam — disse ele —, vou deixar cair perto do filhote e os dois vão ficar se perguntando de onde veio a pedra.

— Oh, tome cuidado — disse minha esposa. — Você pode atingir o gatinho!

— Eu não, madame — disse Elias P. — Ora, sou bom como a cerejeira do Maine. Deus abençoe! Eu jamais machucaria a pobre criatura; seria tirar o escalpo de um bebê. E vocês podem apostar suas meias coloridas nisso! Vejam, vou jogar longe para não acertar nem perto dela.

Dizendo isso, inclinou-se sobre a muralha, esticou inteiramente o braço e deixou cair a pedra. Talvez exista alguma força de atração que puxa matérias menores para maiores, ou, mais provavelmente, a muralha não fosse convexa, mas côncava perto da base, o que não nos permitia ver a inclinação olhando de cima. O fato é que a pedra caiu com um impacto horrendo, que chegou até nós pelo ar quente, bem na cabeça do gatinho, e espalhou seu pequeno cérebro por toda parte.

A gata preta olhou instantaneamente para cima, e vimos seus olhos de fogo esverdeado se fixarem, por um momento, em Elias P. Hutcheson. Depois, sua atenção se desviou para o filhote, que jazia imóvel, exceto por um tremor de suas patas minúsculas, enquanto um fio vermelho escorria da ferida aberta. Com um grito abafado, como um humano poderia emitir, ela se inclinou sobre o filhote e ficou lambendo suas feridas e gemendo. Subitamente, pareceu se dar conta de que o filhote estava morto e mais uma vez olhou para cima, em nossa direção. Jamais me esquecerei daquele olhar, pois ela parecia a perfeita encarnação do ódio. Seus olhos verdes faiscavam com um fogo lúgubre, e os dentes brancos e afiados pareciam quase brilhar em meio ao sangue que lhe manchara a boca e os bigodes.

A mãe gata mostrou os dentes e as garras, rígidas e longas em cada pata. Então, começou a subir enlouquecidamente pela muralha, como se tentasse nos alcançar. Mas, quando a inclinação acabou, ela despencou de costas, o que tornou mais horrível sua aparência, pois caiu sobre o filhote e se levantou com o pelo negro sujo de miolos e sangue. Amelia se virou, quase desmaiando, e precisei tirá-la de perto da muralha. Havia um banco ao lado, sob a sombra de um plátano enorme, onde a sentei até que ela se recuperasse. Então, fui até Hutcheson, que ficara no mesmo lugar sem se mexer, olhando para a gata furiosa lá embaixo.

Ao me aproximar dele, ele me disse:

— Wall, acho que esse é o bicho mais selvagem que já vi. Lembrou-me a ocasião em que uma índia apache perseguiu um mestiço que chamavam de Farpa depois que ele lhe roubou o *papoose* em represália à morte de sua mãe, que fora torturada pelos nativos. Ela tinha essa mesma expressão nos olhos. Perseguiu o Farpa por mais de três anos, até que os apaches o encontraram. Dizem que nunca ninguém, branco ou índio, ficou tanto tempo sendo torturado até morrer na mão dos apaches. A única vez que vi essa índia sorrir foi quando a matei. Cheguei à aldeia a tempo de ver o Farpa dar o último suspiro, e vou lhe dizer que ele morreu aliviado. Era

um sujeito rústico. Embora eu nunca tenha concordado com ele nessa história do *papoose*, que foi mesmo uma atitude infeliz, vi que acabou pagando caro por aquilo. Deus me livre! Peguei um pedaço de pele que ele havia esfolado e fiz um caderno, que guardo comigo até hoje.

Ao dizer isso, Hutcheson deu um tapa no bolso interno do paletó.

Enquanto ele falava, a gata continuava em seu esforço frenético de escalar a muralha. Recuava e tornava a avançar, correndo, às vezes alcançando uma altura incrível. Parecia não se importar com o impacto das quedas a cada tentativa e retornava com vigor renovado. Ao contrário, a cada tombo, sua aparência se tornava mais horrenda. Hutcheson era um homem de bom coração — minha esposa e eu presenciamos diversas pequenas atitudes suas de bondade com animais e também com pessoas — e parecia preocupado com o estado de fúria em que a gata se encontrava.

— Parece que a criatura está bem desesperada — disse ele. — Olhe só! Coitadinha, foi um acidente, mas sei que isso não vai trazer de volta o seu filhotinho. Sim, eu sei. Não queria que isso tivesse acontecido por nada nesse mundo. Isso só prova como um homem pode ser um tolo desajeitado quando se mete a fazer graça. Parece que tenho a mão furada para brincar com gatos. Diga-me, coronel — ele brincava de dar títulos às pessoas. — Será que sua esposa vai guardar rancor por esse fiasco que causei? Eu não queria que isso tivesse acontecido de jeito nenhum.

Ele se aproximou de Amelia e pediu desculpas. Ela, com seu bom coração de sempre, garantiu-lhe que entendia ter sido mesmo um acidente. Depois, fomos novamente até a muralha e olhamos para baixo.

A gata, ao não ver mais o rosto de Hutcheson, havia atravessado o fosso e estava agachada como se fosse saltar. A bem dizer, no exato instante em que o viu, ela saltou com uma fúria cega e desmedida, que teria sido grotesca se não fosse assustadoramente real. O felino não tentava mais escalar a muralha, mas se arremessava na direção de Elias como se o ódio e a fúria pudessem lhe dar asas para atravessar uma distância tão grande. Amelia ficou preocupada e disse a Hutcheson em tom alarmado:

— Tome muito cuidado. Aquela gata tentaria matá-lo se estivesse aqui. Os olhos dela expressam um desejo assassino.

Ele riu, bem-humorado.

— Perdão, madame — disse ele —, mas não pude evitar de dar risada. Imagine! Um homem que lutou com ursos e índios tomar cuidado para não ser morto por uma gata!

Quando a gata ouviu a risada dele, toda a sua expressão pareceu se alterar. Não tentou mais saltar nem escalar a muralha. Em vez disso, foi calmamente até o filhote morto, sentou-se ao lado dele e começou a lambê-lo como se estivesse vivo.

— Estão vendo? — disse eu. — Este é o efeito de um homem realmente forte: até um animal em plena fúria reconhece a voz do senhor e diante dele se curva.

— Feito uma índia.

Foi o único comentário de Hutcheson enquanto contornávamos o fosso da cidade.

De vez em quando, olhávamos para o alto da muralha e sempre víamos a gata a nos seguir. A princípio, continuava voltando até o filhote morto, mas, quando a distância se tornou maior, ela o pegou na boca e assim prosseguiu. Depois de algum tempo, contudo, ela o abandonou, pois a vimos nos seguir sozinha — talvez tivesse escondido o corpo em algum lugar. A preocupação de Amelia aumentou com a persistência da gata e, mais de uma vez, repetiu sua advertência. Mas o americano sempre dava risada, divertido, até que, vendo que Amelia continuava preocupada, ele disse:

— Madame, a senhora não precisa se preocupar com a gata. Estou armado. — Ele estapeou o coldre da pistola nas costas. — Antes que a senhora se preocupe mais, vou dar um tiro nessa criatura, bem aqui, e correr o risco de a polícia vir se meter com um cidadão americano, porque é contra a legislação porte de arma por estas bandas.

Enquanto falava, ele olhou para a muralha. A gata, ao vê-lo, recuou com um rugido até um canteiro de flores altas e ali se escondeu. Ele continuou:

— Não é que essa criatura tem mais inteligência que a maioria dos cristãos? Acho que foi a última vez que vimos essa gata. Aposto que ela voltou para o filhote e vai fazer um funeral particular só para ela.

Amelia preferiu não falar mais nada a fim de que ele, com sua equivocada gentileza, não cumprisse a ameaça de atirar na gata. Seguimos em frente e atravessamos a pequena ponte de madeira que dava no portão, de onde subimos a íngreme rua de pedras entre o Burg e a Torre da Tortura pentagonal. Ao atravessarmos a ponte, vimos a gata outra vez lá embaixo. Quando ela nos viu, sua fúria pareceu retornar, e ela fez esforços frenéticos

para subir pela parede. Hutcheson deu risada ao olhar para ela lá embaixo e disse:

— Adeus, garota. Perdão se feri seus sentimentos, mas um dia você vai se recuperar. Adeus.

Assim, passamos pelas arcadas, longas e sombrias, e chegamos ao portão do Burg.

Quando saímos da visita a esse belo lugar antigo que nem os esforços bem-intencionados dos restauradores do gótico de quarenta anos antes conseguiram estragar, conquanto a restauração na época se resumisse a deixar tudo excessivamente branco, aparentemente havíamos esquecido o desagradável episódio da manhã. A antiga tília com seu grandioso tronco retorcido com a passagem de quase nove séculos, o poço profundo escavado no coração da rocha por antigos prisioneiros e as adoráveis vistas da muralha, de onde ouvimos por quase 15 minutos os múltiplos carrilhões da cidade, tudo ajudou a apagar de nossos espíritos o incidente do filhote assassinado.

Fomos os únicos visitantes a entrar na Torre da Tortura naquela manhã, ou pelo menos foi o que nos disse o velho zelador. Como tínhamos o lugar inteiro ao nosso dispor, pudemos fazer uma visita mais minuciosa e satisfatória do que teria sido possível noutras circunstâncias. O zelador, vendo-nos como a única fonte de ganhos no dia, mostrou-se disposto a satisfazer nossos desejos a todo custo. A Torre da Tortura é realmente um lugar sinistro mesmo hoje em dia, quando é visitada por milhares de turistas que lhe trazem vida. Naquela ocasião, porém, tinha o aspecto mais sinistro e tenebroso. A poeira de eras parecia nela incrustada, e a escuridão e o horror de suas lembranças se tornaram de tal modo sensíveis que agradariam às almas panteístas de Fílon ou Spinoza. A câmara inferior na qual entramos parecia, em seu estado normal, cheia de uma densa escuridão. Até a luz quente do sol que se infiltrava pela porta parecia se perder na vasta espessura de suas paredes e revelava apenas a rústica alvenaria idêntica à da época em que o andaime do pedreiro fora retirado, mas coberta de poeira e marcada aqui e ali com manchas escuras que, se as paredes pudessem falar, relatariam as próprias terríveis memórias de medo e de dor.

Ficamos contentes por subir a empoeirada escada de madeira. O zelador deixara a porta externa aberta para nos iluminar um pouco o caminho, pois, aos nossos olhos, o único candelabro fedorento de pavio longo pendurado num esconso na parede fornecia uma luz inadequada.

Quando passamos pelo alçapão do teto, no canto da câmara, Amelia se agarrou tão firmemente a mim que pude sentir até seu coração bater. Devo dizer que, quanto a mim, não fiquei surpreso com o medo dela, porque aquele ambiente era mais tenebroso que o inferior.

Ali certamente havia mais luz, mas apenas o suficiente para revelar o aspecto horrível do lugar. Os construtores da torre evidentemente pretendiam que só aqueles que chegassem ao topo fossem ser recompensados com as alegrias da luz e da perspectiva. Ali, como havíamos reparado lá de baixo, havia fileiras de janelas, ainda que de dimensões medievais, mas nos outros pontos da torre havia somente algumas raras seteiras estreitas, como era o costume nas fortificações do medievo. Apenas algumas dessas seteiras iluminavam a câmara, e eram tão altas que de ponto nenhum se conseguia ver o céu através da espessura das paredes.

Em prateleiras inclinadas em desordem contra as paredes, havia uma série de espadas de carrasco, grandes armas de empunhadura dupla com lâminas largas e afiadas. Ao lado delas, havia diversos cepos nos quais os pescoços das vítimas eram cortados, e por todos os cantos se viam talhos profundos em que o aço se cravara atravessando a carne e se fincando na madeira. Por toda a volta da câmara, dispostos do modo mais irregular, havia muitos artefatos de tortura que faziam doer o coração só de ver: cadeiras cheias de pontas de espinhos que causavam dores instantâneas e excruciantes; poltronas e bancos com espinhos mais rombudos, cuja tortura parecia menor, mas que, embora mais lentos, eram igualmente eficazes; cavaletes, cintos, botas, luvas, coleiras, todos feitos para comprimir os membros em que fossem usados; baldes de aço nos quais uma cabeça podia ser lentamente esmagada até virar uma gosma, se necessário; ganchos de guarda-noturno com cabos longos e lâminas para vencer qualquer resistência, uma especialidade do antigo sistema de polícia de Nuremberg; e muitos outros artefatos utilizados por homens para ferir outros homens.

Amelia ficou muito pálida com o horror daqueles objetos e por pouco não desmaiou. Ao sentir vertigem, sentou-se numa das cadeiras de tortura e logo saltou, dando um grito, o que espantou a propensão ao desmaio. Ambos fingimos que havia sido a nódoa no vestido causada pela poeira da cadeira e as pontas enferrujadas dos espinhos que a incomodaram. O sr. Hutcheson concordou, aceitando a explicação com uma gargalhada bonachona.

O objeto central daquela câmara de horrores, no entanto, era um aparelho conhecido como Virgem de Ferro, que ficava praticamente no centro da sala. Tratava-se de uma figura rudimentar de mulher, algo assemelhada a um sino, ou, para uma comparação mais próxima, à figura da esposa de Noé numa arca feita por crianças, mas sem a cintura fina e o *rondeur* perfeito dos quadris que marcam o tipo estético da família de Noé.

Dificilmente alguém identificaria aquilo como uma figura humana, a não ser pela forma da testa, que era uma semelhança grosseira com a do rosto de uma mulher. A máquina tinha uma camada de ferrugem por fora e estava toda coberta de pó; uma corda amarrada a uma argola na frente da figura, onde deveria ser a cintura da virgem, passava por uma polia e estava atada a um pilar de madeira que sustentava o piso de cima. O zelador, ao puxar a corda, mostrou que a parte da frente tinha dobradiças como as de uma porta. Vimos, então, que o aparelho tinha uma espessura considerável, deixando do lado de dentro apenas o espaço suficiente para uma pessoa. A porta tinha a mesma espessura e um grande peso, pois o zelador precisou de toda a força, mesmo que auxiliado pelo engenho da polia, para abri-la. O peso se devia em parte ao fato de a posição das dobradiças na porta ter o evidente propósito de lançar seu peso para baixo, de modo a se fechar sozinha assim que a corda se soltasse. O interior estava coberto de ferrugem. Mais do que isso, pois a ferrugem decorrente do tempo dificilmente teria corroído tanto as paredes de ferro.

Só quando nos aproximamos para olhar o lado de dentro da porta é que a intenção diabólica se manifestou plenamente. Havia diversos espinhos compridos, quadrados e maciços, largos na base e finos nas pontas, posicionados de tal maneira que, quando a porta se fechava, os espinhos de cima furavam os olhos da vítima e os de baixo, o coração e outros órgãos vitais. A imagem foi demais para a pobre Amelia, que dessa vez desmaiou de verdade. Precisei carregá-la escada abaixo e colocá-la num banco do lado de fora até que se recuperasse. O fato de ela ter sentido profundamente aquilo seria mais tarde demonstrado pelo fato de meu filho mais velho ter uma indelicada marca de nascença no peito, o que na família dizemos ser uma representação da Virgem de Nuremberg.

Quando voltamos à câmara, encontramos Hutcheson ainda parado diante da Virgem de Ferro, filosofando. Ele nos concedeu o benefício de suas ideias na forma de uma espécie de exórdio.

— Acho que aprendi uma coisa aqui enquanto a madame se recuperava do desmaio. Parece que estamos muito atrasados lá do nosso lado desse grande trago de água salgada que é o oceano. A gente costuma achar na planície que os índios são os campeões em deixar uma pessoa desconfortável, mas acho que a turma da lei de vocês, medievais, fica com o troféu. O Farpa também era muito bom nesse negócio de índio, mas isso aqui, dona mocinha, ganha dele com uma sequência maior do mesmo naipe. As pontas desses espinhos ainda estão afiadas, mesmo que as bordas estejam corroídas por essas coisas. Seria bom levar para as reservas dos nossos índios alguns desses brinquedos, só para eles recobrarem o juízo, assim como as índias, mostrando como a velha civilização é muito melhor que eles. Acho que só vou entrar um minuto na caixa para ver como é.

— Ah, não! — disse Amelia. — Que coisa terrível!

— Madame, acho que nada é terrível demais para a mente exploradora. Já estive em lugares bizarros na vida. Passei uma noite dentro de um cavalo morto enquanto um incêndio na pradaria ardia à minha volta no território de Montana. Em outra ocasião, dormi dentro de um búfalo morto quando os comanches quiseram guerrear e não me dei ao trabalho de deixar meu cartão para eles. Fiquei dois dias dentro de um túnel na mina de ouro de Billy Broncho, no Novo México, e fui um dos quatro soterrados quase um dia inteiro quando a fundação desabou de um lado quando estávamos construindo a Buffalo Bridge. Nunca fugi de nenhuma bizarrice e não pretendo começar agora.

Ao perceber que ele estava decidido a experimentar aquilo, eu disse:

— Bem, então é melhor se apressar, meu velho, e acabar logo com isso.

— Tudo bem, General — disse ele —, mas pelos meus cálculos ainda não podemos. Os cavalheiros, meus antecessores, que entravam nessa lata não ficavam voluntariamente na posição. Creio que devia haver alguma amarração artística antes de darem o grande golpe. Quero entrar nessa coisa à moda antiga, portanto primeiro precisam me amarrar dos pés à cabeça. Imagino que o velhote tenha uma corda para me prender direitinho.

A frase foi dita como uma pergunta ao velho zelador, que entendera o sentido de sua fala, ainda que sem saber apreciar plenamente todas as sutilezas do dialeto e das imagens, e balançou a cabeça. Seu protesto, contudo, foi apenas formal e com vistas a ser resolvido. O americano pôs uma moeda de ouro na mão dele, dizendo:

— Fique com isso, sócio. É sua parte. Não se apavore. Não o estamos contratando para trabalhar em nenhum enforcamento!

Ele trouxe uma corda velha e fina e passou a amarrar nosso companheiro com firmeza o bastante para aquela finalidade. Quando a parte de cima de seu corpo estava amarrada, Hutcheson disse:

— Um momento, meritíssimo. Acho que sou pesado demais para você me levar até a lata. Deixe que eu entre com meus próprios passos, depois você prende minhas pernas.

Enquanto assim falava, foi se encostando na abertura, larga o suficiente só para passar seu corpo. Era sem dúvida estreita. Amelia observava com medo no olhar, mas não quis dizer nada. O zelador completou sua missão amarrando bem juntos os pés do americano, que agora estava absolutamente indefeso e imobilizado em sua prisão voluntária e parecia realmente estar gostando daquilo. O princípio de um sorriso habitual em seu semblante floresceu quando ele disse:

— Acho que esta Eva aqui foi feita da costela de um anão. Não há espaço para um cidadão adulto dos Estados Unidos se mexer muito. A gente faz caixões mais espaçosos no território do Idaho. Agora, meritíssimo, comece a fechar a porta devagar em cima de mim. Quero sentir o mesmo prazer dos antigos quando esses espinhos vinham na direção dos olhos deles.

— Ah, não! Não! — exclamou Amelia histericamente. — É terrível demais! Não consigo nem olhar! Não quero ver.

O americano, todavia, estava obstinado.

— Olha, coronel — disse ele —, por que você não leva a madame para dar uma voltinha? Não quero ferir os sentimentos dela por nada neste mundo. Mas, agora que estou aqui, depois de percorrer 13 mil quilômetros, não seria uma pena desperdiçar justamente a experiência que venho buscando e querendo tanto ter? Não é sempre que temos a oportunidade de saber como é ser comida enlatada. Eu e o meritíssimo aqui vamos resolver isso rapidamente, depois vocês voltam e vamos todos dar risada juntos.

Mais uma vez, a determinação originada da curiosidade triunfou, e Amelia ficou agarrada ao meu braço, trêmula, enquanto o zelador começava a afrouxar lenta e milimetricamente a corda que segurava a porta de ferro. O semblante de Hutcheson estava definitivamente radiante enquanto seus olhos acompanhavam a aproximação dos espinhos.

— Ora! — disse ele. — Acho que não me divirto assim desde que saí de Nova York. Depois de uma briga com um marinheiro francês em Wapping, que também não foi nenhum piquenique, não tive nenhum prazer com nenhuma atração neste continente apodrecido, onde não tem nenhum urso, nem índio, nem ninguém anda armado. Devagar com isso, meritíssimo. Não tenha pressa. Quero aproveitar o espetáculo, pelo qual já paguei, inclusive.

O zelador devia ter um pouco do sangue de seus antecessores naquela torre sinistra, pois operava a máquina com uma lentidão deliberada e excruciante, que, após cinco minutos, em que a porta mal se movera alguns centímetros, começou a perturbar Amelia. Seus lábios empalideceram, senti sua mão afrouxar no meu braço. Procurei logo um lugar para deitá-la. Quando olhei de novo para ela, vi que seus olhos estavam fixamente voltados para alguma coisa ao lado da Virgem. Acompanhando a direção de seu olhar, vi a gata se esconder. Os olhos verdes dela brilhavam como lampiões na escuridão da sala. A cor era acentuada pelo sangue que ainda manchava seu pelo e avermelhava sua boca. Exclamei:

— A gata! Cuidado com a gata!

Nesse mesmo instante, ela saltou diante da máquina. Naquele momento, parecia um demônio triunfante. Seus olhos faiscavam de ferocidade, seu pelo estava tão eriçado que ela parecia duas vezes maior e o rabo estava agitado como o de um tigre com a caça pela frente. Hutcheson, quando a viu, achou divertido, e seus olhos brilhavam de excitação ao dizer:

— Não é que a maldita índia veio toda pintada! Pode espantá-la, se ela vier com seus truques para cima de mim, pois o chefe aqui me amarrou firme. Com mil diabos, não vou conseguir proteger meus olhos se ela quiser arrancá-los. Cuidado, meritíssimo! Não solte essa corda ou estarei perdido!

Nesse momento, Amelia desmaiou de vez. Precisei segurá-la pela cintura ou ela teria caído no chão. Enquanto a acudia, vi a gata preta se preparando para saltar e corri para espantá-la.

Mas, nesse instante, com uma espécie de urro infernal, ela se atirou não sobre Hutcheson, como imaginávamos, mas sobre o rosto do zelador. Suas garras pareciam rasgar com selvageria, como nos desenhos chineses de dragões rampantes. Enquanto eu observava, vi uma garra atacar o olho do pobre sujeito e rasgá-lo da órbita até a face, deixando uma larga faixa vermelha onde o sangue parecia brotar de todos os vasos.

Com um berro de puro terror, anterior ainda à sensação de dor, o sujeito saltou para trás, soltando a corda que segurava a porta de ferro. Corri para detê-la, mas foi tarde demais, pois a corda correu feito um raio pela polia e a massa pesada da porta se fechou com o próprio peso.

Enquanto a porta se fechava, vi de relance o rosto de meu pobre companheiro. Ele parecia congelado de terror. Seus olhos fitavam com horrível angústia, como hipnotizados, e nenhum som saiu de seus lábios.

E então os espinhos fizeram seu trabalho. Felizmente o fim veio depressa. Quando abri a porta, haviam-no perfurado tão profundamente que atravessavam os ossos do crânio e o puxavam — o crânio — para fora da prisão de ferro, de onde ele, amarrado, caiu com um impacto perturbador no chão, com o rosto virando para cima no momento da queda.

Voltei correndo até minha esposa, levantei-a do chão e a levei para fora, pois temia que ela despertasse do desmaio e visse aquela cena. Deitei-a no banco do lado de fora e corri de volta para dentro. Encostado ao pilar de madeira estava o zelador gemendo de dor, pressionando o lenço sujo de sangue contra os olhos. Sentada na cabeça do pobre americano estava a gata, ronronando orgulhosamente, enquanto lambia o sangue que escorria da órbita vazada dos olhos dele.

Creio que ninguém me julgará cruel por ter pegado uma antiga espada de carrasco e cortado ali mesmo a gata ao meio.

O segredo do ouro crescente

Quando Margaret Delandre foi morar em Brent’s Rock, toda a vizinhança despertou para o prazer de um escândalo totalmente novo. As celeumas associadas à família Delandre e aos Brent de Brent’s Rock não foram poucas, e, se a história secreta do condado fosse escrita, os nomes de ambos estariam bem representados. É verdade que os estatutos das duas famílias eram tão diferentes que elas poderiam pertencer a continentes distintos — ou a mundos distintos, no caso —, pois até então suas órbitas jamais haviam se cruzado. Os Brent eram considerados por todos no condado donos de uma influência social exclusiva, e sempre se mantiveram muito acima da classe dos pequenos proprietários à qual pertencia Margaret Delandre, assim como um fidalgo espanhol de sangue azul está acima de seus camponeses arrendatários.

Os Delandre, assim como os Brent, eram uma família antiga e tinham orgulho disso, mas jamais ascenderam acima da classe dos pequenos proprietários rurais e, não obstante tivessem sido ricos nos bons tempos das guerras no estrangeiro e da defesa da terra, sua fortuna se esgotara sob o sol esturricante do livre-comércio e os “melodiosos tempos de paz”.[1] Eles tinham, como os membros mais antigos costumavam dizer, “ficado presos à terra”, e como resultado haviam ali lançado raízes de corpo e alma. Na verdade, uma vez que optaram por viver das plantações, haviam germinado como plantas — com flores e frutos na boa estação e dificuldades na estação ruim. Sua propriedade, Dander’s Croft, parecia reformada para se amoldar à família que ali vivia. Estes haviam entrado em decadência após muitas gerações, produzindo vez por outra alguns rebentos abortivos de energia insatisfeita, na forma de um soldado ou um marinheiro, que conseguiam chegar apenas a postos inferiores de suas carreiras e ali permaneciam, excluídos da galanteria impensada em ação, mas também imunes à causa destruidora dos homens sem berço nem cuidados na juventude — o reconhecimento de uma posição superior que eles mesmos se sentiam inaptos para ocupar.

Assim, pouco a pouco, a família foi decaindo, os homens reclamando e insatisfeitos, ou bebendo até morrer, as mulheres dando duro em casa, casando com alguém inferior, ou coisa pior. No decorrer dos anos, todos desapareceram, restando somente dois em Croft, Wykham Delandre e sua irmã, Margaret. O homem e a mulher pareciam ter herdado, nas formas respectivamente masculina e feminina, a tendência maligna de sua raça,

compartilhando os mesmos princípios — ainda que manifestos de modos diferentes — da paixão, da voluptuosidade e da negligência taciturnas.

A história dos Brent foi algo similar, mas demonstrou as causas da decadência em sua versão aristocrática, e não plebeia. Eles também haviam enviado seus rebentos para as guerras, porém seus postos eram diferentes e muitos conquistaram honrarias, porque eram galantes impecáveis e porque bravos feitos foram realizados antes de a dissipação egoísta que os marcava lhes minar o vigor. O atual chefe da família — se é que se poderia chamar de família, agora que só restava um membro da linhagem direta — era Geoffrey Brent, que era praticamente um exemplo de uma raça exaurida, manifestando-se ora com suas qualidades mais brilhantes, ora com a degradação mais completa. Podia bem ser comparado àquele tipo antigo de nobre italiano que os pintores nos deixaram, com sua coragem, falta de escrúpulos, refinamentos de volúpia e crueldade — misto de voluptuoso efetivo com demônio em potencial. Ele era bem-apessoado, com aquela beleza morena, aquilina, imperiosa, que as mulheres geralmente reconhecem como dominadora. Com os homens, era distante e frio, mas tal atitude jamais repeliu as mulheres.

As leis inescrutáveis do sexo fizeram tal arranjo que mesmo uma mulher tímida não teme um homem feroz e arrogante. Por isso, dificilmente uma mulher, de qualquer tipo ou posição, que vivesse nos arredores de Brent’s Rock, não acalentava uma admiração secreta pelo belo e imprestável solteirão. Era uma categoria vasta, pois Brent’s Rock se erguia, íngreme, em meio a uma região plana e, num raio de 150 quilômetros, se destacava contra o horizonte, com suas torres e telhados altos e antigos acima de bosques e aldeias, bem como suas esparsas mansões ao longe.

Se Geoffrey Brent limitasse suas dissipações a Londres, Paris e Viena — qualquer lugar longe dos olhos e dos ouvidos de seu lar —, a opinião pública se calaria. É fácil escutar rumores distantes sem se abalar. Além disso, pode-se tratá-los com descrença, escárnio, desdém ou qualquer outra atitude de frieza que sirva ao nosso propósito. Mas, quando o escândalo chegou perto de casa, tudo mudou de figura: os sentimentos de independência e integridade, que existem nas pessoas de qualquer comunidade que não tenha sido completamente corrompida, acabaram se impondo e exigindo que se expressasse uma condenação.

Ainda havia certa reticência geral e ninguém dava mais atenção aos fatos existentes além do absolutamente necessário. Margaret Delandre se

portava de modo tão destemido e franco — aceitara a posição de companheira legal de Geoffrey Brent naturalmente — que as pessoas passaram a acreditar que ela se casara secretamente com ele, portanto achavam mais prudente controlar a língua para que o tempo não lhe desse razão e não fizesse dela uma inimiga poderosa.

A única pessoa que, com sua interferência, poderia sanar todas as dúvidas estava impedida pelas circunstâncias de interferir na questão. Wykham Delandre brigara com a irmã, ou talvez ela tivesse brigado com ele, e os dois se encontravam em termos não só de neutralidade armada, mas de amargo ódio. A briga ocorrera antes de Margaret se mudar para Brent's Rock. Ela e Wykham chegaram a quase trocar sopapos. Houve ameaças de ambas as partes e, no fim, tomado de paixão, Wykham mandara a irmã embora de casa. Ela se levantou na mesma hora e, sem esperar para levar seus pertences pessoais, saiu andando da casa. Na porta, parou por um momento e gritou uma amarga ameaça ao irmão: a de que ele padeceria na vergonha e no desespero até a hora da morte pelo que fizera naquele dia.

Algumas semanas haviam se passado desde então e se supunha na região que Margaret tivesse ido para Londres quando, subitamente, ela reapareceu, passeando de carruagem com Geoffrey Brent. Antes do anoitecer, toda a vizinhança já sabia que ela se mudara para a casa dele. Não foi motivo de surpresa o fato de Brent ter voltado inesperadamente, porque isso nele era habitual. Nem os próprios empregados sabiam quando ele voltava, pois havia uma entrada particular, da qual só ele tinha a chave e por onde às vezes entrava sem ninguém na casa saber. Era seu método usual de dar as caras após uma longa ausência.

Wykham Delandre ficou furioso com a notícia e jurou vingança. Para manter o espírito em equilíbrio com sua paixão, bebeu mais do que nunca. Tentou diversas vezes encontrar a irmã, mas desdenhosamente ela evitou recebê-lo. Tentou marcar hora com Brent e também foi recusado por ele. Tentou, então, abordá-lo na rua, mas de nada adiantou, pois Geoffrey não era homem de se deixar deter contra a vontade. Diversas vezes ocorreram encontros casuais entre os dois homens e muitos mais foram postergados ou evitados. Por fim, Wykham Delandre se resignou a uma melancólica e vingativa aceitação da situação.

Como nem Margaret nem Geoffrey tinham temperamento pacífico, logo começaram a ocorrer discussões entre os dois. O vinho, que era muito bebido em Brent's Rock, quase sempre acirrava as brigas. Às vezes, as

desavenças assumiam aspecto amargo e ambos trocavam ameaças com linguajar tão duro que chocava os ouvidos da criadagem. Essas brigas, porém, como a maioria das altercações domésticas, quase sempre terminavam em reconciliação e no respeito mútuo pelas qualidades beligerantes envolvidas naquelas manifestações.

A luta pela luta é considerada por algumas pessoas em todo o mundo uma questão de interesse, de maneira que não há motivo para acreditar que as condições domésticas minimizem sua potência. Geoffrey e Margaret se ausentavam ocasionalmente de Brent's Rock. Em todas essas ocasiões, Wykham Delandre também saía da região. Mas, como ele geralmente ficava sabendo das ausências tarde demais para fazer qualquer coisa, voltava para casa cada vez mais amargurado e num estado de espírito mais descontente do que antes.

Enfim, certa vez, uma dessas ausências de Brent's Rock foi mais longa do as habituais. Alguns dias antes, ocorrera uma briga mais exaltada do que qualquer outra até então. Como sempre, contudo, eles fizeram as pazes e mencionaram uma viagem ao continente na frente dos criados. Passados alguns dias, Wykham Delandre também viajou, só retornando algumas semanas depois, bem diferente. Todos repararam que ele voltara cheio de uma nova altivez — contente, exultante — que as pessoas mal souberam definir. Foi diretamente a Brent's Rock e pediu para falar com Geoffrey Brent. Quando lhe disseram que ele ainda não regressara, Wykham disse com uma sombria decisão, que foi notada pelos criados:

— Eu voltarei. Tenho uma notícia verídica. Isso pode esperar.

Ao dizer tais palavras, retirou-se e foi embora.

Semanas se passaram, depois meses e meses, até que surgiu um rumor, que depois se provou verdadeiro, de que havia ocorrido um acidente no vale de Zermatt. Enquanto atravessava uma passagem perigosa, a carruagem que levava uma senhora inglesa e o cocheiro caiu de um precipício. O cavalheiro do grupo, o sr. Geoffrey Brent, por sorte se salvara, pois decidiu seguir a pé pela estrada a fim de reduzir o peso que os cavalos teriam de suportar. Ele mesmo foi o responsável por alertar sobre o acidente, e uma busca foi feita pela região. A amurada quebrada, a estrada escoriada, as marcas nos locais onde os cavalos se esforçaram para não despencar no declive antes de caírem na torrente — todos ficaram sabendo da triste história.

Estava chovendo, e nevara muito no inverno, de modo que o rio estava cheio além do volume normal e as torrentes vinham repletas de blocos de gelo. Todas as buscas foram feitas. Finalmente, os destroços da carruagem e o cadáver de um dos cavalos foram encontrados numa curva do rio. Mais tarde, o cadáver do cocheiro foi localizado numa margem arenosa que fora varrida pela torrente, perto de Täsch. O corpo da senhora, entretanto, assim como o do outro cavalo, havia desaparecido e talvez estivesse — o que restasse dele àquela altura — girando nos remoinhos do Reno em sua descida até o lago Genebra.

Wykham Delandre procurou por toda parte, mas não encontrou nem sinal da irmã desaparecida. Nos livros de vários hotéis, todavia, achou os nomes “sr. e sra. Geoffrey Brent”. Assim, mandou fazer uma lápide em Zermatt em lembrança da irmã, sob seu nome de casada, e uma placa na igreja de Bretten, paróquia onde ficavam Brent’s Rock e Dander’s Croft.

Quase um ano havia se passado até que toda a excitação pelo assunto se esgotara e a vizinhança voltara à vida de costume. Brent seguia ausente, ao passo que Delandre estava mais bêbado, mais melancólico e mais vingativo do que nunca.

Até que houve um novo motivo de alvoroço: Brent’s Rock estava sendo preparada para uma nova senhora. O próprio Geoffrey, em carta ao vigário, anunciara que havia se casado alguns meses antes com uma italiana e que os dois estavam voltando para casa. Então um pequeno exército de operários invadiu a casa; e o martelo e a plaina soaram, e um cheiro de cola e tinta impregnou a atmosfera. Uma ala da velha casa, a ala sul, foi inteiramente reformada; e então todo o exército de operários foi embora, deixando apenas os materiais para reformar o antigo salão depois que Geoffrey Brent voltasse, pois ele dera ordens para que a decoração só fosse feita sob sua supervisão.

Ao chegar, dias depois, Brent trouxera consigo desenhos detalhados de um salão da casa do pai de sua noiva, pois tinha intenção de reproduzir para ela o lugar ao qual estava acostumada.

Como os moldes precisariam ser todos refeitos, alguns andaimes e tábuas foram trazidos e posicionados de um dos lados do grande salão, bem como uma grande caixa ou baú para misturar a cal, cujos sacos foram empilhados ao lado.

Quando a nova senhora de Brent’s Rock chegou, os sinos da igreja tocaram e foi uma alegria geral. Era uma linda criatura, cheia da poesia, do

fogo e da paixão meridionais, e as poucas palavras inglesas que aprendera eram ditas tão delicada e graciosamente erradas que ela conquistou o coração das pessoas tanto pela música de sua voz quanto pela beleza fluida de seus olhos escuros.

Geoffrey Brent parecia mais feliz do que jamais fora. Havia, porém, uma expressão sombria e angustiada em seu semblante, nova para aqueles que o conheciam bem. Ele às vezes se sobressaltava como se ouvisse um barulho que ninguém mais ouvia.

Dessa forma, os meses foram se passando até que começou a correr pela vizinhança a notícia de que, enfim, Brent's Rock teria um herdeiro. Geoffrey era muito carinhoso com a esposa, e o novo vínculo entre eles pareceu enternecê-lo, de modo que passou a se interessar mais por seus moradores e por suas necessidades. Ele e a esposa passaram a fazer diversas obras de caridade. Geoffrey parecia apostar todas as esperanças na criança que iria nascer, e, conforme passou a mirar mais profundamente o futuro, a sombra negra que havia em seu rosto aos poucos foi desaparecendo.

Durante todo esse ano, Wykham Delandre alimentou sua vingança. No fundo do coração, ele cultivara um propósito de vingança que só esperava uma oportunidade para se cristalizar e tomar uma forma definitiva. Teve uma vaga ideia de um plano envolvendo a esposa de Brent, pois sabia que podia atingi-lo melhor por intermédio dos entes queridos, e o tempo parecia trazer no ventre a oportunidade pela qual tanto ansiava.

Uma noite, ele estava sentado sozinho na sala de casa. Aquela fora outrora uma bela sala, mas o tempo e o descaso haviam agido e era agora pouco mais que uma ruína, sem nada de digno ou pitoresco. Bêbado, Wykham pensou ter ouvido um barulho, como se alguém batesse na porta, e foi verificar. Gritou para que a pessoa entrasse, mas ninguém respondeu. Resmungando uma blasfêmia, voltou a beber. Por um momento, esqueceu tudo à sua volta e mergulhou numa espécie de torpor, mas de repente despertou ao ver em pé, diante de si, alguém ou algo parecido com uma versão exaurida, fantasmagórica, da irmã.

Por alguns momentos, sentiu uma espécie de medo. A mulher diante dele, com feições distorcidas e olhos faiscantes, mal parecia humana, e a única coisa que lembrava sua irmã, tal como ela era, eram os fartos cabelos dourados, agora com mechas grisalhas.

Ela encarou o irmão longa e friamente. Ele fez o mesmo. Ao observá-la e se dar conta da realidade da presença dela, deparou-se com o ódio

novamente se erguendo em seu coração. Toda a infelicidade passional do ano anterior pareceu encontrar uma voz quando ele perguntou:

— Por que está aqui? Você está morta e enterrada.

— Estou aqui, Wykham Delandre, não por amor a você, mas porque tenho ainda mais ódio de outro homem do que de você!

Uma grande paixão flamejava em seus olhos.

— Dele? — perguntou o irmão, com um sussurro tão feroz que até a mulher ficou por um instante sobressaltada.

— Sim, dele — respondeu ela. — Mas não se engane, minha vingança é só minha. Só quero sua ajuda para me vingar.

Wykham perguntou subitamente:

— Ele, afinal, se casou com você?

O semblante distorcido da mulher se desanuviou numa tentativa sinistra de sorrir. Foi uma paródia hedionda de um sorriso, pois as feições abatidas e as feridas costuradas assumiram formas e cores estranhas, assim como bizarras rugas brancas apareceram onde os músculos tensos pressionavam velhas cicatrizes.

— Então é isso que você quer saber? Seria bom para seu orgulho saber se sua irmã se casou no papel. Bem, você jamais saberá. Essa é minha vingança contra você e não pretendo abrir qualquer exceção. Vim aqui hoje à noite só para avisar que estou viva, de modo que, se eu sofrer alguma violência lá aonde estou indo, possa haver uma testemunha.

— Aonde você vai? — perguntou o irmão.

— Isso é assunto meu e não tenho a menor intenção de lhe contar.

Wykham se levantou, bêbado, cambaleou e caiu. Estendido no chão, anunciou a intenção de seguir a irmã. Num arroubo de humor, disse que a seguiria através das trevas pela luz de seus cabelos e de sua beleza. Ao ouvir isso, ela se virou para ele e disse que outros, além dele, sofreriam pelos seus cabelos e por sua beleza.

— Assim ele sofrerá — sibilou —, pois os cabelos permanecem mesmo que a beleza tenha fim. Quando ele tirou a cavilha da carruagem e nos deixou cair do precipício dentro da torrente, não pensou na minha beleza. Talvez a beleza dele também ficasse marcada como a minha se tivesse sido arrastado como fui entre as pedras do Visp e ficado congelando sobre o gelo na curva do rio. Mas ele que se cuide, porque a hora está chegando.

Com um gesto feroz, ela escancarou a porta e sumiu noite afora.

* * *

Mais tarde, naquela mesma noite, a sra. Brent, que estava quase dormindo, subitamente despertou e disse ao marido:

— Geoffrey, acho que ouvi o som de um trinco sendo forçado embaixo da nossa janela.

Mas Geoffrey — embora ela achasse que ele também tivesse se assustado com o barulho — parecia dormir um sono profundo, com respiração pesada. A sra. Brent adormeceu de novo, mas dessa vez despertou com o marido de pé e se vestindo. Ele estava com uma palidez mortiça. Quando a luz do lampião que segurava tomou seu rosto, ela ficou assustada com a expressão nos olhos do marido.

— O que foi, Geoffrey? O que você está fazendo? — perguntou.

— Silêncio, minha pequena — respondeu ele com uma rispidez estranha na voz. — Volte a dormir. Estou sem sono e preciso terminar um trabalho que deixei inacabado.

— Traga para cá — insistiu ela. — Vou ficar sozinha e tenho medo quando você sai.

Em resposta, ele apenas a beijou e saiu, fechando a porta. A mulher ficou acordada por mais algum tempo, porém logo a natureza se impôs e ela adormeceu.

De súbito, despertou com a memória auditiva de um grito abafado em algum lugar próximo. Pôs-se de pé e correu para a porta, onde ficou escutando, sem ouvir som algum. Preocupada com o marido, chamou-o:

— Geoffrey! Geoffrey!

Momentos depois, a porta do grande salão se abriu e Geoffrey apareceu, sem o lampião.

— Silêncio — disse ele, numa espécie de sussurro e com voz brusca. — Silêncio! Vá dormir. Estou trabalhando e não posso ser interrompido. Vá dormir e não acorde a casa toda.

Com um calafrio no coração, porquanto a rispidez na voz do marido era nova para ela, voltou lentamente para a cama e ali ficou, trêmula, apavorada demais para chorar e atenta a qualquer ruído. Houve um longo silêncio, após o qual o som de algum artefato de ferro dando golpes

abafados se fez ouvir. Depois, veio o impacto de uma pedra pesada caindo, seguido pelo som de algo sendo arrastado e de mais ruídos de pedra sobre pedra. Durante todo esse tempo, ela ficou ali deitada, agoniada de medo e com o coração batendo pavorosamente. Ouviu um curioso som de algo sendo raspado e depois reinou um silêncio. Então, a porta se abriu devagar e Geoffrey apareceu. Fingindo dormir, a esposa o viu, pelas pálpebras entrecerradas, lavar das mãos algo branco que parecia cal.

Ao amanhecer, ele não fez qualquer alusão à noite anterior e ela estava com medo de fazer qualquer pergunta.

Desde esse dia, parecia pairar uma sombra sobre Geoffrey Brent. Ele não comia, não dormia como antes, e seu hábito de se virar para trás de repente, como se alguém estivesse falando às suas costas, reapareceu.

O antigo salão parecia exercer uma espécie de fascínio sobre ele. Costumava ir até lá muitas vezes ao dia, mas se impacientava se alguém, mesmo a esposa, entrasse enquanto ele estivesse lá.

Quando o mestre de obras chegou para saber sobre a continuidade das reformas, Geoffrey havia saído de carruagem. O sujeito, então, entrou no salão por conta própria. Quando Geoffrey retornou, o criado lhe contou sobre a visita. Com uma imprecação assustadora, ele empurrou o criado de lado e correu até o antigo salão. O trabalhador estava junto à porta. Quando Geoffrey entrou, topou com ele, que pediu desculpas:

— Perdão, senhor, mas eu estava mesmo de saída para fazer algumas perguntas. Enviei 12 sacos de cal para cá, mas aqui há apenas dez.

— Danem-se os dez ou 12 sacos — berrou Geoffrey, de maneira indelicada e incompreensível.

O operário ficou surpreso e tentou mudar de assunto.

— Entendo, senhor, deve ter havido algum pequeno equívoco da parte do nosso pessoal, mas evidentemente nos encarregaremos de todos os custos.

— O que você quer dizer?

— As pedras da lareira, senhor. Algum idiota deve ter posto ali um andaime e rachou a pedra ao meio. E olha que são pedras grossas o suficiente para suportar qualquer troço!

Geoffrey ficou calado por um minuto e depois disse com voz contida e modos muito mais gentis:

— Avise ao seu pessoal que não vou mais prosseguir com as obras no momento. Quero deixar assim por mais algum tempo.

— Está bem, senhor. Mandarei alguns dos nossos rapazes virem retirar os andaimes, os sacos de cal, e limpar um pouco o local.

— Não — disse Geoffrey. — Pode deixar tudo onde está. Mando chamar quando quiser que vocês retomem o trabalho.

O mestre de obras foi embora, mas não sem antes dizer as seguintes palavras:

— Vou mandar a conta, senhor, pelo trabalho já feito. Parece que o dinheiro está um pouco em falta por aquelas bandas.

Uma ou duas vezes, Delandre tentou abordar Brent na rua, até que, por fim, vendo que não atingiria seu objetivo, resolveu correr atrás de sua carruagem, gritando:

— O que aconteceu com minha irmã, com sua esposa?

Geoffrey chicoteou seus cavalos até o galope. O outro, vendo pelo semblante pálido dele e da esposa, a qual quase desmaiou, que seu objetivo fora atingido, foi embora entre gargalhadas e imprecações.

Naquela noite, quando Geoffrey entrou no salão, foi diretamente até a lareira e, de repente, recuou com um grito contido. Com esforço, recompôs-se e foi embora, voltando com um lampião. Ele se abaixou sobre a pedra rachada para ver se a luz do luar que entrava pela janela o havia confundido. Então, com um gemido angustiado, pôs-se de joelhos. Através da rachadura da pedra brotavam miríades de fios de cabelos dourados mesclados de cinza.

Ele se perturbou com um barulho na porta e, quando se virou para olhar, viu a esposa parada no umbral. Desesperado, agiu para impedir que ela descobrisse: acendeu um fósforo na chama do lampião, abaixou-se e queimou os cabelos que brotavam através da pedra da lareira rachada. Posteriormente, erguendo-se o mais despreocupado que podia, fingiu surpresa ao ver a esposa ao seu lado.

Na semana seguinte, ele viveu em plena agonia, pois, fosse por acidente ou intento, não conseguiu mais ficar sozinho no salão por muito tempo. Cada vez que ali entrava, o cabelo crescera de novo pela rachadura e ele precisava examiná-la atentamente para que seu segredo terrível não fosse descoberto. Tentou encontrar um lugar para enterrar o cadáver da mulher assassinada fora da casa, mas sempre alguém o interrompia. Uma vez, quando saía por sua porta particular, deparou-se com a esposa, que começou a lhe fazer perguntas sobre aquela saída secreta e demonstrou

surpresa por não haver reparado antes na chave que, relutantemente, ele lhe mostrou.

Geoffrey amava profunda e apaixonadamente a esposa, por isso qualquer possibilidade de ela descobrir seus pavorosos segredos, ou mesmo de desconfiar dele, o enchia de angústia. Passados alguns dias, ficou evidente para ele que a mulher desconfiava de algo.

Naquela mesma noite, ela entrou no salão ao voltar para casa, encontrou-o sentado, melancólico, junto à lareira vazia e lhe falou diretamente:

— Geoffrey, fui abordada hoje por aquele sr. Delandre, que me disse coisas terríveis. Ele me disse que, semana passada, a irmã dele voltou para casa, desfigurada e arruinada, apenas com os cabelos dourados de antes, e anunciou que faria alguma maldade. Ele me perguntou onde ela está... Oh, Geoffrey! Ela morreu, ela morreu. Como pode ter voltado? Estou apavorada e não sei mais o que fazer.

Em resposta, Geoffrey explodiu numa torrente de imprecações que a fez estremecer. Ele amaldiçoou Delandre, a irmã e toda a família deles. Berrou blasfêmias e mais blasfêmias sobretudo contra os cabelos dourados dela.

— Silêncio! Silêncio! — disse ela, calando-se. Morria de medo do marido quando via o lado mau de seu humor.

Geoffrey se ergueu em seu acesso de fúria e se afastou da lareira. De repente, parou ao ver uma nova expressão de terror nos olhos da esposa. Ele acompanhou aquele olhar e também estremeceu. Na pedra rachada havia uma área dourada da ponta dos cabelos que ali cresciam.

— Veja, veja! — gritou ela. — Deve ser um fantasma da falecida. Afaste-se daí!

Tomando o marido pelo pulso, com um frenesi enlouquecido, tirou-o da sala.

Naquela noite, ela teve febre alta. O médico do distrito foi imediatamente atendê-la e, com um telegrama a Londres, solicitou ajuda de especialistas. Geoffrey ficou desesperado e, angustiado diante do risco que a jovem esposa corria, quase esqueceu seu crime e suas consequências. Ao anoitecer, o médico precisou atender outros pacientes, mas deixou Geoffrey encarregado de cuidar da esposa. Suas últimas palavras foram:

— Lembre-se: você deve entretê-la até eu voltar pela manhã ou até a chegada de outro médico responsável pelo caso. A única coisa que o senhor

deve evitar é que ela sofra outro abalo emocional. Garanta que ela fique bem aquecida. Não há mais o que fazer além disso.

Mais tarde naquela noite, quando o resto da criadagem se recolhera, a esposa de Geoffrey se levantou da cama e chamou pelo marido.

— Venha! — disse ela. — Vamos até o antigo salão. Já sei de onde vem aquele ouro. Quero ver o ouro crescer.

Geoffrey preferiria tê-la impedido, mas temia pela vida da esposa e também que ela gritasse a plenos pulmões sua terrível suspeita. Vendo que era inútil tentar dissuadi-la, cobriu-a com uma manta quente e foi com ela até o antigo salão. Ao entrarem, ela se virou e trancou a porta.

— Esta noite não queremos desconhecidos. Ninguém além de nós três — sussurrou ela, com um sorriso abatido.

— Três? Não, estamos apenas nós dois — disse Geoffrey com tremor, calando-se, assustado.

— Sente-se aqui — disse a esposa, apagando a luz. — Sente-se aqui junto da lareira e observe o ouro crescer. O luar de prata está com ciúme. Veja! Ele se espalha pelo chão na direção do ouro, do nosso ouro.

Geoffrey sentia um terror se avolumar e viu que nas horas que se passaram os cabelos dourados haviam se projetado pela rachadura na pedra da lareira. Tentou escondê-los, pisando sobre o local rachado, e a esposa, puxando uma cadeira para perto dele, inclinou-se e pôs a cabeça no ombro do marido.

— Não se mexa, querido — disse. — Vamos ficar aqui parados, observando. Vamos acabar descobrindo o segredo do ouro que cresce.

Ele a abraçou e se sentou calado. Enquanto o luar se espalhava pelo chão, ela adormeceu.

Geoffrey teve medo de acordá-la e se manteve sentado, calado e angustiado, conforme as horas passavam.

Diante de seus olhos chocados de horror, os cabelos dourados da pedra rachada cresciam sem parar. Conforme cresciam, seu coração ia ficando cada vez mais frio, até que, por fim, ele não tinha mais forças para se mexer e ficou ali, sentado, com os olhos cheios de terror, assistindo ao próprio fim.

* * *

Pela manhã, quando o médico de Londres chegou, nem Geoffrey nem a esposa foram encontrados. Deram busca em todos os quartos, mas de nada adiantou. Como último recurso, a grande porta do antigo salão foi arrombada, e aqueles que entraram tiveram uma visão sinistra e lamentável.

Junto à lareira vazia, Geoffrey Brent e sua jovem esposa jaziam, frios, brancos e mortos. O rosto dela estava pacífico; seus olhos, fechados, como se dormisse. Mas a visão do rosto dele fez estremecer a todos, pois havia em seu semblante uma expressão de terror impronunciável. Os olhos estavam abertos e vítreos, virados para os pés, que estavam emaranhados por tranças de cabelos dourados, com reflexos grisalhos, que brotavam através da rachadura da pedra da lareira.

Nota

[1] Shakespeare, *Ricardo III*. (N. T.)

A profecia da cigana

— Realmente acho — disse o doutor — que, em todo caso, algum de nós deveria ir lá e experimentar para ver se é ou não uma impostura.

— Boa — disse Considine. — Depois do jantar, vamos pegar nossos charutos e caminhar até o acampamento.

Conforme o combinado, após o jantar e terminada *La Tour*, Joshua Considine e seu amigo, o dr. Burleigh, foram até o lado leste da charneca, onde ficava o acampamento cigano. Quando estavam indo embora, Mary Considine, que os acompanhara até o fim do jardim que se abria na rampa de entrada, chamou o marido:

— Não se esqueça, Joshua, de dar uma chance para eles, mas não dê nenhuma pista de que é rico, não fique flertando com as ciganinhas, e fique atento para que nada aconteça ao Gerald.

Em resposta, Joshua ergueu a mão, como se fizesse um juramento, e assobiou a ária de uma velha canção, “The Gipsy Countess”. Gerald se juntou a ele no refrão. Depois, desatando a rir, os dois rapazes seguiram contentes pela rampa da entrada até o pasto comum, virando-se de vez em quando para acenar para Mary, que se apoiara no portão, à luz do crepúsculo, olhando para eles.

Era uma adorável noite de verão; o ar estava tranquilo e reinava uma serena felicidade, como um exemplo claro da paz e da alegria que tornam um paraíso a vida dos jovens casais. A vida de Joshua não fora cheia de acontecimentos. O único elemento perturbador que ele conhecera foi sua corte a Mary Winston e a longa objeção dos sogros ambiciosos, que esperavam um casamento brilhante para a única filha. Quando o sr. e a sra. Winston descobriram o namoro com o jovem advogado, tentaram manter os dois separados, enviando a filha para uma longa sequência de visitas e fazendo-a prometer que não se corresponderia com o rapaz durante sua ausência.

O amor, contudo, sobreviveu a essa prova. Nem a ausência nem o abandono pareciam esfriar a paixão do moço, e o ciúme parecia uma coisa que sua natureza sanguínea desconhecia. Após longa espera, os pais cederam e os dois jovens se casaram.

Moravam no chalé havia poucos meses e estavam apenas começando a se sentir em casa. Gerald Burleigh, velho amigo de Joshua desde a faculdade e por algum tempo vítima da beleza de Mary, chegara uma semana antes para ficar hospedado com eles pelo tempo que conseguisse ficar longe do trabalho em Londres.

Quando o marido sumiu de vista, Mary entrou em casa, sentou-se ao piano e concedeu uma hora a Mendelssohn.

Era somente uma caminhada curta pelo pasto e, antes que precisassem acender outros charutos, já haviam chegado ao acampamento cigano. O lugar era pitoresco, como todo acampamento cigano — quando são em vilarejos e os negócios vão bem — costuma ser. Havia poucas pessoas em volta de uma fogueira, investindo seu dinheiro em profecias, e um grande número de outras, mais pobres ou parcimoniosas, que ficavam do lado de fora da roda, mas próximas o suficiente para ver tudo o que acontecia.

Quando os dois cavalheiros se aproximaram, os moradores da região, que conheciam Joshua, abriram caminho, e uma linda ciganinha de olhos penetrantes apareceu pedindo para ler a sorte deles. Joshua estendeu a mão, mas a menina, sem olhá-la, mirou fixamente os olhos dele de modo bastante extravagante. Gerald o cutucou:

— Primeiro você cruza a mão dela com prata — disse. — É uma das partes mais importantes do mistério.

Joshua tirou do bolso meia-coroa e estendeu-a para ela, que, sem olhar para a moeda, respondeu:

— Você tem que cruzar a mão da cigana com ouro.

Gerald deu risada.

— Você é o cliente perfeito — disse ele.

Joshua era aquele tipo de homem, o tipo universal, capaz de tolerar ser encarado por uma bela garota. Sem muita pressa, ele respondeu:

— Está certo. Aqui está, minha linda menina. Mas agora você precisa me dar em troca uma boa sorte.

Passou para ela meio-soberano, que ela aceitou, dizendo:

— Não me cabe dar a sorte boa ou ruim, e sim ler o que dizem os astros.

Ela tomou a mão direita dele e virou a palma para cima. No instante em que olhou, porém, soltou-lhe a mão como se fosse um ferro em brasa e, com olhar assustado, rapidamente fugiu. Erguendo a cortina de uma grande tenda, que ocupava o centro do acampamento, ela sumiu lá dentro.

— Caiu de novo — disse o cínico Gerald.

Joshua ficou um pouco perplexo e não exatamente satisfeito. Ficaram ambos observando a tenda enorme. Momentos depois, saía pela abertura não a ciganinha, mas uma distinta senhora de meia-idade e porte altivo.

No instante em que ela surgiu, todo o acampamento pareceu ficar imóvel. O clamor das línguas, as risadas e o barulho do trabalho, por um ou dois segundos, ficaram suspensos, e os homens e mulheres que estavam ali sentados, agachados ou deitados se levantaram e olharam para a cigana de aparência imperial.

— É a rainha, claro — murmurou Gerald. — Estamos com sorte esta noite.

A rainha cigana perscrutou o acampamento com os olhos e, sem hesitar por um instante sequer, foi diretamente até Joshua e parou.

— Estenda a mão — disse ela, como uma ordem.

Novamente Gerald comentou, à meia-voz:

— Não falam assim comigo desde os tempos da escola.

— Essa mão deve ser cruzada com ouro.

— Cem por cento de chance — sussurrou Gerald, enquanto Joshua punha outro meio-soberano na palma estendida do amigo.

A cigana olhou para a mão dele com o cenho franzido. De repente, olhando nos olhos dele, disse:

— Você tem força de vontade, tem um coração sincero capaz de ser corajoso por alguém que ama.

— Espero que sim, mas receio não ter vaidade o suficiente para dizer simplesmente que sim.

— Então vou responder por você, pois leio resolução no seu rosto, resolução desesperada e determinada, se necessário. Você ama sua esposa?

— Sim — respondeu, enfaticamente.

— Então, abandone-a imediatamente. Nunca mais a veja. Abandone-a já, enquanto o amor ainda está fresco e seu coração está livre de más intenções. Vá depressa, para longe, e nunca mais volte a ver o rosto dela.

Joshua retirou a mão rapidamente, disse “obrigado”, com firmeza, mas sarcasticamente, e se virou para ir embora.

— Oh, não! — disse Gerald. — Você não vai sair assim, meu velho. Não adianta se indignar com os astros ou com seu profeta, menos ainda com seu soberano. Pelo menos ouça a história até o fim.

— Cale-se, blasfemo! — ordenou a rainha. — Você não sabe o que está fazendo. Deixe-o ir embora e que continue ignorante, se não quer ser alertado.

Joshua imediatamente se virou.

— Em todo caso, vamos ver onde isso vai dar — disse ele. — Madame, a senhora me deu conselhos, mas paguei para saber meu destino.

— Esteja avisado — disse a cigana. — Os astros estão em silêncio agora; deixe que o mistério os envolva.

— Minha cara senhora, não é todo dia que entro em contato com um mistério, e prefiro pagar para saber a pagar para ignorar. Essa última opção consigo de graça a qualquer hora que eu quiser.

Gerald ecoou esse sentimento.

— Já tenho todo um estoque encalhado à minha disposição.

A rainha cigana olhou seriamente para os dois e disse:

— Como quiser. Foi você quem quis assim. Pagaram avisos com escárnio e apelos com leviandade. Que a desgraça caia sobre suas cabeças!

— Amém! — disse Gerald.

Com um gesto imperioso, a rainha tomou novamente a mão de Joshua e começou a ler sua sorte.

— Vejo aqui sangue escorrendo. Escorrerá sangue em breve. Na minha visão, o sangue corre, escorre pelo círculo partido de um anel despedaçado.

— Continue — disse Joshua, sorrindo. Gerald ficou quieto.

— Quer que eu fale de modo mais simples?

— Certamente. Nós, meros mortais, gostamos das coisas mais definidas. Os astros ficam muito longe daqui e as palavras deles chegam um pouco confusas.

A cigana estremeceu e falou enfaticamente:

— Esta é a mão de um assassino, do assassino da própria esposa.

Ela largou a mão dele e lhe deu as costas.

Joshua deu risada.

— Sabe de uma coisa? — disse ele. — Acho que a senhora poderia profetizar um pouco de jurisprudência para mim. Por exemplo, quando diz que “esta mão é a mão de um assassino”. Bem, não importa o que ela virá a ser no futuro: no presente ela não é. A senhora poderia fazer sua profecia nos seguintes termos: “a mão que será de um assassino”, ou, ainda, “a mão de alguém que será o assassino da própria esposa”. Os astros realmente não são muito bons nessas questões mais técnicas.

A cigana não disse mais nada. Cabisbaixa e indisposta, caminhou lentamente até a tenda e, erguendo a cortina, desapareceu.

Sem dizer nada, os dois amigos tomaram o rumo de casa através da charneca.

De repente, não sem hesitar, Gerald falou:

— É claro, meu velho, isso é tudo uma piada, uma piada sinistra, mas ainda assim uma piada. Mas não seria melhor esquecer essa história?

— Como assim?

— Bem, não conte para sua esposa. Pode preocupá-la.

— Preocupá-la? Meu caro Gerald, onde você está com a cabeça? Ela não teria por que se preocupar ou temer a mim, nem que todas as ciganas que nunca passaram pela Boêmia concordassem que eu haveria de assassiná-la, ou mesmo que eu em pensamento haveria de lhe desejar algum mal.

Gerald insistiu.

— Meu velho, as mulheres são supersticiosas, muito mais do que nós. Além disso, são abençoadas, ou amaldiçoadas, com um sistema nervoso totalmente desconhecido para nós. Vejo isso acontecer com demasiada frequência no meu trabalho para deixar de observar. Escute meu conselho e não conte para ela, ou a deixará apavorada.

Os lábios de Joshua inconscientemente se enrijeceram ao responder:

— Meu caro colega, não guardarei nenhum segredo de minha esposa. Seria o começo de uma nova ordem de coisas entre nós. Não temos segredos um com o outro. Se um dia tivermos, você poderá começar a procurar algo de estranho entre nós.

— Ainda assim — disse Gerald —, correndo o risco de cometer uma interferência indesejada, volto a repetir, esteja avisado, enquanto é tempo.

— As mesmas palavras da cigana — disse Joshua. — Você e ela parecem estar em sintonia. Diga-me, meu velho, isso tudo é armação sua? Você, que me falou do acampamento cigano, combinou tudo isso com sua majestade?

Tais palavras foram ditas em tom zombeteiro. Gerald lhe garantiu que só ficara sabendo do acampamento naquele mesmo dia, mas Joshua debochou de todas as respostas do amigo. Com essa humorada provocação, o tempo passou e eles entraram no chalé.

Mary estava sentada ao piano, mas não o tocava. A penumbra do crepúsculo despertara sentimentos ternos em seu peito e seus olhos estavam cheios de lágrimas delicadas. Quando os homens chegaram, ela se atirou nos braços do marido e o beijou. Joshua assumiu uma atitude trágica.

— Mary — disse ele com voz grave —, antes de me abraçar, escute as palavras do destino. Os astros falaram e selaram nossa desgraça.

— Qual é nosso destino, querido? Diga-me, mas não me assuste.

— De maneira nenhuma, minha querida. Mas há uma verdade que é bom você saber. É necessário que você tome todas as providências e que tudo seja feito de maneira decente e ordeira.

— Continue, querido. Estou ouvindo.

— Mary Considine, pode ser que sua imagem vá para o museu de cera de madame Tussaud. Os astros, imprudentemente, anunciaram por seus eflúvios agourentos que esta mão ficará vermelha de sangue. Do seu sangue. Mary! Mary! Meu Deus!

Ele avançou para ela, mas já era tarde demais para segurá-la: ela caiu no chão, desmaiada.

— Eu avisei — disse Gerald. — Você não as conhece tão bem quanto eu.

Algum tempo depois, Mary se recuperou do desmaio, mas logo mergulhou numa intensa histeria, na qual deu risada, chorou, esbravejou e gritou:

— Fique longe de mim! Joshua, você é meu marido.

Proferiu também muitas outras palavras de súplica e medo.

O estado de espírito de Joshua beirava a agonia. Quando enfim Mary se acalmou, ele se ajoelhou ao lado dela, beijou-lhe os pés, mãos e cabelos, chamou-a de todos os nomes carinhosos e disse todas as ternuras que seus lábios puderam formular. Aquela noite inteira ele ficou sentado ao seu lado na cama, segurando-lhe a mão. Até o amanhecer, ela de tanto em tanto acordava e gritava de pavor, até ser consolada pela consciência de que o marido estava acordado a seu lado, olhando para ela.

O desjejum foi tarde na manhã seguinte. Enquanto comiam, Joshua recebeu um telegrama que o obrigaria a viajar mais de trinta quilômetros até Withering. Ele não queria ir, porém Mary não quis deixá-lo ficar, e antes do meio-dia ele seguiu sozinho em sua carruagem.

Quando ele saiu, Mary se recolheu ao quarto e não apareceu para almoçar. Só se juntou ao hóspede quando o chá da tarde foi servido no jardim, embaixo do grande salgueiro. Parecia bem recuperada do mal-estar da noite anterior. Depois de fazer algumas observações casuais, disse a Gerald:

— É claro que foi uma grande tolice o que fiz ontem à noite, mas não pude evitar de me sentir apavorada. Na verdade, eu ainda estaria apavorada se me deixasse ficar pensando nisso. Mas, no fim, essas pessoas só fazem

ficar imaginando coisas, e tenho um teste que dificilmente falha para mostrar que a profecia é falsa. Se for mesmo falsa — acrescentou, tristonha.

— Qual é seu plano? — perguntou Gerald.

— Vou eu mesma ao acampamento cigano e pedirei à rainha que leia a minha mão.

— Perfeito. Posso ir com você?

— Acho melhor não. Isso estragaria tudo. Ela pode reconhecê-lo, deduzir quem sou e adequar sua profecia. Vou sozinha hoje à tarde.

Ao fim da tarde, Mary foi andando até o acampamento cigano. Gerald a acompanhou até o pasto e depois voltou sozinho.

Mal havia se passado meia hora quando Mary regressou, entrando na sala onde o hóspede lia no sofá. Ela estava com uma palidez mortiça e em estado de extrema excitação. Assim que entrou na sala, desfaleceu e caiu gemendo no tapete. Gerald foi em seu socorro. Com grande esforço, ela se controlou e fez sinal para que ficasse calado. Ele aguardou, e sua solícita atenção ao desejo da mulher pareceu ser a melhor coisa para ajudá-la. Em alguns minutos, ela havia se recuperado um pouco e conseguiu contar o que havia acontecido.

— Quando cheguei ao acampamento — disse —, parecia não haver vivalma por lá. Fui até o centro e aguardei. De repente, uma mulher alta apareceu ao meu lado. “Alguma coisa me disse que estavam precisando de mim”, disse ela. Estendi a mão e pus uma moeda de prata. Ela tirou do pescoço um pequeno pingente dourado e pôs ao lado da moeda. Em seguida, pegando os dois, jogou-os no córrego que passava ao lado, tomou minha mão, falou “Só vejo sangue nesse lugar de culpa” e me deu as costas. Segurei-a e pedi que me contasse mais. Após alguma hesitação, ela disse: “Ai, ai, ai! Vejo você deitada aos pés do seu marido, que tem as mãos vermelhas de sangue.”

Gerald não se sentiu nada à vontade com aquilo e tentou fazer graça.

— Estou vendo que essa mulher tem mania de assassinato.

— Pare de rir — retorquiu Mary. — Não posso suportar mais.

Então, como que por um impulso repentino, ela se retirou.

Não muito mais tarde, Joshua voltou para casa, entusiasmado e alegre, com a fome de um caçador depois de uma longa viagem. A presença dele animou a esposa, que pareceu se alegrar e não mencionou o episódio da visita ao acampamento cigano. Como se tivessem um acordo tácito, o assunto não foi mais abordado naquela noite. Havia, porém, uma expressão

estranha, forçada, no semblante de Mary, que Gerald não pôde deixar de notar.

Pela manhã, Joshua desceu para o desjejum mais tarde do que de costume. Mary já estava acordada no andar de cima desde cedo. Conforme o tempo passava, ela parecia ficar um pouco mais tensa, às vezes olhando angustiada para os lados.

Gerald não pôde deixar de notar também que ninguém à mesa estava comendo. Mas não porque a comida estivesse dura, e sim porque as facas estavam todas cegas. Como era hóspede, entretanto, não disse nada. Viu Joshua passar o polegar na lâmina de sua faca de maneira despreocupada. Diante desse gesto, Mary empalideceu e quase desmaiou.

Após o desjejum, foram todos para o jardim. Mary estava fazendo um buquê e disse ao marido:

— Traga-me rosas-chás, querido.

Joshua escolheu algumas do canteiro da frente da casa. O caule se dobrou, mas era duro demais para se partir. Ele tateou o bolso em busca do canivete. Em vão.

— Empreste-me seu canivete, Gerald — disse ele.

Gerald, todavia, não estava com o seu. Diante disso, Joshua foi até a mesa do desjejum, pegou uma faca, voltou ao jardim passando o dedo na lâmina e esbravejou:

— O que diabos terá acontecido com todas as facas? Os fios estão todos cegos!

Mary se virou às pressas e entrou em casa.

Joshua tentou cortar o talo com a faca cega como as cozinheiras cortam pescoços de aves e como garotos cortam barbante. Com um pouco mais de força, logo terminou a tarefa. A roseira estava carregada, por isso ele decidiu cortar uma braçada grande.

Não conseguiu encontrar nenhuma faca afiada na gaveta de talheres e chamou por Mary. Quando ela apareceu, Joshua comentou a situação. Ela parecia tão agitada e infeliz que o marido percebeu do que se tratava e, espantado e magoado, perguntou à esposa:

— Quer dizer que *você* cegou as facas?

— Oh, Joshua! Fiquei com tanto medo! — respondeu ela.

Ele fez uma pausa, e uma expressão lívida se formou em seu semblante.

— Mary! — proferiu. — Essa é a confiança que você tem em mim? Eu não teria acreditado.

— Oh, Joshua! Joshua! — exclamou ela, suplicante. — Perdão — insistiu, chorando amargamente.

Joshua pensou por um momento e então disse:

— Entendo. É melhor acabarmos de uma vez por todas com isso, do contrário vamos enlouquecer.

Ao falar isso, correu para a sala.

— Aonde você vai? — quase gritou Mary.

Gerald entendeu que seu anfitrião não se limitaria a usar facas cegas por conta de uma superstição, e não foi com surpresa que viu o amigo passar pela porta de vidro trazendo na mão uma grande faca *Kukri* que costumava ficar na mesa de centro e que o irmão trouxera do norte da Índia. Era uma daquelas grandes facas de caça que causaram estrago, no combate corpo a corpo, aos inimigos dos leais guerreiros *ghourkas* durante o motim. Eram muito pesadas, mas ficavam bem equilibradas na mão a ponto de parecerem leves, além de afiadas como navalha. Com uma faca dessas, um *ghourka* cortava uma ovelha ao meio.

Quando Mary viu o marido sair da sala com a faca na mão, gritou agoniada de medo, recomeçando a histeria da noite anterior.

Joshua correu para acudi-la. Vendo que ela estava prestes a cair, soltou a faca e tentou segurar a esposa. No entanto, chegou um segundo atrasado, e os dois homens gritaram simultaneamente horrorizados ao verem que ela ia cair sobre a lâmina da faca.

Quando Gerald chegou até ela, notou que, na queda, a mão esquerda batera na lâmina, que ficara estendida de lado na grama. Algumas veias pequenas haviam sido cortadas e o sangue jorrava sem parar da ferida. Enquanto tentava fechar o corte, comentou com Joshua que a aliança de casamento fora serrada pelo aço da faca.

Eles a levaram quase desmaiada para dentro de casa. Quando, após algum tempo, ela saiu da sala com o braço numa tipoia, parecia em paz consigo mesma e feliz. Disse ao marido:

— A cigana estava incrivelmente perto da verdade, perto demais para aquilo realmente acontecer de novo, meu querido.

Joshua se inclinou e beijou-lhe a mão machucada.

A vinda de Abel Behenna

O pequeno porto córnico de Pencastle estava iluminado no início de abril, quando o sol parecia ter vindo para ficar, depois de longo e tenebroso inverno. Ousado e negro, o rochedo se destacava contra o fundo azul sombreado, no local em que o céu que sumia na neblina encontrava o remoto horizonte. O mar era de um matiz genuinamente córnico: safira, exceto no ponto em que se tornava de um verde-esmeralda escuro, nas profundezas insondáveis sob os penhascos, onde cavernas marinhas abriam suas bocarras sombrias. Nos aclives, a relva era seca e marrom. Os espinhos do tojo eram cinza, mas o amarelo dourado de suas flores ondulava na encosta, falhando na área em que a pedra se recortava, reduzindo-se a tufos e pontos até finalmente morrerem onde o vento marinho varria os penhascos avançados e extinguia a vegetação, como eternas tesouras aéreas que jamais perdiam o fio. Toda a encosta, com suas massas de marrom e lampejos de amarelo, parecia um colossal martelo dourado.

O pequeno porto fora aberto pelo mar entre penhascos altíssimos. Atrás, havia um rochedo solitário, perfurado por muitas cavernas e respiradouros pelos quais o mar tempestuoso enviava sua voz tonitruante, como uma fonte de espuma que se espraiava. Dali, serpenteava em direção oeste, protegido na entrada por dois embarcadouros curvos à esquerda e à direita, rústicas construções de placas escuras justapostas e presas com grandes vigas amarradas com ferro. Assim, o porto acompanhava o leito rochoso que as torrentes de inverno, havia muito tempo, abriram entre as encostas. Esse leito a princípio era fundo; somente no trecho mais largo tinha, aqui e ali, algumas pedras expostas na maré baixa, repletas de tocas nas quais caranguejos e lagostas podiam ser capturados na vazante. Por entre as pedras, erguiam-se as pilastras usadas para ancorar os bergantins de cabotagem que frequentavam o porto.

Mais adiante, o leito era ainda profundo — porquanto a maré avançava longe terra adentro —, mas sempre calmo, uma vez que a força furiosa das tempestades já estourara. Cerca de meio quilômetro para dentro da cidade, o canal era fundo na maré alta, porém, durante a maré baixa, surgiam ilhas da mesma rocha solta do trecho anterior, em cujas brenhas a água doce do rio rumorejava e murmurava depois da vazante. Ali também se erguiam pilastras para ancorar os barcos dos pescadores. Dos dois lados do rio, havia uma fileira de chalés quase até o nível da maré alta. Eram belos chalés, sólidos e aconchegantes, com jardins bem cuidados na frente, cheios de plantas antiquadas, groselhas floridas, prímulas coloridas, goivos,

vermiculárias. Na frente de muitos deles, trepavam clêmatis e glicínias. As laterais das janelas e os umbrais das portas eram todos brancos como a neve, e os pequenos caminhos a cada uma delas eram pavimentados com pedras coloridas. Diante de algumas portas, havia minúsculos alpendres, enquanto em outras havia bancos rústicos feitos de troncos de árvores ou de velhos barris. Em praticamente todas havia jardineiras nas janelas, com caixas e vasos de flores e folhagens.

Dois homens viviam em chalés exatamente opostos nas duas margens do rio. Dois homens, ambos jovens, belos, prósperos, e que haviam sido companheiros e rivais desde meninos. Abel Behenna era moreno, com a pele escura dos ciganos que os mineradores nômades fenícios haviam deixado em seu rastro; Eric Sanson — que o historiador da aldeia dizia ser uma corruptela de Sagamanson — era loiro, com a pele avermelhada que marcava a passagem dos bárbaros nórdicos. Os dois pareciam ter se escolhido desde o início para trabalharem e lutarem juntos, combater um ao outro e tomar rumos contrários em tudo. Agora haviam colocado a última pedra em seu Templo da União ao se apaixonarem pela mesma garota.

Sarah Trefusis era certamente a garota mais bonita de Pencastle. Muitos rapazes teriam de bom grado tentado a sorte com ela, se não tivessem de lidar com aqueles dois concorrentes, os mais fortes e decididos rapazes do porto. Quase todos os rapazes da cidade achavam o páreo difícil demais, por isso não tinham nenhuma boa vontade com os protagonistas. Da mesma forma, quase todas as garotas — que precisavam, para que não lhes ocorresse coisa pior, suportar as queixas de seus namorados e a sensação de serem apenas a segunda opção — não viam Sarah com bons olhos.

Foi assim que, ao longo de um ano ou mais, tendo em vista que a corte na província é um processo lento, os dois rapazes e a garota passaram a conviver bastante.

Estavam todos satisfeitos, e Sarah, que era vaidosa e um tanto frívola, tratou de se vingar discretamente dos demais rapazes e das garotas.

Quando uma moça sai para passear ao lado de um companheiro insatisfeito, não é nada agradável para ela vê-lo lançar olhares meigos a uma garota mais bonita rodeada por dois devotados pretendentes.

Enfim chegou o dia que Sarah temia e que tentara adiar ao máximo: ela precisaria escolher entre os dois rapazes. Gostava de ambos, e, a bem da verdade, qualquer um deles satisfaria o ideal até da moça mais exigente.

Mas seu espírito era constituído de tal modo que ela pensava mais no que poderia perder do que no que poderia ganhar. Sempre que pensava ter se decidido, era assaltada por dúvidas quanto à sua escolha. De uma hora para outra, em sua cabeça, o homem que ela descartaria se tornava dotado de características superiores às do concorrente.

Ela havia prometido dar a resposta no dia de seu aniversário, 11 de abril. O dia chegara. As promessas haviam sido feitas de maneira individual e confidencial, mas ambos eram o tipo de homem que pareciam não se esquecer dessas coisas. De manhã cedo, a moça os encontrou pairando em torno de sua porta. Um não confessara nada ao outro; somente buscavam a primeira oportunidade de obter a resposta e pedir logo sua mão, se fosse o caso. Dâmon, em geral, não levava Pítias consigo ao fazer um pedido de casamento. No coração de todo homem, seus próprios assuntos têm prioridade sobre as exigências da amizade.

Assim, ao longo do dia, eles continuaram se entreolhando do lado de fora. A posição era indiscutivelmente constrangedora para Sarah. Ainda que ela gostasse da ideia de ser adorada pelos dois homens mais bonitos da região, havia momentos em que se incomodava com a insistência deles. Seu único consolo nesses momentos era ver, nos sorrisos forçados das outras garotas, a inveja que lhes causava.

A mãe de Sarah era uma pessoa de ideias convencionais e sórdidas. Ao perceber aquela situação, sugeriu à filha que se aproveitasse ao máximo dos dois rapazes. Com tal propósito em vista, astuciosamente, ela se manteve afastada, nos bastidores, nessa questão dos pretendentes da filha, e observou em silêncio. A princípio, Sarah ficara indignada com a sugestão da mãe. Mas, como de costume, sua natureza fraca cedeu diante da persistência. Não ficou surpresa quando a mãe lhe sussurrou no pequeno quintal atrás da casa:

— Vá até a colina, quero conversar com esses dois. Eles estão derretidos por você e agora é hora de acertar as contas.

Sarah fez menção de protestar, mas a mãe logo a interrompeu.

— Estou lhe dizendo, menina: já decidi. Esses dois querem você e só um deles poderá tê-la. Mas, antes de você se decidir, vou dar um jeito de você ficar com tudo que os dois têm! Não discuta comigo, menina. Vá até a colina. Quando voltar, já estará tudo resolvido. Já sei o que fazer.

Sarah, obediente, subiu até a colina através das trilhas estreitas do tojo dourado, ao passo que a sra. Trefusis se juntou aos dois rapazes na sala de

sua casinha.

Ela partiu para o ataque com a coragem desesperada que toda mãe tem quando pensa nos filhos, por mais cruéis que seus pensamentos pudessem ser.

— Quer dizer que vocês estão apaixonados pela minha Sarah?

O silêncio constrangido dos dois confirmou a proposição desabusada. Ela prosseguiu.

— Nenhum dos dois tem muito para oferecer. — Mais uma vez, tacitamente, ambos aquiesceram diante do brando impedimento. — Não sei se um de vocês seria capaz de sustentar uma esposa.

A despeito de não dizerem nada, suas expressões e olhares sugeriam uma clara discordância. A sra. Trefusis continuou:

— Se, porém, os dois juntarem tudo o que têm, seria possível formar um lar confortável para um de vocês e ela.

A sra. Trefusis olhava atentamente para os dois, com olhos astutos atrás de pálpebras entrecerradas, enquanto falava. Satisfeita por ter constatado que sua ideia fora aceita, ela prosseguiu rapidamente, como se tentasse evitar ser contestada:

— Ela gosta dos dois, é difícil escolher. Por que vocês não tiram a sorte na moeda? Primeiro juntem o dinheiro que tiverem, pois sei que têm um pouco guardado. Quem ganhar fica com tudo e vai ao estrangeiro tentar obter lucro. Quando voltar, casa-se com minha filha. Imagino que nenhum de vocês esteja com medo e que nenhum dos dois vai dizer que não faria isso pela garota que dizem que amam!

— Não parece certo disputá-la na moeda — rebateu Abel, que foi o primeiro a falar.

— Ela não gostaria disso, e não parece respeitoso com ela — interrompeu Eric. Ele sabia que não tinha grandes chances contra Abel caso Sarah fosse escolher entre eles:

— Está com medo do prejuízo?

— Eu, não — tornou a dizer Abel.

A sra. Trefusis, vendo que sua ideia começava a funcionar, aproveitou a vantagem.

— Estamos combinados que vocês vão juntar o dinheiro que tiverem para construir um lar para ela, mesmo que a disputem na moeda ou deixem que ela escolha?

— Sim — disse Eric, ao que Abel concordou com o mesmo vigor.

Os olhinhos astutos da sra. Trefusis chegaram a brilhar. Ao ouvir os passos de Sarah no quintal, ela disse:

— Bem, aí vem ela. Vou deixar que decida.

E, com tais palavras, saiu da sala.

Durante a breve caminhada na colina, Sarah tentara tomar uma decisão. Começava a ficar com raiva dos dois por lhe causarem tanta dificuldade. Ao entrar na sala, foi logo dizendo:

— Quero falar com vocês. Vamos até Flagstaff Rock, onde podemos ficar sozinhos.

Sarah pegou o chapéu e saiu de casa, subindo pela trilha sinuosa até a pedra íngreme coroada com um alto mastro que lhe dava o nome e onde tempos antes costumavam acender as lareiras dos navios naufragados. Era esse o rochedo que formava o maxilar norte do pequeno porto. Só havia espaço para duas pessoas por vez ao longo da trilha e, numa espécie de acordo implícito, Sarah foi na frente e deixou que os dois homens seguissem atrás, caminhando lado a lado, no mesmo ritmo. A essa altura, o coração dos dois borbulhava de ciúme. Ao chegarem ao topo da pedra, Sarah se apoiou no mastro e os dois ficaram parados, encarando-a. Ela escolheu aquela posição intencionalmente, sabendo não haver espaço para ninguém ao seu lado. Os três ficaram em silêncio por algum tempo, até que a mulher começou a rir e falou:

— Prometo que darei a resposta ainda hoje. Andei pensando, pensando e pensando, até que comecei a ficar com raiva de vocês por me aborrecerem dessa forma. Ainda não estou preparada para decidir.

Subitamente, Eric disse:

— Vamos disputar na moeda, mocinha.

Sarah não se mostrou nem um pouco indignada com a proposta; a eterna sugestão da mãe a havia preparado para aceitar algo do gênero, e sua natureza fraca tornava fácil para ela adotar qualquer solução para escapar de uma dificuldade. Ela ficou cabisbaixa, distraída, segurando a manga do vestido, aparentando aceitar de maneira tácita a proposta. Os dois, instintivamente compreendendo isso, logo sacaram cada um uma moeda do bolso, atiraram-na para cima, e puseram a outra mão sobre a palma onde a moeda havia caído. Por alguns segundos, eles permaneceram assim, todos em silêncio; então Abel, que era o mais ponderado dos dois, falou:

— Sarah! Você acha isso certo?

Enquanto falava, ele tirou a mão de cima da moeda e a guardou de volta no bolso. Sarah se irritou.

— Certo ou errado, tanto faz para mim. Aceite ou recuse, como quiser — disse ela, ao que ele respondeu rapidamente:

— Nada disso, mocinha. Nada que diz respeito a você será indiferente para mim. Só pensei em você, para que não sofra ou se decepcione daqui em diante. Se gosta mais de Eric do que de mim, por Deus, diga agora, e creio ser homem suficiente para me afastar de você. Da mesma forma, se eu for o favorito, não nos deixe viver infelizes pelo resto da vida.

Confrontada com a dificuldade, a natureza fraca de Sarah se manifestou. Ela cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar, dizendo:

— É minha mãe, ela sempre me diz isso.

O silêncio que se seguiu foi interrompido por Eric, que, enfaticamente, disse a Abel:

— Deixe-a em paz, está bem? Se ela preferiu assim, deixe-a. Para mim, está bom. E para você, também. Foi o que ela disse, e deverá cumprir sua palavra.

Ao ouvir tais palavras, Sarah se virou para ele com súbita fúria e gritou:

— Dobre essa língua! Que importância isso tem para você afinal? — disse, e continuou a chorar.

Eric ficou tão perplexo que não soube o que dizer. Ficou parado, com expressão abobalhada, boquiaberto, com as mãos postas e a moeda ainda entre elas. Ficaram todos calados, até que Sarah, tirando as mãos do rosto, gargalhou histericamente e disse:

— Como vocês não se decidem, vou para casa.

Virou-se para ir embora.

— Espere — disse Abel, com voz autoritária. — Eric, você joga a moeda e eu escolho primeiro. Agora, antes de jogarmos, vejamos se está claro: quem ganhar fica com todo o dinheiro de nós dois, investe em mercadorias em Bristol, embarca e tenta vendê-las no estrangeiro. Depois disso, voltará e se casará com Sarah, e os dois ficarão com tudo, seja quanto for o montante. Estamos entendidos?

— Sim — disse Eric.

— Vou me casar no meu próximo aniversário — disse Sarah.

Ao dizer isso, ela se deu conta do intolerável espírito mercenário de sua própria atitude e, num impulso, virou-se de costas, envergonhada. Os

olhos dos rapazes pareciam soltar faíscas. Eric disse:

— Que seja, então, no ano que vem! O homem que vencer terá um ano para preparar tudo.

— Jogue logo a moeda — exclamou Abel, e a moeda virou no ar. Eric a agarrou e novamente a espalmou entre as mãos estendidas.

— Cara — escolheu Abel, com a palidez no semblante ao falar.

Quando se inclinou para ver o resultado, Sarah fez o mesmo, e as cabeças dos dois quase se tocaram. Ele sentiu o cabelo dela roçar-lhe o rosto e aquilo o acendeu feito fogo. Eric tirou a mão: a moeda estava com a cara para cima. Abel deu um passo à frente e tomou Sarah nos braços. Com um xingamento, Eric atirou a moeda no mar, apoiou-se no mastro e franziu o cenho para os dois, enfiando as mãos nos bolsos. Abel sussurrou palavras de amor e de prazer nos ouvidos de Sarah. Enquanto o ouvia, ela começou a acreditar que a sorte interpretara corretamente os desejos secretos de seu coração e que gostava mais de Abel.

Nesse momento, Abel ergueu os olhos e avistou o rosto de Eric quando o último raio do sol poente o iluminava. A luz rubra intensificava o tom naturalmente avermelhado de sua pele e ele pareceu por um instante estar coberto de sangue. Abel não se importou com o cenho franzido do rival, pois, agora que seu coração estava em paz, era capaz de sentir genuína compaixão pelo amigo. Aproximou-se dele com intenção de consolá-lo, estendeu-lhe a mão e disse:

— A sorte foi minha, meu velho. Não guarde rancor. Tentarei fazer de Sarah uma mulher feliz e você há de ser como um irmão para nós dois.

— Para o inferno com essa história de irmão! — respondeu Eric, dando as costas.

Quando já havia descido alguns passos da trilha rochosa, virou-se e voltou. Parando diante de Abel e de Sarah, que estavam abraçados, disse:

— Você tem um ano. Aproveite ao máximo e se certifique de voltar a tempo para se casar. Regresse a tempo do 11 de abril, ou pode ter certeza de que o trato estará encerrado e de que terá chegado tarde demais.

— O que quer dizer com isso, Eric? Você ficou maluco!

— Não mais do que você, Abel Behenna. Agora vá, foi sua sorte! E eu ficarei, pois essa foi a minha. Não pretendo ficar parado deixando o mato crescer embaixo dos meus pés. Sarah gostava tanto de você quanto de mim há cinco minutos e pode voltar a sentir o mesmo cinco minutos depois de

você partir. Você está apenas um ponto na minha frente, portanto o jogo pode virar.

— O jogo não vai virar — disse Abel em seguida. — Sarah, você será fiel? Não se casará com ele enquanto eu não voltar, não é?

— Durante um ano — acrescentou Eric. — Esse foi o trato.

— Prometo lhe ser fiel por um ano — disse Sarah.

Uma expressão sombria se formou no semblante de Abel, que estava prestes a dizer algo, mas se controlou e sorriu.

— Não quero ser cruel ou me irritar esta noite. Ora, vamos, Eric. Jogamos e disputamos. Ganhei com justiça. Sempre joguei limpo durante todo esse tempo de cortejos. Você sabe disso tão bem quanto eu. Agora que vou embora, quero contar com meu velho e bom camarada para me ajudar enquanto eu estiver fora.

— Não vou ajudá-lo em nada — disse Eric. — Deus me ajude.

— Foi Deus quem me ajudou — respondeu Abel.

— Então deixe que Ele continue a ajudá-lo — rebateu Eric, irritado. — O Diabo já está bom o suficiente para mim.

E, sem dizer mais nada, desceu correndo a trilha íngreme e desapareceu atrás das rochas.

Depois que ele foi embora, Abel esperava passar alguns momentos de ternura com Sarah, mas o primeiro comentário dela o esfriou.

— Tudo parece tão solitário sem o Eric!

Essa nota soaria até que ele a deixasse em casa. E mesmo depois.

Bem cedo na manhã seguinte, Abel ouviu um barulho em sua porta. Ao sair, viu Eric indo embora. No umbral, havia uma pequena sacola de pano cheia de ouro e prata e, num pedacinho de papel espetado, estava escrito: “Pegue o dinheiro e vá. Eu fico. Vá com Deus! Vou ficar com o Diabo! Lembre-se do 11 de abril. ERIC SANSON.”

Naquela tarde, Abel partiu para Bristol. Uma semana depois, zarpou no *Star of the Sea* em direção a Pahang. Seu dinheiro, incluindo o que fora de Eric, estava embarcado na forma de uma carga de brinquedos baratos. Ele havia sido orientado por um velho e perspicaz marinheiro de Bristol conhecido seu e que sabia como eram as coisas no Quersoneso, que previa que cada pêni investido voltaria com um xelim.

Conforme o ano ia se passando, Sarah ficava cada vez mais perturbada. Eric estava sempre disponível para lhe dar amor, com seus modos insistentes, dominadores, algo a que ela não fazia objeção. Apenas

uma carta chegara de Abel, dizendo que os negócios haviam sido bem-sucedidos, que ele já enviara cerca de duzentas libras para o banco em Bristol e que estava investindo ainda as cinquenta libras restantes em mercadorias que iam para a China, para onde o *Star of the Sea* seguia e de onde voltaria a Bristol. Ele sugeriu que a parte de Eric fosse devolvida com sua participação nos lucros. Essa proposta foi recebida com raiva por Eric e considerada infantil pela mãe de Sarah.

Mais de seis meses haviam se passado desde que Sarah recebera a carta do futuro marido, mas nenhuma outra chegou. Isso fez com que a esperança de Eric, que esmorecera com a carta enviada de Pahang, começasse a crescer outra vez. Ele vivia assediando Sarah: se Abel não voltasse, ela se casaria com ele? Se chegasse o 11 de abril sem que Abel estivesse no porto, ela desistiria dele? Se Abel tivesse feito fortuna e se casado com outra, ela se casaria com ele assim que ficasse sabendo da verdade? E assim por diante, numa variação infinita de possibilidades.

O poder da força de vontade e do propósito determinado sobre a natureza mais fraca da mulher se tornou manifesto com o tempo. Sarah começou a perder a fé em Abel e a considerar Eric um possível marido, e um possível marido aos olhos de uma mulher é diferente de todos os outros homens. Uma nova afeição por ele começou a crescer em seu peito, e as intimidades diárias permitidas naquele cortejo estimularam o afeto. Sarah começou a pensar em Abel como uma pedra em seu caminho. Não fosse a mãe para lembrá-la constantemente da fortuna depositada no banco de Bristol, ela teria fechado os olhos completamente para o fato da existência de Abel.

O 11 de abril seria num sábado; portanto, para se realizar o casamento naquele dia, seria necessário dar entrada com os papéis até domingo, 22 de março. Desde o início do mês, Eric continuou a falar sobre a ausência de Abel. Sua opinião de que ele morrera ou se casara com outra começou a se tornar uma realidade na cabeça de Sarah. Passada a primeira quinzena de março, Eric foi ficando mais contente. Depois da missa no dia 15, levou Sarah para um passeio em Flagstaff Rock. Ali, afirmou enfaticamente:

— Eu já disse ao Abel e a você que, se ele não estiver aqui para os proclamas a tempo do dia 11, farei os meus no dia 12. Chegou a hora de fazer o que eu queria. Ele quebrou a palavra.

Nesse momento, Sarah disparou por pura fraqueza e indecisão:

— Ele ainda não a quebrou.

Eric rangeu os dentes com raiva.

— Se você quiser defendê-lo, muito bem — disse, batendo no mastro, que emitiu um murmúrio trêmulo. — Vou cumprir minha parte do trato. No domingo, farei o anúncio dos proclamas. Você poderá depois se recusar na igreja, se quiser. Se Abel estiver em Pencastle no dia 11, poderá mandar revogar e anunciar os dele. Mas, até lá, tomarei minhas providências, e ai de quem ficar no meu caminho.

Ao dizer isso, desceu correndo a trilha rochosa. Sarah não pôde deixar de admirar a força e o espírito viking enquanto, atravessando a colina, ele contornava os penhascos em direção a Bude.

Durante a semana, não houve nenhuma notícia de Abel. Portanto, no sábado, Eric anunciou os proclamas do casamento entre ele e Sarah. O escrivão protestara, pois, embora nada tivesse sido comunicado aos vizinhos, ficara subentendido que, desde a partida de Abel, na volta ele se casaria com Sarah. Eric, porém, não quis discutir a questão.

— É um assunto delicado, senhor — pontuou ele com tal firmeza que o pastor, um rapaz muito jovem, não teve como não se deixar levar. — Seguramente não existe nada contra Sarah ou contra mim. Por que criar celeuma com o caso?

O escrivão não disse mais nada e, no dia seguinte, leu os proclamas pela primeira vez em meio ao burburinho da congregação. Sarah estava presente, contrariamente a seu costume, e, ainda que corada, deliciou-se com seu triunfo sobre as outras garotas cujos proclamas ainda não haviam sido anunciados. Antes do fim da semana, começou a preparar seu vestido de noiva. Eric costumava ir vê-la trabalhando e aquela visão o enchia de animação. Ele lhe dizia todo tipo de delicadezas nessas ocasiões, que eram para ambos momentos deliciosos de amor.

Os proclamas foram lidos pela segunda vez no dia 29. A esperança de Eric foi ficando cada vez mais sólida, embora se desesperasse ao se dar conta de que tudo poderia ir por água abaixo. Nessas horas, ele se enchia de paixão — desesperada e sem remorsos —, rangia os dentes e entrelaçava as mãos de modo selvagem, como se algum resquício da antiga fúria de seus ancestrais *berserks* ainda permanecesse em seu sangue. Na quinta-feira daquela semana, foi visitar Sarah e a encontrou sob um raio de sol dando os retoques finais no vestido de casamento. Seu coração ficou cheio de alegria, e aquela visão da mulher que em breve seria sua o encheu de uma felicidade

indizível, que o tomou de êxtase. Inclinando-se para ela, beijou-a na boca e sussurrou em sua orelha rosada:

— Seu vestido de noiva, Sarah! E para mim!

Enquanto ele se afastava para admirá-la, ela ergueu os olhos de maneira provocadora e disse:

— Talvez não seja para você. Abel ainda tem mais de uma semana para voltar — exclamou ela, desolada.

Com um gesto enlouquecido e um juramento feroz, Eric saiu correndo da casa, batendo a porta. O incidente perturbou Sarah mais do que ela teria julgado possível, reacendendo-lhe todos os seus medos e suas dúvidas. Ela chorou um pouco, afastou o vestido e, para se consolar, saiu para se sentar no topo da Flagstaff Rock. Quando lá chegou, encontrou um pequeno grupo de homens preocupados com o tempo. O mar estava calmo e o sol brilhava, mas, do outro lado das águas, havia estranhas faixas de escuridão e luz. Junto à costa, as pedras estavam franjadas de espuma, que se espalhava em grandes curvas e círculos brancos conforme a correnteza. O vento havia recuado e voltara em rajadas cortantes e frias. O respiradouro embaixo da Flagstaff Rock, que ia da baía rochosa até o porto, expelia água de quando em quando, e as gaivotas gritavam incessantemente enquanto rodeavam a entrada do porto.

— Parece que a coisa está feia. — Ela ouviu um velho pescador dizer ao capitão do porto. — Só vi um tempo assim uma vez antes, quando o *Coromandel* voltava da Índia e se estraçalhou em Dizzard Bay.

Sarah não esperou para ouvir mais nada. Ela era tímida em se tratando de perigo e não suportava ouvir falar de naufrágios ou desastres. Foi para casa e continuou a trabalhar no acabamento do vestido, decidida a tranquilizar Eric quando o encontrasse com um pedido de desculpas delicado e a aproveitar a primeira oportunidade de recompensá-lo depois do casamento.

A profecia do velho pescador sobre o tempo foi justificada. Naquela noite, ao surgir o crepúsculo, estourou uma forte tempestade. O mar subiu e fustigou a costa oeste de Skye até Scilly, causando destruição por toda parte. Os marinheiros e pescadores de Pencastle foram todos para as pedras e ficaram assistindo avidamente. Então, no clarão de um relâmpago, um brigue foi avistado à deriva com apenas uma bujarrona a cerca de oitocentos metros do porto. Todos os olhos e lunetas se concentraram naquela embarcação, aguardando o próximo clarão. Quando isso ocorreu,

em coro, todos disseram que era o *Lovely Alice*, que fazia a rota entre Bristol e Penzance, sem parar em nenhum dos pequenos portos do trajeto.

— Deus os ajude — disse o capitão do porto —, pois nada neste mundo poderá salvá-los enquanto estiverem, com esse vento, entre Bude e Tintagel.

A guarda costeira fez o que pôde. Ajudada por corações valentes e mãos voluntariosas, levou os foguetes de sinalização para o topo da Flagstaff Rock. Em seguida, acenderam luzes azuis para que, a bordo, pudessem enxergar a entrada do porto, caso conseguissem alcançá-lo. Trabalharam bravamente, mas de nada adiantou toda a habilidade e toda a força humana. Depois de alguns minutos, o *Lovely Alice* se chocou fatalmente contra a grande ilha rochosa que guardava a boca da baía. Os gritos das pessoas a bordo chegaram difusos na tempestade, enquanto se atiravam ao mar numa última tentativa de sobreviver. As luzes azuis continuaram acesas, olhos ávidos penetraram as profundezas das águas buscando algum rosto que pudesse ser encontrado e cordas foram lançadas em socorro. Nenhum rosto apareceu, todavia, e os braços voluntariosos foram inúteis. Eric estava entre seus companheiros. Sua antiga origem islandesa nunca foi mais evidente do que naquela hora extrema. Ele pegou uma corda e gritou no ouvido do capitão do porto:

— Vou descer até a pedra em cima da caverna das focas. A maré está subindo e alguém pode ser levado para lá.

— Não faça isso, rapaz — ouviu como resposta. — Você enlouqueceu? Se escorregar naquela pedra, estará perdido, e ninguém conseguiria enxergar onde pisa num lugar desses no meio dessa tempestade.

— Não é verdade — retrucou ele. — Você lembra que Abel Behenna me salvou ali numa noite como esta quando meu barco se chocou contra a Gull Rock? Ele me puxou do fundo do mar, de dentro da caverna das focas, e agora pode ser que alguém seja arrastado para lá como aconteceu comigo.

Após dizer tais palavras, sumiu na escuridão. A rocha projetada escondia a luz da Flagstaff Rock, mas ele conhecia o caminho bem demais para se enganar. Com ousadia e perícia nos pés, logo chegou à grande rocha de topo arredondado que se encontrava sob a ação das ondas na entrada da caverna das focas, onde as águas eram de profundidade insondável. Ali, ficou em relativa segurança, pois o formato côncavo da rocha rebatia as ondas com a própria força. Não obstante a água abaixo de si parecesse borbulhar feito um caldeirão, um pouco além daquele ponto havia um

espaço razoável. A rocha também parecia isolar o som da tempestade, motivo pelo qual ele se pôs a tentar escutar e enxergar o que quer que fosse.

Enquanto estava ali pronto, com seu rolo de corda prestes a ser lançado, ele pensou ter ouvido mais abaixo, pouco além do turbilhão de água, um grito abafado e desesperado. Ele respondeu com um grito que estrondeou na noite. Então aguardou o clarão do relâmpago e, quando este veio, lançou a corda na escuridão onde avistara um rosto erguendo-se através do remoinho de espuma. A corda foi agarrada, pois ele sentiu um puxão, e ele tornou a gritar com sua voz poderosa:

— Amarre na cintura e vou puxá-lo para cima.

Quando sentiu que a corda estava presa, ele percorreu a rocha até o outro lado da caverna, onde as águas profundas eram um pouco mais calmas e onde poderia firmar os pés o suficiente para puxar o náufrago até a rocha suspensa. Ele começou a puxar e logo viu pela quantidade de corda usada que a pessoa que ele estava resgatando logo apareceria no alto da rocha. Ele se aprumou por um momento e respirou fundo, completando o salvamento. Eric acabara de se curvar para voltar ao trabalho quando um relâmpago revelou a ambos quem eram: o resgatador e o resgatado.

Eric Sanson e Abel Behenna ficaram face a face. Ninguém mais soube desse encontro além deles dois e de Deus.

Nesse instante, uma onda de paixão percorreu o coração de Eric. Todas as suas esperanças se estilhaçaram. Com um ódio de Caim, olhou para seu oponente e viu no mesmo instante a alegria no rosto de Abel ao notar que era sua a mão que o socorria. Tal atitude intensificou seu ódio. Tomado por essa paixão, recuou, e a corda se soltou de suas mãos. O momento de ódio foi seguido por um impulso mais humanitário, porém era tarde demais.

Antes que conseguisse se recuperar, Abel, segurando a corda que deveria tê-lo ajudado, foi lançado com um grito desesperado de volta à escuridão do mar devorador.

Sentindo toda a loucura e o destino de Caim sobre si, Eric voltou correndo sobre as pedras, sem se importar com o perigo e ávido apenas por uma coisa: estar entre outras pessoas cujos sons vívidos calariam aquele último grito que ainda parecia ecoar em seus ouvidos. Quando voltou a Flagstaff Rock, os homens o cercaram e, através da fúria da tempestade, ele ouviu o capitão do porto dizer:

— Estávamos com medo de que você tivesse se perdido quando ouvimos um grito. Como você está pálido! Onde está sua corda? Alguém

foi arrastado para dentro da caverna?

— Ninguém — gritou ele em resposta, sabendo que jamais poderia explicar como deixara, de propósito, seu velho camarada cair de volta no mar, no mesmo lugar e nas mesmas circunstâncias em que esse mesmo camarada um dia salvara sua própria vida. Esperava que uma grande mentira pudesse fazer com que esquecessem o assunto para sempre. Não havia nenhuma testemunha. Se ele tivesse de carregar para sempre, no fundo de suas retinas, aquele rosto pálido e fixo, e, nos ouvidos, aquele grito desesperado, ao menos ninguém ficaria sabendo.

— Não havia ninguém — gritou, ainda mais alto. — Escorreguei na pedra e a corda caiu no mar.

Assim dizendo, foi embora. Desceu às pressas a trilha íngreme, voltou ao seu próprio chalé e lá se trancou.

Passou o restante daquela noite deitado na cama, vestido e imóvel, olhando fixamente para o teto e julgando ver no escuro um rosto pálido coberto de gotas cintilantes ao clarão de um relâmpago. Ao reconhecê-lo, foi tomado por um desespero sinistro e ouviu um grito que jamais deixaria de ecoar em sua alma.

Pela manhã, a tempestade já havia passado e tudo estava sorridente outra vez, exceto o mar, que permanecia agitado e em plena fúria. Grandes fragmentos do naufrágio haviam chegado até o porto, e o mar em torno da ilha de pedra estava juncado de outros tantos. Dois cadáveres também haviam aparecido no ancoradouro: um do mestre do brigue naufragado e outro de um marujo que ninguém conhecia.

Sarah não viu Eric até o anoitecer, quando ele apareceu por um minuto à sua janela aberta e disse, sem entrar na casa:

— Bem, Sarah, o vestido de casamento ficou pronto? Falta uma semana para o domingo. Já pensou? Só falta uma semana.

Ela ficou contente por se reconciliar com ele tão facilmente. Mas, em seu íntimo feminino, ao ver que a tempestade passara e que seus temores eram infundados, logo repetiu a causa da desavença.

— Será domingo — frisou, sem erguer os olhos — se Abel não voltar até sábado.

Então lançou um olhar provocante, embora seu coração estivesse cheio de medo de outra explosão de seu impetuoso namorado. Mas não havia ninguém à janela; Eric tinha ido embora, e, fazendo um muxoxo, ela retomou seu trabalho. Ela não tornou a ver Eric até domingo à tarde, depois

que os proclamas foram anunciados pela terceira vez, quando ele foi até ela, na frente de todas as pessoas, com um ar de proprietário que lhe agradou mas, ao mesmo tempo, a irritou.

— Ainda não, senhor — insistiu ela, empurrando-o para longe de si enquanto as outras garotas riam. — Espere até o próximo domingo, por favor, o dia seguinte ao sábado — acrescentou, encarando-o com impertinência. As garotas tornaram a rir e os rapazes gargalharam. Pensaram que fosse a recusa que o tornara pálido como papel quando se virou. Mas Sarah, que sabia mais do que os outros presentes, deu risada, pois vira seu triunfo através do espasmo de dor que se espalhou pelo rosto dele.

A semana se passou sem grandes acontecimentos. À medida que o sábado foi terminando, porém, Sarah teve alguns momentos de angústia. Eric, por sua vez, saíra à noite feito um possesso. Ele se controlava quando havia outras pessoas por perto, mas, vez ou outra, descia até as pedras e as cavernas e gritava o mais alto que podia. Isso parecia aliviá-lo de alguma forma e foi o que o conteve por mais algum tempo. Durante todo o sábado, Eric ficou em casa e não saiu nem por um momento. Como se casaria no dia seguinte, os vizinhos imaginaram que fosse timidez e resolveram não o incomodar.

Só foi perturbado uma vez, quando o chefe da guarda costeira veio vê-lo e se sentou. Após uma pausa, o homem disse:

— Eric, estive em Bristol ontem. Fui ao fabricante de corda para substituir aquela que você perdeu na noite da tempestade e encontrei nosso Michael Heavens, que nasceu aqui mesmo, mas que é comerciante lá. Ele me disse que Abel Behenna estava vindo para casa na semana passada, de Cantão, a bordo do *Star of the Sea*, e que depositara um bocado de dinheiro no banco de Bristol em nome de Sarah Behenna. Isso o próprio Abel contou ao Michael, assim como que comprara passagem no *Lovely Alice* com destino a Pencastle. Preste atenção, rapaz — disse o chefe da guarda costeira, ao notar que Eric, com um gemido, deixara pender a cabeça sobre os joelhos, cobrindo o rosto com as mãos. — Sei que ele era seu velho camarada, mas não havia nada que você pudesse fazer. Ele deve ter se afogado com os outros naquela noite horrenda. Achei melhor lhe contar, para que não fique sabendo por outra pessoa. Assim, pode evitar que Sarah fique apavorada. Eles foram bons amigos, e as mulheres levam essas coisas

muito a sério. Não seria bom fazê-la sofrer por uma coisa dessas no dia do casamento.

Após proferir tais palavras, ele se levantou e foi embora, deixando Eric desconsolado com a cabeça caída sobre os joelhos.

— Pobre rapaz — murmurou o chefe da guarda costeira consigo mesmo —, ficou muito comovido. Também pudera! Eles foram verdadeiros camaradas, e Abel salvou a vida dele um dia.

Naquela tarde, como de costume, depois do horário escolar, algumas crianças foram passear junto ao cais e nas trilhas dos penhascos. De repente, voltaram correndo em estado de grande excitação até o ancoradouro, onde alguns homens desembarcavam um brigue carvoeiro e outros supervisionavam a operação. Uma das crianças gritou:

— Há um golfinho na entrada do porto. Vimos pelo respiradouro. Tem cauda comprida e estava bem no fundo.

— Não era golfinho — disse outra criança —, era uma foca. Mas tinha mesmo a cauda comprida. Até saiu da caverna das focas!

As outras crianças deram vários outros testemunhos, mas em dois pontos foram unânimes: aquilo, fosse o que fosse, havia passado pelo furo na pedra no fundo do mar e tinha uma cauda comprida e fina, tão comprida que eles não conseguiam vê-la por inteiro. Nesse ponto, os homens zombaram das crianças. Mas, como era evidente que elas haviam visto alguma coisa, várias pessoas, entre jovens e velhos, homens e mulheres, percorreram as trilhas altas dos dois lados da boca da baía para ver aquele novo espécime da fauna marinha, golfinho ou foca, de cauda comprida.

A maré estava subindo. Havia uma leve brisa e a superfície da água estava enrugada, de modo que só em alguns momentos era possível enxergar mais ao fundo. Depois de algum tempo observando, uma mulher gritou que viu alguma coisa se movendo no canal, pouco acima de onde estava. Houve uma correria até o local. Quando as pessoas chegaram, a brisa voltara e se tornara impossível enxergar com nitidez abaixo da superfície da água. Ao ser questionada, a mulher descreveu o que vira com termos tão incoerentes que teriam julgado se tratar de efeito de sua imaginação, não fossem os relatos das crianças. Sua declaração quase histérica de ter visto algo “como um porco com as tripas para fora” só foi levada a sério por um velho da guarda costeira, que balançou a cabeça sem dizer nada. Até o fim daquele dia, esse velho foi visto, enquanto havia luz,

sempre ali, junto à orla, olhando para a água com uma expressão de decepção.

Eric acordou cedo na manhã seguinte — ficara sem dormir boa parte da noite e sentiu um alívio por poder se mover à vontade à luz do dia. Barbeou-se com a mão sem tremer e vestiu a roupa do casamento. Havia uma expressão abatida em seu rosto, que parecia ter envelhecido alguns anos naqueles últimos dias. Ainda assim, em seus olhos havia um brilho selvagem e irrequieto de triunfo. Ele murmurava para si mesmo:

— Hoje é meu casamento. Abel não pode mais reivindicá-la, vivo ou morto. Vivo ou morto! Vivo ou morto!

Ele sentou em sua poltrona, esperando com quietude sobrenatural a hora de seguir para a igreja. Quando o sino tocou, levantou-se e saiu de casa, fechando a porta. Olhou para o rio e viu que a maré acabara de mudar. Na igreja, sentou-se com Sarah e a mãe dela, que segurava firme a mão da filha, como se temesse perdê-la. Encerrado o culto, levantaram-se juntos e se casaram na presença da congregação inteira, já que ninguém saíra da igreja. Ambos disseram “sim” com clareza; Eric fez até piada. Depois da cerimônia, Sarah pegou o braço do marido e eles saíram juntos. Meninos e meninas mais novos eram retidos pelos mais velhos com todo o decoro, pois queriam mesmo era sair correndo atrás dos noivos.

O caminho da igreja descia por trás do chalé de Eric, e havia uma passagem estreita entre este e o do vizinho mais próximo. Quando os noivos passaram por ali, o restante da congregação, que os seguia a certa distância, foi surpreendido por um grito longo e estridente da noiva. Todos correram pela passagem e a encontraram na beira do rio com olhos arregalados, apontando para a margem oposta na altura da casa de Eric Sanson.

A maré vazante deixara depositado ali o cadáver de Abel Behenna estendido sobre os seixos. A corda amarrada à cintura fora enroscada pela correnteza na pilastra do ancoradouro e o deixara na virada da maré. O cotovelo esquerdo ficara preso numa greta na pedra, mantendo a mão estendida na direção de Sarah, com a palma aberta para cima, como para receber a mão dela, com os pálidos dedos inclinados para apertá-la.

Tudo o que aconteceu depois jamais ficou claro para Sarah Sanson. Sempre que tentava se lembrar, um zumbido começava em seus ouvidos e uma penumbra se formava em seus olhos, até que ela se esquecia de tudo. A única coisa que conseguia lembrar — e isso jamais esqueceu — era a

respiração ofegante de Eric, com o rosto mais branco que o do morto, murmurando baixinho:

— Quem aceita ajuda do Diabo e nele acredita paga seu preço.

O enterro dos ratos

Saindo de Paris pelo caminho de Orleãs, ao cruzar os muros da cidade e virar à direita, chega-se a um bairro um tanto selvagem e nem um pouco saudável. À direita e à esquerda, pela frente e por trás, por todos os lados, erguem-se grandes pilhas de sujeira e lixo acumulados pelo tempo.

Paris tem uma vida tanto noturna quanto diurna. O hóspede que entra no hotel na Rue de Rivoli ou na Rue St. Honoré tarde da noite, ou sai de manhã cedo, pode imaginar, ao chegar perto de Montrouge — se é que ainda não adivinhou —, o propósito daquelas grandes carroças, que parecem caldeiras sobre rodas e se encontram por toda parte.

Toda cidade tem suas instituições peculiares devido às próprias necessidades, e uma das instituições mais notáveis de Paris é sua população de trapeiros. Pela manhã — a vida parisiense começa cedo —, podem ser vistas na maioria das ruas, no meio do caminho de cada pátio e viela, entre tantas e tantas casas, assim como em algumas cidades americanas, mesmo em algumas partes de Nova York, grandes caixas de madeira nas quais empregados e inquilinos esvaziam a sujeira acumulada no dia anterior.

Em torno dessas caixas, reúnem-se e seguem adiante, depois do trabalho, rumo a novos campos de lavouras e pastagens, homens e mulheres esquálidos e famintos, cuja ferramenta de ofício é um saco, um cesto rústico jogado sobre o ombro ou um pequeno rastelo com o qual reviram, espetam e examinam minuciosamente as lixeiras. Eles recolhem e guardam no cesto, com esses rastelos, tudo o que encontram, com a mesma facilidade de um chinês com seus hashis.

Paris é uma cidade da centralização, e centralização e classificação são aliadas próximas. Nos primeiros tempos, quando a centralização está se tornando um fato, logo atrás vem a classificação. Todas as coisas similares ou análogas se agrupam, e após o agrupamento surge um todo ou um ponto central. Vemos muitos braços longos irradiarem inúmeros tentáculos, surgindo no centro uma cabeça gigantesca e um cérebro abrangente, bem como olhos atentos para ver de todos os lados, ouvidos sensíveis para ouvir e uma boca voraz para engolir.

Outras cidades se parecem com aves, mamíferos e peixes, cujos apetites e digestões são normais. Paris é só a apoteose análoga do polvo. Produto de uma centralização levada *ad absurdum*, representa bem o molusco demoníaco, e sob nenhum aspecto essa semelhança é mais curiosa do que na similaridade de seu aparelho digestivo.

Os turistas inteligentes que, entregando sua individualidade nas mãos dos agentes de viagem Cook ou Gaze, exploram Paris em três dias, muitas vezes se espantam ao descobrir que um jantar que em Londres teria custado uns seis xelins pode sair por três francos num café no Palais Royal. Eles não se espantariam tanto se levassem em conta a classificação, que é uma especialidade teórica da vida parisiense, e aceitassem como fato consumado aquilo que constitui a gênese do *chiffonier*.

A Paris de 1850 não era como a Paris de hoje em dia, e quem vê a Paris de Napoleão III e do Barão Haussmann dificilmente se dará conta do estado de coisas de 45 anos antes.

Entre outras coisas que não mudaram nada, contudo, há bairros onde se acumula o lixo. Lixo é lixo no mundo inteiro, em qualquer época, e a semelhança familiar dos montes de lixo é perfeita. O viajante que visita os arredores de Montrouge, portanto, pode voltar na imaginação sem dificuldade ao ano de 1850.

Nesse ano, tive uma estada prolongada em Paris. Estava muito apaixonado por uma moça que, embora correspondesse à minha paixão, vinha obedecendo ao desejo da família a quem prometera que não me veria nem me escreveria durante um ano. De minha parte, também me vi compelido a concordar com aquelas condições sob a vaga esperança da aprovação dos pais. Nesse período de experiência, prometi ficar fora do país e não escrever à minha amada.

Naturalmente, o tempo se arrastou para mim. Não havia ninguém da minha família ou do meu círculo de amigos para me dar notícias de Alice, e ninguém da família dela, infelizmente, teve a generosidade de me enviar uma palavra ocasional de consolo quanto à sua saúde ou seu bem-estar. Passei seis meses vagando pela Europa, mas, como nenhuma distração me satisfazia na viagem, decidi ir a Paris, onde ao menos estaria mais perto de Londres caso a sorte me chamasse de volta para lá antes da hora. Aquele provérbio de que “esperança adiada, doença do coração” nunca foi tão bem exemplificado como no meu caso, porque, além da eterna saudade do rosto da amada, havia sempre comigo uma angústia excruciante de que algum acidente me impedisse de mostrar a Alice a tempo que, ao longo desse período afastados, eu fora fiel à sua confiança e ao amor que sentia por ela. Assim, toda aventura que eu vivia tinha um prazer intenso e especial, pois carregado de consequências possivelmente maiores do que normalmente seria.

Como todo viajante, esgotei os lugares de maior interesse no primeiro mês de minha estada e me vi, no segundo, procurando outro tipo de diversão. Depois de diversas incursões pelos subúrbios mais conhecidos, comecei a ver que existia ali uma *terra incognita*, ao menos segundo o guia de viagem, naquela barbárie social que ficava entre dois pontos turísticos. Passei a sistematizar minhas pesquisas, e a cada dia retomava o fio de minha exploração no ponto em que o deixara no dia anterior.

Com o tempo, minhas perambulações me levaram à região vizinha a Montrouge, onde encontrei a Ultima Thule da exploração social, um país tão pouco conhecido quanto as áreas da nascente do Nilo Branco. Assim, decidi investigar filosoficamente o trapeiro: seu hábitat, sua vida e seus meios de subsistência. Era um trabalho insalubre, difícil de realizar e com pouca esperança de uma recompensa adequada. No entanto, contrariando a razão, prevaleceu a obstinação e ingressei nessa nova pesquisa com mais energia e vigor do que teria demonstrado em qualquer outra pesquisa que levasse a uma finalidade mais rentável ou valorosa.

Um dia, no fim de uma bela tarde, perto do fim de setembro, entrei no tabernáculo sacrossanto da cidade dos monturos. Podia-se, evidentemente, identificar aquele lugar como lar de uma série de trapeiros, pois algum tipo de arranjo se manifestava na formação das pilhas de lixo ao lado da rua. Passei por entre esses montes de sujeira, perfilados como sentinelas, de modo ordenado, decidido a penetrar mais fundo e retraçar o caminho do lixo até sua localização definitiva. Ao passar por ali, vi atrás dos monturos alguns vultos que iam e vinham, observando com interesse o advento de um estranho naquele lugar. O bairro parecia uma pequena Suíça, e, conforme fui avançando, meu trajeto tortuoso foi fechando o caminho atrás de mim.

Eu me encontrava no que parecia uma pequena cidade ou comunidade de trapeiros. Havia uma série de barracos ou casebres, como talvez ainda se encontrem em regiões remotas do Bog of Allen, lugares rústicos com paredes de taipa, cobertas de barro e tetos de palha usada nos estábulos, onde ninguém nem sequer considera entrar e que, mesmo em aquarelas, só chegariam a ser pitorescos após uma reforma criteriosa. Em meio a esses casebres, havia um construído a partir de uma das mais estranhas adaptações — seria demais chamar de reformas — que eu já vira: um imenso guarda-roupa antigo, relíquia colossal de alguma alcova do tempo de Carlos VII, ou Henrique II, convertido em moradia. As portas duplas ficavam escancaradas, de modo que todo o interior era exposto aos olhos do

público. A metade aberta do guarda-roupa era uma sala de um 1,20 por 1,80 metro na qual, fumando seus cachimbos em torno de um braseiro de carvão, havia nada menos do que seis velhos soldados da Primeira República, com seus uniformes rasgados e puídos. Eles eram a classe dos *mauvais sujets*. Seus olhos esgazeados e bocas abertas revelavam um amor comum pelo absinto, assim como seus olhos tinham aquela expressão disforme e exaurida da ferocidade sonolenta que se segue à ressaca da bebida. A outra parte do armário permanecia igual, com prateleiras intactas, exceto pelo fato de estarem cortadas na metade de sua profundidade original, e em cada uma das seis prateleiras havia uma cama feita de trapos e palha. Aquela meia dúzia de valorosos soldados que moravam naquela estrutura me olhou com curiosidade quando passei. Ao olhar para trás, depois de avançar um pouco, vi suas cabeças unidas como numa conferência sussurrada. Não gostei nada daquilo, porquanto o lugar era muito desolado e os homens me pareceram cruéis, muito cruéis. No entanto, como não havia nenhum motivo concreto para ter medo, segui meu caminho, penetrando cada vez mais fundo naquele Saara. O trajeto era tão tortuoso que, após percorrer uma série de semicírculos, como se patinasse em rolamento holandês, fiquei confuso em relação aos pontos cardeais.

Depois de avançar mais um pouco, notei, ao virar num monturo desfeito, sentado num monte de palha, um velho soldado de casaca puída.

— Ora — disse para mim mesmo —, a Primeira República está aqui bem representada pela soldadesca.

Quando passei por ele, o velho nem ergueu os olhos para mim; continuou a contemplar o chão com estoica persistência. Novamente pensei comigo: “O que uma vida rústica na guerra é capaz de fazer?! A curiosidade desse velho ficou no passado.”

Após dar mais alguns passos, contudo, olhei para trás de repente e vi que a curiosidade não estava morta, pois o veterano erguera a cabeça e me olhava com uma expressão muito estranha. Ele parecia me encarar de modo similar ao dos seis valorosos soldados do armário.

Ao se dar conta de que eu o estava olhando, baixou a cabeça. Sem pensar mais nele, prossegui meu caminho, satisfeito por haver uma estranha semelhança entre aqueles velhos combatentes.

Então, encontrei outro velho soldado de expressão semelhante, que também não reparou em mim enquanto eu passava.

A essa altura, estava ficando um pouco tarde, portanto comecei a refazer o mesmo caminho para voltar. Virei-me, mas então reparei que havia diversos caminhos, entre os diversos monturos, e não tive mais certeza de qual deveria tomar. Perplexo, procurei alguém para perguntar, mas não encontrei mais ninguém.

Resolvi seguir em frente por mais alguns monturos e, então, tentar procurar alguém que não fosse um veterano.

Alcancei meu objetivo algumas centenas de metros adiante, quando vi diante de mim um barraco idêntico ao que eu vira antes, com a única diferença de que esse não era uma moradia, e sim um teto com três paredes aberto na frente. Pelas evidências da vizinhança, julguei se tratar de um local de separação do lixo. Dentro, havia uma velha enrugada e encurvada pela idade, da qual me aproximei a fim de pedir uma orientação.

Ela se levantou quando me aproximei e pedi orientação. Imediatamente, a velha começou a conversar comigo e me ocorreu que ali, no centro do Reino do Lixo, seria o melhor lugar para saber mais detalhes sobre a história dos trapeiros de Paris, sobretudo porque eu a ouviria dos lábios de alguém que parecia ser sua moradora mais idosa. Comecei a fazer perguntas, às quais me deu as respostas mais interessantes — ela fora uma daquelas *tricoteuses* que se sentavam todo dia diante da guilhotina e que tiveram participação ativa entre as mulheres que se destacaram pela violência na revolução. Durante a conversa, ela disse subitamente:

— O senhor deve estar cansado de ficar de pé.

Limpou um velho banco cambaio e me ofereceu para sentar. Por muitos motivos, eu não teria me sentado, mas a pobre senhora foi tão gentil que eu não quis correr o risco de magoá-la ao recusar. A conversa com alguém que estivera na tomada da Bastilha estava tão interessante que me sentei e o papo prosseguiu.

Enquanto conversávamos, um velho — mais velho, encurvado e enrugado que a mulher — apareceu por trás do barraco.

— Este é o Pierre — anunciou ela. — O senhor pode ouvir histórias agora, se quiser, pois Pierre participou de tudo: da Bastilha a Waterloo.

Pedi que o velho puxasse outro banco e mergulhamos num mar de reminiscências revolucionárias. Esse velho, embora vestido como um espantalho, era como aqueles outros seis veteranos.

Eu agora estava sentado no centro do barraco baixo com a mulher à minha esquerda e o homem à direita, sendo que ambos ficavam

praticamente de frente para mim. O lugar estava cheio de todo tipo de objetos curiosos de madeira e muitas coisas que eu preferiria manter longe de mim.

Num canto, havia uma pilha de trapos que parecia se mover devido à grande quantidade de vermes; no outro, uma pilha de ossos cujo odor era um tanto chocante. Vez por outra, olhando de relance para os monturos, pude ver os olhos cintilantes de alguns ratos que infestavam o lugar. Aqueles objetos odiosos já eram horríveis o suficiente, mas o que me pareceu mais pavoroso foi um velho cutelo de açougueiro, com o cabo de ferro manchado de restos de sangue, pendurado na parede da direita. Mesmo assim, essas coisas não chegaram a me preocupar muito. A conversa com aqueles anciãos estava tão fascinante que fui me deixando ficar, até que anoiteceu e os monturos começaram a lançar sombras sinistras nos vales que os separavam. Após um tempo, comecei a ficar inquieto. Não saberia dizer como ou por quê, porém, de alguma forma, eu não estava à vontade. A inquietude é um instinto e significa alerta. As faculdades psíquicas são muitas vezes sentinelas do intelecto e, quando soam o alarme, a razão começa a agir, ainda que não de maneira consciente.

Foi assim comigo. Comecei a pensar sobre onde eu estava e o que me cercava, bem como a me perguntar o que faria caso fosse atacado. De repente, ocorreu-se, sem nenhum motivo aparente, que eu estava em perigo. A prudência sussurrou: “Fique parado e não faça nenhum sinal”. Foi o que fiz. Quatro olhos astutos me observavam. “Quatro olhos, se não mais.” Meu Deus! Que pensamento horrível! O barraco podia estar cercado em três lados por bandidos. Talvez eu estivesse no meio de um bando de criminosos como só meio século de revoluções periódicas poderia produzir.

Com uma sensação de perigo, meu intelecto e minha observação se aceleraram e passei a ficar mais alerta do que pretendia. Reparei que os olhos da velha a todo instante se voltavam para minhas mãos. Olhei para elas também e entendi o motivo: meus anéis. No dedo mínimo esquerdo, eu tinha um grande sinete e, no direito, um bom diamante.

Pensei que, se houvesse algum perigo, minha primeira providência seria evitar suspeitas. Comecei a desviar a conversa para a coleta — para o fluxo — das coisas encontradas ali. A partir daí, aos poucos, chegamos às joias. Então, aproveitando uma oportunidade favorável, perguntei à velha se ela entendia de anéis. Ela respondeu que entendia um pouco. Estendi a mão direita e, mostrando-lhe o diamante, perguntei o que ela achava. A velha

respondeu que já não enxergava muito bem e se inclinou sobre minha mão. Eu disse o mais despreocupadamente que pude:

— Perdão! A senhora verá melhor assim.

Tirei o anel e passei para ela. Uma luz profana iluminou seu velho rosto encarquilhado ao observar o objeto de perto. Ela me olhou de relance com expressão fugaz e intensa como um relâmpago.

Inclinou-se sobre o anel por um momento, com o rosto quase oculto, como se o examinasse. O velho olhava para a frente do barraco, tateando os bolsos e tirando um pouco de tabaco de dentro de um embrulho e um cachimbo, que passou a encher. Aproveitei a pausa e o descanso momentâneo dos olhos que me esquadrinhavam o rosto para observar cuidadosamente o lugar, agora na penumbra e sombrio ao crepúsculo.

Ali ainda estavam os monturos de fedores pestilentos e também o terrível cutelo sujo de sangue junto à parede no canto direito. Por toda parte, apesar da escuridão, eu sentia o cintilar maligno dos olhos dos ratos. Eu podia vê-los até pelas frestas entre as pranchas do fundo do barraco ao rés do chão. Mas o que era aquilo? Aqueles olhos agora pareciam maiores do que o normal, mais brilhantes e malignos.

Por um instante, meu coração parou e me senti naquela condição vertiginosa em que ocorre uma espécie de embriaguez espiritual, como se o corpo só se mantivesse ereto por não haver tempo para cair, já que logo nos recuperamos. Um segundo depois, fiquei calmo, friamente calmo, com todas as minhas energias em pleno vigor, com um autocontrole que julguei perfeito e com toda a minha sensibilidade e meus instintos em alerta.

Agora eu sabia a extensão do perigo que corria: estava sendo observado e cercado por pessoas desesperadas e não podia imaginar quantos deles estavam escondidos atrás do barraco, esperando o momento de atacar. Eu sabia que era grande e forte, assim como eles também sabiam. Da mesma forma, sabiam que eu, como inglês, lutaria contra eles. Esperamos. Julguei ter obtido uma vantagem nos últimos segundos, pois tomei consciência do perigo e entendi a situação. “Isto”, pensei, “será a prova da minha coragem, o teste de resistência.” O combate podia ficar para depois.

A velha levantou a cabeça e me disse com expressão satisfeita:

— É, de fato, um anel muito bom, uma beleza de anel. Eu que o diga! No meu tempo, tive anéis assim, muitos anéis, braceletes e brincos. Naquele tempo bom, aprontei muito nesta cidade. Mas agora eles se esqueceram de

mim. Eles me esqueceram. Ora, eles nunca ouviram falar de mim. Talvez os avós se lembrem. Alguns, talvez.

Ela deu uma risada rouca e, devo admitir, me impressionou ao me devolver o anel com certo ar de antiquada gentileza que tinha lá seu encanto.

O velho olhou para ela com súbita ferocidade, erguendo-se um pouco de seu banco, e me falou de repente com voz rouca:

— Deixe-me ver.

Eu estava prestes a lhe passar o anel quando a velha disse:

— Não, não deixe o Pierre pegar seu anel. O Pierre é um excêntrico. Ele vive perdendo as coisas, e esse anel é tão bonito!

— Sua gata velha — praguejou o ancião, com selvageria. De repente, a velha disse, mais alto do que o necessário:

— Espere! Vou lhe contar uma história sobre um anel.

Algo na voz dela me abalou. Talvez fosse minha hipersensibilidade, tomado como eu estava por uma aguda excitação nervosa, porém me pareceu que ela não falava comigo. Olhando de relance à minha volta, vi os olhos dos ratos nas pilhas de ossos, mas não consegui mais observar aqueles olhos do fundo do barraco. De repente, eles tornaram a aparecer. O pedido da velha me salvara de ser atacado e os homens voltaram à sua posição reclinada.

— Uma vez, perdi um anel, um belo anel de diamante que fora de uma rainha e me foi dado por um coletor de impostos, que depois cortou a própria garganta porque o dispensei. Achei que talvez o tivessem roubado e cobrei de todo mundo, mas não apurei nada. A polícia apareceu e disse que deveria ter caído no esgoto. Descemos até lá, eu com minhas melhores roupas, porque não ia confiar a ninguém meu belo anel. Depois disso, passei a conhecer melhor os esgotos e os ratos. Jamais vou me esquecer do horror que era aquele lugar cheio de olhos faiscantes, uma parede de olhos logo ao alcance da luz das nossas tochas. Bem, fomos até o esgoto embaixo da minha casa. Procuramos a saída do ralo, encontrei meu anel em meio à sujeira e saímos dali.

“Também achamos outra coisa antes de sair. Estávamos perto da tampa da saída quando um bando de ratos de esgoto — humanos, dessa vez — nos abordou. Disseram à polícia que um membro do bando descera até o esgoto e não voltara. Ele teria entrado um pouco antes de nós e, caso tivesse se perdido, dificilmente estaria longe. Pediram ajuda para procurá-lo, então

voltamos para dentro do esgoto. Eles tentaram me impedir, mas fiz questão. Seria uma nova diversão. E, afinal, eu não havia conseguido recuperar meu anel? Não havíamos ido muito longe quando nos deparamos com outra coisa. Havia apenas um pouco de água, e o fundo do esgoto era alto, cheio de tijolos, entulhos e muitas coisas desse tipo. Ele deve ter lutado um bocado, mesmo depois que a tocha se apagou. Mas eram muitos. Demais para ele. Não devem ter demorado. Os ossos ainda estavam quentes, ainda que limpos de tão roídos. Devoraram até alguns de seus próprios mortos, pois havia ossos de ratos, além de humanos. Os outros não se abalaram muito com a cena, os humanos, e fizeram piada com seu camarada quando o encontraram morto, embora estivessem ali para ajudá-lo se estivesse vivo. Que diferença faz a vida ou a morte?

— A senhora não sentiu medo? — perguntei.

— Medo — disse ela, rindo. — Medo, eu? Pergunte ao Pierre. Eu era moça nessa época. Enquanto não atravessei todo aquele esgoto horrível com aquelas paredes cheias de olhos ávidos, sempre se movendo com o círculo de luz das tochas, não sosseguei. E eu ia na frente dos homens. É meu jeito. Nunca deixei homem nenhum ir na minha frente. A única coisa que peço é que me deem oportunidade e meios. E eles o devoraram. Levaram tudo, menos os ossos. Ninguém ficou sabendo disso nem nunca mais ninguém ouviu falar nele.

Ao dizer isso, ela teve um acesso de riso do mais sinistro contentamento, como eu jamais havia visto ou ouvido. Uma grande poeta descreveu sua heroína cantando: “Oh! Vê-la ou ouvi-la cantar! Nem sei dizer o que é mais divino.”*

Posso aplicar a mesma ideia à velha senhora — em tudo, exceto a divindade, pois eu não saberia dizer o que era mais infernal: a risada brusca, maliciosa e cruel, ou o sorriso de escárnio e a horrenda boca quadrada, aberta, como uma máscara trágica, e o brilho amarelado dos poucos dentes descoloridos nas gengivas disformes. Com aquela risada, aquele sorriso e a satisfação convulsiva, entendi como se tivessem me falado em palavras trovejantes que meu destino estava selado e que os assassinos só esperavam o momento apropriado para a execução. Li nas entrelinhas de sua história asquerosa as ordens que ela dava a seus cúmplices.

— Esperem — parecia dizer ela —, esperem o momento certo. Darei o primeiro golpe. Arranjem uma arma para mim que aproveitarei a oportunidade. Ele não escapará vivo. Façam-no calar a boca. E que

ninguém banque o espertinho! Não haverá gritaria e os ratos farão seu trabalho.

Estava ficando cada vez mais escuro. Olhei de relance ao redor: tudo continuava igual. O cutelo sujo de sangue no canto, os montes de lixo e os olhos na pilha de ossos e nas frestas do chão. Pierre ainda enchia ostensivamente seu cachimbo; riscou um fósforo e começou a soltar baforadas. A velha disse:

— Meu Deus, como está escuro! Pierre, seja um bom rapaz e acenda alguma luz.

Pierre se levantou e, com o fósforo aceso na mão, encostou no pavio de um lampião pendurado na entrada do barraco que tinha um refletor e espalhou a luz por todo o lugar. Evidentemente, usavam-no para separar o lixo à noite.

— Não esse, seu estúpido! Esse, não. A lanterna — gritou a velha.

Imediatamente, ele soprou a chama, dizendo:

— Está bem, mamãe. Vou procurar.

Pôs-se a vasculhar no canto esquerdo do aposento, com a velha gritando no escuro:

— A lanterna! A lanterna! Essa é a luz mais útil para nós, pobres. A lanterna foi a amiga da revolução, é a amiga do trapeiro. Ela nos ajuda quando nada mais funciona.

Mal terminara de pronunciar tais palavras, o lugar inteiro rangeu e algo foi arrastado lentamente sobre o teto.

Mais uma vez, pude ler as entrelinhas das palavras dela e entendi o significado da lanterna.

— Um de vocês sobe no teto com um laço e o estrangula quando ele sair, se tudo o que tentarmos aqui falhar.

Ao olhar para a abertura do cômodo, vi a silhueta negra do laço de uma corda destacada contra o céu lúgubre. Agora eu estava, de fato, perdido.

Pierre não demorou muito a encontrar a lanterna. Mantive meus olhos fixos na velha através da escuridão. Pierre riscou um fósforo e, no clarão, vi a velha tirar do chão ao lado dela, onde misteriosamente surgira, e esconder nas dobras do vestido uma faca comprida, ou uma adaga. Parecia um ferro de amolar de açougueiro com uma ponta afiada.

A lanterna foi acesa.

— Traga para cá, Pierre — ela disse. — Coloque na entrada onde possamos enxergar. Veja como fica bom! A lanterna não deixa a escuridão entrar aqui. Agora está perfeito.

Perfeito para ela e seus propósitos. A lanterna lançava toda a luz no meu rosto, deixando no escuro os de Pierre e da velha, sentados ao meu lado, de frente um para o outro. Senti que a hora da ação se aproximava, mas agora eu sabia que o primeiro sinal e o primeiro movimento viriam da velha, portanto fiquei atento a ela.

Eu estava inteiramente desarmado, mas decidi comigo mesmo o que fazer. Ao primeiro movimento, eu pegaria o cutelo de açougueiro no canto direito e lutaria para sair. Ao menos eu lutaria pela minha vida. Olhei de relance para fixar o local exato onde estava o cutelo, uma vez que eu não poderia errar na primeira tentativa de pegá-lo. Mais do que nunca, o tempo e a exatidão seriam preciosos.

Santo Deus! Ele havia sumido! Todo o horror da situação se revelou subitamente, mas o pensamento mais amargo foi que, se aquela posição terrível me causasse algum mal, Alice também sem dúvida sofreria. Ou me acharia mentiroso — e qualquer namorado ou pessoa que já esteve apaixonada pode imaginar o amargor dessa ideia — ou continuaria me amando por muito tempo depois de eu deixá-la para sempre, e sua vida estaria arruinada e amargurada, dilacerada pela frustração e pelo desespero. A magnitude dessa dor me conteve e me deu coragem para suportar o pavor do escrutínio dos conspiradores.

Creio não ter deixado transparecer nada disso. A velha me observava como uma gata observa um camundongo. Tinha a mão escondida nas dobras do vestido, segurando, eu sabia, aquela adaga comprida de aparência cruel. Se ela tivesse notado alguma decepção em meu semblante, teria, intuí, sentido que o momento chegara e saltado sobre mim como uma tigresa, certa de me pegar desprevenido.

Olhei para a noite lá fora e vi novos fatores de risco. Na frente e em volta do barraco, a pouca distância, havia alguns vultos sombrios. Estavam muito imóveis, mas eu sabia que estavam alertas e a postos. Havia pouca chance para mim naquela direção.

Mais uma vez, olhei de soslaio ao meu redor. Em momentos de grande excitação ou perigo, que é por si uma excitação, o espírito funciona muito depressa e a precisão dos sentidos que dependem do espírito cresce proporcionalmente. Foi o que senti naquela hora. Num instante, compreendi

toda a situação. Vi que o cutelo fora retirado por um pequeno buraco numa das pranchas apodrecidas. Que estado de podridão permitiria que aquilo ocorresse sem o menor ruído?

O barraco era uma perfeita ratoeira e estava vigiado por todos os lados. Um garrote pendia do teto, pronto para me enforcar em seu laço, caso eu escapasse da adaga da velha bruxa. Pela frente, a passagem estava bloqueada por não sei quantos vigias. Nos fundos, havia uma fila de homens desesperados — vi seus olhos imóveis pela fresta das pranchas do piso, ao olhar pela última vez para lá —, deitados, só esperando o sinal para se erguerem. Se fosse para acontecer, que fosse agora!

Da maneira mais discreta possível, virei-me um pouco em meu banco para posicionar minha perna direita bem embaixo do corpo. Então, com um salto súbito, virando a cabeça, protegendo-a com as mãos, e com o instinto beligerante dos cavaleiros de outrora, sussurrei o nome de minha amada e me atirei contra a parede dos fundos do barraco.

Mesmo atentos, a intempestividade do meu movimento surpreendeu Pierre e a velha. Enquanto eu atravessava as pranchas podres, vi a velha se levantar com um salto como uma tigresa e a ouvi bufar de raiva, perplexa. Meus pés pousaram em algo que se movia. Quando pulei para longe, percebi que havia pisado nas costas de um dos homens enfileirados, de bruços, no chão do lado de fora do barraco. Arranhei-me nos pregos e nas farpas, mas fora isso escapei ileso. Ofegante, corri para o monturo diante de mim, ouvindo às minhas costas o baque surdo do barraco que desabava.

Aquela subida foi um pesadelo. O monturo, embora baixo, era terrivelmente íngreme, e a cada passo eu rompia uma massa de sujeira e cinzas, e perdia o chão sob os pés. A poeira subiu e me sufocou. Era nauseante, fétida e asquerosa, mas eu escalava para salvar minha vida e resisti. Os segundos pareciam horas. Ainda assim, meus breves momentos de antecipação, combinados com minha juventude e minha força, deram-me grande vantagem. Não obstante diversos vultos tentassem me alcançar com um silêncio mortal, mais pavoroso que qualquer ruído, facilmente atingi o topo do monturo.

Tempos depois, eu escalaria o cone do Vesúvio. Empenhando-me naquela encosta desolada, em meio à fumaça sulfurosa, a lembrança dessa noite horrível em Montrouge me voltou tão vividamente que quase desmaiei.

O monturo era dos mais altos daquela região imunda. Enquanto eu tentava chegar ao topo, ofegando e com o coração batendo feito uma marreta, vi ao longe, à minha esquerda, difusamente, um clarão avermelhado no céu, e, mais perto ainda, luzes piscando. Graças a Deus! Agora eu sabia onde estava e onde ficava o caminho para Paris.

Durante dois ou três segundos, parei e olhei para trás. Meus perseguidores ainda estavam muito para trás, mas se esforçavam decididamente e com aquele silêncio mortal. Mais ao longe, o barraco estava arruinado — uma massa de madeira e vultos semoventes. Pude enxergar bem, pois labaredas já se formavam. Os trapos e a palha evidentemente haviam se incendiado com o fogo da lanterna. Mas, ainda assim, reinava um total silêncio. Nenhum som. Aqueles malditos velhos ao menos lutavam até a morte.

Não tive tempo de olhar mais do que de relance, porque, ao lançar a vista do alto do monturo, preparando-me para a descida, vi diversos vultos sombrios que me rodeavam na tentativa de interceptar meu caminho. Agora era uma corrida de vida ou morte. Tentavam impedir meu retorno a Paris, e, com o instinto momentâneo, corri para a minha direita. Foi por um triz. A despeito de eu ter chegado ao chão em poucas passadas, os velhos desconfiados que me observavam voltaram, e um deles, enquanto eu corria pela passagem entre dois monturos, quase me acerta um golpe com aquele terrível cutelo de açougueiro. Não devia haver outra arma como aquela.

Assim, começou uma perseguição horrível. Com facilidade, tomei a dianteira dos velhos na corrida. Mesmo quando alguns mais novos e algumas poucas mulheres se juntaram no meu encalço, consegui logo me distanciar deles. Mas eu não sabia o caminho e mal conseguia me orientar pela luz no céu, porquanto estava fugindo com o sol às minhas costas. Ouvira dizer que, a não ser que exista um propósito consciente, um homem perseguido sempre vira à esquerda, e foi o que fiz. Isso, imagino, também sabiam meus perseguidores, que eram mais animais do que homens e, com astúcia e instinto, descobriram esse segredo sozinhos. Ao fim de uma última aceleração, após a qual eu pretendia fazer uma pausa para respirar, vi à minha frente dois ou três vultos, passando por trás de um monturo, indo para a direita.

Agora eu estava de fato dentro da teia da aranha. Mas, com a ideia desse novo perigo, veio o recurso dos perseguidos e saí correndo para a direita na primeira oportunidade. Continuei na mesma direção por uns cem

metros e, depois, virando outra vez à esquerda, tive certeza de que ao menos conseguira evitar o perigo de ficar cercado. Mas não a perseguição. Logo a turba veio atrás de mim, determinada, obstinada, incansável e em soturno silêncio.

Na escuridão que aumentava, os monturos agora pareciam um tanto menores do que antes, embora, por causa da noite fechada, parecessem proporcionalmente maiores. Agora eu estava bem adiante de meus perseguidores e subi correndo no monturo à minha frente.

Oh, alegria das alegrias! Eu estava quase saindo daquele inferno de montes de lixo. Lá longe, atrás de mim, o clarão avermelhado de Paris no céu. Por trás de tudo, erguiam-se as alturas do Montmartre — uma luz fraca e, aqui e ali, pontos brilhantes como estrelas.

Recobrado o vigor por um momento, corri por sobre os monturos restantes, cada vez menores, e me vi no mesmo nível do chão de mais adiante. Mesmo assim, a perspectiva não era convidativa. Tudo à minha frente estava escuro e desolado. Eu chegara a uma daquelas várzeas frias e úmidas que se encontram nas periferias das grandes cidades servindo de depósito de lixo.

Lugares de detrito e desolação, nos quais o espaço é exigido pela aglomeração final de tudo o que é nocivo e cujo terreno é tão pobre que não cria nenhum desejo de ocupação nem no mais miserável dos desabrigados.

Com os olhos acostumados à escuridão da noite, e agora longe dos vultos dos pavorosos monturos, pude enxergar com muito mais facilidade do que antes. Talvez o clarão no céu das luzes de Paris, a alguns quilômetros da cidade, estivesse se refletindo ali. De todo modo, enxerguei o suficiente para me assegurar do que se passava a alguma distância à minha volta.

Logo à minha frente havia uma desolada planície que parecia quase vazia, apenas com a cintilação sombria de algumas poças estagnadas. Aparentemente ao longe, à direita, em meio a um pequeno conjunto de luzes dispersas, erguia-se a silhueta escura do Fort de Montrouge, e, à esquerda, na penumbra, pontuadas de raios difusos das janelas dos chalés, as luzes no céu indicavam a localização do Bicêtre. Uma ideia súbita me fez decidir tomar a direita e tentar chegar a Montrouge. Lá ao menos haveria alguma segurança e talvez eu conseguisse chegar a algum cruzamento que conhecesse pelo caminho. Algures, não muito distante, devia estar a rota

estratégica feita para conectar a rede de fortificações que circundava a cidade.

Olhei para trás. Vindo por sobre os monturos, em silhuetas negras contra o clarão do horizonte de Paris, vi diversos vultos semoventes. Um pouco mais à direita havia muitos outros, avançando em direção aonde eu ia. Evidentemente, tinham intenção de me interceptar no caminho, o que restringia minhas opções. Agora eu podia seguir em frente ou virar à esquerda. Inclinando-me até o chão para ter a vantagem de ver a linha do horizonte, mirei atentamente naquela direção, mas não pude detectar nenhum sinal de meus inimigos. Concluí que, como não haviam protegido ou não estavam tentando proteger aquele flanco, devia existir algum perigo para mim. Portanto, decidi seguir em frente.

Não era uma perspectiva estimulante. À medida que eu prosseguia, a realidade se revelava pior. O chão começou a ficar mole, encharcado, e de quando em quando cedia sob meu peso de modo particularmente nauseante. Parecia que o terreno ia ficando mais baixo, pois vi ao meu redor lugares aparentemente mais elevados do que onde eu estava, numa área que pouco antes me parecera plana. Olhei à minha volta, mas não vi nenhum dos meus perseguidores. Era estranho. O tempo todo aqueles pássaros noturnos haviam me seguido através da treva como se fosse em plena luz do dia.

Como me culpei por ter saído com meu paletó claro de *tweed* de turista! O silêncio e a incapacidade de enxergar meus inimigos mesmo sentindo que me observavam foram ficando aterradores. Na esperança de alguém além daquela horda sinistra me ouvir, ergui a voz e gritei várias vezes. Não houve resposta; nem sequer um eco recompensou meus esforços. Por um momento, fiquei imóvel e mantive os olhos numa única direção. Num aclive ao meu lado, vi um vulto escuro se mexer, depois outro e mais outro. Este, à minha esquerda, parecia avançar para me deter.

Pensei que minha habilidade de corredor pudesse deixar meus inimigos para trás naquela caçada e, com toda a velocidade, segui em frente.

Chapinhei.

Meus pés pisaram em falso sobre uma massa de lixo viscosa e caí de bruços numa poça estagnada e pestilenta. A água com lodo em que meus braços afundaram até os cotovelos era indescritivelmente asquerosa e nauseante. Na queda, acabei engolindo aquela matéria repugnante, que me deu ânsias e falta de ar. Jamais esquecerei os momentos em que fiquei

tentando me recuperar, quase desmaiando com o odor fétido da poça imunda, cuja evaporação esbranquiçada se erguia fantasmagórica. E, o pior de tudo, com o desespero agudo de um animal caçado quando sente a aproximação dos cães, vi diante de mim, ao me recompor, os vultos sombrios de meus perseguidores, que rapidamente me cercavam.

É curioso como nosso espírito pondera estranhas questões mesmo quando as energias do pensamento aparentemente estão concentradas em alguma necessidade terrível e urgente. Minha vida corria um risco momentâneo. Minha segurança dependia da minha ação, e minhas alternativas se esgotavam praticamente a cada passo dado. No entanto, eu não conseguia deixar de pensar na estranha e obstinada persistência daqueles velhos.

Sua determinação silenciosa e sua persistência sinistra, mesmo naquela situação, exigiam, além do medo, até uma dose de respeito. Como não teriam sido no vigor da juventude? Entendi, então, o alvoroço vertiginoso na ponte de Arcola, a zombeteira exclamação da Velha Guarda em Waterloo. A elucubração inconsciente tem suas delícias, mesmo nesses momentos. Felizmente, não compete de maneira nenhuma com o pensamento do qual se origina a ação.

Percebi num relance que, na medida em que eu fora derrotado em meu intento, meus inimigos até ali haviam vencido. Eles conseguiram me cercar por três lados e pareciam inclinados a me conduzir para a esquerda, onde devia haver algum perigo, pois deixavam aquele flanco desguarnecido. Aceitei a alternativa — era a típica opção de Hobson, pegar ou largar, e correr. Precisei continuar no terreno mais baixo, já que meus perseguidores estavam no alto. Conquanto o terreno encharcado e friável me retivesse, minha juventude e meu treinamento me tornaram capaz de me equilibrar. Mantendo uma diagonal, não só impedi que me ultrapassassem, como também comecei a me distanciar deles. Isso me renovou a coragem e a força. A essa altura, o preparo físico começou a se revelar e meu fôlego extra se fez presente. Diante de mim, o terreno formou um ligeiro aclive. Subi a elevação e me vi diante de um lodaçal encharcado, com um dique ou uma barragem que parecia negro e sombrio do outro lado. Senti que se conseguisse chegar àquele dique em segurança, com o terreno firme sob os pés e uma espécie de caminho a me guiar, conseguiria com relativa facilidade encontrar uma saída.

Depois de olhar de relance para a direita e para a esquerda, vendo que não havia ninguém por perto, deixei que meus olhos, por alguns minutos, ficassem a serviço dos meus pés, enquanto atravessava o lodo. Foi um trabalho árduo, duro, mas não havia grandes riscos, apenas o esforço. Em pouco tempo, cheguei ao dique. Subi o aclive exultante, mas tive outro choque. Dos dois lados, erguiam-se vultos agachados. Da direita e da esquerda, corriam na minha direção. Cada um trazia uma corda.

O círculo estava quase se fechando. Eu não conseguiria escapar por nenhum dos lados. O fim estava próximo.

Só havia uma opção. Atravessei o dique, escapei das garras de meus inimigos e me atirei no riacho. Sob qualquer outra circunstância, eu teria achado a água suja e repulsiva. Naquela ocasião, porém, era tão bem-vinda quanto o rio mais cristalino ao viajante sedento. Foi a salvação.

Meus perseguidores vieram atrás. Se um único deles tivesse jogado a corda, eu estaria perdido, pois me laçaria antes que eu tivesse tempo de dar a primeira braçada. Mas as muitas mãos que seguravam a corda acabaram se atrapalhando e eles perderam tempo, de modo que, quando a corda atingiu a água, ouvi o laço cair atrás de mim. Nadando com força por alguns minutos, atravessei o rio. Revigorado com o mergulho e encorajado pela fuga, subi no dique com o espírito relativamente alegre.

Lá de cima, olhei para trás. Através da escuridão, vi meus caçadores dispersos subindo e descendo o dique. A perseguição não havia acabado e, mais uma vez, tive de escolher meu caminho. Além do dique no qual eu estava, havia um descampado pantanoso, muito similar ao que eu atravessara. Resolvi evitar aquele lugar e hesitei por um momento entre subir ou descer o dique. Julguei ter ouvido um barulho — o som abafado de remos na água —, apurei os ouvidos e depois gritei.

Não houve resposta, mas o barulho parou. Meus inimigos haviam tomado algum tipo de embarcação. Como estavam acima de mim, resolvi descer e comecei a correr. À esquerda de onde eu entrara, ouvi diversos baques na água, suaves e constantes, como o som que um rato faz ao mergulhar, mas muito mais altos. Quando olhei, vi o brilho sombrio da água rompida pelas ondulações de diversas cabeças avançando. Alguns dos meus inimigos também nadavam.

Atrás de mim, rio acima, o silêncio foi rompido pelo rápido tamborilar e pelo rangido dos remos. Meus inimigos estavam em meu encalço. Cheio de brios, comecei a correr. Após alguns minutos, olhei para trás e, pelo

feixe de luz por entre as nuvens dispersas, vi diversos vultos escuros escalando o dique atrás de mim. O vento começara a soprar, a água ao meu lado se encrespou e começou a quebrar em minúsculas ondulações contra o dique. Precisei manter os olhos no chão diante de mim para não tropeçar, pois eu sabia que uma queda significaria a morte.

Minutos depois, olhei novamente para trás. No dique, havia apenas alguns daqueles vultos, mas, através do terreno pantanoso, havia muitos mais. Eu não sabia o novo perigo que aquilo representava; só podia imaginar. Dessa forma, enquanto corria, pareceu-me que meu caminho ia se desviando para a direita. Olhei para cima e, à minha frente, vi que o rio estava muito mais largo naquele trecho e que o dique onde eu estava diminuíra muito. Além dele, havia outro riacho em cujo barranco vi alguns dos vultos através do pântano. Eu estava numa espécie de ilha.

Minha situação era terrível: meus inimigos haviam me encurralado por todos os lados. Atrás de mim, vinha o acelerado chapinhar dos remos, como se meus perseguidores soubessem que o fim estava próximo.

À minha volta, em toda parte, havia pura desolação; nenhum telhado ou luz, até onde eu conseguia enxergar. Bem ao longe, erguia-se uma forma escura, que eu não sabia do que se tratava. Por um momento, pensei no que fazer, mas não por muito tempo, pois meus perseguidores se aproximavam. Então, decidi-me. Desci do dique e entrei na água. Com a cabeça para fora, nadei até chegar ao que eu presumia ser a correnteza, ultrapassando o refluxo das ondulações que quebravam na ilha. Esperei até que uma nuvem encobrisse a lua e deixasse tudo escuro, tirei o chapéu e o deixei delicadamente sobre a água, flutuando rio abaixo. Um segundo depois mergulhei para a direita e nadei sem respirar com todas as forças. Suponho ter ficado meio minuto embaixo d’água, ao fim do qual emergi o mais discretamente possível e olhei para trás. Eles haviam seguido meu chapéu marrom que deslizara rio abaixo.

Logo atrás deles vinha o velho bote estropiado, impelido por dois remadores. A lua ainda estava parcialmente coberta pelas nuvens esparsas, mas na penumbra pude distinguir um homem na proa erguendo sobre a cabeça, pronto para atacar, o que me pareceu ser o mesmo pavoroso cutelo do qual eu já escapara uma vez. Vi o bote se aproximar cada vez mais e o homem atacar com selvageria. O chapéu desapareceu. O homem se inclinou para a frente, quase caindo do bote. Seus camaradas o puxaram de volta, porém sem o cutelo, e, enquanto eu tentava com todas as forças chegar à

outra margem, ouvi o múrmurio feroz de “Sacre”, sugestivo da raiva de meus frustrados perseguidores.

Esse foi o primeiro som que ouvi de lábios humanos durante toda a pavorosa perseguição. Mesmo com toda a ameaça e o perigo que continha, foi um som bem-vindo, que rompeu aquele tenebroso silêncio que me envolvia e espantava. Foi como um sinal claro de que meus oponentes eram homens, e não fantasmas, e que com eles eu teria ao menos a oportunidade de um homem, ainda que fosse apenas um contra muitos.

Agora, porém, que o encanto do silêncio terminara, os sons passaram a ser rápidos e frequentes. Do bote à margem e de volta da margem ao bote, rapidamente iam e vinham perguntas e respostas, todas sussurradas. Olhei para trás, numa atitude fatal. Naquele instante alguém avistou meu rosto, muito branco na água escura, e gritou o alerta. Mãos foram apontadas para mim e, dentro de instantes, o bote voltou à carga, avançando depressa em meu encalço. Faltava pouco para eu chegar ao outro lado, mas o bote parecia cada vez mais rápido. Mais algumas braçadas e eu estaria na margem, contudo comecei a sentir a aproximação do bote e passei a esperar sentir a qualquer momento a pancada de um remo ou outra arma na cabeça. Se eu não tivesse visto o pavoroso cutelo desaparecer na água, creio que não teria conseguido alcançar a outra margem. Ouvi as imprecações resmungadas dos que não estavam remando e a respiração ofegante dos remadores.

Com um supremo esforço pela vida ou pela liberdade, alcancei a margem e me levantei. Não havia um segundo a perder. Logo em seguida o bote chegou e vultos escuros correram atrás de mim. Subi no dique e, mantendo a esquerda, tornei a correr. O bote deu meia-volta e seguiu rio abaixo. Quando me dei conta, receei que houvesse algum perigo naquela direção, rapidamente me virei, desci correndo pelo outro lado do dique e, após um breve trecho pantanoso, cheguei a um terreno firme e acelerei. Ainda assim, atrás de mim vieram meus incansáveis perseguidores.

Ao longe, lá embaixo, vi a mesma massa escura de antes, mas agora mais próxima e maior. Meu coração sentiu um grande frenesi de prazer: eu sabia que aquilo devia ser o Fort de Bicêtre. Com coragem renovada, corri. Ouvira dizer que, entre todos os fortes que protegiam Paris, existiam caminhos estratégicos, passagens subterrâneas onde os soldados podiam marchar protegidos do inimigo. Sabia que se encontrasse essas passagens

estaria a salvo, mas, no escuro, não conseguia enxergar nem sinal delas. Na esperança cega de encontrá-las ao acaso, continuei correndo.

Agora eu estava à beira de uma vertente profunda. Descobri que lá embaixo havia uma estrada ladeada por canais de água, separados de cada lado por um muro alto e reto. Apesar da vertigem e da tontura, continuei correndo. O terreno foi ficando mais esburacado — cada vez mais —, até que tropecei, caí, tornei a me levantar e a correr na angústia cega de um perseguido. Mais uma vez, o pensamento em Alice me deu coragem. Eu não morreria e arruinaria a vida dela; eu resistiria e lutaria por minha vida até o amargo fim. Com grande esforço, cheguei ao topo do muro. Aos saltos, como um puma, consegui escalá-lo quando senti uma mão tocar a sola do meu pé. Eu estava agora numa espécie de passarela e, diante de mim, vi uma luz fraca. Às cegas e às tontas, tentei correr, tropecei e caí, erguendo-me sujo de terra e sangue.

— *Halt là*.

As palavras soaram como uma voz vinda do céu. Um clarão de luz pareceu me envolver e gritei com alegria.

— *Qui va là?*

Ouvi o barulho de um mosquete e vi um lampejo do aço diante de meus olhos. Instintivamente parei, ainda que logo atrás de mim ouvisse o rumor de meus perseguidores.

Após uma ou duas palavras trocadas, saiu por um portão o que me pareceu uma torrente de vermelho e azul — era a guarda. Ao meu redor, reluzentes de brilho e com lampejos de aço, o clangor e o chocalhar das armas, as vozes de comando, altas e ríspidas. Quando caí para a frente, inteiramente exaurido, um soldado me segurou. Olhei para trás com pavorosa expectativa e vi a massa de vultos escuros desaparecer na noite.

Devo ter desmaiado. Quando recobrei os sentidos, estava na sala da guarda. Eles me deram conhaque e, após algum tempo, consegui lhes contar algo do que se passara. Depois, um comissário de polícia apareceu, aparentemente surgido do nada, como costuma acontecer com os policiais parisienses. Ele ouviu atentamente e se consultou por um momento com o oficial encarregado. Aparentemente ambos concordaram, pois me perguntaram se eu estava pronto para ir com eles.

— Ir aonde? — perguntei, levantando-me para acompanhá-los.

— De volta aos monturos. Talvez ainda consigamos capturá-los.

— Vamos tentar — disse eu.

Ele me olhou fixamente por um momento e disse de repente:

— Você não prefere esperar um pouco ou deixar para amanhã, jovem inglês?

Isso mexeu com meus brios, como talvez fosse a intenção dele, e me pus de pé imediatamente.

— Vamos agora — disse eu. — Já. Um inglês está sempre pronto para o dever.

O comissário era um bom sujeito, além de perspicaz, e bateu amistosamente em meu ombro.

— *Brave garçon* — disse. — Perdão, mas eu sabia que isso lhe faria bem. A guarda está pronta. Vamos.

Assim, através de uma passagem longa e abobadada, saímos em plena noite. Alguns homens na frente levavam poderosas lanternas. Atravessamos pátios e descemos por um declive, passamos por um corredor baixo, em arcos, e chegamos a uma estrada subterrânea, a mesma que eu encontrara na fuga. A ordem foi dada para dobrar o passo, e, com ritmo rápido, saltitante, entre corrida e marcha, os soldados logo avançaram. Senti minhas forças renovadas — tal é a diferença entre o caçador e a caça. Rapidamente, chegamos a uma ponte baixa suspensa sobre o rio, um pouco acima do ponto onde eu chegara. Algumas medidas haviam sido tomadas para destruí-la, pois as cordas haviam sido todas cortadas e uma das correntes estava rompida. Ouvi o oficial dizer ao comissário:

— Chegamos bem na hora. Mais alguns minutos e eles teriam destruído a ponte. Avante! Mais depressa.

Seguimos em frente. Novamente, chegamos a uma ponte sobre o rio tortuoso. Prestes a cruzá-la, ouvimos o som oco do metal sendo batido: as tentativas de destruir a ponte haviam recomeçado. Uma voz de comando foi dada e vários homens apontaram seus rifles para o alto.

— Fogo!

Uma rajada explodiu. Houve um grito abafado e as formas escuras se dispersaram. Mas o mal estava feito, e vimos a outra extremidade da ponte despencar dentro do rio. Foi um atraso grave. Levamos quase uma hora para remendar as cordas e restaurar a ponte o suficiente para conseguirmos atravessá-la.

Retomamos a caçada. Cada vez mais rápido, fomos em direção aos monturos.

Algum tempo depois, chegamos a um lugar que reconheci. Ali estavam os resquícios do incêndio — algumas brasas ainda ardiam, mas as cinzas estavam quase todas frias. Identifiquei o local do barraco e o monturo atrás, por onde eu havia fugido, e, no ardor das brasas, os olhos dos ratos ainda faiscavam com uma espécie de fosforescência. O comissário trocou uma palavra com o oficial, que gritou:

— *Halt!*

Os soldados receberam ordens para se espalhar e vigiar, e todos começamos a examinar as ruínas. O comissário pessoalmente começou a erguer as pranchas carbonizadas e o entulho, que os soldados reuniram e empilharam. Então, ele recuou sobressaltado e, em seguida, se inclinou. Ao se levantar, dirigiu-se a mim.

— Veja— disse.

Era uma visão medonha. Havia um esqueleto com o rosto virado para baixo — uma mulher, a julgar pelos traços; uma velha, a julgar pela fibra desgastada dos ossos. Entre as costelas, erguia-se uma longa adaga pontiaguda feita de um amolador de açougueiro, com a ponta cravada na espinha.

— Vocês podem ver — disse o comissário para o oficial e para mim, sacando seu bloco de notas — que a mulher deve ter caído sobre a adaga. Há muitos ratos aqui. Vejam os olhos piscando em meio aos ossos. Reparem também — estremeci quando ele pôs a mão no esqueleto — que eles devem ter feito isso em pouquíssimo tempo, pois os ossos não estão nem frios ainda.

Não havia sinal de mais ninguém por perto, vivo ou morto. Retornando para a fila, os soldados voltaram a marchar. Então chegamos ao barraco feito do velho guarda-roupa. Nós nos aproximamos. Em cinco dos seis compartimentos havia velhos dormindo tão profundamente que nem o clarão das lanternas os despertou. Pareciam acabados, sombrios e grisalhos, com seus rostos esquálidos, encarquilhados e bronzeados e com seus bigodes brancos.

O oficial deu uma ordem com voz brusca e alta. No instante seguinte, estavam todos de pé diante de nós em *attention*.

— O que vocês fazem aqui?

— Dormimos — responderam.

— Onde estão os outros trapeiros? — perguntou o comissário.

— Foram trabalhar.

— E vocês?

— Estamos de guarda.

— Peste! — riu o oficial com sarcasmo, olhando os velhos um por um e acrescentando com indiferença e deliberada crueldade: — Dormindo em serviço! Será esse o procedimento da Velha Guarda? Não me espanta, portanto, ter havido Waterloo.

À luz da lanterna, vi os rostos cruéis dos velhos adquirirem uma palidez mortiça e quase estremeci com a expressão em seus olhos quando a risada dos soldados ecoou a brincadeira de mau gosto do oficial. Senti que, naquele momento, em alguma medida, fui vingado.

Durante um momento, pareceu que eles atacariam seu provocador, mas permaneceram imóveis.

— Vocês são apenas cinco — disse o comissário. — Onde está o sexto?

A resposta veio com uma gargalhada sinistra.

— Ele está aí. — O velho apontou para o fundo do guarda-roupa. — Ele morreu ontem à noite. Não deve ter sobrado muita coisa dele. O funeral dos ratos é rápido.

O comissário se abaixou, examinou, virou-se para o oficial e disse calmamente:

— Acho que podemos ir embora. Não há nenhum indício, nada que prove que aquele homem tenha sido ferido pelas balas dos seus soldados! Provavelmente eles mesmos o mataram para não haver nenhuma prova. Vejam — mais uma vez ele se abaixou e pôs a mão no esqueleto —, os ratos trabalham depressa e são muitos. Esses ossos ainda estão quentes.

Senti um calafrio, assim como muitos outros homens ao meu redor.

— Formação — disse o oficial.

Então, em marcha, com as lanternas balançando na frente e os veteranos algemados no meio, com passos firmes e constantes, deixamos os monturos para trás e voltamos ao Fort de Bicêtre.

* * *

Meu ano de teste já passou há muito tempo e Alice hoje é minha esposa. Mas, quando olho para trás e penso naqueles doze meses de provação, um dos incidentes mais vívidos que minha memória evoca é o da minha visita à Cidade dos Monturos.

Nota

* Elizabeth Barrett Browning, Lady Geraldine’s Courtship (1844).

Sonho com mãos vermelhas

A primeira opinião sobre Jacob Settle que ouvi foi uma simples descrição — “Ele é um sujeito sorumbático” —, mas entendi que isso resumia os pensamentos e opiniões de todos os seus colegas de trabalho. Havia na expressão certa tolerância sem interesse, uma ausência de qualquer tipo de sentimento positivo, mais do que propriamente uma opinião cabal, que marcava com precisão o lugar do sujeito na estima de todos. Ainda assim, havia uma discrepância entre essa opinião geral e sua aparência que inconscientemente me fazia pensar. Aos poucos, ao conhecer melhor o lugar e os colegas, passei a ter um interesse especial por ele. Descobri que vivia fazendo pequenas gentilezas, não envolvendo gastos além de seus parcos recursos, mas através das múltiplas formas de antecipação, paciência e discrição que formam a mais genuína caridade.

Mulheres e crianças confiavam tacitamente nele, embora, por estranho que pareça, ele as evitasse, exceto quando alguma adoecia e ele aparecia para ajudar, tímida e desajeitadamente. Levava uma vida muito solitária, cuidando sozinho de seu lar, um minúsculo chalé, ou, antes, uma cabana de um único cômodo, bem junto à charneca. Sua existência parecia tão infeliz e solitária que desejei alegrá-la. Com tal propósito, aproveitei a ocasião de estarmos ambos cuidando de uma criança que eu havia machucado acidentalmente e lhe ofereci alguns livros emprestados. Ele aceitou de bom grado e, ao nos despedirmos de madrugada, senti que uma espécie de confiança mútua havia se estabelecido entre nós.

Os livros eram sempre devolvidos com o maior cuidado e pontualidade. Com o tempo, Jacob Settle e nos tornamos bons amigos. Uma ou duas vezes em que atravessava a charneca aos domingos, parei para visitá-lo, mas nessas ocasiões ele se mostrou tão tímido e constrangido que não me senti mais à vontade para voltar. Ele jamais, em qualquer circunstância, veio me visitar nos meus aposentos.

Uma tarde de domingo, eu voltava de uma longa caminhada para além da charneca. Ao passar pelo chalé de Settle, parei em sua porta para saber como ele estava. Como a porta estava fechada, imaginei que ele tivesse saído e bati só por formalidade ou força do hábito, sem esperar que alguém atendesse. Para minha surpresa, ouvi uma voz fraca lá de dentro, embora não conseguisse distinguir o que dizia. Entrei imediatamente e encontrei Jacob deitado, seminu, em sua cama. Estava com uma palidez mortiça e o suor lhe escorria pelo rosto. Suas mãos agarravam inconscientemente os lençóis, como um náufrago se agarra a qualquer coisa que encontra. Quando

entrei, ele se recostou na cama, com uma expressão assombrada nos olhos, que estavam muito arregalados e vidrados, como se tivessem visto algo horrível. Ao me reconhecer, todavia, ele tornou a se deitar com um soluço entrecortado de alívio e fechou os olhos.

Fiquei ali ao lado dele por algum tempo, um ou dois minutos, enquanto ele tentava respirar. Então, abriu os olhos e olhou para mim com uma expressão tão desesperada e sofrida que, juro pela minha vida, preferi o olhar de horror vidrado de antes. Sentei-me ao lado da cama e perguntei sobre sua saúde. Durante alguns momentos, limitou-se a dizer que não estava doente. Depois, após me examinar com atenção, apoiou-se no cotovelo e falou:

— Agradeço muito, senhor, mas estou dizendo a verdade. Não estou doente, como as pessoas dizem, mas Deus sabe como existem doenças piores do que aquelas conhecidas pelos médicos. Vou lhe contar, já que o senhor é muito gentil, mas espero que jamais comente isso com ninguém, pois me causaria outras aflições ainda maiores. Tenho sofrido com um pesadelo.

— Um pesadelo? — indaguei, na esperança de animá-lo. — Mas os pesadelos acabam com a luz do dia ou quando acordamos.

Calei-me e, antes mesmo de ele responder, vi a resposta em seu olhar desolado para seu pequeno lar.

— Não! Não! Isso vale para as pessoas que vivem no conforto e com seus entes queridos à volta. É mil vezes pior para quem vive sozinho e precisa viver sozinho. Que alegria tenho eu, que acordo aqui no silêncio da noite, com a ampla charneca ao meu redor repleta de vozes e rostos que tornam a vigília pior que o sono? Ah, meu jovem senhor! O senhor não tem um passado que lhe enviará às legiões do povo das trevas e do vazio, e peço a Deus que nunca saiba o que é isso.

Era tamanha sua convicção que desisti de fazer qualquer censura à sua vida solitária. Senti que estava na presença de alguma influência secreta que eu era incapaz de sondar. Para meu alívio, uma vez que eu não sabia o que dizer, ele prosseguiu:

— Tive esse pesadelo nas duas últimas noites. Já foi difícil suportar na primeira, mas consegui. Ontem à noite, a expectativa em si foi quase pior que do o próprio pesadelo, que, quando começou, varreu qualquer lembrança de aflição mais amena. Fiquei acordado até pouco antes do nascer do dia, até que o pesadelo voltou, e depois mais uma vez. Desde

então, estou nessa agonia, que certamente é própria dos moribundos, e sinto pavor de como será hoje à noite.

Antes de ele terminar a frase, uma ideia me ocorreu e senti que podia animá-lo um pouco.

— Tente dormir mais cedo hoje, antes de anoitecer. O sono lhe fará bem e prometo que não haverá mais pesadelos a partir de hoje.

Ele balançou a cabeça sem esperança. Fiquei ali sentado mais um pouco e depois fui embora.

Quando cheguei em casa, tomei providências para a noite, pois eu me decidira a compartilhar a vigília solitária de Jacob Settle em seu chalé na charneca. Calculara que, se ele fosse dormir antes de anoitecer, acordaria muito antes da meia-noite. Assim, quando os sinos da cidade bateram 11 horas, postei-me diante de sua porta munido de uma valise, na qual trazia minha ceia, uma garrafa das grandes, duas velas e um livro. O luar estava claro e inundava toda a charneca, a ponto de ficar iluminada como durante o dia. Mas, de quando em quando, nuvens negras cruzavam o céu e causavam uma escuridão que, comparativamente, parecia quase tangível.

Abri a porta lentamente e entrei sem acordar Jacob, que estava deitado com o rosto para cima. Estava imóvel e novamente banhado em suor. Tentei imaginar as visões que passavam diante de seus olhos fechados, capazes de trazer consigo a desgraça e a aflição que ficavam estampadas em seu rosto, mas me faltou imaginação. Esperei até que ele acordasse, o que ocorreu subitamente e de uma forma que muito me comoveu. Um gemido oco, conclusão de um fluxo de pensamento que vinha ocorrendo, escapou dos seus lábios brancos quando se ergueu um pouco e tornou a deitar.

— Se for um sonho — disse comigo mesmo —, deve se basear em alguma realidade muito terrível. O que poderia ter sido aquele fato infeliz a que ele se referira?

Enquanto eu dizia isso, ele reparou que eu estava ali. Achei estranho que ele não tivesse aquele período de dúvida quanto a ser sonho ou realidade à sua volta, que geralmente marca a atitude da pessoa quando acorda. Com um grito de alegria, agarrou minha mão e a manteve entre as suas, suadas e trêmulas, como uma criança assustada que se agarra a alguém que ama. Tentei acalmá-lo:

— Pronto, pronto! Está tudo bem. Vim passar a noite com você, e juntos vamos lutar contra esse pesadelo.

Subitamente, ele soltou minha mão, tornou a se deitar e cobriu os olhos com as mãos.

— Lutar contra esse pesadelo?! Ah, não, senhor. Nenhuma força mortal é capaz de lutar contra esse pesadelo, pois ele vem de Deus e está gravado a fogo aqui dentro.

Ao dizer isso, bateu na própria testa e prosseguiu:

— É o mesmo sonho, sempre o mesmo, que fica mais forte a cada vez para me torturar.

— Que sonho é esse? — indaguei, pensando que falar a respeito dele pudesse lhe trazer algum alívio. Mas ele se afastou bruscamente de mim e, após uma longa pausa, respondeu:

— Não, é melhor eu não contar. Talvez não volte mais.

Havia evidentemente algo que ele escondia de mim, algo que devia estar por trás do sonho. Respondi:

— Está bem. Espero que tenha sido a última vez. Mas, se o sonho voltar, você vai me contar, não vai? Não pergunto por curiosidade, mas porque acho que falar sobre isso pode lhe trazer algum alívio.

Ele respondeu, com o que me pareceu uma solenidade exagerada:

— Se o sonho voltar, eu lhe contarei tudo.

Tentei fazê-lo esquecer o assunto passando a coisas mais mundanas. Tirei a ceia da valise e compartilhei-a com ele, inclusive o conteúdo da garrafa. Pouco depois, sentiu-se mais confiante. Quando acendi meu charuto, oferecendo-lhe outro, fumamos durante uma hora e conversamos sobre muitas coisas. Pouco a pouco, o conforto do corpo dominou seu espírito e pude ver quando o sono pôs as mãos delicadas sobre suas pálpebras. Ele também o sentiu, afirmou que agora estava tudo bem e que eu poderia deixá-lo. Eu, todavia, lhe disse que ficaria até vê-lo à luz do dia. Assim, acendi minha outra vela e comecei a ler enquanto ele adormecia.

Aos poucos, fui me interessando pelo meu livro. Tão entretido estava que me espantei ao senti-lo cair das minhas mãos. Olhei para o lado, vi que Jacob ainda dormia e fiquei contente ao ver que havia em seu semblante uma expressão rara de felicidade. Seus lábios pareciam se mover com palavras inarticuladas. Voltei a ler e novamente despertei sobressaltado, dessa vez com um calafrio nos ossos ao ouvir a voz vindo da cama ao meu lado:

— Não com essas mãos vermelhas. Jamais! Jamais!

Ao olhar para ele, vi que permanecia adormecido. Ele acordou, contudo, logo em seguida, e não pareceu surpreso ao me ver. Havia novamente aquela estranha indiferença quanto ao lugar onde estava.

Eu disse:

— Settle, conte-me seu sonho. Pode falar à vontade, pois sua confissão será sagrada para mim. Enquanto nós dois vivermos, jamais revelarei o que você me contar.

Ele respondeu:

— Eu disse que lhe contaria, mas seria melhor contar primeiro o que aconteceu antes do sonho, para que você entenda. Fui professor quando moço, numa escola do interior, numa pequena aldeia no West Country. Não é o caso de dar nomes; melhor não dizer. Eu estava noivo e me casaria com uma moça a quem amava e quase reverenciava. É aquela velha história: enquanto esperávamos chegar o dia em que eu teria condições de dar um lar para ela, outro sujeito apareceu. Era quase tão jovem quanto eu, bonito, um cavalheiro, com todos os atrativos de um cavalheiro para uma mulher da nossa classe. Ele ia pescar e ela ia se encontrar com ele enquanto eu estava lecionando na escola. Conversei com ela, implorei para que desistisse dele. Propus que nos casássemos de uma vez, fôssemos embora e começássemos a vida em outro país, mas ela mal ouviu o que eu disse. Ali vi que ela estava apaixonada por ele. Dispus-me, então, a conhecer o sujeito e lhe pedir que respeitasse a moça. Eu imaginava que ele tivesse as melhores intenções com ela, para que não houvesse nenhum rumor ou acusação por parte dos vizinhos. Fui ao local marcado, onde deveria encontrá-lo sozinho, e nos conhecemos.

Aqui, Jacob Settle precisou fazer uma pausa, uma vez que algo lhe subia à garganta e quase ficou sem ar. Em seguida, prosseguiu:

— Senhor, juro por Deus: não havia nenhuma intenção egoísta no meu coração naquele dia. Eu amava minha linda Mabel o suficiente para me contentar com uma parte de seu amor e vinha pensando muito na minha própria infelicidade para não ver que, acontecesse o que acontecesse com ela, eu não teria mais nenhuma esperança. Ele foi insolente comigo. Talvez os senhores nobres jamais saibam quão ferina pode ser a insolência de alguém de posição superior à sua. Mas eu suportei aquilo. Implorei que respeitasse a moça, pois o que era um passatempo para ele poderia partir o coração dela. Eu jamais havia desconfiado dela nem nunca pensei que qualquer mal pudesse lhe ocorrer. Era apenas com a infelicidade do coração

dela que eu me preocupava. Mas, quando lhe perguntei quando ele pretendia se casar com ela, sua risada me provocou tanto que perdi a paciência e lhe disse que não ficaria parado assistindo a infelicidade dela.

"Após minhas palavras, ele também se irritou e, na raiva, me disse coisas tão cruéis sobre ela que, naquele exato momento, jurei que ele não viveria o suficiente para lhe fazer mais nenhum mal. Só Deus sabe o que aconteceu. Nesses momentos de paixão é difícil lembrar como passamos de palavras a golpes. Ao dar por mim, estava em cima do cadáver do sujeito, com as mãos vermelhas do sangue que brotava do pescoço torcido. Estávamos sozinhos, ele era estrangeiro, nenhum parente iria procurá-lo ali, e assassinatos nem sempre são descobertos. Pensei tudo isso ao mesmo tempo. Os ossos dele devem estar brancos, imagino, na mesma foz do rio onde o deixei. Ninguém deu falta dele nem indagou o motivo do sumiço, exceto minha pobre Mabel, que não ousaria tocar no assunto com ninguém.

"Foi tudo em vão. Quando voltei, depois de me ausentar por alguns meses — eu não podia continuar morando ali —, fiquei sabendo que a vergonha se tornara pública e que ela morrera por isso. Até então eu me consolava com a ideia de que meu crime salvara o futuro dela, mas, quando fiquei sabendo que chegara tarde demais e que minha pobre amada fora maculada pelo pecado daquele homem, fugi com essa culpa inútil e mais pesada do que eu podia suportar. Ah, senhor! Quem nunca cometeu um pecado assim não sabe o que é carregá-lo consigo. O senhor pode pensar que o costume depois torna tudo mais fácil, mas não é assim. O peso só aumenta a cada hora, até que se torna insuportável. Com isso, cresce também a sensação de que ficará para sempre excluído do céu. O senhor não sabe o que é isso, e peço a Deus que nunca saiba. Pessoas comuns, para quem tudo é possível, não costumam pensar no céu, se é que pensam alguma vez. É só um nome, nada mais, e se contentam em esperar e deixar que as coisas aconteçam. Mas, àqueles excluídos para sempre, o senhor não sabe a importância, não pode imaginar ou calcular o anseio terrível e infinito de ver os portões se abrirem e de poder se juntar aos que estão lá dentro.

"Isso me traz ao meu sonho. Aparece um portal na minha frente, com grandes portões de aço maciço e barras da espessura de um mastro que se erguem até as nuvens. São tão próximas umas das outras que, por entre as barras, só se tem um vislumbre de uma gruta de cristal, entre cujas paredes reluzentes há muitas figuras vestidas de branco cujos semblantes são

radiantes de alegria. Quando paro em frente ao portão, meu coração e minha alma estão tão plenos, enlevados e ansiosos que me esqueço de tudo. E bem ali, junto ao portão, há dois anjos poderosos de asas esvoaçantes e semblantes austeros. Cada um deles tem uma espada de fogo numa das mãos e, na outra, um ferrolho que abre os portões ao menor movimento. Ao lado, há figuras vestidas de preto, com as cabeças cobertas de modo que apenas os olhos aparecem, que dão a cada um que chega trajes brancos como os que os anjos usam.

"Ouve-se um murmúrio de que todos devem vestir suas túnicas sem nenhuma mácula, ou os anjos não os deixarão entrar e os atacarão com suas espadas flamejantes. Estou ansioso para receber meu traje. Rapidamente me visto e me dirijo ao portão, que não se abre. Os anjos, cerrando o ferrolho, apontam para meu traje. Olho para baixo e fico horrorizado: a túnica inteira está manchada de sangue. Minhas mãos estão vermelhas, brilhantes com o sangue que delas escorre, como naquele dia à margem do rio. Então os anjos erguem suas espadas flamejantes para me golpear. O terror é total e eu acordo. Tenho tido sempre esse sonho horrível. Nunca aprendo com a experiência, nunca me lembro, mas no começo há sempre esperança, o que torna o fim mais apavorante. Sei que esse sonho não se origina na escuridão comum na qual os sonhos habitam, mas me é enviado por Deus como castigo. Jamais poderei passar pelo portão, visto que a mácula na túnica branca virá sempre dessas mãos sangrentas."

Escutei como em transe Jacob Settle falar. Havia algo tão remoto no tom de sua voz, algo tão sonhador e místico em seus olhos, que pareciam ver algum espírito no além, algo tão aéreo em sua própria dicção, em contraste tão marcado com suas roupas gastas de operário e seu lar humilde, que me perguntei se tudo aquilo não seria um sonho.

Ficamos ambos calados por muito tempo. Continuei olhando para o homem diante de mim com espanto cada vez maior. Agora que ele confessara, sua alma, esmagada contra a terra, parecia voltar a se erguer com uma espécie de força elástica. Talvez eu devesse ter ficado horrorizado com essa história, mas, por estranho que pareça, não fiquei. Não é agradável receber a confissão de um assassinato, porém o pobre sujeito parecia ter sido não apenas provocado, como movido por um propósito tão abnegado em seu feito sangrento que não me senti tentado a julgá-lo. Meu intento era confortá-lo, por isso falei com toda a calma que pude, ainda que com o coração acelerado e pesado no peito:

— Não se desespere, Jacob Settle. Deus é muito bom e grande é Sua misericórdia. Viva e trabalhe na esperança de que algum dia você possa sentir que compensou seu passado.

Após tais palavras, calei-me, reparando que aquele sono profundo, natural, começava a se apoderar dele.

— Agora durma — prossegui. — Ficarei acordado aqui ao seu lado e não haverá mais nenhum pesadelo esta noite.

Ele fez um esforço para se recompor e respondeu:

— Não sei como agradecer pela sua bondade esta noite, mas acho que é melhor ir agora. Vou tentar dormir. Sinto que tirei um peso do meu espírito ao lhe contar tudo. Se ainda tenho alguma hombridade, preciso tentar lutar pela vida sozinho.

— Vou embora, como quiser — afirmei. — Mas escute meu conselho e não viva tão solitário. Vá viver entre outros homens e mulheres. Viva suas alegrias e tristezas, que lhe ajudarão a esquecer. Essa solidão só lhe trará uma loucura melancólica.

— Farei isso — retorquiu, quase inconscientemente, já dominado pelo sono.

Virei-me para sair e ele me chamou. Quando abri o ferrolho, deixei-o cair e, voltando para a cama, estendi a mão. Ele a agarrou com as duas mãos e se ergueu até sentar na cama. Eu lhe dei um boa-noite, tentando animá-lo:

— Coragem, homem. Coragem! Ainda há muita coisa para você fazer na vida, Jacob Settle. Ainda poderá vestir uma daquelas túnicas brancas e passar pelo portão de aço.

Fui embora.

Uma semana depois, encontrei seu chalé vazio e, ao perguntar por ele na fábrica, me disseram que havia ido para o norte. Ninguém sabia exatamente para onde.

Dois anos mais tarde, fiquei hospedado alguns dias com meu amigo, dr. Munro, em Glasgow. Era um homem ocupado, que não dispunha de muito tempo para passear comigo, de modo que passei meus dias em excursões aos Trossachs, ao Loch Katrine e, de lá, até o rio Clyde. Na penúltima noite de minha estada, voltei para casa um pouco mais tarde do que o combinado, mas descobri que meu anfitrião também estava atrasado. A criada me disse que ele fora chamado no hospital — um acidente na fábrica —, e o jantar fora adiado uma hora. Então, eu disse a ela que iria

caminhando ao encontro de seu patrão e voltaria a pé com ele. Saí. No hospital, encontrei-o lavando as mãos para voltar para casa. Casualmente, perguntei o que havia ocorrido na fábrica.

— O mesmo de sempre: uma corda velha e um descaso com a vida desses homens. Dois deles estavam trabalhando dentro do gasômetro quando a corda do andaime onde estavam arrebentou. Deve ter sido pouco antes do horário do jantar, pois ninguém deu pela falta deles até que os outros voltaram. Havia mais de dois metros de água no gasômetro, de modo que eles devem ter lutado pela vida. Pobres camaradas! Um deles estava vivo, mas tivemos muito trabalho para tirá-lo de lá. Parece que ele deve a vida ao companheiro; nunca ouvi falar de heroísmo maior. Eles nadaram juntos enquanto tiveram forças, mas, ao fim, já estavam tão exauridos que nem as luzes e os homens içados com cordas descendo para salvá-los foram capazes de lhes chamar a atenção. Mas um deles ficou de pé no fundo e ajudou o outro a subir em sua cabeça. Foram essas poucas respirações que fizeram toda a diferença entre a vida e a morte. Foi uma visão chocante quando os retiraram, pois a água, somada ao gás e ao alcatrão, virou uma tintura púrpura. O homem que estava em cima parecia banhado em sangue.

— E quanto ao outro?

— Estava ainda pior, mas devia ser um sujeito muito valente. A dificuldade embaixo d’água deve ter sido terrível; pode-se ver isso pelo modo como o sangue sumira das extremidades. Pode-se ter uma ideia do que seriam os *stigmata* ao olhar para ele. Uma determinação como essa seria capaz de qualquer coisa neste mundo. Seria capaz de arrombar os portões do céu. Veja bem, meu velho, não é exatamente uma visão muito agradável, especialmente antes do jantar, mas você é escritor, e esse foi um caso atípico. É uma história que você não gostaria de perder, pois é bem provável que nunca mais veja nada parecido.

Ao mesmo tempo que falava, ele foi me levando ao morgue do hospital.

No esquife, havia um cadáver coberto com um lençol branco bem justo.

— Parece uma crisálida, não? Estou dizendo, meu caro: se existe uma verdade no antigo mito de que a alma é representada por uma borboleta, a alma dessa crisálida era de uma espécie muito nobre e recebeu toda a luz do sol em suas asas. Veja só!

Ele descobriu o rosto. Horrível, de fato, parecia manchado de sangue. Mas logo o reconheci: Jacob Settle. Meu amigo retirou o restante do lençol.

As mãos estavam entrelaçadas sobre o peito purpúreo como se tivessem sido postadas reverentemente por alguma alma caridosa. Quando vi suas mãos, meu coração palpitou com grande exultação ao ter rapidamente a lembrança de seu pesadelo angustiante. Agora não havia nenhuma mancha naquelas pobres e corajosas mãos, que estavam brancas como a neve.

De alguma forma, quando olhei para ele senti que aquele sonho ruim havia passado. Aquela nobre alma conquistara finalmente sua passagem pelo portão. A túnica branca agora não tinha nenhuma mancha causada por aquelas mãos.

Crooken Sands

O sr. Arthur Fernlee Markam, que comprou aquela que era conhecida como Red House, no alto de Mains of Crooken, era um comerciante londrino que, sendo essencialmente da zona leste, julgou necessário, quando foi durante as férias de verão à Escócia, providenciar um traje completo de chefe das Highlands, como aparecia nas cromolitogravuras e no teatro musical. Ele assistira no Empire uma vez ao Grande Prince — o rei salafrário— fazendo o teatro vir abaixo ao entrar em cena como MacSlogan de MacSlogan e cantar a famosa canção escocesa “There’s naething like haggis to mak a mon dry” [Nada como buchada de carneiro para deixar um homem sedento]. Desde então, conservou na lembrança uma imagem fiel da aparência pitoresca e beligerante que viu representada. Na verdade, se o interior da mente do sr. Markam pudesse ser consultado sobre sua escolha de Aberdeenshire como local de veraneio, seria revelado que, no primeiro plano do local pintado por sua imaginação, espreitava o vulto multicolorido de MacSlogan de MacSlogan. Seja como for, uma sorte muito benfazeja — certamente no tocante à beleza exterior — o levou a escolher Crooken Bay. Tratava-se de um lugar adorável, entre Aberdeen e Peterhead, logo abaixo do promontório rochoso de onde os longos e perigosos recifes conhecidos como The Spurs, as Esporas, avançam pelo mar do Norte adentro.

Entre esse lugar e Mains of Crooken, um vilarejo abrigado pelos penhascos do norte, há uma baía profunda contornada por uma miríade de dunas inclinadas, em que os coelhos são encontrados aos milhares. Em cada extremidade da baía há um promontório rochoso e, quando a madrugada ou o crepúsculo cai sobre as rochas de sienito vermelho, o efeito é extremamente agradável. O leito da baía em si é coberto de areia plana e a maré se estende até muito longe, deixando uma camada lisa de areia dura, juncada por estacas de redes e tarrafas dos pescadores de salmão. Numa das pontas da baía, há um pequeno grupo ou conjunto de rochas cujos topos se erguem acima da água, exceto quando, no tempo ruim, as ondas as cobrem de verde. Na maré baixa, elas ficavam expostas até a areia, e ali talvez fosse o único pequeno trecho de areias perigosas nessa parte da costa leste.

Entre as rochas, afastadas cerca de quinze metros, há um pequeno trecho de areia movediça que, como as areias de Goodwins, só é perigoso quando a maré sobe. Essas areias movediças se estendem até se perderem no mar e, na outra direção, até sumir na areia dura da praia. No aclive da encosta que se ergue atrás das dunas, a meio caminho entre as esporas e o porto de Crooken, fica Red House. Ela se ergue em meio a um arvoredo de

abetos, que a protege de três lados, deixando aberta toda a fachada que dá para o mar. Um jardim bem cuidado e antigo se estende até a estrada, atravessada por uma trilha de grama, que pode ser usada por veículos leves, que, por sua vez, leva até a praia, sinuosamente contornando as dunas.

Quando a família Markam chegou a Red House, depois de 36 horas a bordo do vapor *Ban Righ* de Blackwall até Aberdeen, mais o trem para Yellon e vinte quilômetros de carruagem, todos concordaram que nunca haviam visto lugar mais aprazível. A satisfação geral foi ainda mais marcante porque, naquele exato momento, ninguém da família estava, por diversos motivos, inclinado a considerar nada ou nenhum local além da fronteira escocesa favorável. Embora a família fosse grande, a prosperidade dos negócios lhes permitia todo tipo de luxos pessoais, entre os quais um vasto espectro de indumentária. A frequência com que as moças Markam trocavam de vestidos era motivo de inveja até para as amigas mais íntimas e de alegria para elas mesmas.

Arthur Fernlee Markam não confessara à família nada a respeito de seu novo traje. Não tinha muita certeza se estaria imune ao ridículo ou pelo menos ao sarcasmo, e, como era sensível a tais coisas, achou melhor chegar ao ambiente apropriado antes de se exibir em todo o esplendor para os seus. Empenhara-se para garantir que o traje das Highlands ficasse perfeito. Para tanto, fizera muitas visitas ao Mercado de Tartãs Escoceses em Lã Pura, que fora fundado recentemente em Copthall Court pelos senhores MacCallum More e Roderick MacDhu. Tivera conversas ansiosas com o diretor da firma, o MacCallum, como ele mesmo se chamava, evitando qualquer acréscimo como “senhor” ou “cavalheiro”. Todo um arsenal de fivelas, botões, faixas, broches e ornamentos de todo tipo foram examinados nos minuciosos detalhes. Por fim, uma pena de águia de proporções suficientemente magníficas foi encontrada e o traje ficou completo. Só quando o viu terminado, com os tons vibrantes do tartã atenuados para uma comparativa sobriedade devido à infinidade de ornamentos típicos prateados, broches de quartzo enfumaçado, saiote, adaga e alforje, é que ele se sentiu plena e absolutamente satisfeito com sua escolha.

A princípio, pensara no tartã real dos Stuart, mas desistiu quando MacCallum observou que se ele passasse por Balmoral aquilo poderia lhe trazer problemas. Esse MacCallum, que, diga-se de passagem, falava com um forte sotaque do leste de Londres, sugeriu outros padrões, mas agora que essa outra variável da precisão histórica foi levantada, o senhor

Markam previu dificuldades caso se encontrasse na região do clã cujas cores ele estaria usurpando. O tal MacCallum enfim se ofereceu para elaborar, à custa de Markam, um padrão especial que não seria o mesmo de nenhum outro tartã existente, ainda que tivesse características de muitos deles.

Era baseado no tartã real dos Stuart, mas continha sugestões da simplicidade do padrão dos clãs Macalister e Ogilvie, bem como a neutralidade de cores dos clãs de Buchanan, Macbeth, Macintosh e Macleod. Quando uma amostra foi apresentada a Markam, ele receou que pudesse parecer excessivamente chamativo aos olhos de seu círculo doméstico. Mas como Roderick MacDhu fez comentários esfuziantes sobre a beleza do tecido, não apresentou nenhuma objeção ao término da peça.

Pensou, prudentemente, que, se um escocês genuíno como MacDhu havia gostado, deveria estar bom, principalmente porque o sócio mais jovem era um sujeito de porte e aparência bastante peculiares. Quando MacCallum estava recebendo o cheque, que era bastante vultoso, comentou:

— Tomei a liberdade de fazer mais alguns metros do tecido, caso o senhor ou algum de seus parentes queira.

Markam ficou contente e lhe disse que ficaria feliz se aquela beleza de tecido que eles haviam criado um dia virasse moda, como ele não tinha dúvida de que aconteceria com o passar do tempo. Ele poderia produzir e vender quanto quisesse.

Markam experimentou o traje um dia no escritório, depois que todos os funcionários haviam ido embora. Ficou satisfeito e um pouco assustado com o resultado. O tal do MacCallum fizeram um serviço completo e não havia nada que pudesse agregar mais dignidade marcial ao modelo.

— Claro que não vou levar comigo a espada montante e as pistolas sempre que sair de casa — disse Markam para si mesmo enquanto começava a se despir.

Decidiu que usaria o traje pela primeira vez quando desembarcasse na Escócia. Na manhã em que o *Ban Righ* surgiu na altura do farol de Girdle Ness e ficou esperando a maré para entrar no porto de Aberdeen, ele saiu da cabine em todo o esplendor extravagante de seu novo traje. O primeiro comentário que ouviu foi de um dos filhos, que a princípio não reconheceu o pai.

— Olha que sujeito! Por Scott! É o papai!

O menino fugiu correndo e tentou esconder o riso embaixo de uma almofada do salão. Markam era um bom marinheiro e não enjoara com o balanço do navio, de modo que seu rosto naturalmente rubicundo ficou mais rosado pelo rubor que se espalhava pelo seu semblante ao se ver no centro das atenções de todos a bordo. Desejou não ter sido tão ousado, pois imaginou o frio que sentiria num ponto descoberto da cabeça elegantemente trajada com uma boina de Glengarry usada de lado. No entanto, enfrentou com ousadia o grupo de desconhecidos. Não pareceu incomodado nem quando alguns comentários chegaram a seus ouvidos.

— Ele deve ter fundido os miolos — disse um típico londrino da zona leste com um paletó xadrez exagerado.

— Ele parou no tempo — opinou um ianque alto e magro, pálido de tão mareado, que residiria por algum tempo o mais perto que conseguisse dos portões de Balmoral.

— Que boa ideia! Vamos encher a cara. Já está na hora — proferiu um jovem de Oxford voltando para casa em Inverness.

Então, o senhor Markam ouviu a voz da filha mais velha.

— Onde ele está? Onde ele está?

Ela veio correndo pelo convés com o chapéu virando para trás. Seu rosto dava sinais de agitação, pois a mãe acabara de contar sobre o traje do pai. Quando, porém, ela o viu, instantaneamente teve um acesso tão violento de riso que terminou num ataque histérico. Algo do mesmo gênero ocorreu com todos os outros filhos. Depois que cada criança teve sua vez, o senhor Markam voltou à cabine e mandou a criada da esposa avisar todos os membros da família que ele os estava chamando imediatamente. Todos apareceram, reprimindo a vontade de rir o melhor que podiam. Ele falou muito delicadamente:

— Meus queridos, eu não lhes dou uma boa mesada?

— Sim, meu pai — todos responderam gravemente. — Ninguém é tão generoso quanto o senhor.

— Não permito que vocês se vistam como bem entenderem?

— Sim, meu pai — responderam, dessa vez em tom acovardado.

— Então, meus queridos, vocês não acham que seria mais simpático e gentil se não tentassem me fazer sentir desconfortável, mesmo que eu esteja vestido de forma ridícula aos seus olhos, ainda que de forma bastante comum no país onde passaremos alguns dias?

Não houve resposta exceto pelo fato de ficarem cabisbaixos. Ele era um bom pai e todos sabiam disso. Muito satisfeito, prosseguiu:

— Pois aí está. Agora, saiam daqui e divirtam-se. Não quero mais falar nisso.

Voltou ao convés e ninguém disse mais nada quando ele estava por perto.

O espanto e o alvoroço que o traje dele ocasionou no convés do *Ban Righ* não foram, contudo, nada se comparados ao seu efeito em Aberdeen. Meninos e desocupados em geral, mulheres e bebês que esperavam no porto seguiram-nos em massa quando os Markam caminharam até a estação de trem. Até os carregadores, com suas gravatas antiquadas e seus carrinhos recém-pintados, que esperavam os passageiros aos pés da escada, foram atrás deles maravilhados e embevecidos. Por sorte, o trem de Peterhead estava prestes a partir, de modo que o martírio não foi desnecessariamente prolongado. Na carruagem, o glorioso traje das Highlands não foi visto, porquanto havia pouca gente na estação em Yellon. Tudo foi bem até ali. Quando, no entanto, a carruagem chegou perto de Mains of Crooken e os pescadores correram para o portão para ver quem estava chegando, a excitação ultrapassou todos os limites. As crianças, no mesmo impulso, acenaram com seus chapéus e correram gritando atrás da carruagem. Os homens largaram tarrafas e varas e foram logo atrás. As mulheres agarraram seus bebês e seguiram também.

Os cavalos estavam cansados depois da longa viagem até Yellon, e a colina era íngreme, de modo que houve bastante tempo para se formar uma multidão e até para ela se dissipar. A sra. Markam e as filhas mais velhas teriam preferido reclamar ou fazer algo para aliviar sua tristeza diante do ridículo que viram no semblante de todos. Mas havia uma expressão de determinação obstinada no rosto do suposto Highlander que as impressionou um pouco e elas continuaram caladas. Talvez a pena de águia, mesmo que sobre a cabeça calva, o broche de quartzo enfumaçado no ombro gorducho, a espada montante, a adaga e as pistolas, ainda que cingidas a uma pança dilatada e destacando-se da meia na panturrilha robusta, cumprissem sua razão de ser como símbolos de importância marcial e aterradora.

Quando a família chegou ao portão de Red House, lá estava a multidão dos moradores de Crooken, de chapéu na mão e em respeitoso silêncio. O

restante da população trabalhava resignadamente no alto da colina. O silêncio só foi rompido por um único som, de um homem com voz grave:

— Mas, rapaz, só faltou a gaita.

Os criados haviam chegado alguns dias antes e estava tudo pronto. No bem-estar que se seguiu a um bom almoço após uma jornada exaustiva, todas as inconveniências da viagem e todo o desgosto que se seguiu à adoção do traje lamentável foram esquecidos.

Naquela tarde, Markam, ainda em traje completo, foi fazer uma caminhada em Mains of Crooken. Foi sozinho, pois, por estranho que pareça, a esposa e as duas filhas tiveram enxaqueca e foram, segundo lhe informaram, deitar para descansar da fadiga da viagem. O filho mais velho, que se considerava um jovem adulto, fora sozinho explorar as redondezas, e um dos meninos não foi encontrado. O outro, quando soube que o pai o mandara chamar para passear com ele, deu um jeito — acidentalmente, é claro — de cair no tanque de água e precisou se secar e trocar de roupa. Mas, como as roupas trazidas ainda nem haviam sido tiradas da mala, o pai não poderia esperar.

O senhor Markam não ficou nada satisfeito com o passeio. Não encontrou nenhum vizinho. Não que não houvesse gente por lá, já que as casas e os chalés pareciam ocupados. É que as pessoas estavam fora de casa ou junto à soleira, a uma certa distância atrás dele, ou na estrada, bem distantes, à sua frente.

Ao passar, via apenas os topos das cabeças e os brancos dos olhos nas janelas ou pelas frestas das portas. A única conversa que teve foi tudo menos agradável, com um velho um tanto quanto estranho que quase nunca abria a boca, exceto na hora de dizer “Amém” na missa. Sua única ocupação aparentemente era ficar esperando no guichê do correio das oito da manhã até a chegada do malote da uma, quando levava as correspondências para um castelo baronial vizinho. O resto do dia, passava sentado num banco na parte mais fria e úmida do porto, onde as barrigadas dos peixes, o refugo das iscas e o lixo das casas era jogado, e onde os patos costumavam se refestelar.

Quando Saft Tammie viu sua chegada, ergueu os olhos, que geralmente ficavam fixos na estrada em frente ao banco, e, aparentemente ofuscado por um raio de sol, esfregou-os e fez sombra com a mão. Então, levantou-se, ergueu a mão de modo acusador e falou:

— “Vaidade de vaidades, tudo é vaidade”, disse o pregador. “Tudo é vaidade. Homem, esteja avisado!” “Olhai os lírios do campo: eles não trabalham nem fiam, no entanto Salomão, em toda a sua glória, não se comparava a um deles.” Homem! Homem! Tua vaidade é como a areia movediça que engole tudo aquilo que cai em sua maldição. Cuidado com a vaidade! Cuidado com as areias movediças, que abrem a boca para ti e que te engolirão! Olha para ti mesmo! Descobre a tua própria vaidade! Vê a ti mesmo face a face, e nesse momento descobrirás a força fatal da tua vaidade. Aprende, descobre e te arrepende, antes que a areia movediça te engula!

Então, sem mais nenhuma palavra, voltou para o seu banco e ali se sentou com o mesmo semblante imóvel e inexpressivo de antes.

Markam não pôde evitar de ficar um pouco irritado com tais invectivas. Por terem sido ditas por um homem aparentemente louco, teria considerado apenas uma exibição excêntrica do humor e da insolência dos escoceses. Porém, a gravidade da mensagem — parecia não se tratar de outra coisa — tornou impossível tal interpretação. Ele estava, no entanto, decidido a não ceder ao ridículo e, conquanto ainda não tivesse visto nada na Escócia que ao menos lembrasse um *kilt*, resolveu continuar com seu traje das Highlands. Quando voltou para casa, menos de meia hora depois, descobriu que todos os membros da família, apesar das enxaquecas, haviam saído para caminhar. Aproveitou essa ausência e se trancou no quarto, tirou o traje escocês e, vestindo um pijama de flanela, acendeu um charuto e cochilou.

Despertou com o barulho da família entrando em casa. Imediatamente vestiu seu traje e apareceu na sala para o chá. Não saiu mais de casa naquela tarde, mas, depois do jantar, tornou a vestir seu traje — ele o havia tirado para jantar— e saiu sozinho para passear na praia. A essa altura, já concluíra que, aos poucos, se acostumaria ao traje das Highlands até torná-lo sua roupa de sempre. O luar estava claro e ele seguiu sem problemas pela trilha por entre as dunas, logo chegando à praia. A maré estava baixa e a areia, firme como pedra, de modo que caminhou para o sul até quase a ponta da baía. Ali se interessou por duas rochas isoladas um pouco além do limite das dunas e se pôs a caminhar até elas. Ao chegar perto da mais próxima, escalou-a, e, sentado ali em cima, a mais de cinco metros da areia, apreciou a adorável e pacífica paisagem. A lua começava a se erguer por trás do rochedo de Pennyfold e sua luz tocava apenas o topo da rocha mais

remota das esporas a quinhentos metros dali. O restante das pedras estava coberto de sombras. Quando a lua ultrapassou o topo do rochedo, as pedras das esporas e depois a praia foram, aos poucos, inundadas de luz.

Durante um bom tempo, o senhor Markam ficou sentado observando o nascer da lua e o crescimento da zona de luz que se seguiu à sua ascensão. Depois, virou-se para leste e, apoiando o queixo na mão, voltou-se para o mar, deleitando-se com a paz, a beleza e a liberdade do cenário. O burburinho de Londres — a escuridão, o alvoroço e a exaustão da vida londrina — parecia ter ficado para trás, e ele viveu naquele momento uma vida mais livre e elevada. Olhou para a água reluzente que deslizava sobre a areia plana, chegando imperceptivelmente cada vez mais perto — a maré estava subindo. Nesse momento, ouviu um grito distante vindo da praia.

"Devem ser os pescadores gritando entre si", pensou, olhando para os lados. Ao se virar, tomou um susto horrível. Naquele instante, uma nuvem passou na frente da lua e ele viu, apesar da escuridão à sua volta, sua própria imagem refletida. Por um momento, no topo da outra rocha, viu a cabeça calva e a boina de Glengarry com a imensa pena de águia. Ao dar um passo para trás, seu pé escorregou e ele começou a deslizar em direção à areia entre as duas pedras. Não se preocupou com a queda, porque a areia ficava apenas alguns metros abaixo e seus pensamentos estavam ocupados com a imagem ou o simulacro de si mesmo, que já havia desaparecido.

Como forma mais fácil de chegar a *terra firma*, preparou-se para saltar o restante da distância. Tudo isso durou somente um segundo, mas o cérebro trabalha depressa. Quando tomava coragem para o pulo, viu a areia lá embaixo, que pouco antes parecera tão plana e lisa, balançar e estremecer de maneira estranha. Sentiu um medo súbito dominá-lo. Os joelhos ficaram bambos e, em vez de saltar, ele desgraçadamente foi deslizando pela pedra, arranhando as pernas nuas ao cair. Seus pés tocaram a areia e a atravessaram como se fosse água. Ele já estava afundado até os joelhos quando se deu conta de que se tratava de areia movediça.

Avidamente, ele se agarrou à pedra para evitar afundar mais. Por sorte, havia uma protuberância em que conseguiu se segurar instintivamente. Ali, pendurou-se em sombrio desespero. Tentou gritar, mas lhe faltou fôlego, até que, depois de grande esforço, sua voz saiu. Mais uma vez, gritou, e sentiu que o som da própria voz lhe dava nova coragem, de modo que conseguiu se segurar na pedra por mais tempo do que julgava possível, ainda que por puro desespero. Estava começando a sentir que suas mãos fraquejavam

quando, alegria das alegrias, seu grito foi respondido por uma voz áspera logo acima.

— Meu Deus, cheguei a tempo.

Um pescador com grandes botas altas veio às pressas e subiu na pedra. No mesmo instante, o sujeito percebeu a gravidade do perigo e tentou animá-lo, dizendo:

— Força, homem! Estou indo.

Desceu pela pedra até encontrar um ponto de apoio. Com uma das mãos segurando mais acima na pedra, ele se inclinou e, agarrando o pulso de Markam, exclamou:

— Dê a mão! Segure firme!

O sujeito emprestou sua grande força e, com um puxão firme e vigoroso, ergueu-o para fora do atoleiro faminto e o colocou a salvo sobre a pedra. Sem lhe dar tempo sequer de respirar, puxou-o e empurrou-o, sem soltá-lo nem por um instante, da pedra até a areia firme, finalmente o levando, ainda trêmulo pela magnitude do perigo, até mais acima na praia. Só depois o sujeito começou a falar:

— Bom homem! Não é que cheguei a tempo? Se eu não tivesse achado graça do seu traje e não tivesse logo começado a correr, o senhor ia chegar às entranhas da terra antes do meio-dia. O Wully Beagrie achou que o senhor fosse um fantasma, e o Tom MacPhail jurou que era só um duende em cima de um cogumelo. “Nada!”, falei. “É aquele besta do inglês, o maluco que parece que saiu de um museu de cera.” Eu havia achado estranho e engraçado, mas o senhor não tinha como saber da areia movediça. Gritei para avisar e depois corri para salvar o senhor, se fosse o caso. Graças a Deus, seja o senhor louco ou só meio bobo, cheguei a tempo.

Reverentemente, ele tirou a boina enquanto falava.

O senhor Markam ficou profundamente comovido e agradecido por ter escapado de uma morte horrível, mas a acusação de sua vaidade mais uma vez lhe feriu, diante da humildade do sujeito. Ele estava prestes a retrucar com irritação quando um grande temor reverente o dominou, ao lembrar as palavras de alerta do amalucado carteiro: “Vê a ti mesmo face a face, e te arrepende antes que a areia movediça te engula.”

Assim também ele se lembrou da imagem de si mesmo que vira e do súbito perigo da areia movediça que se seguira. Ficou um minuto em silêncio e, então, disse:

— Meu bom companheiro, eu lhe devo minha vida.

A resposta do rústico pescador veio com reverência:

— Não, não. O senhor deve a vida a Deus. Quanto a mim, fico feliz de ter sido o humilde instrumento de Sua misericórdia.

— Mas permita que eu lhe agradeça — redarguiu o senhor Markam, segurando as duas mãos enormes de seu salvador nas suas e as apertando firme. — Meu coração está muito carregado no momento e meus nervos, muito abalados, para que eu consiga dizer muita coisa. Acredite, porém, que eu lhe sou muito, muito grato.

Ficou evidente que o pobre velho estava profundamente comovido, pois havia lágrimas escorrendo em seu rosto.

O pescador disse com brusca contudo genuína cortesia:

— Bem, senhor, pode me agradecer, se quiser, se fizer bem ao seu pobre coração. Estou pensando que, se fosse comigo, eu também ficaria agradecido. Mas, senhor, por mim nem precisa agradecer. Estou contente assim, estou é muito contente.

O fato de Arthur Fernlee Markam ter ficado agradecido e aliviado se mostraria mais tarde. Depois de uma semana, entrou em Port Crooken a mais bela sumaca de pesca já vista no porto de Peterhead. Vinha completamente equipada, com velas e cabos de todos os tipos, e as melhores redes. O capitão e seus homens foram embora de trem, depois de deixarem com a esposa do pescador de salmão os papéis que passavam a propriedade da sumaca para ele.

Quando o senhor Markam e o pescador de salmão caminhavam pela praia, o primeiro pediu que seu companheiro não mencionasse o fato de que ele passara por aquele perigo iminente, já que aquilo só afligiria sua querida esposa e os filhos. Disse que os avisaria sobre a areia movediça e, com esse intuito, fez perguntas sobre o assunto até sentir que suas informações estavam completas. Antes de se despedir, perguntou ao companheiro se ele vira um segundo vulto, vestido da mesma forma, sobre a outra pedra, quando se aproximava para socorrê-lo.

— Não, não — respondeu. — Não existe outro bobo nesta região. Nem nunca existiu desde a época do Jamie Fleeman. Ele que era o bobo do Laird o’ Udny. Ora, meu senhor! As pessoas se lembrariam se já tivessem visto um traje tão pagão quanto o seu. E acho que não é traje para se sentar na pedra fria, como o senhor fez. O senhor não tem medo do reumatismo ou do lumbago, sentando com a pele nua na pedra fria? Achei que o senhor

fosse louco quando o vi pela manhã no porto, parecia ser louco ou idiota, ao que tudo indicava.

O senhor Markam não se deu ao trabalho de discutir. Como estavam perto de casa, convidou o pescador de salmão para um copo de uísque, que ele aceitou, e se despediram assim naquela noite. Ele teve a precaução de avisar toda a família sobre o atoleiro, contando apenas que ele mesmo passara certo apuro por lá.

Durante a noite inteira, não dormiu. Ouviu as horas baterem uma após a outra e, por mais que tentasse, não conseguiu pegar no sono. Repassou incessantemente o horrível episódio da areia movediça, desde o momento em que Saft Tammie rompera seu silêncio para pregar sobre o pecado da vaidade e alertá-lo. A pergunta estava sempre voltando em seu pensamento: "Será que sou tão vaidoso a ponto de ir às raias da loucura?" E a resposta sempre vinha nas palavras do profeta ensandecido: "Vaidade de vaidades! Tudo é vaidade. Vê a ti mesmo face a face, e te arrepende, antes que a areia movediça te engula." De alguma forma, uma sensação de fatalidade começou a se formar em seu espírito, a de que ele ainda morreria naquele mesmo atoleiro, pois ali já se encontrara face a face consigo mesmo.

De madrugada, adormeceu, mas era evidente que continuava o mesmo assunto em seus sonhos. Foi acordado pela esposa, que disse:

— Durma sossegado. Aquele bendito traje escocês não lhe sai da cabeça. Pare de falar enquanto dorme, se possível.

Teve consciência de uma sensação de contentamento, como se um peso terrível fosse retirado de seus ombros, mas não entendeu o motivo. Perguntou à esposa o que dissera dormindo, a que respondeu:

— Você repetiu, Deus sabe quantas vezes, o suficiente para eu me lembrar: "Ainda não foi face a face! Eu vi a pena de águia atrás da cabeça calva! Ainda há esperança! Ainda não foi face a face!" Vá dormir! Por favor!

E então ele foi dormir, dando-se conta de que a profecia do velho louco ainda não se cumprira: não se encontrara face a face consigo mesmo. Pelo menos ainda não.

Acordou cedo com a criada que veio avisar que havia um pescador na porta que queria vê-lo. Vestiu-se o mais depressa que conseguiu — ainda não estava tão acostumado ao traje das Highlands — e desceu correndo, sem querer deixar o pescador esperando. Ficou surpreso e nada satisfeito ao

descobrir que o visitante não era outro senão Saft Tammie, que imediatamente desatou a falar:

— Estava indo ao correio, mas pensei que podia passar uma hora com o senhor e vim só para ver se continua com a mesma vaidade da outra noite. Vejo que o senhor ainda não aprendeu a lição. Resolvi passar para ver se o senhor não fora de novo à areia movediça.

Após tais palavras, foi embora, deixando o senhor Markam consideravelmente contrariado, e as criadas que estavam por perto em vão tentaram disfarçar seus sorrisos. Ele havia decidido usar roupas comuns naquele dia, mas a visita de Saft Tammie fez com que voltasse atrás na decisão. Ele mostraria a todo mundo que não era covarde e continuaria o que havia começado. Quando desceu para o desjejum com a panóplia marcial completa, os filhos baixaram as cabeças e suas nucas ficaram muito coradas. Como, no entanto, nenhum deles deu risada — exceto Titus, o caçula, que teve um ataque histérico com soluços e foi logo mandado embora da mesa —, ele não pôde censurá-los, mas começou a quebrar seu ovo com ar austero e determinado. Foi um azar que a esposa, quando lhe passava a xícara de chá, tenha enganchado a renda de seu vestido num dos botões da manga dele e, como resultado, derrubado o chá quente em seus joelhos nus. Naturalmente, ele usou uma palavra ofensiva, ao que a esposa, algo irritada, desabafou:

— Bem, Arthur, se você quer fazer papel de idiota com essa fantasia ridícula, o que mais pode esperar? Você não está acostumado e nunca vai se acostumar.

Em resposta, ele começou um discurso indignado com “Minha senhora”, mas não foi além disso, pois a sra. Markam pretendia dizer tudo o que tinha a dizer. Não foram palavras agradáveis e, verdade seja dita, não foram pronunciadas de modo agradável. Uma esposa raramente é agradável quando decide dizer algumas verdades ao marido. O resultado foi que Arthur Fernlee Markam decidiu, ali mesmo, naquele momento, que, durante toda a sua estada na Escócia, não usaria outro traje além daquele que ela criticara. A esposa teve a palavra final, dada aos prantos:

— Muito bem, Arthur. Claro que você vai fazer como bem entender. Pode me fazer passar o vexame que quiser, mas vai arruinar as opções das meninas para o resto da vida. Nenhum rapaz quer ter um sogro idiota. Mas devo avisá-lo que sua vaidade um dia pode vir a sofrer um forte abalo, isso se antes você não acabar no manicômio ou no cemitério.

Ficou claro após alguns dias que o senhor Markam faria a maior parte de seus exercícios ao ar livre sozinho. As meninas de quando em quando iam caminhar com ele, principalmente de manhã bem cedo ou bem tarde da noite, ou quando chovia e não havia mais ninguém por perto. Elas diziam que queriam sair a qualquer hora, mas algo sempre acabava ocorrendo para as impedir. Os meninos nunca apareciam nessas ocasiões. Quanto à sra. Markam, ela se recusava a sair com ele sob qualquer pretexto enquanto continuasse a fazer papel de bobo. Aos domingos, ele se vestia com suas roupas comuns, pois considerava apropriadamente que a igreja não era lugar para desavenças; porém, na segunda-feira de manhã, retomava seu garbo escocês.

A essa altura, teria sido melhor chegar a um acordo e nem pensar mais no traje. Mas sua teimosia britânica era forte e ele não quis ceder. Saft Tammie ia visitá-lo todas as manhãs e, não conseguindo encontrá-lo e não havendo nenhum recado, costumava voltar à tarde, depois de entregar a mala postal, e esperava que ele saísse. Nessas ocasiões, ele nunca deixava de alertá-lo sobre sua vaidade com as mesmas palavras que usara da primeira vez. Alguns dias depois, o senhor Markam passou a vê-lo quase como uma praga.

Quando a semana terminou, a solidão parcial forçada, o desgosto constante e a melancolia infinita que a situação gerava começaram a deixar o senhor Markam doente. Ele era orgulhoso demais para se abrir com qualquer pessoa da família, uma vez que o haviam tratado tão mal. Não dormia bem à noite e, quando o fazia, tinha pesadelos constantes. Para provar a si mesmo que sua coragem não esmorecia, habituou-se a visitar o atoleiro ao menos uma vez por dia e raramente deixava de passar por lá toda noite antes de dormir. Talvez tenha sido esse hábito o que fundiu o atoleiro e sua terrível experiência para sempre em seus sonhos. Estes foram se tornando cada vez mais vívidos, até que, ao acordar, algumas vezes mal sabia dizer se estivera em carne e osso visitando o fatídico local. Chegou a pensar que talvez fosse sonâmbulo.

Uma noite, o sonho foi tão vívido que, quando acordou, não pôde acreditar que tivesse sido apenas um pesadelo. Fechou os olhos diversas vezes, mas, a cada vez, a visão, se é que era uma visão, ou a realidade, se é que era realidade, erguia-se diante de seus olhos. A lua estava cheia e amarela sobre o atoleiro quando se aproximou. Viu a extensão de luz trêmula, perturbada e repleta de sombras negras, conforme a areia líquida

estremecia, se enrugava e se espiralava, como de costume, entre as pausas de marmórea calmaria. Ao chegar bem perto, outro vulto se aproximou pelo lado oposto com passos idênticos. Ele viu que era seu próprio vulto, seu próprio ser, e em terror silencioso, compelido por uma força desconhecida, avançou, encantado como o pássaro pela serpente, mesmerizado ou hipnotizado, para encontrar seu outro eu. Quando sentiu a areia mole se fechar sobre seu corpo, acordou na agonia da morte, tremendo de medo e, por estranho que pareça, com a profecia do louco ecoando em seus ouvidos: "Vaidade de vaidades! Tudo é vaidade. Vê a ti mesmo face a face, e te arrepende, antes que a areia movediça te engula!"

Ficou tão convencido de que aquilo não era sonho que se levantou, mesmo muito cedo, e, vestindo-se sem incomodar a esposa, saiu e foi até a praia. Sentiu o coração afundar no peito ao se deparar com uma série de pegadas na areia, que imediatamente reconheceu como suas. Havia o mesmo salto largo, o mesmo bico quadrado. Não teve dúvida de que realmente estivera ali. Meio horrorizado, meio em estado de estupor onírico, seguiu as pegadas e notou que sumiam no limite do atoleiro. Ficou terrivelmente abalado, porque não havia pegadas de volta na areia, e sentiu que havia ali algum mistério pavoroso que não conseguia penetrar. Teve medo de que, se penetrasse, fosse seu fim.

Nesse estado de coisas, tomou duas atitudes erradas. Primeiro, não contou a ninguém sobre o problema. Como a família nem suspeitava daquilo, qualquer palavra ou expressão inocente que usassem virava combustível no fogo devorador de sua imaginação. Além disso, começou a ler livros que diziam tratar dos mistérios dos sonhos e de fenômenos mentais em geral, e o resultado foi que todo tipo de ideia louca daqueles filósofos, lunáticos ou quase lunáticos, passou a germinar inquietação no solo fértil de seu cérebro desarranjado.

Assim, negativa e positivamente, todas as coisas começaram a cooperar para um fim comum. Um desses transtornos, não menos relevante, era Saft Tammie, que se tornara quase um ornamento de seu portão em determinadas horas do dia. Após algum tempo, interessando-se pela vida pregressa desse homem, fez perguntas sobre seu passado que apuraram o seguinte:

Saft Tammie, segundo todos acreditavam, era o filho de um *laird*, dono de terras de um condado na região do estuário do rio Forth. Frequentara o seminário da igreja, mas, por algum motivo que ninguém nunca soube,

abandonou de repente os estudos e, chegando a Peterhead no tempo de sua prosperidade baleeira, arrumou serviço num navio. Nessa vida, entre idas e vindas, permaneceu por alguns anos, tornando-se aos poucos cada vez mais silencioso em seus hábitos, até que finalmente seus companheiros protestaram contra o imediato taciturno e ele foi trabalhar nas esmacas pesqueiras da frota do norte. Trabalhou muitos anos na pesca, sempre com a fama de ser meio louco, até que foi ficando de vez em Crooken, onde o *laird*, sem dúvida sabendo um pouco da história da família, arranjou-lhe um emprego que era praticamente uma pensão vitalícia. O ministro que deu essa informação terminou assim seu relato:

— É uma coisa muito estranha, mas ele parece ter mesmo algum tipo de dom peculiar. Se se trata da "segunda visão" em que nós, escoceses, somos tão propensos a acreditar ou de outro tipo de conhecimento oculto, não sei dizer, mas nunca ocorre um desastre ou algo do gênero por aqui sem que os homens que convivem com ele lembrem alguma frase dele que parecia prever a tal desgraça. Ele fica inquieto ou excitado quando a morte está próxima.

Isso de modo algum atenuou a preocupação do senhor Markam; pelo contrário, aparentemente imprimiu a profecia mais profundamente em seu espírito. De todos os livros que leu sobre esse seu novo tema de estudos, nenhum lhe interessou mais do que um alemão, *Die Döppleganger*, do doutor Heinrich von Aschenberg, natural de Bonn. Ali, descobriu casos de homens que levavam uma existência dupla, com naturezas bastante distintas uma da outra, sendo o corpo sempre uma realidade com um espírito e um simulacro com o outro. Nem é preciso dizer que o senhor Markam considerou essa teoria perfeitamente aplicável ao seu caso. A visão que ele tivera de suas próprias costas na noite em que escapara do atoleiro, suas próprias pegadas desaparecendo na areia movediça sem que aparecessem as da volta, a profecia de Saft Tammie de que ele encontraria a si mesmo e morreria no atoleiro — tudo contribuiu para sua convicção de que ele encarnava em si mesmo um caso de *doppleganger*.

Ciente da existência de vidas duplas, tomou medidas para prová-la em proveito próprio. Com esse intuito, uma noite, antes de dormir, escreveu seu nome com giz nas solas dos sapatos. Naquela noite, sonhou com a areia movediça e que a visitara — sonhou tão vividamente que, enquanto caminhava na madrugada, não podia acreditar que não estivesse mesmo lá. Ao despertar, sem incomodar a esposa, procurou os sapatos.

As assinaturas a giz estavam intactas. Ele se vestiu e saiu discretamente. Mas dessa vez a maré estava alta, de modo que ele cruzou pelas dunas e chegou à praia depois do atoleiro. Ali, horror dos horrores, ele viu suas próprias pegadas sumindo no abismo.

Chegou em casa desesperadamente triste. Parecia incrível que ele, um comerciante idoso, que passara uma vida inteira sem grandes acontecimentos dedicada aos negócios em plena Londres, vibrante e prática, pudesse se encontrar agora mergulhado no mistério e no horror e que fosse descobrir que vivia duas existências. Não podia falar de sua aflição nem com a própria esposa, pois sabia muito bem que ela, imediatamente, exigiria todos os detalhes dessa outra vida, a qual ela não conhecia, e que logo passaria não apenas a imaginar, mas a acusá-lo, de todo tipo de infidelidades. Assim, sua melancolia foi ficando mais profunda. Certa noite de maré baixa e lua cheia, ele estava sentado esperando o jantar quando a criada anunciou que Saft Tammie estava criando caso lá fora porque não lhe deixavam entrar. Ele ficou muito indignado, mas não quis que a criada pensasse que escondia alguma coisa, portanto pediu que ela o trouxesse. Tammie veio, caminhando mais rispidamente do que nunca, com a cabeça erguida e uma expressão de vigorosa determinação em seus olhos, que geralmente fitavam o chão. Assim que entrou, ele disse:

— Vim ver o senhor mais uma vez. Aí está o senhor, sentado, parado feito uma cacatua no poleiro. Bem, homem, eu o perdoo. Lembre-se disto: eu o perdoo.

E, sem dizer outra palavra, virou-se e foi embora, deixando o dono da casa indignado e sem palavras.

Depois do jantar, ele decidiu fazer outra visita às areias movediças — não admitia nem para si mesmo que tinha medo de ir até lá. Por volta das nove horas, todo paramentado, caminhou até a praia e, passando as dunas, sentou-se na pedra mais próxima. A lua cheia estava atrás dele e sua luz iluminava a baía de modo que a orla de espuma, a silhueta escura do continente e as estacas das redes de salmão ficavam destacadas. Naquele clarão brilhante e amarelado, as luzes das janelas de Port Crooken e do castelo do *laird* ao longe tremulavam como estrelas pelo céu.

Por um longo tempo, ficou sentado inspirando a beleza do cenário e sua alma pareceu sentir uma paz que não conhecia havia muitos dias. Toda mesquinhez e irritação, bem como todos os temores infundados das últimas semanas, foram apagadas, e uma nova serenidade sagrada tomou seu lugar.

Nesse estado de espírito, suave e solene, repassou calmamente suas últimas atitudes e sentiu vergonha de si mesmo por sua vaidade e pela teimosia que se seguira.

Naquele instante, decidiu que aquela seria a última vez que usaria o traje que o isolara de seus entes queridos e que lhe causara tantas horas e dias de desgosto, constrangimento e dor. Mas, quase ao mesmo tempo que chegou a essa conclusão, outra voz pareceu falar de dentro dele e, debochadamente, perguntar se teria oportunidade de usá-lo de novo — e dizer que era tarde demais —, já que escolhera aquele caminho e agora devia lidar com a situação.

— Não é tarde demais — respondeu sua metade boa.

Convicto, levantou-se a fim de ir para casa e se livrar de vez do odioso traje. Parou para contemplar pela última vez a beleza da paisagem. A luz estava pálida e delicada, atenuando a silhueta de pedras, árvores e telhados, aprofundando as sombras em negror aveludado e iluminando, como uma chama fraca, a subida da maré, que deslizava como uma franja pela areia plana da praia. Desse modo, ele se abaixou na pedra e saltou para a praia.

Ao fazê-lo, entretanto, um assustador espasmo de horror lhe fez estremecer, e por um instante o sangue lhe subiu à cabeça e escureceu toda a luz da lua cheia. Mais uma vez, viu a imagem fatal de si mesmo se afastando do atoleiro da pedra oposta em direção à praia. O choque foi maior pelo contraste com o período de paz que ele acabara de passar. Com os sentidos quase paralisados, levantou-se e observou a visão fatal e a areia movediça enrugada, rastejante, que parecia se retorcer e ansiar por algo que a penetrasse. Dessa vez não houve engano, porquanto, embora a luz por trás deixasse o rosto na sombra, ele pôde ver as mesmas faces escanhoadas e o pequeno bigode de algumas semanas, igual ao seu. A luz incidiu no tartã chamativo e na pena de águia. Até o trecho de calvície de um dos lados da boina de Glengarry reluziu, assim como o broche de quartzo enfumaçado no ombro e os botões de prata. Observando-os, sentiu seus pés afundarem lentamente, ainda perto do limite do atoleiro, e deu um passo para trás. Ao fazê-lo, o outro vulto deu um passo à frente, de modo que o espaço entre eles fosse preservado.

Assim os dois ficaram de pé de frente um para o outro, numa espécie de fascínio bizarro. Com o sangue se avolumando no cérebro, Markam julgou ouvir as palavras da profecia: “Vê a ti mesmo face a face e te arrepende antes que a areia movediça te engula.” Ele ficara face a face

consigo mesmo e se arrependera. Agora afundava na areia movediça. O alerta e a profecia estavam se realizando.

Lá no alto as gaivotas gritaram, circulando sobre a franja da maré cheia, e o som inteiramente mortal fez com que voltasse a si mesmo. Nesse instante, recuou alguns passos rapidamente. Até então, só seus pés haviam afundado na areia macia. Ao fazê-lo, o outro vulto deu passos para a frente e, avançando nas garras mortais do atoleiro, começou a afundar. Pareceu a Markam estar assistindo a si mesmo afundar na morte, e a angústia de sua alma se extravasou num grito terrível. Houve ao mesmo tempo um grito terrível vindo do outro vulto, e quando Markam estendeu as mãos para cima o outro fez o mesmo.

Com olhos horrorizados, viu-o afundar mais na areia movediça e, impelido por uma força que desconhecia, avançou em direção ao atoleiro para encontrar seu destino. Mas, quando seu pé da frente começava a afundar, ouviu outra vez os gritos das gaivotas, que pareceram despertar seus sentidos adormecidos. Com tremendo esforço, tirou o pé da areia, que parecia agarrá-lo, deixando o sapato para trás. Com puro terror, virou-se e correu para longe dali, só parando quando lhe faltaram fôlego e força, e se deixou cair quase desmaiado na trilha de grama entre as dunas.

* * *

Arthur Markam resolvera não contar nada à família sobre sua terrível aventura, ao menos enquanto não se sentisse completamente no controle de si mesmo. Agora que o duplo fatal, seu outro eu, fora engolido pela areia movediça, sentiu outra vez algo parecido com sua antiga paz de espírito.

Naquela noite, dormiu profundamente e não teve nenhum sonho. Pela manhã, estava outra vez o mesmo de sempre. De fato, parecia que seu eu mais recente e pior havia desaparecido para sempre. Por estranho que pareça, Saft Tammie se ausentou de seu posto naquela manhã e nunca mais

apareceu por lá, mas continuou sentado em seu velho banco olhando para o vazio, como sempre, com olhos opacos. De acordo com sua decisão, nunca mais voltou a usar o traje das Highlands. Certa noite, todavia, fez com ele um fardo, com *claymore*, *dirk*, *philibeg* e tudo o mais e, secretamente, atirou-o no atoleiro. Com uma sensação de intenso prazer, viu o fardo afundar na areia movediça, que se fechou, lisa como mármore, na superfície. Depois, voltou para casa e avisou animadamente à família reunida para a oração da noite:

— Muito bem, meus queridos, vocês vão gostar de saber que abandonei a ideia de usar o traje escocês. Agora vejo que fui um velho louco e vaidoso, bem como o ridículo que passei. Vocês nunca mais verão aquele traje.

— Onde o senhor o guardou, meu pai? — perguntou uma das garotas, querendo dizer alguma coisa para que o anúncio do sacrifício do pai não passasse em absoluto silêncio. A resposta foi tão delicada que a menina se levantou da cadeira, aproximou-se do pai e o beijou. Ele disse o seguinte:

— Na areia movediça, minha querida. E espero que o pior de mim fique enterrado lá também para sempre.

* * *

O restante do verão se passou em Crooken, para o deleite de toda a família. Quando voltaram à cidade, o senhor Markam havia quase esquecido o incidente do atoleiro e tudo relacionado àquilo quando recebeu uma carta de MacCallum More que lhe deu muito o que pensar, ainda que não tenha comentado nada com a família, e a qual ele deixou, por alguns motivos, sem resposta. A carta dizia o seguinte:

MacCallum More e Roderick MacDhu
Mercado de Tartãs Escoceses em Lã Pura
Copthall Court, E.C.
30 de setembro de 1892.

Prezado senhor, espero que perdoe a liberdade que tomo em lhe escrever, mas desejo fazer uma pergunta e fui informado de que o senhor passou o verão em Aberdeenshire, Escócia. Meu sócio, o senhor Roderick MacDhu — tal como aparece por razões comerciais na nossa placa e em nossos anúncios, já que seu nome verdadeiro é Emmanuel Moses Marks, de Londres —, foi no início do mês passado à Escócia para um passeio. Como, no entanto, só recebi uma única carta dele, pouco depois da partida, estou com receio de que alguma desgraça possa ter ocorrido.

Como não consegui obter notícias dele depois de fazer tudo o que estava ao meu alcance, resolvi recorrer ao senhor. A carta dele foi escrita num estado de espírito profundamente melancólico e menciona o receio de ser mal-interpretado por desejar parecer um escocês em terras escocesas, pois, durante uma noite de lua, pouco depois de chegar, ele teria visto seu próprio espírito. Evidentemente, aludia ao fato de que, antes de partir, ele fizera para si mesmo um traje escocês semelhante ao que tivemos a honra de fornecer ao senhor, com o qual, como talvez o senhor se lembre, ele ficara muito impressionado. Talvez, no entanto, ele não tenha chegado jamais a usar o traje, pois se sentia, como ele mesmo me disse, inseguro ao vesti-lo, e chegou a ponto de me contar que, a princípio, só arriscaria usá-lo tarde da noite ou bem cedo pela manhã, mesmo assim apenas em lugares ermos, até que se acostumasse com o traje.

Infelizmente, ele não me informou o percurso da viagem, de modo que me encontro na total ignorância de seu paradeiro. Resolvi perguntar se o senhor viu ou ouviu falar de alguém com um traje escocês semelhante ao seu, em algum lugar na região onde recentemente me disseram que o senhor adquiriu a propriedade que ocupou no verão. Dispenso resposta a esta carta, a não ser que o senhor possa me dar alguma informação sobre meu amigo e sócio, portanto não se dê ao trabalho de escrever se não for o caso. Sinto-me inclinado a pensar que talvez ele estivesse na mesma região que o senhor, pois, embora a carta dele não esteja datada, o envelope tem o carimbo do correio de Yellon, que creio ser em Aberdeenshire, e não muito longe de Mains of Crooken.

Tenho a honra, prezado senhor, de seguir sendo,

Respeitosamente, seu
JOSHUA SHEENY COHEN BENJAMIN
(MacCallum More.)

Sobre o autor

Abraham “Bram” Stoker nasceu em 1847, na Irlanda. Era amigo de Henry Irving, com quem trabalhou na administração do Lyceum Theatre de Londres. Escreveu diversos livros além da obra-prima *Drácula* (1897) e se dedicou também a adaptações para o teatro. Bram Stoker faleceu em Londres, em 20 de abril de 1912.

Direção editorial
Daniele Cajueiro

Editora responsável
Ana Carla Sousa

Produção editorial
Adriana Torres
Pedro Staite

Revisão
Luisa Suassuna

Revisão de tradução
Frederico Hartje

Projeto gráfico de miolo
Larissa Fernandez Carvalho

Diagramação
Filigrana

Capa
Rafael Nobre

Produção do eBook
Ranna Studio


Mestres do Terror
Drácula
BRAM STOKER
Frankenstein
MARY SHELLEY
O médico e o monstro
ROBERT LOUIS STEVENSON
TRADUÇÃO
Adriana Lisboa
EDITORA NOVA FRONTEIRA

Mestres do terror

Stoker, Bram
9788520921968
766 páginas

Compre agora e leia

É noite, o ar frio corre a cidade, trazendo uma neblina densa. As ruas estão desertas, e talvez você ouça um som ao longe parecido com um uivo. Seu pensamento logo se distrai quando você ouve algo como passos bem mais perto. Torça para que seja apenas alguém pedindo informação. Pois é nesse cenário que Mr. Hyde, a forma desprezível de um médico de Londres, o conde Drácula, o famoso vampiro da Transilvânia, e Frankenstein, o temido monstro conhecido pelo nome de seu criador, costumam transitar.Exemplos máximos da melhor literatura de terror, estes três personagem saíram de livros que serviram de inspiração a uma legião de autores e até hoje apavoram leitores por todo o mundo. Escritos no século XIX, suas tramas nos envolvem numa teia costurada por medo, ansiedade e sombria atração, fazendo muita série atual parecer historinha de ninar.Frankenstein é a história de um jovem que cria um ser cruel e perturbado, decidido a se vingar de seu criador. Em Drácula, um grupo de homens corajosos inicia uma aventura para matar o mais terrível vampiro do mundo. Já O médico e o monstro conta como um conhecido médico desenvolve uma poção que lhe permite libertar seu lado mais obscuro. Com tradução da premiada escritora e tradutora Adriana Lisboa, estas três obras-primas são aqui lançadas juntas, numa reunião do que há de mais aterrorizante e espetacular da literatura. Imperdível!

Compre agora e leia


O médico
e o monstro
ROBERT LOUIS STEVENSON

O médico e o monstro

Stevenson, Robert Louis
9788520921357
80 páginas

Compre agora e leia

"Eu admiro tudo em Stevenson. Admiro o homem, o trabalho, a coragem. Acho que ele nunca escreveu sequer uma linha desinteressante ou sem valor. Todas as frases de Stevenson são boas."Jorge Luis BorgesDr. Jekyll é um renomado médico em Londres. Homem de posses, consegue conciliar seu trabalho diário com seus experimentos científicos, através dos quais busca realizar um desejo secreto. Sua determinação se baseia em uma única convicção: "O homem não é verdadeiramente um ser, mas dois." Enfim, dr. Jekyll cria uma poção que o permite liberar seu lado mais vil. Na personalidade de Mr. Hyde, as atitudes mais violentas são tomadas, deixando para o médico a integridade dos bons atos. Mas um desfecho surpreendente põe em xeque a aparente liberdade e o controle do médico.

Compre agora e leia


Ivan Zigg
Só Um Minutinho

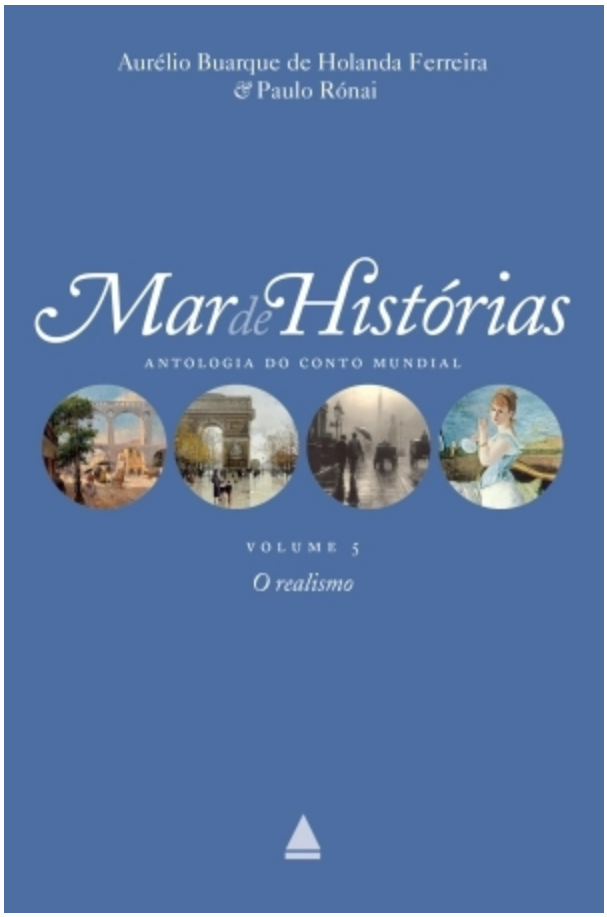
Só um minutinho

Zigg, Ivan
9788520936153
24 páginas

Compre agora e leia

Um porquinho que quer sempre adiar as coisas, nem que para isso tenhamos que esperar só um minutinho... Você também faz isso? Um minuto é muito? É pouco? Ou o tempo sufi ciente para se terminar uma tarefa, acabar de se vestir para a festa ou concluir o raciocínio? Só um minutinho, do ilustrador e autor premiado Ivan Zigg, é um livro instigante para as primeiras leituras de qualquer criança. Explorando amplamente o lúdico imaginário infantil, Só um minutinho proporciona aos pequenos leitores novas descobertas sobre o tempo, sobretudo neste cotidiano tão acelerado em que vivemos. As narrativas visuais e o texto curto em letra maiúscula despertam o repertório visual e linguístico da criança.

Compre agora e leia


Aurélio Buarque de Holanda Ferreira
& Paulo Rónai
Mar de Histórias
ANTOLOGIA DO CONTO MUNDIAL
VOLUME 5
O realismo

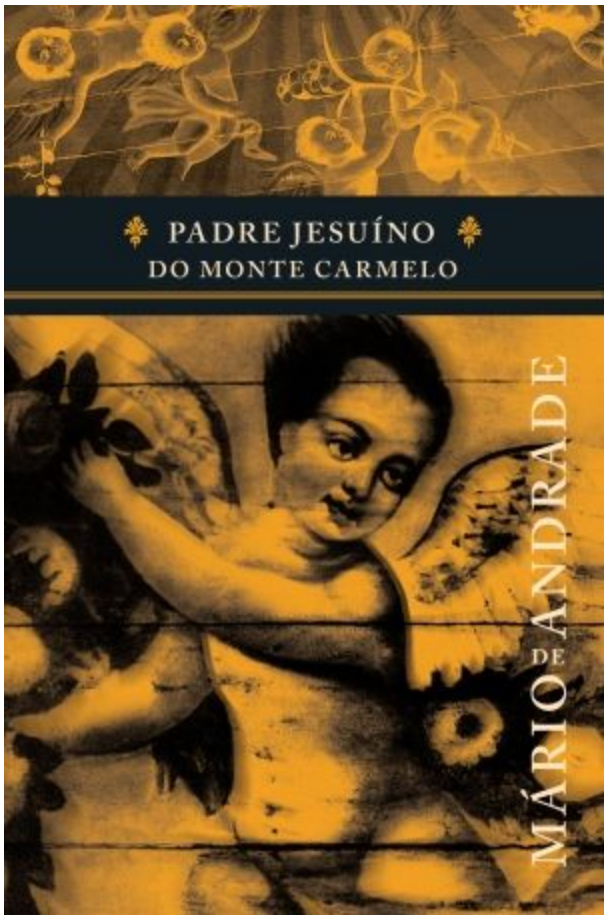
O Realismo

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda
9788520937730
352 páginas

Compre agora e leia

A Coleção Mar de Histórias: antologia do conto mundial é composta por 10 volumes independentes que contém, nada menos, que 239 contos, de 192 autores escolhidos entre os melhores de 41 países. A expressão Mar de Histórias foi tirada do título, em sânscrito, Kathâsaritsâgara, de uma antiga coletânea da Índia, do século XI. A sua tradução significa isso mesmo: "mar formado pelos rios de histórias". A obra foi organizada há mais de quarenta anos por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e Paulo Rónai, dois dos maiores tradutores e estudiosos da Literatura Mundial em todos os tempos e gêneros.O leitor que fielmente vem acompanhando esta longa viagem através dos mares de histórias já foi avisado de que os rótulos em cada um dos volumes indicam apenas tendências gerais, e de modo algum representam uma classificação rigorosa. É o que se dá com o subtítulo deste volume, o realismo.O advento dessa corrente nas literaturas menores ocorre algum tempo depois de seu triunfo nas principais; daí o elemento romântico apresentar-se no conto, por exemplo, de Mór Jókai (com quem, aliás, desponta a literatura húngara, de forte veio narrativo). Por outro lado, o realismo ramifica-se em correntes: nada mais diverso de um conto de Flaubert do que um de Tchekov. Afinal, o temperamento do escritor também conta: há os que são românticos de nascimento, conquanto não o sejam de escola e de época; é o caso de um Villiers de l'Isle-Adam.Caracteriza-se o presente volume pela inclusão de gigantes do conto, os quais, por sua importância, comparecem com várias peças. Assim ocorre com Machado de Assis, grande mesmo entre os maiores. A escolha de suas quatro histórias, longamente discutida pelos organizadores da coletânea, revela a extrema variedade da sua produção novelística. O russo Anton Tchekov, criador do conto aparentemente leve e apenas esboçado, oposto ao máximo ao modelo maupassantiano, tão elaborado, tem conteúdo humano e trágico não menos forte.

Compre agora e leia


PADRE JESUÍNO
DO MONTE CARMELO
DE
MÁRIO ANDRADE

Padre Jesuíno do Monte Carmelo

Andrade, Mário de
9788520933480
384 páginas

Compre agora e leia

Nesta obra, Mário de Andrade apresenta um estudo apaixonado sobre a obra deste homem que foi antes de qualquer coisa um artista e religioso. Considerado pelo próprio Mário como seu `maior esforço em crítica de artes plásticas`, este livro resgata minuciosamente o trabalho de Padre Jesuíno, por meio de obras conhecidas do grande público e de arquivos de família e documentos obscuros.

Compre agora e leia

Table of Contents

Rosto
Créditos
Sumário
Drácula
- Dedicatória
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Nota

Os sete dedos da morte | A toca do verme branco

OS SETE DEDOS DA MORTE
1. Um chamado noturno
2. As estranhas instruções
3. A vigília
4. A segunda tentativa
5. Novas e estranhas instruções
6. Fatores de suspeita
7. A grande perda do viajante do Oriente
8. As lamparinas são encontradas
9. O saber secreto
10. O vale do mago
11. O túmulo de uma rainha
12. A arca encantada
13. O despertar do transe
14. O sinal de nascimento
15. O plano da rainha Tera
16. Poderes antigos e modernos
17. A caverna
18. Dúvidas e ansiedades
19. A lição de Ka
20. A grande experiência
A TOCA DO VERME BRANCO
1. Entra Adam Salton
2. Os Caswall de Castra Regis
3. Diana’s Grove
4. Lady Arabella March
5. O verme branco
6. A pomba e o falcão
7. Oolanga
8. Forças resistentes
9. O cheiro da morte
10. A pipa
11. A Arca de Mesmer
12. Quando a arca é aberta
13. Alucinações de Oolanga
14. A luta recomeça
15. Quando é retomada a pista

16. Uma visita de condolências
17. O mistério de Diana’s Grove
18. Quando Oolanga desaparece
19. Um inimigo na escuridão
20. Uma conversa muito séria
21. A luz verde
22. Visto de perto
23. Dentro da casa do inimigo
24. Uma espantosa sugestão
25. A última batalha
26. Cara a cara
27. Sobre o telhado da torre
28. Irrompe a tempestade

Contos estranhos
Dedicatória
Prefácio
O hóspede de Drácula
A casa do juiz
A índia
O segredo do ouro crescente
A profecia da cigana
A vinda de Abel Behenna
O enterro dos ratos
Sonho com mãos vermelhas
Crooken Sands

Sobre o autor
Ficha técnica